

VALÉRIA BARBIERI

A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebinas e o desenvolvimento do *Self* infantil

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Livre-Docente em Psicologia.

Área de concentração: Processo Psicodiagnóstico: Enfoque Avaliativo e Interventivo.

Apoio financeiro: Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP (PRPG-USP), FAPESP e CNPq.

Ribeirão Preto
2015

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Capa: Óleo sobre tela de Pierre-Auguste Renoir – L'après-midi des enfants à Wargemont, de 1884

FICHA CATALOGRÁFICA

Barbieri, Valéria

A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebins e o desenvolvimento do *Self* infantil. Ribeirão Preto, 2015.

453 p. : il. ; 30cm

Tese de Livre Docência, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia, 2015.

1. Maternidade. 2. Cultura. 3. *Self*. 4. Criança. 5. Técnicas Projetivas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebinas e o desenvolvimento
do *Self* infantil

VALÉRIA BARBIERI

Tese de Livre-Docência apresentada à Faculdade
de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
da Universidade de São Paulo.

Ribeirão Preto
2015

Nome: Barbieri, Valéria

Título: A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebina e o desenvolvimento do *Self* infantil.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Livre-Docente em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha querida mãe, **Natália Castilho Barbieri**, que me ensinou o valor do trabalho, da luta e da determinação, valores estes que se tornaram uma parte constituinte e inalienável do meu *Self*.

AGRADECIMENTOS

A todos vocês que direta ou indiretamente contribuíram para que esse trabalho se tornasse uma realidade:

- **Daniel Beaune**, que aceitou me acolher em seu laboratório para desenvolver esta pesquisa e que mais do que um colega, se tornou um grande amigo.

- **Dominique Beaune**, pelo carinho com que me recebeu em Lille e por suas tentativas de me ajudar no contato com instituições francesas para que eu pudesse colher os meus dados.

- **Rosa Caron**, pela força, sensibilidade e apoio que me ofereceu ao longo dessa jornada.

- **Thamy Ayouch**, pelo auxílio com as medidas administrativas junto à Université Charles-de-Gaulle de Lille 3, necessárias para a minha primeira estadia na França; obrigada também pela leitura atenta do meu projeto de pesquisa e suas observações sagazes.

- **Tânia Maria José Aiello Vaisberg**, que acompanha a minha carreira desde o início e que, ao me apresentar aos seus colegas franceses, criou as condições para que esta pesquisa existisse.

- **Alain Vanier**, diretor do *Centre de Recherche Psychanalyse, Médecine et Société*, pela pronta disponibilidade para me receber na *Université de Paris Denis-Diderot (Paris 7)* e pela agilidade com que colocou em marcha os procedimentos administrativos para tanto.

- **Christian Hoffmann**, diretor da *École Doctorale Recherche en Psychopathologie et Psychanalyse* pelo apoio administrativo e pelo empenho em estreitar os laços com a minha universidade por meio do convênio que estabelecemos.

- **Brigitte Kirat-Leclercq**, minha colega, minha amiga e minha irmã, que esteve ao meu lado nos momentos agradáveis e nos difíceis, que não mediu esforços para me ajudar a encontrar participantes francesas e magrebins e me ajudou em parte da coleta dos dados.

- **Patrick Le Guirriec** que acompanhou a minha jornada, me aconselhou e me estimulou ao longo dela.

- **Eucia Beatriz Lopes Petean**, ex-chefe do Departamento de Psicologia, minha colega e minha grande amiga, pelo empenho ativo e incansável junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) para que este intercâmbio acontecesse. Obrigada ainda por haver me substituído no Departamento de Psicologia durante os meus afastamentos, mesmo que isso significasse um aumento importante na sua já carregada jornada de trabalho. Sem ela os obstáculos seriam muito mais difíceis de transpor.

- **César Alexis Galera**, ex-chefe do Departamento de Psicologia, pelo incentivo e pela presteza com que tomou todas as providências para que esse projeto se realizasse.
- **Sebastião de Souza Almeida**, ex-diretor da FFCLRP-USP, por seu empenho e disposição para facilitar os trâmites administrativos necessários à minha partida para a França e ao estabelecimento dos convênios.
- **Fernando Luís Medina Mantelatto**, diretor da FFCLRP-USP pelos cuidados dispendidos aos processos de convênio.
- **Erika Tiemi Kato Okino**, pelo suporte oferecido aos alunos de minhas disciplinas durante a minha ausência, com a sua costumeira dedicação e competência.
- **Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes**, por todo o apoio que ofereceu aos meus orientandos durante as minhas ausências e por cuidar com tanto carinho e competência do nosso Serviço de Triagem e Atendimento Infantil e Familiar (STAIF). Sua devoção ao ensino e à pesquisa e o seu entusiasmo são contagiantes e inspiradores para quem se encontra em processo de formação. Obrigada ainda pelos cuidados dispendidos à formatação deste trabalho.
- **Meus colegas do Departamento de Psicologia**, pelo incentivo, encorajamento e apoio nesse processo.
- **Isabel Resina Marques Ferrarezi**, que gentilmente indicou as participantes brasileiras da minha pesquisa dentre a população que frequentava a escola que ela dirigia, e criou todas as condições para facilitar a coleta de dados dessa amostra.
- **Inez Machado Salim**, ex-diretora da *Maison du Brésil* da *Cité Universitaire de Paris (CIUP)* pela acolhida e por seu empenho para criar um ambiente propício ao desenvolvimento profissional e cultural dos estudantes e pesquisadores brasileiros que recebia; muito obrigada também à **Freddy, Simita e Ana**, funcionários da recepção sempre bem dispostos a ajudar.
- **Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)**, que financiaram esta pesquisa em seus diferentes momentos, por meio de concessão de bolsa de estudo, passagens aéreas e auxílio- instalação.
- **A meus amigos da *Maison du Brésil***, especialmente Dirceu Magri, Lizânia Spinasse, Leci Barbisan e Márcia Teixeira Barroso, que comigo partilharam alegrias e dificuldades, e com quem sempre pude contar.
- **Miriam Tachibana**, minha amiga e companheira de jornada em Lille, que com a sua delicadeza e alegria tornava os dias de todos mais leves e mais felizes.

- **Irma e Cláudio Bomfim**, pela amizade, pelo companheirismo, pela solidariedade; o meu mais profundo afeto por vocês, que me incluíram em sua família na França.
- **Frédéric Habert** (*in memoriam*), que foi o meu anjo da guarda quando cheguei à França e que, subitamente, se tornou um anjo de verdade; a saudade de você ainda dói.
- **Todas as mães e crianças** que participaram desta pesquisa e que tiveram a coragem e a generosidade de se desvelarem para mim de maneira tão íntima; minha experiência com vocês foi intensa e me tornou uma pessoa melhor.
- **Denise Lopes Rosado Antônio**, minha analista há tanto tempo e que me ajuda a tornar possível o que eu julgava que não era.
- **Walter Trinca**, pela amizade, pelo carinho, pelo encorajamento e pelas trocas frutíferas que realizamos.
- Meu companheiro **Christophe Sola**, que é a pessoa mais generosa que eu já conheci; sua confiança na vida e nas pessoas, seu respeito por elas, sua solidariedade e a sua vontade de ajudá-las não me deixam outra palavra para descrevê-lo que não seja “apaixonante”.

Mães

Mães, geralmente é a vocês que cabe a educação dos filhos, sobretudo no capítulo modos à mesa, arrumação do quarto etc.

Não sejam preguiçosas! É mais fácil fazer que ensinar.
Mas tenham coragem, ensinem.
E comecem cedo para que os bons hábitos se tornem
uma segunda natureza e não um procedimento
para se ter só na frente das visitas.

Seja rigorosa! Eles vão te odiar às vezes.
Você vai querer esganá-los frequentemente.
Faz parte entre as pessoas que se amam.
Mas um belo dia alguém vai dizer o quanto seu filho é educado, prestativo, gentil, querido.
Você vai desmaiar de surpresa e felicidade.

Eu nunca me esqueço daquela história da mãe que
se dirigiu a uma especialista em boas maneiras para saber com que idade ela deveria colocar
seu filho no curso. Ao saber que o filho estava com três meses de idade, ela respondeu: "Mas
talvez já seja muito tarde!".

Não morra de vergonha se seu filho der um vexame
na frente dos seus amigos.
Não valorize os erros nem dê bronca em público.
Nunca trate a criança com se ela fosse uma débil mental,
elas entendem tudo!

Use sempre um bom vocabulário.
Isso aumenta a capacidade linguística das crianças
e não fique para morrer de culpa se algum dia precisar
frustrar seu filho, tipo promessa que não pode ser cumprida, etc.
Apesar do que dizem os especialistas, uma frustraçãozinha de vez em quando prepara a
criança
para aprender a suportá-las quando no decorrer da vida elas infelizmente acontecerem.

O palavrão. É dito por todos.
Até em televisão, escrito nos jornais, etc.
Pretender que uma criança não repita é puro delírio.
Vamos moderar.
Mas a regra de ouro seria:
palavrão na linguagem corriqueira uma coisa,
mas não pode ser usado jamais na hora da raiva, da briga.
Isso vale também para os adultos.

Ensinem, obriguem seus filhos a cuidarem da bagunça que fazem.
O copo de Coca-Cola? De volta pra cozinha.
A revistinha que acabou de ler? Para o quarto.
Os milhares de papezinhos de Bis? Amassar e jogar no cinzeiro.

A lista não tem fim porque a imaginação de uma criança para instalar o caos onde quer que esteja é também infinita.

Alguns mandamentos:

Não sair pra se servir correndo na frente dos outros.

O ideal, aliás, seria que as crianças até certa idade fizessem as refeições antes dos adultos, com as mães ali ao lado, patrulhando as boas maneiras.

Não deixar cair um grão sequer na mesa.

Não encher demais o prato. Há fome no mundo, etc, etc...

Se encher, que coma tudo.

A partir dos cinco anos, não cortar a carne toda de uma vez. Cinco? Talvez eu tenha exagerado. Sete.

Não misturar carne com peixe.

Macarrão com farofa, etc. isso é cultura.

Pedir licença pra se levantar quando a refeição terminar,

pode alegar que precisa estudar, para evitar aquela tortura de ficar na mesa até a hora do café. Um suplício.

Não bater a porta do quarto com estrondo nem quando brigar com o irmão.

Só gritar se for por mordida de cobra.

Ou ficar mudo ou estático dentro do elevador.

Não chamar a amiga da mãe de tia.

Aliás, não chamar ninguém de tia a não ser as tias de verdade.

E só pra deixar bem claro: tia Rosina, tia Helena, nunca tia só.

Eu adoro bebês! Quando começa a idade da correria,

eu confesso que já adoro um pouco menos.

Eu tenho que dizer isso bem baixinho pra não ofender as mães.

Vamos então falar dessa fase sublime:

Elas gostam de passar no espaço de quinze centímetros que existe entre o sofá e a mesa, brincam de pique numa sala de dois por três.

Colocam a cadeira na frente da televisão,

se penduram nos lustres, pintam as paredes da sala,

o teto e etc, etc e tudo aos gritos.

Eu penso que esta talvez seja a fase de maior energia do ser humano.

Ah, é a idade das guerras de travesseiros, das almofadas que voam pela janela.

Jovens pais adoram essas traquinagens.

Tudo bem.

Mas não ache tão estranho se alguns de seus amigos

não curtirem tanto quanto você essa fase tão adorável dos seus filhotes.

Crianças são difíceis mesmo, é preciso muita paciência pra aguentar o que elas frequentemente aprontam.

Mas as crianças crescem, e um dia querem trazer a namorada pra dormir em casa.

Dinheiro para o Motel só se você der.

Então o que fazer?

Claro, a gente compreende a situação, mas francamente,

ter que cruzar no corredor com a gatona despenteada

de camiseta e escova de dente na mão talvez perguntando:

"Tia, dá pra me emprestar uma escova de cabelo?"

OK, dá. Mas e se você tem três filhos?
Vão ser três gatonas?
Acho que eu liberaria a casa nos fins de semana
e iria dormir no sofá da casa da minha mãe,
de um amigo, no banco da praia, deixando a garotada à vontade.
Eles e eu numa boa.
Mas só ate domingo às dezenove horas, nem um minuto a mais.

Mesmo os filhos mais modernos costumam ser caretésimos em relação as suas próprias mães.

Portanto, vá anotando, na frente dos filhos:
Mãe não namora, não toma mais de um drink,
não fala que acha o Jeff Bridge um tesão.
Perdão! Mãe não pronuncia essa palavra.
Nem sabe o que quer dizer.
Não usa minissaia, não pode adorar Madona,
só pode gostar de Roberto Carlos, Julio Iglesias.
Eles te amam, mas essas preferências sempre incomodam.

Nem amigos comuns se deve ter por precaução.
Portanto quando o destino colocar vocês na mesma festa,
pareça o que eles querem que você seja, anule-se.
Tenha pouca, pouquíssima personalidade.
Faça o tipo distinto e alegre, se possível, use uma peruca grisalha. Seja discreta e assexuada,
tenha poucas opiniões, se enturme com os mais velhos e trate os mais jovens como se fosse
assim uma tia simpaticona, nada mais. Ria das historias deles e não conte nenhuma sua.
Mãe não tem passado.
Só fale de receitas, crianças, se ofereça pra levar um vestido na costureira pra consertar, tenha
bons endereços pra fornecer.
Dicas de cozinha, conte como era o mundo do seu tempo,
seus filhos vão adorar e depois dessa festa, vá correndo tomar um whisky duplo no bar do
Bonju pra não ter um enfarte.

Em compensação, na frente dos netos, faça tudo que não deve e muito mais!
Netos costumam adorar avós, digamos, fora dos padrões.
É que eles sabem que vão poder contar com elas
como fortes aliadas nas crises de caretece dos pais.

Cruel? Não... apenas verdade.
E mais: Isso é que faz o Equilíbrio da Vida.

(Danuza Leão)

Letra disponível em: <http://www.vagalume.com.br/filtro-solar/fernanda-montenegro-maes.html#ixzz3aEbMj1fK>

“Bendito aquele que consegue dar aos seus filhos asas e raízes”, diz um provérbio.

Precisamos das raízes: existe um lugar no mundo onde nascemos, aprendemos uma língua, descobrimos como nossos antepassados superavam seus problemas. Em um dado momento, passamos a ser responsáveis por este lugar.

Precisamos das asas. Elas nos mostram os horizontes sem fim da imaginação, nos levam até nossos sonhos, nos conduzem a lugares distantes. São as asas que nos permitem conhecer as raízes de nossos semelhantes, e aprender com eles.

Bendito quem tem asas e raízes; e pobre de quem tem apenas um dos dois.

Paulo Coelho

RESUMO

Barbieri, V. (2015). *A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebínas e o desenvolvimento do Self infantil*. Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

As experiências da criança junto à família, incluindo o modo como os pais exercem a parentalidade, são fundamentais para o seu desenvolvimento emocional, conforme definido pelo conceito psicanalítico de séries complementares. Essa constatação originou várias pesquisas sobre estilos e práticas parentais e sua influência sobre a criança. Contudo, a História e a Antropologia mostraram a insuficiência de estudar essas variáveis em si mesmas, desvinculadas do significado que elas apresentam em uma determinada comunidade cultural. Nesse contexto, o presente trabalho visou conhecer como mães brasileiras, francesas e magrebínas vivenciam a maternidade, associando suas experiências ao desenvolvimento do *Self* de suas crianças. Foram estudadas 27 díades mães-filhas, 10 delas naturais do Brasil, 10 da França e 7 procedentes da região do Magreb. A estratégia metodológica utilizada foi a das narrativas psicológicas, empregando os quadros 1, 2, 3, 4 e 8 do Teste de Apercepção Temática Infantil (CAT-A) como mediadores da comunicação, tanto para as crianças como para as mães. As crianças foram todas do sexo feminino, com idade variando entre 4 anos e meio e 10 anos e ocupando diferentes posições na ordem de nascimento. Os dados foram analisados qualitativamente, sendo redigidas sínteses para cada um dos grupos de mães e de crianças, de modo a associar, em cada realidade cultural, a experiência materna e o desenvolvimento do *Self* das meninas. Os resultados mostraram que todas as díades fazem face aos desafios do estágio de dependência relativa do amadurecimento emocional, mas o manejam de modo diferente. As mães francesas valorizam e incentivam a independência de suas filhas e esforçam-se, elas mesmas, para conciliarem a autonomia individual e a devoção maternal. Para elas a maternidade implica em um projeto de superação pessoal e elas buscam aprimorar o que receberam dos pais, procurando não cometer os mesmos erros que eles. A autoridade no lar é compartilhada entre os cônjuges e os limites são impostos à criança de modo flexível, pois a oposição infantil é considerada como um modo de firmar a identidade pessoal da criança. As meninas francesas, cientes de que suas mães valorizam a autonomia, veem o ingresso no mundo exterior de maneira positiva e esforçam-se por assimilar as normas e regras de um modo criativo e pessoal. As mães magrebínas, por sua vez, concebem a maternidade como uma chance de perpetuarem a dinastia familiar. Elas são bastante apegadas às tradições e desejam educar suas filhas do mesmo modo como foram educadas por seus pais. Para elas, diferenciar-se muito dos seus tem um status de rejeição aos antepassados, o que desencadeia um intenso sentimento de culpa. Para elas, a crescente autonomia da criança provoca o temor de que a filha prefira os valores do meio extrafamiliar e se extravie da família. Embora o homem seja mais distante do cotidiano doméstico, ele é figura de autoridade do lar, o que desencadeia na mulher sentimentos de injustiça. As crianças magrebínas experimentam forte ambivalência para com o pai no início da dependência relativa, mas aos poucos essa relação evolui para positiva. Elas também receiam que a autonomia as deixe vulneráveis, já que suas mães não lhes mostram que o mundo extrafamiliar é continuidade do lar; mesmo assim, têm esperança de um dia conseguirem alcançar uma inserção criativa nele. Finalmente, as mães brasileiras, como as francesas, valorizam a autonomia pessoal, mas temem serem ingratas com seus pais caso eduquem suas filhas de maneira muito diferente da que foram educadas. Elas somente conseguem desenvolver um estilo educativo próprio quando se sentem seguras da incondicionalidade do

amor dos pais. Nos seus lares, o homem é geralmente a figura de autoridade e, embora ela desempenhe funções tradicionalmente masculinas, ele não efetua o movimento recíproco, o que resulta em sobrecarga da mulher. Sobre as crianças, o ingresso na dependência relativa provoca-lhes inicialmente o temor de perder o encontro criativo com a mãe e com o mundo. A descoberta de que a mãe continua a amá-las, mesmo se agora elas são diferentes de antes, e a conquista da capacidade simbólica lhes asseguram que existe lugar para o viver criativo na vida adulta; a partir disso, o crescimento passa a ser visto por elas com entusiasmo. Os resultados mostraram que o desenvolvimento do *Self* infantil ocorre em estreita sintonia com a experiência das mães, havendo variações importantes segundo a pertinência cultural.

Palavras-chave: maternidade; cultura; *Self*; criança; técnicas projetivas.

ABSTRACT

Barbieri, V. (2015). *Maternal experience of Brazilian, French and Maghreb women and the development of infantile Self*. Habilitation Thesis, Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of Ribeirão Preto, University of São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brazil.

The experiences of a child along with his or her family, which include the way parents play their roles, are fundamental to emotional development. Such phenomenon is defined according to the psychoanalytic concept of complementary series, leading to a series of studies on parental styles and practices and their effects over the child. However, History and Anthropology have shown that such studies do not provide enough knowledge on such variables, if these studies are carried out without taking into account the meaning of such practices in a determined cultural community. In this context, the present study aimed to investigate how Brazilian, French and Maghreb mothers experience maternity, associating such experiences to the development of their children's Selves. Twenty-seven mother-daughter dyads took part of the study (10 Brazilian, 10 French and 7 Maghreb dyads). The methodological strategy adopted consisted of psychological narratives, using the Child Apperception Test – Animal version (CAT-A; cards 1, 2, 3, 4 and 8) as a communication mediator for both mothers and their children. All children were female, with ages ranging from 4 to 10 years, with different places in birth related to their siblings. Data was qualitatively analyzed, with a synthesis performed for each group, in order to associate, in each of the cultural realities studied, maternal experiences and the development of daughters' selves. Results showed that all dyads faced challenges related to the emotional development stage of relative independence. However, such challenges were dealt with in different forms along the groups. French mothers gave importance and encouraged their daughters' independence and strived to conciliate their won individual autonomy and their maternal devotion. Mothers in this same group conceived maternity as implying a project of personal overcoming, in which they look for improving what they have received from their own parents and look for not making the same mistakes such parents made. Home authority was shared among both couple members, and limits were imposed flexibly, for child opposition was considered as a way for children to affirm their own identity. French children, who were aware of their mothers' appreciation of autonomy, saw their entrance to the exterior world as positive and made efforts to assimilate rules and regulations in a personal and creative way. Maghreb mother, in their instance, conceived maternity as a chance to perpetuate their family's dynasty. They showed a strong bond with their traditions and wished for educating their daughters the same way they were raised by their own parents. For such mothers, too much differentiation from the group has a status of rejecting their ancestors, which leads to an intense feeling of guilt. Also, these mothers showed that the growing autonomy of their child lead to a fear of their daughters prefer values outside their families and lose attachment to it. Although men do not get very involved with their home's routine in Maghreb culture, mother from this group perceived them as a figure of authority at home, which favors feelings of injustice. Maghreb children experienced a strong ambivalence toward their fathers in the beginning of the relative dependence stage. Nevertheless, such relation became positive along time. Such children also feared that becoming autonomous would make them vulnerable, for their mothers did not show that the world outside family environment is a continuity of home's one. Although the Maghreb children showed such feelings, they also expressed hope for, one day, reaching a creative insertion in such world. Finally, Brazilian mothers, as the

group of French ones, appreciate personal autonomy, but fear that they may be ungrateful with their own parents if they raise their children in a too different way than they were raised. Such mothers could only develop a personal raising style when they felt secure about the absoluteness of their own parents' love. In their own homes, men are usually a figure of authority. Although such mothers perform traditionally masculine functions, men do not do a reciprocal movement, which results in feelings of being overburden. When regarding Brazilian children, entering the relative dependence stage initially led to fear of losing a creative gathering with their mothers and the world. Such children felt assured about a place for a creative life in adulthood when they discovered that their mothers continued to love them (even though they are different than before), as well as when they conquered a symbolic capacity. From this moment on, growing up started to be perceived with enthusiasm. Results show that the development of infantile *Self* occurs in a close harmony with their mothers' experience, with important variations related to its cultural pertinence.

Keywords: Maternity; culture; *Self*; children; projective techniques.

RÉSUMÉ

Barbieri, V. (2015). *L'expérience maternelle de femmes brésiliennes, françaises et maghrébines et le développement du Self infantile*. Thèse présentée pour une Habilitation à Diriger des Recherches (HDR), Faculté de Philosophie, Sciences et Lettres de Ribeirão Preto, Université de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brazil.

Les expériences de l'enfant dans sa famille, y compris la façon dont les parents exercent la parentalité, sont essentielles pour son développement émotionnel, conformément à ce qui a été défini par le concept psychanalytique de séries complémentaires. Cette constatation a été à l'origine de plusieurs recherches scientifiques portant sur des pratiques et styles parentaux et leur influence sur l'enfant. Néanmoins, l'Histoire et l'Anthropologie ont montré qu'il ne suffit pas d'étudier ces variables d'une façon isolée, détachées de la signification qu'elles ont dans une communauté culturelle spécifique. Dans ce cadre, cette étude a eu pour objectif de comprendre comment des mères brésiliennes, françaises et maghrébines éprouvent leur maternité et d'associer leurs expériences au développement du *Self* de leurs enfants. Vingt-sept dyades mère-enfant ont été étudiées, 10 brésiliennes, 10 françaises et 7 maghrébines. La stratégie méthodologique qui a été choisie a été celle des récits psychanalytiques, avec l'utilisation des tableaux 1, 2, 3, 4 et 8 du Test d'Apperception Infantile (CAT-A) comme médiateurs de la communication, pour les enfants et pour les mères. Tous les enfants étaient du sexe féminin, âgés de 4 ans et demi à 10 ans, et dans différentes positions dans l'ordre de naissance. Les données ont été analysées qualitativement et des synthèses concernant chaque groupe de mères et de filles ont été construites, avec pour objectif d'associer, dans chaque réalité culturelle, l'expérience maternelle et le développement du *Self* des filles. Les résultats ont montré, que toutes les dyades font face aux défis du stade de la dépendance relative de la maturation émotionnelle, mais elles les gèrent différemment. Les mères françaises valorisent et encouragent l'indépendance de leurs filles et font des efforts pour concilier l'autonomie individuelle avec le dévouement maternel. Elles conçoivent la maternité comme un projet de dépassement personnel et elles cherchent à perfectionner ce qu'elles ont reçu de leurs parents, pour ne pas commettre les mêmes fautes qu'ils ont faites. L'autorité dans le foyer est partagée entre les conjoints et les limites sont imposées aux enfants d'une façon flexible, car l'opposition infantile est perçue comme une façon d'affirmer l'identité personnelle de l'enfant. Les filles françaises, conscientes du fait que leurs mères apprécient l'autonomie, voient positivement leur insertion dans le monde hors de la famille et tendent à assimiler les normes et les règles d'une manière créative et personnelle. Les mères maghrébines, à leur tour, comprennent la maternité comme une chance de perpétuer la dynastie familiale. Elles sont très attachées aux traditions et souhaitent éduquer leurs filles comme elles-mêmes ont été éduquées par leurs parents. Pour elles, devenir très différentes de leurs parents signifie rejeter les ancêtres, ce qui déclenche un intense sentiment de culpabilité. L'autonomie croissante de la fille provoque chez la mère la crainte de ce que la petite préfère les valeurs de l'environnement extérieur plutôt que celles de la famille et qu'elle s'égarer de ce groupe. Même si l'homme est distant du quotidien domestique, l'autorité du foyer est à lui, ce qui suscite chez la femme des sentiments d'injustice. Les filles maghrébines éprouvent une forte ambivalence vis-à-vis du père au début du stade de la dépendance relative, mais peu à peu le lien avec lui devient positif. Elles craignent que l'autonomie les rende vulnérables, car leurs mères ne leur montrent pas que le monde extérieur est une continuité du foyer ; malgré cela, elles gardent l'espoir que, dans le futur, elles seront capables d'arriver à une insertion créative dans ce monde. Finalement, les mères brésiliennes, comme les françaises, soulignent

l'autonomie personnelle, mais elles craignent d'être vues comme ingrates par leurs parents si elles éduquent leurs enfants d'une façon très différente de celle qu'elles-mêmes ont été éduquées. Elles réussissent à développer un style éducatif personnel seulement quand elles se sentent rassurées de l'inconditionnalité de l'amour de leurs propres parents pour elles. Chez elles, l'homme est généralement la figure d'autorité et bien qu'elles exercent des fonctions traditionnellement masculines, l'homme ne réalise pas le mouvement réciproque, ce qui provoque la surcharge de la femme. À l'égard des filles, l'entrée dans la dépendance relative suscite d'abord la peur de perdre la rencontre créative avec la mère. La constatation que la mère continue à les aimer même si elles sont très différentes de ce qu'elles étaient avant et l'acquisition de la capacité symbolique assurent aux filles qu'il est possible de vivre d'une façon créative à l'âge adulte ; sur cette base, leur développement sera perçu désormais par elles avec enthousiasme. Tous ces résultats démontrent l'harmonie étroite qui existe entre le développement du *Self* infantile et l'expérience maternelle, mais il y existe des fortes variations importantes selon l'appartenance culturelle de la dyade.

Mots-clés: maternité; culture, *Self*, enfant; techniques projectives.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características das díades componentes da amostra francesa.....	153
Tabela 2 - Caracterização das díades componentes da amostra magrebina.....	186
Tabela 3 - Caracterização das díades componentes da amostra brasileira	236

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	31
1 INTRODUÇÃO	35
1.1 Os franceses	46
1.1.1 A identidade francesa	50
1.1.2 A família francesa.....	62
1.1.3 A família francesa contemporânea	65
1.2 Os magrebinos	68
1.2.1 A formação do povo magrebino	69
1.2.2 A colonização francesa no Magreb	74
1.2.3 A identidade cultural magrebina.....	77
1.2.4 O Islã	79
1.2.5 As raízes da família magrebina	84
1.2.6 A família magrebina e suas transformações.....	85
1.2.7 Os magrebinos da França	92
1.2.8 O Islã e a República.....	95
1.2.9 O casamento magrebino na França.....	100
1.3 Os brasileiros	102
1.3.1 Quem é o brasileiro hoje.....	115
1.3.2 A família brasileira	125
2 OBJETIVOS	135
2.1 Objetivos específicos	135
3 MÉTODO	137
3.1 Contextualização e Estratégia Metodológica	137
3.2 Participantes	146
3.3 Procedimento de coleta dos dados	147
3.4 Análise dos dados	149
3.5 Considerações éticas	150

4 A EXPERIÊNCIA MATERNA DAS MULHERES FRANCESAS E O DESENVOLVIMENTO DO <i>SELF</i> INFANTIL	151
4.1 Trajetória da coleta de dados: a corrente das mães	151
4.2 A composição final da amostra francesa	152
4.3 Síntese das interpretações das mães	155
4.3.1 Maternidade e identidade feminina.....	155
4.3.2 A desilusão materna	158
4.3.3 O papel do marido.....	163
4.3.4 A relação com a família extensa	166
4.3.5 O ambiente além da família extensa	168
4.4 O desenvolvimento do <i>Self</i> das meninas francesas	170
4.4.1 Considerações estruturais.....	171
4.4.2 Os encantos e os desencantos da dependência relativa.....	173
4.4.3 O papel do pai	181
5 A EXPERIÊNCIA MATERNA DAS MULHERES MAGREBINAS E O DESENVOLVIMENTO DO <i>SELF</i> INFANTIL	185
5.1 Trajetória da coleta de dados	185
5.2 Síntese das interpretações das mães	187
5.2.1 Identidade feminina.....	187
5.2.2 A maternidade vivida	190
5.2.3 A transmissão da linhagem feminina	193
5.2.4 A desilusão materna.....	194
5.2.5 O papel do marido.....	197
5.2.6 A maternidade de outro filho	199
5.2.7 A relação com a família extensa	200
5.2.7.1 A família de origem	200
5.2.7.2 A relação com a própria mãe	202
5.2.7.3 A relação com o próprio pai.....	204
5.2.7.4 A relação com a família do marido	205
5.2.8 O ambiente além da família extensa	206
5.2.9 O sentido da imigração	207
5.3 O desenvolvimento do <i>Self</i> das meninas magrebínas	211
5.3.1 Considerações estruturais.....	213

5.3.2	Identidade feminina	215
5.3.3	Os folguedos e os medos da dependência relativa	216
5.3.4	O papel do pai	223
5.3.5	O ambiente familiar	226
5.3.5.1	A relação com os irmãos e irmãs	227
5.3.6	O vínculo com os adultos em geral	228
5.3.7	A relação com o mundo exterior	229
6	A EXPERIÊNCIA MATERNA DAS MULHERES BRASILEIRAS E O DESENVOLVIMENTO DO <i>SELF</i> INFANTIL	235
6.1	Trajatória da coleta de dados	235
6.2	Síntese das interpretações das mães	240
6.2.1	Maternidade e identidade	240
6.2.2	A desilusão e a dependência relativa maternas	243
6.2.3	O papel do marido	254
6.2.4	A maternidade de outro filho	257
6.2.5	A relação com a família extensa	259
6.2.5.1	A família de origem	259
6.2.5.2	A relação com a própria mãe	260
6.2.5.3	A relação com o próprio pai	263
6.2.5.4	Os outros	265
6.2.6	O ambiente além da família extensa	266
6.3	O desenvolvimento do <i>Self</i> das meninas brasileiras	269
6.3.1	Considerações estruturais	271
6.3.2	As cores e as dores da dependência relativa	273
6.3.3	O papel do pai	287
6.3.4	A relação com os irmãos	290
6.3.5	A relação com a família extensa	292
6.3.6	A relação com o mundo exterior	293
7	A EXPERIÊNCIA MATERNA DE MULHERES BRASILEIRAS, FRANCESAS E MAGREBINAS E O DESENVOLVIMENTO DO <i>SELF</i> INFANTIL	295
7.1	A maternidade vivida e o <i>Self</i> infantil	299
7.1.1	Considerações gerais	299

7.1.2 Identidade e maternidade	300
7.1.3 Poesias e agonias da dependência relativa.....	307
7.1.4 O relacionamento com o marido/pai	329
7.1.5 Um irmão para a menina.....	338
7.1.6 O relacionamento com a família de origem da mãe.....	341
7.1.7 O vínculo da mulher com a própria mãe.....	342
7.1.8 O vínculo da mulher com o próprio pai	344
7.1.9 Os outros da família	345
7.1.10 O mundo extrafamiliar.....	346
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	357
REFERÊNCIAS	365
APÊNDICES	375
Apêndice A – Narrativa e Interpretação da díade francesa	377
Apêndice B – Narrativa e Interpretação da díade magrebina.....	399
Apêndice C – Narrativa e Interpretação da díade brasileira	423
Apêndice D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	445
Apêndice E – Termo de autorização dirigido à Escola	447
ANEXOS	449
Anexo A – Descrição dos conteúdos manifestos e latentes dos cartões utilizados do CAT-A.....	451
Anexo B – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP	453

APRESENTAÇÃO

Se é consenso entre os cientistas qualitativos e psicanalíticos que a personalidade do pesquisador perpassa todo o processo de investigação, da escolha do tema à apresentação, interpretação e comunicação dos resultados, identificar as origens da atração por um fenômeno específico a estudar não é uma tarefa simples. Ao contrário, ela é altamente complexa e sofisticada, porque remete à história individual do pesquisador, com seus aspectos conscientes e inconscientes e, se considerarmos os estudos psicanalíticos referentes à transmissão inter e transgeracional de experiências afetivas, fantasias e defesas, se endereça também a todo um grupo familiar e a toda uma história social e cultural. Portanto, se uma investigação não pode ser considerada afetivamente neutra, ela também não é, de maneira alguma, um feito puramente individual. Desse modo, a tentativa que empreendemos nesse momento de identificar as fontes de nosso interesse pelo assunto a que nos dedicamos ao longo de anos e que resultou neste trabalho é necessariamente parcial e incompleta. Além disso, consideramos que o processo que culmina na eleição de um tópico a investigar raramente ocorre de uma maneira abrupta, como resultado de um evento específico, mas se constrói ao longo da vida do pesquisador e, mesmo que pareçam existir determinados momentos-chave, todo um terreno já havia sido preparado anteriormente para a sua eclosão. É nesse contexto que considero que meu interesse pelo tema desenvolvido aqui se fundamenta na minha condição de ter sido a única filha de uma mulher que teve vários irmãos e que desejou me oferecer uma experiência de relacionamento diferente daquela que ela mesma havia vivido, em que a mãe era dividida com muitas pessoas. Se essa vivência pessoal não gerou em mim dificuldades para dividir e compartilhar (como acontece com muitos filhos únicos), ela certamente contribuiu para que os meus principais vínculos se estabelecessem com meus pais (ou com os adultos que os substituíam nos momentos em que eles não podiam estar presentes). Assim, mesmo que para todas as pessoas (ou pelo menos para a grande maioria), os relacionamentos mais significativos da vida ocorram com essas figuras, no meu caso isso parece ter tomado uma dimensão especial.

A esse importante fundamento pessoal se acrescentou a minha experiência profissional, desde o seu início, quando, há 25 anos, como docente de uma universidade privada que havia acabado de implantar o curso de Psicologia, tornei-me responsável pela organização do serviço de avaliação psicológica da clínica-escola e dos estágios dessa área que lhe estavam vinculados. Foi nessa época que criei o serviço de triagem e diagnóstico

infantil, onde, além de supervisionar estagiários, eu também atendia pacientes. A partir das minhas experiências nesse contexto, fui me dando conta das capacidades terapêuticas que a avaliação psicológica apresentava e do papel da família, tanto na geração e na manutenção do sofrimento mental infantil, quanto na capacidade de recuperação e de aproveitamento da ajuda profissional que era oferecida. O conhecimento que travei com a teoria winnicottiana nesse período e com colegas que apresentavam essas mesmas percepções promoveu um feliz encontro entre os meus interesses e aquilo que já havia sido constituído coletivamente como pressupostos e ideias compartilhados. O resultado dessas circunstâncias foi a minha tese de doutorado “A família e o psicodiagnóstico como recursos terapêuticos no tratamento dos transtornos de conduta infantis”. A partir de então, e com a possibilidade de ingresso em uma universidade pública que me proporcionou a chance de me tornar orientadora de um programa de pós-graduação, essa rota de pesquisa frutificou, com o desenvolvimento de estudos referentes à influência da família no processo de desenvolvimento normal ou patológico da criança e sobre as possibilidades de auxílio do Psicodiagnóstico Interventivo ao indivíduo e a esse grupo. Do ponto de vista epistemo-metodológico, essas pesquisas caminharam (e ainda vêm caminhando) para uma aproximação cada vez maior com a Psicanálise e suas diretrizes para a investigação científica dos fenômenos humanos. A preocupação com a coerência epistemológica conduziu à escrita de artigos dessa natureza, acompanhados por tentativas corajosas de me afastar das normas clássicas de utilização dos instrumentos de avaliação psicológica rumo ao seu emprego como mediadores da comunicação entre o profissional/pesquisador e o paciente/participante do estudo.

Foi em meio a essas preocupações e interesses que tive a oportunidade de conhecer o Prof. Daniel Beaune, do laboratório Psychologie: Interactions, Temps, Emotions, Cognition da Université Charles-de-Gaulle de Lille-3, laboratório este que foi depois incorporado ao Centre de Recherche Psychanalyse, Médecine et Société (CRPMS) da Université Paris Diderot (Paris VII). O Prof. Daniel Beaune me foi apresentado pela Profa. Tânia Maria José Aiello Vaisberg da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, por ocasião da Segunda Jornada de Psicanálise e Fenomenologia, realizada em 2008, que ela havia organizado. O Prof. Daniel Beaune aceitou me receber em seu laboratório para desenvolver o projeto de pesquisa concernente a este estudo, que implicou em duas estadias de minha parte na França, uma mais breve em 2009, na cidade de Lille, e outra mais longa, do final de 2011 a meados de 2013 em Paris. O resultado desses anos de trabalho é apresentado neste estudo transcultural. O leitor encontrará, ao longo destas páginas, uma Introdução relativa ao problema que nos propusemos a investigar, ou seja, a influência da família no amadurecimento emocional

infantil, sustentado no conceito freudiano de séries complementares, seguida de uma descrição de estudos internacionais a esse respeito. Posteriormente são apresentados três capítulos, concernentes a cada um dos grupos culturais que estudamos, visando familiarizar o leitor com um pouco da sua história, do processo de formação do povo e das principais características da família nesses contextos. Em seguida são descritos os Objetivos do estudo, seguidos do Método, que, além da explanação do desenho de pesquisa que empregamos, explicita os fundamentos da nossa opção metodológica. Finalmente, as sínteses dos resultados de cada grupo cultural são expostas, bem como uma contraposição final entre eles.

Em razão da quantidade de informações encontradas aqui, sugerimos ao leitor uma ordem de abordagem do texto um pouco diferente daquela comumente seguida nas teses e dissertações. Assim, nossa proposição é que a leitura se inicie pela Introdução geral, seguida dos Objetivos e do Método. Posteriormente, o leitor poderá se dedicar aos tópicos teóricos concernentes à descrição de cada grupo cultural estudado, seguido dos resultados referentes a ele. Em outras palavras, sugerimos que a leitura do tópico “Os franceses”, por exemplo, seja seguida pela seção “A experiência materna de mulheres francesas e o desenvolvimento do *Self* infantil”, e que o mesmo ocorra com relação aos tópicos sobre os magrebinos e os brasileiros. Sugerimos ainda que, nesse momento, o primeiro grupo cultural abordado seja o francês, seguido pelo magrebino e, finalmente, pelo brasileiro, uma vez que o grau de complexidade interpretativa parece aumentar nessa ordem. Com isso, consideramos que o leitor estará mais à vontade para se devotar ulteriormente à síntese comparativa entre os grupos e às “Considerações finais”. Pensamos que essa sequência de leitura evitará, pelo menos em parte, a possibilidade de uma dispersão de informações.

Os metodólogos que se dedicam às pesquisas qualitativas preconizam que as trocas, conscientes e inconscientes, que ocorrem no encontro entre pesquisador e participante, promovem o conhecimento e a mudança em ambos; este também foi o nosso caso aqui. Nesse sentido, a qualidade estética dos relatos das mães e das crianças, a beleza contida em suas experiências, mesmo aquelas que eram muito dolorosas, muito sofridas, não pode deixar de despertar em mim, como pesquisadora, sentimentos muito profundos que culminaram, ao final, em uma sensação de maior confiança no mundo e nas pessoas, numa perspectiva mais otimista diante da vida e do futuro e na certeza de que, mesmo com as ameaças de liquefação dos vínculos sustentadas por ideologias liberais da contemporaneidade, a empatia, a solidariedade, a compaixão e o respeito entre os seres são ainda fortes o suficiente para sustentar relacionamentos fundados no amor e na fraternidade. Minha esperança é a de que a

descrição realizada neste estudo faça germinar no leitor pelo menos um pouco dessa mesma .
experiência.

1 INTRODUÇÃO

A importância das experiências familiares no desenvolvimento emocional infantil é uma unanimidade na Psicanálise, tendo sido considerada desde o início dos trabalhos de Freud e Breuer (1895/1976), quando postulavam que a histeria resultava de repressões a traumas sexuais vividos pela mulher na infância, mais precisamente a sedução pelo pai. Desenvolvimentos psicanalíticos posteriores conduziram a modificações na compreensão da etiologia das psicopatologias, como a adoção do princípio da multideterminação dos sintomas. Este desembocou no conceito de séries complementares (Freud, 1896/1976; 1917/1976), que designa três elementos inerentes à organização da personalidade humana, cuja interação forma uma unidade inseparável, responsável pela qualidade normal ou patológica do funcionamento mental. Eles consistiriam nos fatores inatos do indivíduo e suas vivências intrauterinas, nas experiências infantis junto à família e nos fatores ambientais presentes na vida adulta.

O conceito de séries complementares foi acatado em todas as contribuições posteriores a Freud (1896/1976; 1917/1976), embora com pequenas variações. Assim, Soifer (1992) acrescentou a esses fatores o do trauma do nascimento e diferenciou as séries referentes à herança genética e às experiências intrauterinas. Apesar disso, ela defende que o elemento fundamental do desenvolvimento do indivíduo refere-se às experiências infantis, pois os demais componentes podem ser atenuados ou exacerbados de acordo com o cuidado parental; desse modo, a forma de desempenhar as funções materna e paterna são cruciais para o prognóstico evolutivo da criança.

A despeito de compartilharem desse ponto de vista, a maioria dos estudos psicanalíticos sobre o desenvolvimento psicosexual em suas etapas oral, anal, fálica e genital, geram o mal entendido de que a erogeneidade dessas zonas seria um dado constitucional, acentuando um caráter biologizante do pensamento freudiano. Brabant (1970/1981) critica essa compreensão, afirmando que tais erogeneidades se exaltam apenas por serem, em dado momento, os mediadores mais importantes da relação da criança com a mãe. Ainda, essas etapas devem ser compreendidas como capazes de se superpor e de se transformar, sendo as disposições constitucionais passíveis de modificações por interferências ambientais (Zimmerman, 1999).

Apesar desses alertas, várias vertentes da Psicanálise vincularam o desenvolvimento emocional infantil às conquistas orgânico-fisiológicas que a criança alcança conforme sua

idade cronológica. Assim, o estudo de Soifer (1992) sobre a psicologia evolutiva apresenta, ao lado das características emocionais da criança em cada período, uma lista concernente às aquisições do desenvolvimento físico que permite a realização de paralelismos, embora imperfeitos, entre as conquistas de ambos os níveis. Além disso, a maioria dos estudos psicanalíticos sobre o desenvolvimento infantil considera a criança como pertencendo a uma família nuclear, heterossexual, em que o principal cuidador é a mãe.

Desenvolvida nos séculos XIX e XX, a Psicanálise tem sido hoje desafiada a compreender os diferentes arranjos familiares do mundo contemporâneo, que clamam cada vez mais por seu reconhecimento e legitimidade. A participação da mulher no mercado de trabalho, o crescente número de famílias monoparentais, homoparentais, recompostas, formadas por cônjuges de diferentes realidades culturais, têm levado a alterações e reconfigurações dos papéis e funções maternas e paternas, que reivindicam um estatuto de licitude e não de atipicidade. Assim, é fundamental que a Psicanálise se dedique ao conhecimento dessas novas realidades, de modo a ampliar a compreensão dos vários modos e contextos em que o ser humano pode se desenvolver. Essa maior flexibilidade requisitada da Psicanálise, a nosso ver, pode ser alcançada por meio do diálogo com outras áreas de conhecimento como a História e a Antropologia.

Com relação às contribuições da História, Ariès (1973/2006) inferiu, a partir da análise de diários sobre crianças pequenas e de representações iconográficas, os modos como as famílias se constituíam na sociedade medieval e as mudanças que elas sofreram até o predomínio do arranjo nuclear burguês. Embora esse estudo tenha limitações (como basear suas conclusões em uma interpretação literal de obras de arte), ele fornece aproximações importantes sobre a maneira como as crianças eram consideradas nesses períodos, quem se encarregava da sua educação, como era o seu relacionamento com os pais e as diferenças das práticas educativas segundo a ordem de nascimento e o sexo.

Ariès (1973/2006) atribui à família medieval características como “indiferença” afetiva em relação aos bebês enquanto a sobrevivência deles não estava assegurada, a sua paparicação quando essa certeza já existia, tolerância e liberdade de expressão dos jogos sexuais até os sete anos de idade, quando a criança ingressava no universo dos adultos. No século XVII, com um movimento de moralização liderado por educadores, clérigos e legisladores, os jogos sexuais foram censurados e a “inocência” infantil foi concebida como um bem a preservar, o que implicava na necessidade de vigilância das crianças por um adulto (e na valorização das relações diádicas com os pares) e na difusão das escolas. Esta proliferação segregou a criança do mundo dos adultos e gerou os “calendários de

desenvolvimento” (pois as crianças foram agrupadas por idade nas classes) e o “novo” interesse afetivo dos pais pelos filhos, cujo desenvolvimento e educação tornaram-se suas responsabilidades. Uma descrição interessante do estudo de Ariès refere-se aos jogos sexuais dos adultos medievais com as crianças: eles exibiam comportamentos que, do ponto de vista moderno, seriam considerados como sedução, mas que não tinham tal conotação naquela época, quando se acreditava que a criança impúbere fosse indiferente à sexualidade.

Se do ponto de vista moderno a sedução infantil é responsável por vários transtornos psicológicos, resta pensar que, além da noção de normalidade e patologia não fazer sentido na sociedade medieval, esta provavelmente dispunha de recursos para assimilar os efeitos dessa estimulação e integrá-los na personalidade do indivíduo. Nesse sentido, a identidade do homem medieval traria em seu bojo elementos de estimulação sexual, de “indiferença afetiva” no início da vida, entre outros que dela faziam parte e eram coerentes com as expectativas sociais da época.

A Antropologia, por sua vez, revela que a educação infantil em cada cultura é orientada para o alcance de objetivos locais, que valorizam o aprendizado do funcionamento das instituições e tecnologias próprias da comunidade. Desse modo, em diferentes culturas os adultos privilegiariam os papéis e práticas de suas comunidades ou daquelas que vislumbram para o futuro, e as características pessoais associadas a eles (Rogoff, 2005). Com isso, “o desenvolvimento humano é um processo de *participação variável das pessoas nas atividades socioculturais de suas comunidades*”¹ (p. 51). Concebendo a cultura como o modo de as pessoas desempenharem suas práticas e tradições (sem identificá-la à nacionalidade ou etnia), Rogoff (2005) afirma que o desenvolvimento pessoal somente pode ser compreendido em função das circunstâncias das comunidades. Assim, embora os bebês nasçam com padrões de ação e preferências determinadas geneticamente, também são providos de cuidadores que organizam o seu mundo de maneiras oriundas de sua própria história filogenética e cultural.

Como cada cultura tem expectativas diferentes quanto ao desenvolvimento humano e variações nas formas e momentos de participação das pessoas em suas práticas e tradições, não haveria sentido em estipular “calendários de desenvolvimento” que atribuem a cada idade cronológica uma série de “aquisições” e “conquistas” a esperar. De acordo com Rogoff (2005) nem todas as culturas utilizam como medida de desenvolvimento o tempo transcorrido desde o nascimento; a unidade de medida etária somente se constituiu como parâmetro para organizar as vidas a partir do século XIX, derivada do advento da escola. Assim, enquanto

¹ Grifos de Rogoff (2005).

nos Estados Unidos uma criança não é considerada capaz de tomar conta de outra até a idade de 10 anos (sendo que no Reino Unido até os 14 anos isso é ilegal), em comunidades maiias a criança tem ao seu encargo o cuidado de outras a partir dos cinco anos de idade. Ainda, no Congo e na Nova Guiné os bebês começam a utilizar machados, lanças e facas desde os dez meses de idade, ao passo que nos Estados Unidos o uso da faca não é confiado às crianças até a idade de cinco anos. Aos três ou quatro anos, as crianças akas da África Central já são consideradas aptas a prepararem suas próprias refeições no fogo, e aos 10 anos desenvolveram habilidades para sobreviver na floresta por longo tempo. De acordo com Rogoff (2005) essas diferenças de expectativas fazem sentido ao considerar, em cada comunidade, o que está envolvido no “preparo de uma refeição” ou no “tomar conta de um bebê”, as fontes de apoio da criança, quem está por perto, o papel dos adultos, as instituições que as pessoas utilizam para organizar suas vidas e os objetivos do desenvolvimento infantil, que variam de acordo com as tradições de cada comunidade.

As práticas educativas enfatizadas pelos pais visam o desenvolvimento de habilidades valorizadas em suas comunidades. Por exemplo, mães da África Ocidental que haviam imigrado para a França criticavam o uso que os franceses faziam dos brinquedos, argumentando que eles cansavam as crianças e empobreciam seus contatos sociais. Elas priorizavam a inteligência social dos filhos, estruturando as interações deles em torno das pessoas; já as francesas privilegiavam o pensamento tecnológico e concentravam a interação em torno de objetos inanimados (Rogoff, 2005).

A maioria dos estudos transculturais sobre práticas parentais e busca de objetivos de socialização específicos efetuou comparações entre as culturas orientais e ocidentais. Peixia et al. (2002), por exemplo, estudaram as diferenças entre mães de crianças pré-escolares norte americanas e chinesas quanto aos seus estilos e práticas parentais. Eles as avaliaram por meio de dois questionários que refletiam práticas chinesas e americanas de criação dos filhos. O questionário sobre as dimensões parentais enfatizadas nos Estados Unidos versou sobre o estilo autoritativo (nas dimensões de conexão-calor/aceitação, regulação-raciocínio/indução e autonomia-participação democrática) e o autoritário (dimensões de hostilidade verbal, coerção física e não racional/punitivo). O questionário para a avaliação das dimensões parentais salientadas na China incluiu os constructos de encorajamento da modéstia, proteção, diretividade, envergonhar/retirar o amor e envolvimento materno. Os resultados mostraram que, embora os estilos e as práticas parentais prevalentes na China também tenham o seu lugar nos Estados Unidos e vice-versa, eles não se correlacionam. Ainda, revelaram ser improvável que nas duas nações tais práticas se enraizem nas mesmas metas de socialização,

com a parentalidade sendo fortemente influenciada pelo contexto cultural. Com isso, os pais podem ter crenças variadas quanto ao uso de diferentes práticas de criação dos filhos, que provêm um nicho desenvolvimental distinto para eles.

Okimoto (1998) investigou o modo como ocorria o ciclo do apelo (PAC), um padrão observado em crianças caucasianas entre 16 e 24 meses diante da situação de separação da mãe, em 10 crianças norte-americanas (CA), 10 japonesas (JPN) e 10 chinesas-vietnamitas (CVN). O ciclo do apelo envolve quatro fases: *Adaptação*, em que a criança, na ausência da mãe, utiliza sua capacidade de autorregulação por meio de um jogo autoiniciado ou da exploração do ambiente; *Angústia*, que sugere falha na autorregulação e necessidade da assistência materna; *Apelo*, em que a criança solicita a mãe; *Interação*, quando a mãe restabelece o relacionamento. As díades foram observadas em seis situações: 1) Jogo I; 2) Chamada telefônica para a mãe; 3) Jogo II; 4) Entrevista com a mãe; 5) Separação; 6) Reunião. Nas situações de jogo, as mães americanas encorajaram o brincar independente do filho e permitiram que ele o iniciasse ou dirigisse; as japonesas brincaram como uma unidade com eles e com proximidade física; as chinesas foram diretivas e usaram ordens. Na separação por chamada telefônica, as crianças CA prosseguiram o brincar independente, com o PAC aparecendo em 70% da amostra. As JPN foram ao telefone com a mãe, pediram colo ou ficaram junto dela, com o PAC aparecendo apenas em 30% da amostra (nas crianças mais velhas). Nas díades CVN, cinco crianças apresentaram PAC; dentre as demais, duas demonstraram angústia com muitos apelos. Na entrevista com a mãe, as crianças CA mostraram mais jogo independente, mais PAC e tolerância à separação; entre as JPN, 2 apresentaram PAC e 4 permaneceram próximas à mãe sem jogo independente, sendo que o apelo perturbava a entrevista e a mãe atendia a criança. Quanto às CVN, em 70% dos casos houve PAC, mas a fase de adaptação ocorreu em estreita proximidade com a mãe. Na situação que envolvia a partida das mães, as americanas prepararam os filhos para isso; estes reagiram chorando, mas foram as crianças que menos se angustiaram com a separação. As mães japonesas não prepararam as crianças, que foram as mais angustiadas. As crianças CVN choraram mais que as CA, mas menos que as JPN. Na sexta situação o relacionamento das mães com as crianças nas três amostras foi restabelecido em poucos minutos. Esses resultados indicam que as mães americanas promoviam maior independência em seus filhos e reconheciam mais a angústia que a separação geraria neles. A capacidade de autorregulação dessas crianças foi a maior das três amostras. Já nos outros grupos, a ênfase foi no relacionamento diádico: neles, a experiência do *Self* da criança pareceu estar fortemente conectada à mãe.

Okimoto (1998) vincula esses dados ao modo como o sentido de *Self* é construído nessas culturas. O *Self* individualista seria próprio das sociedades ocidentais, consistindo numa entidade autônoma com uma configuração única de atributos que dão significado ao comportamento. O constructo de *Self* asiático, por sua vez, é de natureza interdependente, sendo o comportamento do indivíduo organizado pelo que ele percebe serem os pensamentos, sentimentos e ações dos outros. Embora os dois modelos do *Self* estejam presentes em todas as culturas, cada uma delas prioriza um deles. Segundo Okimoto, nas culturas que encorajam a independência, a ansiedade de separação é tão agudamente sentida, que necessita da assistência da mãe de modo a gerar o PAC. Já entre os asiáticos, como o vínculo com a criança é mais proximal, o PAC se desenvolveria mais tardiamente. Assim, os estudos transculturais sobre o desenvolvimento infantil revelariam a formação das estruturas e o cronograma de sua emergência, conformados pelas necessidades, valores e crenças de cada grupo.

Waxler, Friedman, Cole, Mizuta e Hiruma (2008), partindo dessa diferença de ênfase do *Self* entre as culturas ocidentais e orientais, investigaram as respostas de crianças norte-americanas e japonesas a situações emocionalmente carregadas. Eles submeteram 30 crianças, entre 48 e 70 meses de idade, desses dois países a um procedimento em que lhes eram apresentadas gravuras retratando situações-problema (ter uma torre de blocos derrubada, ver os pais viajarem ou brigarem, apanhar, entre outras) a que a criança deveria atribuir uma emoção sua e o comportamento que desenvolveria como resposta. Os resultados revelaram que as crianças americanas mostraram mais raiva, comportamentos e linguagem agressiva, maior sub-regulação das emoções, prontidão para resolver problemas através da força e capacidades sofisticadas para criar modos de lidar com as dificuldades. As japonesas reconheceram menos emoções negativas e apresentaram fortes sanções internas quanto a causar dano a outrem.

Keller, Kärtner, Borke, Yovsi e Kleis (2005) mostraram que a priorização do *Self* interdependente também existe em famílias camaronesas de zona rural, caracterizadas por um estilo parental proximal de contato e estimulação corporal. Em estudo longitudinal, eles compararam o desenvolvimento do *Self* existencial e do categórico em crianças dessa população com uma amostra alemã. O *Self* existencial se desenvolveria em torno dos três meses de idade e seria sustentado pela relação de contingência entre a mãe e o bebê. Ele implicaria numa relação temporal entre dois eventos refletindo uma dependência causal, que leva a criança a compreender o comportamento do cuidador como consequência do seu. Esse mecanismo conduz ao desenvolvimento de um sentido de *Self* como efetivo e autônomo. O

Self categórico seria alcançado aos 18-20 meses, implicando na consciência de ser uma entidade física separada, fonte de ações e sentimentos. Ele pode ser detectado por meio do teste do *rouge*, em que a criança, após se olhar no espelho, tem sua face pintada, avaliando-se se ela novamente se reconhece ou não. Os resultados mostraram que as mães alemãs foram as mais contingentes e que aos 18 meses seus bebês se reconheciam no espelho com maior frequência do que os camaroneses. A partir disso, Keller et al. concluíram que o modelo autônomo de *Self* é priorizado em famílias alemãs urbanas e que diferentes estilos parentais têm consequências na realização de crianças em um tempo posterior do desenvolvimento. Assim, os ambientes culturais difeririam na ênfase que colocam no tempo das tarefas de desenvolvimento, nas metas de socialização e nas concepções de *Self*.

Pressupondo que as ideias dos pais sobre sua parentalidade influenciam seus comportamentos e afetam o sentido de *Self* da criança, Bornstein et al. (1998) investigaram essas concepções em mães de crianças de 20 meses de idade em sete países: Argentina, Bélgica, França, Israel, Itália, Japão e Estados Unidos, por meio de dois questionários de domínio do papel parental. Os resultados mostraram que as mães americanas e israelenses foram as que se avaliaram como mais competentes no seu papel, as belgas e americanas como mais satisfeitas com sua maternagem, as japonesas como as que investem mais tempo e energia no cuidado dos filhos, e as francesas, italianas e americanas como as que melhor equilibram seus diversos papéis.

Dennis, Cole, Zahn-Waxler e Mizuta (2002), em estudo com mães japonesas e americanas e seus filhos pré-escolares, também associaram as práticas educativas priorizadas com o desenvolvimento do *Self* autônomo ou interdependente. Eles descreveram que mães japonesas obtêm obediência dos filhos pela ênfase nas consequências relacionais: apelam para a empatia, repreensões verbais, reprovação social, retirada da atenção e persuasão. Elas sublinham a intimidade interpessoal, têm mais contatos físicos com seus filhos pequenos e, com relação aos maiores, fomentam um vínculo que os mantêm separados dos adultos para manter a distinção dos papéis. Elas valorizam a modulação na expressão das emoções para manter a harmonia nas relações, mostram atenção dividida e participam menos das atividades das crianças. Por sua vez, as mães americanas utilizam mais o elogio e o encorajamento para as realizações individuais das crianças e técnicas de controle como punições físicas; buscam competência precoce e assertividade verbal através da ênfase na expressão aberta das emoções. Elas são mais centradas nas crianças do que as japonesas, mostram atenção exclusiva aos filhos quando os ensinam ou atenção conjunta quando brincam. Contudo, Dennis et al. afirmam que é difícil distinguir os comportamentos como refletindo autonomia

ou interdependência: a atenção conjunta pode promover tanto a autonomia, por não enfatizar relações hierárquicas, mas também a harmonia e a cooperação. O uso de sugestões pelas mães americanas pode significar encorajamento para a exploração e autonomia, ao invés de manter a harmonia; ordens também podem ser usadas por mães japonesas para manter distinções de papéis. Assim, eles reiteram a importância de considerar como os comportamentos ganham significado na interação e no contexto social, pois a mesma ação pode sustentar a autonomia ou o relacionamento.

Ainda, dentro da mesma cultura as práticas de educação variam segundo o sexo e a ordem de nascimento. Someya, Uehara, Kadowaki, Tang e Takahashi (1999) averiguaram esse tema através da aplicação de uma escala, em indivíduos japoneses adultos, que avaliava lembranças das práticas parentais utilizadas por seus genitores. Com relação ao pai, os homens apresentaram escores mais altos em “rejeição” do que as mulheres; estas exibiram pontuações mais elevadas na escala “calor emocional”. Ainda referente ao pai, os escores dos filhos únicos em “calor emocional” foram mais altos do que os dos filhos do meio e caçulas, sendo que estes últimos tiveram resultados mais altos em “favorecimento”. Quanto à mãe, os escores das mulheres, filhos únicos e primogênitos foram mais altos em “calor emocional”; as pontuações em “superproteção” foram mais altas para os filhos únicos e os escores em “favorecimento” maiores para os caçulas.

Essas conclusões sobre a insuficiência de considerar os efeitos da prática educativa em si no desenvolvimento emocional infantil e a relevância de compreender o seu significado revelam a necessidade de estudos transculturais de natureza qualitativa sobre esse assunto. Nesse sentido, Rogoff (2005) salienta ser impossível restringir as diferenças entre comunidades a poucas variáveis, pois isto destrói a coerência entre as constelações de características que fazem referências a processos culturais. Ela concorda que o que se faz em uma comunidade pode ser feito de modo igual em outra, mas com resultados diferentes e o que se faz de modo distinto pode ter o mesmo efeito. Ela também sustenta a necessidade de considerar as variações dos indivíduos de uma mesma comunidade cultural, pois este é um recurso da humanidade que permite que nos preparemos para futuros incertos e variados. Nesses termos, afirma que a pesquisa cultural

exige um esforço para examinar o significado de um sistema nos termos de outro. Algumas pesquisas são abertamente comparativas entre comunidades culturais, mas, mesmo na pesquisa êmica, na qual a meta é descrever os hábitos de uma comunidade cultural em seus próprios termos, uma descrição que faça sentido para as pessoas da

comunidade precisa começar em termos que também façam sentido fora do sistema (Rogoff, 2005, p. 36).

Defendemos que esse intercâmbio entre conhecer o sentido interno das práticas educativas no desenvolvimento infantil em comunidades específicas, compreendendo-as também fora desse sistema (numa abordagem ética derivada), é essencial para o enriquecimento de nossa compreensão sobre as possibilidades evolutivas do ser humano e os recursos que ele dispõe para tal, o que, em tempos de interações culturais crescentes é fundamental em todas as áreas da Psicologia.

Consideramos que a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional é uma perspectiva apropriada para compreender o vínculo mãe-criança quanto ao seu significado em diferentes culturas, uma vez que, ao enfatizar os aspectos relacionais em que o crescimento ocorre, ela escapa da crítica de Okimoto (1998) à teoria das pulsões, que conceberia o *Self* em termos individualistas, peculiares às sociedades ocidentais.

Winnicott (1960/1990a) define o *Self* como a fonte do gesto espontâneo e da criatividade primária. Ele se constitui no potencial herdado que, com a colaboração do ambiente, proporciona à pessoa a sensação de continuidade de existência e de dispor de um corpo e psiquismo próprios. Para o seu desenvolvimento é fundamental a presença de um ambiente que se adapte à criança e atenda suas necessidades, ou seja, de uma “mãe suficientemente boa”. Essa adaptação deve ser ativa, diminuindo gradualmente de acordo com a capacidade da criança para assimilar os fracassos maternos. O papel da mãe varia de acordo com os três estágios de desenvolvimento do *Self*: dependência absoluta (ou experiências subjetivas), dependência relativa (experiências transicionais) e rumo à independência (experiências compartilhadas).

O período da dependência absoluta é caracterizado pelo predomínio do processo primário e refere-se aos primórdios da instituição do *Self* mediante o fenômeno da *ilusão*. A partir das experiências sensoriais do bebê desde a vida intrauterina, ele estabelece um repertório de imagens que lhe permite criar os objetos que necessita. Nesse momento, ocorrendo o encontro entre ele e a mãe, esta se adapta e configura seu corpo de modo a corresponder ao objeto concebido por ele. Com isso se estabelece o fenômeno da *ilusão*, que, ao se repetir, fomentará na criança uma união emocional com o mundo (Winnicott, 1948/1993). Como não existe ainda a integração física e psíquica, é necessário que o corpo do bebê seja transfigurado pelo da mãe. Já que a adaptação dela não é perfeita, ela se coloca ao

alcance do movimento do filho; com isso, além de criar o objeto, ele cria o gesto e começa a conceber sua corporeidade.

Neste estágio a mãe, além de ecoar a criatividade da criança, deve fornecer-lhe *holding*, o que significa a firmeza do segurar físico e toda a provisão ambiental que o filho precisa. Ele inclui a proteção da agressão fisiológica e uma rotina de cuidados que considera as mudanças próprias do crescimento (Winnicott, 1960/1990b). No final deste período, a mãe deve desiludir o bebê (Winnicott, 1945/1993), o que só poderá ocorrer se a *ilusão* foi bem estabelecida; essa tarefa precede o desmame e permite alcançar o estágio seguinte.

O segundo período, dependência relativa, inicia quando o bebê é capaz de uma maior integração no tempo. Ele também é chamado de '*viver com*', devido à habilidade do bebê de relacionar-se *com* a mãe sem a fusão anterior; contudo, a distinção eu – não-eu ainda não se completou. Os fenômenos transicionais ocorrem no espaço potencial, na área intermediária entre os mundos interno e externo, entre a inabilidade e a habilidade do bebê de reconhecer a realidade (Winnicott, 1951/1975). Quanto à capacidade simbólica, enquanto no período anterior o objeto consistia na presentificação do *Self*, na etapa transicional o bebê ingressa no âmbito do '*faz-de-conta*', conciliação entre a realidade subjetiva e a objetiva. O objeto (do seu ponto de vista) não é interno nem externo, e a relação com ele se estabelece como posse. Nesse período é fundamental que o objeto transicional tenha vitalidade e sobreviva ao amor pulsional, ao ódio e à agressividade, o que, por limitar a onipotência da criança, permite a ela alcançar as experiências de externalidade.

O tempo se organiza em torno dos momentos de falta e presença da mãe, o que, acrescido ao desenvolvimento das noções de princípio, meio e fim, capacita a criança a tolerar os períodos de ausência, preenchendo-os com a fantasia. No que se refere à corporeidade, a criança enfrenta o problema do espaço vazio entre o seu corpo e o da mãe. Se tudo correu bem anteriormente, esse espaço também pode ser preenchido pela vida imaginativa do bebê. Os objetos transicionais servem a esse fim, pois significam ao mesmo tempo separação e união (Winnicott, 1951/1975).

Quanto ao cuidado materno, há uma mudança de atitude da mãe, que passa a esperar que o bebê sinalize suas necessidades para somente então atendê-lo; isso permite à criança abandonar o estado fusional. Winnicott (1954/1993) reitera a importância da sobrevivência da mãe nesse momento e a sua capacidade para receber e aceitar as restituições do bebê, o que tornaria a criança confiante em sua capacidade reparadora.

O ingresso no terceiro estágio, o de rumo à independência, é proporcionado pela constituição da realidade externa, a partir das experiências do bebê de tentar destruir os

objetos seguido da sobrevivência deles. Nessa etapa, o bebê já avançou muito na aquisição da integração da personalidade, que lhe permite a diferenciação eu – não-eu, bem como na concepção de ter um *Self* que habita um corpo físico, ou personalização (Winnicott, 1945/1993). Com isso, ele se torna capaz de apreciar as características da realidade exterior de modo mais objetivo (ou seja, desenvolve sua habilidade para a “realização”), distinguindo-a de sua realidade interna. Nesse contexto, os vínculos entre os objetos internos e externos passam a se constituir no campo simbólico. Isso significa que os símbolos do *Self* são agora compartilhados, culturais, tornando possível a comunicação verbal. A experiência de tempo passa a ser a convencional e, com relação à maternagem, a criança desenvolve meios para ir prescindindo do cuidado real através da introjeção dele (recordação) e da projeção de suas necessidades pessoais.

Embora a teoria winnicottiana possa admitir uma leitura “ocidentalizada” por conceber que o amadurecimento emocional caminha rumo à autonomia, ela tem o mérito de considerar que ele não ocorre de maneira linear e que as várias dimensões do *Self* não se encontram todas necessariamente situadas no mesmo estágio. Ainda, sua ênfase na importância do meio para o desenvolvimento ocorrer, com o corolário de que não é possível fixar datas-limite para os estágios (pois seu alcance depende das experiências da criança), confere flexibilidade à teoria, tornando-a passível de abarcar as variações que ele pode apresentar. Assim, concebemos que os postulados winnicottianos sobre o desenvolvimento emocional podem se aplicar a diferentes culturas, mas manifestando-se e sendo operacionalizados de formas diferentes. Concordamos com Chao (2001), em que o encontro de especificidades culturais não deve impelir ninguém a perder de vista sua própria teoria, mas propiciar abertura para a mudança, revisão e enriquecimento. A teoria winnicottiana considera que o ser humano se desenvolve por meio do encontro com o outro (mãe) que é necessariamente um ser cultural; portanto, o crescimento apresenta peculiaridades em função da comunidade em que ocorre:

Há de fato, uma diferença muito grande entre ter nascido filho de um beduíno que vive nas areias escaldantes, de um prisioneiro político na Sibéria ou da esposa de um comerciante da úmida, porém bela, parte ocidental da Inglaterra. Posso ser uma pessoa convencionalmente suburbana, ou um bastardo. Posso, também, ser filho único, filho mais velho, o do meio entre cinco filhos, ou ainda o terceiro de uma série de quatro meninos. Tudo isso tem importância e faz parte de mim (Winnicott, 1968/1996, p. 80).

Desse modo, *Self* e cultura seriam inseparáveis e, portanto, conhecer a segunda viabilizaria o conhecimento do primeiro. Foi a partir desse arcabouço reflexivo que iniciamos

a complexa empreitada deste estudo, a de compreender como se processa o amadurecimento emocional infantil, conforme vinculado às experiências das mães, em três realidades culturais distintas, a francesa, a magrebina e a brasileira. Para tanto, elaboramos três tópicos, apresentados a seguir, que constituem sínteses breves sobre a História, a formação do povo e as principais características das famílias em cada um desses grupos, que nos permitirão contextualizar e, portanto, melhor compreender posteriormente as especificidades da experiência materna e do desenvolvimento emocional infantil nessas realidades culturais.

1.1 Os Franceses²

A formação do povo francês é bastante complexa no que tange às suas origens. Embora as tribos gaulesas, que habitavam o território da França desde o século I, ocupem a posição de mito fundador da identidade francesa e sejam correntemente identificadas como a gênese da sua história, existem relatos arqueológicos que comprovam a presença humana nesse local desde o período Paleolítico. A principal testemunha a favor dessa conjectura são as pinturas rupestres de Lascaux, considerada a mais importante das 130 cavernas francesas com inscrições pré-históricas, que datam possivelmente de 15000 a.C., descoberta acidentalmente por um cão em 1940 (Coelho, 2007).

A presença dos menires na Bretanha, supostamente erigidos em 2800 a.C., no período Neolítico, também sustenta a hipótese da presença humana no território francês nessa época proto-histórica; contudo, é apenas no final dela, na Idade do Ferro, que os historiadores conseguiram identificar precisamente o primeiro agrupamento habitante da região, os celtas. De acordo com Coelho (2007), os celtas, que eram hábeis no manuseio do ferro, compunham uma civilização dividida em uma série de povos e tribos, com costumes, ritos e leis muito diferentes. A denominação “celta” vem do grego *keltoi* ou *galatai*, que significa “invasor”, que em seguida originaria *gálata*, passando pelo latino *gallus* para afluir, finalmente, no francês *gaullois* ou gaulês. Mas se todos os gauleses eram celtas, nem todo celta era gaulês: o último termo foi reservado aos povos que entre o século IV a.C. e o ano 51 d.C. viveram no território da França, da Bélgica, do oeste da Alemanha e do norte da Itália.

² Este tópico aborda a França continental, ou seja, concerne ao seu território hexagonal e ao povo que nele habita. A história e a formação da identidade cultural do povo francês que vive nos departamentos e territórios franceses além-mar (DOM-TOM), por guardarem especificidades importantes, não são consideradas neste texto.

A sociedade gaulesa era organizada por clãs familiares e subdividida em três categorias principais: os druidas, os guerreiros e os produtores (artesãos, agricultores, pastores). Eles eram um povo festivo, briguento, supersticioso e grandes bebedores de cerveja. Segundo Coelho (2007), se os franceses deles herdaram a propensão para a exaltação e alteração, a influência romana posterior levou à substituição do gosto pela cerveja pelo do vinho. Essa influência ocorreu principalmente a partir de 51 d.C., quando as tropas romanas lideradas por Júlio César derrotaram as gaulesas de Vercingetorix na batalha de Alesia. A Gália foi então romanizada, mas o imperador romano Cláudio permitiu que a elite druida tivesse um assento no Senado. Além disso, muitos aspectos da cultura gaulesa sobreviveram e influenciaram os romanos principalmente no plano militar, como a invenção do colete de malha de ferro, da espada longa, mas também do barril para armazenar cerveja e vinho, do sabonete para a higiene corporal e das calças compridas. O sistema numérico vigesimal, por outro lado, permaneceu restrito aos franceses, persistindo até hoje no lugar do decimal.

Com a queda do Império Romano no Ocidente, a Gália foi ocupada pelos francos, um povo de origem germânica considerado bárbaro e que nutria uma importante rivalidade com outro povo de mesma origem, os alamanos. Se mais tarde os francos deram origem aos franceses e os alamanos aos alemães, no início a história de ambos foi uma só, sendo que o rei franco Clóvis (465-511), da dinastia dos merovíngios, promoveu a unificação dos povos bárbaros e estabeleceu Paris como a capital de seu reino. Todavia, após sua morte, o reino foi dividido entre os seus filhos, ocasionando a sua dissolução em pequenos territórios, cujos soberanos se envolviam em constantes disputas pelo poder. A última tentativa de reconciliar as regiões foi efetuada por Carlos Magno (742-814), proclamado imperador dos francos e dos romanos. Quarenta anos após sua coroação, o reino foi repartido entre os seus três netos, dando origem à separação definitiva entre os territórios ocidentais, onde nasceria mais tarde o reino da França (com prevalência da cultura galo-romana), e os territórios orientais, surgindo os estados alemães. Separando esses dois, havia o efêmero Ducado da Lotaríngia, que ocupava a Itália, subia numa faixa estreita entre os rios Reno e Ródano até chegar à Holanda; ele foi incorporado à França em 1776 (Coelho, 2007).

Se do ponto de vista histórico essas múltiplas origens e etnias do povo francês permitem vislumbrar a dificuldade de falar de uma identidade nacional homogênea, a situação se torna ainda mais complexa quando se avança no tempo e se constata a diversidade de imigrantes que se instalaram nas diversas regiões da França, mesmo antes dos fluxos imigratórios dos séculos XIX, XX e XXI. Antes de estrangeiros propriamente ditos, eles se

tratam dos filhos da terra; destes destacam-se particularmente os bretões, os normandos, os savóios, os corsos e os alsacianos.

Os bretões têm uma origem diferente da maioria dos povos franceses. A região da Bretanha, localizada entre o Canal da Mancha e o oceano Atlântico, foi colonizada por indivíduos oriundos da Grã-Bretanha, expulsos das terras insulares pelos anglo-saxões que invadiram a Inglaterra por volta do século V. Antes independente, o Ducado da Bretanha tornou-se uma província francesa apenas em 1532, embora conserve ainda um forte nacionalismo. Já a Normandia, no noroeste da França, foi colonizada pelos vikings da Dinamarca, Noruega e Suécia, mas de maneira paulatina: eles foram se miscigenando com a população local, dando origem aos normandos (“homens do norte”) e ensinando-lhes as tecnologias de construção naval. Quanto à Savoia, localizada na região dos Alpes, ela passou a pertencer à França somente em 1860, por meio do Tratado de Turim assinado por Napoleão III e Victor Emanuel II, rei da Sardenha. Os savoios começaram a imigrar para a França em grande número para exercerem vários trabalhos, mesmo os pouco qualificados. Eles se adaptaram muito bem aos novos costumes (sendo considerados mais franceses que os próprios franceses), o que os levou a tornarem-se partidários da incorporação de sua terra à França, legitimada por um plebiscito em 1860. Apesar dessa boa assimilação, mais ao sul da região da Savoia, na *Côte d’Azur*, a influência dos costumes italianos é marcante. A Córsega, por sua vez, esteve sob dominação genovesa até 1768, quando foi vendida para a França. Diferentemente da Savoia, a integração dos corsos à França não ocorreu sem controvérsias, sendo que até hoje existe um movimento separatista importante nessa região. Essa relação mal resolvida se expressa pelo apego dos corsos aos seus costumes e seu idioma próprio (baseado no italiano) e se sustenta pelos indicadores econômicos que colocam constantemente a Córsega na última posição quanto aos níveis de emprego. Todavia, o nacionalismo corso não conflita com a nacionalidade francesa de maneira tão aguda como aquela que caracterizou a situação vivida pelos habitantes da Alsácia e da Lorena na segunda metade do século XIX e primeira do século XX (Coelho, 2007). Situada no limite entre a França e a Alemanha, a região da Alsácia-Lorena foi alvo de constantes disputas entre os dois países, sendo conquistada e perdida diversas vezes por ambos, até a sua anexação definitiva à França após a dissolução do Terceiro Reich. Seus habitantes, assim, foram considerados ora franceses, ora alemães. A região da Alsácia-Lorena é composta pela totalidade da Alsácia, que é dividida em dois Departamentos, o Alto e o Baixo Reno, e por um quarto da Lorena que compreende o Departamento de Mosela. Nesses locais a presença e a influência alemã são marcantes em termos dos costumes e do idioma, sendo que seus habitantes falam um dialeto

do alemão, o que não acontece nos outros três quartos da Lorena, que é inteiramente francófono e cujos costumes em nada lembram a Alemanha. Por conta disso, a anexação dessa área à França, que aconteceu em 1919, bem como a das demais pertencentes a esse território, precisaram ser acompanhadas de perto pelo governo francês: ele não podia ignorar mais de meio século de dominação alemã que compreendia, inclusive, o usufruto de vantagens e privilégios nessa região que nunca foram desfrutados pelos demais cidadãos franceses. Até hoje os departamentos da Alsácia, Lorena e Mosela gozam de prerrogativas específicas como feriados suplementares, maior cobertura da previdência social e alguns direitos civis e comerciais adicionais. Além disso, nesse território permaneceu uma aproximação entre Estado e religião, ao contrário do restante da França, em que o Estado é forçosamente leigo (Coelho, 2007).

Se essa diversidade de origens não impediu a consolidação de uma identidade francesa propriamente dita, nem constitui até hoje uma ameaça à sua dissolução (mesmo com as efervescências corsas), é porque permanece nesse povo um forte sentimento de união, sustentado por uma série de ideais compartilhados e por experiências memoráveis de um passado glorioso. Nesse contexto, de acordo com Theodore Zeldin (1983/2000):

À época da Revolução e sob Napoleão, ser francês significava algo muito mais profundo do que o simples fato de ter nascido em uma parte específica do mundo, e um patriota francês não era apenas alguém apegado a sua terra natal. O patriotismo significava mais precisamente a devoção ao ideal de felicidade humana, aos direitos humanos. Um patriota não era, portanto, um chauvinista nem um seguidor cego de um governo qualquer, mas sim um cidadão da Utopia, um homem universal. A atração francesa, na Europa, resultou em parte da sua missão: ela representava a liberação da humanidade e desejava criar um novo tipo de comunidade, na qual as pessoas seriam governadas pela razão, pelos princípios e pelo altruísmo (p. 41).

Todavia, não são apenas os ideais de 1789 e do império bonapartista que habitam o imaginário dos franceses e que fazem com que eles se reconheçam como um povo que compartilha uma identidade coletiva. A história anterior e posterior a esses períodos prodigiosos que, inclusive, prepararam o terreno para o seu surgimento e possibilitaram a assimilação e a continuidade de seus resultados no futuro, fazem igualmente parte desse sentimento de união e de unidade.

1.1.1 A identidade francesa

Um esforço para compreender o quê e em quê consistiria a identidade francesa foi empreendido pelo psicanalista e psicossociólogo Liaudet (2012), ele mesmo francês. Ele define, nesse empreendimento, a existência de quatro níveis psíquicos: o indivíduo, a família, o grupo (constituído por critérios diversos como a profissão, o local de trabalho, região de moradia, sexo, entre outros) e o coletivo (composto de vários grupos sociais diferentes e complementares). Esses quatro níveis psíquicos estariam implicados em nossa maneira de ser. Assim, nossa identidade não seria simplesmente ligada à nossa origem, mas sempre fruto de uma mestiçagem, mesmo porque, já de início, todos somos frutos de dois pais, quatro avós, oito bisavós, dezesseis tataravós e assim por diante. Nossa identidade seria, portanto, múltipla e “o que é específico da origem é o tornar-se rapidamente impossível de identificar; o estar sempre perdida” (p.19)³.

No âmbito individual, Liaudet (2012) assume ser a diferenciação sexual um dos pontos centrais da construção identitária e distingue, assim, a identidade real (ligada às características do nosso corpo físico, masculino ou feminino), da imaginária (que implica num sentido atribuído à identidade real, que é socialmente esboçado) e a identidade imaginária invertida (veiculada àquilo que não somos, mas que talvez gostaríamos de ser); esta última permaneceria mais ou menos inconsciente, recalçada. A identidade social também comportaria essas três dimensões, real (por exemplo, a classe social a que pertencemos), imaginária (o local que essa classe ocupa diante das outras) e invertida (a classe a que gostaríamos de pertencer). A identidade coletiva funcionaria do mesmo modo, por exemplo, ser francês (real), o que isso significa (imaginária) e o que exclui, mesmo que desejado (ser caloroso como os africanos). Essa identidade faria parte da psique coletiva, compreendida como um funcionamento psicológico consciente e inconsciente, comum a vários grupos humanos, constituindo um sujeito coletivo, cujo sistema simbólico se manifesta em seus ideais e proibições, descritos em seus discursos e textos, que intervêm na constituição do ideal de ego e superego do indivíduo. O papel da educação na família e na escola seria fundamental nesse processo de transmissão, que ocorreria tanto de forma consciente quanto inconsciente. Desse modo, seria nos relacionamentos com os pais, com a família e com a escola que o indivíduo integraria os ideais e proibições da sociedade em que vive.

³ « Le propre de l'origine, c'est de devenir vite impossible à identifier; d'être toujours perdue ».

De acordo com Liaudet (2012), do mesmo modo como acontece com o indivíduo, a psique coletiva também se organizaria em estruturas: psicótica, perversa ou neurótica. A característica principal da primeira seria ignorar os interditos fundamentais da humanidade (morte e incesto); a da segunda, a tentativa de submeter os demais aos próprios desejos, numa tirania repleta de racionalizações; e a da terceira, a assimilação dos interditos citados, com o reconhecimento e a aceitação da lei, próprios a um desenlace feliz da situação edípica.

Foi em meio a esse acervo conceitual que Liaudet (2012) buscou compreender a psique coletiva do povo francês, que foi construída, abalada, reparada, modificada e reconstruída a partir das experiências vividas ao longo da sua história. Como acontece no desenvolvimento da personalidade em nível individual, esse contínuo processo de transformação psíquica nunca implicou, contudo, no desaparecimento completo da base anterior, levando à convivência entre valores e níveis de funcionamento diferentes, compondo a realidade de um “eu” múltiplo, cujo conflito permanece como motor de seu eterno enriquecimento. Nesse contexto, Liaudet distingue três psiques coletivas fundamentais constituídas ao longo da história do povo francês e que permanecem presentes ainda hoje, convivendo no âmago da nação, embora nem sempre com a mesma força: a bíblica ou patriarcal, a republicana e a liberal.

A psique coletiva bíblica, como o nome sugere, tem sua origem no Velho Testamento, mas também em textos científicos e sobre os Direitos do Homem, derivando em um código jurídico ou constituição política. Ela surge na própria *genesis*, no mito de Adão e Eva. Neste, Deus cria Adão à sua imagem e semelhança por meio de um processo de autorreprodução; contudo, mesmo sendo perfeita a dupla pai-filho, faltava alguma coisa. Por isso, Deus atua no corpo de Adão e cria Eva. Assim, quem dá à luz é o homem e não a mulher, com Adão assumindo uma posição homossexual diante de Deus; posteriormente, ele comete o incesto, já que Eva seria sua filha. De acordo com Liaudet (2012), o ideal transmitido consciente e inconscientemente à criança por esse mito fundador é o da transcendência do pai, que deve exercer seu poder absoluto, por meio de seu amor e sabedoria. A felicidade do filho seria, então, submeter-se ao pai e amá-lo e à mulher que ele lhe designar. Quanto à mulher, ela também deve ser submissa ao pai e, em seguida, ao homem que ele lhe atribuir. A organização promovida por este mito seria de tipo neurótico, em que a obediência à lei paterna é capital, o sexo feminino é negado e a criança é ignorada, já que o patriarca é incapaz de se identificar com o filho. Todavia, como a lei é abusiva para os filhos, pois eles nada conhecem além da submissão ao pai, e também para as mulheres, visto que elas não existem de fato nesse sistema, a organização logo se torna paranoica, a partir do momento em que o

pai não reconhece mais o próprio pai acima de si. Desse modo, a psique paranoica alimenta e é alimentada pelo patriarcado e pela organização política da Monarquia, que marcou a história da França feudal. Assim, “o falocratismo patriarcal impregna esse universo psíquico da primeira infância que precede a castração da onipotência”⁴ (Liaudet, 2012, p. 79).

Se o patriarcado foi ultrapassado, ele nunca “termina de acabar” e perpassa a mentalidade francesa, tanto nas relações entre homens e mulheres, mas também no plano social e político, na relação com os governantes e superiores no trabalho. Dessa maneira, a violência contra as mulheres é ainda bastante presente na França: houve 4500 estupros relatados em 2005 e dois milhões foram vítimas de agressões por parte do cônjuge. No plano do trabalho, por sua vez, as relações entre os grandes empresários e os trabalhadores muitas vezes reproduzem aquelas entre o senhor feudal e os servos (Liaudet, 2012).

O advento do Iluminismo e suas filosofias fundadas na razão e na ideia de liberdade contribuíram para iniciar as denúncias sobre o obscurantismo da igreja e o autoritarismo arbitrário do rei. O aumento gradativo do nível de educação da população francesa nessa época e as publicações surgidas no século XVIII, claramente anticlericais, conduziram pouco a pouco à queda dos ideais bíblicos. A figura do pai deixou de ser identificada à sabedoria e à bondade e ele passou a ser visto como um déspota, que infligia aos filhos humilhações insuportáveis. Desse modo, a submissão a ele não era mais aceitável e urgia lutar contra a sua tirania. A apoteose desse movimento teve lugar em 1789, quando os revolucionários franceses invadiram os castelos e aprisionaram os nobres, numa inversão dos papéis anteriores. A despeito dessa característica punitiva, a luta dos revolucionários era pela justiça, numa condenação moral da corrupção, da crueldade e do egoísmo (Liaudet, 2012). Após o período do terror, iniciado quando o rei opôs o seu veto à assembleia e La Fayette tentou intimidá-la após haver ameaçado Paris com as forças armadas, a Monarquia foi abolida e a República foi proclamada em setembro de 1792. Em 1794, o “Grande Terror” durou 2 meses, em um momento de perigo real. Externamente, o rei da Prússia ameaçava os franceses com um novo massacre, pior que o da noite de São Bartolomeu e, por conta disso, forças monárquicas formaram uma coalisão nas fronteiras da França. Internamente, cidades como Lyon, Bordeaux e Marselha se insurgiram contra a revolução, criando um clima de suspeita generalizada. Nesse contexto, o “incorrupível” Robespierre foi um dos principais líderes da insurreição, buscando impor, mesmo que pela força, os ideais revolucionários de justiça. O preço foi alto: 35000 mortos entre condenados e massacrados.

⁴ « Le phallocratisme patriarcal puise dans cet univers psychique de la petite enfance qui précède la castration de la toute-puissance ».

De acordo com Liaudet (2012), nenhum outro movimento francês chegou à altura da Revolução de 1789, que deixou marcas profundas na personalidade de seu povo:

talvez essa convicção de que não se pode aceitar a realidade, que pode acontecer que ela seja transformada, que a servitude voluntária não é necessariamente o destino: é um traço típico do “mal francês”, uma facilidade de nos insurgirmos por um sim, por um não (para os líderes de opinião anglo-saxônicos, nós seríamos maníacos pela greve), a não nos dobrar sob a autoridade... daí decorre a nossa incapacidade notória de nos adaptarmos, de ser pragmáticos (p. 96)⁵.

Com a Revolução e a instauração da República, novos ideais são postos em substituição aos monárquicos e patriarcais, que foram condenados a uma dolorosa falência. Dentre esses novos ideais encontra-se o de que a ação dos governantes e dos cidadãos deve ser guiada pela razão e pelo interesse público. Com isso, a vontade geral passa a ser soberana: ela se impõe a todos e não é feita para nenhuma pessoa em particular. Ela é resultante da vontade de cada um, mas é mais do que a vontade individual e instaura a democracia e um “eu coletivo”. Com a democracia, a transcendência, antes personificada na lei do monarca, visto como um representante divino, é buscada na natureza: a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão serve então a esse propósito, estabelecendo valores morais sobre a base de um tipo de religião, mas dita “natural”; desse modo, ela evita a queda na loucura da ausência completa da lei. Apesar desse recurso à transcendência, é a lei que assegura a justiça para todos e a igualdade entre os cidadãos, muito mais do que a atribuição de uma qualidade “natural” aos direitos do homem. É somente em nome da lei que o governante pode exigir obediência.

Segundo Liaudet (2012), a Revolução Francesa foi, sobretudo, moral: ela significa obediência à lei, mas, principalmente, àquilo que a alicerça: o amor do humano em cada pessoa, fundamento legítimo da igualdade. Como, em seus princípios, a pessoa deveria submeter os próprios interesses ao bem público, ela rejeita o individualismo e despreza o consumo, o pragmatismo e o cinismo; por outro lado, valoriza a empatia, a fraternidade e a solidariedade, sendo que a liberdade, igualdade e cidadania restituíam a dignidade aos homens e mulheres francesas. Nesse contexto, diferentemente da sociedade patriarcal anterior,

⁵ « (...) peut-être notre conviction que l'on peut ne pas accepter la réalité, qu'il peut arriver qu'on la transforme, que la servitude volontaire n'est pas forcément le destin : soit un trait typique du « mal français », une facilité à nous insurger pour un oui pour ou non (pour les leaders d'opinion anglo-saxons nous serions des maniaques de la grève), a ne pas nous plier sous l'autorité... d'où découle notre incapacité notoire à nous adapter, à être pragmatiques .»

a República constitui uma sociedade de irmãos, um regime de uma paternidade sem pai⁶. Com isso, se a pessoa submete o seu interesse individual ao coletivo por amor a ele, ela também passa a se amar por estar com ele identificada. Essa subordinação do interesse pessoal ao social, contudo, não resulta em um repúdio à propriedade privada; ao contrário, como esse direito não era reconhecido na sociedade feudal, ele representa um avanço e se torna mais um símbolo de liberdade.

No que concerne à psique republicana, a sujeição do próprio desejo a um bem maior, os direitos do homem e do cidadão, permite, no entanto, uma conciliação, visto que o indivíduo também deve se expressar e dar a sua opinião para contribuir com a vontade geral. Nesse âmbito, a liberdade consistiria em poder fazer tudo o que não fosse nocivo a outrem. Com isso, a Revolução criou uma espécie de “religião atéia”, cujo pilar seria a ética do homem. Nessa circunstância, os interesses particulares se expressariam, sobretudo, na esfera privada e não na pública. Essa constelação de características levou Liaudet (2012) a identificar o funcionamento da psique republicana como neurótico.

Se a sociedade patriarcal se fundava na diferença de sexos e gerações, que implicava em assimetrias nas relações de poder, a sociedade republicana instaura a possibilidade de cada um evoluir de acordo com as suas qualidades, garantida pela liberdade social. Essa meritocracia concorrerá posteriormente com a plutocracia, que sustenta que o dinheiro é que deveria contar como o principal diferenciador social (o que não ocorria necessariamente na sociedade feudal). Os partidários da plutocracia sustentam que a democracia seria um regime opressivo, visto que os direitos dos ricos seriam desconsiderados. Instala-se, assim, o debate entre a esquerda e a direita, que até hoje é muito ativo na sociedade francesa. Esse debate é um dos responsáveis pelo estereótipo de que os franceses teriam mania de oposição (o que seria também um modo de garantir a própria autonomia, não se colocando na posição de simples executor da vontade alheia) e recusa à negociação (Liaudet, 2012).

Os ideais republicanos, todavia, começaram a experimentar uma certa astenia, provocada pela perda de confiança nas instituições e nos políticos, pelo sentimento de fraqueza da justiça, corrupção generalizada dos poderosos e o seu desprezo pelas massas. Diante dessa languidez dos ideais republicanos, os liberais, que já estavam presentes de uma forma discreta desde a Revolução, tomam o seu lugar e compõem também uma psique que lhes é própria.

⁶ Vale assinalar que a personagem alegórica símbolo da Revolução Francesa é uma mulher com o seio nu, denominada Marianne, dois nomes comuns na época e que implicavam em uma síntese dos nomes da mãe e da avó de Jesus Cristo. Ela é o ícone da liberdade e da democracia republicana.

O liberalismo francês nasce de uma tentativa dos governantes, desde o início do século XIX, de rever os princípios da Revolução de 1789, de modo a adaptá-los às necessidades da classe social dominante. Nessa época, após um golpe de estado, Napoleão Bonaparte se fez coroar imperador⁷. Os liberais estiveram no poder após a derrota de Napoleão em 1815, durante o período chamado de Monarquia de Julho, de 1830 a 1848. Nessa fase, sob o impulso da Revolução Industrial, houve um crescimento extraordinário da produção de carvão e da indústria textil e metalúrgica. Para favorecer esse crescimento, ocasionado pelo maior número de máquinas a vapor, a legislação do trabalho concedeu maior autoridade aos patrões para comprimirem os salários e realizarem demissões. Cada trabalhador assalariado possuía um caderno com toda a sua história profissional, que devia apresentar a cada novo empregador; dessa maneira, este se protegia de incluir, em sua empresa, os “maus elementos” e os “agitadores”. Nesse mesmo contexto surge o neoliberalismo, que se constitui no “coração do liberalismo clássico” e que se caracteriza por uma liberação face às leis.

O primeiro princípio republicano revisto pelos liberais foi o da supremacia da vontade coletiva: era necessário cuidar para que a democracia não limitasse demais a liberdade dos indivíduos. Nesse sentido, a soberania do povo seria tão detestável quanto a monarquia de direito divino, o comunismo e a extrema direita sendo igualmente totalitários. Face a essa descrença política, o princípio transcendental que deveria reger a sociedade seria o da ciência e da razão. A razão deveria ser o fundamento da moralidade do povo: ela se adaptaria ao modelo mercantil, definindo-se pelas regras que organizam os intercâmbios sociais no melhor interesse de cada um (Liudet, 2012).

No plano político, os grupos dominantes liberais reconhecem que não podem abolir certas regras do jogo republicano sem que ocorra um levante popular; por isso, as eleições são mantidas, mas existe a clareza de que não é nelas que se passa o jogo decisivo. Isso acontece porque essa ideologia constitui um paradoxo, já que os eleitos não representariam necessariamente a vontade popular. Como ao político eleito deve ser dada toda a liberdade de agir (e é por isso que ele deveria ser escolhido entre os homens mais esclarecidos do povo), o

⁷ Em 1848 é instaurada mais uma vez a República, e Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão Bonaparte, é eleito presidente. Três anos depois, ele também dá um golpe de estado e se faz coroar imperador (Napoleão III). A derrota na guerra franco-prussiana provocou a sua queda e o estabelecimento da Terceira República (1870). Ela durou até 1940, quando foi duramente afetada pela crise econômica mundial. A partir daí, até 1946, a França foi administrada por um governo republicano provisório, seguindo-se então a Quarta República. O conflito na Indochina, a Guerra da Argélia e a agitação na Tunísia e no Marrocos no início dos anos 1950 enfraqueceram a Quarta República. Com isso, em 1958 foi estabelecida a Quinta República (que se estende até os dias atuais), que substituiu o governo parlamentarista anterior por outro, semipresidencialista, sendo o General Charles de Gaulle o seu primeiro presidente.

voto então se torna inútil. Dessa maneira, ficaria estabelecida uma “legítima oligarquia democrática” (Liaudet, 2012).

A concepção de felicidade liberal é bem diferente da “anarquia” republicana, em que os intercâmbios entre indivíduos livres e iguais fomentariam necessariamente conflitos. Ao contrário, a felicidade liberal é identificada à tranquilidade, alicerçada no hedonismo, particularmente naquele promovido pelo consumo; o utilitarismo surge como o resultado último dessa combinação. Se o liberalismo clássico se esforçou para manter seus princípios mais ou menos em acordo com os valores da igreja cristã (inclusive tentando identificar efeitos veneráveis dos vícios, como a cobiça e a ambição que gerariam empregos), esse empenho não se sustentou, tendo sido sepultado pelo neoliberalismo, que escancara a completa independência entre a economia e qualquer razão moral: a empresa, assim, seria amoral, e a política não deveria se ocupar da economia (Liaudet, 2012).

O indivíduo, sob essa ótica, é a medida de todas as coisas: é completamente livre no sentido de que nada lhe precede nem lhe é transmitido: ele existe fora das gerações. Há, assim, uma rejeição da história e, nesse individualismo, as relações interpessoais ocorrem de acordo com a lógica do mercado.

Pelo raciocínio liberal, a liberdade deve estar acima de tudo e a imposição de qualquer limite significa a sua perda. Diante disso, a lei é vista como abusiva, contrária à natureza e à espontaneidade. Os ideais abstratos cedem lugar ao pragmatismo, ao materialismo, que não se submete a nenhum princípio superior. Com isso, o ideal liberal é, na verdade, o “não ideal” e “(...) a palavra de ordem é: desregulamentação geral!” (Liaudet, 2012, p. 149)⁸. Daí surge o ódio a tudo o que pode ser considerado como um limite e o desejo de destruir qualquer tipo de ordem. Desse modo, diferentemente da ótica republicana, não se trata de mudar uma lei para substituí-la por outra mais justa, mas de derrubá-la para que se possa fazer aquilo que se deseja. Segundo Liaudet (2012), a psique coletiva liberal, fundada nesse modo de funcionamento, corresponderia a uma organização perversa.

Conforme Liaudet (2012), se os três regimes descritos, patriarcal, republicano e liberal, com as psiques coletivas que engendram, paranoica, neurótica e perversa, respectivamente, se superpuseram e buscaram extinguir um ao outro, isso ocorreu apenas em parte e todos se encontram presentes hoje na psique do sujeito coletivo francês. Essa bagagem psicológica seria transmitida principalmente pela família inter e transgeracionalmente⁹.

⁸ “(...) le mot d’ordre est: déréglementation générale!”.

⁹ A teoria da transmissão psíquica transgeracional é uma vertente da Psicanálise que vem ganhando bastante prestígio nos últimos tempos. Ela parte do princípio de que existe uma transmissão, entre os membros de uma

Nesses termos, Liaudet transpõe a noção da transmissão geracional do nível individual para o coletivo, argumentando que a identidade de uma geração seria forjada pelas experiências comuns, pelos eventos históricos que ela viveu, por aquilo que ela fez deles e pelo que recebeu da geração anterior. Dessa maneira, cada geração se reuniria em torno de uma problemática maior que formaria um sistema, sem ser, no entanto, homogênea. De acordo com Liaudet, a transmissão intergeracional¹⁰ ocorre em nível consciente e inconsciente, e implica em um duplo movimento: a transmissão de uma bagagem psíquica constituída pelos ideais da coletividade e da classe social do indivíduo, mas, também, dos desejos dos pais dirigidos à geração seguinte. Esta, sendo igualmente confrontada a um real histórico e a eventos que deve ultrapassar, necessita modificar os ideais transmitidos.

Liaudet (2012) busca, nesse contexto, delinear as características de quatro gerações que compõem a França de hoje, de modo a compreender o que vem sendo transmitido aos descendentes e que compõe a atual psique francesa: a geração que tinha 20 anos em 1940, a que tinha essa idade em 1968, em 1989 e em 2008, que descrevemos aqui sumariamente.

A primeira geração foi marcada pela experiência da Segunda Guerra Mundial, contexto em que os ideais de defesa da pátria, justiça, igualdade e dignidade foram postos com tanta nitidez pela Resistência Francesa quanto na Revolução de 1879. Nessa geração ressurgem os debates morais e os princípios republicanos de amor ao bem comum, solidariedade e fraternidade. Contudo, não se tratava apenas de enfrentar um inimigo externo, mas também outro, interno, que, por ocasião da ocupação da França pelos nazistas, foi encarnado pela direita francesa antirrepublicana e fascista. Essa facção, no regime de Vichy, adotou um estatuto dos judeus, proibindo-lhes de exercerem algumas profissões. Ao lado desses *colaboradores* dos nazistas, encontravam-se os empresários que prosseguiram com os seus negócios, exportando muitos de seus produtos para a Alemanha, mantendo com ela uma política de cooperação econômica. Apesar da existência desses colaboradores e empresários, três quartos dos judeus presentes no território francês sobreviveram graças à ajuda e cumplicidade do povo.

família, de configurações de objetos psíquicos (fantasias e afetos), munidos de seus vínculos e sistemas de relacionamento (Eiguer, 1997/2005), bem como defesas e experiências afetivas assimiladas ou não na personalidade. Essas articulações seriam responsáveis pela preservação da cultura desse grupo, mas também pelas falhas na transmissão, que interferem negativamente na constituição da personalidade da criança. A transmissão pode ocorrer de diversas formas, sendo o prefixo *inter* reservado à transmissão de conteúdos entre indivíduos da mesma geração, sem que eles permaneçam necessariamente nas seguintes; já o prefixo *trans* implica que os conteúdos são transmitidos através de diferentes gerações (Falcke & Wagner, 2005).

¹⁰ Liaudet (2012) utiliza os termos intergeracional e transgeracional como sinônimos.

Os colaboradores calaram o seu erro ou traição para a geração seguinte, embora isso não signifique que tenham aberto mão de suas convicções; o mesmo aconteceu com os empresários: seus filhos não saberão o que se passou. Em posição de inferioridade, os colaboradores e empresários não podem se opor ao programa de nacionalização iniciado em 1945 pelo Conselho da Resistência. Portanto, para os filhos dessa geração, os comportamentos perturbadores dos pais foram “lavados” pelo espólio que estes sofreram pelas nacionalizações: eles são deserdados pelo Estado, que passou a ser visto como um inimigo totalitário e burocrático.

Quanto às vítimas da guerra, o saldo final de 76000 judeus deportados, 73000 mortos nos campos de concentração e 2500 voltando deles para a França, provocou, nesses cidadãos feitos prisioneiros, o sentimento de queda dos ideais, perda de si e vergonha. Eles também se calaram, sua derrota sinalizando a incapacidade para oferecer segurança à sua família e ao seu país; seus filhos veem voltar para casa um pai ferido em sua virilidade, sem nada de valor a transmitir.

Por outro lado, os heróis da Resistência conseguiram tudo: esquerda e direita se associaram e reconstruíram o país sobre os princípios republicanos. Seus filhos veem voltar o pai perfeito, difícil de alcançar e de superar. Todavia, mesmo com os esforços de Jean Moulin para adaptar os ideais da Revolução ao século XX, logo se constata que a vida desses heróis termina e que o Programa do Conselho Nacional de Resistência não atingiu os seus objetivos; restou, assim, somente um sentimento de incompletude. Com isso, a maior parte dos revolucionários abandona os seus ideais; seus filhos reprovarão essa mediocridade dos pais e se revoltarão contra eles. É esse hiato entre os ideais e a sua colocação em prática, exibido pelos pais, que deixa livre curso para as transgressões dos filhos, que se produzirão em 1968.

Nesse ano, uma onda de revoltas percorre vários países; na França ela envolve estudantes, professores e trabalhadores, chegando ao desencadeamento de uma greve geral. Em 27 de maio, sindicalistas e patrões chegam a um acordo, em que os primeiros conquistam uma série de vantagens (semana de 40 horas, aumento de salário, entre outras). Segundo Liaudet (2012), esse foi um momento de união do sujeito coletivo, em que diferentes grupos sociais se mesclaram em um projeto comum. Nesse mesmo contexto de transgressão, a geração de maio de 68 reivindica o hedonismo, o gozo sem limites, o desprezo por qualquer tipo de lei. Entretanto, essa luta pela liberação ocorre em conjunto com uma identificação com a geração anterior, com a Resistência, os filhos vivendo o que os pais viveram, mas agora com a crítica e os grandes sonhos de fraternidade como armas. Com isso, se o antiautoritarismo de maio de 68 não pode se apoiar sobre uma organização substituta da lei anterior, unitária e

estruturada, a integração da norma coletiva foi deixada à iniciativa individual, numa conjugação de valores republicanos e liberais. Daí a autonomia constituir o ideal dessa geração, que reivindicava o direito de cada um ter o seu *cocktail* de valores e de poder cometer os próprios erros. Desse modo, na vivência individual, a lei, revestida pelo princípio da autonomia, conserva o seu caráter de transcendência.

Essa nova lógica, acrescida da legalização da contracepção e do aborto, sustentaram os movimentos feministas que clamavam pela autonomia da mulher. Reafirmaram-se, então, os debates sobre a divisão das tarefas domésticas, havendo ainda a equiparação do sexismo ao racismo. Houve, assim, uma maior aproximação identitária entre os sexos no âmbito da moda, do trabalho, mas também do lar: os homens passaram a se ocupar mais de seus filhos, buscando um modelo que gostariam de igualar, “que eles invejam e rivalizam (às vezes com sucesso, quando suas companheiras se dizem despeitadas de serem desalojadas de seu papel!)” (Liaudet, 2012, p. 209)¹¹.

No que tange à relação entre pais e filhos, a recusa do modelo de dominação patriarcal leva a uma rejeição da hierarquia entre as gerações. Com isso, a criança passa a ser considerada quase como um adulto autônomo; ainda, os pais reivindicam serem amados por seus filhos, como o fizeram com os próprios pais quando crianças. Desse modo, os pais se posicionaram como irmãos e irmãs de seus filhos, tornando-se tanto fiadores como perturbadores da segurança deles, a ponto de, às vezes, rivalizarem com as crianças (mães que gostam de parecer tão jovens quanto suas filhas). De acordo com Liaudet (2012), essa negação da diferença de gerações, fundada no desejo dos pais de parecerem sempre jovens, sem querer ceder o seu lugar, perturbará a educação e a transmissão intergeracional.

O ano de 1989 marca a queda do muro de Berlim, fenômeno este seguido pelo colapso da União Soviética, em 1991, e o término da guerra fria, sinalizando o triunfo da globalização liberal. As manifestações que acompanham esses eventos, como aquelas que derrubaram o governo da Alemanha Oriental, são pacíficas, como as de 1968. Na França, François Mitterrand retoma em seu programa de governo os valores republicanos da igualdade e da fraternidade, e recomeça um processo de nacionalização de várias empresas. O colorido de esquerda do governo causa certo pânico na direita, levando-a a fazer desaparecer os sinais exteriores de riqueza e a engajar-se cada vez mais em evasões de divisas. Se a esperança do novo renasce, ela não dura muito tempo: no final do governo de Jacques Chirac, 14% de inflação frequenta a casa dos franceses. O governo de Margaret Thatcher na Inglaterra

¹¹ « (...) qu'ils envient et avec qui ils rivalisent (parfois avec succès quand leurs compagnes se disent dépitées d'être délogées de leur rôle !). »

sustenta o neoliberalismo, mas é toda a Europa que reclama uma revisão política e econômica; com isso, Mitterrand é forçado a desvalorizar o franco. A esquerda se enfraquece e a direita se consolida; os socialistas se veem, então, obrigados a se submeterem às leis do mercado. A psique coletiva republicana, assim, cede lugar à liberal.

Nesse contexto, a geração de 1989 busca a seriedade, ressentindo-se por não ter tido pais “normais”, sem o élan libertário de 1968, mas capazes de lhes orientar quanto ao melhor caminho a seguir. O sentimento dessa geração é o de que seus pais foram mais amigos do que pais, deixando-os perdidos e entregues a si mesmos. Desejam, então, fazer o contrário deles: se os pais viviam mais de ideais e de imaginação, os filhos desejam viver o material e o concreto. Os ideais libertários dos pais, contudo, não são completamente abandonados, mas adaptados ao novo contexto: o ideal republicano do bem comum, assim transposto, passa a visar o bem individual:

Assim, a liberdade sexual vai se transformar em livre consumo de um sexo tornado pornográfico; a liberdade individual em individualismo; a imaginação em capacidade de inovar e de empreender; a autonomia em *empowerment* e responsabilidade; a crítica do familismo em labilidade conjugal e em famílias monoparentais, a recusa da diferença de gerações em juvenilismo...¹² (Liaudet, 2012, p. 220).

Na psique liberal, felicidade é sinônimo de satisfação das necessidades do indivíduo, o que requer liberdade absoluta e independência das leis e da moral. Ela abre um universo utilitário e pragmático. Se a transcendência agora é buscada, não nos ideais, mas num discurso científico do tipo positivo-pragmático, este também não tem a palavra final, já que a capacidade de persuasão conta tanto quanto ele. Com isso, a questão não é a busca da verdade, mas a condição do indivíduo de apresentar um discurso com nuances da verdade, de modo a persuadir o outro para que este se submeta aos seus desejos. Portanto, tudo pode ser verdadeiro. Nesse universo de onipotência, em que a castração não tem lugar, e que a diferença entre os sexos e as gerações é negada, o próprio tempo e sua passagem são recusados. A palavra de ordem agora, para o indivíduo, é que ele deve ser quem é e ser único (*être soi et être unique*), num investimento individual que caminha passo a passo com o desinvestimento do outro, visto agora como um mero meio para alcançar determinados fins ou, frequentemente, como um empecilho para tal. Nessa lavoura propícia à germinação do

¹² “Alors, la liberté sexuelle va se transformer en libre consommation d’un sexe devenu pornographique; la liberté individuelle en individualisme; l’imagination en capacité d’innover et d’entreprendre; l’autonomie en *empowerment* et responsabilité; la critique du familialisme en labilité conjugale et en familles monoparentales; le refus de différence des générations en jeunisme...”.

falso *Self*, o papel do outro será o de confirmar a imagem ideal que o indivíduo tem de si mesmo, o que lhe permitirá tomá-la mais facilmente como verdadeira, mas que desabará inexoravelmente diante do primeiro fracasso. Daí a autodesvalorização e a depressão, atualmente sintomas de massa da sociedade francesa (Liaudet, 2012).

No âmbito da família, pais e educadores não se sentem mais autorizados a iniciar as crianças em um mundo que eles próprios não conhecem bem. Nessa indiferença de gerações, nada é transmitido, brotando o princípio da autodeterminação. Os pais se reduzem a simples rampas de lançamento dos filhos para o mundo, e a escola, antes um local educativo, torna-se um provedor de recursos necessários à *performance* social da criança. Cada um agora tem o seu universo e os seus valores, que são altamente individuais e pessoais. Despojados de sua função de transmissores, os pais devem ser os guardiães e os servidores da liberdade dos filhos, o que promove uma inversão de papéis em que são eles que buscam o amor das crianças. Os filhos dessa geração globalizada farão parte do que Liaudet (2012) denominou “geração da precariedade”.

A geração de 2008 constata ter sido vã a esperança de que o progresso ocorreria permanente e indefectivelmente graças à economia, à ciência e às reformas. Ela vive no rastro de uma crise que se estende desde 1974, portanto, num contexto em que a economia e os ideais são precários, o que exala um perfume de fim de civilização. Ela reconhece que nunca terá o mesmo conforto financeiro de seus pais, já que o desemprego atinge um quarto desses jovens e, dentre aqueles que trabalham, os salários são entre 15 e 35% inferiores aos da geração precedente. São essas pessoas que sofrerão agudamente o temor da perda de referenciais importantes, como o emprego, o prestígio, a moradia, o que as levaria à decadência e à exclusão social. A geração da precariedade vive na iminência dessas catástrofes individuais; se a tragédia acontece, o indivíduo cai em desespero ou em uma anestesia afetiva e intelectual para não sofrer e não pensar. A perda de confiança, então, instala-se, com o indivíduo podendo se autoexcluir. Em níveis menos graves, esses “sintomas da precariedade” expressam-se pelo não envolvimento, pela não participação, pela abstenção e pela abstinência (inclusive sexual). Liaudet (2012) descreve a geração de 2008 como marcada pelo ressentimento e por um sentimento de injustiça, que são exacerbados pela crise econômica. O futuro não lhes acena com esperança; ela não vive em depressão, mas em desespero e, assim, ao invés de experimentar uma frieza glacial diante do mundo, ela busca, por meio de projeções, identificar um perseguidor responsável por sua situação. Na ausência de ideais fortemente estabelecidos, esse quadro se torna propício a atuações e transgressões.

Desse modo, para Liaudet, a geração de 2008 encontra-se encurralada entre um recomeço e uma revolta, em que a única perspectiva é a autodestruição.

Uma vez que a constituição da psique coletiva de uma geração depende do modo como a História e as experiências de seus ascendentes lhes são transmitidas e por ela assimiladas, transformadas e remanejadas, conhecer a família francesa de hoje permite compreender os alicerces sobre os quais se constituem as identidades individuais e coletivas do cidadão francês contemporâneo.

1.1.2 A família francesa

Acompanhando a tendência mundial, nos dias de hoje a família francesa é cada vez mais plural. O número de pessoas vivendo só vem aumentando, passando de 13,3% da população, em 1990, para 18,5% em 2011. O número de casamentos diminuiu sem cessar desde 1960, sendo que a taxa de nupcialidade entre essa data até 2011 caiu pela metade (de 7,0 para 3,7); por outro lado, nesse mesmo período o número de divórcios quadruplicou, de 30000 para 130000. Embora os franceses vivam cada vez mais frequentemente em pacto de união civil (pacto civil de solidariedade _ Pacs)¹³ e em uniões livres, o seu número permanece ainda pequeno para contrabalançar a queda nos casamentos (apenas 3% da população, principalmente os mais jovens, vivem nessas condições). A França metropolitana ocupa o décimo lugar em taxas de nupcialidade e de divórcio entre os países da União Europeia. No ano de 2011, 38,4% dos franceses eram solteiros, 46,2% eram casados, 7,6% viúvos e 7,8% divorciados, sendo que em 2007 essas porcentagens eram de 36,9%, 48,2%, 7% e 7,1%, respectivamente (INSEE, 2015). Essas estatísticas refletem a mobilidade das configurações familiares na França.

Com relação à natalidade e à filiação, o número de casais vivendo juntos com e sem filhos é equiparável, 26,5% e 25,9%, respectivamente. Já a proporção de famílias monoparentais em 2011 era de 8,4% contra 6,8% em 1990; nelas, o arranjo monoparental feminino é 5 vezes maior do que o masculino. A taxa de natalidade por 1000 habitantes foi de 12,3 em 2013, contra 13,1 em 2000, rebaixamento que é observado principalmente nas gerações de homens e mulheres nascidos entre 1961 e 1965. A preferência dominante das famílias, desde então, é pelo filho único (45,2%), seguida pelos lares com dois filhos (38,3%)

¹³ Na França, o Pacs não tem o mesmo valor simbólico do casamento. Ele consiste em um contrato entre duas pessoas para organizar a sua vida em comum, que estabelece os direitos e as obrigações das duas partes, em

e depois, de longe, por aqueles com 3 crianças (12,8%) e, em uma taxa bastante modesta, pelos domicílios com 4 filhos ou mais (3,7%). As famílias recompostas correspondem a 720000 lares franceses e abrigavam, em 2011, um milhão e meio de crianças. Nelas o número de filhos varia entre 1,7 e 2,8 segundo a presença ou não de crianças nascidas da nova união (INSEE, 2015).

Em todos os arranjos familiares, a quantidade de filhos é inversamente proporcional ao nível de instrução da mulher, ou seja, quanto mais escolarizada é a mãe, menos filhos ela tem. Com relação ao pai, a taxa de fecundidade não depende do nível de instrução que ele alcançou (INSEE, 2015). A idade média em que a mulher tem o primeiro filho também aumentou, de 26,5 no final dos anos 1970 para 30 anos em 2009; ainda, desde a sua legalização, são computados na França em torno de 200000 abortos por ano. A explicação para essa situação reside no prolongamento da escolaridade, na alta taxa de atividade, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, eficiência dos métodos contraceptivos e à falta de políticas públicas concernentes à maternidade na França (escassez de creches, por exemplo), que dificultam à mulher conciliar a vida familiar com a profissional (Maurin, 2009).

Singly (1987/2004) explorou profundamente o impacto do casamento na vida profissional, que é bastante diferente para homens e mulheres. Segundo ele, enquanto para os homens o casamento permite uma maior valorização do diploma profissional, para a mulher acontece o contrário: são as solteiras que usufruem mais desse “dote cultural”, visto que as casadas, por serem obrigadas a assumir mais tarefas domésticas, são obrigadas a atribuir menor valor à sua atividade profissional. Existiria, assim, um rendimento decrescente das riquezas escolares sobre o mercado de trabalho que passa dos homens casados para os homens solteiros e, em seguida, das mulheres solteiras para as casadas. Desse modo, para as pessoas com ensino médio, a probabilidade de obter uma posição de comando é de 1/12 para as mulheres casadas, 1/6 para os homens solteiros e 1/3 para os casados. O casamento, portanto, estaria associado a uma aceleração na carreira profissional dos homens e a uma lentidão na das mulheres. A desigualdade na valorização de homens e mulheres no mercado de trabalho atinge também o âmbito dos salários: elas ganham entre 10 e 27% a menos que eles, ocupando postos do mesmo nível e pelo mesmo período de trabalho (Maurin, 2009).

Entretanto, não é o casamento em si que penaliza as mulheres: é principalmente a maternidade que contribui para a desvalorização do diploma, depreciação esta que aumenta com o número de filhos. De acordo com Singly (1987/2004), entre as mulheres com diploma

termos de sustento material, alojamento, patrimônio, impostos e direitos sociais. Ele pode ser desfeito por vontade de um dos contratantes e é automaticamente rompido pelo casamento ou morte de um deles.

de doutorado, aquelas que são mães ocupam menos frequentemente uma posição privilegiada na hierarquia do que as que não têm filhos. Embora a produção intelectual dessas mulheres não se diferencie, a desvalorização das casadas está associada às mais frequentes interrupções do trabalho.

Os benefícios que algumas mulheres casadas conseguem extrair dos recursos culturais de seus maridos não compensam esses custos da sua vida familiar, que parecem ter como raiz o tempo maior que elas dedicam às tarefas domésticas, principalmente quando têm filhos. Em mais da metade dos casos é a mulher quem se ocupa de tudo ou quase tudo no lar, contra apenas 6% dos homens; em 13% dos casos, o homem participa ativamente do cuidado doméstico e em 7% eles se ocupam globalmente dessas tarefas (Maurin, 2009). Todavia, solucionar essa desproporção é algo bem mais complexo do que simplesmente operar uma redistribuição de tarefas, dada a resistência cultural em que isso esbarra por parte dos homens, mas também das próprias mulheres. De acordo com Maurin, admitir esse desequilíbrio significa colocar em causa os papéis, o que resulta em transformações radicais. Assim, a disparidade na divisão de tarefas encontra novas justificativas, particularmente a “especialização natural” das mulheres para certas atividades e dos homens para outras. Com isso, o reequilíbrio doméstico somente é alcançado pela contratação de empregadas domésticas, o que desloca o problema da desigualdade entre homens e mulheres para a desigualdade entre as mulheres.

Essa constelação de fatores sociológicos, que permite compreender o decréscimo no número de casamentos, o aumento dos divórcios, a idade mais avançada com que a mulher decide tornar-se mãe e a predileção por famílias de pequeno porte, possibilita aos pais consagrarem mais tempo a cada um dos filhos. Isso ocorre porque, se a mulher não tem mais necessidade de um filho para se sentir realizada, mas se ela é capaz de constatar o valor cultural que a criança representa, essa situação não provoca um desinvestimento real da maternidade. Ao contrário, ela consolida nos pais a certeza de que, ao decidirem ter um filho, não o fazem por conta de pressões sociais ou culturais, mas pelo valor intrínseco da criança (Singly, 1996; Maurin, 2009). Atitudes dessa natureza sustentam e são sustentadas por uma pedagogia antiautoritária, que nega os benefícios da intervenção parental em nome do livre desenvolvimento da criança. Enfim, essas modificações estruturais que a família francesa sofreu, e sofre ainda hoje, caminham lado a lado com alterações no seu funcionamento e na sua concepção, tema de que também se ocupou o sociólogo francês François de Singly.

1.1.3 A família francesa contemporânea

Para Singly (1993/2007), na França, o casamento deixou de ser a única entrada oficial para o processo de construção de uma família, visto que o nascimento de uma criança cumpre a mesma função. Essa nova realidade se impôs porque a família contemporânea existe menos em função de critérios formais e mais em referência a uma dupla exigência: fornecer um contexto em que cada um possa se desenvolver, mas sempre participando de uma obra em comum. Porém, esse “comunismo familiar” vem se enfraquecendo cada vez mais, em favor de uma maior individualização dos membros; desse modo, a família foi obrigada a transformar-se para permitir a seus componentes exprimirem sua “fisionomia própria”. Diante disso, ela vem se construindo cada vez mais como um espaço privado em que seus membros apreciam estar juntos e partilhar uma intimidade, embora não tenha deixado de ser completamente um espaço de socialização com uma grande intervenção do Estado. Face a esses objetivos, incompatíveis com uma imposição mais incontestada da autoridade, ela se torna menos patriarcal, mesmo que a desigualdade na divisão das tarefas domésticas testemunhe a presença de destroços do feudalismo. Nessas condições, a família se torna cada vez mais “relacional”, centrada nos vínculos entre os cônjuges, mas, também, naqueles entre os pais e os filhos, com um maior respeito pelas diferenças individuais.

Singly (1993/2007) afirma que a constituição da família moderna (ou contemporânea) passou por dois momentos. O primeiro, que se estendeu do fim do século XIX até os anos 1960 (incluindo a geração de 1940 como pais, conforme descrita por Liaudet, 2012), era caracterizado por três elementos que formavam um modelo de referência para ela: o amor no casamento, a estrita divisão de tarefas entre o homem e a mulher e uma maior atenção à criança, à sua saúde e educação. No segundo (a partir da geração de 1968), houve um maior aprofundamento dos princípios de individualização e de transformação dos vínculos; assim, sua originalidade não se baseia em sua estrutura, mas em seu modelo de relações. Dessa maneira, a família permaneceu sendo atrativa, porque se tornou compatível com a livre expressão pessoal. É bem a partir desse momento que as mulheres se recusam a continuar a serem definidas como esposas e mães. Contrariamente à família tradicional, em que os indivíduos se colocam a serviço do grupo, agora a família é que está a serviço de cada um deles; surge o imperativo do *être soi-même*, que descrevemos acima e, com ele, uma primeira tensão que o indivíduo deve solucionar: identificar-se como membro da família e constituir-se em uma pessoa, em parte, não afiliada.

Essa individualização dos membros é apoiada pelas políticas do Estado, que a autorizam, mas, também, cuidam para atenuar os seus efeitos nefastos. Desse modo, no nível jurídico, o Estado reforça a individualização das mulheres diante dos maridos por meio de leis sobre a contracepção, interrupção voluntária da gravidez, o divórcio; no nível econômico, com medidas que relaxam a dependência dos pais, como a previdência social, o auxílio aos pais sem cônjuge; no plano político, estabelecendo os limites da individualização dos adultos como pais, como a mediação familiar, a atenção ao bom tratamento da criança, a autoridade parental.

De acordo com Singly (1993/2007), embora o processo de individualização que permeia as relações familiares modernas implique em certo distanciamento do casal de suas famílias de origem, isso não significa necessariamente um desejo de colocar fim à herança. Essa preservação acontece porque a construção da identidade, além do processo de individuação, inclui outras dimensões, como a busca de unidade e consistência de si, uma certa estabilidade e uma segurança ontológica. Do seu ponto de vista, o termo “modernidade líquida” (Baumann, 2004; 2005/2009; 2004/2010) seria inapropriado, porque ele designa apenas a distância que o indivíduo toma de seus vínculos e de seu passado, mas desconsidera que essa fluidez não impede a expressão de uma solidez identitária. Ao contrário, seria exatamente porque o mundo é líquido (em certos aspectos), que o indivíduo precisa de uma certa consistência. O interesse atual pela genealogia teria, então, como função, o resgate de um enraizamento pessoal. Buscar suas raízes e memórias seria uma maneira pela qual a pessoa funda a sua identidade por um sentimento de continuidade. O processo de individuação, que repousa sobre o trabalho de emancipação identitária, torna-se mais fácil quando existe uma herança. O que o indivíduo moderno deseja é poder decidir ou contribuir para decidir o que deve ser consistente em sua vida e o que deve ser modificado. A realidade biológica da procriação, que, simbolicamente, “naturaliza” a ideia da filiação, também favorece a regulação dessa tensão entre designação e afirmação de si. Nesse contexto de ser ao mesmo tempo indivíduo livre e participante de um grupo, as famílias devem oferecer a todos os seus membros uma ajuda personalizada e um ambiente que permita a cada um, adulto ou criança, tornar-se si mesmo, autônomo, e assim permanecer. O reconhecimento dessa ajuda do outro é uma dimensão importante do processo de individuação (Singly, 1993/2007).

Compondo esse arquipélago de valores, significados e pressupostos sobre a família contemporânea, a criança é vista como dotada de qualidades pessoais desde o nascimento, sendo dever dos pais proporcionar condições para que a natureza dela se desenvolva; em

suma, eles não devem nada impor, nada transmitir, mas tudo revelar. Conforme esse ponto de vista, para que a criança seja ela mesma, os pais também devem ser eles mesmos, sinceros, autênticos e preocupados com o próprio desenvolvimento pessoal. Assumindo essas concepções, pais e mães veriam a si próprios como tendo uma mente aberta, sem precisarem se esconder atrás de uma autoridade de mau gosto. Todavia, para Singly (1987/2004), isso não significa uma ausência de hierarquia que colocaria o filho no mesmo nível dos pais, mas o simples reconhecimento de que o processo de individualização também se aplica à criança e que esta, como os adultos, merece respeito; assim, na família contemporânea, a criança mudou de *status* (Singly, 1996). Esse reconhecimento da individualidade da criança, mas também da mãe, engendra maior liberdade na família, mas também conflitos; nessas condições, a autoridade paterna não é mais totalmente imposta, devendo, então, se afirmar e se legitimar (Maurin, 2009). Nesse contexto, no momento da imposição de regras da vida cotidiana, ora os pais abrem negociações com a criança, ora as recordam com ela sem chegar, contudo, a nenhuma sanção, ora as infligem (mesmo sem estarem tranquilos quanto a isso), exibindo dúvidas sobre a legitimidade delas (Singly, 1996).

Essa ênfase na realização pessoal da criança engendra uma contínua desqualificação do funcionamento da família, com os pais sendo vistos ora como excessivamente autoritários, ora como demasiado anarquistas. Sustentando uma ou outra dessas formas de agir, as teorias psicológicas coexistem na França, com representantes de peso (Dolto, 1985; Naouri, 2009), em meio aos quais os pais padecem para encontrar uma conciliação.

Resumindo, de acordo com Singly (1996; 1993/2007), a família evoluiu rumo à reivindicação da autenticidade e da autorrealização, mas sem perder algumas de suas funções clássicas de sustentáculo da economia social e de solidariedade entre as gerações. Segundo ele, o que ocorreu foi a criação de um novo ponto de equilíbrio, mesmo que ele esteja longe de ser estável. A identidade pessoal se construiria no cruzamento dos papéis, das posições, do *status* e do ideal de subjetivismo, com um maior destaque deste último.

Enfim, na busca de compreender o modo como funcionam atualmente as famílias francesas e como, por meio delas, se constrói a identidade da criança, a História, a Antropologia, a Psicanálise e a Sociologia confluem para as mesmas conclusões, variando os acentos mais otimistas ou mais pessimistas dos estudiosos. Nesse sentido, o que parece hoje dominante é um repúdio à imposição de qualquer autoridade do tipo patriarcal, embora subsista, sub-repticiamente, um desequilíbrio na valorização entre homens e mulheres, expresso, entre outras situações, na divisão desigual das tarefas domésticas. Todavia, a maior autonomia feminina é um fato e uma definição mais fluida dos papéis conjugais e parentais se

mostra cada vez mais presente. Parece haver uma tensão na família entre a conservação dos valores republicanos e a assunção dos liberais (Liaudet, 2012), que Singly (1993/2007) identificou como a tensão enfrentada pelo indivíduo entre ser membro de um grupo e ser um indivíduo independente. O marcador mais evidente desses valores liberais é exatamente essa exigência de ser alguém único, original, sendo o nicho familiar o local que deve proporcionar essa experiência a todos os seus membros. Essa demanda, aliada à concepção de que a criança já nasceria com uma individualidade própria que cabe à família “deixar brotar”, coloca o problema do quê e do quanto os pais teriam o direito de transmitir e de ensinar aos seus filhos e de colocar limites neles. É nessa dialética entre ser um e ser um grupo, aprender ou se expressar naturalmente, que a família contemporânea francesa parece tentar, com maior ou menor sucesso, se equilibrar, e é nesse enquadre que a experiência da maternidade irá se desenrolar.

1.2 Os magrebinos

Magreb é a denominação de uma região localizada geograficamente no norte da África, que é delimitada ao norte pelo Mar Mediterrâneo, a leste pelo Golfo de Gabes, a oeste pelo Oceano Atlântico e ao sul pelo deserto do Saara. A região do Grande Magreb é composta por 5 países: Líbia, Mauritânia, Marrocos, Argélia e Tunísia, enquanto a do Pequeno Magreb (ou Magreb central) inclui apenas esses três últimos países e o Saara Ocidental¹⁴. Por cerca de 2400 km de seu território, em sua parte ocidental, estende-se a Cordilheira dos Atlas com seus planaltos e picos que chegam a mais de 4000 metros de altitude, havendo ainda parte do território que é composta por desertos e por oásis. O nome Magreb significa, em árabe, “as terras onde o sol se põe”, o ocidente árabe, ao contrário da região do Maxerreque (Machrek), que designa “as terras onde nasce o sol”, o oriente árabe, que é composto pelo Iraque, Síria, Líbano, Jordânia, Palestina (compreendida entre a Jordânia e o norte do Sinai); eventualmente, mas não unanimemente, o Kuwait, o Egito e o norte do Sudão são também

¹⁴ O Saara Ocidental é uma faixa de terra da África Setentrional, que foi colonizada pelos espanhóis. Ele também é conhecido como o Saara espanhol e está limitado pelo Marrocos, Mauritânia, Argélia e Oceano Atlântico. Ele é considerado um território não autônomo, cujo controle é disputado pelo Marrocos, pela Mauritânia e pelo movimento independente Frente Polisário, que chegou a nele fundar a República Árabe Saaraui Democrática (RASD). Atualmente o Marrocos controla a maior parte do seu território, mas a questão da autonomia dessa região mantém-se em aberto.

considerados componentes dessa região. A população do Grande Magreb é estimada em mais de 81 milhões, sendo que o Marrocos e a Argélia, os dois principais países dessa região, contam, respectivamente, com 33 e 39 milhões de habitantes. Após a independência do Marrocos e da Tunísia, em 1956, e da Argélia em 1962, o termo Magreb reapareceu como designação desses três países, incluindo as partes saarianas de seus territórios. A Líbia foi integrada posteriormente à região, uma vez que a colonização italiana de que ela foi objeto dificultava os relacionamentos dela com esses três países do Magreb, que estavam sob o domínio francês. A Mauritânia, por sua vez, passou a agregar a região somente a partir dos anos 1970. Essa extensão do Pequeno para o Grande Magreb não foi mais que fruto da recuperação da herança dos importantes intercâmbios comerciais e culturais que existiram desde a Idade Média entre essas terras. Todavia, ainda são o Marrocos, a Argélia e a Tunísia que representam mais da metade da superfície territorial do Grande Magreb e 90% de sua população total (Lacoste, 2004a).

De acordo com Lacoste (2004b), o Magreb é incontestavelmente parte do mundo árabe, do qual ele constitui a fachada sobre o oceano Atlântico e o mar Mediterrâneo. Nesses termos, a despeito de sua superfície e dos vários países que o compõem, ele apresenta uma importante homogeneidade, não apenas quanto às suas estruturas sociais, mas, também, quanto à sua cultura religiosa. Essa unidade existe a despeito de serem muito antigas as fronteiras entre os países, o que poderia sustentar importantes diferenças culturais¹⁵.

As fronteiras geográficas dos países do Magreb remontam ao século XIII¹⁶, o que coloca um problema geopolítico singular, já que elas não correspondem nem a barreiras montanhosas (as montanhas se estendem no sentido leste-oeste e não norte-sul), nem a grandes rios. Ele representa uma unidade, em que o fundo cultural berbere não desapareceu e em que a religiosidade remonta quase que exclusivamente ao Islã. Por conta dessa profunda unidade de consciência e das relações estreitas das cidades umas com as outras, é de admirar, segundo Lacoste (2004c), que o Pequeno Magreb permaneça dividido, ao longo dos séculos, entre três países-irmãos, com limites que praticamente não mudaram.

1.2.1 A formação do povo magrebino

¹⁵ Situação inversa acontece no Maxerreque, onde as fronteiras foram recentemente traçadas por países europeus e onde as diferenças culturais são bastante acentuadas.

¹⁶ De acordo com Lacoste (2004b), é possível estimar que as fronteiras ocidentais da Tunísia começaram a se esboçar há 2000 anos.

Existem vestígios de presença humana na região do Magreb desde a pré-história, no Paleolítico Inferior, como os signos do alfabeto berbere gravados nas artes rupestres da Líbia, da Argélia e do Marrocos; além disso, o nome “líbico”, atribuído às populações autóctones, também parece ser de origem berbere. Essas descobertas testemunham, desde o início, a história comum, em termos gerais, dos países componentes desse território, comentada acima.

Por volta do século XI a.C., a região conheceu um período de dominação fenícia, que se estendeu por quase mil anos, que é também testemunhado pela descoberta de signos religiosos púnicos. O púnico tornou-se o idioma oficial nessa época. Os fenícios fundaram a cidade de Útica, entre Tunis e Bizerte (esta última fundada em 1100 a.C.), compondo o primeiro corredor fenício do Magreb. Duzentos e oitenta e sete anos depois, a cidade de Cartago foi fundada por Elyssa (mais conhecida pelo nome romano de Didon), que delimitou o território da cidade com tiras finas de couro de boi. A lembrança desse período de domínio grego, segundo Zakri (2004), sobrevive nos vestígios de algumas capitais suntuosas da Líbia, como Cyrène ou Cyrenaïque e Tripolitaine e Leptis Magna.

A terceira guerra púnica, entre 149 e 146 a.C., finalizou com a dominação de Roma sobre Cartago e com a destruição dessa cidade. Os romanos haviam se aliado ao rei da Mauritânia (que constituía na época o último reduto berbere) e, juntos, eles venceram o inimigo comum núbio Jugurta, genro do rei. Após essa vitória, o Magreb se tornou romano e assim permaneceu até a invasão dos bárbaros. Nesse período de dominação romana, a Mauritânia desfrutava da condição de reino especial, formalmente independente de Roma, mas também submisso a ela (por exemplo, deveria participar de todas as guerras internas). Todavia, em 40 d.C., o último rei da Mauritânia, Ptolomeu, foi morto a mando do imperador Calígula. A Mauritânia se tornou, então, uma província sob o domínio militar romano. O Cristianismo foi difundido nessa época, mas a proporção de adeptos era baixa em comparação com outras localidades da África. Apesar da consolidação do império romano no Magreb, as lutas contra os berberes não cessaram, embora não fossem muito frequentes (Zakri, 2004).

Essas pressões frequentes dos berberes, aliadas a conflitos internos e crises econômicas, foram enfraquecendo pouco a pouco o radiante império romano. Com isso, em 429 d.C., ele foi invadido por uma coalizão de germanos, suevos, vândalos e alanos. Eles estabeleceram o Reino Vândalo na região e ali permaneceram até o ano de 534, quando foram expulsos pelos bizantinos, que assumiram o controle do território e, posteriormente, expandiram-no para o sul da Espanha, região que conquistaram após derrotarem os visigodos. Todavia, no Magreb, os bizantinos enfrentaram a resistência dos habitantes da Mauritânia, os

mouros, que buscavam reconquistar a sua independência. Mesmo assim, os bizantinos permaneceram com razoável tranquilidade no poder até 649, quando os árabes chegaram ao Magreb. Todavia, estes também enfrentaram uma forte resistência dos berberes e, com isso, os bizantinos conseguiram preservar seu domínio até 698, quando foram vencidos pelos árabes, comandados pelo General-Governador, o emir Hasan ibn al-Nu'man, na Batalha de Cartago. Os árabes ainda enfrentariam uma dura resistência dos berberes por 15 anos, mas após essa data, por exemplo, a Mauritânia já estava quase que completamente convertida ao Islã. Posteriormente, existiram outras revoltas dos berberes contra os árabes, devido à característica despótica de seus governos, mas essas revoltas nunca eram anti-muçulmanas. Isso aconteceu porque o Islã foi acolhido como uma verdadeira libertação por todos aqueles que se sentiam oprimidos, incluindo numerosos escravos que se emancipavam ao se tornarem muçulmanos; o Islã lhes parecia uma religião mais simples e mais tolerante do que o cristianismo bizantino. A religião muçulmana foi um dos principais motores da conquista árabe do Magreb (e de outras regiões), embora não o único. Essa conquista fazia parte da utopia islamita de abolir as fronteiras no seio do mundo muçulmano e agrupar os países em que o Islã era a religião majoritária¹⁷. Essa empreitada se fundamenta na concepção dos árabes de que as fronteiras foram traçadas pelo imperialismo europeu, com a finalidade de enfraquecer o mundo muçulmano e que o restabelecimento de sua unidade política lhes colocaria em melhores condições de se opor à dominação do Ocidente¹⁸ (Lacoste, 2004b).

As revoltas dos berberes contra os árabes, se não eram contra o Islã, muitas vezes se fazia em nome dele, particularmente do kharidjismo, tendência mais igualitária do Islã, que recusa o xiismo e o sunnismo e que se opõe, no Oriente, também aos califas de Damas e aos Abássidas de Bagdad, sendo que estes últimos rivalizavam entre si. De acordo com Lacoste (2004b), foi esse antagonismo entre os califados Abássidas e Omíadas que evitou que o conjunto do Magreb caísse completamente sob a influência de um império árabe. Os Omíadas permaneceram no poder até 750 quando foram derrotados pelos Abássidas.

Os Abássidas se estabeleceram na região de Ifriqiya, antiga África romana e atual Tunísia, enquanto os Omíadas fundaram a primeira dinastia (Idrissida) do Marrocos em 788. O príncipe Idris fundou a cidade de Fez e, posteriormente, foi assassinado por um califa de

¹⁷ De acordo com Lacoste (2004b), é esse vasto projeto político-territorial que faz do islamismo um grande fenômeno geopolítico.

¹⁸ Esse projeto político de unificação islâmica encontra, contudo, rivalidades entre países vizinhos dentro do próprio mundo árabe e pelo sentimento de apego a um ou outro Estado-nação. Ele também se choca com outro movimento interno, o pan-arabismo. Essas rivalidades internas e a concorrência entre os países, que buscam, cada um, a proeminência face a uma unificação, explicam as várias proclamações de unidade árabe, seguidas de seu rápido fracasso (Lacoste, 2004b).

Bagdad. Anos mais tarde, seu filho retomou o poder e foi proclamado Inam, até que, no século IX, por conta de perseguições políticas, foi deposto, instalando-se no Marrocos uma nova dinastia, a dos Aglábidas. Nessa época, a região conheceu um notável desenvolvimento econômico, com o restabelecimento das chegadas de ouro do Sudão, por meio de uma nova rota, a do Saara ocidental, e uma crescente urbanização, com a criação de novas cidades que funcionavam como centros de difusão da cultura árabe. Os Idríssidas permaneceram no poder até 985. Posteriormente, os xiitas, vindos do Maxerreque, assumiram o controle das rotas do ouro e se apoderaram da cidade de Sijilmasa; eles fundaram, no Magreb, não uma dinastia xiita, mas fatímida¹⁹. Se essa época, século XI, é marcada por uma interrupção importante das chegadas do ouro, ela também se caracteriza pelo início de uma verdadeira arabização e islamização do Maghreb (Lacoste, 2004b). Todavia, em breve o comércio do ouro seria retomado pelos nômades berberes saarianos, os Almorávidas; eles, que já estavam presentes no sul da Mauritânia, apoderaram-se de Sijilmasa, conquistaram o Marrocos e fundaram a sua capital, Marraquexe em 1062; esse império se estendeu por uma grande parte da Espanha e pela atual Argélia e Tunísia. O império Almorávida do século XII foi fundado sob a potência das tribos berberes do Alto Atlas, composta por camponeses reunidos por uma causa religiosa. Foi sob a sua regência que se realizou, em 1159, a unidade política do Magreb, que duraria um século. Essa é a época considerada como a “idade de ouro” do Magreb, marcada por um intenso desenvolvimento econômico e cultural, que incluiu o surgimento de grandes cidades e belas mesquitas. Foi também nesse período que a população como um todo (camponeses, pastores, moradores das cidades e das montanhas) adquiriu uma cultura comum, árabe e berbere ao mesmo tempo, combinando tradições ancestrais e valores guerreiros, com o refinamento das grandes metrópoles arabizadas, unidade cultural que permanecerá mesmo com o final do império Almorávida (Lacoste, 2004b).

As estruturas sociais desse império eram tribais, sendo sua coesão garantida pelo espírito de pertinência, pela solidariedade e igualdade entre os membros do grupo. Todavia, no caso dos Almorávidas, após consolidada a conquista do império, essa solidariedade se enfraqueceu e deu lugar a conflitos internos entre as diferentes tribos que o compunham. Foi assim que no século XIII o império Almorávida se dividiu em três partes, mais ou menos correspondentes aos atuais países do Magreb central, cada uma com a sua dinastia particular.

Se desde o século IX as rotas de ouro que ligavam os vários depósitos da zona sudanesa ao Egito e às grandes cidades do Maxerreque passavam pelo Saara central e

¹⁹ Fátima era a filha do profeta e a esposa de Ali, que os xiitas consideravam como o califa legítimo.

ocidental e pelo Magreb (o que lhe concedia um papel maior no comércio internacional), a partir do século XIV esse percurso começou a ser abandonado em favor do vale do Nilo. Este último era uma via mais natural, que esteve por muito tempo bloqueada pelos reinos cristãos da Núbia; com a retirada progressiva dessa barreira, essa via foi resgatada, o que acarretou grandes dificuldades para o Magreb e também para a Espanha e Portugal que dependiam desse metal precioso²⁰. Com isso, a partir do século XV, as potências europeias começaram a operar um processo de expansão imperialista rumo ao Magreb, empreendendo esforços para uma reconquista cristã da região e obtendo algumas vitórias. Contudo, gradualmente Espanha e Portugal foram deixando de lado esse intento, absorvidas que estavam com os novos descobrimentos que lograram realizar na América. Os magrebinos resistiram às investidas europeias, fazendo apelo à ajuda de confrarias religiosas e de imigrantes oriundos da Arábia e do Saara ocidental, que vieram ao Magreb para controlar a rota do ouro, e também a corsários turcos e ao sultão e califa de Stambul. Como resultado dessa empreitada, com exceção do Marrocos, que defendia solidamente a sua independência, o império Otomano assumiu progressivamente o controle do Magreb, fundando três regências: Alger, Tunis e Tripoli (Lacoste, 2004b).

No Marrocos, desde o século XVI, sucederam duas dinastias cristãs, apoiadas por confrarias religiosas formadas por descendentes do profeta. Foi instaurada a dinastia Saadiana, que a partir de 1554 passou a controlar todo o Marrocos, seguida em 1650 da dinastia Alauita²¹. O restante do Magreb, por sua vez, permaneceu sob domínio Otomano, sendo que os soberanos das três regências se apoiavam sobre estadistas árabes ou berberes e sobre o corpo de militares e funcionários otomanos; estes eram renovados a cada cinco anos, para que não estabelecessem fortes alianças com a população autóctone. Todavia, em Tunis, em 1650, os chefes desses militares e funcionários permaneceram em suas posições e se aliaram a líderes das tribos locais. Assim se originou a dinastia Husseinita, que se manteve como um protetorado francês até 1957, quando foi proclamada a República. Já a Argélia enfrentava uma condição diferente, pois o chefe militar turco nutria uma forte rivalidade com os corsários, piratas e os renegados (cristãos que haviam se convertido ao islamismo), que incluía várias guerras de corsários no Mediterrâneo. Essa concorrência se expressava no nível político, sendo que no século XVII os renegados conseguiram eleger um dos seus como governador; entretanto, no século XVIII, esse posto foi novamente ocupado por um

²⁰ Segundo Lacoste (2004b), esse foi o evento desencadeador das grandes descobertas realizadas pela Espanha e Portugal a partir do século XV.

²¹ Essa dinastia governa o Marrocos até hoje.

governador turco. As guerras de corsários declinaram quando navios europeus entraram no mar Mediterrâneo e passaram a perseguir as galeras. Com isso, os lucros que os turcos obtinham com a atividade da pirataria caíram consideravelmente, o que levou a administração a aumentar os impostos. Essa medida desencadeou, em 1825, uma forte insurreição contra os turcos e, em 1830, eles caíram diante de uma expedição francesa. Começou aqui o período de colonização francesa da Argélia.

1.2.2 A colonização francesa no Magreb

O processo de colonização do Magreb pela França não ocorreu nas mesmas condições para todos os países, sendo a conquista da Argélia o mais difícil deles. Nesse sentido, se a guerra que ocasionou a derrubada dos turcos em 1830 não se estendeu muito no tempo, até 1871 houve combates praticamente ininterruptos dos franceses contra as tribos locais. De acordo com Lacoste (2004d), essa dificuldade foi decorrente de um processo de povoamento que visava expulsar as populações autóctones de suas terras para substituí-las por camponeses franceses sem terra, cuja quantidade começava a se tornar um perigo para a França. Por conta disso, ela enfrentou grande resistência dos argelinos. Mesmo assim, os franceses conseguiram se aliar a alguns chefes de tribos oferecendo-lhes certas vantagens, o que permitiu que a colonização se impusesse, após guerras acirradas em que aconteceram verdadeiros extermínios.

Os franceses se apoderaram das terras da população autóctone e as distribuíram aos colonos; eles também impuseram medidas jurídicas que desmantelavam a propriedade coletiva, de modo a que seus proprietários vendessem a baixo preço suas parcelas aos novos colonos. Os muçulmanos, que constituíam 95% da população rural, passaram, então, a possuir apenas 62% das terras cultivadas. No fim do século XIX, a agricultura na Argélia foi fortemente impulsionada pelo desenvolvimento da vinicultura para substituir o vinhedo francês, dizimado pela filoxera. Todavia, a recuperação das vinhas francesas provocou uma crise de superprodução que arruinou grande parte dos agricultores argelinos. Eles foram, então, obrigados a vender as suas terras em proveito da grande colonização e partiram para as cidades.

Se Lacoste (2004d) define a colonização francesa da Argélia como sendo uma “colonização de povoamento”, ele descreve a da Tunísia e a do Marrocos, que ocorreu mais tardiamente, em 1881-1883 e em 1912, respectivamente, como “de enquadramento”. Nessa época a França não sofria mais de um excedente demográfico; com isso, os objetivos desse

imperialismo eram outros: adquirir posições estratégicas nos flancos da Argélia e do mar Mediterrâneo. No caso do Marrocos, havia também o interesse nas riquezas minerais produzidas nesse país.

A colonização da Tunísia e do Marrocos pela França foi apoiada por muitos autóctones influentes, que dela puderam aproveitar. Tratava-se de implantar protetorados franceses nessas regiões e, no caso do Marrocos, ela proporcionou, em nome do sultão e da classe dirigente, a pacificação das tribos *bled siba*, que se recusavam a reconhecer a autoridade do sultão e a pagar os impostos. Assim, por meio do Tratado de Fez, assinado em 1912, o sultão Abdelhafid cedeu a soberania do Marrocos à França. A habilidade política do general Hubert Liaudey foi essencial nesse processo; ele também permitiu a manutenção das tradições marroquinas e utilizou as rivalidades das tribos locais para estabelecer sua autoridade no país²² (Lacoste, 2004d).

Se a história da colonização da Argélia pela França foi mais árdua em comparação à do Marrocos e da Tunísia, a da descolonização não foi diferente. Desse modo a independência da Tunísia e do Marrocos foi conquistada de modo relativamente amigável, enquanto a da Argélia foi marcada por uma guerra de quase 8 anos (de 1954 a 1962).

No Marrocos, após a Segunda Guerra Mundial, a população passou a exigir o regresso do sultão Mohammed V e, em 1955, a França, já envolvida com as insurreições na Argélia, concordou com a independência do país, assinada em 2 de março de 1956. A independência da Tunísia foi também reconhecida pela França no dia 20 do mesmo mês e ano que a do Marrocos. Esse movimento estava se esboçando desde 1925, quando se iniciou, na Tunísia, uma campanha por uma nova constituição (Destour I), que daria autonomia para o país. Em 1934 foi fundado o partido pela independência, denominado Neo-Destour, que cresceu após o término da Segunda Guerra Mundial. A França passou a enfrentar, desde então, vários levantes anticolonialistas, até que, em 1956, permitiu que a Assembleia Nacional concedesse a independência ao país, que proclamou a República no ano seguinte.

Quanto à Argélia, a guerra pela independência, mais conhecida como a “Guerra da Argélia” é exaltada como o movimento de um povo em busca da recuperação de sua soberania. De acordo com Stora (2004), esse combate foi vivido como um traumatismo profundo: deslocamento massivo de populações rurais, práticas de tortura e execuções sumárias, constituindo uma página dolorosa na história dos dois países. Essa maior dificuldade se explica porque, na época, em torno de um milhão de europeus viviam na

²² Hubert Lyaudey foi o primeiro residente general do Marrocos, ou seja, o representante oficial da França na colônia, que praticava um governo indireto.

região, embora com um nível de vida mais precário em relação aos habitantes da metrópole. Esse território representava três departamentos franceses, ou seja, bem mais do que a Tunísia, que era um simples protetorado. A região era representada por partidos políticos tradicionais do Hexágono, tanto de esquerda como de direita, cujo funcionamento se sustentava no modelo de centralização jacobino, o que levou o então Ministro do Gabiente, François Mitterrand, em 1954, a proclamar que “A Argélia é a França!”. Essa situação, acrescida da descoberta do petróleo em território argelino e da necessidade de utilizar os domínios do Saara para a realização de experiências nucleares e espaciais, tornou a França muito pouco inclinada a abandonar a Argélia, que estava anexada a ela há mais de 130 anos.

De acordo com Stora (2004), até hoje a memória desse conflito perturba franceses e argelinos. Na França, ela engendrou debates e polêmicas que concernem, entre outros assuntos, à imigração magrebina, resumidos na interrogação se seria possível ser completamente francês e completamente muçulmano ao mesmo tempo. Na Argélia, por sua vez, a indagação é a do porquê o pluralismo político existente foi apagado após a guerra pela constituição de um partido único, o *Front de Libération Nationale* (FLN)²³. Stora se interroga também se não seria possível ver, no desencadeamento da violência na Argélia nos anos 1990, a sobrevivência das lutas pelo poder que afetaram o nacionalismo argelino durante a guerra da independência²⁴.

Essas diferenças nos processos de colonização e de descolonização francesa na Tunísia, Argélia e Marrocos, contudo, não foram suficientes para abalar a unidade identitária geral dos países que compõem o Magreb, mesmo que possam existir algumas peculiaridades:

Os magrebinos se sentem, de início, argelinos, ou marroquinos ou tunisianos... (e quem mais é de tal ou tal região), mas face aos problemas internacionais, eles se sentem também árabes, e mais extensamente ainda, muçulmanos. Eles se referem então ao que se pode chamar três níveis de reflexão e de representação geopolítica – Estado-nação, conjunto árabe, conjunto muçulmano – correspondendo a espaços cada vez mais vastos e efetivos cada vez mais importantes. A ideia de um grande Magreb é de qualquer maneira um quarto nível que se situa entre o Estado-nação e o conjunto árabe, com a ideia da nação árabe (Lacoste, 2004a, p. 46)²⁵.

²³ Esse partido foi derrubado apenas em outubro de 1988, após uma série de manifestações, caracterizadas por depredações de muitas infraestruturas do Estado e de bens civis. Os manifestantes eram, principalmente, jovens que protestavam contra a alta de preços e a rarefação de produtos de primeira necessidade.

²⁴ Entre 1991 e 2002 a Argélia passou por uma guerra civil entre o governo e vários grupos de rebeldes islâmicos, que terminou com a vitória do primeiro e a rendição do Exército de Salvação Islâmica e do Grupo Islâmico Armado. O número estimado de mortos foi estimado entre 150 mil e 200 mil.

²⁵ « Les Maghrébins se sentent d’abord Algériens, ou Marocains, ou Tunisiens ... (et qui plus est, de telle ou telle région), mais face aux problèmes internationaux, ils se sentent aussi des Arabes, et lus largement encore, de musulmans. Ils se réfèrent donc à ce que l’on peut appeler trois niveaux de réflexion et de représentation

Resta, então, saber qual é o fundo cultural e identitário comum que cimenta essa população.

1.2.3 A identidade cultural magrebina

Com relação aos outros países árabes, o Grande Magreb tem a singularidade de corresponder aproximadamente à área de extensão histórica da língua berbere. Nesses termos, se esse idioma é falado também em outros espaços escassamente povoados, é no Magreb setentrional que se encontram os núcleos berberofones mais importantes, na Argélia e principalmente no Marrocos. O fundo cultural do Magreb é berbere e, se a maioria da população fala árabe, ela se trata principalmente de berberes arabizados. Assim, a difusão da língua árabe e os constantes intercâmbios com outros países e o reforçamento dos aparelhos do Estado não fizeram desaparecer esse fundo cultural, cujos valores são defendidos por intelectuais que se recusam a ver essa cultura desaparecer em prol de uma arabização imposta pelo Estado e de uma ideologia propagada pelos movimentos islâmicos (Lacoste, 2004c).

O Grande Magreb é também eventualmente qualificado como um conjunto “euro-árabe” ou “euro-muçulmano”, pois é atravessado por uma linha de contato entre o Norte e o Sul (ou entre os países desenvolvidos e os de terceiro mundo), que também marca a linha de conflito histórico entre a Europa cristã e o mundo árabe muçulmano. Com referência a esse combate, Lacoste (2004b) sustenta que o movimento islâmico não traduz tanto a resistência de meios tradicionalistas, mas principalmente a reação política de movimentos contrários à dominação do que eles denominam “o Ocidente”. Desse modo, eles denunciam a empreitada de perversão do mundo muçulmano por esse Ocidente, por meio da difusão de seus valores (instituições e regime político, *status* da mulher, direito...). Trata-se, assim, de fazer a revolução em nome do Islã para lutar contra os seus adversários (Israel, Ocidente).

A essa suposta dualidade árabe-berbere vem se adicionar os efeitos da colonização, aos quais a região não passou impune. No caso do Pequeno Magreb, ao lado das línguas árabe e berbere coexiste o francês. Se o idioma berbere é falado em poucos locais e exposto à influência massiva das duas outras línguas, existem, como vimos, movimentos ativos para a sua preservação, a ponto de ele ter sido reconhecido no Marrocos como componente do patrimônio nacional (Arkoun, 2004). O árabe, por sua vez, progrediu muito após as

géopolitiques –État-nation, ensemble arabe, ensemble musulman – correspondant à des espaces de plus en plus vastes et des effectifs de plus en plus important.

independências e se tornou o tema central das construções nacionais, que visam conter a reativação do berbere e os avanços do francês. As evoluções deste último idioma devem-se ao avanço tecno-científico proporcionado pela mundialização. Desse modo, quanto mais os árabes se deixam penetrar por esses discursos religiosos e ideológicos do Ocidente, mais as pessoas se veem obrigadas a recorrer aos idiomas em que se opera esse trabalho de reconceitualização, imposto pelos avanços do conhecimento científico em todos os seus domínios; com isso, surge uma tendência a hierarquizar as línguas europeias, e mesmo o inglês passa a ter o seu lugar no Magreb. De acordo com Arkoun, na ausência de uma política de pesquisa e de escolarização emancipadoras, as oposições árabe-berbere-francês promovem exclusões recíprocas dos imaginários das pessoas. Ele acrescenta que os Estados contribuem para a manutenção desses antagonismos, que afastam as sociedades magrebina da modernidade como fundamento de uma prática democrática. Com isso, a expansão da modernidade material segue em contraste com os fracassos e retraimentos do pensamento crítico, sem o que a modernidade também se perde em manipulações ideológicas. Por conta disso, Arkoun defende que muito trabalho de pesquisa deve ser feito para proteger e valorizar as diversas expressões dessas diferentes culturas que habitam o Magreb.

Se a multiplicação das universidades e o crescimento do número de estudantes não contribuíram para barrar o islamismo como força de oposição política (Arkoun, 2004), muitos intelectuais magrebinos buscam promover um movimento reformista muçulmano que, embora apregoe um retorno à pureza do Islã, também se preocupa em se abrir para a modernidade. Nesses termos, o Magreb parece oscilar entre um Ocidente leigo e um Oriente muçulmano, ao qual ele se liga pela religião e pela língua (Mimouni, 2004).

De acordo com Mimouni (2004), essa perspectiva integradora, contudo, seria combatida nos anos 1970 pelo ressurgimento e fortalecimento de um movimento integrista, que fez com que o Magreb se confrontasse à questão islâmica como cultura e como ideologia. A visão totalizante desse movimento afirma a supremacia da fé sobre o pensamento e propõe um retorno ao sagrado. Ela ignora os aportes ocidentais precedentes e recusa os novos²⁶, que considera profanos e degradantes. O Integrismo prega também a ressacralização da língua árabe e a rejeição do francês e do berbere, sem deixar espaço para as especificidades da cultura magrebina, e recusa toda contribuição não islâmica. Mimouni acrescenta que esse movimento convida a um fechamento para o mundo, sendo este considerado como agressivo,

L'idée d'un Grand Maghreb est en quelque sorte un quatrième niveau qui se situe entre l'État-nation et l'ensemble arabe, avec l'idée de la nation arabe. »

e defende que, fora a exegese religiosa, todas as outras formas de expressão artística seriam heréticas. Com isso, o Magreb convive com dois projetos de sociedade distintos, um que defende a instauração de uma democracia e ampliação das liberdades individuais e coletivas, outro que propõe a instalação de um estado islâmico fundado na *charia* (legislação islâmica).

Esse movimento integrista tem repercussões diretas na identidade do povo magrebino. Jelloun (2004) sustenta que a paisagem humana do Magreb está sofrendo violências, correndo o risco de ser desfigurada ou obrigada a operar um retraimento sobre si mesma. Isso ocorreria em função da intransigência de extremismos religiosos, cujo combate é cultural e ideológico. Ele acrescenta ainda que a identidade magrebina também foi dilacerada pela colonização, principalmente na Argélia.

Malgrado essa situação, Jelloun (2004) sustenta que aqueles que reivindicam uma identidade magrebina propõem uma inteiramente pronta, o Islã, visto que a cultura magrebina nunca se mostrou antirreligiosa ou anti-Islã. Ele subsidia sua posição dizendo que foi em nome da unidade muçulmana da população que o colonialismo foi combatido e as independências puderam acontecer. Assim, ela apresentaria a originalidade de estar em casa sem ser limitada por fronteiras, de colaborar com algo; diante disso, a busca de intercâmbios com o outro e a utilização de seu idioma são considerados por alguns como uma traição. Dessa maneira, para melhor compreender a identidade do homem magrebino, é essencial conhecer, mesmo que em linhas bastante gerais, o que define o Islã.

1.2.4 O Islã

A religião islâmica foi fundada pelo profeta Maomé (Muhamad), que viveu entre os anos de 570 a 632 d.C. Nessa época os árabes eram apenas os habitantes da península árabe, que falavam esse idioma. Eles apresentavam um estilo de vida tanto nômade (no caso dos beduínos e pastores), como sedentários (os agricultores). O estilo de vida beduíno valorizava a liberdade de movimento, a honra (sobretudo ligada ao controle da sexualidade feminina), o espírito de hospitalidade, o culto da guerra e o orgulho da pertinência, traduzido como a exaltação da pureza do sangue e da solidariedade para com o clã, valores estes compartilhados por toda a cultura árabe (Albergoni, 2004; Demant, 2008). A sociedade era organizada em tribos e imperava a cultura oral sobre a escrita; a maioria da população era politeísta, embora houvesse também alguns poucos judeus e cristãos. Maomé, que foi criado como mercador, aos

²⁶ Esse movimento recusa mesmo a importação de enciclopédias europeias, por considerar que a definição que elas fazem do Islã não é fidedigna.

40 anos começou a receber revelações do Arcanjo Gabriel, que vinha lhe revelar a palavra de Deus (Rude-Antoine, 1990; Demant, 2008). Essas revelações falavam de um Deus único e onipotente, a quem os homens deveriam venerar e se submeter (a palavra *islam* significa *submissão*). A partir de então, Maomé passou a assumir o papel de profeta e as revelações continuaram pelo resto de sua vida. As mensagens o incitavam a pregar e a converter os demais e a organizar uma comunidade de crentes. Essas mensagens foram transcritas no *Alcorão*, embora esse livro tenha sido redigido em sua versão final somente trinta anos após a morte do profeta, época em que as dissidências sobre o significado das revelações também começaram a surgir. O Alcorão estabelece tanto bases morais e religiosas quanto jurídicas e políticas, sobre as quais os habitantes de Meca (e depois de Medina) deveriam fundar sua comunidade. Desse modo, certos costumes são descartados e outros preservados, sendo que esse livro santo desempenha, diante dos Estados, um papel de legitimação²⁷.

Nesse processo de conversão de seu povo, Maomé enfrentou oposições, mas logrou a organizar, em Medina, a primeira comunidade muçulmana (*muslimin*, que significa *submetidos*) e a integrar a ela a maioria das tribos. Com isso, as solidariedades ao clã foram sendo, pouco a pouco, substituídas pela solidariedade religiosa. Nesse processo, Maomé transformou-se de pregador a líder político e militar; por ocasião da sua morte, a maior parte da Arábia central já era de religião muçulmana (Demant, 2008).

O Islã tem dogmas claros, que implicam em deveres e interditos. Os deveres do crente constituem os cinco pilares do Islã:

1. *Shahada* ou testemunho, que se trata da confissão anterior à conversão. Nela, o crente aceita Deus como sendo único e Maomé como o seu profeta. O Islã apregoa a existência de uma distância intransponível entre Deus e o homem e considera o politeísmo como pecado grave: mesmo a adoração de santos e imagens é repudiada. Deus seria eterno, onipotente e onisciente, capaz de ter acesso aos pensamentos mais secretos do homem. Este deve entregar-se a Deus e servir-lhe com obediência. Por ocasião da morte do fiel, Deus o acolheria no paraíso ou o condenaria ao inferno, segundo ele houvesse sido bom ou mau em sua vida terrena.
2. *Salat*, que significa a oração, que deve ser feita cinco vezes por dia. A reza pode ser feita em qualquer local, mas preferencialmente na coletividade

²⁷ Uma das características mais importantes das sociedades muçulmanas é, assim, a não separação entre religião, Estado, direito e moral que, antes, formam uma unidade.

muçulmana. Essa coletividade se reúne às sextas-feiras na Medina para a oração comunal.

3. *Zakat* ou esmola: todo crente deve entregar uma parcela de sua renda para fins sociais, como ajuda aos pobres, refeições comunais, entre outros. Ela simboliza a solidariedade mútua entre os fiéis.
4. *Ramadan*, que diz respeito a um mês inteiro em que o fiel deve fazer o jejum, entendido como purificação. Durante esse mês, que comemora o recebimento do Alcorão, o fiel deve se abster de comida, bebida (mesmo água) e de relacionamentos sexuais durante o período entre o nascer e o pôr do sol. Nesse mês são comuns as confraternizações familiares, que acontecem à noite e adentram a madrugada.
5. *Hajj*, que é a peregrinação a Meca e seus santuários, que deve ser feita ao menos uma vez na vida pelo muçulmano em boas condições de saúde e que disponha de recursos para tal (Demant, 2008).

A Suna é outra publicação fundamental dos muçulmanos, que engloba os ditos e os feitos do profeta, em particular, as regras ou leis de Deus. O discurso corânico, aliado à Suna, origina um direito bastante peculiar, a *charia*. Essas duas fontes originais do direito muçulmano permitem encontrar soluções para a evolução da sociedade; elas são complementadas por outras fontes derivadas, como a dedução analógica ou *al qiyas* (busca de solução de um caso recente por analogia a outro já resolvido no Alcorão); o consenso ou *al idjmā* (acordo entre sábios que lhes concede o direito de definir jurisprudência) e a preferência jurídica ou *al istihsàn* (que, em caso de dúvidas diante de um caso, faz prevalecer o interesse geral sobre o individual) (Rude-Antoine, 1990). A partir dessas raízes se estabelece o direito islâmico, cujas normas são divididas em várias categorias:

1. Normas relativas à adoração a Deus.
2. O estatuto pessoal.
3. Normas relativas ao comércio e ao gerenciamento de conflitos nessa área.
4. Normas relativas à infração e à delinquência.
5. Regras referentes à autoridade dos governantes.
6. Normas concernentes às relações do Estado islâmico com outros Estados em tempos de guerra e de paz (Rude-Antoine, 1990).

Esse direito preconizava a igualdade nas relações entre os fiéis, mas dela excluía três grupos: os escravos, as mulheres e os não muçulmanos, que constituíam as minorias religiosas, a saber, os cristãos e os judeus.

No primeiro caso, o Islã não proíbe a escravidão, embora busque minimizar os seus efeitos nefastos, exigindo que os escravos recebam um tratamento humanizado (mesmo que alguns escravos masculinos tenham sido castrados ao longo da história). Com isso, a situação do escravo era melhor do que em outros países. Os muçulmanos, ou povos que eram seus protegidos, não podiam ser escravizados; já o escravo pagão que se convertia era visto como tendo feito algo de admirável (Demant, 2008). Nos países do Pequeno Magreb, a escravidão foi abolida em 1846 na Tunísia, em 1848 na Argélia e em 1922 no Marrocos. Atualmente, nos países árabes a escravidão persiste apenas no Sudão, mas em contexto de guerra civil.

Quanto ao relacionamento com as minorias religiosas, o Islã concorda com o cristianismo sobre a existência de um só Deus, embora a adoração aos santos e o reconhecimento da Trindade lhe seja de difícil assimilação no contexto de uma religião monoteísta. Quanto ao judaísmo, o Islã nutre para com ele uma relação ambivalente. Por muito tempo a presença dos judeus foi tolerada e eles eram bem assimilados na sociedade muçulmana; contudo, após a Idade Média, essa convivência cordial passou a ser deteriorada por episódios de perseguição. Embora a maioria dos judeus tenha imigrado do mundo árabe para Israel, um antissemitismo mais agudo se instituiu no século XX no contexto da luta pela Palestina, influenciado por teorias antissemitas europeias (Demant, 2008).

Já no que concerne às mulheres, sua condição diante do Islã atualmente é objeto de inúmeros debates. De acordo com Demant (2008), o Islã se preocupa bastante com o relacionamento entre os sexos e tem posições bem definidas quanto à posição da mulher na sociedade, embora essas posições possam sofrer diferentes interpretações. Segundo Demant, no pensamento islâmico a mulher é considerada inferior intelectual e espiritualmente ao homem. Essa desigualdade está embutida no Alcorão, particularmente nas palavras do profeta de que *“Um povo cujos afazeres são regidos por mulheres não prosperará”*. Uma definição de papéis baseada no primado biológico promove uma partilha de funções em que a mulher deveria ter uma vida voltada para a maternidade ou então exercer funções econômicas subalternas, sendo que algumas profissões lhe seriam proibidas. O discurso fundamentalista muçulmano, assim, apregoa que a primeira tarefa da mulher é a maternidade e a transmissão de valores islâmicos às crianças. Seu papel público é limitado e, quanto menos ela enfatizar o seu caráter sexual (uso do lenço e de roupas sóbrias), mais ela facilita o acesso a esse espaço.

Em virtude de uma forte associação da mulher à sexualidade, e da honra do homem depender do controle da sexualidade feminina, uma segregação entre os sexos se impôs, para proteger os homens da tentação; para não distraí-los, elas rezam separadamente deles na

mesquita. O uso do véu ou do lenço (*hijab*) tem a mesma finalidade. Dentro de casa, a mulher se descobre apenas diante do marido ou de parentes com os quais ela não pode se casar.

A honra do homem e de toda a família depende do controle da sexualidade da mulher, ou seja, da virgindade das filhas, da fidelidade da esposa e da castidade das viúvas e divorciadas. A transgressão dessas normas constitui uma desgraça para a família, que somente a morte da violadora pode apagar; por conta disso, os assassinatos em nome da honra são geralmente perdoados pela lei e pelos costumes. A prostituição é proibida, mas somente a prostituta é punida, e não o cliente (Demant, 2008).

De acordo com Demant (2008), as influências ocidentais e as forças globais que colocam a mulher em contato direto com o homem vêm ameaçando a rigidez desses costumes. Entre essas forças se incluem a colonização, a independência, a urbanização, a mobilidade física e social, a maior escolarização e a entrada da mulher no mercado de trabalho. Com isso, logo se iniciaram as reivindicações femininas de uma nova liberdade, que inclui o direito de ser alfabetizada, trabalhar fora de casa, namorar e escolher o futuro cônjuge, socializar mais e ter maior participação política. Nessa situação, os homens, por sua vez, perdem suas certezas e o seu domínio tradicional, sem ganhos compensatórios; por isso, eles se sentem ameaçados por essa nova condição feminina, e a mulher “modernizada” pode ser assimilada a um dos perigos do Ocidente. Diante dessas influências e modificações, bem como da variedade de interpretações da posição da mulher dentro do próprio Islã, existe hoje uma constelação de possibilidades sobre a condição feminina, baseadas em diferentes ideologias.

Essas distinções, contudo, antes das influências recebidas do Ocidente, também se devem às três diferentes comunidades muçulmanas que surgiram em função das divergências de interpretação da Suna: os xiitas, os sunitas e os jihadistas.

A divisão entre xiitas e sunitas começou após a morte de Maomé, com discordâncias sobre a escolha de seu sucessor, já que ele não havia deixado herdeiros. O grupo xiita é minoritário e bastante tradicionalista, apegando-se a antigas interpretações do Alcorão e do direito islâmico, a *charia*. Já os sunitas constituem cerca de 90% da população islâmica. Ao contrário dos xiitas, eles sempre atualizam as interpretações do Alcorão e da *charia*, levando em conta as modificações que ocorrem no mundo e valendo-se da Suna para isso (daí o seu nome). Já os jihadistas (assim denominados pelos norte-americanos em 1990) constituem uma facção dos sunitas que crê ser necessária a luta violenta contra os infiéis para defender a comunidade muçulmana e restaurar a lei de Deus na terra.

Desde o século XIII, no Magreb é essencialmente o Islã sunita de rito maliquita que é praticado. O maliquismo é uma das quatro correntes do direito islâmico sunita e a mais antiga delas. Essa escola admite que o julgamento pessoal dos sábios pode intervir parcialmente em busca do bem comum. As outras correntes são o hanifismo, o chafeismo e o hanbalismo, sendo esta última a mais rigorosa e moralista de todas, opondo-se a todo tipo de inovação (Alili, 2004).

1.2.5 As raízes da família magrebina

Cherif (2004) afirma que até a bem pouco tempo o homem magrebino era definido por sua pertinência religiosa, familiar, ou outra (corporação de trabalho, associação de bairro...); todavia, mesmo hoje se supõe que um magrebino seja muçulmano (ou talvez judeu) e, inevitavelmente, ele é objeto da pergunta: “*filho de quem?*”. Cherif afirma que essas pertinências diversas se traduzem em lealdades e manifestações comunitárias, desde a família até a comunidade dos crentes (*ouma*) e em diferentes meios (tribos, cidades, vilarejos). Elas variariam um pouco, mas não essencialmente, segundo a organização social e sua complexidade, a saber, a vida nas tribos, nos vilarejos ou aldeias e nas grandes cidades.

No que concerne ao mundo tribal, o homem pertenceria inicialmente a uma linhagem agnática (descendente de uma mesma fonte masculina) e depois a grupos cada vez mais amplos, que manteriam entre si uma relação concêntrica. A base do sistema seria composta pela família, patriarcal e agnática, que se compunha mais frequentemente pelos filhos e netos de um mesmo pai; ela se fundava sobre os vínculos dos parentescos reais e os membros viviam sob o mesmo teto. Esse tipo de família mantinha a propriedade indivisa e funcionava como uma unidade sob a autoridade do patriarca. Nesse nível, a solidariedade seria operante em caso de morte, e a coesão econômica e social seria mantida pela prática do casamento preferencial com a filha do tio paterno (casamento árabe). Com isso, os chefes patriarcais asseguravam sua autoridade por meio do controle da produção e da reprodução. A reunião de várias células familiares constituiria uma fração da tribo, sendo a ajuda mútua e a exploração comunitária um dever para todos os membros da fração. Surgiram, assim, as instituições suprafamiliares de caráter político até o chefe do grupo. Embora a consciência de pertencer à fração fosse bastante clara, o mesmo não ocorria com relação à tribo, cujos vínculos entre os membros eram os de um sentimento confuso de fraternidade (Cherif, 2004). Nas aldeias, a célula social de base persistia sendo a família extensa, cada uma fechada em si mesma, sob o teto e a autoridade patriarcal; o “casamento árabe” também prevalecia no interior da família

ou da linhagem. A terra era partilhada em unidades de produção familiar. Os vilarejos eram divididos em bairros, cujos habitantes dispunham da mesma origem étnica ou descenderiam do mesmo ancestral. Contudo, diferentemente das tribos, a vida nos vilarejos era menos marcada pelo ideal de práticas comunitárias além do âmbito da família, uma vez que a propriedade privada familiar enfraquecia os vínculos fora desse contexto. Já nas grandes cidades, como Túnis, Argel e Fez, até o século XX, a exemplo dos vilarejos, a vida comunitária aparecia no seio da família patriarcal, que era geralmente fechada para o exterior, abrindo-se para um pátio interno, onde se localizam os cômodos da casa, ocupados pelas famílias nucleares dos filhos. O patrimônio permanecia indiviso e a autoridade patriarcal, incontestável. Todavia, desde a metade do século XX se assiste a um movimento rumo à autonomia, e a nuclearização dos lares começou a se esboçar na periferia das cidades e com as classes populares, para, depois do final da Segunda Guerra, estender-se para o restante da sociedade. De acordo com Cherif (2004), se depois dessa época a vida comunitária se enfraqueceu nas grandes cidades, a família extensa e patriarcal não perdeu as suas especificidades patrilineares. Já as relações de vizinhança superam as de pertinência étnica, salvo nos casos de minorias religiosas. Esses vínculos de natureza religiosa sustentam certas formas de vida comunitária: trata-se do sentimento de pertencer à comunidade de fiéis (*oumma*).

1.2.6 A família magrebina e suas transformações

Persistindo a família como a célula social fundamental no Magreb, o casamento é primordial: 97% da população o experimenta ao menos uma vez na vida. O celibato não é aprovado (Lacoste-Dujardin, 2004a) e a maioria dos solteiros é homem, enquanto os viúvos e divorciados são, sobretudo, do sexo feminino. De acordo com Rude-Antoine (1990), as chances de uma mulher magrebina divorciada se casar novamente é diretamente proporcional à facilidade com que ela foi repudiada. Com isso, o aumento de separações e divórcios que o Magreb assiste atualmente não é um evento que coloca em questão os valores tradicionais da família; ao contrário, ele perpetua a instituição familiar por meio da generalização do casamento.

A finalidade do casamento é a procriação, por meio do exercício de uma “sexualidade honesta e protegida” segundo preconiza a *charia*. No direito muçulmano, a filiação é unicamente patrilinear, sendo que daí resultam duas proibições, visando garantir a pureza da comunidade muçulmana: a primeira refere-se ao casamento de uma muçulmana com um não muçulmano e a segunda diz respeito à adoção, que é condenada no próprio Alcorão (Lacoste-

Dujardin, 2004b). Em acordo com esses preceitos, no que tange à vida pré-nupcial, a virgindade feminina aparece como um valor essencial (Rude-Antoine, 1990).

Segundo Rude-Antoine (1990), além das interdições acima citadas, no Magreb o casamento exige as seguintes condições:

- Existência de consentimento de ambos os cônjuges.
- Livre vontade.
- Obrigatoriedade, no Marrocos e na Argélia, da presença de um tutor para a mulher, mesmo sendo ela maior de idade.
- Casamento por mandato autorizado.
- No Marrocos e na Argélia a poligamia é permitida, mas é limitada a no máximo 4 esposas para o homem.
- Interdição do casamento entre cônjuges que tiveram a mesma “ama de leite” (considerado incesto).
- Levirato autorizado.
- Interdição do casamento com homem ou mulher politeísta.
- Exigência (relativa) do dote²⁸.
- No Marrocos e na Argélia, ausência da obrigatoriedade de exame pré-nupcial.

Nos casos de um segundo casamento é necessário observar alguns prazos para as mulheres: a) 4 meses e 10 dias para as viúvas; b) 3 períodos menstruais para a mulher repudiada ou divorciada; c) para a mulher grávida até o nascimento do bebê.

Se, no que concerne à vida pré-nupcial, a virgindade feminina é praticamente obrigatória, para o homem o ato sexual anterior ao casamento não é reprovado. Para a mulher, contudo, a realização de exames médicos pré-nupciais suscita reações abundantes relacionadas à preservação do hímen. Apesar das diferenças entre os três países do Magreb, as exigências nessa questão são bastante parecidas: obrigatoriedade de exames pré-nupciais na Tunísia e certificado de virgindade no Marrocos e na Argélia.

Quanto à escolha do cônjuge, se nos tempos tribais o patriarca tinha o direito de escolher o cônjuge de seus filhos, o código islâmico aboliu esse costume e não mais aceita esse tipo de imposição matrimonial forçada; com isso, obrigatoriamente, o casamento implica no consentimento de ambos os cônjuges. Desse modo, o casamento, que na prática era um

²⁸ Nesses casos é o homem quem paga o dote para a mulher, como uma garantia ou um presente de casamento. É possível também que a família da noiva ofereça uma quantia ao noivo para o casal começar a vida, em geral o dobro do que o noivo gastou com ela em presentes. Embora o dote pertença à noiva, ele é pago aos pais dela, para que eles comprem para a filha os bens necessários para a casa. O pagamento direto à noiva é uma exceção.

acordo entre duas famílias, transformou-se em um acordo consentido pelos futuros esposos. Todavia, a aprovação da família continua sendo essencial, embora as estratégias matrimoniais possam assumir diversas formas: a filha fala com a mãe sobre o seu interesse por um homem e a mãe conversa com o pai para ver se ele está de acordo; o noivo fala com os pais da noiva para propor o casamento e não diretamente com ela; o noivo conversa com os seus pais e estes com os pais da noiva; a mãe do noivo conversa com os pais da noiva, entre outras formas. Desse modo, as mães da noiva e do noivo desempenham um papel importante na escolha dos cônjuges de seus filhos; elas podem se encarregar das transações e organizar os encontros entre os futuros noivos. A mulher não teria o direito de se casar sem esse consentimento dos pais, mas, eventualmente, o pedido de acordo para que a união aconteça pode ser feito a um irmão mais velho, aos avôs ou tios. Aqui é que entra em jogo a presença de um tutor para a mulher (*walî*), mesmo sendo ela maior de idade. O *walî* é a pessoa que propõe ou aceita o casamento em nome da mulher que ele representa, e a obrigação de sua presença constitui um modo de intervenção discreto, mas eficaz para restringir a liberdade matrimonial. Todavia, essa interferência pontual sobre os direitos da mulher suscita certas resistências e é mesmo questionada por algumas magrebínas, que se casam sem o consentimento da família (Rude-Antoine, 1990).

Essas estratégias para os arranjos matrimoniais não são desvinculadas das preocupações patrimoniais e econômicas, atrelando-se diretamente à questão do dote. De acordo com Rude-Antoine (1990), o dote seria um meio de assegurar um equilíbrio econômico entre os grupos. Sendo assim, esse costume substituiu um anterior que, concebendo a fecundidade feminina como um importante elemento econômico-demográfico, implicava em que a família do noivo, em troca de receber a noiva, ofereceria uma irmã dele à família de sua futura esposa, para se casar com um irmão dela. Mesmo como concebido atualmente, o dote pode assumir formas variadas, como o oferecimento de bens pela mulher ou pelo marido para custear as despesas do casamento, ou bens cedidos por um terceiro a um dos noivos para que o casal se estabeleça. Entretanto, nas famílias magrebínas o casamento sem dote também é possível, embora seja menos difundido. A questão do sentido do dote é fruto de discussão, se ele apresentaria um caráter meramente utilitário ou religioso, visto que o Alcorão, retomado pela Suna, descreve que o homem deve oferecer livremente um dote para a mulher; porém, esse elemento não é considerado essencial para a realização do casamento. Em sua investigação sobre o casamento magrebino na França, Rude-Antoine (1990) verificou que o trabalho da mulher é um fator suscetível de influenciar a evolução do casamento e, em consequência, o problema da compensação matrimonial. Assim, ela observou que nos casos

de casamento sem dote existe um engajamento mais massivo das mulheres no mercado de trabalho. Desse modo, o dote, simbolicamente, oporia dois pólos:

- O casal tradicional conservador (a mulher do lar, que recebe um dote), em que a identidade se formaria na família; nesses casos, o pai permaneceria como o principal responsável pelos acordos e pela gestão do dote.
- O casal progressista (mulher com dote e assalariada), em que a mulher não é apenas responsável pelo casal e pelo futuro da família, mas também um ponto de apoio na jornada rumo à modernidade; a mulher que receberia o dote asseguraria a valorização dos bens (Rude-Antoine, 1990).

No que concerne à poligamia, mesmo nos países onde é autorizada, ela é pouco praticada (cerca de 5% dos casais). Ela tem se tornado uma instituição marginal, principalmente pela impossibilidade de dispensar tratamento igualitário a todas as mulheres, conforme exigido no Alcorão. Essa inviabilidade levou à abolição dessa prática no direito tunisiano. Na Argélia e no Marrocos a condição igualitária do tratamento é deixada a cargo da livre apreciação do marido, mas a poligamia, ou sua intenção, deve ser comunicada às esposas precedentes ou futuras; desse modo, uma mulher pode optar por uma união monogâmica.

Com relação ao que é ou não considerado incesto, todas as escolas corânicas proibem o casamento com todos os ascendentes e descendentes legítimos e em linha colateral (entre irmãos, entre tios e sobrinhas e entre tias e sobrinhos). Embora a aliança por meio do casamento seja equivalente a um vínculo de parentesco consanguíneo, os ascendentes ou descendentes do cônjuge não são tocados por esse impedimento; assim, numa situação de morte do marido, uma mulher pode se casar com o cunhado (levirato).

Além do parentesco consanguíneo e por aliança, dentre os muçulmanos existe também o parentesco por aleitamento, que toca a ama de leite, seu marido e seus descendentes. Desse modo, é proibido o casamento entre uma criança e sua ama-de-leite, e com todos os seus ascendentes ou descendentes, tias paternas e maternas. Embora algumas escolas corânicas puguem que, para essa interdição, é necessário considerar o tempo de aleitamento e a quantidade de leite ingerido, para outras basta que a lactação ocorra uma única vez para que o parentesco seja estabelecido.

Por sua vez, o casamento entre primos é permitido, e mesmo favorecido, visto que as possibilidades de encontro com o sexo oposto são reduzidas, principalmente para a mulher. Se esse tipo de endogamia é ora criticado, ora admirado, a endogamia confessional permanece intocada para as mulheres: uma muçulmana não pode se casar com um não muçulmano; esse

tipo de união, além de não ser reconhecido pela *charia*, é considerado um pecado grave²⁹. Isso acontece porque a disparidade de culto coloca em causa todo um sistema de valores, bem como toda uma organização social, política e econômica do grupo cultural. Rude-Antoine (1990) explica que para compreender esse processo é necessário ter em conta que as regras de parentesco e de casamento não se tornaram mais necessárias pelas condições da sociedade, mas elas são, em si mesmas, as condições da sociedade. Essas regras remanejariam as relações biológicas e os sentimentos naturais, como uma forma de submetê-las a uma posição nas estruturas que as implicam e obrigando-as a ultrapassarem suas primeiras características. Os prazos exigidos para que uma mulher, viúva, repudiada ou divorciada se case pela segunda vez vão nessa direção: eles têm como objetivo evitar a confusão de paternidade de uma criança que possa dela nascer durante esse tempo. Esse objetivo está em acordo com a lógica das sociedades patriarcais e patrilineares, nas quais a finalidade primeira da sexualidade conjugal é a reprodução biológica. Nesse contexto, uma mulher que é repudiada antes da consumação do casamento, não necessita esperar por esse prazo. A mulher repudiada por três vezes somente pode se casar novamente com o homem que a repudiou após haver se casado com um homem diferente e ser novamente repudiada por ele; nessas condições, ela deve respeitar os prazos estipulados para o(s) casamento(s), ou seja, três períodos menstruais, se não estiver grávida, e até o parto, se estiver. O código marroquino ainda estipula o prazo de um ano nos casos em que a mulher sofra de graves transtornos menstruais.

Na Argélia e no Marrocos, os códigos de direito da família estabelecem idades mínimas para que duas pessoas se casem. Na Argélia, essa idade é de 21 anos para o homem e 18 para a mulher, enquanto no Marrocos ela é de 18 anos para o homem e 15 para a mulher. Todavia, casamentos entre pessoas mais jovens podem ser autorizados por razões imperiosas e no interesse dos noivos. Mesmo assim, Rude-Antoine (1990) encontrou, em sua investigação, testemunhos sobre a possibilidade de comprometer crianças mais jovens para um futuro casamento, no intuito de salvaguardar interesses econômicos e de preservar mais facilmente a virgindade da menina. Essa prática, contudo, vem se tornando cada vez mais rara e os casamentos têm acontecido cada vez mais tardiamente. As razões para essas modificações são diversas: a percepção da necessidade de uma maior maturidade do casal para a melhor qualidade da união; as preocupações com os efeitos de um exercício precoce da sexualidade e da gravidez no corpo feminino; a prática do dote, que, em casos de um nível econômico menos favorecido, obriga os noivos a esperarem mais para se casarem.

²⁹ Por outro lado, um homem muçulmano pode se casar com uma mulher não muçulmana.

Quanto à concretização do casamento, não sendo a *charia* um direito formalista, os documentos escritos para oficializar o evento não têm o mesmo peso que no Ocidente³⁰, sendo que o mais importante para oficializar a união é a presença das duas testemunhas³¹. Desse modo, o casamento permanece como essencialmente privado, mas, por ser anunciado (como exigência do Alcorão), ele permite que a sociedade participe da fundação do novo lar. Assim, sua publicidade se faz, sobretudo, por meio de ritos e festas; estas duram entre 3 e 7 dias.

No que concerne ao casamento por mandato, forma de união permitida pelo direito muçulmano, ele pode ser de dois tipos. No primeiro, denominado mandato absoluto, um homem ou uma mulher concede todo o poder a seu mandatário que, sozinho, deverá escolher para ele/ela um esposo ou uma esposa. No segundo, mandato restritivo, a pessoa designa a seu detentor exatamente o homem ou a mulher com quem deseja se casar sob condições precisas, físicas, sociais e morais³². Esse tipo de casamento permite a todo magrebino residente no exterior de contratar casamento em seu país de origem, sem sua presença efetiva (Rude-Antoine, 1990).

Se essa constelação de características do casamento no Magreb, particularmente no Pequeno Magreb, encontra-se coerentemente ancorada num modelo patriarcal de família, as modificações que esta vem sofrendo são também acompanhadas por transformações importantes na própria estrutura dessa célula social.

Nesse sentido, Lacoste-Dujardin (2004a) descreve que desde os últimos tempos têm ocorrido nessas sociedades uma maior liberação da ideologia patriarcal, que é inversamente proporcional ao grau de organização da sociedade. Segundo ela, as aspirações à mudança, induzidas pela obsolência da patrilinearidade e pelo confisco de grande parte do poder do pai pelo Estado vão de encontro a uma tendência à contração da ideologia da grande família, tendência esta que é reforçada por correntes políticas sustentadas por interpretações integristas da religião. Com isso, dois movimentos se esboçariam em sentido inverso, um deles destruidor e o outro conservador de solidariedades antigas. Nesse sentido, na Argélia, por exemplo, as insurreições posteriores à guerra da independência, o declínio da agricultura e os deslocamentos da população conduziram a importantes modificações nas estruturas familiares, que hoje se apresentam de forma bastante variada.

³⁰ O Marrocos introduziu um documento escrito certificando o casamento, que é redigido por duas testemunhas honoráveis; na Argélia é oferecido aos noivos um extrato de registro do estado civil e na Tunísia a certidão é redigida por dois tabeliães ou diante de um oficial de estado civil.

³¹ Essas duas testemunhas devem ser preferencialmente do sexo masculino.

³² Na Tunísia, entre os casamentos por mandato, somente o restritivo é permitido.

A proporção dos lares complexos, que eram mais próximos das estruturas patrilineares, ou seja, aqueles que agrupam várias gerações de uma mesma família, vem diminuindo, mesmo nas zonas rurais. Esses lares estão cedendo lugar a outros, de estrutura vertical, ou seja, o pai vivendo com o filho; ou horizontais, como lares de irmãos; ou formas combinadas, como o pai que vive com seus filhos. Esses lares podem ainda ser fiéis à ideologia patrilinear, mas não são mais sustentados pelos fundamentos econômicos e sociais que a subsidiavam anteriormente. Hoje, esses lares constituiriam mais unidades de consumo e, com isso, a sua produção e organização passaram a escapar da gestão da família. Nesses termos, eles vêm se adaptando às condições econômicas modernas, que permitem uma diversidade de fontes de rendimentos (com os homens podendo trabalhar em setores diferentes), garantindo, assim, aportes financeiros mais estáveis.

Embora venham escasseando, esses lares complexos ainda são maioria no Magreb; eles têm a vantagem de melhor suportar o encargo de pessoas idosas, doentes, de indivíduos marginalizados e desempregados. Ao lado dessas famílias, contudo, um movimento rumo à nuclearização vem surgindo, com os lares conjugais representando pelo menos um quarto da população (Lacoste-Dujardin, 2004a). Essa situação, contudo, encontra certa resistência por conta da sobrevivência da ideologia da grande família; com isso, muitas vezes a autonomização conjugal e a separação dos outros parentes são vistas como traição e punidas com a exclusão da rede de solidariedade patrilinear. Mesmo nessas famílias conjugais, o casal em geral coabita com um ascendente, mais comumente com a mãe do marido. Os lares unipessoais, por outro lado, praticamente não existem, pela condenação que o celibato sofre tanto por parte da ideologia patrilinear como do Islã.

Nesse contexto, de acordo com Lacoste-Dujardin (2004a), o peso das representações patriarcais e patrilineares permanece pairando sobre as famílias magrebínas, onde se vive ainda sob o domínio da honra da linhagem e da autoridade paterna, imposta sem apelos a despeito das iniciativas do Estado para atenuá-las. Com isso, a segregação entre homens e mulheres persiste e, mesmo o ensino misto é colocado em causa pelos integristas. Da mesma maneira, os papéis e funções atribuídos a homens e mulheres não sofreram alterações. O diálogo visando a negociação é escasso, principalmente entre pais e filhos. A hierarquia familiar impõe ainda a superioridade e a independência masculinas, às quais a mulher deve se submeter sem discussão. O lar segue sendo o espaço feminino e a rua, o masculino. Quanto às mulheres e às filhas, a emancipação e a escolarização são também frequentemente contidas. Com isso, mesmo nas novas famílias conjugais, essa ideologia permanece e, ainda, a mulher perde a ajuda das outras mulheres da família extensa na educação dos filhos. Existiria, assim,

um bloqueio nos relacionamentos e, no seio desses lares, segundo Lacoste-Dujardin, a relação afetiva mais forte não é aquela entre os cônjuges, mas entre a mãe e seu filho.

Nessas novas famílias, a desagregação, decorrente do divórcio, também se tornou mais evidente, prova da maior instabilidade conjugal; assim, no Marrocos, por exemplo, o número de casamentos desfeitos chega a 25%; em consequência, existe também um aumento do número de domicílios familiares chefiados por mulheres. A maior parte dessas últimas (divorciadas e viúvas) vive na cidade, tem mais de 35 anos, baixo grau de instrução, empregos mal remunerados, além de se encontrarem geralmente distantes do ambiente da família de origem que poderia assegurá-las (Lacoste-Dujardin, 2004a).

A maior intervenção do Estado sobre essas famílias também gerou outras consequências, visto que ele assumiu muitas das responsabilidades que antes cabiam a ela. Com isso, não é mais a família, mas sim o Estado, que rege a instrução da criança, o aprendizado do trabalho e a transmissão da cultura. Os membros, agora, são apenas acessoriamente “filhos de fulano”; com isso, ela agrupa cidadãos sem genealogia, e as pertinências podem ser deslocadas para outros tipos de comunidades, por exemplo, as religiosas e políticas (Lacoste-Dujardin, 2004a).

1.2.7 Os magrebinos da França

De acordo com os dados do recenseamento de 2011, dos 66,3 milhões de habitantes da França, mais de 5 milhões e seiscentos mil são imigrantes, 29,6% deles oriundos do Pequeno Magreb. Eles procedem principalmente da Argélia (13,1%) e do Marrocos (12,1%), sendo que a Tunísia contribui com os 4,4% restantes. Isso significa que atualmente mais de 737 mil argelinos, mais de 679 mil marroquinos e mais de 246 mil tunisianos vivem na França, totalizando mais de 1 milhão e seiscentos mil imigrantes dessa região. O número de crianças magrebinas convivendo com pelo menos um de seus pais na França (a segunda geração) é de 820 mil, divididos em 360 mil crianças argelinas, 350 mil marroquinas e 110 mil tunisianas, o que configura, respectivamente, 17, 16 e 5% da população do país (INSEE, 2015). Esses números testemunham que, em se tratando de imigração, a França é o destino preferido dos magrebinos.

O processo imigratório dos magrebinos para a França, embora iniciado no período anterior à Primeira Guerra Mundial (entre 1904 e 1914), foi nessa época bastante discreto, contando cerca de apenas 10000 trabalhadores norte-africanos; ele aumentou consideravelmente após esse conflito mundial, sendo que em 1919 a administração francesa

avaliou em até 132 mil o número desses imigrantes em seu território (Ageron, 1985). Todavia, o maior desenvolvimento desse fluxo migratório, levando-o a adquirir dimensões fenomenais ocorreu a partir dos anos 1950 e persistiu nas décadas seguintes. Foi assim que os 554 mil argelinos presentes na França se transformaram nos 737 mil atuais e que a população do Marrocos nesse território triplicou no mesmo período de tempo (INSEE, 2015).

De acordo com Ageron (1985), um fenômeno tão vigoroso e longo não poderia ser explicado por uma única razão. Desse modo, ele descreve os fatores de natureza diversa que encorajaram esse movimento. Nesse sentido, nessa época se assistiu ao apelo de industriais franceses pela mão de obra magrebina; o desejo de vários desses habitantes norte-africanos de escapar das condições de miséria e subemprego, visando uma vida melhor; a atração deles pela metrópole; o deslocamento “natural” de zonas extensamente povoadas para outras de baixa densidade demográfica; a permanência de uma decisão política. Esse último fator diz respeito a que, se na época da colonização a metrópole regulamentou a importação de trabalhadores magrebins para o seu território segundo a sua conveniência, posteriormente a esse período os próprios Estados magrebins se encarregaram de criar as condições que facilitassem a entrada e saída de seus habitantes na França, na tentativa de solucionar problemas internos como o desemprego.

Ageron (1985) afirma que foi apenas após a Segunda Guerra Mundial que a França estabeleceu uma política de imigração cuidadosa: por razões políticas, dentre os 310000 trabalhadores imigrantes que ela buscava acolher para efetuar a reconstrução do país, ela se esforçou para que 90000 viessem do norte da África. Todavia, em 1947, os Ministérios do Interior e do Trabalho se deram conta da existência de 80000 argelinos desempregados no país e passaram a se opor a novas contratações de imigrantes. Essa situação se modificou novamente nos anos 1960, por ocasião de um importante crescimento econômico na França, que suscitou a crença na necessidade de um novo recurso à imigração. Todavia, o afluxo espontâneo dos imigrantes magrebins contrariou todas as previsões, e a França tentou mesmo colocar freios à chegada deles. Para tanto, foi firmado um acordo franco-argelino, assinado em 1964, que fixava unilateralmente o número de argelinos que poderiam entrar na França por trimestre, em função das disponibilidades do mercado de trabalho. Não obstante, em 1968 o governo francês autorizou a entrada de 35000 novos imigrantes e de 25000 em 1971, o que revela, segundo Ageron, a perda de controle do governo sobre a imigração, que ficou reduzida a um *laissez faire-laissez passer*. Foi somente a partir de 1974 que o governo francês buscou efetivamente diminuir a entrada de imigrantes e facilitar uma política de retorno deles aos países de origem. O fracasso dessa política foi tal que, além de não conter o

fluxo imigratório, ela ainda assistiu à legalização de 130000 trabalhadores clandestinos entre 1981 e 1982 (Ageron, 1985; INSEE, 2015). O fluxo imigratório continuou mesmo após essa data, que marca, aproximadamente, segundo os dados do INSEE (2015), a mediana do ano de chegada dos argelinos e dos marroquinos na França (para os tunisianos, essa data é 1980). Assim, de acordo com o INSEE, entre os imigrantes da Argélia e da Tunísia que residiam na França em 2008, 25% deles haviam chegado a esse país antes dos anos 1960, um pouco mais cedo que os 25% dos marroquinos, que chegaram em meio à década de 1970. No final dos anos 1990, 75% dos imigrantes procedentes do Pequeno Magreb já haviam se instalado na França.

Essa situação de uma longa convivência na mesma região geográfica, precedida do intercâmbio relativamente extenso da época da colonização, não contribuiu, no entanto, para promover um relacionamento isento de arestas. Estas não foram aparadas, mesmo que os magrebinos imigrantes na França não sejam totalmente impermeáveis aos efeitos da cultura de seu país de destino, e que os franceses, em nome de seu ideal de liberdade, empreendam esforços deliberados para acolher essas pessoas que escolheram o seu país como sua nova pátria. A convivência, ao contrário, é muitas vezes tensa e objeto de um intenso debate político que se estende a toda a população. Se a descrição que fizemos sobre o homem francês e o magrebino (especialmente o muçulmano) nos permite adivinhar onde esses embates se situam, uma breve descrição da situação dos magrebinos/muçulmanos na França possibilitará melhor compreender os cenários em que eles ocorrem e como se expressam no dia a dia dessas populações.

Nesse sentido, de acordo com Leveau e Mohsen-Finan (2005), a instalação em grande escala de imigrantes muçulmanos na Europa em geral, e na França, em particular, engendra situações que tornam cada vez mais difícil diferenciar entre o interno e o externo, as fronteiras geográficas das fronteiras de identidade, o que poderia criar um novo tipo de estrangeiro dentro do espaço nacional e europeu. Essa integração é plena de conflitos e, se de um lado os imigrantes magrebinos insistem que suas especificidades sejam levadas em conta nesse país e em uma reivindicação de cidadania do Islã, de outro, a herança francesa parece pouco inclinada a atendê-los. Isso acontece porque essas demandas de cidadania, de recomposição de identidades religiosas e a maneira de investir o espaço local e europeu fragilizam antigos modelos nacionais (como a laicidade francesa), que inquietam o país receptor. Desse modo, mesmo que várias instituições tenham sido criadas com o objetivo de representar esses crentes e de identificar suas especificidades, Leveau e Mohsen-Finan consideram que elas se mostraram pouco eficazes para gerir os problemas com que os muçulmanos se defrontam

cotidianamente no espaço europeu e na França em especial, como o racismo, a estigmatização e a islamofobia.

O termo *beur*, que significa árabe em “verlan”³³, e que é utilizado desde os anos 1980 para designar os jovens que vivem na periferia de Paris, reenvia, segundo Wenden (2005), a uma realidade social que evoca esse local e as cidades dormitórios (onde se instalaram os primeiros trabalhadores magrebinos imigrantes na França) e também aos movimentos e participações associativas dessa população. Esse termo, de acordo com Wenden, desvelaria a situação social desses jovens, expostos a exclusões, suspeitas e discriminações diversas, que, além do local de moradia, seriam também testemunhadas pela sua escolarização mais curta, mesmo que o seu rendimento não difira tanto dos alunos franceses. Desse modo, mesmo se foi também possível a emergência de elites socioeconômicas dentre os imigrantes magrebinos (a “*beurgeoisie*”), que reiteradamente afirma a sua aliança ao Estado a despeito de conflitos entre este último e os países árabes, elas ainda são vistas com desconfiança pelo entorno.

Essa segregação, contudo, caminha em estreita sintonia com as dificuldades para definir uma identidade capaz de integrar os valores do país de origem e o de acolhimento. Wenden (2005) descreve que, nessa empreitada, a identidade é negociada no dia a dia, em uma bricolagem sutil da dupla pertinência.

Visto que o grande problema da integração dos magrebinos na cultura e na sociedade francesa decorre das incompatibilidades entre os valores do Islã e os da República, vale a pena lançar um olhar mais atento sobre a natureza dessas diferenças, que constituem o pano de fundo para as dificuldades cotidianas encontradas na convivência entre magrebinos e franceses.

1.2.8 O Islã e a República

Antes de iniciar essa discussão é necessário ter em conta que, além das diferenças entre as correntes e escolas do Islã que descrevemos, existe uma distinção fundamentalmente importante entre o Islã praticado nos países europeus em relação, por exemplo, ao da região balcânica³⁴. Os muçulmanos dessas duas regiões se diferenciam em várias categorias socioeconômicas e culturais e também em sua inscrição no contexto político, principalmente

³³ Especificidade do idioma francês que é, sobretudo, falada na periferia; trata-se de um tipo de gíria que implica em inverter a ordem das sílabas das palavras.

³⁴ Essa região é composta pelos seguintes países: Albânia, Grécia, parte da Turquia na Europa, Romênia, Bulgária, além das Repúblicas que compunham a antiga Iugoslávia: Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Montenegro, Macedônia, Sérvia e Kosovo.

em função dos anos de governo comunista dos territórios Balcãs. Nesse sentido, a diferença que gostaríamos de sublinhar é que, enquanto na Europa os muçulmanos reivindicam serem reconhecidos como comunidade religiosa, mas sem colocar em causa as instituições políticas e as fronteiras territoriais, os muçulmanos dos Balcãs recusam um estatuto de minoria religiosa para se identificarem a um Estado nacional já constituído. Desse modo, para os balcânicos, as identidades nacionais ou étnicas cumprem um papel mais importante do que as religiosas. Assim, enquanto na França os debates se situam em torno das práticas religiosas (uso do véu e da burca, por exemplo), nos países Balcãs eles se referem mais a matérias de estatuto nacional como o idioma e a História (Bougarel, 2005). É por conta disso que o Islã europeu, particularmente na França, entra em choque com a laicidade republicana, choque esse que é bem maior do que os seus afrontamentos com qualquer outra pertinência religiosa. A laicidade francesa teria suas raízes na ideologia do Iluminismo, em sua luta contra o obscurantismo medieval cristão, veiculando mesmo uma imagem positiva do Islã como uma religião de moderação, tolerância e abertura. Todavia, essa visão benevolente foi suplantada no século XIX, na época dos imperialismos europeus, em que, principalmente após a Revolução Francesa, o Islã foi colocado em posição de igualdade com o cristianismo medieval (Geisser, 2005). A partir daí, a religião foi relegada ao espaço privado da escolha individual e não a um espaço público, social e cultural.

A França, sendo leiga, universalista e, portanto, tolerante, se reportaria ao Islã com a mesma atitude crítica que nutre para com as outras religiões. Por conta disso, embora bastante presente no debate público, o termo “islamofobia” é recusado por vários intelectuais franceses, que o consideram como uma estratégia de combate dos próprios muçulmanos para deslocar a discussão, por parte deles, de um antirracismo em favor de uma luta contra a blasfêmia. Esses intelectuais ainda afirmam que a palavra islamofobia tem sido usada para desqualificar aqueles que lutam contra os integristas, a começar pelas feministas e pelos muçulmanos liberais. Todavia, Geisser (2005) sustenta que existe uma islamofobia muito particular à França, que, em suas origens, encontra-se mergulhada em um “complexo de pureza republicana” e em uma atitude de superioridade universalista do modelo republicano, ao qual caberia conduzir os muçulmanos, numa missão de emancipação deles. Tratar-se-ia de uma atitude de auxiliá-los a se tornarem bons cidadãos, respeitando a sua fé, mas dentro dos limites de uma sociedade leiga. Em acordo com esse ponto de vista, a “islamofobia à francesa” se traduziria muito menos por atos anti-muçulmanos do que por uma islamofobia ideológica ou intelectual, refugiada no direito à crítica das religiões.

Essa oposição repercute na formação da identidade do imigrante magrebino que, como vimos, deve ser sempre negociada. Assim, muitos franco-magrebinos aspirariam à invisibilidade, a uma promoção social modesta com uma identidade discreta, enquanto outros buscam articular suas diferenças e, ainda, outros vivem numa posição ambígua, misturando valores republicanos e funcionamentos comunitários (Wenden, 2005). Essa ambiguidade transparece principalmente no cotidiano das crianças, sobretudo nas meninas, em que os valores requeridos pela família são muitas vezes antagônicos àqueles ensinados na escola; essa dissociação pode resultar em fugas ou rupturas com uma ou outra instituição, embora esses casos não sejam demasiado frequentes.

De acordo com Mohsen-Finan e Geisser (2005), as crianças, inseridas no contexto de uma escola leiga, experimentam dificuldades para se comunicarem com os seus pais, não falando mais o mesmo idioma que eles, nem compartilhando mais dos mesmos valores e normas do comportamento dos adultos imigrantes. Em vários casos, a imagem do pai, confrontado ao desemprego e à precariedade, perde muito de sua força e se torna desvalorizada, levando ao fracasso das tentativas desse genitor de transpor para o novo país o sistema cultural de origem. A transmissão da educação, dessa maneira, vai se mostrando inadaptada ao contexto familiar da criança, processo que pode culminar numa distância, justificada pelo fato de os pais sustentarem um Islã tradicional, que não se coaduna com as expectativas dos filhos, que buscam um Islã “mais universal”. Por outro lado, a manifestação de um novo proselitismo islâmico, que inclui a contestação do conteúdo dos programas de disciplinas como a História e as Ciências, a apresentação de falsos atestados médicos pelas meninas para serem liberadas das aulas de Educação Física, a recusa delas, por ocasião de provas, de serem examinadas por um professor do sexo masculino, e professoras e diretoras que vêem sua autoridade ser contestada por alunos e por seus pais, ameaçam os princípios que regem o serviço público francês.

Essas viabilidades de integração identitária diversas parecem ser pelo menos em parte responsáveis pelo pluralismo de representações religiosas do Islã na França, conforme observado por Frégosi (2005), ao mesmo tempo em que são alimentadas por ele. Como essas múltiplas articulações não conduziram a uma assimilação mais sintônica do Islã nesse país, Frégosi sinaliza alguns desafios que os muçulmanos devem ultrapassar para ancorar o Islã no quadro da laicidade francesa. Com esse objetivo em vista, ele retoma as reflexões de Tareq Oubrou (2004, conforme citado por Frégosi, 2005) de que se os muçulmanos residentes na França podem praticar em toda discrição e respeitar a integralidade dos preceptos de sua religião, as regras e disposições concernentes às relações sociais devem, em contrapartida,

adaptar-se ao contexto cultural e jurídico francês. Ele também defende que o Islã deve ser vivido e pensado dentro do contexto da laicidade, visto que ela é um dado incontornável e estruturante da identidade nacional francesa. Assim, o Islã deve compor com a laicidade, compreendida como uma realidade filosófica, mas também jurídica. Desse modo, o Islã faria, na França, a experiência de uma situação minoritária, num ambiente secularizado e no qual a religião é uma questão de opção. Enfim, para Frégosi, o desafio dos muçulmanos é o de pensar o Islã dentro da laicidade ao invés de pensar a laicidade no Islã. Em termos de estratégia de articulação identitária, Frégosi descreve duas correntes. Na primeira, tratar-se-ia de atenuar a dimensão normativa do Islã em favor da crença, da dimensão interior, da espiritualidade; com isso, a fé deveria primar sobre a lei. Na segunda vertente, ao contrário, a integração dos muçulmanos deveria ser acompanhada de uma normatividade que permitisse uma ortodoxia mínima dentro de uma sociedade leiga. A justificativa desse ponto de vista é a de que, sendo o Islã um composto de fé, de lei e de método, a normatividade não poderia ser deixada de lado. A ideia central dessas possibilidades de integração é a de que se a *charia*, como lei divina, é considerada universal e imutável, em sua concretização prática ela poderia ser adaptada territorialmente, principalmente onde os muçulmanos não são maioria e em sociedades que não são historicamente muçulmanas.

De acordo com Leveau (2005), se a maioria dos imigrantes magrebinos na França escolhe o caminho de uma integração, não se deve subestimar o aparecimento de uma minoria, principalmente após o atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que desenvolveu um discurso de rejeição formal, capaz de se traduzir em um comportamento neocomunitário reafirmado e de fornecer a base de uma solidariedade islâmica transnacional, rejeitando o Ocidente em todas as suas formas. Segundo Leveau, se essa corrente permanece a mesma, mesmo mais de 10 anos após o 11 de setembro, suas tendências marginais são mais visíveis e resultam em afrontamentos simbólicos que aparecem como uma “guerra de culturas”. Eventualmente, pela ação de grupos ou indivíduos extremistas, mesmo esse caráter simbólico se perde como revelado nos atentados terroristas empreendidos na França entre 7 e 9 de janeiro de 2015 ao *Charlie Hebdo* e ao Hipermercado Casher, que são passíveis de intensificar essa mesma reação de rejeição ao Ocidente.

Desse modo, se os atentados de 11 de setembro de 2001 suscitaram na Europa o receio da importação, no campo nacional, dos conflitos do mundo exterior, paradoxalmente, eles também colaboraram ou aceleraram um processo de integração dos grupos oriundos da imigração magrebina, valorizando sua relação com o Estado francês e a sua observância ao presidente Jacques Chirac. Analogamente, quando, em janeiro de 2015, os atentados adentram

novamente o solo francês, duas vertentes parecem se esboçar. A primeira é de um autoquestionamento dos próprios franceses que engendra um debate sobre até que ponto a própria laicidade não está sendo transformada em uma religião; a segunda refere-se ao cuidado para que as agressões e mortes ocorridas (17 no total) não sejam respondidas de uma maneira desproporcional, numa política do Talião (Rouart, 2015). Diante dessa preocupação, em seu discurso após esses ataques, o presidente François Hollande reiterou que não seriam toleradas quaisquer manifestações anti-islâmicas, que os muçulmanos eram as primeiras vítimas do fanatismo e do fundamentalismo e que terrorismo não deve ser confundido com Islã. O primeiro ministro-francês, Manuel Valls, exprimiu melhor essa posição em seu discurso de 13 de janeiro de 2015 na Assembleia Nacional:

É necessário dizer as coisas claramente: sim, a França está em guerra contra o terrorismo, contra o jihadismo e o islamismo radical. A França não está em guerra contra uma religião. A França não está em guerra contra o Islã e os Muçulmanos. A França protegerá, e o presidente da República, também o lembrou nessa manhã, a França, como ela sempre fez, todos os seus concidadãos, aqueles que creem e aqueles que não creem. Com determinação, com sangue-frio, a República vai dar a mais forte das respostas ao terrorismo, a firmeza implacável no respeito ao que nós somos, um Estado de direito (Valls, 2015, [s.p.])³⁵.

Valls (2015) prossegue:

A uma situação excepcional devem corresponder medidas excepcionais³⁶. Mas eu também o digo com a mesma força: nunca medidas de exceção que degradem os princípios de direito e de valores. A melhor das respostas ao terrorismo que deseja precisamente destruir o que nós somos, ou seja, uma grande democracia, o direito, a democracia, a liberdade e o povo francês³⁷ [s.p.].

³⁵ « Il faut toujours dire les choses clairement : oui, la France est en guerre contre le terrorisme, le djihadisme et l'islamisme radical. La France n'est pas en guerre contre une religion. La France n'est pas en guerre contre l'islam et les Musulmans. La France protégera, et le président de la République l'a également rappelé ce matin, la France protégera, comme elle l'a toujours fait, tous ses concitoyens, ceux qui croient comme ceux qui ne croient pas. Avec détermination, avec sang-froid, la République va apporter la plus forte des réponses au terrorisme, la fermeté implacable dans le respect de ce que nous sommes, un Etat de droit. »

³⁶ As novas medidas antiterroristas que o governo francês busca realizar ou aperfeiçoar baseiam-se em quatro pilares principais: a segurança, a informação, as prisões e a internet.

³⁷ « A une situation exceptionnelle doivent répondre des mesures exceptionnelles. Mais je le dis aussi avec la même force : jamais des mesures d'exception qui dérogeraient aux principes du droit et des valeurs. La meilleure des réponses au terrorisme qui veut précisément briser ce que nous sommes, c'est-à-dire une grande démocratie, c'est le droit, c'est la démocratie, c'est la liberté et c'est le peuple français. »

Nesses termos, o governo socialista de François Hollande e de Manuel Valls visa assimilar o golpe sofrido, também de modo a evitar que correntes de direita e de extrema-direita, com colorações xenófobas, explorem esses acontecimentos de modo a reforçar o domínio sobre uma sociedade amedrontada.

Enfim, tanto do lado dos muçulmanos quanto dos franceses, assistimos a ensaios que, embora nem sempre bem sucedidos, visam buscar caminhos para assegurar a convivência o mais harmônica possível de valores por vezes concorrentes e o respeito a eles, na esperança de que dos opostos nasça um fruto valioso; se esse resultado ainda parece longe de ser alcançado, pelo menos a busca tem permitido um exercício progressivo da criatividade de franceses e magrebinos.

1.2.9 O casamento magrebino na França

É também no contexto dessa busca de integração cultural, particularmente no campo dos relacionamentos e do direito da família, que deve ser compreendido como se processa o estabelecimento do vínculo matrimonial entre os magrebinos na França.

O casamento corânico, na França, é assimilado a um mero matrimônio religioso, sem valor jurídico, já que nesse país o casamento é uma instituição exclusivamente leiga. Mesmo que a legislação francesa não leve em conta os elementos normativos islâmicos referentes ao casamento, na prática permanece um apego desses imigrantes a certos costumes derivados dos direitos muçulmanos. Com isso, quando o casamento ocorre na França, além de instruírem a união em acordo com as leis francesas, eles realizam os procedimentos legais internos do direito muçulmano. Por outro lado, são raros os magrebinos que adotam unicamente a forma de casamento civil francesa (Rude-Antoine, 1990). Frégosi (2005) compreende esse duplo processo menos como uma vontade explícita de enfraquecer sistematicamente a legislação nacional em nome de valores e normas que os magrebinos consideram superiores, e mais como um desejo de não contrariar hábitos e costumes tradicionais e um conjunto de regras implícitas. Desse modo, a aculturação jurídica dessa população ao direito francês deve caminhar lado a lado com a manutenção de especificidades em matéria de práticas matrimoniais; com isso, essa aculturação seria de tipo aditivo e não substitutivo.

Mesmo nesse contexto da dupla legitimação do casamento, Rude-Antoine (1990) identifica três grandes vertentes no modo como transcorre o estabelecimento da união matrimonial dos magrebinos na França.

A primeira delas é mais conservadora: ela perpetua a necessidade do casamento, a tutela da mulher para a escolha do cônjuge, a entrega do dote ao pai da noiva, a designação da mulher ao espaço do lar, a manutenção da virgindade feminina, o casamento em idade precoce, a proibição de uma muçulmana casar-se com um não muçulmano, dentre as outras características já descritas neste capítulo. A segunda corrente implica em um modelo mais “moderno” do casamento, com a assimilação de valores ocidentais. Nessa vertente os magrebinos desejam escolher o cônjuge, não depositar ou receber o dote, considerar a virgindade feminina como um costume ultrapassado, não realizar o casamento entre primos ou o levirato, recusar a poligamia e eventualmente rejeitar a proibição de a mulher casar-se com um não muçulmano ou de o homem casar-se com uma mulher ateia. A terceira corrente, intermediária entre essas duas, caracteriza-se principalmente por não considerar o casamento como uma obrigação, solicitar o acordo da noiva, mas sem deixá-la escolher o cônjuge e a permanência do costume do dote. Segundo as circunstâncias, a mulher poderia trabalhar fora do lar ou não. Aqui também se recusa a poligamia e o casamento preferencial, mas segue a valorização da virgindade da mulher; com relação às crenças, considera-se que quando os cônjuges possuem religiões diferentes, isso é causa de desentendimento entre o casal.

Em termos concretos, a investigação de Rude-Antoine (1990) sobre o casamento de mulheres magrebinas imigrantes que viviam na França, permitiu identificar as seguintes tendências:

1. O esquema matrimonial magrebino vem se modificando lentamente, com o casamento por amor e sem dote surgindo entre os magrebinos mais jovens e escolarizados na França, como uma forma de autoafirmação.
2. Dentre os magrebinos que imigraram para a França, a poligamia é severamente criticada em razão da coabitação das esposas e das crianças oriundas de diversas uniões, bem como das dificuldades materiais e afetivas que ela acarreta.
3. O casamento tem ocorrido mais tardiamente. Desse modo, a maioria das filhas de pais argelinos que imigraram para a França é ainda solteira entre os 20 e 25 anos, como as francesas da mesma idade. Todavia, nessa idade, ao contrário das francesas, são raras as argelinas que vivem em concubinato antes de se casarem (6% contra 16%). Desse modo, sua recusa ao casamento precoce resulta num celibato prolongado, pois são poucos os pais que concordam com a coabitação pré-nupcial.

4. A endogamia religiosa é desejada e muito respeitada, sendo que a religião, mais do que a nacionalidade, pode ser motivo de rompimento do relacionamento do casal.
5. O trabalho feminino, e a remuneração que ele permite obter, é considerado como essencial pelas mulheres magrebinas que imigraram para a França, tendo em vista a conjuntura econômica atual.
6. Por meio do salário de ambos os cônjuges, o casal se engajaria em estratégias matrimoniais mais individualistas e eventualmente contraditórias com aquelas da família que permaneceu no país de origem.

Enfim, nessa trama complexa de negociação de identidade, de tentativas de conciliação de valores autoexcludentes que se manifesta na composição e no funcionamento familiar, os magrebinos que imigraram para a França parecem muitas vezes pisar em ovos até encontrarem o conforto, quase sempre parcial e provisório, de uma integração identitária individual, familiar e socio-cultural. Em meio a essas ambiguidades, e sendo a família o principal veículo na transmissão da História e da cultura, os objetivos da educação das crianças e, principalmente, as maneiras de auxiliá-las em seu desenvolvimento emocional para que um processo de socialização respeitosa da criatividade pessoal seja alcançado, somente pode ser objeto de interrogação, como acontece em nossa presente investigação.

1.3 Os brasileiros

Se a formação do povo francês foi complexa pela história longínqua de suas origens e pela diversidade de povos que o compuseram, não há dúvida de que foi possível, ao longo dos anos, a construção de uma identidade coletiva própria que o define como tal e que subsiste seguramente, a despeito das turbulências da Córsega e da sedução da Alsácia pelos costumes alemães.

Quanto ao povo brasileiro, a situação é um pouco distinta, dada a imensa extensão territorial do país, cujos recursos geográficos e climáticos encorajam e favorecem modos de vida bastante variados de seus habitantes. Além disso, sua história, por ser recente, ainda cimenta uns aos outros os povos de cada uma de suas regiões, que guardam porções distintas das três grandes matrizes culturais que o constituíram: a portuguesa, a indígena e a africana,

integrando-as de modo original e, na medida do possível, buscando maneiras de escapar das contradições e dos conflitos que elas abrigam em suas relações.

No que concerne à sua formação, Ribeiro (2006) diferencia os *povos transplantados*, cuja identidade étnica já se encontrava definida na Europa e que, ao encontrar ressonâncias dela em suas próprias matrizes, incorporam-se facilmente ao perfil europeu, daqueles povos que se constroem como uma configuração totalmente diferente dela, como é o caso do brasileiro: nem português, nem africano e nem índio, embora gerado pelos três.

Essa constituição identitária inédita, contudo, não se fez nas bases de uma integração cultural pacífica, serena e em iguais proporções, mas é o resultado de uma história marcada por expansões, evoluções e revoluções, aprendizados, mas também por imposições, sofrimentos, genocídios e etnocídios massacrantes em favor de uma matriz cultural dominante. Desse modo, as origens do povo brasileiro somente podem ser conhecidas no âmbito de sua história inicial, a saber, a do Brasil colonial.

A descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral, em 1500, foi o resultado de uma série de transformações na Europa Ocidental, que iniciaram desde o ano 1150. Nessa época, a Europa era uma civilização preponderantemente rural, mas as cidades haviam regredido e o poder político se fragmentara. Havia um excedente de produtos agrícolas ao lado de uma especialização de funções, que gerava a demanda por compras de bens não produzidos em cada domínio rural e a busca de produtos de luxo para o consumo da aristocracia. Para agravar o quadro, os limites da organização feudal impossibilitavam um reinvestimento dos lucros na agricultura que permitisse o aumento da produtividade; como resultado, os bens se tornavam restritos, o que gerava constantes conflitos entre camponeses e senhores. Portanto, havia cada vez mais a necessidade de dilatar os territórios e encontrar mais mão de obra a explorar. Essa situação acarretou uma expansão territorial da Europa cristã, mas, em meados do século XIV esse avanço perdeu o ímpeto e uma crise profunda se instalou, marcada pela escassez de alimentos, rebeliões e epidemias, entre elas a Peste Negra, que levou os camponeses a abandonarem suas terras e ao desaparecimento de aldeias inteiras (Fausto, 1996). Novamente, a única saída para tirar a Europa da crise era a expansão territorial e marítima. A experiência de Portugal no comércio de longa distância com o mundo islâmico do Mediterrâneo, sua disposição geográfica privilegiada, próxima às ilhas do Atlântico e à costa da África, e as correntes marítimas que começavam exatamente em seus portos formaram um conjunto de circunstâncias que favoreceram a atração para o mar. Ao gosto português pela aventura somaram-se os interesses de diversos grupos sociais e instituições: para os comerciantes, a expansão vinha acompanhada da perspectiva de um bom negócio; para o rei, era a

oportunidade de criar novas fontes de receita, ocupar os nobres e obter prestígio; para os nobres e membros da igreja, era uma oportunidade de servir ao rei e a Deus, cristianizando os “povos bárbaros”; enfim, tratava-se sempre da esperança de uma vida melhor. O interesse principal era pela procura, nessas novas terras, do ouro e das especiarias e, em segundo plano, do peixe, madeira, corantes e drogas medicinais. É no cerne dessas expectativas que a descoberta do Brasil ocorreu, logo em sequência à da América e a ela vinculada (Fausto, 1996).

Quando Cristóvão Colombo chegou às Antilhas, em 1492, Portugal questionou a posse dessa nova terra. Essa objeção conduziu à assinatura do Tratado de Tordesilhas em 1494, que assegurava a Portugal o domínio sobre os territórios descobertos a leste do meridiano que passava a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. O regresso de Vasco da Gama em 1499 após o sucesso de sua expedição entusiasmou os portugueses, e em 9 de março de 1500 uma frota de 13 navios, comandada por Pedro Álvares Cabral deixou Portugal aparentemente com destino às Índias; todavia, ela tomou rumo oeste após passar por Cabo Verde, e seguiu até as terras brasileiras avistadas em 21 de abril.

Ao desembarcar, os portugueses encontraram no Brasil uma população cultural e linguisticamente homogênea. Tratava-se principalmente de tribos do tronco tupi, que somavam em torno de um milhão de índios, divididos em dezenas de grupos. Na agricultura, eles já haviam superado a condição paleolítica, tendo domesticado diversas plantas, como a mandioca, retirando-as da condição selvagem de seus roçados para a de mantimento. Eles também cultivavam o milho, a batata-doce, o feijão, o amendoim, o tabaco, a abóbora, o urucu, a pimenta, o abacaxi, o mamão, entre muitas outras lavouras. Essa agricultura era de subsistência e supria suas necessidades por todo o ano. Por outro lado, os índios dependiam do acaso para obterem alimentos oriundos da caça e da pesca; por isso, buscavam assentar-se em áreas onde eles eram mais abundantes. Havia pouca troca de gêneros alimentícios entre as tribos, mas existia entre elas o intercâmbio constante de mulheres e de bens de luxo (Fausto, 2006).

Apesar de sua homogeneidade, os índios tupis jamais conseguiram unificar-se numa organização que lhes permitisse atuar em conjunto; ao contrário, sua condição tribal fazia com que, ao se multiplicarem, eles se subdividissem em novas entidades e se afastassem. O povo tupi vivia em guerra com outras tribos alojadas em suas áreas de expansão, e mesmo entre si. Os prisioneiros que eles faziam eram submetidos a rituais antropofágicos, sendo que os cativos dialogavam altivamente com o seu matador e com quem ia devorá-lo; por outro lado, não se comia um covarde (Ribeiro, 2006).

Além dos tupis, outros índios tiveram bastante importância na formação do povo brasileiro, alguns deles tendo sido mais tarde submetidos à escravidão pelos portugueses, como os Paresi; já os Bororo, os Xavante, os Kayapó, os Kaingang e os Tapuia foram considerados pelos lusitanos como inimigos definitivos ou como preguiçosos demais, imprestáveis para serem escravos (Ribeiro, 2006). Os inimigos mais temíveis dos portugueses, contudo, eram os Guaikuru, que haviam adotado os cavalos; eles se estruturavam em chefias pastoris e enfrentavam os seus oponentes com muita coragem e veemência, infringindo-lhes derrotas importantes. Os Guaikuru não conheciam dominação e lutaram ao lado de portugueses e espanhóis, mas sem guardar lealdade a nenhum (Ribeiro, 2006). Os índios foram, assim, classificados como tendo características positivas ou negativas, conforme o seu grau de oposição aos portugueses (Fausto, 1996).

Nessas condições, os objetivos dos lusitanos de buscar expansão territorial e mão de obra a explorar chocaram-se violentamente com as características dos nativos. O resultado não foi uma feliz negociação de interesses, mas uma imposição dos valores e da dominação dos portugueses que configurou uma verdadeira tragédia para os índios: estes viram pouco a pouco ruir a sua cultura e os seus valores, fosse por meio da escravidão ou da catequização. Os índios defenderam até o limite o seu modo de viver, mas, como em geral cada tribo lutava isoladamente, eles eram facilmente vencidos por um inimigo mais organizado e com armas mais modernas. Muitos deles sucumbiram diante dos trabalhos forçados ou das epidemias. Com o tempo, um verdadeiro genocídio ou etnocídio se fez ver: se no início havia no Brasil um milhão de índios, nos anos 1990 eles não passavam de 250 mil. Felizmente, recentes medidas de proteção governamental fizeram esse número triplicar: em 2010 eles já contavam 817 mil habitantes do Brasil (IBGE, 2011).

A catequização buscava imbuir nos índios o espírito cristão, proibindo a antropofagia, a poligamia, a guerra sem autorização do governador, e obrigando-os a se vestirem e a diminuir o nomadismo. Porém, ao contrário dos colonos que tinham interesses econômicos, o intento dos padres jesuítas em relação aos índios era salvacionista: a missão divina de evangelizá-los para criar uma Igreja que fosse universal.

Essa situação revela como se desenrolavam as relações entre o Estado e a Igreja, as duas instituições básicas que organizaram a colonização. Elas tinham funções distintas, mas estavam interligadas, sendo católica a religião do Estado e de seus súditos. O Estado português implantado na Colônia era absolutista, centralizador e sem distinção nítida entre as esferas públicas e privadas. Com isso, era também patrimonialista, com o reino sendo

considerado como possessão do rei³⁸. A esse Estado cabia administrar a Colônia, garantindo a soberania lusitana, cuidar do povoamento e dos problemas de mão de obra. A Igreja, por sua vez, encarregada do “controle das almas”, auxiliava o Estado, veiculando no povo o valor da obediência a ele. Assim, a Igreja era subordinada ao Estado, mas esse controle era limitado, sendo que os jesuítas também tiveram, até em torno de 1700, uma forte influência sobre a Coroa. O conflito entre elas se agudizou no início da colonização, porque nessa época as ordens religiosas estavam ganhando cada vez mais autonomia, inclusive tendo uma política definida com relação a questões vitais, como a indígena.

Desse modo, os jesuítas nem sempre estiveram ao lado dos colonizadores. Eles não se propunham simplesmente a transplantar o modo de vida europeu para o índio, mas recriar o humano em seus melhores valores e potencialidades, de modo a construir uma sociedade mais solidária e igualitária. De acordo com Ribeiro (2006), esse propósito se fundava na ideia da inocência de Adão e na solidariedade do Éden, que os missionários identificavam nos nativos. Por conta disso, por várias vezes os jesuítas se opuseram à escravidão indígena e aos maus-tratos que os nativos sofriam, entrando em franco conflito com o governo-geral, a ponto de serem expulsos das terras pelo Marques de Pombal em 1759, tendo todos os seus bens confiscados. Por fim, triunfaram os colonos, que usaram os índios como remadores, caçadores, lenhadores, guias, criados domésticos e artesãos.

No início, contudo, as relações entre portugueses e índios não foram antagônicas. Até 1535, a atividade econômica principal dos lusitanos foi a extração do pau-brasil e a ela os índios se integraram com facilidade. Em troca da madeira, eles recebiam dos portugueses tecidos, facas, canivetes e quinquilharias. Essa aceitação do português pelo índio foi possibilitada por uma instituição dos nativos chamada de *cunhadismo*. Ela instituíu um sistema de parentesco em que um estrangeiro, ao tomar uma moça índia como esposa, passava a ter na família dela, a sua. Com isso, seus sogros/pais e cunhados/irmãos passavam a ajudar o estrangeiro em seus trabalhos e empresas. Como não havia limite para o número de casamentos, esse foi num excelente meio de os portugueses recrutarem mão de obra. Entretanto, quando a necessidade de trabalhadores indígenas aumentou, o cunhadismo não mais bastou para esse objetivo. Ele também tinha o defeito de ser acessível a qualquer outro europeu que chegasse à tribo. Por essa razão e pelo fato de que vários países não respeitavam os tratados de partilha, Portugal começou a perder o terreno brasileiro para os franceses,

³⁸ Mais tarde, o rei D. João IV (1640-1656), baseado na ideia do “bem comum”, criou uma série de medidas para restringir o poder real, referentes, principalmente, às ações do monarca para impor empréstimos e se apossar de bens privados para o seu uso.

holandeses, ingleses e alemães (Ribeiro, 2006). A resposta do rei português D. João III foi instituir as capitanias hereditárias, visando consolidar o processo de colonização no país. O Brasil foi, então, dividido em 15 porções, administradas por capitães donatários, que eram gente da nobreza, burocratas e comerciantes (Fausto, 1996). Embora não fossem proprietários, eles tinham o direito de explorar a terra, desde que pagassem os impostos à Coroa. Foi assim que surgiram os latifúndios e a instalação dos engenhos de açúcar, primeira atividade principal do Brasil colonial. A instituição das capitanias hereditárias, apesar de sua aparência de organização feudal, foi antes de tudo uma tentativa, não muito bem sucedida, de integrar a Colônia à economia mercantil europeia³⁹.

De acordo com a doutrina mercantilista, não há ganho para um Estado sem prejuízo de outro; daí a necessidade de uma política protecionista que implicava basicamente em aumentar as exportações e diminuir as importações, além de preservar as matérias-primas produzidas no país. Ela propunha, assim, uma grande intervenção do Estado na economia. O papel do Brasil seria contribuir para a autossuficiência da Metrópole, o que significava a exclusividade de seu comércio com Portugal, a baixa de preços dos produtos elaborados em seu território para que os portugueses pudessem vendê-los com lucro, o arrendamento, a exploração direta pelo Estado, entre outras características. Foi essa situação que impôs com mais veemência a necessidade do trabalho compulsório no Brasil (Fausto, 1996). Todavia, se durante algum tempo foi fácil obter a cooperação dos índios para os trabalhos pesados por meio da troca dele por ferramentas e quinquilharias, mais tarde eles passaram a se desinteressar por esses objetos e desejaram uma melhor gratificação, porque as árvores de pau-brasil estavam cada vez mais distantes e raras e porque as lavouras que cultivavam para os brancos precisavam ser cada vez maiores, dado o aumento de pessoas vivendo na Colônia (Ribeiro, 2006). Essa nova resistência dos índios, aliada a pouca oferta de trabalhadores assalariados que, aliás, não interessavam à Colônia, impeliu à escravidão indígena.

Esse foi o momento em que os portugueses constataram que a cultura indígena era incompatível com a atividade intensiva e constante: os índios não compreendiam o conceito de produtividade e usavam muito de seu tempo e energia em guerras, rituais e celebrações. Eles resistiram ao trabalho compulsório e à sujeição por meio da guerra e da fuga, conhecedores que eram das terras em que viviam; nessas situações, eles foram muitas vezes ajudados pelos jesuítas. Esse antagonismo, aliado à morte de milhares de índios que plantavam gêneros alimentícios, decorrente do trabalho escravo e das epidemias que eles

³⁹ Pouco a pouco as capitanias foram retomadas pela Coroa e passaram a pertencer ao Estado. O final desse processo ocorreu em 1754, quando elas passaram definitivamente para o domínio público.

contraíram dos colonizadores, provocaram, além da perda da mão de obra, uma terrível fome no nordeste. Por essas razões, a partir de 1570, a Coroa criou leis para proteger os nativos; porém, a libertação definitiva dos índios foi determinada somente em 1758.

De acordo com Ribeiro (2006), o massacre sofrido pelos índios trata-se do

resultado de um processo civilizatório que, interrompendo a linha evolutiva prévia das populações indígenas brasileiras, depois de subjugar-las, recruta seus remanescentes como mão de obra servil de uma nova sociedade, que já nascia integrada numa etapa mais elevada da evolução sociocultural. No caso, esse passo se dá por incorporação ou *atualização histórica* — que supõe a perda da autonomia étnica dos núcleos engajados, sua dominação e transfiguração —, estabelecendo as bases sobre as quais se edificaria daí em diante a sociedade brasileira (p. 67).

Apesar dessa desigualdade de condições, os nativos resistiram, conseguiram manter uma certa autonomia e, ao invés de “amadurecerem” para a civilização, permaneceram como indígenas, até os seus núcleos desaparecerem pela morte de seus integrantes. Comentando essa recusa à aculturação, Ribeiro (2006) afirma que:

Índios e brasileiros se opõem em um conflito irreduzível, que jamais dá lugar a uma fusão. Onde quer que um grupo tribal tenha a oportunidade de conservar a continuidade da própria tradição pelo convívio de pais e filhos, preserva-se a identificação étnica, qualquer que seja o grau de pressão assimiladora que experimente. Através desse convívio aculturativo, os índios se tornam cada vez menos índios no plano cultural, acabando por ser quase idênticos aos brasileiros de sua região na língua que falam, nos modos de trabalhar, de divertir-se e até nas tradições que cultuam. Não obstante, permanecem identificando-se com sua etnia tribal e sendo assim identificados pelos representantes da sociedade nacional com quem mantêm contato. O passo que se dá nesse processo não é, pois, como se supôs, o trânsito da condição de índio à de brasileiro, mas da situação de índios específicos, investidos de seus atributos e vivendo segundo seus costumes, à condição de índios genéricos, cada vez mais aculturados mas sempre índios em sua identificação étnica (p. 101).

No período colonial, a escravidão do índio fez parte de um processo de estabelecimento dos alicerces da sociedade que os portugueses buscavam implantar no Brasil. Essas bases seriam claramente definidas na introdução dos primeiros engenhos de açúcar, que associaram os antigos núcleos estratistas ao mercado mundial, com a incorporação da tecnologia europeia ligada à produção, ao transporte, à construção e à guerra, a adoção de novas plantas cultiváveis, a substituição da solidariedade indígena fundada no parentesco por

outras formas de organização social, a mudança de uma sociedade igualitária por outra francamente estratificada, a difusão da língua portuguesa como veículo único de comunicação (o que apenas se completou no século XVIII), a instituição de uma Igreja oficial aliada a um Estado salvacionista, a imposição do estilo europeu barroco às artes, entre muitas outras (Ribeiro, 2006).

Nesse processo os portugueses foram bastante ajudados pelos primeiros brasileiros, os *brasilíndios* ou *mamelucos* (também conhecidos por *caboclos*), gerados por pais brancos (a maioria lusitanos) e mulheres índias. Os *mamelucos* talvez tenham sido os primeiros brasileiros conscientes de si (Ribeiro, 2006). Eles tiveram um papel central na expansão do domínio territorial português, excedendo em muito a convenção estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas. *Meio-índios*, eles tinham acesso aos saberes acumulados de seus ancestrais tribais sobre plantas e animais, eram capazes de marchas extensas pela selva e de remar por longos períodos. Por conta disso, eles também foram, mesmo a contragosto, os principais agentes da imposição da civilização portuguesa, já que ajudaram os lusitanos a ultrapassarem terras de índios beligerantes para alcançar outras, de índios plantadores de mandioca, mais dóceis e mais úteis como escravos.

A despeito desse auxílio e de sua condição intermediária dada pela mestiçagem, os *mamelucos* foram vítimas de duas grandes rejeições. Eles queriam identificar-se com os pais, mas eram vistos por eles como filhos impuros da terra e simples mão de obra. A identificação pelo lado da mãe também não era possível, porque para os índios, a criança é filha do pai, sendo a mulher um mero receptáculo para a sua gestação. Com isso, os *caboclos* constituíam uma gente totalmente nova, que falava a sua própria língua, tinha uma visão de mundo particular e dominava uma alta tecnologia de adaptação à floresta tropical. Eles passaram a constituir o cerne da nação e a definir uma ideologia particular, oposta à do religioso e à do português; eram, assim, vistos com desconfiança por eles e também pelos índios, principalmente os mais arredios.

O fracasso da escravidão indígena e a necessidade de preservar os nativos fizeram com que a Coroa portuguesa comesse a incentivar a importação de escravos africanos, que iriam substituí-los nos trabalhos pesados das grandes propriedades, voltadas principalmente para a produção de cana-de-açúcar e, em muito menor escala, de outros gêneros alimentícios. Os escravos recém-chegados pertenciam principalmente a dois grandes grupos étnicos: os sudaneses, que eram oriundos da África Ocidental, do Sudão egípcio e da costa norte do Golfo da Guiné, e os bantos, que procediam da África Equatorial e Tropical, de parte do Golfo da Guiné, do Congo, Angola e Moçambique.

Se os índios se opuseram ostensivamente à escravidão, seria errôneo supor que os africanos a aceitaram docilmente: fugas e agressões contra os seus senhores aconteciam por vezes. Contudo, eles tinham muitas desvantagens em relação aos índios na expressão do seu antagonismo: a diversidade linguística e cultural que existia entre eles, as hostilidades recíprocas que eles traziam da África e uma política de não concentrar muitos escravos da mesma etnia nos latifúndios e mesmo nos navios negreiros impediam uma organização entre eles baseada em laços de solidariedade. Além disso, eles haviam sido desenraizados de seu meio e, ao contrário dos índios, não conheciam bem a mata por onde poderiam embrenhar-se e fugir. Ainda, eles não contaram com a proteção e o apoio dos jesuítas que os índios usufruíam porque, ou não eram considerados como pessoas e, portanto, não tinham direitos, ou, quando o eram, tinham um *status* de racialmente inferiores, *status* esse sustentado por teorias pseudocientíficas como a frenologia (Fausto, 1996; Ribeiro, 2006).

Em consequência, eles não tiveram alternativa que não fosse incorporar-se ao trabalho compulsório imposto pelos colonizadores. Mesmo assim, eventualmente eles também foram capazes de se organizar em quilombos, que eram estabelecimentos de negros que haviam escapado da escravidão pela fuga e buscavam reconstituir, no Brasil, modos de viver semelhantes aos africanos.

A estimativa da quantidade de negros trazidos ao Brasil em três séculos varia muito, entre 3 e 13 milhões; os números oficiais são mais baixos, porque não levam em conta o contrabando que existia. Em geral, a proporção era de quatro escravos homens para uma mulher, mas há relatos de que no Rio de Janeiro havia equilíbrio em relação ao sexo (Ribeiro, 2006). A taxa de mortalidade dessa população era alta, principalmente entre as crianças e os recém-chegados. No século XIX, a população escrava declinava entre 5 e 8% ao ano, e, em 1872, a média de vida de um escravo do sexo masculino ao nascer era de 18,3 anos, ao passo que a da população era de 27,4 anos (Fausto, 1996).

Mesmo com a crueldade revelada por esses dados, Fausto (1996) afirma que os negros não sofreram uma catástrofe demográfica na mesma proporção que os índios, porque eram mais resistentes às doenças. Além disso, quando eles sucumbiam, eram repostos pelas importações realizadas pelos senhores de engenho. Toda a produção de açúcar e de outros derivados da cana dependia dessas importações, porque as tentativas de estabelecer criadouros de escravos no Brasil se mostravam, aos olhos dos senhores de engenho, pouco vantajosas e sem garantia: além de custar muito caro manter uma criança negra até os 12 ou 15 anos, quando ela podia começar a trabalhar, havia o problema da alta mortalidade infantil e, quando

os meninos sobreviviam, eles podiam facilmente fugir da fazenda e ganhar o mundo, causando prejuízos financeiros consideráveis ao fazendeiro.

Chegados ao Brasil, a esses africanos era “ensinada” a língua do colonizador, as técnicas de trabalho e as normas e valores europeus. Todavia, diferentemente dos índios, a cultura africana logrou alcançar um nível maior de preservação, seja imiscuindo seus acentos à língua portuguesa, seja guardando-a no plano ideológico, em suas crenças religiosas e práticas mágicas, na culinária e na música.

Na confluência dessas três matrizes culturais, africana, lusitana e indígena e “através dessas oposições e de um persistente esforço de elaboração de sua própria imagem e consciência como correspondentes a uma entidade étnico-cultural nova é que surge, pouco a pouco, e ganha corpo a brasilidade” (Ribeiro, 2006, p. 115).

Porém, essa brasilidade somente se fixou com as contribuições dos descendentes dos escravos africanos, particularmente aqueles resultantes do cruzamento do branco com o negro, os mulatos, que, somados aos mamelucos, constituíram logo a maior parte da população: os brasileiros (Ribeiro, 2006). O quadro foi posteriormente completado com o surgimento do cafuzo, filho do índio com o negro.

Apesar da semelhança de suas origens, o lugar que esses mestiços ocupavam na hierarquia social era bem diferente, porque a situação do índio e do negro não era a mesma. Isso acontecia porque a sociedade brasileira altamente estratificada do período colonial estabelecia a pureza do sangue como um critério básico de exclusão. Eram considerados impuros os cristãos-novos (judeus)⁴⁰, os negros (mesmo os que eram livres), os mestiços em geral e, em alguma medida, os índios. Eles não podiam ocupar cargos públicos, nem ganhar títulos de nobreza ou participar de grupos de influência. Porém, em 1755, a Coroa considerou a união de brancos e índios como não sendo desonrosa, protegendo os seus descendentes por meio de políticas de emprego e de medidas antirracistas. Já o cafuzo continuou a ser visto como o resultado da mais indigna das alianças.

A população do Brasil era dividida em nobreza, clero e povo. Havia uma hierarquia de profissões, sendo que no topo da escala encontravam-se os senhores de engenho. Eles tinham um importante poder político, social e econômico para a vida da Colônia e, por conta disso e de sua riqueza, compunham a aristocracia, mas esta não era hereditária: embora o rei pudesse distribuir títulos de nobreza por serviços prestados, eles não eram transmitidos aos descendentes. Em seguida, vinham os comerciantes e depois os artesãos, que eram mais

⁴⁰ Em 1773 uma carta-lei acabou com a distinção entre os cristãos antigos e novos.

depreciados porque se considerava o trabalho manual como uma atividade inferior. No nível mais baixo se encontravam os escravos, mas, mesmo entre eles, havia distinções, segundo os critérios de trabalhar na casa grande ou no campo, ser “boçal” (escravo recém-chegado que desconhecia a língua e os costumes portugueses), “ladino” (já adaptado ao Brasil) ou “crioulo” (nascido no Brasil). Os mulatos e crioulos eram preferidos para as tarefas domésticas e artesanais, ao passo que aos mais escuros eram atribuídas as tarefas mais pesadas.

Mesmo diante dessa estratificação, a reunião dessas diversas matrizes formadoras do povo brasileiro não resultou na composição de uma sociedade multiétnica em constante conflito por essa situação. Ao contrário, apesar dos variados fenótipos e dos valores e crenças que denunciam a ancestralidade, não surgiram rivalidades raciais, culturais e regionais vinculadas a fidelidades étnicas em luta pela autonomia de regiões: “Os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia” (Ribeiro, 2006, p. 19).

A descoberta do ouro e de diamantes em Minas Gerais, Bahia, Goiás e Mato Grosso, a partir de 1730, abriu um novo ciclo na economia colonial, embora o açúcar somente tenha deixado de cumprir o papel dominante em meados do século XIX. A procura por metais preciosos estimulou a exploração de novos territórios da Colônia, modificou a relação entre cidade e campo (consagrando maior importância à primeira) e fez sentir a necessidade de preservar o país das constantes invasões estrangeiras. Com isso, iniciou-se um período bastante fértil de produção cultural nas cidades, principalmente no domínio das artes, da literatura e da música. Os componentes das três matrizes culturais, e os mestiços que dela descenderam, passaram, então, a ocupar de modo diverso as várias regiões do país e uma corrente imigratória de proporções monumentais ocorreu: mais de 600 mil pessoas de todas as condições sociais desembarcaram no Brasil, oriundas de Portugal e das ilhas do Atlântico (Fausto, 1996).

Os escravos foram então transferidos para o trabalho na mineração, mais árduo e insalubre que o dos engenhos, principalmente quando o ouro precisou ser buscado em galerias subterrâneas. Muitos deles morreram de malária, doenças pulmonares e acidentes; de acordo com Fausto (1996), nessa época, a vida útil de um escravo minerador era de 7 a 12 anos.

A exploração desenfreada do ouro e pedras preciosas ocorreu sem o acompanhamento da produção de alimentos na mesma proporção; o resultado foi a falta destes últimos e uma inflação considerável na Colônia. Essa situação, aliada à concentração da riqueza nas mãos de

poucos e ao descontentamento com os tributos⁴¹, gerou uma crise importante nas relações entre o Brasil e a Coroa. Paralelamente, o Antigo Regime das monarquias absolutas entrava em crise na Europa, com o advento do pensamento ilustrado e do Iluminismo. Os ideais republicanos de que o governo deveria visar o bem comum (com o corolário de que sua recusa justificaria as insurreições); de que o Estado deveria interferir menos na iniciativa individual; de que o mercantilismo deveria ser abandonado; a defesa do direito de representação do povo no governo por meio de uma Constituição; a incompatibilidade da escravidão com a democracia, sustentaram os movimentos da independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e também atingiram o Brasil.

Assim, enquanto Portugal lutava para conciliar os princípios do Iluminismo europeu com o colonialismo mercantilista, no Brasil começaram a surgir movimentos de rebeldia e conspirações para a busca da independência. Os principais representantes dessas sublevações foram a Inconfidência Mineira, em 1789, e a Revolução de Pernambuco, em 1817. De acordo com Fausto (1996), foi a partir desse momento que a consciência nacional começou a se definir, na contraposição entre os interesses da Metrópole e da Colônia, visto que os rebeldes logravam alcançar uma identificação entre si, mesmo se eles constituíssem um grupo bastante heterogêneo, que abrigava latifundiários, acadêmicos, artesãos e soldados. Para essas camadas mais pobres, a ideia de independência estaria vinculada à de reforma social, no sentido de uma maior igualdade entre as pessoas.

A intenção desses movimentos, principalmente a da Inconfidência Mineira, era proclamar a República e estabelecer, após um curto período de governo provisório, eleições anuais. A abolição da escravatura, contudo, não era questão de total acordo entre os revolucionários, porque, se no plano ideológico a proposta de liberdade desses movimentos era incompatível com a ideia de escravidão, por outro, a elite colonial não concebia como poderia se manter sem o trabalho forçado dos africanos. Na época, a solução de meio-termo foi libertar somente os escravos nascidos no Brasil.

Em meio a esse clima revolucionário, o príncipe D. João decidiu-se, em 1807, pela transferência da corte para o Brasil, acossada que estava Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte. Entre 10 e 15 mil pessoas aportaram na Colônia, entre nobres, burocratas, soldados, marinheiros e clérigos, que trouxeram consigo uma impressora, o tesouro real, os

⁴¹ Como Portugal passava por uma séria crise financeira nessa época, a descoberta das pedras e metais preciosos representou uma solução; assim, a Coroa implantou importantes tributos para a exploração do ouro como o quinto (a quinta parte de tudo o que fosse encontrado pertencia ao rei) e a captação (imposto sobre cada cabeça de escravo maior de 12 anos, fosse ele produtivo ou não).

arquivos do governo e algumas bibliotecas. Esse evento modificou profundamente as relações entre a Colônia e a Metrópole, trazendo uma série de melhorias para a primeira, como a isenção de tributos sobre as matérias-primas importadas de Portugal, a autorização para a abertura de manufaturas, a introdução de subsídios para algumas indústrias, a construção de teatros, bibliotecas e academias literárias e científicas, a edição do primeiro jornal (mesmo sob o olhar vigilante de uma censura) e a abertura dos portos, permitindo o comércio com outras nações, mesmo se as “outras nações” se restringissem à aliada Inglaterra. Essa experiência com a família real permitiu que a passagem para a independência do Brasil ocorresse de maneira mais gradual, sem grandes sobressaltos, mesmo se a Revolução de Pernambuco, que aconteceu dali a 10 anos, evidenciasse mais uma vez o descontentamento com a desigualdade social e regional e com o governo centralizador de D. João (Fausto, 1996).

Ao mesmo tempo em que reinava na Colônia essa atmosfera de insatisfação, em Portugal irrompia uma revolução liberal que, entre outros objetivos, pretendia fazer com que o Brasil voltasse a se subordinar inteiramente à Metrópole. Essa revolução exigiu o retorno de D. João VI a Portugal, em 1821, mas ele deixou no Brasil o filho Pedro como príncipe regente. Todavia, as cortes passaram a reclamar também a volta do príncipe e, diante disso, o partido brasileiro se organizou para solicitar a permanência dele na Colônia. A decisão de D. Pedro de permanecer no Brasil foi immortalizada no “Dia do Fico” (9 de janeiro de 1822). Meses depois, em 7 de setembro, a independência do Brasil foi proclamada, mantendo-se, contudo, a monarquia e um imperador português no trono (D. Pedro I). Essas duas características desagradaram os conspiradores do movimento pela independência, pela pouca simpatia por essa forma de governo e porque os dois imperadores que o Brasil teve eram descendentes da Rainha Dona Maria, que havia condenado vários revolucionários.

Em bem pouco tempo se constatou que a monarquia não correspondia mais aos anseios da população, que desejava maior igualdade de direitos e maior liberdade política. Esse desgosto aumentou ainda mais com a censura imposta por D. Pedro II aos militares e sua forte interferência nos assuntos religiosos. Com isso, em 1889, 67 anos após a instauração da independência, e um ano após a libertação dos escravos, a República foi proclamada pelo Marechal Deodoro da Fonseca, que se tornou o primeiro presidente do Brasil.

De acordo com Ribeiro (2006), foi imediatamente após a independência que começou a se consolidar a unidade nacional do Brasil, bem como a de seu povo, no encontro, sob a regência lusitana, entre as matrizes raciais e culturais distintas que o conceberam. É mister acrescentar que essas fontes formadoras foram posteriormente enriquecidas pelos numerosos

movimentos imigratórios no século XIX e início do século XX, principalmente de japoneses, italianos, espanhóis, alemães e sírio-libaneses e, em menor escala, de franceses e holandeses, cujas matrizes étnicas e culturais são sem cessar assimiladas, modificadas, renovadas e coloridas pelo modo de ser brasileiro. Em suas origens, contudo,

o Brasil é a realização derradeira e penosa dessas gentes tupis, chegadas à costa atlântica um ou dois séculos antes dos portugueses, e que, desfeitas e transfiguradas, vieram dar no que somos: uns latinos tardios de além-mar, amorenados na fusão com brancos e com pretos, deculturados das tradições de suas matrizes ancestrais, mas carregando sobrevivências delas que ajudam a nos contrastar tanto com os lusitanos (Ribeiro, 2006, p. 117).

Cientes de onde viemos, podemos melhor compreender quem hoje somos.

1.3.1 Quem é o brasileiro hoje

Se o estudo de Liaudet (2012), relativo ao povo francês, mostra ser relativamente límpida a diferenciação entre as mentalidades feudal, republicana e liberal, no caso do povo brasileiro essas fronteiras não são muito definidas, mas fluidas, com essas ideologias interpenetrando-se e, por vezes, convivendo com contradições abertas. Nesse sentido, de acordo com Ribeiro (2006), em outros contextos há sentido em falar de liberais, conservadores e radicais, de democracia e liberalismo e de revoluções sociais e políticas. Contudo, no Brasil isso não significa absolutamente nada, tendo em vista a imprecisão com que essas nomenclaturas são aplicadas aos mais diversos agentes e orientações mais desconexas. Segundo ele, “aqui, não havendo burguesias progressistas disputando com aristocracias feudais, nem proletariados ungidos por irresistíveis propensões revolucionárias, mas havendo lutas de classe, existiriam blocos antagonistas embuçados a identificar e caracterizar” (Ribeiro, 2006, p. 15).

Mesmo os sistemas da produção de açúcar nos engenhos não se fundavam no modelo feudal europeu, sendo mais um produto da Revolução Mercantil europeia; eles eram baseados em agriculturas de um novo tipo, concentrados em núcleos populosos conduzidos por uma administração centralizada, que fazia parte de uma economia mercantil mais complexa, constituindo um sistema econômico de amplitude mundial (Ribeiro, 2006). Por essas razões, entre outras, a compreensão do Brasil por meio de esquemas eurocêntricos é inviável.

Essa ausência de parâmetros, aliada à diversidade de modos de vida regionais no Brasil que comentamos no início deste tópico, tornou sempre uma aventura as tentativas de construir uma antropologia do povo brasileiro. Mesmo assim, alguns antropólogos e sociólogos se arriscaram nessa proeza, entre os ilustres Darcy Ribeiro (2006), que viemos citando, mas também Gilberto Freyre⁴², Gilberto Velho⁴³, Roberto DaMatta e, mais recentemente, Alberto Carlos Almeida. Para os nossos objetivos, nós nos deteremos no trabalho desses dois últimos autores, que permitiram formar um retrato do brasileiro na atualidade, e em sequência um do outro.

Assim, enquanto DaMatta pintou esse quadro nos idos dos anos 1980 e 1990, Almeida buscou atualizá-lo em 2007, de modo a verificar se as mudanças em direção a uma maior democracia política pela qual o Brasil passou desde 1985, com o fim da ditadura militar, tocaram de alguma maneira o sujeito coletivo brasileiro que o seu antecessor havia esboçado. Seleccionamos aqui uma das obras mais emblemáticas de DaMatta, em que ele busca apresentar, em seus próprios termos, a nossa brasilidade, entendida como um estilo e maneira peculiar de perceber e construir a realidade, *O que faz o Brasil, Brasil?* (DaMatta, 1986). É nela que ele mostra principalmente o papel da ambiguidade e do viver paradoxal que nos caracteriza e que explica a nossa resistência a sermos classificados em rótulos estanques. Todavia, defendendo um ponto de vista semelhante ao de Liaudet (2012), sobre a identidade coletiva invertida, DaMatta (1986) também sustenta que cada grupo humano somente consegue colocar em prática algumas das diversas possibilidades de ser que a civilização humana oferece, as demais agindo como fantasmas a nos acusar por terem sido deixadas de lado. Portanto, a construção de uma identidade social e cultural partiria de uma série de afirmativas e negativas diante de certas questões, resultando em um estilo, modo de ser e de fazer as coisas. No caso do Brasil, essa identidade deveria ser procurada tanto nos rituais nobres dos palácios da justiça, dos fóruns e das câmaras, mas também no jeitinho malandro, que mistura a lei com a pessoa e sua vontade ardilosa de ganhar, mesmo que a lei não a tenha levado em conta. Desse modo, a característica principal do brasileiro seria exatamente essa capacidade de misturar e de articular as coisas, ou, nas palavras do próprio Da Matta, a

⁴² Gilberto Freyre tornou-se célebre por seu livro *Casa Grande e Senzala*, publicado em 1933, onde ele rejeitava a ideia de teorias racistas presentes no Brasil, no sentido da busca por um branqueamento. Ao contrário, Freyre argumentava que existiam relações harmônicas entre as diferentes etnias que compuseram o povo brasileiro, suavizando, assim, os efeitos da escravidão, por ela ter sido menos violenta no Brasil do que em outros países. Essa alegação deu origem ao *mito da democracia racial*, muito questionado pelos sociólogos e antropólogos brasileiros contemporâneos.

⁴³ A obra de Gilberto Velho é dedicada principalmente aos estudos da Antropologia Urbana.

atividade relacional, de ligar e descobrir um ponto central entre elas, capacidade esta que testemunha uma inesgotável criatividade.

De acordo com DaMatta (1986), o brasileiro estabelece uma divisão clara entre os dois espaços que organizam a sua vida social, a casa e a rua. A casa comporta a família, que se constitui em um grupo fechado com fronteiras bem definidas, e que abriga também as suas posses. Ela é acompanhada de uma ideia de destino, relações e valores que, em conjunto com os objetos que lhe pertencem, cabe preservar: trata-se, assim, da tradição familiar, os símbolos coletivos que distinguem uma residência da outra e configuram um estilo de ser familiar. Dessa maneira, existe, por parte dos membros da família, um alto sentido de proteção mútua, principalmente dos mais fracos (mulheres e crianças) e de defesa de seus bens. Para o brasileiro, a casa não é apenas um lugar físico, mas também moral, onde somos únicos e insubstituíveis, numa teia de relações marcadas por dimensões sociais como o sexo e a idade. É nela que aprendemos também os valores sociais, como a honra, o respeito e a vergonha, que iniciam no amor filial e que depois se estendem aos compadres e amigos. O espaço singular e exclusivo da casa abriga também as plantas e os animais domésticos, que são criados principalmente para diferenciar, sem necessariamente cumprir qualquer função prática. De acordo com DaMatta, tudo o que a casa comporta é bom, belo e decente; ela demarca um território amoroso em que a harmonia deve reinar em detrimento dos antagonismos e da desordem. Por outro lado, o espaço do trabalho é compreendido como o sítio da dureza, um eufemismo de castigo e suor; existe, assim, uma inclinação a uma existência que permite desejar o maior prazer e bem-estar possível, com o mínimo de trabalho e esforço, o que sem dúvida nos remete às reminiscências de nossas raízes fincadas no trabalho compulsório imposto inicialmente aos índios e depois aos africanos. Essa oposição entre os sentidos do lar e do trabalho, contudo, é uma das raras dicotomias estabelecidas pelo povo brasileiro, que se caracteriza, sobretudo, por viver em um espaço intermediário, mestiço.

A presença mais viva e mais direta da importância dessa mestiçagem na constituição da identidade brasileira, contudo, ocorre mesmo no contexto das relações raciais, particularmente na existência do mulato. Buscando compreender como esses relacionamentos se desenrolam no Brasil, DaMatta (1986) constata que nas teorias racistas europeias, nos negros, índios e amarelos eram reconhecidas qualidades positivas, como a força física dos dois primeiros e a disciplina dos últimos, embora todos ainda fossem vistos como inferiores ao branco. O problema para essas teorias residia na miscigenação das raças, que anulava e exterminava as qualidades. Esses preconceitos levaram muitos nobres e intelectuais a concluir que o Brasil era formado por uma população degenerada de híbridos e que se

acabaria em pouco tempo. Na verdade o que aconteceu foi o contrário, a descoberta do valor do mulatismo que, em termos simbólicos, significa a capacidade de trabalhar o ambíguo, a categoria que fica no meio entre os extremos e, por isso, permite a associação deles e a negação de suas características antagônicas. O mestiço, assim, configuraria uma síntese do que existiria de melhor no negro, no branco e no índio. É nesse quadro que DaMatta (1986) afirma que

o Brasil não é um país dual onde se opera somente com uma lógica do dentro ou fora; do certo ou errado; do homem e da mulher; do casado ou separado; de Deus ou Diabo; do preto ou branco. Ao contrário, no caso de nossa sociedade, a dificuldade parece ser justamente a de aplicar esse dualismo de caráter exclusivo; ou seja, uma oposição que determina a inclusão de um termo e a automática exclusão do outro, como é comum no racismo americano ou sul-africano (...) Isto é, entre o preto e o branco (que nos sistemas anglo-saxão e sul-africano são termos exclusivos), nós temos um conjunto infinito e variado de categorias intermediárias em que o mulato representa uma cristalização perfeita (p. 24).

O mulato, assim, seria o representante da negação de tudo o que a lei estabelece positivamente, o representante da relação que é enfatizada em detrimento do indivíduo como o centro e a razão de ser da sociedade.

Nesse contexto, o Brasil se oporia, por exemplo, aos Estados Unidos e à Inglaterra, que, a partir da Revolução Industrial, deram a forma moderna ao capitalismo: para que tal sistema se impusesse, seria necessário considerar a igualdade de todos perante a lei. A evolução desse pensamento, contudo, conduziu a um individualismo radical que nega as relações sociais e a presença de redes de parentesco e de amizade que sustentavam a moral tradicional, que defendia a importância do todo (sociedade) sobre o indivíduo. O indivíduo, assim, passou a ser dono de si mesmo, deixando de ser importante porque pertenceria a uma determinada família ou porque teria certos amigos. Com sua formação específica, mas também sofrendo influências consideráveis do modelo europeu, o Brasil construiu um sistema social dividido, buscando equilibrar o indivíduo (sujeito das leis universais da sociedade moderna) e a pessoa (sujeito das relações sociais tradicionais).

No caso das três matrizes étnicas que nos compuseram, diferentemente das sociedades igualitárias que engendraram formas claras de preconceito porque negavam a existência do intermediário, o “racismo à brasileira” é velado, escondendo a desigualdade de forças das três matrizes culturais que compuseram o nosso povo, e situando no plano do biológico uma hierarquia social, econômica e política. Portanto, nós seríamos “(...) uma sociedade

hierarquizada, que opera por meio de gradações e que, por isso mesmo, pode admitir, entre o branco superior e o negro pobre e inferior, uma série de critérios de classificação” (DaMatta, 1986, p. 28).

Essa hierarquização aparece primeiramente no âmbito das relações entre os sexos. Desse modo, de acordo com DaMatta (1986), os brasileiros não conceberiam a sexualidade como um encontro de opostos e iguais, mas estabelecem a diferença e a hierarquizam em seguida, em um englobador e um englobado. O homem, geralmente (mas nem sempre), seria o englobador do mundo da rua e do trabalho, da política e das leis, cabendo à mulher o mundo da casa, da família, das regras e costumes.

Desse modo, o povo brasileiro seria dividido e classificado de acordo com a cor de sua pele, com o seu sobrenome, escolaridade e com os seus relacionamentos pessoais. Essa hierarquia social é reforçada no que DaMatta (1986) denominou como festas da ordem, que celebram as tradições, as formalidades sociais e resgatam o tempo rememorando os acontecimentos, e os relacionamentos. Tratam-se não somente de comemorações de datas importantes da história de uma sociedade, mas também de ritos religiosos, nascimentos, formaturas, casamentos e funerais. Nelas se festeja a ordem social e o mundo como ele é no cotidiano, configurando ritos de reforço da organização social que asseguram a continuidade da vida coletiva.

No Brasil, essas festas da ordem convivem com uma outra, em particular, cujo sentido é exatamente o inverso delas, o Carnaval. Antes de um rito de reforço, o Carnaval é um rito de inversão; nesse sentido, ele começa por excluir todos os elementos de ordem, economia e política. Nos dias de Carnaval é possível a todos fazer tudo ao contrário do dia a dia, esquecendo, por meio da fantasia, a miséria, o trabalho e as obrigações. A fantasia permite a troca de posições sociais e, com isso, o indivíduo pode ser tudo aquilo que na vida corrente não pode ser:

Carnaval, pois, é inversão, porque é competição numa sociedade marcada pela hierarquia. É movimento numa sociedade que tem horror à mobilidade, sobretudo à mobilidade que permite trocar efetivamente de posição social (...) é a possibilidade utópica de mudar de lugar, de trocar de posição na estrutura social. De realmente inverter o mundo em direção à alegria, à abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante a sociedade (DaMatta, 1986, p. 49).

Enfim, enquanto o Carnaval elimina as diferenças hierárquicas entre as pessoas, as festas da ordem as confirmam.

Fora do Carnaval, contudo, o brasileiro encontrou uma forma de sobreviver à hierarquia social engessada e à dureza marmórea da lei, de modo a conciliá-las com a satisfação de suas necessidades e desejos, conforme a encontra em sua casa: o “jeitinho”. Ele ficaria no meio de um sistema dividido entre o indivíduo, sujeito das leis universais, e a pessoa, sujeito das relações sociais; assim, o “jeitinho” faz a mediação pessoal entre a lei e as situações em que ela deveria ser aplicada e as pessoas nelas envolvidas. Dessa maneira, é possível obter o que se deseja sem romper a lei que persiste, embora um pouco desmoralizada.

O “jeitinho” é mais uma das idiossincrasias brasileiras ligadas à vivência na zona do intermediário, configurando uma justiça que exhibe gradações, que aceita o meio-termo. Ele implica na ligação entre a lei e o caso concreto e equivaleria a uma “zona cinzenta moral” entre o certo e o errado, a uma antessala da corrupção. Aqui a diferença entre a lei e sua transgressão seria de grau e não de conteúdo (Almeida, 2007). Com isso, nem sempre a lei significa “não pode”. Essa gradação permitiria a interferência dos relacionamentos pessoais na lei, flexibilizando-a e impedindo a sua aplicação universal. No Brasil, a pessoa considerada como o “profissional do jeitinho” é chamada de “malandro”, que vive de encontrar artifícios pessoais criativos para tirar partido de certas situações, com o mínimo possível de trabalho e esforço. Já o seu equivalente, socialmente reconhecido e valorizado, é o despachante.

Se o “jeitinho” é uma forma relativamente simpática de contornar a lei sem desobedecê-la, conciliando os interesses de todos num final feliz, a invocação dos relacionamentos pessoais provoca um desenlace menos agradável para uma das partes em jogo. Trata-se do argumento de autoridade ou do antipático “sabe com quem está falando?”. Esses seriam modos brasileiros de cumprir ordens absurdas e impossíveis, de sobreviver num sistema em que existe um hiato entre a casa e a rua, entre as leis gerais e a moralidade cotidiana, buscando sintetizar tudo numa totalidade conveniente e satisfatória.

Essa capacidade brasileira de amalgamar as diferenças e contradições, para além da vida concreta, estende o seu território para o espaço metafísico da religião, onde compõe um sincretismo original e inusitado. É com essas características que, no Brasil, a religião vai cumprir suas funções de permitir e de dar sentido a uma relação holística e integrada com os deuses, com os outros homens e seres vivos, e de legitimar a organização social existente. Se até a Proclamação da República⁴⁴ o Catolicismo Apostólico Romano foi a religião dominante e oficial do povo brasileiro, pouco a pouco outras surgiram e ocuparam lugar, com suas

⁴⁴ Em 1891 foi instituído no Brasil o princípio do Estado Laico, ou seja, sem religião oficial. Esse fundamento foi mantido na Carta Magna de 1988. No entanto, a maioria dos brasileiros (64,4%) se declara católica romana (IBGE, 2011).

variedades de cultos e de teologias, como as variantes protestante e evangélica do cristianismo, o Espiritismo e as doutrinas afro-brasileiras como a Umbanda. Todavia, de um modo geral e relativamente independente do credo, a comunicação do brasileiro com o além e suas entidades é sempre pessoal: cada um tem os seus santos protetores, de devoção, padroeiros, guias e espíritos guardiães. O relacionamento é, assim, fundado na simpatia e fidelidade do crente e a do protetor celeste. Essa pessoalidade que permeia a crença é responsável por uma concepção religiosa característica do brasileiro de que essas doutrinas não são mutuamente excludentes, mas complementares: dessa maneira, ao mesmo tempo ele pode ser devoto de santos e de orixás e frequentar sessões espíritas. Portanto, a linguagem religiosa também é uma linguagem da relação, do intercâmbio, “um idioma que busca o meio-termo, o meio caminho, a possibilidade de salvar todo o mundo e de em todos os locais encontrar alguma coisa boa e digna” (DaMatta, 1986, p.75).

Em conclusão, para DaMatta (1986), a sociedade brasileira, em suas várias dimensões, não funciona numa lógica de exceção e exclusão, mas de integração, negociação e conciliação. Ela combina uma economia fortemente estatizada e uma poderosa iniciativa privada, o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, a família e o indivíduo, a lei e o desejo pessoal; ela é moderna e arcaica ao mesmo tempo. Essa capacidade de relacionar, sintetizar e conciliar as coisas de um modo original, criando vários espaços intermediários, seria, segundo DaMatta, um dos maiores patrimônios do nosso povo; assim, no Brasil, tudo pode ter o seu espaço.

A investigação que Almeida (2007) empreendeu visando investigar a atualidade ou não dessa imagem, implicou na realização de 2363 entrevistas com brasileiros adultos, de ambos os sexos, de diferentes níveis de escolaridade dos 26 estados do país, divididos segundo a contagem do censo de 1996 do IBGE. Nela, Almeida buscou definir os *core values* do brasileiro, ou seja, os principais valores que fundamentam as crenças sociais. Sua principal conclusão foi a de que não existe um Brasil, mas dois Brasis muito distintos em termos de mentalidade, uma arcaica e a outra moderna. As camadas sociais menos favorecidas defendem valores mais obsoletos do ponto de vista histórico, enquanto as camadas médias e as mais favorecidas compartilham daqueles que são dominantes nos países economicamente mais desenvolvidos. Antes da origem social em si, o real divisor de águas dessas maneiras de pensar é a escolaridade, principalmente dispor de um diploma de nível superior. Essa diferença surgiu em todos os *core values* investigados, que resumimos a seguir.

O “jeitinho” brasileiro permanece como sendo bastante importante e difundido na população, sustentando uma “cultura da corrupção”, embora seja concebido como claramente

diferente dela⁴⁵ e também do “favor”. Ele foi compreendido como um meio-termo entre ambos, um espaço obscuro que dificulta o acordo quanto a critérios universais sobre a diferença entre o certo e o errado. Ele esteve presente em todos os grupos sociais, principalmente entre os indivíduos mais jovens, reiterando assim o reconhecimento da existência de uma “moralidade contextual” do brasileiro. Todavia, nos níveis escolares mais altos ele foi menos tolerado e mais prontamente considerado como “errado”; essa mesma tendência surgiu entre os brasileiros residentes nas regiões sudeste e sul do país. Almeida (2007) compreende a existência e a permanência do “jeitinho” como uma resposta da população a um Estado muito burocratizado, que opera com leis contraditórias e rígidas; ele viria em socorro do indivíduo desamparado face a essa ineficiência. O “jeitinho” seria ainda a contrapartida de uma forte desigualdade presente no Brasil; ele implicaria em um rompimento das relações hierárquicas e, com isso, permitiria ao cidadão ter acesso a direitos que dificilmente poderia alcançar pelas vias normais.

Nesses termos, a presença inequívoca do “jeitinho” vai ao encontro da segunda conclusão de Almeida (2007), de que o brasileiro médio tem uma visão de mundo hierárquica, o que foi ilustrado pela célebre frase de Roberto DaMatta (1996) “Você sabe com quem está falando?”. Assim, para a maioria da população, existem posições pré-definidas na sociedade, onde se espera que cada um cumpra o seu papel, herança do sistema colonial. Contudo, conforme aumenta o grau de escolaridade, a mentalidade torna-se mais igualitária, o que acontece também com as pessoas que residem nas capitais e nas regiões sudeste e sul. Por outro lado, as mulheres mostraram-se mais hierárquicas do que os homens.

Em acordo com essa visão hierárquica da sociedade, a concepção do brasileiro com relação à política nacional é eminentemente patrimonialista. Assim, ele defende uma ética personalista, intimista e afetiva, e é francamente contrário à ética liberal, caracterizada pela impessoalidade, racionalidade e eficácia. Para 75% dos brasileiros é o Estado, e não as pessoas, que deve cuidar do que é público; nesses termos, os tributos pagos são vistos como pertencentes ao governo e não à população, numa visão oposta à mentalidade republicana. Existe, assim, uma forte separação entre a sociedade e o Estado, típica de sociedades não republicanas. O patrimonialismo mostrou-se mais intenso nos níveis socioeconômicos mais baixos e menos operante entre os indivíduos mais jovens, mais escolarizados e economicamente ativos. O pensamento patrimonialista implica a possibilidade de os políticos

⁴⁵ A diferença estabelecida entre o « jeitinho » e a corrupção, é que o primeiro estaria ao alcance da maioria da população, ao contrário da segunda, que exigiria uma posição de destaque em termos financeiros, profissionais e

se apropriarem privadamente daquilo que é público, já que o eleitor daria uma carta branca aos governantes. Portanto, quanto mais alguém defende o patrimonialismo, mais será tolerante com a corrupção. Essa associação também foi constatada pela pesquisa de Almeida (2007): entre as várias perguntas dedicadas a investigar o apoio à corrupção, uma delas, referente à utilização de um cargo público por um político como se fosse sua propriedade particular, foi considerada como aceitável por 17% da amostra. A conclusão de Almeida foi então que “(...) a corrupção não é um fenômeno circunscrito a uma elite política perversa e sem ética, mas revela valores fortemente arraigados na população brasileira” (p. 109).

A despeito dessa desconfiança por conta de virtuais (e reais) corrupções, os brasileiros valorizam muito o Estado, que, segundo eles, deve predominar na justiça, saúde, educação, previdência social, bancos, produção de energia elétrica, entre outros setores. A defesa de uma estatização maior e mais extensiva foi encontrada principalmente entre os indivíduos economicamente menos favorecidos. Eles creem que o Estado deve interferir tanto na economia quanto na vida das pessoas, socorrendo empresas em dificuldades, controlando os preços dos serviços e dos produtos e os níveis salariais. Dessa maneira, ele é visto por essa parcela da população como um grande pai protetor que tem recursos e vai cuidar dela, opinião diversa das classes médias e altas; esse apoio à estatização também diminui à medida que aumenta a escolaridade, embora ainda permaneça forte. Segundo Almeida (2007), essa situação revela, mais uma vez, o perfil antiliberal da população brasileira mesmo que, paradoxalmente, ela considere o Estado menos eficiente e confiável do que a iniciativa privada⁴⁶. Nesse contexto, um terço do povo brasileiro também apoia a censura, inclusive para programas de televisão que criticam o governo, e 44% acham que as greves deveriam ser proibidas sempre ou na maioria das vezes. Porém, o apoio às greves aumenta dentre os brasileiros com nível de escolaridade mais alto.

Além de ser estatizante, ter pouco espírito público e ser dividido quanto à questão da liberdade de expressão, o brasileiro é familista e fatalista, atributos marcantes das sociedades mediterrâneas e ibéricas (Almeida, 2007). Desse modo, 1/3 da população acredita que Deus decide o destino dos homens, sem espaço para a interferência deles, e 60% crê que grande parte do que acontece no mundo está fora de seu controle. Quanto ao familismo, 84% dos

de prestígio. Além disso, o “jeitinho” implicaria na mediação de um conhecido ou amigo para obter uma vantagem ou resolver um problema, ao passo que a “corrupção” seria mais impessoal.

⁴⁶ As quatro instituições públicas consideradas como as menos confiáveis pelos brasileiros foram os partidos políticos, o Congresso, a Polícia Civil e a Militar (Almeida, 2007).

brasileiros confiam na família, mas somente 30% estendem essa confiança para os amigos. Tanto o fatalismo como o familismo são menos marcados nas regiões sul e sudeste, nos níveis escolares mais elevados e em pessoas menos religiosas. A pouca confiança nas pessoas do meio extrafamiliar parece ser o resultado de uma sensação de insegurança generalizada que tomou conta da população, acrescida de uma justiça considerada demasiado lenta e pouco eficiente. Essa situação leva a maioria dos brasileiros a apoiarem as punições ilegais, mesmo aquelas fundadas na Lei do Talião, que tem aprovação principalmente nas regiões Nordeste e Centro-Oeste (40 a 50%).

No que concerne à sexualidade, Almeida (2007) constatou o forte conservadorismo do brasileiro: a rejeição à homossexualidade masculina e feminina foi bastante alta (89% e 88%, respectivamente), bem como às práticas sexuais alternativas como relações oral e anal. Vale notar que Almeida verificou uma diferença importante: quando se falava de relações sexuais voluntárias de modo geral, a aprovação do brasileiro era mais alta (44% a 63%), mas decaía bastante quando elas eram especificadas. Assim, “somente o sexo tradicional é bem aceito” (p.154). Nesse aspecto o Norte e o Nordeste foram as regiões mais conservadoras do país, ao passo que os indivíduos economicamente ativos, mais jovens e mais escolarizados foram mais indulgentes quanto a essa questão. Os homens também foram mais liberais do que as mulheres quanto às práticas sexuais alternativas (35% contra 29%), mas os dois gêneros mostraram-se igualmente conservadores quanto à homossexualidade.

Finalmente, no que se refere ao preconceito racial, que no Brasil é baseado no fenótipo e não na ascendência, Almeida (2007) constatou que ele existe, sim, no Brasil, e é dirigido aos pardos, negros e aos brancos nordestinos, mas os atinge de modo diferente. Almeida verificou que os pardos são mais malvistas pela população do que os negros. Enquanto os negros são percebidos como tendo menos oportunidades do que os pardos, a estes são atribuídos mais atributos negativos do que àqueles. Ele também concluiu que a discriminação racial independe da classe social, embora tenha forte interação com ela. Assim, conforme negros e pardos ascendem socialmente, o preconceito contra eles diminui. O preconceito se distribuiu uniformemente na amostra estudada por Almeida (2007), sem diferenças segundo a escolaridade, sexo, idade, local de moradia ou *status* profissional.

Almeida (2007) concluiu, assim, pela exatidão da descrição de DaMatta (1986) sobre o povo brasileiro em geral, confirmando a sua atualidade: somos um país hierárquico, patrimonialista, familista, fatalista, antiliberal, com pouco espírito público, tolerante com a corrupção, que apoia o “jeitinho” e defende a censura e a Lei do Talião. Todavia, somos uma cultura dividida pelas fronteiras marcadas pela educação superior, que separa um Brasil

arcaico de um moderno, que defende valores mais próximos aos de países economicamente mais desenvolvidos. No Brasil arcaico prevalecem os valores da colonização portuguesa e do catolicismo, particularmente a concepção de que o mundo é hierarquicamente organizado e que aqueles que ocupam o topo da escala social devem cuidar dos que se encontram em suas bases. O moderno, por outro lado, questiona a desigualdade e se aproxima um pouco mais da mentalidade liberal, menos estatizante e mais favorável à iniciativa privada.

Almeida (2007), a partir dos dados de sua pesquisa, defende que o maior acesso dos brasileiros à educação superior contribuiria para a construção de uma sociedade mais igualitária e democrática, aproximando-a mais daquelas existentes nos Estados Unidos e na Europa. Todavia, como uma alternativa a esse ponto de vista “evolutivo”, é igualmente admissível supor que a identidade brasileira se alicerça, ela mesma, no equilíbrio de uma constelação de paradoxos, e que seria assim que ela se encontra, desde já, estabilizada. Seria por essa razão que o Brasil escaparia, na descrição de sua política, economia e sociologia, a rótulos estanques como “feudalismo”, “liberalismo”, entre outros, conforme observou Ribeiro (2006). Esse seria o resultado de nossa herança mestiça que, impregnada em nosso jeito de ser, permite construir nossos meios-termos criativos, nossas contradições e ambiguidades de valores. Nessas condições, e sendo o grupo familiar o principal transmissor da História, das mentalidades e dos valores de uma sociedade, o estudo da família brasileira é o que permitiria compreender como se processa e se edifica, no cotidiano dos relacionamentos, essa capacidade de integrar os opostos, chegando, assim a resultados harmônicos e criativos.

1.3.2 A família brasileira

Os dados do recenseamento de 2010 mostram que as famílias brasileiras vêm seguindo as mesmas tendências que as francesas em termos de sua composição e organização. Assim, também houve no Brasil um aumento do número de pessoas vivendo sós, que passaram a contabilizar 12,1% da população, contra 9,2% detectadas no recenseamento realizado em 2000. As uniões consensuais cresceram de 28,6% para 36,4% no mesmo período, mas houve declínio dos casamentos, de 49,4% para 42,9%. Em contrapartida, a população de divorciados subiu de 1,7% para 3,1%, e a de desquitados, de 4,6% para 5% (IBGE, 2011).

O número de casais sem filhos aumentou de 13,0% para 17,7%, e o de casais com filhos diminuiu de 56,4% para 49,4%. Em comparação com as zonas urbanas, nas zonas rurais o número de casais com filhos é maior (55,9% contra 48,3%). Acompanhando essa tendência, a taxa de fecundidade caiu em todo o país, passando de 2,38 filhos por mulher para 1,86,

havendo, porém, uma certa diferença de acordo com a região: no norte e no nordeste esse número é maior (2,42 e 2,01, respectivamente), mas é menor no sul (1,75) e no sudeste (1,66) (IBGE, 2011).

As famílias monoparentais femininas, que consistiam em 12,6% da população em 2000, compõem agora 16,2%, sendo que esse arranjo é mais frequente nas zonas urbanas (13,1%) do que nas rurais (6,7%). Já as famílias monoparentais masculinas constituem atualmente 2,4% da população; finalmente, a porcentagem de famílias reconstituídas em 2010 foi de 16,3%. Em termos de estrutura, a configuração familiar dominante no Brasil ainda é a nuclear básica, contabilizando 79,9% dos domicílios (IBGE, 2011).

Se existe uma semelhança entre brasileiros e franceses em termos de suas propensões às modificações rumo às características que definem a família moderna, as especificidades dos seus modos de funcionamento são capitais e compõem um quadro bem diferente para os dois países. Desse modo, visto que uma das particularidades da identidade do brasileiro é a convivência do moderno com o arcaico, o grupo familiar não vive uma situação diferente. Portanto, para compreender a família brasileira de hoje, é importante lançar um olhar, mesmo que rápido, para a maneira como ela se constituiu no período colonial de nossa história, a fim de identificar os traços que nela sobreviveram e que convivem com outros, contemporâneos.

Nessa direção, Cândido (1972) afirma ter sido a família patriarcal de séculos atrás que lançou as bases para a família conjugal brasileira. Segundo ele, os colonizadores que vieram para o Brasil eram procedentes, em sua maioria, das zonas rurais e das camadas médias da sociedade portuguesa; com isso, o modelo de família que buscaram implantar em nosso país foi do tipo mais conservador. Ele surgiu posteriormente a um período de relativa promiscuidade, por ocasião dos anos iniciais após o descobrimento, em que havia intercâmbios sexuais frequentes dos colonizadores com as índias, encorajado, entre outras razões, pelo escasso número de mulheres brancas na colônia. Porém, mesmo depois de haver um maior equilíbrio entre homens e mulheres portuguesas no Brasil, o concubinato com as índias e negras não deixou de existir. Essa situação, aliada à tentativa de transpor para o Brasil o modelo ideal da família portuguesa (nuclear e patriarcal), acarretou no surgimento de dois núcleos familiares, um central, composto pelo casal branco e seus filhos legítimos, e um periférico, constituído de escravos, agregados, índios, negros e mestiços e, entre eles, as concubinas do homem, chefe da família e seus filhos ilegítimos.

O núcleo central desempenhava uma função primordialmente econômica e política, sem se estruturar em um sistema afetivo e sexual. Seu papel era o de trazer ordem às relações econômicas e sociais e preservar a continuidade dos bens e dos costumes. Desse modo, ainda

que golpeado pelas indiscrições do patriarca e pela existência dos “grupos satélite” (ou talvez mesmo em função disso), ele representava uma forma de estabilidade e uma tradição de vida disciplinada, com um poder regulador do caos. Por conta disso, a infidelidade masculina não era motivo suficiente para justificar a dissolução de uma família.

Por outro lado, face à impessoalidade do casamento, os grupos satélite contrabalançavam a austeridade, abrindo lugar para a expressão do desejo e dos sentimentos. Sua existência era favorecida pela sociedade escravocrata, pela baixa densidade populacional e pelos regimes poligâmicos dos africanos e dos índios. Com isso, o nascimento de filhos “bastardos” era comum. Embora muitos deles tivessem conseguido ascender socialmente (quando eram assumidos pelos pais), as restrições que lhes eram dirigidas nunca deixaram de existir, dado o preconceito relativo à sua condição de mestiços. Em sua maioria, eles eram excluídos dos círculos domésticos, havendo aí uma associação entre mestiçagem, ilegitimidade e ausência de *status* social.

A organização do lar era realizada a partir do núcleo central, dominado pelo patriarca, cujo poder sobre a família era absoluto e ilimitado: os filhos deveriam se submeter a ele, tratar os pais por pronomes formais e pedir a sua benção. Os filhos eram assim subordinados ao pai enquanto ele vivesse, moravam na casa com ele ou em outra habitação que ele lhes concedia. O patriarca, ainda, podia proferir sentenças contra os seus descendentes rebeldes, sem precisar recorrer à justiça real.

De acordo com Cândido (1972), a autonomia da grande propriedade e a liderança do chefe de família desenvolveu nos habitantes um espírito local: o brasileiro era, sobretudo, o homem de sua família, de sua aldeia e, posteriormente, de sua província. Entretanto, seria enganoso considerar que a mulher vivia uma situação de impotência e desamparo completos diante dessa realidade. Ela detinha certo poder dentro do lar, sendo responsável pela criação dos filhos e dos animais domésticos, dirigia o trabalho na cozinha e na confecção de roupas para o marido, os filhos e os escravos, cooperava com o marido na abertura de novas fazendas e dirigia as atividades comemorativas. Muitas viúvas, inclusive, assumiram a direção dos negócios da família após a morte do marido.

Nesse tipo de família patriarcal, o indivíduo estava subordinado aos interesses do grupo e, aos valores dele, deveria adaptar os seus desejos e condutas. Por isso, muitas vezes o casamento ocorria dentro mesmo do grupo (primos e primas, tios e sobrinhos, entre outros parentes) e, a partir daí, se estabelecia uma forte relação de solidariedade entre as famílias dos

cônjuges. O núcleo familiar não se limitava, desse modo, aos pais e filhos, mas incluía genros e noras, netos, avós, tios e sobrinhos, servos, escravos e as crianças de todos⁴⁷.

De acordo com Cândido (1972), essa estrutura familiar patriarcal era necessária para colocar em ação uma força que reagrupasse e harmonizasse todas as especificidades e discordâncias, de modo a congregar todos os membros e a senzala dos escravos. Ela estabelecia uma disciplina que ordenava a confusão de um povo em formação. Nos últimos 150 anos, contudo, a família foi pouco a pouco perdendo suas funções econômicas e políticas e assumindo as de procriação e exercício da sexualidade, até afluir na família atual. Essas mudanças ocorreram principalmente em razão de processos sociais, culturais e econômicos, como a urbanização, a industrialização, a aculturação, entre outros. O núcleo central foi perdendo a sua posição de liderança, os núcleos periféricos ganharam cada vez mais autonomia doméstica e social, e a “massa amorfa”, constituída, sobretudo, pelas ligações ilegítimas e pelos filhos nelas gerados, passou a se incluir no regime da família monogâmica. Porém, a magnitude dessas alterações variou um pouco segundo a região do país, sendo mais intensa ou mais branda, mais lenta ou mais rápida, a ponto de que hoje é possível encontrar, no Brasil, desde famílias semipatriarcais até famílias modernas. Apesar dessa variação, em todas elas ocorreu uma diminuição do poder do pai e da subordinação dos mais jovens aos mais velhos; o exercício de profissões específicas passou a depender mais da capacidade intelectual do jovem do que do prestígio e da tradição familiar; a mulher adquiriu um maior *status* com a sua entrada no mercado de trabalho; o casamento passou a ser assunto de decisão individual e não da família.

No que tange às relações domésticas, as mudanças nos papéis do homem e da mulher ecoaram no relacionamento do casal com os filhos, passando a existir maior intimidade, cordialidade e demonstrações abertas de afeto entre eles, e menor severidade por parte dos pais quando infligiam castigos à prole. Por outro lado, o parentesco como sistema de prestígio e de retribuição praticamente deixou de existir fora do grupo conjugal, bem como a hospitalidade e a solidariedade entre as famílias. Por conta disso, Cândido (1972) afirma que houve uma desintegração da consciência coletiva de parentesco em prol de uma organização doméstica restrita de estrutura conjugal.

Assim, segundo Cândido (1972), os traços da família brasileira moderna seriam: igualdade de *status* entre homens e mulheres, participação cada vez maior de mulheres em

⁴⁷ Embora a família do período colonial seja correntemente descrita como sendo de natureza extensa, Samara (2002), com base em dados de recenseamentos da época, afirma que famílias desse tipo não eram as predominantes, mas sim aquelas com estruturas mais simples e menor número de integrantes.

atividades lucrativas, maior controle da natalidade, aumento das separações conjugais e do surgimento de famílias recompostas, decréscimo da autoridade do pai e maior proximidade afetiva entre os membros, enfraquecimento dos laços de parentesco, mudança da família extensa pelo grupo conjugal, certa tolerância para com o adultério discreto do homem, mas intolerância para com o da mulher. Todavia, permaneceram como resquícios da família patriarcal o senso de propriedade do homem em relação à mulher, manifestado, sobretudo, pelo ciúme, e as “bravatas” sexuais masculinas, numa representação do homem como ardente, que preserva o estereótipo de patriarca procriador.

A sobrevivência em maior escala dos valores e da estrutura da família patriarcal é encontrada nos lugares onde a economia latifundiária foi parcialmente conservada (embora adaptada a novos tipos de produção e de trabalho) e em outros que permaneceram mais protegidos da industrialização e da imigração, principalmente em algumas regiões do norte e do nordeste. Nesses locais ainda se observa, conforme mostram os dados do censo (IBGE, 2011), uma taxa de natalidade, uma divisão sexual bem estabelecida de tarefas e a manutenção da solidariedade entre os grupos de parentesco.

Não se trata, porém, de uma simples questão geográfica, já que muitas dessas características são também encontradas em famílias brasileiras de classes populares, para as quais o conceito de família está vinculado às atividades domésticas cotidianas e às redes de ajuda mútua, e onde o parentesco se estende muito além do grupo consanguíneo. Neles os escassos recursos da família nuclear são constantemente dirigidos para auxiliar pessoas necessitadas da família extensa (Fonseca, 2005).

De acordo com Fonseca (2005), enquanto nas camadas médias os membros do núcleo pais e filhos tendem a afastar os elementos estranhos e perturbadores, reduzindo o grupo a um número mínimo de indivíduos, nas classes mais pobres as pessoas tendem a sacrificar os seus projetos individuais e do seu núcleo para auxiliar os demais parentes. Nessas famílias é frequente que muitos parentes habitem no mesmo terreno, em casas vizinhas ou em extensões construídas exatamente para abrigar alguém que se casa ou que tenha necessidade de pousada. Há, com isso, uma troca intensa entre as casas para a realização das tarefas domésticas, bem como uma “circulação de crianças” que são cuidadas por todos e que, assim, podem ter duas ou três “mães”. Nessas condições é difícil mesmo definir quais são os limites de cada unidade doméstica, ao contrário das famílias de camadas médias, cuja característica principal é a nuclearização.

De acordo com Romanelli (1991), embora o modelo de família dominante no Brasil seja muito parecido com o colonial (domínio masculino, estrutura hierarquizada de poder,

divisão sexual do trabalho, vínculos afetivos entre os cônjuges e entre pais e filhos, controle da sexualidade feminina e dupla moral sexual), nas camadas médias existe uma heterogeneidade muito maior, devido aos atributos sociais de seus membros (atividade profissional, prestígio, rendimentos) e aos seus repertórios culturais distintos. Esses atributos e repertórios permitiriam desenvolver diferentes estilos de vida e práticas inovadoras ou convencionais, diante das modificações que ocorrem na sociedade.

As famílias brasileiras das camadas médias foram as que mais sofreram a influência dos movimentos feministas, do final da década de 1960 e início dos anos 1970, e da conquista, pelas mulheres, de maiores espaços no âmbito público e político, cujas repercussões foram bem documentadas por Goldenberg (2003). Segundo ela, esses movimentos feministas e a difusão da psicanálise sustentavam a condição da mulher como sujeito do próprio desejo e do próprio corpo, questionavam práticas percebidas como autoritárias, bem como a repressão da sexualidade. Nessa época, principalmente nas capitais, começaram a surgir concepções alternativas para a estrutura familiar e para o exercício da sexualidade, favorecidas pela abertura de espaço, por parte da imprensa e dos veículos de difusão cultural, para a expressão de condutas sexuais femininas mais livres e menos em acordo com a moralidade vigente (filmes pornográficos e revistas destinadas ao público masculino e feminino). Nesse contexto, os movimentos feministas requeriam, entre outras demandas, a igualdade de direitos entre os sexos e recusavam a dupla moral sexual dirigida a eles (contenção para as mulheres e tolerância à expressão para os homens). Em meio ao dilema vivido pelas mulheres entre mudar ou não mudar, os relacionamentos afetivos e sexuais foram interpelados, bem como o modelo tradicional de casamento, visto que a família começou a ser vista como repressora da liberdade individual e como a principal responsável pela dominação masculina (Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003).

Com isso, os papéis tradicionalmente masculinos de homem forte, provedor e chefe de família, começaram a ser relativizados pelo modelo do homem sensível, vaidoso e frágil; analogamente o modelo feminino de mãe, esposa e dona de casa foi cedendo espaço para o da mulher independente, livre e autônoma. Todavia, na família atual o modelo patriarcal não foi completamente suplantado; assim, seguem coexistindo os padrões tradicional e moderno, o sonho da vida em comum sob o mesmo teto e o de cada cônjuge em sua própria casa, o que resulta na existência de múltiplas referências relacionais e familiares (Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003).

De acordo com Romanelli (1991) e com Goldenberg (2003), a família tornou-se um lugar de afeto intenso e de romance entre os cônjuges, um reduto da sua expressão emocional,

com um menor interesse por ter filhos. A partir daí vários padrões se desenvolveram, testemunhados pelos dados do censo descritos (IBGE, 2011), como mulheres chefiando famílias ou optando por serem mães fora do casamento, maior número de pessoas vivendo sós, aumento das uniões consensuais e de famílias reconstituídas, decréscimo no número de filhos (e conseqüente redução do tamanho das unidades domésticas). A ênfase no apego sexual como a base do relacionamento do casal tornaria o vínculo conjugal mais instável, o que, ao lado da maior capacidade das mulheres para se sustentarem economicamente e da crescente aceitação social do divórcio, explicaria o aumento das separações e das famílias reconstituídas.

No que concerne aos papéis masculinos e femininos na família brasileira atual, a ausência de novos padrões a seguir faz com que a divisão das tarefas domésticas se estabeleça a partir de negociações e confrontos entre o casal, numa situação que nada tem de evidente. Desse modo, Romanelli (1991) atenta que, para a mulher, o casamento não significa mais a dependência financeira do marido, mas supõe a continuidade da vida profissional. Para o marido, por sua vez, o casamento refere-se ao estabelecimento de um vínculo com uma mulher que já era profissionalmente ativa. Assim, os casais se constituem a partir dessa igualdade do direito ao trabalho, mas não necessariamente na família; com isso, é principalmente quando os ganhos financeiros femininos se igualam ou ultrapassam os masculinos, que as mulheres se encontram em melhores condições para reivindicar relações mais igualitárias e recusar a submissão ao homem. Diante desse quadro, frequentemente as mulheres expressam sua insatisfação com a divisão sexual do trabalho e pressionam os maridos para assumirem mais tarefas domésticas. Estes, embora exibam um discurso igualitário, são mais apegados aos valores tradicionais, o que faz com que o processo de negociação das responsabilidades domésticas se torne difícil e custoso. Quando o homem se insere na órbita doméstica, ele passa a se aproximar mais dos filhos e, se por um lado essa situação cria novas formas de sociabilidade, por outro ela atira o homem em um espaço de indeterminação cultural em que não existem norteadores para a sua conduta (Romanelli, 1991). Por sua vez, a mulher não passaria pela mesma ambigüidade, visto que sua inserção na esfera pública encontra apoio em representações sociais que a legitimam. Desse modo, homens e mulheres, pais e mães, esforçam-se para eliminar um modelo hierarquizado de relações familiares e, no que tange à educação dos filhos, articulam o processo de socialização deles menos por meio da imposição de modelos e mais por orientações para preservar a sua liberdade de expressão.

Numa tentativa de compreender como as mudanças nos papéis de gênero repercutem nos vínculos conjugais, Goldenberg (2003) inquiriu homens e mulheres sobre o que eles esperariam de um relacionamento ideal. As respostas revelaram que ambos nutriam ideais de amor romântico e de uma relação igualitária. Nesse contexto, as mulheres valorizaram mais as características de companheirismo, cumplicidade, dedicação, interdependência e interesses comuns no relacionamento entre os cônjuges, enquanto os homens acentuaram a liberdade e a individualidade nesse vínculo. Elas também sublinharam a fidelidade, a intimidade, o romantismo e a segurança, ao passo que eles enfatizaram a paixão e a felicidade. Homens e mulheres concordaram que deve haver respeito mútuo na relação e que é importante preservar a individualidade, a privacidade e a independência financeira de cada um. Contudo, todos se queixaram da falta de liberdade/individualidade em seus relacionamentos atuais, mas as mulheres destacaram também a ausência de diálogo, ao passo que os homens mostraram desagrado diante das exigências das esposas e companheiras. A presença de filhos foi muito pouco considerada como parte de um modelo ideal de relacionamento, e mesmo alguns homens e mulheres verbalizaram que esse padrão deveria corresponder ao do casal sem filhos.

Face a esse quadro, Goldenberg (2003) concluiu que a família em si não se encontra em risco, pois os indivíduos seguem desejando se casar, mas ensaiam outras estruturas além da nuclear e patriarcal. Com isso, surgem, assim, famílias novas e mais complexas, sem pressupostos sobre papéis, regras e responsabilidades, que devem ser negociados. Essa necessidade de acomodação e de formação de compromisso se deve à sobrevivência, nas camadas médias brasileiras, dos sistemas de valores familiares arcaicos que coexistem com os modernos, com homens e mulheres buscando conciliá-los, com maior ou menor sucesso. As contradições, entretanto, persistem, denunciadas, por exemplo, na dificuldade para harmonizar valores como estabilidade, segurança e fidelidade, com outros como privacidade, autonomia e independência; em resumo, trata-se do esforço para preservar o relacionamento em uma cultura contemporânea que é altamente individualista.

Se podemos concluir, diante da descrição apresentada neste capítulo, que a nossa principal característica como povo brasileiro, herança de nossa mestiçagem, é a propensão para viver no espaço do paradoxo, e que a nossa principal qualidade é a capacidade para conciliar o inconciliável, chegando a soluções criativas, parece ser essa flexibilidade que nos dará condições para reter o melhor dos dois mundos ou modelos familiares que ainda se embatem no interior dos nossos lares. Essa aproximação e integração dos dois modelos é o que permitiria à família tornar-se o lugar de uma realização individual que seja construída na

fecundidade e na riqueza dos relacionamentos, numa relação de nutrição recíproca entre o indivíduo e o grupo, capaz de preservar as alegrias da solidão e da solidariedade.

2 OBJETIVOS

Diante das considerações apresentadas, este projeto visa compreender qualitativamente o modo como mães brasileiras, francesas e magrebina com filhas em idade escolar e pré-escolar experimentam a função materna, associando suas vivências ao desenvolvimento do *Self* de suas crianças, conforme definido por Winnicott (1960/1990a).

2.1 Objetivos Específicos

1. Conhecer as similaridades e especificidades da experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e procedentes da região do Magreb.
2. Compreender os modos como o desenvolvimento do *Self* se processa em crianças do sexo feminino de origem brasileira, francesa e magrebina.
3. Relacionar os modos de vivenciar a função materna das mulheres das três realidades culturais descritas e o desenvolvimento do *Self* de suas filhas.
4. Coligir as semelhanças e diferenças nos modos de experimentar a maternidade e no processo de desenvolvimento do *Self* nas díades das três realidades culturais.

3 MÉTODO

3.1 Contextualização e Estratégia Metodológica

Em acordo com as considerações expostas na Introdução, esta pesquisa foi desenvolvida segundo o paradigma qualitativo, consistindo em um tipo especial dessa abordagem epistemo-metodológica, a saber, uma investigação psicanalítica, cujo intuito principal é compreender o significado da experiência humana.

A perspectiva qualitativa tem raízes na Antiguidade, especificamente no pensamento aristotélico, que preconizava que a obtenção do conhecimento exigia uma aproximação substantiva e concreta dos fenômenos da realidade e valorizava a observação para poder alcançá-lo (Conde, 1995; Barbieri, 2010). Entretanto, ela começou a se consolidar principalmente a partir da década de 1960, com o fortalecimento dos movimentos feministas e do pluralismo metodológico, cultural e epistemológico. Isso aconteceu em razão do descontentamento dos cientistas com o método positivo-quantitativo, pois este se revelava frágil e insuficiente para a compreensão dos fenômenos socioculturais, que demandavam uma abordagem mais contextualizada e holística. A essa necessidade, a investigação fundada no paradigma qualitativo estava em melhores condições de responder, visto que uma das suas principais características é examinar o fenômeno humano em seu ambiente natural e de uma maneira global. Esse “contexto” envolveria as particularidades culturais dos participantes da pesquisa, cujo conhecimento permitiria melhor apreender os significados subjetivos da experiência, conforme envolvida por elas (Trivinus, 1987; Bomfim, 2014).

Essa prerrogativa da investigação qualitativa decorre dos seus pressupostos sobre a natureza da realidade (ontologia) e do conhecimento (epistemologia). Desse modo, ao passo que os paradigmas quantitativos concebem a realidade como sendo única e mensurável, compreendendo o pesquisador e o objeto de estudo como separados e independentes, os qualitativos a concebem como sendo múltipla, constituída de fenômenos construídos social e psicologicamente, com o pesquisador e o pesquisado estando inextricavelmente vinculados entre si (Gelo, Braakman & Benetka, 2008). Com isso, os dados não existiriam por si mesmos, mas o conhecimento deveria ser edificado a partir das perguntas que o investigador faz.

Turato (2003) afirma que a principal base filosófica das abordagens qualitativas que têm o homem por objeto de estudo é a Fenomenologia, cujo método seria particularmente apropriado quando se busca apreender, compreender o significado e dar sentido a um fenômeno. Ele lida com o fenômeno conforme vivenciado pela pessoa e exige uma consciência imaginativa do pesquisador que lhe permitirá deixar-se penetrar pelas significações marcadas pelo sentir o objeto, vê-lo diante dos olhos, mas ao mesmo tempo ir além da simples percepção, discernindo as suas propriedades, sua essência e caminhando rumo aos seus significados. Gelo, Braakman e Benetka (2008) afirmam que, além dessa tradição filosófica, a perspectiva qualitativa também se apoia na Hermenêutica, que pode ser definida como um sistema ou método de interpretação, que implica em desenvolver a capacidade de compreender as coisas do ponto de vista de outra pessoa, e no Interacionismo Simbólico, que sustenta que o ser humano age sobre os objetos com base em significados que lhes são atribuídos e que são construídos na interação social. Desse modo, a investigação qualitativa permite melhor compreender a conduta e a experiência humanas porque desvela a maneira como as pessoas constroem os significados e os expõem (Bogdan & Biklen, 1991/1998). Para tanto ela faz uso da observação empírica, porque é a partir dos eventos concretos do comportamento que se pode refletir sobre a condição humana.

A investigação qualitativa promoveria, então, sempre um conhecimento intersubjetivo e de natureza idiográfica. Gelo, Braakman e Benetka (2008) relembam que “idiográfico” vem do grego *idios* = “próprio”, “privado” e *graphein* = “descrever”; assim, essa pesquisa consiste na representação do evento individual, singular e temporalmente limitado, com o objetivo de compreendê-lo em sua factualidade. Essa seria uma característica própria não apenas da História, mas das Ciências Humanas de um modo geral. Esse tipo de investigação, portanto, seria particularmente conveniente no estudo de fenômenos que tenham uma estruturação complexa por serem de foro íntimo e de verbalização particularmente difícil (Turato, 2003).

Face aos seus intuítos e a essas características filosófico-epistemológicas a perspectiva qualitativa dá origem a um método de investigação bastante dinâmico. Por ser naturalística e não visar o controle do fenômeno, ela não subentende uma rotina estática de procedimentos a serem aplicados no indivíduo, sendo que são os objetivos que primam sobre o método, com o pesquisador examinando como as identidades são construídas localmente no fluxo de uma vida social e cultural (Davila, 1995; Barbieri, 2010). Por não vislumbrar a generalização dos resultados (embora ela possa existir), não há necessidade de um grande número de sujeitos de modo a constituir um grupo representativo da população de que eles fazem parte. Ao

contrário, a pertinência, a qualidade e a riqueza informativa são os critérios que norteiam a escolha dos participantes, considerados como mais importantes do que a quantidade deles. Por conta disso, a composição da amostra é geralmente proposital ou deliberada, sendo as estratégias mais comumente utilizadas a amostra por conveniência (em que os componentes são retirados de uma população em acordo com a sua acessibilidade e os interesses de pesquisa), a seleção de casos homogêneos (retirados de um grupo para serem estudados em profundidade), a amostragem por variedade de tipos (mas mantendo uma característica ou variável comum entre os participantes, a saber, o próprio tema do estudo), a “bola-de-neve” (utilização dos participantes para indicarem outros a serem incluídos no estudo), casos extremos ou desviantes e casos típicos (Turato, 2003; Gelo, Braakman & Benetka, 2008; Barbieri, 2010).

No que concerne à coleta de dados, em vista do objetivo de alcançar uma compreensão profunda dos significados do fenômeno do ponto de vista do sujeito, os instrumentos utilizados na pesquisa qualitativa são prioritariamente abertos, visando assegurar a liberdade de expressão, como entrevistas livres ou semidirigidas, observações e procedimentos projetivos utilizados como mediadores da comunicação entre o participante e o pesquisador (Turato, 2003; Aiello-Vaisberg, 2004; Gelo, Braakman & Benetka, 2008; Barbieri, 2010). Uma vez que o pesquisador e o participante estão vinculados nesse momento, sendo que o primeiro se deixa infiltrar pelas vivências e significações do último, na etapa da coleta os dados são criados em conjunto pelos dois; além disso, o relacionamento que eles estabelecem também determina, ao menos em parte, aquilo que é dito (Kvale, 2003). A figura do investigador também é crucial na fase da análise dos dados, pois é ele quem converte a informação em significação. Na pesquisa qualitativa, diferentemente da quantitativa, a análise dos dados não é realizada necessariamente após a coleta, mas pode ser feita ao mesmo tempo que ela, com o pesquisador realizando “devoluções” ao participante ao longo do seu encontro com ele. Todavia, posteriormente a esse encontro, ele também avalia o material para melhor sistematizá-lo e prepará-lo para o diálogo com a literatura científica.

A estratégia de análise de dados mais comumente utilizada na pesquisa qualitativa é a Análise de Conteúdo Temático (Bardin, 1979; Gelo, Braakman & Benetka, 2008); apesar dessa popularidade, Turato (2003) alerta o pesquisador qualitativo sobre a necessidade de ultrapassar os procedimentos descritivos desta forma de organização dos dados, para alcançar o nível da inferência. Nesses termos, eles recordam que o processo de interpretação dos resultados desse tipo de pesquisa é o da inferência indutiva, que permite gerar significados, explicações, compreensões, sistemas conceituais e teorias baseadas na observação do

fenômeno. Desse modo, a interpretação dos dados qualitativos consiste em atribuir significado aos resultados com referência a um contexto de estudo específico e particular. Seria dessa maneira que os resultados (afirmações sobre o significado ou as perspectivas dos participantes sobre um determinado assunto) auxiliariam na compreensão sistemática do tema em investigação. Com isso, a investigação qualitativa atestaria a sua capacidade para gerar relatos detalhados da experiência, incluindo emoções, crenças e comportamentos e para promover uma análise profunda de sistemas humanos, familiares e culturais complexos, de uma forma que não pode ser captada por escalas de medidas e modelos multivariados (Castro, Kellison, Boyd & Kopak, 2010).

Turato (2003), ao tratar de uma particularização dessa abordagem metodológica, que ele denominou pesquisa clínico-qualitativa, reitera que o cientista deve desenvolver uma atitude existencialista, percebendo em si angústias e ansiedades pessoais e deixar-se mover por elas para buscar a compreensão profunda dos fenômenos humanos e acolher as aflições do outro. Essa condição do pesquisador, por sua vez, dependeria do seu estado mental, já que este influenciará na qualidade do *setting* que ele oferecerá ao participante. Dada a característica altamente dinâmica da pesquisa qualitativa, isso significa que o investigador deve apresentar não somente disciplina intelectual, mas também criatividade, flexibilidade para lidar com os imprevistos, capacidade de indagar e de estabelecer vínculos empáticos com o participante que lhe permitam identificar-se com ele. Essa identificação, contudo, implica que, ao mesmo tempo em que se mescla com o outro, o pesquisador observa a si mesmo e ao participante, buscando reconhecer as características deste último que interferem nele mesmo, ou, em termos psicanalíticos, a contratransferência. Assim, a realidade seria compreendida à medida que o pesquisador organiza esses dados e impressões, sendo que é o pensamento que busca a realidade e não o contrário. Nesse contexto, Turato valoriza a inclusão de elementos psicanalíticos nesse tipo de investigação, devido à influência de fatores inconscientes do pesquisador e do participante, não apenas no momento em que eles se encontram, mas que, no caso do primeiro, estende-se por todo o processo investigativo, desde a escolha do tema de estudo, até a discussão dos resultados, visto que a sua cosmovisão e postura marcariam toda a sua vida pessoal e profissional. Segundo ele, a Psicanálise seria útil também para prover teoricamente o pesquisador com suas concepções da dinâmica inconsciente individual, tanto no momento da construção e aplicação de instrumentos auxiliares para a coleta de dados quanto no da discussão dos resultados.

Turato (2003) acrescenta ainda que os métodos qualitativos se confundem com a clínica, existindo uma inseparabilidade entre ciência e profissão (Barbieri, 2008; 2009; 2010).

Ele defende, assim, que é ao lado do ser humano, paciente ou não, que ocorrem as trocas, conscientes e inconscientes, que permitirão o conhecimento dele e também do pesquisador, numa investigação-em-ação permanente que leva a ações, a mudanças, a novas ações e assim sucessivamente.

Nesse sentido, Aguiar (2001) ressalta a associação que existe entre o que é definido como *método clínico* e a Psicanálise, relação esta que é particularmente estreita na França. Esse método se fundamenta em duas dimensões paradigmáticas, a saber, a singularidade do sujeito e a ideia de uma simultaneidade entre pesquisa e tratamento, dimensões estas que são próprias da Psicanálise. Desse modo, ele se contraporía tanto ao *método experimental*, que visa buscar generalidades, quanto ao modelo médico, de base predominantemente organicista.

De fato, Freud (1922-23/1976) já havia definido a Psicanálise como

(1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (p. 287).

Portanto, além da indissociabilidade entre pesquisa e intervenção, o método psicanalítico prevê, como um de seus objetivos, a geração de uma teoria, como acontece com os métodos qualitativos de um modo geral.

Dessa maneira, segundo Aguiar (2001), pelo menos na França a Psicanálise e a Psicologia têm mantido um relacionamento razoavelmente harmônico, com a primeira se constituindo em uma garantia teórica e modelo de prática para a segunda e esta como veículo para a difusão daquela no país. Todavia, a opinião sobre um sincronismo nesse relacionamento não é um acordo unânime entre os pesquisadores nem se estende a todos os lugares. Nesse contexto, Pacheco Filho (2000) afirmou que muitos psicanalistas, inclusive brasileiros, temeram que essa aproximação com a Psicologia subtraísse a originalidade da Psicanálise. Violante (2000), por exemplo, salienta que nem sempre é possível articular a Psicanálise com uma Psicologia não psicanalítica sem perdas importantes do rigor conceitual para ambas as partes. Birman (1989) explicita melhor essa preocupação, dizendo que muitas vezes o resultado dessa integração leva a deformações do discurso psicanalítico, a saber, a exclusão das dimensões simbólicas e fantasmáticas da experiência em prol de uma Psicologia do Ego, preocupada principalmente com a adaptação social e com a conduta manifesta.

O nível de bem ou mal-estar face a essa integração parece ser o responsável pela existência das três categorias de pesquisa psicanalítica que foram descritas por Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron e Beaune (2009), segundo a sua maior ou menor fidelidade ao método psicanalítico. A primeira delas trata-se de estudos baseados em sessões psicanalíticas, que podem usar também esse método para refletir sobre o acontecido nessas situações, ou então submetê-lo a uma análise não-psicanalítica, como usar uma escala para avaliar uma sessão. A segunda categoria engloba as pesquisas que buscam testar hipóteses oriundas da teoria psicanalítica por meio de instrumentos de avaliação, objetivos ou projetivos; aqui parte-se de um modelo mais positivista, empregando-se o paradigma sujeito-objeto no lugar do sujeito-sujeito. Finalmente, existem os estudos que empregam o método psicanalítico para compreender manifestações humanas variadas como obras de arte, valores e fenômenos coletivos, funcionamentos institucionais, bem como, evidentemente, sessões psicoterápicas. Nesses casos, o fenômeno psicológico é compreendido como uma “(...) experiência dramática dotada de múltiplos sentidos existenciais⁴⁸” (p.42-4 tradução livre) e os instrumentos não são empregados de modo padronizado, mas são vistos, sobretudo, como recursos dialógicos e mediadores da comunicação. Esse terceiro conjunto de investigações prevê a utilização do método psicanalítico também em um contexto extramuros, ou seja, fora do consultório ou clínica (Violante, 2000), de modo a abordar uma variedade de fenômenos humanos e compreender a sua significação, sempre de uma maneira espaço e temporalmente contextualizada.

Esses diferentes desenhos metodológicos da pesquisa psicanalítica parecem originar-se da duplicidade do pensamento freudiano que foi apontada por Politzer (Aiello-Vaisberg, 2004), entre a clínica viva, com o seu método que considera o homem como ser singular e contextualizado, e as formulações metapsicológicas, que buscam enunciações objetivantes e abstratas sobre o ser humano, que têm um caráter organicista e biologizante e que, por isso, se aproximam mais do paradigma positivo-quantitativo. Diante dessas reflexões, a pesquisa psicanalítica que permite compreender o ser humano (ou o fenômeno humano coletivo) em sua singularidade e complexidade é viabilizada por um delineamento mais compatível com o terceiro tipo de investigação descrito por Aiello-Vaisberg et al. (2009). Nele, o método psicanalítico é utilizado em todo o seu frescor e vigor, seja o contato com o outro mediado ou não por um recurso dialógico. Nesses termos, as suas características principais devem ser mantidas, dentro e fora da clínica, a saber, a livre associação do paciente/participante e a

⁴⁸ « (...) expérience dramatique et relationnelle dotée de multiples sens existentiels. »

atenção flutuante (ou equiflutuante) do psicanalista/pesquisador. Freud (1922-23/1976) definiu a associação livre como o procedimento a ser seguido pelo paciente de comunicar honestamente o que se encontra em sua consciência, sem nada suprimir, mesmo que o pensamento seja desagradável ou lhe pareça absurdo. Laplanche e Pontalis (1967/1997) acrescentam que esses pensamentos podem surgir de forma espontânea ou serem desencadeados por uma palavra, número, imagem de um sonho ou qualquer outra representação. A atenção flutuante, também denominada por Freud como atenção imparcialmente suspensa, seria a contrapartida da associação livre por parte do analista (ou do pesquisador): ela implica numa tentativa deliberada do profissional de evitar construir expectativas conscientes sobre o analisando e de não fixar particularmente coisa alguma que ouvisse na memória; com isso, ele seria capaz de apreender o fluxo inconsciente do paciente com o próprio inconsciente.

Na investigação científica psicanalítica, a viabilidade de que a associação livre e a atenção flutuante tenham lugar depende do uso de instrumentos abertos ou semidirigidos, como as entrevistas e os métodos e procedimentos projetivos. Como na pesquisa qualitativa de modo geral, também na psicanalítica esses recursos devem ser empregados principalmente como mediadores da comunicação, sem o apelo a formas padronizadas e pré-estabelecidas de administrá-los ou de avaliá-los e interpretá-los. Isso acontece porque é somente nessa situação de liberdade que se torna possível a compreensão da singularidade e da complexidade do fenômeno humano, em toda a sua multiplicidade de manifestações e de significações a elas atribuídas.

Dessa maneira, a pesquisa psicanalítica, em seu sentido mais estrito do termo, ou seja, aquele correspondente à terceira categoria descrita por Aiello-Vaisberg et al. (2009), ao invés de buscar uma explicação única para vários eventos, tenta encontrar várias explicações para eventos únicos. Ainda, mesmo diante da possibilidade de existência de uma lei geral, não basta ao psicanalista conhecê-la: ele deve igualmente compreender como ela se aplica a uma determinada pessoa em determinado momento e como as leis interagem entre si (Klauber, 1968).

De acordo com Aiello-Vaisberg et al (2009), quando essas características da pesquisa psicanalítica são preservadas e esse tipo de investigação é ampliado para contextos fora da clínica, o investigador se encontra em condições de abordar todo e qualquer acontecer humano. Nessa direção, os autores reservam a expressão “acontecer clínico” para definir a experiência vivida no encontro entre o pesquisador-psicanalista e o seu sujeito ou fenômeno de estudo (já que este nem sempre é uma pessoa). Visto que a pessoalidade do pesquisador

encontra-se presente em todas as etapas da investigação, inclusive no momento da comunicação da experiência que ele viveu com o participante. Aiello-Vaisberg et al. preferem falar em “apresentação do acontecer clínico” ao invés de “apresentação do material clínico”, de modo a sublinhar o caráter inter-humano do encontro e do conhecimento ali produzido. Nesses termos, o conhecimento não seria “desvelado”, mas criado/encontrado no relacionamento.

Em acordo com esse paradigma investigativo, as narrativas psicanalíticas consistiriam em uma opção particularmente fecunda para a apresentação do acontecer clínico, por incluírem tanto os aspectos mais objetivos e visíveis do encontro como as ressonâncias afetivas dele no pesquisador. Essa estratégia estaria em acordo com o método psicanalítico, porque nela o investigador também faz uso da associação livre e da atenção flutuante (Tachibana, 2011). Ainda, por pressupor que o conhecimento é criado/encontrado a partir do encontro inter-humano entre o pesquisador e o participante, que vivem uma experiência juntos, ela é compatível com o referencial teórico winnicottiano, que foi adotado neste estudo, que preconiza que os únicos relacionamentos significativos com a realidade que o indivíduo estabelece são aqueles em que ele a cria e nela encontra, pelo eco da sua criatividade por parte do outro, a confirmação daquilo que concebeu. Somente assim seria possível ao indivíduo sentir-se vivo e real, unido emocionalmente com o mundo (Winnicott, 1948/1993; Aiello-Vaisberg et al., 2009).

De acordo com Aiello-Vaisberg et al. (2009), o método das narrativas psicanalíticas é composto por três etapas. Na primeira delas ocorre o encontro inter-humano entre o participante e o pesquisador, em que o primeiro é convidado a se exprimir livremente e o segundo acompanha essa expressão por meio da atenção equiflutuante. A segunda etapa corresponde à construção da narrativa em si, ou seja, de um texto escrito sobre o acontecer clínico, em que o pesquisador se reencontra com a experiência que viveu. Nessa redação, ele também faz uso da associação livre e, com isso, nela inscreve as suas impressões pessoais sobre o encontro, as sensações e sentimentos que foram nele despertados a partir dessa experiência. Na terceira fase o pesquisador se debruça sobre a narrativa que construiu e, por meio de uma atenção equiflutuante, procede à sua leitura. Esse procedimento pode originar um texto sobre a narrativa, que permitirá o diálogo teórico com outros autores.

Na estratégia das narrativas psicanalíticas, o uso de mediadores da comunicação entre o pesquisador e o participante no momento do encontro inter-humano tem se mostrado particularmente frutífero. Os recursos mais comumente utilizados com esse intuito são os desenhos, as obras de arte e os procedimentos projetivos (Aiello-Vaisberg, 2004; Tachibana,

2011); eles enriquecem consideravelmente a qualidade do encontro, facilitam o contato e, assim, permitem que a experiência vivida entre pesquisador e participante atinja níveis muito profundos. Empregados nessas condições, os instrumentos projetivos sofrem alterações em relação às suas formas habituais de utilização. Uma das principais diferenças nesse sentido é que, como o método psicanalítico de investigação caracteriza-se pela livre associação e pela atenção flutuante, esses processos são incompatíveis com procedimentos rigidamente padronizados de aplicação, avaliação e interpretação de resultados. Desse modo, quando usados como mediadores, os instrumentos projetivos ganham maior flexibilidade no momento de sua apresentação ao participante, e a interpretação que é feita do encontro em que eles foram utilizados é livre, sem critérios ou roteiros pré-estabelecidos. A própria palavra “aplicação” não seria apropriada nesses casos, já que ela pressupõe uma separação marcada entre as posições do pesquisador e do participante, própria de um paradigma sujeito-objeto e não do encontro inter-humano. Também o termo “projeção”, se compreendido no estrito sentido freudiano de mecanismo de defesa (Freud, 1911/1976), por marcar uma distinção clara entre o indivíduo e a realidade exterior, é pouco conveniente para essa estratégia metodológica. Assim, por razões de coerência epistemo-metodológica, eles são considerados aqui como procedimentos (e não *técnicas*) expressivos e de comunicação emocional, que ultrapassam o nível verbal conceitual (Aiello-Vaisberg, 2004). Ainda, os estímulos componentes desses procedimentos, antes de serem “aplicados” ao participante, são *apresentados* a ele, como um convite para estabelecer o intercâmbio com o pesquisador, como um rabisco do *Squiggle Game* (Winnicott, 1971/1984). Tratam-se, assim, de procedimentos apresentativo-expressivos (Aiello-Vaisberg, 2004) e que admitem o seu emprego de um modo mais livre, incluindo a seleção de partes deles e a exclusão de outras para uso no encontro com o participante. Nessas condições, tais procedimentos poderiam guardar um caráter lúdico e, com isso, ajudariam a configurar um espaço transicional (Winnicott, 1951/1975), em que a comunicação entre o participante e o pesquisador fluiria mais espontaneamente. Nessa perspectiva, mesmo a natureza da tarefa solicitada pelos procedimentos projetivos poderia ser mantida, dada a sua semelhança com o brincar. Nesses termos, Aiello-Vaisberg (2004) afirma que

o que faz toda a diferença entre o jogo do rabisco e um TAT ou um Rorschach, por exemplo, não é a natureza da tarefa (inventar histórias ou completar rabiscos). A questão fundamental reside em definir se o clínico trabalha segundo um paradigma de avaliação, baseado no paradigma sujeito-objeto, ou se adere a um pensamento que honra uma clínica concreta, que acontece em campo inter-humano. Porque, a

meu ver, tanto o Rorschach pode ser apresentado como um rabisco, num diálogo lúdico que retoma sua inspiração na brincadeira infantil de ver animais e outras formas nas nuvens, como o rabisco pode ser usado para avaliar o paciente (p.116).

Diante de todo esse arrazoado, no intuito de compreender a experiência materna e o desenvolvimento do *Self* infantil em três grupos culturais distintos, esta investigação, já qualificada no início deste capítulo como qualitativa e psicanalítica, elegeu as narrativas psicanalíticas como estratégia metodológica, fazendo uso de um procedimento projetivo como mediador da comunicação com as participantes, o Teste de Apercepção Temática Infantil (CAT). Foi nesse contexto epistemo-metodológico que o delineamento desta pesquisa, descrito a seguir, foi concebido.

3.2 Participantes

Inicialmente, esta proposta de trabalho previa a participação de trinta díades mães-crianças, dez delas nativas e residentes no Brasil, dez nascidas e residentes na França e dez oriundas da região do Magreb e que viviam na França. A opção por este número de díades baseou-se nas recomendações de Trinca (1999) de que, na investigação psicanalítica, um número entre 10 e 20 casos, estudados exaustivamente, permite uma compreensão suficiente do tema em pauta, não sendo tão reduzido a ponto de deixar dúvidas, nem tão grande a ponto de inviabilizar a pesquisa. Contudo, houve dificuldades no processo de recrutamento das participantes do Magreb, que são melhor descritas na síntese desse grupo cultural apresentada mais adiante, o que fez com que, ao final, esta amostra fosse constituída de sete díades, cinco delas residentes na França e duas no Marrocos.

As crianças foram todas do sexo feminino, com idade entre quatro anos e meio e dez anos, em diferentes posições na ordem de nascimento. Já a idade das mães variou entre 28 e 49 anos, e a sua escolaridade foi de ensino médio ou superior. As mães magrebina que haviam imigrado para a França procediam todas do Marrocos ou da Argélia, os dois principais países do Pequeno Magreb. Todas as díades eram de nível socioeconômico médio e as configurações familiares foram diversificadas, existindo arranjos nucleares, monoparentais femininos e recompostos.

Esses critérios de seleção das participantes foram estabelecidos considerando o intuito das pesquisas qualitativas de gerar resultados que permitam a identificação tanto de semelhanças quanto de diferenças, no âmbito intra e interamostral (Turato, 2003). Portanto, as participantes apresentaram uma homogeneidade fundamental geral (serem mães de meninas na faixa etária descrita, terem o mesmo nível socioeconômico e apresentarem determinadas pertinências culturais), mas, também, uma certa heterogeneidade (diferentes configurações familiares e crianças em posições diversas na ordem de nascimento).

As díades francesas e as magrebinas que haviam imigrado para a França residiam todas na cidade de Lille, situada no norte do país e próxima à fronteira com a Bélgica. Trata-se de um município com 230000 habitantes, considerado a capital da região Nord-Pas-de-Calais; todavia, mesmo as díades francesas procediam de diversas regiões do país. As brasileiras, por sua vez, moravam todas em Ribeirão Preto, cidade do interior do estado de São Paulo, com cerca de 650000 habitantes. Da mesma maneira que as francesas, nem todas as mães brasileiras haviam nascido nessa cidade, havendo algumas que procediam de outros municípios, principalmente do interior do estado de São Paulo e de Minas Gerais.

As díades francesas e magrebinas foram recrutadas a partir de indicações de alunos da Université Charles-de-Gaulle de Lille-3, escolas e instituições de cuidado à infância, bem como das próprias mães que, após serem entrevistadas, indicavam amigas e conhecidas para participarem da investigação. Portanto, a composição final da amostra francesa e da magrebina resultou de uma combinação de indicações institucionais e do método da “bola de neve”, consistindo, em seu final, em um misto de amostra por conveniência e por variedade de tipos (Turato, 2003; Gelo, Braakman & Benetka, 2008; Barbieri, 2010). Por sua vez, todas as díades brasileiras foram indicadas pela diretora de uma escola particular de ensino fundamental de um bairro de classe média da cidade de Ribeirão Preto.

3.3 Procedimento de coleta dos dados

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas individuais com as mães e com as crianças⁴⁹, utilizando como mediadores da comunicação os quadros 1, 2, 3, 4 e 8 do Teste de Apercepção Temática Infantil (Children’s Apperception Test), forma animal (CAT-

⁴⁹ Em alguns poucos casos, dada a relutância da mãe para se separar da filha, foi permitido a ela estar presente na ocasião da entrevista com a criança.

A). Nesses cartões, que são descritos no Anexo A deste trabalho, estão representadas cenas de animais antropomórficos em situações de convívio familiar, referentes a vivências de alimentação, experiência edípica, relacionamento com a autoridade, rivalidade-solidariedade fraterna e socialização (Bellak & Bellak, 1949/1981).

No encontro com as mães, elas deveriam relatar sua experiência com a filha a partir da seguinte solicitação:

«Vou lhe mostrar alguns quadros e gostaria que você, olhando-os, me contasse como foi e como é ser mãe da (nome da menina) nessas situações».

Essa utilização do CAT-A em adultos constituiu uma originalidade deste trabalho, tendo sido baseada no pressuposto (que posteriormente se confirmou) de que as mães se identificariam com o animal adulto representado nos cartões e fariam de suas vivências parentais a partir deles. Com relação às crianças, as mesmas gravuras do CAT-A foram mostradas, com a demanda de que contassem uma estória sobre cada uma delas. Os encontros com as mães e com as crianças ocorreram na residência da díade ou nas dependências da escola, em sala reservada, buscando-se assegurar uma situação de tranquilidade e de privacidade que as colocasse à vontade para se expressarem.

Embora o uso que foi feito do CAT-A com as crianças se aproximasse um pouco das diretrizes concernentes à sua aplicação tradicional, é importante reiterar que esse instrumento não foi utilizado nesta investigação como um teste psicológico, nem com as meninas, nem com suas mães. Nesses termos, seus quadros foram empregados simplesmente para propiciar a comunicação da experiência da maternidade pela mulher e do desenvolvimento do *Self* pela menina, como recursos dialógicos facilitadores, conforme descrevemos anteriormente neste mesmo capítulo. Portanto, os cartões foram apresentados às mães e às crianças (e não “aplicados”), convidando-as a se expressarem livremente a partir deles. Além disso, no trabalho de análise e interpretação da comunicação realizada, o raciocínio clínico e a atenção flutuante imperaram sobre qualquer diretriz pré-estabelecida de avaliação. Os cartões serviram, assim, como disparadores dos relatos das mulheres e das crianças, e como recursos para configurar um espaço transicional onde a experiência subjetiva, vinculada à situação ilustrada em cada figura, pudesse ser expressa. Nesse contexto, a forma animal do instrumento foi escolhida em detrimento da humana em razão do seu caráter mais lúdico, o que facilitaria a configuração desse espaço e, em consequência, propiciaria o relaxamento e a expressão da experiência pela mulher e pela menina.

Todos os encontros foram gravados em MP3, não com o intento de obter uma descrição mais fiel dos relatos das mulheres, mas principalmente para proporcionar a

oportunidade de retomar o material posteriormente e ouvi-lo, para que pudessem ser melhor identificadas as pausas, hesitações e a comunicação, de modo a amadurecer o processo de elaboração e interpretação que deveria ser feito a seguir.

Com exceção de três díades magrebinas, todas as demais entrevistas foram realizadas por mim (pesquisadora brasileira), para garantir maior uniformidade no que concerne à descrição dos impactos emocionais dos encontros.

3.4 Análise dos dados

Após os encontros com as participantes, a segunda etapa prevista na estratégia metodológica das narrativas psicanalíticas teve lugar, a saber, a elaboração de um texto sobre o acontecer clínico ou construção da narrativa em si (Aiello-Vaisberg et al., 2009). Essa redação foi feita tendo como base os registros em MP-3 dos encontros realizados, e as minhas percepções em termos da comunicação emocional não verbal da mãe e da criança, bem como as associações a esse respeito, em suma, o impacto afetivo do encontro. Foram elaboradas duas narrativas de cada díade, uma concernente ao encontro com a mãe e outra ao encontro com a criança.

Na terceira etapa houve a leitura dos textos das narrativas, em que a atenção flutuante foi utilizada como ferramenta para compreendê-los de modo a realizar a sua interpretação e tornar possível o diálogo científico. Esse esforço resultou na confecção de um texto interpretativo sobre cada narrativa, utilizando como *background* a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional. Assim, foi construído um texto interpretativo referente à narrativa de cada uma das mães e outro concernente à narrativa de cada criança, seguidos de uma síntese visando relacionar a experiência materna e o desenvolvimento do *Self* da menina em cada díade. Posteriormente, foi realizada uma síntese interpretativa das narrativas de todas as mães de cada grupo cultural e outra relativa a todas as crianças, visando compor um retrato de cada um deles. Em seguida foi feita uma síntese final comparativa que debateu as semelhanças e diferenças entre os grupos culturais, referentes à experiência materna e ao desenvolvimento do *Self* da menina.

Nos capítulos seguintes estão descritas a trajetória da coleta dos dados e as sínteses gerais interpretativas das mães e das crianças de cada grupo cultural e, em sequência, a síntese comparativa dos três grupos. A título de ilustração, nos apêndices que constam no corpo deste

volume são apresentadas as narrativas e interpretações de uma díade de cada grupo: no Apêndice A uma díade francesa, no Apêndice B uma magrebina e no Apêndice C uma brasileira. As narrativas das demais díades dos três grupos culturais e suas respectivas interpretações constam em um volume à parte, em CD-ROM, deste trabalho.

3.5 Considerações éticas

Uma vez que na França não existe obrigatoriedade de aprovação de pesquisas por comitês de ética no campo da Psicologia, o presente estudo foi submetido e aprovado somente por um comitê brasileiro, o da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP– USP) (ANEXO B). Mesmo assim, todas as mães receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido _TCLE (APÊNDICE D), na versão em português ou em francês, formalizando a sua aceitação para participar da investigação, bem como o seu acordo que a filha também fizesse parte dela. Também foi elaborado um Termo de Autorização, que foi assinado pela diretora da escola que indicou as participantes brasileiras (APÊNDICE E).

Todos os preceitos éticos relativos à Resolução 196/96 (e, posteriormente a 466/12) foram respeitados, incluindo o caráter inteiramente voluntário da participação das díades na pesquisa e o direito delas de interrompê-la a qualquer momento sem qualquer tipo de penalidade ou ônus; também foi assegurado o sigilo dos resultados e a explicitação dos riscos e benefícios fez parte do conteúdo do TCLÉ. Além disso, nos casos em que foi detectada a necessidade de atendimento psicológico para a mãe ou para a criança, elas foram encaminhadas à Clínica Psicológica da Universidade de Lille 3 ou ao Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia da FFCLRP-USP; neste último caso, as díades foram acolhidas no Serviço de Triagem e Atendimento Infantil e Familiar (STAIF), que é de minha responsabilidade em conjunto com a psicóloga Dra. Fernanda Kimie Tavares Mishima-Gomes.

4 A EXPERIÊNCIA MATERNA DE MULHERES FRANCESAS E O DESENVOLVIMENTO DO *SELF* INFANTIL⁵⁰

4.1 Trajetória da coleta de dados: a corrente das mães

Para poder compor a amostra francesa, telefonei para 18 diretores de escolas maternas e elementares da cidade de Lille. Entre eles, 8 aceitaram me receber para uma reunião, a fim de obterem mais informações sobre a pesquisa. Quanto aos demais, eles se recusaram a marcar uma reunião comigo, alegando que não tinham interesse nem tempo disponível para se envolverem em meu estudo. Assim, encaminhei o projeto aos diretores das 8 escolas cuja resposta havia sido positiva, e o discuti com eles nas nossas reuniões. Após haver obtido a confirmação do interesse deles na pesquisa, entrei em contato com os inspetores responsáveis por esses estabelecimentos, a fim de obter sua autorização para contatar as mães dos alunos⁵¹. Esta permissão me foi concedida somente pelos inspetores de duas escolas. Assim, fiz uma nova reunião com os diretores desses dois estabelecimentos, cujos resultados foram os seguintes:

- Na primeira escola, o diretor entrou em contato com as mães e agendou uma reunião entre mim e elas. Quatro mães compareceram à reunião e, entre elas, somente uma aceitou participar da pesquisa. Esta mãe fez parte da amostra magrebina (Omeya)^{52,53}.
- Na segunda escola, o diretor marcou uma reunião comigo, com as mães e com a colaboradora da pesquisa Mme Kirat-Leclercq⁵⁴. Todavia, nenhuma mãe compareceu à reunião. Com isso, eu e Mme Kirat-Leclercq preparamos uma versão simplificada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi distribuída às mães na entrada da escola alguns dias depois. Após este procedimento, uma mãe (que fez parte da

⁵⁰ Para manter a coerência com a forma de apresentação dos dados de cada díade (presente nos apêndices) e com o método de pesquisa, na descrição das atividades da pesquisadora o texto dos resultados será redigido na primeira pessoa do singular.

⁵¹ Na França, essa autorização dos inspetores é obrigatória para que se possa fazer a coleta de dados de pesquisa em uma escola.

⁵² Por razões éticas, os nomes de todas as mães e crianças participantes da pesquisa são fictícios.

⁵³ Nesta reunião as mães me informaram que o diretor não lhes havia comunicado o motivo do nosso encontro. Ele lhes havia dito somente que deveriam vir à escola para conversar com uma psicóloga. Com isso, a maioria das mães imaginou que existia um problema com sua filha.

⁵⁴ Mme Kirat-Leclercq, que é psicóloga clínica e doutoranda em Psicologia, já tinha um contato com essa escola e, assim, ela me ajudou neste pedido.

amostra magrebina) aceitou participar da pesquisa (Nima). Ela também indicou duas amigas para participarem dela, que compuseram a amostra francesa (Charlotte e Elise).

Diante dessas dificuldades, enviei e-mails para os responsáveis de 10 estabelecimentos de assistência à infância da cidade de Lille, para solicitar a sua cooperação em minha pesquisa. A única resposta positiva veio da *Lèche Legue de Lille*, uma instituição dedicada a discutir com as mães princípios de educação e de cuidado a crianças, principalmente na primeira infância. Após falar comigo, a coordenadora da *Lèche Legue* enviou um e-mail às mães que participavam desta instituição. Duas delas, Louise e Madeleine, contataram-me e concordaram em serem entrevistadas por mim. Houve ainda outra participante procedente deste estabelecimento (Camille) que foi indicada por Louise.

Como ainda havia dificuldades para compor a amostra, eu e Madame Kirat-Leclercq nos vimos obrigadas a modificar nossa estratégia de aproximação das mães. Ela colocou-me em contato com uma mãe que ela conhecia (Cécile), que aceitou participar da pesquisa e que também indicou uma amiga que eu poderia procurar para entrevistar (Denise). A partir daí, a composição das amostras francesa e magrebina desenvolveu-se através da indicação de novas participantes pelas mães que eu havia encontrado anteriormente. Esse processo desenvolveu-se com um forte comprometimento das mães: era como se elas tivessem formado uma corrente para tornar a pesquisa possível. Elas foram muito solidárias comigo e algumas afirmaram que conheciam bem as dificuldades para fazer uma pesquisa científica. Além disso, algumas delas, como Nima e Louise, expressaram o seu reconhecimento para comigo por meio de uma troca de e-mails após o nosso encontro. Assim, além de um aspecto de solidariedade, a ajuda que elas me ofereceram na pesquisa parecia ser uma expressão de gratidão por terem sido ouvidas por mim e valorizadas como mães.

4.2 A composição final da amostra francesa

A partir da coleta de dados efetuada, a amostra francesa foi composta por díades mães-filhas cujas características são expostas na tabela seguinte:

Tabela 1 – Características das díades componentes da amostra francesa

Mãe	Idade da mãe	Criança	Idade da criança	Ordem de nascimento da criança	Configuração familiar
Amalie	38 anos	Arielle	9 anos	Segunda de três crianças	Nuclear
Denise	45 anos	Antoinette	9 anos	Caçula	Nuclear
Charlotte	45 anos	Sabine	6 anos	Caçula	Nuclear
Florence	49 anos	Claire	9 anos	Única	Recomposta (pacto)
Elise	42 anos	Emilie	9 anos	Caçula	Nuclear
Rachel	38 anos	Hannah	7 anos	Caçula	Recomposta
Louise	42 anos	Danielle	6 anos	Única	Monoparental
Camille	37 anos	Annabelle	6 anos	Caçula	Monoparental
Madeleine	44 anos	Edda	6 anos	Caçula	Recomposta
Cécile	44 anos	Laura	8 anos	Única	Nuclear

A Tabela 1 mostra que a idade das mães francesas variou entre 37 e 49 anos, e a das filhas entre 6 e 9 anos. A configuração familiar de metade das díades era nuclear. Três famílias eram recompostas e duas eram monoparentais femininas. Essa distribuição ilustra, de uma certa maneira, a característica plural dos arranjos familiares franceses, mesmo que não seja exatamente fiel às porcentagens relatadas no censo. Nesses termos, 20% de nossa amostra foi composta de arranjos monoparentais femininos, sendo que na população geral essa porcentagem é de 8,4%; além disso, pudemos contar também com um casal vivendo em pacto, quando essa condição representa apenas 3% da população francesa (INSEE, 2015). Visto que não temos nenhuma pretensão de generalizar nossas interpretações e conclusões, essa relativa heterogeneidade das díades nos presenteia com a possibilidade de abarcar as diferenças e similaridades entre essas configurações, enriquecendo os nossos dados. Nesse contexto, mesmo que os arranjos nucleares dessa amostra fossem formalmente homogêneos, este não foi o caso dos recompostos e dos monoparentais.

Com relação às famílias recompostas, a de Florence, por exemplo, era reconstituída somente por parte de seu marido. Com relação a ela, tratava-se de seu primeiro casamento (na verdade, um pacto). Além disso, os filhos do primeiro matrimônio de seu marido já eram

adultos e não moravam com ela. Enfim, sua configuração familiar era muito próxima do modelo nuclear. A situação familiar de Madeleine não era muito diferente da de Florence. Tratava-se do segundo casamento dela e também de seu marido, sendo que ambos tinham filhos de suas uniões anteriores. Entretanto, esses filhos já eram adultos e não moravam mais com o casal, que vivia somente com os dois filhos nascidos de sua aliança. Dessa maneira, no dia-a-dia, sua condição familiar também se assemelhava ao arranjo nuclear. Por outro lado, no que diz respeito a Rachel, a situação era diferente. Ela tinha 3 filhos de seu primeiro matrimônio e vivia com eles e com seu segundo marido, que não tinha filhos. Assim, conforme ela mostrou em sua narrativa, ela enfrentava mais intensamente os dilemas relacionados ao papel do pai e do padrasto na educação de seus filhos, o que a deixava às vezes um pouco confusa.

Quanto às duas famílias monoparentais, as situações de Camille e de Louise eram muito distintas. Enquanto Camille passou por um divórcio relativamente amigável e mantinha uma boa relação com seu ex-marido, Louise não tinha este conforto. Ela foi abandonada no início de sua gravidez por um homem que assumiu a paternidade de sua filha somente por força da lei; além disso, ele evitava qualquer contato com ela e com Danielle.

No Apêndice A deste volume, a título de ilustração, são apresentadas as narrativas de mãe e filha, bem como as suas respectivas interpretações, de uma díade francesa que consideramos bastante representativa do grupo, Elise e Emilie. Já o que descreveremos abaixo é a síntese das principais características da experiência de todas as mães dessa amostra e, posteriormente, a síntese das crianças. Embora existam várias semelhanças entre as díades, as componentes das famílias monoparentais exibiram às vezes particularidades importantes. Nos casos em que estas singularidades se manifestaram, elas foram aqui discutidas.

Finalmente, embora tenha sido prevista uma análise das especificidades da experiência materna segundo a ordem de nascimento da criança, as mães praticamente não discorreram a respeito desse assunto. As únicas exceções foram Amalie e Rachel, em cujos relatos houve uma referência explícita a esta questão. Desta forma, esse tema foi considerado somente na análise das narrativas destas duas díades e foi tocado apenas ligeiramente na síntese apresentada abaixo, quando tratamos do significado de oferecer irmãos e irmãs à filha.

4.3 Síntese das interpretações das mães

4.3.1 Maternidade e identidade feminina

Se as narrativas das mulheres privilegiaram a dimensão materna de sua experiência, conforme o objetivo desta pesquisa, essa condição não foi dissociada do modo como elas vivenciam sua feminilidade. Neste sentido, a maternidade foi vista pela quase totalidade das participantes como uma experiência que permite a realização de si como mulher, e que promove um enriquecimento muito importante em suas vidas. Dessa maneira, elas sentem que ensinam muito a seus filhos, mas também aprendem com eles. A única mãe que não expressou abertamente esta opinião foi Camille. Para ela, em razão de suas dificuldades pessoais, a maternidade é percebida como uma tarefa pesada, difícil de realizar e que gera mais angústias do que prazer. As exigências dos filhos deixam-na exasperada e esgotada. Para as outras participantes, a maternidade é concebida como um desafio constante e apaixonante (Cécile, Louise), que traz muita felicidade (Florence, Louise), mas, ao mesmo tempo, não é isento de angústias (Cécile, Louise, Elise, Charlotte, Denise). Todavia, essas preocupações são vistas pelas mães como uma parte natural dessa experiência, que elas se sentem capazes de enfrentar.

As narrativas mostram que a primeira preocupação das mães diz respeito à conciliação entre manter a autonomia pessoal (representada principalmente pelo exercício de uma profissão) e se dedicar aos filhos. Esta inquietude foi expressa principalmente nos relatos de Cécile e de Charlotte, mas também nos de Elise, Amalie, Rachel e Denise. A emancipação feminina é vista como um valor essencial a preservar para si e a transmitir para a filha. Contudo, para Denise, esse valor rivaliza com o seu desejo de dedicação integral aos filhos. Em outras palavras, trata-se do dilema entre privilegiar uma dimensão mais autônoma ou mais interpessoal do *Self* (Okimoto, 1998; Dennis et al., 2002; Keller et al., 2005). Nesse sentido, a narrativa de Denise é emblemática, pois seu principal impasse é preservar sua independência ou se deixar influenciar pela família. Nesses termos, essas mulheres parecem experimentar o que Liaudet (2012) descreveu como uma tentativa de conciliação entre os valores republicanos e liberais. Assim, a mulher buscaria desenvolver-se como indivíduo (numa luta contra os valores patriarcais que a condenariam ao ostracismo do lar), mas sem render-se ao individualismo, que ignora as necessidades e os desejos daqueles que dela dependem, que com ela convivem e a quem ela ama. Todavia, mais do que isso, trata-se da busca de um

desenlace para a contradição entre *être soi-même* e pertencer a um grupo. É nessa tensão que a mulher percorre o caminho da individualidade e da pertinência, até descobrir que eles se complementam ao invés de se opor, ou seja, que a emancipação identitária somente se torna consistente quando preserva o enraizamento nos vínculos (Singly, 1993/2007). Nesse sentido, para a quase totalidade das mulheres da amostra francesa, tanto a maternidade como a vida autônoma são vistas como altamente favorecedoras do seu desenvolvimento pessoal, restando apenas um pequeno desconsolo por não poder viver ambas em sua integralidade.

Nessa situação, com exceção de Louise, que vive a realidade do desemprego, existe um importante sentimento de sobrecarga. Ele é atribuído à dupla jornada feminina ou a uma exigência pessoal de se envolver em várias atividades além da profissional. Esta sobrecarga é vista pelas mães como impondo limites importantes para usufruir dos prazeres da maternidade (Charlotte, Cécile, Amalie, Rachel, Florence, Elise, Denise). Além da restrição de tempo que ela acarreta, a sobrecarga tem um efeito importante sobre a realidade psíquica da mãe, quando ela sente que deve desempenhar vários papéis ao mesmo tempo (Charlotte). Em resumo, a sobrecarga é vista como um impedimento para se sentir inteiramente presente na relação com os filhos. Assim, apesar do sentimento de ter uma vida cheia de realizações, existe também uma angústia que se manifesta como uma sensação de não fazer nada do modo como deveria. Com relação às mulheres componentes das famílias nucleares e recompostas, a existência do marido permite a divisão de tarefas e de responsabilidades. Desse modo, os cônjuges fornecem às mães um tipo de alívio e de conforto para a apreensão advinda da sobrecarga.

Entretanto, não são todas as mães que conseguem usufruir dessa fonte de apoio, porque ela acarreta outros problemas. O primeiro deles diz respeito à divisão desigual de tarefas domésticas, sendo que as mães sentem que fazem muito mais do que os maridos (Cécile, Charlotte, Denise). O segundo, e mais importante, refere-se à ambivalência das mães diante dessa ajuda, que elas sentem que coloca em risco a identidade feminina e materna (Charlotte, Amalie). Em terceiro lugar, a aproximação entre o marido e os filhos suscita o ciúme das mães (Cécile, Florence, Charlotte).

Esses resultados vão ao encontro das observações de Liaudet (2012) sobre as reivindicações femininas, que ganharam força principalmente a partir do final dos anos 1960, quando os clamores pela autonomia da mulher afluíram em uma maior aproximação identitária entre os sexos e, com isso, em uma maior interpenetração de seus papéis e funções. Todavia, o próprio Liaudet observou, assim como o fez Maurin (2009), que essa permeabilidade toca profundamente as mulheres, que se sentem desapossadas de esteios culturais importantes em que elas se apoiaram para construir a sua identidade. Daí o seu mal-

estar, ciúme e apreensão, que convivem com o desejo de serem ajudadas pelos maridos ou companheiros, configurando uma ambivalência real diante de um projeto político de igualdade sexual. Estes sentimentos surgiram de forma mais evidente nas narrativas das mães cujos papéis parentais são “invertidos” (Charlotte, Amalie). Assim, parece haver um hiato entre um ideal sociológico valorizado e sua completa assimilação psicológica por parte da mulher, coexistindo, na realidade psíquica das mães, o princípio original da divisão sexual de tarefas e aquele que propõe uma repartição mais fluida delas.

Além do alívio advindo do compartilhamento de atividades concretas, a presença do marido parece ter um efeito especial sobre a realidade psíquica da mãe. Neste sentido, ela promove um sentimento de segurança na mulher por saber que ela tem alguém com quem contar, sobretudo nos momentos difíceis. Assim, mesmo se uma certa insatisfação para com o cônjuge é expressa, as mulheres das famílias nucleares e recompostas terminam por reconhecer o suporte que ele oferece. As exceções a esta apreciação foram Denise e Madeleine. Com relação à Denise, mesmo que ela reconheça o valor do marido para o seu desenvolvimento pessoal, ela permanece magoada pela ausência de seu apoio para impor limites aos filhos. Além de não poder contar com ele nessa tarefa, ela ainda deve enfrentar a oposição dele diante das regras que ela impõe na casa, o que aumenta o seu sentimento de sobrecarga e mal-estar. Com relação à Madeleine, o amparo oferecido pelo marido foi raramente mencionado. Parece que este apoio existiu somente no momento mais difícil de sua experiência materna (o início da vida de Edda) e que atualmente, ele surge apenas de modo ocasional. Além disso, embora ele demonstre uma preocupação com o bem-estar de sua esposa, ele não realiza ações concretas para ajudá-la (parece não existir uma divisão de tarefas domésticas entre o casal).

Nas duas díades monoparentais (Louise, Camille), a despeito de suas diferenças, a ausência do cônjuge engendra nas mães um profundo sentimento de solidão e de vulnerabilidade. A sensação de não saber com quem contar para educar os filhos é intensa. Ela suscita também uma sobrecarga porque as mães devem desempenhar sozinhas tarefas cuja realização seria imensamente facilitada pela presença do marido ou companheiro. Essas tarefas dizem respeito, sobretudo, à imposição de limites e à promoção da autonomia infantil. A situação de Camille não implica em uma solidão completa, porque, segundo sua narrativa, o ex-marido participa muito da educação de Annabelle. Contudo, o impacto do divórcio em sua realidade psíquica gerou a sensação de um completo abandono, que foi acompanhado de um sentimento de fragilidade e de inadequação como mãe. Ainda, a narrativa da pequena Annabelle mostra que seu pai também apresenta dificuldades para desempenhar algumas

funções parentais. Dessa forma, a qualidade do apoio que Camille recebe dele é, no mínimo, duvidosa.

Se o exercício concreto das tarefas que fazem parte da maternagem é acompanhado da busca de equilíbrio entre a autonomia feminina e a devoção ao outro, o significado da maternidade torna mais complexa a relação entre esses dois polos. As narrativas das mães mostraram que a chegada de um filho é percebida pela maior parte delas como uma oportunidade de reparação de suas histórias pessoais (Cécile, Charlotte, Amalie, Elise, Madeleine, Louise). Assim, além de fornecer à criança experiências que elas mesmas tiveram junto a suas famílias de origem e que consideraram boas, elas se esforçam para oferecer outras que elas não tiveram na infância. Assim, haveria um projeto de emancipação pessoal ligado à maternidade, a saber, ultrapassar a si mesma. Desse modo, a experiência materna se desenrolaria numa dialética onde a criança deve ser, ao mesmo tempo, uma pessoa independente e uma continuação de si. Esta ambiguidade surgiu de maneira mais explícita na narrativa de Charlotte (*a gente quer que eles sejam o que a gente foi e o que a gente não foi*), mas também naquelas de Cécile, Amalie, Madeleine e Florence.

Em síntese, é necessário ser um modelo para a filha e ao mesmo tempo não o ser. Salvo raras exceções (Amalie), esse projeto de ultrapassagem de si e dos pais não significa um repúdio aos próprios genitores; ao contrário, as mulheres desejam mostrar para eles que valorizam o que eles fizeram por elas e que souberam “capitalizar” o investimento deles e aperfeiçoar-se como mães.

Esse paradoxo entre ser e não ser um modelo para a filha que opera na realidade psíquica das mães é dramatizado no cotidiano de suas relações com a filha. Na amostra estudada, tal contradição parece ser exacerbada porque as crianças se encontram todas na etapa da dependência relativa, em que a trajetória rumo à constituição de uma identidade independente começa a ser vislumbrada. Esta situação, que exige da mãe uma reavaliação dos limites de seu *Self* e daqueles de sua filha, apresentou-se como o tema principal das narrativas das participantes desta amostra.

4.3.2 A desilusão materna

Com exceção de Camille, cujo fechamento em si a impedia de viver a experiência materna em sua plenitude, todas as outras mães revelaram uma mesma preocupação principal sobre suas filhas. Trata-se do problema da conciliação entre a oferta de oportunidades para que a criança se desenvolva como pessoa independente e a manutenção de seu pertencimento

à família. Em outras palavras, a questão substancial é a da integração entre a identidade pessoal e a identidade familiar da criança, ou seja, a mesma ambiguidade por que passa a mãe ao se debater sobre sua autonomia individual. Ainda que nas narrativas de Denise e de Madeleine este dilema tenha sido expresso de um modo ligeiramente diferente, ele preservou as mesmas bases. Assim, mesmo se Denise não declarou abertamente essa preocupação com relação à Antoinette, ela atravessou toda a sua narrativa, sob a forma de uma inquietação relacionada à sua própria autonomia pessoal. Por sua vez, Madeleine exibiu tal apreensão em sua convicção de que a criança deve ter voz nas relações familiares.

Do ponto de vista histórico e sociológico, esse conflito entre autonomia e pertinência ao grupo pode ser interpretado como um reflexo da convivência entre as psiques republicana e liberal (e em menor densidade, também da patriarcal) na experiência da mulher como mãe (Liaudet, 2012), e também como consequência das mudanças por que a família passou ao longo do tempo, que implicaram no reconhecimento de que o processo de individualização também se aplica à criança, cabendo à família criar condições para que ele se desenvolva da melhor maneira possível. Todavia, o antagonismo entre esses dois polos apresenta uma faceta psicológica igualmente importante, vinculada à significação da filha como uma tentativa de reparação da história pessoal da mãe, que descrevemos acima.

Nesse sentido, a manutenção da pertinência permitiria a realização desse projeto, ao mesmo tempo em que implicaria a preservação da tradição familiar. Assim, a pertinência teria o valor de lealdade aos seus. Por outro lado, a liberdade individual, de ser quem se é (*être soi-même*) apareceu como um valor extraordinariamente forte nesta amostra. Dessa maneira, os relatos de algumas mães revelaram a história de um intenso combate para ultrapassar as limitações pessoais que lhes foram impostas por uma educação autoritária (Cécile, Elise, Madeleine) ou por limites geográficos (Denise, Elise). Essas restrições foram percebidas por elas como constrangimentos que impediam o seu desenvolvimento pessoal, a própria família não sendo vista como um terreno fértil que lhes permitisse o desabrochamento de sua individualidade, mas, ao contrário, como um grupo que enfatizou em demasia a transmissão (Singly, 1996). Nesse momento, na posição de mães, elas se encontram do outro lado da relação, e enfrentam o problema do distanciamento psicológico da filha que, pouco a pouco, começa a ter uma identidade própria. Em tal contexto, a nostalgia de um vínculo estreito, caracterizado pela oferta do *holding* e pelas trocas corporais (incluindo a amamentação) se impõe e compõe o conjunto do luto pela filha pequenina. Em outras palavras, a filha desilude a mãe.

Nesse processo de desilusão, a questão da imposição dos limites se mostrou fundamental. Sua significação, no entanto, esteve mais ligada, nas narrativas das mães estudadas, à constituição do conjunto da identidade do que somente à da moralidade. Ela significa, da parte da mãe, uma tentativa de guardar a criança próxima de si e do núcleo familiar, estando, portanto, atrelada à questão da preservação da pertinência da criança ao grupo e da manutenção da tradição que constitui a identidade familiar. Inversamente, a oposição da criança é interpretada pelas mães como comportando um sentido de reivindicação de uma identidade própria, diferente daquela da família ou, nos termos de Liaudet (2012), a possibilidade de evoluir de acordo com as suas qualidades singulares. A narrativa da pequena Emilie, a filha de Elise, é particularmente ilustrativa a esse respeito (o macaquinho que afronta sua família porque não quer se comportar como um macaco). Portanto, mais do que uma simples desobediência, a revolta infantil desempenha um papel importante na redefinição dos contornos do *Self* da criança e de sua mãe. Neste último caso, ela obriga a mãe a um retraimento dos limites do *Self*, de modo a permitir uma maior liberdade à filha. Dessa maneira, o abandono (pelo menos parcial) do projeto da mãe de reparação de sua história pessoal faz parte do luto pela primeira (e segunda) infância da filha, sendo necessário para a criança revelar sua fisionomia própria como alguém que é único e fiel a si mesmo (Singly, 1993/2007; Liaudet, 2012).

A elaboração do conflito entre a pertinência e a liberdade é feita em uma sequência de movimentos por parte das mães. Inicialmente, elas compreendem as solicitações de liberdade escondidas por trás da oposição das meninas. Elas se identificam com suas filhas e revivem a própria história pessoal, quando elas mesmas precisaram se afastar literalmente do núcleo familiar para se protegerem de seus efeitos nefastos ou para buscar sua realização pessoal (Cécile, Amalie, Elise). Entre as mães que não tiveram uma experiência concreta de distanciamento da família de origem, como Rachel e Madeleine, o processo acontece de modo idêntico. Nesses casos, ele está ligado à necessidade de imposição de uma distância psicológica em relação a esse grupo, de modo a escapar de um “comunismo” familiar que reduz demasiadamente, em sua opinião, a expressão de sua singularidade (Singly, 1993/2007). Assim, os constrangimentos e as insatisfações que elas experimentaram junto à família de origem e o desejo de fazer as coisas de um modo diferente permitem que elas se identifiquem com suas filhas em suas exigências de independência. Dessa maneira, as mães fazem face ao paradoxo de que as demandas de suas filhas para serem diferentes delas, na verdade, tornam-nas mais parecidas com elas.

Em segundo lugar, a conciliação entre os dois polos do conflito é tentada por meio de uma imposição mais flexível de limites, o que permite um exercício controlado da liberdade. Nessa empreitada, todas as formas de autoritarismo são contestadas e rejeitadas (Cécile, Elise, Charlotte, Madeleine, Denise), visto que o objetivo principal é criar condições para que a singularidade da criança se revele, ao invés de impor a ela os próprios modos e costumes (Singly, 1987/2004). Dessa maneira, é necessário aceitar que, dentro de certos limites, a criança pode adotar valores diferentes daqueles de sua própria família. Essa maleabilidade é percebida pelas mães como capaz de promover um relacionamento mais próximo com suas filhas, caracterizado pela compreensão e pelo respeito às suas maneiras de ser (Cécile, Charlotte, Elise, Florence, Rachel, Madeleine, Amalie). Em resumo, elas se encontram no início de uma modificação de sua relação com suas filhas, em que o reconhecimento da alteridade destas fornece a oportunidade para a substituição do vínculo simbiótico inicial por outro tipo de relação amorosa, marcada pela tolerância e pela empatia. Deste modo, a separação psíquica gradual entre mãe e filha conduz a um encontro genuíno e não a uma ruptura irrevogável. No entanto, esta flexibilidade das mães é relativa, uma vez que a filha ainda é dependente da família. Enfim, é possível deixar a filha ir mais longe, porque o ponto de partida (e o de chegada), a saber, a família, ainda está lá, sólido e ativo: assim, é a pertinência que permite a autonomia (Cécile).

Diante desse desenlace, a questão da oferta de um enquadramento definido no qual a criança possa se desenvolver torna-se importante. É na definição da natureza desse enquadramento e de seus limites mais ou menos distantes, que algumas das mães se sentem um pouco desorientadas. Para elas, do mesmo modo que a liberdade, a igualdade nas relações humanas (inclusive nas familiares) é um valor fundamental. Esse modo de ver as coisas gera um problema com relação ao exercício da autoridade parental, porque ele implica necessariamente a aceitação de uma assimetria entre os pais e os filhos, visto que a família não deixou de ser um espaço de socialização; com isso, uma certa hierarquia entre adultos e crianças permanece existindo (Singly, 1987/2004; 1993/2007). Esta dificuldade para conciliar a autoridade e a igualdade surgiu nas narrativas de Cécile, Elise e principalmente na de Madeleine. Esta, devido a suas convicções, sua insegurança e seu medo de ser considerada como autoritária, tem dificuldades para se impor de maneira firme a seus filhos. Dessa maneira, as regras são colocadas por ela somente sob a forma de sugestões e de insinuações. Em resumo, com relação a essa dimensão, a experiência materna de Madeleine é caracterizada pela ênfase na autonomia em detrimento da pertinência e da tradição. Elise apresenta as mesmas dificuldades que Madeleine. Todavia, a narrativa de sua filha Emilie mostra que os

embaraços da mãe são compensados pela atitude do pai, que foi apresentado como uma figura firme, mas asseguradora. Finalmente, Cécile, após muito refletir, resolve seu dilema de uma maneira que a apazigua: o exercício da autoridade cabe aos pais, enquanto a igualdade deve ser buscada nas relações fraternas. Desse modo, ela compõe uma visão da família em que o papel dos irmãos e irmãs é fundamental ou, no caso da sua filha única, dos primos e primas, dos amigos e amigas. Nesse sentido, ela consegue chegar a uma integração entre a pertinência familiar e a independência da criança, sem sobrecarregar os relacionamentos entre pais e filhos.

Embora as mães experienciem os afrontamentos da filha como rejeições à identidade familiar e às tradições, a relação entre esses dois polos não é somente de exclusão. Assim, a partir da constatação de que o mundo se transforma, elas percebem que o destino de uma convenção familiar que permanece intocada é o limbo. Por conta disso, elas abrem mão de uma posição de profundas conhecedoras do mundo, para admitirem que, como ele é dinâmico, elas não podem saber tudo sobre ele. Dessa maneira, elas reconhecem que a transmissão da tradição não basta para ajudar a filha a se desenvolver, mas é preciso também prepará-la para fazer face a desafios e ser maleável; somente dessa maneira seria possível preservar a herança familiar.

Visto ser a oposição das crianças uma necessidade para a sobrevivência do legado familiar, a flexibilização dos limites, seja ela feita pela mãe ou pelos irmãos, e o acolhimento à contestação promovem a independência e a pertinência ao mesmo tempo. Esta percepção surgiu nas narrativas de várias mães (Cécile, Amalie, Elise, Florence, Charlotte, Rachel), de maneira explícita ou subliminar, mais ou menos integrada. Ela foi manifestada principalmente pela defesa de uma posição de que a criança deve saber conservar a tradição, mas também mudá-la, como mostra Cécile em sua narrativa ao quadro 8 do CAT-A (*sob o olhar dos ancestrais as tradições são testadas*). Assim, para ela, além da oferta do compartilhamento de experiências para a criança, o papel dos irmãos teria o significado de adaptar a tradição familiar para garantir a sua perpetuação. Esta posição também foi defendida por Rachel. Finalmente, a decisão de ter outro filho apresenta um terceiro sentido para algumas mães. A chegada de um novo bebê na família permite a elas prolongar, com ele, a experiência de ilusão que elas perdem devido ao crescimento dos filhos mais velhos (Amalie, Rachel). No caso de Rachel, em que Hannah é considerada como sua “*petite dernière*”, a conservação da ilusão se manifesta por uma tentativa de prolongar ao máximo a condição infantil da menina, conduta que, segundo a mãe, torna a garotinha um pouco mimada.

Se Madeleine mostra ainda dificuldades para chegar a uma conciliação definitiva entre autoridade e liberdade, a experiência de Denise é um pouco diferente. Para ela, a imposição da autoridade é a condição mesma da autonomia. Além disso, ela se debate com o problema de compatibilizar sua própria maneira de ser com a de seu marido, que apresenta diferenças pessoais e culturais importantes com relação a ela. Assim, o conflito entre a interdependência e a autonomia é vivido tanto na sua experiência materna quanto na conjugal.

A situação das duas mães componentes das famílias monoparentais também é singular. Ainda que Camille e Louise atribuam um valor capital à autonomia de suas filhas, estas têm dificuldade de se emancipar devido a sua preocupação com a realidade psíquica da mãe. Desse modo, mesmo apresentando um forte desejo de crescer, as meninas se mostram reticentes para se separarem de suas genitoras. Elas temem que este corte torne suas mães solitárias e (mais) deprimidas. Diante dessa situação, as relações nessas famílias são mais tensas e conflituosas nessa dimensão. Mesmo que Camille e Louise estimulem suas filhas rumo à autonomia, estas permanecem bloqueadas devido a sua fidelidade às mães.

Frente a esse quadro complexo de integração entre autonomia e tradição, entre imposição de limites e respeito à liberdade, a presença ou ausência do marido, real ou vivida na realidade psíquica das mães, desempenha um papel capital.

4.3.3 O papel do marido

A importância do marido na experiência materna das mulheres estudadas surgiu em vários domínios, mas sem constituir unanimidade. A única exceção a essa regra foi Rachel. Vinda de uma família em que a realidade do divórcio entre seus pais se impôs quando ela ainda era um bebê, ela tem dificuldades para situar a influência do pai (ou do padrasto) em sua experiência materna, mesmo após ter vivido dois casamentos. Ela reconhece que a entrada de seu segundo marido em sua vida a aliviou no que diz respeito à divisão de tarefas domésticas. Contudo, fora isso, ela não consegue atribuir a ele um papel definido. No máximo, conforme sua filha Hannah mostrou em sua narrativa, o cônjuge é visto por ela como uma presença incômoda em sua relação com a menina.

Nas outras famílias, a variedade de referências sobre a interferência paterna na experiência da maternidade mostrou a diversidade desse papel na realidade contemporânea. Não obstante, foi possível identificar alguns eixos mencionados pelas mães, vinculados às modificações que a presença (ou a ausência) do pai ocasiona em sua relação com suas filhas. Dois desses eixos foram assinalados anteriormente: ajuda na função de imposição de limites e

divisão das tarefas relacionadas ao cuidado dos filhos (Cécile, Charlotte, Amalie, Denise, Florence, Elise).

No que diz respeito ao primeiro eixo, se a tradição da família patriarcal, ou mesmo aquela do primeiro momento da família moderna, atribui a função de imposição de limites ao pai (Liaudet, 2012; Singly, 1993/2007), as narrativas das mães participantes desta pesquisa mostraram que este não é necessariamente o caso delas. Assim, somente três mães designaram o pai como a principal figura de autoridade da família (Elise, Amalie, Florence). Essa função foi vista como desempenhada principalmente pela mãe nas narrativas de Denise e Louise, enquanto nas famílias de Cécile e de Charlotte ela era dividida entre o casal. A identificação da figura de autoridade maior da família não foi clara nos relatos de Camille, Madeleine e Rachel. Com relação à Madeleine, sua maneira insidiosa de impor limites a seus filhos sugere que, diante de situações de impasse, seria o pai quem intervém. Do mesmo modo, a incerteza de Rachel sobre o papel paterno na educação dos filhos sugere que ela desempenha sozinha esta função.

Nas famílias em que a imposição da autoridade é feita pelo pai ou é partilhada pelo casal, na maioria das vezes o pai ampara a mãe quando ela tem dificuldades para gerenciar a oposição da criança (Cécile, Charlotte, Amalie, Florence, Elise). Todavia, nos casos em que a autoridade é partilhada pelo casal, configurando uma maior liberdade entre os cônjuges, os desacordos são mais frequentes, como também o observou Maurin (2009) e, ainda que eles sejam resolvidos na maior parte do tempo (Cécile), o apoio paterno nem sempre é oferecido à mãe (Charlotte). No que se refere a Denise, esta sustentação por parte do marido é frágil devido a intensidade de divergências entre o casal, o que a obriga a enfrentar também a oposição dele. Finalmente, no caso de Louise, a ausência real do marido é acompanhada da falta completa desse suporte e, portanto, também da inexistência de discordâncias e conflitos a respeito da oposição infantil.

As rivalidades entre o casal não são consideradas pelas mães como ameaças à integridade do lar, mesmo que elas sejam constantes (Cécile, Charlotte, Denise). Apesar dos desgastes que elas veiculam, a capacidade de empatia das mães as conduz a considerar as discórdias conjugais como oportunidades para refletir e para se colocar em questão (Cécile, Charlotte, Denise). Nos casos de Denise e de Cécile, os desacordos levam-nas a ponderar sobre a sua própria forma de agir que, às vezes, elas mesmas consideram autoritária. Nesse sentido, o marido constitui um tipo de ajuda para que elas possam se tornar mais flexíveis. O cônjuge desempenha, portanto, um papel importante no próprio desenvolvimento pessoal das mães.

Essa diversidade de funcionamento dos casais no que se refere à tarefa da imposição de limites ao filho, contempla, assim, desde resquícios de sobrevivência da mentalidade patriarcal (Liaudet, 2012), passando por uma relação mais igualitária entre homens e mulheres (fruto das mentalidades republicana e liberal), chegando mesmo, em certos casos, à inversão do patriarcado com a contestação do poder do pai (Singly, 1993/2007) e a assunção pela mulher do *status* de figura de autoridade da casa, que deve ser suavizada pelo homem. Desse modo, como também o observou Maurin (2009), a imposição da autoridade paterna não é mais uma realidade aceita pura e simplesmente pelas famílias, mas deve antes se afirmar e se legitimar.

Os relacionamentos do casal no âmbito doméstico, no entanto, não se restringem à dimensão de imposição de limites aos filhos. Conforme debatemos anteriormente, a divisão global das tarefas relativas ao cuidado das crianças constitui um ponto sensível do vínculo conjugal. Desejada e rejeitada ao mesmo tempo, ela gera uma competição subliminar das mães com os pais, em função do ciúme suscitado pelo contato mais próximo entre eles e as filhas. Nesse caso, às vezes o marido é visto como um intruso no vínculo entre a mãe e a menina (Elise, Florence, Amalie, Rachel). Porém, do mesmo modo que os desacordos com relação à imposição de limites, o ciúme não é intenso a ponto de colocar em risco a união familiar.

A despeito dos antagonismos conjugais, o vínculo com o marido é percebido como prioritariamente agradável e satisfatório. Os esposos são vistos pelas mães como capazes de compensar os limites e as dificuldades delas no exercício da maternagem (Cécile, Charlotte, Amalie, Denise, Florence, Elise). As exceções foram Madeleine, Rachel e as duas famílias monoparentais. Madeleine negou a existência de qualquer tipo de conflito conjugal, a ponto de deturpar qualquer sugestão de hostilidade nesse relacionamento, transformando-a em cooperação, como aconteceu em seu relato ao quadro 2 do CAT-A. Por sua vez, Rachel parece ter deslocado todas as relações de desacordo e de rivalidade para seu primeiro marido, preservando o segundo dos efeitos de sua hostilidade. Com relação às famílias monoparentais, mesmo reconhecendo o apoio que seu ex-marido lhe oferece, Camille não considera este suporte como suficiente para aliviá-la e assegurá-la. Quanto à Louise, sua relação com o pai de sua filha é exclusivamente de rivalidade, portanto, de ausência total de sustentação.

Finalmente, com relação ao papel paterno na promoção da autonomia das filhas, ele foi mencionado como essencial somente na narrativa de Amalie. Cécile, Charlotte, Rachel, Denise e Louise não o consideraram como sendo fundamental nessa empreitada. As narrativas de Florence, Elise, Madeleine e Camille não são evidentes no que diz respeito a esse assunto.

Para Cécile, Charlotte, Rachel, Denise e Louise, a existência do pai constitui um elemento de facilitação considerável para a aquisição da autonomia da criança, mas sua ausência não impediria forçosamente essa independência. Assim, mesmo nas famílias monoparentais, as mães estimulam a autonomia das filhas, não sendo necessária a figura concreta do pai para desencadear esse processo, conforme concebem algumas correntes da Psicanálise (Roudinesco & Plon, 2006). Dessa maneira, as dificuldades nesse processo não se relacionam à ausência física do pai, mas ao efeito dela sobre a mãe. Nesses casos, a situação é mais difícil de manejar, porque a mãe deve acumular as funções de protetora da filha contra os tormentos do mundo e, ao mesmo tempo, impulsioná-la em direção a ele.

4.3.4 A relação com a família extensa

Os vínculos com as famílias de origem das mães e com as de seus maridos foram mencionados como importantes nos relatos de todas as mães, salvo as duas componentes das configurações monoparentais (Louise, Camille). Todavia, os tipos de relações estabelecidas com esses grupos foram muito diferentes de acordo com o caso.

Em geral, a percepção que as mães mostraram de seus próprios pais foi positiva, mas não isenta de preocupações. No que diz respeito à figura materna, ela foi vista por Cécile de uma maneira complexa, ainda que fundamentalmente benévola. Ela foi descrita como forte, devido a sua capacidade de fazer face aos intensos sofrimentos que experimentou durante sua vida (a morte de dois filhos e o distanciamento da filha). Entretanto, os efeitos dessas experiências no estado emocional da mãe não passaram despercebidos. Assim, Cécile, por sua capacidade de se identificar com sua genitora (que foi intensificada após o nascimento de Laura), inquieta-se por ela até hoje. Em resumo, sua mãe é, ao mesmo tempo, fonte de identificação e de preocupação.

A identificação com a própria mãe está também presente na narrativa de Madeleine, mas de uma maneira distinta. A mãe é percebida por ela como uma mulher submissa e que assume, diante do marido, uma atitude servil. Madeleine observa que ela mesma apresenta essas características que não lhe agradam de forma alguma e que ela procura ultrapassar, mas sem triunfar completamente. Finalmente, Rachel e Amalie fazem esforços ativos para superar a identificação com a figura materna. Ainda que suas mães não sejam vistas como más, elas apresentam dificuldades e limites importantes (não oferecer irmãos a sua filha; ser bipolar). As tentativas destas participantes para ultrapassar essa identificação fundam-se sobre o seu desejo de não repetir com suas filhas as más experiências que elas tiveram com suas mães.

Assim, no caso de Amalie, a recusa a ser como sua mãe tem uma conotação de proteção de seus filhos, porque a genitora é mais uma fonte de apreensão do que de sustentação. Em síntese, ainda que o alcance da maternidade pareça intensificar os processos identificatórios da mulher com sua própria mãe, não se trata, contudo, de uma simples introjeção. O processo é antes uma assimilação “digerida”, em que alguns conteúdos maternos são preservados e outros são modificados ou recusados. Assim, da mesma maneira que suas filhas, as mães dessa amostra mantêm uma relação com suas próprias mães que não inclui uma aceitação integral do que estas lhes oferecem como princípios de vida. Ao contrário, elas apresentam uma adesão relativa a esses preceptos. Em outras palavras, elas também desiludem suas mães.

Essas tentativas de diferenciação diante dos próprios pais surgiram também no relato de Elise, mas ligadas à imagem do pai, que se tornou sua única família depois da morte de sua mãe, quando ela tinha 10 anos de idade. A solidão de seu pai e a reticência dele aos contatos sociais a deixam angustiada. Assim, Elise desenvolveu a característica oposta à dele, tornando-se alguém bastante sociável. Em face dessa condição, ela tenta ajudar seu pai a obter prazer nas relações interpessoais. Todavia, seu fracasso nessa empreitada provoca em Elise um profundo sentimento de impotência. Dessa maneira, o problema dele se torna também um problema dela. Por sua vez, o modelo de relação de Madeleine com seu pai é atravessado por sua identificação com sua mãe. Daí, este modelo é caracterizado pela submissão e inferioridade, seja por sua condição de mulher, seja por sua condição de criança quando ela era pequena. Finalmente, Denise encontra-se ainda perplexa pelas modificações que seu pai sofreu ao longo dos anos. Este, que parecia ser muito firme com ela durante sua infância, tornou-se uma pessoa flexível, e se desinvestiu completamente do papel de autoridade com relação às netas, transformando-se em um companheiro de brincadeiras para elas. Diante dessa nova situação, Denise se esforça ainda para integrar a nova imagem do pai à antiga, e não consegue mais encontrar nele o esteio para a sua maneira mais austera de impor limites a suas filhas.

Diante dessa condição, em que as imagens maternas e paternas são primordialmente positivas, a relação com o conjunto da família extensa é sentida na maior parte do tempo como agradável. Esse vínculo garante uma sensação de pertinência (Cécile, Charlotte, Florence, Elise), necessária à aquisição de um sentido de consistência da identidade pessoal (Singly, 1993/2007), bem como a segurança de saber com quem contar nos momentos difíceis da vida (Cécile). Contudo, com relação aos cuidados cotidianos dos filhos, a contribuição da família de origem (incluindo tios, tias, primos e primas) somente foi referida por Cécile e Denise, revelando a maior nuclearização das famílias francesas estudadas. Para Madeleine,

Elise e Rachel, além de não oferecer esse tipo de ajuda, a família extensa deve ser, às vezes, enfrentada. Esse antagonismo é sentido como necessário para que elas possam desempenhar sua função materna da maneira que lhes convém. Por sua vez, Charlotte assumiu, com a ajuda dos seus irmãos e irmãs, os cuidados que começam a ser reclamados por seus pais idosos. Em razão do distanciamento da família extensa das tarefas de atenção ordinária às crianças, as mães contam principalmente com suas amigas e amigos diante da eclosão de uma urgência ou de um imprevisto.

Com relação às mães das duas configurações monoparentais, a carência de referências à família extensa é tocante. No caso de Louise, a única menção a esse respeito foi feita ao avô paterno de Danielle, mas de uma maneira a desvalorizá-lo por sua reticência a conhecer a neta. Assim, parece que a separação conjugal significa, na realidade psíquica dessas mães, a perda do marido (ou companheiro) e também da família dele. Esta situação, acrescida à ausência de menções a suas famílias de origem e a relações de amizade, precipita essas mães em uma solidão perturbadora. Esse isolamento parece originar-se, sobretudo, na forma como elas concebem o seu entorno, discutida a seguir.

4.3.5 O ambiente além da família extensa

A concepção das mães sobre o mundo exterior à família desempenha um papel essencial em seu dilema entre manter a pertinência ou promover a autonomia da criança. Além da desilusão sofrida, suas reservas face à independência de suas filhas são fundadas sobre o temor de deixá-las desprotegidas se elas saírem do nicho familiar. Nesse sentido, o universo fora da família é considerado um tanto quanto perigoso, e, por isso, será muito difícil deixar a filha ir embora. Ainda que praticamente todas as mães tenham apresentado essa inquietação, sua visão do mundo exterior foi majoritariamente positiva.

Nesse sentido, as experiências extrafamiliares foram vistas como importantes para a promoção do constante desenvolvimento pessoal da criança (Cécile, Florence). Essas experiências também foram concebidas como capazes de compensar os limites apresentados pelos pais, oferecendo, assim, um tipo de reparação para a filha (Cécile, Amalie, Elise, Florence, Madeleine). Finalmente, o entorno foi compreendido como capaz de sustentar a mãe no desempenho da função materna quando ela não conta com sua família extensa para tanto (Madeleine).

Uma vez mais, as mães das duas configurações monoparentais foram exceção a essa regularidade. Elas apresentaram uma imagem bastante ambivalente do mundo exterior. O

único apoio psicológico que elas parecem receber é o da *Lèche Lègue*, instituição que ambas frequentam. Fora esse estabelecimento em que elas confiam, o mundo é percebido como cruel, decepcionante, indiferente e de forma alguma confiável. Ao invés de ampará-las, ele as julga. Esta noção, acrescida ao fato de que essas mães devem desempenhar sozinhas a dupla função de lançar suas filhas no mundo (Liaudet, 2012) e de protegê-las dele, produz uma tensão interna difícil de resolver. Sendo a autonomia uma realidade inevitável, essas mães encorajam suas meninas a sair do ninho familiar, mesmo se sentindo temerosas e dilaceradas com relação ao que poderá acontecer com suas filhas longe delas. No que diz respeito à Louise, sua sensação de ser a única pessoa com quem a filha pode contar, conduz-na a buscar contatos exteriores (uma vez que a menina não a terá para sempre) e, ao mesmo tempo, evitá-los (porque eles podem magoar a pequena Danielle).

É necessário considerar que esta ausência de apoio não se trata somente de uma questão psicológica, mas também social e política. Nesse sentido, muitas mulheres se queixaram da deficiência de suporte do governo francês para as mães que têm filhos pequenos. O problema da carência de *garderies* e de creches, que obriga as mães a se deslocarem muito para levar seus filhos a esses locais e irem depois trabalhar (o que força muitas delas a interromper suas atividades profissionais) foi enfatizado. Ainda, a curta duração da licença maternidade (16 semanas) foi vista como uma interferência prejudicial para a qualidade do desenvolvimento infantil. Em síntese, as mães pareciam sentir que existia uma certa indiferença dos políticos face a elas. Dessa maneira, as crianças são vistas como um problema que é de responsabilidade unicamente das mães. Esse estado de coisas faz surgir um sentimento de vulnerabilidade nas mulheres, principalmente naquelas cuja configuração familiar era monoparental.

Em resumo, as narrativas das mães francesas que fizeram parte desta pesquisa mostraram que, para elas, a maternidade é uma experiência que promove a realização pessoal da mulher e uma aprendizagem constante. A chegada do filho é vivida por elas como um projeto de reparação de suas próprias histórias pessoais e uma tentativa de ultrapassá-las. Nesse momento de suas vidas, as mães fazem face à conquista da autonomia relativa de suas filhas, o que traz alegrias e preocupações específicas. Elas enfrentam o luto pela perda da filha pequenina, o que inclui aceitar que esta começa a desenvolver uma identidade independente, com características diferentes das delas. Assim, a questão da imposição de limites torna-se importante, visto que ela permite desenhar os novos contornos da identidade da mãe, da criança e do grupo familiar. Ainda que este processo de desilusão seja doloroso, a autonomia é percebida pelas mães como um valor importante a preservar e a encorajar. A superação do

dilema entre manter a criança para si e liberá-la para o mundo exterior é facilitada pela ajuda do marido ou companheiro e por uma visão do ambiente que seja, sobretudo, positiva. Nos momentos difíceis, as mães podem contar com suas famílias extensas, mas não para as tarefas de cuidados cotidianos dos filhos. Para esse tipo de ajuda, os amigos e amigas desempenham um papel mais importante do que a família extensa. No que diz respeito às mães das configurações monoparentais, as fontes de apoio são escassas. Mesmo se elas existem, a sensação de abandono e de solidão dessas mães é impressionante e preocupante. Elas se veem como vulneráveis e temerosas das mágoas que o mundo pode causar às suas filhas. Assim, elas devem desempenhar sozinhas a função, às vezes contraditória, de ser o refúgio da criança e de estimular o seu ingresso no universo exterior à família. A deficiência de políticas públicas de proteção às mães e às crianças intensifica sua sensação de fragilidade e de isolamento. Diante do estado psíquico da mãe, a criança pode apresentar dificuldade para se tornar autônoma devido a sua preocupação com a genitora. Enfim, as narrativas das duas mães de famílias monoparentais estudadas mostraram a necessidade do desenvolvimento de políticas de apoio psicológico e social dirigidas a elas.

4.4 O desenvolvimento do *Self* das meninas francesas

O conjunto das produções das meninas que fizeram parte da amostra francesa compôs um retrato detalhado dos dinamismos da etapa da dependência relativa, conforme definida por Winnicott (1963/1990c). Assim, as preocupações, as inquietações, os prazeres, as ajudas recebidas, as angústias e o modo de gerenciá-las foram mostrados pelas crianças, ainda que elas parecessem se situar em momentos diferentes do mesmo estágio evolutivo. Dessa maneira, além de expor as similaridades, a coleção dos relatos permitiu ver as diferenças entre elas mais num sentido de complementação do que de antagonismo.

Desse modo, Hannah e Sabine pareciam viver os dinamismos próprios do início do estágio, inclusive uma certa perplexidade diante da nova situação de separação da mãe. Por sua vez, Laura e Arielle, após terem aceito esta condição, experimentavam ainda o luto doloroso pela perda do vínculo primitivo com a genitora. Por outro lado, Claire, Emilie e Edda já descobriram os prazeres da autonomia relativa. Com isso, elas buscavam novas experiências fora do meio familiar, visando a sua realização pessoal. Antoinette, de seu lado, parecia estar na entrada do estágio “rumo à independência”. Assim, ela se preocupava sobre

suas habilidades para se sustentar sozinha no mundo exterior. Essa situação, acrescida à presença de uma mãe que ela via como muito exigente (Denise), conduzia a menina a enfatizar a aprendizagem e a excelência de sua produção. Finalmente, Annabelle e Danielle, as duas meninas componentes dos arranjos monoparentais, também se encontravam no processo de aquisição de uma crescente autonomia. Todavia, elas enfrentavam obstáculos adicionais em sua empreitada, devido a sua apreensão quanto ao estado emocional de suas mães. Dessa maneira, elas receavam deixar a mãe sozinha, inquietação que as incitava a manter a dependência. Assim, a análise das narrativas mostrou a existência de particularidades nos dois arranjos monoparentais em relação aos demais. De maneira idêntica às mães, essas especificidades não se relacionaram à configuração familiar em si, mas à maneira como a mãe experimentava essa condição.

As características das meninas estudadas a respeito de sua experiência no estágio de dependência relativa são expostas abaixo, após uma breve consideração do contexto estrutural da personalidade no qual elas se desenvolviam. Será realizada uma pequena discussão à parte nos casos em que as particularidades das crianças procedentes das famílias monoparentais conduziam a uma vivência diferente de seu desenvolvimento.

4.4.1 Considerações estruturais

Com exceção de Hannah, Sabine e Annabelle, as narrativas indicam que todas as crianças apresentaram uma boa capacidade de expressão do *Self*. Assim, elas se mostraram capazes de usufruir de uma existência criativa no mundo, conciliando sua maneira pessoal de ser com as exigências da realidade exterior. Em outras palavras, a capacidade para as experiências transicionais se encontrava presente (Winnicott, 1951/1975) e era bem aproveitada pelas meninas no processo de se tornarem pessoas autônomas e capazes de se inserir em seu universo cultural. No que concerne à Hannah, Sabine e Annabelle, existia um refreamento parcial da expressão do *Self*, mas por razões diferentes.

Para Sabine e Hannah essa retenção estava ligada a uma certa imaturidade, porque as duas pareciam se encontrar ainda no início do estágio da dependência relativa. Nesse sentido, suas capacidades simbólicas não estavam ainda solidamente constituídas, como acontecia com as outras crianças. A narrativa de Hannah é notadamente ilustrativa a esse respeito, porque ela mostra os esforços da garotinha para associar a figura da mãe com os objetos da realidade exterior e chegar à simbolização. Como ela parecia ainda não haver completado esse processo associativo entre os objetos primários e os secundários, ela operava mais por meio de sua

justaposição do que de sua integração. Por outro lado, as inibições de Annabelle pareciam ser o resultado direto de sua angústia e de um sentimento de futilidade diante da vida. A percepção da garotinha de que a mãe não podia atender suas necessidades tornava inútil a expressão delas. Além disso, como suas demandas desorganizavam a genitora, a manifestação das necessidades era também imprudente. Nessa situação, o sentimento de continuidade entre ela e a mãe e, posteriormente, entre ela e o mundo exterior tornavam-se comprometidos, o que fazia com que a simbolização perdesse em consistência.

A despeito dessas dificuldades, Annabelle, como todas as outras meninas, conseguiu realizar as tarefas de integração, personalização e realização (Winnicott, 1945/1993). Desse modo, as garotinhas apresentavam uma personalidade razoavelmente coesa, levando-se em conta as particularidades do momento desenvolvimental em que elas se situavam.

Com relação à evolução pulsional, todas as meninas pareciam se encontrar, sem exceção, no período de latência. Os dinamismos desta etapa eram dominantes, mesmo se a presença da terceira pessoa era ainda vista como uma intrusão indesejável na relação com a mãe. As normas e regras pareciam já ter sido interiorizadas pela maioria das meninas (Arielle, Claire, Emilie, Edda, Antoinette, Danielle, Laura). Portanto, seu trabalho neste momento consistia em problematizá-las e integrá-las no *Self*, de modo a desenvolver uma moralidade pessoal (Winnicott, 1954/1993). Este trabalho de sincretismo foi particularmente evidente nas narrativas de Antoinette e Edda, cujo superego apresentava características um pouco rígidas. No que diz respeito à Annabelle, Sabine e Hannah, a introjeção dos princípios morais encontrava-se ainda em curso. Todavia para Annabelle este processo parecia ser um pouco mais complicado. Nesse sentido, a garotinha era capaz de reconhecer a função protetora do superego, o que favoreceria a introjeção dos preceitos para a vida em sociedade. Contudo, seu entorno familiar não era visto por ela como capaz de lhe oferecer esse tipo de segurança. Assim, ela permanecia presa em angústias ilimitadas, precisando da presença concreta do outro para protegê-la (ou, no caso de sua mãe, para que a própria Annabelle pudesse protegê-la). A situação de Danielle também merece uma menção especial. Embora a introjeção das convenções morais estivesse bem desenvolvida, a criança tinha às vezes dificuldade para respeitar os limites. Tais dificuldades aconteciam principalmente quando a mãe lhe exigia uma conduta mais independente e, para atendê-la, a menina precisava deixar a genitora sozinha. Enfim, a inquietação de Danielle sobre a condição materna colocava-lhe obstáculos para obedecer.

Em suma, a experiência da maioria das meninas francesas desta pesquisa no estágio da dependência relativa se desenvolvia principalmente no contexto de um *Self* capaz de se

expressar sem grandes entraves. Além disso, a capacidade simbólica já havia sido alcançada pela quase totalidade delas, bem como a etapa de latência do desenvolvimento pulsional. É nesse contexto que os resultados descritos a seguir devem ser compreendidos.

4.4.2 Os encantos e os desencantos da dependência relativa

O modo de viver a dependência relativa das meninas estudadas foi marcado por um forte vínculo afetivo com as mães, sendo estas percebidas como capazes de lhes oferecer uma relação cheia de gratificações. Assim, com exceção de Annabelle, as garotas consideraram que suas mães foram muito competentes na tarefa de suprir suas necessidades de ilusão. Neste sentido, elas puderam oferecer às suas filhas as bases para que elas desenvolvessem um sentimento de continuidade de existência no mundo. Além das benfeitorias e das recompensas inerentes à boa qualidade da relação, as mães foram consideradas pelas meninas como aptas a lhes apaziguarem nos momentos de aflição. Elas também foram capazes de mostrar para suas filhas que a vida vale a pena e que o mundo é um lugar agradável para habitar. Em suma, as mães foram consideradas por suas filhas como suficientemente boas e qualificadas para lhes oferecer um enquadramento seguro para sua evolução emocional, ou, nos termos de Singly (1993/2007), a estabilidade e segurança ontológica que elas necessitavam para desfrutar do seu presente momento evolutivo.

No que diz respeito à Annabelle, a mãe não foi percebida como capaz de compreendê-la bem, nem de oferecer o *holding* que ela precisava. Assim, era necessário aceitar o que a mãe podia lhe oferecer, mesmo que não fosse aquilo que ela necessitava, em uma atitude de submissão. Entretanto, a angústia de Annabelle com relação à integridade materna revelava também a intensidade de seu amor pela genitora. Esse apego carinhoso também foi mostrado por Sabine, embora sua mãe tenha sido vista por ela como ansiosa e pouco capaz de acalmar suas angústias.

É nesse contexto de uma ardente afeição vivida no vínculo estreito e pouco diferenciado entre mãe e filha que a realidade da separação se impõe pouco a pouco, patrocinada pelas crescentes falhas maternas. Esse processo de ruptura e de diferenciação perturba imensamente as meninas. Inicialmente ele as atira na perplexidade (Hannah) e as obriga a enfrentar o problema de como preencher o espaço vazio entre si mesmas e a mãe (Hannah, Arielle, Laura). De agora em diante a mãe é percebida como uma pessoa que faz parte do mundo objetivo da criança, e o hiato entre si mesma e a realidade clama por uma solução por causa das angústias e dores que ele desperta. Entre elas, a solidão e o sentimento

de vulnerabilidade e insegurança suscitadas pela autonomia são fortes (Arielle, Annabelle, Edda, Emilie, Hannah, Laura, Claire, Antoinette). A constatação que dois são mais fortes que um (Claire, Annabelle, Arielle, Edda) é seguida pela percepção de que agora a criança deverá por vezes saber desembaraçar-se sozinha das situações e dos problemas da vida. Essa apreciação implica que a criança deve fazer face a sua impotência, inabilidade e inferioridade diante dos adultos (Hannah, Antoinette, Arielle, Laura). Ainda que a independência seja vista como repleta de prazeres pela liberdade que oferece (Claire, Emilie, Edda), é necessário coragem para sair da zona de conforto do lar e dirigir-se à apaixonante descoberta de novas formas de viver (Claire). Além disso, a verificação de que o exercício da liberdade exige assumir responsabilidades suscita o temor de não ser capaz de sustentar as exigências da autonomia (Claire, Antoinette). Essa constelação de eventos provoca na criança uma certa ambivalência diante do crescimento (Arielle, Annabelle, Edda). Assim, mesmo frente ao prazer de ter o mundo diante de si, cheio de oportunidades para se desenvolver (Claire, Emilie, Edda), a assunção das incumbências que fazem parte da vida adulta gera um certo tédio, visto que ela exige muitas repressões e concessões. Desse modo, ser adulto pode ser enfadonho (Edda, Laura, Emilie).

Neste conjunto de eventos, a definição de sua nova condição na família não é clara para as meninas. No entanto, a situação anterior de ser uma criança pequena pertence a um passado que não voltará nunca mais. Enfim, é preciso aceitar que a vida muda e os relacionamentos também (Arielle, Hannah, Laura).

A primeira consequência dessa aceitação é o luto por sua condição de criança pequena e pela perda da mãe considerada como uma criatura irrepreensível, sublime e toda poderosa (Arielle, Antoinette, Laura). As deficiências maternas conduzem a criança à descoberta da natureza imperfeita do ser humano, um golpe duro de assimilar (Laura). Porém, devido à boa qualidade da relação precedente com a mãe, a criança consegue perdoá-la e aceitá-la como ela é realmente (Sabine, Danielle, Laura). As razões das insuficiências da mãe são atribuídas pela criança à sobrecarga na sua tarefa de cuidar da filha (Sabine, Laura, Edda) e à sua condição emocional (Sabine, Annabelle, Danielle); nesse último caso, as angústias maternas podem ser intensas a ponto de se constituírem em uma fonte de inquietação para a criança (Annabelle, Danielle). Nestas condições, as meninas buscam ajudar a mãe, mas seu sucesso não é de modo algum garantido, porque às vezes a genitora recusa o socorro que a filha oferece (Annabelle). Essa situação sobrecarrega a criança, visto que a apreensão pela integridade materna assume o primeiro plano em sua vida emocional, em detrimento das tarefas complexas que ela deve realizar, exigidas por seu próprio desenvolvimento. Essa

circunstância surgiu nas narrativas das duas crianças dos arranjos monoparentais (Annabelle, Danielle). Elas concluíram que era necessário, inicialmente, resolver as dificuldades e a solidão maternas para depois enfrentarem seus próprios problemas e desafios.

As mudanças na relação com a mãe são compreendidas pela criança como o efeito da natureza imperfeita da genitora. Desse modo, a presença concreta de um terceiro elemento (o pai ou um irmão ou irmã mais novos) não foi percebida pelas meninas como um elemento essencial para o início da ruptura do vínculo anterior. Se fosse esse o caso, isso colocaria problemas para a aquisição da autonomia por parte das filhas únicas, caçulas e procedentes das famílias monoparentais. Enfim, as narrações das meninas mostraram que as figuras paternas e fraternas não são indispensáveis neste momento específico (Hannah, Claire, Emilie, Laura, Edda). Entretanto, a presença fraterna confere um colorido especial para a vivência da separação. Isso acontece principalmente na etapa seguinte à da experiência do luto pela infância anterior, a saber, aquela da descoberta de sua nova posição na vida e na família. Neste sentido, o relato de Arielle é particularmente ilustrativo. Destronada por seu irmão Jean, ela atribui ao nascimento dele uma parte da responsabilidade pela perda de sua condição de criança pequena. Todavia, a realidade inexorável de seu próprio crescimento não é negada. Nesse contexto, a presença do irmão mais novo a obriga a enfrentar, dia após dia, sua condição de criança mais velha (embora ela também não seja a primogênita). Em suma, a existência do bebê sustenta a inserção de Arielle em sua nova condição e restringe suas tentações de regressão. Por sua vez, a presença real do pai, mesmo se ele é reconhecido como um intruso indesejado no vínculo entre mãe e filha (Hannah), torna-se importante nas etapas mais avançadas da dependência relativa. Assim, ela fará mais diferença nos momentos em que as meninas se ocuparão do processo de elaboração das angústias e das mutações deste período evolutivo. De qualquer modo, a presença concreta do pai ou de irmãos e irmãs parece adicionar à experiência do luto pela infância anterior um sentimento de haver sido excluída do vínculo com a mãe (Hannah, Arielle).

Conforme assinalamos, nas etapas finais desse processo de luto, os esforços das meninas parecem se consagrar à descoberta de sua nova posição diante do mundo e da família. A questão com que elas se debatem é se, a partir deste momento, elas ainda fazem parte do mundo das crianças ou se elas já pertencem àquele dos adultos (Arielle, Hannah). O encontro do meio termo não é de forma alguma claro e exige tempo para ser alcançado. Durante este processo, as oscilações são frequentes, o que é mostrado nas narrativas de Arielle e de Hannah, mas em momentos diferentes e relacionados ao tema da antropomorfização. Com relação à Arielle, seu relato testemunha suas tentativas frequentes de

se lançar no mundo adulto e deixar no passado as preocupações e atividades infantis. Nesse contexto, o apego à realidade exterior se intensifica em detrimento da fantasia e do “como se”. Assim, o antropomorfismo, identificado à sua antiga condição infantil, é recusado e desprezado. Ele não se aplica mais à sua nova situação no mundo. Será somente após uma etapa de elaboração que a capacidade para o “faz de conta” será retomada por Arielle, após sua constatação de que, se ela não é mais uma criança pequena, ela tampouco é uma adulta. Na outra extremidade do mesmo processo, Hannah não pode se servir da antropomorfização, porque sua capacidade para o “faz de conta” não está ainda bem assegurada. Dessa maneira, a menina vacila entre o encerramento em si mesma e o apego ao mundo real. Ela se encontra ainda em um momento de solidificar as associações entre a mãe e os outros objetos do mundo exterior. Será somente após a consolidação desta capacidade que o “faz de conta” será possível. Portanto, se para Hannah a antropomorfização não se aplica ainda, para Arielle ela não se aplica mais. Enfim, a experiência das meninas é de uma diferenciação nítida entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças (Edda, Hannah, Arielle, Annabelle) que deverá ser ultrapassada para o desenvolvimento da capacidade para a transicionalidade e, mais tarde, para o pensamento.

No entanto, o processo de aquisição gradual da autonomia não é feito somente de luto, angústia, inquietação e insegurança. Também faz parte dele os prazeres de se encontrar diante de um universo de possibilidades a serem exploradas na busca da constituição de uma identidade própria e singular (Claire, Emilie, Edda). A superação do luto permite à criança reconhecer as alegrias que a independência traz. A criança constata que, ainda que agradável, o encerramento no núcleo familiar gera tédio e insatisfação (Edda, Claire, Emilie). A oposição das crianças e sua recusa a aceitar as identificações propostas pela mãe (Emilie) consistem em esforços para se diferenciarem dela. Essas tentativas são às vezes acolhidas pelas mães (Hannah), mas às vezes as deixam frustradas e magoadas (Claire, Emilie). Evidentemente, o processo de aquisição da autonomia é facilitado quando a criança tem uma concepção benévola do ambiente fora da família e confia nele (Claire, Antoinette).

As vantagens e os inconvenientes da conquista de uma crescente autonomia são objetos de consideração meticulosa por parte das meninas (Claire). Essa ponderação suscita nelas uma certa ambivalência inicial frente à independência. A narrativa de Edda é particularmente reveladora a esse respeito. Para ela, se o aprisionamento no nicho familiar é fastidioso, a assunção de responsabilidades inerente à vida adulta é igualmente tediosa. Enfim, sua preocupação refere-se a como fazer parte do mundo dos adultos sem perder a capacidade criativa que ela atribui à sua condição de criança.

Em suma, elas se perguntam se a inserção no mundo cultural seria nefasta para o desenvolvimento do *Self*. Essas considerações levam as meninas a oscilar entre o vínculo recluso com a mãe (Hannah) ou a negação completa de sua pertinência familiar (Claire, Emilie). Todavia, nenhuma dessas soluções é considerada satisfatória para elas. Se a recuperação da simbiose impede os prazeres da constituição de uma identidade individual, a negação da pertinência o faz igualmente, já que ela também é parte da essência individual da criança. Enfim, a recusa à pertinência seria inseparável de um funcionamento falso *Self* (Emilie). Dessa forma, as meninas percebem que é necessário aceitar os limites impostos pela condição de pertinência para encontrar um sentido pessoal de existência no mundo (Emilie, Edda, Antoinette) e, assim, escapar da liquidez identitária (Singly, 1993/2007; Baumann, 2005/2009). Nesse sentido, se a liberdade fosse vivida de um modo ilimitado, a criança se tornaria perdida e desorientada (Emilie). Daí, a pertinência seria condição indispensável para a independência (Arielle, Emilie, Claire, Edda), visto que ela preservaria o sentimento de continuidade de existência da criança (Singly, 1993/2007).

O confinamento nos limites da cultura familiar, principalmente quando estes são impostos de maneira autoritária (Antoinette, Sabine), intensifica a oposição das crianças e as impulsiona para o mundo exterior. Nesse movimento centrífugo, o contato com o estrangeiro, o diferente, dessemelhante, conduz a criança à (re)descoberta de seus próprios contornos, definidos no lar. A boa qualidade do vínculo familiar precedente conduz a criança a preservá-lo, deixando espaço, ao mesmo tempo, para as novas aquisições e aprendizagens que ela obterá em outros lugares. Assim, ela pode se conciliar com a cultura familiar (Edda) e assimilar suas tradições de uma maneira pessoal. Dessa forma, o usufruto da liberdade somente é possível se depois a criança puder voltar para os seus (Emilie, Claire, Edda), ou seja, a independência seria a condição da pertinência. Do ponto de vista sociológico, essa descoberta que as crianças francesas que estudamos fizeram, testemunha a falência da concepção liberal (e neoliberal) sobre a completa liberdade do sujeito e a sua existência fora das gerações (Liaudet, 2012). A rejeição da história seria, assim, incompatível com o individualismo, ao invés de se constituir em uma condição para ele.

A solução desse paradoxo da autonomia relativa não é imediata nem evidente. As narrativas das meninas mostram que ela é feita por etapas que se sobrepõem e que exigem a resolução de problemas anteriores. O primeiro deles concerne ao estabelecimento de um novo tipo de relação com a mãe. De agora em diante, esta deve ser considerada como alguém falível e autônoma em relação à criança. O preenchimento do espaço entre ela e a filha deve ser feito por meio do desenvolvimento da capacidade simbólica (Hannah). Nesse sentido, a

desagregação entre a pessoa da mãe e suas funções, bem como a associação da mãe a outros objetos, torna a criança menos dependente dela e a endereça ao mundo exterior (Hannah). Assim, o vínculo concreto, corporal, com a mãe é recuperado de modo simbólico (Arielle, Hannah, Laura). Essa situação e a constatação de que a autonomia exige a maturidade para se arranjar sozinha (Claire, Antoinette) conduzem ao aumento dos processos identificatórios com a mãe. Essa intensificação tem o duplo objetivo de preservar a mãe dentro de si (Arielle, Hannah, Danielle) e de enfrentar as responsabilidades requeridas pela autonomia (Claire, Hannah, Antoinette, Danielle). Assim, as identificações consistiriam em uma preparação para o exercício da autonomia no futuro (Claire, Arielle, Emilie, Edda, Antoinette, Danielle). Nesse quadro, a aprendizagem desempenha um papel particularmente importante (Arielle, Antoinette), com a sua função de transmissão sendo valorizada, percepção que sepulta mais um ideal liberal (sustentado pela geração de 1989) de que a escola deveria se constituir mais em um provedor de recursos para a *performance* social da criança do que em um local educativo (Liadet, 2012).

Esse processo de interiorização das “regras da vida” (emprestando as palavras da pequena Claire) é acompanhado de apreensões específicas que Antoinette mostrou em sua narrativa. Elas se referem principalmente ao temor de não ser capaz de atingir os padrões mínimos necessários para sobreviver no mundo adulto. Em outras palavras, trata-se de uma inquietação sobre os próprios limites, bem como sobre aqueles impostos pelo mundo exterior. Portanto, se o ser humano é imperfeito e independente ao mesmo tempo, o resultado inevitável dessa combinação é a angústia, porque as fraquezas pessoais podem impedir a sobrevivência. Inicialmente, Antoinette tenta resolver essa aflição por meio de uma exigência intensa com relação à sua capacidade de produção, incitada por uma mãe rigorosa. Entretanto, ela se mostra depois capaz de chegar a uma solução mais flexível, apoiada por um pai que não se preocupa tanto com uma rotina regular nem com resultados espetaculares. A conclusão a que ela chega é que a família deve ser o local em que as pessoas possam compensar as fraquezas uma das outras. Enfim, a família seria o abrigo e o antídoto contra um mundo implacável.

De maneira idêntica a Antoinette, Claire, Emilie, Edda, Arielle e Laura fazem face ao problema de conciliar o desejo de independência com a manutenção do apego e da proteção do lar. Nesse sentido, a definição de um enquadramento com limites bem definidos pela família é vislumbrada como a melhor conciliação que poderia ser feita. Em outros termos, é necessário estabelecer fronteiras para o exercício da autonomia, dentro das quais as meninas possam se movimentar, sem romper a integridade do lar e o seu sentido de pertinência. A

ausência desse enquadramento tornaria a criança exposta e vulnerável (Emilie, Claire, Edda, Antoinette). Por outro lado, a determinação desse enquadre permitiria a resolução do problema da dependência relativa. Ela pressupõe a aceitação, pelas meninas, dos limites impostos pela realidade exterior e o seu acolhimento no superego por meio da introjeção (Claire, Arielle, Emilie, Edda, Antoinette, Danielle). Portanto, se por um lado o enquadre oferece à criança uma liberdade relativa, por outro, ele lhe exige a tomada de uma responsabilidade proporcional a ela. Enfim, ele requer da criança a condição de fazer concessões (Emilie, Antoinette, Claire). Nos casos em que o desejo de descobrir o novo e o inabitual ultrapassa a capacidade de responsabilidade da criança, a solução encontrada é realizar essa empreitada acompanhada pela família, mais especificamente, pela mãe (Claire, Danielle, Antoinette). Com isso, ideais de liberação total das leis e dos limites (Liaudet, 2012) não são vislumbrados nem desejados por essas crianças. Para elas, esses princípios são incompatíveis com a verdadeira liberdade de ser quem se é, pois isso inclui pertencer a uma família com valores específicos que auxiliam a definir os contornos do *Self* dos membros. Nesse contexto, uma liberação total, ao invés de permitir o “*être soi-même*”, nada mais faria do que encorajar e consolidar personalidades falso *Self*. Dessa maneira, a família, com todas as restrições que ela implica, prossegue existindo como uma condição para o viver espontâneo dos indivíduos.

As narrativas mostraram que todas as meninas componentes dos arranjos nucleares e recompostos dispõem desse enquadre seguro para o exercício da autonomia e são capazes de usufruir dele. A situação de Sabine é, no entanto, particular. Essa garotinha revelou ver sua mãe como um pouco angustiada e sobrecarregada. Devido a essas características, a mãe, às vezes, apresentava dificuldade para manejar as (várias) crianças da família, o que resultava na inflação dos desacordos e dos transbordamentos afetivos. Porém, a percepção, pela garotinha, da intensidade e da consistência do amor da mãe por ela era capaz de aliviá-la e apaziguá-la. Portanto, mesmo se no início Sabine temia que os descontroles e os desacordos arriscassem a integridade do lar, ela era igualmente capaz de perceber que eles eram às vezes necessários para proteger a união. Enfim, ainda que a garotinha sentisse que o enquadre não fosse firmemente determinado, ela sabia que as bases principais dele já estavam presentes e eram garantidas. Por sua vez, a narrativa de Emilie mostra o papel do pai como essencial no estabelecimento desse enquadre, visto que a própria mãe também precisava desse tipo de segurança.

A situação das duas crianças procedentes dos arranjos monoparentais, Annabelle e Danielle, também apresenta especificidades, mesmo que as duas meninas sejam muito

diferentes uma da outra. Conforme descrito anteriormente, essas garotinhas apresentavam uma ambivalência mais pronunciada a respeito da aquisição da autonomia em razão de seu medo de deixar a mãe só. No caso de Danielle, ainda que a mãe se mostrasse em condições de impor o enquadramento, a menina tinha dificuldades para se aproveitar dele, devido a suas apreensões sobre a solidão materna. Assim, ela fazia somente uma utilização parcial dessa importante condição para o seu desenvolvimento emocional.

Quanto à Annabelle, a situação era mais inquietante. Da mesma maneira que Danielle, o humor deprimido de sua mãe a angustiava e ela buscava protegê-la e ajudá-la. Contudo, enquanto as expressões das necessidades de Danielle fortaleciam sua mãe (que se sentia útil quando as atendia), aquelas de Annabelle desorganizavam sua genitora. Portanto, a oferta de enquadramento sólido para que essa garotinha se desenvolvesse não era possível. Ao contrário de Emilie, cujo pai compensava as dificuldades da mãe a esse respeito, o pai de Annabelle era visto com uma pessoa que, similarmente à mãe, perturbava-se perante suas demandas. Face a esse escasso acolhimento de suas necessidades, a menina era obrigada a inibir a expressão delas para preservar a mãe. Assim, as necessidades da mãe primavam sobre as dela e o objetivo principal da vida da garotinha era o de devolver à mãe a alegria de viver. Se Danielle compartilhava desse propósito, a situação de Annabelle era mais complicada, porque sua mãe não aceitava a ajuda que a filha tentava lhe oferecer. Dessa maneira, à sensação de que ela não era capaz de agradar a mãe se acrescentava a impressão de que ela não fazia muita diferença em sua vida. Com isso, o sentimento de impotência e de inutilidade tornavam-se intensos. A mensagem que a mãe transmitia era a de que a filha não podia apoiá-la devido à sua condição de criança. Assim, a solução era encontrar no mundo exterior um adulto capaz de sustentar a mãe, um parceiro, um marido. Ainda que Danielle também fizesse esse esforço, o de Annabelle tinha uma conotação ligeiramente distinta. Para ela, a presença do homem faria diferença na realidade psíquica da mãe e, em consequência, traria uma melhora ao vínculo mãe-filha. Já para Danielle, a entrada do terceiro elemento tornaria a mãe mais feliz, mas não introduziria modificações significativas no relacionamento delas, que já era visto como excelente. Porém, para essa garotinha, se a mãe estivesse acompanhada, ela se sentiria mais tranquila para fazer de suas próprias tarefas desenvolvimentais a prioridade de suas preocupações.

4.4.3 O papel do pai

Se a ausência do pai, conforme vivida pela mãe, tem efeitos importantes na aquisição da independência das crianças procedentes dos arranjos monoparentais, seu papel foi pouco mencionado pelas meninas oriundas das outras configurações familiares. Ele foi assinalado somente nas narrativas de Emilie, Antoinette e Hannah. Para esta última, como vimos, ele consistia em uma presença inoportuna em sua relação com a mãe. Para Emilie, ele era uma figura detestável por conta do seu autoritarismo, mas amável devido à segurança e proteção que ele oferecia para toda a família. Antoinette, por sua vez, concebia-o como uma fonte de apoio e de alívio contras as exigências impostas pela mãe, que ela considerava exigente e autoritária. Esse estado de coisas sugere que a importância do pai na oferta do enquadramento para a conquista da autonomia relativa da criança pode ser melhor estimada pelo seu inverso, pela sua carência, do que pela sua presença. Enfim, quando tudo se passa bem entre mãe e filha, isso quer dizer que é provável que a função paterna foi cumprida a contento.

É necessário enfatizar, no entanto, que não se trata absolutamente de uma questão da existência concreta dessa figura, mas da maneira como ela se apresenta na realidade psíquica da criança e da mãe. Assim, a narrativa de Annabelle mostra que, mesmo que ela disponha de um pai realmente presente em sua vida, ele não a auxilia nos desafios de seu desenvolvimento. Ele é percebido pela menina como uma pessoa frágil e incapaz de protegê-la. Por sua vez, Danielle, cujo conhecimento do pai se fez à imagem da representação dele por sua mãe, tem uma concepção mais negativa dessa figura. Além de não ajudá-la, o pai perturba e magoa a mãe.

Nos arranjos nucleares e recompostos, os desacordos conjugais também são uma realidade frequente (Emilie, Antoinette, Sabine, Laura) que, às vezes, leva as meninas a temerem pela desagregação do lar (Emilie, Antoinette). Apesar disso, existe uma forte confiança no vínculo afetivo entre os pais e na capacidade deles de tolerarem os defeitos um do outro. Assim, a reconciliação torna-se possível (Antoinette, Sabine, Laura, Emilie), embora ocasionalmente seja necessária a interferência da criança para que isso aconteça (Emilie, Sabine). Ainda que existam oscilações, o ambiente familiar é considerado como bastante resistente para assimilar as turbulências e, eventualmente, emergir delas com mais vigor (Laura, Sabine).

Essas considerações permitem concluir que o papel do pai, real ou internalizado pela mãe e pela filha, é bem desempenhado quando o desenvolvimento da menina caminha de maneira silenciosa, a despeito dos vários sentimentos que lhe são associados. Nesse momento,

ele já é reconhecido pelas meninas como uma pessoa autônoma. Contudo, é a sua condição de sustentar a mãe que parece ser o elemento mais importante para a boa evolução da criança.

Assim, as narrativas mostram que, na amostra estudada, não é o pai nem os irmãos ou irmãs que desencadeiam o processo de aquisição da autonomia da filha. Porém, essas figuras fornecem um suporte substancial no trajeto rumo à entrada no universo extrafamiliar. É nesse sentido que a posição na ordem de nascimento deve ser considerada. Ela não interfere na essência do processo, mas simplesmente atribui a ele nuances particulares. Finalmente, o movimento da criança rumo ao mundo exterior ao casulo familiar depende, incontestavelmente, da maneira como este é concebido por ela. A percepção do mundo exterior como um lugar cheio de desafios agradáveis e de oportunidades de realização ajuda a menina a substituir o luto da simbiose perdida pelo entusiasmo da exploração do desconhecido (Edda, Claire). Dessa maneira, mesmo para as meninas que sentem as dores que o mundo provocou em suas mães (Annabelle, Danielle), é nele que elas buscam a “cura” para essas feridas. Em suma, elas concordam que a despeito de suas imperfeições e das mágoas que ele às vezes acarreta, o mundo é ainda um bom local para viver.

Se contrapormos nossas conclusões sobre a experiência psicológica da maternidade e sobre o desenvolvimento emocional das díades francesas que estudamos com as concepções teóricas sobre a família (Singly, 1987/2004; 1996; 1993/2007; Maurin, 2009) e sobre a psique do povo francês conforme as descrevemos na Introdução deste trabalho, podemos compreender, em certos termos, o modo como, por meio da família, o indivíduo integra os ideais, os valores e as normas da sociedade em que vive. Todavia, podemos igualmente problematizar algumas considerações realizadas por Liaudet (2012) sobre a psicossociologia do povo francês.

De fato, os relatos das mães e das crianças ilustram com clareza a queda da mentalidade patriarcal e da atribuição incontestável da autoridade absoluta ao homem em prol de relacionamentos mais igualitários entre os sexos. No entanto, os valores republicanos predominam claramente nessa população em detrimento dos liberais, parecendo não haver nenhuma chance de serem suplantados por estes últimos, mesmo que apresentem alguns coloridos desta mentalidade. É certo também que a família se transformou em um local onde a expressão e o desenvolvimento pessoal dos seus membros devem ter destaque, mas uma maior liberação da cadeia geracional e um repúdio completo à transmissão em nome do livre desenvolvimento individual parecem estar fora de questão. Nas famílias francesas que estudamos, a autonomia individual é valorizada, mas não o individualismo. Nelas, a independência e a pertinência ao grupo, a filiação e a emancipação não concorrem entre si,

mas são condições para a existência uma da outra. Desse modo, *être soi-même* implica necessariamente em fazer parte de um grupo: é somente assim que o indivíduo poderia desenvolver sua “fisionomia própria” (Singly, 1993/2007). Se na família contemporânea o processo de individuação também se aplica à criança (Singly, 1987/2004), cuja voz é mais ativa do que antes, a hierarquia entre pais e filhos não deixou de existir e sua abolição não parece ser de forma alguma desejada por nenhum deles. Diante disso, e nesse aspecto, mas sem qualquer intenção de generalizar, concordamos com Liaudet (2012), em que a oposição do povo francês guardaria principalmente o significado de resguardo da autonomia.

Nesses termos, as mães que fizeram parte de nossa amostra e também suas filhas (a despeito de sua pouca idade) parecem ter solucionado as antíteses descritas na literatura sociológica e antropológica, entre ser autônomo e afiliado, entre ideais patriarcais, republicanos e liberais, entre vínculos “sólidos” e líquidos (Baumann, 2004, 2004/2010; 2005/2009) graças à sua flexibilidade e criatividade que lhes permitem viver os paradoxos do desenvolvimento humano, e chegar a desenlaces sintéticos e originais, que ultrapassam concepções abstratas e maniqueístas sobre o ser humano. Desse modo, as mães e crianças francesas dessa amostra nos revelaram que o chamado *épanouissement personnel* não pode ter lugar fora de relacionamentos interpessoais marcados pelo respeito, pela tolerância e pela solidariedade, enfim, que Winnicott (1960/1990a) tinha razão ao afirmar que o verdadeiro *Self* somente pode desabrochar em um ambiente suficientemente bom.

5 A EXPERIÊNCIA MATERNA DE MULHERES MAGREBINAS E O DESENVOLVIMENTO DO *SELF* INFANTIL

5.1 Trajetória da coleta de dados

Das três realidades culturais estudadas, a amostra magrebina foi a mais difícil de compor. Inicialmente, os procedimentos empregados para ter acesso a essas mães foram idênticos àqueles utilizados com as francesas: solicitar a intermediação de diretores e diretoras de escolas para estabelecer contato com elas. Uma vez que nossa intenção era estudar a população que imigrou para a França, não vimos razões para proceder de modo diferente. Dessa maneira, nós tencionávamos fazer a coleta de dados das díades francesas e magrebinas ao mesmo tempo.

Conforme descrito na apresentação dos resultados das díades francesas, esse modo de agir permitiu obter somente o acordo de duas mães magrebinas para participar da pesquisa. Uma dessas mães veio a uma reunião comigo proposta pelo diretor de uma escola maternal (Omeya). A outra (Nima) telefonou-me após a distribuição dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido que Mme. Kirat-Leclercq e eu havíamos feito na entrada de outra escola. Diante dessa situação, Mme. Kirat-Leclercq colocou-me em contato com duas outras mães originárias do Magreb que ela conhecia (Aminah e Manal); as duas aceitaram prontamente participar da pesquisa. A coleta de dados dessas quatro díades foi realizada por mim. Por sua vez, Mme. Kirat-Leclercq entrevistou uma outra díade imigrante na França (Jebila e Mahira), que ela também já conhecia. Após o acesso a essas cinco díades, todos os meus esforços e os de Mme. Kirat-Leclercq para ampliar a amostra foram em vão. Cinco outras mães magrebinas que haviam assinado os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido não compareceram à entrevista no dia marcado.

Dada a ausência de díades magrebinas imigrantes na França desejosas de participar da pesquisa, Mme. Kirat-Leclercq procurou outras no Marrocos. Nesse país ela conseguiu entrevistar duas díades (Badra e Aicha; Samira e Malda). Assim, nossa amostra foi composta por sete díades, cinco imigrantes na França e duas que viviam no Marrocos. Nessas últimas díades as entrevistas com as mães foram realizadas em árabe ou francês; as entrevistas com as crianças foram feitas em árabe.

A interpretação das narrativas das duas mulheres residentes no Marrocos não mostrou, *a priori*, diferenças significativas com relação àquelas que haviam imigrado para a França. Nossa pressuposição de que as imigrantes seriam mais permeáveis às influências da cultura francesa não se confirmou. Na verdade, em certos casos (Omeya), a imigração provocou mesmo um apego mais forte aos costumes e práticas da cultura de origem. Em outros casos (Samira), o desejo de autonomia, valor ocidental por excelência, mostrou-se mais intenso que nas díades que residiam na França. Porém, devido a esta heterogeneidade, todas as vezes em que especificidades de uma ou das duas díades residentes no Marrocos se mostrarem, elas serão discutidas em nossa análise. Além disso, haverá um pequeno debate relativo ao significado da imigração e ao modo como ele foi matizado pelas experiências dessas mulheres junto a suas famílias de origem.

As características das díades magrebina estudadas são expostas na tabela seguinte.

Tabela 2 – Caracterização das díades componentes da amostra magrebina

Mãe	Idade da mãe	Criança	Idade da criança	Ordem de nascimento	Configuração familiar	País de residência	Entrevista realizada por
Aminah	34 anos	Layla	6 anos	Segunda de quatro crianças	Recomposta (concubinato)	França	Valéria Barbieri
Badra	35 anos	Aicha	4 anos e 6 meses	Caçula de duas crianças	Nuclear	Marrocos	Brigitte Kirat Leclercq
Omeya	29 anos	Naïma	6 anos	Primogênita de três crianças	Nuclear	França	Valéria Barbieri
Jebila	35 anos	Mahira	9 anos	Segunda de três crianças	Nuclear	França	Brigitte Kirat Leclercq
Manal	37 anos	Fatimah	8 anos	Segunda de quatro crianças	Nuclear	França	Valéria Barbieri
Nima	44 anos	Désirée	6 anos	Única	Nuclear (pacto)	França	Valéria Barbieri
Samira	28 anos	Malda	8 anos	Primogênita de três crianças	Extensa	Marrocos	Brigitte Kirat Leclercq

Conforme mostra a Tabela 2, a idade das mães variou entre 28 e 44 anos e a das crianças entre 4 anos e meio e 9 anos. A posição na ordem de nascimento foi diversificada, com a prevalência da condição de segunda filha.

Como foi sublinhado acima, para além das possíveis diferenças entre as díades em função do país de residência, deve-se considerar também que os estilos diferentes das duas pesquisadoras na condução das entrevistas podem ter desempenhado um papel importante nas mensagens transmitidas pelas mães e crianças. Contudo, a interpretação das narrativas revelou que as circunstâncias de vida das mães e das crianças e suas experiências subjetivas foram os fatores principais de distinção entre elas. Ainda que seja possível identificar similaridades no modo de as mães experimentarem a maternidade, as narrativas mostraram uma riqueza de conteúdo que permitiu compor um tipo de mosaico e retratar este grupo cultural em profundidade. Dessa maneira, a narrativa de cada uma das mães iluminou um ponto importante que parecia fazer parte da experiência de todas as outras, mesmo se ele tivesse sido tocado por elas somente de modo acidental. Daí, embora a diversidade esteja presente nos dados, ela deve ser compreendida mais em termos de complementaridade do que de oposição, como aconteceu também com nossa amostra francesa. Foi com esse espírito que redigimos nossa síntese, apresentada a seguir. Adicionalmente, no Apêndice B deste volume, é apresentada, com finalidade ilustrativa, as narrativas e interpretações de uma díade mãe-filha magrebina, Omeya e Naïma, que consideramos bastante representativa de nossa amostra.

5.2 Síntese das interpretações das mães

5.2.1 Identidade feminina

Nos relatos das mães, as menções à identidade feminina e à concepção de si como mulheres foram feitas sempre de um modo relativo, vinculadas seja à relação delas com o homem, seja à sua condição de ser mãe de uma criança. Deste modo, esse debate sobre a feminilidade não pode ser dissociado daquele da relação com o marido, o companheiro ou a figura paterna (pai ou sogro), nem daquele relativo à experiência da maternidade.

Sendo estabelecido que o homem é incontestavelmente a figura de autoridade da família (Aminah, Jebila, Badra, Samira, Manal, Omeya), a posição da mulher é de obediência a ele (Samira, Omeya, Jebila). Ela deve também suavizá-lo e apaziguá-lo quando ele está

nervoso (Brada, Manal) e protegê-lo dos incômodos causados pelos filhos (Aminah). A única exceção a essa concepção foi Nima: mesmo se a figura do companheiro não ocupa muito espaço em sua narrativa, ela deixa entrever que o vínculo entre o casal é mais igualitário. Todavia, a descrição que ela fez de seu pai na infância como alguém firme e um pouco distante dos filhos sugere a existência de uma experiência passada em que o homem desempenhava o papel de autoridade.

Esse distanciamento relativo da educação dos filhos por parte do homem que Nima descreveu, está presente também nas narrativas de outras mães (Aminah, Badra, Samira). Enquanto o homem é caracterizado pela autonomia e por um certo isolamento, a mulher é caracterizada pela proximidade física e afetiva dos filhos (Aminah, Badra, Omeya). Se o espaço por excelência do homem é o trabalho (Badra), o da mulher é o lar (Aminah, Badra). Contudo, o trabalho profissional feminino é visto como importante a ponto de o casal aceitar flexibilizar os costumes e práticas culturais e religiosas para mantê-lo (Omeya). É verdade que o exercício de uma atividade profissional acarreta uma sobrecarga importante para a mulher, que, às vezes, impede o usufruto da maternidade em sua plenitude (Aminah). Por outro lado, ele permite a ela guardar uma certa autonomia (Omeya) e realizar um deslocamento das tensões e angústias ligadas à maternidade, o que melhora o vínculo com as crianças (Manal).

Se a autonomia profissional da mulher é relativamente bem aceita pelo homem, no espaço da família as coisas se passam de modo diferente. Ainda que a mãe seja a principal responsável pela educação dos filhos (Aminah, Jebila, Badra, Omeya, Samira, Manal), a sua conduta diante deles deve seguir parâmetros bem estabelecidos, a fim de promover a continuidade da tradição da família de origem ou dos valores da família do marido (Omeya, Manal, Badra, Samira).

Embora essa condição de subordinação da mulher ao homem não coloque muitos problemas para a maioria das mães da amostra (Badra, Omeya, Manal, Aminah) ela incomoda algumas delas. Jebila, por exemplo, mostra-se muito contrariada e mesmo exasperada diante da constatação do poder masculino. Ela experimenta um certo mal-estar diante de sua condição feminina porque, para ela, a mulher é pequena e insignificante em comparação ao homem. Por isso, ela busca masculinizar-se um pouco e efetuar um tipo de castração do homem para diminuir a rivalidade procedente da diferença de poder entre eles. Contudo, o sufocamento da feminilidade que ela realiza lhe custa muito caro. De tanto buscar dissociar a feminilidade da maternidade, ela não pode usufruir de todos os prazeres que esta última traz. Com isso, a maternidade é vivida por ela como uma tarefa pesada e difícil de realizar, cujas

gratificações não são claras. Sua experiência é a de que a maternidade é uma sucessão de deveres e obrigações a executar e o bom desenvolvimento dos filhos é vivido, sobretudo, como um alívio por haver desempenhado bem suas funções. A maneira como Jebila experiencia sua maternidade não é somente o resultado de uma oposição solene à figura masculina. Ela é também consequência de uma importante identificação com a própria mãe, vista por Jebila como viril. Desse modo, atrás do antagonismo manifesto contra o homem se esconde a fidelidade à mãe.

Samira, por sua vez, sonha com a liberdade. Como as outras mães (Omeya, Jebila), ela está consciente de que as regras de conduta são mais estritas para as mulheres do que para os homens, o que causa nelas uma preocupação de fazer tudo muito bem (Badra, Manal, Aminah). Todavia, a sensação de ser vigiada dia e noite (e sem trégua) pelos homens (e mesmo por outras mulheres) da casa alimenta o desejo de Samira de morar sozinha com sua família constituída. Nessa condição, ela poderia tolerar a autoridade do marido graças aos longos períodos de ausência dele para ir ao trabalho. Assim, enquanto Jebila afronta a autoridade masculina de um modo mais direto e por meio de uma identificação com o homem, Samira, mais doce, simplesmente tenta evitá-lo. De maneira diferente das outras mães, para Samira, a presença da figura de autoridade impede a expressão do verdadeiro *Self*: diante dessa figura, ela não pode ser ela mesma na delicada tarefa de maternagem de suas filhas.

Finalmente, para Nima, as realizações femininas e a maternidade, em especial, são também vistas como um pouco deterioradas. Contudo, isso não acontece por causa da autoridade masculina. É antes a ruptura do vínculo com a própria mãe, realizada por esta, que coloca obstáculos importantes para a sua realização como mulher e como mãe. Assim, se o acesso à sua principal conquista feminina, a maternidade, não lhe foi negado, ele foi muito difícil e (literalmente) oneroso a obter (ela precisou submeter-se a procedimentos de reprodução assistida para engravidar e não conseguiu depois ter um segundo filho, como gostaria).

Em síntese, para as mães dessa amostra, a maternidade é a realização feminina primordial. Uma vez que suas identidades como mulheres estão ligadas a seus vínculos com suas mães e com seus maridos ou companheiros, esses personagens desempenham um papel importante em suas experiências maternas. A autoridade masculina não lhes coloca problemas, salvo se ela colocou para as suas mães (Jebila) ou se o domínio masculino não deixa espaço suficiente para uma relação de intimidade entre a mulher e sua filha (Samira).

Nessas condições, a experiência da própria feminilidade se mostra, para essas mulheres, atravessada por seus valores culturais de origem, magrebinos e muçulmanos, a começar pela formação de sua identidade, que ocorre, sobretudo, no contexto da família, principalmente nos casais mais tradicionais (Rude-Antoine, 1990). Todavia, esses valores são também matizados por uma coloração ocidental, mais acentuada em alguns casos, como o de Nima e o de Aminah. Com exceção de Nima, as famílias parecem se estruturar diante da autoridade patriarcal, do marido ou do sogro. O espaço da mulher é o lar, sobretudo o dos relacionamentos e da educação dos filhos, evidenciando a manutenção dos valores islâmicos de que essa seria a tarefa por excelência da mulher e a sua principal realização, a maternidade (Lacoste-Dujardin, 2004a; Demant, 2008). No entanto, existe uma abertura e uma flexibilidade maior para a aceitação do trabalho feminino, muito valorizado por essas mães, que chegam mesmo a ocupar posições socialmente importantes (Nima exerce a Medicina; Omeya trabalha no setor financeiro de um banco, Badra e Manal são professoras).

Ao lado da difusão do trabalho feminino (e também por conta dele), a autoridade patriarcal é em alguns casos, colocada em questão, mas nunca ostensivamente. Assim, ela é aceita, mas permanece, em algumas das mulheres (Jebila, Aminah) uma revolta surda sobre as razões de o homem ser a autoridade do lar, visto que é a mulher quem se ocupa de tudo. Em suma, embora acatada, a diferença de poder é mal digerida, principalmente quando as funções do homem e da mulher se superpõem. Mesmo nos casos em que isso não acontece (Samira, Jebilah) a presença do homem nem sempre é assimilada com tranquilidade, seja por sua autoridade em si, seja pela intrusão que ele provoca no espaço feminino. Desse modo, na relação com a figura do homem, os discursos maternos parecem indicar que a proximidade de funções e o acesso maior ao mundo masculino não foram acompanhados por uma maior partilha do poder, o que deixa a mulher perplexa e insatisfeita. Dessa maneira, ela parece sentir na pele, em nível individual, o que foi descrito por Mimouni (2004), como a coexistência, nessa população, de dois projetos de sociedade (e de vida) distintos, que permanecem lado a lado, sem lograr uma integração definitiva e harmônica.

5.2.2 A maternidade vivida

Mesmo que a maternidade acarrete muitas tensões e preocupações (Jebila, Manal, Nima), bem como sobrecarga e cansaço (Jebila, Aminah), ela é concebida fundamentalmente como uma fonte de prazer (Aminah, Badra, Manal, Samira, Omeya, Nima) e como o sentido de existência da mulher (Aminah, Badra, Samira, Manal). Ela permite o desenvolvimento

pessoal (Aminah, Badra, Samira, Manal, Nima), e fornece à mulher um refúgio contra as infelicidades e as feridas provocadas pelo mundo (Aminah). Além disso, a maternidade recarregaria a mulher com a energia positiva necessária para viver em uma realidade que é, às vezes, decepcionante e cruel (Aminah, Samira). Ainda, a criança é vista como um fator de integração da família (Manal, Omeya, Badra), capaz de solidificar o vínculo do casal (Manal, Badra).

Se o filho é uma fonte de felicidade para as mães, o desejo principal delas é o de tê-lo igualmente para ele. Elas desejam oferecer às suas filhas uma família em que a união seja sólida e em que a doçura e a ternura dos vínculos sejam uma certeza indiscutível. Nesse sentido, a mulher é vista como a responsável principal pela preservação da aliança (Badra, Nima, Omeya, Manal) e pelo futuro da família, conforme também observado por Rude-Antoine (1990). Nessa condição em que a coesão deve ser enfatizada e os conflitos evitados (Manal, Aminah, Omeya, Badra, Samira), cabe à mãe a tarefa de se esforçar para conciliar os desejos e as necessidades de todos (Aminah, Badra, Samira). Assim, os desacordos entre o casal incomodam bastante a mulher e ela busca superá-los rapidamente para proteger a família e a criança, mesmo que isso a obrigue a realizar inúmeras concessões e repressões de seus desejos e submeter-se às convicções do marido ou companheiro (Omeya, Badra, Aminah, Manal, Samira).

Com o objetivo de oferecer a suas filhas um lar em que a harmonia, proteção, segurança e alegria de viver estejam asseguradas, as necessidades dos filhos são prioritárias às das mães (Aminah, Badra, Manal, Jebila, Nima). O *holding* (Winnicott, 1960/1990b) ocupa um lugar essencial no desempenho da função materna (Jebila, Aminah, Badra, Samira, Manal, Nima, Omeya). Além do cuidado físico, ele pressupõe o envolvimento afetivo com a filha (Badra, Samira, Manal, Aminah), o provimento de ilusões (Aminah, Badra, Samira, Manal, Nima, Omeya), o oferecimento de introjeções (Jebila, Aminah, Badra, Samira, Manal, Nima, Omeya) e a proteção contra os perigos do mundo exterior e contra a angústia (Badra, Aminah, Samira, Manal, Nima, Omeya). Se o exercício da autoridade e a imposição de limites são também inerentes ao papel materno (Jebila, Samira, Manal, Aminah), eles devem ser realizados sempre de uma maneira amorosa, firme, mas delicada (Aminah, Samira, Manal, Nima, Omeya). Nesse sentido, a mãe se torna capaz de consolar a filha diante da frustração causada por uma interdição que ela mesma impôs (Aminah). Esse exercício da autoridade realizado em um contexto de ternura parece ser a característica que distingue a imposição de limites realizada pela mãe daquela que é feita pelo pai. Esta parece ser mais dura, autoritária e menos sensível às condições das crianças (Badra, Aminah, Samira, Manal).

Este retrato da experiência da maternidade das mulheres magrebina entrevistadas também reitera a observação de que a identidade feminina se forjaria na família (Rude-Antoine, 1990), já que a maternidade é vista como um forte propulsor do desenvolvimento pessoal da mulher e que a relação afetiva mais forte no seio dessa célula social seria a da mãe com o seu filho. Além disso, ele esclarece novamente a permanência da hierarquia masculina, à qual a mulher e a criança devem se submeter, bem como a nítida partilha de funções entre os cônjuges, que delega a mulher ao espaço doméstico, mesmo nos casos das famílias nucleares e em que ela exerce uma atividade profissional remunerada (Lacoste-Dujardin, 2004a).

Contudo, existem circunstâncias especiais capazes de emprestar nuances a esta forma materna de agir. No caso de Jebila, por exemplo, suas tentativas de se masculinizar a conduzem eventualmente a assumir, junto à filha, uma posição mais próxima do papel paterno do que do materno. É possível notar, em sua conduta, uma evitação do papel materno e uma delegação de suas funções à filha. Dessa maneira, na situação de gratificação oral e na oferta de introjeções às crianças, a mãe não se encontra presente (quadro 1 do CAT-A). Porém, a condição necessária para que Jebila possa se desembaraçar de algumas de suas funções maternas é a de estar assegurada de que seus filhos estarão bem sem ela. Essa maneira de viver a maternidade não é isenta de um certo mal-estar. Isso acontece porque, ao mesmo tempo em que Jebila busca se virilizar, ela deseja manter sua posição de mãe. A integração dos dois papéis não é vista por ela como possível e sua oscilação entre os dois desejos faz germinar dúvidas sobre os seus recursos para a maternagem. Desse modo, a atribuição de suas funções à filha também tem por objetivo proteger as outras crianças.

Aminah, por sua vez, vive igualmente uma situação especial com relação ao exercício das funções maternas, mas isso acontece pelo fato de ser divorciada e de haver constituído uma nova família. Como ela não pode confiar em seu ex-marido (que já lhe “roubou” seu filho mais velho), ela tenta afastá-lo o máximo possível de sua relação com suas filhas. Por outro lado, seu atual companheiro é visto por ela como alguém que não tem o direito de se conduzir como pai de suas duas filhas do primeiro casamento. Assim, ele não tem nenhuma responsabilidade sobre elas e deve ser poupado dos incômodos que elas causam. Ainda que Aminah diga para suas filhas que elas têm a sorte de terem dois pais, na verdade, o papel paterno não é cumprido nem pelo pai biológico nem pelo padrasto. Com o papel do pai truncado, a existência dele na família é duvidosa (em sua narrativa ao quadro 3 do CAT-A, Aminah diz que, em sua família, não há rei). Como não pode contar com uma figura masculina na educação de suas filhas, pelo receio de que essa situação seja nociva ao desenvolvimento emocional delas, Aminah se vê obrigada a assumir os dois papéis, materno e

paterno, de refúgio afetivo e de autoridade. É por meio da ênfase sobre a maneira feminina, calorosa, mas consistente de impor regras e limites que, por enquanto, Aminah consegue ser bem sucedida. Do mesmo modo que Jebila, ela experimenta eventualmente um sentimento de inadequação como mãe e de sobrecarga aumentada. Contudo, Aminah conclui que, mesmo que ela não consiga fazer tudo como gostaria, ela faz o mais importante; a prova disso é que seus filhos estão felizes.

5.2.3 A transmissão da linhagem feminina

Ainda que a maternidade possa apresentar um componente de reparação daquilo que a mulher não teve na relação com sua própria mãe, seja na infância, seja na vida adulta (Aminah, Nima), ela não implica absolutamente em um projeto de superação pessoal (Aminah, Nima, Manal, Jebila, Omeya, Badra, Samira). A “correção” da experiência como mãe tem como único objetivo oferecer à menina condições para ter uma vida mais doce e feliz, com a certeza de que a mãe estará sempre lá para lhe oferecer o amor eterno (Aminah) e incondicional (Nima).

Nesse contexto, a maternidade não é vivida como uma oportunidade para que a criança realize os sonhos maternos não concretizados. Ao contrário, a filha significa a chance de preservação de uma continuidade de existência pessoal (Samira, Nima, Aminah, Omeya, Badra, Manal), mas, principalmente, de continuidade de existência da família de origem (Nima, Badra, Aminah, Manal, Omeya). A criança é, assim, a promessa de perpetuação da linhagem familiar que a mulher oferece à própria mãe e a seus ancestrais. Em razão disso, justificam-se os esforços deliberados da mulher para que a filha seja educada do mesmo modo como ela o foi pela própria mãe e como esta foi educada por sua avó (Omeya, Badra). Trata-se, assim, não apenas da propagação dos valores culturais por meio da educação, função atribuída à mulher magrebina (Demant, 2008), mas, principalmente, da transmissão de toda uma linhagem feminina que se deve perenizar (Nima, Aminah, Jebila, Omeya, Badra). Essa transmissão cultural da feminilidade deve perdurar por toda a vida, não importa qual seja a idade da criança (Nima, Omeya, Manal, Aminah). Daí a influência fundamentalmente importante da família de origem, sobretudo da mãe da mulher na experiência materna (Nima, Aminah, Manal, Omeya) que foi sublinhada acima.

Nessa empreitada de transmissão da feminilidade, mesmo se a presença da família de origem é inegável, a mulher necessita de uma relação especial com sua filha, em que a intimidade e a cumplicidade sejam essenciais. Na ausência dessa ligação estreita, a mãe não

considera que desempenhou o seu papel, o que lhe desencadeia uma penosa frustração. É por isso que o desejo de Samira de sair da casa de seu sogro tem menos a ver com o sentimento de opressão diante da autoridade dele do que com uma decepção por não poder estabelecer esse tipo de relação estreita com suas filhas. Assim, para ela, é necessário se desembaraçar dessas invasões para que a maternidade seja vivida como um assunto entre ela e as mulheres de sua família de origem. É somente nesse elo feminino que mãe e filha podem constituir uma rede de proteção, encorajamento e apoio mútuos (Aminah, Manal).

Nesse sentido, as meninas são vistas como mais ligadas à mãe do que os meninos (Badra, Aminah). Estes pertencem à mãe principalmente quando eles são pequenos; à medida que eles crescem, a mãe deve dividi-los com o pai (Samira). Além disso, quanto mais eles crescem, mais eles apoiam o pai em detrimento da mãe (Badra, Jebila, Aminah). As meninas, ao contrário, posicionam-se principalmente do lado da mãe e devem ser mais apegadas a ela do que ao pai (Badra, Aminah, Jebila). Nesse vínculo estreito, a proximidade física entre mãe e filha é muito importante (Omeya, Badra, Samira) e as separações muito longas são mal toleradas (Aminah).

Se por uma razão ou outra essa cadeia de transmissão familiar da linhagem feminina é rompida, as consequências são dramáticas, conforme Nima mostra em sua narrativa. Sua decisão de cuidar de seu pai por ocasião da doença dele, após o divórcio de sua mãe, foi interpretada por esta como uma traição. Para ela, Nima não respeitou a lealdade feminina como deveria: ela preferiu o pai à mãe. A ruptura completa do vínculo que a mãe de Nima realizou, atirou-a no vazio da feminilidade, fora da sucessão feminina da família. Deserdada como mulher, Nima teve dificuldades para tornar-se mãe: ela precisou lutar contra um diagnóstico de infertilidade e se submeter a um tratamento custoso e perigoso. Se, apesar de tudo isso, ela conseguiu engravidar de sua (única) filha, a recusa a alimentar-se que a garotinha apresenta impede Nima de continuar a linhagem que sua mãe quebrou ou de construir uma nova cadeia a partir de sua progeneritura. É por causa disso que ela não pode experimentar os prazeres e a felicidade da maternidade sem que eles sejam acompanhados de inquietação e preocupação.

5.2.4 A desilusão materna

Nesse vínculo de proximidade física, de intimidade apaixonada e de cumplicidade segura, o processo de desilusão vivido pela díade nessa etapa evolutiva da criança apresenta características especiais. A desilusão de uma menina é vista como mais difícil de ser feita do

que a de um menino (Badra). A nostalgia da etapa precedente de dependência absoluta, em que os *Selves* da mãe e da menina se misturavam, conduz a primeira a insistir com ardor que, não importa o que aconteça, a filha fará sempre parte do *Self* materno (Badra, Aminah). A incerteza da recíproca, todavia, assombra a mãe como um fantasma. Assim, a questão que se apresenta para as mães é a de como guardar a relação de intimidade ardente na nova realidade da autonomia crescente de suas filhas (Badra, Omeya).

Além disso, a separação que sustenta a aquisição da independência da criança tornaria mãe e filha mais frágeis (Manal, Aminah, Badra), porque ela abalaria a rede feminina de sustentação mútua. Em consequência, a preocupação da mãe é a de manter a proteção da filha na ocasião da separação que acontece na etapa da dependência relativa (Manal, Omeya). Nesse período, como a criança está mais distante da mãe, essa proteção é ainda mais importante do que na etapa precedente (Omeya, Manal).

A oposição da criança é a característica mais emblemática destas duas preocupações maternas. Em razão de marcar a diferença com a mãe e os ancestrais, ela põe em risco a continuidade transgeracional da feminilidade e, com isso, ameaça fazer a criança cair no vazio (como aconteceu com Nima) e a mãe na incompletude. Ainda, essa recusa à tradição e aos ensinamentos parentais torna a criança uma presa fácil para os abusos e perigos do mundo exterior. Assim, a desobediência infantil, por tornar a criança vulnerável, desperta o temor da mãe (Badra, Manal, Omeya). Esta é a razão porque a oposição da filha é muito mal suportada (Manal, Aminah) e os desacordos e contestações infantis provocam sofrimento e angústia na mãe (Manal, Aminah, Omeya, Samira). Nesse sentido, as narrativas mostram que, no nível individual, particularmente no que tange ao desenvolvimento da autonomia pessoal, as mães magrebins parecem enfrentar o mesmo problema que, no nível coletivo, aparece quanto à autonomização do casal em relação à família extensa, que é muitas vezes vista como uma traição, cujas consequências contemplam a exclusão da rede de solidariedade familiar (Lacoste-Dujardin, 2004a).

No caso de Manal, que perdeu seu irmão após uma desobediência dele às interdições paternas, as oposições de seus filhos levam-na à exasperação e quase ao pânico. Sua dificuldade para controlar a angústia e sua falta de confiança de que a criança será capaz de compreender o sentido das proibições e de aceitá-las, obrigam-na a impor limites de uma forma mais autoritária e a utilizar artifícios como recompensas externas para garantir a obediência. Sua inquietação com relação à integridade de seus filhos é tão grande que ela deve protegê-los de si mesma. Nesse intuito, o trabalho profissional, por afastá-la um pouco

de seus filhos e por oferecer-lhe uma oportunidade para deslocar suas angústias, é visto por ela como um aliado importante para garantir o bem estar deles.

Nima é a única mãe da amostra que não compartilha dessa concepção da oposição infantil. Na verdade, ela enfrenta rejeições importantes por parte de sua filha desde o início da vida desta. A menina não aceita as introyeções que Nima lhe propõe (ela recusa o alimento), nem reconhece a devoção apaixonada que a mãe lhe dirige. Ferida pela rejeição de sua própria mãe, o desejo mais sincero de Nima é o de que a filha não passe pela mesma experiência dolorosa que ela. Assim, mesmo que a oposição da menina a magoe, Nima garante a ela que não importa o que a criança faça, ela será sempre incondicionalmente amada. Nessa experiência de separação entre as mães e as filhas, marcada ou não pela oposição infantil, a angústia e a insegurança levam as mães a buscar uma solução para o problema de manter o vínculo afetivo e a proteção das crianças nesse momento. Nessa jornada, elas percebem que, se as filhas saem cada vez mais de seus braços, é preciso compensar esse distanciamento físico por meio de uma intensa proximidade emocional, que deve se manter por toda a vida (Aminah, Manal, Omeya Badra, Nima). Assim, a autonomia crescente deve ser acompanhada pela intensificação da dependência afetiva da mãe e da família de origem (Omeya, Badra). Nesse caminho de procura de uma nova forma de vínculo, pouco a pouco as mães constataam que as introyeções são os substitutos do vínculo fusional precedente (Badra, Manal, Omeya). Daí, a função materna nesta etapa é a de promover as identificações e, nesse sentido, a aprendizagem no seio da família torna-se muito importante. Portanto, a mãe deve buscar estabelecer a proximidade afetiva sobre essas novas bases, mesmo que essa tarefa não seja fácil e que o seu sucesso não seja sempre garantido (Jebila, Nima, Samira).

As mães entrevistadas mantiveram uma opinião de que aquilo que a criança faz ou deixa de fazer depende delas ou da família (Omeya), o que denota a sobrevivência do ponto de vista de que a identidade pessoal do indivíduo magrebino é ainda bastante fundada sobre a que família ele pertence, ou quem são os seus genitores (Chérif, 2004). Todavia, as mães não negam a capacidade crescente da filha para uma existência e um pensamento autônomos. Elas compreendem que as experiências da filha não são idênticas àquelas que elas mesmas tiveram na infância (Omeya, Manal, Aminah, Nima). Assim, as mães reconhecem os limites de sua influência sobre a filha e a necessidade de adaptar os costumes a um mundo que se modifica. Dessa maneira, faz parte de seu papel ajudar a filha a conciliar a autonomia e o respeito aos antepassados (Nima, Samira, Omeya, Manal), mas com uma ênfase neste último polo. Em síntese, a mãe, para garantir a introyeção dos ensinamentos e dos limites, estimula a criança a manter as tradições e a guia em direção a uma autonomia segura (Manal, Omeya). Nesse

sentido, se a mãe não pode estar sempre ao lado da filha, ela deve estar lá todas as vezes que a criança precisar dela (Aminah, Badra, Samira, Manal, Omeya, Nima).

5.2.5 O papel do marido

Mesmo que eventualmente as mães possam se interrogar sobre qual seria o lugar do marido ou do companheiro em sua relação com suas filhas (Aminah, Samira), ele ocupa uma posição primordial nesse vínculo, que dá à experiência da maternidade um colorido particular. O papel de autoridade da família atribuído a ele (Manal, Omeya, Badra, Samira, Aminah, Jebila), testemunha a manutenção das representações patriarcais das famílias conjugais magrebina, mesmo as mais progressistas e que vivem em um Estado que assumiu várias funções anteriormente atribuídas ao pai (Rude-Antoine, 1990; Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a). Esse papel desperta reações diversas nas mães, que se organizam em um continuum que varia entre o sentimento de uma rivalidade exacerbada (Jebila) até o estabelecimento de uma colaboração bem vinda (Badra). Nesse continuum, a ambivalência face a essa figura surge nas narrativas de quase todas as mães (Aminah, Badra, Manal, Samira, Omeya), ambivalência esta que é mais ou menos ultrapassada de acordo com o caso.

De início, o poder masculino pode suscitar um incômodo na mulher (Samira, Jebila), passível de provocar constrangimentos importantes no estabelecimento de uma relação mais espontânea com sua filha (Samira). Dessa maneira, ele pode estragar algumas alegrias de viver da mulher e os prazeres da maternidade. Nesses casos em que a presença do homem junto às crianças apaga a da mãe e em que esta sente que seus próprios movimentos dependem dos dele, o desejo de escapar a essa dominação aparece (Jebila, Samira). Conforme descrito acima, esse desejo pode assumir a aparência de oposição, com tentativas de masculinização da mulher e desejos de castrar o homem (Jebila). Ele pode igualmente se manifestar por um desejo de que o homem se afaste de vez em quando para que a mãe possa estar à vontade em uma relação espontânea e genuína com seus filhos (Samira).

Nesse contexto, uma disputa insidiosa pela criança pode surgir (Aminah, Samira, Badra). A sensação da mulher é a de que a maternidade também oferece um tipo de poder (Samira, Aminah), que ela sente que perde pouco a pouco, na medida em que as crianças crescem, quando elas deverão ser divididas com o pai (Badra, Jebila, Aminah). Dessa forma, a mãe perde um pouco de sua força com o crescimento da criança (Aminah, Samira, Manal). Isso acontece mesmo se a criança é uma menina, que se supõe estar mais ao lado da mãe (Badra). Com isso, a entrada do pai no vínculo entre mãe e filha parece ser mais difícil de

compreender do que a inserção dele no vínculo entre a mãe e o filho. Além disso, o ingresso do pai na relação entre mãe e filha é temido, porque o homem não é visto como alguém sensível o bastante para compreender as necessidades e os desejos da criança. Por ser autoritário, rude e intimidador (Badra, Manal, Aminah, Samira, Jebila), ele não é visto como capaz de oferecer *holding* para as crianças, nem de lhes apresentar o mundo em pequenas doses como a mãe o faz (Badra, Manal, Aminah, Samira). Dessa maneira, o pai pode constituir mesmo uma ameaça para a integridade emocional da menina (Badra, Aminah, Samira, Manal). Nessa situação de concorrência, os conflitos com o marido geram angústia. Isso acontece porque a mulher está consciente de sua situação de inferioridade de forças diante do homem (Demant, 2008) e teme que, em uma situação de desacordo, a criança decida apoiar o pai, o que a deixaria só e ainda mais frágil (Jebila, Aminah, Badra, Samira, Manal, Omeya).

Malgrado os temores, as concorrências, o medo e o sentimento de inferioridade diante do homem, nenhuma das mães expressou o desejo de se desembaraçar definitivamente do marido ou do companheiro. Mesmo que Samira tenha comunicado sua vontade de estar só com suas filhas, para ela, essa situação não deveria perdurar por muito tempo. Ela deseja essa intimidade com suas filhas somente nos momentos em que seu marido está no trabalho; além disso, ela expressa em sua narrativa que deseja viver em uma casa com seus filhos, mas também com ele. Por sua vez, Aminah, que ainda tem dificuldade para saber qual é o lugar de seu ex-marido e o de seu atual companheiro na educação de suas filhas do primeiro casamento, não nega a importância da figura paterna na família. Ela não compreende porque a autoridade da família deve ser atribuída ao homem, já que é principalmente a mulher quem se ocupa das crianças e da casa. Contudo, ela reconhece que é necessário que as crianças tenham alguém para chamar de “papai”. Assim, mesmo se ela não está segura das razões para isso, a presença de um homem na casa é vista como necessária, seja para dar um pai aos seus filhos, seja para ter um marido e não ser só.

Se essa ambivalência diante de um homem se estabelece (Badra, Samira, Aminah, Jebila) é porque as mães percebem que as mesmas qualidades masculinas que as assustam, quando presentes no interior de suas relações com suas filhas, são capitais em outras situações. Assim, o autoritarismo e a firmeza do pai são essenciais para proteger o grupo familiar das influências indesejáveis do mundo exterior. O pai também é capaz de colocar limites à criança de uma forma mais enérgica e menos negociada (Lacoste-Dujardin, 2004a) e, com isso, ele pode manejar mais eficazmente a oposição infantil que ela armava contra a mãe. Ainda, concebido como o mais forte da família, o homem seria mais capaz de afrontar o

mundo exterior quando este oferece riscos à família, mesmo porque ele conheceria melhor esse espaço do que a mulher. Desse modo, o pai auxilia a mãe a proteger a criança e fornece à família uma segurança que ela não é capaz de oferecer (Badra, Manal, Omeya, Samira). No caso das meninas, essa firmeza e autoridade parecem ser ainda mais desejáveis, porque as regras de conduta que elas devem seguir são mais estritas que aquelas dos meninos (Omeya, Aminah). Portanto, sua presença na educação e no ensino das práticas culturais e da religião torna-se muito importante (Omeya, Badra).

Nesse sentido, o pai ajuda a mãe na tarefa de consolidar as introjeções das meninas e, em consequência, transmite a tradição (Badra, Omeya), preserva o grupo e mantém a união (Badra, Manal, Omeya, Nima). Assim, ele ajuda a mãe a continuar a fazer parte do *Self* da filha e apazigua o seu medo de ser esquecida pela criança (Badra, Omeya). Dessa maneira, o pai garante a continuidade familiar (e mesmo a feminina) que a mãe se esforça para assegurar. Assim, se para a mãe o pai era inicialmente uma fonte de preocupação, ele se torna posteriormente uma fonte de apoio (Nima, Badra, Omeya).

Nessa empreitada de prover e consolidar as introjeções e as identificações, o pai oferece à mãe um novo modelo de relação com a filha, capaz de substituir o vínculo fusional da etapa da dependência absoluta (Badra). Com isso, ele apresenta à mãe uma solução para o seu dilema de manter o vínculo de proximidade afetiva com a filha fora da simbiose. Por trazer a dimensão simbólica ao vínculo, o pai, ao mesmo tempo em que sustenta o processo de integração da mãe e da filha, ajuda a primeira a sair do luto pela perda do vínculo da etapa evolutiva precedente (Badra). Dessa maneira, se inicialmente a inserção do pai na relação entre a mãe e a filha era vista por aquela com uma certa desconfiança pelo temor de que ele separaria a díade, ela termina por constatar que, ao contrário, ele a re-úne.

5.2.6 A maternidade de outro filho

O sentido de ter mais que um filho não foi muito explorado pelas mães em suas narrativas. Nas raras menções que foram feitas a esse assunto, a constituição de uma família numerosa representou o desejo de continuar a dinastia dos pais ou de constituir uma nova linhagem nos casos em que o vínculo com eles foi rompido (Nima). O fato de ter uma descendência numerosa é visto de maneira positiva pelas mães, porque isso permitiria uma maior realização como mulher (Manal). Além disso, o oferecimento de um irmão ou irmã à filha forneceria a esta a oportunidade de estabelecer uma relação de cumplicidade com outra criança (Aminah). Essa visão benéfica da maternidade de uma outra criança persiste, mesmo

se a mulher está consciente da sobrecarga que isso representa (Manal, Aminah) e se uma nostalgia da época em que ela tinha apenas um filho se faz presente (Aminah, Manal).

Entretanto, o sentido de ter outro filho depende fundamentalmente do momento de vida em que a nova gravidez acontece. Se não existir muita diferença de idade entre uma criança e outra, e se a gravidez do mais novo não for prevista, a chegada dele pode perturbar o vínculo estreito que a mãe estava construindo com o mais velho (Aminah). Assim, esse nascimento pode interromper uma experiência emocional da mãe com a criança mais velha antes que ela tenha sido completada, e a integração da mais jovem na família pode ser difícil (Aminah). Por outro lado, quando a diferença de idade entre as crianças é maior, a mais velha, seja ela menino ou menina, torna-se uma fonte de apoio para a mãe e pode ajudá-la a desempenhar suas funções maternas com um irmão ou uma irmã menores (Jebila, Badra).

5.2.7 A relação com a família extensa

5.2.7.1 A família de origem

Com exceção de Samira e de Jebila, que falaram muito pouco de suas famílias de origem em suas narrativas, para as outras mães esse tema ocupou uma posição considerável. Os vínculos com a família de origem, e em particular com a própria mãe, foram descritos como desempenhando um papel capital na maneira de a mulher viver a maternidade.

No que concerne ao grupo familiar em geral, os vínculos foram definidos pelas mães como caracterizados (ou devendo ser caracterizados) por um forte apego amoroso (Manal, Omeya, Aminah), em que os sentimentos de lealdade, dependência e culpa têm lugar garantido. A proximidade afetiva entre a mulher e sua família de origem é tão forte que, às vezes, existe mesmo uma sobreposição entre sua história pessoal e a história da família dos pais, novamente a reminiscência de a identidade magrebina estar atrelada à sua filiação (Chérif, 2004). O nascimento de Manal, por exemplo, determinou a imigração de sua mãe e de seus irmãos e irmãs para a França, para reuni-los definitivamente com seu pai que já estava lá a trabalho. Assim, esse evento finalizou uma longa história de idas e vindas de seu pai ao Marrocos para encontrar sua mãe, de quem ele era obrigado a se separar em seguida para voltar para a França. No caso de Omeya, a imigração de sua família para a França, em sua infância, foi seguida em sua vida adulta por seu casamento com um homem argelino, que guardava as mesmas tradições religiosas de seus pais. Por sua vez, Nima sofreu as consequências drásticas da separação de seus pais e do rompimento do vínculo com sua mãe, descritas acima, em sua relação com sua filha.

Esse vínculo de afeição intensa com a família de origem, em que a proteção e o apoio mútuos são assegurados, tem como exigência uma conduta individual não apenas de solidariedade (Demant, 2008), mas também de fidelidade para com os seus (Manal, Omeya, Aminah, Badra, Nima, Samira), cuja violação (voluntária ou acidental) custa muito caro. Dessa maneira, ou se é fiel aos costumes e práticas da família de origem ou não se faz mais parte dela (Omeya, Nima, Samira). Em outras palavras, a oposição da criança é assimilada a uma traição e seu preço é a exclusão. Nessa condição, a constituição de si mesma como alguém muito diferente da família de origem desencadeia o medo e a culpa (Omeya, Samira, Nima). A insubordinação aos códigos morais e religiosos é considerada como uma rejeição aos antepassados, uma deslealdade para com eles (Omeya, Samira). Essa é a razão pela qual se verifica um certo retraimento diante do mundo exterior em algumas das famílias das mães que imigraram para a França (Omeya, Manal), sendo ele visto como perigoso e agressivo (Mimouni, 2004), além de uma dependência afetiva da mulher que perdura por toda a vida (Omeya, Aminah, Manal).

Nesse contexto, em que o amor parental é visto como condicional (Nima, Omeya), a dissolução da família de origem pode representar um golpe grave, não somente na continuidade transgeracional, mas também no vínculo com suas próprias raízes culturais (Nima). Nas mães imigrantes, a ausência ou a decomposição da família de origem pode promover uma maior permeabilidade aos costumes e práticas da cultura de acolhimento (Omeya, Nima). Assim, para manter suas raízes, é necessário empreender esforços para tecer novamente os vínculos rompidos, esforços que não são sempre bem sucedidos (Nima). Diante da impossibilidade de manter para sempre o retraimento na família de origem contra o mundo exterior (Mimouni, 2004), duas possibilidades são vislumbradas. A primeira é substituir a família de origem pela família espiritual, que tem Alá como o pai todo poderoso e continuar, assim, as tradições precedentes (Omeya). A segunda, quando a família (e mais especificamente a mãe) rejeitou e excluiu a filha, a ausência de escolha conduz esta a buscar apoio e acolhimento na família do marido, independente dela seguir as mesmas práticas da família de origem (Nima). Nesse último caso, quando a decepção absorve a criança, a relação com a família de origem é de forte ambivalência: por um lado existe o desejo de contato, mas, por outro, o medo de sofrer uma nova decepção conduz a filha a renunciar à ideia de procurá-la.

Os casos em que uma maior penetração das práticas e costumes da cultura de acolhimento é bem aceita pela família de origem são aqueles em que essa influência tem por objetivo a preservação do bem estar dos pais ou dos filhos. É por essa razão que Omeya

decide buscar uma babá para sua filha, para poupar sua mãe doente de tomar conta do novo bebê. Além disso, ela decidirá buscar essa babá fora da família, no caso de sua irmã não conseguir obter sua autorização para fazer a “*assistance maternelle*”. Assim, a autonomia individual da mulher é bem acolhida pela família de origem, desde que ela não coloque em risco sua união física, emocional e cultural (Manal, Omeya). Em síntese nesses casos, paradoxalmente, o deixar penetrar-se pelos valores ocidentais e modernizar-se (Demant, 2008), preserva a família de origem e suas tradições, ao invés de abalá-las.

5.2.7.2 A relação com a própria mãe

Se em sua investigação sobre o casamento magrebino Rude-Antoine (1990) constatou que a mãe desempenha um papel muito importante na escolha do cônjuge da filha, nossos dados revelaram que a natureza do relacionamento com a genitora também é essencial na maneira como a mulher experiencia a própria maternidade. A transmissão da linhagem feminina pressupõe uma forte identificação com a própria mãe (Manal, Omeya), da mesma maneira que a mulher procura estimular as identificações de sua filha consigo mesma. Essa identificação acontece mesmo nos casos em que a própria mãe é um pouco viril (Jebila). Nesse sentido, várias das angústias que são vividas pela mulher, ligadas à sua condição de mãe, repousam sobre o que ela viveu na infância ou na idade adulta como filha. Assim, a ruptura do vínculo que a mãe de Nima realizou tornou muito difícil a tarefa de estabelecer uma continuidade de existência com sua filha e, desse modo, perturba a sua maternidade. Por sua vez, as angústias intensas de Manal, referentes à integridade de seus filhos, fundam-se em sua experiência com uma mãe que viveu um luto dilacerante de seu primogênito.

Embora o vínculo com a própria mãe seja prioritariamente amoroso (Aminah, Manal, Omeya), as deficiências e os limites desta não passam despercebidos pela mulher. Se a mãe deveria garantir a união familiar, não é sempre que ela se mostra capaz de ser bem sucedida nessa empreitada (Nima). Diante desse mesmo objetivo, a aliança afetiva com a filha deveria ser especial em razão da transmissão da linhagem feminina. Todavia, mesmo se a mãe é afetuosa, também não é sempre que ela consegue oferecer à filha um vínculo diferenciado e mais estreito, em comparação com aquele que ela estabelece com os filhos do sexo masculino. Isso acontece mesmo quando a mulher é a única menina da família (Aminah).

As deficiências e limites maternos enfatizados pelas mulheres são ligados principalmente à dificuldade de suas mães para manter a união com elas, por ocasião da separação física e emocional que acontece à medida que a mulher se torna autônoma. Dessa maneira, as críticas que as mulheres endereçam às suas mães referem-se ao mesmo dilema

que elas vivem com suas filhas na etapa evolutiva da dependência relativa. Existe um sentimento de que a mãe não soube oferecer *holding* suficiente quando da entrada da filha nesse período evolutivo, ocasião em que ele seria mais necessário do que antes, devido às mágoas provocadas pela desilusão (Aminah). Com isso, a sensação da mulher é a de que a mãe não acompanhou seus movimentos em direção à autonomia relativa e à independência. Assim, a mãe continuou a oferecer à mulher o mesmo amor pueril que antes (Aminah) ou inversamente, interrompeu repentinamente a estreita relação anterior e atirou a filha bruscamente na independência (Jebila). Nesse último caso, o sentimento é o de que, no início da etapa da dependência relativa, a mãe se comportou como um homem.

Desse modo, a mulher parece ter experimentado nessa etapa (e nos momentos seguintes de seu desenvolvimento em que os desafios desse estágio se apresentaram novamente) uma certa perda de continuidade, maior (Nina) ou menor (Aminah), de acordo com o caso. Com isso, a sensação é a de que o amor da mãe carece de profundidade e de maturidade (Aminah, Nima). Diante da percepção das dificuldades da mãe de conservar a união no momento da separação, ela não é vista pela mulher como capaz de apoiá-la sempre diante das desventuras do mundo (Aminah, Nima).

Embora a percepção desses limites maternos possa levar a mulher a viver a maternidade como uma tentativa de reparar sua história pessoal, uma intensa afeição para com a mãe perdura para sempre (Aminah, Manal), mesmo nos casos em que esse amor não é correspondido (Nima). O desejo de crescer como a mãe persiste (Badra, Omeya), bem como uma certa dependência da mãe real (Nima, Aminah, Omeya, Manal, Badra). As fraquezas físicas e emocionais da mãe despertam a capacidade da mulher para a preocupação; assim, a mãe se torna uma fonte de inquietação (Manal, Aminah, Omeya). Essa situação conduz a mulher a colocar em ação uma série de expedientes visando a proteção materna, entre eles a inibição de sua oposição face a ela (Manal). Se eventualmente a mulher experimenta uma certa ambivalência diante da ajuda que sua mãe lhe oferece na educação de sua filha (Aminah), isso não significa uma rejeição às contribuições dela. Trata-se antes de ensaios de poupar a mãe, cuja saúde é frágil (Omeya) ou, então, de um certo ciúme da relação especial de cumplicidade que ela estabelece com as netas (Aminah).

Finalmente, a triste história de Nima, em que esse vínculo de afeição intensa e apoio materno se perdeu, mostra de modo evidente, embora inverso, o papel da mãe na conquista da maternidade pela mulher. Nessa condição, além de estabelecer com seu bebê um vínculo em que o processo de ilusão é essencial, a mulher parece precisar reestabelecer a mesma relação com sua mãe (Nima telefona para a sua mãe após o parto, mas esta desliga o telefone após

ironizá-la). Foi essa renegação da função materna de manter a reunião familiar e transmitir a linhagem feminina que fez Nima cair no vazio.

Em síntese, para as mulheres da amostra, a relação estabelecida com a própria mãe é fundamental na experiência com suas filhas. A preservação de um vínculo positivo com a mãe, mesmo após a percepção dos limites dela, fornece à mulher um apoio e uma referência importante para desempenhar suas funções. A identificação com a genitora é intensa e as dificuldades desse relacionamento podem desorganizar seriamente a experiência materna da mulher. O forte apego amoroso que ocorre na etapa de dependência absoluta entre a mulher e sua mãe pode gerar, em alguns casos, um certo mal-estar no momento de modificação do vínculo que acontece na etapa seguinte. Entretanto, na maioria dos casos, a mulher é capaz de superar essa insatisfação e de guardar o vínculo de afeição com a genitora. A mulher pode ainda buscar na relação com o pai aquilo que a mãe não pode lhe oferecer (Aminah, Nima). Em conclusão, a condição da mulher para usufruir dos prazeres da maternidade e para continuar a transmissão cultural feminina com sua filha repousa sobre a tolerância e a empatia mútuas entre ela e sua própria mãe.

5.2.7.3 A relação com o próprio pai

Em comparação com a mãe, a relação com o próprio pai não foi o objeto de atenção por parte das mulheres da amostra. As poucas menções a essa figura permitiram constatar que o vínculo com o pai também é caracterizado por um forte apego amoroso (Manal, Nima, Aminah, Omeya). No contexto de uma estrutura familiar patriarcal (Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a), ele é visto pela mulher como a figura de autoridade da casa na infância e na idade adulta (Nima, Aminah, Manal, Omeya, Samira), autoridade que é aceita por elas com doçura e amabilidade (Manal, Aminah, Nima, Omeya). Essa complacência diante da autoridade paterna é consequência de uma visão do pai como o representante da sabedoria e como uma figura capaz de oferecer proteção e segurança à filha e à família (Nima, Aminah, Manal, Omeya).

Essa percepção da figura paterna persiste mesmo se o pai da infância é muito diferente do pai atual (Nima, Aminah, Manal, Omeya). O sentimento das mulheres é o de que, com o tempo, o pai se tornou mais terno e mais próximo delas na idade adulta (Nima, Aminah). Dessa forma, ele sustenta a autonomia da mulher a ponto de assumir algumas funções maternas para com a neta para que sua filha possa trabalhar (Nima). Desse modo, se na infância, a partilha de papéis e funções entre o pai e a mãe era bem definida (Lacoste-

Dujardin, 2004a; Demant, 2008) na idade adulta da mulher, o pai parece mais flexível e permeável para aproximar-se mesmo de funções anteriormente designadas à mãe.

Assim, em certos casos, o pai oferece à mulher um tipo de suporte (*holding*) que a mãe não teve condições de oferecer (Aminah, Nima). Essa compensação dos limites e da ausência da mãe (Aminah, Nima) é bem recebida pelas mulheres. Embora elas reconheçam os esforços paternos, uma certa mágoa pelas insuficiências e ausências maternas existem. Dessa maneira, se o pai é capaz de aliviá-las, elas continuam a guardar uma certa melancolia por não terem recebido da mãe aquilo que o pai tenta oferecer. Em outras palavras, os esforços paternos, ainda que sejam bem intencionados, são sempre vistos pelas mulheres como insuficientes para curar as “decepções” que a mãe infringiu (Aminah, Nima).

5.2.7.4 A relação com a família do marido

As referências à família do marido surgiram apenas nas narrativas de Nima e de Samira, mas com conotações muito diferentes. Para Nima, a família do marido oferecia um tipo de apoio, de encorajamento e de apaziguamento que ela não podia encontrar em sua família de origem. Ainda que toda essa benevolência da família do marido para com ela não bastasse para cicatrizar as feridas provocadas por sua mãe, o apoio recebido não passava despercebido por Nima, que nutria sentimentos de gratidão para com essa família.

Por sua vez, o sentimento de Samira, para com a família de seu marido, com quem ela vivia, era mais complexo. Por um lado, ela também experimentava gratidão e lealdade face a seus componentes, conforme os valores de sua cultura (Albergoni, 2004, Demant, 2008). Por outro, sua sensação de estar submetida a uma vigilância eterna de seu sogro e de suas cunhadas, sem espaço para experimentar privacidade e intimidade com suas filhas, despertava-lhe o desejo de se afastar para usufruir de uma relação mais espontânea com as crianças, conforme foi descrito acima. A ambivalência marcava, assim, sua relação com esse grupo. A família do marido era vista por ela como asfixiante e invasiva. Ela se sentia obrigada a dividir suas filhas com ela e a educá-las segundo os valores de seu sogro e de suas cunhadas. Sendo a autoridade masculina (do sogro, nesse caso) indiscutível, as mulheres da casa, no entanto, não estabeleciam uma relação de apoio e de solidariedade entre si. Ao contrário, na ausência da figura masculina, as cunhadas o substituíam nesse poder e alimentavam entre si um vínculo de rivalidade e de controle. Como estava sempre rodeada pela família do marido, Samira experimentava o mal-estar de viver em um constrangimento constante e submetida a um controle sem fim. Seu desejo, todavia, não era o de afrontá-la e aos seus valores, mas simplesmente estar mais distante dela para educar suas filhas de acordo com seus próprios

princípios e viver uma relação genuína com elas. Assim, ela desejava autonomizar-se e à sua família, constituindo-a sobre as bases da conjugalidade, mas isso lhe gerava um doloroso sentimento de culpa e o medo de ser desleal e ingrata para com a família do marido (Lacoste-Dujardin, 2004a).

5.2.8 O ambiente além da família extensa

As referências à influência do mundo exterior à família na relação mãe-filha não foram descritas de uma maneira extensiva pelas mães. Esse tema foi abordado nas narrativas de Aminah, Badra, Samira e Omeya e de modo semelhante, independente da experiência de imigração da mulher. Na verdade, nos relatos das duas mães que viviam no Marrocos (Samira, Badra), um desejo de ignorar as influências do mundo exterior no vínculo com suas filhas mostrou-se mais forte do que nas outras mães.

Badra, Omeya e Aminah expressaram sua preocupação com relação à entrada do mundo extrafamiliar na vida de suas filhas. Esse mundo foi visto por elas como potencialmente perigoso para as filhas, que não sabem ainda se defender e que não são capazes de selecionar o que se deve reter ou não dele. O caso de Omeya é emblemático dessa preocupação: ela faz uma divisão muito nítida entre o mundo familiar e extrafamiliar. Sua inquietação atual refere-se às diferenças entre os ensinamentos religiosos que a filha recebe em casa e aqueles, leigos, que ela recebe na escola. Esses dois tipos de ensinamentos são às vezes contraditórios, situação também identificada em nível coletivo por Wenden (2005). Dessa maneira, Omeya (e seu marido) se vê obrigada a atentar para essas influências e eventualmente neutralizá-las por meio de discussões com a filha, para que esta guarde a tradição familiar. Em suma, ela parece debater-se com a maneira como poderá realizar a integração entre os valores e modos de viver muçulmanos e franceses, diante da miríade de possibilidades que essa combinação oferece (Leveau, 2005; Frégosi, 2005). Por sua vez, Badra, que vivia no Marrocos e não enfrentava tão de perto esse dilema cultural, mostrou uma queixa parecida, embora mais pessoal: o medo de ser esquecida pela filha devido a uma possível preferência da menina pelos ensinamentos e influências do mundo externo. Nesses termos, a angústia das mães permanece sendo a mesma, a de ser preterida em favor do mundo exterior, mudando apenas a dimensão mais ou menos ampla a que ela se aplica.

5.2.9 O sentido da imigração

As razões das imigrações de Aminah, Omeya, Manal, Jebila e Nima relacionaram-se a um projeto de suas famílias de origem (Manal, Omeya, Nima) ou a um projeto do casal (Aminah, Jebila). Nesses dois últimos casos, a família extensa permaneceu no país de origem. A mudança para outro país carregava consigo a esperança de começar uma vida nova com a família (Manal, Omeya, Nima) e de perpetuá-la por meio do casamento e do nascimento dos próprios filhos. Essa vontade de estabelecer raízes em outro lugar, porém, vinha junto com o desejo de preservar as raízes antigas, ou, nas palavras de Jelloun (2004), preservar a sensação de estar em casa sem ser limitado por fronteiras geográficas. Desse modo, mesmo sendo críticas com relação a alguns costumes da cultura de origem (Omeya, Aminah, Nima), nenhuma das mães expressou a menor rejeição às tradições dos ancestrais. Se, nas mulheres da amostra, a discricção com relação à exposição dos cabelos foi mais exceção do que regra (somente Jebila preservava essa prática), esse sinal exterior não foi absolutamente mencionado pelas mulheres como uma expressão de independência da cultura de origem. Omeya, por exemplo, afirmou seu desejo de usar o véu, ao qual ela precisou renunciar por uma questão de praticidade, visto que, em seu trabalho, ela seria obrigada a retirá-lo. Assim, com exceção de Nima, as outras mulheres imigrantes mostraram-se fiéis aos costumes de suas famílias de origem, lealdade expressa por seu desejo de perpetuar as tradições educativas da família (Omeya, Jebila, Aminah, Manal). Desse modo, a imigração não abalava o seu sentimento de pertinência (Albergoni, 2004; Demant, 2008).

As narrativas revelaram que a maneira como as mulheres da amostra vivem a experiência da imigração parece ter sido determinada por sua relação com suas famílias de origem. Distantes de sua pátria, a continuidade de existência cultural parecia ser assegurada por uma boa relação com a família de origem, mesmo nos casos em que esta havia permanecido no país de nascimento da mulher (Aminah, Jebila). Dessa maneira, a identidade cultural parece ser definida por aquela de seus pais (Manal, Omeya), a pertinência ao clã primando, assim sobre a localização geográfica (Albergoni, 2004; Cherif, 2004; Demant, 2008). Diante da ausência física da família de origem para sustentar essa identidade, a pertinência cultural seria garantida pelo vínculo positivo com a mãe. Assim, seria uma tarefa materna tecer novamente os vínculos rompidos pela expatriação (Aminah, Nima). Uma vez que o vínculo positivo com a mãe é mantido, a mulher é capaz, em sua relação com a filha, de retornar às origens culturais, ainda que ela esteja geograficamente distante de seu país

(Aminah). Nessas condições, mesmo se a mulher está sozinha na França, a solidão pode ser enfrentada e combatida pelo nascimento de seus próprios filhos (Aminah).

Quando a família de origem está também no país de acolhimento, a intensificação das características dessa cultura pode ocorrer (Omeya). Nesses casos, as diferenças entre os costumes e práticas da cultura de origem e de acolhimento são sublinhadas. Se essa situação não engendra um combate explícito aos valores “estrangeiros”, uma atenção redobrada é requerida com relação àqueles que deverão ser assimilados e àqueles que não deverão ser, num trabalho intenso de negociação da identidade (Wenden, 2005) e de adaptação da normatividade islâmica, mas que garanta a manutenção de uma ortodoxia mínima (Frégosi, 2005). Nesse processo, deixar-se influenciar demais pela cultura de acolhimento pode significar uma traição aos ancestrais (Omeya, Manal). Conforme mencionado acima, a ruptura da tradição pode ser aceita quando ela tem por objetivo a proteção da família (Omeya). Contudo, encontrar os limites para uma integração cultural bem sucedida não é uma tarefa fácil (Lacoste-Dujardin, 2004a; Leveau, 2005; Frégosi, 2005; Mohsen-Finan & Geisser, 2005; Wenden, 2005; Leveau & Mohsen-Finan, 2005) e as mulheres não estão muito seguras de conseguir fazer isso (Omeya, Jebila).

Esse processo de integração cultural, com todas as angústias e dúvidas que ele desperta, pode se tornar completamente perturbado nos casos em que o vínculo amoroso da mulher com sua mãe é destruído. Nessas situações, a pertinência cultural é abalada e, mesmo que as figuras do pai e dos irmãos estejam sempre lá, a retecelagem dos vínculos culturais é muito difícil de fazer. O sentimento na mulher é o de haver sido literalmente podada de suas raízes, de haver perdido o seu passado. Mutilada de seu passado, a mulher tem dificuldades para costurar o seu futuro: separada da mãe, o apego com a filha não é absolutamente evidente.

Enfim, se as narrativas das mulheres que imigraram para a França não se mostraram tão diferentes daquelas que moravam em seu país de origem, isso aconteceu porque a questão essencial que determina a experiência materna não é o país de acolhimento, mas o vínculo com a mãe. Ainda que o contato com a cultura de acolhimento possa trazer influências importantes para o vínculo da mulher com sua filha (Wenden, 2005; Mohsen-Finan & Geisser, 2005), é a qualidade da relação com sua genitora e sua aprovação que vão determinar o grau de aculturação que irá ocorrer. Assim, na experiência materna, a lealdade face à família de origem e principalmente à mãe contam mais do que o local de residência. Com isso, se por um lado a mulher teme que, quando da aquisição da autonomia, sua filha a esqueça em favor

das novas influências exteriores, ela mesma reitera sua fidelidade à própria genitora e a alivia de um medo semelhante.

Em resumo, as narrativas das mulheres mostram que, nesse momento evolutivo de suas filhas, suas experiências são parecidas com aquelas que elas acreditam que suas mães viveram no mesmo período e continuam a viver no presente. Existe um forte apego amoroso da mulher à própria mãe, por quem ela nutre sentimentos profundos de lealdade e fidelidade. Mesmo na idade adulta, a mãe continua a desempenhar um papel muito importante na constituição da identidade sexual da mulher e representa a sua continuidade de existência, o vínculo com o seu passado, a partir do qual ela poderá construir sua própria identidade materna. Há um intenso desejo de crescer como a mãe e de educar suas filhas do mesmo modo que ela foi educada. Dessa maneira, a conquista da autonomia é um assunto delicado: ela deve ser feita de tal forma que não ameace os valores maternos e familiares mais importantes. Assim, a ruptura dos hábitos e práticas familiares somente é aceita nas ocasiões em que ela tem por objetivo a proteção familiar.

Esse cuidado com relação à aquisição da autonomia, sempre guardando o apego à tradição, mostrou-se como a principal preocupação das mulheres da amostra com relação às suas filhas. Como estas começam a fazer suas excursões no mundo exterior e a estabelecer uma relação sobre as bases da dependência relativa, a inquietação das mães é a de que as filhas tornem-se demasiado permeáveis às influências da realidade extrafamiliar. Além das apreensões referentes à impossibilidade de proteger a filha da mesma maneira que antes, as mulheres temem a perda do vínculo amoroso que caracterizava a etapa precedente. Elas receiam que suas filhas as esqueçam e rompam a transmissão transgeracional da linhagem feminina estabelecida pelos ancestrais. Essa angústia materna é aliviada pela figura do marido, pai da menina. Como autoridade da família, ele ajuda a mãe na tarefa de imposição dos limites e define, assim, quais são as influências do mundo externo que devem ser assimiladas. Ainda, ele controla os movimentos da menina no universo extrafamiliar e lhe oferece uma proteção atenta, mesmo se a qualidade dessa proteção é diferente daquela que a mãe oferecia no vínculo fusional. Finalmente, o marido estimula a filha a realizar a introjeção das figuras parentais e alivia o temor da mãe de ser esquecida por ela. Dessa maneira, se no início da entrada mais sistemática do pai em seu vínculo com a filha a mãe experimentou um certo mal-estar e ciúme, ela percebe, em seguida, que a ajuda que o marido lhe oferece é preciosa. Nesse contexto, a ausência do marido na vida familiar torna a mulher frágil e mesmo um pouco desorientada devido à perda dessa importante fonte de apoio. Por outro lado, a

existência de dificuldades importantes no vínculo com a própria mãe transforma enormemente a experiência da mulher com sua filha.

Finalmente, para as mulheres dessa amostra, mesmo que a necessidade de um espaço de intimidade com suas filhas seja essencial para viver a maternidade em sua plenitude, esta não é absolutamente uma questão privada. Desde o início, a maternidade diz respeito a toda a família, mais particularmente à própria mãe. Assim, mesmo na aliança fusional mais estreita, existe sempre um grupo presente que faz parte do *Self* materno e que se exprime na relação entre a mãe e a filha.

Se esse retrato da experiência materna, por um lado, esclarece o modo como a História e os valores culturais magrebins são propagados por meio da família aos seus descendentes, por outro, ele também evidencia a insuficiência da Antropologia e da Sociologia para compreenderem de maneira profunda os meandros dessa transmissão e as fundações que a sustentam. A Psicologia e a Psicanálise mostram-se essenciais para esse discernimento. Assim, a despeito dessas sociedades se caracterizarem, sobretudo, por uma estrutura patriarcal e patrilinear (Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a), parece ser a mulher quem desempenha um papel primordial na difusão da tradição, sendo que o homem a sustenta nesse trabalho e cria condições para que ela o faça. Todavia, ela somente pode cumpri-lo porque ele ecoa uma trama psicológica caracterizada por uma relação de proximidade estreita e de dependência da mãe real, em que a recusa às introjeções que esta oferece desperta intensos sentimentos de culpa, desamparo e medo do abandono. É por essa razão que a autonomia, a diferenciação e a abertura para o novo e o diferente suscitam angústias pungentes. Desse modo, a perpetuação da tradição e o aparente (mas sempre relativo) fechamento dessa população para o mundo exterior, que são descritos pela literatura (Mimouni, 2004), alicerçam-se, no caso das mulheres, menos nas solidariedades culturais e religiosas, em si mesmas, do que no apego amoroso e leal à própria mãe que é também a encarnação dessas fraternidades. A confirmação disso é que, quando esse vínculo se perde, sem ser substituído por outro capaz de representá-lo simbolicamente (Alá, o Deus-pai), a tradição se rompe junto com ele. Com isso, nossos dados sugerem que as políticas de integração dessa população a um novo universo de costumes e valores também devem considerar, entre outros fatores, o vínculo mais primitivo, profundo e importante da vida de um indivíduo, o da mãe com o seu filho.

5.3 O desenvolvimento do *Self* das meninas magrebínas

As narrativas das meninas magrebínas mostraram que todas elas fazem face aos desafios da dependência relativa, situando-se em diferentes momentos desse período. Enquanto Aicha parece encontrar-se mais no início desse estágio, Fatimah começa a vislumbrar seu futuro na etapa “rumo à independência”. Entre as duas, Naïma e Layla seguem Aicha no início do período das experiências transicionais, contudo, de maneira um pouco mais avançada do que esta última. Por sua vez, Malda e Mahira desfilam no meio do estágio.

A única exceção a essa descrição foi Désirée: embora ela também pudesse ser situada no estágio de dependência relativa, essa garotinha apresentava regressões importantes que, por vezes, conduziam-na à busca de experiências da etapa precedente da dependência absoluta. Embora esses movimentos regressivos sejam uma parte inerente do processo do desenvolvimento emocional infantil, uma vez que eles são uma maneira de expressar a saudade dos tempos passados, o caso de Désirée era diferente. A menina parecia ter alcançado a etapa de dependência relativa sem haver constituído completamente uma existência subjetiva. Ela recorria mesmo ao falso *Self* como maneira de se adaptar ao mundo, que lhe parecia inosso e sem sentido pessoal. Contudo, seu negativismo e sua resistência em deixar o outro penetrar em sua vida assinalavam os seus esforços para proteger o núcleo criativo de sua personalidade e escapar da submissão à realidade exterior. Em outras palavras, para ela, enquanto o mundo não fizesse eco à sua criatividade primária, as concessões que ela faria para aceitar a entrada dele em sua vida seriam mínimas.

A falta de continuidade que Désirée experimentava com o mundo exterior era a reverberação do mesmo sentimento vivido por sua mãe (Nima), relacionado à sua própria figura materna. Assim, a garotinha tinha dificuldades para estabelecer uma continuidade de existência com sua mãe, porque esta havia sido privada desta mesma experiência com sua própria genitora (avó de Désirée). A mãe de Désirée não podia lhe oferecer o que ela mesma não recebia (mais). Transformada em uma pessoa qualquer por sua própria mãe, Nima deixou de ser especial para ela. A relação delas tornou-se impessoal, objetiva, “*prêt-à-porter*”. Mesmo que Nima apresentasse uma afeição indiscutivelmente apaixonada por Désirée, e que a menina fosse a sua razão de viver, sua identificação com a própria mãe (que acontecia a contragosto) a impedia de usufruir de todo o amor caloroso que ela dedicava a sua filha. Enfim, se Nima não era especial para sua mãe, ela não podia ser especial para Désirée. Consequentemente, o sentimento de Désirée era o de que, se Nima não era especial para ela,

isso acontecia porque ela mesma não era especial para Nima. Com isso, a despeito de todo o afeto que existia entre as duas, o vínculo era vivido pela menina como asséptico e esterilizado. Tanto para ela quanto para Nima, ser objeto desse tipo de “desprezo” materno era uma ferida terrivelmente dolorosa.

Se o caso de Désirée era particular com relação às outras meninas da amostra em razão do sofrimento que ela sentia, a associação entre seu desenvolvimento emocional e as angústias, sentimentos e experiências da mãe, não era uma exceção. Essa associação esteve presente nas narrativas de todas as outras crianças da amostra. Mahira, por exemplo, mostrava a mesma rivalidade que sua mãe (Jebila) diante da figura masculina e do poder que ela representava. Embora a menina não tentasse esconder sua feminilidade como sua mãe fazia, ela também desejava castrar os homens para diminuir seu sentimento de inferioridade diante deles. Layla, do mesmo modo que sua mãe Aminah, via o mundo como um lugar que era às vezes cruel, frio e decepcionante, sendo que o lar era um abrigo para se recuperar das mágoas causadas por ele. Além disso, ela compartilhava da convicção de Aminah de que a mãe deve estar sempre lá, mesmo quando o filho já cresceu; sendo assim, a preocupação de estabelecer uma relação de dependência adulta fazia parte da realidade psíquica das duas. Por sua vez, Malda, como sua mãe, Samira, desejava uma relação de intimidade entre a díade, em que o encontro criativo fosse possível. Como Désirée, Malda sentia que às vezes a mãe oferecia uma adaptação “normalizada” às suas necessidades, sem considerar que a menina desejava uma atenção pessoal. Contrariamente à Désirée, Malda tinha a certeza de que a mãe era capaz de lhe fornecer esse tipo de experiência, desde que a menina a incentivasse a fazer isso. Malda sabia que esses recursos da mãe estavam simplesmente escondidos devido à repressão da criatividade que esta experimentava diante da família de seu marido. Dessa maneira, ela sabia que era necessário retomar uma relação com a mãe em que esta pudesse reaprender a brincar. Fatimah, como Manal, exibia o temor dos efeitos da transgressão sobre a integridade psíquica da mãe. Embora ela começasse a compreender que os limites eram importantes para sua própria proteção, era principalmente o bem estar de sua mãe que a levava a ser doce e gentil. Naïma compartilhava das preocupações de sua mãe referentes aos perigos do mundo exterior (que era eventualmente oposto à sua cultura de origem) e do refúgio e proteção que o lar oferecia. Como Omeya, ela se dava conta de que era necessário sufocar a agressividade dirigida à família para manter a união e a segurança que ela fornecia. Finalmente, Aicha vivia com sua mãe o mesmo luto pela perda da relação de proximidade estreita da dependência absoluta, o sentimento de vulnerabilidade que ela ocasionava e a busca de um novo tipo de vínculo entre as duas.

É necessário, todavia, considerar que mesmo sendo essas preocupações e inquietações compartilhadas, elas não eram vividas exatamente da mesma forma pela mãe e pela filha. No início do estágio da dependência relativa, a filha continuava a ver o mundo e a si mesma com os olhos da mãe. Contudo, a constatação inevitável das imperfeições da genitora e a entrada do mundo exterior na vida da menina promoviam o surgimento de sua capacidade crítica. Dessa maneira, mesmo guardando a lealdade para com a mãe, a criança começava a contribuir na análise dos dilemas enfrentados pela díade e tornava-se capaz de, eventualmente, oferecer à mãe uma solução para eles (Malda). A integração entre essas influências do mundo exterior e os valores culturais e familiares podia ser mais ou menos bem sucedida; essa questão consistia em um dos principais objetos de preocupação da mãe e da filha, conforme nossa análise revelará.

5.3.1 Considerações estruturais

As narrativas mostram que, com exceção de Désirée, todas as meninas exibiram uma boa capacidade de expressão criativa, o que lhes permitiu comunicar suas principais inquietudes relativas às experiências da etapa evolutiva em que elas se encontravam. Isso foi verdadeiro mesmo nos casos em que houve necessidade de realizar várias intervenções para que a criança conseguisse associar a partir dos quadros, devido a sua pouca idade (Aicha) ou à falta de hábito com atividades semelhantes às daquelas do CAT-A (Malda). A capacidade para as experiências transicionais foi alcançada pelas meninas, embora algumas delas, situadas mais no início do estágio (Layla, Naïma, Aicha) não se sentissem ainda muito à vontade na tarefa de preencher a distância entre o *Self* e o mundo exterior (e entre o seu corpo e o da mãe) por meio do brinquedo e da fantasia. Na verdade, mesmo que as meninas já apresentassem uma boa capacidade para o jogo, elas não eram ainda capazes de explorá-lo e de aproveitá-lo em sua totalidade; elas simplesmente começavam a descobrir o seu valor, sua função e sua importância no desenvolvimento emocional. Essa descoberta já havia sido feita por Malda que, maravilhada pelas possibilidades infinitas do “como se” e do “faz de conta”, percebeu em seguida que ela necessitava dos limites da realidade exterior para não se perder na magia desse mundo fantástico.

No que se refere a Désirée, a sensação de descontinuidade interna que ela experimentava gerava dificuldades para associar e realizar uma comunicação afetiva espontânea. Se sua criatividade não estava completamente bloqueada, ela apresentava seguramente dificuldades para se desenvolver e se expressar na realidade exterior. Sua

experiência era a de que o contato autêntico com o mundo era intermitente, o que não lhe dava a certeza de encontrar um sentido pessoal sólido para viver nele. Desse modo, para garantir a sua adaptação e sobrevivência, ela se apegava de uma maneira adesiva à realidade objetiva, o que tornava o mundo um lugar sem sabor e sem mistério e, assim, sem interesse. Essa atitude testemunhava a atividade defensiva do falso *Self* da menina. Esse expediente tinha uma função protetora para Désirée, porque ele impedia que as invasões de um mundo, que lhe oferecia o objeto errado na hora errada, atingissem o núcleo criativo de sua personalidade. Porém, ele promovia uma separação nítida entre o *Self* e a realidade exterior; conseqüentemente, o contato entre os dois se tornava difícil, o que provocava uma restrição ainda maior do domínio das experiências transicionais. Assim, ao contrário das outras meninas, a capacidade para a simbolização de Désirée não se desenvolvia com fluidez e sua atitude para com o mundo externo era marcada pela superficialidade. Se Aicha, eventualmente, também mostrava que suas capacidades de associação e de simbolização não estavam bem afirmadas, isso se devia, sobretudo, ao fato dela ser a criança mais jovem da amostra, cuja entrada na etapa de dependência relativa era a mais recente.

Malgrado as dificuldades de Désirée, ela, como todas as outras meninas, já havia atingido as capacidades para a integração, personalização e realização. Isso acontecia porque o desenvolvimento do ego não se encontrava bloqueado a despeito de não acompanhar aquele do *Self*. Todavia, a fratura entre o *Self* e o mundo exterior (fratura simples e não exposta, porque existia ainda um contato entre os dois, mesmo irregular) levava a menina a construir sua identidade mais sobre as bases da contraposição com o outro do que sobre a identificação.

Esse mesmo fenômeno foi observado em Aicha, mas não como consequência de um funcionamento falso *Self*. O que acontecia com esta garotinha é que ela acabara de descobrir sua condição de ser pequena com relação aos outros, os grandes. Em uma situação em que se confundiam as tentativas de compreender sua nova posição de criança em crescimento e a nostalgia de seu passado, ela insistia em sua condição de ser pequena e vulnerável diante dos outros. Portanto, enquanto para Aicha essa contraposição entre si e o outro era um meio de integrar as transformações de sua identidade no *Self*, para Désirée ela era a consequência da dificuldade de integração entre o *Self* e o mundo exterior.

No que concerne à evolução pulsional, as narrativas permitem situar Aicha, Naïma e Mahira na etapa edípica, ainda que a primeira esteja no início desta fase, em que as diferenças sexuais estão prestes a serem descobertas. Para Aicha, a figura do homem começava a ser ligada à figura do grande, em comparação com a mulher, que era menor do que ele. Dessa maneira, a contraposição que ela faz entre os grandes e os pequenos constituía a base sobre a

qual as diferenças entre os homens e as mulheres seriam posteriormente estabelecidas. Mahira, por sua vez, ensaiava seus passos no período de latência, após haver encontrado uma solução para o seu considerável complexo de castração. Malda, Fatimah e Layla pareciam estar já instaladas no período de latência. Quanto à Désirée, as informações de seu relato não permitiram estabelecer com segurança a etapa de desenvolvimento sexual em que ela se encontrava.

5.3.2 Identidade Feminina

Nos relatos das meninas que se encontravam na fase fálica de evolução pulsional (Naïma, Aicha, Mahira) e, eventualmente, no de Malda, foi possível encontrar algumas menções às diferenças de gênero conforme interpretadas por elas. Nesse sentido, a identificação sexual feminina das crianças era clara e, na maior parte dos casos, as características atribuídas às mulheres eram principalmente positivas, o que não acontecia com aquelas outorgadas aos homens.

As meninas compreendiam o *status* da mulher como inferior ao do homem (Mahira, Aicha), uma apreensão bem definida dos valores patriarcais da sociedade de origem de suas mães (Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a). O poder pertencia aos homens e estes desejavam guardá-lo totalmente, sem dividi-lo com as mulheres (Mahira, Malda). Eles eram vistos como egoístas, materialistas, narcisistas e indiferentes aos seus (Mahira, Malda). As mulheres, ao contrário, eram doces, generosas, espirituais e solidárias (Mahira, Layla, Aicha). Apesar de apresentarem todas estas características positivas, as mulheres desenvolviam uma relação de antagonismo e de rivalidade com o homem, devido ao egocentrismo dele (Mahira, Naïma). Dessa maneira, se a mulher desejasse um pouco de poder, mesmo mínimo, ou se ela quisesse conservar alguma coisa para si, seria necessário lutar contra o homem (Mahira). Se, devido à sua inferioridade física (o tamanho e a força), ela não podia tornar-se potente como ele, ela desejava castrá-lo para que ele se tornasse como ela (Mahira, Naïma).

Se a castração não era possível, era necessário encontrar meios para neutralizar o poder masculino ou mesmo invertê-lo. A formação de uma aliança feminina era vislumbrada como uma possibilidade para se proteger dos homens (Mahira). Entretanto, sozinha, essa aliança não aliviava o sentimento de inferioridade feminina. Assim, em um raciocínio por compensação, se o poder masculino repousava sobre os atributos físicos, aquele da mulher deveria se basear na inteligência (Mahira). Se ela era mais perspicaz do que ele, ela poderia manipulá-lo e fazê-lo pensar que as coisas eram como ele desejava, quando, na verdade, elas

eram como a mulher queria (Mahira). Com isso, embora o homem tivesse o poder físico, a mulher tinha o dom da persuasão e da dissimulação (Mahira); assim, ela podia fazer dele um instrumento para concretizar os seus desejos.

Contudo, essa solução logo mostrava os seus limites. Sem o homem e na posse de todo o poder, a mulher corria o risco de tornar-se narcisista como ele e de perder seu senso crítico (Mahira). Assim, a mulher não era perfeita e precisava do homem para ajudá-la devido às suas deficiências (Mahira, Naïma, Aicha, Malda). Deste modo, o homem fazia falta para a mulher (Mahira).

Essa visão mais integrada com relação à mulher era a responsável pela queda da concepção maniqueísta que as meninas sustentavam sobre o vínculo entre os sexos. Elas começavam a ver o homem de uma maneira mais humanizada, e percebiam que, por trás da ambição, da voracidade e da avareza masculina, podia se esconder um doloroso sentimento de futilidade (Mahira, Naïma). Nessas condições, a inveja da figura masculina e a disputa por seu poder não tinham mais sentido.

5.3.3 Os folguedos e os medos da dependência relativa

O alcance do estágio da dependência relativa deve ser necessariamente considerado em conjunto com a relação da menina com a mãe, uma vez que as modificações do vínculo entre elas são o evento inaugural determinante desta etapa evolutiva. Neste sentido, as meninas, que gozavam de uma relação amorosa com suas mães, caracterizada por uma união estreita em que elas experimentavam *holding* e proteção (Mahira, Aicha, Layla, Malda, Fatimah, Naïma), são surpreendidas por uma transformação indesejável neste vínculo (Mahira, Aicha, Layla, Naïma). Essa modificação é vista por elas como uma desventura (Aicha), que pode ter sido ocasionada pela existência de uma irmã ou de um irmão mais velho ou mais jovem (Aicha, Mahira, Malda). Esse irmão ou irmã é visto como muito exigente para com a mãe, o que reduziria consideravelmente o lugar da menina junto à genitora. Todavia, a transformação é desencadeada principalmente pela percepção das insuficiências da mãe, de suas imperfeições, que a impedem de suprir completamente as necessidades da criança (Aicha). Essa constatação de que a mãe tem limites e de que ela é, portanto, esgotável, está subjacente à rivalidade fraterna: essa concorrência e ciúme (Mahira, Aicha) não teriam sentido se a mãe fosse onipotente e pudesse atender completamente as necessidades da criança e de seus irmãos. Todavia, mesmo que a existência de um irmão ou uma irmã não provoque o distanciamento materno, ela seguramente o sustenta e o preserva (Mahira).

A desilusão sofrida pela constatação das fraquezas da mãe e pela perda da relação fusional precedente acarretam uma mágoa profunda nas meninas (Mahira, Aicha, Désirée, Naïma, Layla), bem como angústias importantes. A realidade de não ser mais uma criança pequena é vivida por elas de modo ambivalente (Mahira). Ainda que o crescimento seja bem aceito (Mahira, Aicha, Malda, Fatimah), ele é interpretado como provocando uma redução do *holding* oferecido pela mãe (Layla, Mahira, Aicha). O adulto é visto como capaz de se sustentar sozinho, e a criança pequena dispõe do conforto, calor, delicadeza e beleza do lar (Layla, Aicha e Mahira). Por outro lado, a criança moderadamente grande, como é o caso delas, perde a proteção fusional em um momento em que não é ainda capaz de contar consigo mesma. Assim, ela é a criatura mais frágil de todas (Aicha). O vínculo com a mãe é percebido como tendo sido contaminado pela autonomia adquirida (Aicha); esta poderia resultar mesmo na perda do ambiente agradável e alegre oferecido pela família (Aicha, Lalya, Mahira). Além de não se sentirem bem preparadas para saírem pouco a pouco do lar totalmente protetor (Layla, Aicha, Naïma), as meninas não sabem se a possibilidade de voltar a ele após tornarem-se autônomas está assegurada (Layla). Elas temem não conseguirem se inserir gradualmente no mundo dos adultos (Layla, Aicha, Naïma), em razão de seus conhecimentos incompletos e inabilidades que lhes causam sofrimento e as expõem a humilhações (Layla, Aicha, Mahira). Se a união estreita e extensiva da criança pequena com a mãe permite compensar as inabilidades daquela pelas habilidades desta, na condição atual das meninas é necessário aceitar a realidade de que os pais não estarão sempre ao lado delas (Aicha, Layla, Naïma). Consequentemente, os períodos de ausência da mãe (e/ou do pai) causam inquietação (Aicha). Nessas situações, em que a autonomia as expõem a riscos que elas não se sentem ainda capazes de assumir, as meninas se perguntam como poderiam sobreviver sem seus pais diante da ferocidade do mundo (Layla, Aicha, Naïma). Elas não estão seguras se serão capazes de se refazer das feridas e mágoas do processo de tornar-se adulta (Layla). Nessas circunstâncias, o que vai se passar no futuro é incerto (Layla, Aicha, Naïma, Mahira).

Se a separação relativa entre a mãe e a filha produz um sentimento de fragilidade na segunda, ela é vista pela menina como engendrando o mesmo sentimento na primeira (Mahira, Aicha, Layla, Naïma, Fatimah): a mãe pode tornar-se frágil, angustiada e mesmo deprimida (Mahira, Malda, Fatimah, Désirée). Em suma, mãe e filha perdem com essa mudança, situação que desencadeia, em ambas, o luto e a nostalgia do passado inevitavelmente perdido (Mahira, Aicha, Layla, Naïma).

A constatação das imperfeições maternas e o distanciamento que começa a acontecer na relação não influenciam, no entanto, o afeto apaixonado da menina para com a mãe

(Mahira, Aicha, Naïma, Layla, Fatimah, Désirée, Malda). O vínculo continua sendo marcado pela união, amor, gratidão, lealdade e solidariedade (Mahira, Aicha, Naïma, Layla, Fatimah, Malda). O distanciamento materno pode incomodar um pouco as meninas, mas ele é bem aceito por elas (Malda, Mahira, Layla, Naïma). Elas sabem que a mãe continua lá, mas, de agora em diante, ela as supervisiona à distância (Malda, Mahira, Naïma, Aicha, Layla, Désirée, Fatimah). Dessa maneira, a genitora é sempre capaz de oferecer refúgio (Aicha, Layla, Naïma), gratificação (Mahira, Aicha, Naïma, Layla, Fatimah, Malda) e de apaziguar a filha nos momentos de angústia (Layla, Aicha, Naïma). Em razão disso, as meninas se esforçam para tomar medidas visando recuperar o vínculo, mesmo se ele ocorrerá sobre novas bases.

Além de proporcionada pelo amor pela genitora, essa nova aproximação é essencial para que as meninas possam desenvolver os termos de passagens entre os mundos familiar e extrafamiliar, sem os quais elas terão dificuldades para relaxar e usufruir de uma existência espontânea no mundo exterior (Layla, Naïma, Désirée). A mãe é essencial para conduzi-las nesta transição (Layla, Naïma, Aicha, Malda, Mahira): ela deve estar presente na vida da filha para que esta aprenda a viver sem ela (Malda). A criança necessita desse novo encontro com a mãe para trabalhar no espaço vazio entre os corpos das duas (Malda, Désirée, Aicha, Naïma, Layla) e, a partir daí, entre o lar e a realidade externa. Se nesse encontro a mãe ecoa a criatividade da filha, a magia do “como se” é descoberta e o mundo pode tornar-se um lugar cheio de encantamento (Malda). Dessa maneira, na busca para retomar uma existência espontânea, o “como se” é o substituto da onipotência (Aicha, Malda).

Nesse espaço intermediário entre si mesma e a mãe, e entre o lar e o mundo extrafamiliar, a importância do jogo e das identificações é capital. Enquanto o primeiro parece ser mais aproveitado a partir da metade até o fim do estágio de dependência relativa (Malda), a segunda parece acompanhar as meninas ao longo de toda a etapa. O brincar é visto pela menina como um meio de se apropriar da realidade externa (Malda) e, em razão disso, ele alivia a dureza e a ferocidade do mundo e da autoridade (Malda, Naïma). O brincar, portanto, traria a felicidade para si mesma e para os pais (Malda). Brincar com os pais torna-se uma atividade importante (Naïma, Malda) e, nos casos em que ele é negligenciado por pais demasiado pragmáticos, é necessário lembrá-los do valor que ele representa (Malda).

A identificação, por sua vez, é outro mecanismo descoberto pelas meninas para permitir sua inserção pouco a pouco no mundo dos adultos. Ela representa a promessa de um sucesso futuro para as crianças que sentem que são ainda muito pequenas para serem como suas mães (Mahira, Aicha, Layla). Para serem efetivas, as identificações devem manter a

característica de uma apropriação pessoal que a menina faz de um conteúdo apresentado pela mãe. Em outras palavras, elas devem acontecer igualmente no domínio das experiências transicionais para serem integradas no *Self* da menina. Nessas condições, elas são muito bem aceitas pelas crianças (Layla, Malda, Fatimah, Naïma, Aicha, Mahira). Se as coisas não se passam assim, as identificações serão realizadas sobre as bases da submissão e correm o risco de contribuir para uma adaptação do tipo falso *Self*.

A identificação permite à menina estabelecer uma aliança feminina com a mãe, que substitui o vínculo fusional precedente (Mahira, Aicha, Naïma e Malda). Além disso, a menina busca introjetar o que a mãe lhe oferece e lhe ensina para tornar-se cada vez mais independente (Layla, Mahira, Malda, Naïma). Dessa maneira, por meio da introjeção e da identificação, a criança se aproxima e se afasta simultaneamente da mãe; ela soluciona, assim, o paradoxo de estabelecer a união na separação. O sucesso da identificação e da introjeção não é necessariamente garantido. Ele depende de uma conduta da mãe de acreditar que a filha será capaz de enfrentar os desafios que o seu desenvolvimento atual e o futuro lhe apresentam e lhe apresentarão (Layla, Aicha). Essa atitude da mãe acalma a filha, por mostrar-lhe que não é preciso se preocupar demais por seus conhecimentos incompletos: as habilidades virão com o tempo. Se a mãe não é capaz de lançar este olhar à filha, mas, ao contrário, rebaixa-a e lhe mostra que ela não é boa o bastante para sua idade (Mahira), a menina não está, todavia, condenada a um sentimento de inferioridade. A capacidade crítica que ela desenvolveu e que lhe permite observar as fraquezas da mãe (Mahira, Fatimah, Malda) conduz a menina a refletir que, se a mãe não é perfeita, um dia a filha (que também não é perfeita) poderá ser como ela (Mahira). Finalmente, esse alcance da autonomia da menina deve ocorrer com a confiança de que, mesmo que a mãe não esteja sempre ao seu lado, ela estará lá, todas as vezes que a filha precisar, não importando se ela é ainda pequena ou se ela já é grande (Layla). Assim, de agora em diante, o vínculo que começará a se desenvolver não será de uma completa autonomia, mas de uma dependência madura.

Embora esse processo de ultrapassagem do vínculo fusional mostrado pelas meninas da amostra magrebina deva afluir para uma elaboração feliz da parte delas e de suas mães, ele não está isento de dificuldades e de antagonismos. Desse modo, ao lado da identificação, a oposição infantil é um componente importante para a consolidação da dependência relativa. A identificação sem a oposição lançaria a menina novamente na etapa precedente do desenvolvimento, a da dependência absoluta. É a oposição que sustenta a separação necessária para o alcance da autonomia e para que a identificação se estabeleça. No vínculo entre a mãe e a filha, a oposição se manifesta por meio das contradições entre os desejos das

duas, em outras palavras, entre a expressão pulsional da menina e a imposição de limites pela mãe (Fatimah, Mahira). Dessa maneira, a menina deve fazer face à tarefa de conciliar sua espontaneidade pessoal e sua pertinência familiar, representada pela observância das regras de conduta familiar que são definidas inicialmente pela mãe (Fatimah, Naïma) e, em seguida, pelo pai.

As meninas percebem que a submissão cega à vontade materna pode impor constrangimentos inúteis à espontaneidade (Fatimah, Malda) e ameaça mesmo levá-las a um aprisionamento emocional (Fatimah, Naïma). Todavia, elas também compreendem a importância de dispor de um enquadramento no qual a espontaneidade possa ser gozada sem angústia. Ele é visto como necessário para fornecer contornos à onipotência (Malda, Naïma) e limitar o poder infinito do “como se”; assim, sem o enquadramento, a menina se sentiria perdida e sem referências (Malda). A apresentação desse enquadramento é iniciada pela mãe, mesmo nos casos em que a genitora tem dificuldades para cumprir essa função (Fatimah, Malda, Désirée). Desse modo, a imposição do enquadramento de uma maneira consistente é interpretada pelas meninas como mais ligada à figura do pai (Malda, Naïma), mesmo porque, em sua estrutura familiar, é ele o detentor da autoridade e é quem conhece melhor o mundo exterior, já que esse se trata do seu espaço (Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a).

Enquanto a criança não compreende exatamente o sentido dos limites, a obediência às imposições maternas está relacionada ao medo da punição (Naïma, Fatimah). Contudo, Fatimah mostra que, mais do que o temor do castigo, essa observância tem por objetivo a preservação da integridade da mãe. A introjeção dos limites é, assim, ligada à proteção da figura materna, que se desorganiza e se angustia face à confrontação e ao antagonismo da filha. No caso de Fatimah, diante da oposição da menina, a conduta da mãe não é controlada; ainda que esta lhe proponha um enquadramento, ela o faz de uma maneira exasperada. A inquietude de Fatimah com relação aos efeitos da transgressão sobre a realidade psíquica da mãe coloca a menina diante do conflito entre garantir a sua expressão espontânea e preservar a genitora. Ela escapa desse dilema por meio da realização de acordos de obediência com a mãe. Embora esses acordos não ajudem muito a menina na tarefa de integrar as pulsões no *Self*, eles, ao menos, permitem-lhe guardar uma certa autonomia e uma capacidade crítica diante das reações de sua mãe, e de não cair na angústia nem na constrição pulsional. Em conclusão, as meninas aceitam os limites e o enquadramento imposto pela mãe em razão de sua capacidade de empatia e de preocupação com ela (Fatimah, Layla, Aicha, Naïma, Malda). Assim, elas decidem obedecer por necessidade (contornos para o “como se”) e por amor. Logo, enquanto elas não compreendem a função protetora dos limites para elas próprias

(Fatimah, Layla, Naïma, Malda), proteger a si mesma é a consequência de proteger a mãe e vice-versa (Fatimah).

Além de garantir a integridade da mãe, a menina percebe que a obediência é um fator importante para preservação de toda a família. Ela impediria o surgimento e a manutenção de conflitos e, assim, promoveria a união e o intercâmbio fluido entre os membros que, juntos, seriam mais fortes do que se estivessem sós. A aceitação do enquadramento materno facilitaria as introjeções e as aprendizagens no seio da família. Assim, por reforçar as identificações, ela consolidaria e avalizaria a pertinência a um grupo familiar e cultural particular (Naïma, Malda, Layla). Desse modo, haveria sabedoria em obedecer e aprender, mesmo se aquilo que a família ensina não é sempre compatível com as demandas e maneiras de pensar do mundo extrafamiliar (Naïma), o que obriga a criança a um esforço adicional de tentar conciliar as diferentes exigências do lar e da escola (Wenden, 2005).

Mesmo que essa continuidade familiar esteja estabelecida (Naïma, Mahira, Aicha, Layla, Fatimah, Malda), a submissão à vontade materna e familiar nunca é completa (Fatimah, Malda, Naïma), sobretudo, porque os defeitos da mãe são nitidamente percebidos: ela não é capaz de gerenciar bem todas as suas obrigações (Mahira, Fatimah, Layla); ela exige da menina uma autonomia que ela mesma não tinha quando criança (Mahira); ela tem reações desmesuradas diante da desobediência (Fatimah); ela não conhece muito bem o “faz de conta” (Malda). Com isso, permanece preservado o espaço da expressão espontânea e não submissa da criança no mundo. Porém, uma importante apreensão referente às condições da mãe para aceitar a diferenciação da filha sem se desorganizar ou sem recusá-la parece sempre acompanhar as meninas em suas jornadas rumo à autonomia (Fatimah, Mahira). Em outras palavras, para as meninas, a independência traz alegrias, desde que ela se desenvolva em um território cujas fronteiras do medo, da rejeição e da culpa sejam bem respeitadas.

O caso de Désirée, por sua vez, foge a essa dinâmica das outras meninas da amostra. Essa garotinha não vive a desilusão que inaugura a dependência relativa, porque ela não sabe muito bem o que é a ilusão. Ela não teve encontros criativos suficientes com a mãe na etapa da dependência absoluta. Ela sente que isso aconteceu porque sua mãe, mesmo sendo muito amorosa, não tem muita imaginação e flexibilidade. Essa deficiência de criatividade impede a genitora de se adaptar de modo pessoal às necessidades da menina. Dessa forma, a mãe somente pode lhe oferecer uma adaptação “normalizada” e impessoal. A criatividade da menina, quando lançada por ela no mundo, chocava-se contra a apatia materna, o que determinava a esterilidade do encontro e a impossibilidade, mais do que a perda, das ilusões. Se a mãe não foi completamente incapaz de oferecer a Désirée a experiência de uma relação

autêntica e espontânea, ela certamente não tinha condições de sustentá-la por muito tempo. A experiência de Désirée é a de que a mãe lhe oferecia e negava sucessivamente essa relação; assim, o vínculo entre as duas era entrecortado. Mesmo quando Désirée expressava sua insatisfação para com aquilo que a mãe lhe oferecia, esta, por sua pouca flexibilidade, sentia-se impotente e ficava sem ação face à contrariedade manifestada pela filha.

Malda também revelou sua experiência com uma mãe que lhe oferecia, às vezes, uma relação *prêt-à-porter*. Contudo, diferentemente da mãe de Désirée, a mãe de Malda tinha flexibilidade para mudar de atitude diante dos apelos e queixas da filha e para lhe mostrar que ela era alguém especial. Por sua vez, Désirée sentia que sua mãe não a considerava em sua individualidade, porque ela não lhe oferecia o objeto que ela queria no momento em que ela precisava. Em suma, ela experimentava uma sensação de descontinuidade entre si mesma e o mundo, tanto com relação à natureza do objeto criado e apresentado, quanto com relação ao ritmo pessoal que não era respeitado. Consequentemente, ela não podia elaborar o luto pela mãe perfeita da etapa da dependência absoluta, porque ela não teve uma. O negativismo que a menina mostrava, além de uma proteção contra as invasões do mundo, consistia também na expressão desse apelo por ter o direito de viver no mundo perfeito, mesmo que essa experiência se mostrasse uma quimera dali a algum tempo.

Em síntese, os primeiros passos que as meninas magrebina componentes dessa amostra ensaiam rumo à autonomia relativa ocorrem no contexto de uma forte dependência afetiva da mãe. A dor pela perda do vínculo fusional e da proteção completa da etapa precedente é consequência da desilusão causada pela constatação de que a mãe não é perfeita. O vínculo amoroso e terno entre elas é, todavia, muito forte e não se deixa abalar pela percepção das deficiências maternas. Torna-se urgente para as meninas buscar outro tipo de vínculo com a mãe para mantê-la junto a si, mesmo que ele repouse sobre novas bases. O “como se” e as identificações são descobertos como substitutos da ilusão: eles permitem à menina uma nova proximidade com a genitora, necessária para aprender a viver sem ela. A despeito desses esforços para preservar a continuidade com a mãe, a oposição da criança também se manifesta. Essa oposição não é sempre bem tolerada pela mãe, que teme pela vulnerabilidade da criança e por seu distanciamento dos valores e costumes familiares e culturais. Por sua vez, as meninas começam a aceitar os limites impostos pela mãe para preservar a integridade emocional da genitora e para terem um guia que lhes impeça de se perderem na fecundidade ilimitada do “como se”. À medida que elas crescem, elas começam a compreender o verdadeiro sentido dos limites. É nesse momento que elas podem se sentir um pouco mais à vontade para guardar a espontaneidade que está presente na oposição.

Contudo, o apego à mãe e a preocupação da menina quanto à reação dela à desobediência continuam a desempenhar um papel essencial no grau de liberdade que a menina vai se permitir. Em suma, mesmo após haver adquirido uma visão mais realista dos perigos do mundo, a menina continua a guardar uma dependência afetiva importante da mãe, uma fidelidade à genitora, cujos valores balizam as insubordinações e rebeliões que serão ou não toleradas por ela e pelo núcleo familiar.

5.3.4 O papel do pai

Se a imposição de limites às meninas, por meio da oferta de um enquadre protetor que consistirá nas bases para o seu desenvolvimento moral, começa a ser feita pela mãe, esta realiza tal função apenas até um certo ponto. As meninas compreendem que a mãe deve lhes mostrar o que elas podem aproveitar e reter do mundo exterior e, igualmente, o que seria perigoso e que elas deveriam evitar (Naïma, Layla). Ainda que a mãe tenha condições de realizar essa tarefa (mesmo se exagera às vezes), ela não é vista pelas meninas como capaz de lhes oferecer proteção contra os perigos externos ao lar (Naïma). É nessa circunstância que o pai desempenha um papel importante para elas. Os relatos revelaram que as meninas experimentam inicialmente um vínculo ambivalente para com a figura paterna. Todavia, ao longo de um trabalho de reflexão e de elaboração de sua parte, essa relação se torna cada vez mais benevolente.

Primeiramente, a inserção do pai no relacionamento entre a mãe e a menina é recebida por esta última de maneira hesitante e com uma certa contrariedade (Naïma, Aicha). Isso acontece porque ele não é visto ainda como alguém capaz de compensar as imperfeições maternas que as meninas descobriram existir na ocasião de sua entrada na dependência relativa (Malda, Mahira, Désirée). Ao contrário, para elas o pai contribuiria para distanciá-las ainda mais da mãe. Contudo, é a posição de autoridade que ele ocupa diante delas e da mãe, atributo por excelência da natureza patriarcal de sua estrutura familiar (Rude-Antoine, 1990; Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a) que é a principal responsável pela ambivalência inicial que sentem por ele.

O pai não se contenta apenas em ser a autoridade máxima da família (Mahira, Naïma, Aicha, Malda): ele deseja também mostrar sua potência ao mundo (Mahira, Malda). Ele não é visto como alguém doce ou generoso (Malda, Mahira), mas sim como egoísta, ambicioso e vaidoso (Mahira, Malda), a ponto de ser capaz de rebaixar e humilhar a mulher (Mahira). A origem de sua soberania se situa em sua superioridade física; ele é a autoridade porque ele é

maior e mais forte do que a mãe ou do que a mulher em geral (Aicha, Malda, Naïma, Mahira). É por isso que, diante de uma situação de disputa entre os pais, a menina apoia a mãe por amor e lealdade a ela e porque ela é mais frágil (Mahira, Naïma).

A figura paterna é vista como rígida, amarga (Malda) e desempenhando o seu papel de autoridade de maneira muito estrita (Aicha, Malda). Ela é também inacessível (Malda, Naïma, Aicha) e não permite a expressão espontânea da menina (Aicha, Malda). Ela é concebida ainda como persecutória (Malda, Naïma, Aicha) e o vínculo com ela é estabelecido sobre as bases da imposição e da submissão (Aicha); assim, as meninas reverberam a observação de Lacoste-Dujardin (2004a) de que nas famílias magrebinas, mesmo nas mais progressistas, o diálogo entre pais e filhos é escasso e com poucas chances de negociação. Dessa maneira, as meninas temem ter a sua espontaneidade aprisionada por essa figura que oferece um modelo de superego excessivamente austero, que lhes impõe regras de conduta bastante estritas (Aicha, Naïma, Malda). Nesses termos, o relacionamento com a autoridade masculina é muito difícil de manejar (Mahira, Malda, Aicha), porque ela não permite nenhum tipo de comunicação genuína (Malda, Aicha, Naïma, Mahira). Diante dessa situação, o anseio de escapar das restrições paternas é inevitável (Naïma, Fatimah, Malda, Mahira), bem como o desejo de castrar o pai (Mahira, Naïma) ou de excluí-lo do vínculo com a mãe (Naïma, Aicha).

A magia que transforma a relação com essa figura detestável em um vínculo de gratidão, amor e compreensão (Malda, Naïma, Aicha) provém das conquistas estruturais das meninas, próprias da dependência relativa. A mesma capacidade crítica que as levou a reconhecer os defeitos da mãe as conduz igualmente a constatar as qualidades do pai. Se ele não pode reparar a onipotência perdida da mãe, ele pode, devido a sua autoridade e firmeza, proteger a família contra os perigos exteriores (Aicha, Naïma, Malda, Mahira), tarefa que a mãe não é capaz de executar por ser mais frágil e mais vulnerável do que ele e por conhecer menos esse espaço (Lacoste-Dujardin, 2004a). Assim, a figura do pai seria necessária para garantir a sobrevivência de todos (Naïma, Aicha), e sua exclusão da família tornaria a menina e a mãe muito suscetíveis aos riscos exteriores. Em suma, é incontestavelmente necessário preservar essa proteção paterna para a família (Naïma, Aicha, Malda).

É por meio dessa constatação que o sistema patriarcal de organização familiar é integrado no universo psíquico da menina e que a anexação do pai no vínculo entre ela e a mãe é facilitada (Naïma, Aicha, Malda). Porém, isso significa respeitar as normas e regras que o pai impõe à expressão pulsional (Naïma) e que as meninas pensam ser, às vezes, demasiado austeras e ameaçadoras à sua espontaneidade. Elas se esforçam, assim, para compreender essa

maneira de ser do pai e, em certos casos, elas concluem que a amargura e a arrogância dele são consequências de uma profunda insatisfação pessoal. Elas percebem que o pai perdeu sua alegria de viver em algum lugar (Mahira, Malda) e que sua animosidade é, às vezes, sintoma de uma doença física ou psicológica, o diabetes, a depressão ou o falso *Self* (Malda, Mahira). Essa percepção mais integrada do pai tem como consequência uma transformação do olhar das meninas sobre ele: o pai se torna, então, mais humano e menos perigoso ou perseguidor. É assim que essa capacidade crítica, por permitir que a menina estabeleça uma certa diferença entre a realidade e a fantasia, também lhe possibilita utilizar o “como se” como um mecanismo para desenvolver a sua relação com a autoridade. Desse modo, a simulação de haver cometido uma transgressão e de ser pega em flagrante e punida (Malda, Naïma) oferece para as meninas a experiência do castigo em um enquadramento seguro, em que o medo pode ser pouco a pouco desmistificado. Assim, o “como se” ajuda a aliviar a menina, pois ele mostra que, por pior que seja a punição paterna, ela não irá jamais subjugar-la completamente. O jogo de “pega-pega” de Naïma com seu pai é particularmente ilustrativo desse processo.

A capacidade crítica das meninas, que também lhes permite observar os defeitos do pai, as conduz a uma opinião precisa sobre qual deveria ser o papel da autoridade. Segundo elas, o pai como autoridade da família deveria desempenhar uma tarefa mais educativa do que punitiva (Malda, Naïma). Ele deve transmitir, por meio da imposição de limites, os valores familiares mais importantes; ele deve ser mais um guia do que um carrasco (Malda, Naïma). Mais apaziguadas por haver compreendido que o castigo paterno não colocará em risco sua integridade, as meninas podem mesmo ousar desobedecer ao pai de vez em quando e dentro de certos limites. Em outras palavras, para manter viva sua espontaneidade, as meninas concluem que a escuta das normas e limites impostos pelo pai deve ser relativa (Malda, Fatimah). Todavia, a vontade de manter a pertinência familiar as conduz a uma atitude de docilidade diante da autoridade (Naïma).

Em síntese, ainda que no início do estágio da dependência relativa a inserção do pai no vínculo entre mãe e filha seja vista por esta como uma intrusão indesejável, ela logo percebe a importância dessa figura para proteger a díade contra os perigos do mundo exterior. No início do estágio a autoridade paterna é concebida como injusta e, às vezes, impondo constrangimentos inúteis à espontaneidade. Essa percepção das meninas sobre a austeridade paterna, que elas consideram excessiva, parece fundar-se na concepção cultural magrebina de que a honra do homem depende do controle da mulher, particularmente no da sua sexualidade (Demant, 2008). Com isso, as manifestações pulsionais das filhas devem ser objeto de atenção por parte desse genitor desde muito cedo. Diante desse quadro, a transgressão ocorre

principalmente no nível da imaginação e da fantasia, sendo o brinquedo a solução encontrada para conciliar a criatividade das meninas e o seu respeito aos valores familiares impostos pela autoridade. Ele também as auxilia a manejar os seus temores quanto à punição paterna, até o ponto em que elas podem ousar uma desobediência eventual, mas que ocorre sempre dentro de certos limites, por conta de seu amor à família e de sua vontade de pertencer a esse grupo e de compartilhar dos seus valores. Desse modo, o “como se” e a capacidade crítica diante do pai desempenham um papel muito importante na mudança da qualidade da relação da menina com ele.

5.3.5 O ambiente familiar

Conforme foi descrito acima, no que concerne à função paterna de fornecer um enquadre com limites bem definidos para a criança, o vínculo entre o pai e a mãe parece ser o de uma complementação harmoniosa. Foi descrito também que a criança concebe o lar como um abrigo contra um mundo que é às vezes hostil e insensível (Layla, Naïma, Aicha). Contudo, isso não significa necessariamente que o ambiente familiar é um local paradisíaco, caracterizado por uma união sempre agradável e sem conflitos. Se a percepção de que o lar não oferece mais a mesma segurança que antes (Aicha) é uma parte inerente do processo de desilusão que acompanha a entrada na dependência relativa, os dilemas e disputas reais entre o casal, que perturbam a criança, não podem ser negligenciados (Malda, Naïma, Fatimah). Às vezes, a família se torna mesmo um campo de batalha entre os homens e as mulheres (Mahira).

Nessas situações de disputas, os pais não são sempre capazes de controlar a angústia e a hostilidade para proteger a criança (Fatimah): eles exprimem seus sentimentos diante dela, que se torna muito incomodada (Fatimah, Naïma), porque o lar deveria ser um lugar de apoio e proteção mútua. Cabe à criança tentar colocar limites aos pais (Fatimah) quando eles têm dificuldades para chegar a um entendimento (Mahira, Fatimah). As querelas entre os pais são vistas como capazes de enfraquecer toda a família e, em consequência, elas geram dúvidas na criança quanto à capacidade do grupo sair intacto dos riscos exteriores (Layla). Esse temor parece intensificar na menina a necessidade de manter a união familiar (Layla, Naïma, Fatimah), o que significa realizar um certo refreamento da agressividade do interior do lar (Naïma).

Essas situações de antagonismo parental, que perturbam a menina, revelam que a aceitação dócil da autoridade do homem pela mulher não é sempre evidente, como debatemos

acima. Esses desacordos, porém, não impedem a menina de considerar o lar como um local onde ela pode encontrar *holding* e proteção (Naïma, Mahira, Malda, Aicha, Fatimah, Layla). Isso é verdadeiro mesmo nos casos em que os pais se distanciaram muito de sua condição infantil e devem reaprender a ter uma atitude mais imaginativa e menos pragmática diante do mundo (Malda).

5.3.5.1 A relação com os irmãos e irmãs

Com exceção de Désirée, todas as meninas tinham irmãos ou irmãs e ocupavam posições diferentes na ordem de nascimento: primogênita (Naïma, Malda), caçula (Aicha) ou intermediária entre os irmãos (Layla, Mahira, Fatimah). Naïma, Aicha, Layla, Fatimah e Mahira tinham irmãos do sexo masculino. No caso de Naïma o irmão era mais jovem que ela, e nos casos de Aicha e Layla ele era mais velho. Mahira e Fatimah tinham um irmão mais novo e outro mais velho que elas. Malda tinha apenas irmãs mais jovens que ela. Naïma, Layla e Fatimah também tinham irmãs que eram mais jovens. Todavia, o tema do vínculo com os irmãos e irmãs foi expresso somente por Malda, Aicha e Mahira. A primeira relatou um vínculo com suas irmãs caracterizado principalmente por sentimentos amorosos e de uma forte união. Mahira e Aicha, ao contrário, descreveram seus relacionamentos com seus irmãos do sexo masculino como marcados pela competição e pelo sentimento de injustiça. Nesses dois casos, as meninas tinham a sensação descrita acima de que o irmão lhes roubava a mãe. Aicha sentia que seu irmão mais velho esgotava todos os recursos de sua mãe devido a sua voracidade. Por essa razão, ele era maior e mais forte do que ela. A avidez do irmão era responsável por reduzir as gratificações maternas dirigidas à menina, o que desencadeava um doloroso sentimento de privação.

Mahira experimentava o mesmo sentimento que Aicha, mas com relação ao seu irmão caçula. O ciúme que ela sentia dele suscitava-lhe o desejo de impulsioná-lo a uma autonomia precoce, para que ele perdesse os privilégios maternos de que gozava. O sentimento de inferioridade que ela experimentava em relação a ele, por ser mais jovem e por ser homem, transformou-se rapidamente em uma desvalorização dele. Dessa maneira, diante de sua condição de criança mais velha, mais inteligente e mais hábil, ela lhe mostrava sua superioridade como uma revanche por aquilo que ele havia feito com ela.

Ainda que nosso conjunto de dados seja limitado para proporcionar uma compreensão mais profunda dos vínculos fraternos das meninas, é curioso constatar que o ciúme e a rivalidade somente foram dirigidos ao irmão e não à irmã. No caso de Layla, por exemplo, seu vínculo com sua irmã, apenas um ano mais jovem do que ela, era de proteção e cumplicidade.

Embora em nenhum momento tenhamos o intuito de realizar qualquer tipo de generalização, essas observações insinuam que as prerrogativas e as vantagens masculinas descritas nas narrativas das mães magrebina, que são próprias às sociedades patriarcais (Rude-Antoine, 1990; Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a; Demant, 2008) começam a ser construídas desde muito cedo na infância. Mesmo no caso de Aicha, em que as diferenças sexuais não pareciam ter sido ainda descobertas, a associação entre a criança maior que tem privilégios e o homem já é vislumbrada. Assim, nossos resultados sugerem que as investigações sobre a rivalidade fraterna nesse grupo cultural devem considerar não apenas a existência dos irmãos em si, mas também o sexo deles.

5.3.6 O vínculo com os adultos em geral

No que diz respeito à figura do adulto em si, independente do sexo, as narrativas das meninas revelaram uma diferença de *status* muito nítida entre ele e a criança ou, nas palavras delas, entre o grande e o pequeno. Elas estabelecem um contraste evidente entre o adulto vigoroso, capaz de se manter sozinho, e a criança frágil (Aicha, Naïma, Mahira, Layla). O “grande” inspira medo e, por isso, ele se torna figura de autoridade (Aicha). O poder é assim atribuído ao adulto (Aicha, Naïma, Mahira), seja ele relacionado à punição ou à influência (Mahira). Essa situação provoca na menina um profundo sentimento de rivalidade face ao adulto (Mahira, Naïma), mas, diante de sua condição de inferioridade (Mahira, Aicha), o resultado de um virtual enfrentamento não pode ser outro que o medo da punição e da perseguição (Layla, Naïma, Aicha). Nesse caso em que prevalece a lei do mais forte, não há chance para a criança (Layla), que se sente às vezes exposta aos abusos de sua autoridade (Aicha). Se existe a esperança de que essa inferioridade da criança vá se dissipar com o crescimento, a possibilidade de obter esse alívio não é sempre garantida pelo adulto: este pode mesmo mostrar à criança que as imperfeições e inabilidades dela não serão ultrapassadas (Mahira). Enfim, ainda que a menina conceba o vínculo com seus pais como positivo, a relação com os adultos, como representantes da autoridade, é de marcada assimetria (Lacoste-Dujardin, 2004a). Assim, a conciliação dos desejos do adulto e da criança por meio de uma flexibilização das exigências do primeiro não é vista como uma realidade possível (Naïma).

5.3.7 A relação com o mundo exterior

A excursão das meninas rumo ao mundo exterior é compreendida por elas como imprescindível, porque é necessário buscar nele os recursos para compensar o que a mãe não pode mais oferecer (Aicha, Malda, Mahira, Fatimah). Essa excursão, no entanto, não é vista por elas como uma jornada agradável, plena de promessas e de recompensas a encontrar. Ela é antes concebida como uma aventura que inclui desafios difíceis de ultrapassar e perigos a enfrentar.

Mesmo que as meninas tentem estabelecer uma conexão entre os mundos familiar e extrafamiliar (Layla, Malda, Mahira), que possa permitir sua entrada progressiva nesse último, esse esforço não é evidente devido às diferenças nítidas que existem entre os dois (Layla, Naïma). O mundo exterior é visto pelas meninas como potencialmente perigoso e insensível às necessidades delas (Aicha, Layla, Naïma). Sua apropriação pessoal não é assegurada (Aicha, Layla, Désirée), porque falta a ele a maleabilidade para se adaptar à imaginação criativa das meninas (Aicha, Naïma). Como o mundo externo não é sentido como capaz de acolher a criança (Aicha, Layla, Naïma), ela terá dificuldades para se sustentar nele (Layla, Aicha). Em suma, fora da família, a sensação da menina é de “pisar em ovos” (Layla, Naïma) e, nessa situação, ela não pode estar à vontade para estabelecer relacionamentos interpessoais espontâneos (Layla, Naïma, Aicha).

Apesar de a inserção das meninas no mundo exterior ser marcada pelo receio, pela timidez e pela inibição (Naïma, Aicha, Layla), e de suas dificuldades para conciliar as exigências dele com aquelas do mundo familiar (Naïma, Layla), isso não as desencoraja a continuar nessa empreitada. Elas guardam a confiança de que serão capazes de superar seus medos e de que serão bem sucedidas nessa tarefa desenvolvimental, que é muito importante e impossível de escapar (Layla, Malda, Fatimah, Mahira). Elas também preservam a esperança de encontrar, nesse novo lugar que começam a conhecer melhor, pessoas cheias de imaginação (Malda).

É possível que a imigração dos pais para a França desempenhe um papel no modo como as meninas experimentam essa entrada mais sistemática do mundo exterior em suas vidas. As dificuldades de conciliação entre o ambiente familiar e o extrafamiliar podem ser intensificadas pelas diferenças culturais, já que, como vimos, os valores magrebinos e franceses são muitas vezes antagônicos, o que obriga a um trabalho infinito de negociação da identidade, mesmo para os adultos (Wenden, 2005). Essas contradições foram bem ilustradas nos momentos finais do meu encontro com Naïma na escola em que a menina estudava,

quando sua professora me impediu de ajudá-la a abotoar o seu *manteau* antes de ir para o pátio do colégio, argumentando que a criança precisava aprender a se tornar autônoma. Essa conduta da mestra pareceu-me especialmente contraditória com as opiniões da mãe da menina, Omeya, conforme ela as havia confiado a mim em nosso encontro, a saber, de que não importa a idade de uma mulher, ela sempre precisará de sua mãe. Essa mesma garotinha, que começava a aprender Ciências na escola, ao chegar em casa, era instruída pelo pai sobre como o mundo foi criado por Alá; assim, à noite, o pai desfazia o trabalho escolar realizado durante o dia. Esse tipo de dissociação, segundo Wenden, seria passível de engendrar rompimentos da criança, ou com a família, ou com a escola.

Essa situação explicaria a visão mais benévola de Malda, que nunca havia saído do Marrocos, com relação ao processo de ingresso no mundo extrafamiliar, em comparação com as outras meninas. Porém, Aicha, cuja família também vivia no Marrocos, experimentava os mesmos medos que as meninas cujos pais haviam imigrado. Todavia, é necessário considerar que ela ainda sofria o luto pelo vínculo fusional com a mãe que havia sido perdido, o que explicaria sua reticência para entrar no universo fora da família.

Na amostra magrebina, foram as crianças mais jovens que manifestaram temores sobre a sua saída do lar. Essa apreensão não fez parte da narrativa da criança mais velha do grupo (Fatimah). Contudo, mesmo que não existam elementos suficientes para chegar a uma conclusão mais definitiva, o papel da imigração nessa experiência da menina não pode ser negligenciado, devendo ser compreendido em conjunto com a idade da criança.

Em resumo, as narrativas das meninas magrebina que compuseram nossa amostra permitiram compreender que, em termos do desenvolvimento do *Self*, elas se encontram todas na etapa de dependência relativa e, no que concerne à evolução pulsional, no período de latência ou edípico. Em todos os casos, a identificação sexual feminina está presente e uma rivalidade face à figura masculina é manifestada, principalmente devido ao poder de autoridade que ela exhibe, em acordo com a estrutura patriarcal que caracteriza a maioria dessas famílias (Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a; Demant, 2008). A entrada na etapa da dependência relativa é sentida pela menina como uma mudança inesperada, que atinge inicialmente o seu vínculo com a mãe. Essa mudança é desencadeada pela percepção das fraquezas e imperfeições maternas, que mostra às meninas que a mãe não está sempre junto a elas, nem pode atender completamente as suas necessidades. Enfim, as meninas percebem que a onipotência não existe, nem de sua parte nem da parte da mãe. Eventualmente, a redução da atenção da mãe às necessidades da menina é atribuída à presença de uma outra criança na

família, que esgotou os recursos da genitora e que nada deixou para ela. Essa interpretação fomenta uma rivalidade fraterna, principalmente se a outra criança é do sexo masculino.

A percepção da nova situação de ser alguém separado física e emocionalmente da mãe provoca um doloroso sentimento de fragilidade e de vulnerabilidade nas meninas. O luto e a nostalgia da relação precedente são inevitáveis. A mágoa pela perda do passado impulsiona as meninas a buscar uma solução para recuperar uma posição de proximidade com a mãe. Tendo em vista esse objetivo, elas descobrem a importância do jogo e da identificação. O jogo permite preencher o espaço entre o corpo da menina e o da mãe; por meio do “faz de conta”, o encontro criativo entre as duas alivia a dor pela perda da fusão anterior. O “como se” torna-se o substituto da onipotência, mas, para que ele possa ser aproveitado, é necessário que a mãe seja imaginativa e não demasiado apegada à realidade prática do mundo. A identificação, por sua vez, permite à menina *ser como a mãe*, no lugar de *ser a mãe*. Através da identificação a menina desenvolve uma aliança feminina com a genitora; assim, elas estabelecem uma cumplicidade por meio da qual poderão afrontar a autoridade masculina, já que a feminina é bastante limitada (Rude-Antoine, 1990; Lacoste-Dujardin, 2004a).

Desse modo, ainda que a mãe seja a primeira a colocar limites à oposição da menina, ela o faz apenas até certo ponto. O prosseguimento e a consolidação dessa função são atribuídos à figura do pai. Este é visto como muito estrito e severo, e sua entrada no vínculo da díade não é bem recebida pela criança. De início, os sentimentos que a menina nutre pelo pai são negativos devido ao autoritarismo dele e a sua atitude, por vezes, rude para com a mãe. Porém, pouco a pouco a menina percebe que precisa dele para protegê-la e à família dos perigos do mundo exterior, função que a mãe tem dificuldade para desempenhar. Essa percepção, acrescida da constatação de que a amargura ocasional da figura de autoridade é devida a um sofrimento que ela experimenta, conduz a menina a desenvolver uma visão mais benigna do genitor e a aceitar suas imposições. Ela compreende, todavia, que a obediência a ele ou à mãe não pode ser cega, sob o risco de comprometer inutilmente sua criatividade e espontaneidade. De qualquer modo, persiste uma conduta de docilidade frente ao pai e uma dependência afetiva da mãe. Isso acontece, sobretudo, porque as meninas concebem o mundo exterior como um lugar perigoso e insensível às suas necessidades, muito diferente do lar, mesmo que ele também tenha o seu charme. Dessa maneira, é necessário contar com a mãe para suavizar as feridas causadas pela realidade, e com o pai para orientá-las e protegê-las dos perigos. Como o lar continua sendo um local de refúgio para as meninas, os desentendimentos entre os pais são particularmente perturbadores para elas, que se esforçam para ajudar a

preservar a união doméstica. A obediência ao pai e ao adulto em geral é uma maneira de garantir a paz.

Essa dinâmica é encontrada nos casos em que as coisas se passaram bem para a menina e para a mãe na etapa precedente da dependência absoluta. Isso significa que a recuperação do vínculo com a mãe e a identificação resultante desse processo somente são possíveis se um sólido sentimento de continuidade com ela foi estabelecido anteriormente. Se isso não aconteceu, o vínculo entre a menina e a mãe, e entre ela e o mundo exterior, torna-se fútil. O sentimento da criança é o de que se a mãe não foi capaz de corresponder às suas ilusões, o mundo também não será capaz de fazê-lo. A adaptação a ele somente poderá ocorrer por meio da submissão. Nessas situações, a oposição da menina, longe de se constituir em um meio de marcar sua autonomia, é uma maneira de reivindicar uma união genuína com a mãe que não seja fundada na sujeição. Nos casos felizes, a despeito de todos os desafios, perigos e temores que a menina enfrenta, o crescimento é muito bem aceito como uma oportunidade de descobrir o exercício da magia criativa no mundo real. Além disso, a autonomia diante da mãe, que a menina adquire passo a passo, traz consigo também a esperança de um dia tornar-se uma mulher como ela.

Essa descrição da experiência das mães e do desenvolvimento emocional das meninas magrebina revela que o estabelecimento e a assunção dos valores relativos a essa sociedade patriarcal (Rude-Antoine, 1990; Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a) começam desde muito cedo na infância. No caso específico das díades que estudamos, eles parecem se pautar, de início, numa divisão bem definida do espaço social do homem e da mulher (Lacoste-Dujardin, 2004a), em que o primeiro, percebido como fisicamente mais forte, estaria em melhores condições de enfrentar um mundo extrafamiliar concebido como perigoso (Demant, 2008) e proteger a família, enquanto que à mulher caberia a delicadeza e a ternura do lar. Essas seriam as bases para a aceitação da autoridade masculina, mesmo se o homem é às vezes visto como insensível e egoísta pela mulher e pela menina.

Essas concepções seriam transmitidas à criança principalmente pela mãe, já que a educação dos filhos é, por excelência, sua atribuição e o sentido de sua vida. A introjeção desses valores socioculturais pelos filhos atestaria o sucesso da genitora nessa empreitada, ao passo que a rejeição dessa transmissão (desobediência) testemunharia o seu fracasso, o que a enfurece e desespera. Desse modo, se a criança acata a autoridade primeira do pai por necessidade (e depois, por compreensão e por amor), ela também aceita a autoridade secundária da mãe, mas desde o início por amor, para manter a integridade emocional da

genitora. Assim, à assimetria entre o homem e a mulher se acrescenta aquela entre a criança e o adulto (Lacoste-Dujardin, 2004a).

Nesse contexto, a menina seria percebida como uma continuidade da mãe (e esta de sua própria mãe), sendo a identidade individual ainda marcada pela família a que se pertence (Chérif, 2004), numa superposição da história pessoal com a familiar. Essa continuidade e superposição, que permitem a sobrevivência da tradição, somente podem ser asseguradas pela manutenção de uma dependência afetiva importante da filha para com a mãe, mesmo se a aquisição da autonomia em outros níveis (profissional e financeiro, por exemplo) seja bem aceita. Diante disso, esse grupo apresenta uma concepção de desenvolvimento emocional peculiar, em que a dependência afetiva da mulher para com sua mãe perdura por toda a vida. Em outras palavras, nossas díades proclamaram que, para elas, a autonomia não precisa ser levada às últimas consequências, porque a menina sempre poderá contar com alguém, ou seja, com sua mãe e com sua família.

Nesse sentido, é formada uma cadeia de transmissão da linhagem feminina, que implica numa relação de solidariedade, de proteção mútua e de fidelidade aos valores difundidos (Albergoni, 2004; Demant, 2008), cuja ruptura é considerada uma traição e atira a mulher no vazio. É graças à intensidade do afeto e da lealdade que atravessa esses vínculos femininos na família que a experiência de imigração das mulheres magrebins não abala em profundidade o seu sentimento de pertinência social e cultural. Em outros termos, a manutenção, em uma outra realidade sociocultural, dos valores da família e da cultura de origem, é transpassada pela pertinência a essa linhagem feminina, particularmente pela qualidade da relação com a mãe. Se esse vínculo é bom e forte, os valores socioculturais de origem tendem a se manter (Albergoni, 2004; Cherif, 2004; Demant, 2008), sendo que a permeabilidade aos costumes da sociedade de acolhimento é melhor aceita quando a assimilação tem por objetivo proteger a família. É principalmente nesses casos que se opera uma integração mais harmônica entre os valores de ambas as culturas, no nosso caso, dos franceses e dos islâmicos (Leveau, 2005; Frégosi, 2005).

Desse modo, nossas análises permitem, de certa maneira, e dentro de limites importantes, um vislumbre na compreensão de como os fatos sociológicos e culturais sustentam e são sustentados pela organização e pelos dinamismos psicológicos que operam dentro do grupo familiar, particularmente no âmbito da relação entre mãe e filha.

6 A EXPERIÊNCIA MATERNA DAS MULHERES BRASILEIRAS E O DESENVOLVIMENTO DO *SELF* INFANTIL

6.1 Trajetória da coleta de dados

O acesso às díades brasileiras para a realização da coleta de dados foi bastante fácil em comparação com as amostras francesa e magrebina. Ele foi feito a partir da intermediação da diretora de uma escola privada de ensino infantil e fundamental, que atende a crianças de nível socioeconômico médio da cidade de Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo. Após uma breve reunião em que expliquei os objetivos de minha investigação, a diretora imediatamente se prontificou a me auxiliar a encontrar mães de meninas que estudavam nessa escola e assinou o Termo de Autorização da instituição, que consta no Apêndice E deste volume. Ela fez uma listagem das mães que seriam potenciais participantes da pesquisa e, quando elas vinham à escola para trazer ou buscar suas filhas, ela explicava brevemente o meu trabalho e pedia autorização para que eu pudesse contatá-las. Ela e a psicóloga da escola disponibilizaram a sala desta última para que eu realizasse lá as entrevistas. Todavia, mais ao final da coleta de dados, uma reforma do prédio da escola foi iniciada e, por conta do barulho que chegava até essa sala, algumas entrevistas foram feitas no laboratório de ciências ou em uma sala em que havia alguns dos computadores da escola. Salvo poucas interrupções, as entrevistas foram realizadas em boas condições de tranquilidade e de privacidade.

Nenhuma das mães contatadas pela diretora se recusou a participar da pesquisa. Na verdade elas pareciam nutrir um relacionamento muito próximo com a diretora, que era bastante apreciada por elas. Todavia, nem todas as díades entrevistadas foram incluídas na amostra. Isso aconteceu porque em quatro casos as mães exibiam um nível de sofrimento emocional bastante pronunciado, que incluía psicose, violência doméstica ou problemas conjugais tão importantes que o tema do relacionamento com a filha praticamente não surgiu no relato⁵⁵. Isso não quer dizer, contudo, que as demais díades que integraram a pesquisa estavam isentas de aflições e desolações. De fato, as mães brasileiras foram, em comparação com as francesas e magrebina, aquelas que expressaram suas dores e tristezas de maneira

⁵⁵ Essas mães foram posteriormente encaminhadas para atendimento psicológico na Clínica do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.

mais explícita. Porém, tais aflições não obscureciam o seu relacionamento com a filha, mas se presentificavam nele e faziam parte dele. Essa característica de comunicação franca das dores individuais, contudo, foi responsável por uma diversidade substancial nas experiências das mães, como será descrito em breve.

Após a mãe exprimir à diretora o seu acordo para falar comigo, a recepcionista da escola, que dispunha de meus horários disponíveis para realizar as entrevistas, entrava em contato com elas e agendava o encontro entre nós. No dia marcado, eu ia até à escola e, na sala que havia sido disponibilizada para mim, explicava à mãe os objetivos da pesquisa e a tarefa que iríamos realizar. Após isso, ela assinava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D) e nós iniciávamos a nossa conversa. Somente em um caso, o da díade Jordana e Alice, a abordagem foi diferente. A criança, Alice, soube que eu era psicóloga e que estava realizando a pesquisa na escola por ocasião de um encontro casual meu com outra garotinha que fazia parte da amostra. Alice pediu para que ela e a mãe pudessem participar também da investigação (ela estava bem ansiosa para isso). Ela me deu o número do telefone de sua casa e pediu que eu ligasse para a sua mãe naquela noite. Eu assim o fiz e falei com Jordana, que decidiu atender o desejo da filha. A amostra final foi composta por dez díades, cujas características são expostas na Tabela 3.

Tabela 3 – Caracterização das díades componentes da amostra brasileira

Mãe	Idade da mãe	Criança	Idade da criança	Ordem de Nascimento	Configuração familiar
Anelise	42 anos	Vitória	7 anos	Caçula de 2 crianças	Nuclear
Gisele	38 anos	Ana Cecília	8 anos	Primogênita de 2 crianças	Nuclear
Sílvia	46 anos	Luana	6 anos	Caçula de 2 crianças	Nuclear
Helena	46 anos	Juliana	6 anos	Caçula de 2 crianças	Nuclear
Renata	33 anos	Abigail	7 anos	Única	Monoparental
Taís	37 anos	Amarílis	7 anos	Caçula de 2 crianças	Nuclear
Isadora	38 anos	Ana Clara	10 anos	Única	Nuclear
Amanda	39 anos	Marina	10 anos	Caçula de 2 crianças	Recomposta
Lara	35 anos	Maria Luísa	8 anos	Primogênita (gêmea)	Nuclear
Jordana	30 anos	Alice	10 anos	Primogênita de 2 crianças	Nuclear

A Tabela 3 mostra que a idade das mães variou entre 30 e 46 anos e a das crianças entre 6 e 10 anos. A configuração familiar dominante foi a nuclear intacta, sendo que apenas as díades Amanda e Marina e Renata e Abigail, apresentavam arranjos diferentes, recomposto e monoparental feminino, respectivamente. Nesse último caso, a díade vivia na casa dos pais de Renata, que se ocupavam bastante da educação da menina. A mãe também tinha um namorado, mas ele não morava com a família. No caso de Amanda, o arranjo era recomposto apenas por parte de seu marido, que já havia vivido uma união anterior, na qual teve um filho do sexo masculino, atualmente com 22 anos; esse filho não vivia com o casal. Em seu casamento com Amanda, não havia outras crianças além de Marina. Assim, esse arranjo era bastante semelhante ao nuclear e, por parte da mãe, Marina era a única filha. Embora não tenha sido nossa intenção compor uma amostra representativa da população em termos de configurações familiares, é curioso notar que nossas proporções são semelhantes àquelas descritas no último censo (IBGE, 2011), que constatou que o arranjo predominante no Brasil é o nuclear básico (79,9%), dividindo-se os restantes entre famílias monoparentais e reconstituídas, em porcentagens equivalentes.

A posição na ordem de nascimento se distribuiu de maneira razoavelmente equilibrada. Abigail e Ana Clara eram filhas únicas; Ana Cecília, Maria Luísa e Alice ocupavam o lugar de primogênicas e Vitória, Luana, Juliana, Marina e Amarilis o de caçulas. Curiosamente, todas as meninas (com exceção, evidentemente, das filhas únicas) tinham apenas um irmão, que era do sexo masculino. Essas semelhanças, contudo, conviviam lado a lado com particularidades importantes sobre as díades, algumas das quais necessitam ser expostas desde já, para permitir ao leitor uma melhor e mais fiel compreensão dos casos.

A experiência passada de Anelise como mãe de Vitória, por exemplo, foi bastante singular, e a atual ainda sofre um pouco com os estilhaços deixados pela anterior. Mãe de uma menina condenada à morte pelos médicos devido a uma malformação, a condição de profissional de saúde de Anelise permitiu-lhe desafiar os piores prognósticos e triunfar sobre a objetividade do mundo. Ela confiou na sobrevivência da filha quando todos duvidavam, e isso lhe permitiu literalmente salvá-la e evitou que a menina tivesse, até o momento, as terríveis sequelas previstas por conta de sua condição. Sua sensação, contudo, era a de que ela precisou transformar a filha em uma espécie de paciente para garantir a sobrevivência dela, principalmente no primeiro ano de vida da menina. Por isso, Anelise sente que foi menos mãe nesse período. Passado o temporal e conquistado certo alívio, ela se pergunta se, a partir de agora, pode ser para sua filha a mesma mãe que foi para o filho mais velho, exigente e perfeccionista, menos sublime, mas mais verdadeira. Seu temor é o de que sua devoção

apaixonada à filha a impeça de ver as limitações da menina, enfim, que o amor lhe roube a objetividade. Renata, a única mãe componente de um arranjo monoparental, encontrou na maternidade a chance de voltar para os braços dos próprios pais e de retomar com eles as experiências de ilusão que ela sentiu haver perdido muito rapidamente por ocasião de seu ingresso na adolescência. Embora essa situação lhe fosse bastante gratificante, ela também experimentava certa culpa diante de sua filha, por não haver lhe oferecido o pai que ela (Renata) gostaria.

Helena, por sua vez, embora vivesse com seu marido e filha, experimentava uma forte solidão. O cônjuge permanecia muito tempo fora de casa, porque trabalhava em outra cidade, e a história do casal era marcada por separações frequentes e longas. Além disso, seu distanciamento da família de origem e sua sensação de ter sido abandonada pelo filho que se casou com uma mulher que ela não aprovava, gerava nela uma profunda decepção com o mundo e com os outros. Com isso, ela considerava que a filha era a única família que tinha, o que trazia dificuldades extras para acolher a crescente autonomia da menina. Se Helena mostrava a tendência a prolongar a dependência, Gisele, ao contrário, ansiosa e sentindo-se sobrecarregada pelo cuidado de um filho pequeno, incitava a filha para uma independência que ela ainda não estava preparada para assumir. Esse incentivo, contudo, tornava-se mais problemático, porque vinha acompanhado de uma concepção materna de que na vida adulta não há mais lugar para o narcisismo e a fantasia infantis. Desse modo, a desilusão era realizada de maneira abrupta e em uma perspectiva de que a imaginação não cabe na realidade do mundo. Porém, assistir ao sofrimento da filha diante dessa sua conduta, conduzia a mãe a refletir e a tornar-se mais maleável com a menina.

Por sua vez, Lara e Jordana apresentavam dificuldades de forma alguma negligenciáveis no relacionamento com suas filhas. A primeira, mãe de um casal de gêmeos e fundada em sua experiência como filha, trazia consigo uma convicção inconsciente de que os homens teriam direito a um narcisismo próprio, mas não as mulheres. Assim, embora ela parecesse conseguir adaptar-se às necessidades e ao ritmo do filho, não conseguia fazê-lo com a filha. Dessa maneira, suas dificuldades face a Maria Luísa procediam menos do fato de precisar ter flexibilidade suficiente para acomodar-se a duas crianças diferentes e de mesma idade do que à condição de uma delas ser uma menina. Jordana também enfrentava complicações importantes no processo de oferecer à filha uma adaptação pessoal. Estas, contudo, derivavam de uma dúvida dilacerante sobre a sua capacidade de amar a filha da mesma maneira como era amada por ela. A culpa lancinante que essa percepção provocava,

contudo, não lhe era útil para preservar a menina de futuras exposições a angústias e mágoas; era então necessário buscar ajuda exterior para oferecer uma maternagem segura à menina.

Sílvia e Taís eram ambas confrontadas diretamente em seu modo de ser por suas filhas. Rigorosas e exigentes de início, elas se viam obrigadas a fazer face às reivindicações das meninas para viver em um mundo mais flexível, em que o brinquedo, a criatividade e o relaxamento tivessem lugar. As dificuldades de alimentação de Luana levavam Sílvia a refletir sobre a sua maneira de ser, e a dar as boas-vindas para um novo estilo de vida, baseado na troca fecunda entre as pessoas e no descobrimento das possibilidades do brinquedo. Para tanto, ela contava com a ajuda de uma figura materna substituta para si mesma, que a acolhia e a auxiliava nesse trajeto. Taís, contudo, não tinha a mesma sorte. Casada com um homem que tinha um apego aos valores tradicionais de boa conduta, tão rígido quanto ela, e sem contar com nenhuma figura de contraponto, ela permanecia perplexa diante das oposições de uma garotinha cheia de personalidade e disposta a defender firmemente suas convicções, como era Amarílis. Se a mãe parecia presa a um funcionamento falso *Self*, a criança não estava nem um pouco disposta a pagar o resgate materno com a perda da sua criatividade.

Finalmente, Isadora e Amanda pareciam viver uma maternidade que, se não era isenta de preocupações, transcorria de modo mais plácido. No caso delas, a dinâmica própria do estágio de dependência relativa que suas filhas atravessavam, se fazia mostrar menos entremeada por questões relacionadas a conflitos pessoais. Embora esses existissem, era a criança e seu crescimento que estavam sob os holofotes. O amadurecimento da filha era bem saudado por ambas e, enquanto Isadora se lamentava um pouco pela perda da inocência infantil que ele trazia consigo, Amanda se regozijava, porque sentia que o crescimento de Marina as aproximava ainda mais, devido à semelhança física que existia entre ela e a filha e a identificação sexual da menina com ela.

Enfim, é a partir desse universo de informações e de experiências tão distintas que o (difícil) intento de realizar uma síntese foi empreendido. Como nos casos das amostras magrebina e francesa, no Apêndice C deste volume são apresentadas, a título de ilustração, as narrativas e interpretações de uma díade brasileira.

6.2 Síntese das interpretações das mães

6.2.1 Maternidade e identidade

A maternidade não complicada ou “normal”, conforme as palavras de Anelise, foi definida por ela como sendo concretizada no dia a dia, por meio da execução de tarefas como o manejo da criança, a experiência da preocupação materna primária, a desilusão gradual e o acompanhamento da filha no trajeto rumo à autonomia, do qual faz parte a exigência quanto à capacidade produtiva dela.

Para as mulheres deste grupo, a maternidade apresentou o sentido de um refúgio para curar-se das decepções infligidas pelo mundo (Renata, Helena), de reparação da própria história pessoal (Renata)⁵⁶, de recuperação do vínculo com os pais da infância (Renata) ou da adolescência (Jordana), de combate à solidão (Renata, Helena) e de resgate da própria juventude pela (re)descoberta do valor do brincar (Renata, Sílvia). Nesse último caso, tornar-se ou manter-se mãe exigiria a capacidade para retomar a sua condição de criança (Renata, Sílvia). A maternidade foi compreendida como uma experiência promotora da realização pessoal: ela é capaz de fazer com que a mulher cresça como ser humano (Anelise, Sílvia, Taís, Isadora, Amanda) e que descubra em si mesma a existência de recursos que ela nem suspeitava existirem (Anelise, Sílvia, Isadora). O relacionamento com a filha é visto como a oportunidade de um aprendizado mútuo, constante e altamente enriquecedor (Anelise, Sílvia, Taís, Isadora, Amanda), passível de promover e consolidar o *Self* da mulher (Anelise, Amanda, Isadora, Sílvia).

Todavia, a maternidade não é uma experiência de pura felicidade; ela é também acompanhada por tensões, inseguranças e angústias (Gisele, Sílvia, Taís, Lara, Jordana). Grande parte dessas apreensões decorre da existência de um ideal de ego exigente e de um superego austero na mulher (Anelise, Gisele, Sílvia, Taís, Lara, Renata), que lhe prejudicam usufruir do relaxamento e dos prazeres da maternidade em sua plenitude (Gisele, Sílvia, Taís, Lara, Jordana). As mães veem a si próprias como rigorosas e perfeccionistas, seja para consigo mesmas, seja para com suas filhas (Anelise, Gisele, Sílvia, Renata, Taís, Lara). Pouco tolerantes e às vezes implacáveis consigo mesmas, elas amargam dúvidas e inseguranças quanto à sua adequação como mães (Anelise, Gisele, Sílvia, Renata, Helena, Taís, Lara,

⁵⁶ No caso específico de Renata, ela temia que a filha reproduzisse os seus próprios erros, quando, na adolescência, ela experimentou um período de rebeldia que culminou mais tarde em uma gravidez inesperada.

Jordana). O sentimento de sobrecarga que elas experimentam (Anelise, Gisele, Amanda, Lara, Jordana), derivado de suas múltiplas atividades e papéis que nem todas conseguem conciliar bem (Jordana), é agravado por essa falta de confiança em suas capacidades (Lara, Jordana). Elas temem não ser suficientemente fortes para enfrentar os desafios do mundo e da maternidade (Renata, Helena), o que lhes provoca angústia e desassossego (Lara, Jordana).

Em determinados casos o antídoto para a descrença em si mesma era procurado na aprovação alheia (mais comumente na da própria mãe) de sua conduta com a filha (Taís, Lara, Gisele, Jordana). A intensidade da busca desse aplauso materno variou entre as mulheres, estendendo-se desde uma certa dependência da mãe (Gisele) até um apego acrítico aos seus valores, que afluía em uma moralidade construída nas bases da submissão (Taís, Lara) e em um falso *Self* (Taís). Nessa situação, a adesividade pregnantante ao mundo real e aos juízos maternos (Taís, Lara) gerava na mulher, além de dificuldades para associar e para refletir sobre a maternidade (Taís), uma sensação de desencontro entre si mesma e o mundo objetivo (Lara, Jordana) e um sentimento de estar ultrapassada como mãe (Taís). Enfim, Lara, Taís, Jordana e, em menor grau, Gisele, ainda se encontravam travando uma luta para a descoberta de seu estilo pessoal como mães. No caso de Jordana, essa busca apresentava uma peculiaridade: a constituição de uma identidade materna própria encontrava-se inviabilizada pelo fato dela estar presa a dois modelos bastante diferentes de identificação: o da mãe e o da sogra. Enquanto a primeira encarnava a mãe amorosa tradicional, a dona de casa cuja preocupação central era o bem-estar e a união da família, a segunda representava a mulher moderna, com amplos interesses extrafamiliares, autônoma e mais preocupada consigo mesma do que com os familiares. Se para Jordana o modelo oferecido pela mãe era *démodé* e não se ajustava à sua vida, o da sogra, embora mais sedutor, também não lhe convinha, já que ele proclamava o distanciamento e um certo desinteresse pela família. Nesse contexto, ela própria convivía, no seio de sua personalidade, com a coexistência de valores familiares (particularmente os relativos à condição feminina) arcaicos e modernos. Embora essa convivência tenha sido descrita no âmbito sociológico e antropológico como característica do povo e da família brasileira (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003; Almeida, 2007), o problema de Jordana é que ela não apresentava flexibilidade suficiente para assimilar e digerir ambos os modelos e compor um amálgama coerente dos dois. Com isso, ela permanecia bloqueada entre eles, mais próxima às referências da sogra, mas também sem desejar assumi-las completamente.

O rigor e a exigência das mães para consigo mesmas também se teatralizava na relação com suas filhas: elas viam a si mesmas como severas e pouco condescendentes para com as

meninas (Gisele, Raquel, Taís, Lara, Sílvia). Todavia, quando as demandas da mãe ultrapassavam as capacidades da filha e esta respondia por meio de sintomas (Gisele, Lara), de oposição franca (Taís) ou de recusa ao que a mãe lhe oferecia (Sílvia), essas situações colocavam a mulher diante de um problema identitário importante. A percepção do sofrimento da filha despertava-lhes o desejo urgente de modificar o modo de exercer a maternidade e de tornarem-se mais suaves e flexíveis (Gisele, Sílvia, Jordana, Lara, Taís). Foi em razão de experiências dessa natureza que as mães referiram que a maternidade as auxiliou a se desenvolver como pessoas e a se tornarem mais tolerantes.

Esse pequeno recorte do conjunto das relações entre mães e filhas remete às observações, no nível sociológico, de Cândido (1972), Romanelli (1991) e Goldenberg (2003) sobre o processo de transição da família brasileira tradicional para a moderna, no que tange ao vínculo entre pais e filhos. Nesse caminho, a submissão absoluta dos últimos aos primeiros, característica da família patriarcal, foi gradualmente cedendo espaço para um relacionamento menos hierarquizado e marcado por uma maior afetividade, intimidade, indulgência e respeito mútuos. Dessa maneira, a empatia das mães para com suas filhas permite que elas respondam às reações, sofrimentos e reivindicações das crianças com um movimento em prol de uma maior maleabilidade, que implica no questionamento de condutas e modos de agir antigos em direção à assunção de novos valores, mais condizentes com os da família contemporânea. Com isso, elas próprias mudam e se desenvolvem como pessoas.

O caso de Anelise, contudo, é particular. Ela parecia já haver feito esse percurso em função de ser mãe de uma criança cuja enfermidade pressagiava (com ou sem razão) limites importantes para a filha, inclusive cognitivos. Nesse momento, a mulher e mãe exigente que ela foi para o seu filho mais velho ficaram para trás (ela afirmou que ser mãe de Vitória tornou-a mais tolerante). Com a perspectiva de o perigo haver passado e dos (maus) agouros não haverem se concretizado, o que ela buscava agora era reencontrar um pouco da mãe que era antes, cheia de defeitos, mas mais autêntica. Ela desejava integrar a mãe que foi para seu filho com a mãe que foi (e é) para Vitória. A falta de certeza sobre as condições físicas e cognitivas reais da filha no presente, contudo, bloqueavam o seu caminho rumo a essa empreitada.

Em síntese, as mulheres brasileiras compreenderam a maternidade como uma experiência promotora de um amadurecimento pessoal bastante importante para elas. Exigentes e pouco complacentes consigo mesmas, a chegada da filha modifica suas vidas na direção do desenvolvimento de uma maior humildade e tolerância diante dos limites e imperfeições próprios e do outro. Dessa maneira, elas ecoam em sua personalidade, a partir

dos relacionamentos com suas filhas, as modificações sociais que a família brasileira vem sofrendo (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003). Nesse processo de questionamento e de redefinição de si como mães, uma certa apreensão identitária é um acompanhamento inelutável das experiências dessas mulheres. De fato, a insegurança quanto às suas capacidades como mãe e um sentimento de inadequação surgiram nas narrativas de quase todas elas. Se por um lado esses sentimentos revelam que para as mulheres a maternidade, embora desejada e prazerosa, é cheia de tensões, eles também evidenciam um forte desejo de acertar e de fazer o melhor por suas filhas. Se elas buscam apoio no meio exterior (principalmente na figura da própria mãe) para saber por onde caminhar, o risco pode ser o de um apego adesivo e não criativo aos valores maternos, mesmo que elas os identifiquem como arcaicos. Esse perigo ronda principalmente os casos em que um funcionamento falso *Self* um pouco mais sistematizado já se faz notar (Taís) e aqueles em que, na infância, a família da mulher considerou que a sua criatividade era uma inadequação ou inconveniência (Lara). Enfim, as mulheres da amostra pareceram bastante ávidas para se assegurarem por meio do olhar de um outro (principalmente o da própria mãe ou o de uma psicóloga) de que elas têm o direito de ser quem são e que não precisam ser perfeitas para serem amadas e para serem boas mães. Até o momento, a apreciação que elas necessitam parece estar vindo de suas filhas, seja sob a forma do amor terno que estas lhes devotam (Isadora, Amanda, Renata, Sílvia), seja sob a expressão de um sofrimento penoso para elas e para as mães (Gisele, Lara, Jordana).

6.2.2 A desilusão e a dependência relativa maternas

A desilusão das mães, que tem lugar na etapa da dependência relativa da criança e que decorre da perda gradual do vínculo de estreita proximidade amorosa, característico do estágio precedente, mostrou-se como um processo permeado por orgulho diante das conquistas da filha, mas também por dores pelo passado perdido e temores por um futuro incerto. Se as mães não demonstram nenhuma dúvida de que o destino inevitável desse caminhar é uma autonomia muito valorizada por elas (Anelise, Lara, Isadora, Gisele, Jordana, Amanda), atravessar o *boulevard* que leva até ela não é uma tarefa nada óbvia. Isso seria verdade mesmo (ou principalmente) naqueles casos em que a existência de uma patologia orgânica grave obrigou a mãe, no seu relacionamento com a filha, a colocar a desilusão antes da ilusão para poder salvar a menina (Anelise). Assim, se na etapa anterior o mundo da criança e o mundo da mãe eram praticamente os mesmos (Helena, Isadora), chegou a hora de

a mãe afastar-se para os bastidores e deixar o palco para que a criança brilhe e se desenvolva bem (Anelise, Isadora). Nesse momento delicado, o luto pela etapa anterior convive com o anseio e a ansiedade sobre o que virá pela frente. Uma vez que a filha já é capaz de enfrentar períodos sem a mãe (Sílvia, Lara, Jordana, Isadora, Amanda, Anelise, Gisele, Helena, Taís, Renata), a inquietação desta concerne, então, à vulnerabilidade da menina e à capacidade dela para arranjar-se sozinha nesses momentos (Helena, Renata, Isadora, Anelise).

As mães se defrontam, assim, com diversas interrogações sobre o modo como poderiam realizar uma série de conciliações, a saber, entre a infância anterior e a atual da criança (Gisele, Sílvia), a dependência e a autonomia (Sílvia, Helena, Gisele, Renata, Amanda), o mundo adulto e o mundo infantil (Sílvia, Gisele, Renata), a proximidade e o distanciamento entre a mãe e a filha (Sílvia, Gisele, Helena, Renata, Amanda), a liberdade e a interdição (Gisele, Sílvia, Renata, Taís, Amanda), o ambiente familiar e o extrafamiliar (Sílvia, Renata, Amanda, Helena, Isadora) e entre as gerações passadas e a atual (Gisele, Sílvia, Jordana, Taís). Entremeadas a essas interrogações existe outra, referente ao que se poderia exigir da criança na idade que ela tem atualmente (Sílvia, Anelise, Gisele, Renata, Lara, Jordana). A incerteza e a ansiedade sobre essa questão, que geram uma tolerância reduzida ao paradoxo, podem levar as mães a aferrarem-se a um polo ou outro, ou seja, a uma prorrogação desnecessária da dependência absoluta (Helena, Renata) ou a uma propulsão precoce à independência (Jordana, Gisele) ou, ainda, a oscilarem entre os dois (Sílvia e Amanda). A escolha parece depender da história pessoal da mãe e de suas necessidades emocionais. Enfim, se as progressões e as regressões fazem parte do desenvolvimento emocional da menina até que ela encontre uma posição mais sólida no novo estágio evolutivo, o mesmo parece ser válido para as mães. Desse modo, à medida que a criança muda, a mãe também se modifica (Isadora).

O momento atual de amadurecimento da criança é percebido pelas mães como o de uma preparação para a independência (Renata, Gisele, Lara, Isadora). Trata-se de um tempo de transição (Renata, Helena), em que a mãe também deverá ser preparada para estabelecer uma relação com a filha como duas pessoas autônomas (Helena, Renata, Amanda). Ele inicia com a descoberta de que mãe e filha não se bastam uma para a outra (Helena, Isadora, Amanda). A mãe deve, então, ser capaz de aceitar que perdeu a sua onipotência e a sua posição de ser perfeita para a filha (Isadora, Amanda), o que lhe causa certo mal-estar. Assim, junto com a criança, ela precisa elaborar o próprio narcisismo, que deve ser substituído pelo amor e respeito ao próximo, pela cooperação e pela solidariedade (Isadora). Sentindo-se mais capaz de suportar a própria desilusão, a mãe deve acompanhar a criança e estar ao seu lado

nas decepções que ela fatalmente irá sofrer. Embora indesejada pela mãe, a perda da inocência infantil é inevitável (Isadora, Helena, Renata). Ela deve ser operada pela mãe (Isadora, Renata) como uma medida de proteção contra o seu receio de que o mundo massacre as ilusões da filha ou se aproveite de sua ingenuidade (Isadora, Helena, Renata). A desilusão deve ser feita pouco a pouco e com toda a delicadeza, para que a filha, ao descobrir que o mundo cor-de-rosa é uma lenda, não sinta que foi enganada pela mãe (Isadora). Portanto, a desilusão promovida pelo mundo é uma invasão, uma intromissão malquista na intimidade da díade.

A maior distância entre a mãe e a filha, que vai se estabelecendo nessa etapa, traz à tona o problema de como garantir a continuidade entre ambas na separação (Isadora, Helena, Renata, Sílvia, Amanda). Entre as soluções encontradas para este enigma, a principal é a de operar um esforço extra para encorajar a introjeção dos valores familiares pela menina (Isadora, Gisele, Sílvia, Renata, Taís). Contudo, como o estabelecimento de outros relacionamentos fora da díade é obrigatório e imprescindível, ele expõe a criança a todo um novo campo de introjeções, o que preocupa a mãe. Por um lado, ele é desejado e visto como necessário, já que coopera para que a criança desenvolva os meios para sobreviver em um mundo em constante transformação e que, por isso mesmo, não é mais idêntico àquele em que a mãe viveu quando criança. É por essa razão que as mães se preocupam com a capacidade produtiva da criança e com as aprendizagens escolares, vistas como uma maneira de fornecer à filha os meios para enfrentar os desafios da realidade exterior (Isadora, Renata, Anelise, Lara). Por outro lado, o estabelecimento dessas novas relações é temido pela mãe, porque as introjeções que elas propõem à filha fogem ao seu controle (Isadora, Sílvia, Helena, Renata). O receio das mães é o de que esses novos relacionamentos e introjeções estraguem os vínculos familiares (Isadora), e que a criança termine por preferir os primeiros aos últimos, recusando o que a mãe lhe ensinou (Isadora). Como consequência, elas temem tornarem-se desnecessárias para suas filhas (Helena, Renata, Isadora, Amanda) ou, pior ainda, serem esquecidas por elas ou substituídas (Sílvia, Isadora, Amanda).

Esses são os motivos pelos quais o alcance da autonomia é tão perturbador para algumas das mães, visto mesmo como um mal necessário capaz de levá-las a estender a dependência absoluta (Helena, Renata). A autonomia é percebida como algo que desune (Helena, Renata) e que é capaz de transformar as pessoas mais íntimas em estranhas (Helena). Para essas mães, a solidez de um vínculo só poderia existir no contexto de uma relação de dependência; com isso, a autonomia é sinônimo de solidão, de decepção e de perda da familiaridade com o mundo (Helena, Renata). Ela é vista por essas mães como desencadeada

pelo ingresso de um terceiro elemento em sua relação com a criança (Helena, Jordana), que profana a sacralidade do vínculo entre mãe e filho (Helena). Como consequência, elas temem a socialização e a curiosidade sexual da filha, porque, além de assinalar a perda da inocência infantil (Helena, Isadora), elas arriscam a exclusividade do vínculo (Helena, Renata). Se essa experiência emocional das mães reflete a dicotomia entre a casa e a rua, descrita por DaMatta (1986) como o único cisma operado pelo povo brasileiro, os relatos das mulheres revelaram que, por outro lado, ela vai além das descrições desse antropólogo. De fato, as mães concebem esses dois universos como distintos e compreendem o lar como um lugar mais doce, terno e flexível do que o mundo extrafamiliar. Contudo, elas não deixam de valorizar as contribuições que o universo fora das fronteiras domésticas proporciona para o desenvolvimento pessoal da criança. Desse modo, embora permaneça um certo antagonismo entre esses dois territórios, a atitude para com o mundo exterior ao lar é antes de ambivalência do que de oposição e repulsão completa.

Se por ciúme ou receio de que o mundo magoe a filha, as mulheres podem ser tentadas a controlar ou restringir as oportunidades de socialização da menina (Helena, Renata)⁵⁷, elas também percebem (às vezes após experiências muito duras) que o feitiço pode virar contra o feiticeiro, ou seja, que o desejo de manter a dependência absoluta pode levar a mãe à solidão mais definitiva (Helena). Se o olhar que a mãe transmite à filha é o de que nada nem ninguém no mundo exterior valem a pena, ao invés de a criança desconfiar do mundo, ela passa a desconfiar da mãe (Helena). Essa constatação, aliada àquela de que não é mais possível recuperar o vínculo anterior com a criança, conduz as mulheres à conclusão de que, para manter a proximidade com a filha, elas devem abdicar da relação de exclusividade com ela (Helena, Isadora, Amanda) e tolerar a sua perda parcial (Helena, Isadora, Amanda). Com isso, ao invés de conservá-la na fortaleza do monopólio afetivo materno, é necessário ensiná-la a se separar. Nessa empreitada, contudo, é essencial que, do mesmo modo que a filha esteja assegurada do amor da mãe, esta esteja assegurada do amor da filha (Sílvia, Alessandra, Isadora). É essa certeza que lhes dá forças para estimular a autonomia da criança (Helena, Jordana, Isadora, Amanda, Anelise, Gisele).

Nesse contexto de preservação da união na separação, o caso de Amanda apresenta uma particularidade interessante. A semelhança física que existe entre ela e a menina fornece uma evidência objetiva sobre a qual a continuidade entre mãe e filha pode se apoiar. Dessa maneira, o luto pela etapa anterior era aliviado por essa similaridade, que levava a mãe a

⁵⁷ Nesses casos as mães desejavam acumular, junto à filha, os papéis de mãe, de amiga e da família extensa, o que gerava uma fadiga intensa da qual elas se queixavam.

brincar que a filha era um duplo de si mesma em outra dimensão temporal. Junto com a identificação sexual da menina, a semelhança física das duas, que aumentava com o tempo, gerava em Amanda a sensação de que quanto mais a filha crescesse, mais se pareceria com ela. Portanto, ao invés de desunir, o desenvolvimento da menina as aproximava e, com isso, a manutenção da continuidade estava garantida. Dessa maneira, ela estava bem mais à vontade que o marido para acolher a autonomia da criança. Não é possível, contudo, ignorar a tendência que Amanda apresentava de superestimar as semelhanças e minimizar as diferenças entre ela e a filha, tanto do ponto de vista da aparência física quanto das características de personalidade. Embora ela e Marina realmente se parecessem fisicamente, havia certo exagero de Amanda quanto a isso. Ainda, as oposições da menina foram sempre descritas como ocorrências raras e insignificantes, ou como oportunidades de aprendizado para a mãe, em uma tentativa de suprimir a sua dimensão conflitiva. Na verdade, Amanda parecia mesmo acreditar na quimera de que seria possível existir entre mãe e filha uma relação isenta de conflitos.

Uma vez que manter a filha no encerramento da relação diádica pode levar à separação completa (Helena) e que a superproteção fragiliza ao invés de resguardar (Isadora), a tarefa das mães nesse momento de dependência relativa é a de determinar o território no qual a criança poderá se mover, estabelecendo fronteiras bem definidas. Essa área configuraria um domínio entre o lar e a rua, um espaço intermediário entre eles, rompendo a relação de exclusão mútua entre essas duas regiões (DaMatta, 1986).

Nessas condições, a imposição de limites teria uma dupla função. A primeira delas é a de preservar, em certo nível, o que sobrou da continuidade anterior entre mãe e filha e entre esta e a família. Dessa maneira, a salvaguarda dos valores e práticas da cultura familiar conservaria a pertinência da filha ao grupo e aliviaria o medo da perda definitiva da aliança emocional sucessória. Nesse sentido, o temor das mães de que o mundo machuque a filha, além de incluir os riscos físicos, as decepções e desenganos que ele pode infligir a ela, também compreende o perigo de fazê-la perder as próprias raízes constitutivas do *Self*. Sem elas a criança tornar-se-ia física e emocionalmente exposta. A maneira de fixar os limites torna-se, então, objeto de cuidadosa ponderação das mães. Por um lado, eles podem ser bastante fluidos e levar a mãe a uma permissividade acentuada, devido à sua sensação incômoda de estar negando algo à filha quando não acolhe a sua oposição. Essa permissividade esteve presente principalmente no caso em que o narcisismo da mãe ainda ocupava um lugar importante no seu vínculo com a filha (Amanda).

No outro extremo, os limites podem ser rigorosos e restritos (Renata, Gisele, Sílvia), principalmente quando a mulher é bastante dependente da opinião da própria mãe (viva ou morta) sobre a sua maneira de educar a filha. Nesses casos a própria mãe foi percebida pela mulher como tendo sido demasiado austera com ela na infância (Gisele, Taís). Existe aqui uma adesão fiel às convicções e aos valores maternos, entre eles o de que as posições de adulto e criança são francamente assimétricas (Gisele, Taís) e que o poder e a razão são prerrogativas do primeiro, o que testemunha a sobrevivência de uma estrutura familiar semipatriarcal nessas famílias (Cândido, 1972) mesmo com as colorações modernas que ela atinge nas camadas médias (Romanelli, 1991). Nesse contexto, a subordinação da filha aos pais (em especial, à mãe) permanece existindo, mesmo quando ela já é adulta.

O superego materno rigoroso da mãe arrisca a expressão da criatividade primária da filha (como também aconteceu com a mulher em sua infância) e a expressão pessoal é desencorajada por seu potencial para despertar conflitos (Taís, Lara). Quando a criança é capaz de se defender, a situação é a de um embate constante com a mãe por meio da oposição a ela (Taís). Todavia, se a menina, por amor à mãe, busca evitar o afrontamento, a resposta à criatividade sufocada pode surgir travestida de sintomas psicossomáticos (Gisele). Em ambos os casos, a falta de flexibilidade da mãe para harmonizar os valores que “herdou” da própria mãe com as necessidades da criança e com as exigências da realidade atual, enfim, para conciliar o arcaico com o moderno (Goldenberg, 2003), fazem com que ela se sinta despreparada para auxiliar a filha a conquistar a autonomia (Taís, Lara).

Esses casos em que educar é sinônimo de colocar limites estreitos e muito bem estabelecidos na criança sustentam-se em uma filosofia materna bastante específica sobre o narcisismo infantil. Seu pressuposto de base é o de que, se o narcisismo da criança na etapa de dependência absoluta deve ser acolhido e respeitado (Gisele, Lara, Jordana), na de dependência relativa ele é intolerável e deve ser suplantado (Gisele, Lara, Jordana). Nesse momento evolutivo em que a criança deve ser preparada para o mundo (Gisele, Renata, Isadora), a continuidade entre o narcisismo dela e a realidade exterior quase não teria lugar (Gisele, Helena, Lara). A desilusão deve ser feita rapidamente e da forma mais completa e precoce possível, para que a criança aprenda a não contar com os demais (Gisele). Ela deve ser instruída desde cedo que de pouco vale expressar suas necessidades no mundo, porque, provavelmente, ninguém a ouvirá (Gisele, Lara, Jordana). O choro e a mágoa devem, então, ser engolidos (Gisele, Lara, Jordana) e a criança deve aprender que só tem a si mesma. Assim, as separações e falhas maternas, as interdições e o veto ao narcisismo infantil efetuados em casa, funcionariam como um processo de imunização da menina contra o que ela encontrará

no duro e cruel mundo real quando terminar de crescer. Em suma, ela deve sofrer agora para sofrer menos mais tarde (Gisele). Nesse contexto, o lar se tornaria um microcosmo do mundo exterior (Gisele, Lara, Jordana, Taís), ao invés de um refúgio dele (Sílvia, Isadora, Anelise, Renata). Nessas situações haveria também uma tendência a impor o ritmo da realidade compartilhada sobre o da realidade subjetiva da filha (Sílvia, Gisele, Lara). O fracasso dessas atitudes, todavia, logo se faz notar pela atitude da criança. A severidade dos limites não tem como resultado a submissão dócil da garotinha (Taís). Ao contrário, a menina pode tornar-se rebelde e mesmo indomável. A energia com que a menina defende suas convicções e exigências desestabiliza a mãe nos casos em que esta se encontra insegura por haver tomado para si a moralidade da própria mãe, sem nenhum trabalho de digestão e assimilação criativa (Taís). No fogo cruzado entre exigências contraditórias, a mãe oscila entre a imposição rígida de limites e o apoio incondicional à filha (Taís). Pouco capaz de sustentar os valores familiares (Taís, Jordana), ela se sente culpada quando a criança os afronta, mas também não consegue ser firme para impedi-la de fazer isso, nem maleável o suficiente para auxiliar a menina a realizar uma apropriação pessoal deles (Taís). O estilo inoculador de imputação de limites empregado por Gisele também revela desde cedo as suas contraindicações: ele provoca um sofrimento na filha que a comove profundamente. Os esforços que a menina empreende para agradar a mãe são malsucedidos: ela simplesmente não consegue acatar as imposições maternas, embora o deseje muito. Ainda, o mundo ameaça perder o sentido para a garotinha, que vive em uma tensão constante. Diante disso, Gisele constata que, ao contrário do que imaginava, o sofrimento não fortalece a filha e que o remédio para a dor da perda das ilusões e do estreito vínculo amoroso anterior não são as pequenas e repetidas experiências de privação, mas a conservação de constantes oportunidades de união (Gisele, Isadora).

Essas situações conduzem as mães a uma autocrítica sobre a maneira como desenvolvem a tarefa de imposição de limites à filha e ao questionamento sobre a experiência que tiveram com suas próprias mães na infância. Elas percebem que a adesão absoluta e incontestável aos valores maternos não faz sentido e não as ajuda na relação com suas filhas. Em outras palavras, a experiência passada não pode ser fielmente transposta para o presente (Gisele, Sílvia, Taís, Jordana, Anelise, Helena), já que nem mesmo elas conseguem sustentar para si os preceitos de boa conduta ensinados por suas mães (Sílvia, Taís). É necessário, então, avaliar o que deve ser guardado do que elas próprias aprenderam com suas mães e o que deve ser modificado (Gisele, Isadora), buscando um estilo educativo pessoal (Gisele, Taís, Jordana). Elas descobrem, assim, que manter a continuidade e a fidelidade para com suas famílias de origem não significa realizar uma reprodução exata do seu passado (Taís). É

por isso que a relação com a filha é uma oportunidade para que a mãe reveja os seus valores (Anelise, Gisele, Sílvia, Taís, Amanda).

Mesmo que as contraposições entre os desejos da filha e o da mãe sejam inevitáveis e, eventualmente, exijam da mãe uma atitude mais firme (Isadora, Sílvia) e até autoritária, as mulheres foram quase unânimes em afirmar que os conflitos devem ser evitados pelo mal-estar que geram (Gisele, Renata, Taís, Lara, Isadora, Amanda, Jordana). Desse modo, a casa é percebida como devendo constituir um lugar amoroso em que a harmonia deve prevalecer sobre as discórdias e a desordem (DaMatta, 1986). Com isso, novas formas para impor os limites devem ser buscadas e, paradoxalmente, uma delas é o estabelecimento de uma relação de cumplicidade com a filha (Amanda, Isadora). Esta relação permitiria, entre outras coisas, uma recuperação parcial da fusão perdida (Amanda, Renata, Isadora, Helena). Essa convivência também possibilita à mãe certo controle sobre as experiências que a criança tem no ambiente extrafamiliar e a neutralização das influências indesejáveis dele sobre a filha (Isadora, Renata). Porém, ela exige da mãe o estabelecimento de uma relação menos assimétrica com a menina, outorgando a ela o direito à voz e a opinar sobre certos assuntos (Isadora, Sílvia). Essa tolerância e respeito à criança, aliadas à plasticidade materna para ajudar ambas a integrar desejo e interdição, impediriam uma oposição mais acintosa por parte da menina (Isadora, Amanda). Em termos sociológicos, essas mães descobririam que a imposição imperiosa da autoridade, característica das famílias patriarcais arcaicas (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003), não é mais suficiente para gerir e controlar a oposição da filha; ao contrário, uma relação mais igualitária garantiria melhores resultados nessa tarefa.

Com o espaço aberto para que os pontos de vista da mãe e da criança sejam expressos em segurança, a prescrição de limites seria realizada sobre as bases da empatia e da indução da responsabilidade, e a obediência seria garantida pela compaixão para com o outro (Isadora). Nessas condições, a interdição pode ser aplicada de modo menos intimidante e mais compatível com a capacidade de assimilação da criança (Sílvia, Isadora). Subjacente a essa forma de proceder, encontra-se o pressuposto de que, como todos precisamos ou precisaremos uns dos outros, a submissão absoluta à vontade de quem quer que seja não faz nenhum sentido (Sílvia).

As narrativas das mães mostraram que elas não são sempre bem sucedidas na tarefa de adaptar os ensinamentos e os valores com que desejam que as filhas se identifiquem às capacidades do *Self* infantil (Gisele, Taís, Jordana). Mesmo assim, as meninas aceitam bem as

introjeções oferecidas por elas e, pouco a pouco, começam a compreender a função dos limites e das proibições (Anelise, Gisele, Renata, Lara, Jordana, Isadora, Amanda).

Essa tarefa de imposição de limites, embora seja bem realizada pela maioria das mães, que reconhece o seu caráter imprescindível para a socialização da criança, não deixa, contudo, de ser executada com certa lástima da parte delas, dada a perda do narcisismo infantil que ela exige. A vida adulta é vista por elas como repleta de restrições e de exigências e caracterizada por demandas e por um ritmo nem sempre compatíveis com os da criança (Sílvia, Lara, Gisele). Com isso, ela requer que a criança realize uma série de concessões (Sílvia, Renata, Helena). A sensação das mães é, então, a de que as chances de a criança ter exatamente aquilo que deseja ou aquilo que cria rareiam cada vez mais à medida que ela cresce. Surge, assim, o desejo de que a filha aproveite mais a infância e não se lance abruptamente na adolescência, seja para usufruir um pouco mais do narcisismo infantil que lhe resta e que a mãe ainda é capaz de acolher (Sílvia, Renata, Helena), seja para proporcionar a esta última uma chance derradeira de reparar a filha por não tê-lo atendido a contento na dependência absoluta (Jordana).

A grande maioria das mães da amostra brasileira revelou em suas narrativas ao CAT-A que, mesmo quando havia alguma dificuldade em sua relação com a criança (Gisele, Helena, Taís), elas eram capazes de cumprir as funções de oferecimento do *holding* e da proteção (Renata, Anelise, Sílvia, Helena, Isadora, Amanda, Amanda, Taís), constituindo-se em um refúgio seguro para a menina nos momentos de necessidade (Renata, Isadora, Helena). Elas eram capazes de acolher a criatividade da criança (Anelise, Isadora, Amanda, Sílvia, Helena, Renata), mesmo se esse acolhimento se tornasse mais reduzido quando do ingresso da filha na etapa da dependência relativa (Gisele). Elas também eram capazes de gratificar e oferecer às filhas as introjeções necessárias ao crescimento (Renata, Anelise, Sílvia, Helena, Isadora, Amanda, Amanda, Taís). Essa constatação se aplica inclusive no caso de Anelise, apesar de seu sentimento de que não havia sido realmente mãe de sua filha no primeiro ano de vida dela, em razão da doença da menina. O bom desenvolvimento emocional de Vitória mostra que, ainda que Anelise duvide, ela conseguiu oferecer à filha boas e suficientes experiências de ilusão. Enfim, na maioria dos casos (Anelise, Amanda, Isadora, Gisele, Helena, Renata, Taís, Sílvia) a mãe mostrava recursos para assimilar a criatividade infantil e ecoá-la, adaptando-se para atender as necessidades da filha, mesmo se essa capacidade não se atualizasse o tempo todo.

Os casos de Lara e de Jordana, contudo, eram menos felizes. Neles, as chances de ocorrência do encontro criativo genuíno entre o narcisismo da criança e a realidade objetiva

representada pela mãe eram bastante reduzidas. Lara e Jordana tinham muita dificuldade para oferecer às suas filhas uma adaptação pessoal, por razões ligadas às suas próprias histórias de vida, mais especificamente às suas experiências com as famílias de origem, que elas reproduziam na maternagem. Para Lara, a criatividade era vista não como um instrumento pessoal de acesso à realidade externa, mas como um obstáculo para a sua inserção nela. A espontaneidade seria, portanto, incompatível com a socialização. Para Lara e Jordana a mulher não teria direito a um narcisismo pessoal, mas apenas o homem. Desse modo, em razão de suas histórias pregressas, elas pareciam ecoar com maior intensidade em suas realidades psíquicas os resquícios da mentalidade patriarcal, que atribui a subordinação como o destino da mulher (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003). Nesse contexto, a criatividade feminina era vista por elas como perigosa (Jordana) e tinha o *status* de um ultraje pessoal (Lara). Por isso, elas eram capazes de acolher o narcisismo dos filhos e respeitar o ritmo pessoal deles, mas não o de suas filhas.

Como o próprio sentimento de continuidade com o mundo não se encontrava solidamente estabelecido, elas não tinham condições de fomentar a continuidade entre si mesmas e suas filhas. Elas também operavam uma dissociação entre o cuidado físico e o afetivo proporcionado à menina, dissociação esta que era fruto de uma atitude de submissão face ao mundo, que gerava nelas um sentimento de futilidade e de decepção. Essa postura de sujeição resignada à realidade exterior era alternada com frequentes rompantes narcísicos em que a mãe, além de impor o próprio ritmo à filha e considerar suas necessidades como prioritárias às da criança, afrontava o cônjuge e desestabilizava o ambiente familiar. Nessas circunstâncias, ela não preservava a criança dos conflitos conjugais nem lhe oferecia um ambiente seguro e estável para se desenvolver. As querelas e disputas entre o casal, mesmo nas ocasiões em que eram provocadas pela mãe, geravam na mulher uma profunda insegurança, dada a fragilidade de um *Self* que não se encontrava solidamente constituído. Diante disso, a criança, percebendo a debilidade e vulnerabilidade da mãe, passava a temer por sua integridade física e buscava proteger a genitora. Para tanto, a menina renunciava à criatividade primária para preservar a mãe e tornava-se a responsável pela manutenção do equilíbrio do lar (Jordana). Essa situação, que testemunha a dificuldade da mãe para oferecer *holding*, impulsionava as meninas a um desenvolvimento precoce (Lara e Jordana descreveram suas filhas como “pequenas mulheres”) e a assumir várias funções parentais, principalmente as maternas. No caso de Jordana, essa assunção incluía a realização de grande parte das tarefas domésticas pela filha, uma vez que a divisão dessas atividades era um dos principais pontos de discórdia entre os pais. Não se tratava, todavia, apenas do problema

detectado pela Sociologia e Antropologia de dificuldades de negociação das tarefas entre o casal, próprias da família moderna (Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003). Nesse sentido, o marido de Jordana partilhava com ela o cuidado de Alice, supervisionando, por exemplo, a execução dos deveres escolares e criticava a esposa pela pouca atenção que ela dedicava à menina, o que ela justificava pelo fato de já se ocupar do outro filho do casal.

Essa inversão de papéis com a filha não passava despercebida para as mães e as desorientava (Jordana). Elas compreendiam que essa dinâmica familiar prejudicava e causava um doloroso sofrimento na criança, mas sentiam-se impotentes para agir de modo diferente. No caso de Lara, a culpa que acompanhava essa constatação fazia com que ela negasse as sérias dificuldades emocionais que a filha apresentava, e que se manifestavam em seu rendimento escolar sofrível e em uma intensa ansiedade; ela traduzia esses sinais como caprichos e falta de esforço da menina. Por sua vez, a culpa experimentada por Jordana a levava a empreender esforços (malsucedidos) para compensar o que ela interpretava como seu pouco amor pela filha. Nesses termos, quando a menina a confrontava a esse respeito, Jordana respondia que a amava mais do que ao irmão por ela ser a primogênita. Todavia, justificativas dessa natureza somente serviam para confirmar a crença da menina de que a mãe não amava ao irmão e a ela da mesma maneira. Ainda, Jordana também delegava a maior parte do cuidado da filha à própria mãe, vista por ela como mais competente para exercer essa responsabilidade.

Em resumo, a experiência da grande maioria das mães componentes desta amostra é a de uma devoção amorosa intensa para com suas filhas (Anelise, Gisele, Helena, Sílvia, Renata, Taís, Isadora, Amanda) e de um sentimento de união firmemente enraizado (Anelise, Sílvia, Helena, Renata, Amanda, Isadora). Na etapa da dependência relativa da díade, a experiência materna é marcada por interrogações a respeito de qual seria a condição da filha nesse momento, além da necessidade de resolver o mistério de guardar a continuidade de existência entre ambas no vínculo mais distante que agora tem lugar. As maneiras que elas encontram para solucionar esse mistério são várias, entre elas, a valorização das semelhanças e minimização das diferenças entre elas e as filhas, o esforço extra para oferecer introjeções para as meninas, o estabelecimento de uma relação de cumplicidade com as filhas, o controle das introjeções proporcionadas pelo meio extrafamiliar, o acolhimento às oposições das crianças, a imposição de limites, a preservação em determinado grau do narcisismo infantil, a adaptação dos valores educativos da família de origem, a realização ou o acompanhamento passo a passo das desilusões que as filhas sofrem ou virão a sofrer. Embora as mães possam oscilar entre eventuais regressões ao estágio anterior e tratar a filha como um bebê ou

impulsioná-la a uma independência que ela ainda não é capaz de assumir, esses movimentos são necessários para que gradualmente elas consigam situar a criança e a si mesmas na realidade do seu momento evolutivo. A conclusão de que a filha não é mais um bebê, mas também não é ainda completamente autônoma (Gisele, Isadora, Amanda, Anelise, Sílvia, Helena, Renata, Taís), sustenta a conduta de vigilância à distância que a mãe deverá operar a partir daí. Desse modo, em situações de tranquilidade a mãe pode afastar-se (Anelise, Isadora), mas diante da ameaça ela volta imediatamente ao *front* (Anelise, Renata). De toda maneira, a mãe deverá estar nos arredores para quando a filha precisar dela (Anelise, Isadora, Amanda, Renata).

A certeza da preservação da continuidade entre mãe e filha é a base da autonomia pessoal segura (Anelise, Isadora). Quando não existe a convicção sobre essa continuidade, porque a mãe, desde o início, não foi capaz de acolher o narcisismo da criança em razão de suas próprias deficiências narcísicas, a independência pode ocorrer de maneira prematura, mas reativa (Lara, Jordana), quando a menina busca compensar as fragilidades maternas. Enfim, nesse processo de transição para a vida em um mundo objetivo que inevitavelmente exigirá da criança a realização de inúmeras concessões, a manutenção da dose certa do narcisismo infantil, também denominado de imaginação, parece ser o segredo de uma existência feliz. Todavia, se a mãe não for também capaz de usufruir das alegrias de uma vida criativa, dificilmente ela poderá conduzir a filha a esse destino.

6.2.3 O papel do marido

Para a maioria das mães brasileiras componentes da amostra o marido foi visto como o detentor da autoridade na família (Gisele, Sílvia, Lara, Jordana, Amanda, Isadora, Taís). Nos casos em que isso não aconteceu, a preponderância nas decisões sobre o lar foi outorgada à mulher (Anelise, Helena, Renata). Anelise e Helena percebiam o homem como mais frágil do que a mulher, podendo, inclusive, necessitar do cuidado dela (Anelise). Todavia, enquanto no caso de Anelise o casal vivia junto há bastante tempo (16 anos), em um vínculo de aparente harmonia, a relação conjugal de Helena era turbulenta, marcada por separações e reconciliações frequentes. Como ela mantinha a guarda da filha nos períodos em que estava separada do cônjuge e como, mesmo quando viviam juntos, o marido frequentemente morava em uma cidade diferente da dela por razões de trabalho, o contato dele com a criança foi sempre bastante irregular. Segundo a narrativa de Helena, somente agora, quando o casal se reconciliou novamente, o marido está começando a se aproximar da filha. Diante da ausência

continua dele no lar, a autoridade foi assumida por ela quase que “naturalmente”. O terceiro caso tratava-se de Renata, cujo arranjo familiar era monoparental e o pai biológico da criança não era muito presente na vida da filha. Nesse sentido, somente na família de Anelise a autoridade era efetivamente feminina, porque nas de Helena e de Renata o arranjo era monoparental ou muito semelhante a ele. A situação de Taís, contudo, merece uma consideração especial. Enquanto sua narrativa insinuava que a autoridade da família era o marido, a de sua filha sugeria que esse papel cabia à mãe. Todavia, o relato da criança também indicava que a imposição da autoridade pela mãe não acontecia todo o tempo; aparentemente o pai se impunha mais e, em algumas situações, após sentir-se muito provocada por ele e mesmo oprimida, a mãe reagia de modo violento e, com isso, amedrontava o marido e a filha, que se curvavam à vontade dela.

O marido pode ser visto como uma figura de autoridade benigna (Sílvia, Isadora, Amanda), cujos valores são compartilhados pela mulher (Sílvia). Em certos casos, ele é até mesmo capaz de ajudá-la na tarefa de conciliar o mundo subjetivo e o compartilhado dela própria e o da filha (Sílvia). Ele também pode compensar as falhas maternas e oferecer à filha o *holding* que a mãe não consegue fornecer (Jordana). Todavia, os conflitos conjugais não deixam de existir (Gisele, Helena, Lara, Jordana), principalmente nos casos em que o marido assume uma atitude que magoa a mulher por ser, do ponto de vista dela, demasiado despótica, rigorosa e intransigente (Lara, Jordana, Gisele). Como resultado, o vínculo com ele se torna ambivalente e pouco satisfatório (Helena, Jordana, Lara).

Nesses termos, embora as narrativas das mães brasileiras tenham demonstrando a hegemonia do modelo patriarcal, mesmo em famílias de camadas médias e residentes em regiões urbanas e de médio porte (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003), elas também revelaram que, no cotidiano de seus lares, essa autoridade masculina parece ir apenas até certo ponto. Assim, quando ela ultrapassa um determinado limite, a mulher é capaz de se rebelar e de enfrentar o homem.

O marido também pode assumir uma posição mais distante da organização do cotidiano familiar, independente de viver um relacionamento apazível com a esposa (Amanda, Jordana). Contudo, nem por isso ele perde a sua posição de poder na família. A constatação pela mulher de que no lar é ela quem se ocupa de tudo ou quase tudo e de que o homem é mais frágil que ela em determinados aspectos, principalmente nos que se referem à condução da vida prática (Lara, Amanda, Anelise, Helena), leva-as a questionar a suposta supremacia masculina (Lara, Amanda) e a própria atitude de submissão (Lara). Essas indagações podem ocasionalmente gerar na mulher um sentimento de solidão e de estar sendo

injustiçada face ao marido (Amanda, Lara, Jordana). Mesmo que esta condição possa intensificar ainda mais as disputas conjugais (Jordana), a mulher segue aceitando a autoridade do homem. Ela pode, inclusive, buscar abrandá-lo nas situações em que ele se desentende com a filha, no intuito de manter o lar como um ambiente agradável (Isadora, Amanda), e consolá-lo do luto pela perda da infância anterior da filha que ele também sofre (Amanda). Nesse sentido, os valores familiares modernos relativos a uma distribuição de poder mais igualitária no seio da família (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003) parecem, para essas mulheres, terem sido assimilados apenas parcialmente e somente por parte delas, mas não do homem. Diante disso, a colocação em prática desse ideal parece estar longe de se constituir em uma realidade.

As situações de Helena e de Renata merecem uma consideração à parte. Esta última nutria um relacionamento bem diferente com o pai biológico de sua filha e com o atual namorado que, episodicamente, desempenhava as funções paternas junto à menina. O vínculo de Renata com o pai biológico de Abigail era bastante semelhante ao de Helena com o seu marido. Nesses casos, o espaço de participação do pai na vida da criança era muito reduzido pela mãe. Elas deliberadamente buscavam afastar o genitor da filha o máximo possível, porque ele era visto por elas como capaz de expor a criança a decepções, em função de sua instabilidade e irresponsabilidade. Para elas, o pai de suas filhas nada mais era do que o representante de um mundo enganoso e frustrante.

Diante disso, Renata experimentava uma certa culpa por não haver dado à sua filha um pai melhor. Ela se tornava também ambivalente diante do pai da menina porque, ao mesmo tempo em que desejava afastá-lo da criança, também temia que esse distanciamento prejudicasse a menina de algum modo, por exemplo, intensificando a rebeldia dela. A chegada do novo namorado em sua vida foi muito bem acolhida nesse aspecto. Ele fez com que ela se sentisse menos solitária e menos sobrecarregada, o que lhe permitiu usufruir mais da maternidade. Todavia, para ela, a situação do companheiro frente à filha permanece ambígua: ele está no lugar do pai biológico, mas não tem os mesmos direitos nem as mesmas responsabilidades que ele. Desse modo, ele não pode ser mais do que um pai em miniatura da menina, um “papito”, como ela o chama. A narrativa da criança, contudo, mostra que a figura paterna encontra-se solidamente constituída em sua realidade psíquica, sugerindo a possibilidade de que seja o avô, com quem ela vive, o seu principal modelo masculino.

Por sua vez, as preocupações sobre os efeitos da distância paterna sobre a criança parecem passar longe de Helena. Para ela, o pai era um outro qualquer na vida da filha. Ela praticamente o despojava de sua posição de pai e o transformava em um “não familiar”. Ela

parecia acreditar que poderia exercer as duas funções, ser mãe e pai de sua filha (e amiga, e avó e tia...) e, com isso, a criança não precisaria dele. Essa situação se desenrolava com a convivência do pai que, aparentemente, não se esforçava muito para se aproximar da filha.

Em resumo, o relacionamento das mães com os pais de suas filhas, embora seja de cooperação, é também marcado por conflitos importantes. O homem é quase sempre a autoridade da casa, mesmo que a mulher perceba a pouca habilidade dele para organizar o cotidiano doméstico e os cuidados dos filhos, e mesmo que ele passe a maior parte do tempo distante da família. Suas fragilidades, contudo, não passam despercebidas para a esposa, que questiona a “superioridade” dele; porém, ela prossegue acatando a sua autoridade. No único caso de arranjo monoparental, a mãe exibiu uma ambivalência importante face ao pai biológico de sua filha, que a impedia de incluí-lo de fato na vida da menina e também de permitir que outro homem assumisse o seu lugar. Enfim, mesmo sendo capazes de questionar a autoridade masculina, por constatarem as deficiências do homem e as virtudes delas próprias, as mulheres pareceram não se sentir muito à vontade para assumir uma posição mais igualitária no lar. Em suma, salvo poucas exceções, a estrutura familiar das díades brasileiras estudadas segue sendo patriarcal (Cândido, 1972; Romanelli, 1991), embora isso não impeça que eventualmente a mulher afronte direta e abertamente o marido, quando percebe que ele abusa do poder.

6.2.4 A maternidade de outro filho

O significado de oferecer um irmão ou irmã à menina praticamente não foi explorado pelas mães que, com relação a esse assunto, restringiram-se a discorrer, embora de modo sumário, sobre as diferenças de seus relacionamentos com suas crianças. Como já descrito anteriormente, com exceção das duas filhas únicas (Ana Clara e Abigail), todas as outras meninas tinham apenas um irmão, todos eles do sexo masculino. Esses irmãos eram mais velhos que elas nos casos de Anelise, Sílvia, Taís, Amanda e Helena, e mais novos nos casos de Gisele e Jordana. Quanto à Lara, os filhos formavam um casal de gêmeos.

Amanda e Renata, que tinham apenas uma filha, expressaram o seu desejo por mais uma criança e sua renúncia, pelo menos temporária, a essa ideia. A chegada de outra criança teria o sentido de atender a um pedido da filha e oferecer-lhe companhia (Renata, Amanda), além de garantir a continuidade da família (Renata). Para Amanda, esse desejo estava sendo impedido por sua rotina de trabalho, que era muito carregada. Por sua vez, Renata considerava que a chegada de outra criança na família obriga o filho mais velho a dividir a mãe com ela e,

assim, perdê-la um pouco. Essas ponderações de Renata sobre a capacidade da filha para dividi-la com outra criança eram subsidiadas por sua experiência infantil de disputar o afeto dos pais com os irmãos. Além disso, ela também exprimia pelo avesso as dúvidas sobre a própria capacidade de dividir-se igualmente no cuidado de duas crianças, com o seu temor de perder a exclusividade da relação com a filha. Ela estava ainda enredada nessa situação, avaliando as suas vantagens e desvantagens, visto que a figura do irmão permitiria à filha limitar o próprio narcisismo. No entanto, em função da complexidade das tarefas da maternidade, ela preferia abrir mão de realizar tal vontade nesse momento. Por sua vez, Isadora, também mãe de uma única filha, não exprimiu o desejo por outra criança.

Essas reflexões de Renata sobre as dificuldades para ser igualmente próxima de dois (ou mais) filhos foram confirmadas pelas outras mães que tinham mais de uma criança. Nenhuma delas considerou que o relacionamento que tinham com um filho era semelhante ao que tinham com o outro. Anelise, em função da enfermidade de sua filha, descreveu-se como tendo sido muito menos exigente com ela do que com o filho mais velho. Ela desejava, contudo, ser para Vitória a mesma mãe que havia sido para seu filho quando ele tinha a idade dela. Ela esperava apenas um aval médico (ou psicológico), atestando a normalidade da filha, para poder fazer isso.

Sobre as outras mães, Lara, Jordana e Gisele referiram ser mais próximas de seus filhos do sexo masculino do que de suas filhas. Por outro lado, Sílvia, Taís, Anelise e Helena descreveram tecer uma relação mais estreita com suas filhas. Como, com exceção de Lara, as alianças mais íntimas que a mãe estabelecia eram sempre com a criança mais nova, possivelmente é esse o fator principal levado em conta por elas, ao invés da afinidade em si ou do sexo da criança. Proximidade, para elas, seria então sinônimo de necessidade de proteção. Lara é exceção a essa regularidade, pela razão já descrita anteriormente, de assumir uma concepção de sua família de origem, de que apenas os homens teriam direito à expressão e ao atendimento de seu narcisismo.

Mais uma vez o caso de Helena merece um comentário à parte. Ela afirma claramente que é uma mãe mais exigente e superprotetora para sua filha do que foi para seu filho. Antes de uma questão de afinidade ou de idade da criança, essa proximidade carrega o sentido de uma reparação que ela busca fazer com a filha da experiência que viveu com o filho mais velho, agora já adulto, e que não foi bem-sucedida. Segundo ela, o rapaz não soube reconhecer a sua devoção para com ele e a trocou por uma mulher de reputação duvidosa com a qual foi viver (a namorada). Hoje, o vínculo entre os dois é bastante precário, quase inexistente. Sentindo-se abandonada e injustiçada pelo filho mais velho, ela quer ter uma

experiência com Juliana que seja totalmente diferente da que teve com ele. Todavia, o ciúme exacerbado que ela exhibe da filha parece ser exatamente o mesmo que promoveu o distanciamento do filho mais velho.

Em resumo, conceder irmãos à filha apresentou, principalmente, o sentido de oferecer uma companhia a ela para confortá-la, além de um asseguramento da continuidade familiar. Ter mais um filho é uma decisão tomada após cuidadosas ponderações pelas mães, já que isso implicaria na perda da exclusividade do seu vínculo com a criança mais velha. Nos casos em que a nova criança chega, a tendência da mãe é a de estabelecer uma maior proximidade afetiva com ela, salvo nos casos em que há importantes valores da cultura familiar em jogo, sobre as diferenças de vínculo a estabelecer com o filho segundo o sexo. Ainda, a entrada de uma nova criança na família pode levar a mãe a efetuar um raciocínio por comparação e concluir que a criança mais velha é capaz de uma autonomia maior do que ela realmente pode assumir (Gisele, Jordana).

6.2.5 A relação com a família extensa

6.2.5.1 A família de origem

Com exceção de Helena, todas as mães conceberam o relacionamento com sua família de origem como bastante positivo e enriquecedor. A casa dos pais é considerada como um abrigo seguro contra um mundo que é, por vezes, impiedoso e atroz (Renata). Nela, a mulher pode receber carinho e amparo (Renata, Anelise, Jordana), acolhimento e compreensão (Anelise, Renata).

A solidez da união da família de origem foi sublinhada (Gisele, Anelise, Renata, Jordana) e considerada essencial pela mulher para o próprio desenvolvimento emocional (Renata). Em função de sua firmeza, a aliança familiar não é abalada pela autonomia dos indivíduos (Anelise, Renata), tornando-se, ao contrário, condição para ela.

Em razão de sua união segura e do ambiente de tranquilidade que oferece, a família de origem auxilia a mulher a usufruir dos prazeres da maternidade (Renata) e a sustenta nas situações em que ela precisa defender a filha de alguma ameaça (Anelise). Isso não significa, todavia, que o relacionamento com os próprios pais seja isento de conflitos: os desentendimentos existem, mas não ameaçam a estabilidade da união (Anelise). Essa congregação familiar pode também ser garantida pela condução firme de um patriarca ou uma matriarca (Anelise) que, constituindo-se na figura de autoridade da família extensa, zela pela preservação dos costumes e valores preconizados pela cultura familiar.

A família de origem oferece à mulher a oportunidade para, diante de situações de crise, poder voltar para os braços dos pais e lá encontrar conforto, possibilidade esta que a assegura como mãe (Renata, Anelise). Essas regressões podem deixar de serem eventuais para tornarem-se mais sistemáticas nos casos em que a mulher suportou mal o distanciamento dos pais à medida que ela própria conquistava a autonomia na infância (Renata), na adolescência (Renata, Jordana) ou na idade adulta (Helena).

Quando a família de origem é capaz de acolher tais regressões, a mulher pode estar tranquila para retomar e reviver o próprio desenvolvimento junto com o da filha e evoluir a partir de onde permaneceu sitiada (Renata). Por outro lado, nos casos em que a família de origem não se sente em condições de aceitar essa volta à infância da mulher ou não deseja fazê-lo, a sensação de pertinência dela à família fica abalada. Sentindo que o vínculo seguro que tinha com os pais na infância não existe mais, ela permanece enredada nesse luto e pode compensar a distância afetiva que vive agora com eles por uma prorrogação indevida da dependência da própria filha (Helena).

Nesse sentido, embora a família brasileira tenha caminhado do grupo extenso rumo ao conjugal (Cândido, 1972), sendo essa maior nuclearização uma característica das camadas médias (Fonseca, 2005), os relatos das mães mostram que esse processo não ocorreu de forma definitiva, mas apenas até certo ponto. Assim, mesmo que a coabitação entre os parentes seja mais uma exceção do que uma regra, as mulheres revelaram que podem contar com seus pais nos momentos em que deles precisam. Portanto, o afastamento geográfico do núcleo conjugal não parece ter sido acompanhado de um enfraquecimento dos laços de parentesco e de solidariedade familiar (Cândido, 1972), pelo menos no que tange aos ascendentes diretos. Ao contrário, a manutenção firme dessa aliança emocional com a família de origem cria, para a mulher, melhores condições para manter o núcleo constituído por ela, pelo marido e pelos filhos. Essa união é facilitada quando existe uma autoridade (geralmente masculina) que preserva a cultura da família extensa, mas a sua ausência não parece diminuir a intensidade do vínculo afetivo entre o casal e os próprios pais.

6.2.5.2 A relação com a própria mãe

O relacionamento com a mãe é percebido pelas mulheres como repercutindo direta e intensamente na experiência com sua filha (Gisele, Taís, Lara, Sílvia), em função da forte identificação delas com a própria genitora (Renata, Sílvia, Anelise, Gisele, Taís, Lara, Jordana, Isadora). Essa identificação, contudo, ocorre lado a lado com uma dependência afetiva importante da mãe real (Renata, Sílvia, Helena, Taís) ou morta e internalizada

(Gisele), que se expressa principalmente na subordinação da mulher aos valores e formas de proceder da genitora. Essa submissão à própria mãe se apresenta de maneira mais explícita, mas não única, na tarefa de imposição de limites à oposição da criança e de construção de sua moralidade.

Nesse sentido, as mulheres buscam, em sua relação com as filhas, preservar e reproduzir os valores sustentados por suas próprias mães (Gisele, Taís, Isadora, Renata), bem como a maneira de infundi-los. Nessa empreitada, elas desejam educar suas filhas de maneira a agradarem as próprias mães e serem aprovadas por elas (Gisele, Taís, Lara). A sensação da mulher é a de que a mãe vigia e avalia sua conduta para com a criança (Gisele, Taís, Lara). Com isso, elas desejam mostrar que são boas filhas (Gisele, Lara, Isadora, Taís) e, sobretudo, que valorizam aquilo que a mãe lhes ofereceu (Gisele, Taís, Isadora). Mesmo nos casos em que a mulher consegue perceber que a mãe apresentava deficiências importantes, como ser demasiado autoritária e mesmo intimidadora (Taís, Gisele), nem sempre é fácil liberar-se dessas “imitações”, que parecem quase obrigatórias. Seu sentimento é o de que se elas alterarem sua forma de agir com a filha, de modo a torná-la mais pessoal e original, elas estariam sendo desleais e ingratas para com as próprias mães (Gisele, Taís). Assim, mesmo quando são capazes de educar e de se relacionar com suas filhas, de modo a não cometer com as meninas as mesmas falhas que a mãe cometeu com elas, os sentimentos de insegurança e de culpa aparecerão infalivelmente (Gisele, Taís, Sílvia). Viver com a filha algo diferente do que viveram com as próprias mães na infância tem, para algumas mulheres, o sentido de um afrontamento capaz de romper o sentimento de continuidade com sua genitora (Taís, Lara). Com isso, para não magoar a mãe nem perder suas raízes, a mulher pode realizar uma introjeção bruta dos valores dela (Taís, Jordana).

Essa introjeção indigesta dos valores maternos logo revela as suas inadequações. Ela é percebida pelas mães como capaz de extinguir a criatividade e a espontaneidade delas próprias e da filha (Gisele, Taís, Sílvia, Lara, Isadora). Daí a sensação de algumas mulheres de que o rigor excessivo com que suas mães refrearam a sua expressão espontânea e desencorajaram a preservação de suas fantasias foi o responsável pelo seu despreparo para viver na área da transicionalidade e usufruir das experiências vinculadas a ela (Sílvia, Gisele, Helena, Taís, Lara).

Além disso, o acatamento ferrenho a normas e regras de conduta que faziam sentido no passado, nem sempre é compatível com a realidade de um mundo que muda rapidamente e que exige cada vez mais imaginação e flexibilidade das pessoas. A reprodução fiel do que a própria mãe lhe ofereceu provoca o sofrimento da criança (Gisele) ou a oposição acintosa dela

(Taís, Sílvia). Enfim, a mulher descobre, estupefata, que sua experiência como filha não a fundamenta integralmente em sua experiência como mãe (Sílvia, Taís, Lara, Jordana, Gisele). É necessário então criar coragem para escapar do confinamento do plágio materno e enfrentar a culpa e o desamparo. Essa situação pode conduzir em um ou outro caso a uma atitude ambivalente para com a própria mãe, de identificação e de contestação ao mesmo tempo (Jordana). Todavia, o destino mais comum é o despertar das mulheres para a necessidade de realizar uma assimilação pessoal dos valores mais importantes da cultura familiar, que lhes foram transmitidos por suas mães. Dessa maneira, elas poderão adaptá-los de acordo com as necessidades e características das filhas e de acordo com a realidade do mundo atual (Isadora, Amanda, Sílvia, Anelise, Renata). Nessa missão, elas podem mesmo ter a sorte de encontrar no caminho outra figura materna mais maleável e criativa do que a própria mãe, e que será capaz de ajudá-las (Sílvia).

A influência da relação da mulher com a própria mãe em sua experiência materna, contudo, não se restringe à questão dos valores e da construção da moralidade da criança. Com efeito, eventualmente, os valores maternos reproduzidos pela mulher com sua filha são sintomas de uma identificação mais fundamental. No caso de Lara, por exemplo, sua conduta rigorosa e exigente com a filha era sustentada pelo sufocamento da criatividade que ela operava na menina, e que provinha de uma cultura familiar em que as mulheres não tinham direito a um narcisismo próprio. O modo de transmissão desse valor acontecia por meio da identificação dela com uma mãe submissa ao marido; com isso, a mensagem que enviava à filha era a de que ela também deveria ser submissa ao irmão.

No caso de Gisele, o mesmo estancamento da expressão pessoal era fruto de uma experiência com a própria mãe, em que esta pareceu ter-lhe faltado e ignorou os seus gritos de protesto. Assim, a criatividade e a expressão pessoal tornaram-se fúteis para ela. Com isso, acolher a filha nesses momentos era para ela uma crueldade, porque seria dar à menina uma esperança que fatalmente terminaria em desespero.

Uma vez mais o caso de Helena destoa dos outros. Como para ela a mãe tornou-se completamente estranha após a autonomia, ela deixou de ser um objeto de identificação como pessoa e como mãe. A perda da confiança na mãe fez com que esta se tornasse para Helena uma criatura perigosa para os filhos, por sua má influência. Perdidas as suas raízes e seus parâmetros, ela cai em uma completa solidão, somente aliviada por sua filha, de quem, ao contrário de sua mãe, ela reluta muito em se separar.

Em resumo, o relacionamento das mulheres brasileiras com as respectivas mães é reconhecidamente uma influência capital em suas experiências com suas filhas. Existe uma

forte identificação com as próprias genitoras e uma dependência importante delas. As mulheres buscam preservar os valores de suas mães na relação com a criança, como prova de lealdade e gratidão para com elas. Desejam mostrar às mães que são boas filhas e que valorizam o que elas lhes ofereceram. A incompatibilidade entre a reprodução exata do modelo que receberam da mãe e as necessidades da criança e as exigências do mundo atual logo se fazem sentir. A educação que receberam parece ter se tornado demasiado estrita e deve ser flexibilizada; do contrário, ela provoca sofrimento na criança ou exacerba a oposição dela. Com isso, a mulher se vê diante da necessidade de realizar uma assimilação pessoal daquilo que recebeu da mãe. Assim, a criança a auxilia a recuperar um pouco da própria criatividade.

Essas adaptações que as mulheres devem fazer dos valores, normas e regras de conduta da própria genitora no que tange à educação dos filhos vão ao encontro das mudanças pelas quais as famílias brasileiras vêm passando e que ocorrem gradualmente. Essas acomodações parecem situar-se principalmente na questão da posição da mulher em relação ao homem, de menos submissa para mais igualitária, e no abrandamento da hierarquia entre adultos e crianças (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003). As narrativas das mulheres mostram, contudo, que essa passagem nada tem de fácil em função da culpa que elas experimentam por precisarem, de uma certa maneira, repudiar os ensinamentos da mãe que amam. Desse modo, a culpa da mulher e sua fidelidade e preocupação com a própria mãe parecem ser determinantes da velocidade com que essas transições ocorrem.

6.2.5.3 A relação com o próprio pai

A figura do pai foi bem pouco abordada nos relatos das mulheres, em comparação ao espaço que neles foi dedicado à da mãe. A qualidade do vínculo com o genitor somente foi explorada por Renata, referida por Helena e tocada apenas incidentalmente por Anelise, Sílvia e Taís. Nos demais casos, suas características ficaram embutidas naquelas que a mulher atribuiu à família de origem, incluídas na rubrica “meus pais”. Em suma, o próprio pai da mulher foi muito pouco mencionado como uma influência importante na sua experiência materna. Sua importância fica submersa na do casal parental.

Com relação às mulheres que o incluíram como pessoa em si mesma em suas narrativas, a única informação que Sílvia ofereceu a esse respeito foi a de que seu pai já havia falecido. Taís, por sua vez, em um comentário isolado sobre as diferenças do relacionamento entre pais e filhos no passado e no presente, retratou o próprio pai como alguém bastante rigoroso e controlador. Já para Helena, Anelise e Renata, ele foi compreendido como uma

figura, sobretudo, positiva. Ele seria alguém com quem se poderia contar para receber apoio material para si ou para o marido nos momentos de necessidade (Renata, Helena) e para auxiliar nos cuidados da filha (Renata). Essa ajuda é bem saudada pela mulher, mesmo quando o pai é mais conservador e ainda sustente, diferentemente dela, que meninas e meninos devem ser educados de modos distintos (Anelise). Na amostra estudada, essas incompatibilidades foram consideradas como mínimas, insignificantes, nunca passíveis de engendrar desentendimentos entre a mulher e seu pai. Os conflitos com ele não assustam a mulher, dada à confiança que ela tem em sua benevolência e doçura, mesmo quando ele se enfurece (Anelise). Ele também pode se esforçar para proteger a própria esposa, colocando limites nas pessoas que tentam abusar dela; com isso, ele suavizaria o ciúme virtual da filha para com a mãe (Helena), quando esta é explorada por terceiros. Todavia, o sucesso dele nessa tarefa não é garantido, sobretudo quando ele é mais frágil do que a mãe da mulher e submisso a ela (Helena).

Renata foi quem mais se demorou na narração de seu vínculo com o pai. Ela definiu o relacionamento entre eles como marcado por uma proximidade estreita. O pai foi descrito por ela como terno, caloroso, mais compreensivo e tolerante do que a mãe. Ele sabia impor limites com delicadeza e de um modo a se fazer entender pela filha. Ele lhe oferecia proteção e ela era a sua filha preferida. Em suas palavras, ele era um pai “irrepreensível”. Todavia, ela sentia que, com o tempo e com o envelhecimento, o pai estava começando a se distanciar um pouco dela, situação para a qual ela tentava encontrar uma solução.

Vale a pena notar que a atribuição dessas qualidades positivas ao pai ocorreu nas narrativas das mulheres em que a autoridade na própria casa cabia a elas (Helena, Anelise) e no arranjo monoparental (Renata). Neste último caso, em que a mulher vivia com a família de origem, a autoridade da casa parecia ser exercida por sua mãe. A associação entre autoridade feminina e figura paterna benigna não deve, no entanto, ser compreendida literalmente, dada à ausência (ou quase) de menções às características paternas por parte das mulheres cujos lares eram caracterizados pela autoridade masculina. Se a figura do pai esteve incrustada nas descrições sobre as famílias de origem como um todo, como presumimos, ela também seria supostamente benigna para as demais mulheres que não se referiram diretamente a esse genitor.

Essa descrição revela que, diferentemente do que acontece em sua relação com a mãe, a mulher não parece sentir-se em conflito com o pai nas ocasiões em que se vê obrigada a adaptar os valores da família de origem para educar os próprios filhos. Embora essa observação possa remeter ao problema da manutenção de uma clara diferenciação entre o

espaço do homem e o da mulher nas famílias brasileiras (DaMatta, 1986; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003) implicando, assim, que a educação das crianças seria um assunto essencialmente feminino, existe uma questão capital que não pode ser negligenciada: a confiança que a mulher tem na integridade emocional do pai e no afeto que ele nutre por ela. Desse modo, elas parecem concluir que o pai não se sentirá demasiado magoado nem as amará menos se elas se afastarem um pouco dos valores que ele lhes transmitiu para educar suas filhas. Ainda, nos casos em que a principal figura de autoridade da família de origem da mulher é a mãe, essa situação parece contribuir para uma maior cumplicidade entre ela e o pai que fortalece o vínculo entre ambos. Em suma, ele é visto, sobretudo, como um protetor com quem se pode contar.

6.2.5.4 Os outros

A família extensa, incluindo os pais do marido, além de irmãos, tios, primos, cunhados e sobrinhos, foi muito pouco referida pelas mães como apresentando alguma importância na maneira como elas vivem a maternidade. Ela surgiu apenas no relato de Sílvia, Jordana e Helena, mas de maneira bastante pontual nessas duas últimas. No caso de Helena, seus irmãos e irmãs, cunhados, cunhadas e sobrinhos viviam em constante conflito entre si e com ela. Eles ainda criticavam a maneira como ela exercia a maternidade, insistindo que ela sufocava sua filha e não a deixava crescer. Mesmo um pouco ressentida por conta dessas observações, Helena não deixava de perceber que seus familiares tinham uma certa razão. Todavia, ela defendia o seu direito de manter a filha em um vínculo superprotetor, no aguardo de que ela própria estivesse em condições de liberar a criança para o mundo. Jordana, como já foi descrito, buscava na família do marido, especificamente em sua sogra, um modelo de identificação materna mais compatível com suas condições de “mulher moderna”, sem, no entanto, ser bem sucedida nessa empreitada. Por sua vez, Sílvia encontrou no vínculo com sua cunhada uma oportunidade inesperada para aprender a usufruir do relaxamento e do viver criativo, experiência que sua própria mãe teve dificuldade para lhe oferecer quando criança. Com a cunhada, ela encontrava sustentação para trilhar o caminho rumo a uma existência pessoal, capaz de torná-la mais flexível para adaptar-se às necessidades e ao ritmo de sua filha. Em suma, a cunhada lhe permitia ser filha para que ela pudesse ser mãe.

Desse modo, se a família extensa da mulher pode constituir uma eventual fonte de recursos para que ela obtenha o que não conseguiu junto aos próprios pais, os conflitos que nela podem brotar colocam em dúvida a intensidade do nível de solidariedade familiar (Cândido, 1972; Fonseca, 2005) que pode ser encontrado nos parentes colaterais.

6.2.6 O ambiente além da família extensa

O ambiente extrafamiliar foi percebido pelas mães como potencialmente cruel (Renata, Helena, Gisele) e perigoso (Renata, Helena) para si mesmas e para suas filhas. Não existe muita confiança da parte delas de que nele encontrarão conforto, além de um certo descrédito quanto à possibilidade de terem suas necessidades e desejos, bem como os das filhas, atendidos por ele (Helena, Renata, Gisele). Ele é, assim, potencialmente decepcionante, (Renata) e, ocasionalmente, trágico (Renata, Helena). Além de não ajudá-las, ele pode mesmo acusá-las por suas deficiências (Anelise, Lara) e abalar sua confiança em si mesmas como mães (Anelise, Lara). Enfim, para elas, o mundo não é propriamente muito hospitaleiro. Portanto, a relação a estabelecer com ele não deve ser a de uma confiança ingênua em sua benevolência, já que em várias situações ele deve ser afrontado e desafiado em nome do bem-estar da filha. Foi essa conduta de Anelise que permitiu salvar sua filha da morte. Ela acreditou em si mesma e na garotinha quando o mundo inteiro havia desenganado as duas. O mundo não teria o direito de se intrometer o tempo todo na relação da mãe com a filha nem no desempenho das funções maternas (Isadora) porque, muitas vezes, a mãe sabe mais do que os outros (Isadora, Anelise).

Essa percepção da realidade exterior é a responsável pelo temor das mães de liberar a filha passo a passo rumo à independência. O que as alivia é perceber que, apesar de todos esses reveses, o mundo extrafamiliar também é um local onde se pode encontrar ajuda e apoio na complexa e sutil tarefa da educação dos filhos (Lara, Jordana, Isadora, Amanda, Anelise, Gisele, Sílvia, Taís, Renata, Helena). Foi nele que elas puderam encontrar remédio para aliviar as falhas das próprias mães e será nele que seus filhos e filhas poderão se curar (pelo menos de algumas) das deficiências delas mesmas. Enfim, se ele inspira temor (Renata, Isadora), ele também inspira esperança. Dessa maneira, se o ingresso da filha nele é inevitável, é tarefa materna, no estágio da dependência relativa, instruí-la a descobrir e a construir um “modo pessoal de usá-lo”, em que a criatividade ocupe ainda o primeiro plano. É somente nessas condições, em que a existência no mundo objetivo seja farta de imaginação, que é possível assimilar as mágoas que inevitavelmente surgirão e continuar a acreditar que a vida vale a pena.

Esse retrato que as mulheres fazem do mundo fora do lar sustenta, então, apenas parcialmente as observações de DaMatta (1986) e de Almeida (2007) sobre a visão que o brasileiro teria desse universo. Se, de alguma maneira, somos familistas (Almeida, 2007) e consideramos a rua como dura e insensível (DaMatta, 1986), por outro lado nós também a

compreendemos como necessária para sanar as insuficiências do meio familiar e dispomos de criatividade suficiente para construir o mundo exterior às fronteiras domésticas, na medida do possível, à nossa imagem e semelhança, realizando dele uma apropriação pessoal. Desse modo, ele se torna menos estranho e “mais familiar” e, assim, mais confiável quanto às suas condições de oferecer ajuda.

Em síntese, para as mães brasileiras que participaram desta pesquisa, a maternidade é uma experiência que promove a realização pessoal da mulher e faz com que ela descubra em si recursos que ela desconhecia. Ela oferece à mulher a oportunidade de resgatar a própria juventude e se constitui em um local de combate à solidão e em um refúgio seguro contra um mundo que é às vezes implacável. As alegrias que a maternidade traz são, contudo, acompanhadas de apreensões e inseguranças sobre as próprias condições das mulheres para desempenharem as tarefas que lhes são vinculadas. Elas temem não serem boas mães e prejudicarem suas filhas. Existe, da parte delas, um rigor e uma exigência importantes para consigo mesmas e que se dramatizam em uma certa ansiedade de fazer tudo e de fazê-lo bem. Essa atitude para consigo mesmas se atualiza no vínculo com suas filhas e elas podem, eventualmente, tornarem-se exigentes também com as meninas. Existe uma forte identificação com a própria figura materna, e as mulheres desejam mostrar às suas genitoras que são boas mães e que valorizam o que elas lhes ofereceram na infância. Assim, elas podem cair na tentação de repetir fielmente o modelo de relação e de educação que receberam, conduta esta que logo se choca com a oposição da criança ou com o sofrimento dela. Com isso, aquelas mulheres que ainda não o fizeram, passam a realizar todo um trabalho de adaptação dos valores parentais às necessidades de suas filhas e às demandas do mundo atual o que, em termos sociológicos, se traduz pela modificação gradual dos valores arcaicos da família patriarcal rumo aos da família moderna (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003). Nesse trajeto, algumas delas descobrem a felicidade de uma adaptação criativa ao mundo e retomam o próprio processo de amadurecimento emocional.

No período da dependência relativa elas experimentam o luto pela relação de dependência absoluta que ficou para trás, e se interrogam sobre as maneiras como poderiam auxiliar suas filhas a conciliarem o mundo adulto e o infantil, a liberdade e a interdição, o ambiente doméstico e o extrafamiliar, as gerações passadas e a atual. Nesse momento evolutivo, as mães sentem que elas também precisam acompanhar as mudanças das filhas; trata-se, portanto, de um desenvolvimento bilateral. Nesse processo, elas se perguntam como poderiam fazer para guardar a continuidade com a filha após a separação emocional. Para tanto, o estímulo para que a filha realize introjeções no seio da família, o controle dos

aprendizados que ela tem fora do lar e a imposição de limites são expedientes usados para alcançar esse objetivo. Esses mecanismos ainda ajudam a criança a não perder as próprias raízes e, em consequência, a guardar a continuidade do *Self*.

A figura de autoridade da casa foi descrita principalmente como sendo o marido, mesmo nos casos em que a mulher, constatando que ele era mais distante do lar e que ela era quem se ocupava de tudo, questionava esse estado de coisas. Essa situação atesta a sobrevivência e o predomínio da estrutura patriarcal nas famílias brasileiras (Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003), a despeito dos esforços de mudança que parecem ser operados mais por parte da mulher do que do homem. Todavia, o acatamento da autoridade masculina não é absoluto, com a mulher tendo condições de se defender quando a considera demasiado tirânica. Desse modo, mesmo que o homem tenha sido descrito como uma autoridade predominantemente benigna, havia conflitos conjugais, em alguns casos bastante frequentes e que colocavam em risco a integridade do lar.

A família de origem foi percebida pelas mulheres como oferecendo um importante apoio para o exercício da maternidade, com que elas podem contar nos momentos difíceis da vida. Desse modo, embora a grande maioria das mães vivesse em um arranjo nuclear ou recomposto, isso não impedia a manutenção de fortes vínculos de solidariedade familiar (Cândido, 1972), principalmente no que concerne aos ascendentes diretos. Se a figura da mãe em si mesma foi vista como tendo uma influência capital no modo da mulher viver a maternidade, a do pai foi pouco mencionada; nas vezes em que isso aconteceu, as características atribuídas a ele foram principalmente positivas. O mundo exterior à família é visto com desconfiança e temor de que ele possa magoar a menina e não atender suas necessidades. Porém, também existe a esperança de que ele forneça às filhas o que as mães não puderam oferecer e alivie as falhas que elas, como qualquer ser humano, apresentam. Nesse sentido, as mães buscam suavizar a relação de oposição entre a casa e a rua (DaMatta, 1986), transformando-a em um vínculo de cooperação. Foi essa confiança que levou essas mulheres a, generosamente, deixar por algumas horas as tarefas de sua rotina sobrecarregada de trabalho para virem participar da minha pesquisa. A aderência delas ao estudo foi impressionante. Havia mesmo certa avidez para virem falar comigo, e sempre foi possível identificar um toque de esperança no final das entrevistas com elas. Algumas, cujos relacionamentos com as filhas eram mais conturbados, enfrentaram mesmo o medo de serem julgadas por mim para poderem fazer algo em favor de suas filhas. Enfim, mesmo que algumas delas duvidassem, elas mostraram que o amor materno esteve e estava lá, não importa qual fosse a aparência que ele assumia.

6.3 O desenvolvimento do *Self* das meninas brasileiras

Os relatos das crianças confirmaram que todas elas se encontram no estágio de dependência relativa do desenvolvimento emocional, embora em diferentes momentos dele. Luana e Vitória, por exemplo, encontram-se mais próximas do início dessa etapa, enquanto Ana Clara, Marina e Alice começam a ensaiar seus passos rumo à independência. Abigail, Amarílis, Ana Cecília, Juliana e Maria Luísa encontram-se mais ao centro do período, embora esta última não se sinta ainda muito confortavelmente situada nele, por razões próprias ao seu relacionamento com os pais, particularmente com a mãe. Essa garotinha exibe uma ansiedade, uma insegurança e uma falta de confiança em si mesma que extrapolam as incertezas e dúvidas que as outras meninas experimentam diante dos desafios evolutivos que enfrentam no presente.

Maria Luísa não é a única exceção a ter em conta entre as meninas brasileiras que participaram desta investigação. Na verdade, do mesmo modo como aconteceu com as mães, dentre as três amostras de crianças estudadas, a brasileira foi a mais heterogênea. Também da mesma maneira que suas mães, essas meninas foram as que mais comunicaram seus sofrimentos, ávidas que estavam para receber ajuda. Três delas (Maria Luísa, Alice, Ana Cecília) foram posteriormente encaminhadas por mim para atendimento psicoterapêutico; as três aceitaram a indicação. Além delas, Juliana também mereceu atenção especial. Embora ela não apresentasse bloqueios em seu desenvolvimento, os avanços rumo à autonomia que ela fazia eram sempre acompanhados da preocupação de deixar a mãe sozinha, já que esta praticamente não se apegava a ninguém além da filha. Juliana sabia que uma de suas funções na vida de sua mãe era aliviar o luto que esta experimentava pelo filho mais velho que se evadiu do lar, deixando-a mergulhada em uma depressão que apenas a menina era capaz de atenuar. Para Juliana, tornar-se autônoma e ir embora seria repetir o destino de seu irmão, e a reação da mãe a essa nova partida era imprevisível. Por essa razão, em todo o conteúdo do seu relato ao CAT-A, a questão da elaboração do luto (do próprio e do da mãe) ganhou um destaque especial. Ela compreendia que a intolerância e a não aceitação das diferenças é que geravam as separações e as perdas e, a partir do momento em que esta acontecia, era necessário avaliar o que se perdeu, o que ficou, quais eram as chances de recuperação e, diante dessa impossibilidade, entendia que nada mais se poderia fazer além de seguir em frente e viver sem o objeto.

Ana Cecília, por sua vez, precisava se confrontar com uma mãe cuja criatividade, embora existente, era fortemente reprimida em prol de uma necessidade de apegar-se ao mundo externo para atender, de maneira perfeita, as exigências que ele lhe fazia. A mãe também esperava que sua garotinha seguisse o mesmo caminho que ela e renunciasse à espontaneidade e à fantasia infantil que, em sua opinião, somente cabiam na etapa da dependência absoluta. Buscando agradar a mãe, Ana Cecília se esforçava para assumir uma postura independente o mais rapidamente possível. Contudo, a futilidade que o abandono da criatividade engendrava, somada à ansiedade gerada por ver-se sozinha diante de demandas do mundo que ela ainda não era capaz de atender, desencadeava na menina importantes sintomas emocionais (medo de ser abandonada pelo pai) e psicossomáticos (dores de estômago). A mãe, comovida pelo sofrimento da filha, tentava buscar uma maneira diferente de proceder com ela, mas nem sempre era bem-sucedida nesse intento.

Os casos de Maria Luísa e de Alice eram ainda mais sérios. A primeira apresentava comprometimentos importantes na capacidade simbólica, decorrentes de um temor de ser abandonada (ou de abandonar) a mãe. Essa menininha tinha um irmão gêmeo que a amava muito e a protegia. Sua mãe, contudo, era incapaz de se adaptar ao ritmo das duas crianças, que não era o mesmo. Ela acompanhava o garoto e atendia o narcisismo dele, mas não o da filha, cujo ritmo era mais lento. O temor de Maria Luísa era, assim, que a mãe desaparecesse com o irmão e que ela ficasse para trás. Filha de uma mulher (Lara), cuja difícil experiência de vida preconizava que somente os homens teriam direito ao narcisismo, ela dispunha de poucas experiências de *holding* da genitora. Esta, ao contrário, diante das dificuldades da menina, rebaixava-a e rejeitava-a, aumentando ainda mais o medo da criança de ser deixada só. Diante da deficiência de cuidado por parte do ambiente, Maria Luísa desenvolvia-se prematuramente e assumia muitas das tarefas da casa; por outro lado, seu desempenho escolar era péssimo. Esse desenvolvimento precoce e as dificuldades de aprendizagem também faziam parte da realidade de Alice. Conforme relatamos acima, as mães dessas duas crianças retrataram-nas como “pequenas mulheres”. No caso de Alice, havia uma clara inversão de papéis entre ela e a mãe (Jordana). A genitora ainda transformava a menina em sua confidente quando tinha problemas com o cônjuge, contando a ela sobre as suas insatisfações com o marido e, diante das disputas entre os pais, a garotinha assumia a função de intermediadora e de conciliadora do casal⁵⁸. Em razão dessas peculiaridades, na síntese que desenvolvemos a

⁵⁸ Mais tarde, no processo psicoterapêutico dessa criança, eu soube que a mãe havia dito à psicóloga da menina que já considerava Alice como “caminho perdido” (sic) e que, portanto, iria se dedicar apenas ao filho mais

seguir, várias vezes os casos de Maria Luísa e de Alice receberam uma consideração à parte. Isso aconteceu também com Juliana e Ana Cecília, mas de maneira eventual.

Paradoxalmente, a única criança da amostra que viveu o seu primeiro ano de vida de maneira bastante conturbada (Vitória) devido à sua grave enfermidade física, saía-se bastante bem no processo de amadurecimento emocional. Permanecia, ainda, certa superproteção materna e um temor moderado referente à incerteza de já estar completamente segura do risco de morte que a rondava. Havia, entretanto, bastante confiança, tanto da parte da menina quanto da mãe, de que o pior já havia passado e elas se interrogavam se agora poderiam sentir-se completamente aliviadas da ameaça. Enfim, apesar de não constituírem um grupo clínico, da mesma maneira que suas mães, muitas das meninas participantes desta pesquisa exibiram aflições importantes em suas vidas.

6.3.1 Considerações estruturais

Afora os casos de Maria Luísa, Alice e Ana Cecília, todas as outras crianças da amostra brasileira apresentaram uma boa capacidade de expressão do *Self* e, portanto, de usufruir de uma existência criativa no mundo. Ana Cecília também não era desprovida dessa condição; o que acontecia com essa garotinha era que, por seu desejo de agradar a mãe, ela coibia muito a sua espontaneidade. Porém, essa situação desagradava-a profundamente e ela também reivindicava junto à genitora a chance de continuar desfrutando de sua imaginação e de sua criatividade. Enfim, uma solução falso *Self* estava, para ela, fora de cogitação. Para Maria Luísa e Alice, contudo, as chances do viver criativo eram reduzidas consideravelmente, pela precipitação na vida adulta que elas se viam obrigadas a fazer e pela notável dificuldade de suas mães para fazerem eco à criatividade delas.

A capacidade simbólica das meninas brasileiras encontrava-se também razoavelmente bem desenvolvida, salvo para Maria Luísa e, em menor gravidade, para Alice. Em consequência, a habilidade para desfrutar das experiências transicionais também era menor para essas duas crianças. Metade das garotinhas (Ana Clara, Marina, Abigail, Vitória, Luana) mostrou-se em pleno processo de aprendizagem, com a ajuda de suas mães, para realizar as articulações entre as realidades subjetiva e compartilhada e para conciliar os tempos pessoal e cronológico, enfim, para efetuar uma apropriação pessoal do mundo exterior. Amarílis e Ana Cecília, embora não estivessem impossibilitadas de cumprir tais tarefas, experimentavam uma

novos. Aos 11 anos e com o consentimento dos pais, Alice namorava um rapaz de 18, que era quem cuidava dela quando eles não estavam em casa, inclusive passando a noite por lá.

dificuldade adicional, em função do sufocamento da criatividade de suas mães devido à presença de um superego demasiado rigoroso (Ana Cecília) ou de um funcionamento falso *Self* (Amarilis).

A capacidade para a preocupação e para a empatia esteve presente em todas as crianças, que muitas vezes sacrificavam a própria criatividade e os desejos por amor à mãe e em favor da união e estabilidade do lar (Alice). Elas também mostraram haver adquirido a capacidade para estar só, pelo menos por alguns períodos, exceto Maria Luísa. Embora ela já houvesse ultrapassado há muito tempo o vínculo fusional com a mãe, em algumas situações em que ela não sabia onde estava a genitora, essa garotinha ficava em estado de completa desorientação. Essa reação era fruto da incerteza de que a mãe voltaria para buscá-la. Ela temia, assim, perder a mãe para sempre e não poder sobreviver sem ela. O alcance da autonomia se tornava, então, mais difícil, porque a união não estava firmemente assegurada. Por conta disso, Maria Luísa também foi a única criança da amostra cujas capacidades de integração, personalização e realização não estavam ainda bem consolidadas.

No que concerne à evolução pulsional, as meninas se encontravam no período de latência (Ana Clara, Marina, Abigail, Vitória, Ana Cecília, Juliana, Alice, Maria Luísa) ou no final da etapa edípica, caminhando para a latência (Luana, Amarilis). A identificação sexual era francamente feminina, havendo certo orgulho de ser mulher (Marina). Esse contentamento advinha após a elaboração da inveja decorrente da constatação da inferioridade física da mulher diante do homem. Desse modo, como o homem é mais forte que a mulher, esta se vê obrigada a desenvolver recursos mais sofisticados, particularmente os intelectuais, para poder enfrentá-lo (Marina). Com isso, o homem, bastando-se pela força, permaneceria muito mais ligado aos processos primários do que a mulher. Em suma, se o homem é mais forte que a mulher, ela, por força das circunstâncias, era mais inteligente do que ele. Ainda, um pouco mais distante da criança do que a mãe no período anterior do desenvolvimento, o homem era visto como o representante por excelência do crescimento e da autonomia; todavia, se ele era mais independente do que a mulher, era também menos feliz do que ela por não compartilhar do relacionamento de uma maneira tão próxima (Marina, Luana). Assim, a atribuição cultural (mesmo que relativa) do espaço da rua ao homem e da órbita do lar à mulher (DaMatta, 1986) já se encontra presente de alguma forma na experiência dessas crianças, pautando-se na maior proximidade da mãe com elas por ocasião da etapa da dependência absoluta. Mesmo que posteriormente a situação mude e o contato estreito entre mãe e filha não seja mais justificado por razões biológicas, globalmente essa construção social permanece existindo, embora não configure, para as meninas, uma desvantagem.

Em resumo, as meninas componentes da amostra brasileira vivem os desafios do período da dependência relativa, a maioria delas sendo capaz de usufruir de uma boa capacidade de expressão e, portanto, de uma existência criativa. Salvo raras exceções, as capacidades de integração, personalização e realização encontram-se bem alicerçadas, assim como a condição para a empatia e preocupação. Com referência ao desenvolvimento psicosssexual, a etapa edípica já foi ultrapassada ou encontra-se a ponto de o ser. É esse o contexto no qual a experiência delas junto à família será descrita a seguir, guardando-se a devida atenção para as particularidades que a amostra apresentou.

6.3.2 As cores e as dores da dependência relativa

A experiência das meninas brasileiras no estágio da dependência relativa ocorre no quadro de uma relação de amor intenso com suas mães. Estas são capazes de oferecer *holding*, proteção e gratificação para suas filhas (Ana Clara, Marina, Abigail, Luana, Vitória, Ana Cecília), bem como o enquadre de uma rotina (Ana Clara, Ana Cecília, Maria Luísa) que auxilia as crianças a assegurarem um sentimento de continuidade consigo mesmas e com o mundo (Ana Clara). A mãe é considerada pela criança como bastante devotada a ela (Ana Clara, Marina, Abigail, Luana, Juliana, Vitória, Amarilis). A vida familiar é, sobretudo, prazerosa e a união entre os membros é a sua característica principal (Ana Clara, Ana Cecília, Abigail, Marina, Luana), o lar sendo um território amoroso e harmônico (DaMatta, 1986).

No processo de ingresso na dependência relativa, tudo começa quando, após viver uma união fusional com a mãe em que uma era a outra e que os olhos com que uma via o mundo eram os mesmos da outra, a criança subitamente percebe a falibilidade da genitora. Essa constatação atira a menina na perplexidade e na decepção (Marina, Luana). Repentinamente, o que a mãe oferece não apetece mais (Marina). A decorrência necessária e imediata dessa percepção é a de que, se a mãe tem deficiências, a criança as tem igualmente (Marina). Levará tempo para que essa estupefação e essa desilusão sejam aceitas como fato consumado que clama por solução (Ana Clara, Ana Cecília). Nesse ínterim surge o luto pela perda da identidade e pela mãe da infância (Abigail, Ana Cecília, Luana).

A constatação de que é separada da mãe transtorna profundamente a criança. Ela percebe que foi o seu crescimento que a levou a se opor e a se sentir diferente da genitora (Luana). Diante disso, agora ela teme a perda do encontro criativo com a mãe (Marina, Luana, Ana Cecília). A garotinha não compreende como pode tornar-se crítica para com os pais nem como pode desejar deixar o paraíso da vida familiar (Luana). Perceber as deficiências dos pais

a faz sentir-se desenraizada (Luana). Ela nota que a mãe também fica desorientada diante da sua oposição, que marca a diferença entre as duas, e diante da mudança na relação que começa a acontecer (Marina).

Nessas circunstâncias, a menina experimenta um sentimento de quebra de continuidade de existência e uma de suas maiores preocupações será a de restabelecê-la (Abigail, Ana Cecília, Amarílis). Após compreender que já não é mais a mesma, a garotinha se interroga se o amor dos pais por ela se modificou em função disso. Ela receia não mais se reconhecer nem ser reconhecida por eles como a criança que foi e a criança que é (Abigail, Amarílis, Ana Cecília). Seu pior pesadelo é o de que essa virtual amnésia dos pais chegue ao ponto de fazê-la desaparecer da realidade psíquica da mãe (Luana, Maria Luísa). Preocupada com os efeitos do crescimento em si própria, mas também na mãe, ela precisa estar certa de que a afeição materna prossegue sendo a mesma (Abigail).

Assim, existem duas continuidades a assegurar ou a recuperar com urgência, a da própria existência e a do amor dos pais. A menina inicia, então, um trabalho árduo e sofisticado de ponderação sobre a sua nova posição na etapa da dependência relativa, já que não é mais uma criança pequena, mas também não é ainda adulta, e sobre as mudanças que ocorrem e ocorrerão em sua relação com a mãe (Marina, Abigail, Luana, Juliana, Vitória, Ana Cecília). Ela começa a procurar novas bases sobre as quais ela poderia reconstituir o contato íntimo com a genitora (Marina, Juliana).

A conquista da autonomia assusta a criança (Vitória, Maria Luísa, Luana), já que ela é compreendida como ocasionando uma privação do *holding*. Com isso, ela experimenta um sentimento de fragilidade e de desequilíbrio (Vitória, Maria Luísa), visto que suas habilidades ainda são insuficientes para sobreviver, quando comparadas às de um adulto (Marina, Ana Cecília). A perda do eco total ou quase total que a mãe fazia da criatividade da menina desencadeia nesta o temor de que, na dependência relativa, o lugar onde se dava o encontro criativo com a mãe resseque e se torne um deserto (Marina). Por outro lado, a menina tem clareza de que a retomada do relacionamento fusional com a mãe não é uma opção. A percepção da falibilidade própria e da materna mostra o caráter quimérico da relação que elas entretinham anteriormente, além de sua insuficiência para assegurar a sobrevivência no mundo exterior. A menina compreende que a experiência da desilusão é dura, mas necessária. Ela constata que o espelhamento absoluto, as conclusões pelas aparências e o pensamento mágico não têm lugar no mundo real (Marina). Ela compreende também que quem acredita em ilusões se decepcionará cada vez mais consigo próprio e com o mundo exterior (Marina).

Diante disso, o amadurecimento é visto pela criança de maneira ambivalente, uma vez que, para ela, ele implicaria na perda da capacidade expressiva do *Self* e na renúncia completa à fantasia e ao narcisismo (Luana, Ana Cecília). Enfim, o mundo adulto é visto como desinteressante e tedioso, caracterizado por uma assepsia afetiva e por uma praticidade estéril (Luana, Ana Cecília). Nele não cabem a criatividade e a espontaneidade (Luana, Ana Cecília, Alice), que são permitidas apenas à criança pequena ou, no caso, ao irmão (Ana Cecília, Maria Luísa, Alice). Com isso, crescer significa ter a infância roubada e usurpada (Ana Cecília, Alice). Surge, assim, o desejo de manter-se criança pelo máximo possível de tempo, pois é na infância que moram a felicidade, a união amorosa e o brinquedo (Luana).

Logo, a menina precisa garantir que poderá continuar a desfrutar de uma existência criativa e pessoal no mundo em seu novo estágio evolutivo (Luana, Amarílis, Alice, Ana Cecília). Para tanto, ela necessita que a mãe lhe mostre que a vida adulta é uma continuidade da vida infantil (Luana) e que a conduza no espaço da transicionalidade (Luana, Ana Cecília, Maria Luísa, Alice). Todavia, nem sempre a genitora é capaz de desempenhar essa tarefa, seja porque ela impulsiona a criança prematuramente à autonomia (Ana Cecília, Alice), seja porque ela própria tem dificuldades para usufruir de uma existência criativa no mundo (Amarílis, Juliana, Alice, Luana). Nesse último caso, além de não contar com esse auxílio, a criança é obrigada a alterar “a ordem natural das coisas” e a ajudar, ela mesma, o adulto a recuperar a criatividade e a capacidade para brincar e a sonhar (Luana, Amarílis). Principalmente nos casos em que opera na mãe um funcionamento falso *Self* (Amarílis), é a criança que termina por lhe mostrar que o antídoto para o sentimento de futilidade é a criatividade infinita (Luana).

Nessa tarefa de recuperação da continuidade rompida, a menina, transplantada do colo da mãe, mas replantada no mesmo jardim que ela, busca reencontrar suas raízes. Se ela agora é um ser separado (Ana Clara, Marina, Luana, Vitória, Juliana, Maria Luísa, Alice, Abigail, Amarílis, Ana Cecília) e não pode mais *ser a mãe*, ela então tentará *ser como a mãe*, *ser a filha de sua mãe* (Marina, Ana Clara, Vitória) e, por isso, sua semelhante. Se a relação de inclusão não se aplica mais, ela deve ser substituída pela de contiguidade (Vitória, Ana Clara, Marina). A união deve ser recuperada por meios simbólicos e, nesse contexto, a identificação primária deve ser substituída pela secundária (Marina, Ana Cecília, Juliana). É o robustecimento das identificações secundárias que preencherá o vazio que existe agora entre o corpo e a mente das duas (Marina), e que foi percebido graças à conquista das capacidades para a integração, personalização e realização. São essas mesmas capacidades que auxiliarão a criança a situar-se e a gerir as mudanças na sua nova etapa evolutiva (Ana Clara, Marina),

visto que elas permitirão o desenvolvimento da simbolização, assunto que trataremos mais adiante.

Esse movimento de intensificação das identificações da menina deve ser acompanhado pelo gesto simétrico da mãe. Se é necessário à criança ampliar as introjeções que faz, é igualmente essencial que a mãe lhe ofereça mais introjeções a serem feitas (Marina, Ana Clara, Abigail, Luana, Vitória, Ana Cecília, Juliana). Ciente de que a criança também realizará introjeções advindas do mundo extrafamiliar, é também tarefa materna selecionar, supervisionar e controlar as introjeções que devem ser acolhidas e mantidas e as que devem ser excluídas e rejeitadas (Ana Clara, Juliana). É por meio desse oferecimento e controle das introjeções que a mãe poderá auxiliar a menina a reencontrar suas raízes e recuperar pouco a pouco a continuidade de existência. Isso acontece porque, colocando limites na influência do mundo sobre a filha, ela não permite que a menina se afaste demais daquilo que ambas construíram juntas. Dessa maneira, ela preserva a continuidade da criança com o seu passado e assegura o sentimento de pertinência; com isso, ela garante à filha que ela não se perderá, nem da família nem de si mesma. Para tanto, é necessário que o olhar que a mãe lança sobre a filha seja o de reconhecimento, na menina que ela é hoje, do bebê que ela foi no passado.

Nesses termos, a existência de um irmão, a despeito de toda a rivalidade que ela pode desencadear (Ana Cecília), é percebida pela criança como uma ajuda importante para sustentar esse processo. Primeiramente, a presença de um irmão aplacaria a preocupação da criança sobre deixar a mãe só e sem o bebê que ela era, principalmente nos casos em que a genitora tende a estender a dependência absoluta (Abigail, Juliana). Um novo bebê na casa confortaria a mãe e, assim, liberaria a menina para a autonomia. Em segundo lugar, o irmão oferece à menina um apoio concreto para exercitar a tarefa de integração do seu passado e do seu presente. Nele, a menina pode reconhecer a criança que foi anteriormente e contrapô-la à criança que é agora. Ainda, mesmo nos casos em que não se trata de um irmão (real ou virtual) mais jovem (Maria Luísa), a presença dele ofereceria um espelhamento para a menina. Ele se constituiria, assim, em uma espécie de duplo de si mesma que, também separado da mãe, viveria as mesmas angústias que a menina e a auxiliaria a compreender sua situação atual (Juliana, Maria Luísa). Enfim, a figura fraterna facilitaria para a criança trabalhar a dialética da semelhança na diferença (Abigail, Juliana, Ana Cecília, Maria Luísa).

O fortalecimento das introjeções necessárias à identificação permite que a continuidade física entre mãe e filha no estágio da dependência absoluta sobreviva sob a forma de consanguinidade (Marina). A indiferenciação logo cede o seu lugar à pertinência

(Ana Clara, Vitória, Juliana) e o mundo deixa de ser o colo da mãe para tornar-se a tradição familiar (Ana Clara, Vitória).

Esse processo, todavia, não é nada evidente. Ele exige da mãe e da filha o manejo da oposição que surge quando esta, buscando definir e ampliar os contornos de seu *Self*, reage de maneira não condizente com a cultura e os valores familiares (Abigail, Marina, Ana Clara, Luana, Amarílis, Ana Cecília). A oposição enfatiza as diferenças entre a mãe e a filha e a resolução ou conciliação delas é tarefa custosa (Abigail, Alice), principalmente quando o pai entra em jogo e se torna necessário negociar os desejos da tríade para manter a união familiar (Abigail, Alice). Se mãe e filha não compactuam com os mesmos pontos de vista, a oposição da criança, em geral, é neutralizada pelo seu apego amoroso à mãe (Ana Clara, Ana Cecília, Alice). Ela desiste de afrontar a genitora para não magoá-la e para protegê-la. Quando isso não é possível, nas melhores situações a mãe consegue acolher o antagonismo da filha no seio da família, e manejá-lo por meio do “faz de conta”, do “como se” (Ana Clara). Nesses casos os limites são impostos pela empatia e pela indução do sentimento de culpa (Abigail, Ana Clara, Mariana). A criança percebe, contudo, que, por mais flexível e indulgente que seja a mãe, é o desejo do adulto que prevalece sobre o da criança (Abigail, Maria Luísa, Amarílis, Ana Cecília). Porém, o que parece ser mais importante para ela não é quem vence a disputa, mas saber que continuará sendo amada pela mãe mesmo quando se opõe a ela (Abigail).

Existem, contudo, casos menos felizes que esses, quando a agressividade criadora não é amortecida pelo *holding* materno (Amarílis, Ana Cecília, Juliana). Neles, a mãe é vista como demasiado frágil para sobreviver aos arroubos agressivos da filha (Amarílis, Juliana). Com isso, ela se torna excessivamente colérica diante dos afrontamentos da menina (Amarílis) e a pune com uma severidade exagerada, incompatível com a falta cometida (Amarílis, Ana Cecília). Mesmo simbolizada, a agressividade da criança não é bem acolhida pela mãe (Amarílis, Ana Cecília), seja porque a capacidade simbólica da genitora é reduzida (Amarílis, Juliana), seja porque os espaços entre o objeto primário e o símbolo são sempre considerados por ela como estreitos demais; com isso, por mais distante que o segundo esteja do primeiro, ele sempre o relembra de perto (Ana Cecília). Nesse último caso, a criança se vê obrigada a realizar simbolização sobre simbolização, a justapor símbolo sobre símbolo para poder expressar-se, inflando a capacidade para o “faz de conta” a fim de preservar a mãe. Esse “abuso simbólico”, além de gerar na menina uma sensação de artificialidade (Amarílis, Ana Cecília), é sempre malsucedido em seus intentos, porque a mãe segue considerando a simbolização como uma trapaça (Amarílis, Ana Cecília). A expressão espontânea é, então, exemplarmente punida (Amarílis, Ana Cecília, Alice) e a criança permanece exposta a

microprivações (Amarílis, Alice, Maria Luísa). A menina se vê, dessa maneira, diante do conflito entre preservar a expressão espontânea ou preservar a mãe (Amarílis, Ana Cecília, Alice, Juliana). Em face dessa deficiência do *holding* materno (Amarílis, Juliana, Maria Luísa, Alice), ele é procurado pela criança no meio externo, particularmente na figura dos avós (Maria Luísa, Amarílis, Alice) ou no relacionamento com os pais, especialmente na figura real ou virtual de um irmão (Juliana, Maria Luísa). O conflito aberto com a mãe não é sustentado pela criança, porque ela compreende que o rigor excessivo da genitora é consequência das dificuldades emocionais dela (Amarílis, Juliana, Alice). Percebendo que a criatividade da mãe é sufocada por um superego descomedido (Amarílis, Ana Cecília, Alice), por amor, gratidão e solidariedade à genitora, a menina, ao invés de afrontá-la, tenta auxiliá-la a recobrar a capacidade criativa e a se reconectar com seu verdadeiro *Self* (Amarílis). Como o amadurecimento da criança sofre atrasos devido às dificuldades da mãe, se a continuidade de existência desta for restabelecida, a menina também poderá seguir em frente (Amarílis).

No caso de Vitória, sua oposição para com a mãe também tinha pouco lugar, mas por razões diferentes. A grave patologia que essa garotinha apresentou obrigou sua mãe a estender o tempo da preocupação materna primária. Ela também foi responsável pelo desenvolvimento, pela menina, de uma imagem de si como alguém frágil e vulnerável, identificada mesmo como uma criança mais jovem do que era de fato. Nessas condições, Vitória precisava trilhar caminhos já conhecidos, pois a impulsividade e a espontaneidade poderiam ser fatais. Portanto, ela aceitava com doçura e compreendia bem a superproteção de sua mãe. Perceber-se separada da mãe foi inicialmente um choque para Vitória, que foi abrandado aos poucos por sua compreensão de que, se não recebia mais o amparo total da mãe, o que recebia agora era suficiente. Desse modo, ela poderia aventurar-se no mundo exterior ao colo da mãe, desde que esse mundo tivesse limites claramente circunscritos pela genitora.

Similarmente a Vitória, Juliana se defrontava também com o problema da superproteção materna, não por conta de uma patologia própria, mas da genitora (depressão). As duas meninas percebiam que a superproteção de suas mães as assegurava, mas também as aprisionava e roubava-lhes a privacidade. Como as outras garotinhas, então, elas desejavam inserir-se no mundo, mas ainda dentro dos limites estabelecidos pela mãe e sob o olhar vigilante dela, que as supervisiona à distância (Luana, Marina, Ana Cecília, Maria Luísa). Para as meninas, esse enquadre materno deveria respeitar suas condições atuais, sem exigências de independência que extrapolem suas capacidades, nem a humilhação de serem tratadas como um bebê (Ana Cecília, Maria Luísa, Luana). Um enquadre nessas condições permitiria à menina preservar o relacionamento com a mãe e a autonomia ao mesmo tempo.

Se Vitória sentia que, apesar de tudo o que passou, a mãe era capaz de superar os seus medos e permitir-lhe uma autonomia relativa para que ela pudesse se desenvolver, Juliana não tinha a mesma sorte. Ela compreendia que o relacionamento estreito que a mãe mantinha com ela era consequência do luto que a genitora experimentava pelo filho mais velho que havia partido. Ele havia deixado um vazio na realidade psíquica da mãe, que Juliana preenchia. Compassiva com a mãe, a garotinha tolerava o apego sufocante dela, até o ponto em que ele lhe suscitava o temor de ser engolida pela mãe, que desejava recuperar a simbiose. Seu desejo, então, era o de escapar desse domínio materno avassalador e de desaparecer das vistas da mãe. Todavia, ela sabia que, mesmo que fosse possível fazer isso, as marcas da passagem de uma na vida da outra não poderiam ser apagadas. Ainda, ela se tornaria desprendida de suas raízes e perderia uma parte essencial de sua continuidade de existência. Com isso, o rompimento completo com a genitora, além de ser doloroso, geraria um sentimento de futilidade diante da vida. Nesse contexto, ser liberada para usufruir de uma autonomia relativa não significaria a separação da mãe, mas, ao contrário, garantiria cada vez mais a união (Juliana, Ana Clara, Marina).

É nesse enquadre que a mãe oferece para permitir os movimentos da criança sob a sua tutela, que ela controla as introjeções que a filha deverá ou não realizar. Assim, após haver assegurado a doçura do lar, a genitora consente que a dureza da rua entre na vida de sua filha (DaMatta, 1986), mas em doses homeopáticas. Para as meninas, a mãe precisa garantir que, mesmo que elas possam ir longe, ela estará sempre lá, no mesmo lugar para acolhê-las e recebê-las de volta. A autonomia infantil somente pode ser alcançada com a certeza de que, não importa qual seja o destino, o ponto de origem permanece sobrevivendo em segurança e continua a ser hospitaleiro. Enfim, não se pode sair se não existe a certeza de poder voltar (Vitória, Juliana, Maria Luísa). Portanto, se a menina extrapola os limites do enquadre e vai em direção a uma autonomia precoce, a mãe precisa ir imediatamente resgatá-la, porque ela corre o risco de perder-se de si mesma; tal resgate deve ser feito por meio da imposição firme de limites. Assim, cabe às mães auxiliarem as filhas não a serem precoces, mas pródigas.

O enquadre e a certeza que a mãe oferece à filha de que ela é a mesma criança de antes, apesar de ser tão diferente agora, auxilia a menina a iniciar o processo de recuperação da continuidade de existência, referente à integração do seu passado com o seu presente e também o referente à pertinência familiar. O processo prossegue com a realização das identificações secundárias, que implicam na necessidade de estabelecer vínculos considerando a si e ao outro como pessoas autônomas. Para tanto, o narcisismo precisa ser ultrapassado, pois nesse momento ele significa o encerramento em si mesma e, portanto, solidão (Marina).

Na dependência relativa, longe de associar-se à onipotência, o narcisismo primário é visto como limitante e incapacitante (Ana Clara, Marina, Abigail), pois ele impede os relacionamentos reais, baseados na cooperação e na solidariedade, em que as deficiências de uma pessoa podem ser compensadas pelas capacidades de outra (Ana Clara). Particularmente, manter-se autocentrada nesse momento cria distância entre a criança e a mãe (Ana Clara).

Contudo, a presença da mãe real junto à criança é essencial para que as introjeções que começam a ser feitas se estabilizem. Assim, não basta apenas que ela ofereça as introjeções, mas é necessário também estar próxima à criança para sustentá-las (Luana, Maria Luísa). Em outras palavras, a afirmação do objeto interno depende da constância do objeto externo. Se a mãe pressupõe que o seu papel se restringe a oferecer as introjeções sem a necessidade de se esforçar para nutri-las e mantê-las, a criança terá muita dificuldade para completar o processo sozinha e permanecerá insegura quanto à solidez da mãe introjetada (Maria Luísa). Como a introjeção do objeto permite à criança cuidar de si mesma (Juliana), a fragilidade dela conduz fatalmente à dependência do objeto externo e à exasperação da mãe por conta disso (Maria Luísa). O que parece ser essencial nesse momento é que a criança não sinta que a mãe a deixará só quando ela se tornar autônoma, que poderá desembaraçar-se dela nessa ocasião.

A menina deve estar certa de que, autônoma ou não, a mãe tem prazer em sua companhia e deseja estar próxima a ela por causa de seu amor. Quando essa segurança não existe, a criança pode desenvolver uma ambivalência importante para com o processo de simbolização. Se por um lado ela deseja agradar a mãe, alcançando uma autonomia que a genitora valoriza (Marina, Ana Cecília, Alice, Maria Luísa, Luana, Ana Clara, Vitória, Amarílis), por outro, introjetá-la e simbolizá-la significa perdê-la (Maria Luísa). O constante afastamento concreto ou afetivo da mãe real por longos períodos ou longas distâncias pode criar um hiato muito grande entre o objeto primário e o seu símbolo correspondente; com isso, esse último perde o sentido e a função. Portanto, se não introjetar e não aprender implicam no risco de perder a mãe por não atender suas expectativas, introjetar e aprender expõem a criança à mesma ameaça (Maria Luísa, Alice)⁵⁹. Assim, a angústia do abandono, fruto da incerteza do amor materno, pode se constituir na base das dificuldades de simbolizar e, portanto, de aprender (Maria Luísa, Alice). O sentimento da criança, então, é o de que, se não pode contar com a mãe, não pode contar consigo mesma (Maria Luísa, Alice). Em suma, para que a capacidade de simbolização da criança se desenvolva bem, é necessário que a mãe

⁵⁹ Se Maria Luísa mostra que no processo de guardar o viver criativo da dependência relativa a distância entre o símbolo e o simbolizado não pode ser grande demais, Ana Cecília, cuja mãe considerava a simbolização uma

introjetada esteja segura e que a mãe real não vá se perder, ou seja, que mesmo que a criança se afaste dela, sempre poderá voltar para reencontrá-la. Se essa certeza existe, a simbolização pode ser usada para combater o luto e a solidão e para recuperar a criatividade que a menina teme haver perdido, já que ela permite uma assimilação pessoal e criativa do objeto (Juliana).

Enfim, para que os processos identificatórios com a mãe, visando recuperar a continuidade com ela, sejam iniciados, é necessário que a menina tenha já renunciado ao narcisismo primário, que a genitora tenha lhe oferecido uma região segura e delimitada para mover-se fora de seus braços e voltar quando quiser e que a resgate quando ela ultrapassar essas fronteiras territoriais, e que o amor materno esteja garantido, para que a criança possa substituir eventualmente a mãe real pela simbolizada.

Na amostra estudada, a maioria das crianças aceitava e aproveitava as introjeções oferecidas pela mãe (Abigail, Luana, Ana Clara, Maria Luísa, Marina, Juliana, Ana Cecília, Vitória) e empreendia esforços para identificar-se com ela na tentativa de recuperar a continuidade com o estágio anterior. Todavia, em meio a essa campanha, as meninas tinham uma surpresa não muito agradável: por mais que buscassem parecer-se com a mãe, não podiam ser exatamente como ela, uma vez que ainda não eram adultas (Marina). Em outras palavras, elas descobriam que a identificação secundária não pode ser completa como era a primária. Com isso, a continuidade total não poderia ser recuperada nem pelos meios mais arcaicos, nem pelos mais maduros (Marina).

Assim, se a menina perdeu os privilégios da vida de bebê, não pode contar ainda com aqueles da vida adulta. Essa percepção desencadeia nela um profundo sentimento de frustração e de que pouco valeu o que ela aprendeu até o momento com a mãe (Marina). Ela se sente só e injustiçada (Marina, Ana Cecília), atirada no limbo da transição. Todavia, pode haver a promessa de que, contrariamente ao que ela imaginava no início da dependência relativa, quanto mais crescer, mais se assemelhará à mãe. Diante disso, ela decide aguardar com paciência os anos que ainda a separam da vida adulta para atingir o seu intento (Marina).

Quando a continuidade de existência e da relação com a mãe está mais assegurada, a menina pode ultrapassar o luto pela etapa da dependência absoluta (Ana Clara, Marina, Vitória) e compreender o crescimento de uma maneira benigna, mas nem por isso como totalmente isento de preocupações e de ansiedade (Ana Cecília, Maria Luísa, Alice). Ele é visto como algo que traz à menina poder e autoridade e, com isso, uma chance de recuperar um pouco do narcisismo perdido (Ana Cecília), por meio da diminuição da assimetria

fraude, revela que tal distância também não pode ser muito pequena. Assim, parece haver um território definido dentro do qual a capacidade para a simbolização deve ocorrer para ser bem sucedida.

existente na relação entre adultos e crianças (Cândido, 1972; Romanelli, 1991). Esse poder e autoridade, contudo, são bastante relativos, já que a criança segue em uma relação muito bem definida de inferioridade com relação ao adulto. Em razão de suas habilidades incompletas, ela é vista como capaz de cooperar muito pouco com ele, principalmente nos casos em que a mãe a impulsiona a uma autonomia precoce (Ana Cecília). Diante disso, ela sente que não tem uma função muito efetiva no mundo, já que vários dos obstáculos que ela encontra em seu caminho parecem intransponíveis (Ana Cecília, Maria Luísa). Cabe a ela, então, aceitar as próprias imperfeições e deficiências (Ana Clara, Vitória). Porém, essa visão mais realista de si a auxilia também a escapar de um sentimento de completa impotência, já que ela constata que, em alguns momentos e dentro de certos limites, a contribuição da criança para o adulto pode ser decisiva (Marina, Luana, Ana Cecília, Alice). Contudo, para enfrentar de fato os desafios e os entraves que encontrará no mundo exterior em que ingressa paulatinamente, é necessário ampliar suas capacidades e recursos (Marina, Ana Clara). É por isso que surgem, nesse momento, preocupações da menina com a própria capacidade produtiva e de aprendizagem (Marina, Vitória, Maria Luísa). Para lançar-se nesses novos aprendizados, é agora necessária a recuperação de mais uma continuidade: a de si mesma e a do próprio lar com o mundo exterior (Amarílis, Alice); mais uma vez, aqui a contribuição da mãe é crucial.

Nesse contexto, para ajudar sua filha a ganhar o mundo (Ana Clara, Luana, Vitória, Marina, Abigail), a mãe inicialmente precisa abrir mão do próprio narcisismo e admitir a sua insuficiência para prepará-la para a vida adulta (Ana Clara). Mais do que isso, ela deve mostrar as limitações do mundo familiar à criança e, daí, a necessidade de buscar recursos no meio exterior para o alcance bem-sucedido da maturidade (Ana Clara, Amarílis, Vitória, Ana Cecília, Juliana, Alice). Enfim, é necessário que a filha amplie os seus horizontes (Ana Clara, Vitória, Juliana), saindo do núcleo familiar para incluir outras pessoas em sua vida (Ana Clara, Vitória, Juliana, Abigail). De modo a garantir o sucesso nessa tarefa, a mãe deve mostrar à filha que o mundo extrafamiliar não se opõe ao familiar (DaMatta, 1986), mas é continuidade dele. Para tanto, a genitora pode trazer o mundo exterior para dentro da família, recebendo pessoas (Ana Clara, Vitória) e simulando situações que a criança encontrará pela vida afora, ensinando-a a manejá-las na segurança do lar. Em outras palavras, a genitora utiliza do “faz de conta” para mostrar à menina a continuidade desses dois universos (Ana Clara, Vitória, Marina). A mãe também pode acompanhar as jornadas da filha no mundo exterior, estando próxima a ela para compensar, com as suas habilidades, aquelas que a menina ainda não tem (Luana, Vitória) e para ajudá-la a desenvolver recursos para lidar com os desafios e as decepções que ela inevitavelmente encontrará (Marina, Ana Clara, Luana,

Vitória). Desse modo, a mãe contribui para que a filha apreenda a continuidade entre as realidades compartilhada e subjetiva (Ana Clara) e, assim, perceba que existe lugar para a criatividade na vida adulta (Luana). Estando essa constatação assegurada, o mundo exterior desperta a curiosidade infantil (Maria Luísa, Ana Clara, Marina, Luana) e o amadurecimento se transforma em uma descoberta agradável e cheia de surpresas, e em uma constante reinvenção (Luana, Ana Clara).

À medida que a mãe torna familiar o que não o era, ela amplia o sentido de pertinência da filha. Esta percebe que, embora a mãe continue a ser a pessoa mais importante de sua vida, tanto ela própria quanto os pais fazem parte de uma família mais ampla, a humanidade (Ana Clara). Com isso, o destronamento que ela sofreu da dependência absoluta e do narcisismo primário deixam de ser uma perda, mas passam a ser um acontecimento que abre todo um campo de possibilidades e de conquistas (Ana Clara, Marina, Ana Cecília).

A queda da onipotência, todavia, mostra-lhe que tais conquistas não são imediatas, mas levam tempo e exigem empenho e esforço. Com isso, o labor e a iniciativa no estabelecimento de novas relações substituem o tédio da passividade, que marcava o período evolutivo anterior (Ana Clara). A menina verifica que, na ausência do dom inato, deve-se trabalhar para desenvolver as capacidades, compensar as inabilidades quando é possível fazê-lo e aceitar a necessidade de pedir ajuda quando as insuficiências pessoais não podem ser ultrapassadas (Marina). Em suma, o pensamento mágico e imediato deve ser substituído pelo trabalho árduo, pela reflexão e pela elaboração; é igualmente, assim, que a inteligência supera a força física (Marina). Com isso, o desenvolvimento teria um caráter protetor para a criança e, contrariamente ao que ela pensava, ele a fortalece ao invés de fragilizá-la (Ana Clara, Abigail, Juliana). Bem estabelecidas, então, as três continuidades, entre a criança que foi e a que é, entre a relação anterior e a atual com a mãe, entre o mundo familiar e o extrafamiliar, a menina pode seguir tranquila em seu desenvolvimento, com a certeza de que, por mais que se torne independente, jamais se perderá de si mesma (Luana).

Todo esse processo, contudo, não se estabelece de uma forma linear, mas é marcado pela ocorrência de regressões ao modo de funcionamento típico da dependência absoluta, seguidas de retomadas do desenvolvimento na dependência relativa. Embora as regressões ocorram porque o narcisismo primário acena sempre como uma possibilidade sedutora, elas têm como objetivo principal auxiliar a menina a encontrar sua posição de criança nessa nova etapa de sua vida (Abigail, Luana). Eventualmente, os movimentos regressivos da criança são desencadeados ou sustentados pela regressão da própria mãe (Abigail) ou por discontinuidades que ela experimenta e que atingem a criança (Abigail, Juliana). Porém, a

regressão ao narcisismo, embora desejada (Abigail, Juliana), é logo percebida pela criança como uma ameaça, já que ela a sufoca e aprisiona (Abigail, Juliana, Ana Clara). Capaz de avistar o mundo em uma dimensão muito maior do que antes, a menina logo verifica que a regressão ao narcisismo a enfraquece, deixando-a cada vez mais despreparada para enfrentar as demandas do mundo exterior e do próprio desenvolvimento (Ana Clara, Abigail, Juliana). Diante disso, as soluções regressivas são logo abandonadas por ela.

Se a autonomia pode ser descoberta como um alegre desafio nas situações em que a mãe é razoavelmente capaz de acolher a criatividade da criança e de acompanhá-la para que a transição entre as etapas da dependência absoluta e relativa seja suave (Ana Clara, Marina, Abigail, Luana, Flávia, Vitória), existem também casos menos felizes. Neles, as dificuldades no vínculo entre a díade podem tornar o amadurecimento emocional um processo mais difícil (Ana Cecília, Juliana, Amarílis) ou mesmo particularmente penoso (Maria Luísa, Alice). Trata-se de situações em que a mãe apresenta dificuldades para ecoar a criatividade e sustentar a capacidade de simbolizar da filha (Ana Cecília, Maria Luísa, Amarílis, Alice), ou para acompanhar o seu ritmo, ou ambas (Maria Luísa). Com isso, a mãe pode fazer exigências que a criança ainda não é capaz de atender (Amarílis, Ana Cecília, Maria Luísa) e não a auxilia na conquista da autonomia (Amarílis, Ana Cecília, Maria Luísa, Alice). Nas melhores circunstâncias, a mãe consegue superar suas dificuldades e atender às demandas da filha, seja porque se torna sensível ao sofrimento dela (Ana Cecília), seja porque não consegue resistir à sua insistência (Amarílis). Em outras, contudo, ela permanece impedida de acompanhar a jornada evolutiva da criança (Maria Luísa, Alice, Juliana) e a menina precisa enfrentar vários desafios sem ajuda, o que desencadeia nela um profundo sentimento de solidão (Maria Luísa, Alice).

Nos casos em que a mãe foi capaz de corresponder às ilusões da filha no estágio da dependência absoluta (Juliana, Ana Cecília), a criança apresenta melhores condições de seguir em frente em seu desenvolvimento, e mesmo de procurar alternativas para auxiliar a mãe a superar seus entraves (Juliana). Contudo, nem sempre a genitora reage às tentativas da criança de ajudá-la. Por outro lado, quando a relação anterior de proximidade estreita com a mãe não ficou bem consolidada (Maria Luísa, Alice), a menina não pode desenvolver a confiança de que, se ela e a mãe se afastarem, o reencontro será possível (Maria Luísa). A capacidade para estar só, necessária para se tornar autônoma, não se estabiliza, porque a capacidade para estar junto com a mãe é duvidosa. Se, além de não suprir a dependência, a mãe também critica as evoluções que a filha faz rumo à autonomia, sublinhando a inadequação dela, a criança desenvolve uma profunda insegurança quanto às próprias capacidades (Maria Luísa). Se ela

não pode confiar na mãe desde o início da vida, não pode confiar em si mesma em momento algum. Nessas situações, a menina até pode buscar desenvolver, com as pessoas de seu meio, relacionamentos baseados na cooperação e na solidariedade. Todavia, longe de se sustentarem na percepção realista das imperfeições de todo ser humano e de se estabelecerem em uma base de troca genuína, esses relacionamentos são principalmente reativos. Eles respondem a uma insegurança básica quanto a poder viver por si mesma e ter algo para oferecer ao outro; enfim, eles se escoram em uma forte dependência. É essa mesma insegurança que leva a criança a fugir das situações de competição, pois sente que, sozinha, será massacrada pelas habilidades do outro (Maria Luísa).

O caso de Alice merece uma consideração especial, já que os entraves dessa garotinha para alcançar o encontro criativo com a mãe provêm de uma dificuldade mais básica da genitora. Esta fica simplesmente transtornada com a expressão da criatividade própria e da filha. Perturbada pelas “gerações espontâneas”, a mãe faz de tudo para garantir a esterilidade do relacionamento. Com isso, muito mais do que não auxiliar a menina a atingir uma existência criativa e pessoal, ela se posiciona mesmo como um obstáculo para isso. Ela não pode adaptar-se sob medida às necessidades da filha. Como consequência, Alice desenvolve o sentimento de não ser alguém singular, diferenciado e especial para sua mãe; ela seria simplesmente como outra pessoa qualquer. Embora a mãe possa cumprir razoavelmente as funções essenciais do cuidado físico da menina, do ponto de vista de Alice, sua devoção amorosa é questionável. A percepção da menina é a de que a mãe prioriza o cumprimento das exigências da realidade exterior em detrimento da dedicação afetuosa para com ela. Mais do que isso, sua sensação é a de desaparecer da realidade psíquica da genitora quando esta se encontra envolvida com outros assuntos. Dessa maneira, não pode existir de sua parte a confiança na solidez e na durabilidade dos vínculos. Frente a essas condições, a menina se sente desprotegida e desenvolve um doloroso sentimento de futilidade diante de um mundo que lhe parece impessoal. Como ela percebe que o usufruto da criatividade e do brincar põe em risco a integridade emocional da mãe, ela não pode mesmo insistir para que esta atenda as suas demandas (como o faz Amarílis). Ao contrário, ela precisa renunciar ao seu amadurecimento emocional para preservar a mãe e a união no lar. Nada mais lhe resta, portanto, do que seguir o mesmo caminho da mãe e apegar-se à realidade exterior, assimilando precocemente as normas de conduta da vida adulta. Por conseguinte, ela teme que sua relação com a família e com o mundo exterior se estabeleça tendo por eixos centrais a autoridade e a submissão. Ainda, ciente de que pode estar repetindo o destino materno, ela se apavora com a possibilidade de que algum dia sua família também deixe de ser especial para

ela e de que a mãe também desapareça de sua realidade psíquica. A capacidade de luta dessa garotinha é, todavia, impressionante. Mantendo a esperança de que ela e os pais poderiam ainda alcançar uma existência feliz e menos conflituosa, ela descobre a minha presença na escola e vem me pedir ajuda.

Em resumo, a experiência das meninas brasileiras no estágio da dependência relativa é a de um luto inicial pelo narcisismo primário e pela relação estreita e fusional com a mãe, que caracterizavam o período evolutivo anterior. O crescimento é visto, inicialmente, com certa reticência, já que ele implicaria em uma redução do *holding* e da proteção. A criança deverá, a partir de então, travar uma batalha para alcançar uma identidade autônoma, mas, para isso, ela precisa estar assegurada de recuperar sua continuidade de existência em três dimensões. A primeira delas é a temporal, entre o seu passado e o seu presente. Em outros termos, ela precisa estar certa de que, mesmo sendo diferente agora, é a mesma criança de antes e seus pais continuam a amá-la. A segunda dimensão refere-se à preservação de seu vínculo próximo com a mãe. A menina deve preencher o espaço vazio que ela descobriu existir entre si mesma e a genitora, renunciando ao seu desejo de *ser a mãe* em favor do desejo de *ser como a mãe*. A continuidade física da fusão anterior é substituída pela contiguidade e, ao invés de a criança estar nos braços da mãe, ela estará doravante ao seu lado. As identificações com a genitora cumprem um papel essencial nessa empreitada. A terceira dimensão refere-se à continuidade entre o mundo familiar e o extrafamiliar. Nesse caso, a mãe a acompanha em sua jornada ao universo exterior e a auxilia a desenvolver as habilidades e recursos para sobreviver nele; além disso, ela compensa as inabilidades da criança com suas capacidades.

Quando a criança está segura da conservação da continuidade dessas dimensões, o amadurecimento é visto com entusiasmo, como uma jornada plena de descobertas. A atitude da mãe é fundamental nesse processo. Para auxiliar sua filha, ela deve admitir sua condição de insuficiência diante da menina e também elaborar o luto pelo relacionamento anterior. Ela deve permitir à filha afastar-se dela e buscar novas introyeções e recursos para viver no mundo que a mãe não pode prover. Todavia, é necessário que a mãe estabeleça um enquadre, um território em que a criança possa movimentar-se, não permitindo que ela se distancie demais da tradição familiar. Dessa maneira, ela guarda a relação de pertinência da filha e a auxilia a não se perder de si mesma. Sob o olhar de uma mãe que acredita em suas capacidades, a criança descobre as alegrias do aprendizado das habilidades que ela necessitará, para, no futuro, ter uma vida criativa de mulher adulta. A condição necessária para a menina sair e conquistar esse novo universo é ter a certeza de que a mãe estará de braços abertos e à sua espera sempre que ela precisar ou quiser voltar para o aconchego do lar.

6.3.3 O papel do pai

A imagem do pai exibida pelas meninas da amostra brasileira foi predominantemente positiva. Mesmo nos casos em que foram atribuídas a essa figura características menos louváveis, como certa fragilidade (Amarilis, Maria Luísa), não houve indicação de sentimentos abertamente negativos ou hostis dirigidos ao genitor. Apesar das reticências sobre a sua inclusão no relacionamento da díade mãe-filha no início do estágio da dependência relativa, o pai termina por ser muito bem acolhido no clã (Marina, Ana Clara).

O pai é visto pelas meninas como capaz de oferecer a elas uma continuidade dos cuidados que a mãe proporcionou. Além de ser o continuador do trabalho dela, ele partilha com a esposa algumas das funções que ela desempenha no momento presente. Ele também conserta, até certo ponto, as “deficiências” dela para com a criança e permite à díade que dê um passo à frente no desenvolvimento de suas relações. Em alguns casos, é ele quem comunica à díade que a menina cresceu e que, de agora em diante, será necessário que mãe e filha estabeleçam um vínculo diferente (Marina).

Por não ter feito parte da relação fusional anterior, o pai é distinguido pela menina, desde o início, com a insígnia da autonomia (Marina, Luana) ou, em termos sociológicos, como o representante da vida fora do lar (Cândido, 1972; DaMatta, 1986). Daí a associação que a garotinha faz entre a figura masculina e a independência, que comentamos na abertura desta síntese. Com isso, ele é visto também como representando primeiramente solidão e tristeza (Marina, Luana), os mesmos sentimentos que a menina crê que deverá enfrentar ao passo que se separa da mãe. Para a surpresa dela, contudo, é bem o contrário o que acontece. Ingressando no vínculo entre mãe e filha, o pai mostra a elas, por sua simples presença em suas vidas, a chance de se relacionar fora da fusão. Pelo tipo de vínculo que ele mesmo estabelece com a esposa e com a filha, ele anuncia a ambas que é possível ser importante na vida de outra pessoa sem estar con-fundido com ela. Em suma, ele oferece a ambas a possibilidade de estabelecer vínculos sobre a base simbólica ao invés da corporal. Desse modo, ele reaproxima a díade e a ajuda a constatar que existe possibilidade de recuperar a existência criativa que ela desfrutava antes, sobre os novos alicerces da simbolização (Marina). Por isso ele pode estar mais seguro para compreender a oposição da criança como uma parte necessária do processo de crescimento, ao invés de assustar-se com ela, como acontece com a mãe (Marina). Como, para ele, a oposição não significa um risco para o relacionamento, ele pode apaziguar os temores da mãe e da criança quanto a isso. Dessa

maneira, ele sustenta o processo de autonomia de ambas, não pelo corte que provoca no seu vínculo, mas por garantir que a coesão entre elas permanecerá (Marina, Luana, Vitória).

Como a mãe, o pai valoriza as identificações da criança com o grupo familiar para garantir a pertinência e a união. Por conta disso, ele se encarrega, junto com a mãe, de oferecer introjeções à filha (Luana). No interjogo entre a pertinência e a oposição/autonomia, ele também auxilia e prossegue no trabalho de determinação do enquadre que havia sido iniciado pela mãe. Assim, ele sustenta os limites que a mãe estabeleceu e tentou impor (Abigail) e, por ser menos temeroso da oposição infantil (Marina) e por constituir-se (ou ter sido constituído) como a autoridade da família (Abigail, Alice), pode mesmo ser melhor sucedido do que ela nessa tarefa (Luana). Assim, da mesma forma como faz a mãe, e junto com ela, o pai cria um espaço intermediário entre o mundo doméstico e o público, atenuando qualquer oposição que possa existir entre eles (Cândido, 1972; DaMatta, 1986).

A certeza que o pai transmite à díade de que o seu vínculo não se esterilizará pode ser aumentada consideravelmente se ele se mostra à filha como alguém capaz de usufruir do jogo e da imaginação, enfim, se ele é capaz de, mesmo sendo autônomo, brincar com a menina. Essa habilidade paterna para regredir e brincar, para estar próximo à filha, pode ajudar a criança a compensar as situações em que a mãe não conseguiu fazer isso. Esse é o caso de Alice. A capacidade que o pai dessa garotinha dispunha para jogar criativamente com o espaço existente entre os corpos dos dois e de driblar os constrangimentos do mundo exterior em prol do brincar, auxiliava a menina a deslocar-se no espaço da transicionalidade. Foi seguramente essa capacidade paterna que salvou a menina de desenvolver uma personalidade “falso *Self*”. Mesmo assim, era o pai quem se constituía na autoridade da casa, sendo muito exigente e não tolerando deslizes. Por conciliar o rigor e o relaxamento, a cumplicidade e o limite, ele fascinava a menina, que buscava nessa figura o *holding* que a mãe não podia lhe oferecer. Infelizmente, diante das situações de conflitos conjugais, que eram inúmeras, o pai era invadido pelos afetos e se tornava incapaz de proteger a filha de suas explosões de raiva e daquelas da esposa. Nessas situações, que frequentemente terminavam em separações do casal, era o pai quem saía de casa e Alice perdia, então, essa importante fonte de apoio para o seu desenvolvimento emocional. Ela sabia que, mesmo com a alegria com que o pai brincava com ela e com o interesse dele pelo seu cotidiano, ele experimentava uma profunda tristeza e frustração com a vida em família⁶⁰.

⁶⁰ Poucos meses após o meu contato com a díade Jordana e Alice, eu soube que os pais da menina haviam se separado e que ambos tinham novos relacionamentos amorosos, embora continuassem vivendo na mesma casa.

O pai de Luana, por sua vez, embora fosse visto por ela como desempenhando bem suas funções, carecia de alegria de viver. Ele era capaz de oferecer um apoio importante para a mãe da menina, mas também precisava do *holding* dela. O relato da criança permite entrever que o pai era atendido nessas reivindicações, já que ele reconhecia o valor da esposa e lhe era grato. Isso, contudo, não bastava, pois ele ainda parecia continuar ligeiramente deprimido. A garotinha, então, esforçava-se para que ele redescobrisse a criatividade e o valor do brinquedo, mas, aparentemente, o pai resistia a efetuar a regressão necessária para tal.

Em outros casos, contudo, o pai é considerado pouco capaz de acolher a criatividade da menina (Amarílis, Maria Luísa). Nessas situações, ele não pode ajudá-la a atingir os seus objetivos nem a satisfazer as suas necessidades (Maria Luísa). Quando tais dificuldades do pai se acrescem às da mãe e o impedem de compensar as falhas dela, a sensação da criança é a de uma penosa orfandade (Maria Luísa).

Em resumo, as meninas concebem a figura do pai de uma maneira bastante benevolente, e o fato dele se constituir na autoridade da casa não implica em obstáculo para isso. Representando a autonomia em pessoa, ele oferece à díade mãe-filha um novo modelo de relacionamento, fundado em bases simbólicas. Esse modelo ajuda a díade a superar a fusão anterior, já que extingue o medo de que a criatividade não tenha lugar no vínculo entre pessoas autônomas. Se o pai também for capaz de usufruir do brinquedo e do relaxamento, ele assegura ainda mais a criança nesse sentido. Quando ele tem dificuldades para desfrutar dessas capacidades, a menina pode tentar ajudá-lo a recuperar a infância, com maior ou menor sucesso. O pai também auxilia a mãe em seu trabalho de oferecer introyeções à criança e solidifica os limites do enquadre que ela havia fixado. Por não considerar a oposição como uma ameaça ao relacionamento, ele pode se impor à filha de uma maneira mais firme do que a mãe. Dessa maneira, ele se mostrou, na amostra brasileira, como uma importante fonte de apoio para as mulheres para fazer face aos desafios do atual estágio de desenvolvimento emocional da díade.

Essa representação que as meninas têm do pai revela, no nível sociológico e antropológico, as particularidades da estrutura familiar patriarcal no Brasil. Desse modo, embora o pai siga como constituindo a autoridade principal do grupo (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003), sua rudeza e austeridade não se mantêm necessariamente todo o tempo em seus relacionamentos com a filha; inclusive, ele parece mais capaz de assimilar a desobediência dela do que a mãe. Os relatos das crianças mostraram que, ao contrário, essa figura combina a severidade com a descontração, a rigidez com a serenidade, enfim, que ele sabe viver no espaço do paradoxo. É por isso que ele encanta a

menina e abranda os seus receios de perder a criatividade quando do ingresso no universo extradoméstico. Em outros termos, ele lhes mostra que, ao invés de subtrair, o crescimento e a autonomia só têm a acrescentar em suas vidas.

6.3.4 A relação com os irmãos

Embora oito das dez crianças da amostra tivessem irmãos mais novos (Ana Cecília, Alice) ou mais velhos (Vitória, Luana, Juliana, Amarílis, Marina) ou gêmeos (Maria Luísa), a referência explícita a essas figuras ocorreu no relato de apenas cinco delas, uma das quais era filha única (Abigail). Com isso, a figura fraterna referiu-se a um irmão real ou virtual, nesse caso, desejado. Para as meninas que mencionaram essas figuras (Abigail, Juliana, Luana, Ana Cecília, Maria Luísa), o irmão cumpre ou cumpriria um papel importante para assegurar o seu desenvolvimento emocional no estágio da dependência relativa, mas em diferentes aspectos e por razões distintas, embora eventualmente sobrepostas.

Inicialmente, a presença de um irmão, na condição de ele ser mais novo ou da mesma idade da menina, aliviaria a preocupação dela sobre deixar a mãe sozinha quando da aquisição de sua independência. Essa figura atenderia às necessidades da mãe de guardar a ilusão no relacionamento com outra criança, já que a filha não pode mais oferecer-lhe isso. Nesse contexto, o irmão atenuaria a culpa da menina por crescer e desenvolver-se. Essa função da figura fraterna surgiu nos dois casos em que as mães tendiam a prolongar a dependência absoluta da menina, o de Abigail e o de Juliana. Em ambas tratava-se do *desejo* por um irmão, já que a primeira era filha única e o irmão da segunda era já adulto, não vivia com elas e tinha pouco contato com a mãe. Nesses casos, o irmão também atenderia as necessidades da criança de uma relação não exclusiva com a mãe e mitigaria o seu desejo de desaparecer ou romper o vínculo com a genitora, para escapar de um sufocante domínio materno (Juliana). Enfim, para essas meninas, o irmão, por separá-las da mãe, paradoxalmente garantiria a conservação de sua união com ela.

Em segundo lugar, o irmão cumpriria a função do duplo, que descrevemos anteriormente. Ele seria um esteio da realidade que a menina pode ou poderia utilizar para integrar o seu passado com o presente (se ele for mais novo do que ela) e o seu presente com o seu futuro (se ele for mais velho). Ele permitiria à menina ver nele a criança que foi e a que é agora, e vislumbrar como poderia ser no amanhã. Desse modo, ele garante a continuidade de existência dela (Abigail, Juliana) e lhe possibilita trabalhar a dialética da diferença na semelhança, já que ele não é exatamente como ela, apesar de seu desejo que o fosse (Juliana).

Todavia, é exatamente em razão dessa diferença entre o passado e o presente da criança que a rivalidade fraterna pode surgir, já que um irmão mais novo mostra à menina a criança que ela nunca mais poderá ser. Nesse caso, se a mãe se conduz de maneira muito diferente com as duas crianças, impulsionando prematuramente a mais velha para a independência, ela pode contribuir para intensificar o ciúme a concorrência entre os filhos (Ana Cecília)⁶¹. Ainda na função de um duplo da menina, o irmão, como alguém que viveria angústias desenvolvimentais e pessoais semelhantes às dela, aliviaria o seu sentimento de solidão diante dos desafios e dificuldades da vida (Juliana).

Em terceiro lugar, a chegada de novas crianças no lar, possibilitando a reinvenção da vida, é vista pela menina como testemunho do caráter infinito da criatividade (Luana). Esse significado da figura do irmão aparece, sobretudo, no início do estágio da dependência relativa, quando a criança ainda não se convenceu de que pode haver lugar para o viver criativo na vida adulta, ou quando ela constata que a criatividade dos pais ficou escondida em algum lugar e precisa ser recuperada (Luana).

Finalmente, o irmão pode significar para a menina a chance de nele encontrar o *holding* que não recebe dos pais (Juliana, Maria Luísa). O caso de Maria Luísa é particularmente ilustrativo a esse respeito. Essa garotinha recebe a proteção amorosa de seu irmão, que parece ver a si mesmo como mais forte do que ela. Foi ele quem lhe ensinou Matemática para que ela pudesse fazer a sua prova de recuperação, quando os pais, após serem informados sobre sua nota baixa na primeira avaliação, disseram que não queriam vê-la nunca mais. Os contornos dos *Selves* desse casalzinho de gêmeos são fluidos. Assim, por vezes é o irmão que reage às ansiedades da menina e responde defensivamente a elas, por sentir-se em melhores condições para isso do que ela. Enfim, dentro de suas possibilidades, ele busca maternar a irmã.

Em resumo, apesar de desencadear rivalidades, a figura de um irmão é vista pelas meninas de uma maneira bastante favorável, como um aliado importante para compartilhar as angústias de seu desenvolvimento, aliviar a tristeza da mãe, recuperar a criatividade dos pais, e como um apoio para compensar as falhas deles.

⁶¹ Como nessa amostra as mães sempre demonstraram serem mais próximas da criança mais nova, não temos elementos para debater como opera o ciúme da menina face a um irmão mais velho. Contudo, também não temos nenhuma razão para pensar que as coisas se passariam de maneira diferente nesses casos.

6.3.5 A relação com a família extensa

As menções à família extensa, realizadas pelas crianças, foram poucas e restringiram-se aos avós. Eles foram vistos pelas meninas como uma espécie de figuras parentais suplementares, nas quais elas poderiam buscar remédio para as deficiências dos pais. No caso de Abigail, a composição da figura materna da menina era um amálgama entre a da mãe e a da avó, como testemunhado por seu lapso no CAT-A, quando chamou a avó de “mãe”.

Além de Abigail, a figura dos avós ganhou presença apenas nos relatos de Amarílis e de Maria Luísa, crianças cujos pais apresentavam dificuldade para oferecer *holding* em maior (Maria Luísa) ou menor (Amarílis) grau. Basicamente, as meninas buscavam nos avós o *holding* que a mãe não estava em condições de oferecer. Nos dois casos, os avós eram capazes de corresponder aos anseios das meninas, ecoando a sua criatividade e encorajando o desenvolvimento da capacidade simbólica. Essa ajuda era muito bem aproveitada por Amarílis; com ela, a garotinha conseguia recuperar o sentimento de continuidade com a família e com o mundo.

Para Maria Luísa, no entanto, essa ajuda era insuficiente para que ela curasse as suas feridas e pudesse seguir tranquila em seu amadurecimento emocional. Os avós eram capazes de compensar as falhas maternas, mas apenas até certo ponto. Antes que limitações afetivas dos avós, essa impossibilidade de reparação das privações da criança parecia dever-se mais à atitude da mãe face ao que eles forneciam à menina. Ela não aceitava o *holding* que eles ofereciam à filha e competia com eles pela criança. Com isso, os conflitos familiares eram frequentes e Maria Luísa perdia a chance do contato com os avós, porque a mãe deixava de ir a casa deles e também a impedia de ir visitá-los. Desse modo, mesmo que os avós mostrassem continuamente à garotinha que estariam sempre ao seu lado para quando ela precisasse deles, a mãe interditava o acesso a essa importante fonte de apoio.

Assim, embora as meninas constatem que as relações entre a própria família e a família dos pais podem ser de auxílio, complementação e solidariedade, o ciúme da mãe (ou do pai) pode enfraquecer esses laços de parentesco em prol de uma maior nuclearização (Cândido, 1972). Nesses casos, mais do que um distanciamento entre as duas unidades familiares, o vínculo de ajuda mútua pode se converter mesmo em rivalidade e concorrência.

6.3.6 A relação com o mundo exterior

A evolução da percepção das meninas sobre o mundo exterior foi debatida por ocasião da discussão sobre a experiência delas no estágio da dependência relativa. A visão que elas têm da realidade exterior progride do estranhamento, tédio e medo dos perigos que ele apresenta até a de um lugar misterioso e atraente, cheio de possibilidades. Assim, elas caminham rumo a uma superação paulatina do familismo (Almeida, 2007).

O fator responsável por essa mudança de opinião é a constatação de que o mundo externo é continuidade do lar. A partir daí, a percepção do universo exterior à família é, sobretudo, positiva. Nele a criança pode encontrar ajuda para compensar as próprias deficiências e as do lar, estabelecendo relacionamentos baseados na reciprocidade e na cooperação (Marina, Maria Luísa). Ele pode ser o lugar onde a menina buscará o *holding* que não pode receber no lar (Juliana, Alice, Maria Luísa), quando o acesso a outras fontes, como os irmãos ou a família extensa, mostrou-se insuficiente ou interdito. Pode, contudo, existir também certa ambivalência face ao mundo exterior, pois, embora ele ajude a criança, também exige bastante dela (Maria Luísa).

Em síntese, as produções ao CAT-A das crianças brasileiras que participaram desta pesquisa revelaram que elas se encontram todas no estágio da dependência relativa do amadurecimento do *Self* e no período de latência no que concerne à evolução pulsional. As capacidades de integração, personalização e realização, bem como a simbólica, encontram-se bem consolidadas, salvo no caso de Maria Luísa. Elas vivem o estágio da dependência relativa a partir de um luto pela perda da união estreita anterior com a mãe e se preocupam, em sua nova situação, sobre como restabelecer a continuidade de sua existência em três níveis. O primeiro é entre o passado e o presente; nesse caso, o olhar da mãe que reconhece na menina de hoje o bebê que ela foi no passado auxilia a criança nesse resgate. A figura de um irmão que lhe permita contrapor-se a ele como a menina que ela era antes (quando ele é mais novo) ou as expectativas de como será no futuro (quando ele é mais velho) também lhe oferece um suporte importante para essa continuidade. A segunda continuidade a ser recuperada é a de seu vínculo com a mãe, que deve ultrapassar a dimensão corporal para atingir a simbólica. A distância entre os corpos de mãe e filha deve ser preenchida agora pelas introjeções e identificações: elas devem renunciar ao desejo de serem a mesma para se tornarem parecidas. A aceitação pela mãe, dentro de certos limites, da oposição da filha, e a oferta de um enquadre em que a menina possa se mover para ter acesso a experiências fora da família sem se perder de si mesma, garante à criança recobrar essa continuidade. A figura do

pai, à medida que oferece para a díade um modelo de relação próxima, mas baseada na autonomia, pode ser particularmente importante para essa reconquista. A terceira continuidade a estabelecer refere-se àquela entre os mundos familiar e extrafamiliar. Quando a mãe parte com a filha em suas jornadas rumo ao mundo exterior e o traz para dentro de seu lar, ela transforma o não familiar em familiar para a criança. Com isso, a visão da criança sobre o meio exterior se torna mais benigna e ele lhe desperta curiosidade. A figura do pai é percebida pela criança de maneira bastante positiva. Para ela, além de ser alguém que ajuda a díade a recuperar a união pelo novo modelo de relacionamento que oferece, ele pode, também, em certos casos, compensar as deficiências maternas. Diante da falência do pai nessa última empreitada, a figura dos avós, ou mesmo a de um irmão, são aquelas a que a menina recorre na esperança de conquistar ou reconquistar uma vida em que a invenção criativa é o que existe de mais importante e que lhe dá sentido.

Essas representações das meninas de suas relações com os pais, avós e irmãos revelam algumas peculiaridades da família brasileira, passíveis de enriquecer as descrições da Sociologia e da Antropologia do nosso povo. A presença de uma transição entre os valores familiares arcaicos e modernos nas díades estudadas é indiscutível (Cândido, 1972; Goldenberg, 2003). Nesse trajeto, embora o modelo patriarcal ainda predomine (Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003), a autoridade do homem não é acatada sempre e incontestavelmente pela mulher, que é capaz de contrariá-la e de refutá-la quando acredita que ele ultrapassa os limites do despotismo. Ainda, o pai não se limita a ser uma figura de autoridade austera e inacessível (Cândido, 1972), mas ele também usufrui de momentos de relaxamento com a criança, combinando seriedade com descontração e brandura. No que se refere aos vínculos da família nuclear com a extensa, ainda prevalecem a solidariedade e o auxílio mútuo (Cândido, 1972), pelo menos com relação aos ascendentes diretos dos pais. Finalmente, a oposição entre a casa e a rua (DaMatta, 1986), passível de conduzir ao familismo (Almeida, 2007), não se mostra como uma dicotomia fixa e definitiva, mas como o primeiro momento de um processo de interpenetração contínua, com mães e filhas se empenhando para construir pontes entre esses dois universos. É justamente a criação de espaços intermediários entre essas duas regiões que expande o sentido de pertinência da criança, da família para o mundo, e que lhe permite ver o outro como um igual, um “familiar”.

7 A EXPERIÊNCIA MATERNA DE MULHERES BRASILEIRAS, FRANCESAS E MAGREBINAS E O DESENVOLVIMENTO DO *SELF* INFANTIL

“Eu acho que esse podia ser ‘Festa de macacos’ ou ‘Festa de animais’, porque esses são animais e os animais são macacos (...)”

(Ana Clara, brasileira, 10 anos, em relato ao quadro 8 do CAT-A).

Nessa singela afirmação, essa doce garotinha resume mais da metade das conclusões deste estudo. Assim, nas realidades culturais pesquisadas, correspondentes a três continentes diferentes, no que tange à maternidade e ao desenvolvimento do *Self* infantil, as mulheres e crianças mostraram experimentar angústias, apaziguamentos, temores e alegrias semelhantes, relacionados aos mesmos desafios que enfrentam em suas vidas. Nesses termos, a teoria winnicottiana do amadurecimento emocional (Winnicott, 1960/1990b; 1963/1990c), empregada nesta investigação, foi capaz de ultrapassar as particularidades de cada grupo cultural, revelando que todas as mães e crianças fazem face a vivências próprias de um estágio específico: o da dependência relativa. Assim, embora Winnicott (1951/1975) atribua o surgimento pela primeira vez desse estágio por volta dos 6 meses de idade do bebê (ocasião do desmame e do início da dentição, e imediatamente anterior à aquisição da marcha), sua teoria não pode ser compreendida de forma linear, já que muitas das tarefas e dos desafios com que o indivíduo se depara ao longo de sua vida são semelhantes a outros que já foram por ele conhecidos em momentos passados, mas que se atualizam sobre novos patamares, de acordo com as aquisições que ele adquiriu em seu trajeto evolutivo.

Essa capacidade da teoria winnicottiana de ir além das particularidades culturais não significa, contudo, que ela negligencie as especificidades de cada contexto. Desse modo, sua afirmação, citada neste trabalho, de que não era absolutamente a mesma coisa ser filho de um beduíno ou de comerciantes da úmida Inglaterra (Winnicott, 1968/1996) não é menos verdadeira do que a oportunidade com que essa teoria nos brinda para o conhecimento daquilo que nos une e faz com que nos identifiquemos todos como humanos. Enfim, conforme sugerido na Introdução desta pesquisa, os resultados confirmaram que a compreensão winnicottiana do amadurecimento emocional foi sólida o bastante para estabelecer parâmetros que norteiam a compreensão do ser humano de modo geral (ou, para usar as palavras que empregamos em nossas interpretações das mães e crianças, o *enquadre*) e flexível o suficiente

para abarcar as variações individuais, sociais e culturais sem se romper. Com isso, ela se mostrou particularmente compatível com os propósitos dos estudos transculturais sobre o desenvolvimento das pessoas, conforme apresentados por Rogoff (2005). Segundo ela, a pesquisa transcultural

precisa refletir os fenômenos a partir de uma perspectiva que faça sentido do ponto de vista local e, ao mesmo tempo, ir além da simples apresentação dos detalhes de um local de referência específico. A questão diz respeito à combinação eficaz da profundidade de compreensão sobre as pessoas e os ambientes estudados e ir além das particularidades para se obter uma descrição mais geral dos fenômenos (p. 35).

Se no que se refere aos problemas a serem enfrentados no estágio da dependência relativa surgiram mais semelhanças do que diferenças nas experiências das mães e das crianças dos grupos estudados, a diversidade se mostrou principalmente nas maneiras de manejá-los, não tanto na sua natureza em si, mas na ênfase em um recurso ou em outro, em um modo de agir ou em outro, no privilégio dado a um valor ou a outro. Assim, mesmo que todos esses manejos estejam disponíveis a qualquer ser humano, independente de sua realidade cultural, esta última pode colocar acento maior em um em detrimento de outro. Desse modo, um indivíduo pertencente a uma determinada realidade cultural pode, com maior ou menor sucesso, empregar recursos para enfrentar um determinado desafio evolutivo que são mais compatíveis com aqueles utilizados por outra comunidade; o êxito nessa empreitada é, obviamente, mais assegurado quando as diferenças entre as duas culturas não são demasiado importantes. Em nossa amostra, por exemplo, havia mães brasileiras que viviam sua maternidade de maneira bastante similar à das magrebins (Gisele), enquanto outras se aproximavam mais das francesas (Isadora). Algumas crianças magrebins, como Malda, assemelhavam-se bastante às brasileiras e algumas destas se pareciam muito com as francesas (Marina). Por outro lado, as semelhanças entre as díades francesas e magrebins foram mais raras; em certos aspectos, suas maneiras de conceber o processo do crescimento infantil eram quase opostas, encarnando o antagonismo de alguns dos valores dessas duas culturas (Geisser, 2005; Wenden, 2005; Mohsen-Finan & Geisser, 2005).

Tais distinções, contudo, não devem ser superestimadas. Nesse contexto, as diferenças que citamos na Introdução deste trabalho sobre o *Self* autônomo e o interdependente, conforme descritas por Waxler et al. (2008), Okimoto (1998), Dennis et al. (2002) e Keller et al. (2005), mostraram-se neste estudo muito menos categóricas do que nos deles. Nessas

investigações, o *Self* autônomo foi atribuído às sociedades ocidentais e o interdependente às orientais, cujo estilo parental seria, segundo esses autores, mais caracterizado pelo contato próximo e pela estimulação corporal. Por outro lado, nossa pesquisa mostrou que, nas três culturas estudadas, uma das quais marcada por esse estilo parental mais próximo (a magrebina), o problema entre a autonomia e a interdependência (ou como preferimos chamar, a pertinência) é um paradoxo a enfrentar por todas as crianças e por todas as mães. A autonomia é vista como uma realidade inevitável e necessária, sublinhada nas três culturas, mas que deve ocorrer em um contexto em que a pertença à família continue tendo lugar. Considerar que um indivíduo possa existir fora de um grupo ou de uma geração nada mais é do que uma (triste) utopia liberal (Liaudet, 2012). Evadir-se para um polo ou outro implica, para a mãe e para a criança, a perda de uma parte constitutiva importantíssima do *Self*. Nesses termos, a solução do dilema entre ser um indivíduo independente e ser parte de uma família se desenvolve em um território em que a criança teria infinitas possibilidades a escolher. O que parece variar de fato é até onde as mães permitem que a criança caminhe nessa área, se ela poderá ir mais ou menos longe, diferenciar-se um pouco mais ou um pouco menos da mãe e da família. Essa extensão, por sua vez, depende da concepção da mãe sobre o mundo extrafamiliar, como mais ou menos perigoso, como contribuindo ou prejudicando o desenvolvimento de sua filha. Desse modo, quando a mãe confia no ambiente, a criança pode se diferenciar mais e sua oposição é mais tolerada. Da mesma maneira, a obtenção da obediência por meio da indução de consequências relacionais, conforme verificada nas mães japonesas de Dennis et al. (2002), não foi exclusividade da amostra magrebina. Todas as crianças, sem exceção, mostraram que, quando ainda não conseguiam compreender o sentido dos limites, obedeciam a mãe porque se preocupavam com os efeitos da sua insubordinação sobre a realidade psíquica da genitora. Mesmo depois de compreenderem as razões protetoras dos limites, muitas continuavam acatando-os mais com o objetivo de proteger a mãe, principalmente quando percebiam que a genitora exagerava nas restrições que impunha e se desorganizava diante da desobediência infantil.

Diante dessas considerações, julgamos excessivo realizar, como o fazem Waxler et al. (2008), Okimoto (1998), Dennis et al. (2002) e Keller et al. (2005), a diferenciação do *Self* em autônomo e interdependente. O *Self* é autônomo e interdependente ao mesmo tempo, caso contrário ele significa perda de continuidade, consigo próprio ou com a família: portanto ele deixa de ser *Self*.

O que queremos dizer é que nosso estudo revela a paleta de cores que existe no processo de desenvolvimento emocional, e como é possível se aproximar de diferentes

soluções para os paradoxos, mesmo dentro de uma mesma realidade cultural. Enfim, nossa pesquisa, por haver investigado mais o modo como transcorre o processo evolutivo do que os seus resultados, demonstra os limites da realidade em preto e branco que as investigações quantitativas apresentam. Portanto, a síntese comparativa que será descrita a seguir não deve ser vista como produto de um esforço para atribuir modos de funcionamento e de proceder específicos a uma ou outra realidade cultural. Embora ela possa oferecer seguramente uma contribuição ao conhecimento de como se constitui, pouco a pouco, a identidade cultural, seu intuito é, sobretudo, compreensivo e não designativo. Além disso, como bem mostraram as mães de nossa amostra magrebina, e também Cécile, da amostra francesa, a identidade cultural pouco depende do país de nascimento: ela se vincula muito mais ao relacionamento com a mãe, à figura da mãe. Quando este vínculo se perde (concreta e simbolicamente), a identidade cultural também pode se esvaír, como Nima nos fez ver em sua triste história de vida. É na relação mãe-filha, que se inicia desde o vínculo fusional da dependência absoluta, que essa pertinência cultural se constrói e se estabelece. Ela se mantém e se desenvolve por meio das identificações e da transmissão inconsciente dos significantes dos pais e dos ancestrais (Zen, Luescher, Nunes, Bens & Aguiar, 2006). Concordamos com Corrêa (2000) em que é no relacionamento entre as gerações que os valores, costumes e normas culturais são transmitidos, permitindo vincular o indivíduo com o seu passado e suscitando o sentimento de pertencimento.

Desse modo, se Zimmerman (1999) sustenta que a relação da mãe com seu filho sofre a influência de fatores sociais, econômicos e culturais, essa interferência somente acontece pela intermediação necessária do vínculo afetivo da genitora com a própria mãe. Além disso, como nossas sínteses demonstraram, o inverso é igualmente verdadeiro, já que, mesmo em culturas bastante tradicionais, a criatividade da mulher lhe permite alterar mesmo costumes legendários, seja por amor a suas filhas, seja por amor à sua cultura, já que costumes que não se adaptam a uma realidade espaço-temporal em constante mudança tendem a desaparecer.

Em suma, é nesse contexto altamente dinâmico e interpenetrante que nossa síntese comparativa, descrita abaixo, deve ser compreendida. Ela é mais processo do que resultado. A ausência de investigações qualitativas da mesma natureza que a nossa na literatura científica dificulta sobremaneira o nosso diálogo. Sendo a maioria dos estudos transculturais em psicologia da personalidade e do desenvolvimento realizados sob uma perspectiva positivo-quantitativa, nossa comunicação com eles resultaria apenas em um debate estéril dos limites nossos e deles. Embora o debate metodológico não seja algo que nos desagrade (Barbieri, 2008, 2010), nesse momento ele nos faria desviar de nossos objetivos. Portanto, assumimos a

originalidade de nossa contribuição, mesmo que ela seja acompanhada de uma penosa solidão. Esse isolamento, contudo, torna-se suportável pela esperança de colaborar para a edificação de uma nova dinastia científica, a da pesquisa transcultural qualitativa. Desse modo, repetimos aqui, de certa maneira, a história de Aminah, a mãe magrebina de Layla, que deixou a segurança dos seus na Argélia e imigrou com o marido para a França, com as melhores expectativas de fundar a sua progenitura nesse novo (ou velho) mundo. Afinal, na vida real, científica ou pessoal, tudo é caminho, tudo é jornada.

7.1 A maternidade vivida e o *Self* infantil

7.1.1 Considerações gerais

Conforme exposto nas sínteses de cada grupo cultural, a idade das mães que participaram desta pesquisa se estendeu de 28 a 49 anos. Essa extensão, contudo, não foi resultado de uma diferença muito grande de uma amostra em relação à outra, já que uma variação etária importante esteve presente em todas elas. As mulheres magrebins eram ligeiramente mais jovens do que as outras, com idade variando entre 28 e 44 anos, confirmando que o casamento nessa população tende a ocorrer mais precocemente (Rude-Antoine, 1990). Já as mães francesas eram um pouco mais velhas, com idade entre 37 e 49 anos, enquanto a faixa etária das brasileiras concentrou-se entre 30 e 46 anos.

A idade das crianças magrebins também foi ligeiramente mais baixa, entre 4 anos e meio e 9 anos, enquanto as idades das francesas e das brasileiras foram equivalentes: 6 a 9 anos para as primeiras, e 6 a 10 para as últimas. A ordem de nascimento distribuiu-se de maneira mais ou menos equivalente nas três amostras, havendo um leve predomínio da posição de segunda filha na amostra magrebina e de caçula na francesa e na brasileira.

No que tange às configurações familiares, a amostra francesa foi a mais diversificada: apenas em metade dela o arranjo era nuclear, havendo dois monoparentais e três recompostos. Essa situação é compatível com a realidade atual da família francesa, já que o último censo mostrou que o número de divórcios tem superado o de casamentos e de pactos conjugais (INSEE, 2013). Já no grupo brasileiro havia um só arranjo recomposto e um monoparental. Embora o último recenseamento no Brasil tenha mostrado que, como na França, o número de pessoas separadas é cada vez maior (IBGE, 2011), a amostra brasileira revelou uma relativa

solidez dos casamentos. Já no grupo magrebino havia apenas uma família recomposta, sendo todas as outras nucleares, sinal da consistência das uniões, mas também da reticência desse grupo ao divórcio (Demant, 2008). Mesmo que nem todas as díades vivessem sob o mesmo teto com o pai biológico da menina, foi possível verificar, nos três grupos, como se processava o relacionamento delas com ele e com o padrasto, no caso dos arranjos recompostos, conforme será discutido posteriormente. Quanto aos arranjos monoparentais, a discussão necessitará, evidentemente, restringir-se à França e ao Brasil.

A síntese comparativa exposta a seguir abordará os temas, para as mães e para as filhas, da maternidade e identidade, das experiências no estágio da dependência relativa, do relacionamento com o marido/pai da criança, do significado de ter um outro filho/ irmão, do relacionamento com a família extensa e da percepção do mundo extrafamiliar. A partir de agora, eventualmente, utilizaremos as siglas FR para designar a amostra francesa, BR para a brasileira e MG para a magrebina.

7.1.2 Identidade e maternidade

Uma característica comum às mulheres das três realidades culturais estudadas foi a presença de um ideal de ego bastante exigente que, nas amostras brasileira e magrebina, era também acompanhado de um superego austero, capaz de eventualmente dificultar a expressão do *Self*. Na amostra magrebina esse rigor superegoico foi vinculado às particularidades da cultura islâmica, cujas regras de conduta são mais estritas para as mulheres do que para os homens (Rude-Antoine, 1990; Lacoste-Dujardin, 2004a; Demant, 2008)⁶². Tanto nesse grupo quanto no brasileiro, os relatos das mulheres revelaram que elas guardam uma posição de submissão ao homem, mas que é muito mais marcada entre as magrebinas: estas devem, se necessário for, reprimir os próprios desejos em prol do marido, o que as brasileiras fazem apenas até certo ponto. Desse modo, a estrutura familiar patriarcal prevaleceu nesses dois grupos culturais (Cândido, 1972; Rude-Antoine, 1990; Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a), embora mais colorida pelas tintas da modernidade no caso do Brasil (Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003). Em consonância com essa organização familiar, também nessas duas amostras a mulher é vista como a principal responsável pela educação dos filhos e,

⁶² Na amostra magrebina, a mãe que descreveu essa característica foi Omeya, que voluntariamente declarou-se muçulmana no início de nossa conversa. As demais mães magrebina não referiram sua religião. Embora estivesse previsto uma pergunta sobre a religião delas no campo da identificação presente no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fui aconselhada, quando estava na França, a suprimi-la, já que essa era uma

mesmo que a atividade profissional feminina seja bem aceita entre as magrebina, o espaço por excelência da mulher é o lar (Cândido, 1972; Rude-Antoine, 1990; Romanelli, 1991; Lacoste-Dujardin, 2004a; Demant, 2008). De acordo com Demant (2008) e Smither e Khorsandi (2009), essa característica é própria da cultura islâmica. Embora o Alcorão sustente a igualdade de valor entre os sexos, e que as mulheres têm direito a possuir bens e a trabalhar fora de casa, as obrigações financeiras da família são de responsabilidade do homem. Quanto à mulher, embora o seu papel na sociedade varie conforme a cultura islâmica em consideração, sua responsabilidade primordial concerne ao desenvolvimento da moralidade dos filhos.

Confirmando a descrição de Smither e Khorsandi (2009) e de Rude-Antoine (1990), os relatos das mulheres magrebina desta pesquisa revelaram que a autonomia feminina pode ser bem acolhida, na condição de que ela não coloque em risco a união física, emocional e cultural da família de origem e da constituída. É tarefa da mulher manter a aliança familiar, devendo ela se esforçar para conciliar os desejos de todos e evitar conflitos. Por serem mais próximas dos filhos, elas simbolizam a interdependência e a cooperação, enquanto o homem personifica a autonomia e o isolamento. Esses papéis muito bem definidos devem ser perpetuados pelas gerações: portanto, cabe à mulher, como mãe, ser a transmissora da linhagem feminina à sua progenitura. Embora a assunção da identidade feminina nesses termos não desagrade de forma alguma à mulher magrebina, a pronunciada diferença de poder entre ela e o homem fomenta a rivalidade para com ele, com eventuais tentativas de masculinizar-se para partilhar de sua autoridade. Todavia, mesmo quando se viriliza, a mulher não deseja perder a sua posição de mãe, o que reitera que o elemento mais importante em sua oposição ao homem não é o repúdio à própria identidade sexual, mas a desigualdade de direitos e privilégios.

Embora compartilhem com as mulheres magrebina o desejo de oferecer à família um lar seguro, harmônico e feliz, as mães francesas mostraram que se encontram do outro lado da balança. Diante de uma divisão mais igualitária de poder com o homem, as fronteiras entre os papéis sexuais são mais fluidas, conforme foi também observado por Singly (1996; 1987/2004). Assim, se o espaço da mulher magrebina é a vida doméstica e o cuidado dos filhos, a francesa luta para conciliar a autonomia pessoal e a devoção maternal. A transmissão da feminilidade à progenitura orbita principalmente em torno da emancipação feminina, valor precioso a preservar. Todavia, a maior indeterminação das atribuições de cada sexo e das

questão delicada nesse país e poderia criar resistências. Todavia, os relatos de todas as mães magrebina mostraram, de maneira mais ou menos explícita, os valores do islã.

funções materna e paterna, faz com que a mulher francesa termine por desempenhar vários papéis ao mesmo tempo. Ela se magoa por ter a seu encargo mais tarefas domésticas do que o homem; porém ela resiste a uma divisão mais equitativa com ele do cuidado dos filhos, por temer que isso coloque em risco a sua identidade como mãe. Portanto, ela permanece presa no dilema entre um ideal sociológico de igualdade e o desejo de uma divisão menos igualitária de obrigações, mas que limite bem a sua condição de mãe.

No que refere às mães brasileiras, sua identidade sexual mostrou-se como um curioso amálgama entre a das mulheres magrebina e francesas. Como as primeiras, elas ocupam ainda uma posição de maior subordinação ao homem, assumem muito mais tarefas domésticas do que ele (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Goldenberg, 2003) e veem a si mesmas como representantes da proximidade afetiva e da união. Todavia, elas também assumem diversos papéis e eventualmente funções consideradas como tradicionalmente masculinas (trabalho remunerado, imposição de limites aos filhos, por exemplo). Desse modo, elas adentram o universo masculino, mas esse ingresso não é acompanhado de uma partilha mais equilibrada de privilégios, porque o homem não realiza o movimento recíproco de penetração no mundo feminino. Em suma, elas pagam o preço da emancipação feminina, mas pouco usufruem daquilo que conquistaram. Desse modo, parece que, se as fronteiras entre os papéis sexuais são menos consistentes do que na amostra magrebina, a via de mão dupla da cooperação e da solidariedade entre os sexos ainda é utilizada prioritariamente em um único sentido. No caso específico das famílias monoparentais ou em que o pai é mais ausente, nas três realidades culturais a mulher assume ambos os papéis, com (BR, MG) ou sem (FR) a ajuda da família de origem.

O ideal de ego rigoroso das mulheres das três amostras, mas principalmente das francesas e das brasileiras, era responsável pela exigência de desempenhar as funções relativas à maternidade da melhor maneira possível, de fazer tudo e de tudo fazer bem. Com isso, havia um sentimento de sobrecarga importante que impedia o pleno usufruto da maternidade. No grupo brasileiro, essas demandas caminhavam juntas com uma insegurança importante da mulher, relativa à sua adequação como mãe. As mulheres das duas amostras também tendiam a exibir uma conduta um tanto severa e não muito condescendente para com as filhas, no intuito de se assegurarem dos bons resultados de sua educação (BR) ou do bom preparo da criança para uma vida independente no futuro (FR). Porém, a própria reação da criança, que sofria com as reivindicações maternas ou se opunha acintosamente a elas, fazia com que as mães refletissem, questionassem sua conduta e muitas vezes a modificassem (BR, FR). Nesse processo, elas eram mesmo capazes de retomar o próprio desenvolvimento

emocional e se tornarem mais tolerantes diante dos limites e das imperfeições dos outros (BR). Essa maior flexibilidade muitas vezes levava a mulher a reencontrar a criatividade que estava sufocada por um superego opressivo e a auxiliava a promover e consolidar o desenvolvimento do próprio *Self* (BR). Desse modo, mesmo sendo a maternidade vista como uma empreitada cheia de tensões e de preocupações (BR, FR, MG), ela permitiria à mulher desenvolver-se como ser humano e promoveria a sua realização pessoal (BR, FR, MG).

O exercício da maternidade foi vinculado pelas mulheres ao desempenho de uma série de funções, como o manejo da criança, a condução do processo de ilusão e desilusão, a proteção da filha contra as angústias que ela experimenta e contra os perigos do mundo exterior, a oferta do *holding* e de introjeções, a imposição de limites, o acompanhamento da criança em sua jornada rumo à autonomia e o auxílio no desenvolvimento de sua capacidade produtiva. Os três grupos, mas principalmente o francês, sublinharam a maternidade como uma experiência que permitiria, de alguma maneira, a reparação da história pessoal da mulher. Todavia, o sentido dessa restauração foi variado.

As mulheres brasileiras viam a experiência de ter um filho especialmente como uma oportunidade de voltar a usufruir de um passado agradável, resgatando experiências que há muito haviam ficado para trás, ou de consertar o que não havia dado certo em suas vidas. Assim, ser mãe lhes permitiria, de certa forma, voltar a ser criança, recuperar os pais da infância, restaurar a criatividade infantil, combater a solidão ou reparar uma experiência malsucedida com outro filho. Nesses termos, ela promoveria o reencontro da mulher consigo mesma e lhe daria a chance de começar de novo.

Se as brasileiras aproveitam a maternidade para se relançarem no passado, as francesas vislumbram principalmente o futuro: para elas, ter um filho é um projeto de superação pessoal. Com isso, ser mãe é um desafio constante e apaixonante, em que elas ensinam e aprendem com as crianças. Se elas olham para o passado, fazem isso para evitar que os filhos cometam os mesmos erros que elas, mas guardem os acertos; para elas, os filhos devem ultrapassar os limites dos pais. Assim, a criança deve ser ao mesmo tempo uma pessoa independente e uma continuidade da mãe e da família. Nessas condições, a mãe precisa simultaneamente ser e não ser um modelo para a filha. Em suma, apesar do dilema descrito anteriormente entre a devoção ao filho e a autonomia, para a mulher francesa a maternidade também é vista como uma experiência que permite sua realização individual.

Para as magrebinsas, inversamente, a maternidade pode ser tudo, menos um projeto de superação pessoal. Elas concebem a maternidade como a principal conquista feminina, como o sentido de existência da mulher. A chegada de um filho é fonte de felicidade: ela fortalece o

vínculo do casal e recarrega as energias da mulher. Assim como para as mães brasileiras, para as magrebina a relação com os filhos é vista como um refúgio para curar-se das mazelas e decepções infligidas pelo mundo. Embora a maternidade outorgue certo poder à mulher, para a mãe magrebina essa “superação de limites” não é de forma alguma o seu objetivo principal. Ter um filho significa muito mais a chance de preservar uma continuidade de existência pessoal, mas também familiar. A criança é a promessa de perpetuação da dinastia que a mulher oferece aos ancestrais e, sobretudo, à própria mãe. Com isso, a criança não deve se tornar alguém muito diferente dos seus, mas deve ser educada do mesmo modo que a mãe o foi pela própria genitora e que esta o foi por sua avó. Não se trata, portanto, de uma tentativa de ir além do que foram os pais e de atualizá-los, mas de manter viva a tradição familiar no tempo. Nesse sentido, a maternidade não diz respeito apenas à mulher e ao seu marido, mas a todo o grupo familiar. No caso das meninas, a transmissão da linhagem feminina exige uma relação de intimidade pessoal sólida com a mãe. Assim, mães e filhas devem constituir uma rede de proteção, encorajamento e apoio mútuos, que lhes permita até mesmo enfrentar a autoridade masculina. Por isso, as meninas são vistas como mais ligadas às mães e os meninos aos pais, situação que subsidia e é subsidiada pela clara diferença de papéis e funções de acordo com o sexo nessa cultura (Rude-Antoine, 1990; Lacoste-Dujardin, 2004a). O fato de a maternidade constituir-se em uma questão que concerne a toda a família da mulher garante a esta última a segurança de um suporte em sua vida com que ela sempre poderá contar nos momentos de necessidade. Por outro lado, essa situação também pode lhe causar a sensação de estar sendo vigiada e avaliada diuturnamente, pela própria família ou pela do marido, quanto à sua condição como mãe. A perda dessa cadeia vincular com as mulheres da família, ocasionada por uma ruptura com a mãe, atira a mulher no mais absoluto vazio da feminilidade. É nesse contexto que podemos compreender, pelo menos até certo ponto, as razões pelas quais na experiência da maternidade o superego das mulheres magrebina mostrou-se mais proeminente do que o das francesas. Enquanto as mães magrebina não podem se distanciar muito dos seus na constituição de sua identidade pessoal e, por isso, devem ficar atentas às interdições parentais e culturais, para as francesas este distanciamento é mais tolerado e mesmo desejado, desde que o resultado implique em uma espécie de aprimoramento das experiências que os próprios pais tiveram. É por isso que na experiência materna das mulheres francesas o ideal de ego parece desempenhar um papel mais decisivo do que o superego.

Nesses contextos das experiências de suas mães, as meninas das três amostras, salvo alguns poucos casos, demonstraram desenvolver-se relativamente bem. Suas narrativas

permitiram entrever que todas elas se encontram diante das conquistas e dos desafios do estágio da dependência relativa, conforme descrito por Winnicott (1963/1990c), em seus diferentes momentos. Com exceção de Désirée, da amostra magrebina, e de Maria Luísa, da brasileira, as garotinhas mostraram dispor de uma boa condição para a expressão do *Self* e para desfrutar de uma existência espontânea e criativa no mundo. A capacidade para as experiências transicionais encontrava-se já bem estabelecida, ou em processo de instituição no caso de meninas mais jovens como Aicha, nossa pequena magrebina de quatro anos e meio. O valor do jogo e do brinquedo como uma maneira de recuperar, sobre novas bases, a criatividade infantil da etapa evolutiva anterior e o sentimento de continuidade com a mãe, é descoberto ao longo do estágio. Assim, ele é mais plenamente apreciado a partir da metade final da dependência relativa, desde que a criança não resolva abandoná-lo (ou que seja obrigada a fazê-lo) em uma precipitação na vida adulta. A recuperação dessa continuidade é essencial para que a criança se sinta tranquila para se afastar da mãe e ir se tornando gradualmente independente (BR), e também para que o mundo fora do lar e dos braços da genitora seja percebido como um lugar interessante para viver (BR, FR). Embora as crianças das três amostras houvesse comunicado que a maneira como se processava o seu desenvolvimento emocional estava condicionada às angústias, aos sentimentos e às experiências de suas genitoras, as meninas brasileiras e magrebina se mostraram mais prontamente dispostas a sacrificar a expressão da própria criatividade nas situações em que sentiam que isso magoaria a mãe ou colocaria em risco a união familiar.

As capacidades para a integração, personalização e realização encontravam-se bem instituídas nos três grupos, tendo as crianças também alcançado a condição para a empatia e a preocupação. Salvo raras exceções (a francesa Désirée e as brasileiras Maria Luísa e Alice), a capacidade para a simbolização também se encontrava bem desenvolvida ou em pleno processo de estabelecimento, quando a menina ainda operava uma justaposição entre os objetos primário e secundário (como a francesinha Hannah). Assim, as crianças já eram capazes de utilizar os símbolos como expedientes para estabelecer um sentimento de continuidade com o mundo exterior.

No que concerne ao desenvolvimento pulsional, as meninas encontravam-se, em sua maioria, no período de latência, com poucos casos situados no final da etapa edípica. Nos três grupos culturais as normas e regras já estavam interiorizadas no superego ou em processo de serem. Contudo, observou-se um empenho maior das crianças francesas em assimilá-las e digeri-las de modo a construir uma moralidade pessoal, fruto do encorajamento de suas mães para que elas se tornassem independentes, confirmando ser a autonomia um valor

importantíssimo para essa população (Singly, 1993/2007; Liaudet, 2012). Nesse sentido, como abordaremos posteriormente, as mães francesas eram mais tolerantes do que as magrebínas e as brasileiras à expressão da oposição infantil.

A identidade sexual das meninas das três amostras se desenvolvia como francamente feminina, havendo um sentimento de satisfação por ser mulher. Esse assunto, que foi abordado sem delongas pelas meninas francesas e com alguns poucos detalhes pelas brasileiras, foi objeto de demorada consideração pelas magrebínas. Para as brasileiras e magrebínas, da mesma maneira que para suas mães, o homem era o representante do crescimento e da autonomia, enquanto a mulher era assimilada à proximidade afetiva e à união. Se esses significados podem se enraizar na experiência passada da criança, em que o vínculo fusional foi efetivamente estabelecido com a figura da mãe, sua ausência nas meninas francesas, ou, pelo menos, a pouca importância que elas atribuíram a eles, revelam sua forte sustentação pelos valores culturais desses dois grupos (Cândido, 1972; Rude-Antoine, 1990; Romanelli, 1991; Singly, 1993/2007, 1996; Lacoste-Dujardin, 2004a; Demant, 2008; Smither & Khorsandi, 2009; Liaudet, 2012). Como vimos, as mães do Brasil e do Magreb mostraram em suas narrativas que são elas que assumem a principal responsabilidade pela educação de suas filhas e pela manutenção da união familiar; enfim, para elas, principalmente as magrebínas, o espaço da mulher é ainda prioritariamente o lar. Com isso, a distância maior do homem em relação à família constitui-se em um suporte objetivo importante para sua associação, pela menina, com a independência.

Ainda, a concessão da autoridade do lar ao homem, insígnia da estrutura familiar patriarcal (Rude-Antoine, 1990; Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a), que fomenta nas mães magrebínas um sentimento de inferioridade e rivalidade para com ele, também faz parte da experiência de suas filhas. As crianças magrebínas mostraram que, para elas, a base para a atribuição do poder ao homem é a sua constituição física maior do que a da mulher: por ser maior, ele inspira medo e, por inspirar medo, torna-se a figura de autoridade. O combate a essa “injustiça” é resolvido, tanto por elas quanto pelas brasileiras, por meio do desenvolvimento de recursos intelectuais que, *a priori*, compensariam o seu suposto *handicap* físico. Assim, se o homem é mais forte do que a mulher, esta é mais inteligente do que ele. Se as garotinhas brasileiras, cuja rivalidade com o homem é mais discreta, contentam-se com essa solução, o mesmo não ocorre com as magrebínas. Para estas últimas, o combate com o homem é quase feroz. Sendo o homem uma combinação da autoridade e da autonomia, ele é visto por essas garotinhas como narcisista, egoísta e indiferente aos seus. Já a mulher seria doce, generosa, espiritual e solidária, denotando a assimilação dos pressupostos do Alcorão de

que as mulheres seriam mais sensíveis e emotivas do que os homens (Smither & Khorsandi, 2009). As meninas concluem que a mulher rivaliza com o homem por causa do egocentrismo dele. Elas vislumbram a formação de uma aliança feminina na família como uma solução para essa parcialidade da distribuição do poder. Todavia, essa estratégia logo se mostra insuficiente e reclama medidas mais eficientes para neutralizar o poder masculino. Com isso, se a mulher não pode ser como o homem, seria necessário tomar providências para que o homem seja como a mulher. Surge, assim, o desejo de castrá-lo para mitigar o sentimento de inferioridade que elas amargam. Os recursos intelectuais que elas desenvolvem, visando compensar a desvantagem física, são então colocados em uso para ridicularizar o homem e subjugá-lo: sendo mais inteligente que ele, a mulher poderia manipulá-lo, invertendo, assim, a relação de forças. Essa solução das crianças magrebina, contudo, logo se mostra ilusória, pois, tomado o poder, a mulher correria o risco de se tornar egoísta como o homem. Ainda, por ser menos autônoma, ela também seria menos realista e perderia o senso crítico no uso da autoridade. Enfim, as crianças comunicaram que, em sua percepção, embora a mulher deseje o poder do homem, ela não desenvolveu ainda uma maneira feminina de exercê-lo; por isso, ela tenderia a repetir e imitar a autoridade masculina. Essas ponderações são acrescidas de outras, proporcionadas pela capacidade de empatia da criança. Ela percebe que, muitas vezes, por trás da ambição, da arrogância e do despotismo masculino, se esconde a amargura e um sentimento de futilidade diante da vida. Essas constatações aliadas à outra, referente ao papel protetor que o pai desempenha na família, conduzem a menina a desenvolver uma percepção mais benigna do homem e a aceitar a sua autoridade com maior doçura.

Em suma, o desenvolvimento da identidade sexual da menina é fortemente influenciado pelos valores de sua cultura de origem, particularmente pelo modo como se processa a relação entre os homens e as mulheres, mas conforme vividos por sua mãe e assimilados em sua relação com ela. Nesse contexto, diante de uma sociedade mais igualitária em termos dos direitos sexuais, o complexo de castração parece ser menos expressivo do que em outra em que essa diferença de poder é bem assinalada.

7.1.3 Poesias e agonias da dependência relativa

“Então, esse daqui são pintinhos, né? Tá! Então a galinha teve filhinhos, né, os filhotes, e eles nasceram. Eles tavam na mesa, né? Esse daqui é um doce? (Ela mostra a tigela desenhada). [Pode ser qualquer coisa, o que você quiser] Tá! Ai eles tinham acabado de almoçar e estavam sentados na mesa. Daí, ela foi lá na cozinha fazer um doce de sobremesa. Daí ela colocou aqui e os dois eram muito

gulosos e comiam muitas, muitas pratadas e o menino, assim, não gostava muito, ele não comeu nem um direito. Aí a galinha perguntou para ele se ele não estava se sentindo bem, assim, porque ele não come muito. Aí ele falou que não, que estava tudo bem. Aí no outro dia ela fez, assim, uma comida, mas também ele não comeu. Aí, ela estava preocupada. Daí ela levou ele no médico e daí tava tudo bem com ele. Aí ela, quer dizer, o médico falou que era só, acho que, assim, como ele era mais novo, era tipo só uma fase, assim, sabe? Aí ela não se preocupou mais. [E o que acontece no final? Como você acha que termina?] Eu acho que daí, depois ele vai ficando mais velho e aí ele vai comendo até mais que os outros, sabe? [Tá bom. Vamos pensar em um título?] Ai... (Ela fica em silêncio por 20 segundos). Hum... 'Cada fase da sua vida vai mudando?' [Cada fase da sua vida vai mudando?]. O apetite, essa coisas. Acabou". (Marina, brasileira, 10 anos, relato ao quadro 1 do CAT-A)

O tema principal dos relatos das mães e das crianças dos três grupos culturais consistiu na experiência delas no período da dependência relativa do amadurecimento emocional (Winnicott, 1960/1990b), com todos os lutos, medos, expectativas, desafios, esperanças e encantos que o acompanham. É no relacionamento com a mãe que essa mudança no *Self* da menina se inicia e também é nele que ela se desenvolve, se sustenta, finaliza e abre as portas para novas transformações e progressos em outros estágios. Nesses termos, não se trata de um processo unilateral de desenvolvimento da criança: cada um de seus movimentos é acompanhado por outro da mãe, em uma dança complexa e muito harmoniosa. Assim, o ingresso e a estadia na dependência relativa devem ser compreendidos como um movimento evolutivo vivido pela díade, não se sabe bem iniciado por quem, mãe ou criança.

Com raras exceções, esse processo foi vivido, nas três amostras, em um contexto em que as mães poderiam ser consideradas como suficientemente boas (Winnicott, 1956/1993)⁶³. As mães eram, assim, capazes de uma intensa devoção amorosa para com suas filhas, que se concretizava no oferecimento de um *holding* aconchegante e confortador às crianças. Elas acolhiam a criatividade de suas filhas e se adaptavam às suas necessidades de uma maneira pessoal, singular. Elas se identificavam com suas meninas e lhes ofereciam as introjeções necessárias ao crescimento. Além disso, elas as consolavam e acalmavam nas situações de angústia e se constituíam em um abrigo para elas nos momentos de necessidade.

É nesse quadro de uma união firmemente enraizada entre mãe e filha que, subitamente, uma mudança acontece e que, como ilustrou a pequena Marina em seu relato descrito acima, o que a mãe oferece não “apetece” mais. Mãe e filha, atônitas, constataam que

⁶³ Apelamos aqui para uma figura de linguagem, uma alegoria, já que, segundo nossa compreensão da teoria winnicottiana, o conceito de “mãe suficientemente boa” refere-se não à pessoa da genitora em si, mas à relação

alguma coisa aconteceu, embora não saibam o porquê. A mensagem que corre entre a díade, intermediada ou não por um terceiro-tradutor (o médico-pai, no caso de Marina), é a de que a realidade do crescimento bateu à porta da dependência absoluta e entrou sem convite, sem cerimônia e sem aviso prévio. Logo, é hora de tentar compreender o que tudo isso significa, lamentar as perdas e ansiar (no sentido positivo e negativo do termo) pelo futuro.

Essa rejeição/oposição da menina ao que a mãe oferece é o que marca a descoberta, por ambas, de que a díade se constitui, na verdade, de duas pessoas diferentes que estavam e estão juntas. Essa realidade inaugura um processo de desilusão materna nas três amostras que, embora vivido por todas as mães, pareceu ser mais agudamente sentido pelas francesas e pelas brasileiras. Estas últimas referiram mais abertamente a dor que experimentam para aceitar que não bastam mais para suas filhas, que perderam a onipotência junto a ela. A natureza mais lancinante dessa dor nesses dois grupos parece vincular-se à diferença no modo como as mães brasileiras e francesas vivem a experiência da separação, que conduz à autonomia, em relação às do Magreb. Para estas, por mais que a filha cresça, ela terá sempre necessidade da mãe, que continuará sendo a referência principal de sua identidade por toda a vida. Portanto, para as mães magrebina, a separação com a filha que advém do crescimento seria menos peremptória em comparação às francesas e brasileiras. Apesar dessa distinção, nos três grupos culturais as mães referiram que devem renunciar ao próprio narcisismo primário que haviam recuperado no período da dependência absoluta de suas meninas. Nesse trabalho de luto pela relação anterior com a filha pequenina (FR, BR, MG), elas lamentam não apenas a perda das próprias ilusões, mas também a das crianças (BR, MG).

As mães brasileiras foram as que mais expressaram essa preocupação para com suas filhas, já que perder as ilusões arriscaria reduzir consideravelmente o exercício da criatividade infantil. As brasileiras temem que o mundo massacre as fantasias de suas meninas e, por isso, sustentam que, se o processo de desilusão é necessário, ele deve ser feito com sutileza e pelas próprias mães. Elas também percebem o mundo exterior ao relacionamento mãe-filha como repleto de interdições e de restrições, exigindo que a pessoa realize inúmeras concessões. Com isso, acreditam que, com o crescimento, suas filhas terão cada vez menos chance de conseguir o que desejam e o que necessitam, e da forma exata como o desejam e necessitam. Por isso, elas são de opinião de que a infância deve ser aproveitada o máximo possível, tanto pela filha como por elas mesmas, já que, como vimos, a maternidade também lhes proporcionou a volta a esse momento evolutivo. Diante dessa compreensão do crescimento,

estabelecida entre ela e a criança. Desse modo, se o desenvolvimento da díade corre relativamente bem, isso, para nós, significa que ali se encontra presente uma “mãe suficientemente boa”.

elas podem, eventualmente, estender a dependência absoluta da filha ou, inversamente, intensificar as decepções dentro do lar, como medida de imunização da menina contra as decepções que ela fatalmente encontrará no mundo extrafamiliar. Enfim, para as mães brasileiras, conciliar o narcisismo da criança com a nova realidade que ela vai enfrentar não é tarefa nada evidente.

Diante dessa mudança no relacionamento da díade, as mães precisam ressituar-se e às filhas no novo estágio da dependência relativa (BR, FR, MG). Elas se perguntam sobre o que podem exigir de suas crianças na idade que têm agora, pois essa resposta é crucial para compreenderem como o seu papel de mãe deve ajustar-se às suas novas demandas. Nesse processo de busca de sua nova posição, as mães passam por inúmeras regressões e progressões (BR). Isso acontece porque essa tarefa é complexa: ela não implica simplesmente em deixar o passado para trás e seguir em frente, mesmo para aquelas mães que tendem a impulsionar precocemente suas filhas a uma vida autônoma. Ao contrário, o presente somente pode ser vivido de maneira feliz se a continuidade com o passado puder ser mantida. Essa preservação, contudo, exige que a mãe realize várias conciliações que, embora expressas por todas as mulheres, foram diferentemente enfatizadas em cada grupo cultural. Assim, elas devem harmonizar a infância anterior e a atual da filha (BR), o mundo adulto e o infantil (BR), o ambiente familiar e o extrafamiliar (BR), a autonomia e a pertinência à família (BR, FR), a identidade pessoal e a identidade familiar (FR), as gerações passadas e a atual (BR, MG), a proximidade e o distanciamento entre mãe e filha (BR, FR, MG), a liberdade e a interdição (BR, FR, MG). O relevo das três primeiras continuidades pelas mães brasileiras reitera a preocupação delas com as possibilidades de preservação da criatividade na vida adulta do mundo compartilhado. Enfim, ele responde à sua indagação sobre até que ponto é possível ao adulto viver espontânea e imaginativamente. Já a ênfase do grupo francês toca um problema semelhante a esse, mas sublinhando a dialética de manter a liberdade individual dentro de um grupo, também assinalada por Singly (1993/2007). Por sua vez, as mães magrebins, ao contrário da emancipação do indivíduo diante da família, valorizaram a perenidade da tradição, daí sua preocupação com a conciliação intergeracional.

Se as mães francesas fizeram a balança pender para o lado da independência individual, as magrebins inclinaram-se mais para a sustentação primeira da identidade familiar, reiterando que nessa cultura a constituição de si ainda passa pela questão “filho de quem?” (Cherif, 2004). Entre esses dois polos, as mães brasileiras ocuparam uma interessante posição. Se por um lado elas eram bastante seduzidas pelo ideal francês de liberdade, por outro, a sensação de que se desprender dos ancestrais significava repudiá-los de alguma

forma, gerava uma intensa culpa que as fazia manterem-se próximas à família de origem, mas não da mesma maneira que as magrebins, como veremos mais tarde. Assim, embora as brasileiras temessem, como as magrebins, que a autonomia pudesse resultar em desunião, elas nutriam um profundo respeito pelo direito da filha de ter uma identidade diferente daquela da família. Na verdade, para as brasileiras, como para as francesas, isso parecia uma realidade inevitável. Elas acreditavam que tentar manter um relacionamento indiferenciado com a filha, além do tempo da dependência absoluta, obrigaria a menina a rejeitá-las e a abandoná-las definitivamente para não ser sufocada. Portanto, para elas, se a mãe desejasse manter a proximidade com a filha, deveria abdicar de toda pretensão de exclusividade no relacionamento. Em suma, apesar de suas diferenças, as mães brasileiras, como as francesas, valorizavam mais a autonomia individual, enquanto as magrebins prezavam mais a tradição.

Nesse contexto, as mães francesas e brasileiras enfatizaram a necessidade de se prepararem para estabelecer com a filha um relacionamento como duas pessoas autônomas, que deveria ser marcado pela tolerância e pela empatia. Assim, para ambos os grupos, mas principalmente para o francês, havia uma preocupação de integrar, nesse vínculo, os ideais republicanos de igualdade e de liberdade (Liaudet, 2012), mas dentro de certos limites, visto que a relação adulto-criança ainda permaneceria assimétrica (Singly, 1987/2004; Maurin, 2009). Essa aspiração trazia algumas dificuldades para as mães francesas quando elas eram obrigadas a impor sua autoridade à filha ou castigá-la por sua desobediência. Embora cientes da necessidade dos limites, elas se policiavam o tempo todo para não se tornarem autoritárias, já que para elas toda e qualquer forma de despotismo deveria ser repudiada (Singly, 1996).

Mesmo valorizando a autonomia, as mães brasileiras, como as magrebins, temiam pela separação relativa entre elas e a filha, que sustentava essa conquista da menina. Para elas, esse maior distanciamento da díade tornava mãe e filha mais frágeis. Com isso, elas se preocupavam com a maior vulnerabilidade da criança e com a capacidade dela de se arranjar sozinha nas situações em que a mãe não estivesse por perto. Portanto, tornava-se necessário buscar formas de proteger a criança nesse momento de sua vida, por meio da recuperação da proximidade entre a díade, mas agora sobre novos alicerces. Enfim, tratava-se de resolver o paradoxo de garantir a união na separação, assunto que também era de interesse das mães francesas.

As maneiras descobertas pelas mães brasileiras, francesas e magrebins para solucionar tal contradição incluíam o aumento da oferta de introjeções para fins de identificação por parte da criança. As identificações eram, assim, vistas como substitutas do vínculo fusional anterior e preenchiam simbolicamente o espaço vazio que havia ficado entre

o corpo da menina e o da mãe. Essa solução, além de proteger a criança por meio da internalização das interdições, também garantia, de certa maneira, a preservação do vínculo criativo com a filha, que a mãe temia haver perdido. Esse desenlace aliviava satisfatoriamente as mães francesas e brasileiras, mesmo que estas últimas sublinhassem que a dor da desilusão ainda precisava ser aplacada por constantes chances de re-união; assim, elas próprias precisavam estar asseguradas do amor de suas filhas para ajudá-las a se tornarem autônomas. Já para as mães magrebina, o distanciamento físico precisava ser compensado por uma maior proximidade emocional entre a díade, chegando ao ponto de desenvolver, na menina, uma dependência afetiva da mãe real e da família de origem. Diante disso, ocorre uma ênfase nas aprendizagens no seio da família. Essa maior proximidade emocional das mães magrebina com suas filhas foi também constatada por French et al. (2013), em seu estudo sobre a influência do relacionamento entre pais e filhos muçulmanos no ajustamento social destes últimos. Eles verificaram que a doçura e o calor dos pais favorecem a receptividade da criança à influência deles; desse modo, uma parentalidade compreensiva e apoiadora resultaria em uma maior internalização, pelas crianças, dos valores dos familiares e na maior adesão às expectativas do grupo.

O sucesso das identificações, contudo, nunca é completo, devido à realidade objetiva da diferenciação entre mãe e filha e, porque, em vários aspectos, a menina também não pode e não deve ser como a mãe, já que ainda não é uma mulher adulta. Nesse interjogo de ser e não ser como a genitora, ela vai constituindo os contornos de sua identidade e, nesse ponto, a oposição cumpre um papel importante. A desobediência da criança marca a diferença entre ela e a mãe (FR, BR, MG) e obriga esta última a redefinir os limites de seu *Self*. A oposição da criança é bem compreendida pelas mães francesas, embora essa redefinição de limites do *Self* que ela acarreta as obrigue a renunciar, ao menos em parte, ao projeto de reparação de sua história pessoal que a filha representa. Para elas, a insubordinação da filha é uma solicitação de liberdade, uma reivindicação de seu direito de ser quem é, de ter uma identidade autônoma e diferente da familiar; ela corresponderia, então, a um ideal liberal característico da família moderna (Singly, 1993/2007; Liaudet, 2012). Por sua vez, para as mulheres brasileiras, a oposição das filhas é temida porque as expõe a perigos e abusos do mundo exterior. Quanto às magrebina, além de temida, a oposição infantil é muito mal tolerada, porque ela significa um repúdio à mãe e aos valores dela e da família. Como elas consideravam que o que a filha fazia ou deixava de fazer dependia delas, muitas vezes a desobediência da menina significava um doloroso fracasso pessoal em seu intento de promover a continuidade da família. Essa observação reitera a descrição de Smither e Khorsandi (2009) de que, na concepção islâmica,

até a idade de 7 anos a criança não compreenderia as consequências de seus atos e muito do seu comportamento resultaria simplesmente da imitação dos pais. Assim, uma desobediência provocativa da criança, sinalizando o repúdio aos seus, significaria também a rejeição da mãe aos ancestrais, já que é ela a principal responsável por sua educação.

A oposição da criança, marcando sua diferença de identidade em relação à mãe e ao grupo familiar, ou seja, definindo os contornos de seu *Self*, foi vista pelas mães dos três grupos como fruto da influência do mundo extrafamiliar em sua vida. Assim, a oposição assinalava os novos vínculos que a menina ia estabelecendo fora do casulo familiar. Esses relacionamentos foram compreendidos de maneira diferente pelas mães, dependendo de sua visão, mais ou menos benigna, do mundo exterior. Assim, eles foram vistos pelas mães brasileiras e francesas como desejados e necessários, já que seria no meio extrafamiliar que a criança encontraria chances de remediar as falhas da família, de ultrapassar os seus limites (FR, BR) e de alcançar a sua realização pessoal (FR). Com isso, a escolarização era valorizada, já que prepararia as crianças para enfrentar a realidade e os desafios da vida de uma maneira que as mães não podiam fazer; por essa razão, elas se preocupavam bastante com a capacidade produtiva das filhas. Contudo, para as mães brasileiras, os relacionamentos extrafamiliares também eram temidos, por seu receio de que, no intuito de buscar o alívio das deficiências do lar, a criança acabasse sendo magoada pelo “estrangeiro”, que poderia ser insensível às suas necessidades, ou mesmo maldoso. Enfim, elas experimentavam certa ambivalência quanto ao estabelecimento desses vínculos. Já para as mães magrebina, essa ambivalência nem se encontrava presente: os relacionamentos extrafamiliares eram principalmente temidos. As mães brasileiras e magrebina receavam que as introjeções que a criança realizava no mundo exterior estragassem o vínculo familiar; por isso, várias vezes se estabelecia uma competição entre o mundo intra e extrafamiliar em termos das introjeções dos valores pela criança. Seu medo era o de que a filha as preterisse em prol dos valores do mundo exterior e elas se tornassem desnecessárias e pudessem ser mesmo esquecidas por ela.

É possível que a realidade da imigração desempenhe um papel importante nesse modo de as mães magrebina compreenderem as influências do mundo extrafamiliar na vida das filhas, já que, na cultura islâmica, a relação entre o indivíduo e a sociedade é vista como prioritariamente harmoniosa. Nessa cultura, a sociedade é uma fonte para a constituição da identidade individual e, assim como o indivíduo deve apoiar as metas da sociedade, esta também tem a responsabilidade de favorecer o desenvolvimento pessoal e espiritual dele (Smither & Khorsandi, 2009). Todavia, em várias situações, os valores sociais, religiosos e morais dessa cultura e os da francesa eram mesmo antagônicos. Assim, não era raro que a

relação estabelecida entre eles fosse de concorrência, obrigando o indivíduo a realizar um trabalho constante de negociação da própria identidade (Leveau & Mohsen-Finan, 2005; Mohsen-Finan & Geisser, 2005; Wenden, 2005). Nessas circunstâncias, o próprio Alcorão orienta o indivíduo muçulmano para que, quando ele estiver vivendo em uma sociedade que promove valores que conflitam com os islâmicos, ele não dê ouvidos aos “hereges” e os combata com esforço redobrado (Smither & Khorsandi, 2009). Porém, se compararmos as narrativas das mães magrebina que haviam imigrado com as daquelas que ainda viviam no Marrocos, verificamos que uma destas últimas, Badra, também mostra uma concepção do mundo exterior como um local perigoso e, por isso, temia pelo ingresso de sua filha nele. Contudo, Badra era a mãe da criança mais jovem da amostra e, com isso, encontrava-se em plena vivência do luto pelo relacionamento fusional perdido; assim, ela poderia estar particularmente sensível a essa circunstância, não sendo ainda capaz de vislumbrar qualquer vantagem na jornada da criança rumo ao universo extradoméstico.

Apesar de todas essas reticências, o valor da oposição infantil como algo necessário para adaptar a tradição cultural e fazê-la sobreviver no tempo, muito bem compreendido pelas mães francesas, não passava despercebido para as magrebina; porém, o espaço oferecido à criança para modificar a tradição era muito mais restrito do que aquele concedido pelas francesas. Dessa forma, a dimensão do território ofertado à criança para que ela pudesse se mover do mundo da tradição familiar rumo à constituição de uma identidade autônoma, ou seja, a extensão do enquadre, era bem diferente para esses dois grupos.

Nesse contexto, se a mãe deve aceitar que a incorporação de valores diferentes daqueles da própria família é uma realidade inevitável (FR, BR), é sua função agora estabelecer os limites para essas introjeções, em outras palavras, fixar as fronteiras do enquadre. Assim, as mães das três amostras constatam que é necessário realizar uma adaptação dos valores da família de origem e da conduta que suas próprias mães tiveram com elas na infância, já que a reprodução exata deles as ajuda muito pouco a preparar a filha para enfrentar as demandas do mundo atual. As mães francesas se lançam com paixão nesse desafio de buscar um estilo educativo pessoal e ultrapassar, com suas filhas, as restrições pessoais que lhes foram impostas pela família de origem. Elas creem que, para poderem superar seus próprios limites, devem viver a maternidade de uma maneira diferente das próprias mães para não cometerem os mesmos erros que elas. Não se trata, porém, de uma repulsa ao que viveram, já que percebem que a identidade familiar também faz parte do *Self*. Tentar desembaraçar-se dela somente geraria na mulher um sentimento de futilidade. O que atrai fortemente as francesas é a possibilidade de aperfeiçoar o que receberam de suas mães

em sua experiência com suas filhas. Desse modo, antes de uma rejeição aos valores maternos, essa busca do estilo educativo pessoal significa, para as francesas, oferecer uma contribuição à família de origem, mostrando aos pais que elas souberam “capitalizar” o que receberam deles e fazer a família evoluir. Assim, diferenciar-se e ultrapassá-los é também um ato de amor e gratidão para com os próprios pais.

Por sua vez, para as mães brasileiras e magrebina, essa acomodação das condutas e valores dos próprios pais não é feita sem uma dose de culpa. Elas temem serem ingratas com eles, caso não transmitam os seus valores para as filhas nem as eduquem como foram educadas. O oferecimento do enquadre é a solução encontrada para resolver o seu dilema, e também o das francesas, já que a definição de regras específicas de conduta por meio da imposição de limites permitiria salvaguardar os valores da família (BR, FR, MG) e impedir que a criança perca as raízes constitutivas de seu *Self* (BR, FR). Assim, quando a filha “vai longe demais” é tarefa da mãe trazê-la de volta para que ela se lembre de quem é; enfim, o enquadre permite um uso controlado da liberdade (BR, FR). Se para as mães da amostra magrebina a imposição desses limites é mais estrita, as brasileiras e as francesas sustentam que ela deve ser feita de maneira flexível. Para elas, uma imposição muito rigorosa de limites seria fruto de uma apropriação submissa aos valores dos próprios pais e, por isso, colocaria em risco a criatividade delas e de suas filhas. A maior maleabilidade deles, por sua vez, permitiria o estabelecimento de uma relação marcada pela compreensão e pelo respeito mútuos, numa assimilação e concretização dos ideais da família moderna (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Singly, 1993/2007, 1996; Goldenberg, 2003; Maurin, 2009). Nessas condições os limites seriam impostos à criança por meio do apelo à sua capacidade de empatia e pela indução da responsabilidade, ou seja, da capacidade para a preocupação (Winnicott, 1963/1990d). Com isso, a mãe poderia mesmo estabelecer uma relação de cumplicidade com a menina, o que lhe colocaria em melhores condições de neutralizar as más influências do mundo exterior sobre ela. A imposição mais flexível de limites permitiria, então, promover a autonomia e a pertinência ao mesmo tempo.

Independentemente de qual seja a extensão da área recoberta pelo enquadre materno, maior (FR, BR) ou menor (MG), as mães consideram essencial que a filha saiba que elas não a deixaram só nessa excursão, mas que estão nos arredores, vigiando-a à distância. Elas até podem afastar-se mais em situações de tranquilidade (BR, FR), mas diante de uma ameaça à criança ou de uma necessidade, elas voltam imediatamente para a linha de frente da batalha. Desse modo, elas seguem sendo o refúgio da filha diante das tormentas e desventuras do mundo (FR, BR, MG). Assim, todas as mães já perceberam, principalmente aquelas que

permitem à criança ir mais longe (BR, FR), que para a filha tornar-se autônoma ela deve estar certa de que o lar e os braços da mãe estarão sempre abertos para acolhê-la quando ela precisar ou quando quiser voltar.

No que se refere às experiências das crianças no estágio da dependência relativa, elas guardam uma estreita sintonia com aquelas da mãe, chegando mesmo em certos momentos a serem idênticas, o que reitera nossa afirmação de que o desenvolvimento de ambas se processa de modo conjugado.

Dessa maneira, a característica “suficientemente boa” do relacionamento da díade também foi comunicada pelas meninas dos três grupos culturais: elas perceberam suas mães como capazes de lhes fornecer *holding*, proteção e gratificação, proporcionando-lhes uma vida familiar bastante agradável. As garotinhas brasileiras acrescentaram que suas mães oferecem uma rotina de cuidados que lhes facilita manter o sentido de continuidade de existência no dia a dia. Como as mães, elas mostraram experimentar o ingresso no estágio da dependência relativa como um evento inesperado. Nas três amostras ele foi visto como iniciado pela percepção das deficiências da mãe, constatação que atirava as crianças na perplexidade (BR, FR, MG) ou as deixava magoadas (MG). Na busca de compreender o que se passou na relação, as meninas dos três grupos, mas principalmente as do magrebino, podem atribuir as causas da imperfeição da mãe à presença de um irmão que exige demais da genitora e não deixa espaço para elas, ou simplesmente à sobrecarga de trabalho que a mãe enfrenta no lar e fora dele (FR).

A consequência dessa detecção dos defeitos da mãe, sinalizando a ausência da continuidade perfeita entre a díade, é a descoberta de que, para o espanto da menina (FR), ambas são seres separados um do outro (BR, FR, MG) e de que, assim como a genitora, ela também não é perfeita. Esse duro golpe no narcisismo infantil obriga a criança a realizar uma série de lutos, do mesmo modo que sua mãe. Assim, a menina deve enfrentar a dor pelas perdas da identidade infantil, da relação anterior com a genitora, da mãe toda poderosa da dependência absoluta e, ainda, o temor de perder o encontro criativo com ela (FR, BR, MG).

Para as crianças dos três grupos culturais, o processo de crescimento é visto de maneira bastante ambivalente. Por fomentar a autonomia, ele é sentido como uma privação do *holding* materno, já que a separação com a mãe as deixaria vulneráveis. Além disso, elas receiam que ele as obrigue a renunciar à fantasia e à criatividade infantis. O temor da perda da criatividade foi particularmente enfatizado pelas meninas francesas e brasileiras. Como suas mães, elas consideram que a vida adulta exige realizar muitas repressões e concessões, além de obrigar a pessoa a assumir várias responsabilidades. Diante disso, o mundo adulto se torna

desinteressante e tedioso, surgindo o desejo de manter-se criança, que é, às vezes, ecoado pela genitora que prorroga a dependência absoluta da filha (BR). Uma visão mais benigna do processo de amadurecimento surgirá apenas em um momento posterior do estágio, após a realização de vários esforços da menina visando conciliar sua situação presente com a anterior.

Nesse contexto, a entrada da criança na dependência relativa é sentida por ela como uma descontinuidade em sua existência (BR, FR, MG), que necessita ser reparada. Assim, da mesma maneira que sua mãe, ela deve recuperar uma série de continuidades: entre a criança que foi e a que é (BR, FR), entre a relação precedente e a atual com a mãe (BR, FR, MG) e entre o mundo familiar e extrafamiliar (BR, FR, MG). No que se refere à primeira continuidade descrita, a menina receia não mais se reconhecer como sendo hoje a mesma criança que era na dependência absoluta: ela teme haver perdido a continuidade com o seu passado. Para resgatá-la, ela realiza cuidadosas ponderações sobre sua nova posição (não é mais um bebê, mas também não é ainda adulta) e, nesse processo, momentos de regressão à dependência absoluta (BR, FR, MG) ou de progressões prematuras à vida adulta (FR, BR) são frequentes. Quanto à retomada da continuidade da relação com a mãe, as meninas francesas e brasileiras mostraram que precisam inicialmente assegurar-se de que, apesar de serem tão diferentes agora, o amor da mãe por elas continua igual, mesmo quando elas se opõem às suas expectativas e desejos. Esta preocupação não surgiu na amostra magrebina, provavelmente porque, como vimos, nessa etapa de desenvolvimento a tendência de suas genitoras é a de reafirmar a proximidade emocional com elas para compensar a separação física e, nesse intento, o calor e a doçura são consolidados, conforme também verificaram French et al. (2013).

A modificação da natureza do vínculo, por sua vez, é objeto de preocupação universal das crianças. É esse o momento em que, com (BR, MG) ou sem (FR, BR, MG) a ajuda do pai, elas descobrem que sua capacidade para a simbolização constituirá a base para estabelecer um novo relacionamento com a mãe que substitui a fusão anterior. Dessa maneira, elas se dão conta de que, se não podem mais *ser a mãe*, elas podem *ser como a mãe*; o “como se” é, assim, a conquista estrutural que lhes permite guardar o relacionamento mais importante de suas vidas. Não se trata, contudo, de uma simples reconquista do vínculo em si, mas também da natureza dele, já que a simbolização garante à criança o reencontro da possibilidade de usufruir de uma existência criativa, inicialmente na relação com a mãe e, posteriormente, com o mundo. Essa percepção cura a angústia das meninas, principalmente das brasileiras e das francesas, de haver perdido a criatividade anterior da dependência absoluta. Assim, é a partir

do “como se”, do “faz de conta”, que a criança preenche o espaço entre o seu passado e o seu presente e entre o seu corpo e o da mãe, entre si mesma e sua família: se ela *não é mais a família*, ela *faz parte da família*, ela *é como a família*. Logo, a indiferenciação cede lugar à pertinência, sendo a consanguinidade uma sustentação para a continuidade (BR).

Restabelecida a continuidade consigo mesma, com a mãe e com a família, o terreno estaria preparado para o cultivo daquela entre o universo familiar e o extrafamiliar e entre o mundo adulto e o infantil. Nessa tarefa, a criança necessita de uma ajuda especial da mãe, pois a convicção materna sobre a possibilidade de desfrutar de uma existência criativa na vida adulta é o fator essencial para a criança instaurar essas continuidades. Quando a mãe está segura sobre a própria criatividade e sobre as chances de expressá-la no mundo, ela pode auxiliar a filha nessa empreitada, mostrando à menina que a vida adulta é um prolongamento da infantil (FR, BR, MG). Nesse aspecto, contudo, as narrativas mostraram uma pequena diferença entre os grupos. As crianças francesas e brasileiras parecem mais favorecidas nessa tarefa, por contarem mais com a genitora para mostrar-lhes a continuidade entre os universos familiar e extrafamiliar. Assim, as mães aumentam o sentido de pertinência da criança, da família para a sociedade. As meninas magrebina, por sua vez, não fizeram referência a esse assinalamento da proximidade dos dois mundos por parte de suas genitoras. As razões prováveis para isso são as de que, sobretudo para as famílias magrebina que haviam imigrado para a França, esse avizinhamento e camaradagem entre os dois universos nem sempre existe, conforme discutimos anteriormente (Leveau & Mohsen-Finan, 2005; Mohsen-Finan & Geisser, 2005; Wenden, 2005). Esse estado de coisas leva eventualmente a família a desconfiar do mundo exterior (Smither & Khorsandi, 2009; Demant, 2008) e a operar um encerramento em si mesma. Diante disso, o sentimento de pertença da criança torna-se mais reduzido. Esse retraimento, contudo, nunca é completo, já que tanto a criança como os seus pais também precisam acomodar-se às exigências e valores da cultura que os acolheu, integrando-os, na medida do possível, àqueles de sua sociedade de origem (Wenden, 2005; Leveau, 2005). Assim, os pais também auxiliam a criança no estabelecimento da continuidade entre os dois territórios, mas esta parece ser menos fluida do que aquela construída pelas meninas brasileiras e francesas.

Quando essas continuidades entre o passado e o presente, entre si mesma e a mãe e entre o mundo familiar e extrafamiliar estão asseguradas, a menina pode ultrapassar o luto pela dependência absoluta e ver o crescimento com bons olhos (BR, FR, MG). Nesse contexto, com exceção das crianças magrebina, que parecem guardar ainda uma dependência importante da mãe real, as brasileiras e francesas percebem que a experiência da desilusão é

dura, mas necessária, e que se não recebem mais o *holding* integral da mãe, aquele que recebem agora é o bastante para viverem.

Da mesma maneira como relataram suas mães, as meninas dos três grupos culturais mostraram que as identificações são um expediente valioso na estruturação do novo vínculo com as genitoras. Elas se inspiram, então, em suas mães e se esforçam para se tornarem cada vez mais parecidas com elas, embora logo se tornem cientes de que essa semelhança nunca será completa, devido a sua condição de criança (FR, BR, MG). A verificação dessa incompletude, embora provoque uma frustração inicial na menina (BR), mostra rapidamente seus aspectos positivos, já que, se ela fosse completa, remeteria novamente a criança à dependência absoluta ou, pior ainda, transformaria o seu relacionamento com a mãe em uma relação de submissão. Portanto, seria uma armadilha lançar-se prematuramente na vida adulta por meio de uma identificação o mais completa possível com a mãe (FR). Assim, as crianças das três amostras enfatizaram a necessidade dessas identificações ocorrerem no domínio transicional da experiência, de modo a garantir uma assimilação criativa do que a genitora lhes oferece. As francesinhas explicaram, em seus relatos, que o segredo desse processo é a capacidade de desagregar a pessoa da mãe das funções que ela desempenha. Dessa maneira, seria possível realizar introjeções criativas e projeções das funções maternas em objetos do mundo exterior, endereçando a criança a eles ao invés de somente à mãe. Realizada desse modo, a identificação, ao invés de tornar a criança submissa à genitora, contribuiria para a sua independência (FR, BR, MG). Nesse sentido, no processo de realizar as identificações, a menina brinca com as introjeções oferecidas pela mãe (FR, BR, MG).

A descoberta desses prazeres, advindos da assimilação criativa e pessoal do objeto, foi pouco referida pelas crianças magrebínas; as francesas e brasileiras, por outro lado, relataram-na com entusiasmo. Elas constatam, a partir daí, que a superproteção materna, embora asseguradora, é enclausurante, e que a recuperação da simbiose impede as alegrias de construir uma identidade individual. Como consequência dessa percepção, as tentações regressivas dessas crianças para a dependência absoluta praticamente desaparecem.

Nesse contexto, as meninas brasileiras sublinharam que a manutenção do narcisismo primário no relacionamento com a mãe, e com as outras pessoas que começam agora a ganhar importância em suas vidas, não se associa mais à onipotência como no estágio anterior. Na dependência relativa, a preservação do narcisismo resultaria em solidão, já que ela impede a construção de novos vínculos baseados na cooperação e na reciprocidade. Portanto, o narcisismo primário nesse momento seria limitante e incapacitante; a renúncia a ele, por outro lado, abriria um campo de possibilidades e conquistas que enriqueceriam suas vidas (BR, FR).

Todavia, o alcance desses ganhos exige esforço, já que o pensamento mágico jaz no mesmo mausoléu que o narcisismo onipotente: ele agora deixa o seu lugar para ser ocupado pelo pensamento lógico e pelo trabalho árduo (BR, FR).

Essa percepção, contudo, não desencoraja a menina, que vê a jornada rumo a essas conquistas como um estimulante desafio. Essa opinião foi expressa principalmente pelas meninas francesas: elas veem o mundo extrafamiliar como um lugar repleto de oportunidades e de experiências para alcançar a sua realização pessoal. Tanto para elas como para as brasileiras, o encarceramento na família gera tédio e insatisfação e, mesmo que a assunção das responsabilidades da vida adulta seja maçante, a independência que a acompanha seria repleta de prazeres pela liberdade que oferece.

Entretanto, não é somente de alegria e poesia que esse trajeto é feito; ele é também permeado por muita insegurança e, com relação a esse assunto, as meninas magrebina partilham das mesmas impressões que as brasileiras e as francesas. Elas temem não conseguir se inserir no mundo adulto e atender às expectativas dele devido às suas habilidades incompletas, e duvidam de sua capacidade para sobreviver a seus perigos sem os pais ao seu lado o tempo todo. Assim, ser autônoma e ser imperfeita é uma combinação cujo produto inevitável é a ansiedade (FR, BR).

As pequenas magrebina foram as crianças que mais ressaltaram essa apreensão: elas salientaram o seu sentimento de vulnerabilidade e sua incerteza quanto a serem capazes de se recuperar das feridas e mágoas que o mundo exterior lhes poderia causar. Assim, elas exibem as mesmas desconfianças e medos que suas mães sobre o que o universo extrafamiliar poderia provocar em suas vidas, conforme descrevemos acima.

Esse olhar interpretativo da mãe sobre a independência é muito bem apreendido pelas meninas e faz parte de sua maneira de conceber essa figura e essa conquista. As crianças francesas e brasileiras, que saúdam a identificação com os objetos do universo extrafamiliar, percebem que suas mães reconhecem os limites do espaço doméstico para o seu desenvolvimento e valorizam a sua autonomia. Mais ainda, as mães lhes mostram as imperfeições do lar e a necessidade de buscar recursos fora dele para se desenvolverem; enfim, na opinião das meninas francesas e brasileiras, suas mães lhes comunicam que, apesar das dificuldades, o mundo é um lugar prazeroso para viver.

Qualquer que seja a concepção materna sobre o meio exterior ao lar, as crianças dos três grupos culturais mostraram que suas mães as auxiliam no seu processo de inserção nesse espaço e buscam apaziguar suas inseguranças e angústias. Para tanto, elas mostraram que as genitoras as acompanham na jornada além-lar (BR, FR) e enfrentam junto com elas os

desafios que surgem, compensando as inabilidades da filha com as próprias capacidades (FR, BR, MG). Elas também utilizam o faz de conta para simular situações que a filha encontrará quando distante delas, de modo a prepará-la para o seu enfrentamento; dessa maneira, elas auxiliam a menina a estabelecer a continuidade entre esses dois territórios (BR, MG). As meninas, contudo, são unânimes em afirmar que apenas a ajuda da mãe nesse processo não basta e que elas devem ampliar seus conhecimentos e recursos para realizar as tarefas reclamadas por seu desenvolvimento; diante disso, a preocupação com a própria capacidade produtiva se impõe em suas vidas (FR, MG, BR).

Mesmo entre as crianças brasileiras e francesas, cujas mães incentivam a constituição de uma identidade individual independente da família, a busca de novos recursos e de identificações no meio exterior não ocorre sempre de maneira serena e de modo a contribuir com aquilo que mãe e filha já haviam construído em seu relacionamento. Por vezes, as introjeções que a menina realiza fora do lar são francamente contrárias às expectativas da genitora, seja porque elas colidem com a tradição da cultura familiar, seja porque elas colocam a filha em risco real ou psicológico, nesse último caso, o de perder as suas raízes. Essa colisão recebe o nome de desobediência ou de oposição. Ela é exercitada pela criança como uma maneira de marcar a diferença entre ela e a mãe (BR, FR). Nesse contexto, as crianças francesas, ávidas por autonomia, podem mesmo recusar provocativamente as identificações que a genitora lhes oferece, visando definir mais claramente os contornos de seu *Self* em relação a ela. Essa insubordinação, como vimos, é relativamente bem tolerada por suas mães em comparação às outras duas amostras, dado o valor que as francesas atribuem à autonomia pessoal. Em contraste, as crianças magrebins percebem que suas mães suportam mal sua desobediência, porque ela arrisca os valores e os costumes da tradição familiar.

As crianças dos três grupos mostraram que nessas situações de oposição nem sempre a conciliação entre os seus desejos e os da mãe é possível e, dado o efeito nefasto que a desobediência provoca nesta última, elas eventualmente precisam escolher entre preservar a expressão espontânea ou a genitora. Nesses casos, as crianças magrebins e brasileiras, mesmo sabendo que no fim das contas é o desejo do adulto que prevalece, dada à assimetria das relações entre pais e filhos (Cândido, 1972; Romanelli, 1991; Lacoste-Dujardin, 2004a), pareceram mais dispostas a refrear sua oposição para manter a integridade emocional da mãe e a união familiar. Elas optam por essa solução mesmo quando percebem que a reação da genitora à sua insubordinação está muito longe de ser razoável, mas é, sobretudo, exagerada. Elas também podem se valer da simbolização e do faz de conta para deslocar a oposição para outros objetos e, assim, proteger a mãe. A menor disposição das meninas francesas para

fazerem concessões em prol do bem-estar da mãe não significa, contudo, que elas sejam menos sensíveis à integridade da genitora. Essa menor propensão é simplesmente fruto da percepção de que a mãe é capaz de tolerar a desobediência sem entrar em pânico ou sem se desorganizar. Desse modo, a rebeldia da menina leva em consideração uma avaliação realista das capacidades e limites da genitora.

Esse não é, todavia, o único valor da observância da vontade materna nos casos de conflitos. A menina constata, por si mesma, que um rompimento mais categórico com os preceitos maternos faria com que ela perdesse a continuidade com a genitora e com o próprio passado, que ela tanto lutou para reconstituir (BR, FR, MG). Assim, ele a faria perder-se de si mesma e geraria um sentimento de futilidade diante da vida (FR, BR, MG). A obediência garantiria, portanto, um sentimento de pertinência à família e à cultura, pertinência esta que faz parte do verdadeiro *Self* (FR, BR, MG).

De modo a conciliar a necessidade (e o desejo) de constituir uma identidade autônoma e de garantir a pertinência ao grupo familiar, as meninas reconhecem, como suas mães, o valor do enquadre que estas lhes oferecem para exercitar a liberdade e a oposição (FR, BR, MG). Esse enquadre implicaria, para a menina, na seleção, supervisão e controle que a mãe exerce sobre as identificações que ela realiza fora do lar. Trata-se, assim, de um campo de introjeções e identificações que é autorizado pela mãe, cujas fronteiras são bem definidas. Dessa maneira, ele contribuiria para limitar a onipotência da criança, mostrando-lhe que acreditar que ela pode tornar-se qualquer coisa, ser não importa de que maneira e a qualquer tempo, é exatamente o oposto de construir uma identidade: nessas condições, ela acabaria se perdendo em um oceano de possibilidades infinitas. Por outro lado, a aceitação desse enquadre por parte dela auxiliaria no estabelecimento de sua identidade como membro da família (BR, FR, MG). É a boa qualidade das relações familiares que possibilita à menina concordar com o enquadre, pois ele permite preservá-las e também deixa espaço para as aprendizagens e aquisições que ela conquistará fora desse âmbito. Nessas condições, no contato com o meio exterior ao lar, a criança (re) descobriria suas raízes e contornos, conforme definidos na sua vida familiar. Nesse território seguro, em que a pertinência seria o pré-requisito para a independência, elas poderiam usufruir da espontaneidade sem angústia (FR, BR, MG). Esse processo de conciliação, contudo, não é evidente para as crianças e leva tempo para ser concluído. Nesse ínterim, as meninas francesas revelaram a presença de muitas oscilações entre o desejo de permanecer em um vínculo recluso com a mãe e a família e a negação completa da pertinência. Por isso, elas, tanto quanto as brasileiras, chamaram a atenção para a necessidade de que o enquadre proposto pelas mães respeite suas condições de

autonomia relativa e lhes permita assimilar as tradições de um modo pessoal. Desse modo, elas mostraram que, se os limites da cultura familiar são muito estritos, elas se sentem impulsionadas a afastar-se mais da família rumo ao mundo exterior. Por isso, ser liberada para desfrutar de uma autonomia relativa garantiria a união com a família. Enfim, na opinião delas, a independência seria a condição para guardar a pertinência.

Já as meninas magrebina mostraram que, para elas, as fronteiras do enquadre são mais restritas, porque a conciliação entre o desejo do adulto e o da criança, por meio de uma flexibilização das exigências do primeiro, ocorre muito raramente (Lacoste-Dujardin, 2004a). Assim, embora as crianças das outras duas amostras também tenham mostrado que é a vontade do adulto que prevalece, para as pequenas magrebina isso parece ocorrer em uma frequência muito maior. Em acordo com o que vimos sobre a maior proximidade afetiva que as mães dessas meninas promovem com elas nesse estágio de desenvolvimento e sobre a dependência emocional que caracteriza sua relação, essa imposição de limites mais estrita ocorre principalmente por meio do apelo à capacidade de empatia da criança e da indução da culpa. Embora essa maneira de obter a obediência também seja a preferida pelas mães francesas e brasileiras, entre as magrebina ela parece ir muito mais longe. Assim, as meninas magrebina temem mais do que as outras ultrapassar as fronteiras do enquadre e se diferenciar muito das mães, porque sentem que isso provoca uma intensa perturbação nas genitoras. Portanto, para elas, é a natureza da reação da mãe à sua desobediência que determinará o grau de liberdade que elas irão se permitir. Logo, se a mãe for demasiado frágil para acolher a agressividade da menina, a tendência desta será a de uma maior submissão à vontade da genitora. Porém, mais ao final do estágio, quando a menina compreende o sentido real dos limites, ela pode se “dar ao luxo” de expressar ocasionalmente uma desobediência espontânea. Esse trabalho de determinação do enquadre, embora iniciado pela mãe, é consolidado posteriormente pelo pai da criança.

As meninas dos três grupos revelaram que para poderem empreender essa jornada rumo ao mundo extrafamiliar precisam estar certas de que a mãe não as deixou sós, mas as supervisiona à distância para socorrê-las em caso de necessidade. Elas também devem estar seguras de que sempre que quiserem ou precisarem voltar, o lar estará no mesmo lugar, disposto a recebê-las com carinho. Assim, para elas, como para suas mães, o lar se constitui no abrigo contra um mundo que é às vezes insensível, exigente e cruel, o local onde as pessoas compensam as fragilidades e deficiências umas das outras.

As crianças brasileiras e magrebina foram as que mais expressaram a necessidade da presença próxima da mãe real no processo de conquista da autonomia relativa. Para elas, a

mãe deve estar ao seu lado, a fim de que as introjeções e identificações que as meninas fazem com ela se estabilizem e se sustentem. Elas precisam que a genitora lhes mostre que acredita na capacidade delas para concluir essas introjeções e para adquirir as capacidades necessárias para viver no mundo adulto. Desse modo, se a mãe confia nelas, elas, por confiarem na mãe, podem confiar em si mesmas. As meninas também temem que a conquista da autonomia signifique solidão, delas e da mãe: precisam, então, assegurar-se de que não serão abandonadas nem abandonarão a genitora quando se tornarem crescidas⁶⁴. Elas percebem que, como elas, a genitora experimentou a desilusão por ocasião do início da dependência relativa e, por isso, não querem que ela sofra mais. Ao contrário, elas buscam mostrar que desejam estar junto da mãe não pelas necessidades de dependência, mas por amor e porque sentem prazer em sua companhia. Elas também precisam estar garantidas da reciprocidade desses sentimentos por parte da genitora. Se elas estão certas de que a união real permanecerá, a capacidade simbólica pode se desenvolver de maneira mais fluida, já que o símbolo não implicará na substituição completa da mãe, nem em uma “orfandade emocional”. Em outras palavras, para essas meninas poderem fazer uso de sua capacidade para simbolizar, devem estar convictas de que o objeto primário não vai se perder totalmente. Por isso, as crianças magrebins enfatizam que o resultado do processo todo de seu crescimento não será a autonomia, mas uma relação de dependência madura com suas mães.

Finalmente, as meninas dos três grupos culturais revelaram, em seus relatos, embora de maneira breve, sua experiência diante dos adultos em geral, considerando a sua nova condição na dependência relativa. Nas três amostras a relação entre o adulto e a criança foi percebida como francamente assimétrica (Cândido, 1972; Singly, 1987/2004; Romanelli, 1991; Lacoste-Dujardin, 2004a; Maurin, 2009). Contudo, as brasileiras e francesas eram mais confiantes de que, com o passar do tempo, essas diferenças seriam superadas e o vínculo se tornaria cada vez mais igualitário. As magrebins, contudo, eram menos otimistas quanto a isso. Na experiência delas, o adulto não lhes assegurava que poderiam superar as suas inabilidades e, assim, tornarem-se um dia capazes como ele. O adulto era visto como o detentor da autoridade absoluta e não lhes garantia que, com o tempo e o crescimento, elas poderiam ganhar algum poder e equilibrar um pouco mais a relação. A lei do mais forte deveria, então, prevalecer, seja ele o adulto ou o homem, ou, mais precisamente, o homem adulto, o patriarca (Rude-Antoine, 1990; Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a). Essa

⁶⁴ Na amostra francesa, esse receio de deixar a mãe sozinha surgiu apenas nos arranjos monoparentais.

situação desencadeava na menina sentimentos de rivalidade frente a ele, mas que ela não ousava expressar devido à sua vulnerabilidade e ao medo de ser punida.

A estreita harmonia entre a experiência da mãe e o processo de amadurecimento do *Self* infantil no estágio da dependência relativa, que vimos existir aqui, implica também em que o desenvolvimento da criança seja atingido pelos estilhaços das dificuldades emocionais da genitora. Nesses casos, as meninas dos três grupos culturais mostraram que a angústia materna as inquieta e se torna a prioridade a resolver, deixando para segundo plano as empreitadas de seu próprio crescimento. Assim, além de não poderem contar com a genitora para auxiliá-las diante das tarefas complexas que devem enfrentar, elas ainda assumem, por amor, a responsabilidade de ajudar a mãe a superar os seus entraves emocionais. Desse modo, se a mãe não consegue usufruir de sua capacidade criativa porque ela se extraviou em algum canto de seu *Self*, a menina se apressa para ajudar a genitora a resgatá-la, chamando-a para usufruir do brinqueado e do faz de conta (FR, BR, MG). Em várias dessas situações a menina é efetivamente bem sucedida em seu intento de auxiliar a mãe e, com a genitora em melhores condições, pode, então, voltar a se ocupar dos próprios desafios evolutivos. Todavia, se a dificuldade criativa da mãe é crônica e mais profunda, os esforços da criança são vãos (FR, BR). A menina, então, experimenta uma dolorosa solidão em seu desenvolvimento e perde pouco a pouco as esperanças de recuperar, ou mesmo de estabelecer, o encontro criativo com a genitora. Nesses casos, se houver chance, o *holding* que a mãe não consegue oferecer é procurado em figuras parentais substitutas, como os avós, ou até mesmo os irmãos (BR). Já nas situações em que a mãe experimenta uma solidão desoladora, que é parte de afetos depressivos (FR, BR), a menina é mais reticente para se afastar dela e se autonomizar; com isso, a criança usufrui menos do enquadre devido à sua preocupação em deixar a mãe ainda mais solitária. Em tais condições, a criança pode ser incitada a manter uma relação de dependência com a genitora. Com isso, a menina é tentada a retardar o seu amadurecimento emocional até que tenha certeza de que ela, ou outra pessoa, conseguiu tornar a mãe feliz (FR, BR).

Em síntese, as narrativas das mães e das crianças dos três grupos culturais mostraram que a maioria delas usufrui de uma experiência relacional amorosa sólida, construída em bases suficientemente boas. É nesse contexto que elas experimentam o ingresso na dependência relativa como um evento inesperado, que promove uma descontinuidade no seu relacionamento. Um processo de desilusão é, então, desencadeado, sendo ele mais agudamente sentido pelas mães brasileiras e francesas, já que as magrebins buscam compensar a separação física constatada em seu relacionamento com a filha por uma

intensificação da proximidade afetiva com ela. Mães e crianças dos três grupos experimentam o luto pelo vínculo fusional perdido e se apressam em recuperar a continuidade dele sobre novas bases. Para as meninas, também se trata de recuperar a continuidade com o seu passado, integrando a criança que foi com a que é nessa nova etapa, bem como entre o universo familiar e o extrafamiliar, que elas começam a conhecer melhor. Todas as díades, mas principalmente as francesas e as brasileiras, temem que a maior separação entre mãe e filha faça-as perderem a fecundidade do encontro. Como para elas o mundo adulto exige realizar muitas repressões e concessões, desfrutar de uma existência criativa nele seria uma possibilidade duvidosa. Com isso, ele pode ser visto pela menina como desinteressante e tedioso. É por essa razão que existe uma ambivalência inicial das díades com relação ao crescimento que, afastando a mãe da criança, deixaria esta última vulnerável aos perigos e abusos do mundo exterior. Uma visão mais benigna do desenvolvimento terá lugar apenas no momento em que as continuidades forem recuperadas e quando a criança descobrir que a simbolização, ou o “como se”, permite o reencontro da imaginação na vida adulta.

Perdida a fusão e conquistada a simbolização, mãe e filha começam a reconstruir seu vínculo sobre outros alicerces; nesse intento, as identificações da criança com a mãe são descobertas como substitutas da fusão para reaproximar a díade. Entretanto, a menina, além de introjetar os conteúdos oferecidos pela mãe visando à identificação com ela, também realiza introjeções a partir de objetos do mundo extrafamiliar. Quando essas introjeções são muito distintas, ou mesmo antagônicas àquelas oferecidas e desejadas pelos pais, elas são chamadas de desobediência ou oposição.

Essas identificações fora do lar atestam que a criança começa a desenvolver uma identidade autônoma e diferente daquela da genitora e da família. Embora as mães das três amostras admitam que aquilo que oferecem para suas filhas não é mais suficiente para prepará-las para viver no mundo extrafamiliar e reconheçam a necessidade de a criança aprender com ele, essa diferenciação é vista de maneira diferente em cada grupo cultural.

As mães francesas valorizam essa independência infantil e veem nela uma expressão de liberdade da criança. Elas se esforçam, então, para firmar um vínculo com suas filhas como duas pessoas autônomas, com base na empatia e na tolerância às diferenças entre elas. Elas buscam respeitar o máximo possível a liberdade da menina e tentam estabelecer, dentro de certos limites, uma relação um pouco mais igualitária com ela; por isso são mais tolerantes à sua desobediência. Nesse processo, elas se preocupam em auxiliar suas filhas a integrarem a identidade familiar e a individual que está em formação. Por trás dessa atitude existe uma opinião positiva sobre o mundo exterior ao lar, a de que seria nele que a criança encontraria o

remédio para os limites da família; portanto, ele auxiliaria a criança no seu desenvolvimento pessoal. Essa visão do ambiente extradoméstico é compartilhada por suas filhas: elas o concebem como um local repleto de oportunidades para a sua realização individual, capaz de ajudá-las a sanar as imperfeições do lar. Elas percebem que suas mães valorizam sua autonomia e lhes mostram que o mundo exterior é continuidade do universo familiar. Com isso, elas compreendem o encerramento no lar como maçante e descobrem os prazeres da liberdade na independência. Nesse contexto, elas não deixam de aceitar as introyeções oferecidas pela mãe, mas enfatizam o prazer de assimilar criativamente o objeto. Todavia, elas se preocupam com os efeitos de sua crescente autonomia sobre a mãe. Assim, para poderem autonomizar-se e diferenciar-se da genitora, elas precisam estar seguras de que o amor da mãe por elas continua o mesmo, até nas ocasiões em que a desobedecem.

As mães brasileiras são mais reticentes sobre a possibilidade de viver criativamente no mundo adulto, além de mais temerosas de que a autonomia da filha resulte na desunião da díade. Entretanto, como as francesas, elas também se esforçam para estabelecer uma relação com a menina baseada na tolerância e no respeito às diferenças que começam a se mostrar entre elas. Também como as francesas, elas buscam integrar os ideais libertário e igualitário em seu estilo educativo; porém, elas apresentam uma visão um pouco mais ambivalente do mundo exterior. Para as brasileiras, embora o mundo possa amenizar os defeitos do lar e ajudar a menina a buscar sua realização pessoal, ele a expõe a riscos e pode magoá-la. Por essa razão, elas temem pela vulnerabilidade da filha quando distante delas. Assim, embora também busquem estabelecer limites por meio do apelo à capacidade de empatia e de preocupação da criança (e indução da culpa), elas se angustiam mais do que as francesas diante da desobediência da criança. Adicionalmente, elas receiam que as introyeções que a menina realiza no mundo exterior comprometam ou arruinem o vínculo entre elas, ou seja, que a menina prefira “os outros” à mãe ou mesmo a esqueça.

Nesse contexto, as crianças brasileiras, como as francesas, também constataam que suas mães valorizam a autonomia, que lhes mostram que o meio extrafamiliar é continuidade do lar e constitui, como ele, um lugar agradável para viver. Com isso, elas também descobrem que o encarceramento doméstico é enfadonho, que a liberdade é repleta de prazeres e se entusiasmaam com a chance de assimilar criativamente os objetos apresentados pela genitora. Ainda que suas mães temam por sua integridade no mundo fora do lar, as meninas não se sentem demasiado vulneráveis quando distantes delas. Contudo, elas se mostram mais dispostas do que as francesas a refrearem sua oposição para proteger a mãe. Elas também receiam que a genitora fique solitária em virtude da independência que estão adquirindo e,

assim, sublinham a necessidade da presença da mãe real ao seu lado nesse processo, reiterando que ela nunca será completamente substituída pelo símbolo.

Por sua vez, as mães magrebínas, em seus relacionamentos com as filhas, acentuam mais a continuidade intergeracional do que a autonomia pessoal: a preservação da identidade familiar é vista como prioritária à individual. Diante disso, elas receiam que o maior distanciamento com suas filhas torne a criança demasiado vulnerável às (más) influências do mundo exterior, cujos valores são, por vezes, opostos àqueles da família. Como aquilo que a criança faz ou não faz é visto por elas como dependente da mãe (Cherif, 2004; Smither & Khorsandi, 2009) e como a desobediência acintosa significa o repúdio aos seus, a oposição da criança é muito mal tolerada, já que, além de expor a criança a riscos, atestaria o fracasso da mulher como mãe. Como as brasileiras, mas de forma muito mais intensa do que elas, as mães magrebínas temem que as introjeções que a criança realiza no mundo extrafamiliar profanem o vínculo da díade e entre a família. Quanto às meninas magrebínas, em função da maior proximidade afetiva que vivem com a mãe em relação às outras duas amostras, elas parecem mais seguras da continuidade do amor materno nessa nova etapa de desenvolvimento. Espelhando a reticência de suas mães, que lhes mostram que, em grande parte das vezes, o ambiente extrafamiliar não é continuidade do familiar, as meninas exibem menor fluidez quando necessitam transitar entre esses dois universos e veem a si mesmas como mais vulneráveis quando distantes da genitora. Elas também percebem que a mãe suporta muito mal a desobediência e mesmo se desorganiza com a oposição infantil; com isso, a assimilação criativa do objeto tem um espaço mais reduzido para acontecer, em comparação às amostras brasileira e francesa. Como as crianças brasileiras, elas estão bastante dispostas a reprimir a expressão espontânea, quando isso é necessário, para preservar a integridade da genitora e têm uma necessidade maior da presença real da mãe ao seu lado para prosseguirem em suas jornadas rumo à autonomia. Também como as brasileiras, elas receiam deixar a mãe só quando se autonomizarem e precisam garantir-lhe que a mãe introjetada jamais a substituirá completamente.

Essas distinções nas experiências das mães desembocam, evidentemente, na maneira como será oferecido o enquadre para a filha exercitar sua liberdade, mais amplo em suas dimensões para as brasileiras e francesas e mais restrito para as magrebínas, de acordo com a permissão que têm (ou que não têm) para mudar a tradição familiar. Desse modo, para as mães francesas que podem, e que têm como dever de honra, aperfeiçoar a tradição familiar e buscar um estilo educativo próprio, as fronteiras serão mais distantes e flexíveis. Nessas condições existem, na maior parte das vezes, chances de negociação com a criança quando ela

“extrapola os limites.” Essa flexibilidade é muito bem acolhida por suas filhas pelo espaço que lhes deixa para a assimilação criativa do objeto. Para elas, se os limites impostos forem demasiado estritos, elas seriam impulsionadas a romperem com a família, o que absolutamente não desejam fazer. As mães e crianças brasileiras compartilham da mesma opinião que as francesas, mesmo que paire sempre na mãe o receio de ser ingrata com a sua família de origem, caso mude demais os costumes e as tradições dela. Esse temor é intenso nas mães magrebina que, por isso, oferecem um enquadre mais restrito para as filhas, com chances menores de alteração da cultura familiar. Com isso, suas filhas temem mais do que as outras crianças romper o enquadre; além disso, elas verificam que o adulto é muito pouco flexível para operar com elas qualquer tipo de negociação (Lacoste-Dujardin, 2004a).

Finalmente, a possibilidade de estabelecer no futuro uma relação mais igualitária com o adulto, verificada nas crianças brasileiras e francesas, redundava em uma maior confiança, por parte da menina, de que suas habilidades incompletas e seus desajeitamentos serão superados por meio da aprendizagem e da experiência. Por outro lado, as meninas magrebina não estão certas disso; por essa razão não creem que, um dia, depois de crescidas, libertar-se-ão de um certo sentimento de inferioridade.

7.1.4 O relacionamento com o marido/pai

As narrativas das mães sobre o seu relacionamento com o marido mostraram que elas experimentam sentimentos semelhantes para com ele, a despeito das distinções entre as amostras magrebina e francesa quanto às posições do homem e da mulher na família, fruto da manutenção (ou do repúdio) em maior ou menor grau da estrutura patriarcal nessas sociedades (Rude-Antoine, 1990; Singly, 1993/2007; Cherif, 2004; Lacoste-Dujardin, 2004a; Maurin, 2009; Liaudet, 2012). De modo geral, nos três grupos o vínculo com o marido ou companheiro foi considerado principalmente como bom e enriquecedor para o relacionamento da mulher com sua filha. Todavia, essa apreciação favorável que as mulheres faziam do marido não era de forma alguma imediata, mas se constituía no resultado de uma longa e complexa elaboração de sua ambivalência face a ele.

As mães francesas e brasileiras referiram que, dentre as suas contribuições, os homens poderiam auxiliá-las em seu desenvolvimento pessoal, seja na recuperação da própria criatividade, ensinando-as a conciliar o mundo subjetivo e o compartilhado (BR), seja ajudando-as a se tornarem menos autoritárias e mais flexíveis consigo mesmas e com a filha (FR). Eles ainda poderiam compensar as suas deficiências como mães, inclusive oferecendo

holding à menina, quando elas falham em fazê-lo (FR, BR). Porém, eventualmente são eles que precisam e recebem o *holding* da mulher, que deve manter o lar como um ambiente agradável para eles (BR, MG), protegendo-os dos incômodos causados pelas crianças (MG) ou consolando-os do luto que eles também experimentam pela perda da filha pequenina (BR).

As mães francesas revelaram que seus maridos ou companheiros encontram-se mais próximos do cotidiano doméstico do que nos grupos brasileiro e magrebino, sendo a divisão de funções de acordo com o sexo bastante fluida. Essa realidade, que autentica a assimilação das reivindicações feministas na esfera da organização e do funcionamento familiar pela sociedade francesa (Singly, 1993/2007; Liaudet, 2012) implica que, na prática, o homem auxilia diretamente no cuidado das crianças e nas tarefas domésticas, mesmo que a partilha dessas atribuições com a mulher não seja exatamente equitativa (Maurin, 2009). As mães brasileiras também referiram receber esse tipo de ajuda do marido, mas muito menos do que as francesas. Dessa maneira, o cônjuge alivia a sobrecarga da mulher, apesar dela perceber que ainda faz muito mais do que ele (BR, FR); mesmo assim, ele permite a ela melhor usufruir da maternidade.

Nas amostras brasileira e magrebina, o cuidado dos filhos é atribuído prioritariamente à mulher. Particularmente para as mães do Magreb, as crianças, quando pequenas, pertencem a elas integralmente. É somente com o crescimento delas que o marido se avizinha da díade e contribuirá com o ensino, para elas, das tradições culturais e da religião. Essa aproximação do cônjuge, contudo, é recebida pelas mulheres magrebina com reservas: seu sentimento é o de serem obrigadas a dividir seus filhos com o marido, o que as deixa vulneráveis e as priva do (pouco) poder doméstico que elas detinham antes. Porém, o marido também é visto por elas (e pelas francesas) como uma importante fonte de apoio em seu vínculo com a filha, mesmo se, às vezes, elas mostram não compreender muito bem as razões disso (MG). Como essa atitude das mães magrebina permite adivinhar, também no caso delas o relacionamento com o cônjuge não é feito somente de cooperação.

As mães francesas e brasileiras referiram a existência de constantes conflitos entre o casal, porque o marido não as apoia quando elas devem exercer a autoridade diante da filha; em determinados casos, elas se veem mesmo obrigadas a colocar limites no cônjuge (FR). Entretanto, elas relataram que a razão mais frequente dessas disputas é a de que o homem se portou de maneira prepotente e ditatorial com elas ou com as filhas. Dentre as mães magrebina, embora os desacordos também tenham sido referidos, eles acontecem em menor escala: são evitados pela mulher em razão da angústia que provocam nela e do seu medo de que as filhas apoiem o pai, o que a faria se sentir particularmente debilitada. Isso acontece

porque nas famílias brasileiras e magrebina o marido ou o companheiro é a figura de autoridade da casa, enquanto nas francesas o poder varia conforme o caso ou é dividido entre o casal. Assim, os conflitos conjugais ocorrem na amostra brasileira porque as mães enfrentam a autoridade dos maridos, e na francesa porque elas se sentem em pé de igualdade com eles para lutar por suas convicções e desejos. Já as magrebina, de modo geral, experimentam uma agressividade contida, que poucas vezes se expressa direta e abertamente. Para elas, a submissão ao domínio masculino é ocasionalmente sentida como um impedimento para viverem a maternidade de maneira mais espontânea; nessas condições, elas anseiam que o homem, por determinados momentos, afaste-se da díade para que elas possam entreter uma relação mais genuína com a filha. Todavia, como as mulheres brasileiras, as magrebina questionam a autoridade do homem, mesmo que estas últimas não cheguem às vias de fato. As mulheres desses dois grupos culturais não compreendem porque é o homem que assume o comando da família, quando são elas que se ocupam de tudo e ele, ao contrário, encontra-se mais distante do cotidiano do lar. Elas se sentem injustiçadas, mas seguem acatando a autoridade do cônjuge e buscam abrandá-lo quando ele se desentende com os filhos.

Nesse contexto, é estabelecida uma relação ambivalente com o cônjuge que, embora presente nos três grupos, foi particularmente enfatizada no francês e no magrebino. Os vínculos oscilam, então, entre a rivalidade e a cooperação. Na amostra magrebina, isso acontece por conta da posição de autoridade que o homem ocupa, que faz surgir na mulher um sentimento de inferioridade; ainda, nesse grupo e também no francês, a ambivalência se implanta porque a aproximação ou a proximidade já existente dele com a filha desencadeia ciúme nas mães. Assim, uma disputa insidiosa pela criança se instaura entre o casal (FR, MG), com as mulheres tendo maiores dificuldades para compreender a função do marido no vínculo entre mãe e filha do que no relacionamento entre mãe e filho. Para as mulheres magrebina, o homem é visto mesmo como o representante de um mundo cruel e enganoso, do qual a filha deveria ser afastada e protegida. Elas também ressaltam a inabilidade do homem para cuidar de crianças: ele não é sensível o bastante para compreendê-las, não é capaz de oferecer *holding* e é autoritário, rude e intimidador; enfim, ele seria mesmo uma ameaça à integridade emocional das meninas.

Nos grupos brasileiro e magrebino, o que salva o homem do completo ódio da mulher e da condenação ao ostracismo na relação mãe-filha, é a constatação que ela faz de que ele oferece uma segurança à família que ela não é capaz de fornecer. Pela firmeza de sua autoridade, ele impõe limites à criança mais eficazmente do que a mulher e, sendo mais bem

sucedido no manejo da oposição infantil, ele protege melhor a filha das influências negativas do mundo exterior. Ele também auxilia a mãe no trabalho de consolidação das introjeções que ela oferece à filha e, assim, ajuda a preservar a união do grupo familiar e alivia o medo dela de ser esquecida pela criança (MG). Ainda, por inserir a dimensão simbólica no vínculo entre a mãe e a filha, ele apresenta a elas uma alternativa para a recuperação do relacionamento criativo perdido; com isso, ao invés de separá-las, como a mãe temia, ele as reúne novamente. Dessa maneira, a mulher pode ultrapassar o luto pela dependência absoluta da filha. Diante disso, para as mulheres brasileiras e magrebinsas o cônjuge se torna, então, uma autoridade benigna.

Quanto às mães francesas, elas também reconhecem esse auxílio precioso do esposo para impor limites e proteger a criança e a família. Para elas, ele também desempenha um papel na promoção da autonomia da filha que, embora não seja crucial, é pelo menos muito importante. Desse modo, elas também superam sua ambivalência para com ele e passam a ver os conflitos entre ambos como oportunidades para se colocarem em questão e avançarem no seu desenvolvimento pessoal. Nesse sentido, as mulheres das três amostras revelaram que a ausência do cônjuge as tornaria frágeis, vulneráveis e desorientadas, principalmente quando, no caso das configurações monoparentais, elas não têm o apoio da família de origem para cuidar da filha (FR). Contudo, essa mesma desorientação surgiu nos arranjos recompostos, quando a mulher fica dividida sobre até que ponto deve incentivar a aproximação do pai biológico com a filha, e até que ponto deve permitir que o novo companheiro assuma efetivamente as funções paternas junto à menina.

As concepções das crianças sobre o pai caminharam em sintonia com aquelas das mães. Também para elas o vínculo com ele se torna positivo somente depois de longas e demoradas ponderações sobre o seu papel e a sua importância para a díade, que vão permitir a elaboração de uma marcada ambivalência para com ele. Em outras palavras, a relação com o pai muda ao longo do estágio da dependência relativa, iniciando como essencialmente negativa ou ambivalente para, finalmente, transformar-se em positiva (FR, BR, MG). Da mesma maneira que suas mães, as meninas magrebinsas foram as que mais revelaram seus sentimentos negativos para com o pai e as desvantagens de sua inclusão no relacionamento da díade. Para elas o pai é visto primeiramente como alguém que contribui para afastá-las da mãe: elas podem mesmo atribuir a perda da união simbiótica com a genitora na dependência absoluta à presença dele no lar. Ainda, o pai é percebido como alguém egoísta, vaidoso, ambicioso, narcisista, amargo e que deseja mostrar a sua potência ao mundo. Ele se constitui na autoridade da família (BR, MG), mas a exerce de maneira demasiado estrita: é austero,

rigoroso, inacessível e, com isso, coíbe a expressão espontânea da criança. Nessas condições, não há chance de estabelecer uma comunicação genuína com ele, sendo apenas possível um vínculo baseado na submissão e na persecutoriedade. Para as meninas magrebina, o pai também abusaria de seu poder sobre a mulher, rebaixando e humilhando a mãe. Por todas essas razões ele se torna odioso e, assim, surgem desejos não apenas de escapar das restrições que ele impõe, mas de excluí-lo de sua relação com a mãe e tomar o seu poder, ou seja, castrá-lo. Para as meninas magrebina, a origem da autoridade do pai reside em sua superioridade física em relação à mulher; por isso, diante dos conflitos conjugais, elas devem proteger a mãe porque a amam e porque ela é mais frágil do que ele.

Não obstante a menor violência dos sentimentos negativos dirigidos ao pai, as meninas brasileiras e francesas compartilham da reticência das magrebina quanto à inclusão dele em seu vínculo com a mãe. Enquanto as magrebina se convencem de que têm razões muito claras para desejar manter o pai longe delas e da mãe, as francesas e brasileiras vacilam em chamá-lo para se aproximar da díade, simplesmente porque não entendem qual seria a função dele nesse relacionamento. No máximo, o pai as obrigaria a dividir com ele a mãe, diminuindo a disponibilidade da genitora para elas. Nesses termos, para as meninas das três amostras, o pai seria um intruso indesejável na sua relação com a mãe; por isso, sua aproximação é recebida por elas com hesitação e contrariedade.

Nos três grupos, as meninas revelaram que suas reservas e insatisfações sobre a inclusão do pai em seu relacionamento com a mãe começam a ser dissipadas quando elas percebem que não foi ele o responsável principal pela separação da díade, que aconteceu na ocasião de seu ingresso na dependência relativa. Elas constatam que a separação é uma realidade da vida, a denúncia das imperfeições do ser humano. Portanto, não é o pai que lhes toma a mãe e expulsa ambas do paraíso fusional, já que este é uma ilusão em si mesmo: a presença do pai simplesmente sustenta essa percepção e adiciona à experiência do luto da menina pela dependência absoluta o sentimento de haver sido excluída da relação com a mãe. Ele não é o mandante da violação da dependência absoluta, mas simplesmente um eventual mensageiro que comunica à díade que a criança cresceu (BR).

Para as meninas brasileiras e magrebina, a percepção do pai como alguém que não participa da díade faz com que ele seja visto por elas como o suprassumo da autonomia. Essa representação, vivida no contexto do luto pela perda da relação fusional com a mãe, leva essas crianças a introduzirem a dimensão da solidão e da tristeza em sua concepção da figura paterna. Em outras palavras, o pai seria triste porque é autônomo e só, destino este que as aguarda também. Por conta disso, o pai desperta o interesse da menina, que deseja

compreender como seria possível viver alegre e criativamente nessas condições. É o exame atento das crianças a essa figura e à “resposta” que ela fornece a tal indagação que as faz descobrir a possibilidade de estabelecer um novo vínculo com a mãe, agora sobre bases simbólicas. Portanto, o pai mostra às meninas a viabilidade de se relacionar fora da fusão e de recuperar a criatividade e a imaginação no viver por meio da utilização de símbolos, do “como se”, do “faz de conta”. Assim, ao contrário do que as meninas pensavam, o pai não as afasta da mãe, mas as reaproxima dela: ele garante a permanência da união da díade e, com essa certeza assegurada, ele auxilia a filha e a mãe a não temerem tanto a separação e a independência. Em síntese, ele sustenta a autonomia da criança e a da mãe, não pelo corte que opera em seu relacionamento (Roudinesco & Plon, 2006), mas porque preserva a coesão entre elas.

As crianças francesas, por sua vez, pouco ou nada relataram sobre essa função do pai de reunir a díade e de promover a autonomia delas e da mãe. Para elas, no que diz respeito ao suporte de sua independência, o pai cumpriria um papel importante em um momento mais tardio da dependência relativa, no do auxílio à mãe na determinação do enquadre. À primeira vista, essa ausência de menção à importância do pai no estabelecimento do vínculo com a mãe em bases simbólicas significaria que, nesse aspecto, o papel desse genitor seria menos crucial para esse grupo. Isso ocorreria porque as mães francesas, como vimos, batem-se o tempo todo para conciliar a devoção maternal e a autonomia pessoal. Nesses termos, elas poderiam oferecer para a filha, de início, um modelo de autonomia mais próximo do que o do pai e cumprir em parte a função de ajudá-las a compreender que é possível conciliar a criatividade e a vida adulta. Nesse sentido, a afirmação de Davis e Wallbridge (1982) de que, na teoria winnicottiana, a mãe representaria a estabilidade da casa e o pai a vivacidade das ruas, *a priori*, parece aplicar-se bastante aos lares magrebinos, razoavelmente aos brasileiros e muito pouco aos franceses, já que nestes a mãe também estaria nas ruas e o pai no lar. Contudo, nessa amostra, o papel do pai na promoção da autonomia da díade se desvelou nas situações em que ele se encontrava ausente, ou seja, nos arranjos monoparentais. Nesses casos, o pai também não foi descrito pelas crianças como essencial para introduzir a dimensão simbólica no vínculo entre elas e a genitora; sua relevância era outra: aplacar os seus temores e a culpa por deixarem a mãe sozinha caso se tornassem autônomas. Para elas, se a mãe tivesse mais alguém com quem contar, elas poderiam afastar-se dela e prosseguir suas jornadas rumo à independência. Por outro lado, se elas não estivessem certas disso, sua inquietude para com a mãe poderia mesmo conduzi-las a retardar ou bloquear o seu desenvolvimento pessoal. No entanto, para essas meninas, a ausência real do pai não era o fator essencial em sua decisão de

seguir ou interromper seu processo de amadurecimento: tratava-se antes de como essa falta era vivida pela mãe. Se a genitora interpretasse a ausência do cônjuge como um abandono indesejado, que a deixava triste ou poderia mesmo atirá-la na depressão, essa significação transtornava a menina e poderia fazê-la mesmo deter a sua evolução emocional. Dessa maneira, as narrativas das meninas procedentes dos arranjos monoparentais sugerem que a menor importância atribuída ao pai na sustentação da autonomia infantil, na amostra francesa, pode ser apenas aparente. Ela não se mostra de maneira explícita porque seria mediada pela realidade psíquica da mãe, pela concepção que a genitora teria dessa figura. Nesse sentido, para as francesas, a importância do pai iria ao encontro da descrição feita por Outeiral (1997) de que esse genitor constituiria um elemento facilitador (ou, acrescentamos, dificultador) do desenvolvimento emocional, inclusive como imago que faz parte da realidade interna da mãe.

Ainda no que tange à relevância do pai na sustentação da capacidade simbólica da criança e no asseguramento da sobrevivência do vínculo criativo com a mãe e com o mundo, as meninas francesas, como as brasileiras, revelaram que o genitor brinca com elas. Assim, se ele é capaz de usufruir do jogo e da imaginação, sendo adulto e sendo autônomo, ele alivia as incertezas da criança sobre a possibilidade de viver criativamente fora da relação fusional da dependência absoluta. Nessas condições, ele sustentaria o trabalho de conciliação entre os mundos subjetivo e compartilhado que a mãe começou a realizar, mostrando que a vida adulta não é estéril.

Nesse contexto, Winnicott (1945/1982) já afirmava que certas qualidades maternas, como a maciez e a ternura, ficam sempre associadas à mãe; contudo, ela também possui qualidades austeras. Esses atributos da mãe que não fazem essencialmente parte dela reúnem-se na mente infantil e atraem sobre si próprios os sentimentos que, com o tempo, a criança acaba por dispor-se a alimentar em relação ao pai. Assim, quando ele entra na vida da criança de fato, ele assume sentimentos que ela já nutria em relação a certas qualidades da mãe, e é um alívio perceber que o pai se comporta da maneira como ela esperava.

Se, conforme Winnicott (1945/1982) permite entrever, o pai terminaria o que a mãe começou a fazer, as crianças brasileiras e, principalmente, as francesas, mostraram que as coisas não se passam necessariamente assim, já que o pai muitas vezes cuida delas junto e ao mesmo tempo que a mãe. Assim, ele pode compensar algumas das falhas maternas, mesmo concernentes à oferta do *holding*; desse modo, nessas duas amostras, as crianças percebem o pai como uma fonte de apoio efetiva para a mãe. Já para as meninas magrebínas, sua relevância se fará mostrar posteriormente, corroborando as afirmações de suas mães de que, quando pequenas, suas filhas lhes pertencem integralmente. Nesse sentido, o pai adquirirá

importância na educação da filha no momento de auxiliar a mãe na oferta de introjeções a ela, visando sua identificação com os valores da família e na determinação e fixação mais sólidas do enquadre. Essa tarefa de impor limites para garantir a pertinência ao grupo familiar foi considerada pelas crianças dos três grupos culturais como sendo a essência da função paterna. É nesse aspecto que as meninas magrebins sustentam que a autoridade do pai deve ter um objetivo mais educativo do que punitivo, devendo ele transmitir os valores familiares mais importantes por meio da imposição de limites.

Nos três grupos culturais, a colaboração do pai na re-união das meninas com a mãe, sua demonstração da possibilidade de viver criativamente, mesmo sendo autônomo, e a determinação do enquadre que garante a pertinência ao grupo familiar e que as auxilia a não se perderem de si mesmas, vão, pouco a pouco, modificando a visão negativa que elas tinham dele e transformando o vínculo de ambivalente para positivo. A essas contribuições paternas é acrescida outra, também capital: a firmeza e a solidez paterna, que antes incomodavam a criança, são agora percebidas como capazes de proporcionar uma proteção confiável para ela e para a família toda contra os perigos e ameaças do mundo extrafamiliar. O pai passa a ser visto pelas meninas como mais capaz do que a mãe para oferecer esse tipo de segurança, por ser mais forte do que ela. Entretanto, a condição para usufruir dessa proteção é a obediência a ele. Desse modo, em função dos benefícios que o pai acarreta para elas e a família e de seu amor por ele, as meninas decidem aceitar a sua autoridade. Porém, essa decisão as coloca diante do problema de como guardar a espontaneidade na obediência, como conciliar a criatividade com a submissão. Brasileiras, francesas e magrebins concordam em que a obediência ao pai (e também à mãe) não pode ser completa, caso contrário, ela colocaria a espontaneidade infantil em risco. Assim, pouco a pouco elas vão desenvolvendo certa flexibilidade que lhes permitirá assimilar criativamente os valores transmitidos e sustentados pela autoridade paterna. As pequenas francesas e brasileiras têm esse trabalho imensamente facilitado, porque seus pais compreendem que a desobediência é parte inerente do crescimento; dessa maneira, como suas mães, eles toleram mais a oposição infantil e são menos rigorosos com suas meninas. Já as magrebins, que não usufruem dessa condição, ensaiam, através do jogo e do “como se”, quais seriam os efeitos de sua desobediência e quais seriam os castigos que seus pais lhes infligiriam. Nesse exercício, elas concluem que, por mais dura que seja a punição, o pai não irá subjugar-las jamais. Com isso, uma desobediência ocasional é possível, embora elas não possam ir tão longe quanto as crianças francesas e brasileiras.

Contudo, seja no Brasil, na França ou no Magreb, nem sempre as coisas se passam serenamente, ou seja, nem sempre essa proteção do lar é assegurada, devido à presença importante de conflitos conjugais. Mesmo que na amostra magrebina as mulheres afirmassem sua pouca disposição para enfrentar o cônjuge, suas filhas mostraram que o lar se transforma, ocasionalmente, em um verdadeiro campo de batalha entre os sexos. As crianças dos três grupos revelaram que, nas ocasiões de disputa, nem sempre os pais as protegem e, eventualmente, são elas que devem colocar limites na hostilidade deles. Para as meninas, as contendas entre os pais enfraquecem a família e despertam dúvidas sobre a integridade e a solidez do lar. Diante disso, elas ficam transtornadas, porque, em sua opinião, sua casa deveria ser um abrigo seguro contra as agruras e mágoas provocadas pelo mundo exterior, um local de apoio e proteção mútuos. Elas podem, então, esforçar-se para manter a união familiar, restando a expressão espontânea da agressividade contra os pais, por não acreditar que eles sejam capazes de acolhê-la sem danos ao lar. Enfim, nas três amostras as meninas fizeram ver que os conflitos entre os pais lhes fazem muito mal.

Finalmente, as meninas brasileiras e magrebina assinalaram que, da mesma maneira que acontece com a mãe, elas devem socorrer o pai quando ele apresenta alguma dificuldade. Desse modo, elas compreendem que, por vezes, o autoritarismo e a arrogância dele encobrem uma profunda amargura e insatisfação pessoal. Assim, se elas detectam que o pai perdeu a alegria de viver, apressam-se para socorrê-lo e ajudá-lo a resgatá-la.

Em síntese, no que tange à relação com o marido/pai, ele foi considerado pelas mães e pelas crianças como uma importante fonte de apoio para elas, embora em momentos diferentes. Para as mães brasileiras e, principalmente, para as francesas, esse suporte existe desde o nascimento da filha, com o cônjuge auxiliando nos cuidados dela e dividindo, em maior ou menor grau, as tarefas domésticas. Para as magrebina, a importância dele virá em um período posterior, já que, quando a filha é pequena, ela pertence apenas à mãe. As mães e meninas das três amostras revelaram que a qualidade positiva do vínculo com o cônjuge/pai não é imediata, mas surge após um longo caminho afetivo percorrido, que exige a superação da ambivalência face a ele. De início, mesmo na amostra francesa, mas principalmente na brasileira e na magrebina, mães e filhas não compreendem muito bem porque devem receber e incluir o homem em seu relacionamento. Sendo ele a autoridade absoluta nos lares magrebina, sua maneira estrita de exercer o poder desperta muitos sentimentos negativos na mulher e na filha: ele é visto como rude, despótico, prepotente e insensível. Como as mães são as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos e da casa, elas e suas filhas sentem que o comando do homem sobre a família é uma injustiça. Esse sentimento é também

compartilhado pelas díades brasileiras, embora em menor escala, já que a maior parte das atividades domésticas ainda fica ao encargo da mulher e o homem é às vezes bastante distante do cotidiano da família. Todavia, a firmeza e a imposição paternas vão sendo aos poucos percebidas pelas díades como importantes para protegê-las contra os perigos do mundo exterior. Por isso a autoridade dele é aceita, exercida integralmente (BR, MG) ou em conjunto com a mulher (FR). Nesse último caso, as crianças francesas sentem-se mais à vontade para desobedecer ao pai, porque ele tolera mais a sua oposição e a compreende como necessária ao seu desenvolvimento. Nos grupos brasileiro e magrebino o pai também foi referido como necessário para mostrar à díade a possibilidade de recuperar o seu vínculo criativo da dependência absoluta sobre as novas bases da simbolização e do jogo. Desse modo, ele assegura a união entre mãe e filha e aplaca os temores delas de estabelecerem uma relação infértil após a perda da fusão. Para as mães francesas, essa dimensão da função paterna se mostrou, *a priori*, menos crucial do que para as brasileiras e magrebinas, porque, sendo a autonomia feminina muito valorizada nesse grupo, a mãe poderia mostrar desde cedo à criança as chances de ser original em suas relações com o mundo exterior. Com isso, o pai apenas continuaria e sustentaria o que ela já propunha à filha. Porém, conforme mostraram as crianças procedentes dos arranjos monoparentais franceses, essa menor importância do pai em seu amadurecimento emocional pode ser ilusória: ela simplesmente não se mostraria evidente porque seria mediada pela realidade psíquica da mãe, pela maneira como esta concebe o cônjuge. Nesse contexto, também nessa amostra, o pai ofereceria um suporte para a criança em seu trajeto rumo ao mundo extrafamiliar.

7.1.5 Um irmão para a menina

Nos três grupos culturais, as mães ponderaram sobre o significado de oferecer um irmão ou uma irmã para a filha, mesmo nos casos em que a criança estudada era filha única. Nessa situação, elas se detiveram menos em descrever o relacionamento real da menina com os irmãos quando eles existiam, e consideraram mais as vantagens e os inconvenientes virtuais que a figura fraterna em geral ocasionaria em seu relacionamento com a filha. Com relação a esse assunto, praticamente não foram constatadas diferenças entre as mulheres francesas, brasileiras e magrebinas.

Segundo as mães, ter outro filho representaria a oferta de uma companhia à menina, com quem ela pudesse compartilhar suas experiências (FR, BR, MG). As brasileiras sublinharam também que ter outra criança significaria atender a um desejo da filha, e que a

existência de um irmão poderia auxiliá-la a ultrapassar seu narcisismo, pois a obrigaria a dividir a genitora com ele. Essa mesma vantagem, contudo, logo se transformava em um incômodo, já que faria com que a filha perdesse um pouco a mãe (FR, BR, MG). Contudo, essa consideração materna logo revelou tratar-se muito mais das dúvidas das mães sobre a própria capacidade de se dividir no cuidado de duas ou mais crianças: elas temem não conseguir ser igualmente próximas de todos os filhos (FR, BR, MG). Elas também resistiam à ideia de perder a relação de exclusividade com a filha, já abalada pelo ingresso dela na dependência relativa (MG). Tanto as brasileiras como as magrebins enfatizaram que a chegada de um novo bebê perturbaria o vínculo com o filho mais velho, já que a mãe seria sempre mais próxima da criança menor. Assim, embora a vinda de outra criança lhes permita reviver a experiência da ilusão que está se dissipando com a menina (FR), elas temem perder a proximidade estreita que ainda resta com a filha e, por isso, tendem a resistir a esse desejo (FR, BR, MG).

Apesar dessas reservas, as mães magrebins consideraram que ter muitos filhos permitiria uma maior realização de si como mulheres. Elas, as francesas e as brasileiras concordavam que muitos filhos garantiriam melhor a continuidade física, emocional e cultural da família de origem. As francesas, contudo, acrescentaram que a presença de um irmão impediria que a menina permanecesse demasiado presa aos valores dos pais; assim, ele facilitaria a tarefa dela de adaptar as tradições familiares para que estas pudessem sobreviver no tempo.

Diferentemente de suas mães, as crianças exploraram mais a importância de um irmão, real ou virtual, em suas vidas, incluindo nesse assunto dimensões que as genitoras não tocaram nem tangencialmente. Para as meninas, a presença de um irmão traz ou traria uma série de vantagens. As crianças francesas e brasileiras referiram, como suas mães, que a presença de uma figura fraterna, que vive angústias e enfrenta desafios similares aos delas, suavizaria sua solidão; além disso, ela apaziguaria sua preocupação em deixar a mãe só quando se tornarem autônomas. Dessa maneira, o irmão atenderia as necessidades da menina de manter, de agora em diante, uma relação não exclusiva com a genitora. Diante disso, a mãe poderia conceder uma liberdade maior à menina, o que impediria esta última de ser obrigada a rejeitá-la de modo mais definitivo para não ser por ela sufocada. Enfim, paradoxalmente, por separá-la da mãe, o irmão garantiria a união da menina com ela.

Para as meninas francesas e brasileiras, a existência de um irmão também lhes brindaria com um auxílio valioso na tarefa de recuperação de sua continuidade de existência, particularmente entre o seu passado e o seu presente, ou entre o seu presente e um virtual

futuro. Por permitir que a menina veja nele a criança que foi e que não é mais, ou a criança que será um dia, o irmão auxilia a menina a realizar uma integração temporal em sua vida e a compreender a sua condição evolutiva atual. Enfim, ele lhe permitiria trabalhar a dialética do diferente no semelhante. Nesse contexto, quando o irmão é mais novo do que a menina, ele também restringe as tentações de regressão dela. Além disso, a existência de muitas crianças na casa atestaria para a menina o caráter infinito da criatividade materna, mitigando o seu temor de que a vida adulta seja estéril. O irmão também seria uma fonte de *holding* para a menina, quando seus pais não conseguissem oferecê-lo. Todavia, o relacionamento com o irmão não é apenas positivo para essas meninas. Particularmente quando ele é mais jovem e dispõe do vínculo estreito com a mãe que a menina não tem mais, ela pode responsabilizá-lo pela perda da mãe infalível da dependência absoluta e tornar-se bastante ciumenta. É com o tempo que ela descobre que esse luto faz parte da vida em si e não foi ocasionado pela existência do irmão, que somente lhe conferiu um colorido especial (FR, BR).

A percepção das meninas magrebina sobre o irmão foi menos benéfica do que a das francesas e brasileiras. Contudo, aqui pareceu existir uma diferença importante relacionada ao sexo dele. Nesse sentido, embora a menina possa nutrir com as irmãs um vínculo amoroso e de forte união, a situação com os irmãos é bem outra, marcada pelo ciúme, competição e sentimento de injustiça. Para elas, o irmão lhes rouba a genitora e, por ser muito exigente, esgota todos os recursos dela, não deixando sobrar nada para a menina. Assim, ele desencadeia na criança um sentimento de privação materna. Ainda, diante do irmão do sexo masculino, sendo ele mais jovem ou mais velho que ela, a menina magrebina experimenta dolorosos sentimentos de inferioridade, aos quais ela reage buscando desvalorizá-lo. Quando ele é mais jovem que ela, a menina pode ainda tentar impulsioná-lo a uma autonomia precoce para que ele perca os seus privilégios junto à mãe; dessa maneira, ela também aplaca sua rivalidade para com ele, que lhe mostra que ele é a criança que ela nunca mais poderá ser.

Enfim, embora as crianças dos três grupos culturais tenham mostrado que o vínculo com o irmão é marcado pela ambivalência, as brasileiras e francesas pareceram mais propensas a ultrapassá-la em prol de um relacionamento mais positivo e a usufruir mais do enriquecimento que essa figura promove em suas vidas. Quanto às meninas magrebina, elas seguem por esse mesmo caminho quando as figuras fraternas são do sexo feminino; nesses casos, elas estabelecem com as irmãs um vínculo de solidariedade e de cooperação. Por outro lado, com os irmãos do sexo masculino, a relação é marcada pela concorrência e pelo sentimento de inferioridade. Dessa forma, nesse relacionamento podem ser identificadas a rivalidade e a percepção negativa que elas têm da figura masculina em geral, que discutimos

anteriormente, e que também faz parte da realidade psíquica de suas mães. Nesse sentido, é provável que a concepção da mãe sobre o homem matize o olhar da menina sobre o irmão, determinando os sentimentos que ela nutrirá pela figura masculina mais tarde em sua vida adulta.

7.1.6 O relacionamento com a família de origem da mãe

Embora as mulheres dos três grupos culturais tenham descrito o relacionamento com suas famílias de origem como positivo e enriquecedor, a natureza dele se revelou bastante diferente para as francesas, em comparação com as brasileiras e magrebinas. Para estas duas últimas, o vínculo entretido com os próprios pais é o de um forte apego amoroso, em que elas podem encontrar apoio e proteção. A casa dos pais é vista por elas como um abrigo contra um mundo impiedoso, um lugar onde elas receberiam carinho, compreensão, amparo e acolhimento, sobretudo nas situações de crise. A família de origem sustentaria a mulher quando ela precisa defender a filha e a tranquilizaria por saber que tem com quem contar; com isso, ela a ajudaria a melhor usufruir da maternidade. A solidez do lar dos próprios pais cumpriria, então, um papel importante para o desenvolvimento emocional da mulher. Face a essa concepção, para as magrebinas a dissolução do lar de origem é um duro golpe a assimilar; que abala a continuidade intergeracional da família. Logo, diante da ausência ou da decomposição do lar parental, elas se esforçam para retecer os laços rompidos, procuram apoio na família do marido ou ainda buscam substituí-la pela família espiritual, que teria Alá como pai.

Se as mulheres brasileiras admitem que sua relação com os pais interfere no modo como vivem a maternidade, para as magrebinas essa influência parece ser bem mais intensa e explícita. Para elas, a educação dos filhos não se restringe a um problema do casal, mas diz respeito a todas as mulheres da família de origem. Elas experimentam fortes sentimentos de lealdade e dependência para com seus pais e desejam educar suas filhas da mesma maneira como foram educadas por eles. Tornar-se uma mãe muito diferente da própria mãe é interpretado pela mulher como uma infidelidade aos seus, uma rejeição aos antepassados, que geraria culpa e medo de ser excluída da família. Nesse contexto, o amor dos pais é visto como condicional, devendo existir quase uma sobreposição entre a história da mulher e a da família de origem. Embora as brasileiras também alimentem esses sentimentos de lealdade para com os próprios pais, por estarem mais seguras da incondicionalidade do amor deles, sentem-se mais livres para alterar a educação que tiveram. Nessas condições, quando existem

desentendimentos com a família de origem, raramente eles são vistos como capazes de colocar em risco a união dela.

Por outro lado, as mulheres francesas revelaram contar muito pouco com os pais para auxiliá-las nos cuidados cotidianos de suas filhas; além disso, por vezes, devem mesmo afrontá-los para exercerem um estilo educativo pessoal que lhes seja mais conveniente.

Quanto às crianças, somente as brasileiras referiram a importância dos avós em seu desenvolvimento pessoal, mas muito brevemente. Eles são vistos por elas como figuras parentais suplementares, capazes de compensar algumas das falhas de seus pais, particularmente no fornecimento do *holding*, no eco à criatividade e no encorajamento da capacidade simbólica.

7.1.7 O vínculo da mulher com a própria mãe

No que concerne especificamente ao relacionamento da mulher com a própria mãe, ele foi descrito nas três amostras como indiscutivelmente positivo, salvo no caso da magrebina Nima. Para todas as outras mulheres, a afeição dirigida à genitora é intensa, mesmo após a constatação de suas imperfeições e limites. Existe o desejo de proteger a mãe que é, às vezes, vista como bastante sofrida e reclamando cuidados em razão de sua idade avançada. Com isso, mesmo constituindo um amparo para a mulher, a mãe também desperta sua inquietação. Existe uma identificação bastante forte das mulheres com a própria genitora, particularmente entre as magrebins, que desejam ser como ela e amadurecer como ela.

Nos três grupos culturais as mulheres comunicaram que várias das angústias que elas sofrem junto às suas meninas repousam sobre as experiências que tiveram com as mães na infância, e mesmo na vida adulta. Para as magrebins e brasileiras, uma boa relação com a mãe seria essencial para poderem usufruir dos prazeres da maternidade; por outro lado, dificuldades nesse âmbito podem desorganizar seriamente a sua experiência como mães. Elas mostraram que a maneira como suas mães acolhiam a sua criatividade interfere nas suas condições de acolher a da filha, e que as diferenças no manejo da criança de acordo com o sexo são também inspiradas no proceder da sua genitora. Nessas duas amostras, mas principalmente na magrebina, as mulheres apresentam uma dependência afetiva da mãe real ou internalizada, a quem querem demonstrar que valorizam aquilo que ela lhes ofereceu quando crianças. Dessa forma, existe uma certa subordinação aos valores e formas de agir da genitora, que implica uma busca de reproduzir o modelo materno de educação com suas filhas, de modo a agradarem a mãe e serem aprovadas por ela. Nesse contexto, as mulheres

chegam mesmo a ter a sensação de que suas mães as vigiam quanto à educação de suas filhas, de maneira a avaliar sua conduta. As mulheres brasileiras e magrebinas se conduzem dessa maneira porque temem serem ingratas e desleais com suas mães, caso desenvolvam um estilo educativo pessoal muito distinto daquele que foi empregado por suas genitoras, o que lhes desencadearia um intenso sentimento de culpa. Além disso, tornar-se uma mãe muito diferente da própria genitora implicaria abrir mão de várias das identificações com ela. Essa perda colocaria a mulher em risco de perder a continuidade com a própria mãe o que, além de implicar em solidão, deixá-la-ia sem referências para ser mãe de sua filha; logo, romper com a própria genitora poderia prejudicar muito o exercício de sua maternidade.

Se romper com a mãe implica um preço alto a pagar, não romper teria igualmente consequências importantes para a mulher, já que a própria genitora também tem defeitos. As mulheres magrebinas, que aderem mais firmemente ao modelo de sua mãe, foram as que mais referiram essas deficiências, que se mostraram particularmente importantes em sua infância, quando elas próprias ingressavam na etapa da dependência relativa. Para elas, embora suas mães tenham sido exemplares na dependência absoluta, foram pouco hábeis em acompanhar os seus movimentos quando elas começaram a conquistar a autonomia. Elas sentem que, nessa ocasião, suas mães não souberam oferecer-lhes *holding* e tiveram muita dificuldade para manter a união com elas na condição de pessoas autônomas e separadas uma da outra; com isso, sua sensação foi a de uma dolorosa perda de continuidade com a genitora. Diante disso, elas sentem que, quando começaram a se tornar mais expostas aos abusos e insensibilidades do mundo extrafamiliar, suas mães nem sempre foram capazes de apoiá-las; ao contrário, as mães se mantiveram pueris ou distantes. Portanto, a reprodução exata da educação que tiveram não lhes é totalmente conveniente agora.

As mulheres brasileiras e francesas também atentaram para as dificuldades e desvantagens que a imitação pura do modelo materno acarretaria em suas vidas. Para elas, a reprodução bruta dos valores, preceitos e procedimentos da mãe poderia extinguir ou limitar a criatividade delas e de suas filhas; enfim, sua experiência como filhas é insuficiente para fundamentar sua experiência como mães. As mulheres francesas foram as que mais expressaram esse desejo deliberado de ultrapassar os limites de suas mães e a identificação integral com elas. Dessa maneira, elas optam por realizar uma “desilusão” parcial em suas mães, adaptando criativamente os valores mais importantes que elas lhes transmitiram, de acordo com as próprias necessidades e as da criança e com as demandas do mundo atual. Assim, elas não aceitam completamente os princípios maternos e realizam uma identificação “digerida” com a genitora, preservando alguns deles, rejeitando ou modificando outros. Já as

mulheres magrebina, mesmo percebendo as limitações das mães, têm mais dificuldades para se liberarem do modelo educativo delas. Enfim, como no caso das crianças, as fronteiras do “enquadre”, que a mãe da mulher magrebina permite a ela se mover, são mais estreitas do que aquelas em que as brasileiras e francesas podem transitar. Essa dificuldade de adaptação dos preceitos e costumes maternos parece se intensificar nos casos das famílias magrebina que imigraram para a França: longe de uma maior permeabilidade, o contato com a sociedade hospedeira provoca um apego mais forte aos usos, costumes e práticas da cultura de origem (Albergoni, 2004; Cherif, 2004; Demant, 2008; Smither & Khorsandi, 2009). É por isso que, como vimos, paradoxalmente, os valores ocidentais podem se mostrar mais fortes nas famílias que ainda vivem no Magreb. Assim, dentre as mulheres que imigraram para a França, encontrar os limites para uma integração cultural bem sucedida não é tarefa nada fácil (Lacoste-Dujardin, 2004a; Leveau, 2005; Frégosi, 2005; Mohsen-Finan & Geisser, 2005; Wenden, 2005; Leveau & Mohsen-Finan, 2005).

7.1.8 O vínculo da mulher com o próprio pai

O relacionamento com o próprio pai foi pouco explorado pelas mulheres dos três grupos culturais como uma influência importante no modo de experienciarem a maternidade; na amostra francesa as menções a essa figura foram ainda mais raras do que na brasileira e na magrebina. Nos três grupos, as mulheres consideraram o seu vínculo com o pai, sobretudo, como positivo. Fora isso, as francesas apenas relataram que o pai mudou muito com o envelhecimento e, nesse momento de suas vidas, elas buscam integrar a imagem atual dele com a que tinham na infância, que era a de um homem firme e decidido; procuram também auxiliá-lo quando ele apresenta dificuldades emocionais ou relacionadas à perda das capacidades decorrente da idade avançada. Elas parecem, na verdade, experimentar uma espécie de luto pela perda do pai jovem e potente de sua infância e juventude.

As mulheres magrebina compartilham com as francesas essa imagem do pai da infância como firme, e acrescentam a ela a dimensão de distante. Para elas o pai era e continua sendo rigoroso e mesmo controlador, constituindo-se na autoridade do lar em sua infância. Porém, essas características não impedem as mulheres de manterem com ele um vínculo caracterizado pela ternura. Da mesma forma como suas filhas veem o seu marido, elas concebem o próprio pai como o representante da autonomia e da sabedoria, alguém que oferece proteção e segurança. Ele pode mesmo tentar reparar algumas falhas da mãe da mulher, como a inabilidade dela de garantir a união com a filha após a conquista da

autonomia. Entretanto, essa ajuda ainda é percebida pela mulher como insuficiente, permanecendo sempre uma mágoa pela deficiência da mãe.

Por sua vez, as mulheres brasileiras, como as magrebínas, também desfrutam de um vínculo com seus pais caracterizado pela doçura. Também como as magrebínas, para as brasileiras o pai era a autoridade do lar na infância. Contudo, o pai não é visto pelas brasileiras como rigoroso ou controlador; ao contrário, ele é por vezes mais compreensivo e tolerante do que a mãe. Ele sabe impor limites com delicadeza e se faz compreender pela filha quando necessita proibi-la de fazer algo ou obrigá-la a alguma coisa. Ele é uma autoridade benigna e, por isso, os conflitos com ele não amedrontam a mulher. O pai também pode oferecer apoio material em caso de necessidade e auxiliar nos cuidados da neta.

Embora essa ajuda também tenha sido referida por uma das mães magrebínas, Nima, o caso apresentava uma especificidade tal que nos impede de dizer se existiria realmente, nesse grupo cultural, uma mudança de atitude do homem diante da educação dos filhos quando ele se torna avô, já que, como vimos, ele geralmente guarda uma posição mais distante do cotidiano doméstico (Lacoste-Dujardin, 2004a; Demant, 2008; Smither & Khorsandi, 2009). A própria Nima revelou o seu espanto quanto a essa mudança do pai; ainda, ele parecia auxiliar a filha por gratidão por tudo o que ela havia feito por ele e tentava compensá-la por tudo o que ela havia perdido por sua causa.

Em síntese, a visão das mulheres sobre o próprio pai nos três grupos culturais é bastante positiva, parecendo haver uma proximidade maior com ele por parte das brasileiras e magrebínas em comparação com as francesas. Para as brasileiras e magrebínas, o pai é a autoridade do lar da infância; entretanto, para as primeiras ele parece ser menos austero, mais suave e tolerante; ainda, as brasileiras parecem pouco temê-lo por estarem mais seguras do seu amor por elas.

7.1.9 Os outros da família

No que concerne aos relacionamentos com tios, primos, irmãos e cunhados, as mulheres dos três grupos culturais também os definiram como sendo principalmente bons e enriquecedores para suas vidas; os sentimentos dirigidos a essas figuras foram, sobretudo, de reconhecimento. Para as brasileiras e francesas, as mulheres da família extensa lhes oferecem um modelo de maternidade diferente daquele da mãe, que elas podem utilizar na busca de seu estilo educativo pessoal. As mulheres brasileiras foram as que mais enfatizaram os aspectos positivos desses relacionamentos, mencionando que os membros da família extensa poderiam

reparar as falhas de seus pais, cuidando delas e lhes oferecendo chances repetidas para o exercício da criatividade. Essa visão benevolente da família extensa persiste mesmo se, eventualmente, a mulher deve afrontá-la pelas críticas que ela faz ao seu modo de exercer a maternidade.

Para as mulheres magrebina, se o vínculo com os membros da própria família de origem é prioritariamente bom, o relacionamento com a família do marido é ambivalente. Elas reconhecem que os sogros, sogras, cunhados e cunhadas as apoiam, encorajam e também compensam as deficiências dos próprios pais; por isso, experimentam sentimentos de gratidão e lealdade para com eles. Todavia, a família do marido pode ser vista como demasiado asfixiante e mesmo invasiva em sua relação com a filha. Podem sentir que as sogras e cunhadas as vigiam e avaliam suas capacidades como mães e que buscam controlá-las. Diante disso, na ausência da autoridade masculina, as mulheres, ao invés de se aliarem e se protegerem, assumem o lugar dos homens e uma relação de rivalidade entre as cunhadas pode se estabelecer. Dessa maneira, embora as mulheres guardem bons sentimentos em relação à família do marido, uma proximidade muito grande com ela pode dificultar-lhes viver a maternidade de suas filhas de maneira espontânea. Enfim, elas querem muito bem às cunhadas e às sogras, mas uma aproximação muito intensa e contínua pode deteriorar o seu vínculo com elas e com sua filha.

7.1.10 O mundo extrafamiliar

Uma vez que este tema já foi bastante discutido ao longo deste estudo, reafirmamos aqui, somente a título de síntese, que a visão do mundo exterior à família exibida pelas mães, essencial na determinação de sua atitude diante da autonomia da filha, mostrou-se ambivalente nas mulheres brasileiras e francesas, embora caminhasse no final, após cuidadosas deliberações, para uma concepção mais benéfica. Por outro lado, para as magrebina, a percepção do universo extrafamiliar foi francamente negativa.

Para as mulheres dos três grupos, o mundo exterior é potencialmente perigoso para suas filhas, eventualmente cruel e não oferece garantias de que a criança terá suas necessidades atendidas por ele. As brasileiras e francesas comunicaram que ele também pode ser especialmente maldoso com elas, acusando-as por suas deficiências e abalando a confiança em si mesmas como mães. Nesses casos, ele precisa ser afrontado por elas em nome do seu bem-estar e daquele da criança, e elas devem lembrar-lhe de que ele não tem o direito de interferir no exercício de sua maternidade. Apesar disso, elas reconhecem que os

relacionamentos extrafamiliares são importantes para o amadurecimento da filha, visto que é neles que a menina poderá encontrar o remédio para curar-se das imperfeições da mãe e do lar, como aconteceu com elas próprias quando crianças. Com isso, ele inspira simultaneamente temor e esperança. As mães francesas também revelaram que contam muito mais com seus amigos e amigas do que com a família para ajudá-las nos cuidados cotidianos de suas filhas; portanto, elas também podem encontrar *holding* para si mesmas e para suas meninas no mundo exterior.

Essa compreensão de que, apesar dos reveses, o mundo extrafamiliar oferece ajuda e apoio, auxilia as mulheres a estabelecerem a continuidade entre ele e o mundo familiar, preparando-as, assim, para ajudar a filha a realizar o mesmo processo. Com isso, a percepção dele se torna cada vez mais positiva, embora não completamente isenta de desconfianças.

Do lado oposto, as mulheres magrebina mostraram firmar e manter uma diferença muito mais marcada entre os universos familiar e extrafamiliar, distinção esta em que a realidade da imigração pode desempenhar um papel. Para elas o mundo exterior pode ser mesmo um eventual antagonista à manutenção da cultura familiar (Lacoste-Dujardin, 2004a; Leveau, 2005; Frégosi, 2005; Mohsen-Finan & Geisser, 2005; Wenden, 2005; Leveau & Mohsen-Finan, 2005) e o seu desejo mais sincero é o de ignorar suas influências na educação de suas filhas (Mimouni, 2004).

Quanto às crianças, suas concepções sobre o mundo exterior são praticamente idênticas às de suas mães, embora as meninas magrebina sejam menos pessimistas que suas genitoras sobre o futuro de sua integração nesse universo, que começa a fazer parte de suas vidas. Assim, se no início do estágio da dependência relativa as crianças dos três grupos podem julgar o meio extrafamiliar como estranho, ameaçador, tedioso e muito exigente para com elas, ao longo desse período as francesas e brasileiras passam a apreciá-lo como misterioso, atraente, cheio de desafios agradáveis e de possibilidades para o seu desenvolvimento pessoal. Da mesma maneira como acontece com suas mães, as razões para essa mudança de percepção é a descoberta desse universo como a continuidade do lar e da possibilidade de se apropriar dele de uma forma criativa e pessoal. Para elas, é possível encontrar nesse ambiente o remédio, o alívio, o consolo e as compensações para as próprias deficiências e para aquelas do lar. As garotinhas brasileiras enfatizaram que podem mesmo encontrar nesse meio o *holding* que seus pais, avós ou sua família extensa falharam ou falham em oferecer. Contudo, essa nova visão das meninas brasileiras e francesas sobre o mundo exterior nada tem de ingênua: elas continuam cientes de que ele pode ser duro, rigoroso e, eventualmente, insensível. Mesmo assim, elas concluem que ele continua sendo um bom

lugar para viver e as francesinhas descobrem que o universo extrafamiliar também fornece a cura para os males que ele mesmo provoca, seja nelas próprias, seja em suas mães.

Quanto às pequenas magrebina, apesar de concordarem que o ingresso no mundo exterior à família é necessário para buscar e encontrar nele o que a mãe não pode oferecer, elas são incontestavelmente mais temerosas nessa empreitada do que as brasileiras e francesas. Para as magrebina, o ambiente extrafamiliar é cheio de desafios difíceis de ultrapassar e de perigos a enfrentar. Ainda que elas também busquem estabelecer uma continuidade entre esse universo e aquele do lar, sentem que o sucesso nessa tarefa não é certo, porque existem diferenças muito importantes entre os dois. Com isso, há poucas chances de efetuar uma apropriação pessoal e criativa do mundo exterior à família, que prossegue sendo visto por elas como indiferente ao que desejam e precisam. Elas sentem que ele não é capaz de acolhê-las e que lhe falta maleabilidade para se adaptar às necessidades delas. Diante disso, o seu ingresso nesse universo é marcado pelo receio, pela timidez e inibição. Mesmo assim, elas mantêm a esperança de que conseguirão um dia uma inserção criativa nesse meio; com isso, prosseguem corajosamente em seus esforços para conciliar sua realidade subjetiva com a compartilhada. Em suma, o olhar das crianças sobre o universo extrafamiliar tende a acompanhar aquele da mãe; por isso, a atitude desta quanto ao crescimento da filha constitui uma influência extremamente importante, embora não definitiva, na crença da menina sobre a possibilidade de viver criativamente no mundo adulto.

Em síntese, as narrativas das mães francesas mostraram que elas se distinguem por seu empenho para conciliar a autonomia pessoal com a devoção materna. Elas são particularmente preocupadas com o seu desenvolvimento individual, valorizam a independência e são bastante exigentes consigo mesmas e com suas filhas. Para elas, a maternidade consiste em um processo de superação de si, no qual buscam efetuar uma reparação de suas próprias histórias de vida e ultrapassar os limites dos pais. Assim, na educação de suas filhas, elas podem manter alguns valores e princípios da família de origem, mas se esforçam para modificá-los e aprimorá-los de modo a desenvolverem um estilo educativo pessoal, em que não cometam com sua prole os mesmos erros em que os pais incorreram com elas. Com isso, além de não contarem muito com a família de origem para ajudá-las nos cuidados cotidianos dos filhos, eventualmente precisam mesmo afrontá-la para educá-los de acordo com os preceitos em que acreditam. Da mesma maneira, elas consideram que seus filhos devem ir além dos limites dos pais: por isso, elas precisam simultaneamente ser e não ser um modelo para suas meninas. Diante disso, elas buscam estabelecer um vínculo com a filha em que os ideais libertário e

igualitário sejam contemplados dentro dos limites possíveis, já que o relacionamento entre crianças e adultos é ainda assimétrico.

Elas tendem a compreender a desobediência da filha como uma maneira dela construir a sua identidade e, por essa razão, toleram-na mais e são mais flexíveis na imposição dos limites. Elas sentem agudamente a perda da relação fusional com a filha, que caracterizava a dependência absoluta, mas compreendem a necessidade de liberar a menina para o mundo exterior. Elas entendem que não podem mais ser o mundo da criança e que é no universo extrafamiliar que a menina poderá encontrar a cura para as imperfeições da mãe e do lar. Como elas temem que a excursão rumo ao mundo exterior possa fazer a criança perder-se de si mesma, esquecer suas raízes e ter subtraída uma parte constitutiva do *Self*, elas, em conjunto com o pai, definem um território, um enquadre, no qual a filha poderá mover-se e diferenciar-se da família de uma maneira protegida. A oferta desse enquadre também auxilia a mãe a responder a sua indagação de como garantir a liberdade da filha, mantendo, ao mesmo tempo, a pertinência dela ao grupo familiar.

No que concerne ao relacionamento conjugal, as mulheres francesas desfrutam de um vínculo com o marido ou companheiro em que as fronteiras entre os papéis sexuais são fluidas e onde existe uma divisão de poder mais equitativa entre ambos. O cônjuge é próximo do cotidiano doméstico e auxilia nos cuidados das crianças. Embora as mulheres experimentem uma certa ambivalência quanto a essa proximidade do marido de seu vínculo com a filha, já que isso abala a sua identidade como mães, elas logo percebem que ele lhes fornece uma ajuda valiosa, auxiliando-as em seu desenvolvimento pessoal, compensando suas deficiências no cuidado da menina, sustentando e dando continuidade ao enquadre que elas começaram a fixar. O auxílio direto do pai no período inicial da promoção da autonomia da menina não foi claro nessa amostra.

Quanto às crianças francesas, no início da dependência relativa elas compreendem o mundo adulto como desinteressante e tedioso, por exigir muitas concessões e impor muitas restrições. Porém, à medida que a mãe lhes mostra que existe uma continuidade entre os universos familiar e extrafamiliar e lhes comunica que, apesar das dificuldades, este último é um local agradável para viver, as meninas ficam mais seguras de que o crescimento não lhes usurpará a fantasia e o viver criativo, e logo descobrem os prazeres da liberdade que a autonomia promove. Com isso, o sentimento de pertinência da criança é aumentado, do lar para o mundo, e uma inversão de valores acontece: agora ficar presa no casulo da família gera tédio e insatisfação, ao passo que o mundo exterior passa a ser visto como repleto de oportunidades e de experiências para alcançar a realização pessoal. Cientes de que suas mães

valorizam a autonomia individual, as meninas se empenham para assimilar de um modo pessoal as normas e regras impostas na família, e podem mesmo recusar algumas das introjeções que a mãe oferece para marcar a sua diferença com ela. Elas percebem a maior tolerância de suas mães à sua desobediência e acolhem bem o enquadre que lhes é oferecido, porque, embora desejem diferenciar-se, querem igualmente manter a pertinência ao grupo familiar.

Como suas mães, no início da dependência relativa, as meninas não entendem muito bem qual é a função do pai no seu relacionamento com a genitora. Elas sabem que ele também cuida delas desde o início da vida, que é capaz de corrigir as falhas maternas e que sustenta o enquadre que a mãe propôs de modo mais consistente do que ela, mesmo que não seja demasiado rigoroso diante da insubordinação. Para as meninas, essa sustentação do enquadre é o momento em que a função paterna é mais importante e específica, já que elas não concebem o papel desse genitor como crucial para o desenvolvimento da autonomia. Contudo, nos casos em que ele se encontra ausente da família, como nos arranjos monoparentais femininos, se a mãe se sente excessivamente solitária ou um pouco deprimida, a menina, por lealdade a ela, pode retardar o seu desenvolvimento, para não deixá-la ainda mais isolada. Enfim, para as meninas, o papel do pai na promoção de sua autonomia é intermediado pela realidade psíquica da mãe.

No que concerne às mães magrebina, para elas a maternidade é a principal conquista feminina, o sentido mesmo da vida da mulher. Segundo elas, ter filhos permite preservar a continuidade de existência delas próprias e da família: eles são a perpetuação da dinastia familiar, um presente que a mulher oferece à sua mãe e aos seus antepassados. Diante disso e do fato de que nessa cultura a mulher é a principal responsável pela educação dos filhos, a maternidade não diz respeito somente à genitora, mas a todas as mulheres da família de origem. A mulher magrebina apresenta uma forte dependência afetiva da mãe real e deseja educar sua filha da mesma maneira como foi educada por ela, de acordo com as tradições familiares, para receber sua aprovação. Desse modo, não se trata, como no caso das francesas, de superar os pais, mas de preservar as práticas e os costumes deles no tempo. Distinguir-se muito da própria mãe representa, para a mulher magrebina, uma rejeição ao que sua genitora lhe ofereceu, o que gera não apenas um intenso sentimento de culpa, mas a perda da continuidade com toda a sua linhagem feminina. Assim, a relação das mulheres com os próprios pais interfere consideravelmente no exercício de sua maternidade; eles também as auxiliam nos cuidados cotidianos de suas filhas, e, na casa deles, elas encontram apoio e proteção. Para essas mães, seus pais as ajudam a melhor usufruir da maternidade e a

dissolução do lar de origem representa um duro golpe na continuidade intergeracional. Nesse contexto, a separação da menina com a mãe, que ocorre na dependência relativa, deve ser manejada de um modo especial: ela deve ser acompanhada de um fortalecimento da dependência afetiva, de modo a que a criança não se diferencie muito da mãe. A oposição da filha é muito mal suportada porque, como no caso da genitora com a própria mãe, isso significa o repúdio aos seus e a preferência por valores outros que os da família, o que tem o *status* de traição. Por essa razão, os relacionamentos extrafamiliares da menina são temidos, principalmente nos casos em que a família reside em um local que não compactua com os valores que ela sustenta. Nessas situações em que existe uma marcada diferença entre o lar e o mundo exterior a ele, este é visto de forma, sobretudo, negativa. Diante de tais condições, os limites são impostos às crianças de uma maneira mais restrita, e as dimensões do enquadre em que elas podem se mover são bastante reduzidas em comparação com as francesas.

Sobre o relacionamento conjugal, o espaço da mulher magrebina é o lar, e o do homem é o mundo do trabalho. O homem representa a autonomia e o isolamento, enquanto a mulher retrataria a interdependência e a cooperação. Enquanto ele tem a seu encargo a responsabilidade financeira sobre a família, cabe a ela o cuidado dos filhos e a manutenção do lar como um lugar agradável, onde a família deve viver em harmonia. Mesmo mais distante do cotidiano doméstico, o homem é a autoridade da família, o que suscita na mulher um sentimento de ser injustiçada e de rivalidade para com ele. Embora seja capaz de questionar a autoridade masculina, a mulher habitualmente refreia a agressividade contra o homem, porque ele é mais forte, e porque ela teme que os filhos o apoiem ao invés de sustentá-la. Ela experimenta uma forte ambivalência diante do marido, que somente é ultrapassada quando percebe que a firmeza e a dureza dele permitem proteger a família de uma maneira mais eficaz do que ela pode fazer. Com isso, ele se torna uma figura de autoridade benigna.

No que tange às meninas magrebins, elas compartilham da ambivalência da mãe para com o pai e expressam mais abertamente seus sentimentos negativos em relação a ele do que as crianças francesas e brasileiras. Para elas, o homem em geral, e o pai em particular, são vistos como narcisistas, arrogantes e pretensiosos, capazes de abusar de sua autoridade e de humilhar a mulher. Ele também pode ser demasiado austero, a ponto de coibir a expressão espontânea da menina. Por conta disso, elas desejam neutralizar o seu poder, seja por meio da castração, seja compensando a própria inferioridade física pelo desenvolvimento de recursos intelectuais. Com isso, se o homem é mais forte do que a mulher, ela é mais inteligente do que ele. Da mesma maneira que suas mães, elas concebem o pai como o representante da autonomia, mas não veem nisso uma vantagem. Segundo elas, a independência masculina

implicaria na perda dos prazeres do convívio próximo: por isso, se o pai é autônomo, ele também seria triste. Para as meninas magrebina, o pai começa a participar de suas vidas mais direta e regularmente a partir da segunda metade do estágio da dependência relativa; antes disso, elas não veem nenhuma utilidade em incluí-lo em sua relação com a mãe. Nesse segundo momento, contudo, ele será essencial na determinação do enquadre que lhes permitirá um exercício bastante controlado da autonomia.

A importância do pai nessa função se revela em razão da atitude da mãe face ao mundo exterior. De acordo com as meninas, a mãe não lhes mostra que o mundo extrafamiliar é continuidade do familiar; o vínculo entre eles é, ao contrário, um tanto tênue. O que elas aprendem com suas mães é que o mundo fora do lar é cheio de perigos e de desafios difíceis de superar. Elas sentem-se vulneráveis quando estão longe dos pais, temem o mundo além-lar e se inserem nele com muita timidez. Elas não se sentem muito à vontade nele, porque a mãe não ampliou o seu sentimento de pertença. Por isso, tendem a permanecer mais próximas da família, exercitando a liberdade que estão pouco a pouco adquirindo dentro de um território restrito, imposto firmemente por um pai forte e assegurador. Com isso, elas se sentem protegidas pelo genitor e superam sua ambivalência inicial frente a ele. Permanecendo um pouco mais retraídas no aconchego do lar, elas também se mantêm mais dependentes da mãe real, cuja presença próxima se torna necessária para a aquisição da capacidade de simbolização. Por essa razão, o crescimento não significa, para elas, a independência propriamente dita, mas uma relação de dependência madura com a mãe. Todavia, elas são mais otimistas que suas mães, e guardam a esperança de conseguirem efetuar uma assimilação criativa do mundo exterior e viver nele com imaginação.

Com relação às mulheres brasileiras, do mesmo modo que as magrebina, a educação dos filhos permanece principalmente ao seu encargo, embora o marido seja, na maior parte dos casos, a figura de autoridade da família, mesmo quando ele é mais distante do cotidiano doméstico. No entanto, a divisão de papéis é mais fluida do que entre os casais magrebina, mas menos do que entre os franceses. O que parece ocorrer é que a mulher brasileira adentra o universo masculino e assume várias das funções associadas a ele, mas o homem não responde de maneira recíproca na mesma proporção. Assim, a mulher toma para si diversas atividades antes atribuídas ao homem, e ele pouco a ajuda no desempenho daquelas mais tradicionalmente ligadas a ela. O resultado inevitável desse estado de coisas é a sobrecarga da mulher, que se torna também bastante exigente consigo mesma e experimenta, eventualmente, um sentimento de não cumprir a contento o seu papel materno.

Para elas, o mundo adulto é repleto de senões, de limites e de demandas infinitas e, por isso, elas se debatem sobre as reais chances de viver criativamente nele. A maternidade se apresenta então como uma oportunidade de retornarem à infância e resgatarem a imaginação e a inventividade daquela época. Nessa circunstância, elas sentem mais agudamente o luto pela dependência absoluta, por seu receio de que a perda das ilusões coloque em risco a própria criatividade e a da filha. A autonomia da criança também as assusta, porque receiam que o mundo extrafamiliar a magoe e abuse dela. Temem também que a filha prefira os valores do universo exterior aos do familiar e que ela termine mesmo por esquecê-las. Por outro lado, como as mães francesas, elas também estão conscientes de que não bastam mais para suas meninas e que o ingresso de outras pessoas na vida da criança é necessário para sanar as deficiências maternas. Com isso, o relacionamento com o meio extrafamiliar é desejado e temido ao mesmo tempo. É no momento em que a mãe se sente segura de que continua e continuará a ser a pessoa mais importante da vida da filha que esses medos serão aliviados; a partir daí, ela poderá ajudar a menina a alcançar progressivamente a autonomia que ela, como a mãe francesa, valoriza muito. Sendo a inserção no mundo exterior uma necessidade e uma realidade inevitável, a solução que as mães encontram para estimular a independência e aplacar os seus receios é a de fornecer um enquadre à filha, em que os limites sejam distantes e flexíveis, ao mesmo tempo em que guardam uma relação de intimidade ou de cumplicidade com ela. Desse modo, mesmo que a menina vá longe, a mãe sempre saberá onde ela está, pois a filha lhe contará por confiar nela; portanto, a genitora estará em melhores condições para neutralizar as influências indesejáveis do mundo exterior sobre a criança.

Na tarefa de oferta do enquadre, do mesmo modo que nas outras duas amostras, a figura do marido ou companheiro tem um papel importante, por impor limites de um modo mais consistente do que a mulher e, assim, proteger mais eficazmente a família. Embora o cônjuge seja visto como uma autoridade benigna, nas situações em que a mulher conclui que ele está sendo demasiado rigoroso e ditatorial, ela é capaz de questionar sua autoridade e enfrentá-lo. No entanto, a relação corrente entre o casal é de amor e cooperação, com o homem sendo visto como alguém capaz de auxiliar a esposa em seu desenvolvimento pessoal e de reparar ou compensar seus limites na educação e no relacionamento com a filha.

No que se refere à família de origem, as mulheres brasileiras comunicaram que encontram apoio e proteção na casa dos pais e que podem contar com eles para ajudá-las no cuidado cotidiano das filhas. Dessa maneira, para elas, os pais as ajudam a usufruir melhor da maternidade. Do mesmo modo que as mães francesas, as brasileiras também se empenham para encontrar um estilo educativo pessoal, mas, como as magrebinas, sentem-se ainda muito

ligadas aos antepassados e receiam serem ingratas, caso se tornem muito diferentes deles. Contudo, elas conseguem ultrapassar esse impasse quando percebem a incondicionalidade do amor dos pais por elas e do amor delas por eles. A essa constatação se segue outra, a de que por mais que se distingam dos pais e discordem deles, continuarão a serem leais a eles. Com isso, os conflitos podem existir e serem expressos mais livremente, porque não colocam em risco a união e a integridade da família. É por essa razão que os seus sentimentos de culpa são aplacados e, assim, elas podem valorizar a autonomia e ver o mundo exterior à família com outros (bons) olhos.

Finalmente, no que se refere às crianças brasileiras, no início da dependência relativa elas concordam com suas mães em que a vida adulta exige realizar muitas renúncias e repressões; por isso, receiam que o crescimento conduza à perda da criatividade infantil. É por essa razão que elas veem o processo de amadurecimento com certa ambivalência. Assim, do mesmo modo que as meninas francesas, as brasileiras concebem o mundo adulto como enfadonho e insípido. É a partir do momento em que elas se sentem seguras sobre a continuidade do amor da mãe por elas na dependência relativa, o que lhes permite integrar o seu passado com o presente, que elas se tranquilizam sobre a possibilidade de prosseguirem vivendo criativamente, mesmo sendo agora mais crescidas. Esse alívio, aliado à conduta da mãe que lhes mostra que o mundo extrafamiliar, apesar dos pesares, é um local agradável para viver e que ele se constitui na continuidade do lar, aumenta o sentido de pertinência da criança e faz com que ela descubra os prazeres da liberdade e da autonomia. Daí, do mesmo modo que acontece com as meninas francesas, ocorre uma inversão de valores, com o universo além-lar passando a ser visto como misterioso, atraente e cheio de oportunidades, enquanto o enclausuramento na família geraria tédio e insatisfação. A menina brasileira percebe bem que é no meio extrafamiliar que poderá encontrar o remédio para as falhas dos pais, inclusive o *holding* que eles tiveram dificuldades para lhe prover. Apesar dessa boa impressão do ambiente exterior ao lar, a menina sente-se inquieta e preocupada de que o advento de sua independência a faria perder o seu bom relacionamento com a mãe. Por isso, como as magrebins, elas sustentam a necessidade de terem a mãe à vista, mesmo quando se afastam dela, seja para aplacarem os seus medos de não se adaptarem ao mundo exterior, seja para tranquilizarem a mãe de que não a esquecerão. Dessa maneira, mesmo com a conquista da capacidade simbólica, as meninas fazem questão de assegurar a mãe de que os símbolos jamais a substituirão completamente.

Sobre o papel do pai em suas vidas, as brasileiras o associam à autonomia e, com isso, à tristeza, pelas mesmas razões que as magrebins. O pai também é visto como a autoridade

da casa, como o representante, na família, do poder masculino. Também da mesma forma que as meninas magrebinas, as brasileirinhas buscam compensar a inferioridade física feminina pelo desenvolvimento de uma supremacia intelectual diante do homem. Mesmo que nem sempre seja muito próximo do lar, o pai faz parte da vida da menina brasileira desde o início e, vez por outra, ajuda a mãe a cuidar dela; nem por isso ela consegue compreender qual seria a função dele no seu relacionamento com a genitora. Com o tempo, contudo, ela percebe que ele pode compensar as falhas da mãe e que tem um papel crucial na determinação mais sólida do enquadre. Não obstante sua firmeza, o pai não é demasiado rigoroso com a menina, mas é relativamente tolerante à sua oposição, compreendendo-a como fazendo parte do processo de amadurecimento. Essa maior transigência paterna é o que faz a menina ter esperança de que, à medida que ela for crescendo, sua relação com o adulto e com a figura de autoridade se tornará cada vez mais igualitária.

Enfim, nas três realidades culturais estudadas, as narrativas mostraram o delicado sincronismo que existe entre a experiência da maternidade, conforme vivida pela mulher, e a maneira como se processa o desenvolvimento do *Self* infantil. Nas nossas amostras, se as díades francesas podem ser caracterizadas por seu amor à liberdade, as magrebinas distinguem-se pela lealdade à tradição, e as brasileiras pela integração criativa das experiências, numa busca constante de conciliar paradoxos, inclusive aquele que existe entre essas duas posições.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação, ao mostrar a sincronia que existe entre o amadurecimento do *Self* da menina e a experiência de sua mãe junto a ela, fornece um testemunho a mais em prol do clássico conceito de séries complementares (Freud, 1896/1976; 1917/1976), ratificando o papel central das experiências da criança na família para o seu desenvolvimento emocional (Soifer, 1992). Nesse mesmo contexto, nossos resultados sustentam o pressuposto, expresso na Introdução deste trabalho, de que as teorias psicanalíticas que enfatizam as relações de objeto seriam bastante proveitosas para a compreensão do amadurecimento emocional do ser humano, quando comparadas àquelas que acentuam a evolução e a gratificação pulsionais em si mesmas. Eles nos conduzem, assim, a concordar com Brabant (1970/1981), em que também é importante a maneira como a satisfação pulsional ocorre, e que a erogeneidade das zonas corporais se exalta porque elas são, em determinado momento da vida da criança, o principal mediador do seu relacionamento com a mãe. Nesse sentido, nossos dados chamam a atenção para que, embora nenhuma criança estudada tenha sofrido graves privações objetivas no que tange ao cuidado físico, as dúvidas sobre suas condições de serem especiais e singulares para suas mães causavam-lhes agudos sofrimentos psíquicos. É essa maneira de considerar a criança como única e oferecer-lhe não apenas a gratificação em si, mas da maneira como ela a deseja e a concebe que chamamos de ressonância (ou eco) de sua criatividade pela mãe; a falta dessa qualidade no relacionamento entre ambas promove efeitos tão nefastos ao desenvolvimento infantil quanto a carência concreta da satisfação.

A teoria winnicottiana do amadurecimento emocional (Winnicott, 1945/1993; 1948/1993; 1951/1975; 1960/1990b), que empregamos aqui, mostrou-se não apenas conveniente, mas também bastante fecunda para proporcionar uma compreensão ampla e profunda sobre a maneira como transcorre o desenvolvimento afetivo, em uma de suas etapas, em diferentes contextos familiares e culturais. O fato de ter sido desenvolvida em uma época em que os arranjos familiares diferentes do nuclear tinham pouca voz e presença nos estudos da Psicologia, e quando os papéis paternos e maternos eram claramente distintos um do outro, não foi empecilho para que essa teoria se mostrasse capaz de fornecer um entendimento penetrante sobre essas condições que fazem cada vez mais parte do nosso cotidiano, sem atirá-las na qualificação simplista de atipicidade. Assim, nossa pesquisa mostrou, por exemplo, que o lar monoparental não é em si mesmo uma desvantagem para o amadurecimento do *Self* infantil, a menos que essa condição abale emocionalmente a mãe. Da

mesma maneira, o complexo de castração da menina e a sua submissão à autoridade masculina somente se constituem em um problema importante para ela quando a mãe vê as coisas sob esse ângulo e quando a autoridade do pai é imposta de maneira ditatorial e sem chances de negociação (Lacoste-Dujardin, 2004a). Ainda, a maneira como a mãe concebe a própria pertinência cultural tem um peso muito maior na constituição da identidade cultural infantil do que o local de nascimento da criança. Nesses termos, aqui ocorre um feliz encontro entre Winnicott (1951/1975; 1960/1990b) e Rogoff (2005), já que esta última afirma que a cultura relaciona-se ao modo como as pessoas desempenham suas práticas e tradições, não podendo ser identificada à nacionalidade ou à etnia. Evidentemente, a situação pode não ser mais a mesma a partir do momento em que a criança alcança uma independência maior do que na etapa evolutiva que estudamos, e que também varie de acordo com a cultura. Os relatos de nossas mães magrebina, por exemplo, mostram que, mesmo sendo adultas e havendo imigrado, sua identidade cultural ainda permanece ligada à da mãe e, se esse vínculo se perde, não é por vontade ou por escolha delas.

Nossos resultados, compreendidos sob o vértice da teoria winnicottiana, revelaram que, nos três grupos estudados, as crianças se defrontam todas com os mesmos desafios do estágio da dependência relativa do amadurecimento emocional, embora em diferentes momentos dele. Nossa opção por fixar uma faixa etária definida para a seleção das meninas participantes da pesquisa não nos permitiu dizer se algumas delas alcançam determinadas conquistas antes das outras, o que, aliás, não era o nosso objetivo, já que compactuamos com Rogoff (2005) sobre a pouca utilidade dos calendários de desenvolvimento. Somente no caso da pequena Aicha, que era a criança mais jovem da amostra e cujos psicodinamismos evidenciavam que ela se debatia com os lutos iniciais pela dependência absoluta, consideramos que a idade cronológica poderia associar-se aos pesares que ela enfrentava e aos problemas que ela descobria existirem e para os quais não dispunha ainda de solução.

Se os desafios evolutivos a fazer face foram os mesmos, independente da pertinência cultural, as maneiras de experimentá-los, de manejá-los, de compreendê-los e de interpretá-los mostraram variações de acordo com o grupo cultural, que debatemos em minúcia na Discussão deste estudo. Nesse contexto, nossos resultados também subsidiam as afirmações de Rogoff (2005), de que os bebês têm cuidadores que organizam o seu mundo de acordo com sua história filogenética e cultural. Essa organização, todavia, somente é possível se a mãe acompanha o desenvolvimento da criança no mesmo passo que ela. Nosso estudo mostrou que essa harmonia existe porque a mãe também transita, com sua filha, da dependência absoluta para a relativa; nesses termos, os movimentos evolutivos não são apenas da criança, mas da

díade. Essa capacidade da mãe de viver com a filha as mesmas experiências é que permite a identificação entre as duas, a compreensão das necessidades da criança e da maneira como estas deverão ser atendidas; é nessa base que a relação (ou a mãe) suficientemente boa pode existir (Winnicott, 1951/1975).

Se Rogoff (2005) afirma que as práticas educativas enfatizadas pelos pais visam o desenvolvimento de habilidades valorizadas em suas comunidades, nossa investigação mostrou que, principalmente nas amostras francesa e brasileira, os pais, além de se preocuparem com o que é necessário que o filho aprenda para viver no presente, devem vislumbrar o que será importante no futuro. Com isso, devem estar cientes de sua insuficiência para preparar suas crianças para um mundo que sofre mudanças constantes, contínuas e rápidas. Portanto, o apelo a outras instituições que irão amparar a criança e o intercâmbio constante com o mundo exterior à família e à cultura se fazem necessários. Já para as mães magrebina, a tendência parece ser mais a de uma resistência a essas modificações, em uma defesa de seu modo milenar de ser, empreendida por amor aos antepassados. Por isso, elas são menos permeáveis às mudanças e as famílias são mais fechadas em si mesmas. Enfim, para elas, embora o futuro não possa ser ignorado, o presente e o passado guardam uma força considerável em sua experiência como mães.

Conforme vimos na Introdução deste estudo, Dennis et al. (2002) criticaram as pesquisas que buscam associar determinadas práticas educativas com objetivos específicos de socialização, porque a mesma prática pode suscitar o desenvolvimento de características diversas na criança. Do mesmo modo, Rogoff (2005) afirmou que o que se faz de modo idêntico em duas culturas pode ter resultados diferentes e, inversamente, o que se faz de modo distinto pode ocasionar o mesmo efeito. Nossa investigação confirmou essas observações, principalmente no que tange às maneiras de as mães imporem a autoridade às filhas. Nos três grupos, a forma preferida pelas mães para desempenhar essa função foi a da imposição de limites por meio do apelo à capacidade de empatia da criança e do foco nas consequências relacionais da desobediência dela. Para as mães francesas, essa maneira de agir se desenrolava em um contexto de estabelecer com a filha uma relação baseada, o máximo possível, na igualdade e no respeito à liberdade individual da criança. Para as mães magrebina, o quadro era outro, já que elas pretendiam que a menina desenvolvesse uma moralidade acoplada e similar à materna, havendo o intuito de educar a filha como os ancestrais, de modo a preservar a linhagem feminina da família. Portanto, para esse grupo, os ideais igualitário e libertário não tinham muito lugar na relação entre o adulto e a criança. Para as brasileiras, por sua vez, o apelo à empatia da criança carregava o sentido de auxiliar a menina a estabelecer, no mundo

extrafamiliar, relacionamentos baseados na cooperação e na solidariedade, o que aliviaria as ansiedades da mãe sobre a exposição e vulnerabilidade da filha, quando não estivesse por perto.

Essas constatações sustentam os preceitos de Peixia et al. (2002) de que as crenças variadas que os pais possuem sobre o uso de diferentes práticas são o que promovem um nicho desenvolvimental para a criança. Entretanto, nossa pesquisa também permitiu ampliar essa compreensão, ao mostrar que essas crenças e significados passam necessariamente pela história de vida da mulher e pela relação dela com a família de origem. Enquanto para as mulheres magrebinaas essas crenças são transmitidas entre as gerações, havendo um forte apego aos valores e convicções dos próprios pais (e avós, bisavós, tataravós...), para as francesas trata-se de um processo de avaliar o que os pais fizeram por elas para poder aprimorá-las ou superá-las. Enfim, o que queremos dizer é que, embora Peixia et al. (2002), Dennis et al. (2002) e Rogoff (2005) tenham tido o mérito de mostrar os limites dos estudos que consideram as práticas educativas em si mesmas, ignorando os seus significados, mostramos que, dependendo do contexto cultural, essas significações podem ser altamente dinâmicas.

Quanto aos estudos que buscaram realizar uma associação entre as práticas educativas empregadas pelos pais e a ênfase nos modelos de *Self* autônomo ou interdependente, como os de Okimoto (1998), Keller et al. (2005) e Dennis et al. (2002), nossa pesquisa mostrou que, embora as mães francesas valorizassem mais a independência individual e as magrebinaas o apego à tradição familiar, a relação entre as dimensões autônoma e interpessoal do *Self* é complexa e dinâmica, não se restringindo à de uma diferença categórica. O grupo brasileiro foi o que forneceu o exemplo mais notório a esse respeito: nele, embora as mães valorizassem a conquista da autonomia, elas também permaneciam muito apegadas à família de origem e queriam mostrar o seu reconhecimento a ela, compartilhando de seus preceitos educativos. Com isso, as mães e crianças brasileiras somente poderiam se autonomizar a partir do momento em que estivessem seguras do amor incondicional dos pais por elas. As francesas também mostraram que a condição para alcançar a independência individual era terem a pertinência assegurada; por outro lado, elas também comunicaram que a condição para guardarem a pertinência era o respeito à autonomia pessoal. Nesses termos, esses dois grupos revelaram a relação dialética que existe entre a autonomia e a interdependência, e que essas duas dimensões fazem necessariamente parte do *Self*. Portanto, para as brasileiras e francesas, falar de um *Self* autônomo ou de um *Self* interdependente é falar de um *Self* mutilado. Por sua vez, na amostra magrebina, o maior apego que as crianças mostraram à tradição dos pais não

nos permite, contudo, dizer que o relacionamento entre as dimensões interdependente e autônoma do *Self* seja diferente daquele que encontramos no Brasil e na França. A realidade da imigração, como vimos, pode fomentar certo retraimento da família em si mesma; por outro lado, não temos elementos suficientes para compreender como a autonomia feminina se promove e se desenvolve nas mães e meninas que seguem vivendo em seu país de origem: esse é um dos limites do nosso trabalho.

Todavia, entre as famílias magrebinas que haviam imigrado para a França, detectamos que, a despeito dos temores das mães quanto à influência do mundo extrafamiliar na vida das filhas, estas ainda mantinham uma forte esperança de obter uma inserção criativa nele. Assim, se nossos resultados não bastam para debater o dinamismo existente entre as chamadas dimensões autônoma e interpessoal do *Self* nas crianças magrebinas, a esperança que elas nutriam sobre o alcance futuro de uma autonomia feliz, apesar de todos os seus receios, sugere a possibilidade dessa relação dialética ainda se desenvolver mais plenamente. Quanto às mães, a despeito dessas suas apreensões, nenhuma manifestou o desejo de voltar a viver no Magreb. Diante dessas constatações, nossos dados permitem conjecturar que, quando existe uma relação de maior harmonia entre o mundo familiar e o extrafamiliar, o vínculo entre as dimensões autônoma e interdependente do *Self* é mais fluido e de cooperação mútua; assim, seria o sentimento de continuidade que a família experimenta no mundo que proporcionaria esse equilíbrio.

Além de fornecer um panorama detalhado sobre o que acontece e como transcorre o desenvolvimento da criança no período da dependência relativa nas três amostras, nosso estudo levanta também uma série de questões que, se em si mesmas não são novas, não receberam a atenção devida da literatura no que tange a alguns de seus aspectos. Uma delas refere-se ao papel do pai no processo de separação emocional da díade mãe-filha nessa etapa do amadurecimento emocional. Se regularmente em Psicanálise o pai é visto como aquele que priva a criança da genitora (Roudinesco & Plon, 2006), as narrativas das mães e filhas que integraram este trabalho mostraram que, na verdade, ele promove essa separação não porque exija a ruptura do relacionamento, mas porque garante a união da díade, por meio da apresentação do vínculo simbólico como alternativa ao fusional que foi perdido. Enfim, as mães e meninas mostraram, em todos os grupos culturais, que o pai não separa, mas une, ou melhor dizendo, re-une. Outra das questões levantadas por nossa investigação referiu-se à necessidade, mostrada pelas meninas brasileiras e magrebinas, de que a mãe real continue perto delas, mesmo após a conquista da capacidade para a simbolização. Além do auxílio concreto para sustentar essa habilidade recém-adquirida, essa proximidade visava garantir à

garotinha e à mãe que, por mais sofisticados que fossem os símbolos, eles nunca substituiriam completamente a genitora real. Com isso, as mães e as meninas aplacavam as próprias angústias de perda do objeto. Consideramos que esses apontamentos contribuem para ampliar a compreensão psicanalítica do desenvolvimento emocional infantil e que também podem ser de auxílio nos campos do diagnóstico clínico e da intervenção terapêutica.

Finalmente, nosso estudo fornece ainda uma contribuição metodológica, a saber, a utilização do CAT-A em adultos, visando o estudo da experiência materna. Esse instrumento foi capaz de trazer à tona, nos relatos das mães, conteúdos referentes ao relacionamento delas com suas filhas, ao vínculo conjugal, ao problema da imposição de limites, ao papel dos irmãos e irmãs para o amadurecimento emocional infantil e a percepção do mundo exterior à família. Embora todos esses temas constituam conteúdos latentes dos cartões que compõem o instrumento, cada um deles não foi suscitado necessariamente pelo quadro que lhe era correspondente. Por exemplo, às vezes a questão da imposição da autoridade surgiu mais no relato ao quadro 2 do que ao 3, mas de maneira igualmente profícua. Em nossa pesquisa, o CAT-A permitiu alcançar uma compreensão minuciosa da experiência das mães. Assim, essa nova forma de utilização desse instrumento deve ser encorajada nas pesquisas que se dedicam ao conhecimento da delicada experiência da parentalidade e das sutilezas do relacionamento entre pais e filhos.

A despeito de suas contribuições, nossa pesquisa, evidentemente, apresenta limites importantes. O primeiro deles diz respeito ao número de díades participantes. Embora os relatos das vinte e sete mães e crianças tenham sido extraordinariamente informativos, certas questões, principalmente relacionadas à amostra magrebina, não puderam ser aprofundadas. Uma delas diz respeito às diferenças entre a concepção do mundo exterior e da autonomia infantil entre as díades residentes no Magreb e as que haviam imigrado para a França. As dificuldades que enfrentamos para conseguir realizar a coleta de dados desse grupo impossibilitaram a seleção de díades mais homogêneas quanto ao local de moradia. Também com relação às outras amostras, o número reduzido de arranjos não nucleares nos impediu de penetrar um pouco mais na análise de suas especificidades. Finalmente, a própria natureza do relato das mães, que pouco contemplou as diferenças entre as crianças em função da sua posição na ordem de nascimento, e a distribuição irregular dessa variável nas três amostras, prejudicou nosso debate sobre essa questão, que tínhamos a intenção de realizar.

Mesmo com tais dificuldades, consideramos que nossa pesquisa promove um importante enriquecimento científico para os domínios da Psicologia Clínica e do Desenvolvimento, ajudando a ampliar a compreensão de como o amadurecimento emocional

infantil se processa em diferentes contextos culturais e sustentando a adequação da teoria winnicottiana para a realização de estudos transculturais. Assim sendo, se Rogoff (2005) afirma que é importante considerar as variações dos indivíduos em uma mesma comunidade cultural, pois este é um recurso da humanidade que nos prepara para futuros incertos e variados, acrescentamos que, em tempos de interações culturais crescentes, o conhecimento das diversas maneiras como as pessoas de diferentes procedências enfrentam desafios semelhantes também nos prepararia para um *devenir* desconhecido e ampliaria nossas capacidades como seres humanos.

REFERÊNCIAS⁶⁵

- Ageron, C. R. (1985). L'immigration maghrébine en France [Un survol historique]. *Vingtième Siècle - Revue d'histoire*, 7, 59-70.
- Aguiar, F. (2001). Método clínico: método clínico?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 609-616.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida, SP: Idéias e Letras.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R., & Beaune, D. (2009). Les récits transférentiels comme présentation du vécu Clinique: une proposition méthodologique. In Geaune (Org.). *Revue française de phénoménologie et psychanalyse – Psychanalyse, Philosophie, Art, Dialogues* (pp.39-52). Paris: L'Harmattan.
- Albergoni, G. (2004). Les sociétés nomades, une place résiduelle. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 113-118). Paris: Éditions La Découverte.
- Alili, R. (2004). L'histoire de l'islam au Maghreb. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 131-134). Paris: Éditions La Découverte.
- Almeida, A. C. (2007). *A cabeça do brasileiro*. (3a ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Ariès. P. (2006). *História social da criança e da família*. (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: RTC. (Trabalho original publicado em 1973).
- Arkoun, M. (2004). Aux origines des cultures maghrébines. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 85-91). Paris: Éditions La Découverte.
- Barbieri, V. (2008). Por uma ciência-profissão: o Psicodiagnóstico Interventivo como método de investigação científica. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 575-584.
- Barbieri, V. (2009). O Psicodiagnóstico Interventivo Psicanalítico na pesquisa acadêmica: fundamentos teóricos, científicos e éticos. *Boletim de Psicologia*, LIX(131), Jul.-Dez, 209-222.

⁶⁵ De acordo com estilo APA – American Psychological Association (USP, 2009).

- Barbieri, V. (2010). Psicodiagnóstico Tradicional e Interventivo: confronto de paradigmas?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 505-513.
- Bardin L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *Vida líquida*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 2005)
- Bauman, Z. (2010). *Identité*. (M. Denneby, Trad.). Paris: L'Herne. (Trabalho original publicado em 2004)
- Bellak, L., & Bellak, S. S. (1981). *Teste de Apercepção Infantil com figuras de animais – CAT-A*. (O. Mantovani, Trad.). São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1949)
- Birman, J. (1989). *Freud e a experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (1998). *Qualitative Research for Education: An introduction to Theories and Methods* (4th ed.). New York: Pearson Education group. (Trabalho original publicado em 1991)
- Bomfim, I. H. F. B. (2014). *Narrativas maternas: um estudo transcultural*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Bornstein, M. H., Haynes, O. M., Azuma, H., Galperin, C., Maital, S., Ogino, M., Painter, K., Pascual, L., Pécheux, M. G., Rahn, C., Toda, S., Venuti, P., Vyt, A., & Wright, B. (1998). A cross-national study of self-evaluations and attributions in parenting: Argentina, Belgium, France, Israel, Italy, Japan and the United States. *Developmental Psychology*, 34(4), 662-670.
- Bougarel, X. (2005). Islam balkanique et intégration européenne. In R. Leveau, & K. Mohsen-Finan (Orgs.). *Musulmans de France et de l'Europe* (pp. 21-57). Paris: CNRS Éditions.
- Brabant, G. P. (1981). *Chaves da Psicanálise*. (T. O. Brito, & V. D. Contrucci, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1970)

- Cândido, A. (1972). A família brasileira. In T. L. Smith, & A. Marchant (Orgs.). *Brazil, portrait of half a continent* (pp. 291-312). New York: The Dryden Press.
- Castro, F. G., Kellison, J. G., Boyd, S. J., & Kopak, A. (2010). A Methodology for Conducting Integrative Mixed Methods Research and Data Analyses. *Journal of Mixed Methods Research*, 4(4), 342–360.
- Chao, R. (2001) Integrating culture and attachment. *American Psychologist*, 56(10), 822-823.
- Cherif, M. H. (2004). L’empreinte des appartenances communautaires sur les sociétés. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 99-107). Paris: Éditions La Découverte.
- Coelho, R. C. (2007). *Os franceses*. São Paulo: Contexto.
- Conde, F. (1995). Las perspectivas metodológicas cualitativa y cuantitativa en el contexto de la historia de las ciencias. In J. M. Delgado, & J. Gutiérrez (Orgs.). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en Ciencias Sociales* (pp. 53-68). Madrid: Editorial Síntesis S.A.
- Corrêa, O. B. R. (2000). *Os avatares da transmissão psíquica transgeracional*. São Paulo: Escuta.
- DaMatta, R. A. (1986). *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Davila, A. (1995). Las perspectivas metodológicas cualitativa y cuantitativa en las ciencias sociales: debate teórico e implicaciones praxeológicas. In J. M. Delgado, & J. Gutiérrez (Orgs.). *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en Ciencias Sociales* (pp. 69-83). Madrid: Editorial Síntesis S.A.
- Davis, M., & Wallbridge, D. (1982). *Limite e espaço: uma introdução à obra de D. W. Winnicott* (E. Nick, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1981)
- Demant, P. (2008). *O mundo muçulmano* (2a ed.). São Paulo: Contexto.
- Dennis, T. A., Cole, P. M., Zahn-Waxler, C., & Mizuta, I. (2002). Self in Context: Autonomy and Relatedness in Japanese and U.S. Mother-Preschooler Dyads. *Child Development*, 73(6), 1803-1817.

- Dolto, F. (1985). *La cause des enfants*. Paris: Éditions Robert Laffont S.A.
- Eiguer, A. (Org.) (2005). *Le générationnel - Approche en thérapie familiale psychanalytique*. Paris: Dunod. (Trabalho original publicado em 1997).
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Rio Grande do Sul: EDIPUCRS.
- Fausto, B. (1996). *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- Fonseca, C. (2005). Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. *Saúde e Sociedade*, 14(2), 50-59.
- Frégosi, F. (2005). Les enjeux liés à la structuration de l'islam en France. In R. Leveau, & K. Mohsen-Finan (Orgs.). *Musulmans de France et de l'Europe* (pp. 99-114). Paris: CNRS Éditions.
- French, D. C., Purwono, U., Eisenberg, N., Sallquist, J., Lu, T., & Christ, S. (2013). Parent-adolescent relationship, religiosity, and the social adjustment of Indonesian muslim adolescents. *Journal of Family Psychology*, 27(3), 421-430.
- Freud, S. (1976). A hereditariedade e a etiologia das neuroses. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 3, pp. 50-66). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1976). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides). In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 12, pp. 285-307). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (1976). Os caminhos da formação dos sintomas. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 16, pp. 265-279). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1976). Dois verbetes de enciclopédia. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 18, pp. 285-307). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922-1923)

- Freud, S., & Breuer, J. (1976). Estudos sobre a histeria. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., vol. 2, pp. 381-517). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Geisser, V. (2005). L'islamophobie en France au regard du débat européen. In R. Leveau, & K. Mohsen-Finan (Orgs.). *Musulmans de France et de l'Europe* (pp. 59-79). Paris: CNRS Éditions.
- Gelo, O., Braakmann, D., & Benetka, G. (2008). Quantitative and qualitative research: Beyond the debate. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 42(1), 266-290.
- Goldenberg, M. (2003). Novas famílias nas camadas médias urbanas. In *Terceiro encontro de psicólogos jurídicos* (pp. 18-26). Rio de Janeiro: EMERJ/ESAJ.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Anuário Estatístico do Brasil*. Recuperado em 16 de dezembro de 2014, de www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm.
- INSEE. Institut National de la statistique et des études économiques (2015). *Recensement de la population*. Recuperado em 15 de fevereiro de 2015, de <http://www.insee.fr>.
- Jelloun, T. B. (2004). Défendre la diversité culturelle du Maghreb. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 96-98). Paris: Éditions La Découverte.
- Keller, H., Kärtner, J., Borke, J., Yovsi, R., & Kleis, A. (2005). Parenting styles and the development of the categorical self: A longitudinal study on mirror self-recognition in Cameroonian Nso and German families. *International Journal of Behavioral Development*, 29(6), 496-504.
- Klauber, J. (1968). On the dual use of historical and scientific method in Psychoanalysis. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49(1), 80-88.
- Kvale, S. (2003). The psychoanalytical interview as inspiration for qualitative research. In P. M. Camic, J. E. Rodhes, & L. Yardley (Orgs.). *Qualitative research in Psychology: Expanding perspectives in methodology and design* (pp. 275-297). Washington: APA.
- Lacoste, Y. (2004a). Qu'est-ce que le Grand Maghreb? In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 45-51). Paris: Éditions La Découverte.

- Lacoste (2004b). Géopolitique du Maghreb. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 11-27). Paris: Éditions La Découverte.
- Lacoste (2004c). Peuplement et organisation sociale. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 59-68). Paris: Éditions La Découverte.
- Lacoste (2004d). Des formes très différentes de colonisation. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 28-29). Paris: Éditions La Découverte.
- Lacoste-Dujardin, C. (2004a). De la grande famille aux nouvelles familles. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 119-125). Paris: Éditions La Découverte.
- Lacoste-Dujardin, C. (2004b). Les codes de statut personnel ou l'influence de la « charia » dans le droit familial. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 126-130). Paris: Éditions La Découverte.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1997). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)
- Leveau, R. (2005). Le choc du 11 septembre. In R. Leveau, & K. Mohsen-Finan (Orgs.). *Musulmans de France et de l'Europe* (pp. 49-57). Paris: CNRS Éditions.
- Leveau, R., & Mohsen-Finan, K. (2005). Introduction. In R. Leveau, & K. Mohsen-Finan (Orgs.). *Musulmans de France et de l'Europe* (pp. 1-5). Paris: CNRS Éditions.
- Liaudet, J. C. (2012). *La névrose française*. Paris: Odile-Jacob.
- Maurin, L. (2009). *Déchiffrer la société française*. Paris: La Découverte.
- Mimouni, R. (2004). À la mêlée des eaux. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 92-95). Paris: Éditions La Découverte.
- Mohsen-Finan & Geisser, V. (2005). Enjeux et sens de l'affichage de son "islamité" dans le champ scolaire français. In R. Leveau, & K. Mohsen-Finan (Orgs.). *Musulmans de France et de l'Europe* (pp. 115-130). Paris: CNRS Éditions.

- Naouri, A. (2009). *Éduquer ses enfants - l'urgence aujourd'hui*. Paris: Odile-Jacob.
- Okimoto, J. T. (1998). The appeal cycle in three cultures: an exploratory comparison of child development. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 49(1), 187-215.
- Outeiral, J. (1997). Sobre a concepção de pai na obra de D. W. Winnicott. In I. F. M. Catafesta (Org.). *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a universidade* (pp. 91-104). São Paulo: Lemos Editorial.
- Pacheco Filho, R. A. (2000b). O debate epistemológico em Psicanálise (à guisa de introdução). In R. A. Pacheco Filho, N. Coelho Júnior, & M. D. Rosa (Orgs.). *Ciência, pesquisa, representação e realidade em Psicanálise* (pp. 15-42). São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC.
- Peixia, W., Robinson, C. C., Yang, C., Hart, C. H., Olsen, S. F., Porter, C. L., Jin, S., Wo, J., & Wu, X. (2002). Similarities and differences in mothers' parenting of preschoolers in China and the United States. *International Journal of Behavioral Development*, 26(6), 481-491.
- Ribeiro, D. (2006). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1995)
- Rogoff, B. (2005). *A natureza cultural do desenvolvimento humano*. (R. C. Costa, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Romanelli, G. (1991). Mudança e transição em famílias de camadas médias. *Travessia*, 9(1), 32-34.
- Rouart, J. M. (2015). Peut-on porter aux nues la liberté d'expression sans égard pour ses conséquences? *Paris Match*, 20-28 (3427), 42-43.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (2006). *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Fayard.
- Rude-Antoine, E. (1990). *Le mariage maghrébin en France*. Paris: Karthala.
- Samara, E. (2002). O que mudou na família brasileira na atualidade? (Da Colônia à atualidade). *Psicologia USP*, 13(2), 27-48.

- Singly, F. (1996). *Le soi, le couple et la famille*. Paris: Nathan.
- Singly (2004). *Fortune et infortune de la femme mariée - Sociologie des effets de la vie conjugale* (2a ed.). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1987).
- Singly, F. (2007). *Sociologie de la famille contemporaine* (3a ed.). Paris: Nathan. (Trabalho original publicado em 1993)
- Smither, R., & Khorsandi, A. (2009). The implicit personality theory of Islam. *Psychology of Religion and Spirituality, 1*(2), 81-96.
- Soifer, R. (1992). *Psiquiatria infantil operativa: psicologia evolutiva e psicopatologia*. (J. C. A. Abreu, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Someya, T., Uehara, T., Kadowaki, M., Tang S. W., & Takahashi, S. (1999). Characteristics of perceived parenting styles in Japan using EMBU scale. *Acta Psychiatrica Scandinavica, 100*(1), 258-262.
- Stora, B. (2004). Le traumatisme de la guerre d'indépendance algérienne. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 32-33). Paris: Éditions La Découverte.
- Tachibana, M. (2011). *Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Trinca, W. (1999). A pesquisa em psicanálise como uma sequência de movimentos criativos. *Revista de Psicologia Hospitalar, 17*(1), 9-13.
- Trivinus, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. 2a ed. Petrópolis: Vozes.
- Universidade de São Paulo. (2009). Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: Documento eletrônico e impresso parte II (APA) / Sistema integrado de bibliotecas da USP*. (V. M. B. O. Funaro et al., Coord.). 2ª ed. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP.

- Valls, M. (2015). *Le gouvernement et les institutions*. Recuperado em 3 de fevereiro de 2015, de <http://www.gouvernement.fr>.
- Violante, M. L. V. (2000). Pesquisa em Psicanálise. In R. A. Pacheco Filho, N. Coelho Júnior, & M. D. Rosa (Orgs.). *Ciência, pesquisa, representação e realidade em Psicanálise* (pp. 109-117). São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC.
- Waxler, C. Z., Friedman, R. J., Cole, P. M., Mizuta, I., & Hiruma, N. (2008). Japanese and United States Preschool Children's Responses to Conflict and Distress. *Child Development*, 67(5), 2462-2477.
- Wenden, C. W. (2005). Seconde génération: le cas français. In R. Leveau, & K. Mohsen-Finan (Orgs.). *Musulmans de France et de l'Europe* (pp. 7-19). Paris: CNRS Éditions.
- Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu, & V. Nobre, Trad., pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (1982). E o pai?. In *A criança e o seu mundo* (pp.127-133). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (1984). *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil* (J. M. X. Cunha, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (1990a). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *self*. In *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 128-139). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1990b). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 38-54). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1990c). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 79-87). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (1990d). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 70-78). (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)

- Winnicott, D. W. (1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp. 269-285). (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (1993). Pediatria e Psiquiatria. In *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp. 287-311). (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1948)
- Winnicott, D. W. (1993). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp. 437-458). (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1954)
- Winnicott, D. W. (1993). Preocupação materna primária. In *Textos selecionados: da Pediatria à Psicanálise* (pp.491-498). (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1956)
- Winnicott, D. W. (1996). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In *Os bebês e suas mães* (pp. 79-92). (J. L. Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1968)
- Zakri, (2004). Les témoignages de l'archéologie. In C. Lacoste, & Y. Lacoste (Orgs.). *Maghreb, peuples et civilisations* (pp. 12-14). Paris: Éditions La Découverte.
- Zeldin, T. (2000). Os franceses. (F. Rangel. Trad.). Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1983).
- Zen, E. T., Luescher, S. C., Nunes, M. F., Bens, C., & Aguiar, A. M. (2006). Transgeracionalidade e Parentalidade: uma experiência em UTI/UI neonatal pública. In *Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental* (pp. 1-11). Recuperado em 15 de outubro de 2012, de <http://www.fundamentalpsychopathology.org/pagina-trabalhos-completos-465>.
- Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Narrativa e Interpretação da díade francesa

Díade Elise e Emilie

Identificação

Elise: 42 anos

Estado civil: casada

Educação: superior

Nível socioeconômico: médio

Filhos: Nicolas, 11 anos e Emilie, 9 anos

Criança estudada: Emilie

Ordem das entrevistas: (1) Elise

(2) Emilie

Narrativa de Elise

Elise e Emilie foram recomendadas para participar de minha pesquisa por outra mãe que eu havia conhecido (Nima). Quando nos falamos por telefone para marcar um encontro, Elise mostrou-se muito simpática e disponível. Como as outras mães, ela me explicou como deveria fazer para chegar até sua casa. E não foi só isso: ela se propôs a vir me buscar na estação de metrô perto de sua casa, uma vez que morava em um lugar cujo acesso era um pouco difícil. Durante nossa conversa, expliquei-lhe qual era a duração da entrevista, porque ela estava preocupada em razão de um outro compromisso que ela e Emilie teriam depois do nosso encontro. Desta forma, quando eu cheguei à estação de metrô, liguei para ela e, gentilmente, ela veio me apanhar de carro e me conduziu até sua casa. Combinamos que eu falaria primeiro com ela, até por volta das 16h00, enquanto Emilie estivesse ocupada no treino esportivo da escola, após o qual haveria uma pequena cerimônia de troca de presentes (estávamos muito perto do dia de Natal).

Mais tarde, por volta 17h00, iríamos buscar Emilie para que então eu pudesse falar com ela. A casa de Elise está localizada em um pequeno bairro, um pouco distante de Lille, e que se assemelha a uma pequena e tranquila cidade da Holanda. Quando chegamos, Elise foi à cozinha para preparar um chá para nós. Enquanto eu ainda estava surpresa por causa da sua extrema gentileza para comigo, ela deu informações que me permitiram compreender a razão da sua solidariedade. Ela me disse que era médica e seu marido, professor; portanto, conheciam muito bem as dificuldades para fazer uma pesquisa científica.

Elise é uma mulher simples, mas tem uma presença marcante e muita facilidade de contato. Ela é loira, tem grandes olhos azuis e, seus cabelos, curtos, têm um corte clássico; ela também usa óculos. Sua casa é bem organizada. Havia muitos livros no armário localizado na sala de jantar, onde

permanecemos ao longo da entrevista. Ela fala de uma forma fluida e espontânea, e está bastante disponível para me ajudar. Apesar da sua fluidez verbal, ela é muito objetiva. Senti-me diante de uma mulher dinâmica, prática, tranquila, centrada, e que aproveita bem o seu tempo.

Nosso contato é tranquilo, e embora ela me diga que passou por períodos difíceis em sua infância, como a morte de sua mãe e sua alocação em um pensionato, seu relato não mostra qualquer angústia. A única exceção foi sua preocupação com seu pai, já idoso, que vive sozinho em outra região da França. No entanto, Elise não demonstra muita tristeza em sua narrativa, e tenho a impressão de que se trata de alguém que está comprometida com o presente, que procura valorizar suas experiências e seguir sua vida sem lamentações.

Eu explico a Elise os objetivos de minha pesquisa e, de início, pergunto se ela pode falar um pouco sobre si mesma. Ela conta que nasceu na França, em X, e que veio para Lille para estudar e trabalhar, onde conheceu o seu marido. Inicialmente, eles foram para a sua região, mas depois se casaram em Lille. Ela diz que faz dez anos que mora nessa cidade, e que quando Nicolas nasceu (seu filho de 11 anos), eles mudaram de casa: eles viviam em um apartamento, mas após o nascimento dos filhos, compraram a casa onde residem atualmente. Eu confirmo que ela é médica e que seu marido é professor, ao que ela acrescenta que ele é professor de inglês. Ela diz que ele também se interessa por cinema, por isso tem um duplo interesse e a dupla possibilidade de fazer inglês e cinema. Depois disso, dou-lhe as orientações sobre o CAT-A e mostro-lhe o primeiro quadro.

O CAT - A

Quadro 1

Ela me pergunta se deveria comentar sobre o que vê na figura e eu confirmo. Ela diz que se trata de uma mãe galinha que vai alimentar seus filhotes. Ela diz que supõe que seja a mãe, que não sabe direito; de fato, talvez possa ser o galo. Ela acrescenta que na casa dela é sempre o seu marido quem cozinha à noite. Depois ela volta a sua atenção para o quadro e diz que parece ser bom, porque as crianças parecem estar com fome e o pai ou a mãe ficam orgulhosos de poder trazer o que comer para as crianças. Ela reitera que as crianças parecem estar famintas. Pergunto-lhe se isso a faz lembrar de algo em relação à sua experiência com Emilie, e ela diz que sim. Ela conta que a respeito das refeições em família, a mesa a faz lembrar do fato de que, quando os filhos estavam com fome, eles ficavam contentes em comer, sempre que se sentavam à mesa. Ela diz que, honestamente, não gosta muito de cozinhar, mas é verdade que geralmente prepara a sobremesa ou algo assim. Ela acrescenta que a refeição em família é sempre interessante, porque é uma oportunidade de falar com seus filhos, mas não pode dizer que a cozinha seja um prazer para ela. Ela diz que cozinha porque é preciso, porque é necessário comer e, até mesmo à noite, de vez em quando, ela prepara pequenos pratos porque tem prazer em receber pessoas, mas cozinhar todos os dias... (ele não completa a frase). Ela diz estar satisfeita com o fato de seus filhos almoçarem na cantina, porque é difícil para ela preparar o almoço diariamente. Ela conta que nos fins de semana gosta de cozinhar, porque aí todos comem

juntos. Ela retoma o quadro e diz que há dois pintinhos que têm babadores e um que não tem, e ela não sabe o porquê. Ela repete por duas vezes que ela não sabe o porquê (de um deles não ter babador). Ela acrescenta ainda que ele (o pintinho) é um pouco mais alto em relação a seus filhos, e ela também não sabe o porquê disso. Ela continua dizendo que tem a impressão de que ele está em um lugar mais alto no meio deles, uma vez que ele próprio não é muito alto. Ela diz que ele poderia ser um amigo ou algo assim, e repete que ele não tem babador. Ela permanece em silêncio. Pergunto-lhe se isso é tudo, e ela responde que sim. Passamos então para o segundo quadro.

Quadro 2

Ela diz: “um cabo de guerra e supomos que se trata de um jogo, mas trata-se de saber quem é o mais forte”. Ela diz que existem dois adultos e uma criança, e que esta escolheu ficar com um dos ursos. Ela diz que não se sabe se é o pai ou a mãe, mas ele (o pequeno) parece estar contente por participar do jogo de cabo de guerra, e é verdade que se trata de um jogo engraçado. Por fim, ela diz: “Dizer mais o quê...?” Depois, continua afirmando que eles parecem estar se divertindo bastante, não parecem entediados. Ela repete que parece ser um jogo, e que o pequeno fica muito feliz em participar dele. Ela acha que muitas vezes as crianças gostam de saber quem é o mais forte. Ela reitera que é um jogo, que pensa que eles gostam disso, porque assim podem mostrar que são fortes, seja um menino, seja uma menina. Pergunto se ela se lembra de algo e ela diz que precisamente não, mas com relação aos jogos em família, é verdade que as crianças gostam de jogar, mas não necessariamente cabo de guerra, que eles nunca fizeram isso juntos. No entanto, jogar tênis de mesa, por exemplo, fazer jogos, compras, eles gostam bastante e, neste momento, mais o menino do que a menina. Ela conta que Emilie é menos esportista do que o seu irmão, mas ela gosta de participar de jogos com seu pai e sua mãe. Ela diz que lhe agrada muito (a Emilie) fazer desafios, participar de jogos para saber quem vai ganhar. Ela diz que isso é tudo e eu lhe apresento o próximo quadro.

Quadro 3

Ela diz que poderia tratar-se da imagem de um conto de fadas, o ratinho e o rei, o rei leão que se entedia por estar só, em seu trono. Ele parece um pouco envelhecido, fuma seu cachimbo e segura uma bengala. Ele está sozinho e tem-se a impressão de que tem um olhar de espera e, depois, de tédio. Então, há um pequeno rato que o observa. Enfim, é alguém que parece entediado, isto é, que está um pouco sozinho, que gosta de receber ou ter uma companhia, mas o ratinho tem um pouco de medo. Assim, ele não pode se aproximar e ver este grande rei leão que lhe dá medo. Pergunto se ela poderia imaginar por que ele está entediado. Ela diz que é porque ele não sabe fazer muitos amigos, ou talvez porque ele desempenhe demais o papel de rei e de... (hesitação) enfim, trata-se de alguém que está um pouco acima dos outros, que se isolou em vez de estar entre os outros. Tem-se a impressão de que ele está em seu trono, e que de qualquer maneira isto o obriga a se impor um pouco, o que leva as pessoas a sentirem um pouco de medo de chegarem até ele. Eu digo a ela que o rei é um pouco solitário; ela

afirma que sim e diz que ele está só e um pouco triste. Pergunto-lhe se isso a faz lembrar de alguma coisa. Ela diz que talvez sejam as pessoas idosas na França, que frequentemente vivem sozinhas, pois eles (os franceses) não têm uma tradição em que os avôs vivem com as crianças. Ela diz que isso é uma pena, pois há muitas pessoas idosas que estão sozinhas. Ela acha que é certo, que isso é sábio, mas ao mesmo tempo um pouco triste, e que este modo de funcionar das coisas faz com que as pessoas vivam de maneira um pouco egoísta. Nessa lógica, “dizemos a eles que os amamos, mas de um modo um tanto egoísta”. Ela diz que isso acontece na Europa, que não conhece outros lugares, mas que acha uma pena ver tantas pessoas isoladas, em seus cantos. Ela comenta que isso evoca a solidão, para alguns, em um país desenvolvido. Eu lhe digo que isso parece evocar um pouco a sua própria história, a história de sua família que permaneceu em X. Ela responde que sim, que perdeu sua mãe muito cedo, e que seu pai ficou só por muito tempo. Ela diz que tinha dez anos quando perdeu sua mãe, e que nessa época seu pai tinha 40 anos. Então, ele a “jogou” em um pensionato e, em seguida, pensa que ele se isolou completamente. Ela diz que eles (no pensionato) a deixavam ir ver seu pai nos finais de semana e nas férias, mas pensa que ele tinha se habituado a ficar só. Ele tem seus amigos, mas mesmo com amigos, é solitário. Pergunto se seu pai não se casou novamente. Ela diz que não, e que isso era difícil, mas foi ela mesma que, mais tarde, percebeu o quanto isto pode ser difícil: “Quando você é criança, você não percebe bem como para os seus pais, isso pode ser difícil”. Ela diz que é difícil ver os pais envelhecerem, que isso é um pouco triste. Ela acha, mesmo quando se faz uma reflexão geral sobre a sociedade, que é só quando você fala de sua história pessoal que consegue pensar nisso. Ela comenta que nos países desenvolvidos, abandona-se os idosos e presta-se pouca atenção às pessoas que podem estar sós. Ela diz que a razão disso era a mãe que quer famílias pequenas (ela mistura um pouco os tempos verbais nesse momento). Ela conta que elas eram duas crianças (em sua família de origem) e que regularmente elas ainda tentam vê-lo (seu pai). No entanto, ela acha que ainda assim existem pessoas que permanecem isoladas, porque não há (na França) uma cultura de família suficientemente desenvolvida. Pergunto-lhe sobre o seu irmão ou irmã e ela diz que tem uma irmã que mora em Paris e não tem filhos. Sua irmã vem para Lille de vez em quando, o que as aproxima um pouco. Ela permanece em silêncio. Pergunto-lhe se isso é tudo, e ela diz que sim. Assim, eu pego o quadro de volta e apresento-lhe o próximo.

Quadro 4

Ao olhar o quadro ela começa a dizer que ele evoca... e hesita. Depois continua dizendo que é a mãe canguru com seu filhote em sua bolsa, que ela parece muito apressada, dir-se-ia que ela parece estar de partida, saltando rapidamente. Há um canguru maior que pedala ao lado. O pequeno está contente e tem um pequeno balão. Ela diz que aparentemente eles estão todos felizes, mas a mãe tem um olhar apressado. Ela não sabe o porquê, mas ela está apressada para ir a algum lugar. Ela diz que eles irão caminhar ou vão para um piquenique, porque ela carrega uma pequena cesta, mas as crianças estão bastante felizes. Ela diz que é uma tarde quando eles vão passear, que não se sabe, mas nota-se

que a mãe gosta muito do seu chapéu, e que ela parece segurá-lo na direção do vento. Ela diz que a mãe logo irá para algum lugar, onde ela tem um compromisso, que ela (Elise) não sabe qual. Eu digo: “Como alguém que tem um monte de afazeres.” Elise ri e diz: “Sim”. Ela continua dizendo que é verdadeiro o que ele lhe evoca: “Vamos, rápido!”, e que também é verdade que, infelizmente, sempre diz isso às crianças: “Você está atrasado, tem que se apressar!” - todas as manhãs antes de ir à escola. Quando se trata de outras atividades, é a mesma coisa: “Você está atrasado, nós já vamos!” e que, muitas vezes, durante a semana, diz a eles que devem se apressar. Nos finais de semana, tudo é mais calmo, mas com certeza tem a impressão de muitas vezes dizer-lhes: “Ande, vamos, é preciso se apressar, vamos!” Então ela os pressiona um pouquinho (ela solta um suspiro de ansiedade). Eu digo a ela que é muita coisa ser médica, ter filhos, ser responsável pela casa. Ela diz que sim, que isso é verdade, mas, em todo caso, é interessante. Ela continua dizendo que ela escolheu a sua profissão e que decidiu não ter mais que dois filhos. Ela também diz que, honestamente, não se vê com mais de duas crianças, porque sabe que há os problemas sobre quem vai tomar conta delas, que não pode estar com elas 24 horas, deixando-as com o marido. Então, ela diz a si mesma: “Mais de dois filhos, não, eu não posso mais!” Ela conta que sempre diz que é preciso cuidar deles, caso contrário, é burrice ter filhos e não estar com eles. Ela diz que está muito feliz por ter dois filhos e, mesmo que eles tenham com certeza a impressão de que são apressados por ela, é porque às vezes ela também se sente pressionada; por fim, ela acha que eles estão felizes por serem dois. Ela diz que ter um único filho é difícil, que ela tem uma prima que tem apenas uma filha, e que essa garota lhe diz que está sempre sozinha, que não tem um irmão ou irmã com quem brincar. Então, isso é chato, porque ela acha que as crianças gostam de brincar juntas; por isso um irmão ou irmã é importante. Ela conta que, no fim de semana, tenta fazer com que eles não tenham muitas atividades, para que possam descansar ou até mesmo se entediar, porque isso também é importante. Eu digo que me parece que, para ela, é importante ficar com as pessoas e manter contato com elas. Ela diz que sim, que gosta disso, que acha importante ter amigos. Ela repete que a amizade é algo muito importante quando se é pequeno e ao longo de toda a vida. Ela também diz que a gente não está só: quando nascemos, estamos cercados por uma sociedade. Ela continua dizendo que cada um traz algo para essa sociedade, mas é importante não fazê-lo sozinho, mas fazer as coisas em grupo e, depois, compartilhar. Ela reitera que a partilha é importante, quer seja compartilhar o tempo, o conhecimento e até mesmo o seu modo de ver as pequenas coisas da vida. Ela me devolve o quadro e eu lhe apresento o último deles.

Quadro 8

Ela sussurra: “Hum hum”, como se a situação ilustrada fosse a confirmação de alguma coisa. Ela diz que acha a imagem bastante particular como situação, porque nela há alguém que se pode supor ser a mãe, mas que não parece ser muito gentil com o seu filho. Ela diz logo depois que havia dois adultos, que pareciam bastante distantes um do outro, e que pareciam sussurrar, como se estivessem zombando da senhora com o seu filhinho. Ela hesita, e depois diz que isso a deixa um

pouco desconfortável, porque acha que eles não têm um ar muito amigável. Ela diz que eles parecem estar numa reunião um pouco (ela hesita), social, entretanto as pessoas não parecem muito felizes por estar ali. O pequeno ou a pequena não parece feliz por estar lá, assim como sua mãe. Tem-se a impressão que ela o repreendeu um pouco. Em seguida, atrás, eles parecem ter um certo ar de zombaria. Para confirmar sua narrativa, pergunto-lhe se eles (as personagens que estão atrás) falam deles (da mãe e do filhinho) e ela diz que sim, que eles falam dos dois e *a priori* a conversa não parece muito simpática. Portanto, é bastante desconfortável, mas é verdade que sempre há... (ela hesita e não completa a frase). Ela continua dizendo que a situação a fez pensar em algo: que há sempre pessoas prontas a apontar o dedo para os outros, porque eles não fazem as coisas como os outros, porque eles são diferentes, e é fato que a diferença é difícil. Ela diz que tem a impressão que existem pessoas que não toleram a diferença, é como se todo o mundo devesse ser moldado na mesma forma, todos devessem fazer o mesmo. Ela diz que, felizmente, acha que todo mundo é diferente, e que a maneira de ver as coisas é completamente diferente de uma família para outra e que, entre aspas, o “o que vão dizer?” é um tanto idiota. Ela diz que, para falar do que ela mesma viveu na zona rural quando era pequena, o “o que vão dizer?” era muito importante. Ela hesita e continua dizendo que é principalmente nas cidades pequenas que o “o que vão dizer?” é importante, visto que ela morava na zona rural, em X. Então, aos domingos eles se vestiam bem para ir à missa porque, caso contrário, as pessoas diriam: “Veja como ela está vestida!” (ela sussurra), e que ela está se referindo a uma mentalidade provinciana entre aspas. Ela diz que é verdade que em sua antiga cidade, as pessoas eram muito maldosas, mas isso não quer dizer que em sua cidade atual, que é grande, isso não exista, mas, talvez, exista um pouco menos. Ela repete que acha que mesmo na sua cidade atual esse gênero de coisas existe, e que isso tudo é um pouco estúpido. Diz que as pessoas não podem julgar os outros a grosso modo, seja por suas roupas, seu modo de ser, seja porque, afinal de contas, eles escolhem fazer coisas diferentes. Então não se pode julgar o que o outro faz. Essa lógica se aplica também para a família, então, “por que zombam do modo como ela (a macaca) educa seu filhote?” Ela diz que não sabe de nada, mas está certa de que sempre há pessoas que comentam: “Você viu como ela fala com sua filha?” São sempre as pessoas que zombam, que se permitem julgar. Diante disso, ela acha que ser pai e mãe é difícil, que não se tem sempre a solução ideal e sempre se acaba fazendo o que se pode. Ela repete que acha difícil ser pai e mãe, que isso é sempre ter medo do olhar dos outros e fazer realmente como se acredita estar fazendo bem para avançar, para que seus filhos possam receber uma boa educação. Ela diz que também acha importante não olhar em demasia, e aprender a não se deixar intimidar, entre aspas, por aquilo que poderiam pensar os outros: “O que é que vão dizer se eu fizer isso?”, “Ele vai me julgar assim.” ou “Isso não se faz assim, porque...”. Ela diz que acredita que é preciso saber se desligar disso. Eu digo a ela que acredito que nas diferentes gerações da família... e ela me interrompe e diz que sim, mas que não havia passado por isso, porque não conheceu sua mãe. Esta morreu quando ela (Elise) tinha dez anos de idade. No entanto, ela acredita que isso acontece, porque vê isso nos outros, nos casos em que as mães julgam a maneira como suas filhas educam seus

filhos (netos). Ela diz que vive um pouco disso com sua irmã, porque esta não tem filhos. Apesar de sua irmã admitir que ela os educa bem, há momentos em que ela (Elise) pensa que isso é muito difícil, porque há uma diferença de geração. Assim, os pais educam as crianças um pouco como foram educados, mas não é a mesma coisa, o tempo já não é o mesmo. Ela diz que às vezes nada é evidente, e a gente se permite um pouco de crítica: “Ah, você não vai fazer assim”.

Ela disse que não teve conflitos com sua mãe e, com seu pai, também não, porque ele é um pouco orgulhoso. Então, mesmo se às vezes ela pensa que ele (seu pai) acha que os seus filhos (de Elise) são muito mimados, para ele as coisas são um pouco diferentes das que ele conheceu. No entanto, ela acredita que ele não pensa sobre isso. Ela diz estar certa de que esta geração é difícil, e é verdade que não os considera crianças-rei (*enfant-roi*), mas que seus pais não conheceram as mesmas coisas que fazem por eles. Então, para eles (os pais dos pais), às vezes, a maneira como (os pais) educam seus filhos pode lhes parecer um pouco incompreensível. Ela diz que considera importante impor limites o tempo todo. No entanto, mesmo se você impõe limites, eles estão, na sua opinião, muito mais distantes daquilo que eles próprios conheceram, porque as crianças não estão acostumadas com as mesmas coisas.

Comento que ela havia dito que, quando era criança, após a morte de sua mãe, havia sido colocada em um pensionato. Ela responde que naquela época, como ela morava na zona rural, sua irmã, que é dois anos mais velha do que ela, já estava em um pensionato, porque elas estavam muito longe de tudo. Ela demorava entre uma hora e meia e duas horas, de manhã e à noite, para voltar para casa. Por isso, seus pais achavam que era muito difícil. Ela diz que, na época, havia pensionatos na cidade, em X, e repete que sua irmã já estava em um deles. Ela mesma já estava no sexto ano, assim, a morte de sua mãe não mudou as coisas. O que ela diz a si mesma é que, de repente, seu pai viu-se sozinho. Então, ela relembra de que durante toda a semana ela e a irmã estavam no pensionato, e que eram corajosas, embora isso não ficasse muito claro para elas. Ela diz que gostava do pensionato, que isso lhe permitiu evoluir de forma um pouco diferente, não ficar enclausurada. Ainda, isso lhe permitiu abrir-se, interagir um pouco com os outros e não se deixar ficar em um sistema um pouco fechado.

Ela diz que seu pai conheceu, entre aspas, um pouco, a depressão e que isto (ficar em um pensionato) permitiu que ela se afastasse dessa situação e conseguisse trilhar um bom caminho. Ela diz que não lamenta de modo algum o pensionato, e que isso já não existe mais na França. Ela diz que, na época, havia muitas irmãs e que ela estava em um colégio que era uma congregação religiosa, e eles eram muito abertos. Ela diz que, francamente, acha que isso só lhe trouxe coisas positivas e que hoje ela é bem menos aplicada. Ela reitera que a instrução religiosa que teve só lhe trouxe coisas muito positivas. Comenta que a prova disso é que matriculou seus filhos no catecismo, porque acha que é importante ter esta abertura de espírito e que, posteriormente, eles farão suas escolhas (religiosas). Acrescenta que ela não pode lhes impor tudo, mas pensa que conhecer as coisas é importante. Ela acrescenta que eles vivem em uma civilização judaico-cristã, cuja história é importante, porque há coisas que descobrimos na história. Ainda, isso permite compreender e refletir sobre a essência das

coisas, e até mesmo descobrir outras coisas além da religião. Ela diz que não quer de modo algum impor uma religião, mas acha que isso permite uma abertura, não permanecerem fechados em si, enfim, permite uma abertura de espírito. Pergunto a ela se acredita que esta experiência a deixou mais independente e ela responde que sim, que isso é claro. Conta que foi difícil chegar no sexto ano, ter 11 anos de idade e ir para o pensionato. Ela descreve que, na época, havia blocos, não existindo quartos. Explica que eram dormitórios grandes, e que inicialmente sempre a gente se atrapalha, mas depois aprende a cuidar de si mesma. Ela diz que é divertido que sua irmã lhe pergunte, nas vezes em que seus filhos são mais difíceis, por que ela não os coloca em um pensionato. Então, ela responde que não gosta desta ideia, porque ao mesmo tempo se é isolado da família. Ela diz que ela e sua irmã, que eram pensionistas, tiveram seus lados bons, mas para a família, isso corta um pouco as relações. “Finalmente, nós crescemos um pouco fora da família” (suspira). Ela diz que acha que no seu contexto, isso foi muito bom, mas que fica feliz em rever seus filhos todas as noites, algo que considera importante. Ela diz que, para ela, os laços de família se constroem na vida cotidiana. Eu comento que essa é uma experiência diferente que ela quer transmitir aos filhos. Ela responde que, naturalmente, diferente, mas que, ao mesmo tempo, a gente guarda um pouco daquilo que viveu, e que, necessariamente, transmite um pouco. Ela diz que não se pode suprimir tudo o que se recebeu dos pais, então se transmite coisas, entre aspas, valores familiares. Ela diz que acha isso importante, que faz parte da educação, transmitir esses valores para as crianças. Ela volta ao quadro e diz que esta imagem não inspira grande confiança (ela ri). Eu digo: “Muitos julgamentos?” e ela concorda.

Ela me devolve o quadro e pergunto se há algo que queira acrescentar ao que já havia dito. Ela argumenta: “O que eu diria... é principalmente sobre a educação das meninas...?” Ela diz que isso não é fácil, que seus filhos ainda não são adolescentes e que Emilie tem apenas 9 anos. No entanto, ela sente que já existem pequenos conflitos com ela, especialmente, porque é sua mãe. Ela sente que já existe um pouco de oposição, que toma espaço. Isso lhe causa um pouco de medo, porque ela espera ser capaz de gerenciar essa oposição da melhor maneira possível. Ela diz que é esperado que mãe e filha se oponham, e que ela espera poder gerenciar essa oposição sem conflitos por um longo tempo. Ela diz que é certo que haverá conflitos, e repete que espera poder geri-los o melhor possível. Ela diz que há etapas que são necessárias, mas isso lhe dá um pouco de medo, a adolescência de uma menina. Então, ela se prepara muito, mas diz si a mesma que nem todos os dias serão fáceis. Pergunto se ela acha que vai ser mais difícil com Emilie, e ela diz que sim, que já percebe isso. Pergunto se acha que é mais difícil com uma menina do que com um menino. Ela responde que sim, que vai ter muito mais facilidade com Nicolas, ela não sabe se é porque é o primeiro, mas Emilie tem um caráter muito mais assertivo. Ela diz que Nicolas também tem personalidade, mas ele vai explodir de repente, ao passo que sua irmã não vai parar de irritá-lo como uma garota sabe irritar o seu irmão. Então, a um certo momento ele vai explodir. Ela diz que às vezes lhe diz: “Nicolas, pare!” e na verdade era Emilie que fora provocá-lo; repete que, depois de algum tempo, Nicolas vai explodir. Então, ela prefere dizer: “Nicolas, pare!”, quando, de fato, era Emilie quem o havia provocado. Ela diz que isso é difícil de

administrar, porque necessariamente eles competem entre si. Quando chama a atenção de Emilie, ela sempre mostra um ar de “Você sempre dá bronca nele!” Ela diz que é verdade que não é fácil ser imparcial, mas que é preciso ser. Ela acrescenta que é difícil gerir conflitos e, ao mesmo tempo, não interferir demais, porque esse é o modo de funcionamento deles, e eles também aprendem a viver juntos. Ao mesmo tempo, se é obrigado a dizer: “Pare, agora você tem que parar!” Isso é difícil porque ela (Elise) sente que Emilie vai sempre provocá-la e ao seu pai, mais do que o limite. Então, será preciso que ela (Elise) saiba bem como gerenciar isto, algo que não será necessariamente óbvio o tempo todo. Ela diz que a oposição não é muita nesta fase, e que no outro estágio haverá um pouco de oposição; todavia ela prefere a fase que virá. Ela diz que a adolescência é realmente interessante e conta que a família tem uma vizinha de 16 anos de idade, que ela (Elise) conheceu bem pequena. Ela conta que, de repente, vê a oposição entre mãe e filha (da vizinha) e que, no momento, também é entre filha e pai (a oposição) e isso faz com que ela (Elise) tenha medo. Ela diz que aos 16 anos é preciso saber onde você ainda coloca limites, e tem-se a impressão de que ela vai escapar e depois é tarde demais. Repete que às vezes, isso lhe dá medo. Ela diz que acredita que não se deve queimar etapas, que é preciso saber dizer: “Não, isso não é para a sua idade!”, “Pare, você vai ter isso mais tarde!” ou “Não, você não vai dormir na casa do seu namorado!”. Ela diz que acha que isso vai acontecer em breve, porque senão, eles vão sempre querer pedir mais, e depois, estarão colocando a carroça na frente dos bois. Afirma que isso é realmente queimar as etapas. Ela diz que tem a impressão de que com Emilie vai ser difícil, que ela vai pedir muita coisa e será preciso que ela coloque limites. Pergunto a ela se pensa assim por causa da personalidade de Emilie. Ela diz que sim, que acredita que Emilie de fato já tem uma personalidade, e que é certo que ao mesmo tempo o seu caráter deve ser respeitado. Ela diz que se lembra de quando era pequena e as pessoas sempre estavam lhe dizendo que ela tinha um certo caráter. Ela diz que isso a deixava nervosa ao extremo, e que, mesmo se se tem um caráter pronunciado... (ele não completa a frase). Conta que às vezes diz a si mesma: “Cuidado! Não diga isso para sua filha, porque isso não levará a nada, só vai feri-la.” Ela diz que falar para alguém que ele tem um caráter ruim, não é bom, isso não faz melhorar as coisas. Então, você precisa saber gerenciar um caráter pronunciado, e talvez guiá-lo, ou ainda lhe dizer: “Não, isso não, preste atenção!”, mas não humilhá-lo. Ela diz que humilhar as crianças ou os adolescentes não leva a nada e ela não acredita que isso os fará avançar positivamente. Ela continua dizendo que é difícil, porque às vezes os filhos levam os pais ao limite e tem-se a impressão que a gente diz coisas que não gostaria de dizer, e que algumas vezes isso a levou realmente... (ela não completa a frase). Então, eu a completo por ela, dizendo “ao limite”. Ela diz: “É isso! Até o limite (e suspira), é duro!” Ela diz que é por isso que para ser pai é preciso mesmo saber quando controlar-se para não dizer coisas que magoem ou firam os outros. Mas, ao mesmo tempo, é importante impor limites, e isso é difícil (ela fala muito baixo esta última parte da frase). Ela silencia e eu pergunto se gostaria de dizer algo mais, e ela responde que não. Agradeço por sua cooperação e terminamos a entrevista.

Depois da nossa entrevista, Elise e eu fomos buscar Emilie no treino esportivo. Quando terminei minha conversa com a garota, Elise me levou de volta para a estação de metrô. Depois disso, ela iria levar Emilie para casa e, em seguida, para uma outra cerimônia de troca de presentes de Natal, desta vez organizada por sua escola. Quando nos despedimos, Elise me perguntou se eu já tinha planos para a noite de Natal (parecia ter a intenção de me convidar para ir até sua casa). Eu respondo que ficaria com amigos, e então nos separamos.

Interpretação Elise

A entrevista com Elise revelou que ela se trata de uma mulher com muitos recursos emocionais, os quais permitiram não só superar as situações difíceis por que passou durante a infância, mas também transformar em boas experiências os resultados dos momentos dolorosos que a vida lhe acarretou.

Esta mulher, solidária e agradável, manifestou sua preocupação principal em relação à experiência maternal com Emilie: o livre desenvolvimento pessoal versus a preservação da tradição. Desse modo, Elise enfrenta o problema de como integrar a liberdade para evoluir, com uma adesão familiar que pode aliviar a solidão, especialmente na velhice. Neste contexto, a imposição de limites desempenha um papel essencial, visto que ela permite uma relativa autonomia nas relações interpessoais e, ao mesmo tempo, possibilita a definição da identidade familiar que reforça o sentido de pertencimento.

Embora essas preocupações estejam relacionadas às demandas próprias ao estágio da dependência relativa vivido por sua filha, elas também parecem ser baseadas na própria história pessoal de Elise, marcada por vários movimentos de separação e reunião. Neste sentido, mesmo que a narrativa no CAT-A não permita dizer se essas experiências constituem ou não o núcleo em torno do qual a personalidade de Elise se organizou, é possível afirmar que elas foram muito importantes, a ponto de serem despertadas pelo desenvolvimento de Emilie.

Nesse contexto, Elise escolheu apresentar-se a mim a partir das mudanças que fez ao longo de sua vida: da zona rural em X (lugar que ela entende como de uma cultura mais conservadora), para Lille (que vê como mais liberal) e de um pequeno apartamento para uma casa grande e confortável. Assim, a primeira visão que ela tem de si reporta a essas partidas, retornos e novas partidas, em um cruzamento e transposição de fronteiras geográficas que trazem consigo o afastamento, a ruptura e a construção de conexões. Estas preocupações e dilemas relacionados à sua vida pessoal, e que se atualizam na sua relação com Emilie, foram um pouco mais detalhados em suas narrativas ao CAT-A, cujas interpretações são apresentadas a seguir.

Quadro 1

Nesse primeiro momento, Elise refere-se à proposta do quadro: a função parental de alimentar as crianças e de gratificá-las. Ela revela que em sua casa, esta função não está relacionada ao gênero

feminino, mas é compartilhada principalmente com o marido. Portanto, não é evidente que a ave adulta seja uma galinha ou um galo. A narrativa dela sobre sua dificuldade para cozinhar todos os dias para os seus filhos, mostra a instauração de uma relação em que eles já são considerados como separados dela. Nesta relação, ela já retomou suas funções de adulta autônoma, daí a impossibilidade de uma dedicação total aos filhos. Neste sentido, a situação da refeição é concebida, sobretudo, como uma oportunidade para facilitar a convivência entre os membros da família e, às vezes, entre a família e os amigos. Apesar de sua falta de prazer em cozinhar, Elise retém o seu significado de dar um pouco de si mesma para outras pessoas, compartilhar aquilo que se tem de bom, e a felicidade de estar juntos. No final da sua narrativa, ela esclarece como deve acontecer esta situação de convivência: em sua opinião, para que o contato seja de fato agradável, as pessoas devem estar na mesma posição, sem qualquer relação de autoridade ou assimetria entre elas. Neste sentido, causa-lhe desconforto o fato de que uma criança possa estar em uma posição superior às demais, porque isto pode torná-la inacessível às outras. Por isso, para ela, essa criança é mais assimilada a um adulto, um amigo da família; no entanto, seu ato falho (*ela é um pouco mais alta em relação aos seus filhos*) denuncia que se trata de um dos pais. A produção posterior do CAT-A revelará que se trata de seu próprio pai.

Quadro 2

Embora este quadro apresente como demanda latente os conflitos entre os pais e a experiência edípica, Elise o aborda de um modo um pouco diferente. Por isso, ainda que em sua narrativa haja um espaço para a expressão da rivalidade, especialmente no contexto da fase fálica (definir quem é o mais forte), ela se mostra integrada a uma esfera familiar de união amorosa. Neste sentido, a oposição não coloca em perigo a integridade do grupo. Neste quadro, Elise descreve uma situação de entretenimento, na qual a família se diverte junto, deixando de lado a dimensão conflituosa em si. No entanto, o que essa situação mostra de mais importante é a ausência de diferenciação de papéis entre pais e filhos. Portanto, não há relações de autoridade ou assimetria, e é nessa condição de igualdade que o prazer pode ser desfrutado plenamente. Nessa lógica, aqui ela mostra o oposto do que tentou expressar no quadro 1, e também do que vai exprimir no quadro 3.

Quadro 3

As relações com a figura de autoridade, próprias deste quadro, são apresentadas na narrativa de Elise, mas de forma secundária. Neste sentido, sua principal preocupação diz respeito à distância imposta pelas pessoas para se reportarem umas às outras. Embora essa distância possa ser promovida por relações de autoridade, ela não depende necessariamente delas. Nesse momento, ela revela a maneira como a sua relação com seu próprio pai se desenrolou e se desenrola até os dias de hoje. Esta ligação é marcada pelo desejo de Elise de se aproximar dele, acompanhado de certo temor e também de certa frustração ante sua inacessibilidade. Assim, seu pai é visto como alguém fora de seu alcance - e dos outros -, devido à alta posição que ele assume (quadro 1). A ênfase de Elise sobre esta

experiência com seu pai, em detrimento de suas próprias ansiedades (ela havia perdido sua mãe e havia sido colocada em um internato), mostra que sua angústia principal não se trata da dor de uma perda advinda da distância física, mas, sobretudo, psíquica. Portanto, o isolamento de seu pai a preocupa, não em razão de um sentimento de rejeição por parte dele que ela possa experimentar, mas especialmente pela compreensão empática de sua solidão. Pelo contrário, Elise se vê muito mais capaz do que ele para administrar as perdas a partir de uma ênfase no estabelecimento e manutenção de novos vínculos. Por esse motivo, a perda do lar paterno foi superada por meio da expansão das relações fraternas com novos amigos e amigas do internato. Seu êxito em amar e se fazer amar nestas relações, aliado ao desenvolvimento pessoal que essa experiência lhe trouxe, acarretam, no entanto, um certo sentimento de culpa. Isso resulta da sensação de que foi ela quem abandonou seu pai. Todavia, essas tentativas de integrá-lo à sua família continuam difíceis devido ao isolamento dele. A possibilidade de viver na velhice a mesma experiência que seu pai parece assombrar Elise. Por fim, ela se questiona se em uma família onde há mais crianças, este perigo não existiria, tema que continua na narrativa ao próximo quadro.

Quadro 4

A questão do tamanho da família surge na narrativa de Elise como uma prevenção contra a solidão dos pais na velhice. No entanto, ela também traz o significado de alívio da distância (psíquica) que começa a aflorar entre ela e Emilie. Então, ainda que esse segundo tema não seja muito explorado neste momento (o que acontecerá no quadro 8), ele parece constituir-se em sua principal preocupação. Por sua vez, o primeiro tema consistiria na projeção de sua própria condição no futuro. O desejo de Elise de ter uma família numerosa se choca com a realidade de sua vida de mulher que tem uma profissão absorvente, um marido e uma casa grande ao seu encargo. A solução que ela vê no momento é a de não ter mais que dois filhos, porque isso poderia resultar na deterioração das relações, devido à falta de apoio social, na França, às mães (*não tem sentido ter filhos e não poder estar com eles*). Portanto, se é para ter uma família, deve-se aproveitar aquilo que ela pode trazer de bom no que se refere às relações e à partilha. Desta forma, a qualidade é mais importante do que a quantidade. Ante o medo de sua própria solidão e da de seus filhos no futuro, a solução encontrada por Elise é, novamente, a ampliação das relações fraternais. Isto é feito por meio da expansão dos laços de amizade, que são mais compatíveis com a atual condição de vida de Elise.

Quadro 8

Neste momento de sua narrativa, Elise fez uma espécie de síntese de tudo o que ela havia expressado anteriormente. No entanto, os temas anteriores submetem-se ao que parece ser a preocupação central de sua experiência materna: a preservação de um pertencimento e de uma identidade familiar, mantendo a possibilidade de um livre desenvolvimento pessoal. Apesar de seu medo da solidão, ela reconhece a necessidade de alguma liberdade que permita a sobrevivência do *Self*

individual. Por esse motivo, a questão da imposição dos limites e de sua transgressão ocorre neste contexto. Elise começa a revelar seu alívio por ter deixado um lugar pequeno, com uma mentalidade que ela descreve como provinciana, para partir para uma grande cidade que lhe permitisse se desenvolver livremente em todas as suas possibilidades. A experiência na zona rural foi descrita como algo que lhe impunha muitas restrições em relação ao seu desenvolvimento pessoal, especialmente devido aos julgamentos concernentes à sua maneira de ser (seu caráter). Sua mudança para Lille foi vista como uma possibilidade de substituir um Superego mais rígido por outro mais benigno. Todavia, essa mudança foi concebida principalmente como uma oportunidade para conhecer e expandir as fronteiras da sua própria identidade, assim como a identidade da família que ela constituiu. Por essa razão, a separação e a transgressão não significam apenas o rompimento com uma situação ou um grupo específico. Elas também seriam a condição indispensável para a formação de novas situações e grupos, às vezes mais compatíveis com as exigências do mundo atual. Neste sentido, transgredir significa proteger. Elise recorda-se da própria história pessoal, quando ela tinha quase a mesma idade de Emilie e foi para o internato, cruzando as fronteiras geográficas e psíquicas de sua família de origem. Esta experiência, embora a tenha protegido da depressão de seu pai, não foi fácil, nem para ela (que se sentiu isolada da vida familiar), nem para ele. Então, ela percebeu que o desenraizamento é também doloroso e, diante desse dilema, procurou uma solução intermediária para seus filhos, para lhes garantir pertencimento e diferenciação ao mesmo tempo. Neste contexto, a imposição de limites desempenha o papel central para alcançar um meio termo. No entanto, ela não pode ser feita de forma autoritária, sob o risco de criar uma assimetria na relação e uma distância psíquica. Além disso, ela deve ser compatível com as exigências da realidade contemporânea (*é importante colocar limites o tempo todo, mas mesmo se você colocar limites, eles são muito mais distantes do que aqueles que conhecemos*). Assim, embora a imposição de limites e a separação que ela acarreta sejam uma necessidade, a proximidade deve ser retomada, mas num registo mais simbólico, através do respeito ao modo de ser dos outros. Nas palavras de Elise, você precisa saber lidar com a oposição de uma criança sem destruí-la, preservando o respeito por sua personalidade. Desta forma, os limites têm, paradoxalmente, a dupla função de separar as identidades pessoais, mas sempre reforçando a identidade familiar. Em suma, com relação à imposição de limites, deve-se encontrar um meio termo, mantendo-os mais flexíveis para que as restrições não levem a criança a querer partir, mas preservando-os com firmeza, para que a liberdade excessiva não a conduza ao mesmo resultado.

Em síntese, Elise é uma mulher que, como mãe, visa oferecer a seus filhos a integração entre aquilo que a vida familiar proporciona e o que a experiência da autonomia propicia para evoluir. No caso de seu relacionamento com Emilie, essas tentativas de harmonização entre pertencimento e autonomia são realizadas principalmente através da imposição de limites, o que não é evidente. Desta forma, o momento presente do desenvolvimento pessoal da filha já permite entrever o que a adolescência deixará mais visível, ou seja, a oposição. Este processo conduz Elise a um trabalho de

luto pela infância de Emilie e à aceitação das diferenças psíquicas que a formação da personalidade da filha começa a impor mais intensamente.

Narrativa de Emilie

Quando Elise e eu chegamos à procura de Emilie, o treinamento esportivo da criança ainda não havia terminado e alguns pais esperavam seus filhos, que participavam dessa atividade. Ficamos por alguns minutos olhando as crianças brincar. Elise me diz que Emilie era a "pequena de cor-de-rosa". Esforço-me para descobrir quem é ela, porque havia mais de uma garota vestida dessa cor. De repente, descubro que Emilie não é a "pequena" do grupo. Na verdade, ela é uma das meninas mais altas, que trajava uma calça cor de rosa. Ela é magra, cabelos curtos, de um castanho acinzentado e, fisicamente, não se parece muito com Elise. Quando o treinamento termina, acontece uma pequena cerimônia de troca de presentes de Natal, bastante informal e desorganizada, promovida pela instituição esportiva. Por duas vezes, Elise pede que Emilie se apresse. Quando tudo termina, voltamos de carro para a casa delas. Ao longo do caminho, passamos diante de diversas casas lindamente decoradas para o Natal e Elise me conta que há um concurso no bairro para escolher a casa mais bonita. Emilie diz que quer ver uma determinada casa, mas Elise responde que isso não será possível no momento, porque elas estão atrasadas. No entanto, ela diz à filha que poderão vê-la mais tarde, quando forem para a cerimônia de troca de presentes de sua escola.

Quando voltamos para a casa, antes do início da nossa atividade, Emilie resolve alimentar seus dois hamsters, que partilham a mesma gaiola. Ela dá a eles torradas, um pedaço para cada um deles, para que não briguem. Quando termina de alimentá-los, começamos nossa conversa.

Emilie é agradável, tem gestos delicados, mas é bastante determinada, rápida e objetiva, em relação às histórias que conta. Ela tem fluidez verbal e criatividade, embora aparente também certa ansiedade e nervosismo em alguns momentos. Parece que tira proveito da situação do CAT-A para fazer um trabalho de reflexão sobre si mesma e mesmo de integração emocional. No final da nossa conversa, fico com a impressão de estar em contato com alguém mais maduro do que aquela criança que abordou o quadro 1.

O CAT - A

Primeiramente, pergunto a Emilie se ela gosta de animais e ela responde que sim. Depois, digo que vou lhe mostrar algumas figuras com desenhos de animais e lhe dou as orientações sobre a tarefa que realizaremos com o CAT-A. Ela diz que está de acordo com a nossa atividade e então começamos nosso trabalho. Eu lhe mostro a primeira figura e ela a deixa comigo; eu digo que pode pegá-la se quiser, e ela o faz.

Quadro 1

“É a mamãe galinha, bah... que alimenta seus pintinhos. Eles estão com fome. [Hum...] Eles adoram isso. Então... eles comem e... bah... a mamãe galinha, ela está feliz, porque foi ela que preparou sua própria massa... É isso! [E o que vai acontecer?] Bah, depois, há um gosto ruim no fim, e eles não gostam nem um pouco. Então a mamãe galinha, ela não fica satisfeita, e os coloca no quarto dela... Ah... bah... eles choram, depois se perdoam e voltam a comer, e eles adoram. É isso!” Ela me devolve o quadro e eu lhe mostro o segundo.

Quadro 2

(Ela hesita um pouco.) “Bah, é uma mamãe e um papai urso e bah, que... que estão brigando e bah... A criança está a favor da mãe. E eles se puxam...eles estão competindo, então criam uma batalha com... como é isso... e... Então, o pequeno, como ele está a favor da mãe, ele puxa com toda sua força e depois a mãe e o pequeno ganham. É isso! Ah... depois o papai, ele não está satisfeito. Então, ele sai euh... A mamãe euh... ela está triste, porque ela acredita que não pode se virar sozinha. Assim, a criança... como ela tem trabalho, ela diz (para a criança): ‘Vá procurá-lo!’ e... Então... alguns dias mais tarde, ele não volta. O papai volta, e a mamãe lhe diz: ‘Seu filho se foi à sua procura.’ Então o papai sai à procura dele, euh, ele o encontra e... a família não brigará nunca mais. É isso!” Ela me devolve o cartão, e eu lhe apresento o próximo.

Quadro 3

“É um leão que é muito muito muito muito malvado com todo mundo. Ele obriga os outros animais da floresta a servi-lo e... por exemplo, se ele se fere, ele responsabiliza qualquer um. Por isso, todo mundo o odeia. Todo mundo tenta fugir da cidade, porque querem ir para outro país, mas ele os impede, porque, caso contrário, ele não terá mais ninguém para servi-lo. E então, depois, há alguém que tentará combatê-lo e se tornar o rei, um rei mais gentil. Euh... em primeiro lugar, ele (a pessoa) não consegue vencê-lo. E o outro, como o leão não queria que lhe batessem porque ele tinha uma dificuldade, ele (o rei) colocou-o na prisão. Ele escapou da prisão. Ele pediu um outro combate e derrotou o rei. E depois, os habitantes, porque há aqueles que fugiram de qualquer maneira, bem, eles voltaram, porque o rei era muito gentil. O leão foi posto na prisão e, é isso aí. [Por que as pessoas o odeiam?] Porque na verdade ele é muito malvado e bah... e... e... e todas as pessoas e aqueles que não o servem, ele vai... Não sei, eles o chamam para o combate, mas ele é o mais forte, então eles sabem que vão perder. [E depois que ele sair da prisão, você acha que ele vai mudar ou não?] Eu acho que ele se tornará mais gentil, sempre de um jeito um pouco desagradável, mas ele não será rei. [Isso é tudo?] Sim.” Ela me devolve e eu lhe mostro o quarto.

Quadro 4

“Bah, é... é... são renas... Ah, não, cangurus! Cangurus que... que estão à procura de... que estão indo para a casa de alguém. Eles devem lhe entregar pão. É a missão deles. Então, o pequeno vai de bicicleta; sua mamãe, ela carrega o menorzinho. Ela olha, procura, porque ela não sabe onde é a casa, mas lhe disseram que é ‘na floresta’. Então, eles entram na floresta, e como a floresta é, de qualquer modo... está escuro e a noite caiu, eles sentem um pouco de medo. E a mamãe diz: ‘Não se preocupem.’ Algumas horas... algumas horas mais tarde, passa... a noite, já é... o dia, o dia começou e eles ainda não encontraram a casa. Então, eles dão meia-volta e vão ver quem lhes havia pedido para fazer isso. Não há ninguém no escritório, então eles vão procurar em outro escritório e ele lhes havia dito: ‘Na floresta, mas bem no fundo.’ Mas, eles estavam... Na verdade, a floresta, ela tem dois quilômetros e eles já haviam percorrido dois quilômetros, mas em outro sentido. Então, eles estavam perdidos, eles foram... e... e depois, então... encontraram a casa, mas ali não havia ninguém. Eles... eles colocaram o pedaço de pão, eles voltaram, mas eles não sabiam mais o caminho, porque já havia anoitecido novamente, não se via mais nada desta vez, não havia nem mesmo estrelas. Foi uma noite muito escura. Então, a mamãe, ela começa a se preocupar. Ela queria proteger seus filhotes e ela começou a ter medo, ela... euh... então... O dia, ele... enfim, o dia clareou e eles encontraram o caminho. Eles dizem que terminaram sua missão e que vão para casa”. Eu comento que eles passaram por uma situação assustadora. Ela responde: “Isso dá medo!”. Ela me devolve o quadro e eu lhe apresento o último.

Quadro 8

“É uma casa... de macacos. Há um macaco que acaba de nascer. Ele ainda é muito pequeno e mãe dele, ela o ensina a... ter modos de macaco. Esta é sua mãe, ou melhor, o pai dele (ela mostra macaco que fala ao pequeno). E esta é sua mãe e, este é, por exemplo, o seu titio, porque ele nasceu há bem pouco tempo atrás, então eles já foram... Mas ele, ele não quer, ele não quer fazer modos de macaco. Ele quer, ele quer fazer outras coisas, porque ele acha que os modos de macaco são... não são bons. Então, sua mamãe lhe diz: ‘Se você é um macaco, tem que fazer!’ Mas ele, ele não quer. Então a mãe diz: ‘Vá para o seu quarto!’ E ele, na verdade, ele quer se tornar um ser humano. Então ele sai do seu quarto sem barulho, enquanto eles estão conversando, ele sai de sua casa e tenta ficar em pé, imitar as maneiras dos humanos. Ele chega a fazer amigos, crianças que são gentis, mas havia crianças que riam dele. E depois... como ele sentia falta de sua mãe e de sua família inteira, ele retorna e eles lhe dizem que não é legal fugir, porque eles entraram em pânico quando ele não estava por lá. Depois, ele fez modos de macaco a contragosto, mas ele estava com a sua família, então tudo estava bem. [Isso foi um pouco duro para ele.] É um pouco difícil, mas como ele estava com sua família, ele estava feliz.”

Ela me devolve o cartão e eu lhe peço que escolha o quadro que mais gostou e o que menos gostou. Ela diz: “Bah... não há alguma que eu tenha realmente gostado, mas eu gostei mais dessa aqui.” (e me mostra o último). Eu digo: “Ah, a dos macacos...” Ela responde: “A dos macacos, mas...”

é a que eu menos gostei, mas a que eu adorei mesmo é esta” e mostra a figura 1. Eu lhe digo: “Você adorou essa...” Ela me interrompe e diz: “Sim, eu a adorei, mas é a que eu menos adorei.” Eu agradeço e indago se ela queria me perguntar alguma coisa. Ela diz: “Bah... não necessariamente, mas... bah... primeiro... as histórias... não sei se elas eram verdadeiramente realistas, mas acho que eles eram realistas. Mas eu não sei se elas eram realistas para você. Para mim, são mais ou menos, porque um macaco que quer se tornar um ser humano é mais ou menos.” Eu respondo que para nós, os temas são sempre realistas. Eu agradeço a sua participação e terminamos o nosso encontro.

Interpretação Emilie

As produções de Emilie nos quadros do CAT-A permitem vislumbrar que sua principal preocupação neste momento é a de manejar o conflito entre a oposição e a liberdade em relação ao grupo familiar, *versus* a afiliação e a proteção que ele fornece. Em outras palavras, sua produção diz respeito principalmente à aceitação da tradição *versus* a busca do novo e do diferente. A maneira como este dilema aparece em sua narrativa ao longo da atividade, bem como a forma que ela encontra para elaborá-lo, que demonstra sua crescente capacidade de síntese, é descrita na interpretação de cada quadro do CAT-A, a seguir.

Quadro 1

A oposição, no contexto da relação da díade mãe-filha apresenta-se logo de início na história de Emilie a este quadro. A situação mostrada é a de um relacionamento gratificante entre a díade, onde a mãe tem prazer em oferecer às crianças uma parte de si mesma (a massa que ela havia preparado), buscando promover a identificação dos filhos com ela. No entanto, não é sempre que as crianças aceitam tal identificação, o que deixa a mãe muito frustrada e com raiva. A resposta desta, ante a recusa, é punir as crianças, excluindo-as do contato familiar (elas são enviadas aos seus quartos), situação que deixa todos infelizes. O sofrimento devido à exclusão leva as crianças a fazerem concessões e a aceitar as identificações propostas pela mãe. Desta forma, bons relacionamentos podem ser retomados (*eles comem novamente e eles adoram*). Em síntese, a escolha de permanecer em família implica renunciar a algumas reivindicações de oposição e se identificar com o grupo.

Quadro 2

A questão da integridade das relações no grupo familiar surge novamente, desta vez expressa no contexto das relações conjugais, mas onde a criança desempenha um papel muito importante. Desse modo, no conflito entre os pais, a criança coloca-se a favor da mãe e contra o pai, e seu apoio a ela é visto como decisivo para o resultado do combate: a exclusão do pai. O triunfo, no entanto, tem seu preço. Além do sofrimento e da tristeza por ter uma família desintegrada, a separação traz insegurança, visto que a mãe não é capaz de se virar sozinha. No entanto, ela tem dificuldades em admitir esta condição, o que leva a criança a desempenhar um outro papel importante na tentativa de reconciliação

do casal. Então, a pedido da mãe, ela irá procurar por seu pai para que ele volte para casa. Apesar disso, este auxílio não se mostra, no fim das contas, essencial (o pai retorna para casa por decisão própria). A reunião, todavia, não é completa, visto que a criança não volta para casa e o pai é que deve ir buscá-la. Em suma, a mensagem da história permanece clara: as oposições e os confrontos colocam em risco a harmonia e a união familiar. Nesta situação, em que a família se vê dividida, a autonomia dos membros provoca tristeza, desconforto, infelicidade e insegurança, seja para aqueles que permanecem, seja para aqueles que partem.

Quadro 3

Nesse momento, os confrontos ressurgem, mas agora ligados, sobretudo, às relações com a figura da autoridade. Esta é vista como exercendo seu poder de modo ditatorial e despótico, o que leva à insatisfação e à sua rejeição por parte dos outros. As regras e exigências não são concebidas como tendo uma razão de ser, mas estão ligadas principalmente a uma característica pessoal da figura (ser malvado). Esta forma de exercer a autoridade é vista como suscetível de conduzir à fragmentação do grupo, devido à falta de liberdade que impõe aos seus membros. Além disso, a proibição de ir embora que a autoridade impõe às pessoas é concebida como um capricho pessoal e atribuída a uma intenção egoísta, isto é, mais para ser servido pelos outros do que uma ligação de amor. Essas características, que tornam a figura de autoridade odiosa, são vistas como suscetíveis de justificar a rebelião e o desafio, que são combatidos pelo castigo (os rebeldes são enviados para seus quartos/prisão). No entanto, a insatisfação continua e conduz a um duelo entre a autoridade e o desafiante (que é mais gentil), cujo resultado é a vitória do último e o encarceramento do primeiro. A estória contada no Quadro 4, cujo tema diz respeito à liberdade no contexto de uma empreitada realizada com a mãe, sugere que o pai constitui-se na principal figura de autoridade, conforme projetada neste momento.

Quadro 4

Após a deposição do rei e a abolição da autoridade, neste momento Emilie vai lidar com a questão da liberdade de viver e o papel das orientações nesta empreitada. Assim, a mamãe canguru e seus filhotes têm muita dificuldade para cumprir sua missão (seu sentido de existência no mundo) devido à ausência das orientações/instruções para fazê-lo (falta de direções específicas, do sol e das estrelas). Desta forma, Emilie mostra que é preciso ter um enquadre razoavelmente definido para que a liberdade possa se expressar e ser usufruída. Sem esse enquadre, há o risco de se perder e de ser exposto aos perigos do mundo exterior. Também é preciso considerar que Emilie observa que esta necessidade de orientação (aceitação da aprendizagem) não é específica das crianças, mas que ela existe também para os adultos. Portanto, embora estes mostrem uma melhor capacidade para enfrentar situações difíceis, falsas orientações também os levam à ansiedade e a fracassar em seus projetos. Desta forma, a mãe é vista como capaz de proteger seus filhos, mas só até certo ponto. Em suma, ela (que parece ter sido representada na narrativa do Quadro 3 como o desafiador da autoridade real) não

pode fornecer toda a proteção necessária que seus filhos precisam. Nesse sentido, a presença do pai é tão importante quanto a da mãe. Por fim, a narrativa de Emilie também mostra que, embora a liberdade possa trazer prazeres, estes só podem ser desfrutados se existir a possibilidade de retorno para casa, tema que será retomado na narrativa do próximo quadro.

Quadro 8

Nesse momento, Emilie sintetiza os temas que relatou nas narrativas aos quadros anteriores, numa tentativa de conclusão. Assim, a estória começa com uma rejeição, por parte da criança, dos valores e das tradições familiares. A criança manifesta o desejo de oposição e de libertação, mesmo que isto signifique negar sua própria condição essencial de existência (sua espécie). Esse desejo não é bem recebido por sua família, que insiste que ela deve ser o que realmente é, e aceitar sua condição de filiação a um meio definido. Desta forma, a desobediência e a recusa são punidas (“Vá para o seu quarto!”). No entanto, a criança consegue se libertar da prisão imposta pela família e escapa para o mundo, na tentativa de pertencer a outro meio. A negação de sua condição, entretanto, não é bem recebida pelos outros, que acham estranho suas tentativas de ser alguém que ela não é. Rejeitada pelo novo ambiente e nostálgica da afeição de seus pais, a criança retorna ao lar, onde se sente acolhida e amada. Desse modo, ela decide fazer um compromisso, ou seja, aceitar as restrições impostas, mesmo com certa relutância, desde que possa manter sua condição de pertencimento à família. Em outras palavras, algum grau de repressão é aceito, em troca da proteção, afeto e segurança oferecidos pela família.

Em conclusão, as narrativas de Emilie, a partir dos quadros do CAT-A, revelam tratar-se de uma menina que conseguiu realizar suas tarefas de integração, de personalização e realização requeridas por seu desenvolvimento emocional. Neste momento ela se encontra entre as etapas de dependência relativa e rumo à independência, em que considera que ainda precisa de seus pais para evoluir. A capacidade criativa que ela demonstrou ao longo de sua narrativa evidencia um bom início de vida, em que suas necessidades de ilusão foram atendidas pela mãe. Do ponto de vista do desenvolvimento psicosssexual, ela pode ser classificada na etapa de latência, debatendo-se com o problema da aceitação das restrições necessárias para a vida em sociedade e o desejo de uma maior liberdade. No entanto, do ponto de vista do desenvolvimento do *Self*, a questão dos limites também tem outro significado, a saber, aquele da definição de sua identidade pessoal, mantendo suas semelhanças e seu pertencimento ao grupo familiar. Ela parece se encontrar no meio de um processo de integração entre esta participação (o que implica a aceitação das identificações com seus pais) e suas particularidades na constituição de uma identidade única. Ainda que esses dois polos possam, às vezes, estar em conflito, Emilie começa a descobrir que, na verdade, eles são necessários um para o outro. Em outras palavras, é preciso aceitar alguma repressão para poder ser você mesmo. De qualquer forma, ainda há uma certa insatisfação no processo de adesão às tradições familiares (o macaco assume os valores da família a contragosto). No entanto, esta contrariedade não pode ser considerada

como ocasionando inibições no desenvolvimento de sua personalidade. Pelo contrário, ela poderá ser utilizada por Emilie como um combustível importante em sua evolução como uma pessoa independente, e para sua contribuição a um mundo cujo modo de funcionamento muda cada vez mais rápido.

Síntese da díade Elise-Emilie

As narrativas de Elise e Emilie mostram que ambas estão em um momento de suas vidas cuja preocupação principal diz respeito ao mesmo dilema. Trata-se do conflito entre, por um lado, pertencer e aceitar os valores e tradições da família e, por outro, escapar das regras impostas por este grupo. Embora seja possível considerar que este processo constitui-se em uma retomada, por parte da mãe, de um ponto de seu próprio desenvolvimento emocional para acompanhar o da filha, ele parece ser mais do que isso. Nesse contexto, para a própria Elise, essa época de sua infância, onde ela mesma fazia a transição do período da dependência relativa para o de rumo à independência, parece ter sido fundamental para a evolução de seu *Self*, tendo um efeito importante sobre a pessoa que ela se tornou posteriormente.

Neste contexto, as experiências em direção à independência que Emilie está começando a ter de forma simbólica, foram vividas de fato por Elise: a desintegração de sua família após a morte de sua mãe e sua admissão no pensionato. Nessa época, ela se sentiu arrancada da vida familiar, o que ocasionou sofrimento para ela e também para o seu pai que, de repente, se viu só.

Embora Elise sempre procure concentrar-se nas boas coisas que esta experiência lhe trouxe, tal como a maior liberdade que ganhou e que permitiu que ela se desenvolvesse, o medo da solidão e da vulnerabilidade tornaram-se intensos. Essa condição materna é mostrada mais pela narrativa de Emilie do que através da de Elise, em suas histórias relacionadas aos quadros 2 e 4 do CAT - A (a mãe que não sabe se virar sozinha e que tem dificuldades para cumprir sua missão e proteger seus filhos). Esta situação psíquica leva Elise a buscar cada vez mais os laços fraternais (além daqueles proporcionados pelo casamento) para neles encontrar uma certa segurança. Nesses relacionamentos, ela tenta se comportar como alguém muito acessível, agradável e que não quer se sobrepor aos outros. Esta condição lhe traz, às vezes, dificuldades para impor limites a Emilie (no treinamento esportivo, a mãe chamou a filha por duas vezes, mas esta não a obedeceu).

Apesar dessas dificuldades, Elise reconhece bem a importância de instituir limites para a filha. Com isso, ela realiza essa função, mas no contexto especial de identificação com os valores e tradições familiares. As transgressões de Emilie são vistas por Elise como uma recusa ao que ela pode lhe proporcionar, deixando-a magoada. No entanto, devido à sua própria história pessoal, ela também reconhece a importância de ultrapassar os limites (geográficos e emocionais) para o desenvolvimento de Emilie. Desse modo, a solução encontrada é de impor limites (com a ajuda de seu marido), mas de alguma forma mais flexível do que aquela que foi utilizada nas gerações anteriores de sua família. Nesse sentido, deixar a garota ir mais longe do que ela poderia garantir a manutenção das relações

familiares por parte da filha, o que aliviaria a solidão de ambas no presente e no futuro. Em suma, Elise procura oferecer à sua filha um enquadre bem organizado, que permite conciliar o desenvolvimento individual diferenciado e o pertencimento.

Por sua vez, Emilie, em razão das exigências do próprio amadurecimento emocional, busca cada vez mais a sua plenitude pessoal visando a construção de sua identidade. Neste sentido, ela se lança em tentativas de se libertar do grupo familiar por meio da oposição e rejeição às ideias e orientações impostas pela mãe. Neste contexto, ela procura primeiro por um desenvolvimento ilimitado, mesmo que isso signifique a necessidade de negar as próprias origens. No entanto, ela percebe que a flexibilidade excessiva e a ausência total de direções a expõem a perigos e a deixam perdida face às inúmeras oportunidades de ser. Essa constatação, aliada à forte ligação amorosa que ela tem com sua família, levam-na a fazer concessões e a aceitar um enquadre de desenvolvimento um pouco mais restrito. Este enquadre lhe garantiria a manutenção do vínculo familiar e lhe forneceria referências nas quais ela poderia se mover no processo de construção da sua identidade. Assim, embora o conflito entre a autonomia e o pertencimento continue a existir, Emilie é capaz de compreender a função das normas, dos limites e das orientações para o exercício da autonomia. Desse modo, ela chega a uma solução de compromisso, ou seja, ser livre dentro de um enquadre preestabelecido.

Desta forma, a análise das duas narrativas mostra que Elise e Emilie, confrontadas diante do mesmo dilema, compartilham dos mesmos valores e chegam à mesma solução. Isso não significa, evidentemente, que não existam conflitos em seu relacionamento. Eles são necessários para que Elise possa descobrir, a cada vez que impõe limites a Emilie, quando pode ser maleável e quando não deve aceitar que eles sejam ultrapassados. Por sua vez, a oposição de Emilie também traz benefícios para o grupo familiar, porque permite a recepção do novo e do inesperado, que são igualmente valorizados por Elise. Em síntese, esse desenho da relação entre a díade mostra que os conflitos que ocorrem se desenrolam sobre uma base de valores e de sentimentos comuns entre mãe e filha. Em outras palavras, a diferença pode surgir entre as duas exatamente porque elas compartilham de muitas características. Assim, devido à solidez da relação entre ambas, é possível supor que a gestão dos conflitos futuros tende a transcorrer relativamente bem.

Em conclusão, é possível afirmar que Emilie teve um bom começo de vida, o que lhe permitiu aproveitar das oportunidades de ilusão em seu relacionamento com Elise. Nesse momento de seu desenvolvimento, ela retoma o problema de conciliar sua maneira pessoal de ser com as exigências e as limitações impostas pelo mundo exterior. No entanto, atualmente, este problema é abordado no contexto de uma personalidade bem integrada e mais madura do que no estágio evolutivo anterior. Emilie, que já alcançou uma relativa solidez em sua capacidade para a transicionalidade, enfrenta o problema de sua inserção no mundo compartilhado, do que este lhe permite em termos de expressão, e o que exige dela, em termos de repressão. As características pessoais da mãe e da filha, assim como a

boa qualidade de sua relação, mostram que Emilie dispõe de um quadro muito favorável para o desenvolvimento harmonioso do *Self*.

APÊNDICE B – Narrativa e Interpretação da díade magrebina

Díade Omeya e Naïma

Identificação

Omeya: 29 anos

Estado civil: casada

Nível de instrução: superior

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Naïma, 6 anos; Abdul, 3 anos ; Samia, 2 meses

Criança estudada: Naïma

Ordem das entrevistas: 1) Omeya

2) Naïma

Narrativa de Omeya

Conheci Omeya por intermédio do diretor de uma escola maternal de Lille. Esse diretor me ajudou a contatar mães magrebina para participar da minha pesquisa. Ele propôs às mães dos alunos de sua escola para virem a uma reunião comigo, mas somente quatro mães compareceram. Entre essas quatro, Omeya foi a única que aceitou conversar comigo; assim, nós agendamos um encontro na semana seguinte para realizarmos a entrevista.

No dia do nosso encontro, fazia frio e chovia muito. Omeya chegou à escola logo depois de mim e me perguntou quanto tempo duraria a entrevista: ela me explicou que o seu bebê, Samia, de dois meses, estava doente, então ela não poderia ficar muito tempo comigo. Eu respondi que nossa conversa não seria longa e ela ficou mais calma. Mesmo com a doença do seu bebê, ela não pareceu ter pressa para terminar a nossa entrevista. O diretor da escola nos encaminhou à biblioteca para que nós pudéssemos ter mais privacidade.

Omeya é muito bonita: ela tem 29 anos, pele clara, é morena e tem os olhos negros. Ela tem os cabelos compridos, com luzes, presos em um coque no alto da cabeça. Ela é alta e fisicamente se parece mais com uma francesa do que com uma magrebina. Ela se veste com simplicidade, mas também com elegância e fala um francês perfeito. Eu pergunto sobre o seu bebê e ela me conta que, além de Naïma e Samia, ela tem um menino de 3 anos que se chama Abdul.

No começo do nosso contato ela parece um pouco hesitante, mas gradualmente se torna mais descontraída. Inicialmente ela não fala muito de si mesma, mas somente de suas origens. Quando fala sobre Naïma, seus olhos brilham: ela parece completamente apaixonada pela filha. Todavia, ela é sempre muito discreta.

Eu começo a entrevista pedindo a Omeya para falar um pouco de si mesma e de sua família. Eu também pergunto onde ela nasceu. Ela me conta que nasceu na Argélia e que seus pais tiveram 9 filhos, 7 meninas e dois meninos. Ela é a terceira criança, depois de um irmão e uma irmã. Ela prossegue dizendo que quando ela tinha 10 anos, toda a sua família se mudou para a França, onde eles vivem até hoje (ela, seus pais, irmãos e irmãs). Ela também conta que se casou na França e que seu marido é argelino (ela reitera que ele tem a mesma origem que ela). Depois, eles tiveram três filhos, duas meninas (Naïma, de seis anos e Samia, de dois meses) e um menino de três anos. Ela silencia e, então, eu proponho mostrar-lhe os quadros do CAT-A e peço que me fale de sua experiência como mãe de Naïma a partir das situações retratadas. Ela compreende imediatamente a natureza da tarefa e eu lhe mostro o primeiro quadro.

Quadro 1

Omeya olha a figura e diz que ela se passa à mesa. Ela conta que sua família não faz as refeições necessariamente ao mesmo tempo (sua maneira de falar é lenta, com algumas hesitações). Ela acrescenta que isso acontece porque as crianças estão na escola e o seu marido tem horários muito variados. Assim, geralmente, à noite ela janta com seus filhos (ela enfatiza: “*com minha filha*”) e o papai janta sozinho. Ela diz que isso não acontece todos os dias, mas é frequente. Ela diz que é por isso que os patinhos estão à mesa e que é isso o que ela pensa.

Eu pergunto a ela como é a situação de fazer as refeições com seus filhos. Ela diz que gosta de comer com eles e que, de qualquer modo, isso é necessário, senão eles não comem, principalmente sua filha, que não é muito comilona. Então, é preciso ficar com eles para vigiá-los. Se ela não está lá para dizer “Vai, Naïma, é preciso comer!”, ela não se alimenta. Ela vai antes assistir televisão ou conversar com o seu irmão ou... (ela não completa a frase). Ela diz que a menina é assim. Eu pergunto se Naïma é assim desde bebê e Omeya confirma. Ela conta que houve algumas vezes que Naïma conseguiu comer bem durante uma semana, mas depois disso, as coisas se degradam e... (ela não completa a frase). Ela repete que basicamente a menina não é muito comilona, então é preciso ficar atrás dela para supervisioná-la, senão, ela não come. Ela pergunta se há alguma outra coisa que eu gostaria de saber e eu digo que não. Então eu pergunto se ela gostaria de acrescentar alguma coisa. Ela responde negativamente e que se pode vê-los (os personagens do quadro) à mesa, para comer, então ela contou um pouco sobre como ela se organiza para comer. Ela me devolve o quadro e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 2

Ela tem um pouco de dificuldade com relação a essa imagem. Ela diz: « Hummmmm » e depois pergunta « É com relação à imagem que eu tenho que dizer... (ela hesita) que eu devo contar a minha vida cotidiana com minha filha? » Eu respondo que sim e que ela poderia falar sobre o que a

imagem a faz lembrar. Ela diz que há dois ursos que puxam (ela hesita e fica em silêncio). Ela fica perturbada e diz, de uma maneira nervosa, se nós poderíamos ver outro quadro e deixar esse de lado. Ela pergunta, de modo um pouco perturbado, se existe uma ordem a seguir com relação às gravuras. Eu respondo que não e que não há problema se ela não quiser falar dessa figura. Ela então me devolve o quadro e eu lhe mostro o terceiro.

Quadro 3

Ela olha a imagem e diz: «O chefe da família!» Ela ri e diz: «É claro que é o papai!» Ela ri novamente e diz que é ele quem dirige a família e é ele que (pausa) ensina um pouquinho sua filha sobre a religião (ao invés de filha, ela ia dizer as ‘crianças’, mas se corrige antes de terminar a palavra). Ela conta que eles são de religião muçulmana e que é verdade que seu marido ensina muitas coisas à sua filha sobre o Islã, sobre o... (ela hesita) que ela pode fazer e o que ela não pode fazer. Ela conta que é principalmente o papai que faz isso. Ela continua dizendo que seu marido ensina sua filha sobre Maomé, sobre a religião, como o mundo foi criado, como (pausa)... e principalmente o que ela tem o direito de fazer e o que ela não tem. Ela explica que as coisas se passam assim porque a religião muçulmana é um pouquinho estrita com relação às europeias, e que é verdade que o papai visa seguramente que seus filhos sigam a mesma religião que ele. É necessário que eles estejam no mesmo nível. Ele (o papai) não quer que mais tarde a sua filha faça bobagens. Eu lhe peço para falar um pouco mais sobre isso.

Ela repete que a religião muçulmana é mais estrita com relação às outras religiões. Ela tem muitas proibições: não se pode sair à noite para beber, sair com os amigos, com os... não se pode (ela não completa as frases). Ela continua dizendo que é primeiramente o *Ramadan*, fazer as orações, não mentir, não pecar. Ela diz que para as crianças, são os pequenos... é roubar e... (ela não completa as frases). Ela acrescenta: «Mentir não é nada, mas para a nossa religião, é proibido; é proibido também para as outras religiões, mas para nós, muçulmanos, é mais complexo». Ela repete que é mais complexo e, que, com relação a namorados, as moças devem manter a virgindade até o casamento, elas não podem perdê-la antes. Ela diz que os muçulmanos são muito apegados a essa questão. Ela repete que eles ainda mantêm muito essa restrição. Ela conta que ela mesma cresceu nessas condições, então não quer que sua filha cresça contrariamente a ela (Omeya). Ela quer que Naïma siga como ela o fez, de modo que mais tarde ela não se sinta culpada de ter feito alguma coisa má. É o respeito aos pais, o respeito aos grandes.

Eu comento que não deve ser fácil ter uma educação como essa e viver em outro país com costumes diferentes. Ela responde: «Exatamente!». Ela diz que quando Naïma crescer, ela vai estar rodeada de muitas solicitações e ela será levada a falar de muitas coisas. Ela diz que é verdade que sua filha, depois, ela terá (ela hesita e não completa a frase). Ela retoma o seu raciocínio dizendo que talvez sua filha ficará um pouco incomodada, mas ela (Omeya) espera que Naïma sinta orgulho de sua religião, como mais tarde...(ela não completa a frase). Ela diz que espera que a filha tenha orgulho de

ser muçulmana. Ela conta que agora, ela e o marido prestam muita atenção a isso porque eles não querem que a filha faça bobagens das quais vá se arrepender em seguida. Mas é verdade que é difícil educar uma criança assim na França, mais do que na Argélia. Lá ela estaria mais rodeada de muçulmanos, sempre rodeada de pessoas da mesma religião, enquanto que na França é realmente complicado.

Eu digo que ela devia ter passado pela mesma experiência, já que havia chegado à França ainda criança. Ela responde que mora na França há 20 anos e que seus pais sempre colocaram essa educação em suas cabeças (dela e de seus irmãos e irmãs). Diz que é difícil no começo, mas depois fica na cabeça e depois é: «Ou eu sigo a religião muçulmana ou eu falo do outro lado». Conta que seus pais realmente os educaram e tanto fizeram essa religião entrar em seus corações, que eles não podem agir de outro modo. De maneira que «mesmo se a gente é educado na França, se se é muçulmano, continua-se a ser muçulmano, a gente não pode mudar». Ela tenta dizer que existem muçulmanos que rompem as tradições, mas silencia antes de terminar a frase. Prossegue afirmando que isso depende da pessoa e da educação que ela recebeu. Comento que para ela a influência da família é mais importante do que a do meio e ela confirma e reitera que a família é mais importante. Ela acrescenta que sua família é muito unida, seus irmãos, irmãs e seus pais. Assim, por exemplo, se a sua filha está na casa de sua irmã, ela sabe que a menina terá a mesma educação, que a irmã não vai tentar fazer outra coisa. Ela reitera que em sua família todos seguem a mesma religião, a mesma educação e que é por isso que ela quer que a filha receba a mesma educação que ela. Omeya então me devolve o quadro e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 4

Ela hesita por 20 segundos e diz: «Canguru...». Diz que é a mãe que protege o seu filho. Continua falando que isso é verdade, que é ela pessoalmente que cuida com mais frequência de seus filhos, porque o papai trabalha durante o dia todo. Ela acrescenta que ela também trabalha o dia todo, mas depois da escola, é ela quem se ocupa de tudo, do cuidado dos filhos. Ela silencia e depois complementa que é verdade que os pais estão lá para proteger os filhos, que não é simplesmente fazê-los e depois não assumi-los; então eles estão sempre lá. Ela diz que é muito afetuosa com sua filha, que conversa muito com ela, sobre o que ela fez na escola e o que ela vai fazer depois. Repete que ela conversa muito com a garotinha. Conta que Naïma foi a primeira criança que ela teve, então isso foi um grande acontecimento na família. Diz que quando a menina chegou, o bebê era tudo para ela. Repete que Naïma era tudo para ela e que há muito afeto entre as duas. Ela conta que, às vezes, dá pequenas palmadas, dá bronca na menina, mas isso é normal. Mesmo assim, Naïma continua sendo muito afetuosa desde a sua chegada, muito apegada (Omeya repete duas vezes que elas são muito apegadas uma à outra). Ela conta que mesmo que ela tenha tido mais dois filhos depois, o apego com Naïma permaneceu e ela cuida muito da menina. Ela fala que as pessoas dizem que quando uma mulher tem o segundo filho, ela dá mais atenção a ele e deixa o primeiro um pouco de lado e que o

mesmo acontece quando se tem o terceiro filho, mas ela acha que é o contrário. Ela pensa assim porque Naïma cresceu e começou a aprender muitas coisas e é aí onde é preciso prestar mais atenção, justamente com relação ao que ela deve fazer e ao que ela não deve fazer. Então é por isso que ela continua sempre muito próxima, porque Naïma faz muitas perguntas agora; ela acabou de fazer 6 anos e se interessa muito por tudo. Quando ela quer fazer alguma coisa, ela primeiro pergunta para saber o que ela pode fazer e o que ela deve fazer: « O que é isso? O que eu devo aprender? O que eu não devo aprender?». São todas perguntas assim.

Eu comento que ela diz que quanto mais Naïma se torna autônoma, mais ela precisa da mãe e Omeya responde: « Ela é autônoma e ela precisa de mim! A gente sente que ela precisa sempre de mim. E ela precisará sempre de mim, até o fim.» Ela repete que mesmo quando Naïma for adulta, a filha precisará dela e que ela percebe isso também em sua relação com sua própria mãe. Diz que é casada e que tem três filhos, que é autônoma, trabalha, mas, quando ela tem um pequeno problema, ela sempre procura sua mãe para se aconselhar. Assim, na sua idade, ela precisa sempre da sua mãe, e com sua filha, vai ser parecido. Ela conta que se Naïma tem a menor questão, ela vem até ela e diz: « Olha, mamãe... o que que eu faço?» ou «O que eu descobri!» Omeya diz ainda que os pais devem estar lá para ensinar ou ouvir os filhos. Ela repete que mesmo que ela tenha tido mais dois filhos, ela continua próxima da menina. Ainda, como Naïma é a primeira, ela é a queridinha da família, e que o papai, sem a sua filha, fica perdido. Comento que ele então também é muito apegado a ela e Omeya responde que sim, ainda mais do que ela própria. Rindo, ela diz que o marido chora quando Naïma fica doente e reitera que ele é mais apegado à menina do que ela mesma. Então, o afeto permanece sempre. Ela acrescenta que isso não quer dizer que ela negligencie os outros dois filhos, mas que ela dá mais atenção à Naïma porque ela cresceu. Assim, se ela deseja que a filha siga o mesmo caminho que ela, é agora que é necessário prestar mais atenção.

Eu observo que o seu modo de pensar é um pouco diferente daquele das mães francesas, que educam os filhos para que eles sejam cada vez mais independentes delas. Ela concorda e diz que os europeus fazem dessa forma, e que ela faz de outra. Ela diz que se agora ela não acompanhar Naïma, depois será tarde demais: ela será educada por si mesma e ela (Omeya) ficará atrasada para consertar os erros. Então é melhor que ela (Omeya) acompanhe a filha agora e depois a deixe tranquila. Dessa maneira, pelo menos, a menina aprenderá o máximo da religião e Omeya a deixará tranquila depois e caberá a ela escolher o que ela quer fazer. Omeya diz que seu dever diante de si mesma e de seu Deus, é o de dar a educação que ela mesma recebeu: a educação muçulmana. Então, ela começa agora, porque depois será muito tarde, porque Naïma terá descoberto muitas coisas. Omeya repete que é por isso que agora ela a acompanha mais e talvez depois, quando ela tiver descoberto... (ela não termina a frase). Ela prossegue dizendo que Naïma se interessa muito pela religião e por tudo o que ela vê ao seu redor e de sua família. Ela conta que a menina lhe diz: «Mamãe, a gente não pode fazer isso, a gente não pode fazer isso...». Então ela (Omeya) presta atenção ao seu modo de falar e ao que ela faz (ela

fala muito baixo nesse momento). Omeya diz que está contente, que ela não tem muitas dificuldades com Naïma e que tudo será muito simples. Ela me devolve o quadro e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 8

Ela olha a imagem e me pergunta: «Esse não se trata da relação com os avós?» Eu respondo que pode ser como ela quiser. Ela ri e diz: «Essas imagens não são fáceis!» Ela comenta que não sabe se Naïma vai entender tudo isso, se a filha terá a mesma imaginação que ela. Omeya me pergunta se eu vou mostrar os mesmos quadros para Naïma e eu confirmo. Ela começa então a dizer que vê os avós, o papai e a criança, talvez isso. Ela silencia e hesita. Depois diz: «O vínculo familiar, talvez?» Ela diz que se partir do princípio que vê os avós, é verdade que sua filha é «um pouquinho apegada principalmente à minha mãe». Explica que isso acontece porque era a avó quem cuidava de Naïma quando ela trabalhava e que isso também acontece com o seu filho. Ela conta que eles vão visitar os avós com muita frequência e foi por isso que ela me disse que tem uma família muito ligada, muito unida. Então, eles estão sempre na casa um do outro e vão frequentemente à casa de seus pais. É por isso que ela havia me dito que Naïma precisará sempre dela, como ela mesma precisa sempre de sua mãe. Por isso eles vão muito lá e todas as crianças da família são muito ligadas à avó. Ela repete que é a sua mãe que cuida de seus filhos quando ela trabalha. Como eu fico em dúvida se ela fala do passado ou do presente, pergunto a ela se as coisas ainda são assim. Ela responde que não é mais assim com Samia, porque agora a sua mãe está um pouco doente e ela (Omeya) não quer lhe impor ainda... (ela não completa a frase). Ela conta que é verdade que parte o coração de sua mãe vê-la levar Samia para outro lugar para ficar com outra pessoa, mas para o próprio bem de sua mãe, ela (Omeya) não quer torná-la mais doente por conta de sua filha caçula. Ela conta que agora sua mãe está mais idosa, um pouquinho velha. Explica que seu bebê está consigo porque ela ainda está em licença-maternidade e que depois será sua irmã, que é assistente maternal, quem tomará conta dele. Essa irmã vai tentar obter a sua habilitação para fazer a assistência maternal para tomar conta de crianças. Explica que se sua irmã não conseguir essa habilitação, ela não enviará Samia à sua mãe, mas a outra assistente maternal. Como sua mãe está doente, ela não quer que ela se canse e um bebê exige muito tempo e muitos cuidados. Ela não se sentiria à vontade de ver sua mãe sofrer um pouquinho para agradá-la (à Omeya).

Eu comento que ela é muito ligada a sua mãe e ela confirma e que é por isso que não quer deixar Samia com ela; isso seria como fazer mal à sua mãe. Ela conta que é verdade que Naïma ainda gosta de dormir na casa da avó, mas ela é grande e a avó não precisa tomar conta dela. Então, como Naïma é mais autônoma, ela pode deixá-la ir lá. Contudo, para o bebê seria necessário trocar fraldas, dar banho, preparar a mamadeira... Ela conta que quando ela dá à luz, ela vai diretamente para a casa de sua mãe, que toma conta dela durante dois meses e que é sua mãe quem toma conta do bebê. Então é por isso que sua mãe se apegou e, com a caçula, Omeya não pode ficar lá por muito tempo porque ela teme que sua mãe se apegue mais a ela. Então ela ficou um tempo na casa de sua mãe, que cuidou um pouco do bebê, e depois Omeya voltou para a sua casa. Ela repete que não quis ficar mais tempo

porque ela sabia que sua mãe iria se apegar à menina e depois dizer: «Não, não, não! Sou eu quem vou tomar conta dela!» e depois, se isso não fosse possível, Omeya se sentiria um pouco culpada (ela ri). Ela diz que é esse o vínculo que eles têm na família, que eles nunca deixam uma pessoa de fora tomar conta dos filhos, que eles sempre se organizam entre eles. Portanto, como eles não têm os mesmos horários eles se organizam entre si para tomar conta das crianças dos outros; este é um hábito que eles têm. Ela ri e diz que quando sua família chegou na França, eles não conheciam ninguém e talvez tenha sido por isso que eles se apegaram uns aos outros; eles só tinham a família, eles estavam sós, eles tinham somente os pais. As crianças continuaram na escola, mas quando eles chegaram, não conheciam ninguém: Não havia primos e primas, tios e tias. Ela repete que eles estavam sós e que foi talvez por isso que eles permaneceram apegados. Ela observa o quadro e diz que com relação a essa imagem, ela terminou, e que ela não sabe se há alguma coisa a mais a dizer. Ela acrescenta que na verdade é como se ela contasse a sua vida (ela ri). Eu respondo que sim e que quando se fala dos filhos, também se fala um pouco de si mesmo. Ela concorda e diz que a gente sempre deseja que os filhos sigam a nossa educação e quando a gente fala de um ou de outro, a gente fala do que nós gostaríamos para os nossos filhos. Ela me devolve o quadro. Como ela está bem descontraída neste momento, eu pergunto se ela gostaria de retomar o quadro 2. Ela está de acordo, então eu lhe apresento novamente a imagem.

Quadro 2

Ela olha a imagem e diz: “A lei do mais forte!”. Ela faz uma pausa, hesita e diz que por acaso ela se lembra de uma história religiosa que ela havia contado a sua filha. Ela repete que Naïma é realmente interessada pela religião muçulmana, que ela conhece muita coisa para a sua idade, que ela aprendeu muita coisa e que algumas vezes a menina a espanta. Ela conta que seu marido pratica muito esporte e, uma vez, quando ele estava fazendo isso em casa, Naïma lhe perguntou as razões disso. O papai então respondeu: “É pra te proteger minha filha, é para te proteger.” A menina então respondeu: “Papai, você me ensina uma bobagem. Não é você que vai me proteger, é Alá que vai me proteger.” Então, a menina aprende muita coisa, ela sabe muita coisa. O pai ficou surpreso. Ele ficou contente porque sua filha sabe quem a protege, mas na idade dela, ele ficou surpreso. É por isso, a lei do mais forte, é tudo para eles, aquele que lhes protege é Alá. Ela diz que é verdade que a gente toma cuidado, mas o que ela quer dizer é que se acontece alguma coisa, na verdade é o nosso Deus que faz tudo. Ela diz que é por isso que ela contou essa história. Não existe a lei do mais forte ou... (Ela não completa a frase). Ela observa novamente o quadro e diz que há dois ursos que puxam, é a força, e que é isso que ela vê nessa imagem. Ela ri e me devolve o quadro.

Eu digo que gostaria de perguntar uma coisa: ela havia me contado que seguia a religião muçulmana, mas eu notei que ela não usava o véu. Ela diz que é verdade, que isso é uma obrigação, mas que ela não o utiliza. Ela conta que faz as orações, que faz o *Ramadan*, mas que na França tem dificuldade para usar o véu, porque o seu chefe disse a ela que isso é como se fosse uma proibição. É

por isso que ela se sente um pouco mal por não utilizá-lo. Ela continua afirmando que gostaria de usá-lo, mas se for para colocar e tirar, colocar e tirar, colocar e tirar, isso ela não tem vontade de fazer. Ela explica que se ela for realmente usá-lo, que o faria o tempo todo. Ela conta que em alguns lugares ela poderia usá-lo o tempo todo e trabalhar com o véu, mas na França ela tem um pouco de dificuldade para fazer isso. Eu pergunto por que ela se sente assim, se é por causa das pessoas. Ela responde que é por causa disso e dos europeus, sobre o que eles irão dizer, e que na França eles falaram tanto do véu que isso a deixou um pouquinho desgostosa. É por isso que no momento ela não o usa. Ela conta que ela tem irmãs que usam o véu sem problemas, que no trabalho delas ninguém fala nada. Elas podem utilizá-lo, mas não completamente, elas podem esconder os cabelos. Por outro lado, no trabalho dela ela não pode fazer isso, ela é obrigada a tirá-lo completamente. E como ela precisa trabalhar para alimentar seus filhos, então... (Ela não completa a frase). Eu comento que ela sente como se não existisse muita tolerância e ela concorda repetindo que infelizmente não há muita tolerância. Ela ri e diz que cada país tem a sua religião, então eles (os muçulmanos) não vão impor a sua a um outro país. Mas um dia, ela usará o véu sem problemas, talvez quando ela se aposentar (ela ri). Ela ri e diz: "Nunca se sabe". Eu pergunto qual é a profissão dela e ela responde que ela é gerente em um estabelecimento financeiro. Ela acrescenta que é um trabalho bem enquadrado, então... (ela não completa a frase).

Ela silencia e eu pergunto se há alguma outra coisa que ela gostaria de dizer. Ela responde que não e indaga se eu tenho alguma pergunta para lhe fazer. Após a minha negativa, eu agradeço e nós terminamos a entrevista.

Interpretação Omeya

A narrativa de Omeya permite perceber que sua experiência materna com sua filha é transpassada de questões e de preocupações referentes à sua própria história de vida, particularmente seus sentimentos para com seus pais e sua fidelidade à forma deles de viver. Nesse contexto, a história de sua imigração e sua condição de filha de uma família cujos valores culturais se opõem às vezes àqueles do país que os recebeu desempenha, até hoje, um papel muito importante na composição de sua identidade pessoal e materna.

Nesse sentido, ainda que ela tenha chegado na França aos dez anos de idade e tenha passado a maior parte de sua vida em seu novo país, a primeira definição de si que ela expressa refere-se às suas origens argelinas e sua adesão à religião muçulmana. Durante toda a sua narrativa ela tentou mostrar-se (a mim e a si mesma), como alguém muito leal aos costumes magrebinos e muçulmanos, como se a realidade de viver na França não houvesse feito diferença em sua vida. Todavia, principalmente a partir da segunda metade de sua narrativa, fica subentendido um conflito com relação à sua pertinência cultural, que ela parece tentar evitar, principalmente por conta do seu significado.

Em termos gerais, ela conta que uma das principais qualidades de sua família é a união e um certo retraimento em si mesma. Embora essas características possam ser próprias da cultura de origem,

Omeya reitera que elas foram intensificadas por conta de sua condição de haver imigrado para um país onde ela e seus familiares não conheciam ninguém. A decisão da família de seguir a tradição anterior e de se impermeabilizar contra as influências de um novo estilo de vida a conduziu também a um certo isolamento do mundo exterior. A cultura francesa parece ser vista como um tipo de antagonista a ser evitado e afrontado (mais evitado do que afrontado). Nesse sentido, para manter a observância dos limites de uma forma de viver estrita, seria necessário escapar das tentações de uma cultura cujo principal valor é a liberdade. O combate aos valores “estrangeiros” e a evasão de suas seduções parecem ter marcado a história de Omeya, tanto com relação a sua família de origem, quanto com sua família constituída. Nos dois casos, foi criada uma divisão entre um mundo familiar e um mundo extrafamiliar que, na experiência de Omeya, entretém uma relação de rivalidade e de intolerância mútua. Se o mundo exterior é visto como perigoso, somente resta à família o retraimento em si mesma. Diante dessa situação, ou se é fiel à família, ou não se faz parte dela (“*mesmo se a gente é educado na França, se se é muçulmano, continua-se a ser muçulmano, a gente não pode mudar*”). Em consequência, os vínculos familiares se intensificam (ela diz várias vezes que sua família é muito unida). Assim, permitir-se ser influenciado pela nova cultura é visto como uma traição imperdoável. Em outras palavras, a constituição de si como uma pessoa diferenciada da família é concebida como uma rejeição desse grupo, o que gera dolorosos sentimentos de culpa. Com isso, o vínculo com a família de origem de Omeya parece ser garantido por uma mistura de sentimentos de amor, lealdade, culpa, dependência, e medo das seduções do mundo exterior.

Nesses termos, a pertinência é mais valorizada do que a autonomia; além disso, esta última é vista com certas reservas. Desse modo, embora a capacidade para realizar funções de adultos seja bem recebida (trabalhar, casar-se, ter filhos, por exemplo), a maneira de desempenhá-las, os valores e as decisões a tomar devem seguir os costumes familiares e culturais. Diante dessa realidade, um certo tipo de dependência para com os pais persiste por toda a vida (“*ela precisa sempre de mim. E ela precisará sempre de mim, até o fim*”). Face a esse estado de coisas, na experiência materna de Omeya, o conceito de autonomia é revestido de uma significação particular. Uma vez que sua pequena Naïma começa a ter acesso ao conhecimento de novas maneiras de viver e a conquistar cada vez mais condições de se arranjar sozinha, há um perigo que se aproxima. Assim, a autonomia crescente deverá ser seguida de uma intensificação da dependência, sob a forma de uma ênfase na orientação e na aprendizagem no seio da família. Portanto, é necessário vigiar cada vez mais a menina em sua jornada rumo à independência e, por vezes, combater o que ela assimila fora de casa (a menina pergunta a seus pais o que ela deve e o que ela não deve aprender)⁶⁶.

Por isso, na experiência materna de Omeya, esse período da dependência relativa é crucial. É por essa razão que a observação de outra pessoa de que quando se tem o segundo ou terceiro filho se negligencia um pouco o mais velho, não tem nenhum sentido para ela. É no momento da dependência

relativa que a criança deve ser mais protegida. Além disso, é necessário infundir, o máximo possível, os valores familiares para criar desde já uma base sólida, a partir da qual as influências extrafamiliares posteriores poderão ser julgadas e, nos casos felizes, rejeitadas.

Entretanto, os limites da influência familiar sobre a criança são também reconhecidos por Omeya, e mesmo que essa admissão a incomode um pouco, ela já os considera como inevitáveis. Assim, com relação à pequena Naïna, ela afirma, de uma maneira um pouco tangencial, que a sua obrigação é a de educá-la segundo os preceitos da religião muçulmana, mas que depois, quando a filha for adulta, ela poderá escolher o que desejar para si mesma. Todavia, ela não esconde absolutamente o seu desejo de que a menina siga o mesmo caminho que ela. Além disso, ela constata que a menina não tem a mesma experiência que ela, porque, diferentemente da mãe, a criança não sofreu os efeitos diretos da imigração e viveu somente na França. Ainda, a própria família constituída de Omeya sofre os efeitos da vida em uma outra cultura: a mãe trabalha fora de casa, o pai tem horários variados e eles não estão sempre todos juntos à mesa para fazer as refeições. É por isso que ela afirma, em sua narrativa ao último quadro do CAT-A, que não sabe se Naïna irá compreender a imagem ou ter a mesma imaginação que ela.

No entanto, a questão mais importante diz respeito à própria experiência de Omeya como filha. Ela percebe que sua mãe envelheceu e que apresenta limites físicos, em suma, que ela não será eterna. Com isso, ela se vê diante de um dilema com relação aos cuidados da pequena Samia. Se entregar o bebê para ser cuidado por outra pessoa, uma “estrangeira”, pode significar uma agressão à família, principalmente à mãe, exigir dela que cuide da criança é igualmente, nesse momento, uma violência. Então, é por amor à mãe, para preservá-la (e não se sentir culpada), que Omeya corre o risco de mudar a tradição. Em consequência, se a família (a mãe) não pode mais ser o universo de Omeya, é necessário buscar recursos em outro lugar. Nesse momento, ela, talvez sem se dar conta, mostra-se já influenciada por sua cultura de acolhimento. Assim, ela afirma que se sua irmã não conseguir obter sua habilitação para cuidar de crianças, ela entregará Samia a uma outra assistente maternal. Ela assume, assim, uma posição na qual a capacidade e o conhecimento profissionais são valorizados em detrimento da preservação dos hábitos familiares (será a primeira vez que alguém de fora da família vai tomar conta de uma criança).

Ainda que essa situação possa ser compreendida como uma percepção de que a manutenção da criança no casulo familiar é mais crucial na etapa da dependência relativa do que na da dependência absoluta, o problema de romper a tradição familiar não pode ser negligenciado na atitude de Omeya. Desse modo, essa atitude se mostra também no seu discurso sobre a delicada decisão de não usar o véu e em alguns questionamentos subliminares sobre a punição da mentira e sobre a obrigação feminina de preservar a virgindade até o casamento. Dividida entre a obrigação religiosa e a autonomia profissional e financeira que o trabalho lhe traz, ela escolhe a segunda. Essa “ocidentalização” se mostra também

⁶⁶ Essa situação é passível de gerar na menina dificuldades de aprendizagem escolar, nos casos em que alguns

em outros contextos além do profissional (ela também não usa o véu em outras situações). Em resumo, ela mostra o seu cansaço de pertencer a duas culturas cujos valores são às vezes inconciliáveis (seria necessário colocar e tirar o véu todo o tempo) e busca um tipo de integração que ela não tem certeza de alcançar. Enfim, ainda que ela permaneça argelina e muçulmana, existe uma certa permeabilidade, que mesmo pequena, permite-lhe acolher alguns costumes do país onde ela vive atualmente. Em outras palavras, as fronteiras do *Self*, que pareciam estar fortemente retraídas por conta do medo do diferente, são capazes de uma expansão, que deve ser pequena para não despertar a culpa.

Os detalhes dessa dinâmica e sua dramatização na relação de Omeya com Naïma são apresentados abaixo na análise de cada quadro do CAT-A.

Quadro 1

Já nesta narrativa, Omeya mostra a sua preocupação principal a respeito de sua experiência como mãe de Naïma. O tema do relato consiste em garantir que a filha aceite as introjeções familiares, particularmente as maternas, que lhes são oferecidas. Como a menina não se mostra sempre disponível para realizar as introjeções (ela não é uma grande comilona), é necessário vigiá-la para que ela não se disperse em outros interesses ou maneiras de viver (assistir TV, por exemplo). Nesses termos, a proximidade física é fundamental, bem como a união familiar. Todavia, os horários variados do pai trazem alguns limites para a completa reunião da família, e Omeya, nesse momento, desempenha o duplo papel de pai e mãe que deve zelar para que essa incorporação aconteça. Em suma, ela mostra que é necessário fazer esforços deliberados junto a Naïma para que esta possa assimilar e seguir as tradições familiares, porque não há muita confiança de que a menina possa absorvê-las e introjetá-las por si mesma. Uma vez que a família vive em uma cultura muito diferente daquela de origem, a assimilação dos valores tradicionais não é vista como algo evidente e deve, por isso, ser forçada em alguns momentos.

Quadro 2

Nesse quadro, o tema latente referente à existência de conflitos conjugais é negligenciado por Omeya que escolhe continuar o assunto da narrativa precedente. Nesse contexto, a imagem a perturba, porque ela a remete diretamente ao conflito da pertinência cultural. Assim, ela, identificada com sua filha, vê a si mesma como de um lado, aquele da preservação dos costumes muçulmanos e magrebins, afrontando as seduções e as exigências de adaptação da cultura francesa. Contudo, mais do que um problema de se sentir forçada a ser arregimentada por essa última, parece haver um conflito interno no qual o desejo de se “afrancesar” permanece inconsciente devido à culpa que ele desperta. Dividida entre esses dois mundos, Omeya não consegue encontrar uma solução para seu conflito e

busca evitá-lo. Com isso, ela recusa o quadro e consegue retomá-lo somente no fim da entrevista quando ela demonstra uma certa permeabilidade à cultura francesa, sem perder a sua identidade.

Quadro 3

Após o incômodo produzido pelo quadro 2, Omeya fica imediatamente aliviada pela apresentação dessa figura e sua conotação de autoridade. Dessa maneira, se inicialmente ela se sentiu perdida em uma situação de conflito em que ela deveria fazer uma escolha pessoal, a presença de uma figura de supremacia para lhe dizer qual é o melhor caminho a seguir a apazigua. Isso acontece porque essa figura a impede de assumir a responsabilidade pelos erros oriundos de uma má opção. A autoridade é, sobretudo, masculina, ligada à figura do pai, do marido ou de Deus. Ela impõe regras de conduta estrita a todos, mas principalmente às mulheres e ao exercício de sua sexualidade. Ainda que Omeya permaneça firmemente identificada com sua cultura de origem, nesse momento o seu conflito entre a obediência à essas normas de viver e o desejo de uma maior liberdade, especialmente a sexual, se mostra em todo o seu frescor. Assim, ela deixa frases incompletas e hesita muito nos momentos em que aborda o que se pode e o que não se pode fazer segundo a religião muçulmana. A insubordinação ao código moral é vista como uma rejeição e uma ferida contra os ancestrais, passível de conduzir a uma punição severa, à culpa ou, pior ainda, à exclusão do grupo familiar. Nesse contexto em que o amor significa obediência e as pessoas são definidas, sobretudo por sua moralidade, ceder às tentações de liberdade custa muito caro. Assim, a despeito do forte apego que existe na família, a sensação de Omeya é que o amor dos pais por ela é condicional. É necessário então crescer como sua mãe e é necessário que Naïma também cresça como ela (Omeya). É importante considerar que a experiência de ter imigrado a um país cujos valores são tão diferentes daqueles da pátria de origem, pode intensificar essa dinâmica. Dessa maneira, as demandas externas de adaptação devem ser compensadas pelas exigências internas de preservação das tradições, porque a aculturação dos membros da família gera uma ameaça de implosão do grupo. Nesse contexto, o *Self* pessoal é fundamentalmente o *Self* familiar. Em outras palavras, as fronteiras da diferenciação pessoal com relação à família são muito estreitas e sua ultrapassagem provoca uma culpa insuportável. É por isso que os questionamentos e os desejos de Omeya de ceder a algumas tentações de liberdade da sua cultura de acolhimento permanecem como uma voz surda e inconsciente. Em resumo, Omeya sente que sua obrigação para com os membros de sua família é a de garantir que sua filha siga o mesmo caminho que eles. Nesse caso, ela pode contar com o seu marido na tarefa de assegurar que a menina realize boas identificações (ele lhe ensina a religião).

Quadro 4

Apesar da menção ao apoio recebido do marido no ensino das tradições argelinas e muçulmanas à Naïma, Omeya mostra que essa tarefa diz respeito principalmente a ela. Nesse sentido,

neste momento do desenvolvimento da filha, em que sua autonomia se impõe, esta é tratada de uma maneira muito especial. Se já é permitido à menina realizar sozinha algumas atividades, o vínculo de estreita proximidade afetiva persiste. Assim, parece se configurar uma situação em que as diversas conquistas da autonomia são vividas de maneiras diferentes. No que concerne à realização de atividades práticas, a separação entre a mãe e a filha e a independência desta última é muito bem recebida. Contudo, a separação física deve ser compensada pela manutenção de um intenso vínculo afetivo entre as duas, positivo e negativo (Omeya foi a única mãe que admitiu dar palmadas na filha). O espaço entre os corpos delas é, assim, preenchido por uma forte afeição, que imbui significações e valores nas atividades práticas a realizar (*“Ela é autônoma e ela precisa de mim!”*). Dessa maneira, uma certa dependência afetiva da família (principalmente da mãe) persiste como uma força determinante do que a criança fará ou não. Parece que quanto mais o entorno extrafamiliar se torna importante para as conquistas da menina, mais a dependência deverá ser encorajada, com o objetivo de identificar as introjeções dos valores familiares. Assim, se a ilusão do período da dependência absoluta não pode ser mantida, ela é substituída pela ênfase no ensino e na orientação no seio da família.

Ainda que a preservação dessa dependência afetiva possa impedir o enfrentamento do luto pela perda da infância interior da menina ela parece ter outra significação mais importante. Trata-se, sobretudo, do dever de Omeya de continuar a tradição familiar e não decepcionar seus próprios pais. Entretanto, ela não nega o fato de que quando sua filha crescer ela poderá escolher seu próprio caminho (se ela tiver coragem de rejeitar os costumes familiares e culturais). Assim, é necessário, nesse momento, fazer tudo que ela puder para infundir seus próprios valores e garantir que a menina realize as introjeções corretas.

Quadro 8

Mesmo que Omeya tenha terminado a narrativa precedente com uma certa satisfação referente ao interesse de Naïma pelos preceitos muçulmanos, é nesse quadro que ela percebe mais claramente os limites da educação familiar no desenvolvimento da personalidade da criança. Ela observa de início que existem certas diferenças entre sua própria situação passada e presente e aquela de sua filha e que também haverá outras diferenças no futuro. Dessa maneira, se a história da imigração e a ausência de pessoas conhecidas na França, permitiram, em sua infância, um estreitamento dos vínculos familiares que durou até hoje, agora a situação começa a mudar. As razões dessas transformações referem-se principalmente às constatações dos limites físicos de sua própria mãe. Sem mencionar diretamente, Omeya se dá conta de que sua própria mãe não é eterna e que começa a se enfraquecer. Assim, se a fonte principal que garantiu a união familiar começa a secar, é necessário buscar recursos em outro lugar. A essa percepção se acrescenta a apreciação de que não há outros substitutos na família, que estejam à altura de substituir a mãe (a capacidade de sua irmã para cuidar de crianças é duvidosa).

Assim, é necessário buscar ajuda fora do ambiente familiar, o que exige aceitar deixar-se influenciar pelo mundo exterior e deixá-lo talvez influenciar também a pequena Samia⁶⁷.

Além disso, essa recorrência ao universo extrafamiliar é percebida como crucial para a preservação da família e da mãe. Em resumo, se foi suficiente na experiência de Omeya viver primordialmente junto à sua família de origem, hoje este não é mais o caso, porque ela reconhece as diferenças entre suas experiências e aquelas de Naïma.

Segunda apresentação do Quadro 2

Diante da nova apresentação do quadro 2, Omeya continua o seu relato anterior e retoma o seu conflito principal, que ela havia expresso na ocasião do primeiro contato com essa figura. Dessa maneira, o declínio e o esgotamento físico da mãe são vistos como passíveis de conduzir à diminuição da força no polo de pertinência à cultura magrebina e muçulmana com relação à francesa. Em consequência, seria também necessário colocar em questão o sentido de sua vida e de sua própria identidade. Face a essa angústia, Omeya encontra imediatamente uma solução: a substituição da família concreta, mundana, pela família espiritual. O pai e a mãe protetores serão substituídos por Alá. Portanto, é o seu Deus que vai garantir, na época em que ela não mais terá os seus pais, a sua pertinência cultural, sua identidade e reafirmar o sentido que ela deu à sua vida. Desta maneira, ela pode sentir-se um pouco aliviada do conflito interno que enfrenta, visto que um de seus polos ganhou um aliado (todo) poderoso, que define o resultado. Todavia, como esse desenlace acontece principalmente pela exclusão de um dos lados e não por uma integração entre ambos, a sedução pela liberdade francesa persiste na realidade psíquica de Omeya.

Em síntese, Omeya trata-se de uma mulher cuja vida e experiência materna são fortemente marcadas pelo dilema de manter a pertinência à cultura de origem ou de se aculturar à maneira francesa de viver. Ela faz a opção pelo primeiro polo, em razão do seu forte apego pela mãe e da culpa que o ato de romper a tradição acarretaria. Por motivos semelhantes, ela educa sua filha da mesma maneira como foi educada. Essa forma de viver a experiência materna lhe exige, às vezes, afrontar as aprendizagens que Naïma recebe em outros lugares, nos casos em que elas se chocam com os princípios muçulmanos e argelinos. Assim, nesse momento de autonomia relativa da filha, ela a vigia incansavelmente, tentando manter um tipo de dependência afetiva entre as duas, que asseguraria, do seu ponto de vista, a identificação da menina com ela. Nesse modo de educar, a pertinência familiar é mais importante do que a autonomia individual e o *Self* familiar e pessoal não se diferenciam muito um do outro. Contudo, Omeya percebe também a impossibilidade de permanecer completamente impermeável às influências de seu país de acolhimento, particularmente às tentações da liberdade

⁶⁷ É possível que a ordem de nascimento desempenhe um valor importante nessa aceitação. Assim, Omeya parece apresentar menos preocupações quanto a uma possível “europeização” de Samia em comparação com Naïma. Uma outra possibilidade é que um bebê no estágio da dependência absoluta não seja visto como susceptível à assimilação cultural.

identificadas com a cultura francesa. Com isso, ela tenta assumir alguns costumes franceses e permitir uma maior receptividade deles à sua filha Samia. Por outro lado, no que se refere à Naïma, a “queridinha” da família, a tradição deve ser mantida da maneira mais fiel possível.

Narrativa de Naïma

Quando terminei minha conversa com Omeya, ela me acompanhou gentilmente até a sala de aula de Naïma. Ela me explica que a filha é muito tímida, e por isso, o nosso contato seria facilitado se ela mesma me apresentasse à menina. Quando chegamos, Omeya chama Naïma e conversa com a sua professora para explicar que eu deveria realizar uma atividade com a criança. A professora diz que eu poderia ficar com ela em uma mesa localizada no corredor ao lado da sala. Naïma vem comigo e Omeya vai embora. No corredor, há um grande cabide preso à parede, com vários lugares para que as crianças possam colocar os seus casacos e *manteaux*. O lugar de cada aluno no cabide é devidamente identificado pelo nome. O lugar não é muito silencioso, o que, acrescido às características da garotinha, me acarreta às vezes dificuldades para compreendê-la.

Naïma é uma menininha pequena, magra, e com a pele ligeiramente bronzeada. Seus cabelos são pretos, longos e cacheados, e seus olhos são escuros também. Ela é doce e muito tímida. Ela fala muito baixo e não tem muita fluidez para contar as histórias. Todavia, ela parece desejosa de cooperar comigo.

Eu tento começar minha conversa com Naïma fazendo algumas perguntas para conhecê-la um pouco mais. Ela responde às minhas indagações principalmente por meio de um gesto afirmativo com a cabeça. Dessa maneira eu confirmo a sua idade (6 anos) e que ela está no primeiro ano da escola. Às minhas questões se ela gosta da escola, da professora, e dos seus colegas, ela responde com um “sim” lacônico. Contudo, ela não parece se mostrar resistente. Quando lhe pergunto o que ela gosta de fazer, ela começa a falar um pouco mais. Ela responde: “Eu brinco com o meu papai e eu brinco com o meu irmão”. Eu pergunto que tipo de brincadeira ela faz com ele e ela responde: “Eu brinco de pega-pega”. A voz dela é muito baixa e eu tenho dificuldades para ouvi-la.

Como ela não se envolve muito na conversa, eu proponho começar a nossa atividade. Explico que eu iria lhe mostrar alguns quadros com figuras de animais e que eu gostaria que ela inventasse uma história sobre cada um deles. Ela compreende imediatamente a natureza da tarefa e eu lhe mostro a primeira figura. Ela deixa o quadro comigo e eu lhe digo que ela poderia pegá-lo se desejasse. Ela o faz e começa a examinar o primeiro cartão.

Quadro 1

Ela fica em silêncio por 27 segundos e eu pergunto o que se passa nessa cena. Ela responde: “Tem uma galinha aqui [uma galinha aqui...] e pintinhos. Uma mesa com pratos (ela fala muito baixo e muito lentamente). E os pintinhos, eles comem... Com uma colher... E tem uma tigela grande com comida dentro dela... E a mamãe, ela vai dar comida para eles. (Ela fica em silêncio por 5 segundos). E

tem as cadeiras [Hum hum. E o que você acha que vai acontecer depois?] O papai... (Ela fica em silêncio por 10 segundos) [E o que o papai vai fazer?] (Silêncio de 10 segundos) [Como a estória vai terminar?] Eu não sei. [Você pode inventar...] (Silêncio de 12 segundos) [O papai vai comer com eles ou sozinho?] Ele vai comer com a mamãe, o pintinho e o irmãozinho. [Ah, eles vão comer todos juntos?] E o bebezinho. E é só.” Ela me devolve o quadro e eu digo que ela contou uma história muito bonita. Eu lhe mostro a segunda figura.

Quadro 2

Ela pega o cartão e começa a falar imediatamente, “São ursos e tem um com o papai que puxam a corda, e o irmãozinho, ele puxa a corda e eles estão na neve. (Ela fala muito baixo e eu tenho dificuldades para ouvi-la; peço para repetir e ela o faz). E tem a mamãe e o papai, eles puxam a corda, e o irmãozinho, ele puxa a corda, e eles estão na... na... na neve. (O urso que está só é a mãe; do outro lado está o papai e o irmãozinho). Eles puxam a corda. E a mamãe, ela puxa, ela puxa a corda, porque ela quer pegar a corda. (Silêncio de 5 segundos). E o papai, ele vai, ele quer, quer pegar a corda, e no fim, a corda vai quebrar. [A corda vai quebrar?] E o papai e o irmãozinho vão cair. [Quem vai cair? Os dois ou somente o pequenininho?] E a mamãe também. [Ah, a mamãe também...] E depois, o papai, a mamãe, e o irmãozinho vão escorregar na neve (Silêncio de 13 segundos). E é só.” Ela me devolve o quadro e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 3

Ela pega o cartão e começa a associar imediatamente. “Tem um leão e ele está sentado em uma cadeira. E o leão é um rei. [Hum...] E ele tem uma cauda. E tem escadas, e... e... e aqui tem um rato com um buraco. E ele passou perto dele (do rato), na casa dele. E o leão, ele veio procurar o rato, e o rato observa o leão. [E como a estória vai terminar?] (Silêncio de 6 segundos) Eu não sei. [Você pode inventar qualquer coisa. Você acha que eles vão se encontrar ou não?] Eles não vão se encontrar. Eles não vão, e depois o leão vai transformar o rato. [O leão vai transformar o rato?] (Ela se corrige e diz em seguida) O leão vai se transformar em rato [Ah, o leão vai se transformar em rato.] E é só”. Eu agradeço pela estória, pego o quadro de volta e lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

Ela diz imediatamente: “É um canguru com o seu filho. O canguru, ele está em sua bicicleta e ele pedala. E o papai canguru, ele pula, ele pula, e depois tem um que tem um bebezinho. Eles estão na neve e eles vão para a floresta. E... (Silêncio de 15 segundos). E depois, eles vão para a floresta, e eles vão comer, eles vão fazer um piquenique. [Ah, sim, então tem um canguruzinho, o bebê, e este que é...] A mamãe. [A mamãe? Sim, você me disse que tinha um papai também?] (Ela balança a cabeça em sinal de negação). [Não? Somente a mamãe?] Eles vão fazer um piquenique na floresta e... (Silêncio

de 5 segundos). E depois, eles vão encontrar um lobo. [Eles vão encontrar um lobo? E o que vai acontecer?] Ele vai comê-los, ele vai comer os cangurus. [Ele vai comer os cangurus, pobres cangurus!] Ele vai comer o bebê canguru e o filhote... E o filho e a mamãe. [Ele vai comer todo mundo, todos os cangurus?] Ele come todos.” Ela me devolve o quadro e eu lhe mostro o seguinte.

Neste momento, nós somos interrompidas pelo sinal do recreio e pela professora de Naïma, que vem me perguntar o que nós iremos fazer: se a criança irá para o pátio ou não. Como nós estamos quase no final do CAT-A, nós combinamos que quando concluirmos nossa atividade, eu levarei Naïma para o pátio.

Quadro 8

Eu digo que se trata da última imagem. Ela fala imediatamente: “São macacos, com o papai e a mamãe e o titio e o filho. E eles vão conversar. E o macaco, ele está sentando na cadeira, e os dois macacos, eles estão sentados em poltronas [Hum Hum]. E... e... e... (Silêncio de 27 segundos) [Eles conversam, você me disse que eles conversam...] E tem uma foto de macaco pendurada na parede. [Hum, tem uma foto de macaco pendurada na parede...] Sim, ele tem óculos [Sim, de óculos.] E ela, ela tem brincos. E depois, o macaco, ele tem uma xícara na mão e ele vai comer. E depois, é só. [O que é que eles falam?] Eu não sei. [Você pode inventar alguma coisa?] (Silêncio de 7 segundos). É só.” Ela me devolve o quadro, eu agradeço e nós terminamos a entrevista.

Eu digo então a Naïma para pegar o seu casaco para sair para o recreio (fazia muito frio nesse dia). Ela faz o que eu digo e, nesse momento, outra professora chega e me diz que ela mesma poderá levar a criança ao pátio. Nesse momento, Naïma tem muita dificuldade para colocar o seu casaco e não consegue abotoá-lo. Pergunto se ela precisa de ajuda, mas a professora me interrompe e diz para deixar a menina se vestir sozinha. Ela se justifica dizendo que é necessário que a criança aprenda a se arrancar sozinha.

Eu tenho a mesma sensação que experimentei por ocasião do meu contato com Omeya. Parece-me que essa garotinha recebe muita ajuda em casa e que na escola ela precisa enfrentar uma realidade muito diferente com relação ao que é esperado para uma criança de sua idade. Tenho a impressão que ela vive em duas situações distintas e não integradas e imagino as consequências que esse tipo de experiência pode ocasionar em seu desenvolvimento pessoal. No final, fico aliviada porque Naïma conseguiu abotoar o seu casaco antes de ir para o pátio com a professora.

Interpretação Naïma

O contato com Naïma e sua narrativa aos quadros do CAT-A permitiram compreender que ela se trata de uma garotinha que conseguiu realizar as tarefas de integração, personalização e realização, o que lhe permitiu alcançar uma personalidade coesa e madura considerando a sua idade. Existe, não obstante, uma certa timidez e inibição em seus relacionamentos com o entorno, que revela um certo

temor face ao mundo exterior. Ainda que essas características não pareçam acarretar grandes problemas com relação à sua expressão criativa, elas são passíveis de gerar alguns entraves que podem causar constrangimentos para que a criança usufrua de todas as suas potencialidades.

Nesse sentido, mesmo a primeira aproximação que eu estabeleci com a menina já me indicou pistas sobre ela. Sua mãe me acompanhou até a sala de aula dizendo que meu contato com a garotinha seria facilitado se ela nos apresentasse. Essas atitudes da mãe e da menina mostram que esta parece olhar o mundo com certa desconfiança. Mesmo se ele não é visto como propriamente perigoso, também não é concebido como um lugar onde se pode ficar à vontade. É necessário, assim, a intermediação da mãe para lhe mostrar o que é nocivo e o que não é. A despeito dessa mediação materna, eu precisei de algum tempo para conquistar a confiança da criança. Ela começou a se sentir mais confortável a partir da apresentação dos quadros do CAT-A. Entretanto, seu relato precedente sobre sua preferência pelo jogo de pega-pega com seu pai e seu irmão esboça um tema prevalente no seu desenvolvimento pulsional, a oposição entre o desejo de fugir de todas as restrições (a liberdade) e ser pega por um agente de interdição que interrompe esse movimento. Enfim, se ao longo de seu relato, Naïma mostra que, no que se refere ao desenvolvimento do *Self*, ela se encontra no estágio da dependência relativa, com relação ao desenvolvimento pulsional ela pode ser situada entre o fim do período edipiano e o começo da latência. A coloração especial dessa transição desenvolvimental e as nuances particulares segundo as quais elas são vividas aparecem nos relatos da criança a cada um dos quadros do CAT-A.

Quadro 1

Naïma mostra, em seu relato a este quadro, a qualidade de sua relação com a mãe e, depois, com toda a família. A mãe se mostra como a figura mais importante de sua vida (ainda que apagada, a imagem da galinha é a primeira a ser vista). A situação descrita remonta a um vínculo em que a mãe é capaz de atender, copiosamente, às necessidades físicas e psíquicas dos filhos (*E tem uma tigela grande com comida dentro dela*) e oferecer o *holding* que eles precisam (*E tem as cadeiras*). A mãe oferece também muito material psíquico a ser introjetado pelas crianças, o que é aceito por elas (*E os pintinhos, eles comem...*). O atendimento às necessidades das crianças é feito pela mãe no contexto da dependência relativa: ainda que a tigela esteja lá e os filhos tenham colheres, eles esperam que a mãe os sirva. A qualidade agradável dessa situação é, porém, ligeiramente perturbada pela chegada do pai⁶⁸. O incômodo não é, todavia, expresso diretamente, mas por meio de longos silêncios e de hesitações mais frequentes. Mesmo assim, a figura do pai é integrada na relação, com a aceitação de partilhar com ele o que a mãe oferece. Em suma, o relato da menina mostra um vínculo muito bom

⁶⁸ A criança parece haver compreendido a minha pergunta “O que você acha que vai acontecer depois?” Como “Quem você acha que vai chegar depois?” (A palavra *arriver* em francês tem tanto sentido de “acontecer” como de “chegar” e o *que* e o *qui* – que e quem em português – têm sons semelhantes).

com a mãe e um aborrecimento com a entrada do pai nesse relacionamento, visto como uma intromissão que deve ser consentida.

Quadro 2

O problema da inibição da agressividade apresentado por Naïma é retomado nesse quadro a ponto dela se excluir da estória contada, que diz respeito principalmente ao conflito dentro da família. Assim, a criança representada na estória é o irmãozinho, que parece ser mais livre para expressar a hostilidade. É estabelecido um tipo de disputa de poder entre os sexos, que coloca em risco a união familiar (a corda se quebra e todos os ursos caem). Entretanto, existe também outro problema relativo ao ambiente fora da família. Este não é concebido como capaz de oferecer nenhum tipo de sustentação para a família, mas é visto como insensível e perigoso (a neve que faz escorregar). Assim, além de não ajudar a recuperar a aliança familiar, ele agrava as consequências da ruptura (além de cair, os ursos escorregam na neve). Enfim, a narrativa mostra que é necessário sufocar a agressividade no seio da família (inclusive aquela relacionada às rivalidades edípicas), visto que a possível desintegração do casal torna a criança (e cada um dos pais separados) exposta a um mundo frio e ameaçador.

Quadro 3

Continuando o tema precedente, a disputa pelo poder fálico se mostra novamente, mas agora dramatizada também entre os polos da criança e do adulto. Em outras palavras, ao conflito entre as gerações se acrescenta a rivalidade entre os sexos. A diferença de posições é muito bem marcada: o leão é um rei que está sobre as escadas, enquanto que o ratinho está dentro de um buraco. Dessa maneira, a flexibilização, a divisão de poder e a conciliação entre os desejos não são possíveis (o leão vai até o ratinho, mas eles não se encontram). Diante dessa situação, em que a autoridade do pai é incontestável, para se dispor de um pouco de poder, é necessário destituir o absolutismo paterno por meio da castração do pai (o leão vai se transformar em rato)⁶⁹.

Quadro 4

A castração do pai efetuada na narrativa anterior anula as diferenças sexuais entre os pais (o canguru adulto é inicialmente visto como o pai, mas ao longo do relato ao quadro 4 ele se transforma na mãe). De toda maneira, a estória mostra o triunfo por haver excluído o terceiro elemento da relação (o pai), o que garantiria a posse exclusiva da mãe pelas crianças. Ainda que a castração tenha como consequência uma relação mais feliz e agradável (o canguru adulto pula), ela torna toda a família vulnerável. Assim, Naïma percebe que a mãe é muito capaz de atender às necessidades afetivas de amor e de refúgio, mas não de oferecer a proteção necessária contra um mundo perigoso (a neve, a

⁶⁹ A palavra *souris* (rato) em francês é feminina.

floresta e o lobo). Enfim, mesmo que a figura de autoridade não seja muito amável, ela é vista como indispensável para garantir a sobrevivência.

Quadro 8

Após a percepção da necessidade da figura de autoridade, Naïma retoma o tema da função da união familiar para manter a proteção. Em outras palavras, o contexto familiar é o local onde se recebe o *holding* (a cadeira e a poltrona) e o apoio. A importância da introjeção se mostra novamente como uma maneira de manter a pertinência, seja em sua forma mais primitiva (um macaco tem uma xícara na mão e vai comer) seja por meio da aprendizagem e da troca de experiências (os macacos conversam entre si). Mesmo que Naïma admita que existe uma certa sabedoria em acatar os ensinamentos na família, ela não parece ainda compreender bem o sentido das orientações e das aprendizagens que lhe são oferecidas (ela não sabe sobre o que os macacos conversam). Assim, ela parece obedecê-los para garantir a pertinência e a proteção familiares.

Em síntese, Naïma é uma garotinha cujo desenvolvimento do *Self* e a evolução pulsional caminham bem. Ela se debate com os dilemas e os conflitos próprios do período edípico, principalmente a questão da rivalidade com a figura de autoridade. Esta é vista como ligada à figura do adulto masculino, à figura do pai. Nesse sentido, o que ela busca não é a posse exclusiva da mãe porque ela não parece se importar de dividi-la com seu irmão e irmã. O problema de se liberar dos limites impostos pela família, principalmente pelo pai, lhe causa mais preocupação. Mesmo que ela nutra uma forte afeição pelo pai, ele é também visto como alguém muito autoritário, inflexível com relação à imposição de regras e normas de conduta, cujo sentido a criança ainda não é capaz de compreender. O que ela sabe é que a obediência é necessária para preservar a união familiar e a proteção que ela lhe oferece contra o mundo exterior, concebido como exigente e insensível às suas necessidades. Por isso ela realiza um certo refreamento da agressividade e da oposição no contexto familiar para garantir o amor e o apoio parentais contra a dureza de uma realidade externa sedutora, mas que não a ajuda. Assim, ela é levada a manter uma certa dependência da família que não é sempre compatível com as exigências de autonomia que ela deve enfrentar em outros lugares (por exemplo, na escola). Esse estado de coisas, em que a flexibilização e a conciliação entre as exigências dos dois contextos em que a criança se insere não é viável, pode ocasionar na menina um sentimento de estar dividida entre solicitações diferentes. Como consequência, cabe somente a ela buscar um tipo de conciliação, já que nenhum desses ambientes a ajuda nessa tarefa. Todavia, se o acordo não é possível, existe o risco da criança recusar completamente as demandas de uma cultura ou de outra, ou desenvolver dificuldades no eterno empreendimento humano de integração da personalidade.

Síntese Omeya e Naïma

A análise das narrativas de Naïma e Omeya mostra que elas entretêm desde o início da vida da menina uma relação muito estreita e de muito boa qualidade. Esse vínculo permitiu à Naïma realizar as tarefas de integração da personalidade, personalização e realização, compatíveis com a etapa do seu desenvolvimento emocional atual. Essas conquistas revelam que a mãe teve êxito em atender as necessidades de ilusão da menina e de permitir que ela desenvolvesse um bom sentido de continuidade de existência. No momento da dependência absoluta da vida da menina em que seu universo se restringia a seus pais e a sua família extensa, o mundo lhe foi apresentado de uma forma coerente no que concerne aos valores e costumes da família que compunham quase uma unidade. Todavia, no momento presente da evolução emocional da criança as coisas se tornaram mais complexas do que antes.

Naïma se encontra atualmente no estágio da dependência relativa do amadurecimento do *Self* (e no início da latência, com relação às pulsões). Além de todas as angústias, encantos e tarefas a realizar próprias desse momento evolutivo, ela enfrenta o problema de conciliar as exigências e demandas de dois universos culturais distintos, devido a sua condição de filha de imigrantes e devido à maneira como Omeya experimenta a sua maternidade. Essa situação foi vivida também por sua mãe na infância, ainda que ela tenha chegado à França um pouco mais velha, e tenha realizado, assim, introjeções sólidas referentes aos costumes e à tradição de sua cultura de origem, em um lugar em que as coisas tinham todas um sentido definido. Entretanto, a própria Omeya não escapou de passar por um dilema importante com relação à sua pertinência cultural, dilema este que até hoje consiste em um dos pivôs do desenvolvimento do seu *Self*. Nesse momento, ela vê sua experiência se repetir com Naïma mesmo que não completamente.

A família argelina e muçulmana da díade imigrou para um país cujos costumes e maneiras de viver se chocam, muitas vezes, com aqueles do país de origem. O novo país, cujo valor principal é a autonomia individual e a liberdade pessoal, é visto como em franca oposição com a sua cultura de origem, mais estrita com relação à obediência à autoridade e às obrigações diante da família. Subitamente esta família se viu rodeada pelas seduções de um inimigo repreensível e delituoso, do qual era necessário se proteger. Essa situação parece haver intensificado os vínculos familiares que já eram muito estreitos. A família tornou-se o abrigo contra as tentações ameaçadoras desse entorno, o local onde era necessário encontrar um sentido específico convincente para preferir o limite à permissividade.

Alarmada por tudo o que existia no meio exterior a si mesma, a família de origem de Omeya operou um certo retraimento e um deslocamento das relações de agressividade para o mundo exterior. Frágil e sem poder contar com o entorno para apoiá-la nos momentos difíceis, a família tem muita dificuldade para suportar as rivalidades e oposições que acontecem em seu interior. Assim, o grupo criou uma divisão clara entre o “nós” e “os outros” e a aculturação de um membro começou a ser vista

como um tipo de insurreição e traição. Além da culpa que a revolta contra a família desperta, ela ameaça o membro de ser excluído do grupo. Esse banimento é mais agudamente sentido porque o mundo exterior, composto de pessoas autônomas, é percebido como frio e indiferente às necessidades pessoais.

Foi nesse contexto que Omeya cresceu. Essa dinâmica familiar a fez escolher a preservação da tradição familiar em detrimento de sua realização como pessoa independente desse grupo. Assim, o *Self* individual é muito próximo do *Self* familiar, embora na idade adulta ela tenha se permitido assimilar alguns hábitos franceses. É também nesse contexto que sua filha, “a queridinha da família”, chegou, rodeada das expectativas desse grupo tanto quanto às de sua mãe. Desse modo, por uma mistura entre convicções pessoais e desejo de escapar da culpa e para não se sentir desleal diante dos seus, Omeya educa Naïma rigorosamente segundo os preceitos da religião muçulmana. Na época da dependência absoluta da menina, quando a família tomava conta dela, essa situação não ocasionou problemas; todavia, nesse momento de dependência relativa em que a influência do mundo exterior começa a se impor à criança, o perigo se aproxima. Nesse sentido, é necessário vigiar a menina em seus movimentos rumo ao mundo exterior, a fim de selecionar as experiências que ele traz. Em outras palavras, é necessário preservar certos ensinamentos da realidade extrafamiliar e neutralizar ou recusar outros. Assim, além da escola, a família (principalmente o pai) desempenha um papel muito importante na educação da menina. Nesse sentido, às vezes as instruções da escola e da família se harmonizam e às vezes rivalizam abertamente.

Para alcançar o objetivo de manter o pertencimento cultural e religioso da filha face aos riscos do mundo exterior, Omeya procede de uma maneira muito particular com Naïma nessa etapa evolutiva. Se por um lado ela estimula a aprendizagem de ações práticas que tornarão a menina cada vez mais autônoma (a criança está matriculada em uma escola francesa), por outro ela intensifica a sua dependência afetiva para com a família. Nesse sentido, é necessário ressignificar tudo o que ela aprende na escola para que as práticas sejam desenvolvidas em um contexto aceitável para a família (o que não será sempre possível). Em consequência, é preciso supervisioná-la e estar o mais próxima possível para garantir que a menina realize as introjeções “corretas” (e rejeite as “incorretas”). Nesse quadro, Naïma começa a ver o mundo com uma certa desconfiança. Além disso, ela permanece à espera de que Omeya lhe mostre quais são as coisas que ela deve aceitar e as pessoas em quem ela pode confiar, e aquelas que ela deve rejeitar e se afastar. Nessa maneira de viver a dependência relativa, o espaço deixado pela ilusão precedente é preenchido pelo afeto, pela orientação e pela aprendizagem no núcleo familiar.

Nesse mesmo contexto, a oposição infantil, que permite a definição das fronteiras individuais do *Self*, é vivida de uma maneira também particular. Da mesma maneira que sua mãe, Naïma entende a assimilação dos valores, dos conhecimentos e da maneira de ser distintos da família (a aculturação) como sinônimo de deslealdade para com os seus. Esse sentimento e a sua desconfiança de um mundo exterior perigoso e insensível às suas necessidades a obrigam a sufocar todos os movimentos de

desafio dirigidos à sua família. É por isso que a rivalidade edípica e o antagonismo à autoridade são abafados assim que são percebidos. Dessa maneira, ainda que a autoridade masculina e adulta (paterna) a incomode um pouco, sua destituição torna a criança e a família vulneráveis aos perigos e ameaças oriundas do mundo exterior. Diante disso, a criança decide aderir aos ensinamentos e aos valores familiares por razões puramente afetivas, já que ela não compreende ainda muito bem qual é o sentido daquilo que a família lhe transmite.

Essa dinâmica relacional entre a díade conduz Naïma a um movimento constante de estender as fronteiras do *Self* rumo à aquisição da individualidade (processo subsidiado por suas aprendizagens fora do ambiente familiar) para retrai-las em seguida, devido à culpa e ao medo. A autonomia é permitida pela família somente de um modo parcial. Assim, a autonomia relativa às práticas que não se chocam com os valores e tradições familiares é bem recebida, enquanto que a dependência afetiva deve ser mantida por toda a vida.

Uma vez que não parece existir muita flexibilidade por parte da família para a assimilação dos valores culturais de sua nova sociedade e vice versa, a tarefa de conciliação entre essas duas maneiras de ser fica inteiramente a cargo da criança que, evidentemente, não consegue fazê-la. Essa situação, além de problemas de aprendizagem é possível de engendrar na criança um sentimento de estar dividida entre dois mundos diferentes. Nesse sentido, a retomada do problema da integração da personalidade, própria desse período, pode tornar-se mais difícil. Nesse sentido, mesmo que Omeya não esconda absolutamente o seu desejo de que a filha siga o mesmo caminho que ela (e que sua mãe também seguiu), ela parece estar, nesse momento, mais permeável a algumas influências da cultura francesa. Essa condição parece ter sido desenvolvida a partir de sua constatação de que sua mãe (a principal responsável pela união de sua família) não é eterna e que às vezes o seu entorno também lhe oferece boas coisas. Essa tolerância de Omeya ao sincretismo entre o melhor dos dois mundos será fundamental em sua tarefa de ajudar sua filha a solucionar os problemas das fronteiras do próprio *Self* e da integração de sua personalidade. Além disso, seu reconhecimento de que Naïma não teve exatamente as mesmas experiências que ela, o que lhe permite admitir a singularidade da filha diante dos outros, configura também uma característica favorável a essa ajuda.

Em síntese, Omeya e Naïma compõem uma díade que caminha relativamente bem na eterna tarefa do desenvolvimento dos próprios *Selves* e cujos problemas da dependência relativa são coloridos pela realidade da imigração a um país cuja cultura é muito diferente daquela de sua pátria de origem. Nesse caso, a capacidade da mãe para ser flexível e permeável a todas as mudanças que ela enfrenta será muito importante para o amadurecimento emocional de sua garotinha.

APÊNDICE C – Narrativa e Interpretação da díade brasileira

Díade Isadora e Ana Clara

Identificação

Isadora: 38 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: ensino médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Ana Clara, 10 anos

Criança estudada: Ana Clara

Ordem das entrevistas: 1) Isadora

2) Ana Clara

Narrativa de Isadora

Conheci Isadora na escola de natação que frequento, onde Ana Clara tem aula no horário anterior ao meu. Quando chego alguns minutos mais cedo, sempre a encontro esperando a filha. Num desses dias, conversei com ela sobre a minha pesquisa e a convidei para participar dela; Isadora aceitou imediatamente. Nessa mesma ocasião, em uma conversa informal, ela me revelou o seu desagrado em relação à situação da filha na sua turma de natação. A menina tinha aula com outra criança e duas mulheres adultas; estas, às vezes falavam sobre sexo durante a aula⁷⁰, o que incomodava muito Isadora. Descobrimos que Ana Clara é aluna da mesma escola em que faço a coleta de dados. Agendamos então um encontro naquele local.

Minha entrevista com Isadora ocorre alguns dias antes daquela com Ana Clara. Ela tem 38 anos de idade, cabelos e olhos castanhos claros e está ligeiramente acima do peso. É bastante simpática, sociável, descontraída e disposta a colaborar comigo. Explico a ela com maiores detalhes os objetivos de meu trabalho e peço-lhe que leia e assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o que ela faz sem demora. Em seguida eu lhe peço que me conte como é ser mãe de Ana Clara.

Ela inicia dizendo que a filha tem uma personalidade muito forte, e que cada fase de sua vida, desde quando ela era bebê, passando pelo caminhar e engatinhar, ficou marcada de uma forma, pois foram muito diferentes. Isadora conta que o fato de ter aberto mão de trabalhar fora de casa faz com que ela consiga levar a vida de uma forma mais tranquila, pois consegue estar junto da filha praticamente o dia todo, observá-la de perto, assim como suas amigas e seu comportamento. Ela diz que, de sua parte, tudo foi tranquilo e que ela acredita que só quem é mãe consegue descrever a experiência do que é a maternidade. Acrescenta que a maioria das mães deve ter dado quase o mesmo

depoimento (à minha pesquisa), dizendo que tudo foi maravilhoso, uma experiência inigualável. Ela diz que não tem do que se queixar, questionar e reclamar, que para ela tudo está sendo tranquilo.

Pergunto se Ana Clara é filha única e Isadora responde que sim; ela acha que é por causa disso que a filha se acha mais autoritária e no direito de opinar sobre certas coisas. Ela conta que esse comportamento aumentou quando a menina cresceu. Pergunto se ela percebeu isso nos últimos tempos e ela responde que essa conduta da filha ficou expressiva. Diz acreditar que, pelo fato de Ana Clara estar mudando, de estar naquela faixa etária de criança para achar que é pré-adolescente como ela (Ana Clara) brinca, Isadora está achando a mudança mais radical, não em termos do comportamento da menina, de dar mais trabalho ou de ter de colocá-la mais de castigo, mas com relação à mudança de personalidade da filha. Ela diz que Ana Clara teve um amadurecimento muito rápido em comparação com as amigas: ela percebeu que em menos de um ano, a menina cresceu quase cem por cento e que para ela (Isadora) a mudança foi radical. Ela explica que a mudança aconteceu, por exemplo, no estilo da menina se vestir, tipos de músicas e programas de televisão preferidos. Conclui que acha que esse tipo de mudança acontece de acordo com a idade e que, na fase quando ela era menor, foi tranquilo.

Isadora repete que deixou de trabalhar fora para cuidar da filha; com isso, Ana Clara sempre ficou com a mãe. Ela nunca deixou a filha com a avó ou com parentes próximos, mas era sempre ela ali, “em cima”, sempre vai levá-la e buscá-la nos lugares e a espera. Diz que prefere que as amigas da filha venham até a sua casa, deixá-las próximas dela e deixá-la ir a casa delas. Diz que não sabe se isso é zelo ou preocupação demais, mas que essa é uma opção dela. Pergunto qual era o seu trabalho e ela conta que era pedagoga e dava aula na educação infantil. Quando engravidou, trabalhou até os nove meses de gestação e depois se questionou: “E agora?”. Ela conversou com a sua ginecologista e esta a aconselhou a ficar com a filha caso pudesse, pois isso a realizaria. Isadora não se arrepende da decisão que tomou. Diz que sente falta da sua independência, de poder ter uma vida à parte e que o trabalho é enriquecedor, mas até hoje ela não está sentindo falta dele. O que ela pode fazer pela filha, ajudar, estar ali junto, ela faz. Diz que o que é gostoso em sua relação com Ana Clara, é que lhe diz brincando: “Eu sou sua mãe, mas eu quero ser sua amiga”. Diz que é muito aberta com a filha, que procura falar na mesma linguagem da menina. Diz que pode ser que a filha me fale: “Ah, a minha mãe é meio autoritária, é meio brava”, e que é lógico que às vezes ela precisa ser mais firme. Todavia, ela tem uma relação com a filha em que esta lhe conta tudo o que acontece no mundinho dela, o que Isadora acha legal. A menina lhe conta: “Ah, mãe, hoje o menino falou tal coisa, a minha amiguinha fez tal coisa” e ela vai orientando no mesmo patamar dela para que ela possa enxergar, porque a linguagem do adulto não seria adequada. Conclui, então, que isso dá certo, que está dando tudo certo, graças a Deus (sic).

Ela conta que, às vezes, as mães das amiguinhas da Ana Clara ligam para ela perguntando se ela sabe se aconteceu alguma coisa com suas filhas, pedindo para ela perguntar isso para Ana Clara.

⁷⁰ A conversa sobre sexo se referia ao fato de as mulheres se referirem a determinados homens como bonitos ou

Repete que a filha lhe conta tudo. Comento que, às vezes, ela sabe mais das amigas de Ana Clara do que suas mães. Isadora concorda, contando que Ana Clara tem uma amiga que faz natação com ela; a mãe desta menina muitas vezes a procura e lhe conta algumas coisas que aconteceram com as meninas. Isadora então se diz “Ah, ela (Ana Clara) não me contou, então eu vou perguntar”, para ver se as informações estão batendo. Aí, Ana Clara lhe conta (ela fala num tom de que a filha é sempre sincera com ela e confia nela). Isadora diz que tem dar uma liberdade para a filha se sentir à vontade. Acrescenta que não gosta de dar castigos para a menina e que procura conversar bastante com ela. Relata que não costuma tirar as coisas que a filha gosta (à guisa de castigo), como o computador, principalmente porque ela está naquela fase de mandar mensagem para as amigas, de fazer joguinhos no computador. Também não gosta de proibi-la de ir a algum lugar: “Ah, hoje você não vai à casa de sua amiga; você não vai participar do aniversário porque você fez tal coisa”. Ela diz que tenta ir no diálogo e que até o momento, ela não tem se arrependido do seu jeito de educar a filha, que está dando certo, tudo tranquilo. Ela silencia e eu proponho que comecemos a ver os cartões do CAT-A. Ela concorda e eu lhe mostro a primeira imagem. Peço a ela que a observe e que fale tudo o que vier à sua mente.

Quadro 1

Ela observa a gravura e diz: “Bom, vamos ver se eu entendi, né?”. Ela diz então que é a mãe com os filhinhos, no caso da proteção. Ela me olha em tom interrogativo e eu lhe respondo que cada pessoa vê algo diferente. Ela diz que entendeu assim: a proteção, o zelo e o cuidado, e que isso é uma coisa que ela procura fazer com a filha. Pergunto se ela se lembra de alguma situação referente à Ana Clara. Ela responde que se lembra de si mesma e da própria mãe que até hoje é assim com ela e os irmãos, sempre totalmente preocupada e querendo resolver todos os problemas de todo mundo, o que acaba até atrapalhando um pouco. Repete que percebe o zelo e o cuidado, o estar ali presente e que ela acha que é isso. Diz que não sabe se está certa. Pergunto se há algo mais que ela vê no cartão. Ela responde que não e pergunta se tem alguma coisa que ela não está enxergando. Pede que eu a avise se isso acontecer. Eu a tranquilizo, dizendo que os relatos são sempre opiniões pessoais e que não há certo nem errado no que se diz. Ela responde, então, que entendeu a proposta, e completa que às vezes outra mãe teve outra opinião. Ela me diz que sua questão é se houve alguma coisa que ela não lembrou, ou não conseguiu enxergar. Repito que realmente se trata apenas de uma opinião pessoal. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o segundo.

Quadro 2

No segundo cartão ela diz: “Ai, meu Deus!” e ri. Depois, diz que seria um medir forças. Ela diz que é “da seguinte opinião”, que o desenho está mostrando um cabo de guerra e que ela acha que o

urso menor é o filho. Ela continua dizendo que ela procura transmitir para a filha para nunca tentar medir forças com ninguém, que é tudo pela igualdade. Ela diz que na fase em que a filha está, ela pode querer ser melhor que os outros. Ela diz que eu, como psicóloga, posso compreender melhor que isso se passa nessa idade: “Ah, eu sou mais bonita; a minha letra está mais bonita do que a da outra; eu tirei nota melhor do que a outra...”. Ela diz que procura transmitir para a filha que a gente tem que aprender no mundo, mostrar para a filha que ela não vai ser sempre a melhor, que vai ter momentos que ela terá que aprender com as situações. Ela diz que é isso. De modo a tentar investigar a presença ou não do pai no seu relato, pergunto quem mora na casa. Ela diz que é ela, o marido, a filha e o cachorro. Completa que o animal melhorou muito a filha. Acrescenta que, da parte dela, ela sempre tenta fazer tudo, e que ela acha que isso está errado. Diz que essa sua característica não se aplica apenas em sua relação com Ana Clara, mas a todos em geral. Ela diz que, por exemplo, pede para a filha guardar um objeto no lugar e a menina não o faz; aí ela mesma acaba guardando. Conta que quando a filha quis ter um cachorro, Isadora lhe disse: “Ele é seu. Como eu cuido de você e cuido da casa, você vai ter que cuidar dele.” Aí ela acha que a menina criou um pouco de responsabilidade. Isadora diz que pelo fato de Ana Clara ser filha única e ficar sozinha em casa, o cachorro ajudou bastante na interação dela, pois ela brinca, faz coisas por ele, cuida dele, leva para passear, escova o animal. Além disso, o cachorro trouxe mais alegria para a casa. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 3

Ela começa a associar imediatamente e diz que no caso do leão, seria o rei. Ela conta que em sua casa não há hierarquia, no caso pai e mãe, ou o filho porque ele é menor, mas que eles se tratam todos iguais. Ela conta que o marido é mais ausente que ela, porque ele viaja muito. Com isso, às vezes, ele a chama porque Ana Clara fez alguma coisa, não que não seja certa, mas que desagrada ou por causa de um tom de voz mais alto. Nessas situações, ele tenta chegar para a filha e Isadora tem que ser mais tranquila, mais calma para não assustar a menina. Então, em sua casa é tudo igual: ele manda e ela manda e no que eles acham que Ana Clara pode opinar, ela opina. Ela diz que eles procuram ouvir bastante a filha, pois ela também é um membro da família e tem que estar ali junto nas decisões que eles têm que tomar. Ela diz que por Ana Clara ainda ser criança e estar em fase de crescimento, de formação, é necessário mostrar qual é o caminho certo, mostrar os valores, mas não tem essa parte de autoritarismo, tipo: “Eu é quem mando aqui e você tem que baixar a bola”. Diz que tem que ter essa parte de respeito, de um respeitar o outro. Ela conta que outro dia brigou com o seu marido, e que ela acha que quem diz que não existem discussões, está mentindo, porque ninguém pensa igual a ninguém. Ela diz que o que ela procura manter em sua casa é que tudo se passe sem gritos, sem stress, porque a gente já vive num mundo... (ela não completa a frase). Ela diz que, se um lugar em que a gente se sente bem, que é dentro da nossa residência, for transformado numa batalha de guerra... (ela não completa a frase). Então eles procuram fazer as refeições juntos, mas às vezes os horários não

coincidem. Ela diz que o marido trabalha fora e às vezes chega cansado; ela então pede para a filha “manejar” em seus comportamentos.

Ela acredita que a filha não está em fase de rebeldia, mas sim em fase de mudança, porque os hormônios vão mudando, o comportamento muda e ela deixa de ser menininha para ser mocinha; com isso fica um pouco de conflito na cabecinha dela. Diz que é aquela fase do “Sai para lá!”, “Me deixa quieta!”, então ela (Isadora) tenta ser mais tranquila. Isadora diz que mesmo assim não deixa de passar mensagens para a filha, mas que procura fazê-lo de forma mais relaxada. Contudo, há horas em que isso não dá certo, momentos em que precisa “chegar mais junto”. Diz que quando a filha está nessa fase mais “nervosinha” (sic), ela deixa passar um tempo e permite que a menina fale o que ela quer, mas isso não significa que ela não dê broncas. Depois, quando a filha está mais tranquila, Isadora pergunta se ela acha que agiu de forma correta, pedindo para ela se colocar no lugar dela e do seu pai. Isadora conta que no dia anterior a filha havia sido mal-educada com a avó porque estava atrasada para a natação e que, no carro, quando ela estava com sua amiguinha, ela conversou com a filha: disse a ela que a avó a ama, faz tudo por ela e se preocupa. Disse que não iria chamar a atenção dela naquele momento porque ela estava com a amiguinha, mas que, quando chegasse em casa, ela deveria ligar para a avó e pedir desculpas. A filha procurou justificar que não estava sendo mal-educada e Isadora lhe disse para se colocar no lugar da avó. Depois, a menina disse que falaria com a avó apenas no dia seguinte, mas Isadora não deixou e então a filha telefonou e pediu desculpas para a avó. Isadora diz que são coisas assim que acontecem, que não geram stress. Diz que procura conduzir a educação de Ana Clara dessa forma. Afirma que pelo fato de o marido trabalhar fora, ela é mais responsável pela criação da filha, mas não pela educação. Entretanto, às vezes ela pede a ajuda dele: espera que ele chegue em casa e lhe conta o que aconteceu, mas também é tudo tranquilo. Contudo, em alguns dias eles precisam ser mais firmes com a menina. Isadora diz novamente que a educação da filha está sendo tranquila, “graças a Deus” (sic). Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

Isadora observa a figura e diz que também entende que ela se refere à forma de proteção, de querer carregar os filhos junto com ela. Ela pergunta se é isso que o cartão está querendo passar e diz novamente que acredita que se refere a querer carregar os filhos em baixo da saia, levar amor, alimento e protegê-los. Ela diz que não sabe se eu fiz um trabalho com os pais, mas que ela acredita que é diferente, pois a mãe é mais responsável, que o amor de mãe é “incrível”, que os sentimentos são diferentes e que ela sabe quando uma coisa não vai bem. Ela repete que o amor de mãe é diferente do amor de pai, pois a mãe sente e se preocupa mais com os filhos. Ela diz que se uma coisa vai acontecer daqui a uma semana, ela já se pega preocupada hoje: “Como ela vai fazer?”, mas não deixando de se preparar para a vida. Ela diz que filho não é para a vida toda (seu tom de voz nesse momento é quase de um lamento), mas que ele vai crescendo, vai “criando asinhas” e chega uma hora que a mãe tem somente que dar o apoio psicológico, mostrando para ele: “Eu estou aqui, não esquece”.

Comento que esse é um momento delicado também para a mãe. Ela diz que hoje, comparando com as amigas que têm bebês pequenos, na fase que a filha está vivendo, ela já é mais independente. Com relação às crianças menores, ela vê mães que reclamam demais: “Nossa, eu não dormi a noite inteira!”; “Nossa, ele tá me dando trabalho!”; “Eu não aguento as minhas costas, não vejo a hora que ele começará a andar!”. Ela diz que pensa que conforme a criança vai ficando mais velha, as preocupações vão aumentando. Conta que hoje ela olha para trás com saudade, porque foi uma fase muito gostosa e que passou muito rápido. Diz que hoje em dia as preocupações são diferentes, preocupações com o mundo em que estamos vivendo, com as amizades que os filhos têm. Ela diz que antes carregava a filha para todos os lugares junto dela, colocava a roupa que ela (mãe) queria e comia a comida que a mãe queria. Ela conta que hoje há lugares onde ela vai e que a filha diz que não gosta de ir; entende que quando a menina se tornar adolescente, ela não vai mais querer acompanhá-la. Ela repete que hoje em dia tem outras preocupações que são muito mais sérias do que no passado e que ela entende que essa é a fase em que é preciso dar uma boa formação, senão sabe-se lá que tipo de adolescente a criança vai se tornar. Ela diz que é preciso estar em cima, olhando o que está escrevendo no computador, com quem está no telefone. Ela diz que não está sendo difícil, mas que esta fase é mais trabalhosa e que percebeu que o cartão está querendo dizer sobre o zelo e a proteção. Ela me entrega a gravura e eu lhe mostro a última.

Quadro 8

Ela examina a figura e diz que precisa ver se a entendeu. Depois, diz que visualiza o diálogo ou não dar ouvidos para... (ela não completa a frase). Diz que não sabe se é isso o que o cartão transmite. Diz, em seguida, que procura conversar muito com a filha, sendo mais a favor do diálogo do que do castigo ou da repreensão. Diz que tem essa liberdade com a filha, que isso ocorreu de forma espontânea, ela não escolheu ser assim. Diz que Ana Clara lhe deu essa liberdade de elas se respeitarem. Ela diz que conta suas coisas para Ana Clara e a menina conta as suas coisas para ela. Diz que percebe que, mesmo se influenciada por uma amiguinha, Ana Clara poderia lhe omitir alguma coisa, a filha lhe conta: “Olha, mãe, a minha amiguinha falou assim, você acha que é legal isso?”. Ela diz que o cartão está tentando transmitir isso, o diálogo de pais, tentando conversar, explicar tudo o que está ao redor do nosso mundo e tentar analisar bem os outros de fora, pois não tem como deixar o filho dentro de uma redoma, pois o “mundo está aí” e o círculo de amizades vai sempre aumentando mais. Ela diz também que pode ser a macaca tentando dar uma bronca, mas diz que não sabe e pergunta se eu não posso falar nada. Respondo que cada um interpreta de uma forma e a mãe diz que acredita que o quadro se refere à orientação. Ela me devolve o cartão e nós começamos a conversar mais livremente.

Digo que ela parece estar já se preparando para a etapa da adolescência da filha. Isadora responde que sim e eu completo que parece que ela está procurando visualizar como vai ser essa fase. Ela confirma e conta que há seis meses a filha assistia *Discovery Kids*, *Walt Disney*, desenho animado

e não se importava com a aparência, de querer se mostrar bonita para os outros. Ela diz que, de repente, Ana Clara deixou de ouvir a Xuxa para ouvir músicas internacionais e clipes. Ela diz que está acompanhando, mas que foi uma mudança muito rápida. Ela conta que, ao mesmo tempo, as amigas da filha já são mocinhas e falam de “namoricos” (sic), de um menino que é bonito. Ela diz que não imaginava que a mudança seria tão rápida. Ela conversou com a sua ginecologista e esta lhe disse que isso é normal, pois o corpo está se preparando e os hormônios estão mudando. Isadora conta que a filha “ainda não é mocinha” (não teve a menarca), mas que o organismo vai mudando e que a filha vai sentindo; ela acredita que é por isso que houve essa mudança de comportamento da menina. Segundo Isadora, agora a filha quer cada vez comprar mais coisas, roupas novas, mostrar-se: “A minha amiga comprou tal coisa”; “Eu quero fazer igual”, então foi essa a mudança de comportamento da filha. Diz que a menina deixou de ser a “bebezinha” dela, de pedir colo, e repete que a mudança de comportamento foi meio radical. Comento que ela diz que também houve uma mudança no relacionamento entre elas. Isadora confirma e diz que a forma do diálogo com a filha muda. Diz que percebe que a filha às vezes chega meio irritada ou cansada da escola e que ela pergunta o que aconteceu ou o que está acontecendo. Repete que o estilo de diálogo entre as duas mudou. Isadora conta que a filha já veio lhe perguntar sobre sexo (ela baixa sutilmente o volume da voz), assunto que antes não lhe suscitava nenhuma curiosidade. Isadora diz que essas são situações delicadas que ela tem que explicar de acordo com a idade da filha para não chocá-la. Diz que explicou à filha aquilo que ela tinha interesse em saber e que depois a menina não perguntou mais. Ela diz que Ana Clara lhe contou que uma amiga brigou com a outra porque as duas estão gostando do mesmo menino. Isadora lhe respondeu, brincando, que elas não têm idade para namorar, mas que precisam estudar: “Dez anos, nem saiu das fraldas!”. A filha então lhe respondeu que não é mais um bebê.

Isadora diz que tenta passar a mensagem de maneira mais leve, sem ter que “sentar para conversar”. No dia em que a menina lhe perguntou sobre sexo, ela se indagou: “Bem, está chegando a hora, então vamos sentar e explicar, mas vou te explicar aquilo que você tem interesse”. Repete que tenta passar as mensagens para a filha de uma forma mais “light”. Diz que na fase de zero a três ou quatro anos, a mãe é mais protetora, está ali para cuidar, garantir que o filho coma bem. Quando os filhos vão para a escola, “eles já se tornam assim, entre aspas, mais independentes”, então hoje em dia o seu papel é diferente”. A menina já toma banho sozinha, já se alimenta sozinha, acorda, se troca sozinha, então ela (Isadora) não tem mais aquela função do zelo e do cuidado, de proteger, de saber se está bem e tudo, é outro tipo de cuidado que a mãe começa a ter, é outra visão. Diz que é outra visão do mundo, mesmo porque ela tem que preparar a criança para o que está por vir. Ela diz que não sabe se eu estudei mães de meninos, porque ela acha que com os meninos esse processo é diferente. Ela explica que foi por isso que nessa trajetória de dez anos, ela procurou estabelecer um relacionamento com a filha de amizade, nada de impor “Eu sou sua mãe, você tem que me respeitar!”. Ela diz que é lógico que a filha tem que respeitá-la, mas que ela nunca quis passar medo. Ela procurou fazer algo mais tranquilo, para que quando chegasse nessa fase as coisas fossem mais tranquilas. Todavia, ela

não planejou que fosse assim, as coisas aconteceram naturalmente, que isso vai depender do temperamento da pessoa, de como a pessoa consegue conduzir. Disse que antes de ir para a escola, era só ela e a filha, então se as duas iam para algum lugar, iam para a casa da avó, então era diferente. A partir do momento em que a filha começou a ter contato com outras pessoas, ela já começou a enxergar de outra forma; por isso ela procurou trazer Ana Clara para si, para a menina ter essa liberdade de lhe contar tudo o que acontece, suas dificuldades, suas dúvidas: “Por quê procurar uma terceira pessoa?”. Ela repete que está conseguindo fazer isso.

Ela diz que está o tempo todo junto com a filha e que percebe quando ela está triste, irritada e que às vezes, se a filha não quer falar naquela hora, ela então “vai dar uma cutucada” mais tarde, mas de uma maneira tranquila. Ela diz que acha que na etapa que vem pela frente, na adolescência, a filha vai precisar muito do apoio da mãe. Diz: “Se você não tem aquela visão de ‘minha mãe é minha amiga’, então você vai procurar quem?”. Assim, ela tenta ter uma relação com a filha nesse sentido. Rindo, ela diz que acredita que está conseguindo e que não acha que a menina, daqui a alguns anos, vai se tornar uma adolescente “rebelde” (sic). Brincando, ela diz que daqui a alguns anos, ela me contará o resultado de tudo isso. Ela silencia e eu pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela responde que não e nós finalizamos a entrevista.

Interpretação Isadora

O relato de Isadora ao CAT-A mostra a trajetória que ela fez até agora como mãe e o modo como vive, neste momento, o que concebe como uma mudança radical no desenvolvimento de sua filha. Dessa maneira, a descrição que ela faz das fases de amadurecimento da menina é acompanhada de outra sobre as diferentes etapas que ela viveu e vive como mãe, o crescimento de uma seguindo passo a passo o da outra. Ela separa a sua experiência materna em duas fases. A primeira delas estaria situada entre o nascimento e o terceiro ou quarto ano de vida da filha, enquanto a segunda, que ela vive agora, se iniciaria deste último ponto até o momento anterior ao início da adolescência, em que as modificações que encaminham a este novo período tornaram-se, de súbito, mais evidentes. O divisor de águas entre essas duas etapas, para ela, foi o ingresso de Ana Clara na escola. Nessa segunda fase, o tema que ela elege como sua preocupação é como garantir a proteção da filha num momento em que ela adentra o mundo adulto. O que a inquieta em particular é a exposição da menina aos perigos do mundo, físicos e emocionais, principalmente as influências de pessoas do meio extrafamiliar. Seu receio é o de que estas pessoas possam massacrar as ilusões da menina por meio de uma imposição dura e cruel da realidade objetiva e, com isso, provocar tamanho sofrimento e decepção, que a levaria a recusar tudo o que ela e a mãe construíram de positivo em sua relação e que repercute no desenvolvimento de uma garotinha adorável. Trata-se, enfim, do temor de que o mundo macule a inocência infantil da menina. Nesse contexto, o acesso ao conhecimento da sexualidade, própria e dos pais, seria o símbolo maior da perda dessa pureza. Todavia, o medo de que o mundo se aproveite da filha conduz Isadora a admitir que o abandono da candura e da ingenuidade é uma necessidade, caso

contrário a menina se tornaria vulnerável. É nesse processo que ela deseja estar junto com a filha, operando, pouco a pouco, as desilusões e desidealizações fundamentais, de modo a mostrar-lhe que, embora o mundo não seja um conto de fadas, a vida ainda vale a pena, bem como o esforço de estabelecer relações baseadas na fraternidade e na solidariedade. Nessas condições, ela também guardaria a confiança da menina, que não sentiria ter sido “enganada” pela mãe que lhe mostrou anteriormente uma realidade que não existe. Daí o incômodo de Isadora quando o mundo passa à sua frente nessa tarefa, dada a chance de corromper sua relação com a menina: essa ultrapassagem é sentida por ela como uma invasão prematura e indesejável na vida de ambas. Contudo, ela percebe que não pode mais evitar esse tipo de intrusão, dado o momento específico que ela vive com a filha.

Assim, sua condição de mãe é agora muito diferente daquela que ela define como a da primeira etapa. Nesta, a menina era quase indiferenciada dela e partilhava simplesmente de suas decisões, gostos, gestos e atitudes. O mundo da filha era o mundo que a mãe construía e apresentava. Nessa relação, a proximidade corporal e os limites estreitos da realidade em que a garotinha vivia, garantiam a sua proteção contra as más influências exteriores. A união assegurava a imunidade da criança, a identificação primária sendo a vacina contra as invasões. A vulnerabilidade e fragilidade da criança seriam compensadas pela força e habilidade maternas. A sobrecarga física da mãe seria contrabalançada pela tranquilidade emocional: o filho não criaria asas para voar para longe do ninho e se expor. O papel da mãe seria, então, o de oferecer *holding* e proteção. Nesse mundo infantil pequeno e aconchegante, os pais, principalmente a mãe, teriam um controle maior sobre o que se passaria no desenvolvimento do filho. Diante dessa concepção, Isadora deu o melhor de si e renunciou à sua atividade profissional em busca de uma dedicação integral à filha.

Por ocasião do ingresso de Ana Clara na escola, outras pessoas passaram a fazer parte do cotidiano da menina e a ganhar importância na vida dela. Na visão de Isadora, até há pouco tempo atrás, essas modificações aconteceram de forma discreta, ela se mantendo como a pessoa mais importante da vida da filha. Contudo, repentinamente, uma nova realidade se impõe e Ana Clara começa a mostrar-se como alguém diferente dela, a opor-se a ela, a ter uma individualidade. Ela torna-se mais permeável à influência alheia, dá ouvidos aos outros e se torna crítica frente aos pais (é exigente e exige opinar sobre os assuntos). Isadora se vê, então, obrigada a repensar o seu papel materno, de modo a acompanhar a evolução da filha. Duas inquietações a acompanham, ambas relacionadas à ampliação do campo de introyeções que começa a operar na filha. A primeira delas é referente à aprendizagem, aos recursos que a menina desenvolveu e que dispõe atualmente para fazer face aos desafios do mundo. Se ela não é mais um bebê, também não é ainda uma adulta apta a enfrentá-los. Enfim, ela se encontra no limbo da transição da dependência total para a independência, e deve começar a responder às demandas da realidade sem a ajuda diuturna da mãe. O tema da capacidade de produção e de realização da filha ganha, assim, espaço em sua vida.

Mais importante, contudo, é o receio de que as novas introyeções que a filha realiza, as novas descobertas que ela faz, os novos conhecimentos a que tem acesso, nem sempre compatíveis com o

que os pais lhe ensinaram, degradem a relação com a mãe. O temor de Isadora é o de que a confiança se quebre e que a criança rejeite tudo o que a mãe lhe proporcionou. A confiança precisa, assim, ser assegurada e é por isso que cabe a ela desiludir a menina e mostrar-lhe a realidade objetiva aos poucos. Na impossibilidade de resgatar a intimidade física, a relação corpo a corpo com a menina, Isadora busca, então, uma relação de cumplicidade psíquica com Ana Clara. Se a influência extrafamiliar é inevitável, seria a ausência de segredos entre as duas que lhe permitiria acompanhar o que ocorre na vida da filha, neutralizar as influências negativas, acomodar o que ela descobre ao que os pais lhe ensinaram, filtrar a dura realidade objetiva e, acima de tudo, orientá-la sobre como fazer face aos novos desafios e às inevitáveis decepções que estão por vir. Com isso, ela amortece a dor pela perda das ilusões e torna a menina mais forte.

Assim, Isadora busca acompanhar e controlar de perto as introjeções que a filha realiza. Nesse processo, ao invés de estimular que a filha saia para o mundo, ela prefere que mundo adentre o seu lar, sob o seu olhar vigilante (ela prefere que as amigas da filha venham à sua casa a deixá-la ir visitá-las). Quando o mundo não se apresenta diretamente sob os seus olhos, ele é trazido por meio do relato da menina, na nova intimidade que elas estabeleceram, mesmo se às vezes a filha reclama privacidade. Em suma, não há interdição de que a menina atinja o mundo (ou vice-versa), mas apenas um controle sobre a maneira como esse processo se desenrolará.

A condição para a preservação desse controle protetor é a de que a relação entre ambas não se sustente em bases demasiado assimétricas. Com isso, a imposição de limites deve ser efetuada de uma forma particular, em que o autoritarismo cede lugar à explicação, ao diálogo e à orientação. A tolerância diante das demandas da filha, o respeito à sua opinião dentro dos limites que sua situação de criança lhe permite, impediria uma oposição mais acintosa da menina e a reivindicação de uma maior privacidade que a afastaria da mãe. Isadora tenta, assim, suavizar os conflitos e estabelecer a obediência da menina sobre as bases da empatia e da compaixão. Todavia, ela admite que nem sempre essa conduta é possível, sendo às vezes necessário infligir a autoridade de maneira mais firme.

Esse modo de prescrever os limites escolhido por Isadora depende todo o processo de desilusão que ela opera e se sustenta em um dos seus eixos mais importantes: a renúncia ao narcisismo, resquíio do estágio anterior. Nesse sentido, Isadora enfrenta a perda de sua condição de ser perfeita para a filha e, ao mesmo tempo, a admissão de que a filha também não o é. A delicadeza com que ela conduz a menina a essa dolorosa constatação permite, do seu ponto de vista, que ao invés de um sentimento de inferioridade, ela desenvolva o respeito pelo próximo, a solidariedade e a responsabilidade.

Em síntese, nesse momento evolutivo da filha, Isadora sente que sua tarefa como mãe é a de estar junto dela nesse trajeto da desilusão. Diante das surpresas que a menina deverá enfrentar nesse processo, ela quer estar por perto para segurar a sua mão, enxugar as suas lágrimas e partilhar da alegria das suas conquistas. Se esse caminhar não pode ser isento de sofrimento, cabe a ela como mãe,

e à ninguém mais, mostrar isso à menina. Maiores detalhes sobre o relato de Isadora ao CAT-A são descritos na análise de cada quadro.

Quadro 1

Em seu relato a esse quadro, Isadora revela sua intenção de permanecer próxima da filha, de mantê-la “debaixo das suas asas” a fim de lhe assegurar proteção. Ela refere, nesse sentido, sua identificação com a própria mãe, e a sua vontade de fazer tudo corretamente e nada deixar passar, expressa na relação transferencial comigo, na preocupação de não negligenciar nenhum detalhe do cartão. Assim, em certo sentido, ela deseja ser como a mãe e busca a aprovação dela em seu exercício da maternidade. Ao mesmo tempo, todavia, ela percebe que a superproteção perturba a vida independente dos filhos, portanto, em alguns pontos, ela também deve não ser como a mãe. A proteção, dessa maneira, deve ser exercida, mas respeitando a autonomia da criança.

Quadro 2

Em continuidade ao seu relato anterior, Isadora mostra nesse momento que, em seu desígnio de promover a autonomia da filha de uma maneira protegida, ela deve começar pela elaboração do narcisismo, próprio e o da menina, que caracterizava a etapa anterior. Assim, ela busca controlar sua tendência de tudo fazer pela filha (como acontecia com sua mãe), já que isto poderia fragilizá-la. Além disso, ela deve ajudar Ana Clara a desenvolver uma imagem mais realista de si mesma, mais modesta, que leve em conta suas imperfeições e sua incompletude. Desse modo, ela prepara a menina para as decepções inevitáveis que a vida impõe e, adicionalmente, sedimenta nela o respeito pelo outro. Com isso, transformando a rivalidade em solidariedade, ela estará em melhores condições de gerenciar os conflitos e não se exporá a eles inutilmente. Paralelamente à aceitação das próprias limitações, Isadora ajuda a filha a descobrir os próprios recursos, por meio da atribuição gradual de responsabilidades (o cachorro), o que a filha aceita com prazer. Trata-se, assim, de auxiliar a filha a descobrir o que ela é capaz de fazer e o que não é.

Quadro 3

Também em continuação ao relato precedente, Isadora mostra que a consequência da elaboração do narcisismo seria o respeito mútuo. Nesse contexto, a imposição de limites a Ana Clara, reconhecida como necessária, não pode ocorrer por meio de uma conduta autoritária da parte dela nem do pai. Embora a relação seja reconhecidamente assimétrica, a filha tem direito à voz e usufrui, dentro de certos limites, do direito de opinar nos assuntos familiares. Seu ponto de vista é levado em conta e ponderado. Os esforços de Isadora para estabelecer um ambiente democrático na casa nem sempre são frutíferos e, com isso, ela deve eventualmente fazer uso de argumentos de autoridade. Contudo, a forma eleita por ela como a principal para impor os limites é a de levar a filha à reflexão sobre as consequências dos seus atos sobre as pessoas, ou seja, da empatia e indução da responsabilidade e da

culpa. Embora ela tenha tentado transmitir a impressão de que a relação entre ela e o marido era mais igualitária, ele parece ser a autoridade principal da casa e, diante da existência de conflitos, Isadora busca suavizá-los ou minimizá-los. Essa conduta é resultante de seu desejo de manter o lar como um refúgio seguro e prazeroso, face às duras e inúmeras interdições do mundo exterior.

Quadro 4

Estabelecido o lar como o abrigo contra as intempéries e as frustrações do mundo, Isadora revela, em seu relato a essa figura que, por mais agradável que seja a situação de guardar a filha “debaixo de sua saia”, haverá um momento em que a necessidade de deixar a menina partir vai se impor. É nesse relato que ela expressa a sua experiência materna no que ela definiu como as duas grandes fases do desenvolvimento de Ana Clara. É também aqui que ela se interroga sobre como oferecer a proteção quando a criança começa a sair do ventre substituto do lar. Do seu ponto de vista, a separação que acontece agora deve ser compensada por uma maior aproximação entre as duas, para garantir que a filha realize as introjeções necessárias à vida independente e rejeite aquelas que poderiam lhe causar danos e deixá-la vulnerável. Nesse processo de transição, em que o narcisismo já se extraviou e as introjeções são ainda incompletas, ela se interroga sobre a eficiência delas, se elas foram transformadas em recursos que a menina pode dispor para enfrentar os desafios da realidade exterior. Ela parece sentir que cada exigência do mundo que é feita à filha é uma espécie de teste quanto a isso, a saber, o quanto a garotinha, com suas qualidades e limitações será capaz de fazer face às exigências da realidade. Nesse caminhar rumo à autonomia, em que a mãe se torna cada vez mais “interna” no mundo do filho, Isadora tem o receio de, como pessoa, vir a se tornar desnecessária na vida da filha, de que esta a “esqueça”. Assim, mesmo que ela se prepare para um certo tipo de luto que virá no futuro, ela quer mostrar à Ana Clara que, independente do que aconteça, ela estará sempre lá por ela.

Quadro 8

O relato de Isadora a este quadro reitera o que ela já havia comunicado anteriormente sobre os seus esforços para garantir que a filha faça as introjeções necessárias para assegurar-lhe a vida independente, incluindo os valores e a cultura familiar. Do mesmo modo, colocando limites à filha, ela ensina também a garotinha a barrar a entrada, em seu mundo interno, das influências (introjeções) que ela acredita contrárias ao bem-estar da filha ou relativas a valores que ela (Isadora) reprova. Sua maneira de realizar esse intento é por meio de uma relação de proximidade e de confiança em mão dupla. É nesse contexto que o diálogo e a orientação seriam eficazes, embora a imposição mais firme da autoridade precise ser ocasionalmente realizada.

Em resumo, Isadora é uma mãe bastante devotada à sua filha que busca, nesse momento, acompanhá-la em sua nova etapa de desenvolvimento, quando a menina começa a ganhar o mundo. Nessa jornada, ela a ajuda a elaborar o narcisismo e o luto pela infância anterior (enquanto elabora os

próprios) e apresenta, ela mesma à garotinha, a realidade em pequenas doses. Seu intento é amortecer as decepções que a filha enfrentará diante da perda das ilusões, mostrando-lhe que, mesmo não sendo perfeita, a vida vale a pena. Em sua empreitada de proteger a filha das influências nocivas do meio, ela busca guardar com ela uma relação de confiança e de respeito, que é perturbada algumas vezes pela necessidade de oposição da menina, ocasiões em que os limites são impostos de maneira mais firme. Ciente de que, com o passar do tempo, a sua função se tornará cada vez mais internalizada pela menina e que o vínculo entre as duas ocorrerá de modo cada vez mais simbólico, ela deseja, mesmo assim, mostrar para sua garotinha que estará sempre lá nos momentos em que ela precisar.

Narrativa de Ana Clara

Encontro Ana Clara alguns dias depois de minha conversa com sua mãe. Ela é uma linda garotinha de dez anos, doce, delicada e prestativa. É magra e tem estatura condizente com a idade. Tem a pele morena clara como a da mãe, cabelos e olhos da mesma cor que os dela. Ela já havia me visto algumas vezes chegando na escola de natação, mas eu me apresento novamente e conto a ela sobre o meu trabalho. Explico que eu já havia conversado com sua mãe e pergunto se ela poderia colaborar comigo na pesquisa. Ela aceita prontamente. Pergunto se ela gosta de animais e ela responde que gosta bastante. Falo então que vou lhe mostrar alguns desenhos de animais e que gostaria que ela inventasse uma estória para cada um deles. Ela concorda e eu lhe apresento então o primeiro cartão do CAT-A.

Quadro 1

Ela observa a figura e diz: “Assim, a estória, assim, é de cada figura ou de cada animal, assim? [Do jeito que você quiser.] Bom, um dia tinha três patos, né, patinhos, brincando, ou pintinhos, não sei, porque tem uma galinha, brincando. E a galinha, a mãe deles, chamou para o jantar, e pelo visto, eles estão reunidos para comer, não é? É, não tenho muita imaginação, mas é isso, né? (Ela sorri). Mas acho que é assim, né, três pintinhos, são irmãos, né, tavam brincando, aí a galinha-mãe, chamou para comer, porque eu estou vendo três tigelas, dois estão com os lencinhos, um não, isso eu não sei por quê (ela sorri), e um prato assim, a galinha meio apagada, então eu imagino isso. [E o que eles estão achando dessa situação?] Acho que tão achando legal, gostosa, não sei, eu imagino isso. [E como você acha que poderia terminar a estória?] Ah, eles comem, né? E acho que eles brincam mais, depois a mãe chama para dormir e depois começa o outro dia, eu acho isso. É isso, eu não sei mais. [E um título para a estória?] Um título? ‘Um dia divertido’, não sei, ‘Um dia entre irmãos’, algo assim. Ela me devolve o quadro e eu comento que sua estória foi bonita e que ela tem imaginação, sim. Ela sorri. Mostro-lhe então a gravura seguinte.

Quadro 2

“Aqui eu acho que são três ursos, né, o pai, a mãe e o filho. Eles estão brincando de cabo de guerra, eu acho, né? Ah, eles estão brincando para se divertir mesmo, né, em um dia em família, eu acho. Esse poderia até ser o título, porque para mim tem dois ursos grandes e um pequeno, então eu acho que o pequeno é o filho e os dois grandes, um é o pai e o outro é a mãe. [E qual é o pai e qual é a mãe?] Eu acho que esse é o pai (ela mostra o urso que está junto com o menor) e esse é o menino, para mim é, né, e esse é a mãe. Agora, eu acho assim, um dia em família e eles estão brincando, agora um final para a estória, eu não sei o que eu posso colocar, porque... Aí eles brincam, continuam brincando, até que cansam, igual ao outro, e vão dormir e começa um novo dia, porque eu não sei outro, e o título eu daria ‘Um dia em família’. [E algum deles ganha a brincadeira ou não?] Não sei, assim, eu, se fosse para falar quem ganhasse, eu acho que seria os dois que estão do lado, os dois, mas não sei mais nada dessa figura aqui, não.” Ela sorri, me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 3

“Eu acho essa figura aqui, que nem diz o ditado, né, que o leão é o rei, então ele tá sentado numa cadeira bem grande, eu acho que por causa de ele ter essa fama de ser o rei da floresta, não fazendo nada, né, mas parece que ele tá meio velhinho, com uma bengala do lado, né? Ah, eu acho isso, que ele vai ficar aí, reinando os outros animais e o título para esse desenho, eu acho que poderia ser: ‘A vida de um rei’, ‘A vida de um leão’... Mas eu também não tenho mais nada para esse desenho. [E como você acha que ele está se sentindo?] Ah, eu acho que ele está se sentindo meio solitário ou ‘o poderoso’, né, porque pelo visto ele tá sozinho, tá meio triste, não sei, assim, e eu acho que ele também tá se sentindo meio poderoso, porque ele tem essa fama de rei, e essa cadeira que ele tá sentado... segurando um cachimbo, o jeito que ele tá sentado, para mim é isso (sua maneira de falar é como se a cadeira, o cachimbo e a postura justificassem o poder que ela atribui ao personagem). [É, às vezes ser poderoso afasta as pessoas, né?] É (ela sorri). [E o título?] Eu acho que seria ‘A vida de um leão’, acho que seria isso, pelo que eu acho da figura (ela sorri).” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

“Esse aqui, eu acho que é a mamãe canguru que quis passear, né, com seus filhotes, e ela teve que fazer umas compras, porque ela está com uma bolsinha, né, um chapéu e uma cestinha cheia de coisas. Então, acho que o título para esse desenho aqui, eu acho que poderia ser ‘Compras em família’, porque eu acho que aqui é a mãe, aqui é o bebezinho, e aqui o irmão, né, porque para ser o pai, eu acho que ele tá pequeno. E eu acho que além dela sair para fazer compras, ela saiu para divertir com os filhotes, porque um tá com a bicicleta, um tá com o balão, então para mim seria assim, o título que eu te falei: ‘Um dia em família’, ah não, um dia não, ‘Compras em família’ ou passeio, né? Então eu acho isso para a figura, né? [E como você acha que esses filhotes estão se sentindo?] Eu acho que eles estão felizes, né, uma por estar com a mãe, e outra por eles estarem se divertindo né? E a mãe, eu acho que

pelo visto, que ela tá com a mão na cabeça, tá meio com pressa (Ela ri). Eu acho isso, não sei mais definir mais nada para essa figura também.” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

“Bom, esse eu acho que nessa é uma festa de macacos, né, também, ou é em amigos ou é em família, né? Mas eu acho que essa aqui é a mãe, esse é o filho e esses daqui eu acho que são amigos, pelo tanto que eles estão conversando né, até fofocando, né? E aqui, esse quadro, né, eu acho que é de algum familiar desses e eu acho que esse podia ser ‘Festa de macacos’ ou ‘Festa de animais’, porque esses são animais e os animais são macacos, né, ou um chá da tarde, porque tem dois tomando café, né, e eu acho que também é uma reunião aqui, de vários familiares, amigos, no caso fazendo... reunin... reunin..., reunindo, ou tão celebrando alguma coisa, eu acho isso dessa figura. [E o que esses daqui estão conversando?] Ah, eu, eu acho que esses dois, que tem o pequeno e a maior, ou ela está dando uma bronca ou tá pedindo para ele fazer alguma coisa, né, eu acho isso, né? E esses dois aqui, devem estar conversando algo sobre o dia a dia, né, porque eu vejo que eles estão mais é fofocando aqui, por causa da mão, e eu acho que eles estão falando alguma coisa sobre o dia a dia. E esses dois, o pequeno e a maior, eu acho que ou ela tá pedindo para ele fazer alguma coisa, evitar assim, ou... e o tema é igual eu disse, que eu não me lembro mais, ‘Reunião de animais’, ou alguma coisa assim, isso é o que eu acho dessa figura também. [E o que esse pequenininho tá achando disso tudo?] Eu acho que ele tá meio surpreso, pela cara, né, mas... ou ele tá gostando, assim, da reunião, isso. Isso é o que eu acho dessa figura.” Ela me devolve o cartão.

Peço então a Ana Clara que me mostre qual foi o cartão que ela mais gostou e qual ela menos gostou. Ela responde imediatamente: “A que eu gostei menos, assim, é difícil, porque eu sou meio viciada em animal, mas a que eu gostei menos foi a do leão, porque ele tá com uma cara bem triste, assim, se achando meio solitário, meio excluído, por causa que ele deve assustar os outros animais, né, então essa foi a que eu gostei menos, a do leão. E a que eu gostei mais (silêncio), foi a do canguru, porque eu acho que ao mesmo tempo em que eles saíram para fazer um compromisso, eles saíram para se divertir também, então eles pegaram uma parte do dia para se reunir em família mesmo. Então é isso o que eu acho das figuras.” Pergunto então a Ana Clara se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela responde que não. Eu agradeço a ela a participação na pesquisa e nós finalizamos nosso encontro.

Interpretação Ana Clara

O conjunto dos relatos de Ana Clara aos cartões do CAT-A revela que ela é uma garotinha cujo desenvolvimento ocorre de forma bastante harmoniosa, e que recebe a preciosa ajuda dos pais, sobretudo da mãe, nesse processo de amadurecimento. Suas capacidades de integração, personalização e realização estão bem consolidadas e, em termos de seu desenvolvimento psicosssexual, ela poderia ser situada no estágio de latência. Nessa etapa de sua vida, ela se encontra diante da tarefa de ampliar

cada vez mais os limites do mundo em que vive, de modo a adquirir, pouco a pouco, as habilidades e os recursos necessários para enfrentar os seus desafios e as suas exigências. Nessa empreitada, ela vai seguindo um percurso, cuja primeira etapa referiu-se à elaboração do narcisismo primário, o que resultou numa maior possibilidade de usufruir dos prazeres da vida familiar e que no presente momento começa a incluir outras pessoas fora desse círculo.

Em tal caminhar, Ana Clara se dá conta de que o narcisismo primário já caducou, que permaneceu numa etapa antiga de sua vida. Longe do luto pelos prazeres da passividade e da ilusão que ele “antigamente” lhe ofereceu, ela saúda com boas vindas a percepção das próprias limitações e deficiências. Além de poder ser vista no conteúdo das suas produções, essa constatação da menina também é atestada por sua conduta verbal no CAT-A, nas várias vezes em que ela deixou claro que o seu relato era fruto do que ela era capaz de ver, e que talvez por isso ele não seria completo ou totalmente correto. O narcisismo, ao invés de atribuir-lhe “superpoderes”, passou a ser visto por ela, paradoxalmente, como paralisante, limitante. Se ele continuar a ser vivido numa relação em que a integração e a personalização já se estabeleceram, ele nada pode significar além de solidão. Por outro lado, a aceitação das próprias deficiências a impulsionaria aos relacionamentos baseados na cooperação e na solidariedade, como maneira de compensar os limites da falibilidade humana. A essa admissão segue, como consequência necessária, a verificação dos limites da mãe, também já assimilada por ela e vivida atualmente sem qualquer sensação de perplexidade ou decepção. Trata-se do estabelecimento de uma relação em que ela e a mãe são vistas como dois seres humanos integrais, com todas as suas capacidades e restrições.

Para além do valor utilitário da compensação das deficiências, esse novo tipo de relacionamento lhe proporciona imenso prazer. Perdida a ilusão da indiferenciação corporal, o vínculo agora é caracterizado pela proximidade afetiva, o que é passível de ocorrer também em função da renúncia dos pais ao próprio narcisismo, travestido de autoritarismo. É essa proximidade emocional que passa a preencher o espaço entre o próprio corpo e o da mãe. A abdicação do egocentrismo e da simbiose situa Ana Clara de maneira definitiva no seu nicho familiar. Se ela não é mais a mãe, ela é a filha de sua mãe, faz parte do mesmo grupo que ela, da mesma linhagem e, com isso, elas compartilham características semelhantes (no relato do quadro 1, ela deixa claro que, se existe uma galinha, os outros animais pequenos são necessariamente pintinhos e não patinhos). A continuidade física sobrevive então, de certa maneira, na consanguinidade e a indiferenciação cede lugar à pertinência. Nesse sentido, também há espaço para a inclusão do pai no mesmo clã. Daí o bom acolhimento de Ana Clara à vida em grupo (familiar), mesmo que isso implique em aceitar as interdições inerentes a ela.

Assim, o mundo vivido por Ana Clara se amplia dos limites do colo da mãe, para a tradição familiar. Todavia, ela se encontra agora em uma etapa em que a mãe começa a lhe mostrar que, da mesma forma em que ela foi “insuficiente” para a filha, também não é possível sobreviver quando se está restrito ao grupo familiar. A mãe vai lhe mostrando isso pouco a pouco, na busca de recursos

exteriores para assegurar a continuidade de existência do grupo (quadro 4). Nessa jornada, a filha a acompanha, de modo a aprender com ela como deve se inserir no espaço que começa a ser aberto para além das fronteiras do grupo familiar. Analogamente, a mãe também começa a trazer o mundo exterior para dentro de sua casa, para enriquecer a convivência (quadro 8). É nesse instante que Ana Clara se surpreende, quando começa a perceber que, da mesma maneira como ela cresceu e o colo da mãe não lhe bastou mais, também o “casulo” familiar começa a se tornar estreito para comportá-la em seu amadurecimento. Ela vê com bons olhos o processo que começa a se iniciar de abrir-se para o mundo e de ingressar no mundo que se abriu diante de si.

A primeira questão que ela e a mãe, irão fazer face é a de desenvolver recursos para preparar a menina para os desafios da realidade e, ao mesmo tempo, amortecer a sua dureza, a sua crueza eventual e os seus constrangimentos. Nessa tarefa, é a delicadeza com que a mãe desempenha a sua função que garante a fertilidade do terreno para que germine a semente da independência da menina. Para tanto, nesse aprendizado, ela se comunica com a filha na linguagem da transicionalidade, da conciliação entre a fantasia e a realidade subjetiva. Por meio do faz de conta, por exemplo, ela permite à menina manejar, dentro do grupo familiar, as oposições que ela um dia deverá enfrentar no mundo (quadro 2). Diante disso, Ana Clara mostra que vem conseguindo articular no mundo os prazeres e as obrigações, a fantasia e as imposições da realidade (quadro 4), atribuindo a esta última um sentido pessoal. Com isso, ela se torna capaz de enxergar o mundo como guardando uma certa continuidade com o lar. Como resultado desse processo, por meio da abstração, ela se torna capaz de enxergar que os pais também fazem parte de uma espécie maior, a humanidade (quadro 8: “esses são animais e os animais são macacos”), o que lhe permite, nesse momento, ganhar uma nova família, não consanguínea, mas adotada: os amigos, a raça humana. O não familiar é transformado, assim, em familiar. Outros detalhes da produção de Ana Clara ao CAT-A são descritos a seguir na análise de suas estórias a cada quadro.

Quadro 1

Já em sua primeira pergunta diante desse quadro, se deve contar uma estória de cada animal ou de cada figura e sua opção pela última alternativa, Ana Clara revela a sua preferência pelo relacionamento ao invés do isolamento que o narcisismo poderia produzir. Assim, ela se situa em um grupo, cuja identidade seria baseada, sobretudo, na pertinência a uma linhagem, a uma continuidade consanguínea. A vida em família é vista por ela como altamente prazerosa, com a mãe lhe oferecendo *holding* e gratificação. Os limites inerentes ao cuidado infantil impostos por ela (hora de se alimentar e hora de dormir) são bem aceitos pela menina; por sua vez, a mãe também é capaz de conceder o espaço que a garotinha precisa para a sua expressão pessoal (o brincar). A relação se desenvolve sem conflitos, sem desafios a enfrentar ou objetivos a atingir, num contexto de relaxamento. O sentimento de continuidade da vida também está assegurado na percepção da menina, dada a implantação de uma rotina pela mãe (depois começa o outro dia).

Quadro 2

No relato de Ana Clara a esse quadro, embora as questões da identificação sexual (o pai e o menino estão do mesmo lado) e do conflito familiar não estejam de todo ausentes, elas ocupam um papel secundário na mensagem que ela transmite. Nela, ganha relevo a união da família, a oposição sendo neutralizada pelo apego amoroso que une os membros, testemunho da integração dos afetos que ela e o grupo familiar alcançaram. Assim, o prazer da convivência em família é o objetivo principal, não importando muito quem ganha ou perde o jogo, visto que sua finalidade é apenas proporcionar o relaxamento; com isso, ele tem valor em si mesmo. Nessa condição, que mostra a ultrapassagem do narcisismo, o conflito e o antagonismo são trabalhados no nível seguro e protetor do faz de conta, da transicionalidade. Desse modo, a garotinha pode ser preparada, suave e gradualmente, para as ocasiões em que ela deverá fazer face a eles no mundo exterior. Da mesma maneira que no cartão anterior, o sentimento de pertinência ao grupo e de continuidade da vida familiar são sublinhados no seu pequeno universo da vida familiar, daí a falta de sentido em atribuir um final para a estória.

Quadro 3

É na estória a esse cartão que Ana Clara mostra que a condição para alcançar o prazer da relação familiar que ela descreveu nos seus relatos anteriores, foi a abdicação do narcisismo primário. Percebendo a si mesma como separada da mãe, ela também se dá conta de que sua permanência numa posição autocentrada, ao invés de trazer a genitora de volta à relação fusional, somente aumentaria a distância para com ela. Ana Clara constata que cresceu demais para permanecer no colo da mãe. Reconhecidas, assim, as próprias limitações e as dela, a relação é retomada em outro nível, com o trabalho e a aproximação ativas substituindo o tédio da inanição (o rei está triste, não fazendo nada). O “destronamento”, então, passa a ser vivido não como uma perda, mas como a abertura de um novo campo de conquistas que Ana Clara já atingiu e que ela julga ser mais recompensador do que a sua situação anterior. O prazo de validade do narcisismo, assim, expirou, em nome de uma postura mais ativa nos relacionamentos.

Quadro 4

A partir da superação do narcisismo pela constatação das próprias imperfeições e das maternas, Ana Clara, nesse quadro, mostra a necessidade de buscar recursos no mundo exterior para compensar as insuficiências da vida familiar. A mãe toma a frente nesse processo, que nem sempre é apenas constituído de prazer (ela está com pressa). Nessa empreitada, a criança a acompanha, iniciando o seu aprendizado rumo à vida extrafamiliar, mas sempre junto com a mãe. Com isso, ambas saem para o mundo, guardando ainda uma relação de estreita proximidade e pertinência (as compras são feitas em família). Essa qualidade do vínculo permite que a experiência nascente da independência da menina se desenrole no contexto da transicionalidade: desse modo, ao mesmo tempo em que está no exterior, Ana Clara está também com a mãe, nos meios intra e extrafamiliar simultaneamente.

Sobre essas bases, o alcance à realidade objetiva é realizado de forma acoplada à experiência pessoal e, com isso, mesmo as obrigações cotidianas podem ser assimiladas de acordo com um sentido individual (há chance de fazer compras e se divertir ao mesmo tempo).

Quadro 8

Se no relato anterior a mãe partiu com a criança em uma excursão no mundo exterior, nesse momento ela permite a incursão dele no universo familiar. Dessa maneira, ela promove uma nova reunião, um novo agrupamento, ampliando o sentido de pertinência da criança. Embora ela continue sendo a figura mais importante da vida da filha e ambas formem um subgrupo especial, ela mostra também à menina que esta participa de um grupo maior, a humanidade. Essa descoberta constitui uma agradável surpresa para a garotinha. Ela constata que além da família que ela já conhece, ela tem também outras famílias. Assim, a mãe a ajuda a ampliar os seus horizontes, transformando o não familiar em familiar, embora selecionando, como no quadro anterior (as compras), os elementos exteriores a que a menina poderá ter acesso, com vistas a controlar, dessa maneira, as introjeções que ela fará.

Em síntese, o relato de Ana Clara ao CAT-A revela que ela é uma garotinha que se desenvolve bem e que vem adquirindo conquistas estruturais importantes, como a integração da personalidade e o predomínio gradual dos processos secundários sobre os primários. Situada no estágio de dependência relativa, ela começa, com a ajuda da mãe, suas primeiras incursões em direção à independência. A seu ver, o modo como a mãe conduz essa iniciação, sustentada, sobretudo, em experiências no espaço da transicionalidade, contribui para que a aproximação da realidade do mundo ocorra de uma maneira mais doce, sempre vinculada a um sentido pessoal. Dessa maneira, em seu processo de constituição do *Self*, Ana Clara experimenta uma continuidade de existência (entre o prazer e o trabalho, entre a família e a sociedade) que tem lhe permitido uma apreensão pessoal do mundo. Diante disso, a jornada do amadurecimento emocional é para ela uma agradável descoberta, sempre cheia de surpresas.

Síntese Isadora e Ana Clara

Os relatos de Isadora e de Ana Clara ao CAT-A mostram que elas constituem uma díade que entretém uma relação em que os movimentos de uma são acompanhados pelos da outra de modo ritmado e simétrico. Mesmo que o vínculo entre elas não seja isento de conflitos, a característica predominante é a harmonia e a compreensão. A sintonia entre ambas se estabelece porque elas concebem o processo de crescimento da menina como uma oportunidade para um amadurecimento mútuo e, assim, acolhem-no com simpatia, mesmo que a etapa anterior tenha deixado uma doce nostalgia. Desse modo, se Ana Clara se desenvolve, Isadora também o faz, sempre acomodando suas ações e atitudes ao que ela percebe e compreende como as novas necessidades da filha. Com isso, a menina tem se mostrado capaz de guardar um sentido de continuidade do *Self* em relação ao mundo exterior, e o amadurecimento é vivido sem grandes angústias ou apreensões.

Nesse processo, ambas foram capazes de deixar para trás uma etapa em que se bastavam em sua relação, para admitir as limitações do narcisismo e sua necessidade de buscar recursos no mundo exterior. O colo de Isadora tornou-se pequeno para Ana Clara e, com isso, há que se procurar agora tanto um lugar para a menina ocupar no mundo exterior, quanto um espaço para ele em seu mundo interno. Essa é a tarefa principal com que ambas se defrontam e, diante das crescentes demandas da filha de adentrar a realidade, Isadora toma a iniciativa de mediar esse contato.

Desse modo, ela busca apresentar a realidade à menina em doses homeopáticas, adequando-a ao que a garotinha já é capaz de assimilar, de modo a protegê-la de invasões e exposições desnecessárias. Nesse processo de preservação da integridade emocional da filha, a seu ver, sua tarefa consiste em introduzir a ela as interdições, os limites e, às vezes, a dureza do mundo de uma maneira suave e gradual. Dessa maneira, Ana Clara poderia incorporá-lo sem precisar renunciar por completo às ilusões construídas ao longo do relacionamento das duas. Essa forma de conduzir o processo, além de diminuir os riscos de sofrimento da menina, permitiria que ela desenvolvesse gradualmente as habilidades necessárias para fazer face às tarefas que o mundo extrafamiliar começa a lhe solicitar.

Assim, Isadora busca, de certa maneira, obter um certo controle sobre as introjeções que a garotinha realizará. Porém, ao acesso de outras pessoas à filha e sua influência sobre ela são inevitáveis. Diante disso, Isadora procura estabelecer com a menina um relacionamento em que a intimidade prevaleça, em que os segredos sejam partilhados. Dessa forma, ela ajuda Ana Clara a digerir a ascendência extrafamiliar, selecionando, com ela, o que deve ser guardado, em acordo com a sua segurança e com os valores da família, e o que deve ser rejeitado. Com isso, ela seguiria sendo a principal figura de identificação para sua filha. O sucesso que Isadora alcança diante desse objetivo teve por condição a renúncia ao próprio narcisismo, implicando numa maior tolerância à diferenciação da menina para com ela e o abandono de qualquer tipo de imposição autoritária de limites.

Acolhendo dessa maneira as influências do mundo sobre a filha, Isadora também permite à menina a aceitação delas de um modo protegido, sempre se mantendo como a figura principal de sua vida. Entretanto, Isadora percebe que é ingenuidade esperar que o desenvolvimento da individualidade da menina siga como um rio não caudaloso: em certos momentos Ana Clara se opõe ou reivindica privacidade. Se a demanda de Ana Clara pelo respeito à sua confidencialidade pode ser tolerada por Isadora durante alguns momentos, a contestação desafiadora a obriga a ser eventualmente mais firme e impositiva. Mesmo assim, ela consegue guardar, no momento, a relação de cumplicidade com sua filha e a confiança dela.

Essa boa resposta da filha é atestada pelo sentimento de segurança que ela exhibe em sua excursão para a realidade exterior. Sempre ao lado da mãe, ela vê o seu mundo se ampliar de mais a mais numa agradável surpresa. Nesse momento, ao invés de precisar repudiar a mãe para liberar-se dos limites do lar, a descoberta da vida extrafamiliar é feita junto com ela. A mãe a situa, assim, em um novo universo e transforma o não familiar em familiar. Dessa maneira, ela ajuda a menina a desenvolver um sentimento de continuidade entre a família e a sociedade, que a assegura que essa

inserção será bem sucedida. Desse modo, Ana Clara, assim como precisou um dia sair do colo materno, desvencilha-se, pouco a pouco dos limites do lar para ganhar asas e voar numa nova terra repleta de promessas e de possibilidades. Nessa aventura, sua mãe estará por lá, como uma rede de proteção para sustentá-la nos momentos de fadiga e de desencorajamento, aliviar as dores das decepções e comemorar os seus triunfos. Ela espera ser cada vez mais desnecessária para a filha, mas nunca ser esquecida por ela.

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezada Sr(a) (nome da mãe)

Você e sua filha estão sendo convidadas para participarem da pesquisa *A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebínas e o desenvolvimento do Self infantil*, que está sendo desenvolvida por mim, psicóloga e docente da Universidade de São Paulo (USP) em conjunto com os Professores Dr. Daniel Beaune, Dr^a Rosa Caron e Dr. Thamy Ayouch da Universidade Charles-de-Gaulle de Lille – 3 e Universidade de Paris 7, na França. Por meio desta pesquisa pretendemos conhecer as maneiras como mulheres de diferentes partes do mundo sentem-se como mães de meninas da mesma faixa etária de sua filha, e se há semelhanças ou diferenças no modo como a criança se desenvolve de acordo com o país de origem dela e dos pais.

Caso você aceite este convite, sua participação consistirá em olhar alguns quadros sobre situações típicas que mães e crianças vivem e contar como se sentiu e se sente nessas ocasiões em relação à sua experiência com sua filha. Quanto às atividades a serem realizadas com sua filha, ela deverá olhar as mesmas gravuras e inventar estórias a respeito delas. Para realizar essas atividades eu precisarei de um encontro com você, de duração aproximada de 40 minutos, e de outro com sua filha, que deverá durar em torno de 15 minutos. Os relatos de vocês duas serão gravados em MP3. Os encontros poderão ocorrer nas dependências do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CPA-FFCLRP-USP), na escola de sua filha ou mesmo em sua casa, desde que possamos dispor de uma sala reservada e com privacidade.

A participação sua e de sua filha nessa pesquisa não comporta riscos aparentes, exceto a possibilidade de que você ou ela se emocionem. Caso isso aconteça, fornecerei todo o apoio psicológico necessário para que vocês retomem o seu bem-estar. Com relação aos benefícios, a pesquisa não trará ganhos diretos para vocês, mas sua participação, ao informar sobre a relação entre as diferentes formas de viver a maternidade e como isso repercute no desenvolvimento infantil, possibilitará que eu tenha melhores condições de orientar mães e crianças que necessitam de ajuda psicológica. Caso você deseje, poderá requisitar uma entrevista devolutiva, em que eu lhe direi como pude compreender a sua experiência como mãe e o desenvolvimento afetivo de sua filha. Também poderá ser feita uma entrevista devolutiva com a criança, se ela quiser. Se durante nossas atividades eu perceber a existência de alguma dificuldade de sua parte ou de sua filha, você será informada a esse respeito e, caso deseje, eu providenciarei o encaminhamento para atendimento psicológico na própria escola ou no CPA.

Todas as informações que você e sua filha fornecerem serão de caráter confidencial e, embora os resultados possam ser divulgados em congressos e artigos científicos de circulação restrita entre os

profissionais da área, os dados de identificação de vocês serão alterados de modo a preservar o sigilo ético.

Gostaria de reiterar que sua colaboração é voluntária, sendo que a recusa em participar ou a desistência ao longo do processo não implicam em qualquer tipo de penalidade ou ônus. Ainda, sua filha também será consultada quanto ao desejo de participar do trabalho e a sua opinião será respeitada. Se você precisar de qualquer informação adicional anterior ao início da pesquisa ou no decorrer dela, poderá requerê-la por meio do telefone ou do e-mail abaixo relacionados. Caso concorde em participar, peço que você assine o termo de autorização abaixo. Agradeço a sua atenção e coloco-me à disposição para os esclarecimentos que você necessitar.

Profª Drª Valéria Barbieri
Departamento de Psicologia
FFCLRP-USP
Fone: 55 16 36023798
valeriab@ffclrp.usp.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Concordo em participar da pesquisa *A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebínas e o desenvolvimento do Self infantil* desenvolvida pela Prof.a Dra. Valéria Barbieri e também autorizo a participação de minha filha
(nome da criança). Declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

Mãe ou substituta

Data: ____/____/____

APENDICE E – Termo de autorização dirigido à Escola

Prezada Sra.

Isabel Resina Marques Ferrarezi

Diretora da escola Liceu Contemporâneo

Venho, por meio desta, solicitar a sua colaboração para a realização do projeto de pesquisa *A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebins e o desenvolvimento do Self infantil*, que está sendo desenvolvido por mim, psicóloga e docente da Universidade de São Paulo (USP), em conjunto com os Professores Dr. Daniel Beaune, Dr^a Rosa Caron e Dr. Thamy Ayouch da Universidade Charles-de-Gaulle de Lille – 3 e Universidade de Paris 7, na França. Por meio desta pesquisa pretendemos conhecer as maneiras como mulheres de diferentes partes do mundo sentem-se como mães de meninas entre 6 e 10 anos de idade, e se há semelhanças e diferenças no modo como a criança se desenvolve de acordo com o país de origem dela e dos pais.

Os procedimentos empregados para a coleta de dados consistirão em apresentar às mães alguns quadros sobre situações familiares típicas e solicitar-lhes que contem como se sentiram e se sentem nessas ocasiões em relação às suas experiências com suas filhas. Quanto às atividades a serem realizadas com as crianças, elas deverão olhar as mesmas gravuras e inventar estórias a seu respeito. Para realizar essas atividades será necessário um encontro com cada uma das mães, de duração aproximada de 40 minutos, e outro com cada criança, que deverá durar em torno de 15 minutos. Os relatos das mães e das crianças serão gravados em MP3. Os encontros poderão transcorrer nas dependências do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CPA-FFCLRP-USP) ou em outro local de conveniência das mães.

Nesse contexto, gostaria de solicitar a sua colaboração por meio da indicação de mães de alunas da escola Liceu Contemporâneo com as quais eu possa entrar em contato a fim de convidá-las e às suas filhas para participarem da pesquisa. Caso seja possível, gostaria também de realizar algumas entrevistas em uma sala reservada da escola, de modo a facilitar a participação da mãe, sem a necessidade de maiores deslocamentos.

Gostaria de informar que a participação das mães é voluntária, sendo que sua recusa ou desistência ao longo do processo não implicarão em qualquer tipo de penalidade ou ônus. Ainda, as crianças também serão consultadas quanto ao seu desejo de participar do trabalho, e as suas opiniões, respeitadas.

As atividades a serem realizadas com a mãe e a criança não comportam riscos, exceto a possibilidade de elas se emocionarem. Caso isso aconteça, fornecerei todo o apoio psicológico necessário para que retomem o seu bem-estar. Com relação aos benefícios, a pesquisa não trará ganhos

diretos para as díades nem para a escola, mas as informações sobre a relação entre as diferentes formas de viver a maternidade e como isso repercute no desenvolvimento infantil possibilitarão que eu tenha melhores condições de orientar mães e crianças que necessitam de ajuda psicológica.

Caso a mãe deseje, ela poderá requisitar uma entrevista devolutiva, em que eu lhe direi como pude compreender a sua experiência como mãe e o desenvolvimento afetivo de sua filha. Também poderá ser feita uma entrevista devolutiva com a criança, se ela quiser. Se durante os encontros eu perceber a existência de alguma dificuldade psicológica por parte da criança ou da mãe, esta será informada a esse respeito e poderá ser encaminhada para atendimento psicológico no Serviço de Psicologia da própria escola ou no CPA.

Todas as informações que a mãe e a filha fornecerem serão de caráter confidencial e, embora os resultados possam ser divulgados em congressos e artigos científicos de circulação restrita entre os profissionais da área da Psicologia, os dados de identificação delas serão alterados de modo a respeitar o sigilo ético. Da mesma maneira, o anonimato da escola será preservado.

Caso a Sra. precise de informações adicionais anteriormente ao início da pesquisa ou no decorrer dela, poderá requerê-la por meio do telefone ou do e-mail abaixo relacionados. Caso concorde em participar, peço que assine o termo de autorização abaixo. Agradeço por sua atenção e coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Profª Drª Valéria Barbieri
Departamento de Psicologia
FFCLRP-USP
Fone: 55 16 3602 37 98
valeriab@ffclrp.usp.br

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Isabel Resina Marques Ferrarezi, concordo em participar da pesquisa *A experiência materna de mulheres brasileiras, francesas e magrebínas e o desenvolvimento do Self infantil* desenvolvida pela Prof.a Dra. Valéria Barbieri, por meio de indicações de díades mães-filhas que frequentam a escola Liceu Contemporâneo, sob minha direção. Declaro estar ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do qual guardo uma cópia.

Assinatura da Diretora

Data: ____/____/____

ANEXOS

ANEXO A – Descrição dos conteúdos manifestos e latentes dos cartões utilizados do CAT-A, conforme Bellak e Bellak (1981)

Cartão 1

Conteúdo manifesto: Três pintinhos estão sentados em torno de uma mesa, na qual há uma grande tigela de comida no centro; cada um dos pintinhos tem um prato vazio e uma colher. Mais afastada, de um dos lados, está desenhada, de modo indistinto, a silhueta de uma galinha.

Conteúdo latente: Questões referentes à alimentação suficiente ou não; problemas gerais relativos à oralidade; frustrações orais; rivalidade entre irmãos pela gratificação.

Cartão 2

Conteúdo manifesto: Um urso adulto puxa a extremidade de uma corda, enquanto outro urso adulto e um ursinho puxam a extremidade oposta, como numa brincadeira de cabo-de-guerra.

Conteúdo latente: Identificação e relacionamento com a figura materna e/ou paterna; experiência edípica; medo de sofrer agressão; temores relativos à masturbação e à castração.

Cartão 3

Conteúdo manifesto: Um leão adulto segurando um cachimbo, está sentado numa cadeira ao lado da qual há uma bengala; no canto inferior direito há a figura minúscula de um ratinho num buraco.

Conteúdo latente: Percepção das figuras parentais, principalmente a do pai; atitude da criança diante da potência e da autoridade paterna; conflito entre submissão e autonomia.

Cartão 4

Conteúdo manifesto: Um canguru adulto do sexo feminino com um chapéu na cabeça leva uma cesta com um litro de leite; em sua bolsa há um filhote segurando um balão e, ao seu lado, outro filhote, de tamanho maior que pedala uma bicicleta.

Conteúdo latente: Rivalidade entre irmãos; preocupações referentes à origem das crianças; relacionamento com a mãe; identificação com a criança mais nova ou mais velha; questões relacionadas à alimentação; fuga de perigos.

Cartão 8

Conteúdo manifesto: Dois macacos adultos, sentados num sofá, conversam entre si e bebem algo em xícaras. Em primeiro plano, outro macaco adulto de olhos fechados está sentado num banquinho conversando com um macaquinho, apontando o dedo para ele. Ao fundo há o retrato de uma macaca idosa.

Conteúdo latente: Percepção que a criança tem de sua posição na família; admoestação verbal; temas relativos à oralidade; experiência de socialização.

Fonte: Bellak, L., & Bellak, S. S. (1981). *Teste de apercepção infantil: Com figuras de animais – CAT-A*. (O. Mantovani, Trad., pp. 7-8). São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1949).

ANEXO B – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Of. CEP/FFCLRP-USP/001/-jsl

Ribeirão Preto, 22 de fevereiro de 2011.

Senhora Pesquisadora,

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "A EXPERIÊNCIA MATERNA DE MULHERES BRASILEIRAS, FRANCESAS E MAGREBINAS E O DESENVOLVIMENTO DO SELF INFANTIL" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 90ª reunião Ordinária, realizada em 09.12.2010, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 541/2010 - 2010.1.2146.59.4.

Atenciosamente,

Profa. Dra. ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora

Ilustríssima Senhora
Profa. Dra. Valéria Barbieri
Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP

CEP-FFCLRP-USP – coetp@ffclrp.usp.br Fone: (016) 3602-3670 - Fax: (016) 3633-2660
Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco 1 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Narrativas e Interpretações das díades francesas	01
AA – Dyade Amalie et Arielle.....	02
AB – Dyade Denise et Antoinette.....	27
AC – Dyade Charlotte et Sabine	46
AD – Dyade Florence et Claire.....	68
AE – Dyade Elise et Emilie	86
AF – Dyade Rachel et Hannah.....	107
AG – Dyade Louise et Danielle	125
AH – Dyade Camille et Annabelle.....	149
AI – Dyade Madeleine et Edda	165
AJ – Dyade Cécile et Laura	186
Apêndice B – Narrativas e Interpretações das díades magrebinas	218
BA – Dyade Aminah et Layla.....	219
BB – Dyade Badra et Aicha	249
BC – Dyade Omeya et Naïma.....	268
BD – Dyade Jebila et Mahira.....	292
BE – Dyade Manal et Fatimah.....	312
BF – Dyade Nima et Désirée	332
BG – Dyade Samira et Malda	356
Apêndice C – Narrativas e Interpretações das díades brasileiras	381
CA – Díade Anelise e Vitória	382
CB – Díade Gisele e Ana Cecília.....	410
CC – Díade Sílvia e Luana.....	436
CD – Díade Helena e Juliana	463
CE – Díade Renata e Abigail	490
CF – Díade Taís e Amarílis.....	525
CG – Díade Isadora e Ana Clara.....	552
CH – Díade Amanda e Marina.....	573
CI – Díade Lara e Maria Luisa.....	593
CJ – Díade Jordana e Alice	626

APÊNDICE A
NARRATIVAS E INTERPRETAÇÕES DAS DÍADES FRANCESAS

APÊNDICE AA - Dyade Amalie et Arielle

Identification

Amalie: 38 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Julianne, 13 ans; Arielle, 9 ans ; Jean, 7 mois

Enfant étudié: Arielle

Ordre des entretiens : 1) Amalie

2) Arielle

Récit d'Amalie

J'ai été reçue chez Amalie et Arielle un samedi du mois de décembre. La dyade m'avait été adressée par une autre mère (Denise) à qui j'avais déjà parlé et qui était amie d'Amalie. Toute la famille était là : Amalie et son mari Frédéric, Arielle, Julianne et Jean; celui-ci était dans un parc à jeu avec quelques jouets. Ils habitaient dans un appartement bien organisé et un peu sombre, mais il y avait une grande fenêtre qui laissait rentrer la lumière.

Amalie me présente ses enfants (son mari n'est pas dans la même pièce où nous sommes en ce moment). Elle est une femme très jolie et élégante. Elle est brune aux yeux noirs et ses cheveux sont coupés à la mode. Elle est raffinée dans son comportement et a beaucoup de charme et de classe. Toute la famille est très sympathique avec moi. Je leur raconte sur ma recherche et, après cela, Amalie demande à ses deux filles de sortir de la salle pour nous laisser seules. Arielle lui demande la raison pour quoi elle devrait sortir et Amalie lui explique qu'elle ne se sentirait pas libre pour parler avec moi si elle restait là. Je dis à Arielle qu'après avoir parlé à sa mère, je parlerai avec elle et que nous serons aussi seules pour qu'elle se sente libre. Alors les filles sortent et je reste avec Amalie. Mon contact avec elle est fluide et sans difficultés. Jusqu'à la moitié de l'entretien, j'ai la sensation qu'elle est une femme intellectualisée elle, bien qu'elle affirme le contraire. Elle n'est ni distante de moi, ni proche. Cette conduite plus rationnelle se dissout peu à peu pendant l'autre moitié du temps de l'entretien, surtout quand elle parle de sa propre mère.

Quand je lui demande de me parler de son expérience en tant que mère d'Arielle, elle dit que cela est un peu difficile à faire, parce qu'elle n'est pas une personne qui a beaucoup réfléchi par rapport à l'éducation des enfants. Les choses sont venues naturellement. Elle dit aussi qu'Arielle est une fille super, alors, elle n'a pas de difficultés avec elle, ni par rapport à son éducation. Selon Amalie, Arielle est une petite fille très gaie et qui sourit tout le temps. Son expérience est très positive et très heureuse. Elle mentionne qu'Arielle est une petite fille qui s'éduque toute seule. Je lui demande si Arielle était sa deuxième fille et elle confirme. Elle raconte que Julianne est sa fille aînée de 13 ans,

tandis qu'Arielle a neuf ans. À son tour, Jean a sept mois. Je fais un commentaire qu'Arielle est très grande pour son âge et Amalie répond que c'est parce qu'elle mange bien. Elle dit aussi que les choses sont plus difficiles avec Julianne, parce qu'elle est adolescente.

Elle dit qu'elle n'est pas une mère qui se culpabilise beaucoup par rapport à ce qu'elle fait et à ce qu'elle ne fait pas. Elle est désolée que le temps passe si vite. Elle me dit qu'elle travaille beaucoup. Elle est avocate et, en même temps, elle est professeur à l'université. Elle raconte qu'elle a commencé son travail en 2002 et qu'elle n'est pas très disponible pour ses enfants. Elle dit qu'il y a des mères qui ont beaucoup de mal à se séparer de ses enfants. Quant à elle, bien qu'elle soit très heureuse avec eux, elle donne confiance en la personne qui s'occupe d'eux et elle se dit que tout va aller. Elle raconte que pendant le temps qu'elle faisait son doctorat, Arielle restait avec elle, jusqu'à l'âge de 18 mois. Pendant le temps de son doctorat, Amalie mettait Arielle dans un parc à jeu auprès d'elle. Quand elle a commencé à travailler, elle a recouru à une nourrice. Elle dit qu'Arielle a été très heureuse chez cette nourrice : celle-ci chantait, organisait beaucoup d'activités aux enfants et elle était très maternelle, très douce et très calme. Elle dit qu'Arielle est aussi très calme et bien dans sa peau ; elle croit que sa fille est ainsi à cause de cette nourrice. Je lui demande si cette nourrice était française et Amalie dit que oui. Amalie dit qu'elle-même est française et qu'elle est partie à Paris et a quitté ses parents quand elle avait 11 ans. Onze ans après ça, elle s'est mariée.

Elle raconte que son mari, Frédéric, est un père très présent et que son obsession est les enfants. Elle dit qu'il a beaucoup investi aussi auprès de ses enfants, qu'il a plus de passion et qu'il est plus maternel qu'elle. Il aide à acheter des vêtements pour les enfants et fait beaucoup de choses avec eux. Elle raconte qu'en ce moment son mari ne travaille pas. Par contre, elle travaille beaucoup. Elle dit qu'il s'agit d'un système un peu inversé, mais que cela ne l'empêche pas de s'occuper de ses enfants. Toutefois, il y a beaucoup de choses que Frédéric assume. Je lui dis qu'elle peut compter sur lui et elle me répond « Oui, énormément ». Elle dit que son mari est plus patient qu'elle ; au contraire, elle s'énerve vite.

Il s'énerve aussi, mais il gère les situations mieux qu'elle. Donc, cela se passe mieux que si elle le faisait.

Ensuite, Amalie se décrit comme une personne très exigeante, principalement par rapport à Arielle, mais elle ne sait pas dire pourquoi cela se passe comme ça. Elle pense que cela peut être à cause de la position d'Arielle dans la fratrie. Néanmoins, elle pense que la petite fille a réussi à gérer cette situation. En ce moment-là, il y a une interruption de notre entretien, parce que Julianne rentre dans la salle pour prendre Jean, mais elle sort tout de suite. Amalie rit et lui demande de rester dans sa chambre pour qu'elle puisse être libre pour parler avec moi. Julianne obéit. Amalie répète que sa relation avec Julianne est complètement différente de celle avec Arielle à cause de l'adolescence de celle-ci. Elle dit qu'il y a plus d'affrontements avec Julianne. En ce qui concerne Arielle, elles ne s'affrontent jamais. Elle croit que cela arrive aussi à cause du caractère d'Arielle. Quand elles ne sont pas d'accord, Arielle a tendance à chercher une solution. De ce fait, Amalie se dispute plus avec

Julianne qu'avec Arielle qui est vraiment plus maniable. Elle se fâche très peu avec elle. Amalie ajoute qu'Arielle a un grand sens d'humour et qu'on rit beaucoup avec elle. Amalie termine son récit. Je lui propose de passer au CAT.

Le CAT-A

Je dis à Amalie que j'irais lui montrer quelques tableaux. Je lui demande de les regarder et de me raconter de son expérience comme mère d'Arielle dans les situations illustrées.

Tableau 1

Elle prend le premier carton et demande si elle doit commenter ce qu'elle voit. Je confirme. Elle dit qu'il s'agit de trois petits oiseaux qui attendent que leur maman leur donne à manger. Elle dit qu'elle a l'impression qu'il s'agit de la mère nourrissante, de la mère qui nourrit sa famille. Elle raconte que la nourriture est une chose très importante pour elle, qu'elle adore manger et toute sa famille aussi. Donc, elle n'a pas de souci par rapport à manger. Elle réitère que sa famille a beaucoup de plaisir à manger mais aussi à cuisiner. Elle répète qu'elle a beaucoup de plaisir à faire à manger ses enfants. Elle dit que, pour elle, plus important que faire des jolis plats, est le sentiment d'apporter quelque chose à ses enfants. Elle ajoute que ce sentiment s'agit de quelque chose primitive. Elle dit qu'elle fait des plats mais principalement c'est son mari qui les fait. Elle ajoute que les hommes ont des goûts différents des femmes.

Elle dit qu'elle est contente quand ils se régalent, quand les plats qu'elle fait s'épuisent. Dans le cas contraire, elle reste très déçue. Elle répète qu'en ce moment, elle travaille beaucoup et son mari ne travaille pas. Donc, il a beaucoup de plaisir de faire les repas. Alors de plus en plus, c'est lui qui fait la cuisine, mais même dans ce moment, en qu'elle s'occupe moins des affaires quotidiennes, elle aime bien de continuer à faire à manger. Elle aime aussi de faire des cours et d'acheter des belles choses à préparer. Elle dit qu'elle aime qu'ils mangent des choses de qualité, mais elle n'est pas obsédée ; elle part du principe qu'ils sont gourmands. Par exemple, s'ils ne finissent pas une assiette, ça ne la gêne pas du tout. (Elle répète cette affirmation pour deux autres fois.) Elle dit qu'elle ne se perturbe pas par la quantité qu'ils mangent pendant la journée. Elle raconte qu'à l'après-midi, Arielle mange à la cantine et qu'elle pense que ça se passe globalement bien, que si ça ne la perturbe pas (à la fille), ça ne la perturbe pas non plus. Elle croit que la fille ne se régale pas, mais qu'elle non plus ne souffre pas du tout. Amalie retourne au tableau et dit qu'à la figure, il semble avoir la purée. Il semble d'avoir un petit garçon et une petite fille et qu'elle dit ça parce qu'elle reproduit son schéma familial (elle rit). Elle dit qu'il y a trois enfants comme chez elle, un petit garçon à la droite et puis une petite fille. Elle dit que si elle ne se trompe complètement pas (elle rit), elle a l'impression que ils ont un truc dans les cheveux (elle montre la coiffure d'un des poussins, pour justifier qu'il s'agit d'une fille). Elle dit qu'elle croit que c'est sa projection. Elle dit qu'il n'y a pas un papa sur l'image, mais il y a une

poule, donc c'est la maman qui s'occupe du repas des petits. Elle dit que s'il n'y avait pas de papa chez elle, ça poserait un problème. Elle me rend le tableau et je lui présent le deuxième.

Tableau 2

Amalie hésite un peu et puis elle dit que ce tableau est plus masculin que le premier est qu'il ne s'agit pas de la même situation. Elle dit avoir l'impression qu'ils sont des ours qui jouent, et que c'est le papa qui joue avec les enfants. Elle hésite un peu plus par rapport à l'attribution du sexe des personnages. Après elle dit que ça lui fait penser à une scène où on joue et où il faut qu'un ours seul soit assez fort, parce que de l'autre côté il y en a deux. Elle dit qu'il s'agit, d'un côté, d'un grand-père avec son petit-fils, et de l'autre, un ours plus jeune. Toutefois elle a des doutes (Elle a plus des difficultés par rapport à cette image). Elle dit que l'image évoque surtout les jeux.

Je lui demande si l'image lui fait penser à quelque chose d'autre. Elle dit que, chez elle, c'est surtout son mari qui joue avec les enfants. Elle dit qu'elle ne joue pas énormément avec ses enfants. Par contre, elle discute beaucoup avec eux, elle se promène avec eux et ils lisent énormément, du matin au soir. Elle dit qu'Arielle lit énormément et elle croit que cela arrive parce qu'il y a une grosse différence d'âge entre elle et Julianne (4 ans et demi). À cause de cela, Arielle ne joue pas tellement avec sa sœur. En revanche, (elle hésite) Arielle n'aime pas jouer tellement seule ; elle joue quand elle est avec ses amis. Elle raconte qu'Arielle lit tout le temps (elle répète l'expression "tout le temps" pour trois fois). Amalie dit qu'il faut parfois qu'Arielle sorte un peu de sa lecture, parce qu'elle est complètement passionnée pour cette activité. Amalie raconte qu'elle a étudié l'Histoire du Droit et qu'Arielle adore aussi l'histoire. En ce moment Arielle lit un livre qui se passe à l'époque de Louis XIV et qu'elle le lit avec plaisir. Elle réitère que chez elle c'est son mari qui joue avec ses enfants et que pour lui tout est susceptible de devenir une blague ; c'est pour ça que le tableau lui a fait penser à une chose plus masculine. C'est plutôt un jeu, c'est ça que le tableau peut faire ressentir.

Amalie dit que par rapport à Arielle (elle hésite), elle s'agit d'une petite fille qui est très peu jalouse, qu'en fait elle n'a pas de jalousie. Depuis qu'elle était petite, quand cela ne va pas, elle ne s'exprime pas; alors il faut insister pour qu'elle l'en parle. Elle réitère qu'Arielle n'était jamais jalouse par rapport à sa grande sœur, qu'elle sent surtout une admiration pour elle. Elle a toujours envie d'être avec elle. Par contre, la grande fille est souvent jalouse de la petite. Amalie dit qu'elle croit qu'il n'est pas facile pour Arielle de trouver sa place dans la famille. Elle dit aussi qu'il n'est pas facile pour la famille d'aider Julianne d'être moins jalouse et d'aider Arielle à ne pas souffrir, parce que parfois Julianne est un peu agressive. Elle dit que c'était son rôle de protéger Arielle de sa sœur. Pour autant, il s'agit d'une chose très difficile à gérer, parce qu'elle aime toutes les deux et elle sait ce qu'elles ressentent. Quand les filles ont ces difficultés, elle ne sait pas comment les aider. Amalie dit que c'est la seule difficulté entre les deux, parce qu'en fait, elles sont faciles et très gentilles. Elle dit que cette situation est difficile à gérer parce que les parents ont la tendance à protéger la plus petite et ces

situations peuvent faire grandir la jalousie de l'aînée. Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

Elle dit qu'il s'agit du roi, du chef de la famille. Il s'agit d'un grand-père parce qu'il n'est pas très jeune, avec une pipe. Elle dit qu'il s'agit d'un homme et non pas d'une femme. En ce moment il y a une deuxième interruption, parce que le mari d'Amalie est dans la pièce adjacente à nous et fait quelque bruit. Amalie écoute et, ensuite, elle l'appelle et dit : « *Frédéric, je ne veux pas que tu entendes ce que je dis. Je ne veux pas que tu entendes parce que ça me perturbe* ». La tonalité de sa voix est un peu autoritaire. Il lui demande s'il peut venir me dire bonjour et elle est d'accord. Il vient à nous, et elle me présente à lui. On bavarde pendant quelques minutes et Amalie lui raconte qu'elle me parle en regardant quelques images. Je dis à son mari que dans une autre occasion, je vais faire une étude avec les pères des enfants. (En fait, je me suis sentie un peu perturbée par la façon dont Amalie lui avait parlé). On rit. Il sort et il m'offre un café. Je dis non et je le remercie. Amalie et moi retournons à notre activité. En regardant le tableau, Amalie dit que le truc est que le roi a une canne, et cela veut dire qu'il est vieux, sinon... « Le roi de ma famille c'est mon mari ou quoi ». Elle rit. Elle raconte que son mari est extrêmement affectueux, qu'il les fait tous rire et il est un père génial pour ses enfants. Elle ajoute qu'il leur apporte des choses qu'elle n'est pas forcément capable de leur offrir. Elle dit qu'elle croit qu'ils se complètent comme parents, parce que, plus qu'elle, il apporte (elle hésite) aux enfants les sentiments. Cependant, ça c'est bien, vu qu'une personne ne peut pas tout apporter pour leurs enfants. Alors, elle croit qu'elle et son mari se complètent bien en tant que parents.

Elle regarde la souris et dit qu'elle se rappelle d'une époque où dans sa maison et à l'endroit où elle habitait il y avait des souris qui se promenaient partout. Elle dit qu'ils ont contacté une entreprise spécialisée, mais les souris revenaient toujours. Elle explique que c'était un problème dans toute la ville.

Elle retourne à l'image et dit que le tableau est masculin, mais en ce moment c'est elle qui travaille, qu'il y a une inversion complète des rôles traditionnels de la famille. Elle dit que c'est bizarre au niveau du sentiment, parce que (elle hésite) comme il y a cette inversion, c'est elle qui alimente la famille et elle est la seule personne (à faire ça), donc le lion... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant qu'elle a le sentiment d'être importante pour la famille. Elle répète que c'est elle qui travaille, mais c'est elle aussi qui fait à manger à la famille.

Je lui demande si elle croit qu'il est difficile de définir qui est l'autorité de la famille. Elle répond tout de suite que l'autorité est le papa, qu'elle n'a pas d'autorité sur les enfants. Elle dit qu'elle n'a pas de problèmes d'autorité avec Arielle mais elle les a avec Julianne: celle-ci lui parle mal quand son père n'est pas présent, mais cela n'arrive pas quand il est là. En revanche, Arielle a été toujours câline, elle (Amalie) lui fait beaucoup de câlins depuis qu'elle est née. Elle ajoute qu'Arielle a besoin de toucher et qu'après avoir grandi un peu, elle fait moins de câlins. Amalie dit qu'en même temps,

elle ne trouve pas assez mal qu'elle fasse un peu moins de câlins, parce que sinon elle aura plus de mal à grandir. En même temps ça c'est bon pour elle (Amalie) aussi, parce qu'Arielle est la seconde fille. Et elle (Amalie) veut peut-être la garder comme un petit bébé. Maintenant, comme elle a eu un petit bébé, elle croit que c'est positif pour Arielle aussi, parce que de cette façon, elle la laissera grandir. Elle répète qu'Arielle est très câline et tendre, que tous les matins elle est comme ça avec son mari. Et le soir, avant de dormir, l'échange des câlins arrive plutôt entre elle et la fille. Elle dit une fois de plus que l'autorité de la maison est le papa, mais les échanges de câlins avec la petite fille sont à elle et à son mari. Elle dit que normalement c'est à elle à qui Arielle raconte les choses qu'elle a fait pendant la journée. Parfois la fille fait ça pour qu'Amalie raconte ces choses après à son père ; alors, ils discutent tous ensemble.

Amalie dit que parfois elle cherche Arielle à l'école, encore que cela n'arrive pas très souvent. Quand elle le fait elle et la fille restent très heureuses. Amalie raconte qu'une chose intéressante est arrivée la semaine dernière. Arielle adore le chocolat d'une chocolaterie de la ville où elles habitent et Amalie voudrait acheter pour elle une boîte de chocolat qui s'appelle "Calendrier". (Il semble qu'elle avait promis ça à la petite fille). Néanmoins, elle est sortie très tard de son travail et quand elle est arrivée à cette chocolaterie, le « Calendrier » a été épuisé. Alors, elle-même a acheté des petits chocolats et a monté son propre « Calendrier » pour lui donner à la fille. Elle raconte même qu'elle m'ait dit qu'elle ne se culpabilise pas par rapport à sa relation avec ses enfants, parfois elle le fait. Donc, elle fait ce qu'elle peut. Elle dit que le résultat (du calendrier) a été très chouette, parce qu'elle avait choisi les chocolats elle-même. Alors, tous les matins Arielle choisit son chocolat pour manger. Donc, même si les rôles des parents ne sont pas très clairs comme d'habitude, elle est vraiment la maman, même si elle ne donne pas le repas à ses enfants. De même, son mari est vraiment le père, même s'il est câlin. Elle dit qu'il inspire en même temps le jeu et l'autorité, tandis qu'elle nourrit les enfants et leur fait des câlins. Je dis qu'elle parle et qu'il n'y a pas de fonction de père et ni de mère mais qu'elle cherche un équilibre. Elle dit oui avec enthousiasme, et répète que, malgré cette situation, elle est franchement à sa place dans le rôle de la mère et son mari est franchement dans son rôle de père. Elle ajoute, qu'en réalité, ce n'est pas un père dans le sens traditionnel du terme, mais un père qui s'occupe de ses enfants. Elle raconte que toutefois, par rapport au petit, c'est toujours elle qui donne le bain et qui change les couches. Inversement c'est son mari qui fait la lessive. Elle dit qu'il n'est pas gêné pour cette situation, bien qu'il y ait des hommes que se sentent atteints dans leur masculinité à cause de ça. Par rapport à la pipe (du lion), elle dit qu'elle ne fume pas. Elle ajoute qu'il y a deux ans, ils ont fait la guerre, pour que son mari arrête de fumer. Elle dit que c'était impressionnant la façon dont le tableau l'avait inspiré.

Tableau 4

Je lui présente le quatrième tableau. Elle commence à parler immédiatement et avec beaucoup de facilité et de plaisir. Elle dit qu'il s'agit d'une maman qui va faire les courses avec ses

enfants. Elle dit qu'elle adore faire les courses avec ses enfants et que le tableau s'agit de la mère avec sa fille et de son petit bébé.

Elle dit qu'après que le petit est né, les choses sont restées un peu plus difficiles, car pour sortir il faut ranger les choses pour le petit, mais elle adore faire des courses avec ses enfants. Elle dit qu'elle aime aller au marché et acheter des vêtements et que normalement la famille fait ces choses ensemble. Selon le schéma traditionnel c'est surtout la maman qui fait les courses avec les enfants. Toutefois, pendant la semaine, quand il faut faire les courses, elle n'est pas là à cause de son travail. Elle raconte qu'elle aime bien aussi aller avec les enfants chez ses parents, pour partager la nourriture et que cet été ils sont allés pique-niquer tous les trois, en fait tous les quatre, elle et ses trois enfants. Car ils n'ont pas de jardin et elle n'a pas souvent l'occasion de partir toute seule avec eux. Quand elle n'a pas la possibilité de les voir beaucoup pendant la semaine, la famille fait les courses ensemble le samedi après-midi et parfois elle les emmène avec elle chez le coiffeur. Elle dit qu'il faut valoriser ces moments où la famille est ensemble. Elle pense, parfois, qu'il est important de partir toute seule avec Arielle ou toute seule avec Julianne. Dans ces moments-là, elle se dispute avec les filles (principalement avec Julianne), mais ils sont aussi des moments seuls. Avant la naissance du petit, la famille se déplaçait énormément mais, maintenant, malgré que les choses soient moins faciles, ils se bougent quand même.

Elle retourne au tableau et dit qu'il s'agit d'une mère qui fait les courses, et des enfants qui courent avec leur mère. Il s'agit forcément d'un kangourou et la mère qui porte son fils partout. Elle raconte que son mari parfois lui demande pourquoi elle marche si vite, mais elle est habituée à faire les choses comme ça. Elle dit qu'elle a plein de choses à faire à pied en très peu de temps. Elle dit qu'elle a le sentiment qu'elle court toujours et réitère que ses enfants courent aussi avec elle. Elle regarde le tableau, puis elle rit et dit « C'est moi ! ». Elle dit qu'elle pense qu'avant que son mari soit au foyer, elle devait manquer plus à Arielle et à Julianne. Cependant, depuis qu'il est là, elle a le sentiment que le maternage leur manque moins. Elle raconte que, quand elle et son mari travaillaient beaucoup tous les deux, c'était plus difficile pour les enfants. Maintenant ça va mieux, mais ça lui pose un autre problème d'ailleurs: celui de savoir ce qui va se passer si son mari recommence à travailler. En même temps qu'elle veut qu'il travaille, elle pense que sa présence est très épanouissante pour les enfants. Elle dit qu'elle veut que son mari retourne travailler pour qu'elle puisse travailler moins et rester à nouveau plus de temps chez elle avec ses enfants.

Elle raconte qu'elle ne travaille pas le mercredi au cabinet, mais elle travaille à la faculté l'après-midi. De ce fait elle n'est pas forcément très disponible intellectuellement pour les enfants le matin. Elle explique qu'elle donne un cours l'après-midi et que cette année elle travaille énormément au cabinet. Donc, il y a des mercredis qu'elle ne peut pas être chez elle. (Elle continue la phrase suivante sans aucune pause, comme si elle ne voulait pas laisser d'espace pour réfléchir sur le mercredi). Elle dit qu'avant que son mari soit à la maison, le mercredi matin était un jour qu'elle passait toute seule avec ses enfants et qu'elle l'aimait bien. Ce jour-là, elles mangeaient les trucs

qu'elles voulaient manger et c'était un moment qu'elle adorait (surtout le repas du mercredi midi). Elle dit qu'elle est très contente par rapport aux moments qu'elle passe avec son mari mais elle aime bien aussi les moments où elle passe toute seule avec ses filles. Elle dit qu'elle espère pouvoir avoir son mercredi à nouveau avec ses filles. Actuellement le mercredi n'est pas un jour où elle fait beaucoup d'activités avec les enfants. En général ils ne font pas grand-chose et elle dépense son temps en les déposants d'un endroit à l'autre, pour les emmener à leurs activités. En effet ils travaillent tout le temps. Elle dit qu'elle aimerait bien avoir ses mercredis où elle lisait avec ses enfants, où elles regardaient la télé. Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier tableau.

Tableau 8

Elle hésite un peu et demande si les personnages sont chez leurs grand- parents. Elle dit qu'il s'agit de la maman et d'une jeune fille qui parle à la petite fille. Il y a aussi un singe qu'elle ne sait pas quelle position il occupe. Ce singe regarde et il semble comme s'il faisait une critique (elle réitère que c'est l'image que lui fait dire ça). Après, il y a une image de la grand-mère (elle hésite). Elle dit qu'elle ne sait pas qu'est-ce que c'est. Elle dit que cela renvoie à l'image d'une maternité que se transmettre (elle hésite) et du rôle de la grand-mère.

Elle dit qu'elle ne sait pas si elle pourra avancer (dans le récit au tableau). Elle dit qu'il y a un petit qui regarde sa maman avec des grands yeux. Elle a l'impression qu'elle attend (elle identifie le petit singe avec une fille) énormément sa maman et que sa maman prend énorme plaisir (elle hésite) à que les choses soient comme ça. Elle parle à nouveau des yeux de la petite et elle dit qu'ils sont très nets. Elle dit aussi que les yeux fermés de la maman montre les plaisirs qu'elle a dans cette relation à deux. Inversement, la mère est très sentencieuse, comme si la petite avait fait une bêtise, comme une maman qui gronde. Elle dit qu'elle n'est pas sûre, parce que le tableau lui transmet quelque chose un peu confuse.

Elle dit qu'elle pense à quelque chose de l'éducation qui se transmet. La maman, qui calme et essaie de transmettre les valeurs à sa petite-fille. Celle-ci écoute ce que lui dit sa maman. Elle dit que cela se passe généralement avec la grand-mère, la transmission des choses. Cette situation s'applique plus par rapport à Arielle qu'à Julianne qui n'aime pas les histoires. Elle dit qu'elle se rappelle des petites histoires qu'elle racontait à Arielle quand elle était petite, et que la petite avait des plaisirs à les écouter. Néanmoins, elle ne sait pas si Arielle avait vraiment plaisir à écouter des histoires ou à rester auprès d'elle.

Elle dit que c'est une des choses difficiles pour la mère, parce qu'elle ne veut pas que ses enfants ne font les choses que pour elle (à Amalie) pour lui faire plaisir. En même temps, elle pense que l'évolution de la fille dépend aussi de la référence de l'image qu'elle a de la mère. Elle croit que ça rend les choses difficiles, parce qu'il est nécessaire de ne pas soumettre les enfants à soi-même et, en même temps, il faut leur transmettre par soi-même, par exemple quand elles font des choses toutes ensembles.

Elle raconte qu'Arielle et Julianne adorent cuisiner et, en général, le mercredi c'est les filles qui cuisinent. Elle hésite un peu et, après, elle continue en disant que la cuisine est une chose qu'elles peuvent faire toutes les trois. Le grand problème est qu'Arielle est très maladroite. Alors, en même temps qu'Amalie veut la laisser à la cuisine pour lui faire confiance, elle a peur qu'Arielle se coupe. Par contre, en ce qui concerne Julianne, elle reste tranquille. Elle a peur quand Arielle lui demande pour aller toute seule à l'école, parce que la fille est très distraite, maladroite, confuse, et elle va sûrement se faire renverser.

Elle dit qu'elle aime ses enfants et qu'elle veut qu'ils soient heureux sans elle, parce qu'elle croit que l'éducation réussit quand les enfants sont heureux avec ou sans les parents. Elle dit que l'éducation réussit aussi quand on peut compter sur l'expérience quotidienne et laisser sa fille sortir dans un monde dangereux. Amalie dit que cette question par rapport à Arielle ne s'est pas posée encore, mais quand elle se posera, cela va l'angoisser (à Amalie), plus que quand cela est arrivé à Julianne, parce qu'Arielle est la seconde et a été prise en charge par sa sœur. Alors, elle est certainement moins autonome que Julianne. Donc, elle croit que, par rapport à ces questions d'autonomie et d'aller toute seule à l'école, elle sera plus concernée à l'égard d'Arielle plutôt que à Julianne. Par rapport à Arielle, son mari, en dépit d'avoir peur aussi, lui dit que sa fille a grandi et qu'il faut qu'elle accepte cela. Elle réitère que dans ce moment elle est un peu peur qu'Arielle (elle fait une faute et dit Julianne, en faisant la correction tout de suite) va à l'école toute seule ; alors elle n'est pas tellement pressée par rapport à ça. Elle répète que son mari lui dit qu'il faut qu'elle accepte que sa fille a grandi; elle a peur du jour qu'il lui dira qu'il faut la laisser aller à l'école toute seule.

Elle raconte qu'elle a eu du mal à séparer des enfants de sa chambre. Il était son mari qui lui a attiré l'attention pour qu'il faille que les enfants dorment dans leurs chambres (ils avaient 3 mois à l'époque). Elle dit que heureusement son mari était là parce qu'elle a eu beaucoup de difficulté de se séparer d'eux quand ils étaient petits. Elle dit que pour elle, la séparation des enfants est le moment le plus difficile. Elle raconte qu'à l'école, Arielle n'a jamais pleuré pour y aller (et Julianne non plus) et qu'elle pense qu'il s'agit d'un moment très positif, parce que la fille irait rencontrer des copains. Néanmoins, s'il y a eu un moment de séparation difficile, c'était celui de ne plus dormir avec les enfants.

Elle retourne au tableau et parle à nouveau des yeux du petit singe et qu'elle pense qu'il s'agit de toute l'attente des enfants vis à vis de ses parents. Elle dit qu'elle est un peu confuse parce que (elle hésite), quand elle était petite, elle était comme ça et elle a le souvenir d'être très en attente de ses parents et de souffrir par les bêtises qu'ils faisaient. En étant parent, elle a découvert que parfois nous ne savons rien et que pour l'enfant il est difficile, parce qu'il faut qu'on apprenne en étant parent. Donc, ce qui peut faire plaisir à un parent peut causer une souffrance chez l'enfant; par exemple, quand les parents sortent le soir. Elle dit que cela ne l'empêche pas d'avoir une vie sociale avec son mari et qu'elle ne pense pas que les enfants souffrent à cause de ça. Donc, cela apporte une expérience positive, même si on n'est pas là.

Je dis qu'elle parle comme si elle était à l'aise dans son rôle maternel et elle a été d'accord. Elle réitère que, comme elle avait dit au début de l'entretien, elle n'est pas une personne qui a fait beaucoup d'introspection, mais qu'elle espère faire au mieux pour ses enfants pour qu'ils deviennent des adultes heureux. Elle dit qu'elle espère qu'elle va y arriver, parce que parfois elle fait des choses qui causent des souffrances pour les filles et qu'elle ne se rend pas compte. Cependant, la relation n'est pas compliquée, surtout avec Arielle. Elle dit que par rapport à celle-ci, elle n'a jamais posé de questions sur l'amour, qu'elle sait qu'on l'aime, alors que Julianne leur a posé davantage de questions, certainement à cause de l'arrivée de sa petite sœur qui l'avait perturbée. Elle dit que ça c'est fini, en effet. Elle dit que parfois elle se sent désarmée par les choses que Julianne dit. Néanmoins, elle croit que Julianne sait qu'elle l'aime et que ses enfants savent qu'elle et son mari les aiment, et cela se voit.

Elle dit qu'elle travaille et qu'elle ne peut pas être là toujours, qu'elle n'est pas la mère dévouée et que parfois elle n'est pas la mère qui se sacrifie pour les enfants. En même temps, elle sent que si elle devrait sacrifier quelque chose pour ses enfants, si elle devrait se frustrer et être frustrée de l'épanouissement intellectuel, elle pense qu'ils seraient moins heureux. Donc, elle serait frustrée d'une partie de sa vie et elle pense qu'ils le sentiraient. Elle croit que c'est un moyen de se déculpabiliser. Je lui dis qu'il y a quelques parents qui pensent que quand ils font les tâches ménagères, ils sentent comme s'ils ne faisaient pas les investissements à sa propre vie personnelle. Elle répond que ce n'est pas un problème à elle, et que sa famille passe le matin du week-end en faisant le ménage. Faire des tâches ménagères lui donne beaucoup de plaisir, parce que, dans ces moments-là la famille est ensemble ; c'est un moment de partage. Elle dit que c'est comme les moments qu'ils passent dans la voiture pendant un voyage. Ce sont des moments de plaisir, même s'ils passent beaucoup de temps dans cette situation. Le seul moment qu'elle n'aime pas c'est le matin où ils courent car elle est très pressée. Elle déteste ce moment là où elle puisse s'énerver auprès des enfants. Alors, il y a des partages positifs et des partages négatifs ; là c'est le partage du stress et ce n'est pas le partage du plaisir. Donc, parfois elle se culpabilise, mais comme le stress et l'anxiété atteint tout le monde, il s'agit de problèmes collectifs. En plus, elles restent calmes parce que son mari prend en charge très bien ce moment.

Elle raconte que quand il a su, par exemple, qu'elle avait beaucoup d'exams à l'école le premier semestre, il a pris toute la famille pour faire des choses à la maison afin qu'elle ait du temps pour les étudiants. Pour cette occasion elle a passé le dimanche en train de préparer son cours, parce qu'elle pensait qu'il ne serait pas honnête de ne pas donner un cours de bonne qualité pour les étudiants. Alors, les choses ne sont pas très faciles, mais la famille se débrouille bien, et les enfants vivent bien et sont bien gérés.

Elle raconte que parfois elle a des difficultés par rapport à Julianne, quand la famille veut rester avec elle et elle, elle veut aller ailleurs. Alors, les moments qu'ils sont tous ensemble, par exemple dans la voiture, sont à chaque fois plus rares. Elle pense que ces événements sont normaux mais, en même temps, il y a une contradiction parce qu'elle veut que Julianne reste heureuse avec elle

et sa famille. Elle voulait qu'ils continuent à voyager ensemble pendant les vacances familiales, qu'elle considère un moment extrêmement important et qu'elle adore. Elle dit qu'elle a beaucoup de photos des vacances de la famille. Elle raconte qu'une fois ils ont fait un tour pour la Grèce et un tour pour l'Espagne. Elle dit que parfois les enfants râlent, mais elle a l'impression qu'ils sont contents quand même et qu'ils apprennent beaucoup de choses. Elle dit que cela fait partie de la vie qu'elles râlent et réitère qu'elle sent qu'elles apprennent. En même temps, elle n'a pas spécialement une obsession qu'elles réussissent dans la vie, mais qu'elle a surtout une obsession qu'elles soient heureuses et que, pour ça, il faut qu'elles soient heureuses aussi dans le travail. Donc, il faut toujours qu'elles réussissent dans les études pour qu'elles puissent choisir ce qu'elles vont faire et de ne pas prendre un métier juste pour s'alimenter. Alors, pour réussir, il faut travailler à l'école, pas pour elle (Amalie) mais pour qu'elles soient indépendantes dans l'avenir. Amalie dit que pour elle la liberté de choix est une chose importante. Elle veut que ses filles aient des armes pour réfléchir et pour prendre des décisions. Elle dit que c'est pour cela qu'elle est exigeante avec elles et son mari les fait travailler. Elle pense qu'Arielle travaille encore beaucoup pour elle (Amalie), mais aussi pour elle-même. Toutefois, elle croit que les filles sont contentes quand elles apprennent les choses. Par exemple Arielle a lu le roman historique par rapport à Louis XIV. Quand elle a étudié ce roi à l'école, elle a été très contente, parce qu'elle savait des choses plus que ses collègues.

Amalie arrête son récit et je lui demande s'il y a quelque chose en plus qu'elle voulait me dire. Elle répond que non. En dépit de sa réponse, elle continue à parler qu'elle n'est pas forcément la mère complice (elle hésite) et dit qu'elle n'aime pas non plus (elle hésite à nouveau et ne complète pas la phrase).

Elle dit que sa belle-mère était complice de ses filles et aussi complice de Julianne, mais ce n'est pas ce qu'elle cherche par rapport à ses enfants. Elle n'est pas là pour être la copine de ses filles, elle est là pour les faire grandir et les élever. À cause de cela, parfois elle est exigeante. Elle dit qu'elle a beaucoup de plaisir dans les moments où elles rient, les moments où elles racontent les histoires des filles, qu'est-ce que s'est passé avec les copines, mais ce n'est pas une relation parent/fille. Elle aime bien entendre des histoires de l'école pour un quart d'heure, mais il y a un moment que cela l'ennuie et elle pense que les filles ont des choses plus intéressantes à raconter. Alors, quand elle dit qu'elle est exigeante, c'est ça.

Elle commence à raconter qu'elle-même n'était pas très proche de sa mère, et que celle-ci avait un problème psychiatrique, qu'elle était bipolaire (elle hésite). En ce moment, Amalie reste un peu émue et sa voix tremble un peu, mais elle réussit à se contrôler. Elle dit qu'elle n'a pas une relation très forte avec sa mère, même si elle l'aime et elle veut qu'elle soit bien. Cependant, si elle n'est pas bien, elle (Amalie) ne peut pas faire de miracles. Elle dit qu'elle essaie de protéger ses filles de la difficulté de sa mère. Elle ne veut pas que ses filles voient sa mère quand celle-ci n'est pas bien, parce qu'elle a peur que cela les angoisse, car quand elle même était petite, cela l'angoissait. En ce moment

je me sens devant une femme qui s'efforce de multiplier ses ressources, en dépit de n'avoir pas reçu une base très solide durant son enfance.

Amalie continue en disant qu'elle pense que ses filles ne sont pas très inquiètes par rapport à ça. Elle raconte qu'elles ne voient pas beaucoup son grand-père aussi, mais elles ont une (autre) grand-mère qui compense (le manque de la grand-mère maternelle). Alors, il n'y a pas une place très forte pour ses parents dans sa famille.

Je lui dis que je crois qu'elle s'effort pour faire des choses différemment de ses parents. Elle dit que oui et reste en silence. J'ajoute qu'elle essaie d'offrir des choses à ses enfants qu'elle-même n'avait pas reçus. Elle est d'accord et dit qu'elle a quand même reçu beaucoup d'affection de sa mère ; donc, ce n'est pas une question de manque d'affection. Elle raconte qu'elle avait une relation complice avec sa mère mais, en même temps, elle n'a pas envie d'avoir cette relation avec ses enfants. Elle dit qu'elle a envie de partager plein de choses avec ses filles, mais elle ne veut pas être leur copine. Elles rient ensemble, mais elle ne sera jamais la meilleure copine de ses filles. Elle dit qu'il y a des mères qui ne sont pas comme ça et qui ont les attentes complètement différentes. Par contre, elle aime bien aller avec elles aux magasins et acheter des vêtements et que sa mère ne faisait pas de genre des choses avec elle. Alors, elle n'a pas partagé cette expérience avec sa mère, mais elle partage avec ses filles. Elle adore décider avec ses filles qu'est-ce qu'elles vont acheter et qu'est-ce qu'elles vont mettre. Cependant, elle n'est pas obsédée à cause de cela, parce qu'il y a des mères qui veulent que sa fille soit tous les jours parfaite. Bien qu'elle aime bien qu'elles soient jolies, cela ne la gêne pas le jour où elles mettent quelque chose qu'il y a dans le placard: elle ne se sent pas une mauvaise mère parce que sa fille est habillée comme ça. Il y a des jours qu'elles mettent des trucs qui ne lui plaisent pas, mais qui plaisent à elles, et ça n'est pas grave.

Elle raconte qu'Arielle aime beaucoup choisir tous les jours ses vêtements avec elle. Alors, Amalie et Amalie lui dit pour choisir elle-même, et qu'après elle vérifiera si ça c'est bon. Elle raconte que son mari lui a dit qu'il faut qu'Arielle prépare ses vêtements elle-même. Amalie dit qu'en fait c'est vrai: pour qu'Arielle développe son goût, il faut qu'elle apprenne à choisir elle-même ses vêtements.

Elle finit l'entretien en disant que tout était facile avec Arielle. Elle réitère qu'elle ne s'était jamais posé la question comment elle peut se sentir en tant que mère. Elle aussi n'a jamais fait une analyse par rapport à ça et n'avait pas envie de le faire, peut-être à cause de sa relation avec sa mère qui n'était pas très simple.

Elle dit qu'elle est devenue mère très jeune et qu'elle voulait vraiment un enfant rapidement. Néanmoins, cela n'est pas tellement bon pour la jeunesse, parce que la jeunesse a été toute prise (elle hésite). Elle raconte que toutes les deux (Julianne et Arielle) ont été vraiment voulues. Elle répète qu'ils les ont voulues et qu'elle se sent très heureuse d'être mère. Elle dit qu'en fait elle est très contente d'avoir eu un troisième bébé, parce qu'elle veut être mère pour plus longtemps. Amalie dit qu'elle sent qu'après que les enfants sont grands, elle reste encore mère, mais pas autant que la poule

(elle se réfère au premier tableau). Alors, elle est contente parce que même si cela est paradoxal, car elle n'est pas une mère très présente, elle trouve important d'avoir des enfants à la maison. Elle dit à son mari qu'après ils vont avoir des petits-enfants.

Elle finit en disant qu'elle a envie d'avoir tous ses enfants autour d'elle. Elle dit que c'est important qu'ils partent, mais elle a envie de les avoir près d'elle. Après ça, spontanément, elle appelle Arielle pour parler à moi et l'entretien est fini.

Interprétation Amalie

Dès le début de notre entretien, avant même de commencer à regarder les tableaux du CAT, Amalie présente, d'une façon résumée, comment elle se voit comme mère et quels sont ses soucis par rapport à la maternité.

Elle parle d'elle-même comme une personne qui vit la maternité de façon très spontanée, sans avoir un projet pour l'éducation des enfants et sans idées préconçues à l'égard de ce sujet. Toutefois, elle fait des réflexions par rapport aux situations qu'elle vit avec sa famille et ses enfants, au fur et à mesure qu'elles se présentent.

En ce qui concerne spécifiquement sa situation actuelle, elle expose les principales questions (rapportées entre elles) à qui elle fait face: un certain éloignement des plaisirs de la maternité à cause du chômage de son mari (et sa nécessité de travailler beaucoup pour le compenser) et les difficultés par rapport au processus de séparation de ses enfants au fur et à mesure qu'ils grandissent. Dans ces termes, sa relation avec sa fille cadette (Arielle) est décrite comme beaucoup plus facile que celle avec sa fille aînée, l'adolescente Julianne. Celle-ci se différencie de plus en plus de sa mère, ce qui apporte des affrontements entre elles. Ce débat, ajouté à la perception de que les filles ont aussi à gagner avec les expériences du milieu extra-maternelle (son mari) et extra-familiale (la nourrice), a été montré son extension tout au long du CAT-A.

Tableau 1

En ce moment, Amalie identifie tout de suite la fonction nourrissante à la maternité, avec sa signification d'affection et de dévouement de la part de la mère vis-à-vis de leurs enfants. Elle montre clairement que, plus que l'offre de nourriture en soi, ce qui compte est le sentiment de se donner à ses enfants et d'être reçue par eux avec plaisir et de les satisfaire. Enfin, il s'agit surtout d'offrir une relation amoureuse à ses enfants et d'éprouver le plaisir rapporté à son acceptation et à sa reconnaissance par eux. Néanmoins, elle sent que sa situation actuelle, où elle travaille hors de la maison la plupart du temps, l'empêche de profiter de cette expérience dans toute sa complétude. Cette condition, qui a fait son mari assumer les tâches ménagères (y compris la préparation du repas) réveille en Amalie une certaine frustration pour n'être plus la personne principale qui s'occupe de cette fonction spécifique. De même, elle éprouve un malaise discret par rapport à la perte de qualité,

du côté d'Arielle, de ce qui elle peut recevoir de la mère, quand la fonction maternelle nourrissante sort du noyau de la famille pour être assumé par quelqu'un d'autre (la cantine).

Tableau 2

Dans son récit à ce tableau, Amalie montre son souci par rapport à la séparation et sa peur que celle-ci puisse laisser ses enfants exposés au monde. Ce souci semble être aussi responsable pour une certaine difficulté d'Amalie pour jouer avec ses enfants. De cette façon, au début de la présentation du tableau, l'image la dérange et est ressentie comme très différente de la précédente. En fait, tandis que le tableau 1 montrait une situation de coopération, le tableau 2 montre une de compétition. Cette situation est d'abord minimisée par Amalie, qui la voit comme un jeu et qui conçoit le tableau comme plus masculin (paternel). Dans ce sens, il y a une dispute, dans lequel le personnage qui est seul, hors d'une relation, est vu comme en ayant un désavantage important (il faut qu'il soit assez fort).

Dans ce cadre, Amalie conçoit son mari comme capable de gérer ce genre de situation (de séparation) en l'intégrant dans une relation d'approximation: le jeu. Par contre, elle sent qu'elle n'a pas la même flexibilité que lui et oscille dans les pôles de la relation symbiotique d'adoration entre mère et enfant et le lien adulte (elle ne joue pas, mais discute et lit avec ses filles). En dépit de ses difficultés, elle reconnaît l'importance de l'habileté pour le jeu et ressent qu'Arielle n'a pas beaucoup de chances pour jouer avec d'autres enfants (elle aime bien que sa fille lui ressemble, mais elle sait que cela ne suffit pas pour son développement).

La difficulté d'Amalie de se déplacer dans les domaines des phénomènes transitionnels est suscitée par la façon dont elle vit les situations de séparation. Ainsi, elle semble avoir des doutes à l'égard de la possibilité de reprendre des bonnes relations quand les gens deviennent indépendantes les uns des autres. Donc, le grandissement de sa fille aînée transforme celle-ci en une antagoniste de la mère, un symbole de la fin de la relation de complétude et d'adoration précédente. En résumé, Amalie ne considère pas que la rivalité, par ailleurs, d'éloigner les personnes, apporte aussi un sentiment d'appartenance et de proximité. Alors, devant le "départ" de sa fille aînée, elle s'attache de plus en plus à Arielle. Cette situation gère des conflits rapportés à la rivalité fraternelle des filles, en raison de la jalousie de Julianne.

Tableau 3

En ce moment Amalie montre de façon plus claire son dérangement devant la partielle inversion des rôles qu'elle vit dans sa famille. Être la pourvoyeuse du groupe dû au chômage de son mari la fait se sentir un peu déplacée de sa fonction maternelle vers la paternelle, ce qui la gêne beaucoup. Alors, elle essaie de montrer très clairement qu'en dépit de cette circonstance, elle est vraiment la mère, pour laquelle est attribuée la fonction de fournir (et de recevoir) le soutien affectif dans une relation de tendresse. Dans cette même position, elle ne se voit pas comme la plus

responsable pour imposer l'autorité (bien que parfois elle puisse agir de façon autoritaire). Par contre, elle s'aperçoit que son mari apporte un genre d'affection à ses enfants qu'elle ne se sent pas capable d'offrir. En ce moment, ses sentiments par rapport à lui se mélangent: en même temps qu'elle se sent soulagée et soutenue, elle le voit comme un intrus dans sa fonction maternelle (la souris).

Dans son double rôle, Amalie cherche toujours à se maintenir comme la mère, en faisant des efforts pour ne pas laisser ses fonctions au mari dans un échange définitif et évident. Dans ce sens, elle profite de toutes les possibilités qu'elle a pour faire à manger à ses enfants et pour faire attention aux besoins d'Arielle, tout en considérant ses caractéristiques et ses goûts personnels (le calendrier est préparé spécialement pour elle). De cette façon, elle garde pour soi-même la fonction de donner du bain à son bébé et de changer ses couches.

Tableau 4

Ce tableau semble avoir fait beaucoup de plaisir à Amalie, surtout parce qu'en ce moment elle a pu parler de son expérience avec ses enfants sans la présence du mari. Une fois de plus, ses sentiments pour lui se mélangent. Donc il y a le soulagement de pouvoir compter sur lui pour le soutien affectif de ses enfants et pour leur éducation (ce qui veut dire que son propre absence ne fait pas beaucoup de mal à eux). En revanche, il y a aussi la présence d'une certaine frustration, suivie de la perception que Frédéric puisse, au moins en partie, la remplacer auprès de ses enfants. Toutefois, les sentiments amoureux pour lui dépassent, à large échelle, ceux rapportés à la compétition. Alors, devant sa double journée et après avoir constaté qu'elle ne peut pas emmener ses enfants partout (comme le kangourou), elle reconnaît qu'elle a besoin de lui, mais souhaite tellement qu'il retourne au travail pour qu'elle puisse reprendre un peu plus ses fonctions maternelles. De cette façon, elle croit qu'elle pourra avoir des moments spéciaux avec ses enfants sans la présence du père ou du tiers qui coupe la relation idyllique. Autrement dit, elle souhaite échapper, pour quelques instants, des contours identitaires que l'autonomie (apportée par le tiers) impose, dans une situation plaisante avec les enfants. Alors, la liberté du mercredi matin joue un rôle très important pour que ce désir soit réalisé.

Tableau 8

Le récit d'Amalie au tableau 8 peut être considéré comme l'apothéose de sa production dans le CAT-A. Il permet de voir l'intégration de ses sentiments et des pôles de son conflit entre le désir de garder Arielle dans une situation infantile ou de la laisser grandir. Alors, Amalie reprend, au début de son récit, les plaisirs d'une relation d'enchantement et d'amour passionné entre la mère et la fille, qu'elle aimerait bien maintenir. Toutefois, sa perception de que ce genre de rapport occasionne la continuité d'une identification totale de l'enfant avec elle, lui fait voir les risques de cette situation. Donc, bien que la maternité soit une chose qui se transmet et qu'il faut préserver les valeurs de la tradition, aucune mère n'est parfaite. Alors, il faut que l'enfant sache ce qu'il peut garder de bon et ce qu'il devra changer. D'où, Amalie se rend compte que ceci est le seul processus pour qu'un enfant

puisse devenir lui-même. Dans ce cadre, Amalie rapporte sa propre expérience avec une mère bipolaire, et combien il a été difficile découvrir que les changements d'humeur maternels ne dépendaient pas d'elle. Alors, bien que la relation initiale soit paradisiaque, elle apporte aussi des dangers. De la sorte, il faut laisser les enfants grandir, se séparer et, quand même, prendre une position critique vis-à-vis des parents. Cependant, ce processus n'est pas du tout évident, parce que, en plus des douleurs de la séparation, il faut contrôler l'angoisse par rapport à ce qu'il peut arriver à l'enfant laissé seul (même d'une façon relative) ou déprotégé, exposé aux malheurs du monde. En ce moment, Amalie reconnaît, une fois de plus, toute l'aide que son mari l'apporte dans ce processus, en permettant aux enfants de s'en aller du lien strictement protecteur et aussi en la soutenant dans sa souffrance.

Le sentiment de vide que l'autonomie croissant des enfants lui apporte est résolu par Amalie d'une façon simple: elle décide d'avoir un autre bébé pour profiter de l'expérience d'être mère d'un petit enfant pour un peu plus de temps. Elle croit, que de cette manière, elle pourra libérer Arielle pour que celle-ci se développe hors de leur lien. Néanmoins, Amalie sache bien que cette solution est provisoire, puisque Jean grandira aussi. Alors, elle espère que, quand ce moment arrivera, elle sera entourée de petits-enfants et pourra, d'une façon même un petit peu différente, reprendre son rôle maternel initial.

En résumé, Amalie est une femme passionnée pour la maternité, surtout dans ces moments initiaux. Elle se bat avec les douleurs concernées à la croissance de ses enfants et de leur séparation vis-à-vis d'elle. Cependant, elle reconnaît l'importance de les laisser être eux-mêmes. Pour aboutir à cela, elle compte sur son mari comme une importante source de soutien.

Récit d'Arielle

Arielle est une petite fille qui ressemble beaucoup à sa mère. Elle est grande pour son âge, très maigre, brunnette aux yeux verts. Ses cheveux sont coupés à la même façon que ceux de sa mère. Elle ressemble à un enfant un peu crispé. Pendant notre conversation, j'ai eu parfois l'impression de parler à une petite adulte (et pas à un enfant) très consciente des questions politiques et sociales du monde. Sa voix est douce et tendre, mais elle semble très soucieuse de la réalité de la vie. Malgré cette caractéristique, elle ne peut pas être décrite comme peu imaginative : elle réussit à raconter des histoires, elle aime les tableaux, mais met l'accent sur leurs qualités irréelles et insère des sujets adultes dans les thèmes. Elle semble être partagée entre le monde infantile et le monde adulte, et essaie de faire des efforts pour les intégrer. Donc, en dépit de son attitude tendue et un peu "colée" au monde réel, elle réussit à transmettre un message par rapport à ses soucis et à ses angoisses.

Le CAT-A

Je commence en expliquant à Arielle que j'irais lui montrer les mêmes tableaux que j'avais montrés à sa mère. Je lui donne des orientations au regard de notre tâche et lui montre le premier tableau. Elle le regarde et je lui dis qu'elle peut le prendre si elle le veut, et ce qu'elle fait.

Tableau 1

« Ça peut être la Boucle d'or, sauf que c'est trois... poussins, non, non. Ça ne peut pas être ça, parce qu'il y a encore une poule; c'est une poule qui donne à manger à ses trois petits poussins. Ils sont trois et il n'y a pas de coq, il n'y a que la poule. [Il n'y a pas de coq...] Il est assez bizarre, parce qu'ils mangent comme des êtres humains. Ils arrivent le soir, alors que d'habitude ils arrivent au repas et on dirait ça, qu'en fait, là c'est le doigt (elle montre l'aile qui prend la cuillère). Et on dirait que là c'est la langue qui tourne autour de leur lèvres, pour dire 'miam miam, c'est bon !'. Il y a une crème, c'est la crème fruitée. [Et qu'est-ce que tu crois qu'il va arriver ?] Elle va servir aux petits la crème fruitée et ils vont manger et après ils vont faire une grosse sieste, parce que la sieste est très importante. Mais d'abord elle va leur mettre une nappe pour qu'ils dorment bien et la nappe, elle est très belle, on dirait une vieille nappe mais qui est bien repassée. C'est la poule qui l'a repassé. Parce que le coq... (elle hésite) le coq, il fait tout pour eux, il n'est pas un coq, pas exactement (elle rit). Il fait tout pour eux. Il ne supporte pas qu'un autre coq leur donne... donne la même chose. Parce que leur espace ce n'est pas l'espace des autres coqs. C'est tout ! ». Elle me rend le tableau et je lui montre le deuxième.

Tableau 2

« Ce sont des ours, mais c'est une inégalité, parce que ici, il y en a deux, et là, il n'y en a qu'un. Et ça, c'est le petit avec un parent. Ils tirent la corde, et ils vont gagner, parce qu'ils sont deux et on dirait qu'ils ont plus de force, et que l'autre, il a des yeux comme ça... et il part en arrière. Et c'est comme l'autre (tableau), c'est bizarre parce qu'ils sont debout et tirent sur une corde comme des êtres humains. [Tous les tableaux sont comme ça]. Et ils sont noirs et blancs. C'est bizarre, parce que maintenant il n'y a plus de tableaux noir et blanc, il y a plus de couleurs. C'est sur une montagne ? Moi, je ne trouve pas qu'ils sont bien dessinés, pour les faire ressembler, s'en faire sortir de... comme si c'était des êtres humains. [Tu n'as pas aimé les dessins ?] Si, j'ai aimé, c'est comme si ça était des êtres humains. On ne voit pas si c'est une femelle ou un homme-là. C'est plutôt des hommes qui tirent...En l'Angleterre ils font des batailles comme ça. C'est bon. [Tu crois qu'ils sont deux hommes ou non ?] Bah... oui.... Hum... Ici c'est une femme et là c'est un homme [Alors, la femme est celle qui est toute seule et l'homme est ce qu'il est avec le petit ?]. Ah... là on dirait en fait que... on ne dirait plus que c'est une femme. On dirait qu'il est dessiné pour que cela soit une femme, pour qu'on croie que c'est une femme. [C'est comme tu veux...]. C'est bon. » On passe au troisième tableau.

Tableau 3

« Bah, c'est un vieux lion et il y a une petite souris, on dirait. Avec sa canne, il lui fait un peu peur. Il est sur son trône et ce n'est pas juste, parce que les femmes ne sont jamais sur leurs trônes. [Tu crois qu'il est un homme ou une femme ?] Un homme, parce que les femmes n'ont pas un truc comme ça (elle montre la pipe). [Ah, à cause de la pipe]. Parce qu'on ne voit pas beaucoup de femmes avec une pipe, et l'expression du visage aussi, et le volume de cheveux. Une femme ce n'est pas pareil. [Tu as dit que ce n'est pas juste...] Ah, oui, parce que ce n'est pas juste que les rois ne soient que les hommes. Et juste en Angleterre, une femme, c'était une fille, Elisabeth. Et les hommes, ils avaient tout pouvoir et les femmes devaient rester comme ça, à rien faire et à juste à s'amuser. Par contre, les hommes, ils prennent toutes les choses et, en plus, ils peuvent s'amuser. Ils avaient tout pouvoir. (Elle retourne à examiner le tableau). C'est bien travaillé. Mais pourquoi que c'est tout en noir et blanc ? [Je ne sais pas. Tu crois qu'il serait plus beau s'il y avait des couleurs?] Non, ainsi il paraîtrait plus ancien, c'est mieux. Avec des couleurs, il ressemblera plutôt à une photo, mais bien qu'il serait mieux travaillé, s'il y avait des couleurs. Avant, il n'y avait pas de photo couleurs dans ce temps. Et quand on l'imagine avec des couleurs, il n'est pas bien. On pourra se questionner c'est quoi, et qu'on ne peut pas voir le traits ». Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

« Ca, c'est la mère avec les petits. Les deux petits, celui-ci qui est dans sa poche et celui-là qui est sur un vélo. Je pense que c'est un kangourou. Et comme toujours, elle les... (Je ne comprends pas ce qu'elle dit et je lui demande de répéter). Elle dit : 'C'est ça ce que j'ai dit, comme toujours.' (Je lui dis que je n'avais pas entendu qu'est-ce qu'elle avait dit avant. Elle continue en disant que c'est la mère qui fait la provision). Et là, il y a des collines, et ces arbres sont des sapins. Si je vais raconter une histoire, c'est la mère qui va au marché et qui achète des provisions pour ensuite faire à manger. Et elle marche sur les routes qui ne sont pas des grandes routes; il y a plutôt de la terre, ou sinon il ne serait pas bon pour les arbres ». Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

« C'est marrant, parce que singes sont ceux qui sont plus proches de nous. Mais dis-moi, pourquoi qu'ils sont quand même loin de nous et tout le monde dit qu'ils sont très près ? Ils sont quand même si près ça ? Là c'est un homme avec une fille et la maman avec le petit garçon et une grand-mère. C'est bizarre parce qu'ils sont sur un canapé, un grand canapé, et là ils ne sont pas sur une petite chaise avec elle. Et à ses pieds, ils ont des mains. C'est bizarre. C'est toujours comme si c'était des êtres humains et c'est toujours bien travaillé, ces tableaux. [Qu'est-ce que tu penses qu'il arrive à cette scène ?] C'est un homme avec une femme qui rigolent, et la maman dit "Va-t'en !" au petit garçon, parce qu'ils vont parler des choses intéressantes. Et après, l'enfant va s'ennuyer. Et la grand-mère, elle est là parce qu'il faut penser à elle. Mais elle est en photo. Elle n'est pas en une petite

statue. Il ne faut pas trop penser à elle, parce qu'après ils vont pleurer. [Pour quoi ?] Parce qu'ils ne pourront plus jamais la voir... ils l'ont aimée. (Elle fait un petit silence, mais ensuite, elle change son ton de voix pour une façon légère et 'objective', loin du ton grave à qui remettait le deuil de ce qu'elle parlait). On dirait toujours qu'il fait longtemps qu'ils ont fait ces dessins, parce que c'est quand même des habits qu'on a porté il y a longtemps. En fait, il n'est que des êtres humains qui changent et on se voit bien aux animaux qui seraient proches de nous. [Est-ce que tu aimerais plus les tableaux si les images concernaient les êtres humains ?] Je n'aimerais pas du tout. Je n'aimerais pas si c'était des photos et nous ne serions pas comme ça. Mais ça, si c'était une photo, tout le monde se dirait 'C'est bizarre' maintenant. Tout le monde se dirait " C'est bizarre, ces singes qui sont comme ça, qui font comme si c'était comme nous". [C'est de faire semblant]. Un lion, par exemple, c'est comme si c'était une personne réelle comme un être humain. [Ils sont tous comme si c'était des êtres humains, c'est de faire semblant]. Mais il faut comprendre vraiment ce que cela veut dire. Mais là, c'est sa mère. On dirait toujours qu'elle lui parle pour qu'il ne s'ennuie pas. [Je comprends... le garçon s'ennuie...]. Bah... des fois, il y a des conversations des grands qui... Comme on dirait qu'il est petit, quand même, ça peut l'ennuyer. Et après, on dirait qu'il est impoli. [Et tu crois qu'il est poli ou pas ?] Oui, il est poli, parce que sinon, sinon... on avait vu que... parce que là, on dirait qu'il écoute quand même sa mère (elle monte le ton de sa voix). Ce n'est pas comme s'il n'écoute rien et il la comprend. Ce n'est pas comme s'il n'écoutait rien (sa voix est très basse à ce moment-là). ». Elle arrête de parler et me rend le tableau. Je lui demande si c'est tout et elle dit que oui.

Je prends le tableau et je lui demande de me dire quelle est la figure qu'elle a plus aimée et quelle figure a-t-elle aimé le moins. Elle dit que celui qu'elle n'a pas trop aimé c'est celui des ours. Elle dit « Je ne l'ai pas trop aimé parce que j'ai trouvé qu'il n'était pas juste ». Elle prend le tableau 3 (du lion) et dit : « Et celui-là c'est mon préféré, je ne sais pas pourquoi, mais je trouve qu'ils sont plus semblables à la réalité et que les lions, dans la savane, ils ont tous les droits. Ils font ce qui leur convienne et ils ont tous les droits. » Elle prend à nouveau le tableau 2 et dit d'une façon exaspérée : « Et celui-ci n'est pas juste parce qu'ils sont deux, alors qu'elle, elle est toute seule ». Elle reste silencieuse. Elle reprend le tableau 8 et dit « Je trouve que celui-ci à l'inverse du père, c'est la mère ». Elle me rend le tableau et je lui demande si elle veut me poser quelques questions. Elle dit non. Je lui remercie et on finit l'entretien.

Interprétation Arielle

L'analyse globale de la production d'Arielle dans le CAT montre qu'elle a une habilité symbolique très bien développée, en dépit de ses préoccupations par rapport au réalisme des figures représentées dans les tableaux. Cette capacité lui a permis de transmettre le souci central de sa personnalité, par moyen de plusieurs situations différentes vécues dans son quotidien.

La réticence qu'Arielle a parfois exhibé pour faire la régression au service de l'ego (nécessaire pour l'expérience transitionnelle) semble être le résultat de ce moment particulier de sa

vie. Dans ce sens, elle fait face, actuellement, au problème de situer à soi-même dans sa famille, après la perte de sa condition d'enfant cadet, provoquée par la naissance de Jean. Il semble que cette expérience lui demande un très grand effort de réorganisation de sa personnalité, où elle se débat avec la question d'être encore enfant ou déjà adulte. Dans ce dernier cas, à son avis, le jeu de faire semblant ne s'applique plus. Donc, elle présente une situation où le développement du Self est influencé par ses expériences concernant l'évolution psychosexuelle et vice-versa. Dans ce cadre, tous les douleurs et conflits qu'elle présente par rapport à la rivalité fraternelle et le deuil par la petite enfance peuvent être exprimés par moyen de beaucoup de chaînes différentes de la vie réelle, grâce à sa remarquable capacité de symbolisation et à son haut niveau intellectuel. Les interprétations du contenu et de la façon dont le Self a été exprimé pendant la passation de chaque tableau du CAT-A sont présentées ci-dessus.

Tableau 1

Après avoir essayé de raconter une histoire stéréotypée (Boucle d'Or), Arielle la laisse spontanément pour rester plus proche de l'image montrée dans le tableau. Elle commence pour montrer un attachement fort à la réalité, en faisant une description du carton et en laissant clair que ce qu'il montre ne peut pas être réel : les animaux ne sont pas des êtres humains. Donc, tous les essais de les anthropomorphiser deviennent bizarres. Néanmoins, elle réussit à faire quelques approximations (l'aille est le doigt) et reprend sa capacité de jouer et de faire semblant (« *on dirait que là c'est la langue que tourne autour de leurs lèvres, pour dire 'miam miam, c'est bon !'* »). À partir de ce mouvement, Arielle réussit à raconter un peu de ses expériences par rapport à l'alimentation, mais surtout comme une situation médiatrice de son contact avec la mère. Elle fait la description d'un lien très positif où la figure maternelle est bien capable de remplir ses fonctions de gratification et d'attention aux nécessités des enfants en les nourrissant et en les laissant confortables pour dormir. Le thème de la nostalgie d'un passé est exprimé (la nappe est vieille mais est très belle et a été repassée) en ce qui concerne sa relation primitive avec la mère. Ce lien, à son avis, doit être vécu comme un espace personnel, sans l'intrusion des autres. En résumé, Arielle exprime ses mémoires et sa nostalgie d'un passé dans lequel elle pouvait jouir d'une relation d'exclusivité avec sa mère, soutenue par la préoccupation maternelle primaire de celle-ci.

Tableau 2

Arielle exprime en ce moment son indignation concernant l'inégalité des rapports des forces entre les ours. Toutefois, l'injustice référée en ce discours, s'adresse surtout à la douleur de l'exclusion. Quand on est deux, on a plus de force et d'assurance. Il semble qu'en ce moment Arielle exprime une conception que, si est le petit qui reste avec l'adulte, ça veut dire que l'autre est-il-même un adulte et peut se débrouiller tout seul. Cette constatation lui rend un profond sentiment de solitude (« *il a des yeux comme ça... et il part en arrière* »). La souffrance que cette situation l'apporte la

conduit à un certain éloignement du thème et à une vision critique et « objective » du matériel, comme un adulte qui fait une évaluation de la qualité artistique d'une œuvre. Alors, une fois de plus, un adulte ne peut pas accepter le jeu où il y a des animaux anthropomorphiques, parce que ça ne fait aucun sens, ça n'est pas raisonnable. Donc, sa situation actuelle est très différente de sa condition passée et bien qu'elle veuille assumer la première, elle ne veut pas aussi perdre ce qui la deuxième l'a apportée. Néanmoins, elle n'arrive pas encore à intégrer les deux situations, ce qui s'exprime par la permanence d'un conflit entre le passé et le présent, entre le primitif (les ours) et le développé (les hommes). Dans ce cadre, Arielle se demande pourquoi elle n'a pas pu garder sa place auprès de sa mère, parce que bien qu'elle ne soit plus la cadette, elle est encore une fille et son petit frère est un garçon. Donc, s'il y a une raison pour la rivalité due au décalage de l'âge, il ne faut pas avoir une dû la différence sexuelle (*“Ils sont plutôt les hommes qui tirent... En Angleterre il font des batailles comme ça.”*). De toute façon la rivalité persiste, indépendamment du sexe des antagonistes.

Tableau 3

Quoique les thèmes de l'injustice, référés dans les histoires des tableaux 2 et 3 puissent réfléchir une identification d'Arielle avec sa mère (avocat et historienne du droit), ils montrent dans leur contenu latente une projection ouverte de la rivalité avec son frère cadet. Donc, après avoir considéré qu'en ce moment celui-ci se bénéficie plus de l'attention maternelle dû son âge, Arielle essaie d'apaiser sa souffrance, en considérant qu'elle pourrait garder le contact précédant avec la mère parce qu'elle est encore la *filles* cadette. Devant l'échec de ses efforts, la sensation d'injustice pour se sentir délaissée prend la forme d'un discours féministe, dont l'homme a tout le pouvoir (dans ce cas, la mère). De la sorte, elle se sent « détrônée » pour être fille et pour être plus âgée. Sa position d'enfant roi a été usurpée, en lui laissant impuissante devant le phallus (pipe) de son frère. Donc, bien qu'il y ait des femmes puissantes (Elizabeth), elles sont plus l'exception que la règle.

Dans ce cadre, elle exprime toute son ambivalence par rapport à sa croissance (il serait mieux si les tableaux étaient colorés – modernes - ou blanc et noirs – anciens ?). Malgré les blessures que sa situation actuelle lui provoque, Arielle sent qu'il serait bizarre d'essayer réactualiser le passé (*« parce qu'avec des couleurs ça... il ressemblerait plutôt une photo, mais bien qu'ils seraient mieux travaillés ... quand on l'imagine avec des couleurs, il n'est pas bien. »*).

Tableau 4

Bien que le contenu latent de ce tableau s'adresse à la rivalité fraternelle, dans le cas d'Arielle, paradoxalement, ça a été le moment où ce thème s'est montré de façon plus discrète en comparaison aux autres images du CAT-A. Alors, elle se réfère à la mère qui fait attention à ses deux enfants, soucieuse de sa fonction nourissante, mais sans privilégier aucun d'eux. La seule mention au conflit fraternel en ce tableau ne se fait reconnaître qu'au moment où la fille réitère les pôles de son conflit. Dans ce sens, elle se demande si les acquisitions que son développement présent lui a apporté (les

autoroutes) sont bonnes, ou s'il serait mieux de rester au passé (la nature intouchable, mais nourrissante aussi). Arielle, en ce moment, choisit une solution intermédiaire (il y a des routes, mais elles ne sont pas grandes, ce qui permet l'existence des arbres). Cette option montre qu'elle marche vers une solution pour l'intégration de son conflit, ça veut dire, pour concevoir à soi-même pas plus comme un enfant petit, mais encore comme un enfant, dans des autres mots, le problème de la dépendance relative.

Tableau 8

En ce moment, Arielle profite l'image du carton comme une opportunité d'intégration de son conflit entre le présent et le passé : les singes, malgré sa condition d'animaux, sont les plus proches des êtres humains dans l'escalade évolutive. Alors, l'intégration entre le primitif et le socialisé qu'elle attribue à l'image, l'aide à reprendre dans des bons termes sa capacité pour la transitionnalité. Toutefois, cette récupération exige qu'Arielle ne se précipite plus vers l'atteinte de l'âge adulte, ce qui parfois elle fait par moyen d'une intensification de ses identifications avec Amalie¹. En même temps, Arielle se rend compte qu'elle doit assumer sa condition infantile, mais pas trop (« *pour quoi c'est quand même loin de nous et tout le monde dit que c'est très près, c'est quand même si près ça ?* »). Alors, la fille comprend en ce moment qu'il faut récupérer sa condition d'enfant pour atteindre celle d'adulte, ce qu'implique forcément vivre une expérience de deuil. Dans ce sens, il faut récupérer la figure maternelle d'une façon symbolique (photo) et pas concrète (statue), sans nier son importance, mais aussi sans s'attacher à elle d'une façon, propre d'une période précédente de la vie. En résumé, il faut accepter la désillusion et considérer que les êtres humains changent (et leurs relations aussi), mais ça ne veut pas dire que les expériences et les besoins primitifs disparaîtront. Toutefois, ce processus (représenté par le faire semblant) n'est pas évident, mais, au contraire, il est très complexe (« *il faut comprendre vraiment c'est qui ça veut dire.* »).

Enfin, les récits du CAT-A révèlent qu'Arielle, par moyen d'un événement rapporté à son développement psychosexuel, à savoir, son changement de place dans la fratrie, revit une fois de plus l'expérience de la désillusion qu'elle avait déjà passée au début de sa vie. Cette expérience oblige la fille à faire face, une fois de plus, dans les mots de Winnicott (1951) à l'éternel problème de l'être humain de concilier les réalités interne et externe, la réalité et la fantaisie, la vie infantile et adulte. Néanmoins, la bonne expérience qu'Arielle semble avoir vécue au début de sa vie avec Amalie, qui lui a permis d'acquiescer les capacités d'intégration, personnalisation et réalisation, fournissent une base solide pour qu'elle puisse faire face à ses défis actuels.

¹ Cet intensification des identifications semble être un moyen d'Arielle récupérer, d'une façon symbolique, le lien précédent avec la mère.

Synthèse Amalie et Arielle

Les informations obtenues à partir des récits dans le CAT d'Amalie et d'Arielle permettent d'affirmer que les deux sont en train de vivre un processus semblable du point de vue de leur relation, qui apporte des conséquences pour leur réalité psychique et pour le développement du Self. La question principale, dont elles font face, concerne leur séparation relative et les difficultés par rapport à la formation de sa propre identité en tant que personnes autonomes. Ce processus rend des conséquences importantes surtout pour leur capacité pour la transitionnalité.

Amalie souligne la caractéristique positive de son expérience de maternité et de sa nostalgie des moments où elle pouvait se dévouer complètement à ses filles. Son récit et celui d'Arielle montrent une relation de très bonne qualité au début de la vie de la petite fille, marquée par l'intensité du sentiment amoureux et d'enchantement de la partie des deux. Cette expérience a permis à Arielle l'accomplissement des tâches d'intégration, de personnalisation et de réalisation, ce qui lui a rendue actuellement, une personnalité fondée sur des bases solides.

Toutefois, Amalie a du mal à laisser ce genre de relation (où la mère joue le rôle de miroir de la fille) et de la changer pour l'autre, où il faut considérer l'existence d'un espace entre soi-même et l'autre, ainsi que les différences entre elles. En résumé, elle souffre encore dans l'accomplissement de la tâche d'aider sa fille à être autonome. Il faut remarquer, néanmoins, que cette difficulté n'atteint pas un degré pathologique, dès qu'Amalie se montre bien capable de la surmonter. Dans ce sens, elle ne peut pas être considérée comme une mère symbiotique, mais simplement comme quelqu'un de très attachée à ses enfants et qui cherche à éviter le deuil lié à la séparation. Celle-ci est vécue par elle comme la perte d'une relation entièrement amoureuse, qui doit être remplacée pour l'autre où les affrontements commencent à avoir lieu. Alors, la séparation et l'autonomie des enfants, qui apportent forcément une nécessité de rejection de la partie de ceux-ci, sont particulièrement douloureuses pour elle. Dans ce cadre, elle semble avoir des doutes par rapport à sa capacité de continuer à aimer et à être aimée dans cette nouvelle situation, en ayant encore du mal à considérer que les affrontements révèlent aussi l'attachement entre les antagonistes. Dans ce sens, elle semble ressentir qu'elle perd sa possibilité d'être mère au fur et à mesure que ses enfants grandissent.

Devant ces angoisses, elle réagit surtout par l'évitement: alors, quand Julianne a grandi, elle est tombée enceinte d'Arielle et maintenant, quand celle-ci commence à être plus autonome, Amalie a eu un autre bébé. Malgré l'arrivée de Jean soulage un peu les angoisses d'Amalie par rapport à l'autonomie d'Arielle, elle ne les efface pas complètement. Dans ce sens, en plus du deuil pour la perte de la condition de la fille comme petite, elle s'angoisse pour remarquer la souffrance d'Arielle, en raison du changement de relation entre elles. En vrai, Amalie se demande si Arielle ne se sent pas moins aimée à cause de ce changement.

À son tour, Arielle ne sent pas la nouvelle attitude de sa mère par rapport à elle comme un manque ou un retrait d'affection. Toutefois, elle attribue ce changement aussi à l'arrivée de Jean.

Donc, malgré la certitude d'Amalie de qu'il n'y a pas de jalousie de la part de la fille par rapport au bébé, le sentiment d'avoir été détrôné à cause de lui est prégnant dans la fille.

Dans ce cadre, la question qui se pose pour les deux est de savoir comment compléter la séparation et quoi mettre dans l'espace qui restera entre elles. La résolution immédiate de cette difficulté est un peu compliquée dû au manque de fluidité des processus transitionnels de la mère. De cette façon, Amalie laisse clair qu'elle est capable d'être la mère aimante, tendre et passionnée que les enfants ont besoin au début de leurs vies. Elle montre qu'elle est aussi capable de réussir à la vie professionnelle et soutenir financièrement sa famille. Dans ce sens, encore qu'elle soit à l'aise dans le cadre des expériences concernant le premier et le troisième stade du développement du Self, elle ne glisse pas bien entre eux. Par contre, Arielle, en dépit de quelques difficultés dans le même sens, commence à explorer un peu plus sa capacité pour la transitionnalité (on doit penser à la grand-mère, mais pas trop; on doit avoir une photo de celle-ci, mais pas une statue). Alors, la fortification des expériences transitionnelles semble être la solution envisagée par elle pour tolérer la souffrance causée par le changement de la relation vers l'autonomie vis-à-vis de la mère.

De son côté, Amalie peut compter sur son mari pour dépasser ses angoisses liées à l'autonomie d'Arielle. Dans ce sens, Frédéric semble jouer un rôle essentiel, vu qu'il soutient fermement la nécessité de séparation entre la mère et la fille que ce soit directement ou indirectement. Donc, il insiste pour que les enfants aient leurs propres chambres (et ne partagent pas celle des parents). Il insiste pour qu'Arielle choisisse ses propres vêtements et il montre à son épouse qu'il faut que la fille commence à aller toute seule à l'école. De façon plus indirecte, son chômage, qui oblige Amalie de rester plus de temps en travaillant hors de la maison, constitue aussi une coupe de la relation de dépendance.

Dans un premier temps, Amalie ressent cette attitude de Frédéric comme une intrusion dans son lien avec les enfants et résiste un peu à l'accepter. Cette résistance est fondée sur sa peur que ses enfants restent exposés aux dangers du monde s'ils sortent de son cercle de protection. En même temps elle se sent un peu volée de son rôle maternel et attend, avec beaucoup d'espoir, qu'elle va le reprendre quand son mari retournera au travail. Toutefois, Amalie comprend bien l'importance d'être séparée de ses enfants, pour qu'ils puissent développer leur propre identité. Dans ce sens, elle se base sur son expérience par rapport à sa propre mère, bipolaire, de qui elle-même a eu besoin de se séparer pour préserver sa santé mentale. Alors, elle s'aperçoit que, de la même façon que sa mère, elle n'est pas parfaite et ses enfants ont besoin d'autres modèles au-delà d'elle pour évoluer. Donc, se séparer de ses enfants, au contraire de signifier la réjection ou un manque d'affection, est aussi un geste d'amour. Consciente de ses limites pour décharger cette tâche, Amalie se rend compte de l'importance de son mari pour l'aider, pour soutenir elle et ses enfants dans leurs processus d'acquisition de l'indépendance. Alors, ses sentiments de rivalité envers Frédéric se transforment en une intense gratitude et reconnaissance. Assurée de l'importance de laisser les enfants aller tous seuls vers le

monde, et de l'informer que ça va arriver avec Jean aussi, elle cherchera au futur, selon son récit, à reprendre sa fonction maternelle dans un autre contexte, comme une grand-mère.

À son tour, Arielle peut aussi reconnaître le rôle que son père joue dans le processus de sa séparation avec la mère, mais cela ne semble changer en rien ses sentiments amoureux par rapport à lui (le coq ne veut pas qu'ils dorment à la même maison, mais il fait tout pour eux). En vrai, son sentiment d'exclusion n'est pas déclenché pour lui, mais pour Jean. De cette manière, sa croissance et la naissance de son frère lui permettent de vivre des nouvelles expériences par rapport à son développement psychosexuel, mais aussi de fortifier sa capacité créative, dû les exigences de mettre en œuvre ses processus transitionnels.

En résumé, Amalie et Arielle composent une dyade qui peut être caractérisée comme en ayant une relation amoureuse très forte et très intense, qui se débat maintenant avec la nécessité du coup de ce genre de lien. Les raisons de cette exigence sont vues de manière différente par chacune d'elles : par Amalie il s'agit d'une revendication du processus de croissance de la fille, et par Arielle comme une conséquence de la naissance de Jean. La principale difficulté pour les deux en ce moment est de faire face au deuil de la relation précédente. Toutefois, avec l'aide du père d'Arielle, ce processus semble se dégager d'une façon harmonieuse (même s'il n'est pas exempté des douleurs). Toutes ces circonstances indiquent une très bonne condition pour les deux en ce qui concerne la continuité du développement de leurs Selves.

APÊNDICE AB - Dyade Denise et Antoinette

Identification

Denise: 45 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Marleen (14 ans); Antoinette (9 ans)

Enfant étudié: Antoinette

Ordre des entretiens: 1) Antoinette

2) Denise

Récit de Denise

Denise est une amie de Cécile, la première mère qui a fait un entretien avec moi. Elle a joué un rôle d'intermédiaire dans mon contact avec Denise. En plus Cécile m'a dit que Denise pourrait m'aider à rencontrer d'autres mères pour ma recherche, puis récemment Antoinette avait célébré son anniversaire et il y avait environ quinze filles à la fête. Denise vraiment a beaucoup coopéré avec moi: elle m'a mise en contact avec 3 mères qui ont aussi composé mon échantillon (Amalie, Rachel et Florence) et une quatrième qui n'a pas voulu y participer (elle a fixé un rendez-vous avec moi, mais, à l'heure au jour prévu, elle n'était pas chez elle; les tentatives de la joindre ont été aussi vaines).

Ma rencontre avec Denise a eu lieu chez elle, lors d'une matinée ensoleillée à la fin du mois de novembre. Elle est une femme tellement sympathique, et a une beauté spéciale. Cette beauté, plutôt des caractéristiques physiques, est issue d'un magnétisme qui rayonnait dans sa personnalité et qui la laissait particulièrement jolie. Elle a la peau claire et des cheveux courts. Elle est brune aux yeux entre marrons et verts, et s'habillant de façon simple. Elle est agréable et bavarde, mais sa façon de parler a une caractéristique singulière: de temps en temps, pendant son récit, elle montre une respiration saccadée, comme si elle était effrayée d'un coup.

Je connais aussi les autres membres de la famille. Son mari, Stephanus, est aussi très sympathique, grand, clair aux yeux verts. Marleen est une adolescente douce, agréable et jolie: grande, mince, avec des cheveux blonds, longs et raides, charmante comme un top model. La maison est confortable. Les meubles sont de bois foncé et il y a une grande fenêtre en verre pour profiter de la lumière du soleil.

Je reste resté un peu dans la salle et, avant de commencer l'entretien, Denise raconte des voyages que sa famille avait déjà faits. Après, nous décidons que j'irai parler d'abord à Antoinette.

Pendant l'entretien Denise a parfois du mal à associer son expérience maternelle aux tableaux du CAT, mais elle est capable de surpasser ses difficultés. Sa respiration irrégulière devient plus fréquente quand elle est face au tableau 3 du CAT. Désormais, sa voix devient de plus en plus faible,

sérieuse et introspective. La respiration irrégulière revient quand elle regarde le tableau 8, mais disparaît tout au long de son récit. À la fin de l'entretien, son énergie diminue un peu, et elle semble légèrement déprimée, mais plus en contact avec elle-même.

Le CAT-A

J'explique à Denise les buts de ma recherche et, d'abord, je lui demande de me raconter son expérience comme mère d'Antoinette. Elle dit qu'elle a deux filles, Antoinette et Marleen, qui va avoir 15 ans. Celle-ci est née aux Pays-Bas, parce qu'elle et son mari ont habité là-bas auparavant.

Elle dit qu'elle ne sait pas en quel sens, elle devra parler de son expérience maternelle, qu'il sera difficile si je ne lui pose pas de questions. Je la tranquillise et je lui demande si elle est française, en dépit de Marleen d'être née aux Pays-Bas. Elle confirme et dit qu'elle a vécu aux Pays-Bas pendant six ans, et quand Marleen avait 2 ans, la famille est revenue en France. Elle raconte que son mari est hollandais (elle respire de façon irrégulière à ce moment-là), qu'il est né aux Pays-Bas. Denise répète qu'il est né et qu'il a vécu au Pays-Bas (respiration irrégulière). Elle raconte qu'elle est de Paris, donc la famille est née entre la Hollande et la France (elle soupire).

Je lui demande combien de temps ça fait qu'elle est mariée. Elle raconte qu'elle s'est mariée en 1992, mais qu'ils vivaient déjà ensemble avant le mariage. Alors le temps total d'union du couple est de 25 ans (elle soupire). Elle dit qu'elle a eu Marleen quand elle avait 30 ans et qu'il y a six ans de différence entre elle et Antoinette. Elle dit qu'elle-même a 45 ans. Elle raconte qu'ils n'ont pas eu d'enfants au moment où ils ont voulu les avoir, parce que les choses n'ont pas fonctionné tout de suite. Alors, ils ont attendu un peu et, entre Marleen et Antoinette, elle a fait une fausse couche. Elle répète qu'ils sont arrivés à Lille quand Marleen avait 2 ans (soupire) et que, 4 ans après, Antoinette est née. Ensuite elle dit que les deux filles sont très différentes l'une de l'autre. Marleen est beaucoup (elle hésite) plus timide, plus réservée, et parfois elle comprend cette manière d'être de la fille parce que depuis qu'elle était petite, elle était très tranquille parce que... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte qu'ils ont eu Marleen quand la situation de la famille était un peu instable entre X (ville de la Hollande) et... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte qu'ils devraient habiter à Y (ville de la France), mais cela ne s'est pas fait.

En ce temps-là Marleen était toute petite et la famille a bougé souventes fois. Elle dit que parfois elle explique la différence entre les filles comme une conséquence de cette expérience vécue par l'aînée. Elle souligne que même en ayant les mêmes parents, elles sont deux filles très différentes. Selon elle, cette différence est enrichissante, mais... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que c'est vrai que c'est toujours un équilibre à assurer, parce qu'Antoinette s'en va sans problème et (elle baisse le ton de la voix). Par contre, avec Marleen c'est plus difficile. Elle parle que c'est un petit peu comme ça le rapport avec les deux (filles) et qu'elle ne sait pas ce qu'elle pourrait dire de plus. Je lui réponds que c'est bien ce qu'elle m'a raconté. Après, je lui dis que j'irais lui montrer les tableaux que j'avais montrés avant à Antoinette. J'ajoute qu'ils s'agissent de situations

quotidiennes de familles et que je voudrais qu'elle, en les regardant, me raconte son expérience comme mère d'Antoinette. Elle dit « D'accord » et je lui montre le premier cartoon.

Tableau 1

Elle dit que c'est trois petits poussins à table avec leur maman, qui est un peu effacée, un peu en arrière. Elle ajoute que la boule est très grande. Elle dit qu'il y a deux poussins qui ont un bavoir et il y a un autre qui ne l'a pas. Elle dit qu'elle ne sait pas pourquoi (qu'un des poussins n'a pas de bavoir), peut-être il mange plus proprement que les autres. Elle dit que le tableau lui rappelle Antoinette. Elle dit qu'elle se rappelle Antoinette, toute petite quand elle mangeait et qu'elle pouvait l'emmener partout. La petite fille aimait bien toucher les aliments et ils la laissaient faire, parce qu'ils pensaient que c'était important qu'elle ait des contacts avec la matière. Donc, quand elle avait terminé, elle n'était pas propre du tout. Elle dit qu'elle ne sait pas quoi dire de plus par rapport à cette image. Elle dit qu'elle se demande pourquoi la poule disparaît et, en même temps, elle est dominante par rapport à cette table. Elle dit qu'elle a surtout l'impression que les poussins attendent que la mère les sert, parce que leurs boules sont vides, ils ne peuvent pas se servir tous seuls. Alors, ils ont besoin de leur mère, mais, en même temps, elle n'est pas tout à fait présente. Il y a un petit silence et elle me demande si elle doit commenter l'image et raconter en même temps. Je lui réponds que c'est bien la façon dont elle avait fait. Elle me rend le tableau et je lui donne le deuxième.

Tableau 2

Elle sourit et dit que le tableau lui rappelle l'histoire de Boucle d'Or, qui rentre dans une maison et qui vole trois boules et trois chaises. Puis, en même temps, on a l'impression qu'il y a un jeu, un rapport de forces entre deux adultes, deux ours. Elle continue en disant qu'il y a un ours qui est plus fort que l'autre, et puis, il est aidé par un petit. Alors, le rapport de forces n'est pas très équilibré parce que, finalement, il y a un très fort et un petit avec lui, et l'autre qui est un peu moins fort, est tout seul. Elle dit que celui-ci a l'air d'être un peu inquiet, il tire, mais, pour lui, il ressent l'angoisse. Ils ont l'air d'être mal tous les deux. Elle dit qu'elle ne sait pas qu'est-ce que ça peut lui rappeler par rapport à l'éducation d'Antoinette. Elle continue en disant que peut-être dans un couple, il y a des moments que ce n'est pas facile de trouver un bon accord pour savoir comment s'occuper des enfants et de... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant qu'on (le couple) n'est pas toujours d'accord. Ils tirent aussi en pensant qu'on a raison, que chacun a raison, et que c'est vrai que parfois c'est une situation d'un rapport de forces (respiration irrégulière) et parfois un enfant choisit un coin plus que l'autre. Je commence à lui dire que ce n'est pas facile de s'entendre par rapport à l'éducation des enfants, mais elle m'interrompt et dit: « Oui, Oui, Oui, Oui, Oui, Oui, ». Elle commence tout de suite à raconter que son mari a eu une éducation plus... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant qu'il a du mal à pardonner et qu'elle n'aime pas ce mot. Elle continue en disant qu'elle veut que les enfants se couchent et mangent à l'heure, afin d'avoir un meilleur rythme et de rigueur. Par contre, son mari n'aime pas trop ça et a du mal à l'accepter. Elle dit

qu'au contraire de lui, elle essaie d'avoir un peu plus de régularité, mais ils ne sont pas toujours d'accord et ils se disputent pour ça (elle rit). Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

Elle dit que c'est le roi lion qu'il lui rappelle un autre conte, un conte de Perrot, « Le Chat Botté », et la souris qui... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle dit que c'est le roi qui, à la fin, est transformé en souris et il a été le chat botté qui l'a craqué. Elle me demande si je connais ce conte et je réponds que non. Elle raconte qu'il y avait un roi, et il est, en effet, déjà vieux. Il est assis dans son trône. Il a sa pipe. Il semble fatigué. Il est épuisé, et la petite souris le regarde, peut-être un peu inquiète. Elle interrompt le conte et dit que, par contre, par rapport à l'éducation, elle ne voit pas le rapprochement qu'elle pourrait faire. Elle rit et dit qu'elle ne sait pas. Elle dit qu'elle pourrait me dire qu'il y a des parents aussi qui sont épuisés et répète qu'elle ne sait pas quoi dire par rapport à l'éducation. Elle dit que c'est plus l'image du vieillard (elle hésite) et du grand-père, que c'est plutôt le grand-père que le père (respiration irrégulière).

Je lui demande si ça lui rappelle quelque chose d'autre. Elle dit que si : c'est le grand-père, elle pourrait dire que ça lui rappelle son père qui est aussi barbu et chevelu comme le lion (elle rit). Elle dit qu'il ne fume pas la pipe et il n'a pas encore de canne. Elle raconte que ses parents se sont toujours beaucoup occupés de ses filles (Marleen et Antoinette). Donc, elles ont une relation avec leur grand-père qui n'est pas de pouvoir, mais plutôt cordiale et complice. Elle dit que ce n'est pas du pouvoir qui est sur cette image. En même temps, le roi a l'air assez calme, il ne fait pas peur (en ce moment sa voix est plus faible). Et ce n'est pas le roi avec la couronne qui veut s'imposer; cela peut être, donc, le grand-père.

Je lui demande si ses parents ont beaucoup de contact avec Antoinette et elle répond que oui, bien qu'ils habitent dans une autre ville (respiration irrégulière). Elle raconte que ses parents sont séparés, mais qu'ils (la famille de Denise) les voient souvent (respiration irrégulière), et qu'ils partent en vacances ensemble. Elle raconte qu'ils se voient un peu près une fois par mois, et ce n'est pas beaucoup, mais qu'ils se téléphonent souvent. Elle ajoute que son père aime bien faire le clown avec Antoinette, et qu'ils ont une bonne relation. Elle raconte que ses parents emmènent les filles en vacances d'été aussi (respiration irrégulière). Elle raconte que le père de Stephanus est plus âgé et il a divorcé. Elle raconte qu'il a perdu sa femme (la mère de Stephanus). Ensuite il s'est remarié et après il a divorcé. Alors c'est un peu plus compliqué. Elle réitère qu'il est plus âgé et ajoute qu'il a beaucoup d'enfants, donc il y a plus de distance. Ainsi, ses filles ont plus des relations directes avec ses propres parents (respiration irrégulière). Elle raconte que le père de Stephanus voit les filles aussi et qu'il a 94 ans. Par contre, ses propres parents sont assez jeunes, ils ont 69 ans et ça fait une grosse différence; en plus ils sont assez jeunes d'esprit. Elle raconte que l'année dernière ils sont partis avec eux en Égypte avec sac-à-dos, et qu'ils ont fait du vélo et que c'est une autre chose (en comparaison au père de Stephanus). Elle répète que les filles ont une bonne relation avec eux et qu'elle pense que ça c'est

important (respiration irrégulière). Elle dit que c'est vrai que c'est aussi un autre (hésite) rapport d'autorité ou sans autorité. Elle continue en disant que c'est vrai que parfois nous aimerions être un peu nos propres parents, ne pas avoir toujours le poids de la responsabilité de son enfant pour ce qu'il fait, qu'il soit poli, qu'il range sa chambre et qu'il fasse ses devoirs. Elle ajoute que ce sont les parents qui doivent assumer ce rôle-là, et les grands parents, finalement, ils le font aussi, mais avec plus de distance. Elle dit que c'est plus agréable, parce que par moments on n'a pas envie d'être tout le temps les parents. Elle ajoute qu'on voudrait plus être les parents qui ont plus de relations sans donner des ordres, comme « fais comme ça et pas comme ça ». Elle dit que, dans sa propre famille, ils font des expériences, ils font des jeux ensemble, ils font de la cuisine. Elle raconte qu'Antoinette aime bien cuisiner et qu'ils font beaucoup de choses comme ça. Par contre, la fille n'aime pas quand il faut lui dire « Au moment, il faut ranger, il faut faire tes devoirs, il faut faire de la musique ». Denise dit que c'est vrai que c'est difficile pour un enfant de comprendre que par moments il y a beaucoup de contraintes. Elle croit que c'est un juste équilibre qu'il faut trouver entre les contraintes et une relation avec plus d'échanges et de complicités, d'affection, et que cela n'est pas simple.

Je lui dis que j'avais parlé à quelques femmes qui se plaignaient d'être surchargées en comparaison de leurs maris, qu'elles croyaient qu'ils jouaient un rôle plus proche des grands-parents vis-à-vis de ses enfants. Elle dit qu'elle ne peut pas comparer Stephanus à son père, parce qu'il est en même temps très dynamique. Mais c'est vrai qu'il fait juste attention à la musique et que sa famille (à lui) a donné toujours beaucoup plus d'importance à ça. Elle raconte que les parents de Stephanus chantent, que son père fait du violon et qu'il chante aussi. Donc, il est beaucoup plus strict avec Antoinette par rapport à la musique qu'aux devoirs, pour se coucher à l'heure et pour tout le reste. C'est drôle. Mais comme il n'est pas vieux, elle ne peut pas le comparer au lion. Elle dit qu'elle croit que c'est une généralité, peut-être même mondiale, que les femmes ont plus un sens de responsabilité ou quelque chose comme ça, que le père. Elle reste silencieuse et je lui demande si elle avait déjà parlé tout à l'égard de la figure. Elle répond qu'oui et je lui montre la quatrième. Elle me demande si les images du CAT-A viennent du Brésil. Je lui réponds que les images sont universelles, qu'elles sont utilisées dans le monde entier.

Tableau 4

Elle regarde le tableau et dit: « Qu'est-ce que je peux dire de ça... ». Elle commence en disant que c'est la famille kangourou avec le petit dans le ventre. Elle commence à dire où ils vont, mais elle ne complète pas la phrase. Elle demande: « Qu'est-ce qu'il y a, un panier ? Non, un ballon ». Elle continue en disant que la maman a un panier avec elle. Elle répète que la maman a un panier, un chapeau et qu'ils partent pique-niquer dans le bois. Elle dit qu'ils ont l'air triste. Le petit fait du tricycle et il est un peu triste. (Le ton de sa voix est faible et un peu mélancolique). Elle dit qu'en même temps il semblerait qu'ils vont faire quelque chose de joyeux, ils sont assez tristes. Elle dit que la maman a son chapeau et son sac et que, par leur attitude, on dirait qu'ils sont joyeux, mais dans leur

expression ils sont plutôt tristes. Elle dit qu'elle ne sait pas pourquoi (qu'ils sont tristes). Il y a un petit silence et elle dit qu'elle ne sait pas quel rapprochement elle pourrait faire. Elle dit que c'est deux enfants et la maman et qu'il n'y a pas de papa, et qu'on peut penser que c'est parce qu'il n'y a pas de papa qu'ils sont tristes. Elle dit que le papa, on ne sait pas où il est, on ne le voit pas parce que l'image est un peu coupée. Quant au papa on peut dire qu'il est quelque part au coin de l'image. Elle dit que l'image lui rappelle des amies qu'elle a et qui sont seules avec leurs enfants et qu'elles élèvent toutes seules leurs enfants. Elle dit que cela ne doit pas être facile tous les jours. Elle dit que c'est une responsabilité d'avoir des enfants et, quand on est toute seule, sans couple, c'est difficile (elle a des difficultés par rapport à cette image). Elle dit qu'heureusement, elle n'est pas concernée par cette situation. Elle raconte qu'elle et son mari travaillent dans la même entreprise, donc ils se voient beaucoup aussi bien dans la vie familiale que dans le travail. C'est une situation aussi particulière. Elle dit qu'ils sont plutôt heureux et qu'elle aime aussi quand, de temps en temps, elle a des activités en dehors. Elle dit qu'elle aime n'être pas toujours avec son mari, (elle rit). Elle continue en disant qu'elle est plutôt heureuse et rit à nouveau. Elle me rend le tableau et je lui donne le suivant.

Tableau 8

Je lui dis qu'il s'agit de la dernière image. Elle prend le tableau et dit que c'est la famille singe et ajoute: « Alors, qu'est-ce qu'on voit là ? ». Elle soupire comme si elle était en train de commencer une activité difficile. Elle dit quand elle essaie de voir si c'est un mâle ou une femelle, elle essaie de deviner, car ce n'est pas évident. On voit qu'il y a un qui est avec un petit. Elle dit que le petit a l'air assez effrayé, et le grand semble lui expliquer ce qu'il faut faire ou ne pas faire. Elle répète que le petit a l'air un peu effrayé et on constate qu'il y a la grand-mère qui veille sur tout le monde, qui est peut-être morte et qui montre un peu l'autorité sur cette image. Cette grand-mère est au centre de l'image, donc on sait que c'est elle qui organise l'ensemble des personnes. Elle dit qu'il y a trois... (elle se corrige et continue) il y a deux singes qui parlent entre eux, et qui ont l'air de dire du mal de, peut-être de... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit quand on tombe la main comme ça (à la même position que celle du singe), c'est souvent pour dire du mal d'une personne, et quand on parle à une personne, on ne veut pas que les autres l'entendent. Elle dit qu'il y a une complicité entre ces deux singes là et, puis, il y a l'autre qui dit au petit, en essayant de faire son éducation. Alors on dirait que c'est plus sa maman que l'a interrompu. Elle dit qu'il s'agit d'une réunion familiale, des petits groupes qui se forment et il y en a un qui s'occupe plus du petit singe et les autres qui parlent entre eux. Elle dit que c'est un moment plutôt convivial, une réunion de famille. Elle hésite et continue en disant, qu'en même temps, c'est lui qui dit au petit, en lui expliquant quelque chose. La maman n'a pas l'air de s'énerver, mais plutôt d'être un peu sage et lui explique de façon autoritaire, avec le doigt, ce qu'il faut faire ou ne pas faire. Elle ajoute qu'il y a toujours cette grand-mère au mur qui regarde et écoute tout ça.

Elle dit que dans cette situation, elle ne sait pas qu'est-ce qu'elle pourrait se rappeler et que c'est toujours le fait qu'il y ait en un qui s'occupe des enfants et qui explique aux enfants ce qu'il faut faire, pendant que d'autres s'amuse ou pourraient la caricaturer. Elle dit que c'est un peu comme ça (respiration irrégulière). Je lui dis que je vois que la question de l'autorité est une chose qui l'inquiète. Elle soupire, rit et dit qu'oui, que cela lui revient beaucoup dans les images (respiration irrégulière). Elle dit que c'est vrai que souvent... (elle se corrige) par moments, elle reproche à Stephanus de ne pas avoir assez d'autorité et qu'en même temps elle ne sait pas (sa façon de parler manque un peu de cohérence à ce moment). Elle dit qu'elle n'aime pas le sens militaire du terme (autorité), mais qu'elle croit que Stephanus a du mal à se faire respecter par ses enfants. Elle dit quand ses filles ne sont pas d'accord avec lui, elles la regardent. Ça c'est difficile car cela la met dans une position où... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte que son mari, même dans la vie courante, a peur de dire des choses désagréables, des choses qui peuvent fâcher. Alors, c'est elle qui souvent doit avoir ce rôle-là, pas seulement avec les enfants, mais dans la vie courante aussi, et c'est assez désagréable (elle hésite un peu). Elle dit que son mari ne partage pas facilement (ce rôle) et qu'il veut avoir le beau rôle comme il a, en disant : « Je suis gentil, je chante » (elle le caricature). Elle raconte que son mari a eu une éducation très libre dans le sens que son papa travaillait tout le temps. Son papa avait une usine qu'il s'occupait. Sa maman était sourde et comme elle n'était pas française, elle ne comprenait pas très bien la langue. Elle raconte que Stephanus, ses frères et ses sœurs avaient une nourrice qui s'occupait beaucoup d'eux. Elle raconte qu'il est le dernier des quatre enfants; les autres ont été mis dans un pensionnat et comme il était le dernier, ils l'ont laissé beaucoup libre. Elle raconte que parfois il n'allait pas à l'école et sa mère ne posait pas de questions. Elle dit qu'il a eu du mal à avoir un cadre et aussi à donner un cadre aux autres. Elle dit qu'elle aimerait bien qu'il fasse ça parce qu'ils sont deux pour donner ce cadre-là et que c'est une faiblesse. Elle dit dans un couple on n'est jamais parfait. Je lui dis que je crois qu'elle se sent un peu surchargée. Elle dit qu'oui, mais qu'en ce moment ses filles sont plus grandes, alors ça va. Toutefois, quand elles étaient petites, ou quand elles étaient bébés, elle trouvait ça plus difficile, parce qu'il fallait leur conduire à la crèche et là on rencontrait des gens qui parlent. Donc, on rentrait tard avec les enfants et faire tout cela c'était éprouvant (elle parle comme si elle était fatiguée en ce moment). Elle raconte que maintenant Marleen est plus autonome, elle a son vélo, elle rentre seule et que les deux filles font du ménage. Elles ont même aussi quelque part une initiative pour dire « Je vais me coucher », « Je vais manger ». Donc, c'est plus facile. Elle raconte que Stephanus a aussi cette qualité de vivre l'instant, d'aller à la rencontre des gens, de parler avec eux. Elle raconte que le matin de la journée de l'entretien, il s'était réveillé à cinq heures du matin pour emmener la correspondante américaine de Marleen, mais qu'après on ne savait pas du tout où il fut. Il est revenu à dix heures car il avait décidé de faire d'autres choses. Elle dit qu'elle pense que c'est nécessaire aussi d'avoir cette petite liberté qu'il a. Elle dit que par moments elle se dit « ok ». Mais elle s'inquiète aussi en pensant qu'il peut lui arriver quelque chose (elle rit). Elle dit qu'il est encore enfant, qu'il est resté très enfant. Elle dit que c'est bien aussi d'être enfant, mais c'est toujours une

difficulté d'équilibrer et d'assumer ses responsabilités. Elle ajoute qu'obtenir cet équilibre dans un engagement avec deux personnes c'est plus difficile.

Je commente ce qu'elle me raconte en disant qu'il faut partager les choses un peu plus et elle dit: « oui ». Mais elle complète en disant qu'il partage, qu'il va chercher Antoinette à l'école et qu'il participe beaucoup au ménage, plus que d'autres hommes. Elle dit que c'est un équilibre mais qu'il n'est pas toujours évident de trouver cela (elle parle à voix basse en ce moment). Elle dit que parfois elle pense, en même temps, qu'elle devrait être plus souple et faire un mélange des deux (elle et Stephanus) et de rééquilibrer chaque côté (elle rit). Elle me demande si le tableau sur lequel nous parlons est le dernier et je réponds qu'oui.

Je la remercie et je parle qu'elle m'avait dit qu'elle et son mari travaillent dans la même entreprise. Elle dit qu'oui, qu'ils ont leur propre bureau. Elle dit qu'ils ont le même métier, qu'ils ont fait la même école. Je lui demande si elle travaille tous les jours et elle dit qu'oui, mais qu'elle fait aussi un peu d'enseignement à l'université et, en plus, elle fait du conseil auprès de la collectivité. Elle ajoute qu'une fois par mois elle part pour deux jours dans une autre ville. Elle dit qu'elle aime beaucoup ces deux jours de liberté et qu'elle est aussi un peu autonome. Je lui dis qu'elle a beaucoup d'activités et elle répond que oui et qu'elle aime bien faire des choses différentes aussi (respiration saccadée). Je la remercie à nouveau pour sa participation à la recherche et on finit l'entretien.

Interprétation Denise

Bien qu'en certains moments de son récit Denise ait parlé directement de sa relation avec Antoinette, elle a communiqué plutôt son expérience maternelle d'une façon générale. Dans ce sens, elle a montré ses principaux conflits personnels qui se répercutent dans ses rapports familiaux. Le thème central de son récit semble être la « recherche d'un équilibre » ou la « recherche de la rencontre ».

De cette manière, à première vue, elle se demande comment elle pourrait transposer la distance entre deux pôles spécifiques: entre l'autorité et la liberté (vis-à-vis d'elle-même et dans sa relation avec ses filles) et, dans ce même contexte, entre la culture française et celle hollandaise (ou entre elle et Stephanus). Toutefois, ce conflit ne se restreint pas à la contradiction entre ces deux pôles, vu que chacun d'eux est aussi problématisé par elle. Donc, premièrement Denise ajoute au pôle de l'autorité celui de l'exigence, en restant les deux du même côté. Ensuite, elle s'interroge quelle serait la limite entre concéder la liberté (plus identifiée à la culture hollandaise) à ses enfants et les abandonner ou négliger. Dans ce sens, imposer l'autorité et des exigences (plus identifiées à la culture française) aux enfants signifierait prendre soin d'eux. Pour autant, la situation devient encore plus complexe car, pour Denise, l'imposition de l'autorité et des exigences n'a pas l'intention de garder la dépendance soumise des enfants. Au contraire, cette imposition cherche à favoriser leur autonomie. Autrement dit, à son avis, le plus qu'elle soit exigeante avec les filles, le plus qu'elles apprendront à faire bien les choses et à se débrouiller toutes seules à l'âge adulte.

Cette relation dynamique et pleine de nuances n'est pas vécue seulement comme des contradictions et dilemmes internes. Elle est aussi dramatisée dans les relations quotidiennes de Denise avec son mari et ses filles. En plus, elle semble quand même être suscitée par les expériences réelles de Denise chez sa famille.

Dans ce sens, Denise commence son récit en racontant l'histoire de sa famille, qui se déroule aux Pays-Bas et en France. En ce moment cette histoire est stoppée dans une ville française avec une forte influence néerlandaise: Lille. Ainsi, elle peint le portrait d'une famille partagée entre les deux cultures: un mari et une fille hollandais et elle-même avec une autre fille qui sont françaises. De sorte, sa première respiration irrégulière surgit quand elle se réfère à l'origine de son mari et le volume de sa voix baisse quand elle raconte que son rapport avec Marleen est plus difficile qu'avec Antoinette. Il faut remarquer que, à l'avis de Denise, ses difficultés avec Marleen ne sont pas attribuées à la période de l'adolescence où la fille se rencontre (ce qui pourrait rendre les relations d'oppositions plus communes). En revanche, elles sont plutôt octroyées à la condition instable de la famille en ce qui concerne le lieu d'habitation en début de la vie de Marleen où, symboliquement, à l'ambiguïté de l'identité familiale en ce moment de sa vie.

Le récit de Denise révèle une certaine fatigue et frustration. La fatigue est issue de ses efforts pour concilier les pôles de ses conflits dans son propre Self ainsi que dans ses relations familiales, où ils prennent forme dans sa relation avec Stephanus. La frustration, à son tour, est aussi liée à cette condition. Encore que Denise ait réussi à habiter en France avec sa famille, les choses ne se sont pas passées exactement comme elle a souhaité. Il a fallu attendre 10 ans après l'union du couple pour la naissance de Marleen, 6 ans pour celle d'Antoinette (avec une fausse couche entre les deux) et aussi un essai échoué d'habiter dans une autre ville française. Dans ce sens, le récit montre qu'il y a un décalage entre son désir de vivre sa vie de façon dont elle veut et ce que la réalité lui impose. Autrement dit, il semble avoir une certaine difficulté pour renoncer à ses buts en tant que personne autonome et pour les adapter et les flexibiliser devant la rencontre avec l'autre qui offre des conditions différentes de vie.

Face à ce fait, Denise cherche à croire que cet écart et les frustrations qui l'accompagnent peuvent être enrichissants. Cependant, cet effort a plutôt l'intention de convaincre à soi-même de cette opinion. Elle semble ressentir qu'il faut faire beaucoup d'efforts pour que ses désirs personnels, même les plus simples, soient réalisés. Les récits à chaque tableau du CAT-A ont permis de connaître ces soucis et ces angoisses d'une façon plus détaillée.

Tableau 1

Dans ce tableau, la tension entre l'autorité et la liberté surgit pour la première fois, dans le contexte de la situation du repas. Denise reprend le moment où Antoinette a commencé à manger toute seule. Elle souligne qu'elle et son mari ont été d'accord en concédant une plus grande liberté à la fille et en la laissant manger avec les mains, au détriment de l'imposition des normes de propreté et

d'organisation. En résumé, ils cherchaient à lui offrir une opportunité par l'exercice de l'autonomie. Dans ce contexte, le rôle de la mère est remis en question, vu qu'elle ne doit pas être trop proche de ses enfants, mais ne doit pas être trop loin non plus, car ils ont encore besoin d'elle (*leurs boules sont vides, ils ne peuvent pas se servir tout seuls*). Donc, la mère ne peut pas être si dominante ni si effacée. Dans le premier cas, elle casserait l'autonomie des enfants. Dans le deuxième cas, bien que l'éloignement puisse la laisser moins surcharger, elle ne ressent pas qu'elle remplit son rôle maternel. D'où l'autonomie doit être relative. Bien que la conclusion qu'il suit soit claire, à savoir, le besoin de la présence de l'autre pour l'usufruit de la liberté, le récit de Denise n'arrive pas encore à son terme.

Tableau 2

Après un essai initial de s'éclipser derrière une histoire standardisée, Denise apporte le thème des différences de valeurs du couple par rapport à l'éducation des enfants. Donc, l'accord manifesté entre les deux parents dans le récit précédent cède la place à la discordance et, dans la situation de conflit, l'enfant peut être pour l'un ou pour l'autre. Ainsi, les pôles du conflit psychique de Denise se montrent dans le plan du lien conjugal. Tandis qu'elle prend le parti de l'imposition des normes, envisageant une plus grande organisation de la vie de ses filles, Stephanus, de l'autre côté, est vu comme quelqu'un qui souhaite la disparition de toutes régularités. L'attachement rigide de chaque composant du couple à une position spécifique empêche la rencontre, la flexibilisation et l'intégration créative des valeurs et des objectifs pour la vie familiale. Les différences sont vues comme indépassables, ce qui les rend tous malheureux. Précisément, Denise sent qu'elle joue toute seule le rôle de l'autorité dans la famille, sans être soutenue par son mari. Donc, en plus de faire face à l'opposition des enfants, elle le fait aussi à celle de Stephanus, ce qui l'angoisse.

Tableau 3

En ce moment, Denise continue le thème de l'imposition des exigences, normes et règles à ses enfants. Elle ajoute aussi la sensation d'épuisement qu'elle éprouve face à sa solitude dans l'accomplissement de cette fonction. Dans ce sens, il surgit d'abord la peur d'être démoralisée en tant que parent par cet épuisement et l'absence de soutien (le lion est transformé en une petite souris par le chat botté). Bref, dans cette fonction, il n'y aurait que des extrêmes de l'autorité souveraine ou de la complète insignifiance. Si dans son récit précédent elle a montré qu'elle ne peut pas compter sur Stephanus pour l'aider à transmettre un mode et une organisation de vie à ses filles qu'elle croit le mieux, elle ne peut pas compter sur sa famille d'origine non plus. Donc, elle s'étonne parce que ses parents (surtout son père) ont aussi changé (craqués par le chat botté). La relation d'autorité qu'elle avait avec son père, aussi que les exigences de bien faire les choses, ont été remplacées par un lien de complicité et de camaraderie entre lui et ses petites-filles. Cette constatation et cette perception que sa façon d'être la transforme en une personne méchante aux yeux de ses filles, emmènent Denise à se remettre en question et à initier des efforts pour agir différemment. Ainsi, pour la première fois dans

son récit, elle considère la possibilité d'être plus perméable aux influences des autres, ce qui implique d'abdiquer un peu de sa propre autonomie.

Tableau 4

Le récit de Denise en ce tableau élargit le thème antérieur par rapport au conflit entre garder son autonomie ou se laisser influencer par l'autre (Stephanus). Il montre aussi la solution qu'elle essaye de trouver pour ce dilemme. Elle a beau reconnaître les plaisirs de n'être fidèle qu'à soi-même, elle se rend compte que le prix à payer est très cher: l'épuisement et, surtout, la solitude. Donc, les bonheurs ne peuvent pas être vraiment jouis que s'ils sont partagés (*en même temps qu'on dirait qu'ils vont faire quelque chose de joyeux, ils sont assez tristes*). De sorte, l'éloignement de Stephanus de la famille, soit réel ou symbolique, n'est plus ressenti par Denise comme un triomphe de sa façon d'être sur la sienne; au contraire, il lui engendre une sensation de défaite. Cette constatation met Denise devant un vrai dilemme existentiel par rapport au sens de la vie. Si d'abord elle semblait convaincue que ceci ne signifiait que la fidélité à soi-même, maintenant elle s'aperçoit qu'il comprend aussi la capacité d'aimer et de respecter l'autre, de le transformer et de se laisser transformer par lui. Encore que parfois elle puisse se sentir un peu contrariée, elle comprend que Stephanus soit très important dans sa vie et qu'il lui apporte des expériences différentes de celles qu'elle est habituée. En quelque sorte, même s'il la laisse surchargée par moments, l'union est considérée par elle comme forte et solide (en plus d'être mariés, ils travaillent ensemble). La crainte de la perte de l'autonomie est résolue par Denise d'une façon particulière: avoir des moments où elle se trouve toute seule, mais toujours avec la certitude, après, de pouvoir revenir chez sa famille.

Tableau 8

Dans son récit précédent, Denise exprime qu'elle s'est rendue compte de la nécessité d'intégration des valeurs et des objectifs, entre elle et son mari, et de la richesse que leur rencontre pourrait apporter à chacun d'eux. Toutefois, dans le récit présent, elle révèle qu'à la vie quotidienne, les efforts envers ce genre de relation ne sont pas évidents. Elle montre d'abord qu'il faut échapper à une attitude naïve selon laquelle toutes les conduites sont acceptables et plausibles et que la rencontre n'apportera que des résultats positifs. Dans ce cas, dans un couple, parfois un membre devra compenser les faillites de l'autre et sera occasionnellement surchargé. Dans son cas spécifique, le domaine de sa surcharge est l'imposition des limites et des exigences aux enfants et aux autres. Pour autant dire, elle peut bien comprendre que l'inaptitude de Stephanus dans cette fonction ne se doit pas à une négligence délibérée de la partie de celui-ci. Au contraire, elle résulte de toute une expérience de la vie marquée non pas seulement pour des différences culturelles mais aussi pour des traditions familiales spécifiques et par des privations douloureuses. Cette perception permet à Denise de mieux comprendre la condition et les insuffisances de son mari et d'être empathique vis-à-vis de lui. De son côté, elle semble reconnaître aussi une certaine qualité autoritaire qui fait partie de la tradition des

femmes de sa famille (*il y a la grand-mère qui veille sur tout le monde, qui est peut-être morte et qui a un peu d'autorité sur cette image*). De la sorte, elle réfléchit si elle-même ne reflète pas cette tradition, si elle n'est pas trop autoritaire avec ses enfants (*le petit a l'air assez effrayé, et le grand a l'air de lui expliquer ce qu'il faut faire ou ne pas faire; elle lui explique de façon autoritaire, avec le doigt*). Donc, tout en gardant sa compréhension de l'importance d'établir un pont entre sa façon d'être et celle de son mari, elle reconnaît que la réussite ne sera pas facile. Dans ce sens, parfois, elle aura besoin d'affronter toute seule les menaces à l'intégrité réelle ou morale de sa famille (le singe mère est le seul à s'occuper des enfants et est, quand même, caricaturé par les autres).

En résumé, Denise est une mère très dévouée à ses deux filles qui fait face au défi d'offrir un cadre délimité dans lequel elles puissent se développer. Son souci est d'établir des exigences à atteindre et des limites qui ne soient pas ni trop stricts ni trop lâches, pour que les filles puissent conquérir une autonomie sans se sentir délaissées. Dans ce cas, Denise ressent qu'elle et son mari parfois jouent des rôles opposés dans cette entreprise; elle comme un peu autoritaire et lui comme un peu inattentif. En ce moment, elle essaie de dépasser ces différences dans une rencontre fructueuse entre les deux. Néanmoins, l'atteinte de ce but dépend de leur capacité de renoncer aux prétentions d'une complète autonomie et d'autosuffisance. En plus, vu que les antinomies ont des racines vigoureusement fixées dans des disparités culturelles, personnelles et de traditions familiales, leur maîtrise n'est pas du tout évidente. Malgré la complexité de cette tâche, Denise persiste dans ses efforts, dans l'espoir d'atteindre un style de vie plus léger et gratifiant pour elle-même et pour toute sa famille. De cette manière, elle s'est déjà aperçue que la compréhension empathique de l'autre joue un rôle essentiel pour qu'elle soit arrivée à ce qui elle envisage.

Récit d'Antoinette

Antoinette est une fille très jolie et sympathique. Elle est blonde aux yeux verts, ses cheveux sont longs et légèrement bouclés. Elle est douce, collaboratrice et démontre avoir un très bon niveau culturel. Le contact avec elle est fluide et elle a une facilité pour raconter des histoires, malgré qu'elle se montre parfois un peu tendue et avec une voix grave, surtout à la fin du CAT-A.

Elle semble avoir une habilité spéciale pour la réalisation des travaux manuels et, à sa maison, il y a beaucoup de choses qu'elle avait faites. Elle a été la première à me parler. Quand j'avais aussi fini mon entretien avec sa mère, elle est venue dans la salle où nous étions avec une « œuvre d'art » qu'elle avait produit pendant qu'elle nous attendait: un cheval fait à partir d'une bouteille et des couteaux plastiques, un ouvrage vraiment créatif.

Au début de notre contact pour le CAT-A, je lui explique que j'irai lui montrer des tableaux et qu'elle devrait me raconter une histoire sur chacun d'eux. Elle ajoute: « Et tu vas demander si on aime ce dessin, parce que Laura² est ma copine et elle me l'a dit. » Je lui dis: « Ah, Laura t'a racontée ! ».

² Laura est la fille de Cécile, que j'avais déjà rencontrée pour la recherche.

Je lui demande si Laura lui avait racontée aussi de quoi s'agissaient les tableaux. Antoinette répond: « Elle m'a dit qu'il y en avait un avec des petits canards ». Je réponds qu'oui et je lui demande si elle voulait me poser quelques questions avant de commencer. Elle répond que non, alors, je lui montre le premier tableau. Elle hésite si elle doit le prendre ou pas. Je lui dis qu'elle peut le prendre.

Tableau 1

« Bah, c'est la poule qui va... demander à... qui va demander à...qui va devoir cuire au petit âne et après elle va... elle va... le chien et... je crois que l'âne ou quoi, et ils ne vont pas vouloir. Après, elle va mettre dans son four un gâteau et elle va faire 'Bah, qui en veut ?' et tout le monde va en vouloir. Et après, elle va dire 'Bah, vous ne l'avez pas fait. Donc, ce repas, ce n'est que moi et mes poussins qui l'auront'. Et donc elle va manger... la purée ou on va dire le gâteau, je ne sais pas... En fait ça va apprendre, le chien et l'âne, de ne plus faire ça. [Je répète son histoire pour savoir si je l'avais bien comprise] Elle dit: La poule va demander au chien et après à l'âne de l'aider à faire la purée et le gâteau, mais ils vont dire 'Non', ils ne vont pas vouloir. Et après elle va leur demander une autre fois pour ramasser le blé, parce qu'en premier c'était pour planter et ils ne vont pas vouloir. Et après elle va le mettre dans le four et ils ne vont pas vouloir l'aider et elle le met. Et après, elle va dire: 'Qui en veut ?' et ils vont arriver et ils vont dire 'Moi, j'en veux'. Et après, elle va dire 'Bah, vous ne l'avez pas fait avec moi. Je vais le manger avec mes petits' et laisse le chien et l'âne derrière là. ». Je lui dis qu'elle raconte très bien les histoires. Elle me rend le tableau et je lui présente le deuxième.

Tableau 2

« Bah... là je vois qu'il y a un ours qui va... une mère... un petit ours avec sa mère et son père. Il est dans une montagne et là il tombe, je crois dans un précipice. Mais il y a une corde à laquelle il se rattrape et je crois qu'il va... Il ne va pas tomber et après ils vont... Le petit ours, il va retrouver son père et... [Qui tombe ?] (Elle montre l'ours qui est seul et qu'elle avait défini comme le père). Parce que là, il y a ... je vois que la mère a une tête triste et le petit aussi et ils vont pousser... . Ou peut-être c'est le père qui les tire ou eux qui le tirent, je ne sais pas. Ils sont sur une montagne ensemble et... Voilà ! [Et comme tu crois que l'histoire va finir ?] Bah... (hésitation) Peut-être qu'ils vont se... ils vont réussir et ils vont rentrer dans la forêt et... Sinon, s'ils ne réussissent pas, ils tombent et ils meurent. [Tu crois qu'ils vont réussir ou pas ?] Bah... souvent dans des histoires, ils vont gagner... Bah... oui. ». Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

« Ah ! (Elle admire l'image.) Ce, en fait, c'est un lion. C'est un lion qui est un peu un roi et il y a des autres animaux qui vont vouloir le... (hésitation). Lui... Et il y a lui, le tigre qui va demander... qui va donner de l'aide, mais pas vraiment. Il va dire 'Prenez-moi... donnez-moi ça...'. Et à la fin, ils vont en avoir marre de ce tigre, comme des humains un peu... Et après, ils vont le chasser

et... les paysans ou quoi et les... Les oiseaux, on va dire, ils vont être contents. Et ce tigre, au moment il sera un peu fâché, mais après il regrettera ce qu'il a fait ça. [Est-ce que tu as vu qu'il y a une petite souris dans le tableau ?] Bah, cette petite souris, elle voit que... lui... Elle trouve un peu que... elle trouve un peu que lui ... il fait un peu son chef, vraiment ». Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

« Là, c'est la mère kangourou qui va demander à son petit de l'accompagner et faire du vélo au marché. Parce que cela se voit: elle a un panier, avec des petits... ou peut-être qu'ils vont ramasser des fraises dans le bois ou des champignons. Et lui, il a... je crois, un petit ballon et là, celui-ci, il a son vélo et l'autre, il est dans la poche. Normalement c'est une histoire comme ... C'est le petit kangourou qui doit aller au marché et tout le monde va l'aider. Et là, c'est la mère qui l'accompagne. Donc, je crois qu'ils vont plutôt ramasser des champignons, parce qu'ils vont dans la forêt et il y a des champignons là. [Et comment va finir l'histoire ?] Bah... peut-être qu'il va avoir un loup qui va manger le petit. Mais après, la mère, elle va... Comme dans les histoires des petits moutons, elle va... Quand il va s'endormir, elle va couper son ventre et va reprendre son petit mouton. Et après, elle va remettre des cailloux dans le ventre du loup et il va tomber dans un... Il va tomber parce qu'il était si lourd. Il va tomber par terre, ça va lui faire mal au dos et il ne va plus pouvoir se réveiller. Et il va mourir et ils seront sauvés». Elle rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

« Là c'est une mère et un père qui regardent leur fils. Ils trouvent qu'il n'est pas vraiment... qu'il n'est pas vraiment... bien, il n'est pas normal. Et là, je crois qu'il y a un docteur qui vient pour l'observer. Et là, je crois qu'il dit de le pousser pour voir le... un tableau ou quoi, ou pour aller là-bas, parce qu'il lui montre du doigt. Et les autres sont en train de parler pour dire 'Bah... si on ne peut rien faire, quoi.. .' Là c'est la mère et le père, là il y a une fleur. [Et qu'est-ce qu'il va arriver avec le petit ?] (Sa voix est basse et grave). Quant au petit, il ne va pas réussir à promener... à... le faire... au... à peut-être bien regarder un tableau et se concentrer. Peut-être qu'il n'est pas concentré. Et à la fin, il va... Il va... Ses parents, ils vont se dire 'Bah, il est normal, c'est un enfant... il faut le laisser un peu vivre'. Peut-être qu'il n'aime pas... il ne peut pas être concentré, mais il peut quand même, il peut quand même... Ce n'est pas une maladie de ne pas être concentré. Donc, après, le petit singe, il va être un peu plus tranquille et il va puis voir un orthophoniste qui va lui montrer... ».

Elle me rend le tableau et je lui demande de choisir lequel elle a aimé le plus et lequel elle a aimé le moins. Elle dit: « Je trouve que le plus mignon c'est le petit kangourou ». Elle dit qu'après le kangourou elle a aimé le tableau des ours et, après, celui des petits oiseaux. Après, elle n'a pas beaucoup aimé celui du petit singe. Je la remercie pour la participation et on finit l'entretien.

Interprétation Antoinette

Les informations issues de ma rencontre avec Antoinette montrent qu'elle est une petite fille qui va bien dans son développement émotionnel en ce qui concerne l'évolution du Self autant que par la psychosexuelle. Dans ce dernier cas, elle peut être située dans la période de latence, ce qui est illustré par son attachement à la réalité et ses essais de raconter des histoires déjà existantes pendant la passation du CAT. Toutefois, cette attitude n'a pas perduré tout le temps. Il y a eu plutôt une alternance de récits qui faisaient déjà partie de la culture partagée et ceux qui reflétaient une production plus personnelle. En plus, même quand elle a raconté des histoires déjà existantes, Antoinette a introduit des éléments singuliers, en réalisant un mélange organisé entre ce qui était particulier et ce qui appartenait à la réalité extérieure. Dans ce cas, et en ce qui concerne le développement du Self, Antoinette peut être positionnée dans le stage de l'atteinte de la réalité partagée. Néanmoins, elle suit en faisant des efforts pour intégrer celle-ci à sa personnalité de façon individuelle et harmonieuse. Ce processus n'est pas, évidemment, exempté de conflits et de dilemmes, qui ont été illustrés dans quelques histoires du CAT-A. Dans des termes dynamiques ceux-ci prennent surtout la forme d'affrontements avec la figure d'autorité de la famille et, d'une façon plus discrète, à ses essais, pas toujours bien réussis, d'atteindre les exigences de ce groupe et de son Idéal du Moi. Bref, le contenu implicite de ses récits révèle une certaine angoisse par rapport à la constatation de l'existence des limites, externes et internes, soit quand ils doivent être surmontées, soit quand elles ne peuvent pas l'être. Dans ce sens, la question qu'elle pose à soi-même est celle de la possibilité d'absorption, de la partie de sa famille, des antagonismes entre les membres du groupe, mais aussi de leurs faiblesses, quand ils échouent dans leurs objectifs. Autrement dit, le souci d'Antoinette est s'il est possible être encore aimée par sa famille, même si on n'est pas parfait, ou si l'échec conduirait à l'exclusion du membre et à la désintégration du groupe.

Cette dynamique montre qu'Antoinette a déjà atteint un niveau de maturité émotionnelle où la question principale ne s'agit plus du désir d'un monde exempté des règles ou de lois. De la sorte, elle a déjà constaté l'importance des limites pour son assurance personnelle, physique et mentale. Encore que ce souci ne soit pas complètement disparu de sa réalité psychique, le débat entre le désir et la limite, conformément internalisé, est devenu plus important. Il se montre particulièrement dans les récits du premier et du dernier tableau du CAT-A, sous la forme d'une appréhension par rapport à qu'est-ce qu'elle est capable de faire et qu'est-ce qu'elle n'est pas, et la réaction de sa famille devant ses conditions. Dans ce cas, la détresse surgit car Antoinette se demande si ses capacités suffissent à garantir de sa survivance dans le monde et à l'amour de ceux qui lui sont chers. Les particularités de la production d'Antoinette à chaque tableau du CAT-A sont discutées à suivre.

Tableau 1

En ce tableau Antoinette raconte une histoire qui fait déjà partie de son univers culturel partagé et qui a une morale très bien définie: il faut travailler pour mériter la gratification et la

reconnaissance de l'autre. Cette constatation de la fille révèle la conquête de plusieurs habilités psychiques, parmi elles, la suprématie du processus secondaire sur le primaire. En outre, dans des termes du développement du Self, le récit dénonce qu'Antoinette est capable de supporter l'existence d'un espace entre soi-même et de l'autre qui a été rempli, auparavant, par le phantasme et, maintenant, par la pensée. Toutefois, dans des termes dynamiques ces gains sont accompagnés d'une certaine désillusion, à savoir, de ce qu'elle aperçoit comme la perte de l'amour inconditionnel de la part de la mère. Dans ce sens, l'inconditionnalité n'est réservée qu'aux petits enfants. De sorte qu'Antoinette ressent que l'affection de la mère dépend de la capacité d'atteindre les attentes et le niveau d'excellence de celle-ci. Autrement dit, il faut mériter l'amour maternel par moyen de sa capacité productive, sous peine de l'exclusion et du mépris.

Tableau 2

En ce moment du récit, Antoinette élargit, d'une certaine façon, sa peur de l'exclusion mentionnée précédemment. Cette crainte est manifestée à partir de la reprise de ses expériences œdipiennes et de ses efforts défensifs personnels pour contrôler les désirs et sentiments qui lui sont liés. De cette manière la fille exprime que l'imprudence, la faiblesse et l'absence de contrôle des membres, même éventuelles, peuvent mettre en risque l'intégrité physique ou émotionnelle de la famille. L'indécision d'Antoinette, quant à la fin de l'histoire, montre ses doutes et ses insécurités par rapport à la solidité de l'union familiale et de la condition de celle-ci pour assimiler les débordements pulsionnels des membres. L'option subséquente de la fille pour la fin heureuse semble être plus déterminée par son anxiété que par une réflexion soucieuse.

Tableau 3

Le thème du débordement pulsionnel esquissé dans le récit antérieur continue mais, à ce moment, il est problématisé par rapport à la façon dont son contrôle est fait. Bien que l'admirable et majestueux lion-surmoi ait la condition de garder l'union du royaume, son austérité excessive engendre aussi l'angoisse et l'insurrection. Enfin, l'extrême sévérité conduise au résultat contraire à ses buts, à savoir, la désunion. Dans ce sens, il faut destituer un modèle insatisfaisant de rigidité pour un autre, plus flexible pour absorber des éventuels dérèglements de chacun de ses composants-sujets et, ainsi, garder l'intégration. Donc, il ne s'agit pas d'une intention d'Antoinette de prendre le pouvoir pour soi ni de nier le besoin de l'autorité, mais du rejet de la façon autoritaire de l'exercer. Bref, l'autorité ne peut pas casser complètement la liberté. Dans ce contexte, il ne faut pas que le tigre (ou lion) disparaisse, mais seulement qu'il devient plus sensible aux besoins et désirs des autres (*ce tigre, au moment il sera un peu fâché, mais après il regrettera ce qu'il a fait*). Enfin, le récit d'Antoinette révèle la façon despotique dont elle sent que l'imposition des limites est entraînée dans sa famille, mais aussi la capacité du parent de réfléchir et de devenir plus souple.

Tableau 4

Si précédemment Antoinette a signalé la nécessité d'une plus grande flexibilité du groupe familial pour qu'il puisse se bouger et se plier sans casser, maintenant elle montre qu'il faut être parfois implacable pour le préserver. Donc, elle comprend la fonction protectrice du surmoi pour protéger les enfants contre les dangers du monde extérieur, spécialement quand ceux-ci sont en processus d'acquisition de l'indépendance (*c'est le petit kangourou qui doit aller au marché et tout le monde va l'aider. Et là, c'est la mère qui l'accompagne*). Elle ressent que c'est surtout sa mère qui a, dans la famille, la meilleure condition de lui montrer les deux faces de la même structure. Alors, elle l'accompagne dans ces essais d'indépendance pour participer aux activités du monde réel, tout en gardant une surveillance contre les menaces de la réalité. Si le danger s'approche ou s'il arrive vraiment (*un loup qui va manger le petit*) la mère est capable de défendre l'enfant ou de réparer les dégâts et les blessures causés. En plus, par moyen de la punition de l'autre, elle peut aussi garantir que son petit sera assuré. Alors, le surmoi et les limites ont une raison d'être, à savoir, protéger l'intégrité de la famille contre les risques issus du monde extérieur et, aussi, de l'intérieur.

Tableau 8

Dans son récit à ce tableau, Antoinette montre, en conclusion, ce qu'elle aperçoit comme les conditions de sa famille pour accepter ses limitations, tout en gardant son affection pour elle. Après avoir présenté son souci par rapport à l'amour familial (surtout maternel) conformément conditionné à ses réussites et à sa déférence aux normes et règles, elle montre en ce moment une disposition plus complaisante de sa famille vis-à-vis de ses composantes. Dans ces termes, l'insuffisance de l'enfant, à l'inverse de son exclusion du groupe, conduit à l'intensification de sa protection et des soins qui lui sont ou seront apportés. De telle sorte que la famille, au contraire de constituer un lieu de détresse et de tension, devient un refuge solide contre les exigences du monde, un abri où il est toujours possible d'obtenir l'aide. De cette façon, en dépit de ses revendications, les parents sont vus comme assez flexibles pour assimiler les revers de ses membres, de les aider à remonter s'il est possible ou de les aimer quand même s'il n'est pas. Enfin, les échecs individuels ne mettent pas en risque l'intégrité du groupe, mais ils arrivent même à la consolider.

En synthèse, Antoinette est une fille qui fait face aux défis du stage de développement « vers l'indépendance ». Elle présente une croissante disposition à l'internalisation des enseignements et des caractéristiques pour vivre dans la réalité partagée, conformément ils lui sont appris par sa famille. Dans cette situation, elle est prise par l'angoisse de n'être pas suffisamment capable de s'insérer dans le monde comme quelqu'un d'autonome, mais aussi (et plus important) de décevoir sa famille et de ne pas compter sur elle devant ses échecs. Sa pensée que sa famille ne va pas l'accepter si elle échoue ou si elle ne partage pas entièrement ses valeurs est, toutefois, défaits par sa constatation de la souplesse de ses parents, surtout de la mère. Celle-ci, même quand elle est destituée de son pouvoir, suivie à aimer et à protéger ses enfants. Autrement dit, bien qu'Antoinette puisse concevoir ses parents même

parfois autoritaires, elle les voit aussi comme capables de réfléchir sur leurs actions et les réparer, s'il faut. Ainsi, elle comprend son ambiance familiale comme capable de l'aider et de l'accepter comment elle est en réalité, comme un refuge contre les inévitables peines et les contrariétés qui sont parfois imposées par le monde extérieur.

Synthèse Denise et Antoinette

Les récits de Denise et d'Antoinette, dans la mesure où ils montrent leurs préoccupations actuelles et la façon dont elles se dégagent, permettent de présumer que leurs relations au début de la vie de la fille se sont très bien passées. De la sorte, Antoinette a réussi à bien accomplir les tâches d'intégration, de personnalisation et de réalisation, ce qui lui donne une personnalité mure et cohésive. C'est dans cette condition que la fille peut éprouver, actuellement, les conflits par rapport à l'obéissance ou à l'opposition aux règles et aux limites imposées par le monde extérieur et par le surmoi. En plus, et si important de ce dilemme-là, qu'elle se débat avec ses capacités d'atteindre les exigences de son Idéal du Moi.

Dans ce cadre dynamique de la fille, Denise joue un rôle essentiel, vu que, de l'autre côté, elle éprouve un processus identique. Cette similitude semble exister parce qu'elle est la principale figure d'autorité de la maison. Cette condition, ajoutée à ses propres exigences de bien dégager le rôle maternel, issues aussi de son Idéal du Moi, lui confèrent un zèle spécial par rapport à l'éducation de ses enfants.

Tel zèle semble être soutenu par ses préoccupations concernant l'autonomie croissante de la fille. Dans ce sens, Denise semble vouloir qu'Antoinette développe, au maximum, ses capacités d'organisation et de production, de façon à être le plus indépendante possible pour faire face aux exigences du monde extérieur. Ce souci de Denise semble avoir des racines dans ses propres expériences personnelles, surtout dans son profond sentiment de solitude. Ainsi, elle montre dans son récit, à plusieurs reprises, qu'elle se sent isolée et sans appui des autres pour dégager une fonction si importante comme l'éducation de ses enfants. Cette solitude résulte plutôt d'une difficulté pour réaliser une vraie rencontre avec son mari où ils puissent définir ensemble leurs objectifs, en tant que couple, pour l'éducation de leurs filles. Le récit de Denise montre que, à son avis, les différences entre eux, qu'elle attribue d'abord aux écarts culturels, créent un abîme impossible à transposer. Donc, si elle veut éduquer ses enfants de la façon qu'elle considère la meilleure, elle ne peut pas compter beaucoup sur lui. Même si Denise met l'accent sur la question culturelle comme la responsable pour cette différence, elle sent qu'elle ne peut pas compter non plus sur sa propre famille pour l'aider dans l'éducation de ses enfants. Elle justifie cette situation par moyen des différences entre les rapports établis entre les grands-parents et les petites-filles et ceux entre parents et enfants.

Cet état de choses, caractérisé par les difficultés du couple en se laissant influencer l'un pour l'autre et de flexibiliser les valeurs et les attentes par rapport à l'avenir du groupe familial, emmène Denise à décider de faire des choses toute seule pour aboutir à ce qu'elle croit. Donc, elle

éloigne son mari des décisions importantes et prend sur elle toutes les responsabilités concernant la famille et son union. Devant cette manière d'être, la relation de Denise avec Antoinette assume les couleurs d'une emphase sur l'autonomie et l'autosuffisance de celle-ci.

De son côté, bien que la petite fille reconnaisse l'importance du respect aux normes et règles pour la vie en société et la valeur de l'apprentissage, cette attitude de la mère la conduit à un fort ressentiment envers elle. Dans ce cas, elle sent qu'elle ne sera aimée par sa mère que si elle est capable d'atteindre ses exigences, même si elles ne sont pas toujours raisonnables. Devant cette perception, elle développe une dynamique où la peur de l'échec joue un rôle très important par la déception que cela provoque dans les autres et dans soi-même. Autrement dit, être faillible signifie l'exclusion et la perte de l'amour et de la protection de ceux qui lui sont chers. Dans cette situation, les contestations d'Antoinette (et surtout de Marleen) envers Denise signifient la demande d'une plus grande flexibilité et une acceptation face aux défauts et les imperfections des autres. C'est à partir de cette opposition des filles, où elles montrent leur refus (et leur impossibilité) d'être parfaites, que Denise devient capable de réfléchir et de reconnaître ses propres déficiences et sa dépendance de l'autre. Donc, elle et Antoinette peuvent commencer le travail d'élaboration du deuil par la perte de l'omnipotence, ce qui les soulage toutes les deux.

La découverte des propres insuffisances emmène Denise à essayer un nouveau rapport avec Stephanus. Donc, si d'abord elle pensait que les disparités culturelles entre eux empêchaient une vraie approximation, maintenant elle se rend compte que la compréhension empathique mutuelle de leur réalité personnelle est capable de dépasser n'importe quelle frontière. La douleur d'avoir souffert l'abandon ou la négligence est la même en France, en Hollande ou n'importe où. En bref, Denise s'aperçoit qu'avant tout nous sommes des êtres humains incomplets qui avons besoin des uns et des autres pour évoluer. L'acceptation de cette réalité, néanmoins, exige de renoncer à toutes ses prétentions d'une complète autonomie ou autosuffisance.

Bref, mère et fille semblent faire face, en ce moment, à la question de jusqu'à quel point on peut être autonome et jusqu'à quand on peut compter sur l'autre pour réparer nos propres insuffisances et nos défauts. En plus de l'humilité, ce processus exige le développement de la tolérance vis-à-vis de soi-même et de l'autre. Dans ce cas, pour réussir à cette tâche développementale, la meilleure aide que Denise peut donner à Antoinette est d'établir, elle-même, une nouvelle relation avec Stephanus, où les deux puissent se transformer par leur rencontre. Enfin, elle doit ajouter à son appartenance française quelques touches néerlandaises (où, dans des termes symboliques devenir une vraie lilloise).

APÊNDICE AC - Dyade Charlotte et Sabine

Identification

Charlotte: 45 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Hector, 19 ans; Raoul, 14 ans; Marcel, 12 ans; Gustave, 9 ans; Sabine, 6ans.

Enfant étudié: Sabine

Ordre des entretiens : 1) Charlotte

2) Sabine

Récit de Charlotte

L'entretien avec Charlotte a eu lieu chez elle à la fin du mois de novembre, en début de soirée. Elle m'avait été indiquée par une autre mère avec qui j'avais déjà parlée (Isadora).

Charlotte habite dans une maison à plusieurs étages. Quand j'arrive, presque toute la famille est là. Je suis reçue par son mari (Patrick) qui est au rez-de-chaussée en train de faire du bricolage. Il est très gentil et me renvoie jusqu'à Charlotte, qui est au premier étage avec Sabine et Hortense, la fille d'Isadora. Charlotte me dit « bonsoir » et me montre qu'Hortense est là. Lorsque celle-ci s'approche de moi, je lui fais un bisou. Je suis aussi reçue par le chien de la famille, qui est très affectueux et gentil avec moi.

La maison de Charlotte est très particulière: il y a quatre étages, mais chacun n'a qu'une pièce. La pièce de chaque étage est grande, mais il n'y a pas de séparations. Charlotte me raconte qu'auparavant sa maison était une usine et elle ainsi que son mari l'avaient achetée avec des plans pour faire beaucoup de modifications à l'architecture. Elle dit que Patrick a plusieurs idées par rapport à ça et, qu'en ce moment, il faisait quelque chose liée à ces modifications.

Charlotte me montre toute la maison et met l'accent sur le fait de n'avoir pas de séparations dans les pièces (il semble que ça a été une option du couple). Bien qu'il y ait beaucoup d'espace, j'ai l'impression qu'elle n'est pas encore bien exploitée. Quelques pièces sont presque vides. En plus, l'absence des séparations oblige les enfants à partager les mêmes chambres. J'ai l'impression d'un manque d'espaces privés pour chaque membre de la famille, ce qui est signalé par Charlotte même, mais seulement comme une constatation. Donc, on ne sait pas si ça la dérange ou cela lui plaît. Elle m'indique d'aller au dernier étage, où il y a un jardin d'hiver et le chat de la famille qui vient me caresser. Je lui demande si le chien et le chat s'entendent bien ensemble et elle répond que le chien aime le chat, mais ce n'est pas réciproque.

Charlotte est une grande femme, mince, blonde aux cheveux courts. Elle s'habille de façon simple et elle semble tendue et sèche. Elle me transmet l'impression d'une certaine amertume et

d'insatisfaction. Elle raconte qu'elle est biologiste et qu'elle a cinq enfants: Hector (19 ans), Raoul (14 ans), Marcel (12 ans), Gustave (9 ans) et Sabine (6ans).

Je lui explique les buts de ma recherche et, avant qu'on commence l'entretien, elle met le chat dans le jardin d'hiver et ferme la porte. Toutefois, le chat commence à gratter la porte et n'arrête qu'au moment où elle le laisse rentrer à nouveau. Il reste avec nous pendant tout le temps de notre rencontre.

Je demande à Charlotte de me parler un peu d'elle et de sa famille. Elle raconte qu'elle a deux sœurs et un frère et que ses parents sont toujours chez elle, qu'ils sont très proches les uns des autres. Elle dit qu'ils sont une famille de quatre, qu'elle a perdu un frère qu'elle n'avait jamais connu. Il était un petit bébé quand il est mort, et sa position était entre son frère et elle. Ainsi, sa famille devrait avoir cinq enfants. Elle raconte que cette situation a beaucoup marqué toute la famille et que ses parents lui en ont parlé un peu plus tard, avec une certaine crainte. Elle ajoute que cette histoire est beaucoup présente chez elle. Elle dit qu'il s'agit d'une histoire familiale lors d'une perte d'un bébé. Elle raconte que son mari vient aussi d'une famille de 4 enfants et qu'elle et lui ensemble en ont 5, ce qu'elle trouve formidable. Elle raconte que sa propre famille est un peu tumultueuse, qu'il y a beaucoup d'interaction, des disputes mais de la chaleur aussi. Donc, il y a beaucoup de choses qui se passent dans tous les sens, et ce n'est pas une famille très calme ou très standardisée. Toutefois, elle aime bien comme ça. Elle pense un peu de ce qu'elle pourrait parler de plus.

Elle dit que, par rapport à elle, elle travaille. Elle est biologiste et a son laboratoire où elle travaille beaucoup. Elle dit qu'elle ne fait pas beaucoup à la maison, sauf le mercredi et le dimanche. Elle croit que cette situation n'est pas facile pour les enfants, principalement pour Sabine et Gustave. Elle dit que ses enfants réclament beaucoup sa présence et que maintenant elle a pris conscience de cette situation. Elle essaie de travailler un peu moins. Elle dit soit elle reste chez elle ou soit à son travail et qu'elle a la sensation de ne pas réussir complètement ni l'un ni l'autre. Elle dit qu'elle sent une frustration parce qu'on ne peut pas tout faire et qu'elle n'arrive pas à faire des choses qu'elle aimerait faire. C'est triste parce qu'elle n'a pas le temps et cela la déçoit. Je lui dis qu'il me semble qu'elle veut être parfaite. Elle rit et dit que c'est exactement ça et qu'elle veut que ses enfants soient parfaits aussi, que tout se passe bien et se montre bien.

Elle raconte qu'elle vient de savoir que Raoul, son deuxième enfant, s'est battu à l'école et celle-ci l'a exclu pour trois jours (lundi, mardi et mercredi). Elle ajoute que ne pouvoir pas aller au collège est une chose qui la préoccupe beaucoup. Elle veut que les enfants soient biens, qu'ils travaillent bien, qu'ils se portent bien, mais les choses ne se passent pas comme ça. Elle dit que les choses ne se passent mal non plus. Néanmoins, elle ne peut pas avoir une vie modélisée et c'est difficile de maîtriser les choses. Je lui dis que, selon elle, c'est difficile d'avoir le contrôle. Elle rit et dit qu'elle est d'accord, qu'on veut que les enfants soient ce qu'on a été et ce qu'on n'a pas été. Elle dit qu'à cause de ça, elle est très exigeante: elle veut qu'ils travaillent bien à l'école, que les garçons se comportent presque toujours comme des gentlemen, qu'ils fassent des choses bien, qu'ils soient très bons aux sports, mais en fait ils ne font pas du tout ça (elle rit). Donc, elle pense qu'elle voudrait qu'ils

soient ce qu'elle a été: qu'elle était sage et elle travaillait bien à l'école. En plus, comme elle était un peu timide, elle veut qu'ils ne soient pas timides; elle faisait beaucoup de sports, donc, elle veut qu'ils fassent beaucoup de sports, qu'ils soient bons, qu'ils soient les premiers. Elle dit qu'elle sait que cette façon de procéder est idiote, mais elle a toujours eu un peu d'exigence avec eux. Elle dit qu'elle essaie de travailler un peu cette position pour ne pas les obséder, mais son fils lui dit toujours: « Maman, tu es tellement exigeante ». Elle lui répond qu'elle veut être proche de lui, mais ça ne va pas l'empêcher de dire ce qui ne convient pas dans son attitude. Elle dit que parfois elle regrette les choses qu'elle a dites, quand elle ressent qu'elle a été encore sévère. Elle veut dire des choses gentilles. Elle essaie donc un peu de changer son attitude, sinon ça fait la relation très conflictuelle. Elle dit que même si on veut être toujours gentil ça ne peut pas empêcher de faire des reproches, mais c'est difficile. Elle raconte que Raoul travaille très mal à l'école en ce moment, et qu'elle lui fait toujours remarquer qu'il est un enfant merveilleux, qu'il est un élève intelligent et super. Elle dit que Raoul est adorable mais, comme à l'école, les choses se passent mal. Donc, ils sont allés voir un pédopsychiatre et maintenant il va chez lui tous les 15 jours. Le pédopsychiatre a proposé à Charlotte de voir un psychologue pour elle et de suivre un accompagnement à côté de celui de Raoul.

Alors, elle est allée voir une dame (la psychologue) deux fois et elles ont discuté à propos de Raoul. Cette psychologue lui a dit qu'elle est très exigeante, et elle partage son avis: elle ne se pardonne rien. Elle raconte que chez elle et aussi à son travail, si elle fait une chose qu'elle regrette, même quelques jours après ça, elle se prend en disant « Pourquoi j'ai fait ça ? Comment j'ai pu faire ça ? » (sa voix est basse en ce moment). Alors, elle s'agace pendant des jours et que c'est un peu fatigant. Elle dit que parfois, quand elle est très fatiguée par ce type de choses, ça la laisse plus tendue avec les enfants (elle rit). Elle dit qu'elle a l'impression qu'elle est dépassée, qu'elle a plus de 40 ans, qu'il y a plein de choses à faire et le temps s'en va. Toutefois, avec Isadora, elle relativise beaucoup et celle-ci est comme une sœur pour elle. Elle raconte que parfois Isadora l'a calmé, qu'elle lui dit « C'est rien, personne ne le pourrait le faire » et elle lui répond « Oui, tu as de raison je ne peux pas faire » (elle rit). Elle dit que ses enfants font du sport, ils vont à la peinture, et Raoul fait de la musique. Elle voudrait qu'ils soient des musiciens, mais Gustave a arrêté le violon et Marcel a arrêté la batterie. Elle est déçue, parce qu'elle ne peut pas les forcer et les obliger tout le temps. Elle veut toujours pour eux et puis (hésite), ils font ce qu'ils ont envie finalement... heureusement (elle se corrige).

Je lui dis qu'elle parle d'un problème des différences d'envie entre elle et ses enfants. Elle dit qu'oui, et qu'on croit que l'enfant est comme toi, mais qu'il n'est pas du tout comme toi. En même temps, tu dis qu'il est comme ça et c'est comme ça. Cependant, il n'est pas du tout comme ça. On tend à s'apercevoir, quand il a douze, treize ou quatorze ans, qu'il n'est pas du tout comme on croyait. Elle dit qu'à chaque fois, elle se sent toute étonner, qu'elle leur avait mis une étiquette et qu'après ce n'est pas du tout comme ça (elle rit). Donc, à chaque fois elle reste surprise. Il y a un petit silence et je lui propose de voir les tableaux du CAT-A. Je lui donne le premier.

Tableau 1

Elle me demande si j'attends ce qu'elle me dise ce que l'image lui fait penser. Je lui confirme. Elle dit qu'il s'agit d'une mère poule qui surveille ses petits poussins et que l'image lui évoque la protection, de la mère, sur les petits enfants. Elle dit que c'est l'image de la tendresse, du confort, de l'apaisement, du calme, la tête de la poule surveillant s'ils sont sous ses ailes. Pour elle, c'est la famille idéale où la mère ne travaille pas. C'est la mère qui s'occupe des enfants, qui leur fait le repas, qui est là pour s'occuper d'eux. C'est la famille comme elle devrait vivre vraiment, en fait, la mère poule qui s'occupe des enfants (silence). Je lui demande si, la famille idéale, est la mère qui ne travaille pas. Elle confirme et dit que c'est tout à fait cela. La mère s'occupe des enfants; elle répète que dans la famille idéale, la mère ne travaille pas. Elle dit, en ce qui la concerne, elle aime son travail, mais en ce moment elle n'a pas tellement envie d'aller travailler. Elle se dit donc que ce serait aussi bien d'être à la maison. Elle ajoute qu'à sa maison, elle n'a pas la famille idéale, mais qu'en ce moment ça (le tableau) correspond à ce qu'elle a envie de faire. Elle dit que pour les enfants c'est mieux, mais pour la mère ça ne peut pas être le mieux. Pour les enfants cela permet de créer un climat de quiétude, d'apaisement, et de sérénité. Ce climat n'existe pas dans la vie de la famille où tout le monde travaille, où ils se sont réveillés tous ensemble et qu'ils sont énervés, en disant « Vite, vite, vite ! ». Quand elle va les chercher à l'école et ils sont dans la rue, ça la stresse. Enfin, (à l'image) il y a la famille idéale où la mère ne travaille pas et que c'est complètement l'inverse de ce qu'elle vit (elle rit), mais que pour les enfants c'est mieux. Je lui dis que, pour elle, il y a une contradiction entre l'envie de la mère et l'envie des enfants. Elle répond « oui », et qu'elle-même, en tant que mère, se dit que si elle était tout le temps à la maison, ça serait difficile. Elle dit qu'elle aime bien être à l'extérieur, faire des échanges, qu'elle aime beaucoup communiquer, mais que pour les enfants, c'est le mieux. Ils sont tellement heureux quand on va les chercher à l'école, quand on leur a dit: « C'est moi qui vais vous chercher aujourd'hui », « Je pourrai vous accompagner dans un voyage de la classe » « Je peux aller au ping-pong avec vous », que c'est formidable ! Par rapport à elle, parfois ils réclament, peut-être parce qu'elle n'est jamais là, mais si elle était toujours là, ça leur casserait les pieds, finalement. Elle dit qu'elle trouve que le désir de la mère et des enfants sont rarement, ou pas toujours, le même. Elle raconte que, le soir, ses enfants ont envie qu'on leur raconte des histoires et qu'on passe beaucoup de temps avec eux, et qu'elle a envie de monter debout sur le lit (elle rit beaucoup). Elle dit qu'elle pense que pour une femme rester toute la journée à la maison ce n'est pas facile, que c'est le plus dur de tout. Cependant, pour les enfants, elle croit que ça c'est ce qui les équilibre le plus, si la mère va bien dans sa tête. Si elle ne va pas bien parce qu'elle est chez elle, ce n'est pas bon non plus pour les enfants. Mais globalement si on est bien équilibré, tout va bien. Elle raconte que sa mère travaillait aussi, qu'elle était institutrice, donc elle rentrait chez elle avec les enfants, elle les conduisait partout. Elle était très présente parce qu'elle avait les mêmes horaires que ses enfants et elle aimait bien ce qu'elle faisait. Elle me rend le tableau et je lui présente le deuxième.

Tableau 2

Elle dit qu'il s'agit des ours qui tirent sur une corde (silence de 10 secondes). Elle dit que ça lui évoque un peu le conflit, mais un conflit qu'on peut avoir dans une famille. En même temps, il y a un petit ours qui vient aider derrière (elle hésite). Elle continue en disant que la figure montre les choses qui ne vont pas: des gens qui ne se comprennent pas. En même temps, il y a un petit ours qui vient aider parce que les parents ne sont pas d'accord. Dans ces situations, de temps en temps, un enfant se met d'un côté ou de l'autre ou vient aider. Elle dit que, pour elle, il s'agit d'un couple qui se dispute, qui n'est pas d'accord, le père là et la mère là. Puis l'enfant qui... (elle hésite) qui va aider l'un ou l'autre en fonction des choses, aider ou ne pas aider, mais qui sait très bien où il doit aller, ou qui a envie d'aller à... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit que ça lui évoque le conflit, l'incompréhension, la non communication. Elle dit que pour elle l'image n'est pas joyeuse du tout. Elle dit qu'il y a beaucoup de conflits entre son mari et elle, c'est toujours assez tendu. Elle dit que pour elle c'est ça, l'incompréhension entre les gens et particulièrement dans le couple. Elle dit que les enfants sont un peu près à leur étage dans leur espace. Ils restent insouciant, parce qu'on voit qu'il y a un petit enfant qui reste heureusement insouciant, qui finit par s'accoutumer (elle parle à voix basse à ce moment-là) « Bah... » leur parents se disputent et, comme ça, ils ont l'air de s'en habituer, mais elle pense qu'au fond... (elle ne complète pas la phrase). Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

Elle hésite un peu et dit qu'il s'agit d'un lion qui réfléchit avec une pipe (elle parle très bas). Et une petite souris dans le... (elle ne complète pas la phrase). Elle rit et dit que, ce qu'elle va dire, est très féministe: les hommes, qui ne font que réfléchir dans un fauteuil. Elle dit qu'il réfléchit, il est tranquille, il a une pipe, il est rentré du travail, mais il lui manque son journal (elle rit comme si elle voulait ma complicité). Elle dit que par rapport à la petite souris, elle ne sait pas... En même temps il n'a pas l'air marrant, il a l'air ennuyé. Elle dit que l'image lui évoque ça, mais en ce qui la concerne, son mari participe beaucoup aux choses. Mais quand même l'image lui fait ressentir l'égoïsme des hommes, qui d'abord ne sont mobilisés que pour leurs problèmes, leurs histoires, leurs affaires. « Voilà, je suis assis au fauteuil, je réfléchis, je me détends, je me repose ». Je lui dis qu'elle croit que les responsabilités des femmes sont plus importantes que celles des hommes. Elle dit que bien sûr, principalement quand la femme travaille: elle rentre du travail et il y a une deuxième journée qui commence, parce qu'elle prend en charge beaucoup de choses auxquelles un homme ne pense pas, même s'il fait beaucoup de choses.

Elle commence à raconter que son mari s'occupe beaucoup des enfants, qu'il les conduit à l'école, il voit leur maîtresse... Elle dit que son mari est très maternel, mais quand il n'a pas envie, quand il est en colère ou énervé... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte qu'en ce moment son mari n'est pas très bien, qu'il a des soucis (elle se fait comprendre rapidement qu'ils ont des

problèmes financiers) et qu'il ne va même pas dire bonne nuit aux enfants dans leurs lits. Il ne leur raconte pas des histoires. Il est dans son problème et c'est tout. Elle dit qu'elle pense que les femmes pensent à beaucoup plus de choses, qu'elles sont plus attentives aux autres, sont beaucoup plus bienveillantes et les hommes sont plus énervés. Elle dit qu'elle est très féministe, qu'elle n'est pas contre les hommes mais elle pense que les femmes sont une catégorie tout à fait particulière. Elle dit qu'elle a beaucoup d'amies et des copines et qu'elles se donnent des conseils. Elle raconte qu'elle a une amie qui a un cancer du sein et qu'elle avait passée l'après-midi avec elle pour sa chimiothérapie. Cela a été bien quand même, qu'elles ont beaucoup rigolé. Elle pense que les hommes sont moins comme ça, qu'ils ne savent pas très bien à échanger ce genre de choses, et qu'elle trouve que les femmes sont meilleures (elle rit beaucoup à ce moment). Elle réitère que les femmes sont plus gentilles, plus bienveillantes, plus attentives, qu'elle ne voit pas les avantages des hommes (elle rit beaucoup). Elle dit qu'il y a une plaisanterie qu'elle fait toujours avec ses copines et cela agace son mari. Au début il riait de ça, mais maintenant il n'aime plus. Quant à la plaisanterie, aux hommes, ils leur manquent un X au niveau chromosome, les femmes sont 46 XX et ils sont 46 XY. « Donc, tout ce qui vous ne savez pas faire, ce n'est pas de votre faute. Il vous manque un X ». Elle imite son mari « Tu ne vas pas commencer avec ton X manquant ! » Elle rit beaucoup et dit que c'est une plaisanterie, mais au fond, c'est vrai. On change de tableau.

Tableau 4

Elle commence à parler immédiatement en disant que cela est la mère en toute sa splendeur qui se dépêche (elle rit). Elle tient son chapeau, elle se dépêche et elle a son panier de course. Elle dit qu'en même temps elle (la mère kangourou) a son petit et sa petite, qu'elle émane quelque part, ou qui l'accompagnent. Elle tient son chapeau et son sac, elle court vite pour tout ce qu'elle a à faire; c'est le contraste entre le lion tranquille dans son fauteuil Elle rit beaucoup et dit « Pourvu que mon mari ne m'entende pas ! »). Elle dit que c'est la femme qui a des milliards de choses à faire. Elle continue en disant qu'elle croit que ce n'est pas comme ça partout, mais en discutant avec ses amies, elle ressent quand même que c'est assez général, cette perception des femmes sur leur rôle. Elle hésite et dit que par rapport à elle-même, elle a bien abouti, parce qu'il y a des maris que ne font vraiment rien chez eux, qui ne s'occupent pas des enfants, qui ne s'occupent pas des bébés. Par contre, Patrick change le bébé et est très maternel, ce dont elle l'apprécie beaucoup. Elle dit que le fait que son mari soit très maternel l'a (à elle) quelquefois un peu « paternalisée » et parfois il est la maman et elle le papa. Elle dit que par moments, ses enfants l'appelaient (à elle) « papa ». Elle dit comme ils voyaient plus leur papa qu'elle, c'est bizarre, mais que c'est dans leurs têtes que (elle hésite)... c'est quelque fois un peu (hésite)... de l'appeler « papa », que c'est un peu bizarre. Je dis que les rôles sont inversés et elle rit et dit « Voilà ! ». Elle retourne sur le tableau et dit que ce qu'elle a pensé de l'image, c'est la maman pressée, qui se dépêche. Il y a encore un petit bébé dans sa poche et elle a plein de choses à faire, elle court partout et elle est débordée. Elle dit que la mère a l'air un peu tendue aussi parce qu'elle ne peut

pas apprécier le bon moment avec ses enfants. Elle doit se dépêcher pour faire beaucoup de choses. Il y a un petit silence et je lui dis que c'est dommage de ne pas pouvoir apprécier ce moment avec les enfants et elle dit oui et continue en disant: «Un beau paysage, une belle balade dehors ». Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 8

Elle reste silencieuse pendant 10 secondes et après elle dit qu'elle n'a pas tellement aimé cette photo. Elle hésite et semble un peu perturber. Elle répète qu'elle n'a pas aimé l'image et qu'elle ne sait pas si c'est parce qu'elle n'aime pas tellement les singes, elle ne sait pas. Peut-être c'est à cause de leur forme qu'elle ne les aime pas ces animaux (elle est tellement perturbée). Elle répète qu'elle n'a pas aimé l'image, peut-être parce qu'elle lui fait penser à la ferme des animaux ou à toutes les choses qui sont hors humaines ou qui sont surnaturelles (Elle ne se montre pas assurée en ce moment).

Elle réitère que l'image lui transmet quelque chose de cruel et de méchant, qu'elle n'a pas aimé pas du tout. Elle dit une fois de plus qu'elle n'a pas du tout aimé cette image, que c'est méchant, qu'il y a quelque chose de (elle hésite) de malsain (elle hésite). Elle dit que le petit singe a un drôle d'œil: il semble être un peu hypnotisé lors de choses qu'ils peuvent bien lui raconter et puis là ça fait... et qu'elle ne sait pas qu'est-ce que ça peut représenter. Toutefois, cela ne lui représente pas du tout une chose de sympathique et qu'il y a une atmosphère... (elle hésite) bizarre. Je lui demande si ça lui rappelle quelque chose. Elle dit que oui, mais qu'elle ne sait pas si ça lui rappelle un livre ou une histoire. Elle ne sait pas si ça lui rappelle quelque chose de vécue, mais que ça ne lui donne pas l'impression de (elle hésite et ne complète pas la phrase). Je dis que pour elle, l'image n'est pas agréable et elle dit que ce n'est pas agréable du tout. Elle dit qu'ils n'ont pas l'air sympathique et qu'il est comme s'il y avait un rapport un peu bizarre entre les personnes. Elle dit, que ce qu'elle voit, est peut-être un endroit où les personnes discutent, un salon, mais qu'elle n'arrive pas bien à discerner (elle hésite). Elle dit que l'attitude de l'enfant est bizarre (elle hésite) et ses yeux sont bizarres aussi. Elle dit qu'elle a l'impression que l'enfant est hypnotisé, presque qu'il est mort en fait presque qu'il est mort (elle répète, d'une façon exaspérée). C'est comme une marionnette qu'on tendrait... un peu macabre. Elle dit que c'est quelque chose de sombre et qu'elle (Charlotte) a l'impression qu'elle (le singe adulte) le soutient (le singe enfant) parce qu'il est debout ou assis, mais après elle ne sait pas si vraiment elle le soutient. Je dis qu'il est comme si la femme le soutenait sans soutenir et Charlotte dit « Voilà ! ». Elle complète en disant qu'elle (le singe femelle) le tient sans tenir, et que ça lui donne une drôle d'impression un peu comme s'il était une marionnette. Elle dit que le singe femelle a l'air suffisant, prétentieux et que ce n'est pas du tout agréable. Elle dit qu'ils ont un air de méchanceté et elle a l'air (elle hésite) prétentieux. Je dis « Arrogante ? » et Charlotte répond « C'est ça ! Arrogante, exactement ! Et en tout cas, pas intéressant ». Elle rit et dit: « Une vision très sombre du monde. »

Je lui demande s'il y a un tableau qu'elle a plus aimé et elle dit « Plus que les autres ? » Je lui dis que je sais déjà ce qu'elle a aimé le moins c'est le dernier. Elle rit et dit « Oui » et que ce n'est pas

le dernier (qu'elle a aimé plus que les autres). Elle commence à réfléchir pour faire son choix. Après quelques secondes, elle choisit le tableau 4. Je lui dis qu'elle avait fait des commentaires intéressants par rapport à cette image, par exemple, que la mère n'avait pas de temps pour observer le paysage et de profiter des bonnes choses de la vie. Elle répond « Oui, oui » et dit que c'est une jolie promenade et qu'elle se dépêche et n'a pas de temps pour tout apprécier, des beaux moments, des bonnes choses, des belles choses.

Je lui dis qu'une chose qui m'avait attiré l'attention, c'est qu'elle avait dit qu'il y avait des fois une contradiction entre les désirs des enfants et ceux de la mère. Elle dit que ce n'est pas complet, que les désirs des enfants sont par-là et les désirs de la mère ne sont pas par-là, qu'ils ne sont pas toujours en contradiction, mais elle a cette impression, que ses enfants veulent qu'elle soit là et elle a envie d'être ailleurs. Elle raconte qu'elle a envie d'aller à Paris pour un Congrès, mais elle n'ira pas parce que cela les rendra tristes. Elle dit qu'elle ne peut pas dire que les désirs sont toujours différents parce qu'elle aime aussi être avec eux. La question est qu'elle aimerait aussi aller à ce congrès, mais ce n'est pas grave si elle ne peut pas y aller. Elle n'est pas du tout fâchée. Elle dit que son mari la soutient et lui dit, « Oui, tu peux y aller » mais elle se sent coupable pour partir, pour les enfants et pour lui aussi. Il dit « Tu peux y aller, mais ça serait mieux si tu n'y vas pas ». Alors, elle se sent coupable d'avoir envie d'y aller mais coupable aussi de ne pas y aller, à cause de son travail. De toute façon, elle est très heureuse avec ses enfants et son mari et, maintenant, de plus en plus. Elle dit qu'avant elle avait plus d'exigence d'y aller, mais maintenant elle apprécie (elle a une petite difficulté pour prononcer ce mot) quand elle peut revenir plutôt et aller les chercher à l'école. Ces sont des moments de bonheur. Elle dit qu'avant c'était un moment de contrainte, de se dépêcher mais que maintenant elle apprécie ces moments, plus qu'avant. Elle dit quand on change un peu, les priorités changent.

Je parle qu'elle m'avait dit qu'il faut avoir un espace pour soi, et elle dit qu'oui, un espace pour son travail. Elle raconte qu'elle a un laboratoire et là elle a une équipe que s'entend bien et qu'ils sont presque comme une seconde famille. Elle raconte qu'elle se lève à cinq heures et demi du matin et qu'elle part à 6 heures et demi ; quelque fois elle part à 5 heures et demi. Elle est un peu fatiguée mais elle est contente ; donc elle est bien.

Je lui raconte que j'avais parlé à quelques autres mères qui avaient une préoccupation d'éduquer les enfants pour qu'ils soient autonomes et elle dit « Oui ». Elle ajoute qu'avant elle voulait absolument les précipiter pour rentrer dans la vie adulte. Maintenant, de la même façon qu'elle avait envie qu'ils grandissent, elle voudrait les garder encore un petit peu. Elle dit qu'il est vrai qu'ils grandissent vite, mais ils sont encore des enfants. Elle raconte que son aîné a 19 ans. Il a appris à se débrouiller, il est très autonome, il a déjà vécu, (il est) un homme. Elle raconte qu'à 16 ans, son fils aîné est parti six mois aux États-Unis et six mois au Japon, il est à Paris cette année, alors il est un enfant qui est très autonome (elle rit). Elle dit que maintenant les petits se débrouillent, mais qu'elle n'a pas envie qu'ils grandissent vite, qu'elle n'a plus envie de ça. Je lui dis qu'elle a choisi une autre option. Elle dit oui, et raconte que quand les enfants sont petits, elle aime les prendre et les embrasser,

mais quand ils grandissent un petit peu, elle ne fait plus ça, qu'elle ne pense même pas le faire. Elle dit qu'on peut penser qu'elle n'est pas très maternelle, qu'elle n'est pas gentille. Par rapport à Marcel et Raoul, qui ont 12 ans et demi et 14 ans, elle ne les prend jamais dans ses bras. Ils vont l'embrasser (à elle) pour lui dire bonjour ou au revoir, mais elle ne leur propose pas ça (elle ne prend pas l'initiative). Elle dit qu'en plus ils ne sont pas habitués à ça et qu'elle pense que si elle va le faire, ils demanderont un petit peu, surtout Marcel, « Qu'est-ce que tu as ? »

A ce moment, dans une autre pièce, Patrick lui demande qui irait chercher Marcel et elle dit qu'elle ne savait pas, qu'elle pensait qu'il (Patrick) irait le chercher. Patrick ne dit rien et Charlotte, en faisant référence à cet événement, me dit, avec un ton de lamentation, que c'est toujours la culpabilité si elle n'est pas là (elle parle très bas à ce moment), il (Patrick) la fait décider tout le temps. Elle reprend notre sujet et dit qu'aujourd'hui elle ne pense pas à prendre ses enfants dans ses bras. Elle dit qu'elle aime bien faire ça, mais que ça la dérange, alors elle ne veut pas le faire. Quand ils sont petits, elle le fait, mais après, non. Dès ce moment-là, Patrick arrive et demande à Charlotte où sont les vêtements de Marcel et elle lui dit. Elle sort de la salle pour quelques secondes pour l'aider et revient de suite. Elle me parle très bas que ce type de chose la fatigue. Je commente qu'elle a dit qu'elle avait fait un choix, celle de garder ses enfants plus proches d'elle. Elle confirme et raconte qu'ils ne voyagent pas beaucoup et quand ils le font, ils ne vont pas très loin avec toute la famille. Elle dit qu'elle gagne très bien sa vie, qu'ils pourraient l'envisager (les voyages), mais on ne peut pas tout faire. Donc, on a choisi, mais elle ne pense pas s'il y a quelque chose qu'elle ait l'impression de renoncer. Patrick, dans l'autre chambre, lui parle à nouveau et demande où est un vêtement et elle lui répond.

Charlotte reprend notre conversation et répète qu'elle n'a pas l'impression d'avoir renoncé à quelque chose. Ça ne lui pèse plus quelques fois d'avoir une contrainte par rapport aux activités qu'elle voudrait faire, par exemple aller à un musée qu'ils ne veulent pas aller. Elle dit qu'au départ elle ne pense pas; on se dit « Je décide ça, mais je ne le pourrais pas faire ». Ces choses sont à faire instinctivement, ça se passe un petit peu comme ça. Je lui dis qu'elle avait choisi, que c'était sa valeur d'avoir les enfants plus proches d'elle. Elle confirme et ajoute ce qu'elle a vraiment envie est que la vie soit douce pour eux et qu'ils se sentent enveloppés par l'affection, que cela les sécurise, que ça les rassure. Elle dit qu'elle a lu que si on est apparemment aimé quand on est petit, et qu'on sait, qu'il y a une force, on recueille des informations, on apprend les choses. Elle dit qu'elle écoute beaucoup la radio où il y a toujours des émissions sur les enfants. Elle dit que quand ils sont petits et qu'ils ne se défendent pas à l'école et ce sont les autres qui leur donne des coups, on leur dit : « Défends-toi ! Défends-toi ! ». À la radio, elle a entendu, par un pédopsychiatre, que dire ça à un enfant qui ne se défend pas, cela le stresse encore plus. Donc, à partir de ça, elle n'a jamais pu dire « Défends-toi ! Défends-toi ! ». Elle dit que le pédopsychiatre avait raison, que c'est idiot, donner des coups ce n'est pas vraiment intelligent. Elle dit que ce sont des choses qu'on apprend dans l'échange avec les autres, les professionnels, les amis et qu'avec les enfants on apprend aussi des choses. Elle dit qu'elle

a beaucoup de copines, qu'elle les aime beaucoup, que sa copine Isadora est vraiment comme une sœur. Elle répète en disant qu'elle aime bien ses copines, qu'elle veut les aider, mais qu'on ne peut pas rester avec elles pendant toute la journée, seulement un peu. Elle dit qu'avec Isadora, elles font des choses en famille, que les enfants (à elle et à Isadora) s'aiment beaucoup, et qu'elle (Charlotte) veut être partout. Elle raconte que son mari dit qu'elle fait des bonnes actions, qu'elle veut toujours aider les autres. En même temps c'est difficile, parce qu'il y a plein de choses comme ça qu'on veut faire, mais qu'on n'arrive pas à faire quand même. Elle dit qu'il y a encore ses parents, son frère et sa sœur et qu'elle a une certaine préoccupation par rapport à cette amie qui a un cancer du sein, qu'elle l'aide. Elle raconte qu'elle s'occupe beaucoup de ses propres parents, que sa mère a la maladie de Parkinson et que ce soir elle irait la voir pour l'aider à mettre un pyjama, à se coucher, et que les soirs sont aussi à promener le chien après (elle rit). Je lui dis qu'elle a une vie très riche. Elle rit et dit « Oui ». Elle ajoute que sa vie est intéressante, qu'elle adore les rapports avec les autres et que c'était un plaisir de faire ma connaissance, de connaître un peu ce que je fais, de découvrir que j'habite ailleurs, et de découvrir aussi une partie de moi, si on a du temps. Elle dit que, pour elle, c'est un plaisir d'échanger comme ça. Elle dit qu'elle adore lire aussi et qu'elle lit beaucoup, qu'elle est une lectrice acharnée et qu'il y a plein de choses formidables dans sa vie.

Il y a un petit silence à ce moment et je lui demande s'il y a quelque chose d'autre qu'elle voudrait ajouter. Elle respire, pense et dit qu'il y a plein de choses et que par rapport à avoir une vie très riche et très intéressante, elle se rappelle une phrase qu'elle avait entendue à la radio. La phrase a été attribuée à Louise de Vilmorin, une femme qui a vécu avec André Malraux. Elle était une femme riche, qui a écrit beaucoup de poésies, et on lui attribue la phrase: « Je suis née désespérée ». Charlotte dit qu'elle reprend cette phrase pour elle: même si on a beaucoup de choses, au fond on a l'impression d'être un peu comme ça, un peu désespéré. Elle dit qu'elle ne sait pas si c'est paradoxal, mais qu'elle est souvent dans ce registre de désespoir et de résignation et que ce paradoxe fait partie de sa vie. Il y a des moments où on est très bien et il y a des moments où on est très mal. Pour autant, après elle se remonte très vite parce qu'il y a beaucoup de joies et beaucoup d'espoirs aussi et qu'elle a l'impression que ça lui résume assez bien. Elle dit qu'elle est joyeuse et qu'elle rit beaucoup, qu'elle aime bien rire et qu'elle aime beaucoup échanger. Elle ajoute que les gens qui ne la connaissent pas énormément disent « Charlotte, tu es toujours de bonne humeur, tu es toujours contente », mais au fond, non, au fond non (elle répète). Elle dit qu'elle ne joue pas un rôle, que si elle rit, elle rit vraiment, mais au fond, non. Elle reste silencieuse et je lui demande s'il y a encore quelque chose d'autre qu'elle voulait me parler. Elle dit que non, donc, je la remercie. On finit l'entretien.

Interprétation Charlotte

Ma rencontre avec Charlotte a apporté une grande richesse d'informations sur elle et son expérience comme mère de Sabine et de ses quatre autres enfants. Pendant toute la durée de notre entrevu, j'ai eu l'impression d'être devant une femme un peu angoissée, tendue et très exigeante vis-à-

vis d'elle-même et de ses enfants. Bien que la richesse de son récit permette d'interpréter de plusieurs façons différentes, il semble y avoir un axe principal. Ceci concerne le conflit entre l'autonomie (qui lui apporterait un sens de Self avec des contours plus définis) et l'appartenance relationnelle (dans laquelle les contours seraient plus fluides). Même si ce conflit a lieu plutôt dans elle, il y a des répercussions importantes dans ses relations familiales, où c'est dramatisé et concrétisé.

Dans ce sens, le contenu manifeste du récit peut, à première vue, conduire à une interprétation vers le dilemme de la femme contemporaine dans ses rôles en tant que professionnel, épouse et mère. Néanmoins, il comporte aussi une dimension plus profonde concernant les limites et les extensions du Self. Donc, même si les soucis sur les rôles masculins et féminins sont légitimes, cela se déroule dans un contexte où le Self cherche une expression qui parfois dépasse ses capacités. Ainsi, les problèmes de la surcharge féminine par la double journée, par exemple, assument une dimension plus forte. De même, les questions sur ce qu'elle comprend comme représentatif d'une façon masculine d'être s'adressent aussi au problème de l'autonomie et de l'intégration, avec ses plaisirs et ses restrictions.

Charlotte est une personne qui a une intense soif de vivre. Elle veut lancer ses semences et s'engager dans plusieurs domaines de son existence, soit professionnels, soit politiques, mais surtout relationnels. Ces expériences sont faites avec une telle avidité qui parfois la laisse épuiser, vu que cela surmonte quand même des capacités humaines. En quelque sorte, de temps en temps elle transmet une sensation qu'une seule vie ne lui suffit pas, qu'il faut vivre pour soi et pour d'autres (peut-être pour le frère mort avant sa naissance). Dans ce contexte, elle présente un Self dont les caractéristiques « tentaculaires » risquent quand même à sa « distension ». Cette qualité du Self est accompagnée par des exigences très rigoureuses de son Idéal du Moi: il ne suffit pas de faire beaucoup de choses, mais il faut les faire parfaitement. Dans cette dynamique, le contrôle joue un rôle très important.

Encore que Charlotte présente une personnalité bien soudée, mûre et organisée, dont le registre névrotique a été sans doute atteint, cette façon de vivre, en cherchant toujours à dépasser ses propres limites, lui impose parfois des embarras à propos des capacités d'intégration, de réalisation et de personnalisation. Ainsi, ses essais d'ignorer ses propres contours sont des batailles (heureusement) échouées contre la cohésion de sa personnalité. De même, l'esprit et le corps ne sont pas toujours au même endroit (comme elle montre dans son récit au tableau 4). Cet état des choses parfois l'empêche de profiter du moment présent et d'évaluer objectivement une situation.

Le dégât que cette façon de vivre inflige, la faire accueillir, avec soulagement, les indications de ses limites de la partie de son entourage, surtout de sa copine Isadora. Toutefois, pour Charlotte, la reconnaissance des limites signifie l'admission des faiblesses et, comme celles-ci doivent, à son avis, être surmontées, elle reste prise dans un conflit. Elle ne se sent donc pas entièrement dans une situation, ce qui, ajouté à un haut niveau des exigences de son Idéal du Moi, lui apporte l'impression de ne pas réussir à aucun domaine de sa vie.

Épuisée pour cette façon de vivre, elle s'interroge si l'imposition des limites extérieures la soulagerait un peu, par exemple, renoncer à l'activité professionnelle. Toutefois, cette option ne lui convient pas, par l'importance du travail professionnel dans sa vie, mais aussi par la perception qui est surtout dans ses relations interpersonnelles que la caractéristique tentaculaire de son Self s'impose, particulièrement dans son lien avec ses enfants.

Dans ce cas, la propre disposition de la maison de Charlotte est révélatrice. Bien que le bâtiment soit suffisamment grand et que les pièces permettent des divisions, elles ne sont pas séparées et les chambres des enfants sont partagées entre eux. Ainsi, l'établissement des espaces privés (ce qui pourrait encourager l'autonomie personnelle) n'est pas un souci ni par elle ni par Patrick. Le mélange, l'intimité et la contiguïté sont privilégiés au détriment de l'autonomie et de l'indépendance, ce qui laisse les relations plus proches, mais aussi plus conflictuelles. De même, le récit de Charlotte montre qu'elle veut que ses enfants soient ce qu'elle a été et ce qu'elle n'a pas été, autrement dit, son désir de s'épanouir à travers eux. Pour ainsi dire, leur épanouissement personnel est perçu comme sa propre efflorescence. C'est par cette proximité que les disputes familiales semblent avoir lieu en une réponse revendicative à l'autonomie de chacun, ce qui veut dire, à la reconnaissance des limites. Les refus des enfants de suivre les attentes de Charlotte la laissent d'abord un peu déçue. Toutefois, ils lui apportent, ensuite, une sensation de soulagement, car ils rendent la relation plus authentique (« *ils ont finalement envie... heureusement* »). En quelque sorte, ils sont ces rejets qui l'empêchent de faire de ses enfants des simples extensions de soi-même. Donc, au fur et à mesure que ces rejets mettent des limites entre les individus, ils permettent le développement d'un authentique sens de Self et une authentique capacité d'aimer. Ainsi, les affrontements des enfants vis-à-vis de Charlotte, à l'inverse d'engendrer la distance et la séparation, constituent la source de leur rencontre.

Le récit de Carole insinue, d'une façon discrète, quelles sont les racines de son Self tentaculaire, ou conformément à ses propres mots, de son désespoir de vivre. Dans ce sens, le récit au tableau 8 est particulièrement révélateur: il montre l'insécurité pour ne pas avoir reçu un *holding* assez assuré de la part de la mère. Le soutien maternel n'est qu'apparent. Ce récit, ajouté à l'information d'avoir eu un frère mort avant sa naissance, et surtout aux effets de cet événement dans la réalité psychique de ses parents (ils craignaient de lui parler de ce sujet), suggère qu'elle ait eu, au début de sa vie, une mère déprimée. Dans ce sens, les déficiences de solidité du *holding* qu'elle a reçu semblent être les sources de la certaine fluidité des frontières de son Self, autrement dit, de ce qu'on a appelé ses « caractéristiques tentaculaires ». En sorte que la description que Charlotte fait de soi-même « je suis née désespérée » révèle son expérience auprès d'une mère incapable de l'apaiser. Au contraire d'être le bébé kangourou, fermement soutenu dans le sac au ventre de sa mère, elle est le petit singe, dont le *holding* est redoutable et l'assurance est remplacée par le contrôle (la marionnette).

Sans avoir eu un cadre consistant pour se développer, elle a des difficultés aussi pour l'offrir à ses enfants. Toutefois, elle est capable de profiter de l'opposition de ceux-ci, les disputes avec son mari et surtout l'accueil de sa copine Isadora comme des opportunités de récupérer sa capacité

d'intégration. Ces oppositions et cet accueil lui permettent d'opérer le rétrécissement de son Self et d'affaiblir sa caractéristique tentaculaire. L'analyse de chacun des récits aux tableaux du CAT-A permet de comprendre l'expérience maternelle de Charlotte de façon plus minutieuse.

Tableau 1

En accord avec notre conversation précédente, Charlotte expose, dans son récit à ce tableau, le problème rapporté à la distension ou à la rétraction du Self, conformément représenté par la double journée du travail féminin. Elle sent que sa propre participation dans des activités différentes la laisse partager et l'empêche d'être entièrement dans les situations. Elle semble ressentir comme si elle devait être tout ce qu'elle est en même temps. Cette condition révèle une conception d'intégration qui, à l'inverse de signifier la capacité d'effectuer une synthèse de soi-même dans de différents terrains, impliquerait de vivre toutes ces dimensions simultanément. Ainsi, Charlotte a des difficultés à définir les contours à propos de son identité et de son rôle dans des domaines spécifiques. Devant cette difficulté d'établir un cadre pour elle-même, elle a aussi du mal à offrir un cadre pour ses enfants, ce qui rend les relations familiales tumultueuses (ou non intégrées). La solution envisagée est, alors, de délimiter les domaines de son Self, à partir d'une rétraction de ses dimensions. De telle sorte que Charlotte considère que la restriction physique des activités à qui elle doit participer sera accompagnée d'une définition psychique plus consistante à ses propres limites. Néanmoins, elle remarque tout de suite l'inefficacité de cette résolution, car la mère devient malheureuse. En plus, la caractéristique « tentaculaire » de son Self (qui serait enfermée dans la vie familiale) risquerait l'autonomie des enfants, parce qu'elle pourrait se diriger vers eux (*si elle était toujours là, cela leur casserait les pieds finalement*). Face à cet état des choses, Charlotte reprend la référence de sa mère comme une possibilité pour dépasser le dilemme. Celle-ci travaillait aux mêmes horaires quand ses enfants étaient à l'école. Elle était donc disponible quand ils étaient ensemble. Toutefois, plus qu'un problème de compatibilité des horaires, la question principale persiste comme la condition d'être affectivement disponible dans chaque situation vécue.

Tableau 2

Le souci de Charlotte, par rapport aux difficultés de définir un cadre assuré pour le développement émotionnel de ses enfants, est repris dans ce tableau. Cependant, en ce moment il ne s'agit plus du résultat d'une controverse interne, mais du désagrément du couple. Dans ce sens, à l'inverse d'être reconnu comme capable de la soulager et de la soutenir, Patrick est conçu comme une personne qui est, à plusieurs reprises, en opposition à elle. Le couple n'est pas envisagé (au moins au premier moment) comme capable de se mettre d'accord, en ayant besoin, parfois, de l'intervention de l'enfant pour régler le problème. Même si Charlotte essaie de se persuader que ses enfants ont, eux-mêmes, une condition qui leur permette d'assimiler les effets des situations éventuelles de désintégration (*les enfants ont l'air de s'en habituer*), elle reconnaît que les choses ne se passent pas

comme ça (*au fond...*). Cette situation éveille en Charlotte un profond sentiment de culpabilité, car elle sent comme si elle échouait dans sa tâche de protéger ses enfants.

Tableau 3

Le contenu manifeste du récit de Charlotte dans ce tableau s'adresse immédiatement à une interprétation relative à l'envie du pénis, et comme biologiste, elle a réussi à l'inverser par son rigolage du 46 XX et 46 XY. Toutefois, le contexte de sa production dans le CAT-A permet d'envisager une dimension plus profonde de la communication, à propos des limites de son Self. Dans ce sens, le sujet principal, caché au-dessous de l'apparente guerre des sexes, concerne le conflit entre l'adoption des limites bien définies du propre Self vis-à-vis des autres, ou celle d'une fluidité diaphane, tout en gardant une certaine différenciation. Le premier axe de cette dichotomie est identifié au rôle masculin, tandis que le deuxième est accordé au féminin. Dans ce cas, l'autonomie résultante d'une définition plus précise des limites du Self est perçue comme capable de promouvoir le repos, la quiétude et la capacité pour rester dans un état non-intégré. Pour autant, à l'inverse d'une conquête, elle est ressentie comme une limitation méprisante de la personnalité. Donc, l'autonomie est souhaitée et enviée, mais aussi dédaignée et rejetée. Bref, tout en envisageant de posséder un cadre bien assuré dans lequel le Self puisse s'exprimer, Charlotte refuse cette possibilité. Au contraire, elle s'attache à la promesse d'une vie plus complète qu'elle croit qu'un Self plus léger (ou distendu) pourrait lui offrir.

Tableau 4

Le thème du conflit entre l'autonomie et l'appartenance, ou entre la fixité et la fluidité du Self, persiste dans ce tableau. Cependant, tandis que dans le récit précédent l'accent a été mis sur les problèmes et les limitations concernant l'autonomie et l'intégration (rôle masculin), en ce moment il se déplace dans l'autre axe. Dans ce sens, d'abord, Charlotte conçoit la fluidité des frontières comme enrichissante. Toutefois, elle s'aperçoit que ce n'est pas toujours comme ça. En plus de la fatigue, l'effort d'être à plusieurs endroits en même temps (dans sa réalité psychique ou dans ses relations interpersonnelles) conduit à des menaces importantes à son Self. Donc, son invasion dans le terrain de son mari la « paternalise » vis-à-vis de ses enfants et remet en question l'intégrité de son identité féminine et maternelle. De l'autre côté, l'accueil qu'elle offre à Patrick pour rentrer dans son rôle de mère, la fait sentir également l'envahir. La confusion d'identité apportée par cette situation laisse Charlotte troublée, déracinée. A cette menace à l'intégration s'ajoute une autre à propos de la personnalisation. Ainsi, si le Self est partout en même temps, il n'est pas entièrement à chaque endroit (la maman kangourou est avec ses enfants pour faire quelque chose d'agréable, mais elle a la tête ailleurs). Bref, Charlotte sent, d'un seul coup, l'angoisse liée à l'absence d'un cadre précisément défini où son Self puisse s'exprimer.

Tableau 8

Dans le récit présent, Charlotte reste encore perturbée par la perception des menaces que l'absence d'un cadre défini pour l'évolution de son Self pose, soit à elle-même, soit à ses enfants. Elle semble avoir fait, en ce moment, un genre de régression qui lui a permis de reprendre sa propre histoire personnelle, surtout sa relation avec sa mère. Celle-ci n'est pas perçue comme une personne qui lui a offert un *holding* suffisamment solide, ce qui lui a posé quelques difficultés de reconnaître et d'accepter les frontières de son Self. Le contact corporel avec la mère a été établi sur des bases précaires (les fils qui contrôlent les mouvements de la marionnette). Ainsi, le corps maternel ne lui a pas offert de la résistance nécessaire pour ses gestes, de façon à définir les limites entre elle-même et sa mère. Ainsi, à l'inverse du geste de la fille de s'arrêter dans la réalité concrète du corps de la mère, il tombe dans le vide. Sans rencontrer les résistances extérieures, la définition de ses propres limites, à savoir, de son cadre personnel, a du mal à se faire. Devant cette situation, Charlotte s'aperçoit que ses problèmes de l'intégration et de la personnalisation, liés à la carence de ce cadre, conduisent à une insuffisance dans la capacité de soutenir à elle-même. En conséquence, la possibilité d'offrir le *holding* à ses enfants reste aussi déficitaire. La vraie sustentation risque aussi d'être remplacée par le contrôle impersonnel. Dans ces conditions, l'enfant ne peut pas se développer comme une personne unique mais seulement comme l'extension de la mère. Par conséquent, la relation humaine ne s'établit pas, car l'enfant n'existe pas en tant qu'être humain (« *presque qu'il est mort, presque qu'il est mort* »). Ainsi, il est réduit à une poupée, maîtrisé par une mère prétentieuse de savoir comment on doit vivre. De sorte, Charlotte se rend compte que cette façon de vivre détruit tout ce qu'elle cherche dans une relation, à savoir, la possibilité d'un échange dynamique authentique qui soutient sa sensation d'exister. De ce fait, l'enrichissement personnel issu des relations est conditionné à la définition des limites entre les gens et le respect dans leur façon d'être. D'où, le plus assuré qu'on est des contours de soi-même, il y a plus à offrir et à recevoir de l'autre.

Pendant notre conversation ultérieure, Charlotte suit son processus d'élaboration de cette perception. Elle se rend compte qu'il faut renoncer à l'omnipotence, qu'il faut faire des choix et supporter les pertes qui font partie de celle-ci. Elle se surprend à cause de sa difficulté d'exprimer physiquement son affection vers ses enfants au fur et à mesure qu'ils deviennent plus différentiel d'elle-même. En dépit de cet obstacle, l'amour est intense (*elle veut que leur vie soit douce et qu'ils se sentent envelopper par l'affection*). De cette manière, Charlotte montre, qu'en plus de l'angoisse, c'est sa capacité d'aimer qui déborde et, en même temps, qui établit les frontières nécessaires pour l'intégration. Donc, il faut aimer l'autre, il faut l'aider et lui donner ce qu'on a de mieux. Le défi de Charlotte est de faire tout ça sans se perdre de soi-même. De ce fait, si son Self distendu envisage la réalisation de ses ambitions personnelles, il envisage aussi (ou plutôt) être un support, un point d'appui pour que les autres puissent s'épanouir et rencontrer l'encouragement et la force. Malgré ces ressources, le combat de Charlotte continue, surtout en ce qui concerne l'acceptation de ses limites et

de sa condition humaine de faillibilité. Dans cette affaire elle compte, pour l'aider, sur l'amour et l'opposition de ses enfants, de son mari et de sa copine Isadora.

Récit de Sabine

Après notre conversation, Charlotte va chercher Sabine, qui est au premier étage en train de jouer avec Hortense. Elle est une petite fille douce, mignonne et très délicate. Ses cheveux sont châains, bouclés et d'une taille moyen. Ses yeux sont aussi châains. Elle est timide et parle très bas. Pendant notre activité son chat reste avec nous en caressant nos jambes. Comme la petite fille a du mal à raconter des histoires, j'essaie d'être le plus douce et accueillante possible vis-à-vis d'elle. J'essaie aussi de l'aider en lui posant des questions pour que les histoires se dégagent.

Elle reste tout le temps avec les yeux posés sur les tableaux. À partir de la troisième image elle semble avoir un peu plus de facilité pour faire des associations, mais la tâche reste encore difficile.

Le CAT-A

J'explique à Sabine quelle sera notre tâche. Je lui dis qu'elle peut inventer les histoires qu'elle veut. Je lui montre le premier tableau et elle le laisse avec moi. Je lui dis qu'elle pourrait le prendre si elle voulait et elle le fait.

Tableau 1

Elle regarde le tableau pour 25 seconds, mais elle reste en silence. Après, elle dit : «Euh... poussin. [Hum, hum. Poussin...] Qui mange.... Qui... mange repas. [Oui.] Eeeet... (Elle reste en silence pour 10 seconds) [Qu'est-ce qu'il pense ?] (Elle reste en silence pour 23 seconds) [Tu crois qu'ils vont manger ou pas ? Le repas ?] (Elle reste en silence pour 18 seconds) Et que les personnes, elles sont attaquées. (Silence de 57 seconds). [Qu'est-ce que tu penses qu'il arrive?] (Silence de 34 seconds) [Tu as aimé cette photo ou tu ne l'as pas aimé ?] Euh si... [Il y a des poussins tu m'as dit, hein ? À l'heure du repas, hum hum. Qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver ? Tu peux inventer n'importe quoi. Ce qui tu veux.] (Silence de 30 seconds) Ils sont dans une ferme. (Elle parle d'une façon hésitante). [Pardon ?] Ils sont dans une ferme. (Elle parle d'une façon plus affirmée). [Hum hum...Oui !] (Elle reste en silence pour 50 seconds) [Oui c'est bon Tu veux voir l'autre ? Je vais te montrer l'autre. Je vais te montrer le deuxième. C'est ici.] »

Tableau 2

Après 7 seconds, elle dit « Ben... Il y a des animaux qui tirent une corde ... qui se chamaillent. Ils se chamaillent. (Elle reste en silence pour 23 seconds) [Qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver ?] Je pense qu'il va arriver que la corde, elle va atterrir par terre qu'elle va craquer. [Huuuum.... Et alors ? Qu'est ce qui arrive si la corde craque ?] Ben, chacun aura un bout de la corde. [Alors personne ne va gagner ?] Quoi ? [Parce que si la corde craque, personne ne va gagner !] (Elle reste en silence

pour 24 seconds) [Tu penses qu'il y a quelqu'un va gagner ?] Euuuuh oui lui. (Elle montre les deux ours qui sont ensemble). [Tu crois qu'ils se connaissent ?] Quoi ? [Ces ours, tu crois qu'ils se connaissent ou pas ?] Elle fait un signal de négation avec la tête [Ah, ils ne se connaissent pas.] (Elle reste en silence pour 25 seconds, mais ne me rend pas le tableau) [Quand tu as fini, tu peux me donner le tableau pour que je te montre l'autre.] » (Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième).

Tableau 3

« Beee... Un grand-père. [Hum hum, un grand-père...] (Elle reste en silence pour 12 seconds) Qui est énervé. [Aaaah, énervé...] (Silence de 15 seconds) [Pourquoi il est énervé ?] Parce qu'il y a trop de souris dans sa maison. [Ah, il est énervé parce qu'il y a des souris dans la maison] Ben quoi ? Je vois une souris ! [Qu'est-ce qu'il va arriver ?] Il va mourir. [Qui ?] Le grand-père. Parce qu'il est trop vieux. [Tu crois qu'il va la trouver ou pas ?] Euh... je pense que... (Elle est hésitante). [Tu peux inventer, comme tu veux !] (Elle reste en silence pour 34 seconds et sourit en regardant la souris) [T'as aimé la souris hein ?] (Elle affirme avec la tête et me rend le tableau. Je lui présente le prochain). »

Tableau 4

« Une maman. Qui va faire des courses. Avec ses enfants. [Hum hum...] Et que le magasin... Et que... elle est en retard pour aller à son magasin. [Hum hum] Et puis c'est tout. Voilà ! [Et qu'est-ce qu'il va arriver avec les petits ? Les deux petits kangourous ?] Euh... (Elle reste en silence pour 48 seconds) Et puis... [Tu peux parler tout ce que tu penses, d'accord ?] (Elle reste en silence pour 35 seconds et me rend le tableau) [C'est tout ?] (Elle affirme avec la tête. En ce moment son chat monte sur mes genoux, où il y a le dernier tableau du CAT.) [Ah ton chat m'aime ! Pardon, excuses-moi, chat, mais j'ai besoin de montrer le dernier tableau à Sabine.] (Sabine rit. Donc, je mets le chat au sol et lui montre le dernier tableau) ».

Tableau 8

« Une famille... [Hum hum, oui...] Qui parle de leurs enfants. (Elle reste en silence pour 30 seconds) [Qu'est-ce qu'ils sont en train de faire ?] Ils grondent leurs enfants. (Elle parle très bas) [Parles un peu plus fort pour que je puisse te comprendre] Disputer leurs enfants. (Elle parle plus fort)³. [Hum... Ils se disputent ? Pourquoi ?] (Elle reste en silence pour 25 seconds) [Laisse-moi comprendre ce que tu as dit. Ce sont les enfants qui se disputent ou se sont les grands qui se disputent avec les enfants ?] (Elle reste en silence pour 37 seconds. En ce moment on peut entendre Charlotte, à l'autre étage, parler à Raoul.) Euuuh... parce qu'il fait tard et ils n'étaient pas rentrés à leur maison. [Ils sont rentrés tard à la maison ?] Et voilà. C'est tout. [D'accord. Tu as dit qu'ils se disputent. Quel

³Elle veut dire que les parents font des reproches aux enfants.

est le singe qui est en train de disputer ?] Euuh le petit singe. [Ah, le petit singe.] Parce qu'il n'est pas rentré à sa maison et il était tard. (Elle me rend le tableau). »

Je remercie à Sabine et je lui demande de me montrer le tableau qu'elle aimé le plus et lequel elle a aimé le moins. Elle hésite et choisi le tableau 4 comme son préféré et le tableau 2 comme ce qu'elle a moins aimé. Je lui remercie à nouveau et on finit l'entretien.

Interprétation Sabine

Non obstat sa brièveté, le récit de Sabine permet d'avoir accès à ses principaux soucis. Dans ce sens, il faut considérer que la difficulté de la fille pour raconter des histoires d'une façon fluide peut être attribuée plutôt à son âge, vu que l'activité du CAT-A va mieux pour les enfants qui ont déjà dépassé l'âge préscolaire. De sorte, l'ensemble de la production montre que Sabine est une petite fille qui a réussi à accomplir les tâches d'intégration, personnalisation et réalisation. Le bon niveau de ces capacités a été attesté par sa correcte perception des tableaux et sa condition de me considérer comme une personne séparée d'elle. Néanmoins, la fille ne semblait pas être bien à l'aise en ce qui concerne son expression spontanée: elle présentait une certaine timidité qui semble avoir causé une petite inhibition de sa créativité

Ainsi, en plus des difficultés d'articulation des phrases et des évènements, propres de son âge, les récits n'expriment pas beaucoup des contenus personnels. L'absence de fluidité pour raconter des histoires est aussi indiquée par les nombreux silences de la petite fille pendant la passation des tableaux. En vrai, le principal contenu personnel exprimé par Sabine concernait les désaccords et les disputes de plusieurs genres dans les relations familiales, conformément il est montré à l'analyse des récits à chaque tableau présentée à la suite.

Tableau 1

Sabine a eu des difficultés devant ce tableau dès le premier moment de la présentation. Elle a fait un peu plus que décrire l'image, en ajoutant que les poussins étaient dans une ferme. Le seul contenu personnel exprimé concerne une phrase qui n'est pas bien articulée dans l'ensemble de son récit manifeste et qui n'a pas de sens évident dans le contexte de l'image: « les personnes, elles sont attaquées ». De cette manière, le récit de Sabine suggère que la situation du repas en famille ne se passe pas de façon calme et tranquille. Par contre, c'est l'occasion de l'apparition des disputes et des désaccords parmi les personnes qui en font partie. Donc, elle transmet le message que le repas n'est pas un moment de détente et d'union familiale, mais de tension, d'opposition et de vulnérabilité.

Tableau 2

En ce moment, Sabine continue le thème ébauché précédemment d'une façon plus personnelle et plus fluide. Elle montre que les conflits se dégagent entre les deux parents, sans qu'il y ait la suprématie de l'un ou de l'autre. Toutefois, l'équilibre des forces ne conduit pas à la perception

des propres limites et le respect pour l'autre, ce qui pourrait résulter dans l'union des ressources du couple. À l'inverse, il produit la rupture du lien et risque l'intégrité du foyer. Dans ce cadre, la participation de l'enfant devient essentielle pour résoudre l'affrontement et pour décider quelle est l'opinion qui devra prévaloir. Bref, les décisions ne sont pas définies par le couple, mais par un des parents et son enfant.

Tableau 3

Sur ce tableau, Sabine montre qu'en plus des désaccords entre le couple, il y a aussi, dans la famille, ceux qui sont entre un parent et son enfant. En d'autres termes, aux conflits conjugaux s'ajoutent ceux entre les générations, entre les vieux et les jeunes. L'adulte (surtout l'âgé) est vu comme une personne qui n'est pas capable de bien gérer les enfants dans la vie familiale. Au contraire, l'inquiétude et la vivacité de ceux-ci le stressent. La perception est que l'adulte échoue dans sa fonction parce que les tâches sont nombreuses et dépassent ses capacités (*il y a trop de souris dans la maison*). Donc, en plus de ne pas offrir un cadre qui permette l'apaisement, l'adulte introduit plus de conflits qu'il ne peut régler non plus. Cette situation gère une atmosphère d'intolérance, dans laquelle il n'y a pas de place pour le dialogue et la compréhension. En conséquence, le conflit ne peut être résolu que par la disparition d'un des pôles ou d'une des personnes qui s'affrontent (*il va mourir, le grand-père, parce qu'il est trop vieux*).

Tableau 4

Devant ce tableau Sabine persiste dans la thématique de la difficulté de la rencontre affective dans la famille. Toutefois, les obstacles à l'approximation sont considérés comme des résultats de la condition psychique de la mère, plutôt que de l'existence des conflits interpersonnels. Autrement dit, bien que cette attitude maternelle puisse conduire aux affrontements qui empêchent la rencontre, maintenant elle est vue comme une difficulté en soi-même. Donc, mère et enfant sont ensemble physiquement, mais la mère n'est pas disponible affectivement (*elle est en retard pour aller à son magasin*). Face à ces conditions, même si le lien entre mère et enfant est agréable (ceci a été le tableau que Sabine a aimé le plus), ce n'est pas encore nettement une situation d'apaisement et ni de refuge, du aux limites maternelles.

Tableau 8

Encore que le thème des conflits revienne dans ce tableau, il se présente d'une façon différente des précédentes, car il permet d'envisager la possibilité de leur élaboration. De cette manière, si d'abord Sabine a conçu les affrontements comme passibles de risquer l'intégrité familiale, sa perception de qu'ils ont lieu surtout par les angoisses de la mère, change sa façon de voir les choses. Pour ainsi dire, dans le récit actuel, Sabine se rend compte qu'au moins une partie des conflits familiaux arrivent exactement par l'intention de ses parents de garder l'union du groupe (*les parents*

font des reproches à l'enfant parce qu'il est rentré tard à la maison). Ainsi, même si cela n'est pas toujours évident, l'agressivité se met au service de l'amour, ce qui peut ouvrir l'espace pour son assimilation dans le Self. De telle sorte que les disputes ne seraient pas forcément menaçantes, ce qui pourrait apporter une plus grande liberté pour éprouver les pulsions.

En synthèse, les récits du CAT-A révèlent que Sabine est une petite fille dont le Self est capable de bien s'exprimer, même si parfois elle fait face à quelques inhibitions. Celles-ci semblent dériver d'un certain manque d'assurance concernant l'expression de son agressivité créative. Dans ce sens, elle montre avoir des soucis par rapport aux effets des conflits entre les parents (et entre ceux-ci et les enfants) sur l'intégrité de son groupe familial. Toutefois, elle est capable de se rendre compte que, malgré les apparences, les disputes n'impliquent pas forcément le rejet et la séparation. Au contraire, elles sont parfois nécessaires pour assurer l'alliance amoureuse de la famille. Quoiqu'elle se montre encore en train d'assimiler ce paradoxe, cette perception est passible de la conduire, tout au long de son développement émotionnel, à une plus grande liberté pour exploiter ses pulsions.

Dans des termes de l'évolution pulsionnelle, les récits montrent que Sabine est déjà rentrée dans l'étape de latence, avec ses tâches d'édification du surmoi et de ses conflits entre les désirs et les interdits. De l'autre côté, en ce qui concerne l'évolution du Self, elle semble avoir atteint l'étape de dépendance relative, où la capacité de faire semblant se montre déjà établie. Cet état de choses et la constatation qu'en dépit des conflits, son ambiance familiale est suffisamment assurée, permet d'envisager une bonne condition pour la suite de son développement personnel.

Synthèse Charlotte et Sabine

Les récits de Charlotte et de Sabine dans le CAT-A montrent une coïncidence de soucis qui révèle l'intersection des dilemmes vécus par les deux, malgré d'une façon différente par les niveaux de maturité de la personnalité de chacune d'entre elles. Pour ainsi dire, les contenus manifestes des récits de la mère et de la fille dans les tableaux 1, 2 et 4 sont presque identiques, à savoir, les conflits qui ont lieu dans la vie familiale et les difficultés de la mère pour être entièrement présente dans ses relations avec ses enfants. Encore qu'il y ait évidemment une influence mutuelle de la réalité psychique de la mère et de la fille, celle-ci semble être particulièrement plus affectée par la façon dont celle-là vit son expérience maternelle.

Dans ce cas, les résistances de Charlotte pour définir un cadre plus précis dans lequel son Self puisse prendre ses repères ont comme conséquence des embarras pour lui offrir aussi à ses enfants. Ces fautes maternelles ont des origines très profondes, dans la relation de Charlotte avec sa propre mère. Celle-ci, dû à ses propres afflictions et tourments, n'a pas pu offrir à sa fille l'expérience d'un *holding* consistant capable d'éveiller dans Charlotte le sentiment d'être protégée. Le soutien corporel semble avoir été déficitaire, ce qui a causé la difficulté de l'acquisition, par Charlotte, de l'expérience de trouver la résistance du corps de la mère à partir de ses gestes. Cette défaillance a eu comme résultat la constitution d'un corps et d'un Self dont les frontières ne sont pas très bien précisées. Ainsi,

l'intimité que cette situation apporte pour les relations, semble être fondée plutôt dans une difficulté de l'intégration que dans une option personnelle. Son projet individuel et celui de l'autre se mélangent et le Self rentre dans des limites d'autrui et se laisse aussi pénétrer.

Malgré tous ces obstacles importants pour la constitution du Self, la soif de vivre de cette femme lui a permis d'avancer dans son développement émotionnel. Ainsi, elle a réussi à atteindre le registre névrotique de l'organisation de la personnalité. Toutefois, les caractéristiques « tentaculaires » de son Self persistent, ainsi que ses efforts pour atteindre une intégration plus vigoureuse de sa personnalité, et qui lui permettrait d'avoir les expériences souhaitées de non-intégration et de repos. Si elle peut compter sur l'opposition de ses enfants et de son mari pour réparer l'expérience d'opposition qu'elle n'a pas trouvée dans la relation avec la mère, ce processus est encore en train de se faire. D'où les moments d'une intégration plus ferme et d'un débordement affectif s'alternent.

L'affectivité débordante de Charlotte prend forme dans sa vie familiale, ce qui la rend parfois tumultueuse et conflictuelle. Cet état des choses semble poser des soucis additionnels pour Sabine, vu qu'en ce moment elle fait face à la tâche développementale de l'assimilation des pulsions dans le Self.

Il faut d'abord souligner que la caractéristique « tentaculaire » du Self de Charlotte ne pose pas de problèmes à Sabine concernant l'intégration de sa personnalité en soi-même. Donc, la petite fille est déjà capable de se concevoir comme détentrice d'une identité propre et séparer d'autrui. En d'autres termes, le registre névrotique est aussi prépondérant dans la petite. De ce fait, même si Charlotte montre des entraves par rapport à sa capacité d'intégration et de personnalisation (être entière dans une situation spécifique), elle a été capable de fournir un certain encadrement, plus général, de développement à ses enfants (en particulier à Sabine).

Néanmoins, l'affection inonde les relations familiales (*il y a beaucoup d'interactions, de disputes mais de la chaleur aussi. Il y a beaucoup de choses qui se passent dans tous les sens, ce n'est pas une famille très calme*). Bien que ces situations laissent Charlotte tendue et agacée, elle ne craint pas la rupture du lien familial. Par contre, Sabine s'inquiète à l'égard de ce sujet. Ces circonstances, conformément introjectées par la petite fille la rendent en alerte par rapport aux effets de ses propres pulsions sur elle-même et sur les autres. Cette inquiétude l'emmènerait à la timidité et à l'inhibition qu'elle a démontrée tout au long du CAT-A. Autrement dit, pour Sabine, la profusion des affects pourrait entraîner l'incompréhension, l'éloignement et la séparation. Bref, l'absence d'un encadrement solide dans lequel l'affectivité puisse se dérouler, menace les relations.

Pour autant, mère et fille s'aperçoivent que, en plus des pulsions agressives, sont surtout les amours qui débordent. De telle sorte que la majorité des conflits qui arrivent a l'intention de protéger l'union du groupe. Cette constatation laisse Charlotte plus soulagée par rapport à ses ressources et à ses bonnes qualités en tant que mère. Elle peut donc devenir moins exigeante vis-à-vis d'elle et de sa famille. En plus, elle se rend compte que l'existence des limites et des différences (qui permettent l'intégration) ouvrent l'espace pour une vraie approximation avec autrui. De son côté, Sabine

remarque aussi que les divergences peuvent se constituer dans une façon de garder l'intégrité du groupe (les parents font des reproches à leur enfant parce qu'il est rentré tard à la maison). Devant cette dialectique entre séparation et union, la fille devient plus apaisée en ce qui concerne la solidité du lien d'amour de sa famille et de la vigueur de sa propre capacité constructive. En conséquence, elle devient moins menacée face à l'émergence de son affectivité, principalement celle d'une nature agressive.

Donc, même si Charlotte a un peu de mal à offrir à Sabine un encadrement défini dans lequel la fille puisse éprouver ses affects d'une façon plus protégée, l'intensité de son amour maternel et de son amour vis-à-vis des autres consistent en un excellent point de départ pour atteindre cette assurance. Il faut considérer, toutefois, que le travail d'élaboration du paradoxe entre séparation et union est encore en cours, soit par la mère, soit par la fille, avec des avances et des revers. En dépit de cette incomplétude, la condition de Charlotte d'accepter le deuil, issu de l'admission des limites du Self et la compréhension naissante de Sabine de l'existence des paradoxes, dénote les bonnes conditions de la dyade pour poursuivre leur développement personnel.

APÉNDICE AD - Dyade Florence et Claire

Identification

Florence: 49 ans

Situation familiale: mariée (pacsée) (famille recomposée de la partie du mari)

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Claire, 9 ans

Enfant étudié: Claire

Ordre des entretiens: 1) Florence

2) Claire

Récit de Florence

Ma rencontre avec Florence a eu lieu chez elle, dans une matinée froide d'hiver, après un week-end où il y a eu beaucoup de neige à Lille. Sa maison est un peu désorganisée dans l'entrée, mais pas dans les autres pièces. Elle est une grande femme aux cheveux châains et yeux marrons clairs et, bien qu'un peu plus âgée que les autres femmes de ma liste, elle a beaucoup de jovialité. Elle a une forte présence et montre d'être une femme sûre d'elle. Je connais aussi son mari qui a le type nordique : il est grand, aux cheveux blonds et aux yeux bleus (comme ceux de Claire). Il semble être beaucoup plus âgé que Florence.

La famille a aussi un chat qui semble être très aimé par tous. Il est très à l'aise dans la maison: quand j'ai mis ma doudoune sur le fauteuil du séjour, il s'est installé sur lui tout de suite et s'est blotti confortablement. Je n'ai pas fait de problèmes à cause de cela et Florence non plus. Quand elle est allée à la cuisine pour prendre un café, j'ai pris le chat dans mes bras et j'ai déplacé ma doudoune sur un côté du fauteuil. Après, j'ai mis le chat de l'autre côté. Quand Florence est revenue, et après avoir vu cette nouvelle organisation, elle m'a dit qu'elle irait me parler pour retirer le chat de-dessus de ma doudoune dans le cas où j'avais une allergie au poil. Pour autant, elle s'est montrée satisfaite pour cette organisation.

Je vais avec Florence au deuxième étage de la maison, dans une chambre qui a les jouets de Claire (et il y en a !). Dans la chambre il y a une grande fenêtre où on peut voir les toits des maisons voisines couverts par la neige; une image très jolie comme si c'était un tableau. L'entretien se passe un peu vite (23 minutes) mais il n'est pas superficiel. Florence est détendue et tranquille. Toutefois, elle a un genre de vice de langage et, beaucoup de fois, elle répète, pendant l'entretien, l'expression « en fait », même dans des circonstances où cela ne devrait pas s'appliquer. Par ailleurs d'une manière personnelle de parler, j'ai compris ce vice comme une certaine façon confessionnelle que le récit de Florence a pris pendant notre conversation. Il semblait réfléchir un certain souci de ne pas être très présente à la vie de Claire comme elle devrait être.

J'explique à Florence les objectifs de ma recherche et je lui demande si d'abord elle pourrait me parler un peu d'elle-même. Je lui demande si elle est née en France et elle dit que oui. Elle raconte qu'elle est tombée enceinte de Claire quand elle avait 39 ans, un petit peu tard selon elle. Elle dit que c'est vrai que Claire était un peu comme un présent, si on peut dire cela les choses ainsi, dans le sens où elle attendait cette maternité. Elle raconte tout de suite qu'elle travaille à l'Université, avec des adultes. Elle dit qu'à son travail elle fait des activités autour du métier de formation. Elle fait l'accompagnement des étudiants par rapport aux règlements professionnels et organise de séminaires. Elle rit et demande si c'était ça que je voulais savoir. Je lui dis, très informellement, que c'est bien ce que je voulais savoir de son expérience. Elle m'interrompt et recommence à parler joyeusement. Elle raconte que Claire a un grand-frère et une grande sœur, qui sont en vrai un demi-frère et demi-sœur et qu'ils ont vingt ans de différence avec elle. En ce moment elle hésite et dit qu'elle ne sait pas quoi dire d'autres. Je lui demande si Claire est la fille de son deuxième mariage et elle me raconte qu'elle et son mari ne sont pas vraiment mariés. Je lui demande si son mari est français aussi et elle dit que oui et qu'il est professeur. Comme je sais qu'il s'agit du deuxième mariage de son mari, je lui demande si elle est aussi à son deuxième mariage. Elle dit que par rapport à elle, c'est son premier pacs parce qu'elle n'a jamais été pacsée avant. Toutefois, j'ai su qu'elle avait eu une relation importante avec une personne avant de connaître son mari actuel. Elle rit et dit que son mari a été marié, et donc divorcé. Ils sont donc une famille recomposée.

Le CAT-A

Je dis à Florence que j'ai des tableaux à lui montrer et que je voudrais qu'elle me parle de son expérience comme mère de Claire dans les situations illustrées. Après, je lui montre le premier tableau.

Tableau 1

Elle hésite un peu et me demande si je veux qu'elle parle de la première fois quand Claire a mangé toute seule ou plutôt comment cela se passe, en général, au niveau du repas et comment elle voit en fait... (elle ne complète pas la phrase). Je lui dis qu'elle peut parler comme elle veut. Elle commence en disant que pour elle c'est important que Claire goûte à tout et qu'elle peut ne pas aimer, mais elle est obligée de goûter. Elle hésite et continue en disant qu'au tableau ils ont l'air d'être très heureux du plat qui leur a été présenté et que Claire, quand on lui présente des pâtes, elle est ravie (elle rit). Elle dit que, elle et son mari, sont très pris à cause de leurs travaux mais qu'ils essaient d'avoir des moments (elle ne complète pas la phrase et reprend le tableau). Elle dit qu'on voit la maman, mais on ne voit pas le papa (elle rit). Elle dit qu'ils tentent d'avoir aussi un moment où ils peuvent tout de même prendre du temps, et qu'ils essaient de s'asseoir à table et aussi d'en profiter pour parler. Elle se demande « Quoi dire d'autre ? ». Elle dit que le truc est qu'on n'a pas assez de temps et qu'elle aimerait bien l'avoir avec Claire et avec son mari. Elle dit que Claire a neuf ans et elle se dit qu'il faut

absolument qu'on prenne un peu plus de temps pour partager ces moments-là du repas. Elle dit « Qu'est-ce que je peux dire d'autres ? Est-ce que je dois dire d'autres choses ? ». Je lui demande « Et quand elle était petite ? » Florence continue en disant « Quand elle était petite... ». Elle hésite et reste en silence pendant 15 secondes. Après ça elle dit « Écoute... » et après 5 secondes de silence, elle raconte qu'elle a des images de Claire en train de jouer avec sa nourriture. Elle hésite et dit quand Claire était petite, elle restait à sa chaise haute. Elle reste en silence pendant 10 secondes et dit qu'elle a essayé de lui faire sa propre préparation et que Claire allait aussi chez une nourrisse. Elle raconte qu'elle a essayé un peu de mixer la nourriture industrielle et puis une autre qu'elle faisait elle-même. Elle raconte qu'elle se souvient d'une amie qui était portugaise et qui lui avait donnée une idée de recette, un mélange d'avocat et de banane et Claire a détesté ça. Florence dit qu'elle ne sait pas quoi dire d'autres. Alors je lui demande si c'est tout et, devant son affirmation, je prends le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 2

Elle hésite pendant 30 secondes et après, elle me demande si elle doit interpréter le tableau. Je confirme, et après une autre petite hésitation, elle dit qu'il y a un bébé ours qui est avec lui. C'est apparemment le papa et de l'autre côté, la maman, ou inversement. Elle hésite pendant 10 secondes et dit « Qu'est-ce que je peux dire ? ». Après 10 autres secondes elle dit qu'elle voulait raconter, en fait, qu'il y a des moments où Claire est beaucoup avec son papa (son discours est très incohérent en ce moment). Elle raconte que depuis que Claire était toute petite, elle et son mari prennent le temps, et que tous les matins elle réveille Claire avec une chanson qu'elle (Claire) a inventé. Elle ajoute que, en général, soit-elle (Florence) qui raconte des histoires à Claire, ou soit c'est son papa. Elle ajoute que, le soir, c'est son papa qui systématiquement lui raconte des histoires et qu'elle (Florence) lui chante une autre chanson en anglais. Florence dit qu'elle a envie que Claire s'habitue à des langues étrangères et que le fait de chanter en anglais c'est parce qu'elle (Florence) aime plus l'anglais. Alors, c'est le moment où elles ont une relation privilégiée. Elle raconte que le soir c'est le moment où elle aime bien aussi lui faire un massage. Donc il y a des moments où on est très Œdipe; le moment où elle développe sa relation beaucoup plus forte avec son papa. (En cet instant, Florence répète beaucoup l'expression « en fait », plus qu'à d'autres moments de l'entretien, ce qui rend son discours un peu saccadé. À la phrase suivante, son discours devient aussi un peu incohérent). Elle dit : « Donc c'est dur de dire, mais c'est vrai que depuis... qu'on est chez ... on traîne beaucoup, mais... c'est toujours un moment privilégié, le matin et le soir. C'est quelque chose d'important ». Elle hésite pour cinq secondes et dit « Voilà ! ». Alors, je lui présente le tableau suivant.

Tableau 3

Elle hésite pendant vingt secondes et dit que c'est le papa qui est un peu à l'extérieur (elle rit) et qui regarde (elle hésite pendant 15 secondes). Elle dit que (l'image) est peu évidente (elle hésite

pendant plus 10 secondes) et que c'est difficile de savoir quoi dire. Elle rit et hésite à nouveau. Après elle dit qu'elle a l'impression de quelqu'un qui est vraiment à l'extérieur et qui regarde. Elle hésite à nouveau et dit qu'elle pense, pour le moment, que les choses ont été toujours faciles avec Claire. Elle dit qu'il y a peu d'opposition et puis, elle a son papa et sa maman, et qu'ils sont unis. Elle dit qu'il veut jouer un rôle masculin entre guillemets, donc c'est lui qui doit apparemment l'appuyer dans sa relation avec sa fille. Elle dit que ça c'est vrai, parce qu'il y a des moments où elles peuvent être un peu opposées et pour elle (Florence) c'est un test. Dans des moments où elle (Florence) ne sait pas comment gérer les choses, elle demande à son mari d'intervenir. Elle me demande si je pourrais lui poser des questions et je lui réponds que c'est important qu'elle soit libre. Après un petit silence, je lui demande si le tableau lui rappelle quelque chose d'autre et, après un silence de 20 secondes, elle dit que non. Elle hésite et dit que le lion est avec la pipe et qu'elle ne voit pas trop cette situation-là. Elle dit « S'il avait plutôt son ordinateur... ». Elle rit et dit que c'est tout. Je prends le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 4

Elle regarde le tableau et dit que c'est à cause d'aller se promener avec Claire le dimanche. Elle me demande si elle doit parler des choses maintenant ou si ce n'est pas obligatoirement. Je lui dis qu'elle peut faire comme elle veut. Alors elle dit que quand Claire était toute petite, comme elle (Florence) adore l'architecture, elle a eu toujours envie que Claire utilise tous ses sens à tout ce qu'elle a ressenti. (Son discours n'est pas très net en ce moment). Donc, elle (Florence) aime laisser la fille à la campagne, mais pour Claire ce n'est pas vraiment obligatoire d'aimer la campagne. Alors, elles se promènent plus dans la ville, mais l'idée est de découvrir des endroits, et de partager des endroits qu'on aime. Elle raconte qu'en Italie elles ont profité de la neige et que ces sont des moments très privilégiés. Elle dit que Claire rencontre souvent son papa aussi: c'est quand ils partent faire du vélo, aussi à trois. Elle dit que maintenant il faut acheter un nouveau vélo pour Claire parce que le sien commence à être petit. Florence dit qu'elle croit que Claire aime faire du vélo, et que c'est une activité que toute la famille aime bien. Par contre, il y a une chose qui l'ennuie un peu (à Florence). Elle répète qu'elle aime beaucoup l'architecture et raconte que Claire a une cousine qui est en Angleterre. Claire lui a dit qu'elle aimerait bien voir sa cousine, mais sans que ce soit pour visiter les abbayes (elle rit). Florence dit que, en fait, elle-même aime bien les abbayes et qu'elle voudrait y emmener Claire, qu'elle aime bien lui faire découvrir et... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte qu'elle (la famille) est allée à Paris, et c'était un grand bonheur de faire découvrir à Claire des endroits de la ville (elle n'était jamais allée à Paris). Elle hésite et dit « Quoi d'autre chose... ». Elle continue en racontant qu'ils avaient une maison en marge et, surtout quand Claire était petite, ils se promenaient là-bas. Elle raconte que quand elle était enceinte, elle allait énormément se promener à la plage et qu'elle aimait bien chanter la chanson « Pierre et le loup ». Elle dit que c'était le côté sortir, balade, regarder et qu'en

fait elle aime bien s'étonner⁴ avec Claire. Elle dit qu'elle a beaucoup de choses à dire sur ce dessin que de l'autre (elle rit). Elle dit qu'elle (Florence) aime bien aussi ces moments-là, où on fait des choses à trois, que ces moments où on fait des choses à deux. Il y a un petit silence et elle continue en disant qu'elle aime aussi se balader avec Claire et ses filleules qui sont plus grandes, et qui ont vingt ans. Elle dit qu'elle espère que Claire aime bien toujours se balader comme ça dans la ville, que c'est une chose importante pour elle (Florence). Elle dit que c'est tout. Je prends donc le tableau et lui présente le dernier.

Tableau 8

Il y a un silence pendant 27 secondes, après lequel Florence dit qu'il s'agit d'une soirée où il fatigue un enfant et puis des adultes. Elle dit que ce n'est pas toujours facile et raconte que le soir précédent ils sont sortis; ils ont été invités chez une copine. Puis le lendemain Claire irait dormir chez une amie. La fille a dit à Florence qu'elle avait le risque de s'embêter au temps qu'elle est avec les adultes. Florence dit que quand ils (la famille) sont avec des amis, Claire a parfois des difficultés et peut vite se sentir exclue. Elle ajoute que la petite fille a besoin qu'on s'occupe d'elle, particulièrement qu'elle (Florence) s'occupe d'elle. Il y a un silence pendant 23 secondes et Florence continue en disant que c'est vrai que (autre petit silence) son frère et sa sœur sont beaucoup plus grands que Claire, aussi que ses cousins et cousines, qu'elle est la petite dernière. Le plus jeune de ses cousins a 16 ans, et ça c'est une grande différence. Donc, elle se retrouve souvent dans les situations où elle est avec les plus grands, et parfois elle a besoin qu'on s'occupe d'elle. Elle dit « Voilà ! » et rit. Je lui demande si c'est tout et elle dit que oui. Je lui demande l'âge du demi-frère et de la demi-sœur de Claire et Florence me dit que Fabrice a 20 ans de plus que Claire et Flora 22 de plus.

Je lui rappelle qu'elle m'avait dit qu'elle travaillait à l'université et je lui demande quelle était sa formation. Elle répond qu'elle avait fait la maîtrise en Administration et Communication Sociale et, après, elle a fait un DSS en Pédagogie et Ingénierie. Je dis que c'est bien et s'il y a quelque chose qu'elle voulait me demander ou ajouter. Elle dit que non et qu'elle pense ce qui pourrait l'intéresser est le fait d'avoir un entretien de restitution, mais qu'elle croit qu'on n'aura pas de temps. Je lui dis que je pourrai bien faire cet entretien, mais peut-être un peu plus tard. Elle dit que c'est bien et on finit l'entretien.

Interprétation Florence

Depuis les premiers moments de ma rencontre avec Florence, elle s'est montrée comme une femme très à l'aise, qui était satisfaite et contente par rapport à sa vie. Le contact avec elle a été très agréable, facile et sans formalités. Toutefois, le fait d'être bien dans sa peau, n'exempte pas Florence des préoccupations à l'égard de sa relation avec Claire.

⁴ Elle veut dire qu'elle aime bien découvrir des nouveaux endroits avec la fille et s'admirer, avec elle, à cause de leur beauté.

Dans ce sens, au début de notre conversation, Florence exprime tout de suite ses soucis fondamentaux à l'égard de sa fille. Donc, elle commence pour raconter qu'elle se considérait déjà un peu âgée quand elle est tombée enceinte et que la fille lui a apporté une expérience différente dans sa vie. Florence, qui était habituée à vivre et à travailler exclusivement avec des adultes et à se dévouer à une carrière intellectuelle absorbante, a eu besoin, à partir de sa grossesse, d'ouvrir un espace pour l'intégration de l'infantile, de la fantaisie et de l'imagination dans sa personnalité. Cet effort de récupération de la propre enfance persiste dans la vie de Florence jusqu'à aujourd'hui.

Cependant, elle semble aussi de s'apercevoir que parfois elle a une certaine tendance à traiter Claire comme une petite adulte, et à établir une relation avec elle qui ressemble plus à celui qu'elle a avec ses élèves adolescents et adultes. Dans ce sens, il est possible d'identifier une préoccupation d'enseignante dans son lien avec la petite fille. Florence a le souci de lui faire apprendre les choses et partager des valeurs culturelles et intellectuelles d'une communauté dans laquelle Claire tout simplement commence à s'insérer. Dans ce cadre, parfois Florence s'étonne avec le choc entre les intérêts et les goûts de la fille et les siens.

Ce genre d'incompatibilité semble avoir des racines dans le processus même de séparation que la dyade vit dans ce moment de dépendance relative de la petite fille. Donc, à partir d'une constatation de qu'elle et Claire, sont des personnes séparées, Florence essaie de reprendre leur union dans un niveau symbolique: les similarités et les ressemblances entre mère et fille. Ses efforts pour éduquer, pour enseigner et pour élever la fille (et apprendre avec elle) révèlent son désir d'un partage et d'une communion d'intérêts et des goûts qui n'est pas toujours possible d'atteindre. Devant ces impossibilités Florence devient un peu déçue. En sorte que son récit montre qu'elle fait face, en ce moment, au problème d'accepter que ses essais de reprendre l'union symbiotique avec la fille, dans un cadre plus symbolisé, ne seront pas toujours bien réussis. En bref, encore que Florence s'efforce pour s'approcher et pour rentrer dans le monde infantile de Claire, parfois elle procède à la manière inverse, avec l'expectative que Claire rentre dans le monde des adultes. Dans ce sens, en plus du décalage d'espace entre les deux, ce du décalage du temps le sujet principal de son récit.

Malgré ses déceptions devant les rejets de Claire à partager ses intérêts et ses goûts, Florence est capable de comprendre qu'elle ne peut plus apporter à sa fille tout ce dont elle a besoin. Donc, des expériences avec des personnes différentes sont nécessaires, surtout, celles qui peuvent partager les mêmes intérêts et soucis de Claire, à savoir, d'autres enfants. Toutefois, la condition de Claire d'être le seul enfant d'une famille où il n'y a que des adolescents et adultes, déclenche en Florence une sensibilité aigüe face à une possible solitude de la petite fille. Cette situation l'emmène à essayer de compenser cette manque d'expérience de la fille en faisant tous les efforts pour être avec elle et pour se conduire d'une façon « infantile ». Autrement dit, elle essaye de compenser la difficulté d'occuper l'écart temporel avec le remplissage de l'écart de l'espace. Donc, l'absence d'autres enfants dans la famille n'a pas seulement des effets sur Claire, mais aussi sur Florence, ce qui lui apporte une caractéristique particulière à son expérience maternelle.

En résumé, Florence cherche à trouver au moyen terme dans sa relation avec Claire. Dans ce sens, elle cherche à considérer les spécificités de l'étape de développement de la fille et de rester proche d'elle, tout en permettant son éloignement à travers l'acceptation de son individualité. Il faut remarquer la très haute qualité symbolique dans laquelle ce processus se déroule, ce qui rend à Florence une caractéristique distinctive par rapport aux autres mères qui ont participé de la recherche. La souffrance principale de celles-ci est d'accepter la croissance de leurs filles, en ayant du mal à se séparer d'elles. À son tour, Florence semble avoir déjà accepté la réalité de la séparation, en cherchant rétablir les relations sur d'autres bases. Dans le cadre de ce dynamisme, bien que Florence se voie comme quelqu'un de capable d'enseigner beaucoup de choses à Claire, elle s'aperçoit que celle-ci a beaucoup à enseigner à elle. Donc, la petite fille est vraiment un cadeau dans sa vie. Les détails de l'interprétation du récit à chaque tableau du CAT sont décrits à la suite.

Tableau 1

Dans le récit à ce tableau, Florence exprime tout de suite le thème de sa relation avec Claire, surtout en focalisant leurs rencontres, leurs identifications et leurs différences. Dans ce sens, elle montre son plaisir d'offrir à sa fille tout ce qu'elle pense qu'il est important et de bon dans soi-même, dans un essai que Claire puisse l'introjecter. Toutefois, la petite n'accepte pas toujours les introjections proposées par Florence et, parfois, répond au geste maternel avec le rejet. En plus, après avoir reçu les contenus maternels, elle ne les introjecte pas toujours exactement comment Florence les a présentés, mais elle les reformule. Cette conduite de la fille montre sa capacité d'usage des objets (elle jouait avec la nourriture).

Bien que les situations de rejet laissent Florence un peu déçue, elle se montre bien capable de comprendre et de respecter l'individualité de Claire, tout en gardant son droit de proposer des identifications ultérieures (« Claire peut ne pas aimer, mais elle est obligée de goûter »). Donc, il faut connaître l'intention maternelle avant de la refuser. Pour comprendre que la fille est déjà une personne indépendante d'elle, Florence semble vouloir récupérer le contact avec elle par moyen de l'intensification des rencontres (et des identifications), ce qu'à son avis soulagerait la solitude des deux. De cette façon, il surgit, dans son récit, un souci à l'égard du temps passé avec la petite fille (et une compétition subliminal avec son mari par rapport à ce sujet). Le récit de Florence montre une certaine culpabilité (vis-à-vis de Claire) et frustration (vis-à-vis de soi-même), vu que sa profession absorbante prendrait son temps pour être avec sa petite fille. Malgré la caractéristique réaliste de cette perception, il semble que l'attribution de cet empêchement à son travail est un déplacement de l'impossibilité réelle de la prolongation d'une relation si proche, dû la croissance de Claire. De ce fait, si l'écart entre le corps des deux ne peut plus être comblé, le déplacement du problème vers la question du temps n'offre pas une solution non plus. En sorte qu'en plus d'avoir aussi des limites, le temps, même s'il semble être fluide, il est aussi inséparable de l'espace.

En outre, si le besoin d'être ensemble autant que possible est très intense en Florence, il n'est pas forcément en Claire. Dans ce cadre, Florence montre qu'elle fait tout ce qu'elle peut pour être la plus présente possible dans la vie de Claire: prendre le temps pour avoir les repas en famille, mélanger la nourriture industrielle avec une autre qu'elle même faisait, partager le soin de Claire avec une nourrisse. En bref, la perception et l'acceptation de la réalité des gens qui sont séparés et différents les uns des autres poussent Florence vers un mouvement de réunion et d'identification. Donc, les moments où la famille est ensemble deviennent précieux et doivent être bien profités.

Récit de Claire

J'ai parlé à Claire à la chambre où elle gardait ses jouets, qui étaient disposés dans plusieurs étagères. Elle est une fille adorable : blonde aux gros yeux bleues, coiffée comme une petite fille (deux queues de cheval, chacun d'un côté de la tête). Elle porte des lunettes dans la mode, ce que lui donnait un air très particulier et spécial. Elle est très sympathique et accessible.

Elle rentre à la chambre avec son chat et je lui demande si elle aimait des animaux. Elle répond que oui et me montre le chat. Elle le prend dans les bras et me montre qu'il a un collier. Elle raconte qu'il n'y a pas beaucoup d'espace chez elle pour lui et, à cause de ça, il commence à être obèse ; donc, en ce moment il fait une diète spéciale. Elle semble être très attachée pour lui. Le chat reste avec nous pendant notre entretien et parfois il vient vers moi pour que je lui caresse.

À sa chambre Claire a beaucoup de robes de princesses. Je fais une remarque par rapport à ça et elle m'explique qu'elle avait joué quelques pièces de théâtre à l'école, où elle les a habillés.

Claire est une fille cultivée, pleine de vivacité et d'imagination. La passation du CAT-A se dégage avec fluidité et ses histoires sont riches. Après lui avoir donné les orientations par rapport à notre tâche, je présente à Claire le premier tableau.

Tableau 1

Elle regarde le tableau mais ne le prend pas à la main. Je lui dis qu'elle peut le tenir. Elle le prend et me demande : "C'est des petits oiseaux ?". Je lui dis « Oui » et elle continue : « Et un coq, une table, de boules et un plat et de tabouret et voilà ! [Est-ce que tu peux inventer une histoire sur ce tableau ?] Hum...bah... oui. [Et qu'est-ce que tu peux me raconter comme histoire ? Ça peut être l'histoire que tu veux]. Un jour, il y avait trois petits oiseaux, ils étaient tous là, ils étaient orphelins. Tout d'un coup ils ont rentré dans une grande maison, il y avait des plats et... il y avait des bonnes choses dedans et ils les ont mangés. Et ils vécurent heureux. Voilà... [Et qu'est-ce que tu crois qu'il va arriver ?] Tout d'un coup, et bien, il y a un coq qui surgit et picora dans le plat et il n'y en avait plus, les petits oiseaux qui étaient partis en balade, n'ont plus à manger. Alors, ils se demandèrent qui avait pu prendre le plat, alors ils demandèrent à toute la forêt et tout d'un coup il y a eu le coq qui a dit 'C'est moi qui l'ai mangé', alors il dit qu'il fut puni. Et bah... il va à la prison. [Qui va à la

prison ?] Le coq [le coq] parce qu'il a mangé... c'est lui ». Je lui demande s'il y a quelque chose qu'elle veut ajouter et elle dit que non. On passe au deuxième tableau.

Tableau 2

"Je pourrais inventer une histoire ? Il était une fois dans la forêt végétarienne, on va dire comme ça, (on rit) amazonienne, pardon. Il y avait une maman... (elle se corrige), un papa et son petit ours et dans l'autre côté, dans l'autre côté de la forêt il y avait un très grand ours. Tout d'un coup et bah il allait tous s'amuser et il y avait un concours pour celui qui peut gagner le plus gros diamant. Alors, ils s'entraînèrent, en fait ils se disputaient, ils ont participé mais il fallait être très fort, il fallait savoir pousser la corde. Alors le papa ours qui était moins fort que le grand ours, et bien, il demandait à son petit-fils de l'aider. Et alors, ça faisait le même poids. Alors ils tirèrent, tirèrent et tirèrent tout leur vie et voilà personne n'a gagné le concours. [Personne ?] (elle rit). »

Elle me demande s'il y a des ours dans mon pays. Je lui réponds que je ne crois pas. Elle me demande qu'est-ce qu'il y a et je lui réponds qu'il y a beaucoup d'oiseaux très différents, des lions et des lionnes, des tigres, mais quant aux ours, je ne crois pas qu'il y a, parce que le Brésil est un pays très chaud et les ours aiment habiter dans les endroits plus froids. Elle ajoute « Comme les ours polaires ? » et je lui dis "Oui, comme les ours polaires ". Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

« Il était une fois un roi lion qui s'ennuyait, qui s'ennuyait tout le temps, il n'a jamais quitté son palais depuis qu'il était petit. Alors, un jour il demandera à une petite souris magicienne de lui faire s'amuser un peu. Est-ce qu'on est obligée de raconter ce que ce qu'il y a que sur l'image ? [Non, tu peux raconter comme tu veux.] Elle aurait... elle l'emmena au pays... elle fait la potion magique, elle souffle là-dessous alors le lion s'envola dans un pays très chaud... (elle se corrige) très froid ou il n'y avait que des petits lions avec de peau de bête. Et alors il dit : 'Pourrais-je me couvrir ?', parce qu'il avait aussi la peau de bête, mais c'était pas du tout chaud comme chez lui. Alors il s'attendait... alors il vient manger, il va dîner avec eux. Après il s'attendait d'avoir les gibiers et tout ça, des bonnes choses, et là il trouvera un guignon de pin et de l'eau. Alors il dit : 'Ce n'est que ça que vous mangez ?' Et il y en a un qui dit 'Bah, oui, le roi ne nous a pas donné assez à manger". Alors il dit 'Mais je suis le roi !' Il se remet avec ses habits royaux et alors il court après en tapant. Après il revient chez lui et la souris lui dit : 'Alors, majesté, est-ce que vous vous êtes bien amusé ?' et il dit 'Oui'. Alors depuis ce jour, depuis ce jour il distribue du guignon de pain à tout le monde. Voilà ! » Je lui demande si c'est tout et elle dit « Oui ». On passe au tableau suivant. En ce moment le chat de Claire saute sur ses genoux et reste là jusqu'à la fin de notre rencontre. Je lui montre le quatrième tableau.

Tableau 4

« Alors, c'est une maman et un petit kangourou qui partent... qui habitaient dans l'Afrique Ancienne, on va dire ça (elle sourit). Et alors un jour, il y a une sécheresse, il n'y avait plus du tout à manger, plus du tout d'eau, plus du tout ... Alors ils décidèrent de partir (silence) avec son petit kangourou, la dame, son fils et son petit bébé. Alors, ils prennent leur réserve et partent..., décidèrent de partir en Europe. Alors, ils partirent, ils coururent ... (elle hésite) mais tout d'un coup, ils arrivèrent mais ils voyaient un grand barrage et ils se demandèrent comment passer. Alors, ils croisèrent des marmottes et lui dirent: 'Est-ce que tu peux nous... (hésitation) casser le barrage ?' Et elle dit 'Oui, mais alors donne-moi ton vélo'. Alors, ils donnaient son vélo et ils passèrent. Alors, tout d'un coup, là il y avait un grand fleuve et il y avait un grand monstre qui habitait ce fleuve et après il y avait l'Europe. Alors, ils rencontraient une dame et ils lui donnaient un petit pain. Mais elle leur dit de faire très attention : 'Il ne faut pas toucher l'eau, sinon vous allez tomber dedans'. Alors ça veut dire qu'ils voulaient tester pour voir ce que ça fait. Alors ils prennent un petit pain, il le mettait dans l'eau et il y avait un grand tourbillon et ça a venu tout seul sur la bouche du monstre. Alors elle lui dit pour faire très attention en passant le petit pont et ils arriveront en Europe. Voilà ! [Ils ont passé pour beaucoup de difficultés pour aller à l'Europe...] Oui ». Je lui présente le dernier tableau.

Tableau 8

« Bah... un jour il y avait une famille de singes, il y avait un petit singe, un papa et une maman et une grand-mère. Et un jour le père était sur un fauteuil et le bébé... (elle hésite) le père et la mère discutaient et la grand-mère expliquait à son petit-fils les règles de vie en montrant à son petit-fils le tableau de son arrière-grand-mère. Alors, elle lui dit : 'Alors, tu ne dois pas passer sans avoir pris tes propositions de bananes et tu ne dois jamais franchir la limite de... de... (elle hésite) de l'Afrique Nord. Et tout d'un coup le petit singe grandit il se dit 'Pourquoi je ne peux pas traverser cette limite ?' et il essaya. Mais après il n'arrivera pas et tout d'un coup il y a un énorme tremblement de terre. Il tombe là dans, mais il essaiera de remonter, remonter et il n'arrivera pas trop. Et alors il y a un oiseau qui passe là et il lui demanda: "Est-ce que tu peux me transporter ? 'D'accord, mais il faudra que tu me donnes un dû, que tu me couvres et qu'on partage le poil'. En fait c'est sa mère qui lui a appris, il lui couvre un gilet et après il l'aide à remonter. Il revient. Et après il ne traversera plus jamais la limite Nord d'Afrique. Voilà ».

Je la remercie et je lui demande de me montrer quel est le tableau qu'elle a aimé le plus et quel est le tableau qu'elle n'a pas aimé. Elle dit qu'elle a beaucoup aimé le tableau du lion et du kangourou. Elle prend aussi le tableau 1 et dit qu'elle les a tous aimés. Je lui demande si elle voudrait me poser quelques questions, elle dit que non et on finit l'entretien.

Tableau 2

Le thème du temps passé avec Claire continue en ce moment, dans le cadre d'une comparaison entre Florence et son mari de ce qu'ils peuvent apporter à leur fille. La compétition subliminale qu'elle a essayé de montrer dans le récit précédent, ressurgit et la dérange un peu. Elle essaie de manager cette situation en transformant la rivalité dans une relation d'union et de solidarité, à savoir, elle et son mari unis dans le soin de la petite fille, où ils partagent les tâches. La rivalité avec son mari n'est pas vue par Florence comme une menace à leur union. Toutefois, son essai d'inverser cette concurrence en la transformant en collaboration n'est pas complètement bien réussi (elle bégaye beaucoup et présente un discours incohérent quand elle parle de la proximité entre Claire et son papa). De toute façon, elle laisse évident ses efforts et ceux de son mari pour être affectivement proches de Claire. Donc, si son papa lui raconte des histoires, elle lui fait un massage et lui chante des chansons. Celles-ci ont, cependant, une connotation spéciale. D'un côté, elles montrent l'accueil de Florence à la créativité de Claire (elle chante la chanson que la fille a inventé). De l'autre côté, la chanson anglaise démontre l'essai de faire le chemin inverse, dû à sa caractéristique d'enseignement. Ainsi, elle représente le désir de Florence d'être accueillie par la fille par moyen de l'acceptation de son influence, de ses goûts et de ses valeurs. Cette dynamique révèle, une fois de plus, les essais de Florence de manager les difficultés issues de la séparation par moyen de l'intensification de l'identification de Claire avec elle. Toutefois, dans le processus de formation de sa propre identité, l'identification avec d'autres est aussi présente (par exemple, avec le père). Ainsi, Florence a perdu son poste d'être la seule influence dans la vie de Claire, quoiqu'elle continue encore d'être la plus importante.

Tableau 3

La question de l'identification de la fille continue comme le thème du récit de Florence, dans le même cadre de la compétition subliminale avec son mari, esquissée dans le tableau 2. Dans ce sens, il y a d'abord un essai de Florence de laisser le père hors de sa relation avec Claire (elle insiste que la figure, qu'elle considère masculine, soit à l'extérieur et rit). Cet essai persiste dans le contenu de son récit, où Florence insinue que la figure masculine ne serait pas très nécessaire pour la relation entre mère et fille, sauf dans les rares moments d'opposition entre elles. Toutefois, elle cherche ensuite à récupérer la fonction paternelle de celui-ci, mais sans ressembler être totalement convaincue de son importance (elle dit que son mari joue un rôle masculin *entre guillemets*; que c'est lui qui doit *apparemment* l'appuyer dans sa relation avec sa fille). Cependant, Florence reconnaît (ou se voit obliger à reconnaître) qu'elle ne peut pas exclure son mari de sa relation avec la fille, vu que ce n'est pas toujours le cas qu'elle soit capable de gérer les choses toute seule. Cette situation est particulièrement évidente quand les problèmes de l'imposition des limites se présentent. Donc, elle a besoin de son mari, qui est la figure principale de l'autorité du foyer. À partir de cette constatation,

Florence essaie de nier la compétition avec lui et de la transformer en collaboration (elle dit que Claire a son papa et sa maman unis). Néanmoins, il reste une ambivalence, ce qui explique la difficulté de Florence devant ce tableau.

Tableau 4

Dans ce moment, quand la figure masculine n'est pas évidente dans l'illustration du tableau, Florence se sent plus à l'aise pour montrer l'attachement amoureux entre elle et Claire. Donc, toute la beauté et le bonheur de leur relation et le partage des bons moments sont décrits, ainsi que son envie de dégager la fonction de miroir pour la fille et d'être réfléchi par elle. Encore que Florence n'exclue pas totalement le père de Claire du lien familial, c'est surtout la relation d'identification féminine qui l'intéresse en ce moment (les balades avec la fille et ses filleules). Dans ce cadre, Florence montre son désir de faire des nouvelles découvertes avec Claire, d'apprendre avec elle, mais aussi de lui faire apprendre ses propres expériences. Dans l'espoir que la fille puisse aimer ce qu'elle même aime, Florence semble vouloir soulager sa nostalgie des moments où elle et Claire étaient une seule personne (à la grossesse). Ce réconfort, à son avis, pourra être obtenu à partir du remplacement du lien original par une relation de camaraderie intime (le petit kangourou dans la poche et le petit kangourou en vélo). Pour autant, comme elle a aussi montré dans les récits précédents, ce n'est pas toujours Claire qui accepte une relation de camaraderie indifférenciée. Cela arrive parce qu'elle se voit déjà comme quelqu'un d'autonome et parce que parfois ce que Florence lui propose ne convient pas pour son âge. Bref, le décalage du temps s'impose une fois de plus : Claire n'a pas encore la maturité suffisante pour admirer et comprendre l'architecture. En bref, Claire désillusionne Florence. Malgré la désillusion, Florence essaie de respecter les goûts et les envies de la fille et comprend, à la fin, son besoin d'autonomie. Enfin, la différenciation entre les deux n'obstrue pas leur bonne relation et l'échange d'expériences et d'intérêts (elles sont encore capables de s'étonner ensemble devant la beauté du monde).

Tableau 8

Après avoir reconnu la réalité de la séparation et l'impossibilité de remplacer l'indifférenciation par l'identification exclusive de la fille avec elle-même, Florence accepte qu'elle ne peut plus continuer à être l'univers pour son enfant. Donc, elle se rend compte que Claire a besoin des expériences hors de leur lien et d'avoir d'autres sources avec qui s'identifier. Dans ce sens, le thème du décalage d'intérêts entre les adultes et les enfants (le décalage du temps de développement) la renvoie aux effets que l'absence des frères et sœurs (et de cousins et cousines) du même âge peut apporter à la fille. En dépit de ses efforts pour vivre d'une façon « plus infantile », Florence s'aperçoit qu'elle ne peut pas compenser cette absence, mais n'envisage pas encore une solution pour le problème (elle ne fait pas de repères aux copains et copines de l'école ou du voisinage, qui pourraient faire compagnie à sa fille). Néanmoins, dans son récit à ce tableau, Florence semble avoir conclu un

processus qu'elle a montré au long du CAT-A, à savoir, la rupture de l'illusion, pas seulement de ne plus partager le même corps avec sa fille, mais aussi de n'être pas la seule personne importante de sa vie. En résumé, Florence semble être une mère très soucieuse et dévouée vers sa fille et qui s'efforce beaucoup pour rester auprès d'elle. En ce moment, elle fait face à la question de l'autonomie relative de la petite, mais d'une façon déjà plus mûre. Dans ce sens, la réalité de la séparation est reconnue et la fille est déjà conçue comme quelqu'un d'indépendant. En plus, l'identification est vue comme un moyen d'apaiser le deuil et la solitude laissés par la séparation. Toutefois, il faut renoncer à ses prétentions d'exclusivité. Donc, Florence commence à comprendre qu'elle et Claire ne peuvent plus être le miroir l'une de l'autre. Il faut souligner que le processus de séparation n'arrive pas seulement avec la fille. Dans ce sens, Florence a aussi repris ses devoirs d'adulte, ses responsabilités personnelles et professionnelles. C'est pour ça que le décalage d'intérêts (de temps) prend plus de force et l'approximation au même niveau est plus difficile. Donc, l'identification exclusive ne pourrait pas se donner sans le poids de l'artificialité, solution refusée par les deux. Dans ce sens, Florence laisse, de bon gré, de façon généreuse, ses envies d'être réfléchi par la fille pour lui permettre de développer son propre Self, même s'il doit être très différent de ce qu'elle a envisagé pour sa petite.

Interprétation Claire

Durant notre contact, cette petite fille, très sympathique et charmante, s'est montrée comme un enfant affectueux, collaborateur et créatif. Son souci principal semble vouloir connaître quelles sont ses limites et si elle peut les traverser, appuyées ou pas par sa famille. De cette façon, l'ensemble de ses productions au CAT-A montre une envie de sortir des situations déjà connues (le pays d'origine, la famille, le contexte du lien étroit avec la mère) en envisageant l'épanouissement personnel à partir du contact avec de nouvelles façons de vivre. Dans ce cas, elle a exprimé des inquiétudes propres du stage de la dépendance relative. Il faut remarquer que la fille présente une capacité considérable par la symbolisation, favorisée par un très bon niveau intellectuel et culturel. Dans ce sens, sa capacité d'utiliser beaucoup d'éléments différents pour exprimer son conflit montre son excellente habilité associative. Celle-ci semble lui permettre une insertion confortable dans le monde social et culturel. Pendant notre rencontre, l'élément choisi par Claire pour exprimer ses soucis par rapport à la transgression des limites a été la Géographie. Cette option, en plus d'un intérêt personnel, semble avoir été favorisée par ma condition d'étrangère dans son pays (elle savait que j'étais brésilienne, mais je ne suis pas certaine si elle savait que j'étais toute seule en France).

La profondeur des préoccupations et des réflexions de Claire par rapport au sujet de l'immigration (la sortie d'un endroit familial vers un autre inconnu) m'a frappée, au point que, parfois, j'ai ressenti comme si elle racontait un peu ma propre histoire. En vrai, il semblait que, par ses récits aux tableaux du CAT-A, elle me posait des questions comme : - Pourquoi je suis venue en France ? (insatisfaction, curiosité, recherche d'une vie meilleure ou autre chose). Il n'est pas dangereux d'être

toute seule à l'étranger? Il ne serait pas mieux si j'étais venue avec ma famille ? Dans le cas de nécessité, sur qui je peux compter ?

Encore que le transfert (et le contre-transfert) ne soit pas négligeable, Claire semble avoir utilisé le CAT-A et moi-même comme des moyens d'expression du conflit entre son désir d'indépendance et celui de la préservation de la protection de sa famille. Ceci est présenté de façon plus détaillée au long de ses récits aux tableaux du CAT-A.

Tableau 1

Claire exprime, au récit à ce tableau, un souci par rapport au conflit entre ses propres désirs et le respect aux règles de la vie en société. Toutefois, plus important qu'une question rapportée au conflit propre du registre névrotique de la personnalité, l'histoire illustre les conditions et les défaillances de l'enfant pour faire face à une condition d'autonomie totale.

Dans ce sens, les poussins orphelins, exemptés des liens familiaux, éprouvent une situation d'indépendance complète. Malgré les plaisirs de la liberté, cette situation leur impose des problèmes importants : ils ne sont pas encore capables de garantir leur propre survivance. Enfin, à son âge, la liberté intégrale est forcément accompagnée par la menace de privation. Sans personne pour prendre soin d'eux, les enfants sont obligés à dépasser les limites de la loi et du respect à la propriété privée (vol et cambriolage), dont la conséquence est le châtiment. Incapables d'assumer les conséquences de leur action, les enfants (poussins) doivent être protégés par un adulte : c'est un coq qui avoue le crime. Donc, le message final de l'histoire est que, l'indépendance exige la maturité pour assumer les responsabilités pour ses propres actions. De ce fait il faut grandir pour pouvoir profiter des plaisirs d'une plus grande autonomie vis-à-vis de la famille.

Tableau 2

Devant ce tableau, Claire continue le thème précédent. Mais en ce moment elle semble s'interroger quels sont les avantages et inconvénients de rester chez soi, avec la protection parentale, ou de sortir toute seule dans un monde étranger. Le sentiment d'enracinement est évident, ce que lui permet la définition de son identité et la contraposition avec celle de l'étranger. De cette façon, elle est capable de s'apercevoir que l'union avec l'autre (l'ours et son fils) rendre les personnes plus fortes et peut compenser les défaillances et faiblesses individuelles. Toutefois, l'union ne garantit pas une réussite spécifique ni la satisfaction des désirs. Donc, l'union et la coopération ne sont pas toujours capables de faire vraiment la différence (personne ne gagne le concours). Devant ce cadre, elle ne trouve pas encore sa réponse s'il est mieux d'être seule ou avec quelqu'un d'autre.

Tableau 3

Dans une continuité au thème traité dans le tableau précédent, Claire montre qu'en dépit de comprendre l'importance d'appartenir à un groupe familial, elle veut élargir ses expériences par

ailleurs de ce qu'elle connaît déjà. Alors, rester tout le temps dans un même endroit est ennuyeux et pénible, et prendre contact avec des nouvelles réalités est une nécessité. Toutefois, la nouveauté n'est pas tellement mieux que de ce qui est déjà connu. Alors, il faut prendre une décision qui exige du courage pour renoncer aux comforts que la vie familiale fournit et être exposé aux possibles privations et dérangements. La solution que Claire trouve implique dans une conciliation: être indépendante mais, en même temps, compter sur un père protecteur qui la surveillera de loin et qui fera attention pour que cette expérience ne soit pas très pénible. Enfin, Claire parle de son besoin d'une indépendance relative.

Tableau 4

Aussi dans une continuité aux thèmes précédents, Claire montre, en ce moment, les forces développementales que la poussent vers l'indépendance. En plus, elle ajoute quel serait le rôle de la mère dans cette situation. Ainsi, le récit initie avec la description d'une situation de perte d'une situation agréable et plaisante que la suffisait. La patrie-mère souffre d'une sécheresse et ne peut plus offrir toute la nourriture (gratification) dont l'enfant a besoin. Bref, il faut accepter la réalité du sevrage et chercher de la gratification et des conditions de survivance ailleurs. La mère souffre aussi les conséquences de son aridité. Elle veut aider son enfant à rentrer dans l'univers étranger dans l'espoir que celui-ci puisse fournir à son petit ce qu'elle ne peut plus l'offrir. En plus, la situation du changement de la relation avec l'enfant est douloureuse pour elle aussi. Donc, elle part avec lui pour le protéger et aussi pour trouver un nouveau sens pour sa propre vie. Bien que cette situation apporte plus de sécurité à l'enfant, les dangers du passage entre une situation et l'autre continuent à exister. Alors il faut les transposer avec l'aide d'autrui. Dans ce contexte, ce processus exige la confiance des deux sur les personnes de l'ambiance extérieure à la famille, même si la relation d'aide n'est pas toujours totalement désintéressée, comme elle était avant.

Tableau 8

En ce moment, Claire conclut l'expression de son souci et de son conflit, en trouvant une solution. Elle reconnaît l'importance des enseignements familiaux et des limites qui lui sont imposés, comme une façon de protection nécessaire à cause de sa condition d'enfant. La liberté est associée une fois de plus à la responsabilité (*tu ne pourras pas passer sans avoir pu te procurer des bananes et tu ne devras jamais franchir la limite de l'Afrique Nord*). De cette manière, Claire aperçoit l'importance d'accepter les orientations familiales et de les introjecter. Bref, devant les pôles de la totale libération du noyau familial et du maintien de sa protection même au coût d'une certaine restriction de liberté, elle trouve au moyen terme. Bien que ceci soit encore plus proche du deuxième pôle, l'option de Claire indique l'acceptation de sa condition de dépendance relative et de sa préparation pour prendre une existence adulte dans le futur.

Devant ces considérations, il est possible de conclure que Claire est une fille qui semble avoir eu un bon début de vie en ce que concerne les provisions de ses nécessités concrètes et affectives, ce qui lui a rendu l'accomplissement des tâches d'intégration, de la personnalisation et de la réalisation. Elle présente aussi une très bonne capacité créative, en étant capable d'assimiler les événements et de donner un sens personnel à la réalité externe. Alors, le processus de développement de son Self est bien en marche. Ces bonnes conditions, ajoutés à son haut niveau intellectuel et culturel, lui a permis de développer une remarquable capacité de symbolisation. Située dans le stage de la dépendance relative, elle est en train de chercher des nouvelles expériences pour enrichir sa vie (dans des termes réels et symboliques). Cependant, Claire considère, en même temps, qu'elle a encore besoin de ses parents pour la protéger dans cette entreprise. Son évolution psychosexuelle semble accompagner le même processus de celui du Self, en la situant dans l'étape de latence. Dans ce sens, elle montre l'intériorisation des règles et des normes de la tradition, c'est-à-dire, la consolidation du Surmoi. Il faut aussi mettre accent dans la richesse créative de Claire et de sa liberté d'utilisation d'images et d'expériences externes variées pour exprimer son Self. Cette facilité d'expression montre que, même si la conciliation entre les exigences du Ça et du Surmoi n'est pas toujours possible, celui-ci ne se montre pas trop sévère ou rigide. Donc, dans cette demande d'indépendance il y a une réconciliation de Claire avec sa tradition familiale. Dans ce sens, la petite fille reconnaît que la tradition a un sens qu'elle peut assimiler comme le sien, dû à la confiance qu'elle dépose sur sa famille.

Synthèse Florence et Claire

Le récit de Florence par rapport à la façon dont elle a vécu sa grossesse, lié à la bonne capacité de Claire pour la symbolisation et l'utilisation de l'espace transitionnel, dénonce un bon début de la vie de la fille, dans lequel la préoccupation maternelle primaire de Florence et la régression nécessaire pour la jouir ont eu lieu. Donc, Claire a été capable de remplir les tâches d'intégration, de réalisation et de personnalisation et de se constituer comme une personne différente de sa mère. Dans le moment actuel de leur relation, ce processus de différenciation se pose à nouveau pour elles. Toutefois, il est vécu d'une façon différente, dans un registre moins concret et plus symbolique, car il se dégage sur les bases solides de la première expérience et s'insère dans une personnalité plus mûre de la fille.

L'analyse des récits de la mère et de la fille montre que les deux vivent le moment actuel de leur relation comme l'essai d'une rencontre dans une position intermédiaire, à partir de deux directions différentes d'où elles partent, ou elles se définissent. Ces deux positions résultent, en effet, du processus de séparation entre les deux, promu par le développement de la petite fille et par son insertion dans le stage de dépendance relative. Il y a, dans la partie des deux, une perception très nette que leur lien a changé et qu'elles sont déjà des personnes séparées l'une de l'autre. Cette perception déclenche des réactions différentes dans la mère et dans la petite fille.

De son côté, Florence semble avoir une certaine nostalgie du lien antérieur. Néanmoins, devant sa constatation qu'il n'est plus possible de reprendre, elle essaie de le remplacer par une relation de proximité étroite, mais dans un niveau symbolique, à savoir, les ressemblances issues de l'identification entre mère et fille. Dans ce sens, elle cherche à faire à Claire d'apprendre et de valoriser tout ce qu'elle-même aime et valorise. Donc, les essais d'approximation de la fille portent une intention de l'enseigner et de l'influencer vers l'acquisition des valeurs intellectuelles et culturelles qui sont très importantes pour Florence pour lesquels elle veut que Claire partage.

Toutefois, Florence s'aperçoit qu'elle-même a aussi changé et a repris ses intérêts d'adulte, qui ne sont pas exactement compatibles avec ceux de la petite fille. Bien que cette situation la déçoit un peu, Florence comprend qu'il faut que Claire développe ses propres goûts et intérêts, ce que ne l'empêche pas de continuer à présenter ses valeurs et caractéristiques à la petite fille, avec l'intention de que celle-ci puisse les introjecter. En plus, sa constatation qu'elle ne peut plus remplir toutes les nécessités de Claire et que la fille a besoin d'autres expériences, la conduit à la recherche des situations nouvelles où les deux puissent connaître le monde ensemble.

À son tour, Claire démontre une soif croissante d'indépendance. Donc, son désir est de sortir du noyau familial pour découvrir des nouvelles façons de vivre, et d'éprouver des liens différents de celui qu'elle a avec sa mère. La définition de soi-même en tant qu'enfant, avec ses propres intérêts et goûts, fait partie de ce processus de séparation, en contraposition à l'identité des adultes. Dans sa recherche, elle s'aperçoit que l'adaptation et la vie dans des nouveaux contextes n'est pas toujours confortable, peut être dangereuse et, parfois, lui exige des conditions et capacités qu'elle n'a pas encore développé. Donc, la solution qu'elle rencontre est celle de faire des découvertes à côté de ses parents (surtout de sa mère) ou de les faire toute seule mais sous leur surveillance. Cette perception, ajoutée à l'attachement amoureux qu'elle a pour Florence, la renvoie au noyau familial, tout en gardant sa condition de quelqu'un différencié.

Cette dynamique relationnelle montre que, en dépit des angoisses de Florence, Claire n'est pas en train de se constituer comme quelqu'un de très différent d'elle. De la même façon qu'elle, Claire aime découvrir des nouveaux endroits, avoir des nouvelles expériences et de s'étonner devant la beauté du monde. Toutefois, le décalage de développement parfois masque les similarités et leur donne une apparence de distance.

Donc, bien que Claire puisse ne pas aimer l'architecture des abbayes, qui représente des réalisations humaines très sophistiquées, elle aime la Géographie. Bien que celle-ci comporte aussi une dimension humaine, la Géographie reste encore plus proche d'un univers primitif et naturel. En bref, la forte identification maternelle est là.

Dans ce même sens, la réticence de Claire pour assumer les valeurs, les goûts et les intérêts transmis par Florence comme les siens, ne se configure pas comme une rejection en soi-même. Au contraire, cette réticence semble montrer la capacité de la petite fille de s'approprier de la réalité d'une façon personnelle. De la sorte, elle signifie que l'assimilation du monde extérieur, de la partie de

Claire, doit forcément passer par le domaine de ses expériences transitionnelles. Donc, pour Claire, les enseignements et les valeurs sociaux et culturels doivent avoir un sens personnel pour qu'elle puisse s'approprier d'eux et de les considérer comme en faisant partie de soi. Bref, elle ne veut pas accepter aucune solution Faux-self. Il faut encore remarquer que Claire, même en étant un enfant, semble faire un mouvement semblable à celui qui a été décrit pour quelques mères de l'échantillon: la nécessité de changer la tradition pour qu'elle puisse survivre au long du temps

En résumé, derrière les différentes apparences entre la fille et la mère se cache un très fort lien et une très forte identification, soit de la partie de la première, soit de la partie de la deuxième. Dans ce sens, Florence qui était quelqu'un habitué surtout à une façon adulte et rationnelle de vivre, a pu apprendre, avec Claire, un peu d'univers infantile et l'assimiler de façon à enrichir sa vie.

Alors, Florence et Claire vont ensemble dans le processus de développement incessant de leurs Selves, dans une rencontre fondée sur le fort lien amoureux qu'existe entre elles et sur le profond respect pour la façon d'être (actuelle ou virtuelle) de l'une et de l'autre.

APÉNDICE AE - Dyade Elise et Emilie

Identification

Elise: 42 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants: Nicolas, 11 ans et Emilie, 9 ans

Enfant étudié: Emilie

Ordre des entretiens: 1) Elise

2) Emilie

Récit d'Elise

Elise et Emilie ont été recommandées pour participer à ma recherche par une autre mère que j'avais rencontrée (Isadora). Quand on s'est parlé par téléphone pour fixer un rendez-vous, Elise a été très sympathique et disponible. Comme les autres mères, elle m'a expliqué comment je devrais faire pour arriver chez elle. En plus, elle a proposé de venir me chercher à la station de métro proche de chez elle, vu qu'elle habitait dans un endroit dont l'accès était un peu difficile. Pendant notre conversation, je lui ai précisé la durée de l'entretien, parce qu'elle se faisait du souci à cause d'un autre rendez-vous qu'elle et Emilie auraient après notre rencontre. De cette façon, quand je suis arrivée à la station de métro, je l'ai appelée et gentiment, elle est venue me chercher et m'a conduit jusqu'à chez elle. On s'est mis d'accord que je parlerais d'abord à elle, vers 16 :00h, quand Emilie serait à son entraînement sportif, après duquel il y aurait une petite cérémonie d'échanges de cadeaux (nous étions très proches du jour de Noël).

Après, vers 17 :00h, on irait chercher Emilie pour que je puisse lui parler. La maison d'Elise était située dans un petit quartier un peu éloigné de Lille, qui ressemblait à une petite ville tranquille de la Hollande. Quand nous sommes arrivées, Elise est allée à la cuisine pour préparer un thé pour nous. Tandis que j'étais encore surprise à cause de son extrême gentillesse vis-à-vis de moi, elle m'a donné une information qui m'a permis de comprendre la raison de sa solidarité. Elle a raconté qu'elle était médecin et son mari, enseignant; donc, ils connaissaient très bien les difficultés qu'on a pour faire une recherche scientifique.

Elise est une femme simple, mais elle a une prestance remarquable et beaucoup de facilité de contact. Elle est blonde aux grands yeux bleus, ses cheveux sont courts d'une façon classique et elle porte des lunettes. Sa maison est bien organisée et il y a beaucoup de livres dans un placard localisé dans la salle à manger où on est resté pendant l'entretien. Elle parle d'une façon fluide et spontanée, et elle est très disponible pour m'aider. En dépit de sa fluidité verbale, elle est très objective. J'ai me sens devant une femme dynamique, pratique, bien dans sa peau et qui profite bien de son temps.

Notre contact est tranquille et, bien qu'elle raconte qu'elle a vécu des périodes difficiles dans son enfance comme le décès de sa mère et de son allocation dans un pensionnat, son récit ne montre pas d'angoisses. La seule exception a été son souci par rapport à son père âgé, qui vivait tout seul dans une autre région de la France. Toutefois, Elise ne montre pas beaucoup de tristesse dans son récit et j'ai l'impression de qu'elle s'agit de quelqu'un qui s'attache au présent et qui cherche à valoriser ses expériences et à suivre sa vie sans lamentations.

J'explique à Elise les buts de ma recherche et je lui demande d'abord de me raconter un peu de sa personne. Elle dit qu'elle est née en France, en X, et qu'elle est venue à Lille à la fois pour les études et pour le travail. Elle a rencontré son mari à Lille. Et, tout d'abord ils sont allés dans sa région, mais, après, ils se sont mariés à Lille. Elle raconte que ça fait dix ans qu'elle habite dans cette ville, et qu'à la naissance de Nicolas (son fils de 11 ans), ils ont déménagé. Donc, ils habitaient dans un appartement, mais après la naissance des enfants, ils ont acheté la maison où ils habitent actuellement. Je confirme qu'elle est médecin et que son mari est enseignant et elle ajoute qu'il est enseignant d'anglais. Elle raconte qu'il s'intéresse aussi au cinéma, donc il a un intérêt double et la double possibilité de faire de l'anglais et du cinéma. Après ça, je lui donne les consignes par rapport au CAT-A et je lui montre le premier tableau.

Le CAT-A

Tableau 1

Elle me demande si elle devrait commenter ce qu'elle voit et je confirme. Elle dit qu'il s'agit de la maman poule qui va donner à manger à ses enfants. Elle dit qu'elle suppose que c'est la maman, qu'on ne sait rien; en fait c'est peut-être un coq. Elle raconte que, chez elle, c'est son mari qui cuisine le soir. Elle retourne au tableau et dit qu'il semble être bon, parce que les enfants ont l'air de manger et le papa ou la maman ont l'air tout fier d'apporter à manger aux enfants. Elle répète que les enfants ont l'air d'avoir envie de manger. Je lui demande si ça lui rappelle quelque chose par rapport à son expérience avec Emilie et elle dit que oui. Elle raconte que par rapport au repas de famille, le tableau lui rappelle le fait que, quand ils avaient faim, ils étaient ravis de manger quand ils se mettaient à table. Elle dit qu'elle, honnêtement, n'aime pas trop cuisiner, mais c'est vrai que généralement elle fait le dessert ou quelque chose comme ça. Elle ajoute que le repas de famille est toujours intéressant, parce que c'est une occasion de parler avec ses enfants, mais elle ne peut pas dire que la cuisine est un plaisir pour elle. Elle raconte qu'elle le fait parce qu'il faut manger et, même le soir, de temps en temps, elle fait des petits plats pour le plaisir de recevoir, mais faire à manger tous les jours... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle est contente que ses enfants mangent à la cantine le midi, parce que c'est difficile pour elle de préparer à manger tous les jours. Elle raconte que, le week-end, elle aime bien le faire, qu'ils mangent ensemble. Elle retourne au tableau et dit qu'il y en a deux (poussins) qui ont des serviettes et un qui n'a pas et elle ne sait pas pourquoi. Elle répète par deux fois qu'elle ne sait pas pourquoi (qu'un n'a pas de serviette). Elle dit qu'en plus, c'est vrai qu'il (le

poussin) a un peu de hauteur par rapport à ses enfants, et qu'elle ne sait pas pourquoi. Elle continue en disant qu'elle a l'impression qu'il est à un siège très haut au lieu d'être au milieu d'eux, puisqu'il est un peu haut. Elle dit qu'il pourrait être un ami ou quoi, et répète qu'il n'a pas de serviette. Elle reste en silence. Je lui demande si c'est tout et elle dit que oui; donc on passe au deuxième tableau.

Tableau 2

Elle dit : « Un tire à la corde et on va supposer que c'est un jeu et c'est pour savoir qui est le plus fort ». Elle dit qu'il y a deux adultes et un enfant et que celui-ci a choisi de se mettre avec un des ours. Elle dit qu'on ne sait pas si c'est le papa ou la maman, mais il (le petit) a l'air content de participer au jeu de tirage à la corde et que c'est vrai que c'est un jeu rigolo. Elle dit : « Quoi dire d'autre... ? ». Elle continue en disant qu'ils ont l'air plutôt de s'amuser, plutôt que d'être méchant. Elle ajoute que c'est l'air plutôt d'être un jeu, et le petit est vraiment l'air content de participer à ce jeu. Elle pense que souvent les enfants aiment bien savoir qui est le plus fort. Elle répète que c'est un jeu, et qu'elle pense qu'ils l'aiment bien, parce qu'ils peuvent montrer qu'ils sont forts, que ce soit un garçon ou une fille. Je lui demande si ça lui rappelle quelque chose et elle dit que précisément non, mais les jeux en famille, c'est vrai que les enfants adorent jouer et pas forcément le tire à la corde, qu'ils ne l'ont jamais fait ensemble. Néanmoins, jouer le ping-pong par exemple, faire des jeux, des courses, ils aiment bien et que, en ce moment, c'est plus le garçon que la fille. Elle raconte qu'Emilie est moins sportive que son frère, mais elle aime bien participer des jeux avec son papa et sa maman. Elle dit que cela lui plaît bien de faire les défis, de participer à des jeux pour savoir qui va gagner; qu'elle (Elise) a l'impression que ça lui plaît (à Emilie). Elle dit que c'est tout et je lui présente le prochain tableau.

Tableau 3

Elle dit qu'on dirait que c'est l'image d'un conte, la petite souris et le roi, le roi lion qui s'ennuie tout seul dans son siège. Il a l'air un peu vieux, il fume sa pipe et il a une canne. Il est tout seul et on a l'impression qu'il a l'air d'attendre, et puis, de s'ennuyer. Puis, il y a une petite souris que le regarde. Enfin, c'est quelqu'un qui a l'air de s'ennuyer, finalement, qui est un peu tout seul, qui aime recevoir ou avoir une compagnie, mais la petite souris, elle a un peu peur. Donc, elle ne peut pas venir et voir ce grand roi lion qui lui fait un petit peu peur. Je lui demande si elle peut imaginer pourquoi il est ennuyé. Elle dit que parce qu'il ne sait pas faire beaucoup d'amis, ou peut-être parce qu'il joue trop le rôle de roi et de... (hésitation) quelqu'un finalement qui est un peu au-dessus des autres, qui s'isole au lieu d'être parmi les autres. On a l'impression qu'il est dans un siège et qu'il s'impose un petit peu quand même, et les gens ont un petit peur d'arriver vers lui. Je lui dis que le roi est un peu seul et elle dit que oui, qu'elle a l'impression qu'il est tout seul et qu'il est un peu triste. Je lui demande si ça lui rappelle quelque chose. Elle dit que peut-être ceux-ci sont les personnes âgées en France, où elles sont souvent un peu seules, qu'on n'a pas une civilisation où les grands-parents vivent

avec les enfants. Elle dit que c'est dommage, parce qu'il y a beaucoup de personnes âgées qui sont seules. Elle pense que c'est sûr, que c'est sage, mais qu'il est un peu triste et que c'est un mode de fonctionnement qui fait que les gens vivent de façon un peu égoïste. Donc, on dit qu'on les aime, mais dans un mode un peu égoïste. Elle dit que ça arrive en Europe, qu'elle ne connaît pas ailleurs, mais qu'elle pense que c'est dommage de voir des personnes un peu isolées, au coin. Elle dit que ça lui évoque la solitude, pour certains, dans un pays développé. Je lui dis que ça m'évoque un peu son histoire, de sa famille qui est restée en X. Elle répond que oui, qu'elle a perdu sa maman très tôt et que son papa est resté seul très longtemps. Elle dit qu'elle avait dix ans quand elle a perdu sa maman et qu'à cette époque, son père avait 40 ans. Donc, elle a été jetée en pension et alors, elle pense qu'il était très isolé. Elle raconte qu'ils (à la pension) la laissaient y aller (voir son père) toutes les semaines et toutes les vacances, mais qu'il s'est habitué (à être seul). Il a ses amis, mais même avec les amis, il est isolé. Je lui demande si son père ne s'est pas remarié et elle dit que non et que ça était dure, mais c'est elle même, plus tard, qui a réalisé à quel point ça peut être difficile : « Quand tu es enfant, tu ne réalises pas bien que pour tes parents, comment ça peut être difficile ». Elle dit que c'est dure de voir les parents vieillir, que ça c'est un peu triste. Elle pense, même après une réflexion de la société, qu'il n'est que quand on est dans son histoire personnelle qu'on peut penser à ça. Elle dit que dans les pays développés, on délaisse un petit peu les personnes âgées et qu'on ne fait pas assez attention aux personnes qui pourraient être un peu seules. Elle dit que la raison de ça est que c'était la maman qui veut des petites familles (elle mélange un peu les temps verbaux en ce moment). Elle raconte qu'ils sont deux enfants (en sa famille d'origine) et qu'ils essayent quand même régulièrement de le voir (à son papa). Toutefois, elle trouve qu'il y a quand même des gens qui restent isolés, parce qu'il n'y a pas (en France) une culture de la famille assez développée. Je lui demande de son frère ou sœur, et elle dit qu'elle a une sœur qui habite à Paris, qu'elle n'a pas d'enfants. Sa sœur vient à Lille de temps en temps, ce qui la rapproche un petit peu. Elle reste en silence. Je lui demande si c'est tout et elle dit que oui. Alors je prends le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 4

Elle commence à dire que ça lui évoque... et hésite. Elle continue en disant que c'est la maman kangourou avec son petit à la poche, qu'elle est très pressée, on dirait qu'elle part en sautant très vite. Il y a un kangourou plus grand qui fait du vélo à côté. Le petit est content et il a un petit ballon. Elle dit qu'ils sont contents globalement, mais la maman, elle a l'air pressé; elle ne sait pas pourquoi, mais elle est pressée pour partir quelque part. Elle dit qu'ils vont se promener ou ils vont à un pique-nique parce qu'elle a un petit panier, mais les enfants sont plutôt assez gais. Elle dit que c'est un après-midi où ils vont se promener, qu'on ne sait pas, mais on sent que la maman aime bien son chapeau, qu'elle a l'air de l'avoir sur le vent. Elle dit que la maman va vite pour aller quelque part où elle a un rendez-vous, qu'elle (Elise) ne sait pas. Je dis : « Comme quelqu'un qui a beaucoup d'activités ». Elise rit et dit « Oui ». Elle continue en disant que c'est vrai que ça lui évoque : « Allez,

dépêchez-vous ! » et que c'est vrai qu'on le dit souvent, malheureusement, aux enfants : « Vous êtes en retard, il faut se dépêcher ! », tous les matins pour aller à l'école. Pour aller aux activités c'est pareil: « Tu es en retard, on y va ! » et que souvent, pendant la semaine, on leur répète de se dépêcher. Les week-ends, c'est plus calme, mais c'est sûr qu'on a l'impression de parfois leur dire très souvent : « Allez, allez, il faut se dépêcher, on y va ! ». Donc on les pousse toujours un petit peu (elle donne un soupire d'anxiété). Je lui dis que c'est beaucoup d'être médecin, avoir des enfants, être responsable pour la maison. Elle dit que oui, que c'est vrai et qu'en tout cas, c'est intéressant. Elle continue en disant que ça qu'elle veut dire c'est qu'à la limite on a choisi son métier et elle a décidé de s'arrêter en deux enfants. Elle dit que honnêtement, elle ne se voit pas avec plus d'enfants, parce qu'elle sait qu'on a des problèmes de garde, qu'on n'est pas là 24 heures, qu'on laisse les enfants au mari. Donc, elle s'est dit : « Plus de deux enfants, mais je ne peux pas plus ! ». Elle raconte qu'elle se dit qu'il faut qu'on se mette avec eux, sinon c'est bête d'avoir des enfants et ne pas être avec eux. Elle dit qu'elle est très contente d'avoir deux enfants et même si sûrement ils ont l'impression qu'on les pousse des fois un peu trop, et on est parfois trop pressé, elle pense qu'ils sont contents d'être deux. Elle dit qu'un seul c'est dure, qu'elle a une cousine qui n'a qu'un enfant et que cette fille lui dit qu'elle est toute seule, qu'elle n'a pas un frère ou une sœur pour jouer. Donc, c'est embêtant, parce qu'elle pense que les enfants aiment bien aussi jouer ensemble, qu'un frère ou sœur est important. Elle dit que, pour le week-end, elle essaie de faire qu'ils n'aient pas trop d'activités, qu'ils puissent reposer et même qu'ils puissent s'ennuyer parce que ça c'est aussi important. Je lui dis qu'il me semble que pour elle est très important de rester avec des personnes et avoir beaucoup de contacts. Elle dit que oui, qu'elle aime bien ça, qu'elle trouve que c'est important d'avoir des amis. Elle répète que l'amitié est une chose très importante quand on est petit et tout au long de la vie. Elle dit qu'on n'est pas tout seul: quand on né, on est entouré par une société. Elle continue en disant que chacun apporte quelque chose à la société, mais c'est important de ne pas le faire tout seul, mais qu'on peut faire les choses à plusieurs et puis, à partager. Elle dit que partager est important, que ce soit partager du temps, partager ses connaissances et partager même sa façon de voir un peu les choses de la vie. Elle me rend le tableau et je lui présent le dernier.

Tableau 8

Elle dit « Hum hum », comme si la situation illustrée était une confirmation de quelque chose. Elle dit qu'elle trouve l'image un peu particulière comme situation, parce qu'on a quelqu'un qu'on peut supposer d'être la maman et elle n'a pas l'air d'être très gentille avec son petit. Elle dit qu'après il y a deux personnes adultes qui sont éloignées et qui ont l'air de faire messes basses, comme s'ils se moquaient de la dame avec son petit. Elle hésite et après elle dit que ça lui met un peu mal à l'aise, parce qu'elle trouve qu'ils n'ont pas l'air très sympathique. Ça fait plutôt une réunion un peu, (elle hésite) mondaine, mais finalement les personnes n'ont pas l'air très heureux d'être là. Le petit ou la petite n'a pas l'air très heureux d'être là et sa maman non plus; on a l'impression qu'elle lui

gronde un peu. Et puis, derrière, ils ont l'air un peu de se moquer. Pour confirmer son récit, je lui demande s'ils (les personnages qui sont arrièrè) parlent d'eux (la maman et son petit) et elle dit que oui, qu'ils parlent d'eux et ça n'a pas l'air très sympathique comme conversation *a priori*. Donc, c'est plutôt mal à l'aise, mais c'est vrai qu'il y a toujours (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que la situation lui fait penser en concret c'est qu'il y a toujours des gens pour montrer du doigt aux autres, parce qu'ils ne font pas pareil, parce qu'ils sont différents et que c'est vrai que la différence est difficile. Elle dit qu'on a l'impression qu'il y a des gens qui ne tolèrent pas la différence, que c'est comme si tout le monde devrait rentrer dans un moule, que tout le monde devrait faire pareil. Elle dit qu'elle trouve, heureusement, que tout le monde est différent et que la façon de voir les choses est tout à fait différente d'une famille à une autre et que, entre guillemets, le « quoi dira-t-on ? » c'est un peu bête. Elle dit que pour reparler de ce qu'elle a vécu, elle a vécu à la campagne quand elle était petite, et que le « quoi dira-t-on », était très important. Elle hésite et continue en disant que c'est surtout dans un petit village (que le « quoi dirait-on » est important), parce qu'elle habitait à la campagne, en X. Alors, le dimanche on était bien habillé pour aller à la messe, parce que sinon les gens disaient « Vois comment elle est habillée ! » (elle chuchote), on veut dire une mentalité villageoise entre guillemets. Elle dit que c'est vrai qu'à son ancienne ville, les gens étaient très méchants et que dans sa ville actuelle, qui est grande, il n'y a pas ça, ou peut-être un peu moins. Elle trouve que même à sa ville actuelle ce genre de choses existe quand même et que ça c'est un peu stupide. Les gens ne peuvent pas juger les autres en gros, soit par leurs vêtements, soit par leur façon de faire, parce qu'eux, après tout, choisissent faire des choses différemment. Alors on ne peut pas juger qu'est-ce que fait l'autre. Donc, il est pareil pour la famille, parce qu'ils se moquent de la façon dont elle (le singe femelle) éduque son petit. Elle dit qu'on ne sait rien, mais c'est sûr qu'il y a toujours des gens qui font des réflexions « Tu as vu comment elle parle à sa fille ? ». C'est toujours les gens qui, soit se moquent, soit se permettent de juger. Alors, elle pense qu'être parent c'est difficile, qu'on n'a pas souvent la solution idéale et on fait comme on peut. Elle répète qu'elle pense qu'il est difficile d'être parent, que c'est toujours avoir peur du regard des autres. C'est faire vraiment comme on pense faire bien pour avancer, pour que ses enfants puissent recevoir une bonne éducation. Elle dit qu'elle pense que c'est important ne pas trop regarder et d'apprendre à ne pas se laisser intimider, entre guillemets, pour ce que pourraient penser les autres : « Qu'est-ce qu'on va dire si on fait ça ? » ; « Il va me juger comme ça » ou « Ça ne se fait pas comme ça, parce que... » . Elle dit qu'elle croit qu'il faut savoir se détacher de ça. Je lui dis que je crois que dans les différentes générations dans la famille... et elle m'interrompt et dit que oui, mais qu'elle n'avait pas passée pour ça, parce qu'elle n'a pas connu sa mère. Celle-ci est décédée quand elle (Elise) avait dix ans. Néanmoins, elle croit que ça arrive, parce qu'elle voit les autres, où les mamans jugent la façon dont leurs filles éduquent leurs enfants. Elle dit qu'elle a un peu de ça avec sa sœur parce que celle-ci n'a pas d'enfants. Malgré sa sœur admet qu'elle les prend bien, il y a des fois qu'elle (Elise) pense que ça doit être difficile, parce qu'il y a une différence de génération. Donc, on n'éduque pas les enfants un petit peu comme on a été

éduqué, mais ce n'est pas tout à fait pareil, les temps ne sont pas les mêmes. Elle dit que des fois ce n'est pas évident et on se demande un petit peu de réflexion : « Ah, tu ne vas pas faire comme ça ».

Elle dit qu'elle n'a pas eu ces conflits avec sa mère et que, avec son père, non plus, parce qu'il a un peu d'orgueil. Donc, même si parfois elle pense qu'il (son père) trouve qu'ils (les enfants d'Elise) sont très gâtés, pour lui les trucs sont un peu différents de ceux qu'il a connus. Toutefois, elle croit qu'il ne fait pas de réflexion. Elle dit que c'est sûr que cette génération est difficile, et que c'est vrai qu'on ne considère pas les enfants rois, mais que ses parents n'ont pas connus les mêmes choses qu'on fait pour eux. Donc, pour eux (les parents), parfois, la façon dont on éduque les enfants doit être vraiment un peu incompréhensible. Elle dit qu'elle considère que c'est important de mettre des limites tout le temps. Toutefois, même si on met des limites, ils sont, à son avis, beaucoup plus loin de ce qu'on a connu, parce que les enfants ne sont pas habitués aux mêmes choses.

Je lui dis qu'elle m'avait racontée que quand elle était enfant, après le décès de sa mère, elle a été envoyée à une pension. Elle répond qu'à cette époque-là, comme elle était à la campagne, sa sœur, qui est deux ans plus âgée qu'elle, était déjà dans une pension, parce qu'elles étaient très loin de tout. Elle dépensait entre une heure et demie et deux heures le matin et le soir pour revenir à la maison. Donc, ses parents trouvaient que c'est trop difficile. Elle raconte qu'à l'époque il y avait beaucoup de pensionnats chez eux en X et répète que sa sœur était déjà en pension. Elle même était déjà en sixième aussi, donc ça (le décès de sa mère) n'a pas changé les choses. C'est qu'elle se dit c'est que, d'un coup, certes, il (son père) s'est trouvé tout seul. Alors, toute la semaine elles étaient en pension et donc on était courageuse, mais ce n'était pas évident quand même. Elle dit qu'elle a bien aimé être en pension, que ça lui a permis d'évoluer un peu différemment, de ne pas rester renfermée. Donc, ça lui a permis de s'ouvrir un peu aux autres et de ne pas rester dans un système un peu clos et (elle ne complète pas la phrase).

Elle dit que son père a connu, entre guillemets, un petit peu, la dépression et que ça (rester au pensionnat) lui avait permis de s'éloigner de ça et de réussir à faire un bon chemin. Elle dit qu'elle ne regrette pas du tout le pensionnat et que ça n'existe plus en France. Elle raconte qu'à l'époque il y avait beaucoup de sœurs et qu'elle était dans un pensionnat qui était une congrégation religieuse et qu'ils étaient très ouverts. Elle dit qu'elle, franchement, pense que ça ne lui a apporté que du positif et qu'aujourd'hui elle est beaucoup moins appliquée. Elle répète que l'éducation tellement religieuse qu'elle a eu, lui a apporté beaucoup de positif. Elle dit que la preuve est qu'elle a inscrit ses enfants au catéchisme, parce que pour elle c'est important d'avoir cette ouverture d'esprit et que, après, ils choisiront (leur religion). Mais même si elle ne peut pas tout leur imposer, elle trouve que connaître les choses c'est important. Elle ajoute qu'ils vivent dans une civilisation judéo-chrétienne, donc l'histoire est importante, car il y a des trucs qu'on découvre dans l'histoire. En plus, ça lui permet de comprendre des choses et de réfléchir sur leur essence, et même découvrir d'autres choses que la religion. Elle dit qu'elle ne veut pas du tout infuser une religion, mais elle pense que ça permet une ouverture, ne pas rester clos dedans ; il permet tout à fait une ouverture d'esprit. Je lui demande si elle

croit que cette expérience l'a rendue plus autonome et elle dit que oui, c'est clair. Elle dit que ça a été dure, d'y arriver en sixième, d'avoir 11 ans (et aller au pensionnat). Elle raconte qu'à l'époque, c'était des boxes, qu'il n'y avait pas de chambres, c'était des grands dortoirs, et que d'abord on s'embarrasse, mais on apprend à se débrouiller. Elle dit que c'est marrant que sa sœur lui demande, des fois que les enfants sont plus difficiles, pourquoi elle ne les met pas en pension. Donc, elle lui répond qu'elle n'aime pas cette idée, parce qu'en même temps on est un peu coupé de la famille. Elle dit que pour elle et sa sœur, qui étaient pensionnaires, il y a des bons côtés, mais pour la famille ça coupe un peu le pont. Finalement, on grandit un peu en dehors de la famille (elle soupire). Elle dit qu'autant elle trouve qu'en son contexte, ça a été très bien, autant elle ne trouve pas du tout, qu'elle est contente de revoir ses enfants tous les soirs, qu'elle considère important. Elle dit que pour elle, les liens familiaux se construisent dans la vie de tous les jours. Je lui dis que ça c'est une chose différente qu'elle veut apporter à ses enfants. Elle répond que bien sûr, différent, mais, qu'à la fois, on garde un peu même de ce qu'on a vécu, et que forcément on le transmet un peu. Elle dit qu'on ne peut pas rogner tout ce qu'on a reçu de nos parents, donc on transmet quand même des choses, entre guillemets, des valeurs familiales. Elle dit qu'elle pense que c'est important, que ça fait partie de l'éducation, qu'on transmet des valeurs aux enfants. Elle retourne au tableau et dit que cette photo ne lui inspire pas beaucoup de confiance (elle rit). Je dis « Beaucoup de jugements ? » et elle est d'accord.

Elle me rend le tableau et je lui demande s'il y a quelque chose qu'elle voulait ajouter à ce qu'elle avait dit. Elle dit : « Qu'est-ce que je dirais... c'est surtout sur l'éducation des filles... ? ». Elle dit que ce n'est pas évident que ses enfants ne sont pas encore adolescents et qu'Emilie n'a que 9 ans. Cependant, elle sent qu'il y a déjà des petits conflits avec elle particulièrement, parce qu'elle est sa mère. Donc elle sent qu'il y a déjà un peu d'opposition qui se met en place. Ça lui fait un petit peu peur, parce qu'elle espère pouvoir gérer cette opposition de la meilleure façon possible. Elle dit qu'elle sait qu'il est attendu que la mère et la fille s'opposent et qu'elle espère qu'elle pourra bien gérer les oppositions sans conflits trop longtemps. Elle dit que c'est sûr qu'il y aura des conflits, et répète qu'elle espère savoir les gérer le mieux possible. Elle dit qu'il y a des étapes qui sont obligatoires, mais ça lui fait un petit peu peur, l'adolescence chez une fille. Alors, elle se prépare vraiment, mais elle dit à elle-même que ça ne va pas être facile tous les jours. Je lui demande si elle pense que ça sera plus difficile avec Emilie et elle dit que oui, que ça se voit déjà. Je lui demande si elle pense que c'est plus difficile avec une fille qu'avec un garçon. Elle dit que oui, qu'elle aura beaucoup plus de facilité avec Nicolas, qu'elle ne sait pas si c'est parce qu'il est le premier, mais Emilie a un caractère très affirmé. Elle dit que Nicolas a aussi un caractère, mais que celui-ci, il va exploser tout d'un coup, parce que sa sœur ne va pas arrêter de le titiller comme une fille sait titiller son frère. Donc, à un moment il va exploser. Elle raconte que des fois elle lui dit : « Nicolas, stop! » et en fait c'était Emilie qui lui est allée chercher ; bien, après un certain temps, Nicolas va exploser. Donc, elle dit plutôt « Nicolas, stop! » à quoi, en effet, c'était Emilie qui l'a titillé. Elle dit que ça c'est dure aussi à gérer, parce que forcément après ils se disputent. On la gronde toujours (Emilie) et elle a l'air de « Tu grondes toujours

à lui ! ». Elle dit que c'est vrai que ce n'est pas évident d'être impartial, mais il faut l'être. Elle ajoute que c'est difficile de gérer des conflits et puis, en même temps, de ne pas trop intervenir non plus, parce que c'est leur mode de fonctionnement et aussi ils apprennent à vivre ensemble. En même temps on est obligé de dire aussi : « Stop, là vous arrêtez ! ». Ça elle trouve que c'est dure parce qu'elle (Elise) sent qu'elle (Emilie) va souvent la provoquer, et à son père, plus que la limite. Donc, il va falloir qu'elle (Elise) sache bien gérer ça, et ce ne va pas être forcément évident tout le temps. Elle dit qu'elle (Elise) n'est pas trop quand même à ce stage où on aura un peu d'opposition, mais c'est vrai qu'elle préfère ce stage-là. Elle dit que l'adolescence est vraiment marrante et raconte que la famille a une petite voisine qui a 16 ans et qu'elle (Elise) l'a connue toute petite. Elle raconte que d'un coup elle voit l'opposition mère-fille (de la voisine) et qu'en ce moment-là, c'est aussi fille et père (l'opposition) et que ça lui (à Elise) fait peur. Elle dit que, à 16 ans, il faut savoir encore où on met des barrières et on a l'impression qu'elle va s'échapper et après c'est trop tard. Des fois, ça lui fait peur. Elle dit qu'elle croit qu'il ne faut pas brûler les étapes, qu'il faut savoir dire : « Non, ce n'est pas ton âge ! » ; « Stop, tu vas avoir ça plus tard » ; « Non, tu ne vas pas dormir chez un petit copain ». Elle dit qu'elle pense que ça va se mettre très tôt en place, parce que, sinon, ils vont vouloir toujours en demander plus et après, c'est mettre la charrue avant les bœufs. C'est vraiment brûler les étapes. Elle dit qu'elle a l'impression qu'avec Emilie ça va être difficile de voir, qu'elle va demander beaucoup de choses et il faudra qu'on lui mette un peu de barrière. Je lui demande si elle pense de cette façon à cause du caractère d'Emilie. Elle dit que oui, qu'elle croit qu'Emilie a déjà un caractère en fait, et que c'est sûr qu'en même temps il faut respecter son caractère, parce que c'est le sien. Elle dit qu'elle se rappelle quand elle même était petite et les gens lui disaient qu'elle avait un certain caractère. Elle raconte que ça lui faisait méchante à la limite, et que, même si on a un caractère prononcé... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit que des fois elle se dit : « Fais attention ! Ne dis pas ça à ta fille parce que ça ne fera rien, ça lui fait mal ». Elle dit qu'elle trouve que dire à quelqu'un qu'il a un sale caractère c'est pas gentil, ça ne fait pas avancer des choses. Donc, il faut savoir gérer un caractère prononcé et peut-être la guider quand même et lui dire : « Mais non, attention là ! », mais pas la casser. Elle dit que casser les enfants ou casser les adolescents n'apportera rien et elle ne croit pas que ça les fera avancer positivement. Elle continue en disant que ça c'est dure, parce que parfois ils (les enfants) poussent les parents au bout et qu'on a l'impression qu'on dit des trucs qu'on n'aimerait pas dire, et que ça l'a emmené des fois vraiment... Elle ne complète pas la phrase, alors je la complète pour elle, en disant « Jusqu'à la limite ». Elle dit : « Voilà ! Jusqu'à la limite et (elle soupire) c'est dure ». Elle dit que c'est pour ça que pour être parent, il faut vraiment savoir quand prendre sur soi pour ne pas dire des choses qui peuvent blesser ou quoi. Mais, en même temps, il est important de poser des limites, et c'est difficile (elle parle très bas cette dernière partie de la phrase). Elle arrête de parler. Je lui demande si elle voulait dire quelque chose de plus et elle dit que non. Je la remercie pour sa collaboration et on finit l'entretien.

Après avoir fini notre entretien, Elise et moi nous sommes allées chercher Emilie. Quand j'ai terminé ma conversation avec la petite fille, Elise m'a conduit à nouveau jusqu'à la station de métro. Après ça, elle irait reprendre Emilie chez elle pour l'emmener à une autre cérémonie d'échange de cadeaux de Noël, cette fois organisée par son école. Quand on s'est dit adieu, Elise m'a demandé si j'avais déjà des plans pour la nuit de Noël (elle semblait avoir l'intention de m'inviter chez elle. Je lui réponds que je serais chez des amis et on s'est séparé.

Interprétation Elise

L'entretien avec Elise a montré qu'elle est une femme qui a beaucoup de ressources affectives. Celles-ci lui avaient permis de surmonter des situations difficiles vécues pendant son enfance, et de transformer en de bonnes expériences, les résultats des moments douloureux que la vie lui a apporté.

Cette femme solidaire et agréable, a révélé son principal souci par rapport à son expérience maternelle avec Emilie: le libre épanouissement personnel versus la préservation de la tradition. De la sorte, Elise affronte le problème de comment intégrer la liberté pour évoluer avec une appartenance familiale qui puisse soulager la solitude, surtout à la vieillesse. Dans ce cadre, l'imposition des limites joue un rôle essentiel, vu qu'elle permet une autonomie relative dans les relations interpersonnelles et, en même temps, la définition de l'identité familiale qui renforce le sens d'appartenance.

Bien que ces soucis soient liés aux propres démarches du stage de dépendance relative vécu par sa fille, ils semblent reposer aussi sur la propre histoire personnelle d'Elise, marquée par plusieurs mouvements de séparation et de rencontre. Dans ce sens, même si le récit au CAT-A ne permet pas de dire si ces expériences constituent ou non le noyau principal autour duquel la personnalité d'Elise s'est organisée, il est possible affirmer qu'elles ont été assez importantes, au point d'être éveillées par le développement d'Emilie.

Dans ce cadre, Elise choisi de se présenter à moi à partir des déménagements qu'elle a fait pendant sa vie: de la campagne en X (qu'elle comprend comme une culture plus conservatrice) à Lille (qu'elle voit comme plus libérale) et d'un appartement petit vers une maison grande et agréable. Donc, la première vision de soi rapporte à ses départs, retours et nouveaux départs, dans un croisement et dépassement des limites géographiques et d'architectures, qui apportent, avec eux, l'éloignement, la rupture et la construction des liens. Ces soucis et dilemmes liés à sa vie personnelle et qui s'actualisent dans sa relation avec Emilie ont été un peu plus détaillés en ses récits au CAT-A, présentés à la suite.

Tableau 1

En ce premier moment, Elise se rapporte à la proposition du tableau : la fonction parentale nourrissante et de la gratification vers les enfants. Elle révèle que chez elle, cette fonction n'est pas liée au genre féminin, mais est surtout partagée avec son mari. Donc, ce n'est pas évident que l'oiseau adulte soit une poule ou un coq. Son récit concernant son difficulté pour faire à manger tous les jours à

ses enfants, montre l'établissement d'une relation où ils sont déjà considérés comme séparés d'elle. Dans cette relation elle a déjà repris ses fonctions d'adulte, d'où l'impossibilité d'un dévouement intégral aux enfants. Dans ce sens, la situation du repas est conçue surtout comme une opportunité de convivialité entre les membres de la famille et, parfois, entre la famille et les amis. Malgré son manque de plaisir pour la cuisine en soi, Elise retient sa signification de donner un peu de soi-même aux autres, de partager ce qu'on a de bon, et le bonheur d'être ensemble. À la fin de son récit, elle éclaircit comment doit se passer cette situation de convivialité. Elle montre, qu'à son avis, pour que le contact soit vraiment agréable, les personnes doivent être dans la même position, sans une relation d'autorité ou d'asymétrie parmi elles. Dans ce sens, il la gêne le fait qu'un des poussins soit dans une position supérieure, car il peut devenir inaccessible aux autres. Donc, il est plus assimilé, par elle, à un adulte, à un ami de la famille, mais son acte manque (*il a un peu d'hauteur par rapport à ses enfants*) dénonce qu'il s'agit d'un parent. La production postérieure du CAT-A va révéler qu'il semble qu'elle parle surtout de son propre père.

Tableau 2

Bien que ce tableau présente comme demande latente des conflits entre les parents et l'expérience œdipienne, Elise l'aborde d'une façon un peu différente. Donc, encore qu'à son récit il y ait de la place pour l'expression de la rivalité, surtout dans le cadre de l'étape phallique (définir ce qui est le plus fort), celle-ci se montre intégrée dans un contexte d'union amoureuse familiale. Dans ce sens, l'opposition ne met pas en danger l'intégrité du groupe. Dans ce cadre, Elise décrit une situation de divertissement dans laquelle la famille s'amuse ensemble, en laissant du côté la dimension conflictuelle en soi-même. Toutefois, ce que cette situation montre de plus important est la manque de différenciation de rôles entre les parents et les enfants. Donc, il n'y a pas des relations d'autorité ou d'asymétrie, et il est dans cette condition à égalité que le plaisir peut être joui de façon complète. Dans ce sens, elle montre ici le contraire de ce qu'elle a essayé d'exprimer au tableau 1 et de ce qu'elle exprimera au tableau 3.

Tableau 3

Les relations avec la figure d'autorité, adressées par ce tableau, se présentent dans le récit d'Elise, mais d'une façon secondaire. Dans ce sens, son principal souci concerne la distance imposée par les personnes pour se rapporter aux autres. Quoique cette distance puisse être favorisée par des relations d'autorité, elle ne dépend pas forcément d'elles. Dans ce moment, elle exprime la façon dont sa relation avec son propre père s'est dégagée et se dégage jusqu'à aujourd'hui. Ce lien est marqué par l'envie d'Elise de s'approcher de lui, accompagnée d'une certaine crainte et de frustration devant son inaccessibilité. Donc, son père est vu comme hors de son atteinte et de celui des autres, dû la position d'hauteur qu'il assume (tableau 1). L'accent d'Elise sur cet expérience vis-à-vis de son père, au détriment de ses propres angoisses (elle avait perdu sa mère et a été jetée dans un pensionnat), montre

que la douleur principale ne s'agit pas d'une perte ou d'une distance physique, mais surtout psychique. Donc, l'isolement de son père la préoccupe, pas en fonction d'un sentiment de rejet qu'elle puisse éprouver, mais surtout par la compréhension empathique de sa solitude. Par contre, Elise se voit comme plus capable que lui pour manager les pertes à partir d'un accent sur l'établissement et le maintien des nouveaux liens. Donc, la perte du foyer parental a été surmontée par moyen d'un élargissement des relations fraternelles avec des nouveaux copains et copines du pensionnat. Sa réussite à aimer et à se faire aimer dans ces relations, ajoutée à l'épanouissement personnel que cette expérience lui a apporté, laissent, toutefois, un certain sentiment de culpabilité. Ceci résulte de la sensation que c'était elle qui a abandonné son père. Néanmoins, ces essais de l'intégrer à sa famille constituée continuent à être difficiles dû à son isolement. La possibilité de vivre, à la vieillesse, la même expérience de son père, semble hanter Elise. Donc, elle se demande si dans une famille où il y a plus d'enfants, ce danger n'existerait pas, thème qui continue dans le récit du prochain tableau.

Tableau 4

La question de la taille de la famille se présente dans le récit d'Elise comme une prévention contre la solitude des parents dans la vieillesse. Pour autant elle apporte aussi la signification d'un soulagement de la distance (psychique) qui commence à se poser entre elle et Emilie. Donc, bien que ce deuxième thème ne soit pas très exploré en ce moment (il le sera dans le tableau 8), il semble se constituer en son souci principal. À son tour, le premier thème consisterait dans la projection de sa propre condition dans le futur. Le désir d'Elise d'avoir une famille nombreuse se frappe avec la réalité de sa vie de femme qui a une profession absorbante, un mari et une grande maison à sa charge. La solution qu'elle trouve c'est de n'avoir plus que deux enfants, car ça pourrait résulter dans une dégradation des relations, dû au manque de support social de la France par rapport aux mères (*c'est bête d'avoir des enfants et ne pas être avec eux*). Donc, s'il faut avoir une famille, c'est pour profiter de ce qu'elle peut apporter de bon en termes des relations et du partage. De cette façon, la qualité importe plus que la quantité. Devant la peur de la propre solitude et de celle de ses enfants au futur, la solution rencontrée par Elise est, à nouveau, l'élargissement des relations fraternelles. Ceci est fait par moyen de l'agrandissement des liens d'amitié, qui sont plus compatibles avec l'actuelle condition de vie d'Elise.

Tableau 8

En ce moment de son récit, Elise fait un genre de synthèse de tout ce qu'elle avait exprimé précédemment. Néanmoins, les thèmes antérieurs sont soumis à ce qu'il semble être le souci central de son expérience maternelle : le maintien d'une appartenance et d'une identité familiale, tout en gardant la possibilité d'un libre épanouissement personnel. Malgré sa crainte de la solitude, elle reconnaît la nécessité d'une certaine libération pour permettre la survivance du Self individuel. Donc, la question de l'imposition des limites et de sa transgression prend place dans ce contexte. Elise commence pour

révéler son soulagement pour avoir laissé un petit endroit avec une mentalité qu'elle a décrit comme villageoise, pour partir dans une grande ville qui lui a permis de s'épanouir. L'expérience à la campagne a été décrite comme en lui posant beaucoup de contraintes par rapport à son développement personnel, surtout dû aux jugements des autres par rapport à sa manière d'être (son caractère). Son déménagement pour Lille a été vu comme une possibilité de remplacer un Surmoi plus stricte par un autre plus bénin. Toutefois, il a été conçu principalement comme une opportunité de connaître et d'élargir les limites de sa propre identité, aussi que ceux de l'identité de la famille qu'elle a constituée. Donc, la séparation et la transgression ne signifient pas seulement la rupture avec une situation ou un groupe spécifique. Elles seraient aussi la condition même de la formation des nouvelles situations et groupes, parfois plus compatibles avec les exigences du monde actuel. Dans ce sens, transgresser veut dire protéger. Elise rappelle sa propre histoire personnelle, quand elle avait presque le même âge d'Emilie, et est allée au pensionnat, en croisant les limites géographiques et psychiques de sa famille d'origine. Cette expérience, quoique l'ait protégée de la dépression de son père, n'a pas été facile, ni pour elle (qui s'est sentie coupée de la vie familiale), ni pour lui. Donc, elle s'aperçoit que le déracinement est aussi douloureux et, devant ce dilemme, elle cherche une solution intermédiaire pour ses enfants, pour leur garantir l'appartenance et la différenciation en même temps. Dans ce cadre, l'imposition des limites joue le rôle central pour atteindre ce moyen terme. Toutefois, elle ne peut pas être faite d'une façon autoritaire, sous le risque de créer une asymétrie dans la relation et une distance psychique. En plus, elle doit être compatible avec les exigences de la réalité contemporaine (*c'est important de mettre des limites tout le temps, mais même si on met des limites, ils sont beaucoup plus loin de ce qu'on a connu*). Donc, bien que l'imposition des limites et la séparation qu'elle apporte, soient une nécessité, la proximité doit être reprise, mais dans un registre plus symbolisé, par moyen du respect à la façon d'être d'autrui. Dans des mots d'Elise, il faut savoir gérer l'opposition d'un enfant, sans le casser, en gardant le respect par son caractère. De cette façon, les limites ont, paradoxalement la double fonction de séparer les identités personnelles, tout en renforçant l'identité familiale. Bref, par rapport à l'imposition des limites, il faut trouver un moyen terme, en les laissant plus souples pour que les contraintes ne poussent pas l'enfant à s'en aller et en les gardant fermement, pour que la liberté excessive ne conduise pas au même résultat.

En synthèse, Elise est une femme qui, en tant que mère, cherche à offrir à ses enfants l'intégration entre ce que la vie familiale apporte et ce que l'expérience d'autonomie permet d'évoluer. Dans le cas d'Emilie, ces essais d'harmonisation entre l'appartenance et l'autonomie sont placés surtout à travers la fonction de l'imposition des limites, ce qui n'est pas évident. De cette façon, le moment présente de développement personnel de la fille permet déjà entrevoir ce que l'adolescence rendra plus visible, à savoir, l'opposition. Ce processus emmène Elise à un certain travail de deuil par l'enfance d'Emilie et de l'acceptation des différences psychiques que la formation de la personnalité de la fille commence à imposer plus fortement.

Récit d'Emilie

Quand Elise et moi sommes arrivées à la recherche d'Emilie, son entraînement sportif n'était pas encore fini, et quelques parents attendaient leurs enfants qui étaient là. Nous sommes restés pour quelques minutes en regardant les enfants jouer. Elise me dit qu'Emilie est la « petite en rose ». Je m'efforce pour découvrir qui elle est, parce qu'il y a plus d'une fille qui s'habille en cette couleur. D'un coup, je découvre qu'Emilie n'est pas la « petite » du groupe. En effet, elle est une des filles plus grandes, qui portait un pantalon rose. Elle est maigre, ses cheveux sont courts, d'une couleur châtain grisé et, physiquement, elle ne ressemble pas beaucoup à Elise. Quand l'entraînement finit, il se déroule une petite cérémonie d'échange de cadeaux de Noël, très informelle et désorganisée, promue par l'institution sportive. Par deux fois, Elise demande à Emilie de se dépêcher. Quand tout est fini, nous retournons en voiture chez elles. Sur le trajet, nous passons devant plusieurs maisons joliment décorées pour le Noël et Elise me raconte qu'il y a un concours dans le quartier pour choisir la plus belle maison. Emilie lui dit qu'elle veut voir une certaine maison, mais Elise lui répond que cela ne sera pas possible en ce moment, parce qu'elles sont déjà en retard. Toutefois, elle dit à la fille qu'elles pourraient la voir après, quand elles s'adresseraient à la cérémonie d'échange de cadeaux de son école.

Quand nous rentrons à la maison, avant le début de notre activité, Emilie résout à donner à manger à ses deux hamsters qui partageaient la même cage. Elle les offre des croutons, en leur donnant à chacun d'eux un crouton, pour qu'ils ne se disputaient pas. Quand elle a fini, on commence notre conversation.

Emilie est douce, délicate dans ses gestes, mais très décidée, rapide et objective, par rapport aux histoires qu'elle raconte. Elle a une fluidité verbale et de la créativité, mais il y a aussi une certaine avidité et nervosité en certains moments. Il semble qu'elle profite de la situation du CAT-A pour faire un travail d'intégration d'elle-même. À la fin de notre conversation, j'ai l'impression d'être en contact avec quelqu'un de plus mûr que l'enfant qui a abordé le premier tableau.

Le CAT-A

Je demande d'abord à Emilie si elle aime les animaux et elle répond que oui. Après je lui dis que j'irai lui montrer des tableaux avec des dessins d'animaux et je lui donne des consignes par rapport à la passation du CAT-A. Elle dit qu'elle est d'accord avec notre activité et nous commençons notre tâche. Je lui montre le premier tableau et elle le laisse avec moi; je lui dis qu'elle peut le prendre si elle veut, et elle fait.

Tableau 1

« C'est la maman poule, bah... qui fait à manger à ses poussins. Et ils ont faim. [Hum...] Ils adorent ça. Alors... ils mangent et... bah... la maman poule, elle est contente, parce que c'est elle qui a fait sa propre pâte... Voilà ! [Et qu'est-ce qu'il va arriver ?] Bah, après, il y a un mauvais goût à l'arrière et ils n'aiment pas du tout. Donc, la maman poule, elle n'est pas contente, et elle les met dans

sa chambre... Ah... bah...ils pleurent et après ils se pardonnent et ils remangent et ils adorent. Voilà ! ». Elle me rend le tableau et je lui montre le deuxième.

Tableau 2

(Elle hésite un peu) « Bah, c'est une maman et un papa ours et bah, qui... qui se disputent et bah... L'enfant est pour la maman. Et ils tirent... ils se disputent, donc ils font une bataille avec... comme ça et ... et... Donc, le petit, comme il est pour la maman, il tire de toute sa force, et après la maman et le petit gagnent. Voilà ! Ah... après le papa, il n'est pas content. Alors, il s'en va euh... La maman euh... elle est triste quand même, parce qu'elle croit qu'elle ne peut pas se débrouiller toute seule. Donc, l'enfant... comme elle a du travail, elle dit 'Va le chercher' et... Donc... quelques jours plus tard, il ne revient pas. Le papa, il revient, et la maman, elle dit : 'Ton enfant est parti à ta recherche'. Donc, il va à sa recherche, euh il le trouve et... la famille ne se disputera plus jamais. Voilà ! ». Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 3

« C'est un lion qui est très très très très méchant pour tout le monde. Il se fait servir par tous les animaux de la forêt et... par exemple il se fait mal, il s'en prend à quelqu'un. Donc, tout le monde le déteste. Tout le monde essaie de s'enfuir de la ville, parce qu'ils veulent aller dans un autre pays, mais lui, il les empêche, parce que sinon il n'aura plus personne qu'il sert. Et donc, après, il y a quelqu'un qui prétend pour le battre et devenir le roi, plus gentil. Euh... au début il ne le bat pas. Et l'autre, comme le lion, il n'avait pas envie qu'il le bat parce que il avait une difficulté, il l'a mis en prison. Il s'est libéré. Il a redemandé un combat et il l'a battu. Et après, les habitants, parce qu'il y en a ceux qui sont enfuis quand même, et bien, ils sont tous revenus, parce qu'il était très gentil. Le lion il a été mis en prison et voilà. [Pourquoi les gens le détestent?] Parce qu'en fait il est très méchant et bah... et... et... et tous les gens et ceux qui ne le servent pas, il va... Je ne sais pas, ils le demandent au combat, mais c'est le plus fort, alors ils savent qu'ils vont perdre. [Et après qu'il sort de la prison, tu crois qu'il va changer ou pas ?] Je pense qu'il va devenir plus gentil, toujours d'un côté un petit peu méchant, mais il ne sera pas le roi. [C'est tout ?] Oui. » Elle me rend le tableau et je lui montre le quatrième.

Tableau 4

« Bah, c'est... c'est...c'est des rennes... Ah, non des kangourous ! Des kangourous qui... qui vont à la recherche de... qui vont chez quelqu'un. Ils doivent leur rapporter du pain. C'est leur mission. Donc, le petit, il va en vélo; sa maman, elle porte le plus petit. Elle regarde, parce qu'elle ne sait pas où c'est la maison, mais ils lui ont dit 'Dans la forêt'. Donc, ils s'introduisent dans la forêt et, comme la forêt, elle est quand même... elle est sombre et la nuit est tombée, ils ont quand même un petit peu peur. Et la maman dit : 'Ne vous inquiétez pas'. Quelques heures...quelques heures plus tard, il va...la

nuit, elle est... le jour, il est revenu et ils ne trouvent toujours pas de maison. Donc, ils font demi-tour, ils vont voir celui qui leur a demandé. Il n'est pas dans son bureau, ils vont voir dans un autre bureau et il lui avait dit 'Dans la forêt, mais tout au fond'. Mais eux, ils étaient... En fait la forêt, elle fait deux kilomètres et ils avaient fait deux kilomètres, mais dans l'autre sens. Alors, ils étaient perdus, ils sont allés et... et après, donc... ils ont trouvé la maison, mais il n'y avait personne. Ils ont... ils ont posé le bout de pain, ils sont revenus, mais ils ne savaient plus le chemin, parce que la nuit était encore tombée, on ne voyait plus rien cette fois, et il n'y avait pas d'étoiles. C'était une nuit très foncée. Donc, la maman, elle commence à s'inquiéter, alors. Elle voulait protéger ses petits et elle a commencé à avoir peur, elle... euh... donc... Le jour, il a... quand même le jour se leva et ils ont rencontré le chemin. Ils disent qu'ils ont fini leur mission et ils vont à leur maison. » Je commente qu'ils ont passé une situation effrayante. Elle répond « Ça fait peur ». Elle rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

« C'est dans une maison... de singes. Il y a un singe qui est né. Il est quand même assez petit et sa maman, elle lui apprend à... à faire des manières de singes. Ça c'est sa maman ou plutôt son papa (elle montre le singe qui parle au petit). Et ça c'est sa maman et ça c'est, par exemple, le tonton, parce qu'il est né il n'y a pas longtemps, donc ils sont tous allés ... Mais lui, il ne veut pas, il ne veut pas faire des manières de singes. Il veut, il veut faire des manières autres, parce qu'il trouve que les manières de singes c'est... c'est pas bien. Donc, sa maman, elle lui dit 'Si tu es un singe, tu fais.'. Mais lui, il ne veut pas. Donc la maman lui dit : 'Va dans ta chambre !'. Et lui, il veut devenir un humain, en fait. Donc, il sort de sa chambre sans bruit, ils sont en train de discuter, il sort de sa maison et il essaie de se mettre debout, de faire de manière d'humains. Il se fait des copains quand même, des amis, des enfants qui sont gentils, mais il y a des enfants qui se moquent de lui. Et après... comme sa maman et toute sa famille lui manquent, il rentre et ils lui disent que c'est pas bien de s'enfuir, parce qu'ils paniquaient quand il n'était pas là. Après, il fait des manières de singe à contrecœur, mais il était avec sa famille, alors c'était bien. [Ça a été un peu dur pour lui]. C'est un peu dur, mais comme il était avec sa famille, il était content ».

Elle me rend le tableau et je lui demande de choisir le tableau qu'elle a aimé le plus et le tableau qu'elle a aimé le moins. Elle dit « Bah... il n'y a pas quelqu'un que j'ai vraiment aimé, mais j'ai aimé le plus celui-là » (elle montre le dernier tableau). Je dis : « Ah, celui des singes... ». Elle répond : « Des singes, mais... ce que j'ai moins aimé, mais j'ai quand même adoré c'est cela » et montre le tableau 1. Je lui dis : « Tu as adoré ça... » Elle m'interrompt et dit : « Si, je l'ai adoré, mais c'est celle que j'ai le moins adoré quoi ». Je la remercie et je lui demande si elle voulait me poser des questions. Elle dit : « Bah... pas forcément, mais... bah... d'abord... si les histoires... je ne sais pas si elles étaient vraiment réalistes, mais je pense qu'elles étaient réalistes. Mais je ne sais pas si pour vous elles étaient réalistes. À moi, moyen, parce que un singe qui veut devenir un humain c'est moyen ». Je

lui réponds que dans notre esprit, les thèmes sont toujours réalistes. Je la remercie de sa participation et on finit l'entretien.

Interprétation Emilie

Les productions d'Emilie aux tableaux du CAT-A permettent d'entrevoir que son principal souci en ce moment s'agit de gérer le conflit entre l'opposition et la liberté par rapport au groupe familial versus l'appartenance et la protection qu'il lui fournit. Dans d'autres mots, sa production concerne surtout l'acceptation de la tradition versus la recherche du nouveau et du différent. La façon dont ce dilemme apparaît dans son récit au long de l'activité, ainsi que la manière qu'elle trouve pour l'élaborer, en démontrant sa croissante capacité de synthèse, est décrite dans l'interprétation de chaque tableau du CAT-A, à suivre.

Tableau 1

L'opposition, dans le contexte de la relation de la dyade mère-fille se présente tout de suite dans le récit d'Emilie dans ce tableau. La situation montrée est d'un rapport gratifiant entre la dyade, où la mère est ravie d'offrir aux enfants une partie de soi-même (la pâte qu'elle-même avait faite), envisageant leur identification avec elle. Toutefois, ce n'est pas toujours que les enfants acceptent l'identification, ce qui laisse la mère très frustrée et fâchée. La réponse de celle-ci devant ce refus est la punition des enfants par moyen de leur exclusion du contact familial (ils sont emprisonnés dans leur chambre), situation qui les laisse tous malheureux. La souffrance due à l'exclusion conduit les enfants à faire des concessions et à accepter les identifications proposées par la mère. De cette façon, des bonnes relations peuvent être reprises (*ils remangent et ils adorent*). En synthèse, le choix pour rester en famille implique à renoncer à quelques prétentions d'opposition et de s'identifier avec le groupe.

Tableau 2

La question de l'intégrité des relations dans le groupe familial se pose à nouveau, cette fois exprimée dans le contexte des rapports conjugaux, mais où l'enfant joue un rôle très important. Donc, dans le conflit entre les parents, il est pour la mère contre le père, et son support à elle est vu comme décisif pour le résultat du combat: l'exclusion du père. Le triomphe a, toutefois, son prix. En plus du malheur et de la tristesse pour avoir une famille désintégrée, la séparation apporte l'insécurité, vu que la mère n'est pas capable de se débrouiller toute seule. Toutefois, elle a du mal à admettre cette condition, ce qui emmène l'enfant à avoir un autre rôle important dans l'essai de réconciliation. Donc, à la demande de la mère, il va chercher son père pour qu'il revienne au foyer. Malgré cela, cette aide ne se montre pas, à la fin, essentielle (le père retourne pour soi-même au domicile). Cependant, la rencontre n'est pas complète, vu que l'enfant ne retourne pas et doit être récupéré par son père. En bref, le message de l'histoire reste clair: les oppositions et les affrontements mettent en risque l'harmonie et l'union familiale. Dans cette situation où la famille est craquée, l'autonomie des

membres provoque de la tristesse, malaise, malheur et insécurité, soit dans ceux qui restent soit dans ceux qui s'en vont.

Tableau 3

En ce moment, les affrontements ressurgissent, mais liés surtout aux relations avec la figure de l'autorité. Celle-ci est vue comme en exerçant son pouvoir de façon dictatoriale et despotique, ce qui emmène à l'insatisfaction et à sa rejection de la part des autres. Les règles et les prescriptions ne sont pas conçues comme portant une raison d'être, mais sont liées surtout à une caractéristique personnelle de la figure (être méchant). Cette façon d'exercer l'autorité est vue comme passible de conduire à la fragmentation du groupe, dû la manque de liberté qu'elle impose à ses membres. En plus, l'empêchement que l'autorité impose aux gens de s'en aller est conçu comme un caprice personnel attribué à une intention égoïste de se faire servir par eux, plutôt qu'à un attachement amoureux. Ces caractéristiques, qui rendent la figure d'autorité détestable, sont vues comme passibles de justifier la rébellion et le défi, qui sont combattus par la punition (les rebelles sont envoyés à leurs chambres/prison). Néanmoins, l'insatisfaction continue et emmène au duel entre l'autorité et son challenger (qui est plus gentil), dont le résultat est la victoire de ce dernier et l'incarcération du premier. L'histoire racontée au tableau 4, dont le thème concerne la liberté dans une entreprise avec la mère, suggère que le père consiste dans la principale figure de l'autorité, conformément projetée en ce moment.

Tableau 4

Après la déposition du roi et de l'abolition de l'autorité, Emilie ira, en ce moment, faire face à la question de la liberté pour vivre et le rôle des directions dans cette démarche. Alors, la maman kangourou et ses petits ont beaucoup de mal à accomplir leur mission (leur sens d'existence dans le monde) dû à l'absence des orientations/consignes pour le faire (il manque les directions précises, le soleil et les étoiles). De cette façon, Emilie montre qu'il faut avoir un cadre raisonnablement déterminé pour que la liberté puisse s'exprimer et être joui. Sans ce cadre, il y a le risque d'être perdu et d'être exposé aux dangers du monde extérieur. Il faut aussi considérer qu'Emilie remarque que cette nécessité d'orientation (acceptation de l'apprentissage) n'est pas spécifique des enfants, mais qu'elle existe aussi chez les adultes. Donc, encore que ceux-ci montrent une meilleure capacité de se débrouiller devant les situations difficiles, des fausses orientations leurs conduisent aussi à l'angoisse et à ne pas réussir leurs projets. De cette façon, la mère est vue comme capable de protéger ses enfants, mais seulement jusqu'à un certain point. En bref, elle (qui semble avoir été représentée dans le récit du tableau 3 comme le challenger du roi autoritaire) ne peut pas offrir toute la protection nécessaire dont ses enfants ont besoin. Donc, la présence du père est aussi importante que celle de la mère. Finalement, le récit d'Emilie montre aussi que, malgré la liberté puisse apporter des plaisirs,

ceux-ci seulement peuvent être joués s'il y a la possibilité de retourner chez soi, thème qui sera repris dans le récit au prochain tableau.

Tableau 8

En ce moment, Emilie synthétise les contenus qu'elle a exprimés aux récits des tableaux antérieurs, dans un essai de conclusion. Donc, l'histoire commence avec un refus, de la part de l'enfant, des valeurs et des traditions familiales. L'enfant exprime le désir d'opposition et de libération, même que ça signifie nier sa propre condition essentielle d'existence (son espèce). Ce désir n'est pas bien accueilli par sa famille qu'insiste qu'il doit être ce qu'il est vraiment et accepter sa condition d'appartenance à un milieu défini. De cette façon, la désobéissance et le refus sont punis (« Va dans ta chambre! »). Toutefois, l'enfant réussit à se libérer de l'incarcération imposée par la famille et échappe au monde, dans un essai d'appartenir à un autre milieu. Le déni de sa condition, pour autant, n'est pas bien reçu par les autres, qui trouvent bizarre ses essais d'être quelqu'un qu'il n'est pas. Rejeté par le nouveau milieu et nostalgique de l'affection de ses parents, l'enfant revient au foyer où il se sent accueilli et aimé. Donc, il décide de faire un compromis, à savoir, accepter des contraintes imposées, même à contrecœur, dès qu'il puisse garder son appartenance à la famille. Dans d'autres mots, quelque genre de répression est accepté, en échange de la protection, de l'affection et sécurité que la famille lui offre.

En conclusion, les récits d'Emilie aux tableaux du CAT-A révèlent qu'elle est une petite fille qui a réussi à accomplir les tâches d'intégration, de personnalisation et de réalisation requises par son développement émotionnel. En ce moment, elle se rencontre entre les étapes de dépendance relative et vers l'indépendance, où elle considère qu'elle a encore besoin de ses parents pour évoluer. La capacité créative qu'elle a démontrée tout au long de son récit dénonce un bon début de vie, dans lequel ses besoins d'illusion ont été remplis par la mère. Du point de vue de l'évolution psychosexuelle, elle peut être placée dans l'étape de latence, en se débattant avec le problème de l'acceptation des contraintes nécessaires pour la vie en société et le désir d'une plus grande liberté. Toutefois, du point de vue du développement du Self, la question des limites prend aussi une autre signification, à savoir, celle de la définition de son identité personnelle, tout en gardant ses similarités et son appartenance au groupe familial. Donc, elle est au milieu d'un processus d'intégration entre cette participation (ce qui implique l'acceptation des identifications avec ses parents) et ses propres particularités dans la constitution d'une identité unique. Encore que ces deux pôles puissent parfois être en conflit, Emilie commence à découvrir, qu'en vrai, ils sont nécessaires l'un pour l'autre. Dans d'autres mots, il faut accepter quelques répressions pour pouvoir être soi-même. De toute façon, il reste encore une certaine insatisfaction dans le processus d'adhésion aux traditions familiales (le singe assume les valeurs de la famille à contrecœur). Néanmoins, cette contrariété ne peut pas être considérée comme lui imposant des inhibitions dans le fonctionnement de sa personnalité. Au contraire, elle pourra être utilisée par Emilie comme un important combustible pour son évolution

comme une personne indépendante et pour sa contribution à un monde dont le mode de fonctionnement change de plus en plus vite.

Synthèse de la dyade Elis et Emilie

Les récits d'Elise et d'Emilie montrent que les deux sont dans un moment de leurs vies dans lequel le sujet principal consiste dans le même dilemme. Il s'agit du conflit entre, d'un côté, appartenir et accepter les valeurs et les traditions de la famille et, de l'autre, échapper des cadres imposés par ce groupe. Bien qu'on puisse considérer que ce processus s'agisse d'une reprise, de la part de la mère, d'un point de son propre développement émotionnel pour accompagner celui de sa fille, il semble être plus que ça. Donc, ce moment-là de la vie d'Elise, où elle faisait la transition de la période de dépendance relative vers celle de l'indépendance, semble avoir été fondamental pour l'évolution de son propre Self. En sorte qu'il a eu un effet important sur la personne qui elle est devenue.

Dans ce contexte, les expériences vers l'indépendance qu'Emilie commence à avoir d'une façon symbolique, ont été vécues concrètement par Elise dans la réalité: sa famille a été désintégrée à partir du décès de sa mère et de son admission au pensionnat. Donc, elle s'est ressentie coupée de sa vie familiale, ce qui a été dur pour elle et aussi pour son père qui, d'un coup, est devenu tout seul.

Encore qu'Elise cherche à mettre l'accent sur les bonnes choses que cette expérience lui a apporté, comme la plus grande liberté qu'elle a gagné et qui l'a permis de s'épanouir, la peur de la solitude et de la vulnérabilité sont devenu intenses. Cette condition maternelle est montrée plus par le récit d'Emilie que par celui d'Elise, dans ses histoires aux tableaux 2 et 4 du CAT-A (la maman qui ne sait pas se débrouiller toute seule, qui a du mal à accomplir sa mission et à protéger ses enfants). Cette situation psychique emmène Elise à chercher de plus en plus des liens fraternels (en plus du conjugal). Dans ces liens elle essaie de se conduire comme quelqu'un de très accessible, agréable et qui ne veut pas s'imposer aux autres. Cette condition lui pose, parfois, des difficultés pour mettre des limites à Emilie (à l'entraînement sportif, la mère a appelé la fille par deux fois, mais celle-ci ne l'a pas obéi).

Malgré ses difficultés, Elise reconnaît très bien l'importance de mettre limites à la petite fille. Donc, elle le fait, mais dans le contexte spécial de l'identification avec les valeurs et les traditions familiales. Les transgressions d'Emilie sont vues par Elise comme un refus de ce qu'elle peut lui apporter, ce qui la laisse blessée. Néanmoins, dû à sa propre histoire personnelle, elle reconnaît aussi l'importance du dépassement des limites (géographiques et émotionnelles) pour l'épanouissement d'Emilie. Donc, la solution trouvée est de les imposer (avec l'aide de son mari), mais d'une façon plus lointaine que celle qui a été éprouvée par des générations précédentes. C'est en laissant la fille aller plus loin qu'elle peut garantir le maintien de l'attachement familial de la part de celle-ci, ce qui soulagerait la solitude des deux dans le présent et le futur. Enfin, Elise cherche offrir à sa fille une structure bien organisée, qui lui permet de concilier le développement individuel différencié et l'appartenance.

À son tour, dû aux exigences de son propre développement, Emilie cherche, de plus en plus, son épanouissement, en envisageant la construction de son identité. Dans ce sens, elle s'engage dans des essais à se libérer du groupe familial, pas de façon concrète, mais plutôt par moyen de l'opposition et du rejet des idées et des orientations issues de lui. Dans ce contexte, elle cherche d'abord un épanouissement illimité, même s'il signifie la nécessité de nier ses propres origines. Toutefois, elle s'aperçoit que la souplesse excessive et l'absence totale de directions l'exposent aux dangers et la laissent perdue dans des infinies possibilités d'être. Cette perception, ajoutée au fort attachement amoureux qu'elle a vis-à-vis de sa famille, l'emmène à faire des concessions et à accepter un cadre d'épanouissement un peu plus strict. Ce cadre lui garantirait le maintien du lien familial et lui fournirait les références dans lesquelles elle puisse se bouger dans les processus de construction de son identité. Donc, bien que le conflit entre l'autonomie et l'appartenance continue à exister, Emilie est capable de comprendre la fonction des normes, des limites et des orientations pour l'exercice de l'autonomie. Ainsi, elle arrive à une solution de compromis, à savoir, être libre dans un cadre défini.

De cette façon, l'analyse des deux récits montre qu'Elise et Emilie, devant le même dilemme, partagent les mêmes valeurs et arrivent à la même solution. Évidemment, ça ne veut pas dire que les conflits n'aient pas lieu dans leur relation. En effet, ils sont nécessaires pour qu'Elise puisse découvrir, à chaque fois qu'elle met des limites à Emilie, où elle doit être souple et où elle ne doit pas accepter leur dépassement. À son tour, l'opposition d'Emilie apporte toujours des bénéfices pour le groupe familial, car elle permet l'accueil du nouveau et de l'inattendu, qui sont aussi valorisés par Elise. En synthèse, ce dessin de relation entre la dyade montre que les conflits qui y ont lieu se dégagent sous un fondement des valeurs et des sentiments communs entre mère et fille. En d'autres termes, la différence peut surgir entre les deux surtout parce qu'il y a un fort partage de similitudes. Cette situation permet de supposer que, dû la solidité du lien entre les deux, le management des conflits va se passer globalement bien.

Pour conclure, il est possible affirmer qu'Emilie a eu un bon début de vie, qui lui a permis de profiter des opportunités d'illusion dans sa relation avec Elise. En ce moment de son développement, elle reprend le problème de concilier sa façon personnelle d'être avec les exigences et les limites imposées par le monde extérieur. Pour autant, actuellement, ce problème est abordé dans le contexte d'une personnalité bien intégrée et plus mûre qu'avant. Emilie, qui a déjà atteint une solide capacité pour la transitionnalité, affronte le problème de son insertion dans le monde partagé et de ce qu'il lui permet, dans des termes d'expression, et ce qu'il lui exige, dans des termes de répression. Les caractéristiques personnelles de la mère et de la fille, aussi que la bonne qualité de leur relation, montrent qu'Emilie dispose d'un cadre très favorable pour le développement harmonieux du Self.

APÊNDICE AF - Dyade Rachel et Hannah

Identification

Rachel: 38 ans

Situation de famille: mariée

Niveau d'étude: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants: Samara (13 ans); Ezéchiél (10 ans); Hannah (7 ans)

Enfant étudié: Hannah

Ordre des entretiens: 1) Rachel

2) Hannah

Récit de Rachel

J'ai connu Rachel et Hannah par l'intermédiaire de Denise, une autre mère que j'avais déjà entretenu. Je lui ai téléphoné. C'était son mari qui a répondu, ce qui m'a laissée surprise, car Denise m'avait dit que Rachel était séparée. Au téléphone, il s'est présenté : il a dit qu'il s'appelait Louis et qu'il savait qui j'étais. Il a commencé à me parler en portugais. Il était un homme très sympathique et curieux par rapport au Brésil. Après avoir confirmé mon rendez-vous avec Rachel et Hannah, on s'est entendu pour que nous parlerions un peu plus en portugais le jour où je serais chez eux.

Le jour de mon rendez-vous avec Rachel et Hannah, il me reçoit très cordialement. On bavarde un peu tandis que Rachel résolvait quelques problèmes dans une autre pièce de la maison. Celle-ci est grande, avec une fenêtre un peu étroite. Les meubles étaient foncés. Louis me présente Hannah. Il fait du café pour nous et reste avec moi jusqu'à l'arrivée de son épouse.

Rachel est aussi une personne accessible et cordiale. Elle est grande, mince, avec la peau bronzée aux cheveux longs et frisés. Elle s'habille en toute simplicité. On bavarde quelques minutes dans la salle: elle, moi, Louis et Hannah.

Louis est très tendre avec Hannah; il l'embrasse et il lui fait des bisous. Toutefois, Hannah ne se montre pas tendre avec lui. Elle accepte ses câlins et, même si elle ne se montre pas tellement éloignée de lui, elle ne lui réattribue pas. Elle semble être ennuyée et qui n'avoir pas de plaisir dans les contacts avec d'autres personnes.

Dans le mur de la salle où nous sommes il y a beaucoup de photos d'elle, de son frère et de sa sœur, dans différentes périodes, collées sur un panneau. Après quelques minutes, Louis et Hannah sortent de la salle afin que Rachel et moi nous puissions converser plus tranquillement.

J'explique à Rachel les buts de ma recherche et les activités que nous allons faire, spécialement lui montrer les mêmes tableaux à elle ainsi qu'à Hannah, mais les demandes seront différentes pour chacune. Ensuite, je lui demande de parler un peu de son expérience comme mère

d'Hannah. Elle est plus à l'aise en ce moment, mais j'ai l'impression qu'elle est encore un peu distante de moi.

Rachel raconte qu'Hannah est son troisième enfant, donc différent du premier et du deuxième. Hannah est la petite dernière au sens où (elle hésite) elle est un enfant qui est un peu une princesse (elle rit) au bon et au mauvais sens du terme. Au bon sens parce qu'elle est adorable et très radieuse, mais aussi au mauvais sens, parce qu'elle est très autoritaire, très impérieuse, elle veut toujours qu'on l'obéisse. Donc son expérience de maternité avec Hannah c'est de beaucoup de bonheur. Elle dit que ça a été le bonheur comme cela a été avec tous ses enfants. Et en plus parce que Hannah est une petite fille. Rachel raconte qu'elle-même a eu beaucoup de chance, parce qu'elle voulait vraiment une petite fille. D'abord elle (Rachel) a voulu une petite fille et elle a eu une petite fille, et ensuite elle a voulu un garçon et elle a eu un garçon. Elle se corrige et dit : « J'ai un garçon ». Et, ensuite, elle a voulu une fille et elle l'a eu. Donc elle a eu énormément de chance.

Elle dit qu'Hannah est un peu la petite princesse qui est arrivée comme ça en dernier. C'est formidable (elle rit), que c'est une expérience très agréable, même si cela demande beaucoup de... (elle hésite) une certaine autorité au sens où Hannah a envie de régler son monde comment elle le voudrait. Elle (Hannah) est comme ça, très autoritaire, capricieuse, impérieuse, parce qu'elle est très gâtée, pas seulement par ses parents, mais aussi par son frère et sa sœur aînée qui lui donnent tout. Donc, même si elle leur dit : « Non, ça tu ne fais pas, tu ne peux pas faire ça », ils disent : « Pour la dernière, oui ». Rachel rit et dit qu'elle ne sait pas qu'est-ce qu'elle pourrait dire d'autre. Je lui demande l'âge de ses autres enfants et elle me raconte qu'elle a une fille de 13 ans et demi et un garçon de 10 ans et demi et Hannah a 7 ans. Elle finit de parler et je lui propose la présentation du CAT-A. Je lui montre le premier tableau.

Le CAT-A

Tableau 1

Elle sourit. Elle prend le tableau et me demande si je veux qu'elle parle de manière libre, et si je veux qu'elle dise ce qu'elle pense de l'image. Je lui réponds qu'elle peut parler tout ce qu'elle pense. Elle dit d'abord qu'ils sont trois petits poussins (elle rit). Elle dit que les deux choses qu'elle voit c'est d'abord la taille du bol ou du saladier, et l'importance de la nourriture, qui gagne en premier plan, comme quelque chose de fondamentale. Elle dit qu'elle croit que cela est en accord avec la fonction nourricière de la mère, qui est quelque chose de très importante. Elle répète que pour elle c'est très important, qu'elle n'a jamais rencontré de problèmes avec ça, parce que ses enfants ont toujours très bien mangé, presque trop en fait. Elle dit que chez elle c'est plutôt le problème inverse, c'est-à-dire qu'elle a plutôt dû les freiner. Elle raconte qu'elle a toujours beaucoup de plaisir à la nourriture, qu'elle même aime beaucoup manger. Donc, c'est important pour elle qu'ils (les enfants) aiment manger, qu'ils prennent du plaisir à manger et que ça c'est amusant. L'autre chose qui la frappe c'est le fait que la mère, (elle se corrige) la poule en référence, est très effacée, elle est vraiment

en arrière. (En ce moment, Rachel fait une petite pause et, après, elle commence à hésiter). Elle continue en disant que c'est une réalité que la mère s'efface aussi derrière ses enfants en partie, et en même temps, la mère occupe aussi beaucoup de place (elle rit). Donc, elle n'est pas dans une ... (Rachel parle d'une façon très lente à ce moment, en traînant les mots et ne complète pas la phrase) Elle reprend son discours et dit qu'elle n'a pas l'impression du tout de passer son temps à se sacrifier pour ses enfants, au sens où elle s'efface pour qu'ils soient heureux. Elle pense que si elle est heureuse, ils seront heureux aussi. (Elle parle plus bas en ce moment) Donc, elle ne se reconnaît pas dans une poule très effacée, elle se sent plus présente que ça. Elle arrête de parler et je lui demande si c'est tout. Elle dit que oui. Je prends le tableau et je lui présente le deuxième.

Tableau 2

Elle hésite un peu, rit et dit « Ça... » d'une façon lente et hésite à nouveau. (Rachel parle d'une façon hésitante comme si elle me posait une question) Elle dit: « Si les deux grands ours sont les deux parents... » et hésite une fois de plus. Elle dit que cela lui évoque deux choses. La première (le tableau) n'est pas du tout la façon dans laquelle elle se reconnaît, c'est à dire qu'il serait un parent d'un côté avec l'enfant et puis l'autre parent d'un autre côté dans un genre d'affrontement où chacun tire de son côté, de quelque chose où... (elle hésite beaucoup et ne complète pas la phrase). Elle dit que la deuxième chose c'est qu'en même temps, (ce qu'elle ne m'avait pas dit), c'est que son mari (Louis) n'est pas le père de ses enfants. Il est son nouveau mari. Elle raconte que le père de ses enfants est parti il y a trois ans. Donc (l'image) c'est un peu une situation qui pourrait ressembler à ça (de sa séparation). Rachel essaie de rire et dit que même si cela (la situation) n'est pas du tout vraiment ce qu'elle cherche... c'est plutôt autour de l'apaisement, et elle ne se reconnaît pas du tout dans cette représentation-là (sa phrase manque un peu de cohérence). Elle dit qu'elle ne sait pas très bien comment dire, mais en même temps, ça fait écho avec ce qu'elle avait dit tout à l'heure sur le fait qu'il y a beaucoup de mères qui prennent leurs enfants de leur côté et ne laissent pas le père participer à leur éducation. Elle pense que c'est un arrangement... (elle hésite) classique et d'une certaine manière, qui arrange pour tout le monde aussi dans le double sens, parce que parfois le père n'a pas trop la volonté de s'ennuyer. Elle dit que ce n'est pas complètement comme ça avec le père de ses enfants, même s'il y a des aspects. Toutefois, elle ne se reconnaît pas du tout dans cette situation.

Elle change de ton et retourne au tableau. Elle dit qu'elle ne voit pas les deux parents s'affronter et elle les voit vraiment comme quelque chose de très soudée, comme un couple. Elle dit que cela arrive en plus maintenant, parce qu'elle vit en couple avec un homme qui n'est pas le père de ses enfants; en tout cas, c'est très soudé (sa voix est basse et presque réfléchissante). Donc, elle ne sait pas, elle ne reconnaît pas en tout (dans le tableau) la manière dont elle vit, l'enfant d'un côté et de l'autre, non. Je lui dis que son mari me paraisse d'être très affectueux par rapport à Hannah. Elle dit oui, absolument, et qu'il a réussi à ça et c'est même impressionnant. Elle raconte que ça fait un an et demi qu'ils vivent ensemble et il a réussi à créer une relation très forte avec les trois et,

particulièrement avec Hannah, qu'il l'appelle "petit ours". Elle dit que les choses sont claires pour ses enfants à savoir que Louis n'est pas son père. Il ne veut pas prendre la place de son père. Elle raconte que ses enfants voient son père une ou deux fois par semaine, mais ils ont une relation très forte avec Louis (elle fait une respiration coupée). Elle raconte qu'il s'occupe beaucoup d'eux, mais, bien sûr, il y a aussi des tensions. Elle ajoute qu'il s'agit de tensions comme il y a avec les parents, mais ça se passe très bien chez elle. Elle sourit et me rend le tableau. Je lui présente le prochain.

Tableau 3

Elle me remercie, rit et dit « Dis donc ! ». Elle fait une pause de 12 secondes et dit que le tableau n'évoque rien pour la maternité, pas pour la question de la maternité ou les rapports familiaux (elle hésite et fait une pause de 10 secondes). Elle dit qu'elle ne voit pas, parce que c'est une figure d'un père un peu éloigné, il est dans son trône ou dans son fauteuil. Elle dit « Je ne sais pas, il y a une petite bestiole qui est dans son trou ? Je ne vois pas du tout ». Rachel rit et fait une pause de 12 secondes et dit « Je cherche, je ne vois pas du tout ». Elle s'arrête et je lui demande s'il ne vient pas à son esprit, quelque chose d'autre, même si ce n'est pas par rapport à la maternité. Elle dit que c'est une espèce de patriarche, de roi ou autres avec les (elle bégaie) attributs d'un homme d'esprit avec sa canne, d'un homme vieux. Elle dit que cela ne lui évoque rien de spécial, qu'il y a une petite bestiole qui la regarde là, comme si elle avait peur de sortir de son trou et d'être dévorée par le lion, mais non, elle ne voit pas. Elle dit qu'elle est désolée (de ne rien voir de plus) et me rend le tableau. Je la tranquillise et je lui montre le prochain.

Tableau 4

Elle prend le tableau et dit « Alors, un kangourou... Le kangourou... » et rit. Elle demande : « Ce n'est pas encore un âne, le dernier (tableau) ? » et rit. Elle explique qu'ils se donnent tous les noms des animaux dans sa famille et c'est pour ça qu'elle dit ça. Elle dit qu'elle se sent encore comme un âne, mais pas comme un kangourou, ce n'est pas du tout pareil (elle rit). Elle dit que c'est le kangourou avec son bébé dans la poche de son ventre, contre lui. C'est évidemment une image de la maternité. Elle dit que c'est la maman avec un petit kangourou et un moyen kangourou derrière avec son petit vélo. Le petit kangourou est dans sa poche. Elle dit que ce qui la frappe en fait, bizarrement, c'est le contraste entre la nature, (c'est plutôt une nature canadienne, tempérée avec des sapins) et le kangourou, qui est une bestiole d'Australie. Alors il y a un problème de cohérence entre le décor et l'animal, mais ça c'est parce qu'elle est géographe (elle rit). Elle continue : « Mais bon... mais à part ça, le kangourou, c'est bien sûr la maman qui garde son bébé longtemps avec elle, encore quand il est plus âgé, parce que la poche c'est le logement de la grossesse ». Elle dit que chez elle, comme chez beaucoup d'autres mères, on veut garder son bébé contre soi, mais en même temps, elle a très envie que ses enfants grandissent. Elle rit et dit que c'est aussi à cause de la quantité, parce qu'elle en a trois et c'est vrai que c'est lourd trois enfants au quotidien quand on travaille en plein temps. Elle raconte

que c'est difficile surtout parce qu'avant de rencontrer Louis, elle a passé un certain temps seule avec eux. Donc c'est vrai qu'elle voudrait qu'ils prennent l'autonomie, qu'ils grandissent, qu'elle n'est pas... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle sait qu'elle est assez câline, qu'elle aime faire des câlins avec ses enfants, mais elle veut aussi qu'ils prennent... (elle bégaye et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant qu'elle ne croit pas d'être très possessive (elle répète le mot « très » par trois fois). Après, elle hésite et se corrige en disant qu'elle est possessive, bien sûr, mais ... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue et dit qu'elle leur donne quand même pas mal d'autonomie. Ils vont à l'école tout seul, ils se débrouillent beaucoup seul parce qu'elle croit que c'est important qu'ils ne soient pas tout le temps contre elle, pour qu'ils deviennent autonomes. Rachel dit que, donc, elle est évidemment et certainement, un peu la maman kangourou et qu'elle pense que toutes les mamans le sont. Elle dit qu'elle espère, en tout cas, que ce soit comme ça, parce que pour leurs enfants, le contact physique est très important. Elle raconte que c'est vrai qu'elle les embrasse beaucoup, mais ... (petite pause), n'est pas son idéal, quand même, de garder ses enfants contre elle. Alors, elle aime qu'ils soient bien distants d'elle et bien différents d'elle. Elle répète que ses enfants sont très différents d'elle, à part les cheveux d'Hannah et les siens, qui se ressemblent. Rachel continue en disant qu'Hannah est son enfant qui lui ressemble le plus; à Ezéchiel, il la ressemble un petit peu mais pas beaucoup quand même (elle rit) et Samara, pas du tout. Elle dit que c'est vrai que cela aide aussi à la différenciation entre la mère et les enfants, qu'on se ressemble peu physiquement et elle aime bien qu'ils soient différents les uns des autres et différents d'elle-même. Elle dit que cette différence les met un peu à distance. Donc, elle est un petit peu kangourou, mais pas comme ça (elle rit). Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

Elle dit « Pas de quoi là ! » et rit. Elle dit : « Des singes ! Alors... ». Elle fait une pause de 18 secondes et dit ce qu'elle voit d'abord, c'est le portrait. C'est un portrait de famille, le portrait de famille (elle répète), donc la lignée dans la famille, parmi des différentes générations. Elle raconte que c'est une chose très importante pour elle, parce que (petite pause) elle a assez peu de famille. Elle raconte qu'elle est fille unique, donc elle n'a pas de frères ni de sœurs. Son père a une sœur et sa mère a aussi une sœur, mais elle a très peu de cousins. Alors elle n'a pas du tout une grande famille et elle n'a pas du tout connu ses grands-pères. Elle raconte qu'elle a connu ses grands-mères, mais pas ses grands-pères, et que la transmission de génération à génération est une chose très importante pour elle. En même temps, elle a fait trois enfants, elle n'a pas fait volontairement comme sa mère, c'est-à-dire qu'elle ne voulait pas du tout faire un fils unique ou une fille unique. Elle dit qu'elle ne peut pas dire qu'elle a souffert d'être fille unique quand elle était petite, mais maintenant c'est sûr, elle regrette beaucoup de n'avoir pas de frères et sœurs. Donc, quand sa première fille est née, elle s'est dit : « Bah, je suis comme ma mère, j'ai fait une fille, mais tout de suite après, il faut faire un autre ». Elle dit que quand son fils est né, la première chose qu'elle a dit à sa mère, quand celle-ci est venue la voir à la

maternité, a été : « Tu vois, maman, je ne suis plus comme toi, j'ai deux enfants. » Et Hannah, c'est elle qui a le même groupe sanguin et, en même temps, c'est elle qui lui ressemble plus physiquement.

Elle dit que quand Hannah était très petite, elle lui ressemblait quand même. Les cheveux étaient très bouclés (elle me montre un portrait avec une photo d'Hannah quand celle-ci était petite). Donc ses parents lui disaient beaucoup: « Ah, parce qu'elle te ressemble quand tu étais petite ». Elle dit que, c'est vrai que quand on se reconnaît à sa propre fille, c'est très plaisant, c'est évident, même si maintenant elle est ravie qu'elle (Hannah) ne lui ressemble pas (elle rit). Donc, ça c'est la première chose qu'elle voit (au tableau).

Elle dit que par rapport au reste, (elle fait une pause) c'est la mère qui a son petit. Rachel essaie de dire que la mère à l'air de lui faire quelque chose, mais ensuite dit qu'elle ne sait pas ce qu'elle fait, parce qu'elle lui montre quelque chose ou elle commande gentiment. Elle dit qu'elle n'arrive pas à savoir si le doigt (du singe illustré dans le tableau, qu'elle a représenté comme la mère) lui montre quelque chose (au petit) et, en même temps, elle le pousse un peu avec sa main comme si elle voulait l'emmener quelque part. Donc, à son avis c'est comme si elle (la mère singe) lui fait faire un peu: « Bon, maintenant tu as compris... ». Elle dit qu'elle dirait que les deux (singes), qui sont derrière, représentent les gens qui parlent sur la relation qu'on a avec ses propres enfants. Ils ont l'air de parler un peu en secret et ils ont l'air de se raconter des choses que la mère ne doit pas entendre, et qui disent toujours comment il faut faire: « Elle ne fait pas comme il faudrait, etc.... ». Je l'interroge : « Comme s'ils la jugeaient ? » Elle rit et continue en disant que oui, « Ils jugent en disant 'Elle ne fait pas comme il faudrait.' » Rachel raconte qu'elle-même l'a fait avec des amies et qu'on a toujours tendance à vouloir juger la manière que les autres élèvent leurs propres enfants. Elle dit que pour l'avoir vécue quelque fois, c'est extrêmement désagréable, que c'est une chose qui fragilise énormément, et qui blesse beaucoup. (Elle fait une petite pause) Elle raconte qu'elle a vécue ça une ou deux fois et c'est jamais très agréable. Elle ajoute que ça ne l'a jamais été une chose traumatique, mais c'est vrai que c'est jamais une chose très agréable. Elle dit que pour elle c'est un peu le rôle de la belle-sœur, de la belle-mère, qui est derrière. Elle dit qu'elle n'a pas de frères et sœurs, alors elle n'a pas beaucoup de belles sœurs, mais ça pourrait être aussi des amies.

Elle fait une petite pause et, après, elle raconte qu'elle a vécu ça avec son ex-belle-mère, la mère du père de ses enfants (elle explique comme si ce n'était pas évident). Elle ajoute que cette situation est classique. Bien qu'elle s'entend relativement bien avec son ex-belle-mère et qu'elle s'est relativement bien entendue (par elle) tout ce temps-là (où elle était marié), son ex-belle-mère lui disait : « Tu devrais faire si, tu devrais faire ça, tu ne fais pas comme si ou comme ça ». Rachel raconte qu'on dirait qu'elle a été sauvée, entre guillemets, psychologiquement, par un médecin qui lui disait que c'était elle (Rachel) qui savait le mieux de ce qui convenait pour ses enfants. Alors, quand elle (Rachel) a décidé de faire ça, c'est ce qu'elle a pensé que c'est le mieux. Elle dit que donc, il faut que vous fassiez les choses que vous pensez ou que vous voulez faire. Elle dit que c'est un peu comme ça qu'elle voit (le tableau), c'est la mère qui finalement est assez sûre d'elle et qui dit à son enfant :

« Fais-ci, fais-ça, ou va-là ». Elle dit qu'elle ne sait pas exactement qu'est-ce que la mère dit et que, finalement, elle s'en fiche un petit peu.

Elle continue en disant qu'à la fois, le portrait et les deux personnages, c'est un peu les autres; les autres, ceux qui regardent la mère et la manière dont elle se comporte, comment elle élève ses enfants. Je lui demande si ce qu'elle voulait dire c'est que la mère est sûre de ce qu'elle fait, mais qu'il y a les autres qui la dérangent un peu. Elle répond que ce n'est pas qu'ils la dérangent, parce qu'elle sait qu'ils sont là, elle sait qu'ils parlent d'elle, mais elle croit que ça n'a pas un air de la mettre beaucoup en danger, parce qu'elle a l'air d'être assez indifférente. Elle dit qu'on n'a pas l'impression qu'elle (la mère) a une oreille ou un œil qui regarde derrière, en disant ; « Qu'est-ce qu'ils sont en train de dire ? » Elle répète qu'elle a l'impression qu'elle (le singe mère) est assez indifférente à ce qui se peut dire d'elle ou derrière elle. Cela n'a pas l'air d'avoir beaucoup d'impact sur elle. Elle rit et me rend le tableau. Je lui demande si c'est tout et elle dit que oui. Je lui demande s'il y a quelque chose d'autres qu'elle voulait me dire. Elle dit que non, qu'elle s'est rendu compte de tout ça dans cette image.

Après qu'on est terminé, je lui demande sa formation. Elle raconte qu'elle est historienne, mais géographe de formation; elle est géographe mais elle a fait de l'Histoire. Toutefois, elle a fait beaucoup de Géographie dans ses études. Je lui demande si elle est née en France et elle dit que oui et que toute sa famille d'origine habite à Paris. Elle raconte qu'elle a toujours habité à Paris, jusqu'à 27 ans, quand elle est venue à Lille. Elle raconte que, tandis que sa mère habite à Paris, son père habite à X, en Suisse. Ils se sont séparés, dès qu'elle avait un an. Elle dit qu'elle n'a jamais eu ses parents ensemble, qu'elle ne se souvient pas. Je lui demande si elle ne se sent pas seule et elle dit que non, parce que ... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle dit qu'à Lille elle pense que c'est assez spécifique du nord, mais d'abord les gens font beaucoup d'enfants. C'est la région la plus jeune de France, c'est la région où les gens font plus d'enfants. Il y a beaucoup de gens avec des grandes familles et les gens s'entraident énormément. Alors, elle a beaucoup d'amies qu'elle a rencontrée par les enfants, par l'école, par la crèche. En fait, quand ses enfants étaient petits, elle avait des problèmes de garde ; quand ils étaient malades et elle ne pouvait pas travailler, elle a reçu beaucoup d'aide. Donc, ils s'aidaient beaucoup entre parents. Alors, très souvent elle avait plus que trois enfants chez elle et, de la même façon, les siens étaient très souvent repartis chez les autres. Elle dit qu'encore aujourd'hui, quand on doit sortir, ils vont dormir chez des amis. Donc, il y avait une entraide très importante entre amis. Elle dit que c'est vrai qu'elle n'a pas sa famille pour l'aider, ni sa belle-famille (les parents de son ex-mari n'habitent pas à Lille). Néanmoins, Paris n'est pas loin du tout, c'est une heure par train et c'est possible aussi d'y venir, mais ils ne l'ont pas beaucoup fait. Donc, elle se fait vraiment aider par les amis. Ainsi, elle n'a pas l'impression d'avoir été seule dans la manière d'élever ses enfants au quotidien. Elle dit que d'abord ça a été dure et, bien sûr, il y avait vraiment des couples d'amis qui fonctionnent beaucoup comme ça: on les emmène en vacances et, les vacances d'après, ce sont ses enfants qui partent avec les autres. Alors, il y a beaucoup de solidarité et ça c'est important.

Elle arrête de parler et je lui demande si elle voudrait ajouter quelque chose. Elle pense et dit : « J'adore mes enfants » et on rit. Elle dit qu'elle ne sait pas si elle a pu m'aider, parce qu'elle n'avait pas parlé particulièrement d'Hannah. Elle dit qu'après, elle pourrait répondre à des questions particulièrement concernant Hannah et sa relation avec elle. Elle dit que c'est vrai qu'elle (Rachel) a un rapport tout à fait différent avec les trois, parce qu'ils n'ont pas le même âge. En plus, ils sont deux filles et un garçon et ils sont arrivés dans des moments spéciaux dans sa vie. Elle ajoute que, globalement, elle voulait **des** (elle met l'accent sur ce mot) enfants, elle a eu **des** enfants et ça la rend très heureuse. Elle dit qu'elle ne sait pas si ce qui elle avait dit convenait à ma recherche. Je lui réponds que son entretien a été très bon. Je lui remercie pour son aide et on finit l'entretien.

Pendant notre contact, la manière dont Rachel a parlé d'Hannah m'a donné l'impression de que la petite fille occupe une position d'adoration par rapport au reste de la famille, pour être une fille et pour être la cadette. En plus, Rachel a parlé comme si Hannah était sa dernière opportunité d'être mère d'un petit enfant, bien qu'elle soit encore jeune (38 ans) et qu'elle puisse avoir d'autres enfants si elle veut.

À la fin de notre entretien, je lui demande la raison de son prénom et de la décision de celui d'Hannah, parce qu'ils sont tous les deux juifs. Rachel raconte que les prénoms de tous ses enfants sont juifs, car ses propres parents étaient juifs. Donc, elle a préservé les mœurs des prénoms, bien qu'elle ne suive pas les traditions, ni vit comme une juive.

Interprétation Rachel

L'entretien de Rachel révèle qu'elle est une femme dévouée à sa fonction maternelle, qui se débat avec le conflit entre la préservation de l'appartenance familiale et l'acquisition de l'autonomie et de la liberté personnelle. Ce dilemme est vécu soit par rapport à soi et à ses expériences avec la famille d'origine, soit par rapport à ses enfants et sa famille (re) constituée. Ainsi, la naissance de Hannah semble avoir eu une double signification. D'un côté, elle lui permet de vivre un peu plus la relation d'un grand attachement qu'elle sent qu'elle perd à cause de la croissance de ses deux enfants aînés et, de l'autre, elle renforce sa différence par rapport à sa propre mère qui n'a eu qu'une seule fille. De cette façon, Hannah est décrite par Rachel comme « sa petite dernière », à savoir, la fille cadette qui a beaucoup de privilèges par rapport à ses autres enfants qui n'ont pas.

Pour ainsi dire, la définition de la petite fille est comme une enfant gâtée, qui veut régler le monde selon sa propre volonté. Ce portrait démontre une certaine persistance de l'expérience d'illusion, qu'à ce moment semble plus nécessaire pour Rachel que pour Hannah. De cette manière la première persiste (avec l'appui de toute la famille) en laissant le monde être créé par la deuxième, en dépit de ses perceptions de qu'il faut la désillusionner par moyen de l'imposition des limites. En bref, il semble que Rachel sent qu'elle perd un peu sa fonction maternelle à l'occasion de l'entrée de ses enfants dans l'adolescence. Cette interprétation est fondée par la correction partielle qu'elle fait à son

récit, quand elle décrit sa famille: elle dit qu'avant la naissance de Hannah, elle a eu une fille et un garçon et, après elle dit qu'elle a eu un garçon (mais pas une fille).

Ainsi, le récit de Rachel de que son expérience comme mère de Hannah est différente de celle qui concerne ses autres enfants (à cause de sa position dans l'ordre des naissances) et plein de signification. Dans ce sens, cette expérience lui permet de dramatiser les deux pôles de son conflit: l'attachement illusoire (assimilé à la préservation de la tradition) et la nécessité de l'indépendance, pour que la tradition n'enterre pas le Self individuel et la possibilité de changement qu'il apporte. L'interprétation des récits de Rachel aux tableaux du CAT montre ce souci d'une façon plus détaillée.

Tableau 1

En ce moment, Rachel démontre déjà son dilemme décrit ci-dessus. De cette façon, après son identification immédiate avec la situation, elle met l'accent sur la taille du saladier, à savoir, la fonction nourricière de la mère et son grand dévouement vers ses enfants. Donc, elle rapporte l'importance qu'elle attribue à cette expérience primordiale, qu'à son avis, elle remplit très bien et avec plaisir (aucun de ses enfants ont eu des problèmes par rapport à ça). Toutefois, elle est gênée par la différence des plans, qui laisse la mère éloigner de ses enfants et derrière eux. Cette différence semble acquérir une signification de séparation, pas seulement physique, mais surtout psychique. En sorte qu'elle implique aussi la distinction des désirs et des volontés entre enfants et de la mère, terrain sur lequel les conflits pourraient germer. Donc, bien que la séparation physique puisse être acceptée, les différences d'intérêt sont refusées: le bonheur d'un doit être le bonheur de l'autre.

Tableau 2

Le thème du conflit interpersonnel persiste, mais concerne, en ce moment, le couple parental. La réticence de Rachel à raconter que sa famille était recomposée et l'accent sur le lien que Louis a créé avec ses enfants, suggère un essai d'oublier son mariage précédent aussi que les conflits et les souffrances de la séparation. Il semble avoir un certain sentiment d'échec et de culpabilité rapportés au premier mariage et une crainte des effets du divorce sur ses enfants. De cette façon, Rachel essaie de nier cet événement, en mettant son actuel mari à la place du précédent. Néanmoins, elle s'aperçoit qu'il n'est pas possible d'effacer cette période de sa vie. Cette constatation et la perception que le contact avec le père biologique est important pour ses enfants laisse Rachel dans une position d'ambivalence par rapport à lui. Toute cette situation suggère que Rachel a du mal à se situer dans une famille recomposée, ainsi qu'à définir sa position vis-à-vis de son mari et à son ex-mari. Ainsi, elle cherche à que sa nouvelle famille simule l'arrangement traditionnel.

Tableau 3

En ce moment Rachel continue le thème du rôle de la figure masculine dans la famille, et semble avoir des difficultés à le définir. Son récit démontre qu'à son avis le dégageement du maternage

est détaché de la fonction paternelle. Donc, la figure masculine n'aurait aucune influence sur la relation mère/enfant. Au contraire, le père, ou le patriarche, est vu comme quelqu'un de distant, qui est inaccessible et fait peur. Cette vision de la figure masculine semble avoir des racines dans les expériences réelles vécues par Rachel. Comme elle racontera après, elle n'a jamais vu ses parents ensemble dû à leur divorce quand elle était encore un bébé. En plus, à sa vie d'adulte, elle-même a vécu un divorce. Donc, il semble que la fonction paternelle reste indéfinie pour elle, ce qui peut expliquer un certain désir qu'elle présente, d'éloigner son premier mari de sa famille actuelle.

Tableau 4

En ce moment, le thème de l'importance de la figure masculine dans l'expérience de la maternité revient, mais d'une façon tangentielle et discrète. Bien que l'absence de l'homme emmène Rachel à considérer le tableau comme une vraie expression de la maternité, au long de son récit elle assume que l'entrée de son deuxième mari dans sa vie a facilité son dévouement aux enfants. Cependant, cette perception n'a pas été l'objet d'approfondissement. Par contre, le dilemme entre le maintien de l'attachement symbiotique des enfants et leur impulsion à l'indépendance prend la première place. Donc, Rachel montre son conflit entre ces deux pôles: le désir que ses enfants soient comme elle, dans un attachement qui prolonge l'expérience de l'illusion, et sa volonté qu'ils s'épanouissent avec toute la force de leur propre individualité. Toutefois, il semble qu'il faut faire un certain effort pour les laisser grandir, dû la douleur de la désillusion et de la séparation.

Tableau 8

Le thème précédent concernant le conflit entre l'illusion et l'indépendance ressurgit dans ce moment, mais d'une façon plus élargie. Donc, la question se pose entre le maintien de la tradition et la recherche de l'autonomie. D'un côté, la garde des conventions garantit l'assurance aussi qu'une sensation d'appartenance et de continuité que Rachel, qui a une famille si petite, veut préserver. De l'autre côté, l'autonomie, malgré l'insécurité qui l'accompagne, est nécessaire pour la survivance personnelle. En dépit de la solitude et de la perte de soutien que l'autonomie provoque, c'est ce que Rachel choisit. Pour avoir vécu, elle-même, devant son ex-belle famille, la sensation d'emprisonnement que l'obligation de suivre des règles et des normes strictes impose, Rachel comprend qu'il faut aussi favoriser l'indépendance de ses propres enfants. En plus, de ce qui se faisait avant, n'est pas forcément fonctionnel à notre époque. Toutefois, ces constatations ne la soulagent pas complètement et elle continue à chercher un moyen de concilier la tradition familiale et l'indépendance.

Après avoir rendu le tableau, Rachel continue ses associations par rapport à ce dilemme. Dans ce contexte, l'absence de frères et de sœurs est plus fortement sentie. Cela arrive parce qu'ils pourraient l'aider à préserver la sensation d'appartenance et, en même temps, à faire les adaptations nécessaires de la tradition pour l'ajuster au monde actuel et à son individualité. Il faut aussi considérer

que la difficulté de Rachel pour comprendre le rôle du père dans la relation mère-enfant exige qu'elle opère des efforts supplémentaires dans la tâche de promouvoir l'autonomie de ses enfants. Donc, dépourvue de l'appui de la figure paternelle, c'est à elle, toute seule, la charge du détachement. Comment il a été dit au début de cette analyse, la solution que Rachel a trouvée pour son conflit est d'avoir des nouveaux enfants, quand les plus âgés rentrent dans une période de développement où le besoin d'autonomie s'impose. Donc, son expérience avec Hannah, la dernière, a comme caractéristique l'essai de la préserver comme « la petite » aussi longtemps que possible, bien que Rachel sache que cela ne sera pas une condition éternelle.

Récit de Hannah

J'avais connu Hannah quelques minutes avant notre rencontre par la passation du CAT-A, quand j'attendais Rachel à la salle de sa maison avec son mari et la petite fille. Elle a des cheveux bouclés comme ceux de sa mère, mais elle est blonde, tandis que Rachel est brune. Elle semble être légèrement au-dessus de son poids. En dépit du récit de Rachel que Hannah lui ressemblait, cela ce n'est pas mon impression: à part les cheveux, il n'y a pas beaucoup de ressemblance physique.

Son beau-père est très tendre avec la fille: il l'embrasse et lui fait beaucoup de bisous. Par contre, Hannah est un peu fermée: elle accepte ses câlins, mais ne les rétribue pas. Elle semble quand même être un peu ennuyée.

Je m'assieds à son côté et je lui explique quelles seront nos activités. Je lui demande si elle aime les animaux et elle dit que oui. Je commence, alors à lui montrer les figures. À partir de ce moment-là, le contact avec elle devient difficile: en plus de fermée, elle est peu spontanée. Elle a quelques difficultés pour imaginer des histoires, bien qu'elle ne puisse pas être décrite comme un enfant timide. Son approche des tableaux est parfois très rationnelle: elle examine les dessins longtemps et parfois critique sa proportion. À partir du tableau 2, elle commence à regarder mon MP-3, non pas pour se sentir déranger à cause de l'enregistrement, mais pour être curieuse par rapport au temps qu'elle prend pour chaque histoire.

Dû à la difficulté de la fille à raconter des histoires, j'essaie d'être la plus douce et amicale possible pour qu'elle se sente à l'aise. Je me sens obligé de faire beaucoup d'interventions pendant la passation du CAT pour qu'elle réussisse à raconter une histoire. Avec mon aide, elle est capable d'atteindre à une certaine élaboration, mais encore un peu précaire. Elle passe des longues périodes de temps en regardant les tableaux d'une façon silencieuse, sans montrer qu'elle faisait des efforts pour inventer des histoires ni qu'elle avait désisté de la tâche. Hannah semble osciller entre une position d'identification avec les personnages du tableau et l'autre d'une spectatrice critique de ce qu'elle voit dans les dessins. Le déroulement de la passation du CAT-A est décrit à la suite.

Le CAT-A

Tableau 1

Elle prend le tableau et reste silencieuse pendant 13 secondes. Après, elle parle: « Je ne sais pas quoi dire. (Elle reste silencieuse 30 secondes) [Qu'est-ce que tu peux me dire sur ce tableau ?]

(Elle reste silencieuse 27 secondes). [Tu peux inventer ce que tu veux, n'importe quoi.] (Silence de 17 secondes). Je ne sais pas quoi dire. [Tu peux commencer pour me dire de quoi il s'agit le tableau] (Silence de 20 secondes). [Qu'est-ce que les animaux sont en train de faire ?] Ben... de manger ... il y a la maman qui les regarde. (Silence de 8 secondes). Je ne sais pas ce qu'ils mangent. (Silence de 30 secondes). [Qu'est-ce que tu crois qu'ils pensent ?] (Silence de 26 secondes). Ils regardent tous le plat... même la maman. Ils regardent la maman. (Silence de 13 secondes). [Qu'est-ce que tu penses qui va se passer ?] (Silence de 30 secondes) [Tu crois qu'ils vont manger ou pas ?]. (Elle réfléchit longuement et reste silencieuse pendant 75 secondes). [Est-ce que tu veux voir le tableau suivant ou tu préfères regarder ceci un peu plus ? Tu peux dire tout ce qu'il vient dans ton esprit...] (Silence de 30 secondes). [Tu veux voir le tableau suivant ?] Oui ». Elle me rend le tableau et je lui montre le deuxième.

Tableau 2

Elle dit tout de suite : « On dirait qu'ils se battent pour la corde. (Silence de 15 secondes) [Qui sont-ils ?] Des ours. [Tu crois qu'ils se connaissent ou pas ?] Oui [Et qu'est-ce qu'ils sont ? Ils sont des amis, ils sont de la même famille...] (Elle réfléchit longuement et reste silencieuse pendant 20 secondes) On n'a pas l'air que c'est des amis. (Silence de 18 secondes). [Qu'est-ce qu'il peut arriver dans l'histoire ?] Peut être qu'il y a un autre petit ours va arriver là. Pour aider celui-là (Elle montre l'ours qui est seul). [Alors il y aura un petit ours qui va aider cet ours qui est tout seul. Et après ?] C'est pratiquement sûr qu'ils vont gagner parce qu'ils sont deux contre un. (Silence de 20 secondes) Il a une oreille là (Elle montre le dessin et reste à nouveau silencieuse pendant 60 secondes). Et celui-ci est plus grand que ceux-ci (Elle montre l'ours qui est seul comme en étant le plus grand. Après elle reste silencieuse pendant 20 secondes). C'est fini. » (Elle me rend le tableau, regarde mon MP-3 et dit, en remarquant son enregistrement : « 11 minutes 29 ». Je prends le tableau et je lui montre le troisième.

Tableau 3

Après 10 secondes de silence, elle dit : « Ça c'est un lion géant et là c'est une toute petite souris. C'est le roi de la forêt, c'est un vieux papi. Elle est longue sa crinière... jusqu'à là, plus que la moitié de son corps. (Elle parle comme si elle faisait une critique à cause du manque de proportion du dessin) On dirait que c'est une tête d'homme et un corps d'animal. [Qu'est-ce que tu penses qu'il est en train de faire ?] Il est en train de regarder le paysage. [Comment ce qu'il ressent ?] (Elle réfléchit longuement et reste silencieuse pendant 30 secondes.) [Tu crois qu'il se sent bien ou si il se sent mal...] Ben... bien. (Silence de 16 secondes) On dirait qu'il est plutôt drôle, surtout avec sa pipe. Sa

queue non plus, n'est pas proportionnelle. (Silence de 20 secondes) [Et la petite souris, elle va faire quelque chose...] On dirait qu'elle va monter sur lui. [Oui ? Et le lion ? Qu'est-ce qu'il pense de ça ?] (Elle pense et reste silencieuse pendant 30 secondes). Normalement il va sauter sur elle parce que souvent les lions sautent sur les souris. (Elle reste silencieuse pendant 28 secondes) ». Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 4

Elle prend le tableau et sourit. Après 20 secondes je lui demande si elle a aimé et elle répond « Oui » et commence son histoire. « On dirait que lui, il est plus petit, enfin, lui, il est plus petit, parce qu'il est encore dans la poche, alors que lui il est debout... On dirait qu'ils vont faire le marché, avec son petit panier. C'est quoi ça ? (Elle montre le ballon). [Qu'est-ce que tu penses que cela peut être ?] (Elle réfléchit pendant 10 secondes). On dirait que c'est un jouet. [Un ballon...] Oui. [Silence de 20 secondes]. [Et après, qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver, s'ils vont faire le marché...] Il y a quelqu'un qui va arriver et va les embêter, parce que la maman a l'air fâché, de ne pas trop se sentir à l'aise. (Silence de 22 secondes) On dirait qu'il va pleuvoir. (Silence de 36 secondes). C'est quoi ça ? (Elle montre l'arbre). [C'est un arbre, non ? Au loin...] Oui (Silence de 10 secondes). On dirait qu'il y a un animal qui va venir là... on dirait que c'est un chien (Silence de 10 secondes) Il y a une grande roue et une petite roue (Elle montre le dessin du vélo et reste silencieuse pendant 20 secondes) ». Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier. Elle regarde l'enregistrement du MP-3 et dit : « 20 minutes 39 ».

Tableau 8

Elle prend le tableau et commence à parler tout de suite : « On dirait qu'ils se moquent lui. [Qui se moque de qui ?] (Elle montre le petit singe) [Ah, ils se moquent du petit singe...] Oui. La grand-mère... On dirait que la maman lui dit d'aller à sa douche (Silence de 10 secondes) On dirait qu'ils sont à une fête parce qu'elle a des boucles d'oreilles et qu'elle ou lui a une petite fleur dans les cheveux. C'est des fleurs ? Alors, peut-être qu'ils se moquent de lui... Ah, non, c'est des pâtes. (Elle parle très bas en ce moment, d'une façon presque incompréhensible). [Pourquoi ils se moquent de lui ?] (Elle réfléchit très longuement, en restant silencieuse pendant 1 minute et 48 secondes). Peut-être parce que c'est le plus petit. [Peut-être parce qu'il ne sait pas encore faire les choses comme les grands ?] Oui. On dirait qu'ils prennent l'apéro... les deux. (Silence de 45 secondes). On dirait que la maman montre quelque chose... il y a une porte dessinée on dirait (Elle parle très bas en ce moment et après il y a un silence de 1 minute et 20 secondes). [Est-ce que tu veux dire quelque chose de plus ?] Non ». Elle me rend le tableau, regarde mon MP-3 et dit : « 27 minutes 12 ». Je la remercie et on finit l'entretien.

Interprétation Hannah

Le contact avec Hannah a été un peu difficile, dû au manque de fluidité de son discours et de sa caractéristique d'être un enfant un peu fermé. Néanmoins, le récit montre avec beaucoup de clarté le processus par lequel cette petite fille essaie, en ce moment, de faire l'introjection des objets et atteindre la capacité pour la symbolisation. Dans des termes dynamiques, ce processus se dégage à côté de celui de l'élaboration de la séparation de la mère, propre du stage de dépendance relative, avec toutes ses angoisses particulières. Donc, dans des termes généraux, Hannah s'agit d'une petite fille qui se développe relativement bien dans son environnement familial et qui a réussi à accomplir les tâches d'intégration, de personnalisation et de réalisation. Autrement dit, elle est déjà capable de voir soi-même comme en ayant une existence indépendante de la mère, ce qui signifie avoir un corps propre et séparé de celle-ci. Elle semble encore être déjà capable d'envisager les qualités objectives du monde. Toutefois, en ce moment de l'évolution du Self, elle semble reprendre ces tâches, mais d'une façon plus mûre que celle du début de sa vie.

Dans ce contexte, elle se débat avec le problème de remplir l'espace entre soi-même et la mère. De sorte, elle montre une oscillation entre l'enfermement dans le narcissisme et l'appréhension des caractéristiques du monde réel, sans cependant être encore capable d'une intégration entre les deux. Cette condition est responsable pour les oscillations de la capacité pour faire semblant de la fille, qui parfois marche bien, parfois ne marche pas. Ces alternances expliquent le manque de fluidité de ses histoires. Des détails de ce processus apparaissent d'une façon plus explicite dans ses récits à chaque tableau du CAT-A.

Tableau 1

La présentation de ce premier tableau semble avoir eu un effet intense dans la petite fille. Dans ce sens, à part un certain négativisme de la partie de Hannah, il semble avoir eu un type de perturbation qui lui a posé des difficultés par rapport à l'élaboration d'un récit plus fluide. Toutefois, ce bouleversement n'a pas suffi à désorganiser la petite fille. Ce tableau semble avoir adressé Hannah à la problématique principale avec laquelle elle se débat: la relation des enfants avec une mère qui n'est pas très proche, mais éloignée d'eux, à savoir, la question de la dépendance relative. Hannah montre, dans son récit, qu'elle se trouve dans un moment de son développement où la symbolisation n'est pas entièrement établie. Donc, la mère ne peut pas encore être symbolisée complètement par la nourriture des enfants. Dans ce sens, ceux-ci regardent soit leur maman, soit leur plat, dans un essai de les associer. Il n'y a pas un fort investissement affectif de l'objet secondaire comme représentant de la figure maternelle (elle ne sait pas qu'est-ce qu'ils mangent ou même s'ils vont manger ou pas). Ainsi, la figure concrète de la mère et ses fonctions sont encore inséparables.

Tableau 2

Dans ce tableau, l'oscillation de la capacité symbolique de la fille persiste. Ainsi, en quelques moments elle est capable de faire des histoires (*On dirait qu'ils se battent pour la corde*), mais, ensuite elle reste attachée à la réalité concrète (À ma question « Qui sont-ils ? », elle répond simplement « *Des ours* »). Quand même, Hannah continue avec le thème de la séparation, en montrant, pour la première fois, les angoisses qui lui sont liées. Dans ces termes, elle remarque que la situation de dispute illustrée dans le tableau n'est pas équilibrée, vu qu'il s'agit de deux contre un. Donc, elle remarque que quand on est deux, on est plus fort et l'affrontement des difficultés de la vie est plus facile. En revanche, quand on est seul, il y a une certaine insécurité et faiblesse. Dans ce sens, si on est seul, il faut compenser la solitude par la force et la croissance. Toutefois, ce n'est pas sûr si cette compensation est possible. L'angoisse liée à la perception de la propre solitude et de la fragilité emmène Hannah à sortir du pôle du narcissisme, qui qualifiait la relation symbiotique avec la mère, pour se diriger à un attachement à la réalité. Donc, à partir de ce moment elle commence à montrer des préoccupations avec les qualités objectives du monde physique, comme la taille, la proportion, l'équilibre, le temps, dont les bases seront montrées dans son récit au tableau suivant.

Tableau 3

Le récit de Hannah montre que les bases de son intérêt par rapport aux caractéristiques du monde objectif, particulièrement la taille, semblent reposer sur l'interrogation de sa condition d'enfant vis-à-vis des adultes. De cette façon, elle semble s'apercevoir que, bien qu'elle ne soit plus un petit bébé, elle n'est pas un adulte non plus. Donc, son récit commence par la contraposition entre le lion géant et la toute petite souris. La question de voir soi-même comme une taille intermédiaire, n'est pas encore résolue, d'où sa sensibilité par rapport à la proportion (ou son absence) dans le corps de l'animal. Dû à l'incapacité de faire une intégration d'éléments, elle opère, du point de vue perceptif, par la juxtaposition: la crinière est trop longue pour le corps, c'est le corps d'un animal et la tête d'un homme. Cette dernière remarque montre aussi la difficulté de la fille par rapport au faire semblant, ce qui l'empêche de résoudre le problème par moyen de l'anthropomorphisation. Dans d'autres mots, la juxtaposition n'a pas encore laissé la place par l'intégration, soit corporelle, ou soit entre les réalités objectives et subjectives. Dans ce sens, il y a encore une division nette entre le monde des adultes et le monde des enfants. Ainsi, les premiers sont vus comme tous puissants, capables de "dévorer" les deuxièmes, qui sont très fragiles. En ayant du mal à savoir sa propre taille, Hannah oscille dans l'identification avec le petit enfant et l'adulte.

Tableau 4

La présentation de ce tableau fait beaucoup de plaisir à Hannah, vu qu'elle la remet à l'ancienne situation de l'union agréable (physique et psychique) avec la mère. Néanmoins, la perception du petit kangourou aîné l'adresse remet immédiatement au problème de la séparation. De

cette manière, la relation avec la mère est perturbée par un élément imprévu, à savoir, l'arrivée d'une troisième personne: l'animal qui vient de la forêt, le chien. Le troisième s'agit de quelqu'un qui vient de loin et qui ne fait pas partie de la même famille (espèce), ce qui renvoie à la relation avec le beau-père. La troisième personne, à son avis, dérange la relation et laisse la mère et la fille embêtées (il va pleuvoir). Pour supporter la séparation, il faut développer la symbolisation pour récupérer la mère d'une autre façon. Dans ce contexte, Hannah semble s'apercevoir que le jouet peut l'aider d'une certaine manière, mais elle ne sait pas encore comment.

Tableau 8

En ce moment, la question de la séparation se montre inévitable et pas forcément liée à l'interférence du troisième élément. C'est la propre mère qui exclut l'enfant de la relation (elle lui dit d'aller à sa douche, il y a une porte dessinée). Donc, il n'y a pas de quoi faire sinon affronter sa propre condition d'enfant séparé et vulnérable, à savoir, maladroit, peu puissant. Cette condition lui remet à la douloureuse expérience d'être l'objet de moquerie des autres, dû à l'expectative (de ceux-ci et propres) d'avoir un niveau de performance semblable à celui des adultes. La blessure causée pour cette humiliation doit être supportée et la croissance doit se faire par moyen de l'identification. Celle-ci, en tout cas, exige la capacité pour la symbolisation. Cela veut dire, remplacer la figure maternelle (en partie) pour d'autres objets qui peuvent représenter ses fonctions. Donc, comme les adultes (et différemment du récit au tableau 1) il faut prendre l'apéro, la pâte.

En synthèse, le récit de Hannah aux tableaux du CAT-A montre qu'elle est une petite fille qui fait face en ce moment aux problèmes issus du stage de la dépendance relative, à savoir les conséquences d'établir une nouvelle relation avec sa mère, en étant séparée d'elle. Cette situation lui apporte l'angoisse de se voir comme quelqu'un de vulnérable, sans pouvoir compter sur la complète protection de la mère ainsi que sur les habilités de celle-ci. Donc, il faut confronter sa réalité d'impuissance, de maladresse et de manque de connaissance, ce qui parfois l'apporte des sentiments d'infériorité par rapport aux adultes et aux enfants plus grands qu'elle. Du point de vue structural, Hannah est encore en train de développer sa capacité symbolique, ce qui lui permettra de faire des introjections nécessaires des objets, qui l'aideront à soulager ses angoisses. À ce moment, la symbolisation est assez incomplète et ses essais d'intégrer le monde objectif et subjectif l'emmènent à osciller entre les deux pôles et d'opérer par moyen de la juxtaposition entre eux. De la même façon, la capacité pour faire semblant n'est pas encore assurée. Cependant, Hannah semble être en marche pour acquérir ces habilités importantes pour son évolution personnelle, en pouvant compter sur une famille qui l'aime beaucoup.

Synthèse Rachel et Hannah

La contraposition entre les récits de Hannah et de Rachel montre une coïncidence de soucis liés à cette période spécifique de la vie des deux. Dans ces termes, mère et fille sont, en ce moment,

concernées par rapport à la nécessité de changement de leur relation, pour permettre l'acquisition d'une croissante indépendance de la part de Hannah. Ce processus n'est pas évident ni pour l'une ni pour l'autre, en portant, avec elle, des angoisses particulières et en exigeant le développement d'habiletés pour y faire face. Bien que ces angoisses puissent être considérées comme typiques de ce moment de l'évolution d'un enfant, les caractéristiques personnelles de Rachel et de Hannah lui confèrent une individualité marquée.

Dans ce cadre, Hannah est un enfant qui marche bien dans son processus évolutif et qui a réussi à acquérir, dans une étape primitive de son développement, les capacités pour l'intégration, personnalisation et réalisation. À partir de ces fondements solides, elle reprend actuellement le problème de la dépendance relative, à savoir, comment survivre dans un contexte de lien avec la mère, où elles sont considérées déjà séparées l'une de l'autre. Dans d'autres mots, les deux font face à la question de remplir l'espace entre leurs corps, tout en supportant la perte de la puissance issue de la relation symbiotique précédente. Cependant, tandis que Hannah est concernée surtout à sa relation concrète avec Rachel, celle-ci, plus mûre, est capable de symboliser le même conflit et de le déplacer par la tension entre l'appartenance familiale et l'indépendance personnelle.

Les récits de mère et fille montrent que le désir des deux est de maintenir une relation d'étroite proximité, dans des termes du lien maternel avec l'enfant petit. Devant cette impossibilité, il faut faire des efforts pour que la séparation arrive et, dans cette entreprise, Rachel semble avoir un rôle plus actif que Hannah.

La plus grande initiative de la mère ne signifie pas forcément qu'elle soit tellement à l'aise dans ce processus. Dans ce sens, le récit de Rachel montre qu'avoir trois enfants lui a permis de prolonger le lien symbiotique, tout en respectant les nécessités d'autonomie des deux aînés. Hannah, à son tour, est vue par Rachel comme sa petite dernière, à savoir, sa dernière chance de vivre cette expérience. Donc, il n'y a pas un autre enfant plus petit pour soulager la douleur dû cette rupture. En plus, le fait de Rachel d'avoir des réserves par rapport à l'inclusion du troisième élément (le père ou le beau-père) dans la relation avec ses enfants, la prive d'un support important pour l'aider à s'éloigner de sa petite. Par contre, elle a aussi une forte stimulation pour favoriser l'indépendance d'Hannah, à savoir, son propre besoin de s'affirmer comme personne indépendante de sa mère. Dans ces termes, elle-même est vécue dans une famille monoparentale (dû le divorce de ses parents quand elle était bébé), sans avoir des frères ou sœurs avec qui partager la mère. Encore que le récit de Rachel ne soit pas très informatif en ce qui concerne ce sujet, il y a des signaux que cette expérience ne lui a pas beaucoup plu (au moins, après une réflexion dans sa vie d'adulte). Malgré Rachel se montre déterminée à offrir à Hannah des opportunités pour acquérir son autonomie, elle oscille parfois vers le pôle de la garde de la dépendance (elle décrit Hannah comme un peu gâtée). Ces mouvements de la mère semblent être accompagnés pour ceux de la fille, qui parfois se voit comme un petit bébé, parfois comme un enfant plus âgé et quand même comme un adulte. De toute façon, mère et fille présentent

l'angoisse de la vulnérabilité et de la solitude qui accompagne le processus de séparation. Donc, pour les deux, il y a une perte de force et une faiblesse qui vient avec l'autonomie.

Devant cette perception, Hannah et Rachel réagissent de façon diverse. Tandis que la première éprouve forts sentiments d'infériorité, la deuxième fait face au problème de comment soutenir une séparation dans une relation où les sentiments amoureux sont très forts. Dans d'autres mots, Rachel affronte la question comment intégrer, dans un lien amoureux, la haine nécessaire pour mettre des limites (physiques et psychiques) entre elle-même et l'autre. Cependant, elle a réussi à faire cette intégration et à permettre à son enfant de grandir. En plus, pour avoir déjà éprouvé, elle-même, les plaisirs de l'autonomie, Rachel reconnaît l'acquisition de cette capacité comme extrêmement important pour la fille.

Ce dilemme de la mère et de la fille se montre depuis leurs récits au tableau 1 du CAT-A, à savoir la mère un peu près éloignée de ses enfants qui mangent. Bien que Hannah ne soit pas encore capable d'utiliser la nourriture comme une représentation symbolique de la mère, Rachel se montre disponible pour lui donner des éléments pour faire cette association. Dans ce sens elle lui montre son propre plaisir à faire à manger pour ses enfants. De cette manière, bien que la capacité symbolique de la fille ne soit pas encore complétée, elle peut compter sur sa mère pour l'aider en cette conquête. Dans ce cadre, Hannah semble commencer à s'apercevoir que la capacité symbolique est une nécessité pour supporter les blessures et les douleurs de la séparation, ce qui est illustré dans son récit au tableau 8 (les invités prennent l'apéro).

En bref, les récits de Hannah et de Rachel montrent les efforts de la dyade pour renoncer à son désir de continuer un lien symbiotique, de façon à permettre à la petite fille l'accès croissant vers l'autonomie. Ce processus n'est pas évident et exige des efforts de la partie des deux. Toutefois, l'harmonisation des buts de la mère et de la fille assure, surtout à celle-ci, qu'en dépit des angoisses inévitables de ce processus, il y aura, à la fin, des bonnes récompenses pour les deux.

APÊNDICE AG - Dyade Louise et Danielle

Identification

Louise: 42 ans

Situation familiale: célibataire

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Danielle (6 ans)

Enfant étudié: Danielle

Ordre des entretiens: 1) Danielle

2) Louise

Récit de Louise

Ma rencontre avec Louise a eu lieu après un contact que j'avais fait avec une institution à Lille, dont le but était de discuter l'éducation et les soins des enfants. L'animatrice de cette institution avait adressé aux mamans, qui en faisaient partie (y compris Louise), un e-mail à l'égard de ma recherche. Louise m'a téléphonée pour savoir des détails sur mon travail et, après mon explication, je l'ai invitée à participer. Elle a dit qu'elle était d'accord, parce qu'il n'y avait rien de dangereux dans ma proposition. Alors, on a fixé un rendez-vous qui a eu lieu chez elle.

Louise est une femme très jolie de 42 ans. Elle est blonde aux gros yeux bleus, célibataire. Elle a un peu de surpoids et semble être un peu triste. Elle et Danielle me reçoivent chez elles, dans une salle un peu obscure, avec une grande fenêtre et des meubles de bois foncé. Je leur parle de ma recherche et on décide que Danielle serait la première à passer pour le CAT-A. Malgré mon explication que la passation serait individuelle, Louise me demande si elle pourrait rester avec moi et Danielle. Comme je m'aperçois qu'elle est inquiète, je décide de permettre. Toutefois, je lui demande de ne pas intervenir. Elle reste silencieuse pendant tout le travail avec Danielle, et semble toujours triste.

Quand je commence le CAT-A avec Louise, c'est Danielle qui a beaucoup de mal à nous laisser seules. Malgré l'insistance de Louise pour qu'elle reste dans sa chambre pendant notre conversation, la fille nous interrompt plusieurs fois. Néanmoins, pendant notre entretien Louise montre très clairement qu'elle ne change pas son récit à cause de la présence de Danielle.

Je commence l'entretien en appelant Louise par « vous », mais tout au long du temps cette situation change et on commence à se tutoyer. Je lui explique que j'irais lui montrer les mêmes tableaux que j'avais montrés à Danielle, mais, cette fois, je veux qu'elle raconte son expérience comme la mère de la petite. Elle est d'accord et on initie l'activité.

Le CAT-A

Tableau 1

Louise regarde le tableau pendant beaucoup de temps (presque 40 secondes) et, seulement après ça, elle commence à parler de la situation présentée. Elle dit que la situation se passe autour de l'alimentation, du repas, peut-être quand Danielle a commencé à manger des aliments solides, à un an d'âge. (La voix de Louise démontre une certaine tristesse, la tonalité est un peu dépressive). Elle raconte qu'à cette époque-là, Danielle mangeait de tout (elle sourit). Elle dit que la fille a été allaitée et, après, elle s'est décidée pour les autres aliments. Elle raconte que Danielle prenait de tout et que cette situation était très pratique puisque la fille n'avait jamais mangé de la purée, mais qu'elle mangeait plus directement comme elle. Elle dit qu'en ce moment-là Danielle avait déjà des petites dents, alors, ce fut bien. Elle raconte seulement que quelques fois il fallait écraser quelque chose, mais que la fille avait mangé tout de suite comme elle, et répète que cela s'est bien passé. Louise s'aperçoit que Danielle écoute ce qu'elle dit. Elle parle à la fille : « Petite souris curieuse ! » en faisant allusion au tableau du lion que j'avais montré à la fille. Danielle lui demande de raconter des histoires et Louise répond qu'après elle les raconterait. La petite s'approche de nous.

Louise dit qu'elle considère que le tableau a un côté un peu triste, mais qu'elle ne sait pas pourquoi. Danielle dit que c'est aussi ce qu'elle avait pensé. Louise raconte que quand Danielle a commencé à prendre des aliments solides, cela a été si simple. Elle dit que maintenant la fille a toujours un bon appétit et que c'est un plaisir de la voir à table. Danielle se moque de sa mère en disant : « Plaisir...c'est pas un plaisir quand tu veux que je mange proprement ». Louise lui répond : « Oui, c'est un problème, ma chérie ».

Louise dit bien même que le tableau soit un peu triste, il lui évoque plutôt cette situation. Elle ajoute qu'elle est contente parce que Danielle mange de tout (sourit), qu'elle a un bon appétit. Elle dit que Danielle a beaucoup de camarades qui ne veulent pas manger des légumes. Danielle dit : « Moi, je les mange avec plaisir ». Louise continue en disant que Danielle mange des fruits, des légumes. Danielle ajoute qu'il faut dire qu'elle n'aime pas beaucoup les champignons et Louise dit, en souriant, que c'est une petite déception. Louise, regarde le tableau et dit que c'est tout. Je le prends et je lui montre le prochain. Danielle est encore avec nous et, pour qu'elle me laisse seule avec Louise, je lui demande de faire un dessin pour que je l'apporte au Brésil.

Tableau 2

Danielle demande à sa mère de raconter des histoires et Louise lui répond qu'elle les racontera après. Danielle répond que ce n'est pas pour ça (qu'elle est avec nous) mais pour la regarder. Louise sourit et répond qu'elle (Danielle) la voit assez.

Louise regarde le deuxième tableau et dit qu'il est un peu bizarre ces singes (elle fait un acte manqué, peut être influencé par le tableau 8 que j'avais montré à Danielle auparavant). Elle dit qu'il ne semble pas qu'ils (les personnages) sont dans un combat et puis (elle hésite), qu'elle ne sait pas qui

va accrocher pour nous... Danielle dit: « Moi, je saurai ». Louise hésite et, après, elle dit qu'ils ne sont pas en train de jouer. Danielle ajoute : « Et du mal à travailler ». Louise continue en disant que le jeu n'est pas très bien pour que le plus jeune puisse s'accrocher. Elle hésite. Danielle essaie d'intervenir dans le récit, mais Louise ne la laisse pas faire. Elle continue en disant que peut-être d'un côté c'est la maman et son petit et de l'autre côté, il y a le plus... (elle hésite) le papa. Elle dit que, peut-être, c'est le moment où elle a fait une procédure contre le père de Danielle. Elle hésite, soupire et dit qu'elle espère de ne pas arriver à une situation comme ça avec lui. Elle rit. Danielle essaie de faire plus d'interférences en ce moment de l'entretien, et dit quelque chose par rapport à ne pas aimer les procédures).

Il y a un petit silence et Louise parle très bas. Elle répète qu'il s'agit de la maman et de son petit, plutôt elle contre le père de Danielle et qu'elle espère qu'ils n'atteignent pas ce point-là. Elle hésite et sourit. Il y a un silence. Danielle rit. Louise recommence en disant que c'est la maman et le petit et que l'entrée du petit dans la lutte est bizarre, et n'est pas très correcte. Elle répète que l'entrée de l'enfant dans la lutte n'est pas correcte. Danielle dit à sa mère qu'elle ne raconte vraiment pas des histoires. Louise me rend le tableau et Danielle lui dit que ces histoires ne sont pas très gaies. Louise lui répond qu'elle n'est pas très gaie aussi et Danielle dit : « Je vais t'aider, maman ». Louise répond à Danielle que c'était son tour et lui demande d'aller à sa chambre pour faire un dessin pour moi. Je dis à Danielle que cela me ferait beaucoup plaisir d'apporter son dessin au Brésil. Elle me répond qu'il fallait me regarder pour faire le dessin. Je souris et je lui demande si elle a l'intention de me dessiner. Danielle sort en ce moment et va dans sa chambre, en fermant la porte. Maintenant je suis seule avec Louise et je lui montre le troisième tableau.

Tableau 3

Louise regarde la figure et demande : « Qu'est-ce que c'est, une petite bête et une petite souris ? » Elle sourit et dit qu'il s'agit d'un vieux lion avec une canne et une pipe, on dirait « papi ». Il y a un silence. Louise dit que l'image lui rappelle le grand-père paternel de Danielle: « Je lui ai téléphoné, il semble qu'il a envie de la connaître, mais en même temps, il n'ose pas, je sais qu'il n'ose pas ». Je lui demande s'il ne la connaît pas et elle dit que non et que le père de Danielle n'est plus là (chez ses parents). Elle raconte que le grand-père paternel de Danielle lui a téléphoné en disant que peut-être il pourrait la voir et la connaître, mais Louise sait qu'il n'ose pas, par rapport à son fils, il n'ose pas, qu'il a peur de faire quelque chose que son fils n'aimerait pas.

Elle reprend le tableau et dit que c'est un vieux lion qui attend et que la petite souris au coin c'est rigolo et qu'elle a l'air bien plus vif que lui (le lion). Il y a un petit silence et elle dit que ce lion n'est pas très gai, et sourit. (On écoute Danielle en riant dans sa chambre). Louise dit que c'est peut-être ça (les rires aux éclats de Danielle deviennent plus forts). Danielle apparaît à la porte et Louise lui dit : « Ma petite souris, va faire ton dessin ». Danielle lui répond : « Sinon quand elle (moi) repart je ne l'aurai pas fini » et Louise dit que ce serait dommage. Louise reviens vers moi pour me parler et me

raconte qu'elle dit à Danielle les choses comme elles sont, la vérité et qu'elle ne lui avait jamais rien caché. Elle dit que Danielle sait que son grand-père lui a téléphoné une fois et qu'il s'agit d'un père qui fait la volonté de son fils. Elle dit que c'est un problème, de son grand-père, et pas un problème d'elle (En dépit de ce récit, elle semble vraiment déçue à cause de ça). Elle dit que c'est à lui de prendre la décision et qu'elle ne peut pas faire grande chose. Je lui demande si le père de Danielle avait habité avec elle et elle dit que jamais. Elle raconte qu'il l'avait quittée au début de sa grossesse et que peut-être c'était mieux que les choses se passent ainsi. (Elle sourit, mais semble vraiment triste). Elle dit que maintenant elle n'y pense plus, mais qu'ils ne sont pas d'accord sur l'éducation de la fille et c'est tout. Elle raconte que le père de Danielle est plus traditionnel. Elle dit qu'il pense, comme beaucoup d'adultes, que le statut d'adulte c'est un statut de pouvoir, que les adultes ont le pouvoir sur les plus petits et, donc, sur les enfants aussi. Elle dit qu'elle n'a pas tellement cette vision-là, et qu'elle pense qu'elle peut apporter des choses à Danielle et que la fille aussi peut lui apporter des choses, qu'il y a un échange et qu'il (le père de la gamine) a beaucoup de mal à comprendre ce point de vue. Je lui dis que je crois qu'elle se sent un peu seule. Après un petit silence, elle dit que ce n'est pas tellement, parce qu'elle voit beaucoup de gens. Elle ajoute que Danielle est un enfant qui parle assez facilement et qu'il y a beaucoup de gens avec qui elle parle, des gens qu'on ne connaît pas forcément. Elle dit que de chez elle jusqu'au métro (qu'il faut une demi-heure), Danielle dit « Bonjour » à tous qu'elle connaît. Elle prend des nouvelles des gens et les personnes prennent aussi des nouvelles d'elle et, après dix centimètres, elles rencontrent un autre. Louise dit qu'elle est très contente que Danielle soit comme ça, ouverte et qu'elle puisse discuter avec tout le monde.

Louise raconte le matin du jour de notre entretien, Danielle est allée à la piscine où il y a une dame de son quartier qui a 83 ans et qui a une sclérose en plaque. Cette dame fait beaucoup de piscine, donc on ne voit pas du tout qu'elle est malade. Cette dame avait des palmes et Danielle a très envie d'avoir des palmes. À la piscine, la fille a vu cette dame, qui était déjà sortie de l'eau pour aller chez elle, mais quand elle a vu Danielle, elle est retournée dans l'eau pour lui montrer comment utiliser les palmes. Alors, Danielle peut discuter avec quelqu'un qui a 83 ans et jouer avec quelqu'un de son âge.

Louise dit que Danielle s'intéresse aux petits aussi, et qu'elle a beaucoup de tendresse pour eux. Elle n'a pas du tout une relation « Ils sont petits; ils ne comprennent rien ». Je lui dis que Danielle lui apporte beaucoup de bonnes choses et elle dit que oui, que c'est une « boule » d'énergie positive (elle rit). Elle dit qu'elles ne sont pas du tout seules, parce qu'elles voient beaucoup de monde, beaucoup de gens différents. Louise dit qu'elle-même est complètement athée et que Danielle a posé des questions à une copine musulmane de la mère, comme par exemple pourquoi elle portait un truc sur ses cheveux, pourquoi elle ne mangeait pas de porc. Louise pense que c'était bien, parce que c'est comme ça qu'on apprend, et, pour respecter les croyances des autres, il faut savoir pourquoi ils font certaines choses et comment ça fonctionne. Elle dit qu'elle aime bien le fonctionnement de sa fille (elle rit).

Louise dit qu'elle pense que le père de Danielle ne la laisserait pas être comme ça, et que pour lui un enfant doit obéir, dormir à huit heures et laisser ses parents tranquilles. Je lui dis que, à son avis, il est très autoritaire. Elle répond que oui, qu'il a une autre fille, et qu'il veut garder absolument le pouvoir, et qu'il a besoin que les autres le voient comme le centre de la terre. Elle ajoute qu'il est resté petit quelque part et qu'il a besoin qu'on s'intéresse à lui d'abord. Elle dit qu'il a une vision différente des choses, donc, il est mieux qu'il soit plus loin; elle et lui se tombent en désaccord de toute façon. Elle dit qu'il a peur de son père qui est d'origine italienne. Donc, la petite souris est Danielle. Elle dit que peut-être un jour il (le grand-père de Danielle) va se manifester (silence).

Elle dit que quand Danielle lui pose des questions, elle lui répond qu'elle ne sait pas ce qu'il (son père) a dans sa tête, qu'elle ne sait pas pourquoi il ne vient pas, et que ça fait plein d'années maintenant que ... (Elle ne complète pas la phrase; il semble qu'elle veut dire qu'elle ne sait pas s'il aime sa fille au point de venir la voir). Donc, elle dit à Danielle qu'elle ne sait pas, elle lui dit juste la vérité. Elle dit qu'elle ne sait pas, mais peut-être plus tard elle le saura.

Toutefois, par rapport aux grands-parents de substitution, elle en a plein: il y a cette dame à la piscine, il y a aussi une autre dame qu'elles ont connu, dont le mari a la maladie d'Alzheimer. Cette dame tricote pour Danielle depuis qu'elle est bébé, même s'il ne fait pas froid, et qu'elle va la voir de temps en temps. Donc, Danielle a beaucoup de grands-parents de substitution qu'elle a choisis, qu'elle aime bien et (petit silence) qu'elle ne pense pas que ça lui manque vraiment (silence). Après, peut-être elle fera des démarches (silence) et qu'elle (Louise) lui a expliqué que, quand elle sera majeure, elle aura le droit de reprendre des contacts avec son père et sa famille si elle a envie. Après un petit silence, Louise dit que la fille le fera peut-être.

Louise dit qu'elle pense que les choses sont claires dans la tête de Danielle, et qu'elle lui a toujours dit les choses comme elles le sont, sans chercher à diminuer la peine, qu'elle a toujours dit en bloc, même quand ce n'était pas drôle. Louise dit qu'elle-même ne pense pas au père de Danielle ni à son grand-père paternel. Elle hésite et dit que même si ce n'est pas drôle (elle hésite à nouveau) c'est la réalité, et qu'elle pense que ça c'est le plus important. Elle dit que même si la réalité n'est pas toute heureuse, c'est la vérité et c'est tout. Elle croit que de cette façon, Danielle ne va pas aussi imaginer les choses ou fantasmer des choses, et qu'elle croit que c'est important de ne pas fantasmer quand on ne sait pas. Louise ajoute que quand on ne voit pas des gens, on a une tendance à imaginer. Alors, quand Danielle lui pose des questions, si elle sait, elle lui dit, si elle ne sait pas, elle lui dit « Je ne sais pas ».

En ce moment, Danielle apparaît à la porte qui sépare sa chambre de la salle et rit. Louise lui demande si elle avait déjà fini le dessin. Elle répond que non, et que son dessin a pris beaucoup de place. Louise lui dit qu'elle peut faire une petite Valéria (on rit). Louise demande à Danielle si elle a chaud et lui demande de mettre son maillot. Donc, la fille commence à retirer son pull-over avec beaucoup de difficulté. Je lui demande si elle a besoin d'aide, mais Louise me dit, à voix basse, qu'elle pense que ça va aller. Danielle réussit à retirer son pull-over. Louise lui demande d'habiller son maillot dans la salle de bain, mais Danielle l'habille dans une autre place. Louise lui demande une fois de plus

pour mettre le maillot à la salle de bain : « S'il te plaît, va, va, va ». Danielle rit et obéit Louise. On écoute un bruit que Danielle fait dans la salle de bain et Louise dit : « Je t'entends ! » Je prends le tableau 3 et je montre le quatrième à Louise.

Tableau 4

Louise regarde le carton et dit que quand elle l'avait vu (à l'occasion où je l'avais montré à Danielle), elle a pensé que c'était tout à fait une image d'une femme active (elle rit) qui court en faisant tout en même temps. Danielle retourne et ajoute : « À peu près comme toi ! » Louise répond : « A moi, ça va bien maintenant, mais bon... » .

Louise continue: « Un enfant dans la poche, des courses là, (elle rit), vraiment un... et on dirait vraiment ça ». Danielle dit : « A moi, j'ai tant d'amis ». Louise demande à Danielle si elle avait déjà fini son dessin et comme celle-ci répond que non, Louise lui demande de s'en aller. Danielle crie joyeusement et va dans sa chambre. Louise retourne au tableau et dit que cela lui rappelle quand elle travaillait. Elle dit qu'actuellement elle ne travaille pas, mais quand elle travaille, c'est un peu comme ça c'est un peu la course. Elle dit que ça ne lui plaît pas du tout, mais il faut gagner sa vie (elle rit) et que c'est comme ça. Elle ajoute que quand on est toute seule, il faut tout faire, il faut travailler, il faut aller chercher Danielle, il faut s'occuper de Danielle, il faut faire les petites courses, il faut trouver qui va la garder, il faut s'occuper des devoirs. Elle raconte que maintenant Danielle a des devoirs et que les courses sont un peu comme ça. Elle dit que c'est pas très épanouissant en fait pour une femme qui travaille comme ça, qu'on a l'impression de rien faire de bien, de faire tout vite et qu'on a jamais de temps. Elle dit qu'elle n'a jamais le temps de réfléchir sur tout ce qu'elle est en train de faire. Elle retourne au tableau et dit que c'est toujours dans les courses, comme on dit, le nez dans le guidon et répète qu'on n'a pas du tout le temps pour réfléchir sur ce qu'on est en train de faire et que c'est agaçant. On se contente de faire et on ne réfléchit jamais. Elle change la tonalité de la voix et continue en disant qu'il y a aussi des moments qu'on a plus d'argent pour qu'on en profite (elle rit). Cependant, en ce moment elle a voulu montrer comme mère de famille qui court dans tous les sens. Elle dit qu'elle (la femme kangourou) n'a pas l'air très gai, et qu'elle a l'air vraiment de courir (petit silence). Elle raconte qu'elle est sans travail, mais elle pense qu'elle a de la chance parce qu'elle peut passer du temps avec Danielle. Elle dit qu'elle travaille un peu dans la maison par internet, mais qu'elle a du temps. Elle est là à la sortie de l'école, elle a des horaires tout à fait en harmonie avec l'âge de sa fille. Elle ajoute qu'il y a des enfants qui se lèvent à 5h00 et qui vont à la garderie le matin, garderie le soir, parce que les parents travaillent et qu'elle pense que c'est un peu difficile pour ces familles-là. Malheureusement elle n'avait pas trouvé comment avoir du temps et de l'argent (elle rit). Elle pense que personne n'en a pas encore trouvé ça. Elle dit qu'elle ne prend pas les choses comme ça parce que, surtout à son âge, Danielle est encore petite et qu'à cet âge il est important de passer du temps ensemble. Elle dit que Danielle et elle font des tâches que les enfants ne font pas avec leurs parents et que même faire les courses c'est tout simple, parce que c'est plaisant avec elle, qu'elle

apprend un tas de choses en faisant des courses. Mais quand on se met à courir c'est toujours difficile. Alors, elle pense quelque part qu'elle a de la chance. Elle répète qu'elle a de la chance de pouvoir passer du temps avec Danielle et que celle-ci est encore à l'enfance, à la petite enfance et que, après, elle aura moins besoin de quelqu'un là tout le temps. Jusqu'à là, elle aura plus de confiance en soi, elle sera plus forte. Louise dit que c'est ce qu'elle croit parce qu'à l'institution de Lille où on discute les soins de l'enfant, on a dit que les enfants qui ont été sécurisés en tant que petits, sont plus capables de partir loin. Elle me raconte que les fils de la coordinatrice de l'institution est parti à un pays lointain (elle rit).

Louise raconte que Danielle n'a jamais dormi à l'extérieur, même chez des jeunes copines. Elle raconte que cette année au mois d'octobre, toute sa classe est partie pour une semaine. Elle dit que la maîtresse avait demandé aux mamans qui (entre les enfants) était déjà parti tout seul, et elle-même a pensé que cela serait une catastrophe. Danielle savait qu'elle devrait partir une semaine et lui a dit : « Comment je devrais faire ma valise ? Qu'est-ce que je vais mettre dedans...Il faut que tu m'achètes ça... ». Sa valise a été prête 15 jours avant la date prévue, elle la défaisait, elle la refaisait ... Au jour du départ, beaucoup d'enfants ont pleuré, mais Danielle lui a fait « Coucou ! ». Il y avait des mamans qui ont pleuré et Louise a trouvé ça très bizarre (elle rit). Elle raconte que, pendant cette semaine, les parents n'avaient pas le droit de téléphoner, parce que la maîtresse a dit que ça ferait pleurer les enfants. Ils sont partis le lundi pour revenir le vendredi, et, le jeudi les enfants pourraient leur écrire une petite lettre. Elle dit que pour elle c'était un peu long d'attendre le jeudi pour avoir des nouvelles. D'un autre côté, elle savait que s'il y avait quelque chose, la maîtresse l'appellerait. Danielle a passé une semaine tout à fait fantastique et tranquille. Elle a dormi, elle a mangé, elle n'a pas fait pipi au lit du tout, contraire d'autres camarades, du fait d'être à l'extérieur. Danielle a continué comme elle est là. Elle est revenue très contente et elle a vraiment profité. Donc, elle pense qu'il est vrai, qu'il faut d'abord sécuriser et après partir au monde.

Danielle revient à la salle et Louise lui demande si elle avait vraiment fini, parce que le soleil se couche tôt. Danielle lui demande si elle (Louise) a un peu peur. Louise lui demande pourquoi. Danielle murmure quelque chose à l'oreille de Louise de façon que je ne puisse pas entendre. Elle rit et dit à sa mère qu'elle a rigolé. Danielle me montre le dessin qu'elle avait fait pour moi: elle avait dessiné elle-même dans la situation de passation du CAT-A, en train de me raconter l'histoire du tableau 3, du lion. J'exprime mon plaisir d'avoir son dessin et je lui dis que je le mettrai au mur de mon bureau à l'université. Je lui dis que j'avais bien aimé son dessin. Louise demande à Danielle si elle avait mis la date derrière le dessin et ajoute : « Si tu veux ; j'ai un crayon ici et puis tu peux le rouler ». Danielle demande : « En combien ? » et Louise lui répond : « En deux ». Danielle commence à rouler le carton où elle avait fait son dessin (qui est un peu grand) en le séparant en deux parties. Louise lui demande si elle pourrait le rouler dans sa chambre pour qu'elle (Louise) puisse finir l'entretien avec moi. Danielle réponds : « Voilà ! ». Louise lui dit de mettre un petit élastique tout autour, pour que je puisse l'emporter, et lui demande une, fois de plus, de faire ça dans sa chambre

pour qu'on puisse finir l'entretien. Danielle proteste un peu et Louise ajoute : « S'il te plaît ». Elle dit aussi à Danielle que de cette façon sera mieux pour qu'elle puisse discuter avec moi, que c'est plus confortable pour nous de discuter comme ça et qu'on ne prendra pas longtemps. Elle dit à Danielle qu'elle peut écouter un disque si elle veut. Danielle s'en va et Louise retourne à notre activité et dit : « Voilà, j'ai dit que j'ai de la chance d'être au chômage » et rit. Je lui dis : « Il y a des avantages... » et elle répond que oui. Elle ajoute qu'elle croit que quand les enfants sont petits ça c'est un avantage, et surtout pour elles, qu'elles ne sont que deux, et qu'elle pense que c'est important que le lien soit fort entre elles. Louise dit que le lien entre elle et Danielle a toujours été fort, mais elle pense que c'est du temps plus important pour qu'elle (Louise) soit là, le temps que Danielle est petite et qu'après, à quinze ans, ce n'est plus pareil (elle rit). Elle dit que, par rapport à l'école, c'est bien qu'elle soit présente aussi. Danielle retourne en disant « Et voilà ! » et me donne son dessin. Comme elle avait pris le carton avec un ruban, Louise lui demande si elle n'avait pas trouvé un élastique, et Danielle lui répond qu'elle ne l'avait pas trouvé.

Louise dit à Danielle de retourner dans sa chambre et elle proteste beaucoup. Je lui dis que nous sommes presque à la fin et qu'il ne reste qu'un tableau pour montrer à sa mère. Louise lui dit qu'elle pourrait écouter un disque. Danielle résiste un peu et s'assied auprès de nous. Louise lui dit d'aller et qu'on va l'attendre, qu'on ne va pas l'oublier, qu'on sait qu'elle est là (Louise avait des plans de sortir avec Danielle après notre conversation). Danielle s'en va, mais elle revient tout suite et Louise lui dit : « Tu es là, tu es revenue ». Danielle rit et dit qu'elle veut rester avec nous. Louise lui dit que ce n'est pas elle (Danielle) qui décide.

Louise lui parle si elle se rappelle du poisson rouge qu'elle veut. Danielle répond qu'elle (Louise) avait promis qu'elle (Danielle) l'aura si elle s'en allait. Louise dit que le poisson rouge est conditionné par de bons résultats à l'école et ça. Danielle répète avec elle : « Et ça ». Louise dit : « D'accord, ça marche. » Danielle lui demande si elle a conclu (le récit au tableau 4). Louise répond que oui, qu'elle (Danielle) ne reviendra pas et qu'elle (Louise) viendra la chercher. Danielle dit : « Mais tu vas m'appeler ? » et Louise répond : « Bien sûr ! ». Danielle s'en va et Louise, en retournant à notre tâche, me demande si on est encore sur le carton de la maman kangourou. Je lui dis que oui. Elle dit qu'elle a pu rester avec Danielle après la naissance et qu'elle trouve que ça doit être très douloureux de devoir se séparer d'un bébé de deux mois et demi pour aller au travail. Elle dit qu'elle pense que la maman est déchirée entre son bébé et gagner de l'argent, et qu'elle ne doit pas être bien du tout. Donc, elle pense qu'elle-même a eu de la chance de pouvoir éviter ça. Elle n'a pas eu le devoir de choisir, à cet âge. Elle raconte qu'après elle a travaillé quand Danielle avait deux ans jusqu'à ses trois ans et demi et que maintenant elle travaille par morceau. Elle dit qu'elle n'avait pas senti cet arrachement à un an et demi. Elle ajoute qu'il y a des mamans qui lui parlent que même que leur enfant ait déjà l'âge de Danielle, elles ont encore le sanglot dans la voix quand il faut le donner à quelqu'un d'autre pour que elles puissent aller travailler. Elle dit que la France n'est pas bien organisée pour la femme, que ce n'est pas simple: il faut faire beaucoup de trajet pour aller quelque

part pour déposer ses enfants et retourner au travail. Même pour les femmes qui sont en couple, c'est très difficile parce que, effectivement, elles ont le sens qu'il y a beaucoup à faire: il y a le travail, les courses, s'occuper des enfants, s'occuper du mari, faire à manger, s'occuper de la maison, ce sentiment d'insatisfaction parce qu'on ne fait rien de bien. On fait tout en courant et on n'a pas le temps de s'asseoir par terre et jouer un jeu et on n'a pas absolument le temps (elle rit). Elle dit qu'après, le temps passe, le temps passe très vite, ils sont des jeunes enfants et puis on se réveille et ils ont sept ans et c'est dommage que les choses ne sont pas organisées différemment. Elle dit qu'elle croit que les politiques n'ont pas encore saisi l'importance qu'a une présence, peut-être même du père. C'est à maman absolument de continuer sa carrière, peut-être même du père, mais qu'un parent puisse rester un moment (avec l'enfant). Les politiques n'ont pas encore compris l'impact que cela a, à long terme (petit silence). Louise parle à Danielle, qui est à la porte de la salle : « Notre marché, ne va pas tenir pour les poissons, sauf si tu me laisses ! Allez ! » Danielle sort et Louise retourne à notre activité. Je prends le tableau 4 et je lui montre le 8.

Tableau 8

Louise regarde le tableau et reste en silence. Elle dit qu'il ressemble à une scène de famille (silence). Elle dit à voix basse, que c'est une maman qui parle à son petit et qui ne veut pas que les autres adultes parlent sur ce qu'elle est en train de faire. Elle dit que c'est une situation permanente quand on a des enfants. (Le volume de sa voix est très basse, comparé aux récits des tableaux précédents). Elle dit qu'on est soumis au regard des autres sans arrêt quand l'enfant fait une bêtise dans la rue, dans un magasin. N'importe où, il faut supporter le regard des autres sur la façon dont on réagit. Elle pense qu'elle a déjà dépassé ça maintenant. Alors, si elle va se mettre en colère parce que Danielle a fait quelque chose de grave, elle se met en colère dans la rue, si la fille est tombée, elle la prend dans ses bras et elle ne s'occupe pas du tout de ce que les gens peuvent dire. Elle dit que quand on est une jeune maman, au départ ce n'est pas facile, tout le monde dit comment on doit faire, comment on ne doit pas faire. Je lui dis que c'est un sentiment d'être jugée et elle répond « Oui ! ». Elle dit que par exemple, quand on va à un magasin et votre enfant cri, tout le monde vous regarde, comme s'il fallait qu'il (l'enfant) soit tout le temps assis, silencieux, qu'il ne peut pas bouger. Elle ajoute qu'évidemment, sur la place de certain rayon, c'est pas l'intention; ça déclenche un petit cri et là tout le monde regarde. Elle dit que ce n'est pas facile toujours, mais elle pense que maintenant (elle fait un son avec la bouche comme si elle ne s'importait pas avec les autres) elle ne s'inquiète pas du tout. Elle dit qu'elle pense que la lecture lui a apporté beaucoup, parce que, comme elle a allaité Danielle pour longtemps, ça l'a permis de passer beaucoup de... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle ne sait pas comment dire ça, mais qu'aujourd'hui elle se soumet à elle-même.

Danielle commence à faire du bruit dans sa chambre, comme si elle battait quelque chose contre le sol. Louise lui dit fermement: « Tu me respectes ou pas de marché, Danielle, et pas de poisson ! » Danielle lui dit qu'elle veut demander une autre chose à Louise. Louise lui dit : « Tu me

demandera après ». Danielle dit qu'elle veut lui demander avant mon départ. Louise lui répond qu'elle ne va pas courir pour s'en aller et que Danielle pourrait écrire ce qu'elle voulait demander. Louise continue à me parler et dit qu'il semble que le fait d'avoir allaité Danielle longtemps... (elle ne complète pas la phrase et son récit devient plus fragmenté en ce moment). Elle continue et dit qu'elle pense que l'allaitement, ça fait une telle relation avec... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle a parlé à une réunion de l'institution de Lille pour les enfants, que l'allaitement semble un peu quand on est amoureux comme quand on embrasse quelqu'un dans la rue: on ne voit pas si quelqu'un est avocat ou pas, ça fait tout pareil. On est dans une bulle, une, bulle qui nous protège complètement du regard et de « Qu'est-ce que vont dire les gens ? » et tout ça. Elle dit que ça l'a aidée beaucoup aussi à affronter les gens et de pouvoir faire comment elle avait décidé (elle rit), sans s'occuper des autres, sans jugement non plus. Mais c'est vrai que pour les jeunes mamans, au début, ce n'est pas facile. Elle raconte que Danielle maintenant prend confiance que tout le monde n'est pas élevé comme elle et puis ça donnera des discussions entre les deux. Elle dit que c'est intéressant de voir comment sont les autres et tout ça.

Danielle retourne à la salle et donne un petit papier à Louise et celle-ci lui remercie. Danielle lui dit que dans le papier il est écrit la question qu'elle voulait lui demander. Louise lit la question et lui réponds : « Si tu veux ». Alors, Danielle demande à Louise si j'avais lu la question et Louise répond que non. Elle demande à sa mère si j'avais entendu la question et Louise aussi lui répond que non. Elle demande encore ce que j'allais lire ou entendre ce qui elle avait écrit et Louise lui dit que non et que sa réponse est : « Si tu veux, et maintenant tu clos ».

Louise retourne au CAT-A et dit que peut-être ça c'est au sein de la famille, mais même dans le cercle plus large de connaissance, il y a toujours quelqu'un pour vous dire ce qu'il faut faire, ou ce qu'il ne faut pas faire. Danielle retourne chez nous avec un crapaud en cire et dit à moi : « Cadeau pour toi ! » Je me rends compte que c'était sur ce sujet qu'elle avait parlé à l'oreille de Louise, quelque temps avant, d'une façon que je n'ai pas pu entendre: elle souhaitait me donner un cadeau et voulait savoir l'avis de sa mère. Je me sens un peu gênée de prendre un jouet à elle et je lui demande si elle était sûre de me donner le crapaud, parce qu'il était son jouet. Elle me répond que ce n'était pas un jouet. Je lui demande si ça n'allait pas lui manquer et elle dit que cela ne sera pas. Je la remercie et je lui dis que j'avais beaucoup aimé le cadeau et que j'irais le mettre à ma maison. Je fais des bisous à Danielle et Louise me demande comment on dit « bisous » en portugais. Je lui réponds « Beijo, beijinho ». Danielle répète « Beijinho » et rit. Louise demande à Danielle : « Tu me laisses finir ? Cinq minutes, trois minutes. » Danielle remarque qu'on parle sur le dernier carton et Louise lui dit qu'elle la laisse finir et lui demande d'aller. Louise fait un bisou à Danielle et lui demande : « Tu t'en vas ? » et Danielle sort. Louise rit.

Danielle reste à la porte et Louise lui dit de s'en aller pour qu'elle puisse finir le CAT-A. Je la remercie à nouveau et ajoute : « Trois minutes ». Louise dit à Danielle d'écouter un disque le temps qu'on parle. Danielle dit que c'est trop (de temps qu'il manque pour qu'on puisse finir) et Louise lui

répond que c'est parce qu'elle nous interrompt tout le temps que c'est long. Louise lui demande d'aller « S'il te plaît » et de fermer la porte. Comme Danielle laisse la porte un peu ouverte, Louise lui dit : « Complètement ! ».

Louise retourne au CAT-A et dit qu'elle pense que l'expérience de la maternité peut vraiment nous faire grandir (elle rit) et que ça nous fait nourrir. Elle dit qu'elle veut grandir en même temps que Danielle et qu'elle ne sait pas si c'est le fait d'avoir un enfant ou si c'est le fait de vieillir, ou si ce n'est pas les deux, mais qu'on devient plus sûre, plus sûre de nous-mêmes... (elle reste silencieuse et ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle pense que les enfants sentent ça et peuvent ne pas forcément le dire, mais ils savent quand on est sûr de nous et quand on est en doute. Ils sentent quand il y a quelque chose qui ne va pas, quand on n'est pas tranquille. Par exemple, quand on est sûr de nous sur certains points, la voix, l'attitude, ils les sentent. Elle dit que Danielle c'est une petite fille qui est bien dans ses baskets et elle ne se soucie pas tellement de ça. Elle dit qu'elle ne croit pas que Danielle soit comme ça parce qu'elle est trop jeune, parce qu'il y a quelques enfants qui sont très attentifs à ce qui se passe ou ce qui se dit autour. Elle ne pense pas que c'est un vœux qu'on peut formuler pour les enfants, qu'ils soient bien dans leurs baskets, en étant petit, en étant adulte, qu'ils puissent être eux-mêmes, et faire leur chemin comme ils le veulent, sans s'occuper toujours de l'influence de l'un et de l'autre, qu'ils puissent aller là où ils doivent aller. Elle dit que c'est ce qui est important dans la vie, et que c'est ça qui permet de savoir qu'à un moment il y a sa place là, et ne pas toujours la chercher, chercher, chercher et que c'est bien: qu'à un moment, il faut connaître sa place et que c'est plus confortable. Elle dit qu'elle pense que pour l'enfant c'est comme ça et puis, ça va se consolider. Elle ajoute que Danielle a une personnalité forte, qu'elle espère qu'elle va la consolider et que cette solidité est importante.

Elle rit et dit « Voilà, Madame ! » pour signaler qu'elle avait finie. Je la remercie et demande si elle voulait me poser quelques questions. Elle me demande par rapport à la possibilité d'avoir un entretien de restitution, et dit qu'elle aurait intérêt. Je lui dis que je pourrai le faire, mais qu'il faudrait attendre, parce que d'abord j'aurais besoin de faire des analyses. Elle est d'accord et on finit l'entretien.

Informations additionnelles

Après notre entretien, Louise m'a envoyé un e-mail pour me dire qu'elle avait fait des contacts avec deux autres mères de l'institution de Lille, pour les inviter à participer à ma recherche. (J'ai parlé à une d'elles pour la recherche et elle m'a dit qu'elle a trouvé le contact avec Louise un peu bizarre parce qu'elles n'étaient pas du tout proches). J'ai répondu à Louise pour la remercier par l'indication et je lui ai dit que j'avais trouvé Danielle comme une fille adorable. Quelques jours après, Louise m'a écrit à nouveau en disant que Danielle voulait me voir avant mon départ au Brésil. Comme mon contact avec elles n'était plus professionnel, je n'ai pas vu d'inconvénients pour accepter

l'invitation. Néanmoins, j'ai été un peu surprise à cause d'un petit texte que Danielle avait elle-même écrite sur l'e-mail :

« *Valéria, je trouve, moi aussi, que tu es ADORABLE! Je t'aime. Et toi tu m'aimes?* ».

On a sorti un après-midi et nous avons passé quelques heures ensemble en se promenant. Elles m'ont invitée pour passer la nuit de Noël chez elles, mais je n'ai pas accepté car j'avais déjà des plans. Après mon départ au Brésil, elles m'ont écrit quelques fois (dans lesquelles Louise m'a demandé d'envoyer une carte postale du Brésil à Danielle pour son anniversaire). Après ça, ces échanges ont devenus de plus en plus rares.

Interprétation Louise

Le récit de Louise par rapport à son expérience comme mère de Danielle est composé par une constellation affective de beauté, tristesse, peur, protection, solitude et essais de dépassement de ses difficultés personnelles. Dans ce cadre, la fille occupe plus qu'une place essentielle dans la vie de Louise : elle consiste quand même en sa vie entière, le sens de son existence. C'est dans l'intense attachement amoureux qui il y a entre les deux qu'elles trouvent un refuge contre les intempéries du monde. Ces qualités de leur lien permettent à Danielle d'avoir un cadre assuré pour se développer, par sa certitude d'être aimée. Néanmoins, ce cadre n'est pas exempté des soucis et d'afflictions de la partie de la fille, concernant surtout l'état émotionnel de Louise et l'intégrité des capacités de celle-ci.

Bien que Louise soit une femme ravie de sa maternité, sa vie n'est pas simple et ses sentiments de solitude et de vulnérabilité sont intenses. Ils sont issus surtout de sa condition d'être, dans la vie pratique, le seul parent de Danielle. Abandonnée au début de sa grossesse par un homme qui ne semble pas avoir assumé sa responsabilité de père que par la force de la loi, la solitude et la douleur du rejet s'imposent à Louise. Sa situation reste encore plus dure au fait de ne pas compter aussi sur sa famille d'origine (elle n'a pas été mentionnée pendant tout le récit). Les amis et amies sont aussi rarement référés: il y a la description de quelques contacts superficiels, qui arrivent plutôt à l'initiative de la petite fille. Toutefois, il ne semble pas constituer une vraie source de soutien. Le seul appui qu'elle a provient de l'institution à qui elle appartient à Lille pour discuter des soins des enfants. Cette situation, qui a guidé Louise à faire de sa fillette sa principale (et peut-être sa seule) joie de vivre, a aussi d'autres répercussions importantes sur sa relation avec elle.

Louise, en fonction de ses caractéristiques personnelles et de ses expériences passées, regarde le monde avec une certaine méfiance. C'est conçu surtout comme un endroit potentiellement dangereux duquel il faut protéger Danielle. Encore que cette perception ne l'emmène pas à un rétrécissement vers une union symbiotique avec la petite fille, il faut d'abord très bien examiner l'ambiance pour libérer Danielle pour se lancer. Dans ce sens, la confiance sur autrui peut être établie, mais après une évaluation très soucieuse (elle accepte participer à ma recherche après avoir reçu beaucoup plus d'explications que les autres mères participantes; elle ne me laisse pas seule chez elle

avec Danielle). Bref, sa condition de seul parent semble la conduire à redoubler ses efforts de protection vis-à-vis de la petite, y compris sa défense contre les blessures affectives.

Dans ce contexte, pour Louise, ce qui la désole plus n'est pas sa propre fragilité. Ce qui l'afflige est surtout le fait des attitudes du père et du grand-père de Danielle qui empêchent la petite fille d'avoir des expériences vis-à-vis de sa famille élargie. Comme la propre famille d'origine de Louise n'est pas considérée comme une option capable de soulager les deux, la fille reste aussi solitaire que la mère. Soucieuse de la souffrance que la petite puisse éprouver par le rejet et l'abandon, Louise décide de lui raconter la réalité comme elle est vraiment, ainsi Danielle ne risque pas de se désillusionner. La souffrance de la fille est la chose la plus pénible qu'il peut arriver. Donc, elle réfère qu'elles ne sont que deux et, en conséquence, il faut que leur lien soit fort.

Si cette dynamique de Louise la conduit à une certaine retraite, elle ne l'empêche pas de fournir à la fille des expériences importantes pour son développement émotionnel, même celles qui seraient facilitées par l'inclusion d'un troisième élément dans leur relation. En ce sens, bien que l'accès au monde extérieur à la dyade puisse poser un peu plus de difficultés, elle ne l'empêchera pas (elle permet que Danielle parte en voyage avec sa classe). En plus, Louise est aussi capable de mettre des limites à la fille, encore que celle-ci ait un peu de mal à les respecter. Toutefois, cette désobéissance ne semble pas être liée à une absence de fermeté de la part de Louise. Au contraire, conformément elle a montré pendant notre contact, Louise est restée toujours consistante dans ce qu'elle exigeait (à savoir, que Danielle la laissait seule avec moi). L'opposition de Danielle semblait poser principalement une inquiétude par rapport à ce que je pourrais faire avec sa mère, si je la blessais ou si je l'angoissais. Donc, de la même façon que sa mère, elle semblait avoir une certaine méfiance par rapport au monde extérieur et essayait aussi de la protéger contre ses tourments.

Malgré ses craintes, la perception que Danielle a de la solitude de Louise la pousse à chercher des contacts ailleurs pour soulager sa mère. Moins ambivalente que celle-ci par rapport aux contacts extérieurs, la fille développe une telle capacité pour établir des relations sociales que, si d'un côté la rende adorable, de l'autre montre une qualité un peu "gonflée". Dans ma relation avec elle, c'est devenu évidente dans ses insistances (et aussi de Louise) de garder un contact consistant avec moi, même après mon départ au Brésil. Après quelques mois, elles ont arrêté de m'envoyer des e-mails. Bref, encore que ces essais d'avoir beaucoup de relations constituent un vrai combat contre la solitude et l'isolement, la fille présente aussi une certaine affliction qui dénonce les caractéristiques compensatoires de ce comportement.

Les caractéristiques de l'expérience maternelle de Louise sont mieux illustrées dans les récits individuels au CAT-A.

Tableau 1

Encore que Louise éprouve une certaine difficulté pour commencer son récit, elle réussit à la surmonter. Elle devient capable de parler de son expérience maternelle et choisit un moment très

spécifique de celle-ci: le début de l'ingestion des aliments solides par Danielle. Dans cette situation, elle exprime son plaisir concernant l'acceptation presque intégrale, par la fille, de son affection envers elle (sauf les champignons !). Cette approbation la laisse ravie et la fortifie aussi qu'à la fille. Bien qu'elle soit tellement contente de voir son enfant grandir, il reste une nostalgie de la période de l'allaitement (ce qui laissera plus de clarté dans son récit au tableau 8). Ceci est décrit comme une expérience pleine de magie, très spéciale par sa caractéristique symbiotique, où le monde hors de la relation mère/bébé n'importait pas. La nostalgie semble être augmentée due à la sensation de ce qu'il n'y a pas eu un moment intermédiaire entre l'allaitement et l'alimentation à la base des solides: l'ingestion de la purée. Il semble qu'à son avis ce moment pourrait l'avoir préparée pour effectuer le sevrage de la petite fille. Dans ce cadre, le sevrage a été vécu par Louise comme une séparation qui est arrivée d'un coup. Cette sensation semble avoir déclenché sa perception que la fille a grandi vite. Donc, il faut bien profiter des moments de l'enfance, car ils vont cesser un jour dans la mesure où la fille devient plus autonome.

Tableau 2

Le moment d'approche à ce tableau a été le plus dramatique du CAT-A, soit pour Louise, soit pour Danielle qui était avec nous. L'illustration a adressé Louise directement à sa blessure plus douloureuse par rapport à son expérience maternelle: l'abandon qu'elle a souffert par le père biologique de Danielle. Ceci, même aujourd'hui, se refuse à assumer son rôle paternel vis-à-vis de la fille. Cette situation apporte à Louise un intense sentiment de fragilité lié à l'idée de ne pas compter sur lui (*Je ne sais pas qui va s'accrocher pour nous*) qui a été décrit précédemment. Sa perturbation a été intense au point de provoquer une distorsion perceptive (les ours sont vus comme des singes). Pour se préserver (et à la petite fille), elle essaie de nier la caractéristique agressive de la représentation (*Il ne semble pas qu'ils sont dans un combat*), mais, après, elle désiste et décide de faire face au conflit réel. L'angoisse de Louise est remarquée par Danielle, qui cherche à la protéger (*Je saurai [qui va s'accrocher pour nous]*) et de la retirer de la prostration (*Je vais t'aider, maman*). Même bouleversée, Louise essaie de sauvegarder Danielle de cette situation (elle insiste que la fille va dans la chambre). Toutefois, l'inquiétude de la fille est telle qu'elle n'arrive pas à laisser la mère seule. Enfin, il y a une double préoccupation de la part de Louise et de Danielle sur les effets que le conflit entre les parents peut avoir sur l'une comme sur l'autre.

Tableau 3

Le sujet esquissé dans le récit précédent continue en ce moment, mais d'une façon élargie. C'est bien ici que se montre le ressentiment et la peine de Louise pour ne pas pouvoir offrir à Danielle un père et une grande famille. Le rejet à la fille de la part de la famille paternelle déchire Louise intensément. Devant cette situation, elle se défend par moyen d'une dévalorisation de la famille paternelle (le père de Danielle est décrit comme autoritaire et le grand-père comme un lâche), qu'au

fond cache un désir très fort d'approximation. C'est dans ce récit que Louise montre aussi ses essais de trouver des substituts familiaux pour Danielle dans le monde extérieur. Toutefois, elle échoue à cette tâche à cause de sa méfiance par rapport aux autres. Face à la difficulté de la mère, c'est Danielle qui essaie d'accomplir ce projet. Dans ces essais, la fille réussit quelques fois à établir des liens profonds et à se faire aimer (il y a une dame âgée qui tricote pour elle depuis qu'elle est bébé). Néanmoins, la majorité de ses contacts est encore superficielle, caractéristique que Louise essaie de nier pour soulager l'angoisse des deux (elle dit que la fille a beaucoup des grands-parents de substitution).

Tableau 4

En ce moment, dans son récit, Louise semble un peu plus soulagée, due au changement du thème du grand-père et de la famille élargie vers celui de sa relation avec Danielle. En ce sens, elle se montre très à l'aise face à sa situation actuelle. Donc, après avoir vécu les angoisses concernant la vie d'une femme qui travaille à l'extérieur et qui s'occupe de ses enfants, elle est capable, grâce à son chômage partiel, de profiter un peu plus de sa maternité. De cette manière, elle a réussi à transformer l'expérience inquiétante de l'inactivité professionnelle dans un avantage, vu qu'elle lui permet une plus grande proximité avec sa fille. Ce bien être de Louise montre que la valeur essentielle dans sa vie est liée à son épanouissement personnel en tant que mère aussi que celui de Danielle, au détriment des réalisations professionnelles. Celles-ci peuvent attendre, tandis que le temps, qui prend avec lui l'enfance de la fille, n'attend pas. Même si la décision de Louise est fondée sur des désirs personnels, elle est aussi basée sur des convictions éducatives bien établies, à savoir, la nécessité de sécuriser pendant les premières années pour que l'enfant puisse atteindre l'autonomie plus tard. De sorte que Louise semble être consciente que cette période de sa relation avec Danielle est provisoire; donc il faut en profiter au maximum. Ces principes éducatifs semblent être assumés par Louise surtout par l'influence de l'institution de Lille à qui elle appartient. Bien qu'elle sache que ces préceptes ne constituent pas un prétexte pour garder le lien fusionnel avec l'enfant, elle semble avoir encore des doutes. Ces incertitudes ont été partiellement entamées par sa réussite en laissant Danielle aller à un voyage avec sa classe et le succès de la petite pour se débrouiller dans cette situation. Toutefois, il faut considérer que l'effacement de ces doutes ne semble pas être complet, vu qu'à l'occasion du récit de Louise à ce tableau, Danielle nous a beaucoup interrompues. Les raisons des interruptions étaient ses soucis de que sa mère pouvait oublier de l'appeler pour aller au marché à la fin de l'entretien. Bref, bien que l'autonomie de Danielle soit une valeur envisagée par elle et sa mère, il y a un certain désir de prolonger la dépendance.

Tableau 8

Le thème de la relation avec l'enfant a été repris par Louise dans ce tableau, inséré dans le contexte de son expérience, en tant que mère, devant les autres. Si d'abord ce sujet l'a gêné un peu

(elle a parlé très bas et a eu du mal à commencer son récit), après elle s'est montrée capable de surmonter une fois de plus ses résistances et a réussi à en parler. Le récit montre la façon dont Louise conçoit le monde extérieur. Ceci est vu comme un endroit inhospitalier et peu accueillant. Les personnes, à l'inverse de constituer un réseau d'appui par elle et son enfant, sont conçues comme une source de rejet et de critique. Bref, au contraire de soutenir la mère et son petit enfant dans leur condition de vulnérabilité, l'entourage la juge en ce qui concerne sa condition maternelle. Devant cette situation qui risque de bouleverser l'exercice de son maternage comme elle le veut, Louise se retourne vers la relation avec son enfant. Cette retraite devient, alors, le sujet important dans la continuité de son récit. Au début de la vie de la fille il est identifié à la relation fusionnelle entre la dyade. Dans ce lien, qui a permis à Louise d'éprouver la préoccupation maternelle primaire, elle semble avoir pu se préserver et être elle-même. Dans cette attache passionnée, la fille est devenue son univers et le monde extérieur n'avait pas d'importance. Autrement dit, il semble que dans sa relation symbiotique avec Danielle, Louise a réussi à faire son vrai Self fleurir. Donc, de la même façon que la fille, l'expérience fusionnelle vécue par l'occasion de l'allaitement a aidé Louise à trouver un sens de continuité d'existence. Ce vécu est devenu encore plus important en vertu de la souffrance qu'elle a éprouvée pendant sa grossesse (l'abandon du père de Danielle). Tout en gardant l'assurance que ces expériences lui ont apportée par ailleurs un moment de sevrage, Louise conserve aussi la nostalgie de l'enchantement de l'allaitement, où la relation entre la dyade suffisait pour les deux. Bref, plus que Danielle, Louise fait encore l'expérience de la désillusion. Même si actuellement la fille continue à être son univers, il faut la préparer pour partir au monde, car elle le fera un jour. En sorte qu'il faut élargir ses espaces et ses relations au-delà de la mère. Toutefois, il n'est pas évident de se détacher, même graduellement, d'une relation dont la caractéristique est de soutenir le Self des deux. Dans ce sens, Louise est très reconnaissante à Danielle pour l'opportunité que celle-ci a apportée à son développement personnel pour le simple fait d'exister. Donc, son vœu plus sincère est que la fille puisse être aussi elle-même, en dépit des intromissions, parfois cruelles, de l'entourage.

En résumé, Louise est une mère très dévouée à sa fille; celle-ci consiste dans le sens de sa vie. Louise reconnaît son attachement à Danielle comme un sol extrêmement fertile pour l'épanouissement personnel des deux. Dans sa condition de seul parent, elle cumule les fonctions d'être le refuge de la petite contre les tourments du monde et, en même temps, celle de la pousser vers lui, envisageant sa croissance personnelle. Cependant, cette deuxième tâche n'est pas du tout évident pour elle. En raison des douloureuses peines qu'elle a souffertes tout au long de sa vie, les autres sont vus comme lui apportant plutôt des déceptions au détriment de protection et de plaisir. Donc, elle a un peu de mal à laisser sa fille s'en aller, mais elle a réussi à le faire, avec un peu d'effort. Néanmoins, cette entreprise est parfois en difficulté par des soucis de la fille par rapport à la mère. Comme les blessures de Louise ne sont pas encore cicatrisées (ce qui la rend d'une humeur un peu dépressive), la fille s'inquiète de la laisser seule. Sûre d'être la joie de vivre de sa mère et consciente de la solitude de celle-ci, Danielle cherche surtout à l'apaiser. Dans ce moment où la petite grandit et commence à être

de plus en plus indépendante, les deuils et la solitude de Louise risquent d'augmenter. Même si elle a assez de ressources pour laisser la fille accéder à l'autonomie, quelles que soient les conséquences pour son propre état émotionnel, les soucis de la fille vis-à-vis de la mère peuvent la conserver dans une position de dépendance. Encore que cette complication ne s'est pas posée (et peut-être ne se posera jamais) et que Louise dégage très bien sa fonction maternelle, une possibilité d'aide envisageant de travailler sa méfiance face au monde extérieur lui pourrait être utile.

Récit de Danielle

Danielle est une fille très jolie. Elle est blonde aux gros yeux bleus, comme sa mère. Ses cheveux longs et bouclés lui font ressembler à une poupée. Elle est très sociable, gentille et ravissante. Elle présente une remarquable joie de vivre qui, toutefois, me semble un peu exagérer. Elle est douce et accepte tout de suite me parler. Après mon explication sur les buts de ma recherche, on s'installe pour commencer l'activité. Elle soupire. Je lui donne des instructions du CAT-A et elle les comprend facilement. Elle demande s'il y a aussi des figures de bonhommes. Je lui dis qu'on va voir. Je continue en disant que je voudrais qu'elle invente des histoires et elle ajoute: « Et après, je les raconte à toi ! » Je confirme et je lui donne le premier tableau. Elle le regarde et rit.

Tableau 1

« Oui, bah... je l'ai vu, je l'ai vu... et maintenant je raconte une histoire. [Oui]. C'est (hésitation)... des petits poussins qui déjeunent... (elle rit). E puis là, la poule, elle les regarde. (Elle hésite et murmure) Et puis... (elle rit). [Qu'est-ce qu'ils pensent ?] Ils pensent que... ils s'amuse, mais ils ne mangent pas. [Pourquoi ?] Parce que... il y a un qui ne mange pas... [Ah, il y a un qui ne mange pas...] Oui, mais... le trois, on dirait. [Et pourquoi ils ne mangent pas ?] Parce qu'on voit un peu que le bol est vide... Et aussi on le voit parce qu'ils sont en train de parler, on dirait... [Et qu'est qu'il va arriver ?] Il va arriver que la poule, au bout du moment, elle va avoir marre et elle va disputer les poussins. [Et après ?] Après, les poussins, ils seront punis et... (hésitation) Ils ont été punis pendant une heure et après aussi ils ont été privés de goûter. Et c'est tout. » Elle me rend le tableau, je la remercie et elle rit et dit : « C'est pas bon... ». Je lui réponds que son histoire est très intéressante. Je lui montre le deuxième tableau.

Tableau 2

Elle dit « Le deuxième ! » et rit. Elle dit « C'est bon parce que c'est une bête... Elle murmure « Parce que c'est comme une bestiole, ça c'est dur de savoir. Pour ça on peut dire... inventer... des bêtes (elle chuchote quelque chose inaudible, comme si elle racontait un secret). On dirait que c'est trois ours et on dirait que c'est une famille, que là c'est le papa et la maman et leur bébé (le papa est l'ours qui est tout seul). Et puis, ils tirent, chacun de leur côté, sur une corde et on ne sait pas pourquoi (elle rit). Il reste à savoir. Et puis on dirait qu'il... voilà, qu'il a un peu peur (le papa) parce que... parce

qu'en fait il a l'impression qu'il va glisser sur la neige et puis qu'il va tomber avec les deux autres. [Et qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver à la fin ?] Et après, bon... je pense qu'ils étaient sur une montagne, alors qu'ils vont descendre en boule [Hum..] et quand ils vont arriver en bas, il y aura un rocher et puis 'Boum !'. Ils vont être en l'air et ils vont tomber encore...Après... ils se relèvent et ils rentrent à leur maison. Et puis, ils prennent un chocolat chaud pour se remettre de tout ça (elle rit) C'est fini.». Je lui fais un éloge pour son histoire. Elle remercie et je lui présente le troisième tableau.

Tableau 3

« Ah, là c'est facile... [C'est facile ?] Oui, on dirait que c'est le roi des animaux. Le lion qui est sur son trône avec sa canne (elle rit discrètement) et puis... on dirait qu'il s'ennuie. [Hum... pourquoi ?] Parce que... il aimerait bien trouver une lionne pour faire des enfants. [Il est tout seul, le roi...] Et il ne trouve pas...en fait il trouve mais... bon... elles ne sont pas assez belles pour lui. Et alors, il bah... il s'ennuie. Et puis... d'un coup après, il demande à ses messagers de chercher et à chaque fois qu'ils lui ramènent une, il y a quelque chose qui ne va pas. Et au bout d'un moment il y en a une qui vient toute seule sans qu'un messager lui rapporte. Et puis, elle lui convient et il dit pour ses messagers d'arrêter. Et puis, ils font, ils font cinq petits lions. Et voilà (elle rit) ». J'éloge son histoire, elle rit et me dit qu'elle a tout inventé. Je prends le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

« Là, c'est une famille kangourou, mais on ne peut pas trop dire que c'est une famille, parce qu'il n'y a pas de papa. [Il n'y a pas de papa...] Là c'est la maman, c'est le bébé et puis le plus grand... un peu plus grand enfant. Ils sont sur...Là, il est sur son vélo, l'autre, il est dans la poche et puis on dirait que la maman, elle court vers la forêt là, pour aller chercher à manger. Et puis... ils voudraient qu'il y ait des champignons dans la forêt. [Et alors ?] Alors, ils ont rencontré un loup et alors d'un coup, le... le (elle hésite) le petit bébé, il dit 'C'est rien, j'ai une idée'. Alors, il (elle respire d'une façon haletante) dit à sa maman 'Toi, un peu, pendant un petit temps détourne l'attention du loup et moi, je m'occupe du reste.' Il sort et puis il va sur la tête du loup (elle rit). Il accroche le ballon à son oreille, il accroche ce ballon à son oreille et gonfle très très gros un ballon, un ballon aussi grand que le ballon du monde entier et puis il s'en va, le loup (elle rit). Après, ils ont rencontré plein (de loups) et puis, ils font la même chose. Et puis, au final avec ça, il y a des champignons qui se sont déterrés tous seuls et qui vont sauter dans leur panier. Alors, à la maison, ils ont fait, ils ont fait...ils vont manger des champignons pour le dîner (elle rit). Et maintenant, j'ai terminé. [Très intelligent le petit...] Bah oui, parce qu'en fait je n'aurais pas voulu dire que c'est la maman... [On rit et je lui dis que je comprends]. Comme dans les contes, c'est toujours les plus petits qui ont raison... ». Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

Elle dit ‘U-là-là !’, comme si elle était de surprise. « Là c’est... des singes, précisément une famille. En fait ici c’est la maman, le papa et puis c’est l’adolescent et puis là, le petit. Et en fait celui-ci (l’adolescent), il apprend à celui-ci (le petit) à lire et à écrire. Et après la maman, elle chuchote au papa « Il n’arrivera jamais à lire et à écrire tellement qu’il est ‘soso’. Elle dit ça pour lui. Alors, au moment, quand il entend tout, le petit singe, il dit : ‘Bon, j’en ai assez ! Je vais essayer de prouver à mon papa et à ma maman que je sais lire et que je sais écrire’. Parce que depuis tout le temps il avait caché qu’il savait super bien les faire. Alors, un matin, il crie, ‘ Papa, maman, venez voir !’ Et le papa et la maman, ils disent ‘D’accord’. Alors, il écrit dans une feuille de papier quelque chose, il écrit : ‘Je vous aime, mes parents’. Et puis, aussi il a écrit ‘ Et je t’aime toi aussi, grand-frère’. Alors, après, il bah...il écrit...Alors, les parents, ils vont dire ‘Très bien ! et pour prouver que tu sais lire’ ...Ah, bah... ils ont écrit un texte au tableau et il l’a lu. Et puis, voilà ! »

Je prends le tableau et je lui demande de me dire quelle est la figure qu’elle avait aimé le plus et celle qu’elle avait aimé le moins. Elle dit « C’est dur à savoir avec tout ce qu’il y a ». Elle reprend tous les tableaux à nouveau. Elle prend le premier tableau et dit : « Celui-ci (tableau 1) je n’ai pas aimé parce qu’on ne voit pas très bien la poule ». Elle prend le tableau du kangourou (4) et des singes (8) et dit qu’elle a aimé les deux. Je la remercie pour la participation et on finit l’entretien.

Interprétation Danielle

Le récit de Danielle montre que, cachée derrière sa caractéristique d’être adorable et de sa joie de vivre, il y a un souci important par rapport à Louise et au bien-être de celle-ci. De cette façon, elle a eu beaucoup de mal à me laisser toute seule avec sa mère au moment de mon entretien avec elle. Quand Louise et moi nous étions en train d’aborder le tableau 2, due aux constants essais de Danielle pour intervenir dans notre travail, je m’étais dirigée vers elle en disant qu’il ne fallait pas se faire de souci, parce que sa mère se sentirait bien avec moi. Elle a semblé être un peu soulagée et a réussi à rester dans sa chambre pour un moment. Toutefois, quelques minutes après, elle est revenue beaucoup de fois vers nous, en dépit de plusieurs demandes de Louise pour qu’elle nous laisse. Elle semblait être très intelligente et à comprendre tout de suite les buts de ma recherche et ce que j’attendais d’elle, au point de compléter mes consignes de passation du CAT-A.

Les récits de Danielle au CAT-A ont montré qu’en plus d’être intelligente, elle est très créative et spontanée. Ces caractéristiques suggèrent la présence d’un Self capable de s’exprimer, et qui a réussi à établir un sens de continuité avec le monde. Les capacités d’intégration, de personnalisation et de réalisation sont bien établies. Ces habilités rendent à la petite une personnalité raisonnablement solide, dont le Self a atteint la période de la dépendance relative et d’où l’indépendance commence à être envisagée comme une conquête future. Néanmoins, il semble que l’aboutissement de celle-ci peut lui poser des problèmes, dû à son souci concernant la solitude de la mère.

Danielle est très consciente de sa condition d'appartenir à une famille monoparentale. Si cette situation en soi n'a pas d'importance pour elle, l'isolement et la tristesse de la mère la laissent tellement inquiète. Cet état émotionnel de Louise est remarqué par Danielle comme issu de l'absence d'une figure conjugale. Donc, encore que les contacts de Danielle avec son père biologique soient presque inexistant, la figure paternelle est présente dans sa réalité psychique, surtout due aux effets que son absence a sur la mère. Bien qu'elle conçoit sa mère comme apte à offrir l'affection et la protection dont elle a besoin (ce qui elle montrera dans son récit au tableau 4), la famille n'est pas vue comme complète sans le père ou un substitut (comme elle montre aussi dans le récit au tableau 8). L'image paternelle qu'elle a construit surtout par la médiation de Louise, est de quelqu'un qui, à l'inverse de soutenir sa mère et de l'aider, s'engage dans des conflits avec elle (tableau 2). Il faut, donc, rencontrer quelqu'un d'autre qui puisse soutenir la mère, un père substitut. Si la mère n'arrive pas à entreprendre cette démarche toute seule, Danielle cherche à l'aider. Cette tâche, néanmoins, n'est pas évidente.

En synthèse, Danielle est un enfant qui se développe bien, soit en ce qui concerne l'évolution de son Self, soit la pulsionnelle, où elle semble être à la rentrée de la période de latence. Dans des termes dynamiques, sa condition d'appartenir à une famille monoparentale a beaucoup d'influence dans sa façon de vivre. Cette situation n'arrive pas à cause de la situation familiale en soi, mais de la façon dont celle-ci est vécue par sa mère. Donc, si Louise sent que sa famille est incomplète, Danielle le ressent aussi. Dans son intention d'aider sa mère, elle cherche à lui trouver un partenaire pour composer une famille nucléaire, dans laquelle celle-ci puisse avoir d'autres enfants et, ainsi, soulager sa dépression. À défaut d'un mari, les amis peuvent être une solution provisoire (comme ses essais de prolongation de son contact avec moi qui l'ont démontré). Des détails additionnels de l'expérience de Danielle sont montrés dans ses récits à chaque tableau du CAT-A décrits à la suite.

Tableau 1

En dépit des hésitations de Danielle devant ce tableau, elle s'est montrée très à l'aise par rapport à l'activité. Le thème qu'elle a choisi d'aborder a été le refus des enfants pour accepter et introjecter les qualités maternelles et la réaction de la mère devant cette conduite. Ainsi, la mère offre des éléments pour l'introjection mais les enfants ne leurs donnent pas d'importance (ils s'amuse, mais ils ne mangent pas). Cette situation laisse la mère très frustrée et l'emmène à punir les enfants devant sa « désobéissance ». Le châtement infligé est l'isolement des enfants et le refus de la mère à leur fournir d'autres éléments d'identification (*ils seront privés de goûter*). Bien que le récit montre la capacité de la mère d'établir un cadre pour le développement des enfants, il comporte un autre message important. Ainsi, l'attitude de l'enfant de prendre plaisir dans la relation avec la mère mais éviter l'identification avec elle est passible de poser des problèmes par rapport à l'acceptation de l'apprentissage. Cette situation peut garder l'enfant dans une situation de dépendance au détriment de l'acquisition de l'autonomie.

Tableau 2

Si dans le récit précédent le désaccord exprimé concernait la mère et l'enfant, l'affrontement entre les parents prend le premier plan en ce tableau. Toutefois, ses conséquences sont beaucoup plus douloureuses qu'avant et presque tragiques. Encore que les raisons des conflits entre les parents ne le soient pas compréhensibles, Danielle prend le parti de la mère contre le père, par son fort attachement pour elle. Toutefois, même si il leur arrive d'avoir la supériorité sur le père, il n'y a pas vraiment de vainqueurs dans cette situation. Ainsi, à la défaite du père se suit le malheur de la mère et de l'enfant (le père tombe et fait tomber les autres deux). Ainsi, ils deviennent tous gravement blessés. Donc, après avoir vécu cette situation difficile et amère, il faut avoir des expériences de douceur pour se remettre (le chocolat chaud).

Tableau 3

Après la description du conflit entre les parents dans son récit antérieur, Danielle parle, en ce moment, des conséquences que la condition d'être seule suscite dans la réalité psychique de sa mère.

La tristesse et l'ennui de celle-ci sont remarqués par la fille, qui les comprend comme le résultat de l'absence d'un lien amoureux de la mère avec un adulte. La vie de la mère est vue comme incomplète et sans joie s'il n'y a pas quelqu'un avec qui elle puisse constituer une famille. Autrement dit, l'atteinte du bonheur est conditionnée à l'existence d'un partenaire amoureux, un mari pour sa mère plutôt qu'un père pour elle-même. Devant le refus de la mère pour accepter quelqu'un d'autre et de ses déceptions par les relations qui n'ont pas réussi, Danielle décide de l'aider (le messager). Toutefois, elle ne réussit pas à briser les résistances de la mère. Donc, même si Danielle semble avoir désisté de dégager un rôle plus actif dans cette entreprise, elle garde encore l'espoir qu'un jour son désir va se réaliser naturellement.

Tableau 4

Comme une continuation de son récit précédent, Danielle montre qu'à son avis une famille doit inclure la figure du père. Donc, s'il n'est pas là, le groupe est vu comme inaccompli. En dépit de cette incomplétude, elle montre la capacité de la mère de bien dégager les fonctions maternelles et paternelles. En ce sens, en plus de gratifier et de nourrir ses enfants (concrètement et affectivement), elle est aussi capable de leur fournir une protection contre les dangers du monde extérieur. Ces conditions de la mère sont bien appréciées par la fille qui veut s'identifier à elle et de développer ces qualités en elle-même (seulement à la fin, Danielle éclaircit que la vraie héroïne de l'histoire est la mère et non elle). En d'autres termes, elle accepte sa condition d'enfant, mais par sa capacité de faire semblant, elle peut jouer le rôle de l'adulte qui va l'aider à la conquête de l'autonomie dans le futur.

Tableau 8

Dans ce récit, Danielle continue le thème qui concerne sa condition d'enfant, avec ses capacités et ses impuissances. Néanmoins, en ce moment elle intègre cette question avec celle de l'identification, qu'elle a esquissée dans ses récits aux tableaux 1 et 4. Dans les histoires précédentes l'identification a surgit en tant que souhaitée (tableau 4) et refusée (tableau 8). Bref, la fille a exprimé une certaine ambivalence par rapport à développer, en soi même, les qualités maternelles. Dans le récit actuel, elle se montre initialement en tant que l'enfant qui a des difficultés à apprendre, qui ne veut pas faire des introjections et qui, en conséquence, ne grandit pas. Toutefois, cette situation est illusoire, car l'enfant a des habilités nécessaires pour ce qui est attendu de lui. Il simplement cache des parents ses ressources et ses conquêtes développementales. Pour autant, la condition de sous-développement de l'enfant ne fait pas plaisir à la mère et la réaction de celle-ci déclenche des sentiments d'infériorité et d'humiliation chez celui-là. Donc, pour laisser la mère toute fière de l'enfant, il faut grandir et montrer ce qu'il est vraiment capable de faire. Ainsi, la croissance de l'enfant est accueillie par la mère avec ravissement.

En conclusion, il semble que Danielle est une fille qui se développe d'une façon relativement harmonieuse malgré ses soucis par rapport au bien être de sa mère. La gamine s'inquiète surtout à cause de la solitude de la mère et veut rester auprès d'elle. Pour cela, parfois elle cherche quand-même à cacher ses conquêtes développementales qui la rendent à chaque fois plus autonome. Toutefois, elle remarque le bonheur de la mère de la voir grandir. Enfin, même en ayant des très bonnes conditions développementales, Danielle reste un peu ambivalente par rapport à sa croissance. Il semble qu'à partir du moment où elle soit assurée du bonheur de la mère, elle pourra s'occuper des défis propres à sa marche vers l'autonomie.

Synthèse Louise et Danielle

L'analyse des récits au CAT-A de Louise et de Danielle permet d'affirmer qu'elles composent une dyade mère/fille qui est en train de bien se développer, mais qui présente des douleurs et des souffrances particulières. Ces peines semblent être liées surtout à la façon dont Louise éprouve sa condition de parent isolé, à savoir, avec un sentiment de vulnérabilité et de tristesse devant l'abandon par le père de Danielle.

En dépit des chagrins qui traversent le lien mère/enfant, Danielle montre avoir atteint des conquêtes émotionnelles importantes pour son âge, dû à ses propres caractéristiques personnelles, mais aussi due la capacité de Louise de la soutenir. Le début de vie de la fille a été décrit par Louise comme un des moments les plus magiques et les plus gratifiants de sa vie. Malgré sa solitude, elle a été capable de se dévouer complètement à Danielle, ce qui est illustré principalement par sa description de l'expérience de l'allaitement. Dans cette période, Louise a été capable d'éprouver sa préoccupation maternelle primaire, soutenue par une solide confiance en ses propres habilités comme mère. Elle a été capable d'affronter les essais d'interférences des autres dans la façon dont elle prenait

soin de Danielle, ce qui lui a permis d'établir une relation g enuine avec sa fille. Ce d evouement maternel a rendu à Danielle l'atteinte des capacités d'intégration, de la personnalisation et de la réalisation, en lui permettant de dépasser la dépendance absolue. En plus, ce moment de sa relation avec la petite a constitué une opportunité où Louise a pu se fortifier et rencontrer, elle aussi, un sens de continuité d'existence. Nonobstant l'enchantement de la situation, la nécessité de désillusion s'est imposée par les deux et l'éloignement graduel a pu s'établir, bien que suivi par une expérience de deuil. Donc, il est resté, de la part de Louise, une certaine nostalgie du passé, ce qui lui a fait prendre conscience de la caractéristique éphémère de l'enfance de la fille. De sorte qu'elle décide de garder avec Danielle une relation plus proche durant le temps que celle-ci soit petite.

Cet étroitement du lien a aussi une autre raison: il semble fonctionner comme une tentative de compenser l'absence du père de Danielle et de sa famille élargie. Dans ce sens, Louise semble éprouver un très fort ressentiment envers la famille paternelle de la fille, qui se refuse à prendre des contacts avec elle. Ces expériences ont emmené Louise à une conception du monde comme un endroit un peu cruel et pas fiable, ce qui fait monter ses craintes par rapport à l'autonomie de Danielle. Toutefois, elle reconnaît que la séparation de la fille et l'acquisition de l'indépendance par celle-ci sont une réalité que, tôt ou tard, va arriver. Donc, tout en ayant des difficultés, elle stimule la fille à faire des choses par elle-même. En ce sens, Louise est capable de dégager la fonction d'être le refuge de la fille devant les tourments du monde et, en même temps, la pousser vers lui. Elle est aussi capable de mettre des limites à Danielle d'une façon consistante, mais sans le même succès due aux soucis de la fille vis-à-vis d'elle.

En ce sens, Danielle reconnaît la valeur que sa mère attribue à l'autonomie (l'acquisition de connaissances pour faire des choses par soi-même) et s'efforce pour grandir et à ressembler à elle. Pour atteindre ces buts, elle est capable d'utiliser sa capacité de faire semblant, qui lui permet de jouer les rôles des adultes, nécessaires à une identification avec sa mère. Néanmoins, la fille reste parfois ambivalente devant sa propre autonomie, due à sa perception de l'état émotionnel de la mère. Celle-ci est vue comme seule, triste, fragile et vulnérable, en ayant besoin de son aide. Bouleversée par cette perception, Danielle semble faire, tout le temps, des efforts pour changer l'état émotionnel de Louise. Il semble que ce souci prenne plus d'importance en sa vie que ceux rapportés aux tâches de son propre développement personnel. Donc, si Louise est frustrée pour ne pas donner un père pour Danielle, celle-ci s'efforce de trouver un mari pour sa mère. Cependant, la méfiance de Louise vis-à-vis des autres rend l'entreprise de la fille très difficile. Danielle essaie, donc, de trouver des amis qui pourraient offrir quelque type de soutien social et émotionnel à Louise. Encore qu'elle réussisse à avoir quelques contacts profonds, la majorité d'eux semble présenter une caractéristique de superficialité adhésive.

En résumé, bien que le développement de Danielle se passe relativement bien et que Louise, en dépit de ses difficultés, réussisse à offrir à la fille les expériences qu'elle a besoin, la préoccupation de celle-ci vis-à-vis de sa mère l'angoisse. En conséquence, elle agit parfois comme si elle devrait

prendre soin de la mère et pas le contraire. Donc, si le fait de Danielle, se constituant dans le sens de la vie de Louise, fournit à celle-ci une aide importante pour son développement, l'inverse (la mère en se constituant le sens de la vie de la fille) ne l'aide pas forcément. Cette situation arrive surtout due au malaise de Louise face à sa vie et face à elle-même. De sorte, la fille s'aperçoit que quand sa mère se sentira plus apaisée et assurée, elle pourra aussi se sentir tranquille pour faire de sa croissance, son but personnel.

APÊNDICE AH - Dyade Camille et Annabelle

Identification

Camille: 37 ans

Situation familiale: divorcée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Marie, 15 ans; Olivier, 12 ans; Annabelle, 6 ans

Enfant étudié: Annabelle

Ordre des entretiens: 1) Annabelle

2) Camille

Récit de Camille

Ma rencontre avec Camille et Annabelle a eu lieu dans le mois de décembre, à la fin de la matinée, chez elles, dans une ville proche de Lille. Elles m'avaient été indiquées par Louise, une autre mère qui avait déjà participé à ma recherche. Louise avait connu Camille à une institution de la ville de Lille, où les mères discutaient l'éducation et les soins de leurs enfants, et surtout des bébés.

J'ai eu quelques difficultés pour trouver son appartement, parce que Camille ne m'avait pas donnée le numéro exact de son bâtiment. Quand j'étais proche d'un endroit de référence qu'elle m'avait fournie, je lui ai téléphonée et elle m'a donnée les coordonnées spécifiques de son adresse. Deux minutes après, j'étais devant son bâtiment et elle était à la fenêtre pour m'attendre.

Camille est une femme de 37 ans, mais elle fait plus. Le jour de notre rencontre, elle ne porte pas de maquillage et est habillée d'une façon simple. Elle est maigre, brune aux yeux verts et a un visage un peu fermé et tendu. Elle ne semble pas avoir beaucoup de vanité personnelle; donc, toute jolie qu'elle est, sa beauté reste cachée. Ses enfants sont tous chez elle. Parmi eux, il y a une adolescente et, au début, je suis un peu confuse si elle était sa fille ou une nounou. Seulement pendant l'entretien, Camille me raconte qu'elle est Marie, sa fille aînée.

Je reste dans la salle à manger, qui n'est pas séparée de la salle de télé. L'appartement est de taille moyenne et les meubles sont un peu lourds et de bois foncé, ce qui laisse l'ambiance un peu triste. Les enfants sont en train de regarder la télé et Camille leur demande de s'en aller, pour que nous puissions commencer notre activité.

J'explique à Camille les buts de ma recherche et elle décide qu'Annabelle devra me parler d'abord. Elle me demande si elle devrait me laisser seule avec la fille. Je lui réponds que l'activité est individuelle mais, dans le cas où elle ne se sent pas à l'aise pour sortir de la salle, elle pourrait rester avec nous. Je souligne, toutefois, qu'il est important qu'Annabelle fasse la tâche sans aide. Donc, elle choisit de rester avec nous, mais elle n'intervient pas à la passation du CAT de la fille. De la même façon, Annabelle ne me laisse pas seule avec Camille pendant notre conversation ultérieure.

Cependant, Camille ne semble pas être dérangée avec ça. Ainsi, après avoir parlé à la petite fille, je commence mon entretien avec Camille. Je lui demande comment elle préfère que je l'appelle, « vous » ou « tu ». Elle répond que ce serait mieux si je lui dis « tu ».

LE CAT

J'explique à Camille que j'irais lui montrer les mêmes tableaux que j'avais présentés à Annabelle. J'ajoute que je voudrais qu'elle, en les regardant, me parle de son expérience comme mère de celle-ci. Toutefois, avant de commencer, je lui demande combien d'enfants elle a. Elle répond qu'elle a trois enfants, et qu'elle habite seule avec eux. Je lui demande si elle est divorcée et elle raconte que le papa de ses deux enfants aînés (Marie de 15 ans et Olivier de 12 ans) est décédé quand ils étaient petits. Après elle s'est remariée et elle a eu Annabelle, mais cela fait presque deux ans qu'elle s'est séparée de son deuxième mari. Elle raconte qu'il habite dans la même ville qu'elle et qu'Annabelle va chez lui une semaine sur deux. Elle dit que ce système se passe bien. Elle raconte qu'elle est née en France mais pas au nord du pays. Après cette introduction, elle reste silencieuse. Alors, je lui propose de regarder les tableaux.

Le CAT-A

Tableau 1

Elle dit qu'elle voit trois petits oiseaux à la table, qui ont l'air d'avoir faim. Elle dit que peut-être ils attendent que leur maman les serve. Elle dit qu'elle a l'impression que la maman est un peu en décalage par rapport aux traits du dessin. Elle dit qu'elle imagine qu'à la suite, elle va les servir et le repas va se dérouler normalement. Je lui demande si cette scène lui fait rappeler quelque chose comme mère d'Annabelle. Elle dit que oui, et que c'est marrant, parce qu'elle a trois enfants et elle pourrait dire ça. En ce moment Annabelle s'approche et dit : « C'est nous et toi, tu es la poule. » Camille continue en disant que là ils ont l'air calme. Elle répète que les petits oiseaux ont l'air calme et quelques fois ça c'est bon, quand tout s'est bien passé. Elle continue en disant que la situation se passe plus ou moins calme, on va dire, que c'est normal. Il y a un petit silence et elle dit que le repas c'est un moment où l'on se retrouve, donc, quelques fois on mange et ça se passe bien. Elle ajoute que c'est un moment agréable et quelques fois il se passe un peu rapidement, parce que les enfants finissent un peu avant et ils sortent de la table. Elle dit que c'est un moment important, un moment où on se retrouve dans la journée. Elle arrête de parler et je lui demande si c'est tout. Elle dit oui et je lui présente le deuxième tableau.

Tableau 2

Elle dit qu'elle voit trois ours que tirent la corde, qu'il y a un ours et un petit d'un côté et un autre ours de l'autre côté. Il y a un petit silence de 10 secondes, au début duquel Annabelle murmure quelque chose à Camille. Elle dit qu'on pourrait imaginer la maman là (avec le petit) et qu'elle ne sait

pas par rapport à... (elle ne complète pas la phrase). Annabelle dit : « Il y a un mâle ». Camille continue en disant qu'il s'agit de la mère et de son petit, et, elle dirait, plus le mâle de l'autre côté. Elle dit que la maman a l'air d'avoir du mal à tirer et que c'est comme si le petit l'aidait. Elle hésite et dit : « Qu'est-ce qu'il pourrait se passer après ? Je ne sais pas ». Elle continue en disant que peut-être quand on est deux, on tire plus fort, donc... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle a du mal à imaginer comment cela va se terminer. Il y a un silence de 10 secondes et je lui demande si ça lui rappelle quelque chose par rapport à elle et à son expérience comme mère. Elle répond que non, que comme ça, tout de suite, non. Annabelle murmure quelque chose à Camille et celle-ci me rend le tableau. Je lui présente le troisième.

Tableau 3

Elle dit qu'elle voit un lion assis sur un fauteuil. Elle dit qu'elle trouve qu'il a l'air triste. Elle dit qu'il y a une petite souris dans son trou et qu'elle a l'impression qu'il s'ennuie. Elle dit qu'on pourrait imaginer que la petite souris vient le voir et lui tenir compagnie. Après 7 secondes de silence, elle dit que c'est tout. Je lui demande si, par rapport à elle, ça lui rappelle quelque chose. Elle répond que par rapport à elle, non, que ça ne lui dit rien. Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

Elle dit qu'elle voit une maman kangourou avec ses enfants, un enfant dans la poche et un plus grand sur un vélo. Elle dit qu'apparemment ils vont faire des courses ou ils reviennent des courses. Il y a un silence de 12 secondes (elle a du mal à parler à partir des tableaux). Elle dit « Qu'est-ce qu'il pourrait se passer ? Je ne sais pas ». Elle répète qu'ils vont faire des courses ou ils rentrent, et qu'elle ne sait pas. Elle s'efforce pour dire ce que le tableau pourrait lui rappeler, mais elle ne réussit pas. Elle dit que l'image ne lui rappelle rien de spécial. Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 8

Annabelle murmure qu'il s'agit du même tableau qu'elle avait vu. Camille dit qu'elle voit quatre singes, trois adultes et un petit et que celui-ci a l'air de... (elle ne complète pas la phrase). Annabelle murmure quelque chose à Camille, comme si elle voulait l'aider à la tâche, mais celle-ci ne lui fait pas attention. Camille dit qu'elle a l'impression que c'est la maman, parce qu'elle a une boucle d'oreille et elle a l'air de (elle hésite), de parler de (elle hésite à nouveau), de parler à son petit, en lui expliquant les choses, en le (nouvelle hésitation), en lui expliquant certaines choses. Annabelle continue en murmurant, en essayant d'aider sa mère, mais sans succès, vu que celle-ci l'ignore. Camille continue en disant qu'il y a deux autres singes qui sont en train de boire du thé ou du café, et qu'ils ont l'air de dire des petits secrets dans son dos, peut-être. Elle hésite et dit que, la suite, elle ne

la voit pas forcément. Elle continue en disant que ça ne lui rappelle pas forcément quelque chose. Elle me rend le tableau et je lui dis que c'est terminé.

Je lui demande si elle voudrait me poser des questions. Elle dit qu'elle ne veut pas vraiment demander, mais que ce n'est pas facile. Elle dit qu'avant, quand je demandais à Annabelle qu'est-ce qu'il pourrait se passer après sur les images, elle (Camille) a essayé presque de faire pareil, mais ce n'est pas du tout évident. Elle dit que c'est vrai qu'on peut imaginer plein de choses, mais là, sur le moment, non, elle n'est pas arrivée à... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle ne savait pas ce qu'elle pourrait dire. Je la tranquillise et je lui dis qu'elle m'avait beaucoup aidé, qu'elle m'avait donné beaucoup de matériel. On sourit et elle dit « D'accord ».

Je demande à Camille si elle travaillait hors de la maison ou pas. Elle dit qu'elle travaille la nuit, dans un métier lié à la puériculture. Elle dit qu'elle travaille dans un service avec les bébés dont les parents ne peuvent pas supporter. Elle raconte qu'elle ne travaille que la nuit, mais pas toutes les nuits heureusement. Elle dit qu'elle devrait travailler ce soir et aussi le vendredi. Elle raconte qu'Annabelle n'aime pas quand elle travaille. Donc, la semaine où Annabelle est chez elle, Camille essaie de ne pas faire beaucoup de nuits. Elle répète qu'Annabelle n'aime pas quand elle part travailler. Elle raconte que quand elle travaille, Marie est quand même la responsable pour la petite fille. Dans ces situations, Annabelle dort dans le lit de sa sœur. Annabelle intervient : « Parce qu'elle est très gentille, ma grande sœur ».

Camille raconte qu'Annabelle n'aime pas dormir seule dans sa chambre et ça, en fait, c'est un souci entre les deux. Alors, quand Annabelle est là, elle (Camille) dort dans sa chambre avec elle. Camille raconte qu'elle dit à Annabelle qu'elle va avoir 7 ans au début de janvier. Annabelle intervient et dit le jour exact de son anniversaire. Camille dit à Annabelle pour arrêter de faire la bête et Annabelle répond qu'elle veut être bête. Camille raconte qu'elle a dit à Annabelle qu'à partir du soir de ses 7 ans, ça va finir (dormir avec quelqu'un). Camille dit qu'elle avait déjà essayé de faire ça.

Elle raconte qu'il y a 3 chambres à la maison, que chaque enfant a sa chambre et elle a un canapé, dans la salle, qui se transforme en lit. Elle dit qu'elle a déjà essayé de dormir, on va dire, à sa chambre (elle se réfère à la salle), mais il y a beaucoup de pleurs et donc, elle a cédé. Annabelle, qui est en train de jouer, mais qui écoute notre conversation, dit: « C'est m'occuper de quelqu'un que m'énerve ». Camille dit à Annabelle pour nous laisser parler tranquillement. Je demande à Camille si elle croit qu'Annabelle se sent un peu seule sans elle et Camille dit que oui et que quand elle (Camille) part travailler à 21 heures, la famille dîne à 19 heures en général et que c'est assez tôt. Alors, la famille dîne et a le temps, après, pour rester ensemble. En général, Annabelle se couche à 20 heures ou 20 heures et demie. Donc, elle a du temps pour la fille. Elle dit que normalement quand elle part, Annabelle dort, mais pas en ce moment. Camille dit que ce soir elle espère que ça va aller. Annabelle donne un petit cri et Camille lui répond « On en a parlé déjà ! ».

Elle répète que quand elle part, à 21 heures, Annabelle dort. Comme elle va à l'école, elle se couche tôt, mais que la semaine d'avant, les choses se sont mal passées et que ce n'est pas facile. Elle

dit que Marie est là, mais ce n'est pas une adulte, mais une jeune adulte. Elle ajoute que c'est vrai qu'elle s'occupe bien de sa sœur et elles sont vraiment très complices. En plus, si Marie accepte qu'Annabelle dorme dans son lit, elle (Camille) a du mal à comprendre. Elle dit que son travail n'est pas loin, que quand elle (Camille) part, Annabelle dort et quand elle revient, Annabelle dort, alors elle ne peut pas comprendre qu'est-ce qui se passe.

Je lui dis que, dans le cas de que le problème persiste, et si elle voulait, je pourrais l'adresser à la clinique de Psychologie de l'université. Elle raconte qu'elle avait déjà vu une psychologue trois fois, mais que celle-ci ne l'a pas conseillée. Alors, Camille a essayé, par rapport au sommeil, de ne pas céder et de laisser Annabelle pleurer. Elle dit qu'elle a vraiment déjà essayée plusieurs choses et elle a l'impression que cette psychologue ne l'a pas aidée. Elle dit qu'elle pense même que la psychologue n'a pas aidé Annabelle non plus. Donc, elles ont arrêté de la voir. Elle dit que la psychologue était gentille mais elle a arrêté de la voir et qu'elle (Camille) a passé à dormir avec Annabelle, parce qu'elle ne veut pas que la fille pleure pour ça. Elle dit qu'elle croit qu'elle (Camille) n'arrive pas à aider Annabelle, qu'elle ne trouve pas la façon de bien l'aider. Donc, elle dort avec sa fille, mais pas dans le même lit. Elle dit qu'elle a envie que ça s'arrête parce qu'elle ne trouve pas ça bien. Elle dit qu'elle voulait bien que je lui indique un professionnel. Je lui explique que je partirais en janvier au Brésil, mais je chercherais à l'université de Lille quelqu'un d'autre qui pourrait l'aider. Je lui dis aussi que je lui laisserai ma carte avec mon adresse e-mail et qu'elle pourrait m'écrire, même si je serai déjà au Brésil.

Je dis à Camille que j'ai l'impression qu'Annabelle se fait un peu de souci par rapport à elle. Camille dit que oui, et qu'elle sait ça. Je lui dis que peut-être l'inquiétude d'Annabelle est d'être loin et que quelque chose puisse arriver à sa mère. Camille dit que oui, parce que la semaine où Annabelle va chez son papa, ils (Camille et lui) se disent beaucoup de choses de ce qui se passe sur la fille. Elle ajoute qu'elle et son ex-mari ont une bonne relation et qu'elle pense qu'Annabelle est contente d'y aller. Camille me regarde et dit qu'elle pense à ce que je viens de lui dire, si Annabelle pourrait avoir peur qu'elle parte et qu'il lui arrive quelque chose. Je dis que c'est mon impression. En ce moment, Annabelle sort et revient tout de suite, avec un bouquin. Elle dit: « Maman je vais te lire, s'il te plaît ». Annabelle essaie de lire, mais elle a une très grande difficulté pour le faire. Elle dit: « Il était fois un jeune...de l'aider, donc, la forêt ne... il se passe que, 'il y a' (elle commence à épeler les mots, à cause de sa difficulté à lire) un enfant et la fin se dit... » . Elle s'arrête et Camille dit: « C'est bien ce que tu as fait ! ». Annabelle dit « Non ». Après, la fille rit d'une façon haletante et nous laisse..

Je commente qu'elle m'avait dit que pour Annabelle le contact avec son père était important. Camille tousse et dit que son papa a rencontré quelqu'un, une femme, il y a six mois. En ce moment Annabelle revient à nous et me donne un petit cadeau: un porc-épic en caoutchouc. Je la remercie et je lui demande s'il est comme ça (frissonné) parce qu'il avait froid. Elle répond que non, qu'il avait un petit peu peur. Je demande à Camille si elle voulait parler un peu plus et elle dit que non.

J'éteints mon MP-3, mais Camille continue à parler. Elle me raconte que la séparation conjugale a été très difficile pour elle, et qu'elle a beaucoup souffert quand elle a su que son mari était en train de refaire sa vie avec quelqu'un d'autre. Camille raconte aussi qu'elle a souffert un peu de dépression. Je lui demande si elle pense à refaire sa vie amoureuse aussi et elle répond qu'en ce moment elle ne pense pas à ça et que maintenant, sa vie se résume à ses enfants. En ce moment elle parle d'une façon ferme, mais elle semble très défensive.

Elle me demande si Louise avait fait aussi l'entretien avec moi et je lui confirme. Elle me raconte qu'elle a été surprise par la façon dont Louise l'a contactée, vu qu'elles avaient un rapport très superficiel. Elle ajoute aussi qu'Annabelle fait des cauchemars et c'est pour ça qu'elle ne voulait pas dormir toute seule à sa chambre. Je lui dis que je ne savais pas ça et que ce n'était pas à cause de ça que je l'avais contactée pour notre rencontre. Je lui explique que je parle aux mères en général, pour n'importe quel souci qu'elles aient vis-à-vis de leurs enfants. Toutefois, je serais disponible pour l'aider si elle voulait. Donc, je renforce qu'elle pourrait me trouver, soit pour me parler, soit pour adresser Annabelle à un professionnel. Je lui donne ma carte et je renforce aussi mes coordonnées. Elle me remercie et on finit l'entretien. En dépit de sa demande, Camille ne m'a plus contactée.

Interprétation Camille

Le récit de Camille révèle qu'en dépit de ses ressources qui l'ont permis d'avoir une vie familiale et professionnelle raisonnablement bien organisée, elle présente des angoisses importantes qu'elle a du mal à manager. Elle semble voir sa vie comme un peu lourde et sans possibilité de lui offrir beaucoup de plaisir, surtout ceux issus de ses relations interpersonnelles. Elle éprouve d'importants sentiments de fragilité qui sont aggravés par ceux d'une intense solitude. En outre, elle montre certains blocages dans sa capacité créative, conformément il a été montré par ses difficultés de faire des associations aux tableaux du CAT-A. À ces particularités s'ajoute une certaine rigidité qui semble obstruer le contact affectif avec l'autre. Cet ensemble de caractéristiques compose un cadre dynamique complexe issu de son histoire de vie présente et passée, qui a des répercussions marquantes dans son lien avec ses enfants et, par conséquent, dans son expérience maternelle.

Le point principal de cette façon de fonctionner semble reposer sur un effort intensif pour contrôler les affects. Cette femme qui a eu une histoire de vie conjugale très difficile, avec la désintégration d'une partie de sa famille par deux fois, semble être encore dans le procès de deuil dû à son divorce. Ce chagrin a été aggravé par la recomposition de la vie amoureuse de son ex-mari, situation qui semble avoir tué ses espoirs d'une réconciliation. Donc, la solitude conjugale s'est rendu une réalité qu'elle ne se sent pas encore capable de surmonter et qui a augmenté sa sensation de fragilité.

Les conséquences de cette situation ont été intenses. D'abord, elle semble avoir conduit Camille à une importante méfiance par rapport à la solidité des relations. Dans ce sens, pour fragile et seule qu'elle soit, elle évite le lien avec l'autre dû à sa crainte de souffrir une nouvelle déception. De

ce fait, le contact est vu d'une façon très ambivalente (elle me dit le nom de la rue où elle habite, mais pas le numéro de son bâtiment; elle cherche l'aide d'une psychologue, mais la refuse ensuite. Elle demande mon assistance, mais ne me contact plus). Cette suspicion des contacts est accompagnée d'une remarquable répression des affects, dans un essai de ne rien sentir pour ne pas être blessée. Par conséquent, Camille reste continuellement tendue et prise dans elle-même. Sa vie manque en légèreté et en joie de vivre. En plus, son ambivalence par rapport au lien interpersonnel, la conduit à une relation très singulière avec lui. Donc, même si parfois elle est capable de reconnaître sa dépendance des autres et de revendiquer leur présence auprès d'elle, de l'autre côté elle refuse leur aide. Autrement dit, si elle demande la présence physique de l'autre, elle ne lui donne pas de place dans sa réalité psychique. Ainsi, elle ne se montre pas capable quand même de profiter d'une relation de dépendance féconde qui pourrait l'aider à surmonter la dépression et enrichir sa personnalité.

En dépit de son amour pour ses enfants, cette façon de fonctionner entrave les chances de Camille de se laisser aider par eux et d'éprouver les plaisirs de la maternité. Ainsi, elle ne voit pas leurs demandes comme l'expression de son importance pour eux. Au contraire, elle les considère comme des exigences qu'elle ne se sent pas toujours capable d'atteindre. Donc elle devient agacée et épuisée devant les difficultés d'Annabelle, ce qui augmente son sentiment d'inadéquation en tant que mère. Donc, encore qu'elle ait dit, à la fin de notre conversation, qu'elle veut se dévouer à ses enfants au détriment de sa vie amoureuse, Camille ne réussit pas à changer son objet de dépendance (elle ignore les essais d'Annabelle pour l'aider dans ses productions dans le CAT-A). Les récits à chaque tableau du CAT-A permettent mieux de visualiser les ressources et les difficultés de Camille.

Tableau 1

Ce récit a été le seul moment où Camille a réussi à associer la figure avec son expérience personnelle. Elle décrit la situation du repas en famille comme un moment de rencontre, où tous sont ensemble et les enfants attendent la gratification de la part de la mère. Toutefois, la rencontre est de nature surtout physique, concrète, sans comprendre un vrai échange affectif (*le repas va se dérouler normalement ; la situation se passe plus ou moins calme, on va dire, que c'est normal*). La tonalité émotionnelle monocorde prévaut comme le résultat d'une forte répression des affects. L'émersion des ceux-ci, à l'inverse d'enrichir la relation, est vue comme une turbulence non désirée. Donc, la réunion familiale n'apporte pas beaucoup de gratification, mais elle est conçue comme un moment d'intense contrôle affectif d'où il faut s'échapper vite, si on peut (*quelques fois il se passe un peu rapidement, parce que les enfants finissent un peu avant et ils sortent de la table*). Bref, la rencontre entre mère et enfants, à l'inverse d'apporter une vitalité affective à ceux qui y font partie, devient une situation de tension sourde.

Tableau 2

Dans l'ensemble des tableaux du CAT-A, cette image a été celle qui a plus bouleversé Camille. En ce moment elle fait face aux effets que sa séparation conjugale lui a apportés: sentiment de solitude, de fragilité et de désorientation. Ainsi, elle se voit comme toute seule avec ses enfants et s'efforce d'accepter cette situation et d'éloigner son ex-mari le plus possible de sa vie (même avec l'insistance d'Annabelle, elle a évité d'attribuer son identité à l'ours qui est seul). Cet essai semble avoir pour but l'abolition de ses espoirs par rapport à une réconciliation avec lui. Donc, elle semble s'accrocher à une réalité donnée, sans laisser l'espace pour des sentiments qui puissent l'adresser à des fantaisies et des illusions qui risquent d'être défaits rapidement. La solitude engendre la fragilité et le besoin d'aide. Dans ce cadre, même si l'enfant vient à son secours, l'appui qu'il lui donne n'est pas vu comme suffisant pour la fortifier, réconforter et lui fournir un nouveau sens pour la vie. Ainsi, la désorientation persiste (elle n'arrive pas à attribuer un désenlace à son récit).

Tableau 3

Dans une continuation au récit précédent, Camille reprend le thème de sa solitude et de l'attitude de l'enfant vis-à-vis d'elle. Donc, elle montre que l'abandon conjugal souffert la laisse déprimer (triste et ennuyée) et même la présence de l'enfant auprès d'elle n'est pas capable de lui offrir quelque soulagement. Cette situation démontre son insuccès, jusqu'au moment actuel, pour déplacer son affection d'un objet à l'autre. Autrement dit, elle se trouve encore prise à une relation antérieure, dont le processus de deuil n'a pas fini. Dans ce cadre, les enfants ne sont pas vus comme un appui pour l'aider à réparer ses blessures, ni pour l'inciter à reprendre ses ressources affectives.

Tableau 4

Le récit de Camille en ce tableau montre que le processus de deuil décrit au-dessus, en plus d'un emprisonnement dans une relation antérieure, provoque une incarcération de soi-même, due à l'alanguissement affectif qui l'accompagne. De ce fait, les plaisirs de la relation avec ses enfants ne peuvent pas être profités. Ainsi, le contact avec eux est vu comme banal et courant, sans lui apporter aucun sentiment, sensation ou même d'angoisse. Bref, elle semble être un peu figée, sans vibration affective et sans vivre vraiment la situation du contact (elle dit que l'image ne lui rappelle rien de spécial). En d'autres termes, il semble qu'elle éprouve sa vie quotidienne comme une seule succession de choses à faire, sans un sens personnel.

Tableau 8

De la même façon que dans les tableaux précédents, le préjudice associatif de Camille se montre et elle a du mal à dépasser la simple description de l'image. La contribution personnelle qu'elle inclut concernant son expérience maternelle est pauvre et remonte au lien entre la mère et l'enfant dans une situation d'orientation et d'apprentissage. La relation représentée est de nature

purement pédagogique sans mention aux affects. Cependant, Camille ajoute aussi à cette description une autre information importante concernant sa réalité psychique, à savoir, la méfiance qu'elle a de son entourage. De la même façon que les enfants, les autres ne sont pas vus comme capables de l'aider. En plus, elle sent qu'ils ne méritent pas sa confiance, mais qu'ils la jugent et peuvent quand même la tromper. Devant ce cadre où on vit dans une ambiance hostile et où il n'est pas possible de compter sur personne, la solitude, la fragilité et l'insécurité deviennent intenses.

En synthèse, Camille est une femme qui traverse un moment très délicat dans sa vie, où elle cherche à surmonter le deuil issu de la séparation de son mari. Elle réagit à ce processus par moyen d'un certain endurcissement des affects comme une façon de se protéger contre des désillusions et des blessures additionnelles, ce qui lui donne une sensation de sécheresse intérieure. L'effet collatéral de cet expédient défensif est l'emprisonnement dans soi-même, la paralysie de sa créativité et, par conséquent, des difficultés pour trouver un nouveau sens dans la vie. De sorte, elle se sent peu capable de faire face aux défis de la vie quotidienne avec ses enfants et leurs demandes l'agacent et l'épuisent. Les relations, loin de lui apporter le plaisir, sont vécues comme des situations qui l'exigent plus qu'elle est capable d'offrir. Donc elle cherche un certain isolement pour se remettre. Le cadre devient encore plus complexe due à la méfiance de Camille vis à vis des autres. Ainsi, bien qu'elle perçoive qu'elle a besoin d'eux, elle a du mal à se faire aider.

Face à cet état de choses, l'impression que Camille transmet à ses enfants (surtout à Annabelle) est d'être quelqu'un de chétif, sans beaucoup d'envie de vivre et qui ne se laisse pas aider. De ce fait, elle n'offre pas un modèle assuré d'identification par la petite fille, qui se sent aussi fragile, mais surtout craintive de perdre sa mère. D'où les cauchemars qu'Annabelle fait et son refus en dormant toute seule semblent constituer un essai de garder Camille proche d'elle et de la protéger. Bref, l'endurcissement de Camille cache une réalité psychique tumultueuse qui répercute d'une façon importante dans le développement émotionnel d'Annabelle.

Récit d'Annabelle

La passation du CAT-A d'Annabelle a eu lieu dans la salle à manger de l'appartement de la famille. Après mon explication des objectifs de ma recherche à Camille, elle appelle la petite fille, qui se trouve dans une autre pièce, et me la présente. Annabelle est douce, jolie, un peu timide et peu expressive. Elle a les cheveux coupés de la même façon que Camille, mais elle est blonde. Elle a des yeux verts et ne ressemble pas beaucoup à sa mère.

Elle ne montre pas beaucoup d'enthousiasme pour me parler: il semble qu'elle faisait quelque chose d'intéressant avec son frère et sœur se trouvant dans l'autre pièce de l'appartement. Toutefois, elle coopère et ne fait pas du tout des oppositions. Elle est habillée avec une blouse de tissu léger et, comme il fait froid, Camille lui demande si elle ne voulait pas porter une veste plus chaude. Elle répond à sa mère qu'elle est bien comme ça.

Pendant la passation du CAT, son contact avec moi est bon, mais il manque de fluidité dans son récit. Quand elle raconte des histoires, son frère s'approche de la salle deux fois et chaque fois, elle attend qu'il sorte pour continuer son récit.

Le CAT-A

J'explique à Annabelle qu'est-ce qu'on va faire et je mets accent qu'elle pourrait inventer des histoires qu'elle souhaitait. Elle comprend la nature de l'activité tout de suite. Je lui montre le premier tableau et elle ne le prend pas, mais le laisse avec moi. Je lui dis qu'elle pourrait le prendre si elle voulait. Elle le fait et commence immédiatement à le décrire et à associer.

Tableau 1

« Trois petits oiseaux qui mangent à table. Ils sont à table... avec... quatre boules et voilà ! [Hum, hum... et qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver ?] Je ne sais pas. [Tu peux inventer tout ce que tu veux...] Que... (silence de 10 secondes) Une poule, une grosse poule... (silence de 10 secondes) Voilà ! [Est-ce que tu crois qu'ils vont manger ou pas ?] Ils vont manger. [Et ils vont aimer le repas ou pas ?] Non. [Pourquoi ?] Est-ce qu'on dirait que c'est pas de la nourriture pour... oiseaux. [Ah, je comprends. Et après qu'ils aient mangé, qu'est-ce qu'il va arriver ?] Je ne sais pas. Hum... [Tu peux inventer.] (Elle reste en silence pour 15 secondes) Je ne trouve pas... ». Elle ne complète pas la phrase et me rend le tableau. Je lui dis, pour la motiver, que j'avais beaucoup aimé son histoire et après je lui montre la deuxième figure.

Tableau 2

« Trois ours, un ours qui tire d'un côté d'une corde et les deux ours de l'autre côté de la corde. Ils se battent pour avoir la corde... dans la montagne. Il y a un petit ourson, un mâle et une femelle. (Silence de 15 secondes). [Quelle est la femelle ?] Celle-là (elle montre l'ours qui est tout seul). Ils sont au sommet d'une montagne (silence de 10 secondes) et le petit ourson, il va... tomber, parce qu'il est presque au bord de la montagne. [Ah, oui ?] (Silence) Voilà ! [Et qu'est-ce qu'il va arriver avec le petit ? Il va tomber et...] Il va atterrir dans une rivière. Et tellement qu'il va tirer fort en tombant et il va faire tomber les deux autres et prenne la corde. Et la corde, il va s'attacher et il va pen... presque dans la... ri... rivière (elle bégaye et son discours rend un peu incohérent). » Elle me rend le tableau et je lui montre le prochain.

Tableau 3

« On dirait que c'est un lion assis sur un trône, avec une canne et une pipe. Et il y a un trou dans le mur et il y a un petit animal. Il réfléchit, le lion (silence de 24 secondes). [Et il réfléchit sur quoi ?] Il s'embête et il ne sait pas quoi faire. Il réfléchit à ce qu'il veut faire. Et voilà ! » Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

« On dirait, un petit kangourou qui fait du vélo et la maman kangourou, elle va faire les courses avec son petit. Et il y a encore un petit frère kangourou qui va à la poche et ils sont dans la forêt (silence de 16 secondes). Ils sautent, la maman, elle saute (silence de 14 secondes). Et voilà ! [Et qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver ?] Ils vont... À la forêt, ils vont voir d'autres kangourous et les autres kangourous, ils vont... aller avec eux et après ils vont encore rencontrer d'autres kangourous et ils vont faire pareil jusqu'au magasin de...Oui, voilà, ils vont tous acheter des choses. » Elle me rend le tableau et je lui montre le dernier.

Tableau 8

« C'est quatre singes dans un salon. Il y a deux femelles, un mâle et un enfant. La première femelle, elle parle à l'enfant, la deuxième femelle, elle parle avec le mâle. (Silence de 10 secondes). Un tableau... (Silence de 15 secondes. Son estomac fait de bruit, comme si elle avait faim). [Et elle parle de quoi ?] Eh... le deux qui sont sur le canapé, le mâle et la femelle, ils rigolent entre eux et les deux autres... L'autre femelle, elle dit au petit qu'il n'est pas assez grand. Et voilà ! »

Elle me rend le tableau et je la remercie. Je lui demande de me dire le tableau qu'elle a préféré et celui qu'elle a aimé le moins. Elle prend le tableau 2 et dit : « Celui j'ai bien aimé, le lion et les singes, un petit peu le kangourou et pas trop les oiseaux. » Je lui demande si elle voudrait me poser des questions. Elle dit que non et on finit l'entretien.

Interprétation Annabelle

Ma rencontre avec Annabelle a permis de conclure qu'elle est une petite fille qui a déjà réussi à accomplir des tâches importantes dans son développement émotionnel. De ce fait, ses capacités d'intégration, de personnalisation et de réalisation semblent être bien établies, ce qui la rend une personnalité raisonnablement organisée pour un enfant. Toutefois, cette petite fille montre des angoisses importantes, liées surtout à son ambiance familiale, spécialement un souci vers l'intégrité physique et psychique de sa mère. En ce sens, Camille n'est pas conçue par Annabelle comme quelqu'un de fort, de solide, qui dispose des ressources suffisantes pour remplir ses besoins. Au contraire, elle semble être l'objet d'une constante inquiétude, ce qui conduit la fille à une permanente menace de perte et à une sensation de vulnérabilité. En plus, le récit au tableau 2 du CAT-A montre que le père n'est pas vu différemment. Ainsi, encore qu'Annabelle dispose d'un entourage familial relativement organisé, elle semble être perpétuellement alarmée devant la possibilité de sa dissolution. Même si la désintégration du foyer est déjà arrivée, le risque maintenant est celui de la déstabilisation de la mère. Autrement dit, la question qu'afflige la fille n'est pas la séparation du couple parental en soi, mais les effets que celle-ci ont sur Camille. De telle sorte la peur de perdre celle-ci est permanente dans la petite fille.

L'angoisse d'Annabelle est combattue par des mécanismes comme l'inhibition et la répression, ce qui semble provoquer certaines entraves dans sa capacité créative. Dans ces termes, elle a eu des difficultés pour imaginer des histoires à partir des tableaux du CAT-A. Cependant, avec mon aide, elle est arrivée à imaginer des trames simples, qui ont permis de savoir un peu de son état émotionnel. Bref, malgré quelques inhibitions, la capacité d'expression du Self est conservée, sans être sévèrement cachée par un Faux-Self. Ces conditions ont rendu possible à la petite fille de développer un symptôme.

Ainsi, les cauchemars constituent la réponse d'Annabelle face à l'angoisse par rapport à l'intégrité de Camille. Donc, bien que ses demandes de partager la même chambre que sa mère aient le but de l'apaiser, l'objectif principal semble être de s'assurer de la survivance maternelle. Pour ainsi dire, Annabelle ressent comme si elle pouvait et devrait protéger Camille (à l'inverse d'être protégée par la mère). Devant l'incompréhension de la mère de ses inquiétudes, la présence de sa sœur aînée fonctionne comme un type de soulagement, mais pas suffisant pour la calmer en définitif. Les récits de la petite fille à chaque tableau du CAT-A fournissent plus d'information à l'égard de ses difficultés.

Tableau 1

En dépit de ses difficultés d'association, Annabelle a réussi à exprimer, déjà dans ce premier moment de son récit, un message personnel très important: la difficulté d'une rencontre réelle entre mère et enfant. Donc, les enfants sont à l'attente de la mère, mais celle-ci n'est pas capable de leur fournir ce qu'ils ont vraiment besoin. Par contre, elle leur présente un autre objet qui ne les convient pas (*ce n'est pas la nourriture pour oiseaux*). La situation décrite démontre une déficience du *holding* de la part de la mère, due à sa difficulté de sortir d'une position centrée sur soi-même pour s'identifier avec ses enfants. Le résultat est une acceptation passive des enfants de ce que la mère leur propose (ils vont manger, mais sans plaisir), dans une expérience qui ne leur permet pas d'avancer dans leur développement personnel. Autrement dit, le récit d'Annabelle révèle les difficultés de la mère d'offrir l'expérience de l'illusion à ses enfants, en permettant à ceux-ci de créer l'objet et de le rencontrer dans le monde réel. Bref, il y a un décalage entre les nécessités personnelles des enfants et de ce que la mère est capable de fournir. Dans cette situation, la seule alternative est la soumission à celle-ci.

Tableau 2

En ce moment, Annabelle exprime le thème des désaccords et des affrontements entre les parents, dont l'enfant est pour le père et contre la mère. Le conflit parental met en risque l'intégrité de l'enfant (il tombe dans une rivière). Devant cette situation, les parents, à l'inverse de s'unir dans un projet commun d'accueil et d'apaisement de l'enfant, se désorganisent eux-mêmes et sont atteints par le même désastre (*il va faire tomber les deux autres*). Donc, en plus de n'être pas capables d'aider leurs enfants, les parents sont vus comme faibles au point d'être bouleversés devant les

nécessités et les pulsions de ceux-ci. De sorte que le récit illustre, une fois de plus, les difficultés de *holding* des deux parents, ce qui engendre dans l'enfant l'angoisse et la perception de ne pouvoir pas compter sur son foyer comme un cadre solide pour se développer.

Tableau 3

À partir de ce moment, le récit d'Annabelle commence à s'appauvrir et elle a du mal à dépasser la description du tableau ainsi que des suivants. Malgré sa brièveté, le récit montre une continuité du thème exposé précédemment. En ce sens, après avoir communiqué la ruine de la relation entre les parents et la désintégration partielle du foyer, Annabelle montre son résultat dans la réalité psychique de la mère: la dépression, l'ennui et la futilité d'une vie sans vibration. Tout en gênant cette situation, il n'est pas encore possible d'envisager une façon de la surmonter. En ce sens, la présence de l'enfant ne fait pas la différence pour aider la mère à sortir d'un emprisonnement dans soi-même (la souris n'a pas d'action dans l'histoire).

Tableau 4

Le thème de la relation entre la mère et l'enfant continue, mais il est abordé par Annabelle d'une façon superficielle et presque circonstancielle, sa qualité en restant inconnue. Donc, après avoir décrit l'alanguissement du personnage du tableau antérieur, particulièrement sa solitude et l'incapacité d'en s'échapper, dans le récit présent, Annabelle essaie de montrer la situation inverse. De cette façon, il y a un surinvestissement des relations sociales, en les envisageant comme une sortie possible de l'ennui. Il semble avoir une perception de ce qu'il faut chercher de l'aide et des ressources dans le monde extérieur à la famille pour remplir les nécessités de celle-ci. Toutefois, l'intensité de l'accent sur les contacts semble avoir, en ce moment, une caractéristique un peu compensatoire.

Tableau 8

Le sujet de l'établissement des relations sociales esquissé précédemment continue en ce récit, dans le contexte des relations des dyades: entre les deux adultes, qui forment un couple, et entre l'adulte (mère) et l'enfant. Dans ce cadre, le couple est vu comme capable de s'entretenir dans une relation agréable et plaisante, dont l'enfant ne fait pas partie. De son côté, dans l'autre dyade, les plaisirs ne sont pas évidents. De sorte que la mère laisse claire à son enfant qu'il ne fait pas tellement partie de son monde due à son impuissance (il n'est pas assez grand). Ainsi, il ne peut pas lui apporter les mêmes joies de vivre et les mêmes ravissements que la vie en couple, avec un partenaire, serait capable de l'offrir.

En synthèse, Annabelle est une petite fille qui est très inquiète par rapport à l'état émotionnel et à la qualité de la réalité psychique de Camille, surtout après le divorce de ses parents. Cet événement semble avoir provoqué des effets assez pernicioeux sur sa mère: l'étouffement de ses vibrations affectives et la dépression. Bref, elle est devenue fragile, épuisée et vulnérable. Ces

conditions maternelles engendrent des intenses angoisses dans la petite fille, qui s'efforce pour prendre des mesures protectrices pour la mère, ce qui la conduit à une certaine inhibition dans le développement du Self. En ce sens, l'expression de ses nécessités est refreinée, soit parce qu'elle est inutile due à l'incapacité de la mère de faire attention, soit parce qu'elles peuvent quand même la bouleverser et provoquer des effets encore plus néfastes (conformément, elle a montré dans ses récits aux tableaux 1 et 2 du CAT-A). Ce réfrènement, à son tour, compromet sa créativité et l'usufruit de ses pulsions. Devant ce cadre, l'attention de la petite fille se déplace d'une attitude narcissique nécessaire pour son développement émotionnel vers un souci permanent concerné les conditions de Camille. Bref, au contraire d'être soignée par sa mère, Annabelle essaie de la soigner. Toutefois, cet effort de la petite fille est vain, vu que la mère ne réagit pas à son aide. Cette situation suscite un sentiment de futilité dans l'enfant aussi qu'un agrandissement de son angoisse. Consciente de son impuissance pour aider Camille, Annabelle se rend compte qu'il faut chercher de supporter ailleurs, hors du groupe familial, message qu'elle montre quand elle me fait cadeau du porc-épic qui a peur.

Synthèse Camille et Annabelle

Les récits d'Annabelle et de Camille montrent que la question principale à qui toutes les deux font face en ce moment concerne l'interrogation suivante: Quel est le sens de la vie ? Quand elles essaient de répondre à cette question, elles sont un peu gênées par une sensation de futilité, dans laquelle Camille est plus incarcérée qu'Annabelle. Comme le sentiment d'inutilité de la fille semble être provoqué par celui de la mère, il faut pénétrer dans la façon d'éprouver le monde de la première pour comprendre ce qui arrive avec la seconde.

Encore que les expériences conjugales de Camille lui aient apporté beaucoup de bonheur, y compris la naissance de ses trois enfants, elles ont aussi suscité des profondes souffrances. Par deux fois, cette femme a assisté à la ruine et la désintégration de sa vie familiale, due à la mort de son mari, la première fois et aussi au divorce, à la seconde fois. Si on n'a pas beaucoup d'éléments pour savoir comment elle a affronté la perte initiale, il reste évident que la dernière a eu un effet dévastateur sur son Self. Dans ce sens, le divorce lui a attiré dans une dépression à laquelle elle a du mal à s'en échapper.

Même si Camille a réussi à préserver sa capacité productive et d'adaptation (elle arrive à dégager son activité professionnelle et à gérer son foyer), dans des termes affectifs les choses ne se passent pas aisément. Le chagrin issu de l'abandon l'a conduit à une suffocation des émotions comme une mesure protectrice contre les tourments du monde. En plus, la rupture des liens qu'elle supposait éternels, ont fomenté une pénible méfiance vis-à-vis des personnes. Autrement dit, d'un coup le monde est devenu un endroit aride et qui n'a pas de sens pour elle. Cette douleur a été intensifiée par la reconstruction de la vie amoureuse de son mari, qui a presque exterminé ses espoirs d'un rapprochement avec lui.

Avec les rêves en morceaux, Camille devient désorientée et la dépression s'installe comme un rétrécissement nécessaire pour qu'elle puisse se remettre. Toutefois, la récupération n'est pas du tout évident. Il lui manque un sens dans la vie, et son renfermement en soi, sa paralysie, ne permettent pas de déplacer ses intérêts et ses affections. L'adaptation au monde est faite dans la modalité de la soumission; dans ce cadre, la joie de vivre s'en va. Quoiqu'elle essaie et veuille, elle ne réussit pas quand même à faire de ses enfants sa raison de vivre, le sens de son existence. Tout en gardant son amour pour eux, Camille a des difficultés à remplir leurs besoins affectifs. Sa sensation de faiblesse entraîne la crainte de n'être pas assez capable de les soigner. Donc, leurs demandes, surtout quand elles dépassent les limites d'un développement courant (comme les cauchemars d'Annabelle) sont vues comme des exigences qu'elle n'a pas les conditions d'atteindre. Ainsi, le symptôme d'Annabelle et son impuissance pour l'aider éveillent des sentiments d'inadéquation en tant que mère, ce qui intensifie sa dépression.

Camille a beau percevoir son besoin d'aide, sa méfiance vis-à-vis des autres entrave une recherche plus active de secours. Donc, elle reste très ambivalente par rapport aux liaisons avec les autres, due à sa crainte d'être une fois de plus déçue.

La perception qu'Annabelle a des difficultés présentées par Camille, laisse la fille également consternée. Elle perçoit que la mère n'a pas de conditions pour faire attention convenablement à ses besoins. Bien que cette situation suscite aussi une certaine désillusion, ce n'est pas ça qui l'afflige le plus. Elle constate que Camille a besoin d'aide et investit tous les efforts pour venir à son secours. Donc, d'un côté la fille essaie de sauvegarder Camille de ses demandes, par moyen d'une inhibition et d'une répression pulsionnelles, due à la crainte de la déstabiliser plus encore. De sorte que l'expression de son Self est restreinte en faveur de la préservation de la survivance psychique de la mère. Ensuite, Annabelle entraîne une aide plus active et plus directe vis-à-vis de Camille, mais sa contribution est ignorée par celle-ci.

Cette impossibilité de Camille de se faire aider par Annabelle a deux effets frappants sur la petite fille. Le premier est que son impuissance intensifie l'angoisse de voir sa mère plongée dans une tristesse et dans une fragilité sans possibilité d'en sortir, vu qu'elle ne se remet pas toute seule non plus. La faiblesse de Camille et son exigüe envie de vivre engendrent, dans Annabelle, la peur de la perte de la mère, crainte qui semble être responsable par les cauchemars de la petite fille. Le deuxième effet, aussi lié à la réduite envie de vivre de la mère, risque d'avoir une conséquence plus néfaste dans le Self de la fille. Il s'agit de la perception, de la partie d'Annabelle, de ce qu'elle n'a pas réussi à se constituer, elle-même, dans le sens de l'existence de sa mère. Cette déception produit, dans la fille un sentiment de futilité similaire à celui de Camille. Toutefois, il y a une importante différence entre les deux. Si Camille est restée renfermer dans elle-même après sa désillusion, Annabelle ne l'est pas. Ainsi, en dépit de son désenchantement, la petite fille continue à faire de la mère le sens de sa vie. Encore qu'elle ne puisse pas en ce moment avoir son amour pour sa mère rétribué de la même façon due aux contraintes de celle-ci, cela n'importe pas. Sa mère a besoin d'aide et elle aussi. Donc, si la

relation entre les deux ne suffit pas pour réparer les chagrins imposés par les vicissitudes de la vie, il faut chercher de l'aide ailleurs. En plus, si la Camille a du mal à demander d'assistance, Annabelle le fait pour elle.

Donc, pour la petite fille, même si la souffrance de Camille conduit celle-ci à une façon très concrète et restreinte de se rapporter à elle (elle ne comprend pas que les cauchemars d'Annabelle concernent plus à la qualité de sa présence psychique dans la fille qu'à son absence physique) l'intensité de l'amour filial reste intouchable. Pour finir, devant ces caractéristiques de la mère et de la fille, il est possible de supposer qu'au moment où Camille réussira à bien comprendre l'attitude d'Annabelle vers elle et à surpasser ses résistances à se faire aider, elle trouvera, dans son ambiance familiale, un sol très fertile pour reprendre sa joie de vivre.

APÊNDICE AI - Dyade Madeleine et Edda

Identification

Madeleine: 44 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants en domicile: Serge (10 ans); Edda (6 ans)

Enfant étudié: Edda

Ordre des entretiens: 1) Madeleine

2) Edda

Récit de Madeleine

J'ai rencontré Madeleine et Edda au mois de décembre, quelques jours avant la fête de Noël. Madeleine avait pris connaissance de ma recherche par la Coordinatrice de la Lèche Lègue et m'avait envoyée un e-mail pour dire qu'elle et sa fille voudraient participer.

Elles habitent dans une maison raisonnablement grande, un peu sombre, avec des pièces bien séparées. Dans la salle il y a un placard dont les étagères sont pleines de DVD, un grand arbre de Noël et les dessins de rennes à la fenêtre.

Madeleine est une femme qui s'habille d'une façon joviale, bien qu'elle ne fasse pas très jeune. Elle a les cheveux d'une longueur moyenne, entre blonds et châains, avec une frange. Elle porte des lunettes rondes. Elle me reçoit dans la salle où Edda apparaît rapidement. Madeleine me dit que la petite fille est Edda, mais elle ne nous présente pas. Tout de suite Edda s'en va et j'explique un petit peu ma recherche à Madeleine. Je lui montre le Terme d'Agrément Libre et Éclairé et elle me dit qu'elle sait de quoi il s'agit, car elle avait déjà fait un mémoire. Elle dit aussi qu'elle connaissait les difficultés pour faire une recherche.

Elle a de bonne volonté pour m'aider et, pendant notre conversation, elle ne se montre pas évasive et reste raisonnablement à l'aise. Elle me raconte qu'elle a 44 ans, qu'elle est née en France, et son mari aussi. Elle a une famille recomposée, donc elle a deux enfants de son premier mariage, qui ont 19 et 17 ans. Quand elle a rencontré son mari actuel, il avait déjà 4 enfants, qui aujourd'hui ont 26, 25, 23 et 20 ans et, ensemble, ils ont deux enfants, Serge qui a 10 ans et Edda qui en a 6. Je lui dis qu'ils ont 8 enfants au total et elle répond qu'oui, mais qu'il y a ceux qui viennent et ceux qui repartent.

Je lui explique les buts de ma recherche de façon un peu plus détaillée et les activités qu'on doit faire ensemble. Après ça je lui sollicite de me raconter un peu de son expérience comme mère d'Edda. Elle raconte que la naissance d'Edda n'a pas été prévue, qu'elle et son mari avaient déjà beaucoup d'enfants. Elle est tombée enceinte d'Edda au moment où elle avait perdu son papa. Un

mois après que son papa soit mort, elle s'est rendue compte qu'elle était enceinte. Elle dit que c'était quelque chose de particulier et qu'elle a eu très peur de ne pas y arriver. À ce moment-là, il y avait un fils de son mari qui vivait avec eux, et elle avait ses deux fils du premier mariage ainsi que Serge. En plus, elle travaillait (et travaille encore) à temps plein. Alors, elle se demandait comment elle pourrait faire pour s'occuper de ce bébé, comment elle irait faire financièrement. Donc, à sa grossesse, elle était stressée et inquiète. Edda est arrivée après 3 jours de retard et pour elle (Madeleine) ça a été difficile, mais sa naissance s'est bien passée et tout de suite elle a été un bébé qui pleurait beaucoup. Madeleine raconte que ses quatre enfants ont beaucoup pleuré quand ils étaient bébés et Edda particulièrement. Elle dit qu'elle se rappelle nettement (elle parle très bas en ce moment) que le fils de son mari fermait la porte quand elle pleurait car cela le dérangeait un peu. Elle dit qu'avec l'expérience qu'elle avait eu des autres enfants (le ton de sa voix augmente), elle a pris plus de temps pour l'avoir « à portage » et de l'avoir avec elle. Malgré tout, parfois ce n'était pas suffisant (elle parle plus bas). Elle dit qu'elle a eu un congé de maternité qui a duré 5 mois. Après ça, Edda est allée chez une nourrisse, qui était la même nourrisse qui avait soigné Serge et elle avait toute confiance. Elle raconte qu'elle a allaité Edda longtemps et que, peu de temps avant qu'elle est allée à la nourrisse, Edda n'acceptait pas encore le biberon. Cette situation a été angoissante. Donc, elle se demandait qu'est-ce qu'elle pouvait faire. Elle raconte qu'elle se réveillait encore 4 ou 5 fois pendant la nuit, jusqu'avant de reprendre le travail et en fait, à partir du moment où elle a repris le travail, cela s'est passé tout seul. Le ton de sa voix augmente et elle dit qu'après ça, elle était plus apaisée, parce que pour elle c'était difficile ce bébé qu'elle n'avait pas souhaité et, en plus, cela la mettait en difficultés. Alors tout ça n'a pas été très facile. Elle dit qu'après ça, la relation s'est beaucoup apaisée. D'un autre côté on ne dira pas, parce qu'elle était un bébé quand même. Elle dit que pour elle, aujourd'hui, Edda est une petite fille pleine de vie, pleine de joie, qui lui apporte des choses positives. Elle monte le volume de sa voix et, dans une tonalité très affirmative, elle parle qu'elle voulait dire qu'Edda est très affectueuse, qu'elle aime partager et faire des choses ensemble, qu'elle demande ça, et elle est aussi très sociable. Donc, elle est curieuse de rencontrer des gens, elle est attentive aux autres. Elle dit qu'à l'école, s'il y a un enfant qui a des difficultés, elle essaie de l'aider. Madeleine parle qu'elle voulait dire que autant qu'il était difficile quand elle était très petite, dès le premier mois, autant maintenant c'est très valorisant d'être maman de cette petite fille (elle semble un peu soulagée et satisfaite).

Je commente qu'au début il y a eu beaucoup de choses qui sont arrivées en même temps et elle dit qu'oui. Elle dit qu'avoir une famille recomposée, ça veut dire qu'il y a eu un divorce auparavant et il y a aussi beaucoup de difficultés par rapport à ça. Elle hésite et, après, elle raconte qu'au fait qu'elle s'est trouvée vraiment en difficultés quand Edda était petite, ses deux fils aînés ont mal vécu la situation. Ils lui ont demandé à partir avec leur père et ça a été très difficile pour elle d'accepter (elle parle avec tristesse). Elle dit, ensuite, qu'Edda va à l'école. Elle est allée à l'école (elle hésite) depuis qu'elle avait 3 ans ou un peu plus. Elle raconte que l'école d'Edda suit la pédagogie Montessori et qu'ils ont de la chance d'avoir cette école-là. Madeleine raconte qu'Edda s'épanouie

beaucoup dans cette école, qu'elle lui correspond tout à fait; elle est autonome, elle aime faire, elle s'épanouit et fait ce qu'elle aime. Madeleine dit qu'à cause de sa profession, elle essaie de donner confiance à ses enfants et de les valoriser, de positiver tout ce qu'elle peut et de dire aussi ce qui n'est pas bien. Cependant, elle met plus l'accent sur ce qui va. Je lui demande sur son travail et elle répond qu'elle est sagefemme et qu'elle travaille un peu au PMI, protection maternelle-infantile, mais auprès d'une population plutôt défavorisée. Donc, elle travaille avec les gens qui n'ont pas de moyens, les gens au chômage ou avec le minimum social. Elle raconte qu'elle travaille aussi à la maternité d'un hôpital, avec les services sociaux et aussi elle a fait la formation de consultant de lactation l'année précédente. Après ça, elle a ouvert une consultation en lactation dans le cadre de la PMI. Je lui demande s'il y a encore quelque chose de plus qu'elle voulait ajouter. Elle répond qu'elle n'est pas venue très préparer dans ce sens-là et qu'elle ne sait pas s'il est déjà suffisamment complet (elle ne complète pas la phrase). Je lui dis que l'entretien est libre et qu'elle peut dire tout ce qu'elle veut. Elle dit qu'elle se sent assez proche d'Edda et que quand celle-ci veut demander quelque chose, elle préfère demander à elle (Madeleine) qu'à son papa, parce qu'elle (Madeleine) comprend tout de suite qu'est-ce qu'elle (Edda) veut. Madeleine dit qu'Edda peut vite se braquer et « faire la tête », mais qu'avec elle (Madeleine) ça ne se passe pas ainsi. Cela se passe plus avec des gens qui veulent lui imposer des choses. Par contre, elle (Madeleine) réussit qu'Edda fasse ce qu'on lui dit, peut-être à cause de la manière de lui dire, ou de lui demander. Après ça, elle reste silencieuse et je lui propose de commencer à voir les tableaux du CAT-A.

Le CAT-A

Tableau 1

Elle dit qu'elle imagine que c'est le repas et se demande si elle devrait dire comment cela se passe chez elle, mais elle n'attend pas ma réponse. Elle dit que la mère est à l'extérieur, mais elle (Madeleine) est au centre, qu'elle est avec eux, en même temps. Elle hésite, tousse comme si elle se sentait inconfortable. Elle dit qu'au déjeuner, elle n'est pas chez elle, et c'est son mari qui est présent ; par contre le soir, c'est elle. Elle raconte que son mari travaille très tard et que le midi elle a très peu de temps; quelques fois elle rentre, mais les enfants ont déjà mangé et le soir elle les retrouve. Elle répète qu'elle est au milieu des enfants (le soir) et c'est l'occasion de savoir comment ils ont passé la journée, où ils racontent un petit peu (sa voix est basse en ce moment) et que c'est le moment qu'on partage. Je lui demande si le soir tout le monde mange. Et elle m'interrompt en me disant « oui » que les deux enfants vivent là avec elle. Elle répète que son mari n'est pas là en ce moment, qu'il arrive après, qu'il finit de travailler vers 21h15 ou 21h30 et rentre vers 22h00 ou 22h30, quand les enfants sont déjà couchés. Donc, elle passe la soirée seule avec eux. Elle dit que le repas est vraiment le moment où ils se mettent à la table, où ils sont ensemble, que ce n'est pas chacun pour chacun tout seul au frigo, et que, pour elle, ça c'est important. Je lui demande s'il est toujours comme ça et elle dit qu'oui, même avec les enfants plus grands. Elle continue en disant qu'elle mange en même temps

qu'eux (elle hésite un peu) et que quand ses aînées étaient là, son mari rentrait un peu plutôt le soir. Quelque fois elle faisait à manger aux enfants seuls et elle l'attendait pour manger avec lui. Elle continue en disant qu'avec Serge et Edda elle ne fait plus comme ça, qu'ils mangent tous les trois et puis son mari mange après. Je lui demande s'il y a des choses qu'Edda n'aime pas manger. Madeleine rit et répond que, curieusement, ses deux filles sont difficiles pour faire à manger. Alors que le garçon mange de tout sans difficulté, elles n'aiment pas beaucoup les légumes. Elle dit que l'aînée est celle que va dire plus facilement « Non, je n'aime pas », mais en principe on goûte toujours. Même si elle sait que c'est quelque chose qu'ils n'aiment pas, ils en ont un petit peu dans leur assiette. De cette façon, Madeleine s'est rendue compte que toujours en faisant comme ça, au fur et à mesure, elles vont finir par dire « Oui, j'aime bien ». Elle dit qu'en même temps, elle fait attention aux poids aussi, pour Edda comme pour sa fille aînée, qui est déjà obèse et qu'elle la surveille et fait attention. Elle ajoute qu'elle s'est déjà rendue compte qu'Edda est aussi un petit peu à la limite. Donc, Madeleine fait attention, mais Edda prend la décision elle-même, elle est capable de dire « Non, je m'arrête là. » et que ce n'est pas forcément elle (Madeleine) qui la limite. Quelquefois, comme Edda est consciente de ce qu'elle doit faire attention, elle le fait. Elle dit que quand on regarde la courbe de poids, Edda est à la limite supérieure et comme elle (Madeleine) et sa famille ont un peu de tendance (à grossir), on fait attention. Elle dit qu'elle pense qu'il est plus facile de faire attention tout de suite et d'éviter prendre du poids que de perdre du poids après (elle parle plus bas en ce moment). Elle raconte que parfois elle dit à Edda qu'elle devrait laisser quelques aliments, qu'elle ne devrait pas prendre des certaines choses en même temps. Elle arrête le récit et dit « Alors pour le repas... », comme si elle avait fini ses commentaires par rapport au tableau. Je lui demande si c'est tout, mais elle continue en disant que quelques fois elles font la cuisine ensemble, c'est à dire qu'elle (Edda) est là si on fait un gâteau ou si on fait des choses. Elle dit qu'Edda participe aussi pour mettre la table et aussi c'est chacun qui débarrasse ses affaires. Alors ce n'est pas elle (Madeleine) qui fait le travail de tout le monde tout le temps, qu'il y a un partage. Elle me rend le tableau et je lui présente le deuxième.

Tableau 2

Elle hésite un petit peu et dit que ça ne lui ressemble pas beaucoup. Elle dit qu'elle ne sait pas si c'est un jeu ou si c'est un (elle hésite) ou si c'est un (elle hésite à nouveau) effort qu'on fait ensemble (elle hésite à nouveau). Elle dit qu'elle ne sait pas et hésite assez longtemps. Je lui dis qu'elle pourrait parler de tout ce qui vient dans son esprit. Elle rit d'une façon nerveuse et dit que le tableau représente quelqu'un qui essaie de tirer vers soi et que c'est le papa, la maman et l'enfant. Elle hésite à nouveau un certain temps et se demande « Est-ce que c'est quelqu'un qui **aide** les autres (elle met l'accent au mot « aide ») aussi à monter, à aller, parce qu'on le voit qu'il a un au bout de la corde comme s'ils la tiraient ou comme ça. Elle hésite pour longtemps et ne réussit pas à parler du tableau. Elle me le rend et je lui présente le troisième.

Tableau 3

Elle sourit et hésite. Après, elle parle que celui lui fait penser à son père et hésite à nouveau. Elle dit que ce n'est pas forcément le lion, mais l'attitude d'être dans son fauteuil avec la pipe à la main, en repos et à réfléchir. Elle hésite à nouveau et dit qu'elle pense que ce n'est pas conscient, mais le tableau s'agit du rôle de l'homme, du père et le rôle de la femme. Elle dit que finalement elle avait beaucoup vu son père prendre du temps de s'asseoir, de lire un livre ou d'écouter de la musique et elle est incapable de faire ça (elle parle d'une façon un peu plus basse la dernière partie de la phrase). Elle dit qu'elle a l'impression qu'elle doit toujours être active, qu'il y a toujours des choses à faire et à la fois son mari, quand il le fait, elle a envie de lui dire « Tu ne dois pas, tu me laisses tout faire ». En même temps, elle (elle met accent sur le mot « moi ») veut arriver à faire ça, à prendre le temps d'une pause et de souffler. Elle dit qu'elle se souvient d'avoir été assez choquée par une de ses belles-sœurs, dont le mari (son frère) a beaucoup fait dans sa maison: carrelage, la salle de bains, il a fait énormément de choses par lui-même. Madeleine dit qu'elle se souvient d'être allée chez eux et elle (sa belle-sœur) se plaignait du fait que, peut-être, il faisait moins et elle disait « Il n'est pas question qu'il soit comme votre père ! ». Madeleine dit qu'elle-même a pris ça un peu mal. Elle réfléchit et se demande « Est-ce que c'est une différence homme-femme qui fait qu'il faudrait qu'on soit toujours dans l'action et que nous, les femmes, avons toujours des choses à faire, la maison à entretenir, et jamais effectivement se reposer, de ne rien faire ... ». (Elle parle, en ce moment, comme si elle était résignée, comme s'il s'agissait d'un mal qu'elle et les autres femmes devraient supporter). Je lui dis qu'elle se sent surcharger et elle confirme. Elle dit qu'elle ne sait pas si ça se passe (elle hésite et ne parle pas le mot qui manque, « ailleurs ») ou si c'est peut-être elle qui voit tout ce qu'il y a à faire et ne peut pas être tranquille. Elle dit que maintenant il y a les fêtes de Noël, et que quand il y a beaucoup d'enfants, il y a beaucoup de choses à faire et elle ne peut pas se détendre et rester là dans le fauteuil se reposer. Elle dit que même pendant les congés, elle en profite pour faire tout ce qu'il est possible de faire. Je lui demande si elle croit que ça se passe ainsi parce qu'il y a beaucoup d'enfants dans sa famille et elle dit qu'oui, mais effectivement il n'y a que deux dans sa famille. Toutefois, elle raconte que cette semaine, ses aînés sont là et il y a les fils de son mari qui vont venir, c'est un petit drame, mais dans le quotidien il n'y a que deux enfants. Elle dit que c'est vrai que la maison est grande et elle les accueille régulièrement. Elle ajoute qu'il y a aussi la maison à entretenir, et que maintenant ils sont en train de faire une chambre pour Edda, de retapisser, etc., et, en effet, ça, c'est elle qui le fait. Mais le samedi et dimanche, c'est vrai qu'elle est en train de travailler là (à la chambre d'Edda) et son mari est dans le fauteuil. Elle raconte qu'elle lui a dit qu'elle a aussi besoin de se reposer et de souffler. Je lui dis qu'elle me raconte qu'elle se sent surchargée mais en même temps elle aime faire les choses comme la chambre d'Edda. Elle répond qu'oui, mais qu'elle ne trouve pas la limite entre « Je dois faire » mais « J'ai aussi besoin de souffler et de me reposer » et qu'elle n'arrive pas à s'arrêter. Elle pense que c'est aussi la façon dont elle voyait sa mère, toujours dans l'action « Il y a ça et ça à faire ». Je lui demande si elle (sa mère) était comme ça et elle me répond que « oui », mais un peu moins

maintenant, puisqu'elle a 88 ans, mais elle a du mal à être comme ça, de ne plus pouvoir faire. Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

Elle sourit et dit qu'elle aime bien ce bébé kangourou, qui est porté par sa maman. Elle dit que le portage est une chose qu'elle a découverte avec ses plus jeunes enfants, et qu'avec les plus grands, elle ne connaissait pas tellement. Elle dit qu'elle trouve que le portage aide beaucoup dans le maternage. Un enfant qui est porté comme ça, il va pouvoir s'endormir paisiblement, alors que si on veut lui mettre à tout prix dans son berceau il va pleurer et puis rien ne pourra se faire. Elle dit que le fait qu'il y ait l'enfant avec le vélo et le panier lui évoque aussi le loisir, donc quelque chose qu'on fasse assez souvent. Elle raconte qu'Edda est assez demandeuse par rapport à ça et qu'à côté de chez elles il y a un beau parc et souvent elles y vont avec le vélo ou la trottinette, mais il faut qu'elle arrive à prendre du temps. Elle dit que même s'il n'est pas très loin, c'est souvent un bon moment. Elle devient silencieuse pendant quelques secondes. Après, elle dit que ça c'est quelque chose qu'elle fasse quelques fois seule avec Edda, d'autres fois avec son frère ou ils font tous les quatre, que c'est une chose qu'ils aiment faire. Elle raconte que tous les matins c'est elle qui conduit Edda à l'école et qu'elles aiment y aller à pied, parce que ce n'est pas très loin et qu'elle n'a pas envie d'augmenter la pollution. Elle dit qu'elle pourrait bien prendre la voiture pour la conduire et partir au travail, mais elle préfère l'emmener à pied, revenir chez elle et prendre la voiture pour aller travailler. Puis, elle pense que pour eux c'est une façon de lui montrer les choses, alors c'est une autre situation où ils sont ensemble. Elle raconte que quand ils peuvent, ils prennent des vacances à la montagne, où ils aiment bien aller se promener, faire des randonnées et de découvrir différents lieux, car ils sont une famille sensible à la nature, à l'écologie. Elle dit qu'elle a plus de facilité à faire des choses comme ça, mais que c'est encore « faire », c'est encore l'action, parce qu'elle ne sait pas du tout à rien faire, comme être assise et juste écouter de la musique ou lire. Elle dit qu'elle veut arriver à organiser des choses comme ça, à partir ensemble. Elle dit que cet été son mari lui a dit qu'elle ne se stoppe jamais. Quand ils sont en vacances, ils vont au bord de la mer ou ils vont faire quelque chose ou ils vont aller se promener à un endroit, mais il a juste envie d'être là sans rien faire. Elle reste en silence et je commente qu'elle m'avait raconté qu'elle a eu l'opportunité de faire avec Edda des choses qu'elle n'a pas pu faire avec ses enfants plus âgés. Elle répond que cela lui est arrivé surtout parce qu'au début elle n'était pas consciente, et qu'elle ne sait pas si c'est venu par son travail aussi, ou par son milieu d'origine, parce qu'elle est aussi avec des éducateurs, avec des assistantes sociales et sa réflexion chemine aussi. Elle dit que pour ses aînés (enfants) elle n'avait pas beaucoup réfléchi, et qu'elle tendait à reproduire de ce qu'elle avait vécu dans sa famille, alors qu'avec les plus jeunes elle a pris une distance de ce qui elle avait. Par contre, il y a des choses qui viennent de son intérieur à elle, et qu'elle a appris par ailleurs et qui ne sont pas de sa famille. Elle raconte qu'en plus, pour ses (enfants) aînés elle avait de grosses difficultés, parce que son mari avait des problèmes avec l'alcool; alors elle

avait tout le temps ces soucis dans sa tête. En revanche, pour Edda ça a été plus facile, que peut-être elle n'est pas disponible pour elle longtemps, mais elle est disponible dans son esprit. Madeleine dit qu'elle a plus réfléchi et quand elle pose les choses, elle sait pourquoi, alors qu'avant elle se posait comme ça. Auparavant elle faisait les choses parce que c'était comme ça qu'elle l'a vu faire, surtout son frère et sa sœur avec leurs enfants, ses parents avec eux. Par contre, maintenant c'est plus par rapport à ce qu'elle a lu, étudié, mais par rapport à ce qu'elle a vécu dans sa famille aussi. Elle raconte que par rapport à ses aînés elle avait beaucoup de mal à mettre des limites. Ainsi, quand elle faisait les courses ou achetait un jouet, elle avait envie de dire « non », mais par facilité elle disait « oui », alors que pour les plus jeunes, si elle met des limites et elle sait aussi que c'est ça qui les aide à se construire. Elle dit qu'elle met des limites pour les aider à se structurer, d'avoir ce cadre, de savoir que le soir on mange, on fait ci, on fait ça, qu'on va se coucher, on pourra regarder la télé, elle sait que ça les aide. Elle dit qu'à la fin, elle pose ces règles fermement, mais doucement, alors qu'avant elle avait la tendance à crier. Elle raconte que son fils aîné est un peu hyperactif, donc il était difficile aussi de gérer ça. Mais sans doute qu'il y avait à la fois la situation dans laquelle on a été et son comportement, et tout ça s'imbriquait. Je lui demande si son fils aîné habite encore avec son père et elle répond qu'oui, mais que cette semaine il était avec elle. Elle dit que ça se passe mieux maintenant et que quand il est parti avec son père, il était partagé, ça veut dire qu'il avait besoin de passer du temps avec son père. Par contre, sa fille a beaucoup voulu qu'elle se remarie avec son père et pour longtemps sa relation avec elle a été très difficile. Elle ajoute qu'en ce moment, ça va (la relation avec sa fille). Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

Elle sourit et dit que ça lui évoque peut-être la mère avec son enfant et qu'elle fait quelque chose avec lui et là, c'est, peut-être, les personnes plus âgées qui commentent et qui disent « Ah, elle fait comme ça et elle ne devrait pas ou elle devrait... ». Elle dit qu'elle pense qu'il y a beaucoup de choses comme ça dans l'éducation, et qu'elle sait qu'elle fait les choix éducatifs. Néanmoins, elle sait aussi qu'ils parlent derrière, qu'il y a des gens qui vont dire comment elle a fait ou comment elle n'a pas fait. Par exemple, elle voulait permettre à ses enfants d'être le plus autonome possible pour manger, savoir manger, et ça veut dire qu'elle a accepté, quand ils étaient petits, qu'ils mangeraient avec leurs mains. Cette conduite c'était quelque chose que sa mère ne puisse pas supporter: pour elle, soit on donne à manger à un enfant, soit il mange avec sa fourchette, mais il n'y a pas « entre les deux coins ». Madeleine dit qu'elle a vraiment fait des choix, et elle sait pourquoi elle les fait, mais la famille et les autres ont toujours à dire. Elle dit qu'elle se situe aussi dans ceux qui disent, car quand elle rencontre sa famille, elle voit aussi les choses qu'elle reproche en disant « ça ne va pas comme ça ». Elle raconte qu'elle pense que ce qu'elle fait plus avec Edda qu'elle ne faisait avec les grands, c'est de pouvoir prendre du temps avec elle et ne pas rester avec des adultes, pouvoir dire « On va faire un jeu ensemble, on va faire un jeu de société ». Elle dit que comment elle a du mal à dégager du

temps par rapport à tout ce qu'elle a à remplir, elle va faire ensemble, elle va faire la cuisine avec ses enfants et quelque fois il lui arrive de faire un peu de ménage et Edda le fait avec elle. Elle dit qu'elle fait ça plus avec Edda qu'elle faisait avec ses aînés. Dans ces situations ses enfants aînés se débrouillaient dans leur coin, ils faisaient des grosses bêtises d'ailleurs et elle faisait ce qu'elle devrait faire, le ménage, l'entretien de la maison et elle les laissait. En disant ça, en ce moment, elle pense que ses deux enfants cadets ont aussi des longs moments tous les deux où ils sont capables d'être seuls ; donc Edda va rentrer, elle va aller jouer dans sa chambre et elle est bien, elle ne s'ennuie pas. Madeleine raconte qu'Edda fait beaucoup de bricolage, qu'elle imagine beaucoup et elle concrétise : elle dessine, elle fait des petites choses avec un papier et un ciseau. Je dis qu'elle est créative et Madeleine répond qu'elle est très créative. Elle dit qu'elle-même (Madeleine) a essayé de faire de choses, qu'elle ne sait pas très bien dessiner, mais elle aime bien créer aussi, de faire des bijoux. Elle raconte qu'elle a fait ça avec les enfants de son mari, quand ils étaient plus jeunes, ou avec ses aînés. Donc, ils faisaient des petites choses comme ça, la peinture sur verre, des petits objets qu'ils peuvent éventuellement offrir et qu'avec Edda, ça marche bien aussi. Elle pense (que ça arrive) parce qu'elle a vieilli, parce qu'elle s'est développée, et que maintenant elle arrive, vis-à-vis de sa propre famille, à tenir ses choix et à ça qu'elle a décidé pour ses enfants. Elle dit qu'ils étaient une famille nombreuse, qu'ils étaient six enfants, que tous ses frères et sœurs sont mariés et ont des enfants et elle est la dernière. Elle dit que du côté de son papa, ils sont une famille bourgeoise. Elle continue en disant qu'ils (ses parents) n'avaient pas mal de principes, que ça maman vient d'une famille parisienne, aussi assez bourgeoise. Dans cette famille, les enfants n'ont pas beaucoup de place: il faut bien se tenir, il faut bien élever, il faut bien se tenir à table et ne pas faire trop de bruit. Selon Madeleine, ça veut dire que même chez son frère et sa sœur, il y a certaines règles de famille où elle ressent ça; cela veut dire que les enfants ne peuvent pas trop se manifester. Elle raconte que quand ils étaient, par exemple, à table, quand elle était une petite fille, les enfants n'avaient pas trop la parole. Je dis qu'elle a eu une éducation un peu rigide. Elle répond à la fois oui et à la fois non, parce qu'il y a des choses qui étaient rigides, parce qu'effectivement quand ils étaient tous ensemble à table, c'étaient les adultes qui parlaient. Elle dit qu'elle était la dernière, et sa sœur aînée a 20 ans de plus qu'elle. Donc, elle était encore un enfant quand les aînés étaient déjà des adultes: ils étaient à la place des adultes et elle ressentait que pour les enfants, il n'avait pas trop de place. Elle raconte que quand sa famille (d'origine) était en vacances avec ses grands-parents, les enfants étaient dehors, ils pouvaient faire du bruit, mais dehors, donc c'était assez séparé du monde des adultes et du monde des enfants. Elle dit qu'elle a un beau-frère et, s'ils font une réunion de famille, il n'aime pas que les enfants soient là. Alors il faut qu'ils soient occupés, et qu'ils ne fassent pas de bruit. Elle dit que maintenant elle sent qu'elle peut plus s'imposer et elle a dit à son mari qu'elle n'irait pas chez lui (chez son beau-frère) si elle ne peut pas y aller avec ses enfants et que lui (son mari) accepte cette position. Elle répète qu'elle est arrivée à être un peu plus ferme par rapport à ça et elle sent aussi d'un coup, que son beau-frère et sa sœur ont changé, parce qu'ils ont eu des petits enfants. Alors, il y a des choses qui changent aussi

de ce côté-là. Elle raconte qu'elle a une maison avec son frère et sa sœur. Ils ont une division, ce qui veut dire qu'ils sont tous propriétaires de la même maison. Aux dernières vacances, ils se sont tous retrouvés ensemble pour parler un petit peu et elle était la seule à avoir encore des enfants petits. Comme elle ne peut pas dire « Je prends des vacances, je laisse mes enfants pour 4 jours », elle les a emmenés et ils ont trouvé que cela s'est bien déroulé, qu'ils ont pu jouer gentiment et bien se tenir. Elle dit que c'est ça qu'il (le tableau) évoque : les adultes de leur côté, les enfants de l'autre, et le fait que ce soit la mère qui puisse quand même être proche de ses enfants. Il y a un petit silence et je lui demande s'il y a quelque chose d'autre qu'elle veut ajouter. Après réflexion, elle dit qu'elle ne croit pas qu'il y a quelque chose d'autre. Je lui demande si elle veut me poser des questions et comme elle dit « non », je la remercie et on finit l'entretien.

Interprétation Madeleine

Le récit de Madeleine permet d'entrevoir que son expérience maternelle est marquée surtout pour des essais de dépassement et de réparation de son propre histoire en tant qu'enfant, qu'elle semble revivre avec Edda. De cette façon, il y a des similarités qu'elle reconnaît tout de suite entre soi-même et sa petite fille et d'autres qui restent implicites dans son discours.

Dans ce sens, elle a choisi pour commencer son récit en racontant du contexte dans lequel Edda est arrivée au monde : une grossesse imprévue et pas désirée. En plus de la tonalité confessionnelle de cette attitude, qui peut être comprise comme une certaine crainte d'être jugée (en montrant tout ce que ne va pas avant que l'autre le découvre tout seul), Madeleine démontre aussi deux autres contenus rapportés entre eux, le premier en s'agissant d'une insécurité importante par rapport à soi-même. À son tour, le deuxième s'agit de ses doutes par rapport à s'il y a ou pas de place pour un nouveau bébé dans une famille dont les enfants sont déjà grands.

Donc, elle commence son discours en se présentant du côté de l'adulte qui vivait un moment difficile de sa vie quand elle est tombée enceinte d'Edda. En ce moment-là, elle était dans un processus de deuil dû le décès de son père. En plus, bien qu'elle ait été déjà mariée pour la deuxième fois il y avait quelques ans, elle cherchait encore à organiser sa vie dans une famille recomposée. Dans ce contexte, elle manageait les conflits du mariage et du divorce précédents, les relations avec ses propres enfants et ceux de son nouveau mari et, en plus, les problèmes financiers que sa famille avait. Cette situation, ajoutée au fait de que ses enfants et ceux de son mari étaient déjà adolescents ou adultes, composait un cadre dans lequel il n'y avait pas de place pour autre enfant dans sa vie. Donc, l'arrivée d'Edda, loin de lui apporter quelque genre de soulagement et de bonheur, a été une source d'inquiétude et de doutes de sa propre capacité. La tension que Madeleine a passée pendant sa grossesse et après la naissance d'Edda semble avoir été la responsable par sa difficulté d'offrir le *holding* que la fille avait besoin au début de sa vie. Donc, Edda et Madeleine étaient très angoissées en ce moment-là, la première dû l'absence d'assurance concernant le soutien de l'environnement, et la deuxième dû le réveil des doutes par rapport à sa propre compétence comme mère.

Les raisons des difficultés de Madeleine dans sa relation avec Edda au début de la vie de celle-ci ne sont pas restreintes à la condition concrète de la vie familiale à cette époque-là. Dans ce sens, il faut remarquer que Madeleine raconte que ses autres enfants ont aussi beaucoup pleuré quand ils étaient bébés. Encore que cette caractéristique de ses enfants puisse être associée à la déficience de support de la famille constituée de Madeleine, elle semble aussi être liée à ses expériences chez sa famille d'origine et leurs effets sur sa personnalité. Dans ce sens, Madeleine est issue, elle-même, d'une famille nombreuse dont elle était l'enfant cadet, quand tous ses frères et sœurs étaient déjà adultes. Cette condition a été vécue dans le cadre d'une famille qui séparait nettement le monde des adultes de celui des enfants, sans fournir des termes de passage. Cette structure et dynamique familiales semblent avoir germiné en Madeleine des profonds sentiments de solitude, d'inadéquation et d'infériorité par rapport à ses frères et sœurs, dont accomplissements elle n'était pas capable d'atteindre. Ces sentiments persistent dans la réalité psychique de Madeleine, ce qui explique son insécurité et sa vision de soi-même comme une personne qui doit, tout le temps, s'efforcer pour montrer sa propre valeur aux autres. Dans ce contexte, avec la petite Edda qui ne cessait pas de pleurer, Madeleine se sentait comme si elle n'était pas capable de dégager son rôle maternel convenablement, ça veut dire, savoir apaiser un bébé pour qu'il ne dérange pas les autres. De l'autre côté, l'entourage de Madeleine ne l'a pas beaucoup aidée à soulager ses difficultés avec son bébé : le fils de son mari montrait nettement qu'il 'était gêné à cause d'Edda et ses fils ont demandé de partir pour vivre avec son père, situations qui ont aggravé ses sentiments d'inadéquation comme mère. Son mari, à son tour, n'apparaît pas en ce moment à son récit. Dans ce cadre, les choses ont commencé à améliorer à partir du moment où Madeleine reçoit un genre de soutien : l'arrivée de la nourrisse pour l'aider avec Edda.

Tout au long de son récit, Madeleine essaie de montrer que ces difficultés ont été déjà dépassées en fonction d'un travail de réflexion qu'elle a fait. Elle réitère que cette réflexion lui a permis soutenir ses positions plus fermement, y compris considérer qu'un enfant doit avoir sa propre place dans la famille et qu'on ne peut pas attendre qu'il se porte comme un adulte. Toutefois, en dépit de ses efforts pour surmonter ses difficultés (elle a suivi une formation de consultant en lactation, elle dit qu'elle a plus de facilité pour dire « non » à ses enfants qu'auparavant) Madeleine semble encore avoir du mal à tenir quelques-unes de ses convictions. Encore que son expérience dans sa propre famille lui permette de s'identifier solidement avec Edda, elle a des difficultés pour l'imposer des limites dans des situations d'impasse. Donc, les normes et règles semblent être imposées par elle d'une façon qui fait appel à l'induction et à la séduction, en cachant l'autorité. Les détails de cette dynamique maternelle de Madeleine sont plus explorés à l'analyse suivante de son récit à chaque tableau du CAT-A.

Tableau 1

Dans le récit à ce tableau, Madeleine transmet la situation exemplaire de l'axe principal de son expérience maternelle avec Edda et Serge : le repas en famille. Donc, dès le début de son récit elle

laisse clair que, dans le repas, elle est au milieu de ses enfants et pas à l'extérieur. Alors, même si avant elle laissait les aînés manger tout seuls, pour attendre son mari et dîner avec lui, maintenant elle fait autrement : elle mange avec eux et son mari dîne seul. De cette façon, Madeleine exprime que, tandis qu'avant elle répétait l'expérience qu'elle avait vécue avec sa famille d'origine, à savoir, la séparation du monde des adultes de celui des enfants, actuellement elle essaie de ne les plus désagréger. Donc, elle se met au milieu des enfants dans une position d'égalité. Cette attitude semble avoir, par elle, le sens d'inclusion des enfants dans la famille et de leur transmettre qu'ils sont aussi importants que les adultes, ce qui veut dire, qu'ils ont de droit à la parole. Dans ce sens, Madeleine essaie de réparer, avec ses enfants, les sentiments d'exclusion qu'elle-même a soufferts en son enfance, en ne permettant pas qu'ils vivent la même situation. Toutefois, cet essai a son prix : alors que Madeleine ne veut pas différencier les adultes des enfants, elle a eu du mal à leur mettre des limites quand il faut. Comme elle se montre un peu inhibée pour dégager cette fonction, elle les impose d'une façon insidieuse et discrète (elle donne des conseils par rapport aux aliments qui font grossir quand ils sont pris ensemble ; elle suggère qu'ils mangent un peu de ce qu'ils n'aiment pas mais qu'il est important). Elle justifie sa difficulté en affirmant qu'il ne faut pas être ferme, vu que les enfants seraient capables de respecter les limites pour eux-mêmes, confiance qu'en vrai cache sa propre insécurité.

Tableau 2

En ce moment, Madeleine reprend le thème précédent de son insécurité et lui présente d'une façon plus élargie. Elle montre qu'en plus de sa difficulté à mettre des limites, l'absence de confiance en soi-même et son sentiment de fragilité la conduisent à une déficience pour affronter les situations de conflits et de désaccords. Donc, la rivalité explicitée au tableau est niée et transformée en coopération (un effort qu'on fait ensemble) et en solidarité (quelqu'un qui aide les autres). Elle attribue aux personnages du tableau la condition d'être composants d'une famille (c'est le papa, la maman et l'enfant), ce qu'indique le déni des conflits dans ce groupe.

Tableau 3

Dans son récit à ce tableau Madeleine approfondit les sources de son sentiment d'insécurité qui donne des couleurs spécifiques à son expérience maternelle, conformément à ce qui a été vu dans les interprétations des tableaux précédents. Elle montre qu'en plus de se sentir infériorisée à cause de sa situation d'enfant dans une famille composée par des adultes, ce sentiment est lié aussi à sa condition de femme. Selon elle, tandis que les hommes ont une position plus confortable que leur permet le repos et l'épanouissement personnel, il ne reste aux femmes qu'une condition de servitude et d'infériorité. Cette conception qui règne fort dans sa réalité psychique résulte d'une forte identification avec sa propre mère qui assumait cette position vis-à-vis de son père. Donc, doublement infériorisée pour être enfant et femme, Madeleine cherche, encore aujourd'hui, à montrer sa valeur par moyen

d'une attitude de servitude sans fin devant sa famille. Bien qu'elle soit capable de s'apercevoir que cette situation n'est plus compatible avec sa réalité actuelle (comme lui montre sa belle-sœur et son propre mari, dans ses essais de l'aider et de l'encourager à se reposer) elle n'arrive pas à agir autrement. En outre, malgré sa perception de que la surcharge n'est pas si grande comme elle pourrait ressembler (au quotidien il n'y a que deux enfants chez elle), Madeleine n'est pas capable de soulagement et, même insatisfaite, elle suivra en se posant dans des situations d'être explorée.

Tableau 4

À partir de ce moment, les récits de Madeleine permettent d'entrevoir ses essais de surmonter ses difficultés personnelles qui s'actualisent dans son expérience maternelle avec Edda. D'une façon intuitive, elle s'aperçoit qu'est-ce qu'il a manqué à soi-même en tant qu'enfant et, par conséquent, qu'est-ce il faut offrir à ses propres enfants pour qu'ils puissent se développer harmonieusement : le *holding* ou, dans ses mots, le « portage ». Selon elle, il n'est que le *holding* qui peut apaiser quelqu'un et le libérer des angoisses et de l'insécurité. En plus, c'est lui qui rend possible éprouver la non intégration et le repos, nécessaires pour le loisir. Faute d'avoir éprouvé assez expériences de sustentation en son enfance, Madeleine les cherche dans sa vie adulte, à partir d'autres relations qu'elle établit. Dans ce sens, les livres qu'elle lit et ses collègues de travail jouent un rôle important, car ils lui montrent qu'elle a le droit d'être elle-même, de se développer à partir de son centre et qu'il ne faut pas se restreindre à imiter des modèles qu'elle a reçus dans sa famille d'origine. La sensation de liberté que cette perception lui apporte est vue comme inséparable de l'application et d'établissement des limites, pas de ceux concernant l'autorité, mais surtout ceux rapportés aux contours de l'identité et qui constituent la base pour l'imposition des premiers. Néanmoins, il s'agit encore d'essais et Madeleine reste dans le milieu du chemin entre sa façon passée d'agir et sentir et son désir futur d'être quelqu'un de différent.

Tableau 8

Dans ce dernier tableau, Madeleine fait un genre de résumé des contenus qu'elle avait transmis précédemment. Elle exprime ses efforts pour être elle-même dans le processus d'éducation de ses enfants, ce qui veut dire que, parfois, en plus de n'avoir pas le soutien de son environnement, il faut aussi affronter son opposition et son jugement. Basée sur son propre expérience en tant qu'enfant et, en dépit des modèles qu'elle a reçus, Madeleine choisit être plus proche de ses enfants et de leur offrir ce qu'elle pense que lui a manqué: le *holding*. Elle comprend qu'il fait partie de celui-ci offrir aux enfants un maternage capable de les aider à faire le chemin entre la vie infantile et le monde adulte, à l'inverse de la séparation marquée qu'elle est vécue et que semble d'être responsable pour son sentiment d'infériorité. Donc, si c'est à la mère la tâche d'insertion des enfants dans le monde adulte, de la socialisation, elle doit supporter leurs fautes, leurs maladroitesses, leur non-savoir et leur immaturité sans les humilier et sans les mépriser. C'est surtout à partir du sentiment d'être accepté et

d'être proche que l'enfant sera capable d'être seul sans se sentir dans l'exil. En outre, c'est seulement fondé sur cette expérience qu'il pourra développer la confiance en soi-même et en sa capacité, ce que lui permettra d'être créatif.

En bref, le récit de Madeleine montre ses efforts de surmonter ses propres difficultés et de dépasser un modèle de maternité, dans lequel elle a été d'abord enrégimentée, pour autre plus cohérent avec ses propres sentiments et convictions. Toutefois, dans sa lutte pour offrir à ses enfants ce qu'elle-même n'a pas eu, il y a des réussites et des échecs, dû fondamentalement son insécurité et l'inconsistance du soutien reçu de son entourage. Enfin, il s'agit de la recherche de réparation de sa propre histoire personnelle et des essais de transmission de valeurs humaines concernant, surtout, le plus grand respect pour l'enfant.

Récit d'Edda

Après qu'on a fini l'entretien, Madeleine a appelé Edda pour me parler. Elle m'a demandé si elle devait me laisser seule avec la fille. Je lui ai répondu que la passation du CAT-A était individuelle, mais si ça la dérangeait, alors elle pourrait rester avec nous. Elle a donc décidé de partir et me laisser seule avec Edda.

Edda est une petite fille adorable, jolie, intelligente et créative. Elle est mince, blonde aux grands yeux bleus; elle a deux dents de devant séparées, ce que la laisse encore plus gracieuse. Tout de suite elle reste à l'aise avec moi. Je fais un petit commentaire sur les magnifiques aquariums qui étaient dans la salle. Je lui demande s'ils sont à elle et elle répond que non, qu'ils appartenaient à son père et qu'il y avait encore un autre, au deuxième étage de la maison. Par contre, elle avait un chat qui était encore un bébé et qui aimait se nicher dessous l'arbre de Noël.

Elle allume l'arbre pour que je puisse la voir. Après ça, je lui dis que j'irais lui montrer des dessins d'animaux et que je voudrais qu'elle raconte des histoires sur eux. Elle me demande s'il y a des chats parmi les dessins. Je lui réponds que non, mais qu'il y a d'autres animaux.

Je lui demande si elle aime raconter des histoires. Elle confirme et dit : « J'en ai même inventé deux. » Je dis « Ah, oui ? » et elle répond « Oui, Une histoire sur une princesse. L'autre, je ne m'en souviens plus. Alors la première avec une princesse. » Je me montre intéresser et elle continue: « C'était une princesse qui vivait dans un château, et donc, en fait, elle s'ennuyait. Et donc, un jour, elle part dans la forêt et elle ne revit plus le château. Et elle vit des animaux ; elle vit un chat botté et donc, heu... Il lui dit : 'Est-ce que tu connais la maison de Carabas ? J'y vais de ce pas.' Elle, elle dit : 'Oui, c'est ma maison.' Donc elle y va, et donc, en fait, il était tout vieux et donc, en fait, le chat lui demande de lui faire un petit bisou. Donc là, il se transforme en prince, et ils habitent dans un château voisin. » Je fais des éloges à son histoire et je lui dis que je crois qu'elle aimerait inventer des histoires sur les tableaux que je vais lui montrer. Je lui demande si elle voulait commencer notre activité. Après sa confirmation, je lui présente le premier carton du CAT. Elle commence à parler tout de suite.

Tableau 1

« Alors c'est des oiseaux, ils vont... manger. Et il y a la maman poule qui est près d'eux, qui va aussi leur donner à manger. Donc là, elle leur donne à manger, et eux, ils attendent patiemment. [Hum, hum, et qu'est-ce qu'il va arriver après ?] Ben, après, ils vont remercier leur maman, et peut-être qu'ils vont aller se promener, faire une petite balade dans les prés, heu... dans le poulailler. [Et qu'est-ce qu'ils pensent de ça ?] Ben... que c'est bien, ils sont contents, ils sont tous excités. [Hum, hum, d'accord. Est-ce que tu veux ajouter d'autre chose ?] Non. » Je la remercie. Je prends le tableau et lui montre le deuxième.

Tableau 2

« Donc, heu, en fait, c'est un sport qu'ils font, que j'avais fait aussi à la matinée sportive. En fait, il y a un ours et un petit ours et un loup. Et donc, en fait, ils essaient de tirer sur une corde et le premier qui a lâché, il a perdu, et les autres vont gagner. Et ensuite, ceux qui vont gagner, donc, je veux dire, c'est les deux ours, ils vont être tout contents. Ils vont chahuter, ils vont faire des jeux ensemble contre d'autres loups et ils vont gagner. [Humm, et tu crois qu'ils se connaissent ou pas ?] Ben, si, s'ils font du sport ensemble avec une corde qu'ils ont trouvé et je vois qu'ils sont bien essoufflés. (elle sourit). [Hum, hum, et tu crois qu'ils sont des amis ou qu'ils sont de la même famille ?] Ben, peut-être qu'ils sont voisins, qu'ils se connaissent bien, heu, ils s'aiment bien. Ils sont deux copains et l'ourson et le fils du loup, heu, c'est des copains et parfois ils s'invitent. [Hum, hum, d'accord. Est-ce qu'il y a autre chose que tu veux rajouter ?] Heu, non. » Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

« En fait, c'est, heu, un lion, heu, en fait, il est très vieux, il s'ennuie. Il ne sait plus trop chasser et puis, il se tient sur une chaise, parfois il fume avec sa pipe. Il prend sa canne et il réfléchit à ce qu'il voudrait faire. [Hum, hum] Et peut-être qu'il aurait envie de faire quelque chose, comme par exemple un jeu, mais il est un peu trop âgé pour y aller, et peut-être que c'est un jeu où on court, et puis, lui, il est un peu fatigué. Il voudrait faire de la chasse mais il ne court pas très vite (silence de 5 secondes). [Hum, hum] Heu, donc, il cherche autre chose et il n'arrive pas à trouver. Peut-être il veut aller chez ses voisins pour leur demander qu'est-ce qu'il pourrait faire. Et donc, eux, ils disent que 'Peut-être que vous pourrez faire un jeu de société avec moi ». Et, sauf qu'ils vont chez le lion et le lion n'a pas trop de jeux de société. Donc, ils vont chercher une autre idée de jeux de société et, ensuite, ils font des jeux à la main. [Hum, hum, et comment ils sont, ces jeux ?] Ben, des jeux comme le bras de fer chinois. [Ah, oui] Tu sais, comme ça (elle montre le bras pour dramatiser le jeu) [Hum, hum, oui, je sais.] Peut-être qu'ils vont faire un jeu que je ne connais pas trop et quand même un peu. Heu, en fait, on tient, un, deux, trois, et donc là, on doit, c'est comme le bras de fer, sauf qu'on le fait avec le pouce. Donc, heu, hop là, on fait ça (elle montre le mouvement avec la main) [Hum hum.] Ou sinon, si on a

perdu, on le met comme ça. Donc l'autre, en fait, il doit, heu, appuyer sur son pouce comme ça. Donc, là, il a perdu, sinon, si c'est lui qui appuie, ben, il a gagné. Donc, voilà, et, en fait, il y a une souris et il ne la regarde même pas, tellement qu'il s'amuse. [Hum hum. Tu crois qu'il va aimer ce type de jeu ou non, le lion ?] Heu, bah, oui, mais peut-être qu'il préfère un jeu plus... heu... où ... heu... on bouge, parce que là, c'est la main qui bouge. Alors qu'il va demander qu'on court ou qu'on marche un bout quand-même, pour parler ensemble, de leurs familles, de leurs amis. [Oui, c'est compliqué quand on est vieux, parce que les vieux ne peuvent pas faire beaucoup de choses.] Oui. Ben, la suite, son voisin doit partir, alors, lui, il recommence à s'ennuyer. Il va chez son autre voisin, et je crois qu'il va continuer à faire ça, son voisin d'en face, son voisin d'à côté, et peut-être qu'il va inviter tous ses amis à faire un jeu. [Hum, hum, d'accord.] Plutôt que de rester assis sur sa chaise. [Hum hum, il va arranger les choses ?] Hum, (silence) et comme ça, il aura trouvé une idée. [Hum, hum] Au lieu de courir et de bouger tout le temps (silence) un jeu d'échecs... un jeu de billes... (elle rit). Hum, (Silence), voilà. » Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

« Alors, heu... Ici, peut-être que ça doit être une maman renard, enfin, une maman kangourou, et elle doit aller, heu... à un rendez-vous dans la forêt avec une copine et elle doit accompagner ses fils. Donc, il y en a, parce qu'aussi il y a des amis de ses fils. Donc, il y en a un qui va à vélo, l'autre qui va dans la poche de sa maman, et puis, elle amène un goûter, mais on voit qu'elle est très pressée. [Hum hum]. Donc, elle saute à toute allure, au lieu de courir, et donc, heu, il y a un peu de brouillard, alors elle regarde parce qu'elle ne voit pas très bien. Elle voit un petit sentier et elle remarque que c'est l'endroit où elle doit aller. Il y a ses fils qui se demandent qu'est-ce qu'elle doit faire un peu, mais ils se disent qu'ils vont voir ses copains. Et donc, voilà ! [Hum hum, et qu'est-ce qu'ils ressentent ?] Heu, heu, ses fils, ils doivent se dire, heu, qu'est-ce que ça va, doit être bien, qu'est-ce que c'est ce qu'elle a dans son panier, heu, qu'ils vont voir ses copains, alors ils sont tous excités. Alors, eux aussi, ils ont envie de se dépêcher, et sinon, la maman, elle voit qu'elle est, enfin, elle est un peu pressée, surtout qu'elle doit courir et que c'est elle qui va plus bouger. Et donc, ça doit lui faire un peu mal aux pattes, mais ils ont l'habitude et... (Silence) et elle se dit, 'Oh mais, qu'est-ce que je dois être belle devant mes copines ou mes copains.' (elle dramatise la voix) Et voilà ! Elle tient bien son chapeau pour ne pas qu'il s'envole. [Ah, oui.] (rires). Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 8

« Ben là, ce sont des sauvages. Ils sont dans une maison, et puis, elle est un peu bizarre, (elle sourit). Donc là, il y a la maman, heu, qui demande à son enfant, heu... qu'il doit être bien sage devant les invités, heu, de ne rien casser, d'être bien propre et d'être bien beau. Ensuite, les invités, ils disent des choses, heu, de leurs familles, des secrets. Peut-être qu'on va manger des bananes, puis la

maman, elle dit toujours à son enfant, mais 'Il faut être bien beau' (elle dramatise la voix) et puis elle, bien belle, et, cette fois, elle ne met pas de chapeau, (elle sourit). Et, en fait c'est, je crois que c'est un couple... attends, une maman et un papa, ils se disent des secrets, ils se disent des choses. Heu, le papa, il va bientôt arriver, parce que c'est comme une petite surprise pour lui. Donc, heu, c'est pour ça que les invités, ils se disent des secrets et, donc, voilà ! [C'est un peu une surprise pour le papa ?] Oui. Parce qu'en fait, c'est le jour de sa fête et en même temps son anniversaire. [Hum, je comprends. Et pourquoi tu as trouvé la maison un peu bizarre ?] Bah... oui, parce que ce sont des singes qui y habitent et ... que sûrement, il y a plein de personnes qui y habitent, et que les singes, ils ont sûrement de l'argent. On ne voit pas trop bien la maison, peut-être que ça doit être blanche, je me demande, ça doit être de quelle couleur... (Silence). [D'accord, c'est tout ?] Hum. »

Elle me rend le tableau et je lui demande de me dire lequel elle a aimé le plus et lequel elle a aimé le moins. Elle prend le tableau 3 et dit : « Donc, celui-là, j'ai aimé plus. ». Après, elle prend le tableau 2 en disant « Et puis, celui-là, j'ai aimé moins. ». Je lui demande si elle voulait ajouter quelque chose d'autre. Elle me dit que non et me raconte qu'elle veut être une grande pianiste quand elle sera grande. Donc, tous les lundis soirs elle étudie le piano. Elle raconte qu'elle aime aussi la dance, alors elle devra choisir entre le piano et la dance. Après ces commentaires, on finit l'entretien.

Interprétation Edda

Les récits d'Edda aux tableaux du CAT-A permettent de dire qu'elle est une petite fille qui a bien réussi à accomplir les tâches d'intégration, de personnalisation et de réalisation. Cette condition lui a donnée une personnalité cohésive, qui peut faire face aux défis et aux conflits de son moment actuel évolutif. Dans des termes du développement du Self, elle présente une capacité créative remarquable, comment il est démontré par l'excellente qualité de ses histoires. Cette observation suggère qu'elle ait eu un bon début de vie, où ses nécessités d'illusion ont été bien remplies par sa mère, ce qui lui a permis d'atteindre la capacité pour la transitionnalité. En ce moment, elle se pose beaucoup de questions, parmi celles-ci, est comment concilier son essence individuelle (son sens de Self) avec les limites d'expression imposées par le monde extérieur et comment remplir ses nécessités croissantes d'indépendance tout en gardant l'affection et la protection de sa famille.

En ce qui concerne le développement psychosexuel, Edda se retrouve dans le stage de latence, en se demandant comment harmoniser les exigences d'expression pulsionnelle et les interdictions du Moi, du Surmoi et de la réalité. Ce conflit d'ordre psychosexuel va dans la même direction que celui de l'évolution du Self, vu que l'expression des désirs et des tendances pulsionnelles se constituent en force importante pour configurer la nature individuelle de son Self. La dimension du Self qu'Edda choisit pour représenter les collisions entre ses désirs d'expression et leurs interdictions c'est le mouvement corporel, ce qui se montre surtout à ses récits aux tableaux 3, 4 et 8 du CAT-A. En ces moments, elle exprime un conflit entre l'envie de bouger et les limites internes et externes qui empêchent sa réalisation. La même question est posée à la fin de notre conversation, quand elle

exprime son dilemme entre la danse (qui lui permettrait le mouvement global du corps) et le piano, où, comme le lion, ce ne sont que les doigts qui bougent.

Cette situation, ainsi que la bonne qualité des essais d'Edda de la résoudre, révèle la présence d'un Moi bien organisé, dont le fonctionnement est très efficace. Néanmoins, parfois cette « maturité » semble lui causer un certain ennui et Edda persiste dans sa recherche d'être socialisée, sans perdre de soi-même et sans vivre une vie d'apparences (Faux Self). Ces contenus sont mieux éclaircis à l'interprétation des tableaux du CAT-A présentée ci-dessous. Cependant, un petit mot par rapport à l'histoire de la princesse qu'elle a inventé et qu'elle a raconté permettent d'introduire ses soucis.

L'histoire de la princesse

Le contenu de cette petite production personnelle permet déjà une présentation de la propre personne qui est Edda. Elle montre que la protection et l'enfermement dans le noyau familial, bien que cela présente des avantages, conduisent à l'ennui par les restrictions qu'ils imposent. Donc, il faut abandonner la sécurité de cette situation dans la recherche d'une aventure dans le monde extérieur et de la connaissance d'autres personnes avec qui elle puisse avoir des relations. En sortant d'une situation d'endogamie, la princesse Edda connaît quelqu'un (le chat botté) qui lui permet l'expression sexuelle qui était interdite dans l'environnement familial. Donc, l'abandon de ses objets primaires, sous-jacents à sa nécessité d'indépendance, en lui consentant l'exercice de la sexualité, est essentiel pour sa réconciliation avec eux. De cette manière, il faut d'abord les refuser pour les rencontrer après (elle et son prince vont vivre dans un château voisin de ses parents). Dans ce sens Edda montre que, par elle, il ne s'agit pas d'une simple réjection, mais d'une entreprise pour être soi-même, ce qui veut dire, être différente de sa famille sans, pourtant, perdre ses racines. Dans ce sens, la recherche de l'individualité serait la condition de l'appartenance.

Le CAT-A

Tableau 1

Dans son récit à ce tableau, Edda semble exprimer surtout les effets de la socialisation sur un besoin essentiel: la nourriture. Donc, au lieu de se lancer avec gloutonnerie sur les aliments, les oiseaux doivent attendre patiemment que la mère les sert. Dans le même sens, les règles de politesse demandent de remercier la personne qui a fait quelque chose pour eux, même s'il s'agit de quelqu'un si proche que le remerciement puisse être implicite. Ainsi, les oiseaux semblent se conduire presque comme des adultes dans une situation de repas avec des gens plus ou moins inconnus. La politesse a, toutefois, ses compensations: la petite ballade, même si elle n'est pas très longue et n'amène pas très loin. La remarque d'Edda, que les oiseaux sont tous excités, semble montrer que beaucoup d'efforts de contention et de bonne conduite sont nécessaires pour obtenir une récompense qui n'est pas entièrement de la même magnitude que les « sacrifices » réalisés.

Tableau 2

Le récit d'Edda à ce tableau transmet le message d'une relation d'aide et de camaraderie entre un parent et son enfant. Pour arriver à ce résultat, la rivalité est déplacée de l'intérieur de la relation familiale vers son extérieur (les ours contre le loup). Cependant, le déplacement ne suffit pas pour contenir l'angoisse, donc la compétition doit être encore intégrée dans un contexte d'amitié et de bien-être (les ours et le loup sont voisins, copains, ils s'aiment bien et ils font un sport), ce qui la rend minimiser. Dans ces conditions où l'expression pulsionnelle agressive est circonscrite dans certaines limites, elle peut devenir satisfaisante au lieu d'être effrayante. Quoique l'usage de toutes ces manœuvres défensives puisse conduire à un résultat qui lui plaît, Edda choisit ce tableau comme celui qu'elle a moins aimé parmi les autres. Ce choix, révèle que l'expression de l'agressivité la laisse encore mal à l'aise; donc la solution qu'elle a trouvée n'est peut-être pas la définitive.

Tableau 3

En ce moment, Edda exprime, avec toute sa force, le souci principal qu'elle éprouve dans sa vie actuelle. Dans ce cadre, le thème de l'histoire ressemble un peu à celle de la princesse, qu'elle a inventé toute seule: une personne qui est enfermée dans sa maison et qui s'ennuie. Toutefois, le récit au tableau 3 est plus riche de détails. Donc, le lion s'ennuie pour avoir perdu son essence (chasser) suite à une limitation interne (le vieillissement). De cette manière, sa mission est de rencontrer un autre sens de sa vie, ce qui n'est pas du tout évident. Il cherche l'aide des autres, mais les conseils qu'il reçoit et les opportunités qui se présentent ne sont pas appropriés. En étant un animal sauvage, le lion n'a pas beaucoup de jeux de société chez lui. L'alternative qui lui permet d'exprimer un peu plus son agressivité, le bras de fer chinois, ne lui convient pas non plus, due à la quantité de répressions qu'elle impose (c'est seulement le pouce qui bouge). Alors, il se débat avec le problème comment concilier ses limitations internes avec sa propre nature, ça veut dire, l'expression du Self avec les limites de la réalité. Dans ce contexte, il sent que les gens ne sont pas capables de l'aider et, malgré tous ses essais le problème persiste. Bref, Edda montre encore des doutes quant à une solution possible pour son embarras (elle hésite à la fin de l'histoire).

Tableau 4

Dans son récit à ce tableau Edda continue, d'une certaine façon, le thème esquissé antérieurement, mais dans son autre pôle. Donc, si précédemment c'était les limites corporelles qui empêchaient la réalisation du sens de l'existence, maintenant le problème s'agit de la liberté corporelle exercée sans un sens spécifique, le mouvement par le mouvement. Cette façon d'agir est attribuée à la figure de la mère, les enfants ayant du mal à la comprendre et essayant de découvrir un sens pour elle, quoi qu'il soit. Le mouvement, vécu de cette manière n'est qu'une expression d'anxiété et n'apporte pas quand même un genre à sa décharge. Donc, il est senti comme aussi douloureux que la paralysie

décrite dans le récit du tableau 3 (ça doit lui faire un peu mal aux pattes). Imprégné par l'absence de sens, le comportement n'apporte pas qu'une caractéristique de superficialité et est réduit à une question de préserver les apparences: le souci d'être jolie devant les copains et les copines remplace le plaisir envisagé de la rencontre avec eux. L'histoire montre aussi une certaine division entre le monde des adultes et le monde des enfants, vu que les premiers ne donnent pas d'explications de sa conduite à ces derniers, même quand ces attitudes les concernent directement. Encore que les enfants gardent la confiance sur les adultes (« qu'est-ce que ça va doit être bien »), ce genre d'attitude crée une distance entre eux. Donc, si l'excès d'interdictions imposées par le processus de socialisation compromet l'expression de soi, l'absence des limites peut aussi le faire, à la mesure où elle n'offre pas un cadre assuré dans lequel l'expression puisse arriver.

Tableau 8

Le thème de la socialisation continue en ce moment, exprimé par le souci de comment transformer des sauvages en citoyens civilisés, et quand même, presque aristocrates (« ils ont sûrement de l'argent »; « la maison, peut-être que ça doit être blanche »). Le processus de socialisation, conformément conduit par la mère, implique aussi dans la manutention des apparences. Il a, toutefois, des avantages, vu qu'il permet l'appartenance à un groupe et à une certaine garantie d'affection (ils vont faire une fête pour le papa pour célébrer son anniversaire). Quoiqu'elle reconnaisse que le refrènement des pulsions est la condition pour la vie en société, Edda semble être encore un peu sceptique concernant les possibilités d'un tel contrôle. Donc, elle trouve bizarre que les singes sauvages habitent dans une maison. De cette manière, elle continue à chercher une solution personnelle pour son conflit principal: comment vivre en société tout en préservant son essence, ça veut dire, sans avoir besoin d'enterrer les racines pulsionnelles qui font partie de soi.

En synthèse, le récit d'Edda au CAT-A montre jusqu'à quel point ses soucis si son insertion dans la culture et la société serait néfaste à l'expression de son Self. Dans ce sens, malgré sa reconnaissance de la nécessité des interdictions pour son développement émotionnel, elle semble apercevoir son environnement familial comme en lui posant des exigences très restreintes, en lui demandant de se conduire presque comme une adulte. Cette situation lui provoque un fort sentiment d'ennui qu'Edda cherche à dépasser, sans avoir encore trouvé une solution définitive.

Synthèse Edda et Madeleine

L'analyse des récits d'Edda et de Madeleine permet de faire quelques considérations et hypothèses concernant les principaux soucis de la première, conformément associés à l'expérience maternelle de la deuxième.

Parmi ces considérations, on peut dire que l'expérience maternelle de Madeleine est fortement influencée par la façon dont elle a vécu sa propre condition d'enfant dans sa famille d'origine. En accord avec son récit, elle s'apercevait, en cette époque de sa vie, comme faisant partie

d'une famille qui séparait nettement le monde des adultes de celui des enfants. Dans ce cadre, ceux-ci n'avaient pas le droit à la parole. En étant le seul enfant de la famille, cette situation a rendu à Madeleine des sentiments profonds de solitude et d'inadéquation. Ces sentiments ont été intensifiés par sa condition de femme dans une famille dans laquelle le rôle féminin, selon sa perception, était de servitude par rapport aux hommes. À partir de ce vécu douloureux, Madeleine a décidé d'apporter une expérience différente pour ses enfants, en particulier pour Edda, bien que sans être complètement bien réussie.

Malgré ce succès partiel de Madeleine, Edda peut être décrite comme une fille qui se développe assez bien et qui vit, en ce moment, des conflits propres de la période de latence. En ce qui concerne l'évolution du Self, en dépit des difficultés rapportées par Madeleine au début de la vie d'Edda, les nécessités d'illusion de la petite fille semblent avoir été bien remplies, soit dans la période même de sa naissance, soit après, par moyen des expériences de réparation. Cette constatation est basée sur la remarquable capacité créative qu'Edda a montrée dans le CAT-A et aussi hors de cette situation (elle invente des histoires spontanément), ce qui dénonce son accès aux phénomènes transitionnels.

Ces conquêtes de la fille et la confiance qu'elle a en sa capacité productive révèlent un certain succès de la mère dans ses essais d'être plus proche de ses enfants. En poursuivant ce but, Madeleine se met au milieu d'eux, pour qu'ils puissent se sentir valorisés par rapport à ce qu'ils sont et ce qu'ils font. Toutefois, cette position, qui ne marque pas tellement la différence entre les adultes et les enfants lui pose d'autres difficultés. Alors, si maintenant les enfants ont le droit à la parole, celle de l'adulte n'est pas si différente de celle des enfants, dans des termes de valeur. Devant cette absence de distinction, Madeleine a du mal à dégager la fonction de l'imposition des limites. Donc, si à sa famille d'origine elle voyait sa mère comme quelqu'un qui n'offrait pas de termes de passage entre le monde des adultes et celui des enfants par la distance qu'elle mettait entre eux, dans sa famille constituée les termes ne sont pas aussi clairs par cette distance inexistante.

Devant cette perception, Madeleine se perd un peu et oscille entre deux axes par rapport à sa façon de dégager le maternage et de l'éprouver. D'un côté, il persiste une identification avec sa propre mère (ce qui lui donne une préoccupation avec les apparences) et, de l'autre, son désir et ses efforts de faire différemment de celle-ci. Néanmoins, cette inconsistance maternelle ne semble pas avoir du tout des effets nuisibles sur la petite fille, qui s'amuse avec le souci de la mère de que ses enfants soient beaux, propres et sages devant les autres. Enfin, Madeleine ne semble pas avoir encore trouvé une intégration qui lui plaît entre ces pôles, qui sont tous les deux déterminés par son expérience en tant qu'enfant.

En plus des effets sur la socialisation, l'inconsistance de Madeleine par rapport à l'imposition des limites a aussi des conséquences sur l'expression du Self d'Edda. Dans ce sens, après une proximité entre la mère et l'enfant qui promeut un sens de continuité entre le Self de celui-ci et le monde, l'expérience d'éloignement est nécessaire. Cet écart est important pour la connaissance de la

réalité extérieure et, surtout, pour celle de ces propres limites du Self. Donc, l'insistance de Madeleine d'être au même niveau que ses enfants (qu'il s'agit d'un mélange entre une conviction éducative et d'une difficulté de s'imposer comme personne) empêche le vécu de de l'enfant de l'expérience du rapport avec l'autorité, de son affrontement et d'une compréhension réelle d'un cadre dans lequel le Self puisse s'exprimer. Donc, la façon insidieuse et séduisante choisie par Madeleine pour imposer des limites (elle donne simplement des conseils à ses enfants, en attendant qu'ils iront les accepter pour eux-mêmes), étouffe tous les genres d'opposition et de contestation de la part d'eux. L'impossibilité de cette expérience et le refoulement de l'agressivité qui l'accompagne rend difficile pour l'enfant la reconnaissance de ce qui est sa propre volonté et de ce qui est celle de ses parents.

Dans ces conditions, les possibilités de connaître, d'exprimer et de garder son essence sont réduites (le lion qui est un chasseur, doit se contenter avec le jeu du bras de fer chinois; les poussins ne peuvent dépasser, en sa promenade, les limites du poulailler), ce qui déclenche un profond sentiment d'ennui. Donc, la relation démocratique que Madeleine cherche à établir avec ses enfants ne conduit pas forcément à une plus grande liberté, mais peut aussi occasionner l'enfermement.

Tout en éprouvant l'ennui issu de l'absence de l'expérience du défi, Edda ne cherche pas une rupture avec ses parents. Elle cherche plutôt un éloignement provisoire qui lui permette de se construire comme quelqu'un d'autonome et, après ça, retrouver ses racines dans sa famille. Pourtant, Edda n'est pas encore certaine par rapport à la réalisation de cette possibilité (est-ce qu'il est possible que les singes sauvages habitent dans une jolie maison ? Est-ce qu'il est possible de préserver son essence et de vivre en société ?).

En bref, Edda et Madeleine semblent faire face, en ce moment, au même problème: « comment se libérer des contraintes de la vie familiale (actuelle et passée) et avoir des nouvelles expériences sans perdre la loyauté vis-à-vis de ses origines ? » Devant ce dilemme, au contraire de Madeleine qui est encore prise entre les deux pôles, Edda semble avoir déjà trouvé une solution: un éloignement relative (habiter dans un château voisin). Cette solution signale la très bonne condition de la petite fille de continuer son processus de développement personnel. Dans ce cas, la capacité de Madeleine de se permettre d'être rejetée, d'être affrontée et d'être refusée par Edda, sans se sentir profondément blessée, sera essentielle pour l'aider dans cette journée.

APÉNDICE AJ - Dyade Cécile et Laura

Identification

Cécile: 43 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants en domicile: Laura, 8 ans

Ordre des entretiens: 1) Laura

2) Cécile

Récit de Cécile

Cécile et Laura ont été la première dyade qui a participé de ma recherche. Elles m'avaient été adressées par une amie qui les connaissait et qui a intermédié notre contact. Cécile a proposé une date pour notre rendez-vous et, dans le jour fixé, je suis allée chez elle.

Cécile est une femme souriante, sympathique et jolie. Elle est brune, grande et maigre. Ses cheveux sont châtain, courts et frisés. Elle a des beaux yeux châtain clair et la peau bronzée. Elle transmet l'impression d'être quelqu'un de très dynamique. En dépit de montrer une grande ouverture vers le monde extérieur, elle semble avoir, en son visage, une certaine souffrance cachée derrière son sourire. Elle me fait des bisous et me présente à son mari et à Laura. Chez eux il y a une chienne de taille moyenne qui est très affectueuse. Dans la maison il y a partout des objets qui racontent les expériences de la famille, comme photos et plusieurs souvenirs de voyages.

Quand Cécile appelle Laura pour me connaître, elle lui dit que conformément elle lui avait expliqué auparavant, j'étais une psychologue qui avait besoin de son aide pour faire mon mémoire. Je reste surprise car la fille comprend tout de suite qu'est-ce que ça veut dire. Laura me fait des bisous et se montre prête à participer. On décide que je commencerai la passation du CAT avec elle. Alors Cécile nous conduit jusqu'à la cuisine et nous laisse seules. Quand on fini, Laura sort de la cuisine et Cécile vient me rejoindre.

Je lui parle à nouveau des objectifs de ma recherche, ce qu'elle comprend tout de suite. Elle semble avoir une très bonne volonté pour coopérer avec moi. Quand je lui dis que j'irais lui montrer les tableaux et que je voudrais qu'elle me raconte comment elle se sent en étant mère de Laura dans les situations illustrées, elle a du mal à comprendre la nature de notre tâche. Néanmoins, quand je lui dis que je voudrais qu'elle me parle de son expérience comme mère, elle la comprend.

Elle s'intéresse particulièrement par la qualité transculturelle de ma recherche. Elle m'explique que son origine française et relative, parce qu'elle avait déjà vécue en Algérie quand elle était enfant, où elle a été élevée. Elle raconte qu'elle a eu une nounou qui s'appelait Fatima, qui ne parlait pas français du tout et qui ne savait pas ni lire ni écrire. Quand sa famille s'est démenagée en

Algérie, elle a eu une autre nounou qui la gardait à la maison et qui s'appelait aussi Fatima. Cette nounou était tout le temps voilée et avait un tatouage. Elle raconte qu'elle avait un rapport très affectueux avec cette nourrice et qu'elle ne l'a jamais vu autrement que voilée. Après ça, sa famille est partie vivre en Cayenne, en la Guyane (elle met accent que la Guyane est proche du Brésil) à cause de la profession de ses parents (instituteurs). Là, elle et ses frères ont eu une autre nourrice qui s'appelait X, qui était de la culture créole. Elle raconte que sa première nourrice, Fátima, était de la culture créole aussi et qu'elle avait 18 enfants, malgré son origine modeste. Cette nounou gardait un rapport avec l'enfance et l'affection qui n'était pas du tout pareil que celui de ses parents. Elle dit que cette nourrice était beaucoup plus maternante, qu'elle était plus tactile avec elle et les autres enfants. En plus, elle était toujours de bonne humeur, toujours gaie ; pourtant sa vie à elle n'était pas facile. Cécile met accent sur le genre de liaison très maternante de cette femme. Elle conclut en disant qu'alors, elle a eu des nounous algériennes, musulmanes et artilleuse, guyanaise. Je lui demande quelle était sa propre origine, parce que je ne suis pas très sûre par rapport à où elle avait née. Elle répond que sa mère est française et qu'elle (Cécile) s'a movée par la France vers 14 ans d'âge pour faire des études de la compétition sportive de tennis (elle tousse en ce moment). Donc, elle était revenue en France, mais elle était d'une famille française. Elle explique qu'elle est partie très tôt, à 14 ans pour la France et que ses parents sont restés en Guyane. Alors, sa crise d'adolescence n'était pas faite en ce moment là, parce que ses parents n'étaient pas là, mais loin d'elle, encore qu'ils se revoyaient tous les étés. Donc, ça a changé beaucoup sa façon d'apercevoir la relation mère-enfant.

Cécile raconte qu'à son première année en France elle est resté dans un internat, et après, la deuxième année, chez une dame veuve qui alberge ait des étudiants qui faisaient partie de son école de compétition. Cette dame était assez originale et chez elle il y avait des chats partout. Cécile raconte qu'à son troisième année en France, elle n'avait que 17 ans et elle s'est vue toute seule à un studio. Un peu après, comme elle avait des difficultés pour gérer sa vie, parce qu'il était difficile de réussir à l'école et les cours pour correspondance ne marchaient pas toujours, ses parents l'ont demandé de revenir pour vivre avec eux. Ils lui ont dit qu'après avoir passé à son bac, elle pourrait décider qu'est-ce qu'elle voudrait faire. (Seulement en ce moment je comprends qu'elle continuait aussi ses études en Algérie, par correspondance). Elle souligne que partir toute seule en la France à cet âge-là c'était une découverte, parce qu'elle était toute seule et sans autorité parentale. Elle avait aussi besoin de prendre ses propres décisions, sans ses parents près d'elle. Je lui dis que c'était comme en avoir besoin d'être adulte avant du temps. Elle répond que tout à fait et reste en silence. Je lui demande si son mari était français et elle dit que oui, qu'il est né en France, mais pas d'origine lilloise et que ses parents habitent à une autre région du pays. Donc, ils sont tous les deux français (elle rit).

Comme elle semble avoir déjà fini de me raconter tout ce qu'elle voulait, je lui propose commencer à voir les tableaux. Après son accord, je lui montre la première image.

Tableau 1

Elle prend le tableau et me demande si elle devrait parler de ce qui le tableau lui rappelle pour Laura. Je confirme. Elle hésite un peu et, après quelques seconds, elle dit que dans la scène il n'y a pas la présence de la maman, ni du père, mais on sent que le souci là c'est d'abord de nourrir les enfants copieusement. Elle dit que l'absence de la mère signifie peut-être qu'elle se sacrifie pour que les enfants mangent beaucoup. Elle dit que si elle doit faire un rapprochement par rapport à Laura, c'est-à-dire qu'elle (Cécile) essaie plutôt effectivement, (elle rit) pour que sa fille nourris... (elle se corrige) grandisse... (elle ne complète pas la phrase) Elle dit qu'on peut voir dans le tableau le souci, de la partie de la mère qui nourrit et que c'est la mère qui leur donne à manger. Elle est là, donc, il y a un souci de les faire grandir parce qu'il y a beaucoup trop pour les trois petits là. Il y a plus que nécessaire à manger, ils ne vont pas tout manger. Donc elle (Cécile) sent que la mère a envie de les fortifier. Ils sont tous forts et peut être il y a un place pour la mère qui doit revenir mais... (en ce moment elle voit la grande poule, à l'ombre). Elle dit que la poule est dans l'ombre et elle attend, elle surveille... Elle dit qu'elle se verrait bien un peu comme ça, la mère un peu en retrait qui surveille si les petits vont manger (elle parle un peu plus bas en ce moment). Elle répète que la mère poule se met en retrait envers ses enfants. Elle dit qu'elle trouve ça intéressant, que ça veut dire qu'on n'est pas omniprésente et qu'elle veut laisser ses enfants grandir en dehors d'elle. C'est un besoin d'indépendance, c'est fort. Elle dit que ce qui est intéressant, c'est qu'elle fait tout ce qu'il faut pour qu'ils restent autonomes, sans les aliéner par son présence à elle. Elle veut qu'ils grandissent et qu'ils deviennent de plus en plus indépendants d'elle. C'est la conception qu'elle (Cécile) a d'eux. Elle ne veut pas être le centre. Elle veut soigner les enfants que grandissent et qu'elle (Cécile) le voit bien. C'est le plus important ça. Elle est en retrait parce qu'elle fait tout ce qu'il faut pour qu'ils puissent grandir.

Je fais une remarque qu'elle m'avait dite au début qu'il y avait une spèce de division entre rester avec les enfants et s'éloigner pour les nourrir. Elle confirme et dit que la mère se soucie de se sacrifier un peu. Il y a aussi ce sentiment ambivalent, puis qu'elle est la mère et elle est prête de se sacrifier pour qu'ils puissent grandir ; et elle se met au retrait pour ça. Elle dit qu'elle (Cécile) a aussi ce souci, qu'elle voudrait en tant que mère ce « comment faire pour que ma fille soit forte plus tard, comme être moi à tout le moment du quotidien pour que Laura soit forte ». Elle dit qu'elle réfléchit sur comment elle (Cécile) peut faire, comment elle doit se comporter pour qu'elle (Laura) ait un modèle de mère pour qu'elle (Laura) soit forte, autonome, etc. Elle sourit. Je lui demande si elle veut ajouter quelque chose et elle dit que non. Je prends le tableau et je lui montre le deuxième.

Tableau 2

Cécile regarde l'image et dit qu'il s'agit d'une famille dont il y a le père. Elle se dérange un peu pour ne savoir pas lequel des ours est le père et lequel est la mère. Elle me demande si cette ambiguïté est faite exprès, pour qu'on ne puisse pas savoir. Après une pause, elle rit et dit qu'elle voit

très bien ce qui se passe. Elle dit en indiquant les deux ours qui sont ensemble qu'ils agissent d'elle et de Laura, et, l'autre ours, du papa de Laura. Toutefois, elle dit qu'il pourrait aussi bien être Laura et son père d'un côté et elle de l'autre, parce que des fois elle et son mari se tiraillent. Elle dit qu'il y a une prise de position sur les règles qu'ils mettent à la maison et que l'enfant ne doit pas dépasser. Néanmoins, parfois, il leur arrive de se battre en accord sur la façon dont ils réagissent par rapport à Laura. Alors, si elle est moins patient pour certaines choses (que son mari), elle se dit « Maintenant tu te calmes » et son mari lui répond, « Non, tu ne devrais pas...etc ». En ce moment, Cécile hésite, bégaye et sourit un peu nerveusement. Elle continue en disant qu'ils expriment quand ils ne sont pas d'accord et elle a l'impression que des fois il y a ... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte que Laura et son père ont une relation très forte, une relation entre la fille et le père, et des fois elle (Cécile) est en opposition (elle rit). Cécile parle comme si ce sujet la dérangeait un peu. Tout de suite, elle change de tonalité et dit que ces sont des relations qui évoluent. Elle raconte qu'elle et son mari n'ont pas été éduqués avec la même façon de voir les choses. Elle raconte qu'elle est vécue avec un père et une mère très autoritaires, et, pour ça, elle ne pouvait pas discuter avec eux. Donc, le problème qu'elle avait dans la relation avec ses parents était surtout un problème avec l'autorité, qui a été élogée comme quelque chose d'absout. Elle raconte que ses parents lui disaient : « Maintenant, on ne discute pas ». D'autre côté son mari, François (elle fait presque un acte manqué en disant « frère » à la place de François) a une mère qui est une éducatrice spécialisée. Elle dit que le père de son mari était ingénieur mais quand sa mère s'est remariée, elle s'est remarié avec un éducateur, des gens qui ont des bases en Psychologie et qui ont un esprit éducatif. Donc, François n'a pas été construit de la même façon qu'elle, il n'a aucun problème avec l'autorité. Par contre, dû la référence de ses propres parents, elle a une tendance à appliquer l'autorité de manière un peu rigide, même si elle veut leur dépasser. Elle dit qu'elle évite agir selon ces influences, mais qu'en même temps elles ont un côté sécurisant. Son père, à la limite, l'imposait des barrières et elle se sentait soulagée de se mettre derrière cette protection. Elle dit que dans sa relation avec Laura, elle a plus un souci de la protéger par rapport à les lois qu'elle (Cécile) veut imprimer. Toutefois peut-être ça va l'empêcher d'avancer aussi, parce que c'est important que Laura les transgresse. Elle répète que sa façon d'imposer les limites est « *un petit peu parfois trop* » brutale, tandis que son mari, quand il est décidé d'utiliser une règle, il va l'appliquer, mais d'une façon plus habile, simplement parce qu'il a une finesse de faire les choses. Ainsi, il va partager plus des choses avec Laura, parce que dans sa construction (sic) il faisait beaucoup des choses avec ses parents. Ceux-ci jouaient aux cartes avec ses enfants, les emmenaient pour les petits chevaux, ils faisaient jouer les enfants avec. De son côté, par elle, ses parents étaient l'autorité, et elle n'a pas de souvenir de jouer aux cartes avec sa mère. Elle raconte qu'elle voulait cuisiner avec sa mère mais celle-ci ne voulait pas, parce qu'elle était pressée et elle (Cécile) irait l'embêter. Alors, les choses n'étaient pas vraiment partagées. D'un autre côté, elle se rappelle d'apprendre faire du tricot et du crochet avec sa mère, donc elle partageait des choses avec sa mère. En ce qui concerne son père, il la faisait jouer du tennis et c'était tout. Donc elle se sentait administrée,

c'était quelque chose directive et pas le partager d'une relation. Elle raconte qu'elle a appris ça après, en analysant, parce qu'elle est allée à une faculté des Sciences Humaines pour faire son métier. Elle est enseignante et les études l'ont montré ces choses.

Elle dit qu'elle ne rejette pas l'autorité de ses parents, qui était « *carrée, carré très sécurisante* », mais peut-être un peu trop plaquée et, quand on sort de ça, on ne sait pas comment réagir. Elle dit que peut-être elle a réagi de manière peut-être trop carrée, beaucoup moins patiente, alors que François, il réussit à lui faire comprendre (à Laura) et à avoir de la patience. Cécile dit qu'elle pense que ces différences tiennent à l'éducation du début de la vie. Dans les situations en qu'elle se met en colère, il lui dit qu'il ne faut pas faire ça, qu'elle (Cécile) a « *fait une escalade avec elle (Laura), que tu veux à tout prix avoir la raison, ne cherches pas la raison, c'est toi l'adulte et elle (Laura) la gamine, donc ne rentres pas dans son jeu* ». Elle dit que ça arrive souvent, donc François et Laura (elle montre les deux ours) et elle (Cécile) ici (elle montre l'ours qui est seul), surtout quand elle Cécile se met en colère. Elle dit qu'elle ne peut pas affirmer si c'est elle qui a la raison ou si c'est lui qu'il a, parce qu'elle peut avoir raison de son côté. Toutefois, ce qu'elle apprend de François lui fait évoluer aussi. C'est vrai que éventuellement elle (Cécile) se dit « Oui, elle avait raison, etc » et elle se calme ; donc, il y a quand même une harmonie qui est constructive (elle rit). Donc « *des fois on se tiraille et puis on répare* ».

Je lui dis qu'elle parle qu'il est difficile de savoir quand mettre des limites et quand il faut être plus flexible. Elle est d'accord et, qu'elle se sent très angoissée (en ce moment sa voix a vraiment une qualité angoissée), parce qu'elle a peur (elle fait une petite pause et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant, qu'elle se sent très vite culpabilisée de ne le pas bien faire, qu'elle a peur de l'échec. Elle dit qu'elle devrait lâcher, parce qu'après ça se passe tout seul. Elle répète qu'elle a peur (elle soupire) d'être mal aperçue par sa fille, du fait que (elle ne complète pas la phrase). Elle se dit si ça est grave, etc et puis elle se dit « Non, c'est normale » et qu'après, Laura vient et lui dit « Coucou, maman ». Donc il n'y a pas de rancune.

Elle dit que sa relation qu'elle a avec Laura n'est pas la même relation qu'elle a avec ses élèves ; avec ceux-ci, ça se passe très bien. Elle raconte que du fait de son métier, elle a des élèves très difficiles et que c'est avec les classes difficiles qu'elle a le meilleur rapport. Par contre, les rapports sont les moins bien avec les élèves qui sont mieux construits, qui sont plus solides. Elle dit que ceux-ci sont des élèves des classes européennes, qu'elle les aime bien, mais il y a moins d'échanges en comparaison avec les enfants des classes difficiles, qui sont immigrants. Elle se dit qu'elle voudrait être aussi patiente avec sa fille qu'avec ces élèves là, mais la relation n'est pas la même, les enjeux ne sont pas les mêmes. Elle dit que Laura la rentre dedans et qu'elle (Laura) est très exigeante avec elle (Cécile). Cécile a discuté sa avec sa belle-mère et celle-ci lui a dit que c'est normale, que les enjeux ne sont pas les mêmes et que Laura exige beaucoup de choses d'elle parce qu'elle est sa mère. Cécile ajoute qu'elle-même agit de façon pareille avec sa mère (elle rit dans ce moment) et que celle-ci est pareille avec sa mère.

Je lui dis que les parents font des choses différentes de celles que ses propres parents ont faites, mais leur présence est toujours très forte. Elle dit que c'est vrai et qu'elle voulait donner un modèle de mère (elle hésite, soupire et ne complète pas la phrase). Elle dit que c'est dommage et qu'elle dit ça à ses copines qu'elle voulait que sa fille soit forte et qu'elle la voit (à Cécile) autrement qu'une mère qui fait la cuisine. Elle raconte qu'elle-même a fait de ménage et beaucoup de cuisine. Par contre, François raconte des histoires à Laura tous les soirs. Elle dit que bien qu'elle ne raconte pas des histoires, elle aime faire des marionnettes. Elle dit qu'elle aime bien faire la cuisine avec Laura, mais ça ne marque une image de mère que la mère dans une cuisine. Elle raconte que ses copines lui disent que « *Si ça te plaît (à Cécile), moins des problèmes, parce que ça se complète, elle va se promener avec François, il lui racontera des histoires et elle cuisine avec toi. Si ça te plaît, si c'est comme ça, pas des problèmes* ». Cécile dit que, peut-être il n'y a pas des problèmes, mais il se trouve que les rôles sont en train de s'inverser petit à petit sans qu'elle (Cécile) l'ait demandé. Elle dit qu'en ce moment elle déteste faire de la cuisine, depuis un an. Elle ajoute que faire de courses et faire à manger, ça lui a en marre. Et petit à petit, sans lui demander, François prend le relais. Elle dit qu'elle fait le rangement de la maison, parce que ça lui casse les pieds (à François). Elle dit qu'elle fait de la clarinette et qu'elle fait partie d'une association, qu'elle est militante du parti communiste et que de temps en temps il y a des réunions. Elle complète qu'elle a une vie sociale très riche. (Ses yeux brillent quand elle parle de la clarinette). Elle raconte qu'elle est à temps partiel dans son métier et qu'elle a beaucoup de temps libre. Cependant, elle se retrouve de moins en moins dans les tâches ménagères : elle commence à moins faire la cuisine et le ménage et elle passe à d'autres choses. Elle raconte qu'elle a installé un atelier de peinture pour qu'ils puissent peindre leur salon et qu'elle essaie de changer ses relations avec Laura. Néanmoins, il faut que ça soit spontané et il faut faire de choses qu'elles aiment sur le moment. Elle dit que Laura est en train de changer parce qu'elle propre est en train de changer, pas forcément parce qu'elle a décidé, mais parce que ses goûts changent aussi.

Elle raconte qu'elle est rentrée au parti communiste parce qu'elle est pour le partage de richesse, mais que là il y a des choses qu'elle n'aime pas. Elle dit que dans le communisme il y a de poids de la hiérarchie, ce qui est une chose qu'elle n'aime pas, donc elle est aussi anarchiste. Toutefois, ça ne l'empêche pas d'adhérer au parti. Le côté anarchiste l'appelle aussi parce que ça se passe au sud du Mexique où il y a une société co-gestionnaire qui fonctionne et, par rapport au pouvoir, c'est le peuple qui décide. Elle dit qu'il y a aussi des familles où les femmes et les enfants sont ceux qui gèrent comme ça et qu'il y a des écoles qui fonctionnent de cette manière. Donc ce serait un modèle de société idéal, parce qu'elle est communiste, il y a de partage de richesse mais il n'y a pas une hiérarchie qui décide tout. Donc, c'est déjà assez séduisante. Alors, dans sa façon d'éduquer sa fille, elle aimerait que ce soit avec ces approches, justement pour qu'il peut revenir à la vie sociale. Elle dit que quand elle va à un endroit social (comme le parti) ce n'est pas seulement pour prendre de responsabilité, mais aussi pour s'émanciper, pour connaître et apprendre des choses. Elle dit que dans cet endroit (parti) il y a une grande camaraderie entre les gens, même s'ils ne sont pas d'accord sur la

façon de fonctionner ou sur les principes idéologiques. Pour autant, ça fait avancer, ça fait réfléchir, parce qu'on rencontre des personnes. Alors c'est un enrichissement qui permet à chaque fois, aller plus loin. Je lui demande si elle va à ces endroits avec Laura ou s'il s'agit d'un espace à elle-même. Elle répond que ce n'est pas rigolo pour Laura parce qu'il n'y a pas d'enfants. Là ils discutent qu'est-ce qu'ils vont faire à la prochaine élection, donc ce n'est pas une chose (elle ne complète pas la phrase, mais elle veut dire que ce n'est pas une chose pour les enfants). Par contre, quand elle (Cécile) rentre, elle raconte à Laura ce qu'elle (Cécile) a fait. Elle raconte qu'elle a expliqué à Laura que je faisais des études en Psychologie et que, comme la fille ne savait pas qu'est-ce que c'était Psychologie, elle lui a expliqué. Laura a, alors, compris que mon travail s'agissait d'une étude pour mon mémoire. Elle dit que quand Laura est dans un milieu, elle comprend ce qui se passe à sa façon, elle les construit à sa façon. Cécile raconte qu'après mardi elle a décidé de faire de la musique. Elle dit qu'elle a commencé très tard à la musique, à 33 ans, dans la clarinette et là elle réalise son rêve. Elle joue dans une fanfare où il y a 80 personnes. Là il y a beaucoup des gens qui ont d'esprits à gauche, qui sont un petit peu en dehors des normes sociales, qui sont un peu rêveurs. Ils répètent, répètent et, de temps en temps, ils vont jouer, deux ou trois fois par an. Elle raconte que Laura s'a mis à faire de la trompète.

Elle raconte qu'ils (du parti communiste) soutient aussi les sans-papiers de Lille et que Laura, depuis qu'elle est bébé, elle vient à leur manif. Elle ajoute qu'aller à la manifestation des sans-papiers, c'est le rituel de mercredi. De temps en temps, il y a aussi des réunions. Elle dit que quand ça prend trop de place, elle téléphone pour dire qu'elle ne peut pas y aller, parce qu'elle amène sa fille au cinéma, que sa fille doit passer avant. Donc, pour elle, il faut que Laura n'occupe pas mal de place. Alors les gens lui demandent « Pourquoi tu n'es pas venue ? » et elle répond « J'ai une fille, donc... » Elle dit qu'il ne s'agit pas de laisser de faire ses devoirs. Elle raconte qu'elle adore aller au cinéma avec Laura, plutôt qu'aller à la réunion, donc ça lui paraît être important. Enfin, pour la démarche pour que Laura soit forte, il faut que le reste soit sacrifié. Elle répète qu'il faut que Laura sente qu'elle passe avant et ça ce n'est pas au détriment de la politique.

Elle dit que la politique est aussi une démarche. En étant communiste, elle essaie de voir comment elle pourrait, même dans le cadre de son travail, militer avec ses élèves, leurs transmettre des valeurs humaines. Elle dit qu'il ne suffit pas d'agir politiquement pour le seul bien de la réunion ; donc il y a toute une position philosophique dans la vie quotidienne et aussi une façon de militer d'une manière humaine, communiste. Elle dit que dans son métier, le meilleur moyen de militantisme c'est dans le concret, comment elle va dire à ses élèves « *On va tous voter. Qu'est-ce que vous voulez faire ? On va voter* ». Alors, il faut essayer de mettre les choses en place où ils peuvent prendre conscience de certaines notions philosophiques. Donc, elle pense que le meilleur lieu de militer philosophiquement est dans la façon d'éduquer son enfant et dans son métier. C'est pour ça qu'elle pense que son métier est super. Je dis qu'à son métier elle a l'opportunité de mettre ses idées à la pratique. Elle dit qu'il faut réfléchir, parce que déjà le fait d'échanger avec eux de leur faire partager... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte que le jour avant ils ont fait un bal à son école et qu'elle

a récupéré trois (élèves) qui n'arrivaient pas à attraper la bal. Elle raconte que c'était une file, une file de dix élèves et ils devraient se faire du passe. Elle raconte qu'elle a dit à ses élèves : « *Vous avez bien vu que Julien est moins à l'aise, alors, on va lui donner le meilleur bal, parce que tu as besoin de le faire. Si tu veux qu'il soit à ton équipe, il faut que tu sois là pour lui et un jour il apprendra aussi et peut-être il sera mieux que toi* ». Donc il faut agir sans l'stigmatiser et essayer de faire fonctionner comme ça en groupe. Enfin, il faut toujours valoriser le travail qui est fait et non pas le meilleur, celui qui va gagner de tous les autres. Elle ajoute qu'il est important de leur faire comprendre ces valeurs là et surtout de leur demander d'analyser. Elle dit qu'elle essaie tout le temps de les bousculer pour qu'ils se mettent à analyser les choses. Elle dit que ce n'est pas facile enseigner comme ça, parce qu'on leur confronte avec leurs difficultés pour les faire avancer. Elle dit qu'elle a le devoir de faire ça, parce que si elle ne le fait pas, elle se dirait « *Bah, j'ai donné mon cours, je rentre chez moi* »..., sinon ce n'est pas intéressant. Elle ajoute que de toute façon, éduquer est quelque chose qu'on essaie, ça marche, ça ne marche pas, on essaie de construire des choses. Elle dit que c'est passionnant de toute façon : si ça ne marche pas, on essaie d'autre chose et ça avance comme ça. Elle dit qu'on ne peut pas plaquer des choses et dire « *Tout rule* ». Pendant dix ans ce n'est pas possible (qui tout roule), parce qu'il y a des choses qu'on n'aperçoit pas. Je dis qu'elle se sent de la même façon par rapport à Laura. Elle est d'accord et dit qu'elle pense qu'elle ne met pas des limites assez des fois. Elle dit qu'elle le veut faire d'avantage, mais que des fois que (pause, soupire) elle a un petit peur d'aller trop loin parce qu'elle ne veut pas que ça nuise sa fille. Elle continue en disant qu'elle se remet tout le temps en question, elle se demande si ce qu'elle a fait c'est bien, et que ce n'est pas parce les limites sont sécurisants qu'ils sont forcément bien. Alors, c'est très bien que Laura ait un Nintendo, mais elle (Cécile) ne veut pas qu'elle joue avec lui trop longtemps, parce que ça l'empêche de... Elle ne complète pas la phrase et continue en disant que c'est bien aussi qu'elle s'ennuie des fois « *Non, je ne veux pas (aller à un certain endroit), il n'y a pas de copines, je vais m'ennuyer.* » (elle imite la façon de parler de Laura). Dans ces situations Cécile lui dit « *Tu sais, mais c'est bien de s'ennuyer, parce que ça fait un petit peu réfléchir et tu es obligée d'inventer quelque chose pour moins t'ennuyer, tu es obligée de... ça te remplit rêveuse, ça te remplit créative, ce n'est pas forcément mal de s'ennuyer* » Elle ajoute qu'après avoir dit ça, d'un coup, elle ne sait plus comment répondre et elle (Cécile) s'angoisse. Elle raconte que Laura a eu peur au retour des vacances parce qu'ils ont rentré à 6 heures et demi et il n'y avait pas de copines, parce qu'à cette heure les copines prennent leurs bains ou vont passer à table. Alors, on est loin de chercher une copine à 6 heures du soir. D'où, c'était le choc, on revient de vacances, on arrive à 6 heures du soir, c'était un peu tard et Laura lui a dit « *Je vais m'ennuyer* » (elle imite Laura) et elle (Cécile) dit « *Tu vas t'ennuyer...* (la tonalité de sa voix est de dédain) » Cécile continue « *Ça s'appelle bien s'ennuyer, parce que faire trop choses, c'est pas, c'est pas... c'est pas très bon* ». En ce moment Cécile parle plus bas et il semble qu'elle a des difficultés pour trouver un argument pour soutenir son point de vue. Cécile continue en disant qu'elle et François essaient de faire beaucoup de choses par rapport à Laura. Elle dit qu'en fait ils (elle et son mari) se

tirailent beaucoup, mais il y a beaucoup d'accord, 99% quand même. Cécile dit que Laura a une condition de fille unique, et qu'elle (Cécile) a lu Françoise Dolto. Celle-ci disait qu'il est important que l'enfant unique grandisse avec d'autres enfants, alors toujours il y a des copines chez elle qui viennent dormir et Laura va dormir chez les copines aussi.

Elle continue en disant qu'elle et son mari ont lu que l'enfant qui est unique, s'il ne se voit pas assez souvent avec d'autres enfants, il ne construit pas son propre mémoire. Il a ses parents au mémoire de lui-même et ce n'est pas la même construction psychologique qu'un enfant qui a des frères et sœurs. Ceci est peut-être mieux construit (Cécile parle plus bas en ce moment). Alors elle et son mari, quand ils partent en vacances d'été, ils s'arrangent pour que sur le parcours qu'ils vont faire ils passent une semaine dans un endroit parce que là Laura a deux copines qu'ils aiment bien (Cécile se corrige et dit que c'est Laura que les aime bien). Elle ajoute qu'ils partent camper avec les petites. Cécile raconte qu'il y a une petite fille qui a passé une semaine avec la famille de Cécile et qu'elle (la petite) a une grand-tante. Elles sont toutes les trois en train de jouer et donc la maman est tout-à-fait d'accord. Cécile raconte qu'elle et François demandent à la maman de l'autre petite si les gamines peuvent venir camper avec elle et sa famille et elles l'adorent. Donc, chaque été ils partent un moment ; ils partent aussi avec deux petites jumelles qui viennent avec Laura et qui sont un peu plus grandes. Cécile raconte que chez sa belle-famille, Laura a aussi ses cousines qui sont plus âgées et que chez sa mère, elle rencontre les enfants de ses frères (Cécile dit qu'elle a deux frères et que chacun a deux enfants). Elle ajoute qu'ils les rencontrent tous les étés, alors Laura n'est pratiquement jamais seule.

Cécile rit et dit que Laura se plaint quand elle est seule avec ses parents. Alors pour grandir et être indépendant, il ne faut pas créer le cocon familial où on se protège. Elle raconte que son mari lui a fait prendre conscience de que le cocoon est très aliénant et qu'il ne faut pas que la relation entre les parents et les enfants soit comme ça. Elle raconte à nouveau qu'elle est partie très tôt en France et que ses parents étaient en Algérie, à dix kilomètres d'elle (elle se trompe par rapport à la distance, mais elle ne s'importe pas et se corrige ensuite : dix mil kilometres). Elle dit qu'à cette époque-là, quand elle avait dix-sept ans, elle voyait ses copines raconter des histoires du cœur à leurs parents dans les détails, avec toutes les confidences de la vie amoureuse. Cette conduite l'a choqué, parce que les parents de ses copines étaient très mêlés et partageants par rapport à la vie de leurs enfants. Après, quand elle a partagé un appartement avec une cousine, à la fac, le jour que celle-ci a été déflorée, elle a téléphoné tout de suite à ses parents. Cécile a trouvé ça très étrange parce que, dès ses 14, 15 ans, quand elle avait un problème, elle disait toujours à ses parents que tout allait bien. Elle faisait ça parce qu'elle imaginait qu'ils faisaient beaucoup de souci pour elle, qui était mineur en France. Alors elle leur disait « Ne t'inquiètent pas, tout va bien », mais ce n'était pas toujours si bien. Alors, elle tout de suite a acquis son indépendance, ce qui a été dur, mais c'était un point fort (elle parle doucement comme si elle faisait une réflexion en ce moment). Elle continue en disant qu'elle ne veut pas être une mère couveuse. Elle sourit d'une façon un peu triste et dit : « C'est dur d'être mère ».

Je lui dis qu'elle a un souci vers la dépendance. Elle est d'accord et dit que ça c'est important surtout en étant une femme. Elle répète « surtout en étant une femme ». Je lui dis que je crois que c'est surtout à cause de son expérience et elle m'interrompt et dit que oui, que j'avais raison, que c'est surtout son expérience qui l'a déterminée. Elle fait une petite pause et continue en disant que sa relation avec François n'empêche pas du tout cette indépendance, parce qu'ils n'ont pas s'attribués des tâches particulières, surtout à la cuisine. Donc il fait de la cuisine, et, s'il faut s'occuper de la voiture, « Pourquoi pas moi ? » Elle continue en disant que ça qu'elle n'aime pas vraiment faire, elle ne fait pas et pour lui, c'est pareil. Elle rit et fait une pause, comme si elle n'avait rien de plus à parler. Alors, je lui demande si elle voudrait regarder le prochain tableau et elle dit que oui, qu'elle veut bien et rit.

Tableau 3

Après quelques seconds d'hésitation, Cécile dit que c'est difficile. Elle hésite et dit « Le lion et le rat », que c'est une fable de La Fontaine. Elle répète que « Le lion et le rat » c'est une fable de La Fontaine » où le lion a été pris dans un filet, et le rat va ronger. Elle s'interrompt et continue en disant que le lion a rougi et le rat a couru et a vu que le lion se débattait dans son filet. Puis le rat, il arrive, et puis il ronge la maille, et puis, grâce à cette petite souris là, le lion arrive à se libérer. Mais sans la souris... (elle rit). Elle dit « Alors... à quoi ça renvoie, ça ne... ». Elle dit que c'est vrai que le lion et son fauteuil, c'est la loi et l'autorité, ils sont les gens qui ont le pouvoir, qui sont puissants. Elle rit et dit que son histoire est une petite version communiste, sur les gens qui sont puissants. Ils ont besoin de gens qui sont à l'ombre et qui sont tous petits pour être... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'ils ne peuvent pas être à cette place-là, et ça c'est important, c'est comme la poule qui est au retrait. Donc, sans la petite souris qui est tout à l'ombre, qui est derrière... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit que c'est comme le chef de cabinet de Sarkozy qui est derrière, qui on ne connaît pas, qui est intelligent et tout, qui se cache. Puis, Sarkozy, il est là, il a tout le pouvoir, etcétera. Elle dit « Donc, s'il n'y a pas ça (la souris), il ne peut pas avoir ça (le lion). Elle continue en disant que tout le pouvoir, toutes ces choses-là, sont fondées sur ces petites choses. Elle dit qu'elle va affirmer une chose qui peut ressembler un peu brutale : si on arrive à faire des choses grandes dans la vie, comme éduquer et être heureux, on ne peut pas négliger les détails. (Je ne peux pas comprendre la raison pour qu'elle pense que ça peut sembler brutal). Elle dit qu'ils sont ces petites choses-là qui vont permettre aussi de s'enrichir : un peu de ça, un peu de ça, une façon de parler, s'on va manger à menu, les assiettes, ces petites choses.

Elle raconte qu'elle a une petite nièce qui l'a envoyé une carte. Cette nièce, Marie, a douze ans, et ça a été super (qu'elle a envoyé la carte). (Le récit de Cécile est un peu incohérent en ce moment). Elle dit que les gens disent, « Bon, c'est une carte, je vais ranger, je la mets à la poubelle », mais c'est tellement important. Elle raconte que Marie est partie en voyage scolaire en Allemagne et qu'elle habite à une autre ville en France. Cécile dit qu'elle adore la revoir. En ce moment elle me montre la carte et aussi beaucoup de photos, qui sont sur son frigo, et sur son armoire, à la cuisine.

Elles sont les photos de sa famille, de celle de François, de Marie quand celle-ci était bébé, et de Laura en activité avec ses cousins, cousines, copains et copines, pendant les vacances. Je me rends compte de la grande quantité de photos dans la cuisine et il me semble que Cécile veut renforcer son discours, mais sans l'intention de prouver la véracité de ce qu'elle dit. Elle raconte que sa vie en famille est assez est assez proche comme ça, intense des relations entre les petites cousines, ses beaux-frères et belles-sœurs. Elle dit que comme elle et sa famille sont seuls à Lille et que la ville ou sa belle famille habite n'est pas très loin, il y a une relation familiale très forte. Donc, si lui manque voir les petits que grandissent, elle prend un train. Elle retourne au tableau et dit qu'au genre de la petite souris, cette petite carte a énormément de espace dans son cœur, dans sa vie, qu'elle lui a rendue heureuse. Elle dit que cette petite carte c'est comme la lutte syndicale. Elle raconte qu'elle est engagée avec les sans-papiers, le parti communiste et le syndicat. Elle dit qu'à la lutte syndicale, on ne peut pas vouloir faire des jours ni de grèves, si au quotidien, dans son travail, on ne fait rien. C'est-à-dire qu'il faut agir sur les petites luttes quotidiennes, car elles vont permettre d'avancer à des transformations importantes. Donc, à la réunion syndicale, le fait d'être devant les collègues, de changer avec des élèves, c'est un petit militantisme fait au quotidienne. Ce petit militantisme va permettre de rassembler des idées pour pouvoir transformer les choses. Elle dit que ça c'est le marxisme, le principe de révolution quantitative ; donc les petites choses s'accumulent et tout d'un coup, elles se transforment. Elle dit que ces sont les révolutions quantitatives, c'est la quantité qui va transformer la qualité des choses. Elle dit qu'elle ne sait pas si ça a été le thème du tableau. Je la tranquillise. Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

Elle rit d'une façon discrète. Elle commence en disant « Elle a un kangourou dans la poche.... maman kangourou avec... ça c'est.. » Elle soupire et parle doucement comme si elle était fatiguée seulement de voir le tableau. Elle dit qu'il y a deux enfants là-dedans... (j'ai l'impression qu'elle remarque que ce n'est pas exactement la même situation qu'elle vit, car Laura est fille unique). Elle continue en disant qu'elle protège (elle répète, on protège) le plus petit, et le grand, il peut (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle croyait qu'il est assis, mais il est dans un vélo (elle reste en silence). Elle continue en disant que c'est une maman qui a deux enfants et le plus grand est déjà un peu plus autonome, mais il est en arrière, il ne pourrait arriver en avant. Elle dit que la maman est très soucieuse de faire les courses pour nourrir ses enfants. Le premier est bien protégé, parce qu'il est plus petit et peut-être qu'elle fait moins attention à l'aîné. L'aîné a peut-être moins besoin d'attention pour certaines choses, parce qu'il sait se débrouiller, il a un grand vélo. Elle dit qu'elle n'est pas d'accord quand même pour que le plus petit... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle comprend que physiquement il a besoin de plus d'attention, mais celui du vélo, elle le voit, un peu plus... un peu plus... (elle rit, reste en silence et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que le grand, elle le rend un peut délaissé par rapport au petit. En même temps elle (la maman kangourou) a l'air un peu

soucieuse parce qu'elle ne regarde pas le petit, elle regard où elle va et elle a son panier de commission. Alors, elle a l'air très pressé (elle rit et reste en silence). Elle continue en disant que ça c'est la mère quotidienne, qui doit faire mil trucs dans la journée, qui habite à la forêt, mais quand même on sent un boulevard. Elle se dépêche pour rentrer vite et faire à manger les enfants « Débrouillez-vous mes petits ! Allez vite toi, le grand, dépêche-toi » Puis le petit, il est dans le sac à main du ventre (elle rit). Elle continue en disant qu'elle (la mère kangourou) est toute seule avec ses enfants, le mari n'est pas présent. Alors, elle a l'impression qu'elle est une mère qui est toute seule avec ses enfants et que les deux sont plus pressés. Elle répète que la mère est toute seule et, peut-être que s'il y avait (elle hésite) le mari qui lui attendait à la maison, qui avait déjà fait à manger, ça serait un petit peu moins de tracas pour elle (silence). Elle continue en disant que ça c'est une situation que, même si ne la concerne pas, parce qu'elle n'a qu'un enfant... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle se sent touchée quand elle, dans ces situations, est pressée. Elle ajoute qu'elle a l'impression qu'il y a une certaine forme d'angoisse, qu'elle la ressent toute seule, elle et ses deux enfants. Donc c'est vrai que ça pourrait être soulagé avec la présence d'un père, en tout cas. Elle continue en disant qu'elle a connu une voisine comme ça, qu'elle avait un petit garçon et qu'elle était très angoissée parce que tout était difficile, les courses, l'argent et qu'on ressent beaucoup ça.

Cécile dit qu'elle même se retrouve parfois dans cette situation quand elle décide de faire quelque chose, mais ça ne lui arrive pas souvent. C'est pour ça qu'elle se dit qu'elle a beaucoup de chance. Alors, si ça lui arrive, c'est parce que c'est elle qui a décidé : « Ah, j'ai envie de rentrer et faire un truc à la maison. Vite, on va se dépêcher ! J'ai envie de faire ça quand on arrive à l'heure, etcétera ». Cependant, elle essaie de réunir tous les éléments de sa vie pour ne pas gérer ce genre de stress, parce qu'elle a beaucoup de choses à fonctionner. Elle dit que financièrement c'est (elle hésite) elle n'a pas ce souci de se trouver au chômage, de lui manquer de l'argent pour donner à manger à Laura. Elle ajoute que dans sa famille d'origine ça c'est assez bien construit aussi qu'à sa belle-famille. Donc ils ont tous en place, des grandes tantes sont à côté, les cousins, les cousines, tandis que cette dame-là, elle (Cécile) la sentait très seule, elle est toute seule avec ses enfants, ils n'ont pas une famille autour. Donc, son souci (de sa voisine) c'est de ... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que sa voisine fait tout ce qu'elle peut pour élever ses enfants, qu'elle a une angoisse supplémentaire que les gens qui sont bien financièrement n'ont pas ... (elle hésite). Donc ce souci financier crée une forme d'angoisse quand même de... de... (elle hésite et ne complète pas la phrase). Je lui dis « de la solitude ». Cécile dit « Oui, de la solitude ». Elle répète que cette voisine, elle fait tout ce qu'elle peut. Elle raconte qu'elle a un élève qu'elle aime beaucoup dont la maman s'a suicidé, parce qu'elle était dépressive. Cette femme n'était pas bien et puis son frère aîné (à son élève) était à la prison. Elle dit qu'elle s'entendait bien avec son élève lui, mais il fallait le bousculer. Elle dit qu'il était un enfant qui a passé pour la Force, mais il était un super gamin. Et par rapport à sa mère, c'était dur pour lui. Il faisait tout pour eux, il avait déjà pris beaucoup de responsabilité. Cécile ajoute qu'elle imagine sa mère (à son élève) dans ce genre de situation. Elle dit que la pauvreté souvent c'est

ce qu'il y a de pire, parce que les enfants, ils se débrouillent comme ils peuvent. Elle dit que ça lui rappelle une famille qu'elle a connue, où les enfants avaient des difficultés sociales. Elle dit qu'ils (les enfants) sont très riches, et que l'école ne reconnaît pas toujours la richesse qu'ils ont de s'adapter très vite. Ils sont à la vie scolaire et ça c'est terminant. (Elle arrête de parler et sourit.) Elle regarde le tableau et dit que c'est tout. Elle continue en disant qu'elle (la maman kangourou) a quand même le souci (elle répète qu'elle a de souci) de nourrir ses enfants. Elle fait tout ce qu'elle peut pour nourrir ses enfants, elle est en train de courir. Elle répète que la mère kangourou fait tout ce qu'elle peut et ce n'est pas toujours évident. C'est vraiment un... (elle rit et ne complète pas la phrase). Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 8

Elle dit qu'à première vue, c'est la (elle rit) famille. Elle dit que le tableau lui parle aussi beaucoup. Elle dit qu'elle la ressent (le personnage féminin) très concernée par les oncles, les tantes qui prennent le thé, les portraits des ancêtres, qui sont là en portrait (elle rit), les photos de famille. Elle dit que là sont tous les nièces. Les ancêtres sont présents dans cette famille, parce qu'ils la regardent. La dernière, on la tenait comme sa grand-mère (à Cécile), la mère de sa mère qui était une femme très autoritaire, mais elle ne l'a pas assez connue. Elle ne lui a connu que par le regard de sa mère ; celle-ci reprochait souvent cette autorité. Ce vison n'était pas une idée de sa mère, mais une idée partagée par tous les gens qui ont vécu avec elle. Elle répète que la figure du portrait est vraiment sa grand-mère. Cécile raconte que celle-ci est morte, l'année dernière, à 86 ans. Donc, Cécile et sa famille sont allées chez elle pour les pompes funèbres et l'enterrement. Quand elles étaient là et la grand-mère était allongée dans le cercueil, elle discutait avec sa cousine. D'un coup, celle-ci lui a dit « Faites attention à ce que tu dis, parce qu'elle est en train de nous écouter ! » (Cécile rit beaucoup en ce moment). Elle continue en disant que-là étaient tous ses cousins et cousines. Elle ajoute que bien que sa grand-mère était très raide, elle était gentille pour mourir à un moment où ils étaient tous réunis. C'était vraiment une réunion de cousins, des cousines venus de loin, parce qu'à la tradition, quand on se déplace, on dépense beaucoup d'argent pour aller. Et elle est morte près d'eux, au centre de la France. Si elle était morte pendant l'été, les gens qui étaient partis en vacances n'auraient pas reprendre un avion pour la voir. Elle raconte qu'il était prévu qu'elle pourrait être morte avant, mais qu'à la fin elle a tenu (elle répète « elle a tenu pour quatre fois), et puis elle est morte au mois d'octobre et tout le monde était là. Donc, c'était l'occasion d'une formidable réunion très gaie entre les cousins et les cousines, les oncles, les tantes. Cécile raconte que les échanges sont très forts entre les gens de sa famille. Elle raconte que la cousine avec qui elle avait partagé Cécile) avait partagé un appart en France est travailleur social. Cette cousine vient de temps en temps pour sa formation passer un jour à Lille. Elles ont un lien très fort, comme le lien de Laura avec ses petites cousines, Marie et Clara. Cécile raconte qu'à son enfance, quand ses parents rentraient d'Algérie, ils venaient à une région de la France où leurs frères et leurs sœurs habitaient. Ils restaient chez eux dans une ferme et

elle et ses cousines partageaient des relations très fortes. Elles avaient le même âge, vers deux ans d'écart et c'était tellement forte cette relation. Cécile dit qu'elle fait tout pour que Laura et ses cousines aient le même lien. Cécile raconte qu'à son enfance, à la ferme, elle et ses cousines allaient chercher des œufs de poule, elles descendaient à la rivière, elles faisaient des bêtises, elles faisaient plein de choses. Elles étaient tout le temps dehors, elles finissent à manger et « Oup ! » elles s'éclipsaient, elles sortaient discrètement, elles passaient sous la fenêtre (elle rit) et « Oup ! On était parti ! Je vais au toilette... et on a passé sous la fenêtre ». Elle raconte qu'à l'été, elles partaient à dix heures du soir, mais qu'il faisait encore jour. Alors, la deuxième disait « Je vais au toilette » et « Oup ! » Elle s'éclipsait et la troisième « Oup ! » Cécile rit et dit qu'elles n'étaient jamais là. Elle dit qu'elles ne s'écrivent jamais, mais la complicité est restée tellement forte, qu'à chaque fois qu'elles se voient, c'est comme s'il était hier qu'elles avaient vécu tout ça. Elles ont gardé ce lien très fort et elle trouve ça tellement fabuleux. Donc elle a tellement voulu que Laura ait des expériences pareilles. Même si des fois si elle se tiraille un peu avec certaines belle-sœur, il lui arrive de passer des vacances ensemble. Pourvu que les enfants s'entendent, elles mettent des choses à un coin-là et elles finissent quand même à s'entendre. Elle raconte que même si au début elle et sa belle-sœur n'avaient pas des mêmes idées, après « Puf ! » ça change tout. Elle raconte que pratiquement toutes les vacances, les cousines se voient, même pour un week-end et, sa belle-sœur, lui dit « On va revenir, on va revenir, on veut aller chez vous ». Elle rit et dit que c'est spontané comme ça et elle (Cécile) trouve super que ce soit fait de cette manière. Elle dit qu'il est pareil avec sa belle-famille. Par rapport à sa famille d'origine, ça se passe comme ça avec ses cousines du côté de sa mère. Du côté de son père les relations sont très fortes avec ses tantes, parce que quand elle (Cécile) est venue en France... (elle ne complète pas la phrase). Elle arrête de parler et me dit en riant que son histoire est compliquée. Elle me demande si je la comprends et je lui dis que oui. Elle rit et raconte que quand elle était venue en France, elle restait dans un internat. En cette époque, elle était souvent récupérée pour ses tantes, qui avaient un rapport très maternel avec elle.

Cécile dit qu'elle a un lien très fort avec la sœur de son père, qui a 84 ans. Elle raconte que son père est mort d'un cancer, mais elle a des liens très forts avec les gens de sa famille, parce qu'elle était chez eux pendant les vacances. Donc, elle était forcément entouré par leurs enfants. Donc, elle n'est pas une pièce rapportée, elle fait partie. Elle ajoute que ses oncles et tantes étaient toujours très accueillants et répète elle était toujours entre eux. Elle dit qu'elle ne veut pas tenir un discours comme quoi « qu'il faut », parce que des fois la famille peut être traumatisante si les relations ne sont pas bonnes.

Elle raconte qu'elle a une amie très proche qui avait des conflits très graves avec sa propre mère et que ses rapports étaient violents. Cécile bégaye un peu en ce moment et continue en disant qu'elle (son amie) n'était pas... ça n'allait pas (la phrase manque un peu de cohérence). Cécile continue en disant « Donc, pas de relations, parce que c'était tyrannique, parce que c'était le yo-yo, parce que c'était une mère très tyrannique qu'elle avait ». Cécile raconte que la relation de son amie

avec sa mère c'était un peu comme ça « Je t'aime, je te veux, je t'aime, je gronde, je te rapproche ». Alors, son amie était le sujet et l'objet de sa mère et donc... (Cécile bégaye et ne complète pas la phrase). Cécile raconte que le mari de son amie lui a dit « Écoute, c'est suffi maintenant, on interdit. Arrêtes la relation parce que ça va détruire en envers de construire ». En ce moment Cécile pose à soi-même la question : « Alors, est-ce qu'arrêter la relation c'est une bonne chose ? Je ne sais rien ».

Elle continue en disant que des fois ce n'est pas forcément un principe en soi qu'on doit rester en famille, ce n'est pas un jugement. Il se trouve que ça s'est bien passé pour elle (Cécile) et que pour d'autres ça s'est moins bien passé entre la famille. Alors elle a l'impression qu'elle a eu un peu de chance là où elle est tombée (elle rit). Toutefois, elle sait que sa relation avec sa famille ne peut pas être les mêmes relations que celles d'autres vis-à-vis de leurs. Elle dit que sa place dans sa famille a été faite d'autres choses, de telle sorte que c'était une chance, encore que pour d'autres ça ne l'a pas été. Elle rit et dit que le tableau illustre bien : une certaine unité quand même ou, en tout cas, une certaine détente, qu'on a acquis depuis longtemps, parce que là (elle hésite) les choses sont partagées. Elle ajoute que c'est la tradition, on est assise sur le canapé, on boit du thé, etc. La mère ou la grand-mère avec le petit, la belle-sœur ... Cécile continue en disant qu'elle voit une certaine complicité, il y a la cancan, etc. Elle rit et dit que c'est même comme ça, c'est très convivial : sous le regard des ancêtres, les traditions sont testées et ça c'est quand même la tradition du canapé. Elle sourit et dit que c'est bien d'avoir fait des animaux à la place des gens, parce que ça permet de parler. Elle rit, et me rend le tableau.

Je prends le tableau et je lui dis que je pense que l'histoire de son enfance et son adolescence est encore très présente chez elle, dans la façon comme elle se voit en tant que mère de Laura. Je lui dis qu'il me semble qu'elle est sortie très tôt de chez elle. Cécile rit et dit « Oui ». Je lui dis que je pense que ça n'était pas facile pour elle et que sa famille l'a beaucoup manquée. Cécile rit et dit que oui, et qu'elle pense qu'elle a beaucoup manquée à sa famille aussi.

Elle s'émeut en ce moment et quelques larmes courent sur son visage. Elle raconte que permettre son départ a été un acte généreux de ses parents parce qu'ils ont eu une histoire difficile avant cet événement. Elle pleut et raconte qu'elle a eu un grand-frère qui est mort. Je lui donne un mouchoir pour sécher ses larmes. Elle le prend et me remercie. Elle continue et raconte que son frère est mort quand elle était petite. Elle dit que ça n'est pas au tableau et que c'est une blessure qui n'est jamais guérie. Elle est très émue en ce moment. Elle se récupère un peu et raconte que quand elle était en Algérie elle avait un grand-frère qui s'appelait Philippe. Il était son grand-frère. Quand elle avait cinq ans, il a attrapé méningite. Il est mort de cette méningite quand elle avait six ans. Elle raconte que beaucoup de gens de sa famille pense qu'elle ne se rappelle pas de pas de lui, parce qu'elle était petite quand il est mort. Elle soupire comme si c'était impossible de ne pas se rappeler. Elle dit qu'elle pourrait écrire trois cents pages sur son frère. Elle continue en disant que c'est une histoire très dure d'avoir perdu son frère et répète que ça n'est jamais guéri. Par rapport à ses parents, ils ont pensé que on ne parlant jamais de son frère, ça serait mieux pour elle. Donc ils n'ont jamais construit ce deuil.

Elle continue en disant que donc le deuil (elle sourit d'une façon ironique), il est là. Elle dit que maintenant qu'elle a construit ce deuil, quand elle a eu l'âge d'une mère qui récupère son enfant. Donc, elle se projet à travers de sa mère, qui avait 34 ans quand son frère est mort et, après, ils sont partis à la Guyane. Philippe était mort et il est resté enterré en France. Quand sa famille est arrivée en Cayenne, elle avait sept ans. Là, ils habitaient à côté d'un cimetière et elle a construit l'idée qu'elle pouvait mourir et resté enterrée là, quand ses parents iraient repartir en France. Elle rit et dit qu'elle ne voulait pas mourir et rester enterrée là. Alors, à sept ans elle avait un souci avec sa sépulture qui n'était pas normal. Quand sa mère avait 40 ans, elle a décidé qu'elle (Cécile) ne devrait rester plus comme fille unique et elle s'est retrouvée enceinte. Cécile raconte que son père ne voulait plus avoir des enfants, mais sa mère avait ce souci par rapport à sa condition de fille unique. Alors, quand sa mère est tombée enceinte, Cécile est passé de l'enfant plus jeune et est devenue l'aîné des frères jumeaux, qui ont 34 ans maintenant. Ils ont aussi des enfants qui sont un petit plus jeunes que Laura. Cécile dit que leur histoire (de ses frères) a été très dure aussi, parce que si Philippe n'était pas mort, ils ne seraient pas nés. Elle dit qu'elle essaie de parler de ce sujet avec son frère, mais ça reste une chose de très douloureuse. Donc, la vie de sa mère a été quelque chose de très douloureuse, parce qu'elle a eu son frère qui est mort ; en plus son premier enfant est mort à la naissance quand ils sont arrivés en Algérie (Cécile soupire en ce moment, pas dans le sens d'une tristesse, mais d'être en face d'une chose dure à supporter).

Elle dit que c'est pour ça qu'elle croit que, quand sa famille était à Cayenne et ses frères sont nés et ses parents l'ont envoyé en France pour les études, ils avaient la sensation d'avoir perdu trois enfants : deux garçons qui sont morts et la seule fille. Elle répète qu'elle était la seule fille, au milieu des deux garçons morts et deux garçons vivants. Cécile répète qu'elle est venue au milieu de la fratrie. Elle raconte qu'elle est allée au internat quand avait 15 ans, donc (elle soupire) il faut être courageux pour y envoyer son enfant. Cécile raconte qu'elle a souffert (à cause de cette expérience) mais que ça lui a fait développer. Cependant, elle pense « Qu'est-ce qu'ils (ses parents) ont du souffert ? ». Elle ajoute que ça a été une énorme concession de leur part, parce que souvent il faut du courage pour les familles. Celles-ci ont toujours des conflits pour y envoyer leurs gosses de 14 ans à l'internat.

Cécile raconte que ses parents ont vécu en pensant tout le temps à c'est qu'on irait mieux pour elle. Elle dit que par rapport à Laura, il faut aussi que, de temps en temps, elle lui raconte ces choses-là (bien qu'elle le sache déjà). Cécile pense qu'il faut que la fille comprenne, mais il faut faire ça graduellement. Elle raconte qu'elle s'a aperçu que quand Laura avait 6 ans, elle avait le même comportement angoissé qu'elle même quand elle avait perdu son frère. Pourtant elle (Cécile) ne l'avait rien dit. Elle ajoute que la mort de ce frère a été une chose déterminante qui affecte toute la famille, qui a été très traumatisée. Philippe est mort à huit ans et elle n'était pas allée à l'enterrement. Elle dit qu'après que son père est mort, elle a eu une période d'accompagner les gens jusqu'au bout, de les embrasser et que ça c'est la tristesse. Elle dit qu'elle ne voit rien de macabre en s'occuper des morts : c'est plus de la tristesse de la perte de gens. Elle dit qu'elle voulait apprendre un peu plus de ça, que

c'était une façon de refaire le deuil de son frère. Elle dit qu'elle n'a pas vu son frère mort pour comprendre. Elle raconte que ses parents l'ont protégée de ça et qu'ils ne parlaient pas de son frère. Elle ajoute que ça a été dur que son père (elle fait un acte manqué vu qu'elle voulait dire « frère ») est mort et on n'a pas digéré cette histoire. Elle raconte que sa mère est amenée à un psychiatre pendant un an, l'année d'après la mort de Philippe. Cécile dit qu'elle même portait souvent une culpabilité (« Pour quoi lui, pourquoi pas moi ? ») et, quand même, elle a appris des choses. Elle s'a dit qu'elle avait de la chance, c'est lui qui est mort et pas elle ; alors tout ce qui vient à elle, elle le prend. Elle ajoute que les choses sont belles tels qu'elles sont, et, donc, le côté gaie et... (elle soupire et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que si quelqu'un écrase sa voiture demain, elle prendra le train et ces ne sont pas des choses importantes. Elle dit que c'est une triste histoire, qu'on ne se remet pas comme ça et le deuil de son frère, il se passe avec sa vie, au fur et à mesure que... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle s'est mis à la place des anciens quand Philippe est mort. Après ça, la mère de sa grand-mère (son arrière-grand-mère) est morte d'une attaque cérébrale quatre mois plus tard. Donc, ce n'était pas elle (Cécile) qui était morte, mais l'aînée (Cécile est très émue en ce moment). Elle dit que la mort de Philippe était une souffrance et répète que sa famille a été toute traumatisée. Elle ajoute qu'elle a l'impression que toute sa famille l'a protégée de cette morte, de cette disparition, que ses parents ont tout fait pour la rendre heureuse, et tous les autres (de sa famille) aussi, tout en étant discrets et sans rien dire. Elle dit que c'est ça que la touche.

Cécile raconte que la mère de sa cousine, qu'elle a vu l'été passé, lui a dit : « Quand tu es repartie à ton internat, tu sais, on se faisait de souci pour toi ». Cécile dit qu'ils (son oncle et tante) lui voyaient comme son enfant et c'est pour ça qu'elle a des liens très forts avec eux. Ils ont toujours essayé de la protéger, parce qu'elle était la seule qui avait perdu son frère. Cécile répète qu'ils étaient tout le temps discrets, sans jamais essayer de lui montrer qu'ils voulaient la protéger de ce frère qui a été perdu. Elle dit que c'est vrai qu'ils ont souffert, certainement autant qu'elle, même si certains lui disent « Tu ne te rappelles pas, t'avais cinq ans ». Néanmoins, ils savaient très bien qu'elle est la seule qui a perdu son frère. Elle dit qu'elle sent ce regard de bienveillance aussi vis-à-vis de sa mère, plutôt qu'elle le sentait vis-à-vis de son père. Elle dit que sa mère est devenue l'héroïne de la famille (elle rit) et dit que c'est fou, c'est la construction... (elle ne complète pas la phrase et est très émue en ce moment). Elle dit qu'elle pleut d'émotion et que la mort de son frère c'est le (elle fait une pause et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que ce n'est pas tant la mort de Philippe qui l'avait dérangée, mais toute cette tristesse des gens autour et que c'est là où elle a pris conscience de que les choses avaient été vécues de manière véhémente pour eux aussi. Elle continue en disant que la mort de son frère la dérange tous les jours et que ça fait partie de sa construction, ça lui a fait grandir finalement. Elle dit que ce n'est pas qu'elle en pense tous les jours, que ce n'est pas un poids, mais ça fait partie d'elle. Elle répète que ce n'est pas tant la disparition de son frère qui l'a dérangée et qui a été absurde, mais aussi toute la souffrance de sa famille et cette attention qu'ils ont dirigé vis-à-vis à elle pour la protéger. Elle ajoute que c'est leur gentillesse qui l'émue.

Cécile se remet et commence à dire qu'elle donne beaucoup d'importance aux choses que la famille peut faire ensemble. Elle dit qu'ils sont des choses qui on fait ensemble qui vont tisser les liens et qui cela est très important. Elle ajoute que ça s'applique aussi aux amis. Elle raconte qu'au parti communiste il y a plein de gens qui viennent d'arriver et qu'il y a une forte camaraderie entre eux. Elle raconte qu'ils croient à ces choses d'utopistes, mais s'il n'y a pas d'utopie, il n'y a pas de vie. Elle ajoute que la vie est faite d'imagination, que le reste n'existe pas, que c'est plutôt dans la tête que tout se passe. Elle raconte que là il y a des gens de 20- 25 ans qui croient aux trucs, et que les personnes ont organisé une sortie au cinéma pour voir un film sur le sans-papiers qui ont rentré dans la résistance des communistes. Elle dit que ces rencontres sont comme une réunion de famille. Donc, ils s'ont rencontrés tous au cinéma et après ils sont partis pour boire et manger ensemble. Donc, il y a un sentiment d'appartenance comme ça qui fait que... (elle ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que c'est une appartenance des valeurs, que c'est un genre de famille et que ça fait du bien de voir que ces choses existent (elle rit).

Elle raconte que pour avoir vécu à la Guyane, elle a connu aussi un peu de l'Amérique Latine, parce que son professeur d'espagnol lui faisait avoir les études de Cuba, l'Histoire de l'Amérique Latine, de Christophe Colomb. Elle a étudié aussi la lutte qu'il y a au Brésil des paysans que se font l'expropriation des terres. Elle dit qu'entre la Guyane et le Brésil il n'y a que 300 km et qu'elle ressent que la culture latine c'est quelque chose de familière pour elle, qu'elle comprend tout-à-fait les indiens de l'Amérique Latine. Elle dit que là (l'Amérique Latine) c'est chez elle et qu'après qu'elle est née, elle était en Algérie et que là c'est chez elle aussi. Elle ajoute qu'elle avait plusieurs familles quand elle était à l'internat, que chez eux, elle était aussi chez elle. Donc, elle était un peu partout en même temps et elle se dit qu'elle a eu de la chance d'avoir eu tous ces enrichissements. Elle répète qu'elle a eu beaucoup de chance (elle sourit).

Elle continue en disant que ces opportunités d'avoir expériences dans des différentes cultures lui ont fait voir des choses autrement par rapport à l'éducation mais, aussi par rapport aux gens qui sont morts, si on le voit ou si on ne les voit pas. Elle dit qu'en ville on ne voit pas les morts parce que la société les cloisonne. Cependant, à sa famille, ils gardent les gens, comme Philippe, et, si c'est l'hiver, ça dure cinq jours. Elle raconte qu'elle a vu son père mort, que ça a été d'ur, mais que c'est la tradition d'avoir une chambre où il n'y avait pas de chauffage. C'était dans sa chambre où ils ont mis sa grand-mère, son père et son oncle, et où personne ne voulait dormir (elle rit).

Elle raconte qu'il y avait une tradition, par exemple au Mexique, dans les Posadas, dont les gens sont très familiers avec la mort, qui est une chose très présente dans leurs vies. Elle ajoute qu'ils sont très philosophiques parce qu'ils conçoivent la mort comme une chose qui va arriver, tandis qu'à la société occidentale, la mort on ne l'a voit pas, on se concentre sur l'argent, le quotidien, la réussite. Elle dit que ces sont des choses qu'elle veut enseigner à ses élèves, qu'ils ne sont pas immortels. Elle raconte qu'en Guyane ces choses-là sont plus présentes qu'en France, où nous avons des cinémas, le pays est moderne, les autoroutes, les équipements, etc. Néanmoins, à la Guyane il y avait des choses

qui étaient beaucoup plus simples. Elle raconte qu'elle avait une copine qui, pour aller à l'école, mettait ses affaires dans un sac plastique, parce qu'il y avait des grandes saisons de pluies. Donc, elle mettait les livres dans le sac plastique pour les protéger. Enfin, les choses étaient plus simples.

Elle raconte que quand elle faisait de l'athlétisme, il n'y avait pas les super gymnases : ils faisaient les gymnastiques avec les pieds nus. Donc, il y avait un rapport plus simple avec les choses et le meilleur moment pour eux (les enfants) était cela et pas d'avoir un suréquipement, une super lumière, un super filet. Elle ajoute que, et ça a été très bien de connaître un peu le côté archaïque des choses. Elle dit qu'elle croit que à l'Amérique Latine les gens vivent encore d'une manière très simple et que ça pose une question spécial à propos de la philosophie. Donc, des fois elle se dit « Comment ça se fait qu'à l'Amérique Latine il y a beaucoup de psychologues, philosophes, sociologues... ? » Elle ajoute que la révolution de 1968, elle a été aussi bien préparée là. Elle dit qu'elle pense qu'à l'Amérique Latine les gens sont plus humains que dans les autres pays occidentaux, comme ceux de l'Europe, que ce n'est pas la même façon de fonctionner. Elle dit qu'elle aime beaucoup l'Europe aussi, son histoire, qu'elle s'intéresse de savoir comment on peut expliquer une propension des étudiants à étudier la Psychologie plutôt que la Mathématique par exemple. Elle raconte que son mari a une cousine qui est très engagée et qui va très régulièrement au Mexique et qui s'a marié avec un sans-papier, C'est cousine avait des copines qui venaient du Mexique et qui sont aux études du Socio, du Psycho, etc. Elle ajoute que les argentins sont aussi beaucoup comme ça (elle rit). Elle retourne au tableau 8 et dit que cela est vraiment la famille, qui c'est exactement comme dans sa famille, comme dans les familles qu'elle connaît : une certaine sérénité quand même après le repas. Il y a une certaine sérénité, il y a de confort de relation familiale déjà et puis financier, parce que si on a de canapé... (elle ne complète pas la phrase). Elle continue en disant qu'il n'y a pas d'angoisse là, tout le monde est sûr. C'est le moment après le repas, on prend un café, sur le regarde bienveillant des ancêtres qui ont transmis d'héritage. Elle ajoute que c'est une famille occidentale, mais ça peut être aussi une famille qui n'est pas très argentée, dont les relations sont assez sereines et bien construites. Elle ajoute qu'on n'a pas forcément besoin d'être argenté pour avoir de sérénité dans la famille. Elle dit « Voilà ! » et me rend le tableau. Je lui remercie et elle dit « C'est terminé ! » et on finit l'entretien.

Interprétation Cécile

Le récit de Cécile est revêtu d'une telle richesse des contenus qui est pratiquement impossible de le soumettre à une analyse sans risquer d'être réductionniste. Tout en gardant cette remarque, la proposition interprétative qui est présentée à suivre n'a aucune intention d'être exclusive ou unique. Son but est surtout de focaliser un des axes de son discours qui semble être important pour comprendre son expérience personnelle en tant qu'enfant et ses répercussions dans les valeurs et objectifs qu'elle a, actuellement, pour sa propre vie et pour sa fille.

Il faut considérer que le récit de Cécile montre une façon de comprendre sa propre vie issue d'une réflexion approfondie de ses expériences passées. Cette réflexion lui a permis une élaboration de

ce qui elle est vécu. Donc, bien qu'il y ait la survivance des aspects infantiles, la majorité de son discours s'agit d'une compréhension atteinte après une longue période d'élaboration. Cette condition empêche tous les genres de spéculation par rapport à comment elle a ressenti ces expériences quand elle était enfant, sauf dans les moments où elle même le décrit.

Dans ce contexte, la vie de Cécile et son expérience comme mère de Laura est marquée par un souci entre l'importance de l'acquisition de l'autonomie et l'appartenance à un groupe familial. Tandis que l'autonomie lui permettrait la liberté d'être soi-même sans le poids d'une autorité oppressive, l'appartenance rendrait possible garder les traditions. Le récit de Cécile montre que, à son avis, la conciliation entre ces deux pôles permettrait la définition de l'identité. Dans ce sens, la première chose qui est très particulière dans son discours est la façon dont elle parle de son origine. Citoyenne du monde, pour avoir vécu à trois pays différents, elle ne parle jamais où elle est née, même quand cette question lui est posée directement. Sa nationalité est définie comme celle de sa famille, particulièrement celle de sa mère. Donc, bien qu'à la fin de l'entretien elle dise qu'elle se sent chez elle en France, Algérie ou Guyenne, elle considère à soi-même comme française. Bref, les liens familiaux sont plus importants que le lieu de naissance.

Cette condition semble avoir défini aussi la qualité du lien transférentiel de Cécile avec moi. Elle semble m'avoir vue comme quelqu'un qui avait une histoire ou, au moins, une expérience pareille. Donc, de la même façon qu'elle, j'étais venue en France toute seule (bien que beaucoup plus âgé qu'elle à son époque) et j'étais intéressée sur la culture française et algérienne avec lesquels elle avait beaucoup de contact. En plus, nous deux avons d'expérience avec les gens de l'Amérique Latine (il n'y a que 300km de distance entre la Guyenne et le Brésil). Ces caractéristiques semblent avoir favorisé une identification forte vis-à-vis de moi aussi qu'une expectative de que je pourrais la comprendre, même si quelques fois elle avait l'impression que son histoire était très complexe à suivre.

De cette façon, avant de regarder les tableaux su CAT, Cécile présente l'axe principal de son expérience personnelle et maternelle. Il s'agit de son déracinement d'une famille très autoritaire (à son avis) quand elle avait 15 ans d'âge pour aller toute seule à un pays « étranger », ça veut dire, dans lequel sa famille n'était pas. Même si Cécile souligne les aspects positifs que cette expérience lui a apportée, elle l'a vécue avec beaucoup de souffrance. Les raisons attribuées à telle difficulté concernent surtout son âge (c'est très difficile pour une gamine de 15 ans gérer sa vie toute seule). En plus, elle avait vécu auparavant dans un contexte qui ne lui avait pas permis de commencer à développer ses propres valeurs et projets de vie. Ceux-ci étaient liés principalement aux entreprises de ses parents, qu'elle ne voulait pas répéter. Donc, sans avoir construit son propre mémoire et pas disposée à continuer une tradition qu'elle n'était pas d'accord, le sentiment d'être perdue et la manque d'assurance ont devenus intenses. En outre, il y avait un certain souci et culpabilité pour avoir laissé ses parents seuls, car ils avaient perdu un enfant quelques années avant son départ. Cet ensemble des choses semblent être responsables pour la décision de Cécile (et de ses parents) de revenir en Algérie

et y rester jusqu'à la fin de son bac. Les détails de ces expériences se montrent de façon plus claire dans les récits de Cécile aux tableaux du CAT, présentés à suivre.

Tableau 1

L'abordage de ce tableau remet Cécile tout de suite au thème de la solitude causée par l'éloignement entre la mère et les enfants, conformément vécu par celle-là. En ce sens, l'omission initiale de la figure de la poule, qui est aperçue seulement beaucoup de temps après la présentation du tableau, est emblématique. Le désir de la mère est de rester proche de ses enfants, dans un étroit attachement amoureux. Pour autant, il y a une perception de que la vie familiale ne suffit pas à préparer ceux-ci pour faire face aux défis de la vie quotidienne. Donc, si le noyau que la famille offre aux enfants est exclusif, au contraire de les fortifier, il les affaiblit. Donc, être protégé ne signifie pas seulement faire partie d'une famille très unie et fermée, mais avoir la capacité d'être autonome et, pour ça, il faut sortir de ce niche. Dans cette vision, loin de signifier l'abandon, s'éloigner signifie aimer. Cette signification de générosité (et du courage) de la part de la mère, présuppose son acceptation de que ses enfants grandissent d'une façon différente d'elle et acquièrent d'autres habitudes et valeurs. De telle sorte qu'elle doit laisser son désir et son narcissisme de côté, en faveur de l'amour pour l'autre (*la poule ne veut pas aliéner ses enfants par sa présence à elle ; elle ne veut pas être le centre*). Dans ce cadre, Cécile fait référence à son propre expérience en tant qu'enfant et à ce qu'elle a pu garder d'elle pour l'utiliser en tant que mère de Laura. Donc, la valeur que Cécile attribue à l'autonomie reste forte vis-à-vis sa fille, bien qu'elle se voit encore comme une mère qui surveille son enfant à distance.

Tableau 2

Les récits de Cécile à ce tableau et à celui de l'image 8 sont les plus longs du CAT-A, ce qui indique l'importance des thèmes suscités par eux. Dans le cas spécifique de la figure 2, le lien avec l'autorité et le rejet des relations oppressives semblent être questions fondamentales dans sa vie qui ont déterminé sa façon d'être. À partir de sa perception de que les affrontements plus fréquents dans sa vie familiale la mettent d'un côté contre Laura et son mari, elle rapporte les racines de sa façon d'être aussi que ses efforts pour dépasser ce qu'elle considère comme ses limites ou défauts.

Dans ce sens, Cécile voit à soi-même comme un peu autoritaire dans sa relation avec Laura, ce qu'elle n'aime pas, mais a encore du mal à agir différemment. Elle comprend cette caractéristique comme le résultat de son expérience avec sa famille d'origine. Elle décrit ses parents comme très autoritaires par rapport à elle, sans laisser place pour la discussion ou quand même pour l'explication des raisons de soutenir une règle déterminée. De cette manière, la relation d'autorité qu'elle décrit comme « carrée et plaquée » finit par l'imposition d'une seule façon d'être que, pour sécurisante qu'elle soit, manque en flexibilité. En raison de cette caractéristique, la place pour la découverte du propre Self est réduite et ne peut pas se faire que par l'opposition à ce qui est proposé par les parents.

Donc, le récit de Cécile, concernant l'impossibilité d'avoir sa crise d'adolescence à l'occasion de son déménagement en France, peut être compris comme l'impossibilité de s'opposer à ses parents, nécessaire pour la formation de sa personnalité. Cette situation, ajoutée à sa condition de fille unique pour longtemps, lui risquait à n'avoir pas son propre mémoire, mais celui de ses parents. En ce sens, le souci qu'elle a par rapport à la condition de fille unique de Laura est enraciné dans une situation vécue par elle-même. L'expérience d'avoir eu des parents très autoritaires semble avoir réveillé en Cécile des profonds sentiments d'être dévaluée, rejetée et considérée comme quelqu'un qui n'a pas des droits. La souffrance issue de ces sentiments semble avoir eu un rôle déterminant dans sa propension d'aider tous ceux qui n'ont pas leurs droits reconnus, les opprimés dans les relations de pouvoir, qui sont « *un petit peu hors de la norme* », comme les sans-papiers. Son adhésion au parti communiste (particulièrement, à son côté anarchiste) aussi que ses soucis par rapport à l'oppression féminine semblent avoir les mêmes racines. Toutefois, ils ne peuvent pas être réduits à cette explication, sans le risque d'une psychologisation. Alors, ce rejet pour tous les genres d'oppression laisse Cécile très mal à l'aise dans les moments où elle doit imposer des limites à Laura. Si d'un côté elle n'arrive pas à dépasser la façon d'être de ses parents et continue à agir d'une manière rigide vis-à-vis de Laura, de l'autre elle a beaucoup peur d'être vue par la petite fille comme quelqu'un d'oppressive. Dans ce sens, la question de l'application des limites d'une façon plus rigide ou sévère apporte à Cécile un souci additionnel dans sa relation avec Laura : la possibilité de créer une distance psychologique importante entre elle et sa fille. À son avis, différemment de l'éloignement physique, l'écart psychologique peut être très nuisant pour le lien. C'est pour ça qu'elle associe la flexibilité des parents dans l'imposition des limites et leur contact plus proche avec ses enfants. Dans ce cadre, le partage et la proximité dans les relations seraient liés surtout à une condition d'égalité entre les adultes et les enfants. Néanmoins, comme elle s'aperçoit que l'attribution des limites est fondamentale dans l'éducation des enfants, elle s'interroge par rapport à son imposition d'une façon plus souple.

Devant ce problème, Cécile compte sur son mari qui, venu d'une éducation différente, est plus tactile et flexible par rapport à l'imposition des limites à la fille. Donc, elle essaie d'apprendre, avec lui, les habiletés de négociation et la malléabilité qu'elle n'a pas. Elle constate que François réussit à concilier, dans sa relation avec Laura, la fonction parentale de l'imposition de l'autorité avec un lien égalitaire, plus proche d'une relation fraternelle. Ce genre de lien lui permettrait d'écouter sa fille et de valoriser les contributions et les opinions de celle-ci. À son tour, Cécile, sans avoir eu ce genre d'expérience avec ses propres parents et pour avoir perdu son frère aîné quand elle était très petite, a du mal à faire une conciliation pareille. Son acte manque quand elle dit « frère » au lieu de « François », semble être lié à cette flexibilité de celui-ci vis-à-vis de Laura que, conformément on verra plus tard, elle croit que la figure d'un frère pourrait lui avoir apporté.

Dû l'importance de cette question dans sa personnalité, la lutte pour l'égalité des droits et la recherche des relations fraternelles sont présentes dans plusieurs domaines de la vie de Cécile : personnel, professionnel et aussi dans son expérience maternelle. Dans ce dernier cas, en plus de la

recherche d'une relation différente entre elle-même et sa fille, cette lutte comprend un effort pour fournir à celle-ci des nombreuses opportunités d'être avec d'autres enfants. Cécile voit, dans cette expérience, la possibilité de promouvoir l'émancipation de Laura, même si ça peut signifier, au futur, l'éloignement de la petite fille du « cocon » familial.

Tableau 3

Dans son récit à ce tableau Cécile continue le thème des relations d'autorité et de solidarité, aussi que la recherche d'une conciliation entre les deux. Donc, même s'il y a une différence de positions entre le plus et le moins puissante, ça ne veut pas dire que ceci ne soit pas important, vu que l'un dépend de l'autre. De cette façon il y a un essai de valoriser les contributions des opprimés, car elles font des bases pour les grandes réalisations. Cet essai est forcément accompagné d'une réévaluation de ce qu'elle avait considéré avant comme des expériences aliénantes ou sans importance. De la sorte, les questions de la maternité et de l'appartenance à une famille doivent être conçues d'un nouveau point de vue. Donc, les activités qui pourraient signifier une oppression féminine sont vues comme des possibles fondements de l'émancipation de soi-même et de son enfant. De la même façon, le cocon familial ne serait pas forcément aliénant, mais quand même révolutionnaire. Bref, en ce moment de son récit, Cécile réfléchit sur ce qu'elle avait transmis dans son discours aux tableaux 1 et 2 : est-ce qu'il faut vraiment qu'on sorte du noyau familial pour se développer d'une façon autonome ? Est-ce que l'appartenance serait incompatible avec l'indépendance ? Donc, Cécile commence à conclure qu'à l'inverse de ce qu'elle imaginait, il serait l'appartenance à une famille qui fournirait les bases pour l'acquisition de l'autonomie et pour l'épanouissement personnel. De cette façon, l'autorité ne serait pas forcément incompatible avec la solidarité et la fraternité.

Tableau 4

Au début de son récit à ce tableau Cécile insinue que la situation illustrée n'est pas compatible avec son expérience réelle en tant que mère. Toutefois, il est exactement en ce moment qu'elle commence à montrer ce qu'il semble être l'axe plus déterminant de sa personnalité, dont l'apothéose surgira dans son récit au tableau 8. Jusqu'au tableau 3 Cécile a défini comme le principal souci de son expérience maternelle la question de l'imposition de l'autorité, préoccupation issue de son expérience infantile chez sa famille d'origine. Néanmoins, à partir de ce moment, elle révèle un événement qui a beaucoup changé ses relations avec ses parents, en commençant par la description de l'état émotionnel du personnage qui représente la mère. En dépit de cette description, il est claire l'identification de Cécile avec l'animal qui représente l'enfant, le petit kangourou aîné. Dans ce cadre, elle voit à soi-même comme la fille aînée qui, en étant plus autonome et en sachant se débrouiller, se sent un peu délaissée par rapport à son frère cadet. Cette situation la dérange un peu, vu que même en étant plus autonome, elle avait encore besoin de sa mère. Pour autant, elle s'aperçoit que cette conduite de la mère ne s'agit pas proprement d'une option, car elle ne regarde pas quand même

l'enfant cadet. La mère a d'autres inquiétudes dans son esprit, qui lui font négliger un peu ses enfants. Les soucis s'agissent surtout de la manque de ressources affectives pour partager une vraie relation avec les petits (manque d'argent, de temps, angoisse), ce qui est aggravé par l'absence d'autres personnes qui puissent l'aider. Donc, la situation est d'une complète impuissance et l'autonomie devient solitude. En n'ayant personne sur qui compter, pour le mieux qu'elle puisse faire, il ne reste à la mère que pousser ses enfants vers une autonomie précoce, pour qu'elle soit capable d'accomplir tous ses fonctions. Donc, ce qui est ressenti comme un délaissement de la part de la mère a, comme origine, un délaissement qu'elle souffre elle-même, dû sa solitude. Dans ce contexte, Cécile se rend compte qu'il n'existe pas une indépendance complète mais toujours un genre de dépendance, même à la vie adulte. Face à cette situation d'aridité de soutien personnel de la mère, un enfant se débrouille comme il peut. Cette condition de son enfant ne passe pas inaperçue par la mère, ce qui fait augmenter sa souffrance et son sentiment d'impuissance. Donc, selon le point de vue de Cécile, si c'est vrai qu'un enfant poussé à une autonomie précoce souffre, la douleur de la mère semble être encore pire.

Tableau 8

Après l'affrontement de la condition de solitude illustrée au tableau précédent, Cécile montre un certain soulagement devant la figure 8 (elle sourit quand elle le voit). Cette fois, mère et enfant sont entourés pour toute une famille élargie, sur laquelle ils peuvent compter dans des périodes et situations difficiles. Les questions de la tradition et de l'autorité resurgissent, mais dans un contexte où elles peuvent être managées aisément dû la complicité des gens de la même génération. Donc, le surmoi des parents peut être contesté, sans le risque d'effacer le sens de l'appartenance familiale. Les frères, sœurs, cousins et cousines semblent signifier la possibilité du maintien de l'union et de l'identité du groupe en même temps qu'ils promeuvent des altérations de la tradition, nécessaires pour sa propre survivance dans des autres époques. De la sorte, le groupe reste uni, même après la disparition des ancêtres. Donc, la tradition est là, mais autrement, digérée pour les plus jeunes et adaptée à la contemporanéité. Ainsi, l'émancipation et l'appartenance peuvent coexister pacifiquement. De cette manière, Cécile, en dépit de son souci par rapport à la question de l'autorité (qui suivra comme importante dans sa vie) semble avoir réussi à concilier l'autonomie personnelle et l'appartenance, les dimensions individuelle et interpersonnelle de son Self. D'où l'importance qu'elle attribue aux relations de Laura avec ses cousins et cousines, dans l'espoir que sa fille n'ait pas besoin d'aller si loin pour s'émanciper, comme il a été arrivé avec elle.

Toutefois, les difficultés de Cécile pour décrire l'expérience de son amie vis-à-vis d'une mère très autoritaire, ambivalente et tyranique, selon ses propres mots (elle bégaye, hésite et n'arrive pas à compléter les phrases qu'elle dit) montre que cette intégration entre l'acceptation de l'autorité parentale tout en gardant une identité autonome, n'est pas très solide. D'où son incertitude s'il faut ou pas arrêter la relation pour survivre comme quelqu'un d'indépendant, vu que le prix de la solitude est

très cher. Cette réflexion continue dans le récit de Cécile après qu'elle me rend le tableau et raconte l'épisode de la mort de son frère aîné, un deuil que, selon ses mots, n'a pas été complété.

Cette disparition a affecté Cécile dans plusieurs sens. Premièrement, comme il a été déjà dit, elle a perdu quelqu'un avec qui elle avait un fort attachement et qui serait capable de l'offrir une certaine complicité par rapport à la transformation des traditions familiales, tout en gardant son appartenance au groupe. De sorte que la mort de Philippe a signifié une certaine menace à l'acquisition de son émancipation personnelle. Deuxièmement, et plus important, le décès de son frère a été accompagné d'un changement très important dans la réalité psychique de sa mère : celle-ci est devenue déprimée, ce qui a consisté dans une perte additionnelle pour Cécile. Dans ce sens, elle réitère que ce n'est pas la mort de Philippe qui l'avait dérangée, mais toute la tristesse des gens autour. Alors, en plus d'une perte physique il lui est arrivé une perte émotionnelle. Troisièmement, cet événement l'a apporté la peur de sa propre disparition. Cette crainte ne signifiait pas seulement la mort physique, mais aussi l'abandon et l'oubli de la partie de sa propre famille car, après tout, Philippe est resté enterré en France et ils sont partis en Guyane. Devant cette situation absurde de disparition d'un enfant, l'affrontement vis-à-vis de l'autorité parentale est devenu secondaire et beaucoup moins important qu'avant.

Cécile a été « sauvée » de ces menaces qui la hantaient par un ensemble d'actions conjointes de sa famille. D'abord il y a eu l'attitude généreuse de ses parents qui l'ont donnée deux autres frères, pour en l'éviter la condition de fille unique. En plus, malgré leur souffrance ils l'ont permis de laisser le foyer pour venir en France et s'épanouir comme quelqu'un d'autonome. En outre, il y a eu la conduite de sa famille élargie qui, d'une certaine façon, l'a « adoptée ». Cette attitude a solidifié son sens d'appartenance et a fait disparaître le fantôme de la solitude. Finalement, le décès de son arrière-grand-mère a reconstruit sa croyance à un ordre naturel des choses où ils sont les plus âgés qui meurent avant les plus jeunes, le décès de Philippe en étant une fatalité. Donc, c'était l'union familiale la responsable pour le dépassement de cette expérience critique. En ce sens, même si cette épreuve n'a pas été complètement surmontée, au moins elle est devenue assez supportable pour vivre avec. Tous ces expériences de vie semblent avoir déterminé en Cécile la valorisation des relations dans et hors de l'ambiance familial. Donc, elle a passé à considérer ces liens comme essentiels pour l'épanouissement personnel et pour la protection dans des moments difficiles de la vie. D'où son accent sur l'importance de fortifier, à chaque fois plus, les liens de Laura avec ses copains, copines, cousins et cousines et de lui offrir des opportunités de s'épanouir aussi hors du cocon familial.

En bref, Cécile, avec sa remarquable capacité de réflexion, a réussi à transformer les souffrances de sa vie passée dans des opportunités d'épanouissement personnel. Bien qu'elle se débattre encore dans les questions liées aux figures d'autorité, elle démontre avoir des ressources affectifs solides pour intégrer ces conflits dans sa personnalité. En plus, elle est devenue capable d'utiliser ses propres douleurs comme base pour comprendre emphatiquement celles des autres et pour transmettre des valeurs éthiques à ceux qui l'entourent.

Récit Laura

Laura est une petite fille très jolie, douce et mignonne. Elle est brune aux gros yeux noirs. Elle est mince, sa peau est très claire et ses cheveux sont longs et raides. Elle est un peu timide, mais collaborative en même temps. Je lui demande son âge et à quelle série elle était à l'école. Elle me répond qu'elle a 8 ans et qu'elle suit la première série de l'école primaire

Bien que Cécile ait déjà expliqué à Laura de quoi s'agissait ma recherche quand je suis arrivée chez elle, j'éclaircis un peu plus ce sujet avec la petite fille. Je lui dis aussi que j'irais lui montrer quelques tableaux et que je voudrais qu'elle me raconte une histoire sur chacun d'eux. Elle comprend tout de suite ce que je veux et on décide de commencer. Donc, je lui montre la première figure.

Tableau 1

Elle regarde le carton avec intérêt et balbutie quelque chose. Elle me semble être un peu anxieuse et commence à bouger les jambes, comportement qui persiste durant toute la situation. Après 15 secondes de silence, elle dit :

« C'est trois petits oiseaux... qui sont en train de manger. (Elle fait une pause de 12 secondes, pendant laquelle elle soupire) Hum... ils veulent partager... (pause de 15 secondes) En fait ils sont cousins (Elle fait une pause de 24 secondes et soupire). [Et qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver ?] Ils vont se disputer parce que il n'y a pas assez pour tout le monde. [Il n'y a pas assez de nourriture pour tout le monde ?] Si, il y en a, mais ils vont se disputer parce que tout le monde voudra en avoir beaucoup. [Ah, oui, je comprends.] (Elle reste en silence pour 12 secondes). [Comment l'histoire va finir ?] Bah... qu'ils vont... chacun va avoir la moitié. [Ah, chacun va avoir la moitié... Tu veux dire quelque chose en plus ?] Non. » Elle me rend le tableau et on passe à la suivante.

Tableau 2

Laura est un peu plus rapide pour commencer à raconter l'histoire en ce moment. Elle dit :

« Il se bagarrent. Celui qui fait tomber, celui qui fait tomber, lui, il va gagner. (Pause de 5 secondes) Il y en a un qui est plus fort que l'autre, alors, lui, il l'aide, et... (Elle hésite) Ils lui ont fait tomber. [Qui fait tomber qui ?] Ils (indique l'ours grand et le petit et reste en silence). [Tu crois qu'ils se connaissent ou pas?] Oui. Hum... (Elle hésite et reste en silence pour 14 secondes). Ils ne s'aiment pas. [Ils ne s'aiment pas...] Et à la fin, ils se réconcilient. (Elle arrête de parler et reste en silence pour 10 secondes) [Alors, tu me dis qu'il est possible que les personnes qui ne s'aiment pas se réconcilient après...] Oui, c'est ça. [D'accord. Est-ce que tu veux dire quelque chose en plus ?] Non. [Tu crois qu'ils sont de la même famille ou ils sont des amis... ? Parce qu'ils se connaissent...] Hum... Oui, ils se connaissent... c'est la même famille. (Elle reste en silence pour 15 secondes) Et lui, il est plus grand

qu'eux. Les deux, il est plus grand qu'eux... (Elle reste en silence pour 10 seconds). C'est tout. » Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 3

« Ah, c'est un lion. Un vieux lion qui est fatigué... qui attend des personnes. Il se dit que les personnes sont trop longues. Il est fatigué et il s'endort. (Elle reste en silence pour 21 seconds) Il fume la pipe. Je crois que c'est tout. [Est-ce que tu as vu qu'il y a une petite souris là ?] Oui, je l'ai vue. [Dis-moi, qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver... Il va s'endormir...] Que les enf..., les personnes vont arriver, vont sonner et puis, ils vont repartir parce qu'ils croient qu'il n'est pas là. (Elle reste en silence pour 28 seconds) [C'est tout ?] Oui, c'est tout. » Elle rend le tableau et je lui montre le quatrième.

Tableau 4

« Ça c'est la maman kangourou. Elle va aller chercher à manger pour ses petits et...et... (Elle hésite et reste en silence pour 10 seconds). Et un petit ne sait pas très bien faire du vélo et il tombe. Et la maman, elle est partie en le laissant. Elle ne l'a pas vu et au retour, et le voit, et lui ramène à la maison. [Alors, il est tombé du vélo et la maman n'a pas vu qu'il est tombé... Et elle lui rencontre quand elle revient]. Et quand elle retourne, elle revient, elle va le voir et le ramène à la maison. (Elle reste en silence pour 20 seconds) [Et qu'est-ce qu'il pense, le petit kangourou ?] (Elle soupire) Bah... que sa maman lui a abandonné et (Elle reste en silence pour 17 seconds) il pense aussi qu'il y a des chasseurs qui vont l'attaquer. (Silence de 16 seconds) C'est tout. [Ça doit avoir été effrayant pour lui...] Oui [Mais après la maman retourne...] Mais, en fait, elle est pressée pour leur chercher à manger parce que... les petits, ses petits, ils ont faim et elle aussi. Et il y a les chasseurs qui peut-être vont les attaquer, alors, elle va vite [Elle va chercher à manger parce qu'elle et ses petits ont faim...] Oui. [Et la maman ne voit pas qu'il est tombé...] Non, parce qu'elle est tellement pressée, qu'elle ne regarde pas derrière elle. (Elle reste en silence pour 30 seconds) [C'est tout ?] Oui. Elle rend le tableau et je lui montre le dernier.

Tableau 8

« Alors, c'est quatre singes... ils se disputent et... Il y a un singe qui fait tomber une tasse et il y a ces deux autres singes qui..... C'est celui du fauteuil. Et de sa tasse, le café écoule Le singe, il n'est pas content... Alors, il crie et il lui dit pour partir. Et le petit singe, il comprend qu'il n'a pas fait exprès de faire tomber la tasse. Et il est parti de sa maison pour le chercher et dire qu'il peut revenir. Et le papa, il s'en fâche contre le petit et il lui explique qu'il ne devrait pas, qu'il doit rester à la maison et que les autres doivent rentrer chez eux. Et c'est tout. [Le papa lui demande de rester...] Oui, à la maison. [Pour quoi ?] Parce qu'il ne veut pas qu'il se perde, sinon, il va être attrapé par les chasseurs pour le mettre dans un zoo. Les chasseurs peuvent le trouver et le mettre dans un zoo. Et

c'est tout. [Dis-moi, qu'est-ce que le petit pense ?] Hum... il pense que... les personnes ne vont plus les aimer, les autres singes. Et il se dit qu'ils vont aller le chercher pour lui dire qu'ils n'avaient pas fait exprès, et qu'ils peuvent revenir chez lui. C'est tout. »

Je lui remercie et je lui demande qu'est-ce qu'elle a trouvé de notre activité. Elle dit que les dessins étaient bien, que les tableaux, ils étaient bien. Alors, on finit l'entretien.

Interprétation Laura

Dans des termes généraux, le récit de cette petite fille enchantresse et un peu nostalgique constitue le témoin de la capacité humaine d'aimer l'autre en dépit de ses limitations et faiblesses. La présence de cette habilité complexe dans la gamine révèle déjà qu'elle présente une personnalité raisonnablement mûre et cohésive.

En ce sens, le récit montre que Laura est un enfant qui a réussi à accomplir les tâches d'intégration, personnalisation et réalisation, ce qui indique qu'elle a eu un bon début de vie. Ainsi, elle semble avoir reçu, dans les périodes initiales de son existence, l'attention nécessaire à ses besoins physiques et psychiques. Cette base solide lui permet, actuellement, de faire face aux inquiétudes propres du stage de « dépendance relative » et du début de l'étape « vers l'autonomie ». Dans ce cadre, son principal souci semble être comment rétablir les relations avec les personnes après s'être aperçue qu'elles sont indépendantes les unes des autres. Bref, la question qu'elle se pose est comment arriver à une vraie conciliation et à une vraie rencontre si les gens ont des besoins, désirs et rythmes différents. Dans ce contexte, son récit montre aussi une certaine nostalgie du temps de la dépendance absolue et la mélancolie issue de la désillusion. L'analyse de sa production à chaque tableau montre ce processus en plus de détails.

Tableau 1

Bien que Laura soit un enfant unique, l'émergence du thème de la rivalité fraternelle surgit dans ce récit (les frères et sœurs en étant remplacés par les cousins et cousines). Le combat fraternel, cependant, semble avoir été élu pour représenter la préoccupation majeure de la petite fille: la perte de la relation d'exclusivité avec la mère. Autrement dit, les frères et sœurs, en eux-mêmes, semblent être secondaires dans ce processus. Ainsi, la modification du lien avec la mère prend le premier plan. Laura semble présenter une certaine nostalgie des premières étapes du lien mère-fille, ce qui est attesté par ses soupires et longs silences pendant le récit. Elle est devant une constatation spécifique : la relation avec la mère a changé et celle-ci n'est plus complètement disponible pour elle. Donc, il existe une réalité propre à sa croissance qui ne peut pas être changée ; ainsi, le passé doit rester en arrière. Cette situation de désillusion gère une certaine mélancolie dans la petite fille, mais elle se voit comme bien capable de la surmonter. Ainsi, elle se rend compte qu'encore qu'elle n'ait pas tout ce qu'elle veut, elle a tout ce dont elle a besoin. De cette façon, elle réussit à faire la différenciation entre désir et nécessité, ce qui l'a permis de faire des concessions quand il faut.

Tableau 2

Dans ce récit, Laura continue le thème du remplacement de la relation d'étroite proximité entre mère et enfant pour un autre genre de lien. Le nouveau rapport qui s'établit doit considérer, alors, que les gens sont séparés et autonomes. Ainsi, elle se débat avec la question de remplir l'espace entre eux pour que la continuité des relations soit possible. Autrement dit, si les personnes sont indépendantes les unes des autres et si elles ont des envies spécifiques, ça pourrait créer de la distance entre elles et obstruer les alliances. Donc, Laura cherche, dans son expérience personnelle, des exemples de liaisons qui puissent exprimer une résolution du problème de comment être ensemble tout en étant séparés. Le modèle à qui elle se remet est celui de ses parents. Ceux-ci se bagarrent, se tiraillent, ce qui la laisse inquiète. Moins préoccupée par rapport à qui a la raison, elle aide celui qui est plus faible pour qu'il ne succombe pas à la force de l'autre. Toutefois, en dépit des différences qui conduisent aux disputes entre les parents, le lien amoureux entre eux prédomine et la réconciliation est possible.

Tableau 3

Le souci par rapport à la séparation et à la distance continue dans le récit de Laura. Cependant, en ce moment l'éloignement n'est pas vu comme issu des diversités d'opinions ou de désirs qui conduisent à la dispute, mais des différences du rythme et des priorités des gens. Elle s'identifie avec une figure qui veut établir des relations et profiter des plaisirs qu'elles apportent. Toutefois, les autres ont ses propres soucis et rythmes, ce qui veut dire qu'ils ne sont pas toujours disponibles dans le moment où on les attend ou quand on a besoin d'eux. En étant la réciproque également vraie, la rencontre risque de ne pas arriver. Le résultat est, ainsi, la solitude et l'ennui. Bref, le problème de la conciliation parmi les gens, qui rend la rencontre possible, reste encore sans solution.

Tableau 4

Il est dans ce tableau que le souci de Laura par rapport aux revers de l'autonomie relative se montre avec plus de clarté, lié à son rapport avec la mère. Donc, le protagoniste de l'histoire (le petit kangourou aîné) qui ne sait pas très bien faire du vélo, tombe et reste seul jusqu'à quand sa mère le voit. De la sorte, en ayant déjà une séparation partielle avec la mère, le secours qu'elle offre ne vient pas immédiatement à l'incident, mais quelques temps après lui. Pendant cet écart la sensation de l'enfant est de peur, solitude et vulnérabilité. En dépit du sentiment d'abandon, il n'y a pas, de la part du petit, un mouvement de culpabilisation vers la mère. Il la voit en tant que surchargée dû la multitude de fonctions qu'elle doit accomplir pour lui bien soigner. Bref, l'enfant comprend l'imperfection maternelle comme en faisant partie de la nature humaine. Ainsi, Laura reconnaît que bien que sa mère ne puisse pas être à son côté tout le temps, elle est encore quelqu'un de fiable et sur qui elle peut compter. La suite de cette constatation est de que, dans des certaines situations et au

moins pour quelques temps, l'enfant devra se débrouiller tout seul. De cette manière, il faut supporter la solitude et affronter le peur issu de la réalité inévitable de l'autonomie. Néanmoins, l'enfant est soulagé par la constatation de que sa solitude est temporaire et de que les exigences d'indépendance ne dépassent pas ses capacités de l'affronter. Donc, son foyer reste toujours disponible pour lui (la mère revient et lui ramène à la maison).

Tableau 8

Après avoir compris les « fautes maternelles » et avoir « pardonné » sa mère, Laura continue, en ce tableau, le thème de la faillibilité humaine. Sa capacité d'assimiler ses propres expressions pulsionnelles dans le Self lui permet de comprendre les passages à l'acte des autres, quand ils ne sont pas faits exprès. En sorte qu'elle se montre capable de réparation et d'empathie. Toutefois, dans le cadre de la dépendance relative, le niveau de développement de ces capacités est encore dépendant de celui de ses propres parents. Cette condition met une limite pour la fille, vu que parfois elle est capable de pardonner des fautes que ses parents ne sont pas. Néanmoins, elle comprend que les interdits parentaux sont aussi une façon de la protéger des dangers liés à une autonomie qu'elle n'est pas encore capable de soutenir. Ainsi, la petite fille fait confiance en la capacité de ses parents à pardonner et à retisser les liens qui puissent être sécoués par les revers des relations humaines.

En synthèse, Laura est une petite fille dont le Self se développe d'une façon harmonieuse et qui profite d'une ambiance familiale bien assurée. Elle fait face, en ce moment, à une expérience très délicate de sa vie : la découverte des imperfections des êtres humains, en spécial de sa mère. Les faiblesses et fautes de celle-ci devient de plus en plus évidentes, ce qui lui rend la nostalgie d'un lien étroit où l'écart entre les deux n'existait pas. L'indifférenciation entre leurs corps, leurs désirs et leurs rythmes était égalée à une perfection qui a été perdue. Bref, Laura affronte la chute de ses illusions. Toutefois, la bonne qualité de sa relation précédente avec la mère la fait accepter un nouveau genre de rapport avec celle-là. Même si ce lien est imparfait, il l'assure l'amour et la protection maternels dont elle a besoin. L'effort principal de la fille s'agit, alors, d'assimiler ce nouveau modèle de relation avec sa mère et les siens. Dans cette entreprise, elle a déjà réussi à atteindre des conquêtes importantes pour son développement émotionnel, comme la capacité pour l'empathie et pour la réparation.

Dans ce cadre où l'autonomie des autres et la sienne est déjà reconnue, Laura s'effort pour comprendre comment garder les liens entre les personnes. Bien que ce dilemme ne soit pas encore résolu par la fille, elle semble envisager que l'attachement amoureux est ce qui peut transposer la distance physique et psychique entre les gens. En ce sens, même les disputes entre ses parents ne semblent pas la laisser effrayée par rapport à l'intégrité de son foyer. Au contraire, elles sont utilisées par Laura comme des éléments qui fortifient sa croyance de que, en dépit des différences, la réconciliation est presque toujours possible.

Synthèse Cécile et Laura

Les récits de Cécile et de Laura permettent de conclure qu'il y a eu, au début de la vie de la fille, une relation pleine d'harmonie entre les deux. Ce lien synchronique a permis à la première de remplir les besoins d'illusion de la deuxième. Par conséquent, il a été établie une base solide qui a rendu possible à la fille d'accomplir les tâches d'intégration, personnalisation et réalisation. Ces conquêtes ont eu lieu dans le contexte d'un Self capable de s'exprimer spontanément dans le monde. Cette condition témoigne la capacité de la fille d'avoir une existence personnelle et créative, tout en considérant les caractéristiques de la réalité extérieure.

En ce qui concerne le développement du Self, Laura se retrouve entre les moments finaux de l'étape de la dépendance relative et le début du stage « vers l'indépendance ». Dans ce cadre, elle éprouve les effets de l'éloignement progressif vis-à-vis de sa mère, à savoir, les changements dans leur relation vers sa plus grande autonomie. Ce processus est senti aiguëment par la fille mais aussi par la mère, car il touche un axe très important de l'identité de Cécile : la conciliation entre l'appartenance familiale et la liberté individuelle. De la sorte, les conflits propres de cette étape évolutive de la petite fille réveillent des anciennes angoisses de la mère. Bien que celle-ci présente un bon management de ce paradoxe, il constitue toujours un des pivots essentiels autour duquel sa personnalité s'est organisée.

Bref, en ce moment de leurs vies, la tonique du lien entre Cécile et Laura concerne l'harmonisation entre une identité indépendante et la garde du lien familial. Encore que les deux soient nostalgiques de la relation symbiotique précédente, celle-ci n'est plus vue comme possible. De son côté, Cécile conçoit ce genre de lien comme passible d'affaiblir la fille et de la laisser déprotégée. De l'autre côté, Laura a déjà découvert que l'union intégrale n'est qu'une chimère. Ainsi, pour les deux, il faut affronter la réalité de la vie et accepter que leur lien exclusif ne suffise pas pour garantir la survivance et l'épanouissement personnel. Donc, la séparation s'impose en tant qu'un acte d'amour.

Devant cette constatation, Cécile et Laura font face au deuil de la relation qu'elles ont eu dans la petite enfance de la fille. Pour Laura, il faut accepter la perte de la mère omniprésente et toute-puissante. Pour Cécile, il faut abdiquer des plaisirs d'une étroite proximité et s'éloigner, dans un sacrifice pour que son enfant se développe.

Fondée sur son expérience en tant qu'enfant, Cécile essaie de montrer à Laura les moyens qu'elle-même a utilisés pour dépasser le paradoxe entre l'union et l'indépendance. Ainsi, elle cherche à offrir à la fille des opportunités pour qu'elle établisse des liens avec d'autres enfants, ce qui pourrait lui fournir des termes de passage entre les deux pôles de l'antinomie.

En dépit de profiter de ces opportunités offertes par sa mère, Laura, reste encore submergée dans le problème de remplir l'espace physique, temporel et émotionnel qui sépare les gens. De la même façon que ce problème se présente dans son lien avec sa mère, il se pose également dans ses rapports avec les pairs. Cet état des choses engendre, dans la fille, une inquiétude que Cécile connaît très bien : celle de la solitude et de n'avoir pas sur qui compter dans les moments difficiles de la vie.

Encore que cette crainte semble être relativement bien maîtrisée par Cécile, elle ne l'est pas encore par Laura. Dans ce cadre, les situations d'impasse laissent la fille particulièrement troublée. Dans ces cas où, en dépit des efforts, l'accord n'est pas possible, la peur de que la loi du plus fort prévale, conduit la gamine à se mettre du côté du plus faible, pour le protéger. Ainsi, elle prend une position pareille à celle de sa mère, dont la bataille contre l'oppression occupe une place spéciale dans sa vie.

Bien qu'elle soit bouleversée, Laura n'est pas du tout plaquée dans son conflit entre l'appartenance et l'autonomie. Au contraire, l'expérience de deuil qu'elle fait consiste dans la base nécessaire pour dépasser le paradoxe d'être soi-même et d'être lié à quelqu'un d'autre en même temps. Si elle n'a pas encore résolu son dilemme par moyen de l'identification, elle montre déjà disposer de tous les conditions pour le faire. Ainsi, sa capacité de se mettre à la place d'autrui témoigne la possibilité de le récupérer dans soi-même, d'une façon symbolique et plus raffinée. Cette capacité, alliée à celles de la réparation et de l'indulgence, retisse les liens avec l'autre d'une façon plus assurée et mûre. Finalement, sa perception de que tous les gens ont besoin les uns des autres, met la fille dans le bon chemin vers l'intégration de l'angoisse de la solitude dans sa personnalité.

En synthèse, les soucis de Laura et de Cécile concernent surtout au problème de renouer les rapports entre les personnes au fur et à mesure où elles deviennent indépendantes. À l'égard de Cécile, il s'agit de la reprise d'un processus important qu'elle a vécu en son enfance, mais d'une façon plus complexe en comparaison à Laura. Sa condition d'enfant des parents français soigné par des nounous « étrangères » l'a mis en contact avec des expériences de maternage différentes, par rapport à son accent sur la proximité ou sur l'autonomie. Évidemment, cette tonique n'est pas liée exclusivement à l'origine géographique ou culturelle de ses parents et nourrices. En ce sens, la famille élargie de Cécile semble lui avoir fourni aussi des expériences qui mettaient l'accent sur le Self interpersonnel, surtout après la disparition de son frère. Bref, en plus d'une question culturelle, le renforcement des liens peut être promu par des événements internes à la propre famille.

De toute façon, le récit de Cécile montre qu'elle a réussi à faire l'intégration d'une série d'expériences très différentes et parfois opposées. Ces épreuves ont été liées soit à son contact avec des réalités culturelles différentes, soit aux changements que sa propre famille a souffert au long du temps. Le travail complexe d'harmonisation de tous les paradoxes qu'elle a vécus l'ont rendu une personnalité riche et sophistiquée. Enfin, dans un niveau personnel, elle est parvenue à concilier les divergences concernant sa condition de citoyenne du monde. Autrement dit, elle a rempli l'idéal de rassembler ce qui a de meilleur dans le monde et de les fondre dans une nouvelle production originelle et créative. Ainsi, elle est devenue capable d'offrir à sa fille des expériences variées et de lui montrer de plusieurs chemins pour faire face aux dilemmes de la vie, tout en respectant la solution que sa petite ira choisir.

APÊNDICE B
NARRATIVAS E INTERPRETAÇÕES DAS DÍADES MAGREBINAS

APÉNDICE BA - Dyade Aminah et Layla

Identification

Aminah: 34 ans

Situation familiale: concubinat

Niveau d'instruction: secondaire

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Walid, 14 ans; Layla, 6 ans ; Chafika, 5 ans ; Latifa, 1an et demi

Enfant étudié: Layla

Ordre des entretiens: 1) Aminah

2) Layla

Récit Aminah

Aminah était une copine de Brigitte qui habitait proche de chez elle, dans un bâtiment un peu vieux et foncé, composé de trois étages et sans ascenseur. Quand je lui a parlé par téléphone pour prendre un rendez-vous, sa voix, tendue et méfiée, m'a posé des doutes si elle voulait vraiment participer à la recherche. J'ai partagé mon impression avec Brigitte et je lui ai demandé si elle pourrait tranquiliser sa copine en lui disant que ce n'était obligatoire de participer à la recherche. Brigitte lui a dit ça et Aminah lui a raconté que, le jour où je lui avais appelé, son enfant était en train de pelurer et elle était un peu perturbée à cause de ça.

L'entretien avec Aminah a été réalisé au mois de novembre, chez elle et ma rencontre avec Layla a eu lieu deux jours après (la fille n'était pas chez elle quand j'ai parlé à sa maman). Entre ces deux jours je suis allé avec Brigitte à l'école X pour une réunion avec autres mères pour les inviter à participer à la recherche, mais personne n'est venu.

Aminah est une femme de 34 ans, sympathique et disponible, mais elle a un visage un peu tendu. Elle est algérienne, la peau bronzée et elle a les cheveux et les yeux noirs. Son appartement était raisonnablement grand (mais pas assez pour trois enfants et, parfois, 4).

Elle m'a reçu d'une façon très gentille, à la fin d'une matinée grise, avec Latifa, son bébé de 19 mois dans ses bras. Les deux étaient toute seules à la maison. Latifa était un bébé plein de vitalité, curieuse et grand pour son âge. Elle est resté avec nous pendant tout l'entretien, dans les bras d'Aminah ou en train de marcher par la maison. Parfois, elle dessinait avec les crayons et stylos que oi, je lui ai offert, pour le distraire un peu et laisser Aminah plus tranquille pour me parler.

Je donne des explications à Aminah sur le but de ma recherche de connaître l'expérience maternelle des femmes de différentes réalités culturelles. Je lui demande, d'abord, de me parler un peu de son expérience en tant que mère de Layla. Ensuite, quand j'alume mon MP-3, Aminah dit qu'avec Latifa (qui est dans ses bras) notre entretien ne sera pas facile, parce qu'elle est un bébé qui touche à tout et qui est très actif. Donc, je m'adresse à Latifa et je lui dis que j'irais lui montrer une chose que

je crois qu'elle aimera. J'essaie de lui donner un tableau du CAT-A (que je n'utilise pas dans la recherche) pour qu'elle joue un peu. Toutefois, Aminah me dit pour ne pas faire ça (elle semble avoir peur que Latifa gâche le matériel). Latifa essaie de prendre le tableau quand même, mais Aminah lui dit « Non ! ». Alors, je prends quelques stylos et crayons à moi, quelques feuilles de papier et je les donne à Latifa. Aminah regarde son bébé et dit « Uau ! » quand je donne ces matériaux à la petite (elle semble vouloir motiver Latifa à s'occuper avec eux). Latifa essaie d'écrire sur le tableau du CAT-A, mais je lui montre des autres feuilles de papier et je lui dis qu'elle ne peut pas écrire sur les tableaux du CAT-A, mais qu'elle pourrait le faire sur les autres feuilles. Elle accepte très bien les limites que j'impose.

Après ces arrangements, je demande à Aminah il y a combien de temps qu'elle habitait en France. Elle dit qu'il fait huit ans qu'elle habite là. Je lui demande pour quoi elle a décidé de déménager et elle raconte rapidement que son mari avait des problèmes en Algérie et qu'ils ont tout raté (elle n'explique pas la nature des difficultés mais elle se fait comprendre que ce n'était pas un choix spontané de la partie du couple). Alors, ils ont décidé qu'ils devraient quitter l'Algérie et elle est venue en France. Je fais des calculs et je dis qu'à cette époque elle n'avait qu'un enfant. Elle confirme qu'à cette époque elle avait seulement Walid et elle voulait rester avec un seul enfant. Elle répète qu'à cette époque là, elle ne voulait pas avoir d'autres enfants. Je lui demande comment s'est passé son adaptation en France et elle dit que ce n'était pas facile parce qu'elle avait laissé ses parents en Algérie et elle était la seule fille. Donc, elle était seule en France, avec un enfant mais sans ses parents.

Je lui sollicite de parler un peu de son expérience avec Layla. Elle me demande si je pourrais lui poser des questions précises, en termes de qu'est-ce que j'attends comme réponse, qu'est-ce que je voulais exactement, quoi qu'elle doit expliquer. Je lui explique à nouveau que je vais lui montrer quelques tableaux et que je voudrais qu'elle me raconte de son expérience à partir de ces images. Elle répond qu'il n'y a pas de souci.

Elle raconte que Walid était un bébé qui est venu tout de suite après le mariage et qu'après sa naissance, elle est tombée malade. En ce moment Latifa dérange un peu l'entretien et nous sommes obligées de faire une interruption, pour qu'Aminah puisse faire attention à elle. Après, Aminah reprend notre conversation, et rattrape, pour soi même, l'histoire de son immigration en France. Elle raconte d'une façon très superficielle qu'elle avait aussi des problèmes (il me semble qu'il y avait des problèmes conjugaux aussi, mais elle ne laisse pas cela très clair) et que son mari lui avait proposé d'immigrer et commencer une nouvelle vie. Elle a pensé « Pourquoi pas ? Une nouvelle vie, un nouveau départ, on va changer de pays, on va se sentir un peu plus soudé ». Après elle a eu Layla, qui a été un enfant très très désiré. Avant la grossesse, elle a arrêté de prendre la pilule pour avoir un enfant, mais il ne venait pas. Alors, elle a consulté un gynécologue et tout le monde lui a dit qu'il n'y avait aucun problème et que c'était du fait de trop vouloir qu'il ne venait pas.

Elle raconte qu'elle a eu besoin d'attendre huit mois et puis Layla est venu au monde. Elle dit qu'elle adore Layla. Elle dit qu'elle adore tous ses enfants mais Layla c'est... (elle ne complète pas la

phrase, mais il me semble qu'elle voulait dire que Layla est spéciale). Elle raconte que Layla est venue dans un moment très dur de sa vie, qu'ils étaient loins de tous, qu'ils étaient installés, ils étaient tranquilles et qu'elle voulait vraiment un bébé, un deuxième bébé pour elle, et qui c'était une fille. Alors elle a été imensément contente, parce qu'elle même (Aminah) est la seule fille et qu'il y a quatre garçons dans sa famille d'origine. Donc, elle sait que quand une fille n'a pas de sœurs, elle ne peut pas partager des choses, elle ne peut pas discuter, elle ne peut pas dire des confidences, elle ne peut pas raconter sa vie, elle ne peut pas jouer ensemble. Donc, quand elle a eu Layla, c'était formidable. Elle dit que pour elle Layla c'était sa soeur, c'était sa copine, c'était sa fille. Je commente que Layla est venue pour lui faire compagnie et elle dit « Oui, exactement ! ». Elle dit qu'elle le sent même maintenant. Elle dit que quand Layla était bébé, elle lui parlait, elle lui racontait tout, et qu'elle ressemble un peu à Latifa quand elle avait un an et demi. À propos de Chafika, elle est venue d'une grossesse pendant qu'Aminah prenait Microvlar, quand elle donnait du sein à Layla et elle a tellement aimé et apprécié ce moment là de donner le sein à son bébé. Elle raconte qu'elle prenait tout son temps pour lui donner le sein et se trouver avec elle, même quand elle était fatiguée ; pour elle, c'était un moment de détente. Donc, elle se mettait contre le mur, elle se mettait par terre pour lui donner le sein et ça la reposait, ça la relaxait. Elle a donné le sein à Layla jusqu'à quand celle-ci a eu 9 mois. Elle raconte qu'elle voudrait que Layla reste toujours son bébé, qu'elle ne voulait qu'elle... (elle ne complète pas la phrase). Donc, elle prenait Microvlar pour ne pas prendre un autre fils et « Yap ! J'ai eu Chafika » (elle parle comme si elle était un peu déçue). Elle raconte qu'elle ne voulait pas Chafika. Elle dit que c'est dommage, que ce n'est pas bien de le dire, que Chafika est là, qu'Aminah est contente de l'avoir et l'adore, mais c'était trop. Elle répète que c'était trop, que Layla était petite : « Comment je vais faire ? Un an et demi ... ».

Elle m'explique que quand elle a eu Chafika, Layla avait un an et demi, alors elle est tombée enceinte quand Layla avait 9 mois de vie. Elle répète que quand elle a eu Chafika, Layla avait un an et demi. Aminah dit qu'elle a pleuré et pleuré, elle s'est renfermée (quand elle a su qu'elle était enceinte de Chafika), qu'elle ne voulait pas Chafika, elle n'avait pas envie d'elle. Elle se disait : « Qu'est-ce que je vais faire avec ? ». Aminah raconte que Layla a senti l'arrivée du bébé, elle a vu qu'Aminah était enceinte et, le dernier moment, elle a commencé à être fatigante, épuisante, elle a commencé à hurler et à pleurer, elle se jettait par terre. Aminah pense que Layla était un peu jalouse ou elle ressentait le fœtus, qu'elle (Aminah) ne sait pas comment expliquer. Aminah raconte que Layla est devenu très hiperactive, presque comme Cha... (elle fait une acte manqué) comme Latifa. Le petite touchait à tout, si on lui disait « non », elle mettait sa main ; très petite, elle avait du caractère. En fait, elle montait des escaliers, elle est tombée et le moment où Chafika est venue était très dût pour elle (Aminah). Donc, elle a eu Chafika et après celle-ci a commencé à grandir ; ensuite, malheureusement, elle s'a divorcé de son ex-mari. Elle raconte que son mari lui a menti, qu'il lui a caché un certain truc pendant dix ans. Elle dit qu'elle est vécu une mesonge et ça l'a fait beaucoup de... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte que depuis tout au début elle avait de doutes sur lui et sur cette affair.

Cependant, lui, il nie formellement et elle n'avait pas de preuves ni une mode de l'accuser. Elle dit qu'elle a attendu pendant dix ans de sa vie, qu'elle a su la vérité après dix ans. Donc, elle a divorcé, mais il y avait les enfants qui étaient là et elle était seule. Elle répète que quand elle a voulu divorcer, elle était seule, et que finalement il fallait qu'elle ait géré trois enfants pour savoir la vérité et divorcer. Alors, après le divorce, Layla est devenue très calme et très douce. Elle raconte que Layla pleurait facilement, mais même maintenant, quand ça ne va pas, elle craque. Elle dit que c'est bizarre mais il y a quelque mois, Layla a commencé à avoir un petit peu de caractère, plus de caractère qu'avant. Layla a commencé à dire « Non ! » et, quand ça ne lui plaît pas, elle montre, elle claque la porte, ce que n'arrivait pas avant. Un mois avant, si Aminah lui disait « Fais ça ! », elle faisait sans commentaires, sans parler. Aminah raconte qu'elle se dit que cette caractéristique de la fille lui plaît (à Aminah), parce que si Layla restait comme ça, elle ne saurait pas se défendre. Elle dit que la fille serait peut-être comme elle même (Aminah) qu'elle n'était pas assez défendue ; alors il faut avoir du caractère pour qu'elle se défende. Cependant, elle reste quand même toujours une fille agréable, sage, obéissante. Aminah dit que Chafika est différente et Latifa est encore différente, (elle parle dans un ton de fierté et enthousiasme la partie concernant Latifa). Aminah dit que Latifa se réjouit, c'est un bébé, mais on ne dirait pas que c'est un bébé : elle sait tout, elle touche à tout, elle parle, elle ne dort pas beaucoup le soir. Le matin c'est tout le temps comme ça, Latifa se pile, elle touche à tout, elle veut tout, elle ouvre les armoires, elle a envie de tout, elle sait tout, c'est un bébé amour. J'essaie de lui demander à Aminah si elle habitait là avec ses enfants, mais elle m'interrompt. Toutefois, elle répond ma question et dit qu'elle habite là avec ses enfants. Elle répète qu'elle habite avec ses enfants et ajoute qu'elle habite aussi avec son deuxième mari, son compagnon et qu'ils vont se marier bientôt. Elle raconte qu'il y a aussi son fils aîné (à Aminah) qu'habite à côté avec son père (son ex-mari). Aminah raconte que quand elle a eu Latifa, elle lui a sollicité (son premier mari). En ce moment là elle avait beaucoup de travail et elle ne pouvait pas s'occuper de tout le monde. Donc, elle a vu que son fils aîné a rechuté un peu et elle a sollicité à son papa qu'il puisse l'aider à sa vie scolaire. Je confirme que Latifa est fille de son deuxième mari et elle répond qu'oui. Elle continue en disant que son premier mari a profité de l'occasion pour récupérer son fils aîné à son domicile fixe, et il est maintenant chez lui. Donc, elle a dit à son fils : « Non, ce n'est pas possible, on va faire une procédure, tu restes avec moi ici ». Cependant, elle a vu que son enfant disait « Toi, tu pleures, papa, il pleut, pour quoi, qu'est-ce que j'ai fait ? ». Elle a vu que son enfant était mal et pour l'intérêt de son fils elle a fait un pacte avec lui en lui disant « Tu viens quand tu veux chez maman, la porte est ouverte, je suis là pour toi, je te laisse le choix », parce que vraiment ça la perturbe.

Je comment qu'elle a passé une période très difficile, toute seule avec trois enfants, et elle dit que oui, que c'était difficile, très difficile, mais que ce n'est pas de fait qu'elle était avec trois enfants, ce n'est pas ça le problème. Elle dit qu'il y a des milliers de mamans qui sont seules, elles sont courageuses, elles sont braves et il faut avoir de la volonté, il faut être courageuse, et sin on aime des enfants, on se bat pour eux. Elle dit que les enfants sont la renaissance de la vie et pour elle il n'y a pas

de raison pour qu'elle basse les bras ou qu'elle soit fragile devant ses gosses et même si elle l'est, elle est toujours là, et ils ont besoin d'elle, il faut être là pour eux. Elle dit que pour elle c'était une autre chose : elle était abattue dans le sens où elle avait vécu avec son ex, la trahison et les mesonges et au bout de dix ans elle a eu l'impression qu'elle avait raté sa jeunesse, sa vie. En même temps qu'elle pense « Non, je n'ai pas gâché, au contraire, c'est un bonheur ». Elle dit qu'elle a ses enfants et elle pense à l'avenir, et que quand elle sera incapable de pouvoir se lever, ils seront là pour elle, ils vont l'écouter, ils vont parler. Elle dit qu'elle a la chance de les voir grandir et qu'ils soient là, surtout Layla avec qui elle a une certaine complicité. Elle (Layla) sent quand elle (Aminah) est fatiguée, elle vient : « Maman, je te brosse des cheveux, je te peigne les cheveux ». Layla lui fait des bisous, des calins, elle est toujours là. Elle dit que Chafika est là aussi, mais elle est différente, elle est plutôt..., elle a envie de... (Aminah ne complète pas les phrases). Aminah continue, en parlant de Chafika, qu'il est difficile d'être à la place du milieu. Elle (Chafika) a envie de grandir quand elle voit Layla et elle veut faire tout comme Layla et d'un autre côté, quand elle voit Latifa, elle a l'impression que sa place est la partie du bébé, elle a envie d'être le bébé de maman toujours. Donc, parfois elle (Chafika) sait très bien s'habiller seule, mais elle ne veut pas. Elle attend qu'il soit elle (Aminah) qui l'aide. Et par exemple, elle défait la chambre, elle sait bien jouer, mais quand elle (Aminah) lui demande ranger, c'est toujours Layla que la range. Chafika ne la range pas, sous le prétexte qu'elle est fatiguée, qu'elle ne peut plus, alors quelque fois, elle est un bébé. Elle raconte que Chafika a toujours un rhume et que maintenant les choses vont mieux. Elle ajoute que Chafika était bruisseuse et qu'à un an et un an et demi elle ne faisait que pleurer. Elle raconte que Chafika est vraiment une fille qui pleure (Aminah fait un bruit de'impatience rrrrrrrr), dès qu'elle ne peut pas, dès qu'elle n'arrive pas, elle pleure. Aminah dit que cette conduite de la fille l'agaçait (à Aminah) et qu'elle préférerait que la fille lui disait : « Maman je veux ça, je ne veux pas ça ». Donc, elle s'enèreve, elle s'exprime tout pleurer comme ça pour rien. Aminah raconte que maintenant la fille s'est calmée, elle pleut moins, elle s'est calmé et Chafika pleut de moins en moins : elle pleut quand elle est fatiguée ou quand elle a vraiment envie de quelque chose. Aminah dit que c'est vrai que ça a changé un peu, qu'elle a l'impression qu'elle a grandi un peu et qu'elle (Aminah) se sent soulagée.

Aminah raconte qu'avec Latifa, c'est une autre chose, que c'est : « Je fais ce que je veux, quand je veux et ce n'est pas moi que va obéir, c'est vous qui allez m'obéir ». Toutefois, Latifa est un bébé, elle est pleine d'énergie, pleine de forme et de force, mais à son avis (à Aminah) ça va changer. Je lui demande pour quoi elle croit que ça va changer. Aminah répond que c'est parce que maintenant Latifa s'affirme, et ensuite elle se corrige et dit qu'il ne s'agit pas de s'affirmer mais que Latifa est en train de montrer qu'elle est là, qu'elle existe, qu'elle fait ci, qu'elle fait ça. À son avis ça va changer le jour où elle va être à l'école ou elle va être à une crèche, car elle a besoin d'être entourée. Aminah dit qu'il lui semble que Latifa a envie d'être avec beaucoup de gens, qu'elle a envie de partager des choses avec d'autres enfants, découvrir d'autres caractères. Aminah continue en disant que Latifa est pleine d'énergie, qu'elle est pleine de force, qu'elle a envie de bouger et ici elle se dit qu'il y a maman

et il y a ça et il y a ça, donc elle fait ce qu'elle veut quand elle veut. Comme Aminah a fini son discours, je lui propose de voir les tableaux du CAT-A, et je les donne des orientations de notre activité. Latifa essaie de prendre les tableaux et moi, je lui dis, avec beaucoup de tendresse, qu'elle ne peut pas leur prendre. Donc, je lui donne un autre tableau du CAT-A que je ne vais pas utiliser pour qu'elle joue et soit occupée. Je lui donne le tableau avec l'image des chiens ; Aminah voit l'image et sourit. Latifa me regarde encore et essaie de prendre ma trousse où ils sont mes stylos : j'ouvre la trousse, je lui donne un stylo et une feuille de papier pour qu'elle puisse « dessiner ». Elle prend le matériel et d'une façon très calme, Aminah regarde Latifa et dit « Tiens, dit 'merci', 'merci' ! ». Toutefois, quand je montre le premier tableau à Aminah, Latifa essaie de le prendre et je lui propose de voir le tableau avec sa maman. Aminah fait un petit bruit dirigé à Latifa, d'une façon tendre et regarde l'image.

Tableau 1

Latifa essaie encore de prendre le tableau et Aminah, d'une façon affectueuse lui dit « Latifa, Latifa, Latifa, Latifa, non, non, non, non, non, non, non. C'est suffit ! ». Aminah dit, d'une façon calme (elle se dirige aussi à Latifa) : « Oh, c'est très beau. Il y a la poule, elle est là ! » Latifa balbutie comme si elle voulait parler quelque chose. Aminah lui réponds « Oui, elle (la poule) regarde les petit poussins. Donc, elle est où, Layla ? Elle est là au milieu, parce que c'est la plus grande. Et Chafika, elle est là ? Et Latifa, mon bébé, elle est là ! » Aminah rit et fait un bisou à Latifa. En même temps qu'elle parle du tableau pour faire l'activité, elle se dirige à Latifa. Celle-ci balbutie et essaie de prendre le tableau mais Aminah lui dit tendrement « Non, non, non, non ». Aminah continue (elle se dirige à moi et à Latifa en même temps) et dit « Regarde, la poule c'est maman ». Aminah me demande si je vais montrer les mêmes tableaux à Layla et je réponds que oui, mais que pour elle (Aminah) je demande qu'elle me raconte de sa relation avec Layla dans une situation comme celle-là. Elle me demande de répéter et je le fait. Ensuite, je lui demande qu'elle me raconte comment est son expérience dans la situation de repas avec Layla.

Aminah dit que Layla mange très bien, qu'elle a un très bon appétit, qu'elle n'est pas exigeante qu'elle n'a pas de choix particulier. Elle mange de tout. Quand Aminah la met à la table, et elle la met souvent le soir, elle fait qu'elle dîne toute seule, le soir, parce qu'elle se couche à 20:00h, parce qu'elle aime bien qu'elle soit en forme la journée. Donc, à 19 :00h elle mange et elle (Aminah) la met à la cuisine et reste avec elle. Aminah dit qu'avant, elle lui donnait à manger seule, mais maintenant Chafika veut rester avec elle, elle veut être avec sa sœur. Donc ce qu'elle met dans l'assiette, elle mange. Aminah continue en disant que Layla mange tout, le poulet, les légumes, frites. Je lui demande comment est la situation quand les filles mangent. Elle dit que si elles mangent, elles sont bien, elles parlent entre elles et que si elle (Aminah) est là, les filles lui racontent des trucs qu'elles ont magé à la cantine, qu'est-ce qui a été fait à la cantine. Elles racontent de ses copains, de ses copines, de l'animatrice, mais en général Aminah dit à ses filles : « Quand on mange, on mange, on ne parle pas,

je peux vous écouter si vraiment il y a un truc important ». Aminah raconte que Chafika, quand elle parle, elle ne mange pas et après elle dit qu'elle n'a plus faim, mais par rapport à Layla, ça se passe très bien. Elles racontent qu'est-ce que s'est passé pendant la journée, qu'est-ce qu'elles aiment, si c'était bon ou pas bon, si c'était bien cuisiné. Elle dit qu'en général Chafika dit qu'elle n'aime pas ça (quelque chose qui est dans son assiette) et demande à Aminah de l'enlever. En ce moment, Latifa essaie de prendre le tableau et avec délicatesse je lui reprends et je lui donne à nouveau à Aminah. Je lui demande si elle pourrait continuer. Elle regarde le tableau et dit que l'aîné est là (elle pointe un des poussins), qu'en général Layla se met à côté, et au côté-là (elle fait référence à Chafika) et Latifa est au milieu. Elle me rend le tableau et je lui présente le deuxième.

Tableau 2

Elle sourit et dit : « un tirer à la ... » et rit. Elle continue en disant : « Je crois... ce n'est pas un des parents, non... ? ». Je lui dis que elle peut faire comment elle veut parce qu'il n'y avait pas de réponse correcte, c'est comme la personne et elle complète ma phrase « le voit ». Elle hésite pour 10 seconds en regardant le tableau. Après elle commence à murmurer qu'est-ce qu'elle pourrait dire. Elle continue, toujours en murmurant, et dit que les parents sont là, que l'enfant est là et que le papa est de l'autre côté et que peut être... elle ne complète pas la phrase et hésite. Je lui demande si le tableau lui rappelait quelque chose par rapport à son expérience. Elle dit : « La force, je ne sais pas, je vois ça, le tirer... Qui est plus fort et qui est plus faible ». Elle murmure d'une façon presque inaudible, que là il y a deux et que l'autre est seul. Layla fait beaucoup de bruit avec la feuille de papier et les stylos. Aminah fait une pause très longue. Elle est netement gênée par l'image et ne réussit pas à continuer. Je prends le tableau et je lui dis que j'irais lui montrer le prochain.

Tableau 3

Elle rit et dit : « C'est le roi. C'est le papa ou la maman ». Il est à son siège, il a son... (Elle ne complète pas la phrase). Aminah murmure et il est un peu difficile de l'entendre. Elle hésite et après elle continue en disant que c'est plutôt le papa qui est à son siège et qu'en fait c'est lui qui... (elle hésite) est le roi de la maison. Elle dit qu'à sa maison il n'y a pas de roi, qu'à sa maison, elle ne croit pas que... (elle ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que c'est le roi de... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'en général c'est le papa qui est le roi de... le roi, c'est ... (Elle murmure tout le temps et ne complète pas les phrases). Elle dit que c'est lui qui gère tout, c'est lui qui domine tout (elle parle chaque fois plus bas). Elle s'arrête et je lui demande qu'est-ce qu'elle pense de cette situation. Elle répond que ce qu'elle pense, en général, c'est faux, parce qu'en vrai sens, c'est la maman qui gère tout, c'est la maman qui fait... (elle ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que tout le monde travaille, mais le roi c'est la maman. Elle dit que c'est vrai que le père, il est là, mais sa présence, elle est à distance. Elle dit que d'abord, c'est lui qui va au charbon (elle commence à parler un peu plus fort sans murmurer, comme avant). Elle dit que ces sont des idées perçues, mais

maintenant c'est la maman qui fait tout, c'est la maman qui éduque les enfants, qui va au charbon comme le papa, comme le roi (la tonnalité de sa voix change quand elle dit « roi »). Elle continue et dit que c'est la maman qui s'occupe de l'éducation des enfants, c'est elle que les habile, c'est elle qui les conduit à l'école, c'est elle qui fait à manger, c'est elle qui fait... (elle ne complète la phrase, mais il me semble qu'elle veut dire « tout »). Elle continue en disant que c'est vrai que la présence du père est importante pour le rôle d'image des enfants, pour avoir un équilibre. Elle commence à murmurer à nouveau et continue en disant qu'ils (les enfants) ont besoin de dire « papa », ils ont besoin d'appeler quelqu'un comme père et qu'elle a vu ça ; alors (le père) c'est important. Pour l'estimer à parler un peu plus, je lui dis que les choses ont beaucoup changé. Elle a dit que oui, que les choses ont beaucoup changé, mais même avec son compagnon, ils arrivent à dire... (elle ne complète pas la phrase. Elle dit qu'elle essaie de le récupérer un peu, mais que ce n'est pas évident. Elle ne peut pas se mettre à leur place et en même temps c'est difficile de les imposer de trucs, donc il faudra vraiment qu'elle le fasse, de sorte que se passe bien pour tout le monde. Elle répète « Pour que ça se passe bien pour tout le monde ». Elle raconte qu'elle a expliqué à ses enfants que leur papa c'est leur papa et que lui (son compagnon) est lui, que son deuxième mari est leur deuxième papa, que c'est une chance qu'elles ont d'avoir deux papas. L'autre c'est le vrai papa, qui les a mis au monde, le papa biologique, et là c'est le papa qui s'occupe d'elles, qui aide maman à leur éducation et qui fait ça, et qui fait ça, et que... (elle ne complète pas la phrase). Elle continue en disant qu'elles (ses filles) sont là, qu'elles sont contentes, qu'elles l'aiment bien, que c'est « Papa, papa, papa là » et elles font des bisous, des câlins et... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit que maintenant ses filles la comprennent, qu'avant c'était difficile, mais maintenant elles sont au courant des choses. Elles savaient que c'est leur papa, quand cela ne les plaît pas elles le disent « Papa, il m'a fait si, il m'a fait ça » et quand ça se passe bien, elles... (elle ne complète pas la phrase). Ensuite, elle dit que les choses s'arrangent. Elle dit qu'en général les enfants ne parlent que de ce qu'ils vivent, que c'est leur marque. Elle raconte que, par rapport à elle, elle n'a pas de souvenirs de sa vie de tous les jours avec ses parents. En ce moment Aminah essaie de retirer le stylo de Latifa et celle-ci commence à crier très fort. Elle la rend le stylo et continue en disant qu'elle n'a pas de souvenirs de sa maman. Latifa recommence à crier mais elle arrête ensuite. Aminah recommence à murmurer et il devient impossible de l'entendre clairement ; toutefois le thème est encore l'absence de souvenirs de son enfance. Je dis à Aminah que ce n'est pas facile de gérer une famille et elle m'interrompt en disant que ce n'est pas facile de gérer une famille recomposée comme la sienne, mais qu'avec elle, ça se passe très bien. Elle continue en disant que sans être prétentieuse, mais pour une famille recomposée, la sienne se passe bien. Elle dit que ça se passe comme ça parce qu'heureusement tous les deux comprennent les choses et c'est très dût, mais en général ça se passe très bien. Elle dit que, sans être prétentieuse, elle essaie d'analyser les choses et elle n'est pas quelqu'un que, par exemple, par rapport à ses enfants (à son mari), elle ne se mêle pas d'eux (elle parle d'une façon un peu confuse en ce moment). Elle dit qu'elle parle à ses enfants « Fait ça et ne fait pas ça ! ». Elle donne des conseils aux enfants de son mari, mais sans vraiment qu'il pense qu'elle

(Aminah) est en train de leur dire des ordres, donc ça se passe bien. Alors, elle pense que c'est ça et que maintenant elle ne sait pas trop comment je vois les choses (elle m'interroge indirectement) et que c'est réciproque (la façon dont son compagnon parle à ses filles). Elle dit que son compagnon adore ses filles, il les aime, il les soigne, il les chouchoute, mais il lui a demandé un truc. Il lui a dit qu'il se lève très tôt le matin (4 heures du matin) et qu'il aimerait bien que le soir soit toute calme, qu'il aime bien sa tranquillité. En ce moment Latifa commence à crier. Aminah continue son récit en disant qu'il laisse ses enfants à la garderie, que ce n'est pas à cause de lui, mais parce qu'elle (elle dit « moi » d'une façon très emphatique) ne peut pas faire autrement. Latifa commence à balbutier très fort et il est difficile de comprendre le récit d'Aminah en ce moment. Elle continue en disant que les filles aiment bien la garderie et elle les récupère à dix-huit heures et trente. Latifa crie et Aminah raconte que le soir, quand les filles rentrent, elles prennent une douche, elles mangent à dix-neuf heures ; entre dix-neuf heures et vingt heures ou vingt heures trente, elles restent avec Aminah un petit moment (vers un quart d'heure) ; après, Aminah les monte en haut où il y a la télé. Donc, elle se met avec elles et elles discutent comment s'est passée la journée, pendant que son compagnon puisse rester un peu tranquille. À vingt et une heures et trente, Aminah va se coucher. Elle dit qu'elle aussi s'occupe de Latifa. Pour être sûre de ce qu'elle m'avait dit, j'essaie de le répéter. Je parle qu'elle me disait que le soir elle reste avec ses filles pour que son compagnon soit tranquille. Aminah réponds que non, qu'il veut rester tranquille et que si elle met les trois filles ici, elles font de bruit (elle m'interprète comme si je lui avais dit que ce qu'elle faisait n'était pas bien). Alors il les appelle, il leur fait des bisous et il leur parle « Ça va ? Ça va, ma chérie ? ». Après il vient avec Aminah quand elle leur donne à manger, et parfois il leur regarde, surtout à Chafika qui a du mal à manger. Celle-ci, quand elle finit, elle lui ramène l'assiette et dit : « Papa, j'ai fini ! ». En ce moment, quelqu'un arrive à la maison. Aminah met Latifa au sol et va à la porte. Latifa court jusqu'à la chambre. Aminah revient ensuite. Aminah continue son récit et répète qu'après qu'elle leur donne à manger et que ça c'est fini, elle les monte et là elles regardent la télé, qui est en haut. Aminah répète qu'elle monte avec elles et leur parle, discute la journée, comment s'est passé à l'école, si il n'y a pas de problèmes. Elle regarde aussi les cahiers, si elles ont fait ses devoirs ; elle raconte que les filles font ses devoirs à la garderie, mais Aminah regarde ce qu'elles ont fait.

En ce moment là, Latifa retourne très contente avec une petit radio qui joue de la musique maghrébine. Aminah la reçoit avec douceur et enthousiasme : « Oui ! Merci, Latifa ! ». Latifa nous montre la radio et semble être très satisfaite. Aminah essaie de prendre la radio de Latifa mais celle-ci crie fortement. Aminah lui rend la radio, mais après l'avoir éteint. Elle continue en disant que donc elle monte avec ses filles et vers vingt heures et vingt heures trentes elles vont se coucher. Alors elles lui disent « Bon soir, maman », elles lui font des bisous. Après, Aminah descend pour continuer à s'occuper de Latifa. (En ce moment Latifa crie fortement). Aminah continue en disant qu'en général, après vingt et une heures, elle et son mari ont un petit moment les deux.

Latifa crie, Aminah la prend dans ses bras et me rend le tableau. Avant que je lui présente le quatrième tableau, Aminah continue son récit spontanément en disant que avant, c'était un peu différent. Elle dit que les algériens ont une structure un peu différente et qu'elle a vu ça. Elle dit que ce n'était c'est pas forcément avec elle, qu'avec elle c'était toujours comme ça, qu'elle savait que ses parents faisaient la sieste, dormir plus tôt pour avoir plus de force et d'énergie pour aller à l'école, mais chez certaines familles, ça ne se passe pas comme ça. Elle continue en disant qu, il (l'enfant) va rentrer tard, ils (les parents) ne lui mettent pas à coucher tôt, et l'enfant, il est fatigué, les parents ne savent pas qu'il est fatigué (en ce moment, Aminah bâille et sa tonalité de voix est de quelqu'un qui a du sommeil) qu'il a besoin de dormir. Quand elle a vu ça, elle s'est dit : « C'est vrai, on ne se rend pas compte ». Elle raconte que quand elle est partie cette année à son pays, il y avait beaucoup de bébés, des enfants qui, à minuit ou une heure ils étaient encore là; ils ne dorment pas parce que les parents ne dorment pas. Il faut qu'ils mettent l'enfant à côté d'eux. Elle dit que cette situation n'est pas bien, parce que l'enfant, après, il est fatigué, il est épuisé, il veut dormir, il est désagréable et les parents ne comprennent pas (qu'il est fatigué). En ce moment, Latifa allume la radio à nouveau et la musique maghrébine continue. Latifa commence à danser et Aminah et moi, nous devenons enchantées avec elle. Nous la regardons pour un petit moment. Après ça, Aminah éteint la radio, prend Latifa dans ses bras et sourit. Je lui présente le quatrième tableau.

Tableau 4

Aminah sourit et dit, par rapport à la maman kangourou : « C'est la maman, avec son chapeau ». Elle rit à nouveau et dit que la maman kangourou, « Elle est coquette, en plus, elle a un beau chapeau, elle a un sac à main, oui ». (L'image lui plaît beaucoup). Aminah regarde le petit kangourou dans le sac de la maman et demande à basse voix: « C'est un chauve souris, c'est ça ? » Je ne réponds pas et elle reste en doute. Elle continue, mais elle n'est pas très sûre : « Un chauve souris ou un bébé... ? » Elle me regarde d'une façon interrogative. Je décide de donner mon avis pour ne pas compromettre notre relation. Je commence à parler très doucement, en attendant qu'elle puisse compléter mes phrases pour elle même. Je dis : « C'est un kangourou... un petit kangourou (je pointe le kangourou enfant plus grand, qui n'est pas son objet de doute). Elle continue en disant, peut-être sont ses enfants, elle a toujours ses enfants là. Elle hésite un peu et Latifa commence à balbutier. Elle hésite à nouveau et dit que pour elle, c'est ça. Je lui demande si l'image lui rappelle quelque chose. Elle dit que oui, bien sûr, que ça lui rappelle la maman et l'amour qu'elle donne à ses enfants. Elle protège ses enfants quelque sorte, ils sont (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que la maman kangourou est toujours à les sortir, les promener, les conduire. Aminah arrête de parler et Latifa allume la radio à nouveau. Je dis à Aminah qu'il y a des personnes qui voient d'autres choses à cette image. Elle est un peu surprise et me demande « Ah, oui ? C'est vrai ? » Elle dit que ce qu'elle voit c'est la maman qui est là, qui promène ses enfants (Aminah éteint la radio de Latifa) qui

s'occupe de ses enfants, qui est joyeuse en fait. Elle continue en disant que la maman les protège, elle les conduit, elle est toujours en route. Elle dit qu'elle les voit comme ça.

Par contre, son mari préfère rester seul, calme. Aminah rit en remarquant la différence entre elle et lui. Je lui rappelle qu'elle avait dit par rapport au tableau précédent (3) que c'est la femme qui fait tout. Elle dit que oui, que leur père aime être toujours seul, qu'il aime sa tranquillité. Elle essaie de se corriger en disant qu'il y a des papas qui partagent certains trucs avec la maman, mais en général, par rapport à la femme, c'est elle qui fait tout. Latifa recommence à crier. Aminah continue en disant que même quand les enfants ne sont pas bien, ils se confient à leur maman plus qu'à leur papa et que la maman est très, très proche de ses enfants que le papa. Elle continue en disant que, après, cela dépend de la situation, de l'âge, du contexte, parce que, dans un grand sens, elle se sent plus proche de son père que de sa mère. Elle répète qu'elle se sent beaucoup plus proche de son père que de sa mère. Elle raconte que sa mère est proche d'elle sur certains trucs, mais elle ne peut pas comprendre ce qu'elle (Aminah) ressent, elle ne la sent pas... (Aminah ne complète pas la phrase et, en ce moment, elle a un peu de difficulté de parler). Elle continue en disant que sa mère veut la voir toujours bien, toujours en forme. Elle ajoute que, toujours, c'est elle (Aminah) qui s'occupe de ses parents, qui pense à eux, qui... (elle ne complète pas la phrase). Aminah continue en disant que sa mère ne veut pas la voir comme la fille qui a besoin d'affection, qui a besoin d'être écoutée, qui a besoin d'être... (elle ne finit pas la phrase). En ce moment, le ton de voix d'Aminah est un peu altéré, et elle parle d'une façon excitée). Elle dit que sa maman lui fait plaisir, mais elle ne comprend pas ce qu'elle (Aminah) attend d'elle. Par contre, cela arrive avec son père. Elle raconte qu'après ce qu'elle a vécu avec son ex-mari, elle a trouvé en son père plus de compréhension par rapport à sa mère. Dès qu'il voit qu'elle (Aminah) n'était pas bien il lui dit « Ah, ma fille, qu'est-ce que tu as ? Tu n'es pas bien... ». La voix d'Aminah est douce en ce moment. Je comment qu'elle me dit qu'elle peut compter sur son père quand elle a des problèmes. Elle répond que oui, qu'elle peut compter plus sur son père que sur sa mère. Aminah dit qu'elle lui confie plus, parce que, par rapport à sa mère, elle a l'impression que celle-ci n'arrive pas à garder ses secrets, par exemple. Elle dit que ce n'est pas qu'elle a du mal, mais, sans le vouloir, elle parle, pour elle c'est normal, c'est rien, mais pour elle (Aminah) c'est beaucoup. Parfois sa mère pense qu'elle (Aminah) le parle un secret comme si ça n'était rien d'important. Cependant, en vrai, Aminah le confie à elle. Elle dit qu'elle lui parle (à sa mère) de son cœur et sa mère, tout de suite après, elle voit sa mère parler de lui comme si ce n'était pas un secret, como si ce n'était pas grande chose. Aminah dit qu'elle a envie de partager les choses avec sa mère, mais celle-ci ne comprend pas qu'elle (Aminah) a besoin d'elle, même qu'elle (Aminah) est vieille. Sa mère croit que ça y est maintenant, qu'elle (Aminah) est autonome, qu'elle a ses enfants, sa vie et c'est à elle (Aminah) de s'occuper d'eux. Elle dit que ça c'est vrai en fait, que dans le sens matériel ou autre, s'ils ont besoin d'elle (Aminah), elle sera là pour eux. Toutefois, elle a toujours besoin de ses parents. Aminah dit qu'elle croit qu'on a toujours besoin des parents, qu'elle croit que même si on est vieux, on a toujours besoin de nos parents, que pour elle c'est important. Je comment qu'il me semble qu'elle essaie de faire des

choses différentes avec ses enfants et elle confirme. Je lui dis aussi qu'elle essaie de rester beaucoup de temps avec eux. Elle m'interrompt et dit que oui, parce qu'elle (sa mère) a été une femme qui travaillait tout le temps, qu'elle a travaillé dans le métier de coiffeuse et elle (Aminah) l'a suivie. Aminah répète qu'elle est aussi coiffeuse, mais qu'elle ne ferait jamais fait ce boulot comme sa mère l'a fait. Elle dit qu'elle aime bien la coiffure, que c'est sa passion, mais sa vie, ses enfants passent avant le travail. Elle dit que ça c'est clair. Elle dit qu'elle se souvient comment elle a ressenti quand elle était petite le manque d'affection et elle n'a pas envie que ses enfants ressentent la même chose.

Je lui dis, qu'en général, les gens parlent que les mères maghrébines sont très chaleureuses et Aminah m'interrompt : « Non, comment vous expliquer ça... ? » Elle dit, alors, que sa mère est très chaleureuse, très généreuse et qui fait tout pour eux (ses enfants). Sa mère peut aider ses enfants, mais il n'y a pas de complicité comme elle a avec son papa, que c'est différent. Aminah dit qu'elle a besoin de complicité avec sa mère et elle ne l'a pas, elle ne peut pas l'avoir. Par contre, avec son père, elle l'a. Son père, si demain on va discuter ensemble, ça reste là. C'est l'homme qui va l'écouter, qui va être plus attentif, qui va voir des choses autrement que sa mère. Aminah dit que sa mère est un peu âgée, mais elle est toujours jeune d'esprit. Elle est resté très très jeune, très, très... (Aminah ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle ne peut pas dire que sa mère n'est pas mature, n'est pas mûre, mais elle est moins mûre que son père. Elle dit que son père est assagi quand on discute avec lui, quand elle lui raconte des choses, quand elle prend conseils, il sait l'orienter et il se trompe rarement. Donc, Aminah le trouve, de ce côté là. Sa mère, du côté affectif, elle est toujours là, c'est la maman poule, mais c'est excessif aussi, parce qu'elle (Aminah) voit que ses frères, parfois, ils ont raté leurs vies à cause de ça. Parce qu'elle (sa mère) les a trop chouchouté, trop, trop, trop. Elle a fait des enfants, comme on dirait, elle dit jamais « non », elle dit « oui », même si c'est que l'enfant a fait n'est pas bon, mais c'est son fils. Alors, c'est comme ça, c'est son fils, si elle l'aime, il a raison (elle rit). Aminah raconte qu'elle a un frère que après qu'il s'est marié, il ne travaille pas et que ce n'est pas logique quelqu'un que s'est marié et ne travaille pas (elle parle comme si elle posait une question rhétorique à son père). Elle continue en disant que ce n'est pas logique, on se marie, il faut qu'on travaille. On fait venir une femme en plus à la maison, chez son papa. Et le papa il l'a fait pour se retraiter ; il a sa retraite, il gère ses enfants et une belle-fille en plus et le mari ne travaille pas. Aminah continue comme si elle posait des questions à son père : « Je vois bien qu'il y a l'amour, qu'il y a tout ce que vous voulez, mais soyons logiques, en soyons réalistes, ses petits chez vous ? Vous avez travaillé pour nous et maintenant nous sommes adultes et c'est à nous d'assumer nos vies. Je suis désolée, mais maintenant vous êtes retraité, vous avez besoin d'être tranquille chez vous. » Par contre, si elle lui dit ça, c'est bien, c'est son fils, ça c'est rien et... (elle ne complète pas la phrase). Aminah continue en disant que sa mère ne dit jamais « non » à ses enfants. En ce moment Latifa essaie de prendre un objet et Aminah la regarde et dit : « Latifa, non, on ne veut pas. Non, non, non, non, non, non, non. Non, non. Ça ce n'est pas pour Latifa. Non ! C'est degueulasse. Allez ! Non. » Aminah donne un autre jouet à Latifa pour changer ce qu'elle avait pris. Elle continue à dire « non » plusieurs

fois à Latifa, mais maintenant d'une façon plus douce et pas très emphatique comme avant. Finalement, après une petite résistance, Latifa accepte le jouet qu'Aminah lui donne. Le jouet fait de la musique et Latifa commence à jouer avec ça.

Je interroge Aminah sur sa famille en Algérie habitent aussi avec ses parents. Elle raconte qu'elle n'a pas des soeurs, seulement frères. On parle qu'elle est la seule fille et je lui rappelle qu'elle m'a parlé de son envie de partager les choses... Elle m'interrompt et raconte que quand elle a eu une fille, ils étaient très contentes, ils ont dit : « Heureusement, mon Dieu m'a écouté et m'a donné que des filles ». En ce moment il y a une interruption. Quand Aminah retourne, elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

Elle regarde le tableau, rit, hésite et dit à basse voix: « C'est une invitation, une invitation » Elle dit que ceux-là sont les parents, ce-là c'est le rôle de la grande soeur qui surveille ses soeurs, elle leur parle, et ceux-là sont les parents oon non, que ça dépend. Aminah a des difficultés par rapport à cette image et hésite beaucoup. Elle dit que le tableau ce n'est pas évident. Elle hésite à nouveau et dit qu'elle ne sait pas du tout et me rend le tableau. Elle se fait de souci si ça va nuire ma recherche (ne pas avoir fait ce que j'avais demandé). Je la tranquillise et je lui réponds que ce n'est pas grave et qu'elle m'avait déjà raconté beaucoup de choses de son expérience maternelle. Elle sourit et dit : « C'est vrai, on fait comme on peut ». Je prends le tableau et on commence à parler librement.

Je lui demande de me parler un peu plus de sa profession. Elle reprend qu'elle est coiffeuse de métier et qu'à l'année passé elle a fait une formation de styliste et visagiste, qu'elle avait envie de faire. Cela a été dût, parce qu'elle avait l'école, les filles, mais c'est normal. Elle parle que ce qu'elle veut dire c'est que quand elle a fait ça, c'était fatigant, mais ce n'est pas... (elle parle très bas en ce moment et ne complète pas la phrase). Par contre, les filles étaient fatiguées l'année dernière. Elle les avait envoyées en Algérie, chez ses parents, parce qu'elles l'ont demandé (elle met accent sur le mot « elles »). Elle dit que quand ses parents (à Aminah) sont avec elles, elles son très contentes. Aminah raconte que ses parents sont très proches de ses enfants, surtout Chafika, qui a beaucoup de cumplicité avec sa mère. Aminah raconte que dès que Chafika était petite, elle était liée à sa mère. Elle raconte que sa mère elle a vu l'accouchement, elle l'a assisté, elle est revenue, elle est restée six mois avec elle et après elle est partie et elle est revenue en un an, là. En fait, sa mère prenait les filles et disait à Aminah « Renvoies-moi mes filles, repose-toi, c'est les vacances, essaie de te... » (elle ne complete pas la phrase). Aminah raconte que, des temps en temps, elle essaie d'aller en Algérie. Elle raconte qu'elle a demandé à ses filles si elles étaient sûres (d'y aller) et elles répondent « Oui, maman », donc elle les a envoyés et elles sont parties. Aminah souligne que c'étaient les filles qui voulaient partir et qu'elles sont parties même sans l'embrasser. Latifa commence à crier en ce moment. Aminah raconte qu'elle a eu des difficultés en ce moment parce que ses filles lui manquaient beaucoup et à son mari : elle ne savait pas qu'est-ce qu'elles faisaient ; elles ont été envoyé et ont resté là pour quelques mois,

vers quatre mois. Elle dit qu'après c'était les filles qui ont commencé à demander, le moindre truc qu'elles voient, elles viennent en disant : « Maman, je veux rentrer chez vous, préparez ma valise, allez, allez ! »

Elle raconte que maintenant, Layla et Chafika sont très proches l'une de l'autre. Elle continue en disant qu'il n'y a pas beaucoup d'écart entre les filles, il y a un an et demi de d'écart, elles sont comme des jumelles, elles veulent faire des trucs ensemble. Aminah dit qu'elle adore voir les filles comme ça. Aminah commence à parler très bas en ce moment. Elle dit que maintenant, comme elles dorment séparément, elles lui ont demandé de rapprocher les lits et parfois Chafika veut aller au lit de sa sœur et qu'Aminah dort avec elles. Alors, Aminah ne la laisse pas faire ça. Chafika lui demande « Mais pour quoi ? » et Aminah lui réponds, « Non, j'ai besoin de dormir ». Aminah raconte que parfois cette situation c'est trop fort pour Layla et ça commence à l'étouffer (à la petite). Donc, quand Aminah voit que c'est trop, elle demande à Chafika qu'elle laisse un peu sa sœur ou qu'elle. Cependant, elle lui demande gentiment (elle parle pour trois fois qu'elle lui demande gentiment), pour qu'elle demande un petit moins à Layla.

J'essaie de lui demander de sa journée de travail, mais avant que je finisse ma question, Aminah me dit qu'elle ne travaille plus. Cette année elle a décidé d'arrêter de travailler un peu à cause de Latifa. Celle-ci était chez une nourrisse et se sentait très fatiguée. Aminah répète qu'elle a décidé d'arrêter surtout à cause de Latifa. Elle raconte qu'elle a déjà fait des grosses journées, de huit heures et demi jusqu'à dix-huit heures et trente, mais parce qu'elles (Layla e Chafika) voulaient rester à la garderie. (Aminah met accent à « elles »). Quand elles (les filles) restaient là, elles mangeaient à la cantine. Aminah raconte qu'elle a pensé que si elle commençait à les écouter (à les filles), ça serait fatigante de les récupérer et revenir avec Latifa et ça le coûtera un peu de ... (elle ne complète pas la phrase). Après, elle répète que ça serait fatigant.

Je demande à Aminah de me raconter un peu de la routine de ses filles. Je lui demande si le matin tous ses enfants vont à l'école elle dit que oui et que le grand garçon, qui est avec son père, va tout seul à l'école, au collège. Sinon elle prépare Layla, Chafika et Latifa et les amène à l'école. Par rapport à son fils, elle raconte qu'il vient parfois chez elle, mais qu'il n'y a pas des jours précis pour ça : il vient et il part quand il veut. Je lui demande s'il reste quelque temps avec elle et quelque temps avec son père. Elle répond que oui, mais qu'en ce moment là il est souvent chez son père et qu'il est un peu jaloux de Latifa. Aminah parle très bas en ce moment, comme si elle ne se sentait pas bien à cause de cette situation ; elle parle comme si elle ne savait pas faire différemment. Elle parle qu'elle ne peut pas non plus le pourrir la vie, donc elle lui a dit que s'il a envie de rester chez elle, il reste et s'il a envie de rester chez son papa, il reste (elle parle très bas en ce moment et semble un peu abattue).

Je commente qu'elle a une vie très occupée et elle répond que oui, que sa vie est très occupée et très chargée, qu'elle a toujours de choses à faire. Elle dit qu'elle a maintenant le repassage à faire, mais elle a un problème avec son fer à passer et répète qu'il y a toujours quelque chose à faire, toujours, toujours.

Je lui dis que j'ai l'impression qu'elle est très affectueuse avec ses enfants et elle répond que oui et sourit. Je lui raconte que j'ai connu quelques mères françaises et il me semblait qu'elles réfléchissaient beaucoup par rapport à l'éducation de leurs enfants. Aminah me dit que de quelque façon même elles (« nous, les mères maghrébines », elle dit) se culpabilisent en tant que parents. Elle ajoute que parfois on se met à arriver de se culpabiliser sur un truc ou... (elle ne compléter pas la phrase). Elle dit, en illustrant la situation : « Peut-être je n'ai pas de raison sur ça, je n'aurais pas dû me comporter comme ça ». Elle dit que c'est vrai que ça arrive mais, après, elle se dit que les enfants sont heureux, qu'elle aime bien s'occuper d'eux, qu'elle sait qu'elle fait le maximum pour eux, elle les aime, elle s'occupe d'eux, elle les protège et c'est déjà le principal. Elle dit qu'après ils (les enfants) ressentent ça, parce que les enfants sont très intelligents. Ils sont très capcieux, quand ils veulent avoir un truc, ils savent comment, mais ils sont aussi très innocents. Elle dit que les enfants n'ont pas des vices, ils sont directes, spontannés. Elle dit que par rapport à elle, ses enfants sont toujours là « Maman, maman » et ça c'est génial. Elle dit qu'elle a réussi à sa vie de maman et elle espère, la seule chose qu'elle prie, du matin au soir, est que ses enfants réussissent. Elle dit qu'elle a réussi à l'éducation d'eux et ça c'est important. Mais parfois, on ne peut rien, les parents ne peuvent rien parce que malgré l'éducation, parfois c'est le caractère, et quand c'est comme ça, ça sert à rien que les parents se culpabilisent. Par exemple quand on a des enfants qui ne réussissent pas ou qui devient malheureusement et même « cons » ou qui malheureusement font des bêtises graves et les parents se culpabilisent, « Oh, mon Dieu, qu'est-ce que j'ai fait de malheur » et parfois ils ont fait le maximum. C'est l'enfant qui est comme ça, c'est un truc de caractère, on ne sait pas, ce n'est pas forcément la faute des parents. C'est la faute des parents quand on ne parle pas avec les enfants, quand on ne leur montre pas, quand on ne leur guide pas. Elle dit que « nous » (les parents), on essaie de les guider, mais on ne peut pas leur tracer leur chemin. On les guide, on est là, toujours on leur montre du bien et du mal, ce qui est bien pour eux, ce qui est mal pour eux, qui est mauvais pour eux et qu'il fassent attention à ci ou à ça. Elle ajoute que, bien sûr, on fait ça toujours en leur expliquant pourquoi et comment, parce que c'est facile de dire « Fait ça, fait pas ça », c'est très facile de leur dire « Non ». Il faut leur expliquer pourquoi c'est « non », et ça c'est important. Aminah dit que même à Latifa, qui est un bébé, elle dit « Non, ne touche pas, parce que c'est dangereux ! » ; elle a dix-neuf mois, mais elle comprend tout. Aminah repète trois fois que Latifa comprend tout, même ce qu'on dit, ce qu'on parle, même si c'est parallèle. Elle raconte que quand elle et son mari discutent, en une discussion parallèle, ils se retournent et Latifa leur regarde. En ce moment, Latifa crie et essaie de prendre un objet et Aminah lui dit « Non, Latifa, c'est dangereux ! ». Latifa continue à crier et Aminah repète « Non, c'est dangereux ! C'est suffit, c'est dangereux ! » Après ça, elle embrasse Latifa tendrement et dit « U-là-là, mon bébé » et lui fait des bisous. Aminah repète à Latifa : « Ne touche pas à ça. C'est dangereux, ce n'est pas pour Latifa, ça ! ». Latifa sourit. Aminah l'embrasse et dit : « C'est bien ma chérie... » Latifa balbutie comme si répétait le « Non » d'Aminah. Après elle reste calme et Aminah aussi. Il y a une ambiance de tendresse.

Je demande à Aminah s'il y a quelque chose d'autre qu'elle voulait me dire et elle dit que non et qu'elle ne savait pas si elle a pu m'aider. Je la tranquillise et je lui dis que son entretien a été très riche. Elle dit qu'elle fait avec plaisir quand elle peut aider les gens. Latifa commence à balbutier. Aminah dit que parfois les parents ont besoin d'un modèle et ça c'est difficile de trouver. Latifa essaye de prendre le même objet qu'Aminah l'avait interdit et Aminah, très doucement lui dit : « Non, Latifa, ça suffit ! ». Latifa proteste un peu. Je demande à Aminah si Latifa a beaucoup de jouets et Aminah raconte qu'elle a des jouets, plein des choses et qu'avant elle les a laissés près d'elle, mais elle (Aminah) a vu que Latifa ne s'est pas intéressée beaucoup à eux. Je lui demande si elle ne s'intéresse pas aux jouets et Aminah répond que non, que ça lui fait peur (à Aminah) et qu'elle ne sait pas pourquoi. Aminah raconte que Latifa veut toucher à autres choses plus qu'à ses jouets, qu'elle allume le DVD et l'éteint, elle va à l'interrupteur et elle l'allume et l'éteint, elle retire la prise et la remet. Elle dit que ça c'est le signe des enfants très intelligents, très doués en fait. Aminah rit en ce moment et dit « Je ne sais pas, mais... je ne suis pas psychologue ». On rit et je dis que Latifa veut toucher les choses des adultes et Aminah dit que oui, parce qu'elle est entourée d'adultes. Je lui demande si c'était comme ça avec ses autres filles et elle répond qu'avec Layla c'était un peu comme ça : elle allumait le gas, mais que c'était une période où Chérine était bébé et elle (Aminah) croit que Layla était un peu jalouse. Latifa balbutie et montre la main à Aminah qui dit avec un ton de regret « Tu as fait mal à la main... ». Latifa essaie de faire une expression de tristesse, mais Aminah la prend, l'embrasse et lui fait des bisous. En ce moment, j'ai eu la sensation que l'entretien avait fini. Donc, j'ai remercié Aminah pour sa participation à ma recherche et on a fixé un jour pour que je puisse parler à Layla.

Interprétation Aminah

Le récit d'Aminah révèle qu'elle est une femme ravie de sa maternité ; celle-ci semble avoir constituée le sens principal de son existence. Bien que la tâche de l'éducation de ses enfants ne soit pas exemptée de soucis et d'angoisses, elle est surtout conçue par Aminah comme un refuge contre les malheurs d'un monde qui peut être parfois décevant et cruel. Par elle, la maternité est identifiée à l'épanouissement personnel, qu'elle sent avoir réussi à obtenir. Dans le cas spécifique de Layla, elle porte aussi la signification de recherche d'une expérience qu'elle sent que lui a manqué à son enfance, à savoir l'établissement d'une relation de complicité féminine. Les raisons de cette impossibilité sont attribuées par elle à sa condition de fille unique, mais plutôt à des certaines caractéristiques de son lien avec sa mère.

Aminah reconnaît que sa mère est quelqu'un de très important dans sa vie, qui l'aime beaucoup et sur qui elle peut compter pour l'aider avec ses filles. Cette assurance de l'amour maternel est, néanmoins, accompagnée d'une constatation de que la mère n'est pas capable (actuellement, mais aussi à son enfance) de l'offrir une soutenance affective devant les risques et les mésaventures du monde. Si sa mère a réussi à lui offrir un amour inconditionnel et à la protéger quand elles étaient fusionnées, elle ne semble pas avoir abouti complètement à le faire lors de leur séparation. Autrement

dit, la mère semble avoir été capable de lui offrir le *holding* dans les moments où la relation entre elles était caractérisée par la symbiose. En revanche, elle a eu du mal à le faire devant les expériences de désillusion, moment où le *holding* serait plus nécessaire qu'avant. Ainsi, encore qu'il soit débordant, l'amour maternel, pour garder encore une caractéristique narcissique, manque en profondeur.

Dans ce cadre, Aminah semble ressentir qu'elle avait tombé dans le monde en tant que quelqu'un d'autonome sans un réseau de protection affectif. Elle ressent que, pour sa mère, le travail avait été déjà fait, donc elle pourrait la laisser pour se dévouer à d'autres activités (ou, peut-être, à un autre enfant). Si Aminah a pu accepter de partager sa mère avec ses frères, elle semble avoir gardé l'espoir que sa condition de la seule fille lui permettrait de garder une relation spéciale avec sa mère, basée sur la complicité féminine. Toutefois, ce n'était pas cela qui est arrivé.

Dans ce cadre, Aminah semble avoir éprouvé un sentiment de discontinuité de sa relation avec sa mère entre les périodes de dépendance absolue et relative. Sa sensation est que sa relation avec sa mère a changé d'un seul coup, brutalement et pas de façon graduelle. Encore que son père ait réussi à soulager un peu sa sensation de perte de protection maternelle, la discontinuité éprouvée dans la relation est encore vécue par Amal comme une expérience qui n'a pas été complétée et qui demande solution.

Cependant, il ne lui semble pas possible d'avoir des chances de réparation de cette expérience dans sa relation avec sa mère, même à l'âge adulte. Celle-ci est vue comme quelqu'un de puéril et pas capable de lui offrir l'amour mûr, qui doit être dévoué à une fille qui est déjà autonome, mais qui aura toujours besoin de sa mère. Elle offre soit l'amour symbiotique, soit l'éloignement. Il n'y a pas des moyens termes. Aussi a-t-elle du mal à établir et à respecter les limites entre les personnes. C'est pourquoi Aminah ressent qu'il n'est pas possible éprouver avec sa mère une relation où elle puisse se sentir spéciale en tant que personne intégrale et séparée. Au contraire, la mère banalise ce qu'elle lui montre de plus intime et privé. Elle ne comprend pas que la complicité qu'Aminah lui demande et lui offre est plus précieuse que la symbiose, vu qu'elle est plus sophistiquée et plus difficile à atteindre.

Cette expérience manquante, ajoutée aux profonds sentiments de solitude d'Aminah lors de son déménagement involontaire en France ont traversé ses attentes liées à la grossesse et à la naissance de Layla. De telle manière que l'arrivée d'un enfant quand elle était toute seule, à l'inverse d'être source d'inquiétude et appréhension, a constitué un apaisement et un confort (elle dit : « *J'étais seule en France, avec un enfant, mais sans mes parents* »). Elle avait déjà un enfant, mais comme il s'agissait d'un garçon, il ne pouvait pas l'aider à réparer l'expérience défailante de complicité féminine. Il fallait avoir une fille. Donc, Layla a représenté, par Aminah, la possibilité de trouver, petit à petit, l'expérience de complicité féminine qu'elle cherchait. Elle a signifié la chance d'Aminah de rétablir la continuité féminine avec sa mère, qui avait été secouée lors du changement de leur relation de dépendance absolue par la dépendance relative. Layla était le nouveau départ d'Aminah.

Néanmoins, les espoirs d'Aminah ont été ébranlés par sa grossesse inattendue et par la naissance de Chafika. Celles-ci ont arrivé dans un moment où les plaisirs de l'illusion étaient

ardemment éprouvés dans sa relation avec Layla. Ces deux événements ont été vécus comme en posant une interruption d'une expérience relationnelle qui n'a pas pu être complétée. Dans d'autres mots, ils ont exigé une rupture précoce de la relation symbiotique entre Aminah et Layla, qu'elles n'étaient pas encore préparées pour affronter. De sorte que, à l'inverse de réparer une expérience défailante, Aminah s'est vue en péril de répéter, avec Layla, l'expérience de discontinuité qu'elle-même a eu avec sa mère. D'où son désespoir à l'occasion où elle a pris connaissance de sa grossesse. Si Aminah essayait de dépasser sa mère, la réalité l'a confrontée avec la possibilité d'être comme elle.

Devant ce contexte, la grossesse et la naissance de Chafika ont été vécues par Aminah comme les déclencheurs d'une expérience de privation, qui a été suivie d'un deuil douloureux. La privation ressentie par Aminah a donné lieu à une autre privation ressentie pour Layla, qui lui a répondu avec des épisodes de défi et désobéissance.

Bien qu'Aminah admette qu'elle ait encore quelques difficultés dans sa relation avec Chafika, le bouleversement initial semble avoir été surmonté et elle a réussi à rencontrer en ses filles l'intimité féminine dont elle avait besoin. De ce fait, ses deux filles ont constitué son principal point d'appui lors de son divorce. Même si l'inquiétude d'être toute seule avec trois enfants dans un pays étranger n'a pas été niée, il a été dans la maternité qu'elle a trouvé l'énergie, pour, tel quel phénix, renaître et reprend sa vie. Il est dans sa relation avec ses enfants qu'elle a pu (et qu'elle peut) guérir les déceptions souffertes de la part d'un monde qui a abusé de sa confiance.

La question de la proximité affective, toutefois, suit comme le principal souci concernant la relation avec ses enfants. De peur d'être oubliée (elle raconte qu'elle n'a pas de souvenirs de son enfance avec sa mère) elle essaie d'être le maximum possible à côté de ses enfants. Il ne s'agit pas, toutefois, d'un retour à la symbiose, mais d'un fort attachement amoureux qui devra tenir pour toute la vie. Il s'agit d'une relation où elle et ses enfants seront toujours là, l'un par l'autre, dans une relation de protection, soutien et encouragement mutuels dans les moments d'angoisse et de désespérance. C'est pour cela que l'indépendance croissante de ses enfants ne la menace pas.

Nonobstant, la reconnaissance de ses limites et l'admission de qu'il n'est pas possible d'être toujours là pour ses enfants la gêne un peu. Cette impossibilité adresse Aminah, une fois de plus, à sa propre expérience infantile avec une mère qu'elle a ressentie comme absente. Si bien qu'elle a du mal à demander de l'aide extérieur pour soigner ses enfants. Cela réveille en Aminah la sensation de ne pas être une bonne mère. La seule fois où elle a demandé son ex-mari, il l'a séparé de son fils aîné sous cette allégation. Donc, si elle doit vraiment recourir à quelqu'un d'autre (ses parents en Algérie, la garderie, la nourrice), il faut s'assurer qu'elle le faire au nom du bien-être de ses enfants (elle souligne qu'ils sont surtout les filles qui lui demandent de faire cela).

Les exigences d'Aminah par rapport à soi-même dans la tâche de soigner ses enfants et la surcharge qu'elle ressent dans cette situation sont aggravées par les ambiguïtés qu'elle éprouve de la nature recomposée de sa famille. Pour elle, dans son organisation familiale le rôle du père n'est pas évident. Si elle ne peut pas compter sur son ex-mari (qui lui a déjà « volé » un enfant), son compagnon

est aussi distant de Layla et Chafika. Il est vu par Aminah comme en n'ayant ni l'autorité ni le droit de remplacer le père biologique des deux filles. En outre, il lui pose un problème : il ne veut pas être dérangé par elles. Devant cette situation où les filles ont deux papas et, en même temps, elles n'ont aucun, Aminah devient un genre de médiatrice pour que les relations familiales, selon ses propres mots, « se passent bien pour tout le monde ». Ainsi, la gestion de la vie familiale est accompagnée d'une certaine tension, détresse et d'un souci spécifique. Ceci rapporte à son peur de que la distance paternelle provoque dans les filles un genre d'effacement de cette figure, semblable à ce qu'elle éprouve par rapport à sa mère (l'absence de souvenirs). D'où son accent sur le lien affective entre ses deux filles et son compagnon, même si toutes les autres fonctions parentaux restent à sa charge et pas à lui. L'analyse du récit d'Aminah à chaque tableau montre plus de détails de cette dynamique.

Tableau 1

L'approche d'Aminah à ce tableau révèle sa condition pour la transitionnalité : elle effectivement joue avec le CAT-A. Elle montre aussi sa capacité de partager l'attention entre la tâche à accomplir et son bébé. L'identification avec la situation présentée par le tableau est immédiate. La relation mère-enfant qui est décrite, surtout avec Layla, est de l'offerte des soins et d'éléments d'introjection qui sont très bien acceptés par la petite fille. Cette situation est vécue avec beaucoup de plaisir soit par la mère, soit par les enfants. Elle constitue un moment de partage et d'échange d'expériences, car les filles lui montrent aussi les éléments d'introjection qui leur ont été offerts par le monde extra-familial. Les plaisirs de la relation sont éprouvés dans un cadre spécifique, qui établit les limites nécessaires au soin maternel (elle dit à ses filles : « *Quand on mange, on mange, on ne parle pas, je peux vous écouter s'il y a un truc vraiment important* ».) Aminah montre cette même attitude par rapport à son bébé pendant l'exécution de la tâche : elle permet à Latifa de participer du CAT-A, mais sans qu'elle gâche le matériel. Bref, Aminah montre que, dans sa relation avec Layla, elle est capable de l'offrir un *holding* consistant pour que la fille puisse se développer dans un cadre assuré. En ce qui concerne Chafika, encore que la relation se passe raisonnablement bien, les introjections ne sont pas toujours acceptées par la petite. Cette situation oblige Aminah à faire des efforts supplémentaires d'adaptation pour garder le cadre et lui offrir le *holding*.

Tableau 2

Lors de la présentation de ce tableau Aminah devient visiblement dérangée. Bien que la situation d'un rapport de forces entre les parents ne soit pas niée, il semble que ce qui la gêne plus est voir la famille séparée. Au contraire d'être ensemble pour un objectif commun, le père est d'un côté et la mère et l'enfant sont de l'autre. La relation, qui devrait être de collaboration, est transformée en antagonisme. Cet état de choses l'emmène à s'interroger si le parent plus fort est celui qui est avec ses enfants ou celui qui semble être plus autonome, autrement dit, si deux sont vraiment plus forts qu'un. Si Aminah n'arrive pas à répondre cette interrogation, elle ira l'élargir en son récit au tableau suivant.

Tableau 3

Le thème précédent de la force et de la faiblesse assume, en ce récit, les contours de la discussion de qui serait la figure d'autorité de la famille. Malgré l'apparence de son discours, la question plus importante pour Aminah n'est pas la dispute par le pouvoir (encore que ce sujet ne soit pas totalement négligeable en son récit). Cette question ne se pose pas fermement parce que l'existence même du père dans sa famille est éprouvée comme douteuse (*À ma maison, il n'y a pas de roi*). Si l'ex-mari d'Aminah est distant et ne mérite pas sa confiance, son compagnon n'assume les deux filles non plus. Au contraire, il doit être préservé des gênes liées aux responsabilités paternelles des enfants de sa première union. Dans ce cadre, il est à Aminah de s'occuper de tout, d'être en même temps le refuge affectif des filles, leur figure d'autorité, la responsable de leur éducation, la personne qui doit leur fournir un cadre assuré pour leur développement. Donc, si tous les tâches sont à elle, c'est elle le roi de la maison, pas pour option, mais pour nécessité. Encore que cette condition lui apporte un considérable pouvoir d'influence sur ses enfants (ce que lui plaît), la petite place que la figure paternelle occupe dans la vie de Chafika et Layla lui réveille une certaine appréhension. C'est ici qu'Aminah montre sa crainte de que l'affaiblissement de la figure du père dans la réalité psychique de ses filles soit nuisible à leur développement. C'est pourquoi elle essaie d'inclure son compagnon dans leur relation, même si elle n'est pas très sûre du rôle qu'il devra jouer, ou quand même s'il devra en jouer un. Toutefois, le rôle du père reste tronqué et Aminah s'efforce, tout le temps, de rendre compatibles les besoins et les exigences des enfants et de son compagnon. Cette situation, qui rend les relations familiales moins spontanées et plus tendues, ajoutée aux exigences de tout faire pour ses filles engendre en Aminah un sentiment de surcharge et fatigue.

Ces sentiments l'adressent immédiatement à une expérience infantile où la rupture d'une tradition culturelle, qui a été opérée par ses parents, a considéré plus leurs besoins que ceux des enfants. Autrement dit, soit à l'enfance soit actuellement, elle ressent que ses propres désirs et nécessités sont en second plan par rapport à ceux des autres. Les efforts d'Aminah pour éviter que ses filles éprouvent la même expérience sont communiqués par elle dans son récit au tableau suivant.

Tableau 4

Même si Aminah a présenté des difficultés, au début de son récit à ce tableau, pour intégrer l'enfant cadet à la famille, elle a été capable de les surmonter et d'éprouver les plaisirs de la relation mère-enfant en sa plénitude. La relation de proximité étroite est soulignée au détriment de l'isolement et de l'autonomie. Ces derniers sont attribués aux hommes (et à la figure de son compagnon en particulier), tandis que la proximité physique et affective est conférée aux femmes (et à elle en spécial). Cette manière de voir les choses montre l'option d'Aminah de se conduire d'une façon différente de sa mère vis-à-vis de ses enfants. C'est dans le récit à ce tableau qu'Aminah révèle que sa mère a bien réussi à lui fournir l'amour chaleureux lors de leur relation symbiotique, mais n'a pas été

capable de l'accompagner lors de sa rentrée dans l'étape de l'autonomie relative. D'où sa sensation de perte de continuité. À son avis, sa mère a beau se conduire en tant qu'une femme dans la période de dépendance absolue, elle a agi plutôt comme un homme dans celle de la dépendance relative (sa carrière professionnelle passait avant ses enfants). C'est pourquoi ce que lui manque c'est la continuité féminine, carence que son père ne peut pas soulager, en dépit de ses meilleurs efforts. Dans ce cadre, Aminah ne souhaite pas un retour à un lien fusionnel, qu'elle semble déjà en avoir eu assez. Ce qui lui manque sont les limites féminines, l'union dans la séparation. Elle comprend qu'en ce moment de sa vie la relation indifférenciée est plutôt un obstacle pour la croissance. Elle comprend aussi que l'imposition et le respect aux limites sont importants pour vivre dans le monde réel. Et elle dramatise très bien cette façon de penser dans sa relation avec Latifa lors de son récit à ce tableau. Elle met des limites à la petite et lui interdit de prendre des objets dangereux ; tout de suite elle l'embrasse pour la consoler de l'interdiction.

Tableau 8

La présentation de ce tableau provoque en Aminah un certain dérangement. Ceci est rapporté à son interprétation de qu'il serait la grand-sœur qui surveille l'enfant, tandis que les parents sont engagés en autre activité. Les associations qui suivent montrent ce mécontentement d'Aminah de façon plus évidente. C'est ici qu'elle révèle sa surcharge et aussi son malaise quand elle se rend compte qu'elle a besoin de l'aide pour soigner ses filles. Pour elle, cette tâche est aux parents et pas à quelqu'un d'autre. L'admission de ses limites physiques et de temps lui sonne comme une inadéquation maternelle, ce qui lui déclenche des sentiments de frustration et de culpabilité. D'où son ambivalence vis-à-vis de l'aide que sa mère lui offre. En ce sens, l'image représentée dans le tableau semble l'avoir adressée aux occasions où elle a envoyé les filles en Algérie pour être soignées par leur grand-famille. Ces événements lui ont provoqué des sentiments de jalousie des deux côtés. Ainsi, elle est devenue jalouse de sa mère (car celle-ci a une relation de complicité avec Chafika, mais pas avec elle) mais, principalement, elle est devenue jalouse de ses filles. Il est avec enthousiasme qu'Aminah raconte que Layla et Chafika étaient désireuses de rentrer chez elle après un long séjour en Algérie avec leur grand-mère. De même, il est ici qu'elle montre que l'exercice professionnel, surtout s'il lui exige de faire des grosses journées, serait nuisible à la qualité de vie de ses filles. De telle manière qu'elle est très attentive pour ne pas répéter, avec ses enfants, l'expérience qu'elle a eue avec sa mère. C'est pourquoi lui dérange beaucoup les séparations trop longues avec ses filles, surtout si celles-ci ont aussi le but de la soulager un peu. Différemment de ce qu'elle a vécue avec ses parents, les besoins des enfants doivent être prioritaires aux siens. Pour atteindre ce but, elle a déjà beaucoup fait, par exemple donner une sœur à ses filles pour qu'elles puissent avoir une relation de complicité. En plus, elle a arrêté de travailler pour le bien-être de son nouveau bébé. Cette conduite signifie aussi un effort de retour aux origines culturelles algériennes rapportées à la relation mère-enfant, qu'elle ressent que ses parents ont rompu. Toutefois, elle reconnaît ses limites et imperfections en tant que personne et en

tant que mère. À partir de cette admission, elle fait une évaluation de son rôle maternel, où elle conclut qu'elle réussit à faire ce qu'elle considère le plus important pour ses enfants : imposer des limites pour les aider à constituer une personnalité autonome, tout en gardant une relation de tendresse et d'appui mutuels. Bref, elle conclut qu'elle a réussi en tant que mère.

En synthèse, Aminah est une femme qui se réjouit de son maternage. Quoique la maternité garde pour elle un sens de recherche d'une expérience qu'elle n'a pas eu à son enfance, elle n'est pas liée à un projet personnel de dépassement d'elle-même. Ainsi, la présence des buts spécifiques à être atteints pour ses enfants n'occupe presque un rôle dans son discours. Ce qu'elle cherche, et que lui est plus cher, est la préservation d'une continuité personnelle dans une relation où les enfants sont déjà autonomes. Autrement dit, elle cherche incessamment la préservation d'une relation de confiance étroite, tout en respectant l'individualité de ses filles. Dans ce cadre, l'autonomie signifie une dépendance adulte qui perdure pour toute la vie. Dans le cas de Layla, qui est une fille, l'établissement d'une relation de complicité où la féminité peut être comprise et transmise, occupe une place substantielle dans ses atteints concernant la maternité. Pour atteindre ce but, elle cherche à être le plus proche possible de ses enfants. C'est pourquoi l'admission de qu'elle a, parfois, besoin d'aide extérieur pour les soigner, la gêne un peu. En plus de la jalousie, cela lui réveille la peur de s'éloigner d'eux et, ainsi, de répéter l'expérience qu'elle a eue avec sa propre mère, ce qu'elle cherche à éviter. Sa condition d'appartenir à une famille recomposée lui pose un deuxième souci, à savoir, comment intégrer la figure du père dans sa relation avec Layla et Chafika. Son compagnon semble jouer un rôle de soutenance matériel, mais pas affective. En effet, la place du père n'est pas bien définie dans son discours. À la limite, il est quelqu'un de distant et que doit être protégé des dérangements provoqués par les filles. En dépit de ces soucis et des autres difficultés qu'elle éprouve, pour Aminah la maternité est la réalisation primordiale de son existence, sa source de force et la promesse d'une renaissance incessante.

Récit Layla

Le jour après ma rencontre avec Aminah, je suis allée avec Brigitte à l'espace éducatif d'une école pour une réunion envisageant de recruter des mères pour ma recherche. Tandis que nous les attendons (en vain, parce qu'aucune mère n'est venue à la réunion), moi et Brigitte, nous sommes allées voir les enfants qui étaient engagés dans des activités pédagogiques après avoir fini les cours. Parmi eux, une petite fille m'attirée l'attention. Elle était mince, sa peau était claire, ses cheveux étaient longues, raides et très foncés. Ses yeux étaient grands et noirs. Elle n'était pas la fille la plus jolie de l'endroit, mais elle était sûrement la plus captivante. Elle était mignonne et ses gestes étaient très délicats. Elle avait un certain magnétisme et j'avais envie de m'approcher d'elle. Je suis étonnée quand j'apprends que la petite était Layla ! Elle ne se ressemblait pas beaucoup à sa mère. Brigitte interroge le professeur sur Chafika (qu'elle appelle « la plus petite ») et il lui répond qu'elle n'était pas là.

Le lendemain je suis allée chez Aminah pour parler à Layla, mais il n’y avait personne chez elle. Je décide de partir, mais dans mon chemin, je rencontre Aminah avec les deux filles. Elle était allée les chercher à l’école. Si Layla m’avait enchantée, Chafika m’enchantait encore plus. Elle ressemble beaucoup à sa sœur, mais elle est plus petite et a une frange, ce qui la rend plus infantile et plus douce.

Aminah et les filles ont un rendez-vous après notre rencontre et celle-là cherche à profiter le temps le maximum possible. Elle me laisse seule avec Layla à la salle de télé et va déjeuner à la salle à manger avec ses autres enfants (son fils était aussi là aussi pour soigner Latifa pendant l’absence d’Aminah). Même loin de nous, Chafika regarde à moi et à Layla. Elle semble curieuse par rapport à ce qu’on va faire ; elle semble aussi avoir envie de faire la même chose que Layla. Sa conduite me touche beaucoup et je me rappelle de l’histoire de sa grossesse et de sa naissance, conformément Aminah m’avait racontée. Je lui demande si elle voudrait me parler aussi et elle répond que oui. Je lui dis que je parlerai à elle après avoir fini mon activité avec Layla. Donc, elle sort de la salle et va déjeuner avec sa mère, son frère et Latifa. Je suis toute seule avec Layla. Dans l’autre pièce, Aminah parle au téléphone et on peut l’écouter.

Layla est très timide et elle a du mal quand même à se décider de tenir les tableaux du CAT-A. Elle parle très doucement et a du mal à raconter des histoires ; j’ai besoin de la stimuler tout le temps. Quand même, les histoires sont pauvres et peu imaginatives.

Quand je fini avec Layla, elle va déjeuner avec Aminah ; ensuite, Chafika vient me voir. Il y a beaucoup d’espace dans la salle où nous sommes, mais elle choisit de s’asseoir à mon côté. Elle reste très proche de moi au point de me toucher. Elle semble chercher expressément le contact physique.

Je lui montre les tableaux du CAT-A et elle commence immédiatement à raconter des histoires avec plus d’imagination et de fluidité que Layla. Quand nous avons fini, Aminah vient envers moi pour me dire au revoir. Je lui demande si je peux inclure aussi les histoires de Chafika dans ma recherche et elle m’autorise à le faire. Je lui remercie et je pars ensuite.

Le CAT-A

J’essaie de commencer une conversation informelle avec Layla, dans l’espoir qu’elle se sente plus à l’aise vis-à-vis de moi. Toutefois, je ne suis pas très bien réussit. À peine, elle me dit comment elle s’appelle, son âge (six ans) et qu’elle est à l’école. Je décide, alors d’essayer la présentation des tableaux. Je lui dis que j’irais lui montrer ces figures et que je voulais qu’elle invente une histoire sur chacun d’eux. Elle comprend, mais elle est un peu intimidée si elle doit tenir le tableau ou pas. À la fin elle décide de le laisser sur la table, face à elle.

Tableau 1

Elle reste 24 secondes en silence et dit : ‘C’est quoi ?’ Comme elle est très inhibée, je lui dis que j’irais l’aider. Je lui dis : ‘Il était une fois.... Il était une fois....’ Elle répète : « Il était une fois...

[Tu peux inventer l'histoire que tu veux.] Mais je sais pas comment raconter des histoires. [Tu ne sais pas ? Je vais t'aider. Euh... qu'est-ce que tu vois sur ce tableau ? Qu'est-ce qui arrive sur ce tableau ?] Hum... Il y a des assiettes... [Hum, hum] Une table... et des poussins. [Oui, tu vas bien, tu parles très bien] Il y a une cuillère (elle parle très doucement). [Et qu'est-ce qu'ils sont en train de faire ?] Ils sont en train de manger. [Et qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver ?] Manger de la purée. Ils sont assis. Ils ont des serviettes. Et il y a la maman. [Et qu'est-ce que la maman fait ?] Elle ramène le bol. [Et qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver : Ils vont manger... ou ils ne vont pas manger... ?] Ils vont manger. (Elle arrête de parler à chaque phrase qu'elle dit ; je suis obligée d'intervenir tout le temps). [Le repas est bon ou non ? Ils vont aimer le repas ou non ?] Oui. [Ils vont aimer. Il y a quelque chose d'autre que tu veux dire ?] Ils vont finir. [Ils vont finir, et après... ?] Ils vont dormir. (Elle parle doucement, mais en ton conclusif). [Merci, tu sais raconter des histoires ! Très bien, très jolie histoire !] »

Je prends le tableau et je lui montre le deuxième.

Tableau 2

Elle hésite si elle doit prendre le tableau ou pas. Je lui dis qu'elle peut lui prendre et elle le fait. « Il y a un ours. Il tire la corde parce qu'ils vont tomber. [Ah ils vont tomber ! Qui va tomber ?] C'est..., celui-là (elle montre l'ours qui est seul). [Et pourquoi tu penses qu'il va tomber ?] Bien, parce qu'il y a la neige. Il y a de l'eau. [Tu penses qu'ils se connaissent ?] Oui. [Et qui sont-ils ?] Celui-là c'est le papa, et celui-là c'est la maman. [Qu'est-ce qu'ils pensent, les ours ?] Ils vont essayer de s'arrêter et après ils vont aller chez eux. [Et comment l'histoire va finir ?] Bien, il y a les deux ours qui tirent la corde (Pause). Ils sont debout (Pause). Un petit peu. (Pause de 15 secondes) [C'est tout ?] (Elle fait un geste affirmatif avec la tête) » Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 3

Elle prend le tableau et commence à parler tout de suite. « Il y a un lion qui fume. Il est assis à la chaise. Et il a une petite souris. Il a une queue que va par terre. (Pause) [Et qu'est-ce qu'il va arriver ?] Bien, la petite souris, elle a peur du lion. (Pause) [Est-ce qu'elle va faire quelque chose ?] Non. [Et le lion ?] C'est quoi ? [Tu peux inventer.... La chose que tu veux. (Pause de 14 secondes). [Il est assis, tu m'as dit qu'il était assis, il fume, il est près d'une petite souris.] Il va manger la petite souris. [Ah il va manger la petite souris !] Il lui fait peur, et le lion, il va, il va partir. » Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

« C'est un renard qui a un panier, il y a un renard qui est assis sur le vélo. Il y un sac. Il y a une assiette. Ben il y a des sapins, il y a des arbres. C'est marron et vert. [Marron et vert... Et qu'est-ce qu'il va arriver ?] Il va se faire mal parce qu'il est debout. [Il va... ?] Il va tomber parce qu'il est debout. [Qui va tomber ? Ceci ou ceci ?] Celui-là. (Elle montre le petit kangourou) [Oh, il va tomber

le pauvre ! Et après ?]L : Bien je sais pas. [Tu peux inventer tout ce que tu veux.] (Pause de 10 seconds) Il y a la lune ici. (Elle montre le ballon du petit kangourou) [Ah la lune, un ballon.] (Elle arrête de parler et me regarde.) [C'est tout ?] (Elle fait un geste affirmatif avec la tête et me rend le tableau) Je lui montre le dernier) »

Tableau 8

Une fois de plus elle n'est pas sûre si elle doit tenir le tableau ou pas. Je lui dis qu'elle peut le prendre et elle le fait. Elle commence, alors, à parler : « Il y a un singe qui est assis. [Un singe qui est assis...] Bah... elle a une fleur ici. Elle a un café dans sa main. Et, bah, il y a un enfant ici. Et il y a un cadre. [Qu'est-ce qu'ils sont en train de faire ?] Bah... en train de parler. Avec ses copains. (Pause de 10 seconds). [Hum, hum. Et qu'est-ce qu'il va arriver ?] Bah... (hésitation) L'enfant, il va grandir. (Pause) [Et qu'est-ce qu'il arrive quand l'enfant sera déjà grand ? Tu peux quelque chose...] (pause de 10 seconds) Il y a une porte. (Pause de 21 seconds) C'est tout. »

Elle me rend le tableau, je lui remercie et je lui demande quel est l'image qu'elle aimé le plus, qu'elle a trouvé la plus jolie. Elle prend le tableau 1 et dit « Celui-là. » Ensuite elle prend le tableau 4 et répète : « Celui-là. » Je lui demande quel des deux elle a aimé le plus et elle répond « Les deux. » Ensuite elle prend le tableau 2 et dit qu'elle l'a beaucoup aimé aussi. Devant sa réponse je n'ai pas considéré nécessaire de demander le tableau qu'elle a aimé le moins. Je lui remercie à nouveau et on finit l'entretien.

Interprétation Layla

Le récit de Layla est le portrait d'une petite fille qui se trouve dans le stage de dépendance relative et qui commence à faire face aux défis liés à la croissance et à l'autonomie. Dans ce cadre, il semble que le message plus important qu'elle transmet, soit par son attitude générale face au CAT-A, soit par les contenus de ses récits, est d'un certain manque d'assurance pour s'insérer dans le monde des adultes ou des enfants plus grands. Elle sent comme si elle n'était pas très bien préparée pour commencer à sortir d'un foyer protecteur et accueillant pour se lancer ailleurs. Ces deux mondes semblent être encore très différents l'un de l'autre. Elle cherche à établir une certaine communication entre les deux, mais cette tâche n'est pas évidente. Même si elle a réussi à atteindre la capacité par la transitionnalité, elle ne semble pas être très à l'aise pour se déplacer dans l'espace transitionnel et a un peu du mal à profiter des expériences concernant à cette conquête pour combler la distance entre le monde extérieur et intérieur. Autrement dit, elle ne semble pas s'utiliser beaucoup des ressources qui pourraient l'aider à construire un pont de passage, par exemple, le jouet et le jeu. C'est pourquoi elle devient un peu dérangée devant ma démarche pour qu'elle invente des histoires. Elle reste encore un peu inhibée pour se laisser aller par l'imagination, tout en considérant la figure présentée. Avec mon aide, elle arrive à surmonter les résistances initiales, même si au début de son récit au tableau 1 elle

essaye de suivre le modèle adulte que je lui ai fourni (elle répète mon « Il était une fois » et s'arrête, comme si elle attendait que j'allais, moi-même, inventer une histoire pour qu'elle puisse répéter).

Malgré ma crainte d'être très directive parce que j'ai posé beaucoup de questions à Layla, elle semble avoir profité de mon aide pour faire approcher le monde extérieur de ses propres fantômes. Autrement dit, elle a utilisé mes questions en tant qu'un genre de main que la conduirait dans la traversée entre l'un et l'autre, tout en gardant leur communication. Cette condition a permis à Layla d'exprimer, dans ses récits au CAT-A, les soucis principaux concernant ce moment spécifique de son évolution personnelle. De même que les capacités plus générales du développement du *Self*, les inquiétudes plus particulières de Layla peuvent aussi être résumées par la question de « comment trouver la bonne transition ». De telle manière qu'elle semble chercher les termes de passage entre une position d'être dans les bras de sa maman et celle de l'auto-soutenance, ce qui elle représente par la bipédie.

En ce sens, elle fait des efforts pour introjecter ce que la mère peut l'offrir, dans l'espoir d'acquérir des apprentissages qui la soutiendraient en tant que quelqu'un d'indépendant. Toutefois, le processus d'introjection du *holding* maternel n'est pas encore complété, ce qui est témoigné par l'insécurité de la petite fille quand elle est demandée par le monde extérieur. Elle craint n'être pas capable de réaliser ce que le monde attend d'elle. En plus, ceci est vu par la petite fille comme un endroit potentiellement froid et dangereux. De sorte qu'elle ne se sent encore pas très à l'aise pour avoir des relations spontanées hors de la famille. La croissance semble être vue comme un processus qu'aboutira à une certaine perte de la famille ; de telle manière que la possibilité de revenir au foyer après l'émancipation n'est pas très claire. Les détails de ces soucis and inquiétudes de Layla peuvent être vus à partir de sa production à chacun des tableaux du CAT-A.

Tableau 1

Malgré les difficultés initiales, Layla arrive, avec mon aide, à transmettre un message personnel en son récit à ce tableau. Elle décrit une relation d'affection entre la mère et les enfants, où la première est capable de les gratifier tout en considérant leur âge et leurs besoins (ils vont manger la purée, avec une cuillère). Le *holding* maternel est bien assuré (les enfants sont assis et la mère ramène le bol), ce qui rend les enfants tranquilles, insoucieux et capables de relaxer (ils vont dormir après le repas). Bref, Layla montre qu'elle considère que sa mère dégage très bien la fonction de la soigner, la gratifier et l'assurer. De sorte que les éléments qu'elle offre à ses enfants pour être introjectés sont acceptés pour eux avec plaisir, même si le souci de la socialisation est aussi présent (les poussins ont des serviettes).

Tableau 2

Par contraste avec le récit précédent, les personnages sont en ce moment à l'extérieur de la maison. En laissant la chaleur du foyer, ils sont obligés de faire face à un monde froid et indifférent.

Dans cette situation, les personnages ont du mal à soutenir à eux-mêmes (ils glissent à cause de l'eau et de la neige). Autrement dit, l'autonomie (la position début) est accompagnée de l'insécurité et la possibilité d'être accueilli par le monde est douteuse. Soit par les enfants, soit par les parents, la sensation est que, hors de l'ambiance familiale, on marche sur les œufs. De sorte qu'il faut garder l'union (la corde), le foyer en étant l'abri contre un environnement parfois hostile et insensible. Cependant, les capacités de la famille pour sortir intacte des risques extérieurs n'est pas garantie (*ils vont essayer de s'arrêter et après ils vont aller chez eux*).

Tableau 3

En continuation au thème précédent, en ce moment les dangers présentés par le monde extérieur sont montrés de façon plus explicite. Le contraste entre l'adulte majestueux, vigoureux et l'enfant petit, fragile et impuissant est accentué. L'adulte est conçu comme bien capable de soutenir à lui-même (il est assis) tandis que l'enfant est seul et vulnérable. La relation que s'établit entre les deux n'est pas de protection ou solidarité, mais de persécution. Dans un monde cruel où la loi du plus fort prévaut, il n'y a pas des chances de survivance pour l'enfant. Alors, la question qui se pose est comment un enfant seul et sans ses parents pourra préserver à soi-même devant la férocité d'un monde impitoyable et implacable.

Tableau 4

Le thème des dangers devant l'autonomie persiste en ce tableau. L'indépendance est une fois de plus conçue par Layla comme en lui exposant à risques qu'elle n'est pas encore prête à assumer. Il lui manque une assurance internalisée qui puisse lui permettre d'avoir l'équilibre nécessaire pour conduire sa vie dans le monde. Ses connaissances incomplètes, ses inhabilités et ses maladresses sont vus comme en lui posant des potentielles difficultés d'adaptation qui peuvent la faire souffrir. En plus, elle n'est pas certaine de sa capacité de se remettre des blessures subies dans ce processus de devenir adulte. Dans ce cadre, les changements de sa relation avec la mère ne sont pas encore très clairs. Elle est là, mais elle n'a pas d'action dans l'histoire.

Tableau 8

Le récit de Layla en ce tableau résume le souci qu'elle a présenté pendant toute la passation du CAT-A. Il y a une comparaison entre la condition du singe adulte et du singe enfant. L'adulte est conçu comme en disposant du *holding* (il est assis). Dans un premier moment, les adultes et l'enfant disposent du confort du foyer, où il y a délicatesse (fleur), chaleur (café) et beauté (le cadre). L'appartenance et les plaisir d'être ensemble sont remarqués. Toutefois, dans le futur, l'enfant va grandir et devra laisser cette ambiance si agréable et joyeuse (elle dit que l'enfant va grandir et, après, elle montre la porte). Ce qui va se passer après est une grande interrogation.

En synthèse, Layla présente, dans son récit au CAT-A une inquiétude rapportée au stage de développement de la dépendance relative vers l'indépendance. Cette inquiétude porte sur sa crainte d'avoir besoin de faire face aux défis du monde extérieur, dans un moment où elle ne se sent pas totalement préparée pour cela. Pour l'instant, l'anxiété rapportée aux propres capacités pour affronter cette nouvelle tâche prend le premier plan, au détriment des plaisirs de la découverte de l'inconnu. L'appréhension de Layla est plus aiguë car elle ne sait pas encore si elle pourra compter sur sa famille après devenir autonome. Elle sait que sa mère sera là quelque part, mais elle ne sait pas les conséquences du changement de leur relation. Elle craint particulièrement perdre la chaleur et la protection maternelles et se trouver toute seule dans un monde qui peut être dur et malveillant. Autrement dit, son inquiétude concerne à être mis du coup dans le monde adulte sans avoir éprouvée une transition. De telle façon qu'elle semble faire une différenciation très nette entre le monde familial et le monde extra-familial. Par conséquent, il lui manque des termes de passage et de rencontre entre les deux, des termes de transition. Sa sensation est qu'elle ne sait pas comment se baser sur l'expérience qu'elle a eue auprès de sa famille pour affronter les défis d'ailleurs.

Ces soucis posent à Layla quelques difficultés pour relaxer et pouvoir jouir d'une existence plus spontanée dans le monde. Toutefois la créativité est là et elle montre qu'avec l'aide du monde extérieur elle pourra dépasser ses peurs. La relation transférentielle qu'elle a établie avec moi montre cela : la nécessité d'être guidée par une mère qui croit à sa capacité d'affronter les défis du monde extérieur et qui l'aide dans cette traversée, pour qu'elle puisse profiter d'une existence créative. Elle semble avoir besoin est d'une mère qui sera toujours là, même si elle est déjà autonome. Enfin l'interrogation qu'elle se pose est comment établir une relation de dépendance mûre avec sa mère. Ainsi, pour elle, la garde d'une certaine dépendance semble être la condition essentielle pour l'indépendance. L'acceptation et l'élaboration de ce paradoxe de l'existence humaine demande la solidification du domaine des expériences transitionnels, où les jeux infantiles préparent l'enfant pour l'existence adulte.

Synthèse Aminah et Layla

Les récits d'Aminah et de Layla montrent qu'en ce moment de leurs vies elles ont la même préoccupation et font face à la même interrogation. Celle-ci concerne comment opérer le changement de leur relation dans un moment où la petite fille devient à chaque fois plus indépendante. Plus particulièrement, elles se battent avec le problème de garder un lien fort et étroit, même si la distance physique et psychique s'impose de plus en plus. La question est de garder une existence spécial dans la réalité psychique l'une de l'autre, comme la personne plus importante de leurs vies, sans le risque de tomber sur un effacement douloureux et angoissant.

Si par Aminah il s'agit du souci plus important de son existence et sur lequel sa personnalité semble avoir été organisée, par Layla cette inquiétude rapporte à la tâche principal de son stage de développement actuel. Pour les deux, la vie en famille constitue le refuge contre les amertumes et les

blessures causées par le monde extérieur. Ceci est vu comme un endroit parfois implacable et insensible aux besoins des individus. Tandis que le foyer offre le *holding*, l'environnement extérieur exige que la personne se débrouille toute seule. Pour Layla, si l'adulte est capable de soutenir à lui-même, la situation n'est pas pareille pour l'enfant. Celui-ci est vu comme vulnérable, une petite souris prête à être jetée dans la cage des lions. La question de la petite fille est, donc, comment survivre en ce moment de passage où on ne compte plus sur l'intégralité du *holding* maternel et où on n'est pas encore capable de se tenir debout pour soi-même. Il s'agit, une fois de plus, du problème de laisser les bras de la mère pour gagner le monde lors de l'acquisition de la marche. L'insécurité de la petite fille s'agrandit parce qu'elle n'est pas sûre du rôle que sa mère jouera dans ce processus : celle-ci pourra l'accompagner ou pas et, même si elle sera là, on ne sait jamais quelle sera sa fonction. Enfin, l'angoisse de Layla rapporte à sa crainte d'être lancée dans le monde extérieur et de n'être pas capable de survivre ou de répondre à ses demandes. Elle a besoin de l'aide maternelle pour faire ce passage.

De son côté, Aminah connaît très bien ce genre d'expérience. Elle-même l'a vécu à son enfance comme une discontinuité dans son développement émotionnel. À son avis, sa mère ne l'a pas accompagnée dans le processus de transition de la dépendance vers l'indépendance et a changé, d'un seul coup, la relation entre les deux. Cette transformation a été éprouvée par Aminah comme un genre d'abandon, une situation où sa mère a décidé de la laisser pour s'occuper d'autres affaires, parmi eux, sa profession. Aminah n'a pas compris cette mutation de sa mère : à son avis celle-ci a donné la priorité à ses propres besoins au détriment de ceux des enfants, en coupant une tradition culturelle ancienne. Par Aminah, la conduite maternelle n'a pas été compatible avec ce qu'elle conçoit comme propre à l'identité féminine. Pour elle, il est aux hommes l'autonomie, tandis que la garde des relations concerne les femmes. Ainsi, sa mère a provoquée à son avis, trois genres de discontinuité : culturelle, maternelle et sexuelle. De sorte qu'elle n'a pas fourni à Aminah l'expérience d'un amour mûr et d'une dépendance adulte, l'assurance de qu'elle serait toujours là pour elle, n'importe quel soit son âge et n'importe qu'est-ce que se passe. Le chagrin provoqué par ce manque de continuité a accompagnée Aminah pour toute sa vie en tant qu'une blessure qui n'a pas été cicatrisée, un vide qu'elle a cherché et cherche encore à remplir. Le processus de transition, d'articulation entre présente et passé, entre la famille et le monde extra-familial, entre la relation et l'autonomie n'est pas du tout évident. Les termes de passage ne sont pas très clairs et l'écart entre les deux « réalités » persiste. Il lui a manqué la main qui pourrait l'aider dans cette traversée, le pont d'union entre les deux extrêmes. Son déménagement involontaire en France, qui l'a obligé de s'éloigner physiquement de sa mère (et de son père) pour rentrer dans un monde complètement différent, a aggravé la sensation d'écart: il n'y a pas un cordon ombilical de milliers de kilomètres d'extension. La réédition de la discontinuité d'Aminah vis-à-vis de sa mère a été suivie de l'impossibilité de promouvoir une continuité à partir de soi-même: la période de stérilité qu'elle a réussi à surmonter. L'arrivée de Layla a été conçue comme l'espoir de remplir le vide, recommencer une histoire différente, la naissance de la fille en se constituant en sa propre renaissance.

En dépit des conquêtes et des obstacles à cette entreprise d'Aminah, la question de combler l'espace entre soi-même et Layla persiste comme objet d'attention. Bien qu'Aminah et Layla aient montré, pendant leurs récits au CAT-A, leur capacité pour la transitionnalité, cette condition ne semble pas suffire à soulager cette inquiétude. La valeur du jeu et du jouet comme médiateurs dans cette démarche n'est pas bien défini, ni par l'une, ni par l'autre (En son récit, Aminah raconte que Layla ne s'intéressait pas beaucoup pour les jouets quand elle était bébé; à son tour, la petite n'a pas été capable d'identifier le ballon dessiné dans le tableau 4). Si les médiateurs concrets ne jouent pas un rôle très important dans le processus de transition, la conséquence est que l'attachement concret à la figure de la mère persiste pour plus de temps, ou, peut-être, pour toute la vie. Ainsi, l'autonomie qui a été conquise garde toujours un genre de dépendance. De tel manière que la maternité semble être un affaire entre la mère et sa propre mère plutôt qu'entre la mère et le père. Dans le cas d'Aminah et de Layla cette constatation est aussi soutenue par leur expérience de faire partie d'une famille recomposée, où le rôle du père n'est pas bien déterminé. Le père est une présence distante qui ne semble pas avoir beaucoup d'action dans la relation entre les deux. De sorte qu'il ne peut pas aussi les aider en offrant des termes de passage.

En synthèse, Layla et Aminah composent une dyade qu'en dépit des difficultés rencontrées tout au long de son existence, garde un fonctionnement tellement harmonique. La mère est vue par la fille comme quelqu'un capable de l'offrir le *holding* et de la gratifier, ce qu'a permis à la petite d'atteindre les capacités par l'intégration, personnalisation et réalisation. Le foyer est vu par les deux comme le refuge du monde extérieur, où on peut trouver la protection, la soutenance et l'encouragement. Toutefois, la question de comment préserver cette relation de confort et d'appui lors de l'acquisition de l'autonomie est le souci principal soit de la mère, soit de la fille. Si Aminah ressent qu'elle n'a pas eu, à son côté, une figure maternelle qui pourrait la guider dans la passionnante journée vers l'indépendance, elle cherche expressément offrir à sa fille une expérience différente de la sienne. Cela signifie aussi un effort pour se réconcilier avec une tradition culturelle que ses parents ont rompu. Parfois elle est bien réussi dans ce but, parfois elle rencontre des obstacles au milieu du chemin ; il y a quelques-uns qu'elle dépasse et il y a d'autres qu'elle ne surmonte pas. Cependant, l'évaluation qu'elle fait de sa condition maternelle est indubitablement positive, la maternité en étant vu comme le sens principal de son existence, l'expérience plus importante pour son épanouissement personnel. Elle est sûre qu'elle sera là, à côté de ses enfants pour toute la vie, même si la petite Layla ne s'est pas encore rendu compte de cela. De telle manière que même si les termes de passage entre le foyer et le monde extérieur ne sont pas bien établis, elles auront toujours les bras l'une de l'autre pour se réfugier dans les moments d'infortune. Dans le chaleur de leur relation elles pourront trouver le *holding* nécessaire pour, dans les mots de Layla, se remettre debout et reprendre les défis d'un développement incessant.

APÊNDICE BB - Dyade Badra et Aicha

Identification

Badra: 35 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Sedik, 14 ans; Aicha, 4 ans et 6 mois

Enfant étudié: Aicha

Ordre des entretiens: 1) Aicha

2) Badra

Récit Badra

Badra est une femme de 35 ans, qui est institutrice dans une école maternelle au Maroc, à une ville agricole de la région «Oriental», soit le Nord-Est du pays. Les écoles maternelles sont privées au Maroc : l'enseignement public démarre au niveau primaire à 7 ans et bilingue, arabe littéraire et français. Les enfants apprennent déjà le français en maternelle. Dans l'école où elle travaille, en moyenne section, ils ont déjà une demi-journée de cours en français. C'est parce que j'ai assuré cet enseignement 6 mois là-bas qu'elle a accepté de m'aider à trouver des sujets pour l'étude. Ayant elle-même une licence de psychologie parisienne, elle est intéressée à la recherche. Les entretiens avec elle et sa petite fille se déroulent dans son bureau au premier étage du grand bâtiment en béton et en surplomb de la cour de récréation. Il y a donc beaucoup de cris et pas mal d'allers et venues.

J'ai été surprise par la petite taille de la fillette. La maman étant elle-même de petite taille, je ne m'aperçois qu'en cours d'interview qu'elle n'a que quatre ans et demi. J'attribue dans un premier temps sa difficulté à me répondre à ma mauvaise prononciation et à de la timidité. Il faut dire que la maman est une petite femme très énergique et stricte, portant le foulard islamique, habillée sombre et long. Elle parle cependant couramment le français. L'interview se déroule en arabe pour la fillette et en français pour la maman.

Je fais l'entretien avec la petite fille avant que celui avec la mère. Ma conversation avec Badra commence à 18h38 et nous n'avons qu'une vingtaine de minutes, car son mari viendra la chercher vers 19h. Après mes explications sur la recherche et l'acceptation de Badra pour en participer, je lui montre le premier tableau du CAT-A. Je lui explique que, par rapport à Aicha, je lui avais demandé de me raconter des histoires à partir de chaque tableau. Par rapport à elle, toutefois, je voudrais qu'elle raconte à quoi ils la font penser comme situation dans sa vie de tous les jours avec Aicha. Je lui dis aussi qu'elle pourrait parler en français ou en arabe, comme elle voulait.

Tableau 1

Elle regarde le premier tableau et me demande, en parlant très vite, si elle doit imaginer un petit peu la scène. Je confirme et j'ajoute qu'elle doit plutôt me dire comment elle vive ce genre de situations dans sa vie de tous les jours, dans sa vie de femme et de mère et comment elle se sente dans ces situations-là. Elle me demande si cela concerne à sa vie familiale et je confirme. Elle demande si elle devra dire, par exemple, comment elle et sa famille se présentent à table et je réponds que je veux savoir plutôt comment elle sente les choses. Très vite et presque sans respirer, elle répond que, comme maman bien sûr, c'est très agréable pour elle. Elle dit qu'elle adore la vie familiale, qu'elle aime bien préparer des choses toujours pour ses enfants, les accueillir d'une façon gentille. Elle ralentit le rythme de son discours et dit que, bien sûr, elle aime bien être là au moment où ils ont besoin d'elle. Elle dit que, comme ça, ils vont sentir la chaleur de la famille, le rôle de la maman. Elle recommence à parler très vite et dit que cela est très important dans une famille et que, bien sûr, c'est elle qui toujours adoucit le climat familial et que c'est elle qui donne aux enfants ce qu'ils veulent, ce qu'ils désirent. Elle dit qu'une fois, parfois (sa voix est montée et elle fait une pause théâtrale) même si elle est fatiguée, elle est obligée de préparer plus de choses aux enfants pour les rendre plus à l'aise, pour les rendre encore heureux, pour leur faire sentir la chaleur familiale, juste pour ça. Je commence à lui demander comment elle prend le repas et elle me coupe en disant que c'est en groupe, qu'ils prennent le repas ensemble, les enfants et la maman et le papa, qu'ils attendent toujours le papa. Elle ajoute que parfois il est absent, il n'est pas disponible, mais la plupart de temps, il est avec eux. Elle dit aussi qu'ils s'aident, que parfois ils s'aident. Elle explique que parfois il y a le père qui l'aide, il y a l'enfant qui l'aide. Elle continue en disant que son enfant Sedik, l'aide de temps à autre, et qu'ils présentent leur table et ils mangent collectivement. Elle rit et dit qu'il est toute la famille, plus ou moins. Je lui demande si, en général, c'est un moment de détente, agréable. Elle répond que bien sûr, que c'est très agréable de manger ensemble, parce que c'est là qu'on sent qu'on est unis. Je lui demande si elle arrive à le faire la plupart du temps, sans problème. Elle confirme, en disant « Oui, sans problème. Tous ensemble, Dieu merci, on est ensemble la majorité du temps ». Elle raconte qu'une seule fois par semaine, le mercredi, son mari s'absente parce qu'il a la commission et il ne sort qu'à 4h. Donc, chaque mercredi il est absent, il ne peut pas prendre le repas avec eux, mais la plupart du temps, il est là. Je lui demande si le midi ils arrivent presque toujours à manger ensemble. Elle confirme et ajoute que le soir, ils mangent toujours ensemble. Elle me rend le tableau et je lui présente le deuxième.

Tableau 2

Je montre le tableau et je lui demande de me dire juste comment elle sent cette scène là, ce que ça soulève comme impressions, comment elle voit les choses. Elle parle très vite et fort : « Quoi ? Le père qui essaie de tirer la corde ? Et la maman avec les enfants d'un côté ? » Je lui explique que chacun voit les choses différemment. Je lui demande comment elle voit l'image. Elle dit que c'est ce qu'elle pense, « le père avec... » Elle ne complète pas la phrase et je lui demande si ce qu'elle veut dire c'est

que le père est avec l'enfant et la maman est de l'autre côté. Elle me coupe, hésite et dit : « C'est la maman, alors. » Je lui réponds que c'est ce qu'elle veut, que c'est comment elle voit la chose. Elle dit qu'elle croit que chacun essaie de tirer la corde vers lui-même, c'est à dire de se donner raison. Elle me demande si c'est ça et je lui réponds qu'il n'y a pas de bonne réponse. Elle dit : « Ah ! On doit imaginer seulement ? » Je lui dis que c'est juste voir ce que ça lui évoque. Alors, elle dit, en regardant le tableau, qu'elle croit que, s'il y a un problème au sein de la famille, chacun essaie de le voir de son côté (la tonalité de sa voix est interrogative). Elle continue en disant qu'il y a la corde tirée par la maman d'un côté, tirée par le père et l'enfant de l'autre côté, que chacun essaie de se justifier de se donner raison dans ce qu'il fait dans la vie. Elle me demande si c'est bien et je lui dis que c'est ok. Elle dit que c'est ce qu'elle pense : « L'enfant qui est toujours avec, si c'est un garçon, bien sûr, il est avec le père... Il est du côté du père ! » Je lui demande si c'est une situation, mais elle me coupe et dit que souvent ce sont les filles qui accompagnent la maman, et les garçons qui accompagnent les papas. Je lui demande si, dans l'image, là c'est le garçon et le papa. Elle confirme et ajoute que ça peut être dans les autres familles, mais chez elle, lorsqu'il y a un problème au sein de la famille, ils essaient de le régler tous les deux, loin de la présence des enfants. Elle dit que, comme ça, ils peuvent le régler sans que les enfants sachent qu'il y a un problème. Elle dit qu'à son avis c'est mieux comme ça, parce que si on intervient les enfants dès qu'ils sont encore petits, s'ils savent dès maintenant qu'il y a un problème entre le papa et la maman, le conflit va grandir, et eux aussi, ils seront un peu vexés. Cependant, si on les laisse loin et qu'on règle le problème sans qu'ils sachent qu'il y a quelque chose... (Elle ne finit pas la phrase, mais elle semble vouloir montrer que c'est meilleur comme ça). Je l'interroge si elle pense que l'enfant peut ne pas savoir qu'il y a un problème. Elle confirme et dit que c'est mieux comme ça. Elle ajoute qu'à part si c'est un problème déjà vu ou déjà évoqué devant lui, ils essaient de le calmer, ou bien de le laisser loin du problème tant que ça ne le concerne pas, parce que, normalement, c'est un problème qui concerne les grands. Elle dit que normalement, entre les grands, ça peut se régler facilement. Je lui dis que dans cette situation-là, néanmoins, où il y a le papa et l'enfant, et la maman de l'autre côté, c'est quand même une situation qui paraît embarrassante. Elle dit que bien sûr, la situation est embarrassante, parce que la maman essaie toujours de gagner la confiance de ses enfants et les papas sont un peu... (Elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle continue en parlant, d'une façon vacillante, que les papas prennent leurs décisions de manière un peu brusque. Je lui demande si elle veut dire que les papas prennent leurs décisions sans concertation. Elle répond : « Oui ! Sans se concentrer, sans réfléchir un petit peu... Mais la maman, elle essaie de garder les choses loin de ses enfants ». Je demande si elle veut dire que la maman essaie de préserver ses enfants et elle confirme. Elle ajoute que, parfois, la maman appuie sur sa personnalité pour que l'enfant ne sache pas les problèmes qui se passent dans la maison. Je lui demande si elle croit que les choses se passent différemment avec les papas. Elle confirme et dit qu'ils sont un peu nerveux et ils peuvent parler à haute voix. Elle ajoute que cela est vrai, même si la maman dit que ça ce n'est pas grave et lui demande d'attendre jusqu'à quand les enfants s'endorment pour parler du sujet. Je lui demande

comment les choses se passent chez elle et Badra répond que, chez elle, lorsqu'il y a un problème entre elle et mon mari, ils laissent jusqu'à ce que les enfants dorment, ou bien ils ne descendent en bas. Elle explique que chez elle il y a deux étages. Elle dit qu'ils essaient de discuter, de fermer le problème, de terminer avant que les enfants sachent quelque chose, de les laisser loin et, comme ça, ils évitent d'avoir des problèmes dès leur premier âge.

Tableau 3

Dû une erreur de passation, le tableau 3 n'a pas été présenté à la mère.

Tableau 4

Badra recommence de bonne grâce ce tableau. Elle dit qu'il y a la présence sûrement d'une maman. Elle dit que ça se voit qu'elle est bien coiffée et qu'elle a ses petits enfants avec elle. (Il y a de coups de klaxon à l'extérieur) Je lui demande si elle veut dire que la mère s'occupe de ses enfants. En ce moment, elle chuchote, inquiète, si son mari est déjà arrivé pour la chercher : «C'est mon mari ? » Je lui dis que peut-être c'est le mien et qu'on est presque à la fin. Elle continue à regarder le tableau et dit que la maman fait ses provisions, mais elle n'oublie pas ses petits enfants. Elle ajoute que ça veut dire que même si elle a des charges à faire, elle prend toujours en considération ses petits, elle ne les oublie pas, elle s'occupe de tout. Elle continue en disant que ça veut dire que le travail d'une maman, la tâche d'une maman, même si elle est pénible, elle essaie de faire l'important, plutôt l'impossible pour protéger les enfants, pour les garder tout près d'elle (le ton est grave, presque triste). Badra continue et dit, en regardant l'image, que c'est surtout qu'elle est dans une forêt. Elle dit qu'elle croit que c'est son pays, enfin c'est son entourage. Elle dit qu'elle essaie de les protéger contre ce qui se passe dans l'entourage et de les éloigner, par exemple (elle hésite), d'un mal qui peut les toucher. Je lui demande si elle parle d'un danger. Elle confirme et dit que c'est 'un danger qui peut toucher les enfants. Je lui demande si elle trouve cette tâche difficile. Elle répond que oui, bien sûr (le ton change, redevient plus vif, sa voix plus animée). Elle dit : « Mais quand même! Regardez, avec deux, deux petits enfants, le panier plein de provisions et... ! Elle semble pressée, ça veut dire que la maman, elle est toujours en hâte... (elle rit) elle ne s'arrête pas! ». Je répète que la maman est toujours en hâte et elle dit que oui, toujours en mouvement. Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

Elle regarde le tableau et montre un petit rire. Elle dit que là, elle croit qu'il y a la maman, qui conseille son petit. Elle ajoute que les autres, peut-être, c'est le 'qu'en dira-t-on'. Elle parle, dans une tonalité interrogative si ce sont des 'qu'en dira-t-on'. Elle continue en disant qu'ils essaient de parler de ce qu'elle fait. Je dis que, donc, la maman conseille son petit. Elle confirme et ajoute que ceux qui sont derrière elle, un homme et une femme, des fois, ils disent des bonnes choses sur elle, sur sa façon d'éduquer, de présenter les choses à son enfant. Je lui demande s'ils parlent de la façon qu'elle a

d'éduquer son enfant. Badra confirme et je lui demande si elle croit qu'ils sont bienveillants. Elle dit que oui, mais que alors, elle croit que la maman s'en fout carrément, qu'elle le fait d'éduquer son enfant à sa manière. Elle continue en disant qu'elle ne fait pas attention à ce que disent les autres. Badra continue en disant que souvent les mamans sont surveillées par les voisins et les amis. Elle exhibe un petit rire et dit qu'on essaye de voir comment est-ce qu'elles mènent leur vie, et, soit on les critique soit on est jaloux. Elle continue en disant que quand même la maman s'en fout carrément, qu'elle essaye d'éduquer son enfant à sa manière, sans être touchée par les remarques des autres. Je lui montre le portrait sur le mur et elle dit que cela c'est la grand-mère. Elle ajoute que la présence de la photo de la grand-mère, ça veut dire le lien familial. Elle commence à parler plus vite et répète qu'il y a l'image de la grand-mère à la maison. Elle ajoute que c'est ce que son mari essaye de faire et raconte qu'un jour il leur a ramené les photos de ses parents, Elle raconte qu'il a dit à ses enfants : « Ce sont les photos de mon père et ma mère, lorsque vous grandirez vous ensuite, vous allez garder nos photos et les montrer à vos enfants, pour que vos enfants se souviennent toujours de nous ». Je lui dis que donc, il s'agit du lien familial.

Elle me rend le tableau et, en ce moment, il y a une sonnerie stridente du téléphone et Badra est appelée pour un rendez-vous. Donc, je lui remercie pour la participation à la recherche et on finit l'entretien.

Interprétation Badra

Les beaux récits de Badra aux tableaux du CAT-A composent un portrait poétique de la maternité, particulièrement de son expérience de dévouement à ses enfants, dans un moment où leurs conquêtes vers l'autonomie se montrent de plus en plus évidentes. De sorte que si son fils aîné se rencontre déjà à l'adolescence, elle essaie avec Aicha les premiers pas vers la dépendance relative, basée sur les expériences de désillusion que la dyade commence à éprouver. Celles-ci ne sont pas exemptées d'une nostalgie douce et un peu mélancolique de la relation antérieure qu'elle entretenait avec sa petite.

Ce processus de désillusion vis-à-vis d'Aicha semble être vécu par Badra d'une manière un peu différente de ce qu'elle a éprouvé au passé avec son fils Sedik. Cela arrive parce que Badra conçoit le lien mère-fille comme plus étroit que celui entre mère et fils ; les garçons sont vus par elle comme plus attachés au père (tableau 2). Ainsi, son expérience actuelle rapporte à comment se séparer petit à petit de sa fille et garder la relation d'intimité amoureuse sur des nouvelles bases. De telle manière qu'encore que Badra n'ait pas parlé directement de son expérience en tant que mère d'Aicha dans ses récits au CAT-A, toutes ses narrations semblent avoir été dédiées à ce changement du lien avec elle qui commence à avoir lieu.

Les récits révèlent que parmi les modifications qui voient le jour, celle qui attire plus l'attention de Badra rapporte à la rentrée des influences du monde extérieur dans la vie d'Aicha, ce que, à son avis, pourra rendre la petite un peu déprotégée. En ce moment du développement

émotionnel de la dyade, ce monde extérieur concerne surtout la figure du père, bien qu'il ne se résume pas à lui. Dans ce cadre, Badra semble garder une attitude un peu ambivalente face au père de sa fille. Elle ne sait pas jusqu'à quel point le mari est capable de l'aider dans la tâche de soutenir l'union familiale et protéger les enfants ou si, au contraire, il ira les exposer et, le pire de tout, les « voler » affectivement d'elle.

Cette jeune maman, qui intègre dans sa vie les rôles d'une femme moderne qui a fait des études universitaires et qui travaille hors de la maison et d'une femme traditionnelle qui porte le foulard islamique, rencontre, dans sa vie familiale, pas seulement un refuge affectif mais un sens pour sa vie. Pour elle, le dévouement est la marque distinctive de l'amour maternel, en signifiant la renoncance aux propres intérêts et besoins individuelles en faveur de ceux des enfants. Ce dévouement est exprimé et vécu de plusieurs manières. Il est présente dans son attitude d'enveloppement affectif de ses enfants (tableau 1 : elle veut accueillir ses enfants d'une façon gentille), de *holding* (elle veut être là quand ils ont besoin d'elle), de messagère de la tendresse (elle adoucit le climat familial), d'approvisionner les illusions et de montrer à ses petits que le monde est un endroit où il vaut la peine vivre (elle veut leur donner ce qu'ils veulent), de protection contre les dangers du monde extérieur et des angoisses provoquées au sein de la famille (tableaux 4 et 2). Encore qu'agréable, l'accomplissement de toutes ces fonctions et l'abnégation qu'il exige ne sont pas vus par elle comme évidents et facilement reconnus par les autres, qui doivent être parfois rappelés de ce renoncement (dans son récit au tableau 1 elle fait une pause théâtrale avant de dire que même si elle est fatiguée, elle est obligée de préparer plus des choses à ses enfants).

En ce sens, même si elle mène une vie autonome et indépendante, elle voit ses enfants comme en faisant partie de son *Self*, sentiment qui semble être intensifié lors de la séparation émotionnelle avec Aïcha qui prend place en ce moment. Ainsi, au milieu du processus de désillusion, Badra insiste que, pour elle, il n'existe pas un « moi », mais un « nous » (dans son récit au tableau 4, elle dit que une mère n'oublie jamais ses enfants, même si elle a des charges à faire). Si les enfants font partie de son *Self* et s'ils en seront toujours, elle n'est pas complètement sûre de faire une partie solide des siens. Bref, elle craint d'être oubliée pour eux à l'occasion de l'acquisition de leur autonomie et de l'entrée du monde extérieur dans leurs vies. Il est dans ce cadre que la présence du mari, qui devient de plus en plus important dans la vie de sa fille, est éprouvée de manière douteuse.

Badra s'est déjà aperçue que, à l'étape de dépendance relative, les introjections sont les remplaçantes du lien fusionnel antérieur (dans son récit au tableau 1 elle dit que le repas est le moment où ils se sentent unis et qu'elle aime donner aux enfants ce qu'ils veulent). C'est pourquoi ces occasions de partage et d'union doivent être profitées au maximum. La présence du mari dans ces situations est désirable, car il fait partie du foyer, bien que Badra ne comprenne pas encore très bien son importance (dans le même récit elle dit que *parfois* il l'aide, qu'il y a des jours où il n'est pas là et que dans la situation du repas les enfants vont sentir le rôle *de la mère*). Toutefois, sa présence n'est pas simplement anodine, car le mari est aussi vu pour elle comme capable de ruiner, avec son

impulsivité et son autoritarisme, tout le travail de protection qu'elle essaie de faire pour ses enfants (dans le récit au tableau 2, elle dit que « les papas » parfois parlent très fort, se rapportent aux enfants d'une manière brusque et ne se soucient pas de disputer devant eux). Enfin, les hommes ne sont pas vus comme en disposant des ressources émotionnelles que leur permettent une maîtrise de soi suffisamment raffinée dans la tâche délicate de soigner les enfants. Il leur manque de la sensibilité, car ils n'ont pas eu, comme la mère, l'expérience du lien fusionnel avec l'enfant. Ceci n'est pas considéré comme une partie du *Self* masculin et, par conséquent, il leur manque la capacité pour le *holding* et pour présenter le monde aux enfants en petites doses.⁵

Si l'intromission de l'environnement extrafamilial dans la relation mère-enfant peut être ignorée (dans le récit au tableau 8 elle dit que la maman s'en fout du 'qu'en dira-t-on'), la présence du père et son influence croissante dans ce lien est incontestable (dans le récit au tableau 4, quand elle commence à parler de la relation mère-enfant, les coups de klaxon la réveillent de son rêve et la font rappeler de son mari qui vient la chercher). Cette conclusion, ajoutée à l'observation de la difficulté de la tâche de protéger ses enfants contre les dangers du monde extérieur, emmène Badra à considérer la figure masculine autrement. Plus puissante et imposante qu'elle, l'homme est capable d'offrir un genre d'assurance à la famille, ce qu'elle sent qu'elle aurait du mal à faire toute seule. D'où Badra se rend compte qu'en dépit du manque de sensibilité du mari, il apporte la force nécessaire pour préserver le groupe et garder son union. Ainsi, s'il interrompt son récit sur la maternité au tableau 4, il le fait pour venir la chercher et la conduire vers ses enfants. D'un coup, il se transforme en son allié, force et tendresse vues comme nécessaires pour protéger le groupe. Ainsi, si l'autoritarisme et la fermeté du mari dans le foyer lui gênent parfois, ils sont bien utiles vis-à-vis du monde extérieur.

En plus, Badra s'aperçoit que le mari est capable de la soutenir dans son projet de renforcer les introjections des enfants et, ainsi, apaiser sa crainte d'être oubliée pour eux. Cela arrive parce qu'il leur montre sa propre gratitude vis-à-vis de ses parents, leur présence continue dans sons *Self* (dans le récit au tableau 8 elle raconte que son mari a ramené une photo des grands-parents à la maison). De telle manière qu'en dépit de ne pas avoir éprouvé le même lien fusionnel qu'elle a eu avec ses propres enfants, il l'a éprouvé avec ses parents. Donc, il peut la comprendre et l'aider dans son entreprise de faire partie du *Self* de ses enfants. Dans ce processus, au fur et à mesure qu'il montre à Badra la possibilité de garder un lien d'intimité étroite avec les enfants hors de la fusion, il se présente à elle en tant qu'un modèle pour la nouvelle relation qu'elle pourra établir avec eux. De sorte que si le mari est capable de soutenir le processus d'intégration des enfants, cela arrive parce qu'il est également capable d'encourager ce même processus dans la mère.

Enfin, en ce moment de séparation émotionnel de sa petite fille, Badra découvre que si son mari soutient cette transformation que lui provoque un certain deuil et si c'est lui la première personne

⁵ Il est particulièrement intéressant le lapsus que Badra a commis dans son récit au tableau 2 devant la question que Mme. Kirat-Leclercq lui a posé par rapport à la façon dont les papas prendraient des décisions familiales : elle a écouté le mot « concentration » à la place de « concertation ». Cet acte manqué semble dénoncer la forte présence d'autrui en faisant partie du *Self* maternel, de son noyau fondamental.

avec qui elle devra partager sa fille, il n'est pas un antagoniste à affronter. Bien que le mari fixe le début d'un changement inévitable (même si ce n'était pas lui qui l'a provoqué), il l'aide à reprendre le lien sur des nouvelles bases. Bref, malgré les apparences, il ne sépare pas la mère de ses enfants mais il les ré-unit dans une autre condition. C'est grâce à lui et à l'affrontement qu'il est capable de faire au monde, qu'elle peut se sentir assurée pour ignorer les intromissions extérieures indésirables dans son lien avec les enfants (tableau 8). D'autres détails du récit de Badra au CAT-A sont décrits dans l'analyse de chaque tableau présentée à suivre.

Tableau 1

Les associations de Badra à ce tableau du CAT-A rapportent à ce qu'elle conçoit comme son rôle de mère dans la famille. Elle montre que le foyer est son endroit de refuge où elle peut exprimer toute son affection. Elle voit à soi-même comme la responsable pour le maintien de l'union familiale, ce qui présuppose l'offerte et l'entretien d'une ambiance agréable et serein. En tant que mère, elle comprend son rôle comme une espèce de messagère de la paix et de la tendresse. Ainsi, elle offre le *holding* à ses enfants (être là quand ils ont besoin d'elle), leur fournit des opportunités d'illusion (donner aux enfants ce qu'ils veulent), leur présenter la réalité extérieure en petites doses (préparer les choses aux enfants pour les rendre plus à l'aise). Ce dévouement maternel implique mettre en priorité les besoins et désirs des enfants par rapport aux siens (quoiqu'elle soit fatiguée, elle est obligée de préparer plus de choses pour leur rendre heureux). Même si c'est tâche est laborieuse, elle ne peut pas compter toujours sur les autres (surtout le mari) pour l'aider à assurer les introjections qu'elle propose aux enfants. Bref, en ce premier moment elle voit à soi-même comme la principale responsable de l'alliance émotionnelle de la famille et, dans cette entreprise, encore que la participation du mari soit désirable, ses efforts pour l'aider dans ce but semblent être accessoires.

Tableau 2

La figure représentée dans ce tableau, en évoquant l'existence des conflits et désaccords familiaux, déstabilise un peu Badra, car elle rentre en contradiction avec l'image d'union harmonieuse qu'elle a essayé de transmettre dans son récit précédent. De plus, cette image semble susciter la crainte que l'insertion du mari dans la relation que Badra établit avec ses enfants aboutisse à un antagonisme entre eux, antagonisme dans lequel l'enfant soutient un côté ou l'autre. Pour éviter ceci Badra s'efforce pour s'entendre avec son conjoint, de telle façon que l'enfant ne soit pas impliqué dans la dispute. Si le souci principal qui conduit Badra à cette attitude est d'épargner l'enfant et de le protéger des angoisses liées à un ébranlement du foyer, il semble exister également une certaine appréhension face à la possibilité que l'enfant décide de soutenir le père et pas elle. Son récit que les garçons se rangent généralement à l'avis du père semble faire référence à son expérience avec son fils aîné, expérience qu'elle ne veut pas voir se répéter avec Aicha. Bref, dans une dispute avec le mari, elle craint de perdre le soutien de l'enfant. Toutefois, ce n'est pas la possibilité de cette perte en soi-même

qui l'inquiète le plus, mais l'effet que la conduite du père peut avoir sur l'enfant. Pour elle, l'homme ne semble pas être très sensible aux besoins et aux limites émotionnelles de l'enfant. Il semble être également un peu rude, autoritaire et imposant. Cette attitude du père entre en conflit avec le but poursuivi par Badra, qui est de rendre le monde doux afin que ses enfants ressentent que la vie en vaut la peine. Par conséquent, elle doit aussi les protéger du père et pour cela, elle essaie d'adoucir son mari et de lui rappeler qu'il faut toujours considérer que les enfants ne doivent pas participer à leurs disputes. Bref, Badra montre qu'en ce moment elle considère son mari plus comme une source de souci que de soutien dans sa relation avec les enfants.

Tableau 4

Si au début de ce récit Badra essaie de comprendre le lien mère-enfant dans son intimité exclusive (il y a sûrement dans le tableau une maman bien coiffée qui est avec ses enfants), les coups de klaxon lui font rappeler que la présence du mari dans cette relation ne peut plus être ignorée. Cela lui évoque directement le thème de la séparation émotionnelle avec Aïcha qui commence à avoir lieu et le deuil qu'elle provoque (elle dit, avec un ton de voix grave et triste, qu'une maman n'oublie jamais ses enfants). D'ailleurs la tristesse que cette situation suscite, le plus grand souci de Badra est que cette séparation puisse rendre l'enfant vulnérable aux dangers du monde extérieur. Elle se rend compte qu'elle ne peut plus protéger ses petits comme avant, car cette tâche est devenue plus difficile à cause de l'autonomie des deux et de la surcharge maternelle (la mère est toujours en hâte, toujours en mouvement). Il est en ce moment qu'elle s'aperçoit que la présence du mari dans sa vie familiale pourra l'aider dans cette entreprise de protection et la soulager et libérer pour l'usufruit de la maternité. Enfin, en ce moment sa perception du rôle de l'homme dans la famille commence à changer vers une direction plus bienveillante de la coopération et du soutien mutuel.

Tableau 8

Soulagée par la protection que le mari lui apporte et à ses enfants contre les dangers du monde extérieur, Badra devient plus libre pour profiter des joies de la maternité. Elle peut être plus proche de ses enfants, sans avoir besoin de faire attention à la conduite et à l'attitude d'autrui (la mère s'en fout du 'qu'en dira-t-on'). De telle manière que, à la place de séparer, le mari promet son ré-union avec les enfants. Cette réunion que le mari favorise n'arrive pas seulement dans le niveau pratique, mais surtout émotionnel. Ainsi, il stimule les enfants à le garder et à Badra dans leur *Selves*, de la même façon qu'il a fait avec ses propres parents. Enfin, en transmettant la tradition, il assure la survivance du couple dans les enfants et apaise les angoisses de Badra de pouvoir être oubliée par eux. De sorte qu'elle ne se sent plus seule dans la tâche d'assurer les introjections qu'ils devront faire ; celles-ci, en plus de les protéger à mesure qu'ils deviennent autonomes, garantiront un lien éternel entre eux et le couple. Donc, en apportant la dimension symbolique dans le lien familial, la figure du père permet à

Badra de sortir de son processus de deuil et de reprendre la certitude qu'elle sera toujours unique et irremplaçable pour ses enfants de la même façon qu'ils sont pour elle.

En synthèse, les récits de Badra aux tableaux du CAT-A révèlent qu'elle est une mère très dévouée qui affronte en ce moment le deuil pour la perte du lien caractéristique de l'étape de dépendance absolue avec sa petite Aicha. Elle craint que, plus autonome, la fille sera plus vulnérable aux dangers du monde extérieur et pourra l'oublier d'une certaine façon. C'est pourquoi elle essaie de renforcer les introjections de la petite. Dans ce processus, la perception qu'elle a de son mari est particulière. Si d'abord elle le voit d'une façon un peu ambivalente comme quelqu'un qui fait partie du groupe mais que soutient aussi le processus de séparation et expose les enfants, sa perception évolue vers une direction plus bienveillante vis-à-vis de lui. Elle se rend compte qu'il sera capable de la protéger et à ses enfants contre les dangers du monde extérieur et, en apportant la dimension symbolique au lien, assurer la survivance du couple dans le *Self* des enfants. C'est pourquoi il est capable de faire Badra sortir de la nostalgie de l'étape précédente du lien fusionnel et de la faire reprendre la maternité comme un challenge passionnant et plein de joies.

Récit Aicha

J'explique à Aicha que j'ai besoin de son aide pour un travail que je réalise, pour étudier les mamans et les filles. Je lui dis que j'ai quelques tableaux avec moi, qui ont des images des animaux. Je lui dis que je voudrais qu'elle les regarde et qu'elle invente une histoire pour chacun d'eux. Elle semble comprendre ma demande et exprime son accord. Je lui montre, donc la première scène.

Tableau 1

Aicha regarde le tableau en silence. Pour l'aider à commencer la tâche, je l'interroge sur qu'est-ce qu'elle voit à l'image, qui sont des animaux représentés et qu'est-ce qu'ils font. Elle reste en silence et je répète les questions. Elle reste toujours en silence et je lui dis pour parler en arabe qu'est-ce qu'elle voit dans l'image. Dans la cour, il y a des bruits de récréation qui arrivent jusqu'à nous. Elle essaye, donc, de parler, avec une voix hésitante, mal affirmée et plaintive. « Les poussins. Les petits poussins!? [Les petits poussins... Comment tu le dirais en arabe ?] (Silence) [Les poussins...] Les poussins. [Qu'est-ce qu'ils font ?] Celui-là est en train de manger... celui-là il n'a pas... celui-là, il... il... il veut... il n'a pas... il a ça vide ! [Ah ! Son assiette est vide ! ? Hum hum. Et celui-là ?] Celui-là, il tient une cuillère et il veut manger ça. [Hum hum. Et celui-là? Il a de nourriture ou son assiette à lui est vide aussi ?] Lui aussi, son assiette est vide. [Et celui-là?] Celui-là... elle est pleine... la sienne. [Hum hum....elle est pleine] Lui, il va manger. [Hum hum... Celui-là mange, celui-là mange et ceux-là, ils ne mangent pas? Et qu'est-ce que tu vois d'autre ? Regarde bien.] Ça, là, c'est leur soupe. [Leur soupe. C'est-ce qu'ils vont manger ?] Hum. [Ce sont des petits garçons? des filles ? grands ? petits ?] Celui-là, il est petit, celui-là, grand. [Pourquoi, celui-là, petit, celui-là grand ? Celui-là, il est petit, celui-là, il est grand. [Pourquoi ?] (Il y a des cris dehors). Parce que.... il.... il... [Pourquoi il est petit ?

Il n'a pas...] Il n'a pas de nourriture. [Il n'a pas de nourriture. Il ne mange pas! Et alors s'il est petit et s'il mange?] Il mangerait la nourriture et il grandit. [Ah... ! Qu'est-ce que tu vois ici ? Regarde bien... là...] Celui-là, il veut manger. Il est en train de marcher. [Hein ? Quel âge as-tu ?...] Hein? ! [Qui est-ce ?] Lui aussi il veut ça, il veut... (Les hurlements de la directrice, Mme. El S. se sont rapprochés, la porte s'ouvre brusquement) [Quel âge tu as ?] (Je lui pose la question et, en me tournant vers la directrice, je lui demande l'âge de la fille. Elle me répond que la petite a 4 ans et 6 mois. [Ah d'accord..]. » Aicha me rend le tableau et je lui montre la prochaine image. La directrice est toujours avec nous.

Tableau 2

[Qu'est-ce que c'est?] (Elle répond tout de suite) «Ça les grands de loulou... là, les petits de loulou. [Les petits de loulou ? C'est quoi loulou?] C'est le loup. [Le loup. Ce sont des loups] (La directrice intervient brusquement en disant : 'Tu as vu ?'. Toutefois je continue en parlant à Aicha) [Les grands et les petits]. Les grands et les petits. (Mme El S.: 'Tu vois !' Je ne lui fais pas attention et je m'adresse toujours à Aicha.) [Ah! les grands et les petits...Bien ! Et que font-ils ?] Ils sont en train de tirer sur une corde. [Bon ! Et pourquoi ? Et celui-là le petit, qui est-ce? Et les grands ici, qui sont-ils ?] Celui-là, il mange, celui-là, il mange pas. [Ils mangent. Que mangent-ils?] (rires de Mme El S., que dit qu'ils sont dévorateurs, tous les 2 grands) [Lui, il mange pas ?] (Mme El S : ' L'inoffensif, celui-là, c'est ce qu'elle te dit...') [Ah! Et comment je peux demander s'ils sont contents, fâchés? (Mme El S : 'Est - ce qu'ils sont contents, fâchés, ils ont peur ou bien quoi ? Là?') (Aicha répond d'une façon plaintive) Ils, ils sont fâchés. [Ils sont fâchés, les grands. Et le petit là ?] Lui aussi, il est fâché. [Lui aussi... Pourquoi sont-ils tous fâchés ?] Parce que cette corde est dure. (Mme El S. : 'Ils n'arrivent pas à défaire le nœud...') [C'est difficile, c'est difficile... N'est-ce pas? Que font-ils ? Ils jouent ? Ils se battent?] Eux, ils sont en train de jouer. [Ils jouent et ils sont fâchés?] Hum. [Bon.] (Mme El S. : 'Dis, Dis ce que tu vois sur cette image ? Allez ! Vas-y ! Dis-lui ce que tu vois. Racontes-nous tout ça...') [Celui-là. il est petit...] Il est petit. [Celui-là ...] Il est grand [Celui-là ...] Grand aussi. [Deux grands et un petit...] (Mme El S. interrompt - très vite - : 'C'est un homme ou une femme? Un ours femme ou un ours homme?') Le loup ! ('C'est un ours ou un loup ?') Non ! Loup! (C'est un loup ! [Un homme ou une femme ?] Un homme. [Lequel ?] Celui-là (elle montre l'ours qui est avec le petit) [Celui-là ! Et le petit, c'est un garçon ou une fille ?] Un garçon. [Un garçon. À côté c'est un homme. Et là ?] (Je lui montre l'ours qui est seul). L'homme. [D'accord !] » Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

Je lui montre la figure du lion et je lui demande qu'est-ce que c'est cela. «C'est le lion. [Comment tu le dis en arabe?] Le lion. [Ah! Il est beau, il est...] Il, il est en colère. [Ah!... Il est en colère ! Qu'est-ce qu'il est en train de faire ? Qu'est qu'il fait maintenant ?] Il tient ça et il respire son

jus. [Qu'est-ce que c'est que ça?] C'est avec ça qu'il fait de la fumée. [Et ça ?] La canne qui lui sert à frapper [Il frappe ! Ah... Et pourquoi il fait comme ça ?] (Je fais le geste). (Elle parle très doucement, plaintive) Parce qu'il est énervé. [Qu'est-ce que tu vois ? Regarde bien, il y a quelque chose de petit que tu n'as pas vu... Regaaarde bien. ...] Là, il y a la souris, celui-là, il veut l'attraper. (Elle parle très doucement) [La souris.... qu'est-ce qu'elle fait là ?] Lui, il veut la manger. (Elle montre le lion du doigt sur la planche) [Qui veut la manger ? Lui ?] Lui ! (elle tapote de plus belle) [Celui-là !... Est-ce qu'elle a peur? Ou bien non ?] Hein? [La souris...] Elle, elle va rester là. Elle veut pas partir, le voilà qui attend. Si elle sort, il va l'attraper. Comme ça... [Il attend pour qu'elle sorte pour la manger ?] Oui. [Oui. C'est comme ça? Et lui-là ?] Lui, il est pas bon... [Hum hum. Elle, elle a peur ? Ou elle est contente, la petite souris...] (Elle parle de façon plaintive) Là, voilà, elle veut sa maman... Elle veut pas sortir. [Elle veut pas sortir, elle appelle sa maman ?] Hum.» Elle me rend le tableau et je lui montre le quatrième.

Tableau 4

Je lui dis pour bien regarder le tableau et elle commence à associer. « Ce sont les petit de ch?» [Les petits de ?] Les petits de cho. [Dis-moi,-toi. Je ne comprends pas bien, J'ai mal entendu.] Les petits... [Bon, qu'est-ce qu'ils font ?] Le voilà, il fait du vélo. [Il fait du vélo. Et il aime faire du vélo ? Il l'air a content, ou bien... ?] Oui, il aime. [Et qu'est-ce qu'ils font d'autre ?] Lui, il marche avec. [Il marche avec.....Hum hum.... Et qu'est-ce qu'ils font tous ?] Celui-là, il a mis le chapeau et il a porté celui-là et il marche. Il marche. [Et lui, c'est quoi ? petit ou grand ?] Petit [Très petit ou bien?] Un peu... [Juste un peu. Ce n'est pas un bébé.] Il est petit juste comme ça. [Un peu petit. Pas beaucoup. Et que font-ils ?] Ils marchent pour aller à une maison. [Ils vont à la maison- Et lui, c'est qui ?] Leur papa de ceux-là ! [Leur papa. Il porte un chapeau et un sac. Qu'est qu'il fait là ?] Il apporte la nourriture. [Il apporte la nourriture. Il apporte la nourriture à la maison n'est-ce pas ?] Là, c'est la maison. [Leur maison?] Oui. [Elle est belle, leur maison ?] Là, il y a de la fumée qui sort. [Il y a de la fumée. Pourquoi il y a de la fumée ?] Elle sort par ça. [La cheminée. Ah ! Qu'ont-ils fait pour qu'il y ait de la fumée?] Parce que lui, là, il nous a allumé le feu. [Allumé le feu... Ah... le froid. Il fait froid ? Elle est belle sa maison?] (Elle signe que non.) [Pourquoi?] (Elle parle doucement mais bien articulé) Parce qu'elle est sale. [Sale ? Ah...] Tous ceux-là ils sont sales. Quand ils marchent, ils se salissent avec elle. [Hum hum ! Ils sont tous sales ? Le vélo aussi, il est sale?] (Elle signe que non) [Et eux ils sont contents ou bien...?] (Elle signe négativement) Tristes. [Tristes ? Ils n'aiment pas acheter la nourriture et l'apporter à la maison ?] (Elle signe affirmativement, en accord avec moi.) [C'est ça ! Ça ne leur plait pas.] Elle me rend le tableau et je lui montre le dernier.

Tableau 8

Elle regarde l'image et exclame : « Ouh ! Les singes ! C'est les singes. [Les singes. combien y en a-t-il ? Ils sont nombreux ?] Un, deux, trois, quatre. Il y en a comme ça. (Elle compte sur ses doigts

et ne montre sa main). [Quatre. Il y en a quatre. Quatre grands ? Quatre petits ou bien... ?] Celui-là il est petit et ceux-là, ils sont grands. [Tous ceux-là sont grands. Des hommes ou bien des femmes ?] Ce... celle-là, celui-là... celui-là c'est un homme. (Elle tapote vivement la planche) [Hum hum] Celui-là c'est un homme. [Un homme. Et celui-là, qui est assis avec le petit là ?] Un homme. [Un homme. Ce sont tous des hommes. Il n'y a pas de femmes ici ? Et le petit ? Fille ou garçon ?] Un garçon. [Un garçon. Et ils sont contents ? Ou bien... ?] Ça dépend. Lui, il est triste et il est content. Et lui, il lui dit va (au féminin) va me chercher de l'eau... [Ah ! Va me chercher de l'eau... Il est en colère?] Mon frère aussi, il me dit : 'Va me chercher de l'eau'. Papa.... Et mon père, il dit : 'Non je ne vais pas te laisser...' [Ah ? Et bien!] Mon frère qui me dit : 'Va me chercher de l'eau !' [Et qui va chercher l'eau ?] (Elle parle très doucement) Moi, qui vais chercher l'eau. [Toi.... pas ton frère. Toi qui va chercher l'eau. Et qu'est-ce que tu vois là ?] Ça c'est la photo de celui-là. [La photo de celle-là, celle-là ou celui-là ? Un homme, tu m'avais dit...] Hum. [Hum hum. Et alors qu'est-ce qu'il a ici ?] Il a des lunettes. [Il a des lunettes. Donc, là et là, c'est le même. Et qu'est-ce qu'ils font ces deux-là ?] Ils sont en train de dire... ils parlent... (Elle tapote nerveusement) [Ils parlent...] Eux, ils sont assis. [Assis, oui. Ils parlent à quel sujet ?] Lui, il est en train de lui dire. [Qu'est-ce qu'il lui dit ?] Il lui dit : 'Ben. Demain... Celle-là... [Hein ?] À demain. À demain. On va par-tir. [On va partir. Quelque chose d'autre?] Non.» [Ok. D'accord.] Elle me rend le tableau et on finit la passation du CAT-A.

Interprétation Aicha

Les récits d'Aicha aux tableaux du CAT-A montrent qu'elle est une douce petite fille qui commence à faire face aux défis de la dépendance relative, particulièrement au début des expériences de désillusion qui inaugurent cette étape du développement. Ce processus est vécu dans le cadre d'une rivalité fraternelle importante, plus spécifiquement d'ordre sexuelle, même si Aicha ne semble pas encore concevoir l'existence des deux sexes. En ce sens, pour elle, il n'existe que le sexe masculin et les différences sexuelles entre les hommes et les femmes se présentent comme les différences entre les plus grands et les plus petits, la puissance, le pouvoir et le statut en étant attribués aux premiers. Devant cette situation, elle, qui a déjà commencé à voir à soi-même en tant que quelqu'un séparé de sa mère, sans, pour autant être encore grand comme les autres adultes, éprouve un important sentiment de vulnérabilité et de faiblesse. C'est pour cela qu'elle exprime, au début de la tâche du CAT-A une voix plaintive, en signalant l'insécurité et l'hésitation face à la demande que lui avait été faite. Cette expérience, typique de l'étape de développement qu'elle se trouve, acquiert des tonalités spéciales dans le contexte culturel où elle vit, marqué par l'attribution de l'autorité à la figure masculine.

Dans ce cadre, Aicha, en concevant à soi-même comme une petite fille encore impuissante, éprouve une relation spéciale avec sa maman. Encore que le lien soit fondamentalement bon, un endroit où elle peut rencontrer le refuge et la protection (tableau 3), elle présente aussi le sentiment d'avoir souffert une injustice vis-à-vis de son frère aîné. Ceci est vu comme quelqu'un qui sollicite et exige beaucoup des gratifications de la mère. Par conséquent, la mère est épuisée par lui et a beaucoup

du mal à se dévouer à elle. Bref, l'expérience d'avoir perdu la maman du stage de dépendance absolue est interprétée par elle comme le résultat des demandes incessantes de son frère aîné, état des choses qui provoque un sentiment de privation (tableau 1 : l'enfant plus grand va manger, mais les plus petits ont leurs assiettes vides). L'interprétation d'Aïcha à cette situation est que le frère a des privilèges pas en raison d'être le plus grand ; au contraire elle le voit comme le plus grand *parce qu'il a ces privilèges* (tableaux 1 et 2 : les personnages plus petits sont petits parce qu'ils ne mangent pas). Cette situation pose d'autres conséquences parce que, en ayant la mère et en grandissant à cause de cela, l'autre devient de plus en plus exigeant. La voracité s'installe et inaugure, ainsi, un cycle vicieux.

En plus, celui qui est physiquement le plus grand (l'homme : le père et le frère aîné) inspire peur et devient, de cette manière, la figure d'autorité. La voracité exprimée par cette figure lui vole la mère et lui pose des contraintes en interdisant ses mouvements envers d'elle et du monde extérieur ; la spontanéité n'a pas, ainsi, beaucoup de place (tableau 3 : le lion mangera la souris si elle sort de son trou). En plus, la figure d'autorité fraternelle lui exige, qu'elle-même remplisse ses besoins (tableau 8 : le frère lui demande d'aller lui chercher de l'eau), même si Aïcha peut compter sur autre figure plus puissante, le père, qui empêche les demandes abusives de son frère (tableau 8 : le père dit : 'Je ne te laisse pas...').

C'est pour cela que la déception de découvrir que la mère n'est plus capable de l'approvisionner complètement et que, en conséquence, elle doit chercher des ressources dans le monde extérieur (tableau 4) n'est pas soulagée par la certitude qu'elle va continuer à rencontrer le confort dont elle a besoin dans l'accueil du foyer. Si elle est encore petite et fragile et si la sortie vers le monde extérieur lui semble périlleuse, l'ambiance chez elle n'est pas capable non plus de lui fournir la même assurance qu'avant (tableau 4 : l'enfant n'aime pas sortir pour acheter la nourriture mais il n'aime pas non plus rentrer chez lui parce que sa maison est sale). De sorte que la séparation avec la mère et le père est déjà conçue comme définitive, quoi que soit l'endroit. Dans cette situation, Aïcha craint que l'éloignement de ses parents (surtout de la mère) lui rende exposée aux dangers et abus du monde, même si ceci s'agit de son frère.

Cet état des choses conformément vécu par Aïcha ne veut pas dire forcément qu'elle vit dans une ambiance familiale qui a du mal à l'accompagner dans ses premiers pas vers l'autonomie et la séparation, ni que les parents ne la rassurent pas beaucoup. En vrai, cette adorable petite fille semble se rencontrer dans le milieu d'un douloureux processus de désenchantement, sans avoir encore développé toutes les ressources pour faire face à lui. Si elle présente déjà une bonne capacité pour le jeu, la capacité d'association et de symbolisation ne sont pas encore bien affirmées. De sorte qu'elle ne peut pas s'utiliser du jeu en toute sa plénitude pour s'approprier du monde d'une façon personnelle (tableau 2 : les ours sont fâchés parce que la corde est dure). Enfin, il manque encore à cette petite fille de la flexibilité pour accepter que l'omnipotence puisse être remplacée par le « comme si » et que ceci a aussi son charme. Pendant ce temps des déceptions et d'élaboration, les relations sont encore plus basées sur le tout ou rien, du genre « moi ou toi ». C'est pourquoi les liens avec la figure d'autorité

sont aussi difficiles à gérer et, comme elle est la petite, elle ne peut faire que se soumettre. En dépit de ce tourbillon de désenchantement et de crainte, la croissance est toujours bien acceptée (tableau 4 : le petit kangourou aime faire du vélo). Plus de détails sur le récit d'Aïcha sont décrits dans l'analyse de chaque tableau du CAT-A, présentée à suivre.

Tableau 1

En ce récit, après une période d'hésitation pour s'approcher de la tâche et pour commencer une activité de jeu, Aïcha montre sa désillusion pour sentir qu'elle n'a plus tous ses besoins assurés par la mère. C'est ici qu'elle révèle son sentiment de souffrir une certaine privation à cause de l'attitude vorace de son frère. À son avis, ceci a épuisé toutes les ressources de la mère et, en conséquence, a précipité Aïcha dans une situation de pénurie. Une fois qu'il a introjecté tout ce que la mère pourrait offrir, il est capable de se ressembler plus à elle (il grandit) alors qu'Aïcha continue dans une condition de petite et de vulnérable face au monde. Dans ce récit elle montre aussi que le frère n'est pas plus gratifié parce qu'il est grand, mais qu'il est grand parce qu'il est plus gratifié.

Tableau 2

Le thème des grands qui sont comme ça parce qu'ils sont plus gratifiés que les petits continue dans le récit d'Aïcha à ce tableau. De telle manière qu'elle insiste sur la différence de position et de statut entre les grands et les petits, l'identité d'un se définissant par rapport à celle de l'autre. Le sujet principal de la narration est celui d'un manque de malléabilité de la part de l'environnement, qui n'est pas vu comme sensible à ses besoins (la corde est très dure et les ours/loups sont fâchés à cause de ça). De sorte que le message qu'Aïcha transmet est de que, comme le monde extérieur n'est pas très attentif à ce dont elle a besoin et ne la gratifie pas autant qu'elle veut, les conditions pour l'introjection du bon objet ne sont pas très favorables. Par conséquent, le monde ne peut pas être approprié d'une façon personnelle et l'espace entre la réalité intérieure et extérieure n'a pas pu encore être complètement rempli par le jeu. Bref, elle ressent qu'il lui manque plus de gratification pour pouvoir grandir et atteindre les conquêtes de sa nouvelle étape du développement.

Tableau 3

Les difficultés d'Aïcha pour s'approprier du monde extérieur d'une façon plus personnelle, décrites dans le récit précédent, conduisent la petite fille à établir de relations particulières avec la figure d'autorité. En ce moment de son développement émotionnel, comme il lui manque et au monde extérieur la flexibilité nécessaire pour l'adaptation mutuelle, les relations avec l'autorité s'établissent surtout sur les axes d'imposition et de soumission. L'abîme qui existe encore entre le monde extérieur et intérieur se montre dans ce récit dans sa forme plus aiguë, soutenue par une figure d'autorité très stricte qui ne permet pas les mouvements spontanés. La crainte d'être dévorée et emprisonnée par

cette figure l’emmène à chercher l’abri et protection dans les bras de la mère, refuge sur qui elle peut toujours compter, en dépit du changement du lien.

Tableau 4

Suite au récit antérieur, Aicha communique devant ce tableau que, même si la mère est capable de l’offrir du *holding* et de la protection, le lien avec elle a changé vers une façon que ne lui plaît pas beaucoup. Encore que la croissance soit bienvenue (le petit kangourou aime bien faire du vélo) l’événement que la déclenche, à savoir, l’insuffisance maternelle pour remplir complètement ses besoins et envies, lui apportent un certain chagrin et nostalgie pour la perte de la relation précédente (l’enfant n’aime pas sortir avec la mère pour acheter la nourriture et la ramener à la maison). Également, l’ambiance familiale n’est plus conçue comme capable de l’offrir le *holding* qu’elle aimerait avoir, quoiqu’il continue à être chaleureux (quelqu’un a allumé le feu). Les récits aux tableaux 3 et 8 suggèrent que cela arrive à cause de la présence d’une figure d’autorité dans la maison, qui est conçue par elle comme sévère et intolérante, quand même un peu abusive. Enfin, Aicha révèle dans ses associations au tableau 4 que la relation idyllique avec la mère a été contaminée pour les apportes de l’autonomie qu’elle a atteint (les enfants et la mère se salissent quand ils sortent de la maison et, à cause de cela, salissent le foyer quand ils reviennent). Cette modification du lien est interprétée par la petite fille comme une mésaventure, un incident indésirable, mais qui ne peut pas être nié ni effacée : ce n’est plus possible revenir en arrière et reprendre les choses comme elles étaient avant.

Tableau 8

Le changement de relation dans la famille continue comme le thème élu par Aicha dans son récit à ce tableau. Elle aperçoit que sa position dans la famille est celle de la plus petite et, ainsi, la plus vulnérable. Par ailleurs de ne plus pouvoir compter sur la protection fusionnelle et intégrale de la mère, elle se sent aussi exposée aux abus d’autorité des plus grands, particulièrement du frère aîné. Celui-ci est vu par elle comme quelqu’un que lui a volé la gratification maternelle et qu’en plus, lui exige d’être approvisionné par elle (il lui demande d’aller chercher de l’eau par lui). Alors que le père est là, il est capable de la défendre des excès fraternels (*mon père, il dit : je ne vais pas te laisser...*) ; toutefois, il ne sera pas là toujours (le couple dit ‘à demain’ à elle et à son frère). Ainsi, bien que la petite fille ait déjà compris que l’éloignement parental est provisoire et qu’elle pourra continuer à compter sur son père et sa mère, les périodes d’absence d’eux lui apportent de l’inquiétude et de l’appréhension.

En synthèse, Aicha est une petite fille que, du point de vue du développement du *Self*, peut être située dans le début du stade de dépendance relative et, en ce qui concerne l’évolution pulsionnelle, au début de l’étape œdipienne. Elle est en train d’accomplir les tâches d’intégration, personnalisation et de réalisation. En ce moment son identité semble se développer surtout par rapport

à la contraposition avec celle de l'autrui, plus spécifiquement entre les grands (les autres) et les petits (elle-même). Elle semble faire face au processus de la désillusion, qui est vécu par elle d'une façon particulière. La perte de la mère de l'étape précédente la touche profondément et provoque nostalgie et désolation. Elle sent que, quelque part, l'acquisition croissante de son autonomie a eu comme prix la réduction du *holding* maternel. Elle interprète ce changement de relation avec sa maman comme conséquence de la voracité de son frère aîné, qui prend toute la gratification maternelle. De telle manière que, épuisée par le frère, la mère a du mal à lui concéder les mêmes expériences d'illusion qu'avant. Le sentiment d'Aïcha est que le frère a grandi parce qu'il a tout pris de sa maman et n'a rien laissé pour elle. En plus, maintenant qu'il est grand, il prend une position d'autorité vis-à-vis d'elle qui se sent exposée à ses excès. L'autorité est conçue comme plutôt masculine (le père et le frère), pas parce que ses représentants sont des hommes mais parce qu'ils sont grands (plus que les femmes). En outre, elle a déjà compris que même si elle peut compter sur la protection paternelle contre les abus d'autorité de son frère, ses parents ne seront pas toujours là pour la défendre.

Plongée dans l'insécurité de sa vulnérabilité, la petite Aïcha n'a pas encore développé les ressources que lui permettront résoudre le problème de l'étape transitionnelle, à savoir, remplir l'espace entre soi-même et l'autre par moyen du fantasme, de la pensée et du jeu. Cela arrive parce qu'elle a l'impression que l'environnement n'est pas assez flexible pour accueillir sa créativité. C'est pourquoi la distance entre le *Self* et le monde extérieur persiste et elle ne voit autre solution pour ce problème que la soumission. Dans ce cadre, les relations avec l'autorité deviennent plus difficiles.

Enfin, la douce Aïcha fait face au deuil de la mère de l'enfance et a besoin de temps pour absorber cette perte et l'assimiler dans le *Self*. Et pour cela elle peut compter sur l'amour de sa mère et sa propre bienveillance vis-à-vis de la croissance.

Synthèse Badra et Aïcha

Les récits de Badra et d'Aïcha aux tableaux du CAT-A montrent qu'elles présentent le même souci concernant ce moment où la fille rentre dans l'étape de dépendance relative du développement émotionnel. Si Aïcha regrette la perte de la mère fusionnelle, événement qui l'a rendu fragile et vulnérable face au monde, Badra, aussi nostalgique de la relation antérieure, s'interroge sur la façon dont elle pourrait se dévouer à sa petite en ce moment et continuer à la protéger. Si le monde est vu par Aïcha comme parfois abusif et dangereux, il est compris par Badra comme éventuellement dur et quand même un peu cruel, surtout en ce qui concerne les relations avec la figure d'autorité.

Au milieu du processus de deuil par la perte des illusions de l'étape évolutive précédente, la petite Aïcha ne dispose pas encore des ressources assez développées pour remplir l'espace entre soi-même et le monde extérieur qu'elle vient de découvrir exister. Pour elle, le monde a perdu beaucoup de son enchantement et, à cause de cela, elle est prise par la tristesse et le chagrin. Encore un peu confuse par rapport à ce que s'est passé, la première explication d'Aïcha par ce fait est que son frère aîné a pris toute la gratification maternelle et l'a jetée dans un état de privation. C'était à cause de cette

voracité qu'il est devenu grand et, une fois qu'il inspire la peur à cause de son taille, il est devenu, comme son père, une figure à qui on doit obéir. Le frère et le père sont vus par elle comme des autorités de la maison, moins du fait d'appartenir au sexe masculin, mais d'être grands (plus que les femmes).

Badra, à son tour, est sensible à la souffrance de sa fille, qui la blesse également. Tout en sachant que le lien fusionnel antérieur ne peut pas être repris et qu'elle doit de plus en plus partager sa petite Aïcha avec le monde extérieur, elle s'interroge quelle est le genre de lien qu'elles peuvent désormais entretenir. Elle ressent que l'expérience de séparation qu'elle a eue avec son fils aîné ne l'apporte pas une base solide pour éprouver et gérer émotionnellement celle qu'elle a avec sa fille. Cela arrive parce que Badra comprend la séparation mère-fils comme plus naturel et attendue que celle entre mère et fille, à cause de la solidarité sexuelle qu'elle croit exister entre les hommes et entre les femmes. Les liens mère-filles sont, pour elle, plus serrés, ce que rend la désillusion plus coûteuse. Si maintenant son garçon est plus lié au père qu'avant, celui-ci commence aussi à devenir de plus en plus important dans la vie de la fille. Plus qu'une simple jalousie, cette situation déclenche en Badra plutôt une crainte que le père, du sa position d'autorité (et possiblement son autoritarisme) et sa sensibilité réduite, expose sa fille à des angoisses qu'elle cherche à éviter. C'est pourquoi Badra essaye d'adoucir le climat familial et garantir le *holding* à Aïcha, qui s'a déjà rendu compte, en fonction de son processus évolutif, que même dans le foyer, la protection intégrale n'existe plus. Bref, consciente des désillusions que la fille éprouve, Badra, renforce son dévouement à elle pour lui montrer qu'en dépit de tout, le foyer est un endroit agréable.

Dans ce processus de construire un lien sur des nouvelles bases, en considérant la réalité de qu'elle et la mère disposent de corps séparés, Aïcha commence à utiliser le jeu comme un intermédiaire entre les deux. Cependant, à son avis, la réalité objective ne se plie pas à la subjective comme elle devrait le faire, ce qui empêche le jeu de remplir cette fonction. Il manque encore la flexibilité des deux parties pour que le « comme si » puisse être utilisé en son intégralité. À son tour, Badra, dans la recherche d'un nouveau lien solide comme le précédent, rencontre la solution à l'endroit qu'elle considérait le plus improbable : dans l'attitude et la relation que son mari entretient avec sa fille.

Si d'abord elle se méfiait des maléfices qu'il pourrait causer à sa fille étant donné sa rigueur et sa dureté, elle s'aperçoit que ces caractéristiques sont importantes pour protéger la petite Aïcha des périls du monde extérieur. Soulagée par cette constatation, elle observe que le mari est aussi capable de l'aider dans autre tâche également importante soit pour la protection de la fille, soit pour garantir le lien entre le couple et l'enfant : assurer les introjections de figures parentales que la petite devra faire. De telle manière qu'il soutient la préservation des parents dans le *Self* d'Aïcha et de son frère, car il récupère le lien familial dans une autre dimension, la symbolique, qui remplace la fusionnelle. D'où, la peur de Badra d'être oubliée par Aïcha lors de la participation croissante du monde extérieur dans la vie de la fille (dont le mari est le premier représentant) est paradoxalement apaisé par l'insertion plus

systematique de la figure du père dans leur lien. Par moyen de l'introduction de la dimension symbolique dans la relation familiale, le père offre à la mère un modèle de lien qu'elle pourra utiliser désormais vis-à-vis de sa fille.

En ce sens, Badra récupère, dans le processus évolutif en marche entre elle et sa fille, le rôle du mari en tant que quelqu'un capable de contribuer pour garantir l'union familiale et son lien avec Aïcha. Bref, le mari commence à être vu par elle comme quelqu'un que, à la place de désagréger, unit les deux dans la séparation.

Plus sereine après cette perception, Badra se trouve en des meilleures conditions pour aider Aïcha à dépasser la désillusion et le deuil par la perte de la symbiose que la petite fille éprouve et à retrouver les ravissements de la vie. Si Badra a déjà compris l'importance du père dans ce processus de récupération des joies de la maternité qu'elle croyait que l'avaient été quelque part soustraites, Aïcha fait ses premiers pas dans cette direction. De telle manière que, malgré la peur que son père lui inspire parfois, elle a déjà compris qu'il joue un rôle important pour sa protection dans le foyer contre les abus de son frère.

En synthèse, Aïcha et Badra composent une dyade qui commence à faire face aux défis de l'établissement d'une nouvelle relation où elles se découvrent déjà séparées physique et émotionnellement l'une de l'autre. En ce moment elles font le deuil du lien fusionnel. La préservation de la protection de l'une sur l'autre et la survivance d'une dans le *Self* de l'autre sont leur soucis principaux. Si Aïcha semble être encore plongée dans la déception et dans le sentiment de vulnérabilité résultant de ces changements, Badra a déjà compris la façon dont un nouveau lien entre les deux pourra être installé. Pour cela, l'introduction plus régulière du père dans leur relation joue un rôle essentiel. Si d'abord Badra regardait le mari comme quelqu'un qui pourrait contribuer pour l'éloigner d'Aïcha et quand même se constituer dans un risque pour le développement émotionnel de la fille, elle ensuite s'aperçoit que, au contraire, il protège la dyade des périls extérieurs et stimule les introjections de la fille. Dans ce processus, il offre à la dyade un nouveau modèle de lien, fondé sur le symbolisme. Cette compréhension lui apporte toutes les conditions pour aider sa fille à traverser le chemin de la dépendance absolue vers la relative et rencontrer à nouveau dans le monde une source de joie et de magie dans les infinies découvertes que la vie permet de faire.

APÉNDICE BC - Dyade Omeya et Naïma

Identification

Omeya: 29 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Naïma, 6 ans; Abdul, 3 ans; Samia, 2 mois

Enfant étudié: Naïma

Ordre des entretiens : 1) Omeya

2) Naïma

Récit d'Omeya

J'ai connu Omeya par moyen du directeur d'une école maternelle de Lille. Ce directeur-là m'a aidé à contacter des mères maghrébines pour participer de ma recherche. Il a proposé aux mères de l'école de venir à une réunion avec moi, mais seulement quatre mères ont comparu. Parmi ces quatre, Omeya a été la seule qui a accepté de me parler ; donc on a fixé un jour de la semaine suivante pour faire l'entretien.

Le jour de notre rencontre, il faisait très froid et il pleuvait beaucoup. Omeya est arrivée juste après moi et m'a demandé quelle serait la durée de l'entretien : elle m'a expliqué que son bébé, Samia, de deux mois, était malade, donc elle ne pourrait pas rester longtemps avec moi. Je lui ai dit que notre conversation ne serait pas très longue et elle s'est apaisée. Malgré la maladie de son bébé, elle n'a pas semblé être pressée pour finir notre rencontre. Le directeur de l'école nous a adressé à la bibliothèque et nous a laissées seules pour qu'on puisse parler tranquillement.

Omeya est très belle : elle a 29 ans, la peau claire, et elle est brune aux yeux noirs. Ses cheveux sont longs, pris dans le haut de la tête et elle avait des mèches blondes. Elle est mince et ne fait pas le type physique des femmes maghrébines : elle pourrait se passer pour une française. Elle s'habille avec simplicité mais aussi avec élégance et parle français parfaitement. Je lui pose des questions sur son bébé et elle me laisse savoir que, en plus de Naïma et Samia, elle a un garçon de 3 ans qui s'appelle Abdul.

Au début de notre contact, Omeya semble être un peu hésitante, mais petit à petit elle devient plus détendue. Initialement elle ne parle pas beaucoup de soi-même : elle ne parle que de ses origines. Par contre, quand elle parle de Naïma, ses yeux brillent : elle semble être complètement passionnée pour sa fille. Toutefois, elle est toujours très discrète.

Je commence l'entretien en demandant à Omeya de parler un peu d'elle-même et de sa famille. Je lui demande aussi où elle est née. Elle me raconte qu'elle est née en Algérie et que ses parents ont eu neuf enfants, sept filles et deux garçons. Elle est leur troisième enfant, après un frère et

une sœur. Elle raconte que quand elle avait dix ans, toute sa famille s'est déménagée en France, où ils restent jusqu'aujourd'hui (elle, ses parents, frères et sœurs). Elle raconte aussi qu'elle s'est mariée en France et que son mari est aussi algérien (elle réitère qu'il a la même origine qu'elle), et qu'ils ont eu trois enfants, deux filles (Naïma de six ans et Samia de deux mois) et un garçon de trois ans, qui est dans le milieu. Elle arrête de parler ; donc je lui propose de montrer les tableaux du CAT-A et je lui demande de me parler de son expérience en tant que mère de Naïma, à partir des situations illustrées. Elle comprend tout de suite la nature de la tâche et je lui montre le premier tableau.

Tableau 1

Omeya regarde la figure et dit que c'est autour de la table. Elle raconte que sa famille ne mange pas forcément à trois en même temps (sa façon de parler est lente avec quelques hésitations). Elle ajoute que cela arrive parce que ses enfants sont à l'école et son papa a des horaires très variés. Donc, généralement, le soir, elle mange avec ses enfants (elle réitère : « *avec ma fille* ») et le papa, il mange tout seul. Elle dit que cela n'arrive pas tous les jours, mais c'est souvent. Elle dit que c'est pour ça que les trois petits canards sont à table et que c'est ça ce qu'elle pense. Je lui demande comment est la situation où elle mange avec ses enfants. Elle a dit qu'elle aime bien manger avec eux et que, de toute façon, c'est obligé, sinon ils ne mangent pas, surtout sa fille qui n'est pas une très très grande mangeuse. Alors, c'est obligé de rester avec elle pour la surveiller. Elle dit que si elle n'est pas là pour dire « Vas-y, Naïma, il faut manger », elle ne va pas manger. Elle va plus regarder la télé ou parler à son frère ou... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit que la fille est comme ça. Je lui demande si Naïma était comme ça quand elle était un bébé et Omeya dit que oui, que Naïma a été toujours comme ça. Elle dit qu'il y avait quelques fois que Naïma arrive à bien manger pendant une semaine et après ça se dégrade et ... (elle ne complète pas la phrase). Elle répète qu'à la base, la fille n'est pas une grande mangeuse, alors, il faut rester derrière elle pour le surveiller, c'est obligé, sinon elle ne mange pas. Elle me demande si il y a d'autre chose que je voulais savoir et je lui dis que non et je lui demande si elle voudrait me dire quelque chose d'autre. Elle dit que non, qu'elle les voit (dans l'image) à la table à manger, donc elle a parlé un peu de la façon comment on s'organise pour manger. Elle me rend le tableau et je lui présente le deuxième.

Tableau 2

Elle a un peu de difficulté par rapport à cette image. Elle dit : « Hummmmm » et, après, elle demande : « C'est par rapport à l'image que je dois dire... (elle hésite) que je devrai raconter ma vie quotidienne avec ma fille ? ». Je lui dis qu'oui, qu'elle pourrait parler de ce que le tableau lui rappelle. Elle dit que là il y a deux ours qui se tirent comme ça (elle hésite et reste en silence). Elle devient un peu bouleversée et dit, d'une façon nerveuse, si on pourrait regarder une autre image et laisser ce tableau du côté. Elle demande, d'une façon un peu perturbée, s'il y a un ordre (à suivre des tableaux).

Je lui réponds que non et qu'il n'y a pas de problème si elle ne veut pas parler de cette figure. Donc elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

Elle regarde l'image et dit : « Le chef de famille ! ». Elle rit et dit « Bien sûr, c'est le papa ». Elle rit à nouveau et dit que c'est lui qui (et répète que c'est lui qui) dirige la famille et c'est lui qui (pause) enseigne un petit peu les enf... (elle ne finit pas le mot), sa fille, surtout sur la religion. Elle raconte qu'ils sont de religion musulmane et c'est vrai qu'il lui apprend beaucoup des choses sur l'Islam, sur le... (elle hésite) sur ce qu'elle a le droit de faire, c'est qu'elle n'a pas le droit de faire. C'est le papa qui fait principalement ça. Elle ajoute que son mari enseigne sa fille sur Muhammad, sur la religion, comment le monde a été créé, comment (pause) et surtout sur ce qu'elle a le droit de faire et ce qu'elle n'a pas le droit de faire. Elle explique que cela se passe comme ça parce que dans la religion musulmane est un petit peu stricte par rapport aux européennes, et c'est vrai que le papa vise absolument que ses enfants suivent la même religion que lui. Il faut qu'ils soient au même niveau. Il (le papa) ne veut pas que plus tard sa fille, elle fasse des conneries. Je lui demande de me parler un petit plus de ce sujet. Elle répète que la religion musulmane est un petit peu plus strict par rapport aux autres religions. Elle a beaucoup des interdits, on n'a pas de droit de sortir, on n'a pas de droit de sortir le soir, d'aller boire le nuit, d'y aller avec des copains, avec des... on n'a pas de droit de... (elle ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que c'est d'abord du Ramadan, il faut suivre le Ramadan, faire la prière et ne pas mentir, ne pas faire des péchés. Elle dit que pour les enfants c'est des petits... c'est voler et... Elle ajoute : « Mentir, c'est rien, mais pour notre religion, c'est interdit, c'est interdit aussi pour des autres religions, mais chez nous musulmans c'est plus complexe en fait ».

Elle réitère que c'est plus complexe, par rapport aux copains, les filles doivent garder sa virginité jusqu'au mariage, elles n'ont pas de droit de la perdre avant de mariage. Elle dit que par rapport à cette question, les musulmans la tiennent encore beaucoup (Elle répète qu'ils tiennent encore beaucoup cette restriction.) Elle dit qu'elle-même a grandi sur ces conditions-là, donc, elle ne veut pas que sa fille grandisse contrairement à elle-même (Omeya). Elle veut que Naïma suive comment elle-même a fait, de façon dont plus tard elle ne se sentira pas coupable d'avoir fait quelque chose de mal. C'est le respect des parents, c'est le respect des grands. Je lui dis que je crois qu'il n'est pas facile d'avoir une éducation comme cela et vivre dans un autre pays avec des mœurs différentes. Elle dit : « Exactement ! » Elle dit que c'est vrai que quand Naïma sera grande, elle va être entourée de beaucoup de requêtes et elle sera emmenée à parler de beaucoup des choses. Elle ajoute que c'est vrai que sa fille, après elle aura... (elle hésite). Elle ajoute en disant que peut-être que la fille sera un peu gênée, mais elle (Omeya) espère qu'elle (Naïma) sera fière de sa religion, comme plus tard (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'elle espère qu'elle sera fière d'être musulmane. Elle dit que c'est vrai que maintenant ils (Omeya et son mari) font très très d'attention à ça, parce qu'ils ne veulent pas qu'elle fasse des bêtises qu'elle va regretter de les avoir fait à la suite. Mais c'est vrai qu'il est très

difficile d'éduquer et élever un enfant comme ça en France, plus qu'en Algérie. Là elle serait plus entourée de musulmans, toujours entourée des personnes de la même religion, alors, en France que c'est vraiment compliquée.

Je lui dis qu'elle devait avoir passé pour la même expérience, puisque elle est arrivée en France à son enfance. Elle dit qu'elle habite en France depuis 20 ans maintenant et que ses parents les ont toujours mis cette éducation dans leurs têtes (d'elle et de ses frères et sœurs). Elle dit que c'est vrai qu'au début et après ce dans la tête. Après c'est : 'Ou je suivre la religion musulmane ou je parle de l'autre côté'. Elle dit que ses parents les (à elle et ses frères et sœurs) ont tellement éduqués, ils ont tellement les fait rentrer dans cette religion dans le cœur de façon dont on ne peut pas faire autrement. C'est comme si même si on est élevé en France, être musulman, ça reste musulman, on ne peut pas changer. Elle dit que c'est vrai qu'il en a quelqu'un que... (elle ne complète pas la phrase, mais veut dire clairement qu'il y a des gens musulmans qui cassent les traditions). Elle dit que cela dépend de la personne et de l'éducation que la personne a reçue. Je comment qu'elle dit que l'influence de la famille est plus important pour elle que l'influence de l'entourage et elle répond qu'oui, que la famille est plus important. Elle ajoute que sa famille est très très soudée, ses frères, ses sœurs et ses parents. Donc, par exemple si sa fille chez sa sœur, elle sait qu'elle aura la même éducation, elle ne va pas l'entraîner à faire autre chose. Elle dit que dans la famille ils ont suivi la même religion, ils ont suivi la même éducation et c'est pour ça qu'elle veut que sa fille reçoit la même éducation qu'elle a suivie. Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 4

Elle hésite pour 20 seconds et dit : « Kangourou... ». Elle dit que là c'est la maman qui protège son petit. Elle dit que c'est vrai que c'est elle personnellement qui soigne très souvent avec les enfants, du fait que le papa travaille pendant toute la journée. Elle dit qu'elle travaille aussi toute la journée, mais après l'école, c'est elle qui s'occupe de tout, de leur entretien en fait. Elle reste silencieuse et après elle dit que c'est vrai que nous, on est là pour protéger les enfants, ce n'est pas qu'on les a fait et après on ne les assume pas, donc, on est toujours là. Elle dit qu'elle est très affective avec sa fille, qu'elle parle beaucoup avec elle, de ce qu'elle a fait à l'école, de ce qu'elle va faire après. Elle répète qu'elle parle beaucoup avec la gamine. Elle dit que c'est vrai que Naïma est le premier enfant qu'elle a eu, alors c'était un très grand événement dans la famille et que c'est vrai que quand elle a été arrivée, elle (la fille) était tout pour elle (Omeya). Elle répète que Naïma était tout pour elle et qu'il y a beaucoup d'affection entre elles. Elle dit que parfois, elle donne à la fille des petites fessés, elle engueule sur elle, mais cela c'est normale. Nonobstant, Naïma reste très affective dès sa rentrée, très attachée (elle répète qu'elles sont très très attachées). Omeya dit que malgré elle a eu deux enfants après, l'attachement avec Naïma reste et elle fait toujours attention à la petite. Elle dit que bien qu'on a dit que quand on a le deuxième (enfant) on fait plus attention au deuxième et on laisse un petit peu le premier, et la même chose arrive quand vient le troisième enfant, elle croit que c'est le contraire. Elle

pense comme ça parce que Naïma a grandi et a commencé à apprendre beaucoup de choses et c'est là où il faudra faire plus attention en fait, justement par rapport à ce qu'elle doit faire et ce qu'elle ne doit pas faire. Alors, c'est pour ça qu'elle reste toujours très attachée, puis que Naïma se pose beaucoup des questions maintenant, elle vient d'avoir six ans et elle s'intéresse beaucoup à tout. Quand elle veut faire quelque chose, elle pose d'abord des questions pour savoir ce qu'elle peut faire ou ce qu'elle doit faire, 'Ce quoi ça ?' ; 'Qu'est-ce que je dois apprendre, qu'est-ce que je ne dois pas apprendre', ce sont tous des questions comme ça.

Je remarque qu'elle me dit que le plus Naïma devient autonome, le plus elle a besoin de Omeya, et celle-ci répond « Elle est autonome et elle a besoin de moi ! Ça se ressent qu'elle a toujours besoin de moi. Et elle aura toujours besoin de moi, jusqu'au bout. ». Elle dit que même quand Naïma sera grande, elle aura besoin d'elle et qu'elle même remarque ça dans sa relation avec sa propre mère. Elle dit qu'elle est mariée, qu'elle a trois enfants, elle est autonome, elle travaille, mais quand elle a un petit souci, elle va toujours chez sa mère pour avoir des conseils. Donc, à son âge, elle a toujours besoin de sa mère et e avec sa petite fille, ça sera pareil. Elle dit que si Naïma a la moindre question, elle vient à elle et l'en parle ; « Regard, maman qu'est-ce que je fais », ou « Qu'est-ce que j'ai découvert ». Omeya dit qu'en puis, on (les parents) est là pour les enseigner ou pour les écouter. Elle ajoute que bien qu'elle ait eu deux enfants après, elle reste très proche de sa fille. Et puis, comme Naïma est la première, elle est la chouchoute de la famille, donc... et le papa sans sa fille, il est perdu, lui. Je dis « Il est aussi très attaché à elle ». Elle dit pour deux fois : « Oui, encore plus que moi ». Elle ajoute, en riant, que son mari pleut quand Naïma est malade. Elle dit que son mari est plus attaché par rapport à elle. Donc, l'affection, ça reste toujours (elle ne complète pas la phrase, mais il reste implicite qu'elle veut dire « la même »). Elle dit que, ce n'est pas pour autant qu'elle a délaissé les deux autres, mais qu'elle a fait plus attention à Naïma parce qu'elle a grandi. Alors, si elle veut que Naïma suivre son chemin (à Omeya), c'est là qu'elle doit faire encore plus attention.

Je commente que sa façon de penser est un peu différente de celle des mères françaises ; celles-ci éduquent leurs enfants pour qu'ils soient à chaque fois plus indépendants d'elles. Omeya répond qu'oui, que les européens font comme ça. Quant à elle, elle fait différemment. Elle dit que si elle ne suit pas Naïma maintenant, après il sera trop tard, elle sera laissée dans une éducation à elle-même et pour rattraper les erreurs ça sera fait en retard. Donc il vaut mieux qu'elle (Omeya) la suive maintenant et la laisse tranquille après. De cette façon, au moins elle ira apprendre le maximum de la religion et elle (Omeya) la laisse tranquille après. Après, il sera à elle de choisir ce qu'elle veut faire. Omeya dit que son devoir envers elle-même et envers son Dieu, c'est de le donner l'éducation qu'elle-même a reçu, l'éducation musulmane. Alors, elle commence maintenant parce que après il sera trop tard. Après Naïma aura découvert plein des choses, donc pour le rattraper, il sera très tard. Omeya dit que c'est pour ça que maintenant on la suit plus, et peut-être après, quand elle aura découvert... (elle ne complète pas la phrase). Omeya dit que sa fille s'intéresse beaucoup à la religion. Elle a dit qu'elle a un beau-frère que lui apprend assez pas mal les choses et répète que Naïma s'intéresse beaucoup à la

religion et a ce qu'elle voit autour d'elle et de sa famille. Elle dit que la fille le dit : « Maman, on n'a pas de droit de faire ça, on n'a pas de droit de faire ça ». Donc, elle (Omeya) lui fait attention à sa façon de parler et à sa façon de faire (elle parle très bas en ce moment). Donc, Omeya dit qu'elle est contente, et qu'elle n'a pas beaucoup des difficultés avec Naïma et que ça va être simple. Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 8

Elle regarde l'image et me demande : « Ce n'est pas un rapport avec les grands-parents, ça ? ». Je lui réponds qu'elle peut faire comment elle veut. Elle rit et dit « Elles ne sont pas faciles, les images ! ». Elle dit qu'elle ne sait pas si Naïma va comprendre tout ça, et si elle aura la même imagination qu'elle-même. Elle me demande si j'irais faire Naïma voir les mêmes photos et je confirme. Omeya commence en disant qu'elle voit les grands-parents, le papa, l'enfant, peut-être ça. Elle fait une petite pause et hésite. Elle dit « Le lien familial, peut-être ? ». Elle dit que si elle part du principe qu'elle voit les grands-parents, c'est vrai que sa fille est un « petit peu attaché surtout à ma mère », parce que c'était elle que la gardait quand Omeya travaillait et que pour son fils, ça c'est pareil. Elle dit qu'ils sont chez ses grands-parents très souvent, quasiment tous les jours et que c'est pour ça qu'elle m'avait dit qu'elle a une famille très très liée, très soudée. Donc, on est toujours un chez l'autre et on est souvent chez papa et maman. C'est pour ça qu'elle m'avait me dit que Naïma aura toujours besoin d'elle, comme elle-même a toujours besoin de sa mère. Donc on y va très très souvent et les enfants (de tout la famille) sont très attachés à leur grand-mère, surtout parce que c'était elle que les garde quand elle travaille en fait. Comme elle utilise le temps présent, je lui demande si sa mère garde ses enfants jusqu'aujourd'hui. Elle répond que non par rapport à la dernière (Samia) parce qu'en ce moment sa mère est un petit peu malade, donc elle (Omeya) ne veut pas lui imposer encore... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit que c'est vrai que sa mère a mal au cœur quand elle voit que Omeya doit déposer Samia ailleurs, c'est quelqu'un d'autre (qui garde Samia), mais pour son bien (de sa mère), elle n'a pas envie que sa mère se rend encore plus malade pour sa fille dernière. Elle dit que maintenant sa mère a plus d'âge, qu'elle est un petit peu vieille. Elle me raconte que par l'instant la petite fille est avec elle parce qu'elle est encore en congé (maternité) et après elle sera gardé pour sa sœur qui est assistante maternelle, donc c'est elle qui va la garder. Cette sœur va essayer d'avoir son agrément pour faire l'assistance maternelle pour garder les enfants. Omeya dit que si sa sœur n'arrive pas à avoir cet agrément pour garder les enfants, elle ne donnerait pas Samia à sa mère mais à une autre assistante maternelle. Comme sa mère est malade, elle ne veut pas qu'elle se fatigue, et puis, un bébé, c'est beaucoup de temps, c'est beaucoup d'entretien. Elle ne serait pas à l'aise de voir que sa mère souffre un petit peu pour lui faire plaisir (à Omeya).

Je remarque qu'elle est très attachée à sa mère et elle dit qu'oui, alors c'est pour ça qu'elle ne veut pas laisser Samia avec elle ; il serait comme si elle faisait du mal à sa mère. Elle dit que c'est vrai que Naïma aime bien encore dormir chez sa grand-mère, mais Naïma est grande et sa mère n'a pas

besoin de prendre soin d'elle. Alors, comme Naïma est plus autonome, elle peut la laisser y aller. Mais la petite, non, car il faut changer les couches, il faut la laver, il faut préparer le biberon... D'ailleurs, quand elle (Omeya) accouche, elle va directement chez sa mère, qui la garde pendant deux mois et que c'est elle qui prend soins du bébé. Alors, c'est pour ça qu'elle s'attache après, et avec la dernière (Samia), Omeya n'a pas pu rester longtemps parce qu'elle avait peur que sa mère s'attache encore à elle. Donc elle a resté quelque temps chez sa mère, celle-ci a fait un petit peu l'entretien et puis elle (Omeya) est partie chez elle. Elle répète qu'elle ne voulait pas rester longtemps parce qu'elle savait que sa mère irait s'attacher à sa fille et après va dire : « Non, non, non, c'est moi qui va la garder » et après ça ne sera pas possible et Omeya se sentirait un petit peu coupable (elle rit). Elle dit que c'est ça le lien qu'ils ont dans la famille, ils n'ont jamais fait garder les enfants pour quelqu'un d'autre, ils s'arrangent toujours entre eux. Donc, comme ils n'ont pas des mêmes horaires, ils s'arrangent entre eux pour garder les enfants des autres, que cela c'est une habitude qu'ils ont fait, peut-être. Elle rit et dit que quand sa famille est arrivée en France, ils ne connaissaient personne et peut-être c'est pour ça qu'ils se sont attachés tous les uns à les autres, ils n'avaient que la famille, ils étaient tous seuls, ils n'avaient que les parents. Les enfants ont continué l'école, mais quand ils sont arrivés ils ne connaissent personne. Ils n'avaient pas des cousines, des cousins, des tantes, des oncles en France, ils étaient tous seuls et c'est peut-être pour ça qu'ils ont été très attachés en fait. Elle regarde le tableau et dit que pour cette image, c'est tout et qu'elle ne sait pas s'il y a quelque chose d'autre à dire. Elle ajoute qu'en fait c'est comme si elle raconte sa vie (elle rit). Je dis qu' oui et que quand on parle des enfants, on parle un peu de nous-mêmes. Elle dit que c'est comme ça et qu'on veut toujours que les enfants suivent notre éducation et quand on parle d'un ou de l'autre, c'est ce qui on a envie pour nos enfants.

Elle me rend le tableau. Comme elle est très détendue en ce moment, je lui demande si elle voudrait reprendre le tableau 2. Elle est d'accord, donc on le fait.

Tableau 2

Elle regarde l'image et dit : « La loi du plus fort ! ». Elle fait une pause, hésite et dit que par hasard elle se rappelle d'une anecdote religieuse qu'elle avait raconté à sa fille. Elle répète que Naïma est tellement intéressée par la religion musulmane, elle sait beaucoup des choses pour son âge, elle a appris beaucoup des choses et quelques fois elle l'étonne. Elle raconte que son mari fait beaucoup du sport et une fois, quand il était en train de faire du sport à la maison, Naïma lui a demandé pourquoi il faisait ça. Le papa lui a dit : « C'est pour te protéger, ma fille, c'est pour te protéger ». La fille lui a répondu « Papa, tu m'enseigne n'importe quoi. Ce n'est pas toi qui va me protéger, c'est Allah qui va me protéger ». Donc, elle apprend beaucoup des choses, elle sait beaucoup des choses. Son papa a resté surpris. Il était content parce que sa fille sait qui la protège, mais à son âge, il a été étonné. C'est pour ça, la loi du plus fort, c'est tout pour eux, celui qui les protège c'est Allah. C'est vrai qu'on fait attention mais elle veut dire que s'il y a quelque chose, ce n'est pas, ce notre Dieu qui fait tout en fait.

Elle dit que c'est pour ça qu'elle m'a raconté cette histoire. Il n'y a pas la loi du plus fort ou... (elle ne complète pas la phrase). Elle regarde le tableau à nouveau et dit qu'il y a deux ours que se tirent comme ça, c'est la force, c'est tout et c'est ce qu'elle voit sur cette image. Elle rit et me rend le tableau.

Je dis que je voudrais lui demander une chose : elle m'avait dit qu'elle suivait la religion musulmane mais j'avais remarqué qu'elle ne portait pas le voile. Elle me dit que c'est vrai que c'est une obligation mais elle ne le porte pas. Elle dit qu'elle fait la prière, elle fait du Ramadan, mais en France, le voile, elle a un petit peu mal à le porter. Elle raconte que ses sœurs portent le voile, mais elle a du mal à le porter, parce que son patron lui en a parlé, que c'est comme une interdiction en France. C'est pour ça que cela lui fait un petit peu mal de ne le pas porter. Elle dit qu'elle aimerait bien le porter, mais si c'est pour le porter et l'enlever, porter et l'enlever, porter et l'enlever, elle n'a pas envie de le faire. Parce qu'elle s'est dit que si elle va vraiment le porter, elle le porterait tout le temps à sa tête. Elle dit que dans quelques autres endroits, elle pourrait bien le porter tout le temps, elle pourrait travailler avec le voile, mais en France elle a un petit peu de mal à le porter. Je lui demande pourquoi elle ressent comme ça, si c'est à cause des gens. Elle répond que c'est les gens et les européens, qu'est-ce qu'ils vont dire et qu'en France ils ont tellement parlé du voile, qu'en fait elle est un petit peu dégoûtée. C'est pour ça qu'elle ne le porte pas pour l'instant. Elle dit qu'elle a des sœurs qui le portent sans problèmes, qu'à leurs travaux, ils ne disent rien. Donc, à leur travail, elles peuvent le porter mais pas complètement, elles peuvent cacher les cheveux. Par contre, à son travail elle ne peut pas faire ça, elle est obligée de tout enlever. Et comme elle est obligée de travailler pour nourrir ses enfants, donc... (elle ne complète pas la phrase). Je lui dis qu'elle ressent comme s'il n'existait pas beaucoup de tolérance et elle a dit que non, que malheureusement, il n'y a pas beaucoup de tolérance. Elle rit et dit que chaque pays a sa religion, donc ils (les musulmans) ne vont pas imposer la sienne à un autre pays. Mais un jour, elle portera le voile, il n'y a pas de soucis, peut-être quand elle sera en retraite (elle rit). Elle rit et dit « On ne peut jamais parler ». Je lui demande quelle est sa profession et elle répond qu'elle est gestionnaire dans un établissement financier. Elle ajoute que c'est un travail bien cadré, donc... (elle ne complète pas la phrase).

Elle arrête de parler et je lui demande s'il y a quelque chose d'autre qu'elle voulait dire. Elle dit que non et me demande si j'ai quelque question à lui poser. Je réponds que non, je lui remercie et nous finissons l'entretien.

Interprétation Omeya

Le récit d'Omeya permet d'entrevoir son expérience maternelle vis-à-vis de sa fille comme transpercée de questions et de soucis concernant sa propre histoire de vie, particulièrement ses sentiments envers ses parents et sa fidélité à leur façon de vivre. Dans ce cadre, l'histoire de son immigration et sa condition d'enfant d'une famille dont les valeurs culturelles parfois s'opposent à

ceux du pays d'accueil jouent, jusqu'aujourd'hui, un rôle très important dans la composition de son identité personnelle et maternelle.

En ce sens, encore qu'elle soit arrivée en France quand elle avait 10 ans d'âge et ait passé la majorité de sa vie dans son nouveau pays, la première définition de soi qu'elle fait concerne ses origines algériennes et son adhésion à la religion musulmane. Pendant tout son récit elle a essayé à se montrer (à moi et à soi-même) comme quelqu'un de très loyal aux mœurs maghrébines et musulmanes, comme si la réalité de vivre en France n'avait pas fait aucune différence dans sa vie. Toutefois, principalement à partir de la moitié de son récit, il reste sous-entendue un conflit par rapport à son appartenance culturelle, qu'elle semble essayer d'éviter, surtout à cause de sa signification.

Dans des termes généraux, elle raconte qu'une des principales qualités de sa famille est l'union et un certain enfermement en soi-même. Bien que ces caractéristiques puissent être propres de la culture d'origine, Omeya réitère qu'elles ont été intensifiées à cause de la condition d'avoir immigré dans un pays où ils ne connaissaient personne. Toutefois, le cas est un peu différent, car la décision de la famille de suivre la tradition précédente et de s'imperméabiliser face aux influences d'un nouveau style de vie l'a conduit à un certain isolement du monde extérieur. La culture française semble être vue comme un genre d'antagoniste à être évité et affronté (plus évité qu'affronté). Dans ce cadre, pour soutenir l'observance des contraintes d'une façon de vivre stricte il fallait échapper aux tentations d'une culture dont la principale valeur est la liberté. Le combat aux valeurs « étrangers » et l'évasion de ses séductions semblent avoir marqué l'histoire d'Omeya, soit par rapport à sa famille d'origine, soit par rapport à sa famille constituée. Dans les deux cas, il a été créé une division entre le monde familial et le monde extra-familial que, dans l'expérience d'Omeya, entretenaient une relation de rivalité et d'intolérance mutuelle. Si le monde dehors est vu comme dangereux, il ne reste à la famille que l'enfermement en soi-même. Face à cette situation, ou on est fidèle à la famille, ou on ne fait pas partie d'elle (« *même si on est élevé en France, être musulman, ça reste musulman, on ne peut pas changer* »). Par conséquent, les liens familiaux s'intensifient (elle dit à plusieurs reprises que sa famille est très soudée). Ainsi, se permettre d'être influencé par la nouvelle culture est vu comme une trahison impardonnable. Autrement dit, la constitution de soi en tant qu'une personne différenciée de la famille est conçue comme un rejet de celle-ci, ce qui entraîne des douloureux sentiments de culpabilité. Donc, le lien de la famille d'origine d'Omeya semble avoir été garanti par un mélange de sentiments d'amour, loyauté, culpabilité, dépendance et peur des séductions du monde extérieur.

Dans ce sens, l'appartenance est plus valorisée que l'autonomie ; en outre, celle-ci est vue avec des certaines réserves. Ainsi, bien que l'atteinte des fonctions adultes soit bien accueilli (travailler, se marier, avoir des enfants, par exemple), la façon de les faire, les valeurs, les décisions à prendre doivent suivre les coutumes familiaux et culturels. Devant cette réalité, un certain genre de dépendance vis-à-vis des parents persiste pour toute la vie (« *elle a toujours besoin de moi. Et elle aura toujours besoin de moi, jusqu'au bout* »).

Face à cet état des choses, dans l'expérience maternelle d'Omeya, le concept de l'autonomie est revêtu d'une signification particulière. Vu que sa petite Naïma commence à avoir accès à la connaissance des nouvelles façons de vivre et à acquérir de plus en plus des conditions de se débrouiller toute seule, il y a un danger qui s'approche. Ainsi, l'autonomie croissante devra être suivie d'une intensification de la dépendance, sous la forme d'accent sur l'orientation et l'apprentissage au sein de la famille. Donc, il faut surveiller de plus en plus la fille dans sa journée vers l'indépendance et parfois, combattre ce qu'elle assimile ailleurs (la fille demande à ses parents qu'est-ce qu'elle doit apprendre, qu'est-ce qu'elle ne doit pas apprendre).⁶

En sorte que dans l'expérience maternelle d'Omeya, cette période de dépendance relative est cruciale. C'est pour cela que la remarque d'autrui de que quand on a le deuxième ou le troisième enfant on délaisse un peu le(s) plus âgé(s) n'a aucun sens pour elle. Il est dans le moment de la dépendance relative qui l'enfant doit être plus protégée. En plus, il faut l'infuser, le maximum possible, les valeurs familiales, pour créer déjà une base solide, à partir de laquelle les influences extra-familiales ultérieures pourront être jugées et, dans les cas heureux, refusées.

Cependant, les limites de l'influence familiale vis-à-vis de l'enfant sont aussi reconnues par Omeya et, même si cette admission la gêne un peu, elle les considère déjà comme inévitables. Ainsi, à propos de sa petite Naïma, elle affirme, d'une façon un peu tangentielle, que son obligation est de l'éduquer dans les préceptes de la religion musulmane, mais qu'après, quand la fille sera grande, celle-ci pourra choisir qu'est-ce qu'elle veut pour soi-même. Toutefois, elle ne cache pas du tout son désir de que la petite suive le même chemin qu'elle. D'ailleurs, elle constate que la fille n'a pas eu la même expérience qu'elle, car, différemment de la mère, la petite n'a pas souffert les effets directs de l'immigration et n'a vécu qu'en France. En plus, la propre famille constituée d'Omeya souffre les effets de la vie dans une autre culture : la maman travaille ailleurs, le papa a des horaires variés et ils ne sont pas toujours tous à table pour manger ensemble. C'est pour ça qu'elle affirme, dans son récit au dernier tableau du CAT-A, qu'elle ne sait pas si Naïma ira comprendre l'image ou si la fille aura la même imagination qu'elle.

Pour autant, la question plus importante concerne à la propre expérience d'Omeya en tant que fille. Elle se rend compte que sa mère a vieilli, qu'elle a des limites physiques, donc elle ne sera pas éternelle. Ainsi, elle se voit devant un dilemme à l'égard des soins de la petite Samia. Si donner le bébé pour être soigné par quelqu'un d'autre, un « étranger », peut signifier une agression à la famille, surtout à la mère, exiger à celle-ci de prendre soin de lui est également, en ce moment, une violence. Donc, c'est pour amour à sa mère, pour la préserver (et ne pas se sentir coupable) qu'Omeya court le risque de changer la tradition. Par conséquent, si la famille (la mère) ne peut plus être l'univers d'Omeya, il faut chercher des ressources ailleurs. Dans ce moment, elle, peut-être, sans s'avoir rendu compte, se montre déjà influencée par sa culture d'accueil. Ainsi, elle affirme que si sa sœur n'arrive

⁶ Cette situation est passible de conduire la fille à des difficultés d'apprentissage scolaire, à l'occasion où certains contenus sont abordés différemment par l'école et par la famille.

pas à avoir son agrément pour garder les enfants, elle donnera Samia à une autre assistante maternelle. Elle prend, ainsi, une position dans laquelle la capacité et la connaissance professionnelles sont mis en accent en détriment de la préservation des habitudes familiales (il sera la première fois qu'un enfant sera gardé pour quelqu'un dehors de la famille).

Encore que cette situation puisse être comprise comme une perception de que la garde de l'enfant dans le cocon familial est plus cruciale à l'étape de dépendance relative qu'à celle de l'absolue, la question de briser la tradition familial ne peut pas être négligée dans l'attitude d'Omeya. Ainsi, cette conduite se montre aussi dans son discours sur la délicate décision de ne pas porter le voile et en quelques questionnements subliminaux sur la punition du mensonge et sur l'obligation féminine de garder la virginité jusqu'au mariage. Partagée entre l'obligation religieuse et l'autonomie professionnelle et financière que son travail lui apporte, elle choisit la deuxième. Cette « occidentalisation » se montre aussi dans des autres contextes par ailleurs du professionnel (elle ne porte pas aussi le voile dans des autres situations). Bref, elle montre sa fatigue en appartenir à deux cultures, dont les mœurs sont parfois inconciliables (il fallait porter et enlever le voile tout le temps) et cherche à un genre d'intégration qu'elle n'est pas sûre d'atteindre. Enfin, bien qu'elle reste algérienne et musulmane, il y a une certaine perméabilité que, bien que petite, lui permet d'accueillir quelques coutumes du pays où elle vit actuellement. Autrement dit, les frontières du *Self*, qui semblaient être fortement rétrécies dû le peur du différent, sont capables d'une extension, que doit être petite pour ne pas éveiller la culpabilité.

Les détails de cette dynamique et son dramatisation dans la relation d'Omeya avec Naïma sont présentés ci-dessous dans l'analyse de chaque tableau du CAT-A.

Tableau 1

Dès ce premier récit, Omeya montre son souci principal à l'égard de son expérience en tant que mère de Naïma. Le thème de la narration consiste en garantir que la fille accepte les introjections familiales, particulièrement les maternelles, qui lui sont offertes. Comme la fille ne se montre pas toujours disponible aux identifications (elle n'est pas une grande mangeuse), il faut la surveiller pour qu'elle ne se disperse pas dans des autres intérêts ou façons de vivre (regarder la télé, par exemple). Dans ces termes, la proximité physique est fondamentale, aussi que l'union familiale. Toutefois, les horaires variés du père posent des certaines limites pour la complète réunion de la famille et Omeya, dans ce moment, joue le rôle du seul parent qui doit veiller à cette incorporation. Bref, elle montre qu'il faut faire des efforts délibérés auprès de Naïma pour qu'elle puisse assimiler et suivre les traditions familiales, car il n'y a pas beaucoup de confiance que la fille puisse les absorber et les introjecter par soi-même. En étant dans une culture très différente, l'assimilation des valeurs familiales traditionnelles n'est pas conçue comme évidente et, doit, quand même, être forcée en quelques moments.

Tableau 2

Dans ce tableau, le thème latent rapporté à l'existence des conflits conjugaux est négligé par Omeya, qui fait l'option pour continuer le sujet de son récit précédent. Dans ce cadre, l'image la bouleverse, car elle l'adresse directement au conflit de l'appartenance culturelle. Ainsi, elle, identifiée avec sa fille, voit à soi-même comme d'un côté, celui de la préservation des mœurs musulmanes et maghrébines, en train d'affronter les séductions et les exigences d'adaptation de la culture française. Toutefois, plus qu'un problème de se sentir forcée à être enrégimentée par celle-ci, il semble avoir un conflit interne, dont le désir de se « franciser » reste inconscient dû la culpabilité qu'il éveille. Partagée entre ces deux mondes, Omeya n'arrive pas à trouver une solution pour son conflit et cherche à l'éviter. En sorte qu'elle refuse le tableau et devient capable de lui reprendre seulement à la fin de l'entretien, quand elle démontre une certaine perméabilité à la culture française sans perdre son identité.

Tableau 3

Après le dérangement produit par l'image 2, Omeya devient immédiatement soulagée par la présentation de cette image et sa connotation d'autorité. De manière que, si d'abord elle s'est sentie perdue dans une situation de conflit où elle devrait faire un choix personnel, la présence d'une figure de suprématie pour le dire quel est le mieux chemin à suivre l'apaise. Cela arrive parce que cette figure l'empêche d'avoir la responsabilité pour les erreurs issues d'une mauvaise option. L'autorité est surtout masculine, liée à la figure du père, du mari ou de Dieu. Elle impose des règles de conduite strictes à tous, mais surtout aux femmes et plutôt à l'exercice de leur sexualité. Bien qu'Omeya reste fermement identifiée à sa culture d'origine, en ce moment son conflit entre l'obéissance à ces normes de vivre et le désir d'une plus grande liberté, surtout sexuelle, se montre dans tout son fraîcheur. Ainsi, elle laisse des phrases incomplètes et hésite beaucoup dans les moments où elle aborde ce qu'on a le droit de faire et ce qu'on n'a pas le droit de faire dans la religion musulmane. L'insubordination au code moral est conçue comme un rejet et une blessure aux ancêtres, passible de conduire à une sévère punition, culpabilité ou, pire, à l'exclusion du groupe familial. Dans ce cadre où l'amour signifie l'obéissance et les personnes sont définies plutôt par sa moralité, céder aux tentations de la liberté coûte très cher. Donc, en dépit du fort attachement affectif qu'existe dans la famille, la sensation d'Omeya est que leur amour pour elle est conditionnel. Il faut alors grandir comme sa mère a fait et il faut que Naïma grandisse aussi comme elle-même. Il faut aussi considérer que l'expérience d'avoir immigré dans un pays dont les valeurs sont si différents de ceux de la patrie d'origine, peut intensifier cette dynamique. En sorte que les demandes externes d'adaptation doivent être compensées par les exigences internes de la garde des traditions, car l'acculturation des membres familiales risque l'implosion du groupe. Dans ce contexte, le *Self* personnel est fondamentalement le *Self* familial. Autrement dit, les frontières de différenciation personnelle par rapport à la famille sont très étroites, et leur dépassement engendre une insupportable culpabilité. C'est pour cela que les questionnements et

les désirs d'Omeya de céder à quelques tentations de liberté de sa culture d'accueil restent comme une voix sourde et inconsciente. Bref, Omeya ressent que son obligation vis-à-vis des membres de sa famille est de garantir que sa fille suive le même chemin qu'eux. Dans ce cas, elle compte aussi sur son mari dans la tâche d'assurer que la fille fasse les bonnes identifications (il lui apprend la religion).

Tableau 4

En dépit de la mention à l'appui reçu du mari dans l'enseignement des traditions algériennes et musulmanes à Naïma, Omeya montre que cette tâche concerne principalement à elle. En ce sens, dans ce moment du développement de la petite, où son autonomie s'impose, celle-ci est traitée d'une façon très spéciale. S'il est permis à la fille de faire déjà toute seule quelques activités, le lien d'étroite proximité affective persiste. Donc, il semble se configurer une situation où les différentes conquêtes de l'autonomie sont vécues des façons différentes. Du côté du dégagement des activités pratiques, la séparation entre la mère et la fille et l'indépendance de celle-ci est très bien accueillie. Par contre, du côté de l'affectivité, la séparation physique doit être compensée par la garde d'un intense lien affectif entre les deux, positif et négatif (Omeya a été la seule mère qui a admis donner des fessés à la fille). L'espace entre leurs corps est, ainsi, rempli par cette intense affection, qui apportera les significations et les valeurs aux activités pratiques à dégager (« *Elle est autonome et elle a besoin de moi !* »). De cette façon, une certaine dépendance affective de la famille (surtout de la mère) persiste en tant qu'une force déterminant de ce que l'enfant fera et de ce qu'il ne fera pas. Il semble que le plus l'entourage extra-familial devient important pour les conquêtes de la fille, le plus cette dépendance devra être encouragée, dans le but d'intensifier les introjections des valeurs familiaux. Ainsi, si l'illusion de la période de la dépendance absolue ne peut pas être gardée, elle est remplacée par l'accent sur l'enseignement et l'orientation au sein de la famille.

Bien que la garde de cette dépendance affective puisse empêcher l'affrontement du deuil par la perte de la petite enfance de la fille, elle semble avoir d'autre signification plus importante. Il s'agit surtout du devoir d'Omeya, de continuer sa tradition familiale et de ne pas décevoir ses propres parents. Toutefois, elle ne nie pas le fait de que quand sa petite fille sera grande, elle pourra choisir son propre chemin (si elle aura du courage de refuser les coutumes familiaux et culturels). Ainsi, il faut faire, en ce moment tout ce qu'elle peut pour l'infuser ses propres valeurs et garantir que la fille fasse les bonnes introjections).

Tableau 8

Même si Omeya finit le récit précédent avec une certaine satisfaction par rapport à l'intérêt de Naïma pour les préceptes musulmans, il est dans ce tableau qu'elle remarque plus clairement les limites de l'éducation familial dans le développement de la personnalité de l'enfant. Elle remarque d'abord qu'il y a des certaines différences entre sa propre situation passée et présente et celle de sa petite fille et il y aura d'autres dans le futur. En sorte que si l'histoire de l'immigration et l'absence des

gens connus en France ont permis, à son enfance, l'établissement des liens familiaux qui a resté jusqu'aujourd'hui, maintenant la situation commence à changer. Les raisons de ces transformations concernent surtout aux constatations des limites physiques de sa propre mère. Sans en mentionner directement, Omeya se rend compte que sa propre mère n'est pas éternelle et qu'elle commence à s'affaiblir. Ainsi, si la source principale qui a garanti l'union familiale commence à sécher, il faut chercher des autres ressources ailleurs. À cette perception s'ajoute l'appréciation de que il n'y a pas d'autres substituts, dans la famille, à la hauteur de remplacer la mère (la capacité de sa sœur pour soigner les enfants est douteuse). Donc, il faut chercher de l'aide hors de l'ambiance familiale, ce qu'exige l'acceptation de se laisser influencer par le monde extérieur et de lui laisser, peut-être, influencer la petite Samia.⁷ En plus, cette récurrence à l'univers extra-familial est aperçue comme cruciale pour la préservation de la famille et de la mère. Bref, si dans l'expérience d'Omeya en tant qu'enfant la famille d'origine a pu être autosuffisante, aujourd'hui, ceci n'est plus le cas. Bref, elle reconnaît les différences entre ses expériences et celles de Naïma.

Deuxième présentation du tableau 2

Devant la nouvelle présentation du tableau 2, Omeya continue son récit antérieur et reprend son conflit principal, qu'elle avait exprimé lors de son premier contact avec cette image. En sorte que le déclin et l'épuisement physique de la mère est vu comme passible de conduire à la diminution de la force du pôle d'appartenance à la culture maghrébine et musulmane par rapport à la française. Par conséquent, il y fallait aussi mettre en question le sens de sa vie et sa propre identité. Devant cette angoisse, Omeya trouve, tout de suite une solution : la substitution de la famille concrète, mondaine, par la famille spirituelle. Le père et la mère protecteurs sont remplacés par Allah. Donc, il est son Dieu qui va garantir, dans le temps où elle n'aura plus ses parents, son appartenance culturelle, son identité et réaffirmer le sens qu'elle a donné à sa vie. De cette façon, elle peut être un peu soulagée du conflit interne à qu'elle fait face, vu qu'un de ses pôles a gagné un allié tout-puissant, qui définit le résultat. Toutefois, comme ce désenlace arrive surtout par l'exclusion d'un des côtés et pas par une intégration entre les deux, la séduction par la liberté française persiste dans la réalité mentale d'Omeya.

En synthèse, Omeya s'agit d'une femme dont la vie et l'expérience maternelle est fortement marquée par le dilemme de garder l'appartenance à la culture d'origine ou de s'acculturer à la façon française de vivre. Elle a fait l'option par la première en raison du fort attachement affectif qu'elle a vis-à-vis de sa mère et de la culpabilité que l'acte de briser la tradition l'apporterait. Pour des raisons pareilles, elle élève sa fille de la même manière qu'elle a été éduquée. Cette façon de vivre l'expérience maternelle parfois l'exige affronter les apprentissages que Naïma reçoit ailleurs, dans les cas où elles se frappent contre les principes musulmans et algériens. Ainsi, dans ce moment

⁷ Il est possible que l'ordre de naissance joue un rôle important dans cette acceptation. Ainsi, Omeya semble présenter moins de soucis par une possible « européanisation » de Samia en comparaison à Naïma. Une autre possibilité est qu'un bébé dans le stage de dépendance absolue puisse ne pas être vu comme susceptible à l'assimilation culturelle.

d'autonomie relative de la petite, elle la surveille infatigablement, en essayant de garder un genre de dépendance affective entre les deux, qui assurerait, à son avis, l'identification de la fille avec elle. Dans cette façon d'éduquer, l'appartenance familiale est plus importante que l'autonomie individuelle et le *Self* familial et personnel ne se différencient pas beaucoup l'un de l'autre. Toutefois, Omeya remarque aussi l'impossibilité de rester complètement imperméable aux influences de son pays d'accueil, particulièrement aux tentations de la liberté identifiées à la culture française. Donc, elle essaie d'assumer des certains mœurs français et de permettre une plus grande réceptivité d'eux à sa petite Samia. Par contre, en ce qui concerne Naïma, la « chuchoute » de la famille, la tradition doit être gardée de la façon la plus fidèle possible.

Récit de Naïma

Quand j'ai fini ma conversation avec Omeya, elle m'a accompagné gentilleme nt jusqu'à la salle de cours de Naïma. Elle m'explique que la fille est très timide, donc notre contact serait facilité si elle-même me présentait à la fille. Quand nous arrivons, Omeya appelle Naïma et parle à sa maitresse pour expliquer que je devrais faire une activité avec la petite. L'enseignante m'adresse à une table qui est dans le couloir à côté de la salle. Naïma vient avec moi et Omeya part. Dans le couloir il y a un grand porte-manteau dans le mur, pour que les enfants puissent mettre ses vestes, manteaux et doudounes. La place de chaque élève dans le porte-manteau est dument identifiée par son prénom. L'endroit n'est pas particulièrement silencieux, ce qui, ajouté aux caractéristiques de la petite fille me pose parfois des difficultés pour la comprendre.

Naïma est une fille petite, mince, sa peau est légèrement brune. Ses cheveux sont longs, noirs et bouclés et ses yeux sont aussi foncés. Elle est douce et très timide. Elle parle très bas et elle n'a pas beaucoup de fluidité pour raconter des histoires. Toutefois, elle ressemble désireuse de coopérer avec moi.

J'essaye de commencer ma conversation avec Naïma en lui posant des questions pour la connaître un peu plus. Elle répond à mes questions plutôt par moyen d'un geste affirmatif avec la tête. De cette façon je confirme son âge (six ans) et qu'elle est au CP. À mes questions si elle aime l'école, sa maitresse et ses collègues, elle répond avec un « Oui » laconique. Toutefois, elle ne se montre pas du tout résistante. Quand je lui demande qu'est-ce qu'elle aime faire, elle commence à parler un peu plus. Elle répond : « Je joue avec mon papa et je joue avec mon frère ». Je lui demande quel genre de jeux elle fait avec eux et elle répond : « Je joue à attraper. » Sa voix est très faible et j'ai quelques difficultés pour la comprendre.

Comme elle ne s'engage pas beaucoup dans la conversation, je lui propose de commencer notre activité. Je lui explique que j'irais lui montrer des tableaux avec des figures des animaux. Après, je lui dis que je voudrais qu'elle inventait une histoire pour chacun d'eux. Elle comprend tout de suite la nature de la tâche et je lui présente la première image. Elle laisse le tableau avec moi et je lui dis qu'elle pourrait le tenir si elle voulait. Elle lui fait et commence à examiner le premier carton.

Tableau 1

Elle reste en silence pour 27 seconds et je lui demande ce qui se passe sur ce tableau. Elle me répond : « Il y a une poule ici. [Une poule ici...] et des poussins. Une table avec des assiettes (elle parle très bas et très doucement). Et les poussins, ils mangent... avec une cuillère...et y a un grand bol avec dedans il y a à manger... Et la maman, elle va leur donner à manger. (elle reste en silence pour 5 seconds). Et il y a des chaises. [Hum hum. Et qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver après ?] « Le papa... (Elle reste en silence pour 10 seconds) [Et qu'est-ce le papa va faire ?] (silence de 10 seconds). [Et comment l'histoire va finir ?] Je ne sais pas. [Tu peux inventer...] (silence de 12 seconds) [Le papa va manger avec eux ou il va manger tout seul ?] Il va manger avec la maman, le poussin et le petit frère [Ah, ils vont manger tous ensemble ?] Et le petit bébé. Et c'est tout ». Elle me rend le tableau et je lui dis qu'elle a raconté une histoire très jolie. Je lui montre la deuxième image.

Tableau 2

Elle prend le tableau et commence à parler immédiatement « C'est des ours et il y a un avec le papa qui tirent la corde, et le petit frère, il tire la corde, et ils sont dans la neige (Comme elle parle très bas et j'ai du mal à la comprendre, je lui demande de répéter et elle le fait). Il y a la maman et le papa, ils tirent la corde, et le petit frère, il tire la cage, et ils sont dans...dans... dans la neige. (Le ours seul est la maman ; de l'autre côté il y a le papa et le petit frère). Ils tirent la corde. Et la maman, elle tire, elle tire la corde parce qu'elle veut prendre la corde. (Silence de 5 seconds). Et le papa, il va, il veut prendre la corde, et à la fin, la corde va s'arracher. [La corde va s'arracher ?] Et le papa et le petit frère, ils vont tomber. [Qui va tomber, tous les deux ou seulement le petit ?] Et la maman aussi. [Ah, la maman aussi...] Et après, le papa, la maman et le petit frère, ils vont glisser dans la neige. (silence de 13 seconds). Et c'est tout. » Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 3

Elle prend le tableau et commence à associer tout de suite. « Il y a un lion, et il est assis dans la chaise. Et le lion, c'est un roi. [Hum, hum] Et il a une queue. Et il y a des escaliers, et... et... et ici il y a une souris avec un trou. Et il est passé chez elle, chez sa maison. Et, le lion, il est venu chercher la souris, et la souris, elle regarde le lion. [Et comment l'histoire va finir ?] (silence de 6 seconds) Je ne sais pas. [Tu peux peut inventer n'importe quoi. Tu crois qu'ils vont se rencontrer ou non ?] Ils ne vont pas se rencontrer.) Ils ne vont pas, et après le lion va transformer la souris. [Le lion va transformer la souris ?] (Elle se corrige et dit ensuite) Le lion va se transformer en souris. [Ah, le lion va se transformer en souris] Et c'est tout ». Je lui remercie pour l'histoire, je prends le tableau et je lui montre le quatrième.

Tableau 4

Elle dit immédiatement : « C'est un kangourou avec son enfant. Le kangourou, il est sur un vélo et il pédale. Et le papa kangourou, il saute, il saute, et après il y en a un qui est le petit bébé. Ils sont dans la neige, et ils vont aller dans la forêt. Et... (silence de 15 seconds). Et après, ils vont s'arrêter dans la forêt, et ils vont manger, ils vont faire un piquenique. [Ah, oui, alors il y a le petit kangourou, le bébé et ceci, qui c'est ...] La maman. [La maman, oui, tu m'as dit qu'il y a un papa aussi ?] (Elle balance la tête en signal de négation) [Non ? Seulement la maman ?] Ils vont faire un piquenique dans la forêt et... (silence de 5 seconds). Et, après, après ils vont trouver un loup. [Ils vont trouver un loup ? Et qu'est-ce qu'il va arriver ?] Il va les manger, il va manger les kangourous. [Il va manger les kangourous, les pauvres kangourous !] Il va manger le bébé kangourou et le petit... et l'enfant et la maman. [Il va manger tout le monde, tous les kangourous ?] Il mange tous.» Elle me rend le tableau et je lui montre le prochain.

En ce moment, nous sommes interrompues par le signal de la pause et par la maitresse de Naïma, qui vient me demander qu'est-ce qu'on ira faire : si la petite ira à la cours de récréation ou pas. Comme nous sommes presque à la fin du CAT-A, on fait un accord que, quand on conclut notre activité, j'emmènerais Naïma à la cours.

Tableau 8

Je lui dis qu'il s'agit de la dernière image. Elle parle tout de suite : « C'est les singes, avec le papa et la maman et le tonton et l'enfant. Et ils vont parler. Et le singe, il est assis sur la chaise, et les deux singes, ils sont assis dans les fauteuils [Hum hum]. Et... et... et... (silence de 27 seconds). [Et ils parlent, tu m'as dit qu'ils parlent...] Et il y a une photo de singe accrochée dans le mur », hum, il y a une photo de singe accrocher dans le mur. [Oui]. Il a des lunettes. [Oui, il a des lunettes] Et elle, elle a des boucles d'oreille. Et après, le singe, il a une tasse dans sa main et il va manger. Et après c'est tout. [Qu'est-ce qu'ils disent ?] Je ne sais pas. [Tu ne peux pas inventer quelque chose ?] (Silence de 7 seconds) C'est tout ». Elle me rend le tableau, je lui remercie et on finit l'entretien.

Je dis alors à Naïma pour prendre son manteau pour sortir pour la pause (il faisait tellement froid à ce jour-là). Elle le fait et, en ce moment, une autre maitresse arrive e me dit qu'elle-même pourra emmener la petite à la cours. Je lui remercie. En ce moment Naïma a du mal à mettre son manteau et n'arrive pas à le boutonner. Je lui demande si elle a besoin d'aide, mais la maitresse m'interrompt et me dire pour laisser la fille s'habiller toute seule. Elle justifie en disant qu'il faut qu'elle apprenne à se débrouiller.

J'ai la même sensation que j'ai eue lors de mon contact avec Omeya. Il me semble que cette petite fille reçoit beaucoup d'aide chez elle et que, à l'école est doit affronter une réalité très différente par rapport à ce qui est attendu d'un enfant de son âge. J'ai l'impression qu'elle vit dans deux situations distinctes et pas intégrées entre elles. J'imagine les conséquences que ce genre de vécu peut

occasionner dans son développement personnel. À la fin, il me tranquillise le fait que Naïma ait réussi à boutonner son manteau et à partir vers la récréation avec la maitresse.

Interprétation Naïma

Le contact avec Naïma et son récit aux tableaux du CAT-A ont permis de comprendre qu'elle s'agit d'une petite fille qui a bien réussi à accomplir les tâches d'intégration, personnalisation et réalisation, ce qui lui rend une personnalité cohésive et mure pour son âge. Il y a, nonobstant, une certaine timidité et inhibition dans ses relations avec l'entourage, qui révèle une certaine crainte vis-à-vis du monde extérieur. Encore que ces caractéristiques ne semblent pas lui poser des gros problèmes par rapport son expression créative, elles sont passibles de gérer quelques entraves qui peuvent causer des embarras pour que la fille profite de toutes ses potentialités.

En ce sens, même le premier rapprochement que j'ai établi avec la fille m'a donné déjà des pistes de son dynamique psychique. Sa mère m'a accompagnée jusqu'à la salle de cours en disant que mon contact avec la gamine serait facilité si elle faisait notre présentation. Ces attitudes de la mère et de la fille montrent que celle-ci semble regarder le monde avec une certaine méfiance. Même s'il n'est pas vu comme proprement dangereux, il n'est pas également conçu comme un endroit où on peut rester à l'aise. Il faut, alors, l'intermédiation de la mère pour lui montrer qu'est-ce que c'est nuisible et qu'est-ce que ne l'est pas. En dépit de la médiation maternelle, j'ai eu besoin de quelque temps pour conquérir la confiance de la petite. Elle a commencé à se sentir plus à l'aise à partir de la présentation des tableaux du CAT-A. Toutefois, son récit précédent par rapport sa prédilection pour le jeu d'attraper avec son père et son frère esquisse déjà un thème prévalent dans son développement pulsionnel : l'opposition entre le désir de s'enfuir des tous les restrictions (la liberté) et son attrapage (interruption) par rapport à un agent d'interdiction qu'interrompt le mouvement préalable. Enfin, si tout au long de son récit Naïma montre que, en ce qui concerne le développement du Self, elle se trouve dans le stage de dépendance relative, par rapport le développement pulsionnel elle peut être située entre la fin de la période œdipienne et le début de la latence.

La coloration spéciale de cette transition développementale et les nuances particulières selon lesquelles elles sont vécues sont montrés dans les récits de la petite à chacun des tableaux du CAT-A.

Tableau 1

Naïma montre, en son récit à ce tableau, la qualité de sa relation avec la mère et, après, avec toute la famille. La mère se montre comme la figure la plus importante de sa vie (bien qu'effacée, l'image de la poule est la première à être vue). La situation décrite rapporte à un lien où la mère est capable de remplir, copieusement, les besoins physiques et psychiques des enfants (*il y a un grand bol, avec dedans, il y a à manger*) et offrir le *holding* dont ils ont besoin (*il y a des chaises*). La mère offre aussi beaucoup de matériel psychique à être introjecté par les enfants, ce qui est accepté pour eux (*et les poussins, ils mangent*). L'attention aux besoins des enfants est faite par la mère dans le contexte de

la dépendance relative de ceux-là : bien que le bol est là et ils ont des cuilières, ils attendent que la mère leur donne à manger. La qualité agréable de cette situation est, toutefois, légèrement perturbée par l'arrivée du père.⁸ L'embêtement n'est pas, toutefois, exprimé directement, mais par moyen des longues silences et des hésitations plus fréquentes. La figure du père est, toutefois, intégrée à la relation, avec l'acceptation du partage, avec lui, de ce que la mère offre. En synthèse, le récit de la fille montre un très bon lien avec la mère et un dérangement avec l'entrée du père dans la relation, qui ne peut pas être exprimé directement. Il faut, donc, accepter l'intromission paternelle dans le lien avec la mère.

Tableau 2

Le problème de l'inhibition de l'agressivité présenté par Naïma est repris dans ce tableau au point d'elle s'exclure de l'histoire racontée, qui rapporte surtout au conflit dans le noyau familial. Ainsi, l'enfant représenté dans le conte est plutôt le petit frère, qui semble être plus libre pour exprimer l'hostilité. Il s'établit un genre de dispute de pouvoir entre les sexes, qui met en risque l'union familiale (la corde s'arrache et tous les ours tombent). Toutefois, il y a aussi un autre problème, concernant l'entourage hors de la famille. Ceci n'est pas conçu comme capable d'offrir aucun genre de soutien pour la famille, mais est vu comme insensible et dangereux (la neige qui fait glisser). Ainsi, en plus de ne pas aider à récupérer l'alliance familiale, il aggrave les conséquences de la rupture (en plus de tomber, les ours glissent dans la neige). Enfin, le récit montre qu'il faut étouffer l'agressivité dans le noyau familial (y compris celle rapportée aux rivalités œdipiennes), vu que la possible désintégration du couple rend l'enfant (et chacun des parents séparés) exposé à un monde froid et menaçant.

Tableau 3

En continuant le thème préalable, la dispute pour le pouvoir phallique se montre à nouveau, mais maintenant dramatisée aussi entre les pôles de l'enfant et de l'adulte. Autrement dit, le conflit entre les générations s'ajoute à la rivalité entre les sexes. La différence des positions est très bien remarquée : le lion est un roi qui est sur les escaliers, tandis que la petite souris est dans un trou. En sorte que la flexibilisation, la division de pouvoir et la conciliation entre les désirs ne sont pas possibles (le lion va chez la petite souris, mais ils ne se rencontrent pas). Devant cette situation, où l'autorité du père est incontestable, pour avoir un peu de pouvoir il faut destituer l'absolutisme paternel par moyen de la castration du père (le lion va se transformer en souris).

⁸ La petite semble avoir compris ma question « Qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver après ? » comme « Qui es que tu penses qui va rentrer après ? » et pas comme « Qu'est-ce que tu penses que va se passer après ? », comme était mon intention originelle de l'encourager à développer l'histoire.

Tableau 4

La castration du père effectuée dans le récit précédent annule les différences sexuelles entre les parents (le kangourou adulte est d'abord conçu comme le père, mais au long du récit au tableau 4, il se transforme en la mère). De toute façon, la narration montre le triomphe pour avoir exclu le troisième élément de la relation (l'adulte) ce qui garantirait la possession exclusive de la mère pour les enfants. Encore que la castration ait pour conséquence une relation plus gaie et agréable (le grand kangourou saute), elle rend toute la famille vulnérable. Ainsi, Naïma se rend compte de que la mère est bien capable de remplir les besoins affectives d'amour et de refuge, mais pas d'offrir la protection nécessaire contre un entourage dangereux (la neige, la forêt et le loup). Enfin, encore que la figure de l'autorité ne soit pas très aimable, elle est vue comme indispensable pour garantir la survivance.

Tableau 8

Après la perception de l'impératif de la figure d'autorité, Naïma revient au thème de la fonction de l'union familiale pour garder la protection. Autrement dit, le contexte familial est l'endroit où on reçoit le *holding* (la chaise et le fauteuil) et l'appui. L'importance de l'introjection se montre à nouveau en tant qu'une manière de garder l'appartenance, soit sous la forme plus primitive (le singe a une tasse dans sa main et il va manger) soit par moyen de l'apprentissage et de l'échange d'expériences (les singes parlent entre eux). Même si Naïma accepte qu'il y a une certaine sagesse en suivre les enseignements dans la famille, elle ne semble pas encore bien comprendre le sens des orientations et des apprentissages que lui sont offertes (elle ne sait pas de quoi les singes parlent). Donc, elle semble les admettre pour garantir l'appartenance et la protection familiale.

En synthèse, Naïma est une fille dont le développement du *Self* et l'évolution pulsionnelle marchent très bien. Elle se débat avec les dilemmes et les conflits propres de la période œdipienne, surtout la question de la rivalité avec la figure d'autorité. Celle-ci est vue comme liée à la figure de l'adulte masculin, à la figure du père. Dans ce sens, ce qu'elle cherche n'est pas la possession exclusive de la mère, car elle ne semble pas s'importer de la partager avec son frère et sœur. Le problème de se libérer des contraintes imposées par la famille, surtout par le père, lui pose plus de souci. Encore qu'elle nourrit une forte affection par son père, il est aussi conçu comme quelqu'un de très autoritaire et inflexible par rapport à l'imposition des règles et normes de conduite dont le sens la petite n'est pas encore capable de comprendre. Ce qu'elle saisit est que l'obéissance est nécessaire pour garder l'union familiale et la protection qu'elle lui offre contre le monde extérieur, conçu comme exigeant et insensible à ses besoins. Bref, elle réalise un certain réfrènement de l'agressivité et de l'opposition dans le contexte familial pour garantir l'amour et le soutien parentaux contre la dureté d'une réalité externe séduisante, mais qui ne l'aide pas. Ainsi, elle est emmenée à garder une certaine dépendance vis-à-vis de la famille qui n'est pas toujours compatible avec les exigences d'autonomie qu'elle doit affronter ailleurs (par exemple, à l'école). Cet état des choses, où la flexibilisation et la conciliation entre les exigences des deux contextes où la fille s'insère n'est pas possible, peut entraîner

dans la petite un sentiment d'être partagée entre demandes différentes. Par conséquent, il ne restera qu'à elle de chercher un genre de conciliation, vu qu'aucun de ces environnements ne l'aide en ce tâche. Toutefois, si l'entente n'est pas possible, il y a le risque de la petite refuser complètement les demandes d'une culture ou de l'autre ou d'avoir des difficultés dans l'éternelle entreprise humaine d'intégration de la personnalité.

Synthèse Omeya et Naïma

L'analyse des récits de Naïma et Omeya montre qu'elles entretiennent, depuis de la vie de la fille une relation très étroite et de très bonne qualité. Ce lien a permis à Naïma d'accomplir les tâches d'intégration de la personnalité, personnalisation et réalisation, concernant cette époque-là du développement émotionnel de la fille. Ces conquêtes révèlent que la mère a bien réussi à remplir les besoins d'illusion de la petite et de le lui présenter le monde en tant qu'un endroit où il est possible éprouver un sens de continuité de l'existence. Dans ce moment-là de dépendance absolue de la vie de la petite, où son univers se restreignait à ces parents et à sa famille élargie, le monde lui a été présenté d'une façon cohérente en ce qui concerne les valeurs et les mœurs de la famille, qui faisaient presque une unité. Cependant, dans le moment présent de l'évolution émotionnelle de la petite, les choses se sont devenues plus complexes qu'avant.

Naïma se trouve actuellement dans le stage de dépendance relative en ce qui concerne le développement du Self (et dans le début de la latence par rapport les pulsions). Par ailleurs toutes les angoisses, enchantements et tâches à accomplir propres de ce moment évolutif, elle fait face au problème de concilier les exigences et demandes de deux mondes culturels distincts, dû sa condition d'enfant d'immigrants et dû la façon dont Omeya éprouve sa maternité. Cette situation a été vécue aussi par sa mère en son enfance, bien qu'elle ait arrivée en France un peu plus âgée que Naïma et, ainsi ait fait des solides introjections concernant les mœurs et la tradition de sa culture d'origine dans un endroit où les choses avaient toutes un sens défini. Toutefois, la propre Omeya n'a pas échappé d'éprouver un dilemme important au regard de son appartenance culturelle, qui, jusqu'aujourd'hui consiste dans un des pivots du développement de son Self. En ce moment, elle voit son expérience se répéter avec Naïma, encore que pas complètement.

La famille algérienne et musulmane de la dyade a immigré dans un pays dont les coutumes et façons de vivre, se frappent, à plusieurs reprises, à ceux du pays d'accueil. Ceci, dont la valeur principal est l'autonomie individuelle et la liberté personnelle est vu comme en franche opposition à leur culture d'origine, plus stricte par rapport à l'obéissance à l'autorité et aux obligations vis-à-vis de la famille. Du coup, cette famille s'est vue toute entourée par les séductions d'un ennemi pécheur, répréhensible et délictueux, duquel il fallait se protéger. Cette situation semble avoir intensifiée les liens familiaux, qui étaient déjà très étroits. La famille est devenue l'abri contre les tentations menaçantes de cet entourage, où il fallait rencontrer un sens spécifique et convaincant pour choisir la contrainte à la permissivité.

Alarmée par tout ce qu'il y avait hors du milieu hors de soi-même, la famille d'origine d'Omeya a opéré un certain enfermement et à un déplacement des relations d'agressivité vers l'extérieur. Fragile et sans pouvoir compter sur l'entourage pour le soutenir dans des moments difficiles, la famille a eu beaucoup du mal à supporter des rivalités et des oppositions à son intérieur. Ainsi, le groupe a créé une division nette entre le « nous » et « les autres » et l'acculturation d'un membre a commencée à être vu comme un genre d'insurrection et trahison. En plus de la culpabilité que la révolte contre la famille engendre, elle menace le membre d'exclusion du groupe. Ce bannissement est plus aiguë senti, car le monde extérieur, composée des personnes autonomes, est vu comme froid et indifférent aux besoins personnels.

Il a été dans ce contexte qu'Omeya a grandi. Cette dynamique familiale l'a fait choisir pour la garde de la tradition familiale au détriment de son épanouissement en tant qu'une personne indépendante de ce groupe. Ainsi, le Self individuel est très proche du Self familial, bien qu'à l'âge adulte elle se soit permis d'assimiler quelques habitudes françaises. Il est aussi dans ce contexte que sa fille, la « chouchoute » de la famille est arrivée, entourée des attentes de ce groupe (aussi tant que sa mère). Ainsi, pour un mélange entre les convictions personnelles, le désir d'échapper de la culpabilité et pour ne pas se sentir infidèle vis-à-vis les siens, Omeya élève Naïma rigoureusement dans les préceptes de la religion musulmane. À l'époque de dépendance absolue de la fille, quand elle était gardée par sa famille, cette situation ne posait pas de problèmes. Toutefois, en ce moment de dépendance relative où l'influence du monde extérieur commence à s'imposer à la petite, le danger s'approche. En ce sens il faut surveiller la petite dans ses mouvements vers le monde extérieur afin de sélectionner les expériences qu'il apporte. Autrement dit, il faut garder certains enseignements de la réalité extra-familiale et neutraliser ou refuser d'autres. Ainsi, en plus de l'école, la famille (surtout le père) joue un rôle très important dans l'éducation de la fille. Dans ce sens, parfois les instructions de l'école et de la famille s'harmonisent et parfois elles rivalisent ouvertement.

Pour arriver au bout de garder l'appartenance culturelle et religieuse de la fille face aux risques du monde extérieur, Omeya procède d'une façon très particulière avec Naïma dans cette étape évolutive. Si d'un côté elle stimule l'apprentissage des actions pratiques qui rendront la fille de plus en plus autonome (la petite est inscrite dans une école française), d'autre côté elle intensifie sa dépendance affective vis-à-vis de la famille. Dans ce sens, il faut re-signifier tout ce qu'elle apprend à l'école, pour que les pratiques soient développées dans un contexte acceptable pour la famille (ce qui ne sera pas toujours possible). Par conséquent, il faut la surveiller et être proche le plus possible pour garantir que la fille fasse les bonnes introjections (et refuse les mauvaises). Devant ce cadre, Naïma commence, elle-même, à regarder le monde avec une certaine méfiance. Aussi reste-elle à l'attente qu'Omeya lui indique qu'elles sont les choses qu'elle doit accepter et les personnes à qui elle peut faire confiance et celles qu'elle doit refuser et s'éloigner. Dans cette façon de vivre la dépendance relative, l'espace laissé par l'illusion précédente est rempli par l'affection, l'orientation et l'apprentissage dans le noyau familial.

Dans ce même cadre, l'opposition infantile, qui permet la définition des frontières individuelles du Self, est vécu d'une façon aussi spécifique. De la même façon que sa mère, Naïma conçoit que l'assimilation des valeurs, des connaissances et d'une façon d'être distinctive de la famille (l'acculturation) est synonyme de déloyauté vis-à-vis des siens. Ce sentiment et sa méfiance d'un monde extérieur dangereux et insensible à ses besoins, lui oblige à étouffer tous les mouvements de défi dirigés vers sa famille. C'est pourquoi la rivalité œdipienne et l'antagonisme à l'autorité sont suffoqués aussitôt qu'aperçus. De cette manière, encore que l'autorité masculine et adulte (paternelle) la gêne un peu, sa destitution laisse l'enfant et la famille susceptibles aux dangers et aux menaces issus du monde extérieur.

De sorte que la petite décide d'adhérer aux enseignements et aux valeurs familiales par des raisons purement affectives, vu qu'elle ne comprend pas encore très bien quel est le sens de ce que la famille lui transmet.

Cette dynamique de relation entre la dyade conduit Naïma à un mouvement constant d'étendre les frontières du Self vers l'acquisition de l'individualité (impulsion parrainée par ses apprentissages hors de l'ambiance familiale) pour les rétrécir tout de suite, à cause de la culpabilité et de la peur. L'autonomie n'est permise par la famille que d'une façon partielle. Ainsi, l'autonomie des pratiques qui ne se frappent pas avec les valeurs et traditions familiales est bien reçue, tandis que la dépendance affective doit être gardée pour toute la vie.

Une fois qu'il ne semble pas avoir beaucoup de flexibilité de la part de la famille pour l'assimilation des valeurs culturelles de sa nouvelle société et vice-versa, la tâche de conciliation de ces deux façons d'être reste entièrement à charge de la petite qui, évidemment n'arrive pas à la faire. Cette situation, en plus des problèmes d'apprentissage, est possible de gérer, dans la petite, un sentiment d'être partagée entre deux mondes différents. En ce sens, la reprise du problème de l'intégration de la personnalité, propre de cette période pourra devenir plus difficile. Dans ce sens, bien qu'Omeya ne cache pas du tout son désir de que la fille suive le même chemin qu'elle a suivi (et que sa mère a fait aussi), elle semble être, en ce moment, plus perméable à quelques influences de la culture française. Cette caractéristique semble avoir été développée à partir de sa constatation de que sa mère (la principale responsable pour l'union de sa famille) n'est pas éternelle et que parfois l'entourage lui offre aussi des bonnes choses. Cette tolérance d'Omeya vis-à-vis de le syncrétisme du mieux des deux mondes sera fondamentale dans sa tâche d'aider sa petite fille à résoudre le problème des frontières de son Self, de l'intégration de sa personnalité. En plus, son acceptation de que Naïma n'a pas eu exactement les mêmes expériences qu'elle, ce que lui permet d'admettre la singularité de la fille vis-à-vis des autres, configure aussi une caractéristique favorable à cette aide.

En synthèse, Omeya et Naïma composent une dyade qui va raisonnablement bien dans la tâche de l'éternel développement de leurs Selves et dont les problèmes de la dépendance relative sont colorés par la réalité de l'immigration vers un pays dont la culture est très différente de celle de la

patrie d'origine. Dans ce cas, la capacité de la mère pour être flexible et perméable à tous les changements à qu'elle fait face sera très importante pour le développement du Self de sa petite fille.

APÊNDICE BD - Dyade Jebila et Mahira

Identification

Jebila: 35 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Younes, 10 ans et 6 mois; Mahira, 9 ans; Lotfi, 6 ans et 6 mois

Enfant étudié: Mahira

Ordre des entretiens : 1) Mahira

2) Jebila

Récit Jebila

J'ai rendez-vous avec la dyade à l'école de musique de Lille sud à 16h30, où Mahira a son cours qui commence à 17h. Jebila, sa maman, très réticente lors de la passation du CAT, se livrera beaucoup plus après, comme à regret ; elle me parle du casse-tête que représente l'accompagnement de ses 2 enfants pour leurs nombreuses activités et justifie ainsi le fait qu'elle ait cette année une voiture. Elle fait mention de fatigue et de difficultés à gérer l'an dernier. Son seul souci concerne ses enfants. Elle ne fait jamais référence à son époux.

Originaire du Sud marocain (Agadir, où traditionnellement, les femmes portaient un voile de couleurs vives à la façon du sari indien), elle est venue en France pour 2 années d'études supérieures et est retournée ensuite au Maroc. Elle s'est ensuite mariée et s'est installée en France à cette occasion. Elle porte un curieux bonnet de laine qui permet de masquer ses cheveux, je pense, sans porter le voile islamique. Habillée de couleur sombre, vêtements amples, masquant les formes. L'élégance semble absente de ses préoccupations.

L'entretien avec Jebila commence à 17h, après celui de Mahira, lorsque celle-ci va en cours. Bien que Jebila ne pose pas de problème par rapport à l'enregistrement des récits de Mahira, elle le refuse pour elle-même, d'une façon nette et définitive. Elle prétexte son mauvais français. Elle dit ne pas beaucoup parler, ne pas aimer parler. Tout au long de la séance, elle se tient droite sur sa chaise, fait peu de mouvements (à l'opposé de Mahira). Sa voix est nette et cassante, son débit rapide.

Le temps de passation total est de 15 minutes, environ 3min pour les 4 premiers tableaux, et plus pour le dernier. Elle est gênée, froissée même, par les figures des animaux : les identifier sera son principal intérêt. Elle ne manifeste aucune émotion. Je lui donne les instructions de notre activité et je lui montre le premier tableau.

Tableau 1

Elle regarde le tableau et dit qu'il s'agit des poussins à table, que c'est une famille à table. Elle dit qu'il n'y a que des enfants. Après une certaine hésitation, elle ajoute qu'il y en a un qui n'a pas de bavette. Elle dit qu'elle avait hésité, qu'il s'agissait d'un adulte. Toutefois, elle dit, ensuite, que non (ce n'est pas un adulte), que c'est ça. Elle ajoute qu'ils ont l'air content. Comme elle ne fait pas mention à la poule, je lui montre l'ombre de l'animal. Elle dit : « C'est quoi ça ? Ça fait partie du tableau ?! ». Ensuite elle me rend le tableau et dit que c'est tout. Je lui présente, alors, la prochaine image.

Tableau 2

Elle regarde le tableau et dit « C'est quoi ? Des ours. » Elle continue en disant que c'est un jeu, que c'est le père et le fils qui jouent. Elle montre du doigt, à droite de la planche et dit que de l'autre côté c'est la mère. Je lui demande comment ont-ils l'air. Elle répond simplement « De jouer. Ils jouent, c'est tout. » Je lui demande s'ils jouent ou s'ils se battent. Elle répond que non, qu'ils jouent. Elle me rend le tableau et je lui montre le prochain.

Tableau 3

Elle prend le tableau et dit « Ah ben, c'est un roi ». Elle ajoute qu'il est assis, qu'il est bien, tranquille. Elle arrête de parler et je lui demande comment a-t-il l'air. Elle répète qu'il est tranquille et dit que c'est tout. En ce moment elle est manifestement très agacée. Je lui demande si le lion est seulement bien ou s'il pourrait être ennuyé. Elle répond que non, qu'il est bien. Comme elle ne mentionne pas la souris, je la montre sur l'image et je lui demande qu'est-ce qu'elle voit là. Elle dit : « Ah ! C'est quoi ? Une souris ! ». Je lui demande qu'est-ce que la souris fait. Jebila répond simplement qu'elle regarde. J'essaie de stimuler ses associations en le disant « Et alors ? ». Toutefois, elle répond : « Rien. Une souris dans son trou ». Elle me rend le tableau et je lui montre le quatrième.

Tableau 4

En ce moment Jebila est toujours très agacée et visiblement pressée de finir notre activité. Elle dit que le tableau s'agit de la maman kangourou avec son bébé. Je lui montre l'autre petit kangourou et elle répond qu'il est son fils sur un vélo. Elle dit qu'ils font des courses et en même temps, ils font un tour et que c'est bien. Elle ajoute que (s'ils ne font pas des courses) ils font un pique-nique. Elle parle d'une façon interrogative et ajoute « C'est ça ? ». Je lui réponds que je ne sais pas et je lui demande qu'est-ce qu'elle en pense. Elle dit qu'il y a un panier, donc, ils font des courses, ou ... (elle hésite). Elle demande qu'est-ce que c'est ce que le kangourou adulte a sur sa tête. Elle essaie de répondre s'il est un chapeau, mais sa tonalité est interrogative, comme si elle me posait une question. Elle ajoute qu'il y a du vent et hésite à nouveau. Je lui montre le paysage, la fumée de la cheminée à la verticale. Elle la regarde et dit : « Ça ? Des sapins.... Cette tache ! C'est exprès ou ça fait partie du tableau ?! » Je

lui montre la maison. Elle dit « Ah quoi ? Une maison. » Ensuite elle fait un geste d'agacement en direction du tableau suivant retourné devant moi. Elle dit que c'est tout et me rend la figure. Je lui présente la prochaine.

Tableau 8

Elle répond tout de suite qu'ils sont des singes, une famille avec des singes.⁹ Elle dit que là, c'est un petit et 3 adultes. Elle hésite et dit que ce n'est pas bien. Très décidée, elle les montre et dit que là, elle voit 3 adultes du même âge à peu près. Elle demande ma confirmation avec un: « C'est pas ? » Elle montre les personnages avec le doigt et dit que sur le divan, il y a, peut-être, un homme et une femme. Je lui montre le singe avec la boucle d'oreille et le petit et je lui demande « Et là ? ». Elle répond que, pour elle, c'est un homme. Elle dit qu'il a une boucle d'oreille, mais elle voit un homme. Elle explique que les hommes aussi mettent des boucles d'oreilles maintenant. Elle ajoute que à cause de son doigt, elle dirait qu'il donne un ordre, que c'est sûr avec son doigt. Je lui demande ; « Et le petit ? ». Elle répond qu'il ne tient pas bien debout, peut-être parce que c'est un singe. Je lui montre la main dans le dos du petit et lui demande « Et là ? ». Elle me dit qu'elle ne sait pas, que peut-être il (le singe adulte) le tient (le petit). Elle s'arrête, agacement. Elle se tait, me regarde, attendant qu'on en termine. Je lui montre le cadre et elle dit qu'elle ne sait pas de qui il s'agit, peut-être du grand père. Je lui demande si elle veut ajouter quelque chose d'autre et elle dit que non. Donc, j'annonce la fin de notre activité.

Après, elle dit que déjà, notre tâche a été vite. Elle dit qu'elle ne parle pas beaucoup, pas comme Mahira. Elle dit que la petite fille parle beaucoup, qu'elle aime raconter. Elle ajoute qu'on aurait dû inverser, plus de temps pour sa fille et moins pour elle-même.

Ensuite, nous commençons à discuter et on se parle pendant presque une demie heure, en attendant la sortie de Mahira. Visiblement soulagée, Jebila me parle alors de son désir que ses enfants aient un maximum d'activités extra scolaires. Mahira va à la piscine le dimanche matin et a une autre activité artistique le soir.

Lorsque je croiserai Jebila ultérieurement, elle est toujours ravie de me voir ainsi que Mahira. Elle semble me considérer presque comme une amie alors qu'elle a manifesté tant d'hostilité et de réserves(s) pendant notre conversation médiatisée par le CAT-A.

J'ai eu l'idée que son mari était absent de la prise en charge des enfants et l'ai imaginé rigide et peut-être un peu intégriste. J'ai eu par la suite l'occasion de le croiser à l'école de musique, sans jamais entrer en contact direct avec lui. Il paraît au contraire très doux et en contact très souple et bienveillant avec ses enfants, et dans une proximité physique que je n'ai pas constatée pour Jebila, toujours dans le faire, et le rappel impératif des obligations et de la bonne tenue.

⁹ Il faut voir la connotation de « singe » au Maroc, qui est un animal facétieux, amusant la galerie comme en France, mais plutôt comme un enfant ignorant les règles et pouvant se permettre ce qui est à la limite de la tolérance des usages.

Interprétation Jebila

Le récit de Jebila montre qu'elle est une mère dévouée à ses enfants, de sorte qu'elle ressent comme s'ils prenaient presque tout l'espace de sa vie. Bien que ses enfants puissent constituer le sens de son existence, ce sentiment est accompagné de la sensation que la maternité est une tâche lourde et très difficile à accomplir. Elle semble être vécue par Jebila comme une expérience qui lui apporte beaucoup de tension et de souci ; les plaisirs et les bonheurs que lui sont rapportés, s'ils ne sont pas absents, ils y ont une place réduite. De sorte que l'épanouissement de ses enfants est ressenti par elle plus comme un soulagement pour avoir bien rempli ses devoirs, que comme sa propre floraison.

En effet, il semble quand même manquer à Jebila une certaine vibration et joie de vivre. Plutôt qu'une tendance dépressive, cette façon de vivre la maternité semble être le résultat de répressions importantes qu'elle opère sur sa propre sexualité, plus précisément, sur sa féminité. Il semble avoir une dissociation entre la maternité et la féminité, de telle manière qu'être mère n'est pas conçu par elle comme sa principale réalisation en tant que femme.

Devant ces circonstances, Jebila ne peut pas profiter des ravissements liés à la maternité en leur plénitude. Elle n'a pas montré quand même beaucoup de plaisir à parler de ce sujet. Encore que le thème lui soit attrayant, son discours sur lui est plein d'angoisse et des essayes d'évitement, ce qui provoque un appauvrissement de sa capacité d'association. Elle semble aussi avoir crainte de s'engager par l'expression de ses positions et opinions ; c'est pourquoi elle est restée tendue pendant tout l'entretien (elle dit ne pas aimer parler ; elle refuse l'enregistrement pour soi).

Le malaise éprouvé par Jebila devant sa condition de femme est visible depuis le premier contact avec elle. Tout en pouvant choisir une façon d'exprimer sa beauté, soit à la française, soit à la marocaine, elle préfère se cacher : ni les cheveux découverts, ni le voile coloré. Ses vêtements sombres et amples taisent sa féminité. La femme est étouffée derrière ses enfants.

Les récits révèlent que cette suffocation répond à une rivalité importante établie avec la figure masculine et le pouvoir qu'elle représente. Ainsi, le premier signe d'agacement de Jebila a lieu dans le tableau 2 où la femme reste seule dans une compétition contre deux hommes, le mari et l'enfant. Son bouleversement persiste et quand même augmente dans le tableau suivant, le 3, où l'autorité masculine est présentée en toute sa magnificence. Ces réactions de Jebila suggèrent l'existence de fortes sentiments d'infériorité vis-à-vis de la figure masculine (les ours mâles sont deux, le lion est le roi). C'est pourquoi elle essaye de se masculiniser un peu comme elle montrera en son récit au tableau 8 (c'est un homme qui porte une boucle d'oreille la personne à prendre soin de l'enfant).

Ces tentatives de masculinisation rendent Jebila un peu désorientée quand elle est directement confrontée à l'exercice des fonctions traditionnellement maternelles. D'où son insécurité devant ce que se passe vraiment dans la relation entre mère et enfants dans le tableau 4 et l'exclusion qu'elle fait d'elle-même dans son récit au tableau 1, rapporté à la gratification orale.

Le discours de Jebila face au tableau 8 permet aussi d'entrevoir que la genèse des essais de virilisation qu'elle réalise se rencontre à son enfance, dans ses relations avec sa famille d'origine.

Ainsi, la distorsion perceptive qu'elle produise, à savoir, voir le portrait du grand-père ou les gens couramment voient celui de la grand-mère, suggère que son expérience en tant qu'enfant vis-à-vis de sa mère n'était pas si différente de celle qu'elle a avec ses enfants. Bref, elle semble être identifiée avec une mère un peu « masculine », au sens où le « faire » a prévalu sur « l'être », la maternité en étant comprise comme une succession de tâches à accomplir, d'obligations à remplir, où les satisfactions ne seraient pas du tout évidentes.

Cette façon de vivre l'expérience maternelle, n'empêche pas Jebila d'être capable d'offrir *holding* à ses enfants. Toutefois, parfois sa façon de se conduire vis-à-vis de ses enfants semble s'approcher plus du rôle paternel que du maternel. Ainsi, au même temps qu'elle offre le *holding*, elle exerce son autorité sur eux ; une de ses principales fonctions face à eux consiste en les conduire aux plusieurs activités extra-scolaires qu'elle aime bien qu'ils aient (ce qui lui a rendu la possibilité d'avoir une voiture). Ce dernier désir semble faire partie d'un essai de se dégager un peu de l'exercice de ses fonctions maternelles. Dans le même but, Jebila parfois délègue une partie des occupations liées au maternage à son enfant aîné. Celui-ci devient, donc, le responsable pour prendre soin du plus petit, situation possible de lui imposer une certaine surcharge. De sorte que parfois, même pour elle, il n'est pas très claire si l'aîné est encore petit ou déjà un adulte.

En ce qui concerne à elle-même, la répression de la féminité semble lui entraîner quelques contraintes, comme une sensation de tension et insatisfaction permanentes et la réduction des possibilités d'épanouissement personnel et sexuel. Enfin, dans l'entreprise de vivre comme un homme, elle n'éprouve pas les bonheurs d'être une femme. Les détails du récit de Jebila à chaque tableau du CAT-A sont exposés à suivre.

Tableau 1

En ce premier tableau, malgré ses difficultés d'association, Jebila réussit à décrire la situation de gratification orale des enfants. Toutefois, dans cette situation d'exercice, par excellence, de la fonction maternelle, la mère n'est pas là : elle ne fait pas partie de la scène familiale, ni surveille ses enfants à distance. Quitte à son absence, la possibilité envisagée est qu'un des enfants puisse assumer le rôle maternel. De sorte que Jebila reste quelque part en doute sur la réelle condition de son enfant aîné : elle ne sait pas dire s'il est encore petit ou déjà un adulte. Néanmoins, même devant la première alternative, la mère ne reprend pas ses activités et les enfants continuent seuls. Bref, elle évite le rôle maternel et, pour se libérer de la culpabilité que cette situation lui apporte, elle essaie de s'assurer qu'ils sont bien et contents.

Tableau 2

Les difficultés de Jebila pour associer l'image à son expérience maternelle persistent en ce récit et elle a encore du mal à dépasser la description du tableau. Cependant, elle arrive à communiquer une situation de dispute parmi les membres de la famille, même si l'hostilité parmi eux

est niée. Le message qu'elle transmet est d'éprouver, dans le contexte familial, un genre de guerre des sexes : le père et le fils sont unis dans un conflit avec la mère. Celle-ci est vue en situation d'infériorité, soit parce qu'elle est toute seule contre les deux, soit parce qu'elle est plus faible qu'eux. Jebila n'aboutit pas à définir une fin pour l'histoire ; au contraire, elle essaie de se débarrasser le plus vite possible du tableau, de l'éviter à cause de l'angoisse qu'il lui provoque.

Tableau 3

En ce moment de son récit, Jebila persiste dans le thème de la rivalité entre les sexes, qu'elle a commencé dans ses associations au tableau précédent. La souveraineté qu'elle attribue au lion révèle que, par elle, c'est l'homme la principale figure d'autorité de la maison (et peut-être du monde). À cette figure masculine majestueuse s'oppose la figure féminine petite qui doit s'enfermer dans les limites de son insignifiance (une souris dans son trou). Elle n'a aucune action dans l'histoire. Cet état des choses n'est pas accepté par Jebila avec résignation. Au contraire, elle s'exaspère, mais sa révolte est cachée : elle étouffe ses affects et essaie, une fois de plus de se débarrasser du tableau le plus vite possible pour éviter la thématique.

Tableau 4

Après l'opposition entre les sexes rapportée dans les deux tableaux précédents, l'image actuelle remet Jebila directement à sa situation de mère de ses enfants et à sa relation avec eux. Ce récit semble constituer le moment le plus dramatique de l'entretien. L'image lui provoque angoisse et Jebila est prise par l'insécurité. Elle exprime son désir et ses tentatives d'établir une proximité amoureuse avec ses enfants, mais sans être très complètement bien réussie. Si le contact objectif est possible (mère et enfant sont ensemble pour faire des courses ou pique-niquer), l'intimité chaleureuse lui semble être une réalité distante, presque inconnue et hors de l'atteinte (elle prend la fumée pour une simple tâche). Il est comme si elle n'éprouvait pas la chaleur humaine il y a longtemps. Cet échec semble être le résultat de la dissociation qu'elle opère entre sa maternité et sa féminité, qui est possible d'être envisagée dans le même récit. Donc, la beauté et la vanité de la maman kangourou lui semble étrange et insolite (en dépit des évidences, elle n'est pas sûre si la maman kangourou a vraiment un chapeau sur la tête). D'où, c'est bien ici qu'elle démontre que la maternité n'est pas vécue comme son plus grand accomplissement en tant que femme. La sexualité, en étant réprimée, l'affection est forcément réduite. En conséquence, Jebila éprouve des doutes par rapport à ses conditions et ses ressources pour dégager ses fonctions maternelles (elle demande à la psychologue une confirmation si ce qu'elle voit est exact : « C'est ça ? »). Elle finit par abandonner ses efforts de réconcilier sexualité et maternité et choisit, une fois de plus, de se débarrasser du thème (elle rend le tableau avec un geste d'agacement).

Tableau 8

Après avoir renoncé aux efforts de reprendre sa féminité, Jebila montre, en ce récit final du CAT-A, la façon dont elle éprouve et exerce sa maternité. Elle communique qu'elle assume, vis-à-vis de ses enfants, une position plutôt masculine que féminine, attitude qui traverse ses expériences en tant que mère (c'est un homme qui s'occupe de l'enfant). Cette situation lui pose, néanmoins, quelques doutes, dû à l'ambiguïté sexuelle qu'elle suscite, à savoir, un homme ne peut pas être mère. Jebila essaie de mettre fin à cette incertitude par moyen d'une rationalisation basée sur le changement des mœurs culturels (les hommes, maintenant peuvent mettre des boucles d'oreille). Encore que cette attitude ne l'empêche pas d'offrir le *holding* à ses enfants, la relation qu'elle choisit à établir avec eux est surtout d'autorité (le singe adulte donne des ordres au petit). Sa perception de que le portrait dessiné sur le tableau concerne au grand-père (et pas à la grand-mère) suggère que la source de cette façon d'être se situe sur son expérience avec sa propre figure maternelle. Celle-ci, qui se constitue dans sa figure d'identification semble être vue par elle comme un peu viril. De sorte que, en minimisant les différences sexuelles entre homme et femme, soit par moyen de la masculinisation féminine, soit par moyen de la castration masculine, Jebila arrive à apaiser un peu sa rivalité vis-à-vis des hommes. Toutefois, cela arrive au prix indésirable de la perte de l'usufruit des plaisirs de la maternité dans toute leur profusion.

En synthèse, Jebila est une femme qui, en dépit d'être désireuse d'avoir un lien affectif très étroit et affectueux avec ses enfants, est séduite par le pouvoir qu'elle imagine être à portée des hommes, mais pas des femmes. Cette condition, qui lui déclenche des profonds sentiments d'infériorité, la conduit à une intense rivalité vis-à-vis d'eux. À la place de valoriser ses conquêtes et ses attributs féminins, elle essaie de se masculiniser et de se ressembler le plus possible à eux. Le résultat est une répression importante de sa féminité qui est, ensuite, dissociée de la maternité. De sorte que, bien qu'elle réussisse, quand même à continuer à offrir le *holding* à ses enfants, la chaleur émotionnelle de la relation reste un peu étouffée. Comme il n'est pas toujours que cette séparation entre la féminité et la maternité marche bien, celle-ci continue à lui mettre devant sa propre condition de femme. De sorte que parfois Jebila se sent épuisée et poussée à partager ses fonctions maternelles avec autrui (les nombreuses activités extra scolaires et sa fille aînée). Les racines de ces caractéristiques se localisent dans l'identification de Jebila avec sa mère (et peut-être de celle-ci avec sa propre mère), vue par elle comme une femme masculinisée. De sorte que, vis-à-vis de ses enfants, le rôle maternel de Jebila devient très proche du paternel.

Si cette conduite de Jebila ne l'empêche pas de soutenir émotionnellement ses enfants, elle est passible de rendre Mahira, sa fille aînée, un peu surchargée avec les tâches maternelles qu'elle se voit obligée d'assumer. En plus, l'assomption incomplète de sa propre féminité et l'impossibilité réelle d'avoir une identité masculine imposent à Jebila un genre d'existence où les expériences ne peuvent pas être profitées que d'une façon partielle.

Récit Mahira

L'entretien avec Mahira commence à 16h40, le temps entre mon arrivée à l'école de musique et de trouver une salle et de s'y installer. Elle est inscrite au CM1 et suit la 3ème année de piano à l'école de musique. Elle travaille très bien à l'école et pratique beaucoup d'activités extra-scolaires.

On se fait connaissance et je lui explique que nous irons faire une activité ensemble. Je lui dis qu'elle va voir que c'est très facile. Je lui donne les instructions et lui montre le premier tableau du CAT-A. Elle le laisse avec moi et je lui dis qu'elle peut bien le prendre. Elle commence à parler tout de suite.

Tableau 1

Elle dit : « Et si j'ai aucune histoire...? (le dernier mot sort à peine) [Ça m'étonnerait, tu vas me raconter ce que tu vois. Voilà.] (Comme le tableau est encore avec moi je lui dit pour le prendre. Elle le fait et commence son récit). Je vois... euh... des poussins qui sont en train de manger,...et ... ensuite là...c'est ...peut-être euh... là, c'est leur grand frère peut-être... lui, c'est le petit, et que..., que c'est lui le plus grand, et que c'est à lui de les servir et,... les deux petits, ben, ils savent paaas quoi faire, comment faire euh... [Ils attendent ?] Oui. (pause) Là, là, ils vont prendre le plat. (J'acquiesce.) [Ça a l'air bon ce qu'ils mangent ?] Hum. (Elle rit) Voilà. [Voilà. C'est tout? On ne voit rien d'autre ?] Si... (décidée) si, je vois des bols. [Des bols, Hum hum...] Je vois ...lui, il a une bavette, et pas lui (je veux reformuler, elle me coupe) Peut-être qu'il a oublié et qu'il peut pas... [Il a oublié de mettre sa bavette, c'est ça? sa serviette] Hum hum. [Alors?] Et que... leur mère, elle n'est pas là (sa voix s'étrangle un peu) [Hum hum] Et que ... elle doit partir euh... ..en voyage. [Hum hum] Et donc que c'est lui le plus grand, c'est lui qui doit... (pause) [S'occuper des autres ?] Hum. Oui. [Et... on.. on peut pas le voir à autre chose?] Non. Non... Avant, je disais que c'était lui parce qu'il avait pas de bavette... [Hum hum] (pause) Peut-être que lui, il est tout tout petit (toute petite voix -qui ne sort plus) [Oui, c'est possible, oui.] (Pause) [Et ils ont l'air content ?] Hum hum (elle hésite). [Ils sont contents, tu crois ?] Lui ouais, mais les autres un peu plus tristes. [Ceux- là, un peu plus tristes, hein... et pourquoi c'est le plus petit qui est le plus content ...?] (Elle m'interrompt) Ben le plus petit il sait pas ce qui se passe euh, parce qu'il sait pas que la mère peut-être qu'elle devait avoir mal au cœur qu'elle laisse le tout petit. (comme une évidence). [Alors elle lui aurait rien dit à ce moment-là ?] Hum. [Oui d'accord, je comprends bien. Et... tu vois rien d'autre?] Euh si ! Là, on dirait que c'est le petit qui a dessiné sur le mur. [Ah d'accord!?... j'avais pas vu au début... donc il a dessiné quoi sur le mur?] Il a dessiné un pouss... (plus fort) un coq ! [Un coq ? D'après toi, c'est un coq ? Oui, c'est possible...oui...] Un coq. {Voilà. (Pause) tu vois autre chose ?] Oui ... (pause) je vois la nappe...là, qui est un peu petite. [Ah ouais...] (Elle arrête de parler) [C'est embêtant, ça... (Pause) non ?] Non, c'est lui, qui...il veut pas l'étrangler (?) (Elle s'arrête) [Ah!...ah. (Pause) Pourquoi?] (Rapide, décidée) Parce qu'il dit, c'est moi qui doit faire le ménage, je dois nettoyer ce qui y a sur euh, le mur, et tout, ben, j'ai pas envie encore de ... faire la vaisselle, de nettoyer tout. [Hum hum. C'est le plus grand ... il doit tout faire?] (Elle hoche la tête) [Ok.

(Pause) Tu n'as rien d'autre à ajouter ?] (Elle fait signe que non.) [Ok] (Pause) Non. [Donc, c'est agréable les repas ?] (très bas) Oui. [Ouais?] Surtout en famille. [Quand tout le monde est là ? C'est ça ?] Oui. [D'accord.]. » Elle me rend le tableau et je lui présente le deuxième.

Tableau 2

(Elle commence à parler tout de suite) On dirait qu'ils... qu'ils étaient sur une montagne, ils ont grimpé. [Hum hum...] Ils continuent... et puis ils ont dit (plus vite) qu'ils se battaient pour quelque chose? [Ah oui?] Alors, elle (montrant à droite) c'est la mère, et lui (l'ours qui est seul, à gauche) c'est le père, et lui, c'est le petit...[Hum hum] Et donc euh ... ils se battaient euh pour avoir euh, en fait (plus vite) ils économisaient euh... pendant... longtemps et le bébé il voulait acheter quelque chose de différent... [Hum hum...] Alors, le petit a dit, ben c'est simple, celui qui a le plus de fil, il a gagné... (soupir) après, il a dit pourquoi j'ai dit ça ? Alors il est parti avec sa mère parce que c'est sa mère qui l'a nourri depuis qu'il était petit, (soupir)... donc ils ont commencé à tirer. [Hum hum...] Et avec lui. [Donc il voulait aider sa maman ?] Ah oui. Il l'aime bien. (avec une insistance triste). [Et là d'après toi ?] Hum, le père! (intonation montante et triste) [D'après toi? Le papa ? D'accord...] Il est bien plus grand. Il a l'air méchant. (même intonation montante et triste). Et puis...et puis aussi...lui, il voulait acheter... elle, mère, elle voulait acheter des choses pour son fils. (inflexion montante) [Hum hum..] Plus des produits de vaisselle et tout, pour qu'elle fasse le ménage, une machine à laver, elle en avait marre ; et lui, il voulait...il voulait une 4*4... [Ah!?...] Il en avait marre de se déplacer toujours à pied pour son travail. [Humhum..? ouais...euh... et donc ça ... (je montre le petit) C'est son fils ?] Parce que lui, quand il a su que sa mère elle voulait acheter plein de trucs pour lui, ben il est venu avec sa mère... (à peine audible) c'est elle qui l'a nourri plusieurs... jours, qui l'a porté dans son ventre... [C'est important ça ?] (très bas) hum hum. [Et tu te sens comment quand tu regardes ça ?] Ben, Je ne sais pas, je me sens ...comme si c'était une bataille, je m'exclue (?) du jeu... [C'est un jeu ou c'est une bataille ?] (soupir) Je sais pas. (pause) quand on regarde, on dirait plutôt qu'ils sont en colère l'un et l'autre, on dirait qu'elle est triste, la mère, et que lui... il est étonné qu'elle est triste. [Il comprend pas ? C'est ça ?] Il comprend pas bien. [Hum hum.] (pause) Donc, lui, le petit garçon il est en colère, il veut tout faire pour aider sa mère. (soupir) [C'est un gentil petit garçon?] Hum hum. (Acquiescement net) [Ouais.?] (Hochement de tête) (pause) [On arrête là?] Oui. [Ok] ». Je prends le tableau et je lui montre le prochain.

Tableau 3

Elle commence à parler tout de suite. « On dirait que c'est un lion, il est ... il est chez lui... [Humhum..] Il dit... (très réjouie) il dit que c'est son château et que c'est lui le roi... [Ah oui ?] Alors... il veut laisser personne entrer... ya peut-être des soldats devant... mais une petite souris qui est maligne, elle a creusé un petit trou et elle y est entrée. Et...sa canne, c'est... peut-être quelque chose qu'il veut pas quitter ... comme on peut dire...qui porte bonheur. [Ah.. oui...] Comme les rois, des

fois...on les voit avec une...attribut doré... [Hum hum... des sceptres?] Oui. Et ben, c'est le sien, (très vive) et la petite souris, elle veut partir derrière, pour lui prendre et partir dans son trou. [Elle veut lui voler son bâton? Pourquoi à ton avis?] Et ben peut-être parce que elle veut le mettre quelque part d'autre, comme ça, le lion, le roi, il va le chercher, et qu'elle lui prend toute l'or qui est dans son... (elle montre circulairement autour du personnage) [Elle veut lui voler son trône ?] Oui. (petite voix montante. Elle reprend) Oui, lui, par contre, il dit ... (très vite) qu'il a toujours des critiques sur son château, que c'est pas un château, c'est juste une petite maison, avec des petits dessins par terre... [Hum hum. Qui est-ce qui a des critiques sur son château, c'est lui ou bien...le lion?] Ben oui, le lion. Oui le lion. Il dit que c'est lui le roi, il dit que c'est pas un château. [Pas un...] Il dit que c'est pas...c'est pas un château. [Pas un assez beau château?] C'est pas un assez beau château. [Hum, hum.] (Elle montre le sol, la plinthe en bois avec des petits va et viens rapides) Là, y a des petits trucs comme ça, mais lui, il veut que ce soit doré, argenté partout pour dire qu'il veut être un roi. [Ah.. un château fort (je n'ai pas compris), c'est quoi un château fort c'est ça ?] (Très net, exaspérée) Je ne sais pas. [Tu parles du château fort, ou tu parles du lion qui est fort, pour dire que le lion est fort.] Pour dire que le lion est fort. [Pour montrer sa force, il faut qu'il y ait du doré partout ou des choses comme ça?] Hum hum. [Hum? Mais... il a l'air comment?] Il a l'air sévère... [Hum hum.] Très très sévère. Il a l'air d'attendre...quelqu'un. [Hum hum.] Avec sa pipe, il attend parce qu'il n'a rien à faire. Il est en train peut-être de claquer du pied, comme ça (elle me montre)

[Il tape du pied par terre... pourquoi, alors, il taperait ...du pied?] (hésitation)(assez fort) Parce qu'il s'ennuie. [Il s'ennuie...?] Il veut quelque chose pour s'occuper... il en a marre peut-être... d'être roi, il veut aller euh, faire des courses, se détendre un peu. [Ok. (silence) bon, ...quand tu as fini, tu me le dis?] Et sa chaise est en bois, il y a des clous qui sont vissés, et lui, il dit il sait pas, il croit que c'est de l'or. [Ah?...] Il dit peut être que par terre c'est pas de l'or mais en tous cas ma chaise elle est dorée. C'est juste de la peinture qu'ils ont mis dessus un peu partout (?) (elle s'agite, j'ai du mal à comprendre ce qu'elle dit très bas) [Mais lui, il pense que c'est doré?] Hum hum. [Donc, il a une fausse idée des choses c'est ça?] (très nettement) Oui! Mais... toujours, à chaque fois qu'il a quelque chose d'autre, il veut encore quelque chose d'autre. [Il veut toujours plus que ce qu'il a, c'est ça? Il n'est pas content de ce qu'il a ?] Hum! Et en plus il est triste, et avant, avant, il avait tout, (elle se reprend) rien du tout, (très vite) il a trouvé des trucs, avec des feuilles (elle rythme en tapotant avec la carte) il a tout enlevé, il a tout enlevé et maintenant il veut encore quelque chose pour s'occuper ; parce qu'il en a marre, les vieux trucs (elle se reprend) les vieux journaux. [(je ris) Les rois regardent les journaux?] Ah oui. Oui.on voit bien que le bois, que là c'est en bois... [C'est là que la petite souris elle a fait un trou ?] Hum! (silence, elle veut finir) [D'accord.].³ Elle me rend le tableau et je lui montre le troisième.

Tableau 4

Elle commence très vite, mais son cours de solfège va bientôt commencer) Alors... on dirait la mère, kangourou, elle part dehors, elle est très pressée pour aller acheter des choses à ses petits enfants

adorés. Là c'est le petit, il s'est caché, il a pris un ballon et là, c'est l'autre, et comme il est pas allé dans le trou, il est un peu jaloux... [C'est qui, celui-là?] Là, c'est ... euh...un petit garçon, ça, c'est une petite fille. On voit que un petit peu que c'est une petite fille avec ses belles oreilles. Elle est toute petite, alors elle se cache là... et lui, il dit c'est pas juste, quand elle était pas née, c'est moi qui était là ...et, maintenant, moi aussi, j'ai envie d'y aller. Il a l'air un peu jaloux! En voyant sa tête, euh, un peu triste, euh... Elle a l'air pressée ; son chapeau, il tombe, il retombe, il tombe, il retombe (soupir), au final elle met un ruban. On dirait que c'est un vélo, on dirait... un très vieux vélo parce que il est à l'envers, des roues..., c'est un vieux modèle (je ris) [Il est bizarre le vélo!] Donc, euh, ils vont dans la forêt, parce qu'ils sont partis manger, ils sont partis acheter des chapeaux, empaillés, ils ont acheté ce qu'il y avait dans le magasin, pour faire plaisir à la petite fille... et le garçon, il a rien eu, il est jaloux.(très vite) Il sait pas que lui, quand il était petit, parce que lui il a 6 ans et, elle, elle a 1 an ; il sait pas que, pendant 5 ans, il est resté au fond de la poche, il était (elle chuchote presque) le petit garçon adoré à sa mère, maintenant; c'est l'autre, tour, c'est l'autre, oui. [C'est comme ça ?] (Dans un souffle) Ouais. [Et là, la maison? Qu'est ce qui sort, là ?] C'est de la fumée, parce qu'elle est en train de brûler; donc ils sont pressés, pour ça qu'elle a l'air un peu gênée. [Elle croit que sa maison brûle ?] Hum! [Oooh!...] Et lui, il se doute de rien...lui non plus... [Il y a que la maman qui est au courant?] Oui. (Silence) [C'est bon ? Tu n'as rien à ajouter ?] On dirait qu'il y a une grande forêt (elle montre les pointillés rapidement en faisant des AR rapides), qu'il y a des insectes partout,... on peut dire que celle-là elle a un peu peur, de partir là à pied ; (un peu fâchée) normalement, la mère, elle voulait pas qu'elle le met là, elle voulait mettre le panier. Et elle a dit, 'Moi j'ai peur, il y a des araignées, des fourmis partout'. Alors, elle s'est mis là-bas, et puis, lui, il dit : 'Ah , c'est une peureuse', alors que, lui, quand il était petit, il avait peur de beaucoup de choses... [Ok] (Silence) [Bon , je range?] Oui. [T'es sûre?]. Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

Elle rit en voyant la figure. « [Elle te fait rire?] Oui. [Qu'est-ce que tu vois ?] Eh bien! Je dirais qu'il y a différentes personnes... et ça c'est la grand-mère, elle dit qu'elle sait tout, et, puis là, c'est ses deux enfants, et ils sont adultes maintenant. Et là, elle, elle dit : 'Tu vois, notre mère, elle veut apprendre notre fils, tu vois, elle veut l'éduquer alors que, qu'elle sait rien, qu'elle est pas partie à l'école. Tu vois; elle a eu des problèmes, elle a redoublé, elle a fait ceci, elle a fait cela, alors que nous, non, ça s'est bien passé'. Elle dit à ses fils : 'Tu vois, moi, j'étais très intelligente quand j'étais petite, je faisais la cuisine, je faisais tout' ; alors qu'en vérité, elle faisait juste jouer. (elle pèse sur le mot 'presque' avec volupté) [La grand-mère?] Oui. [Hum hum!] Et on voit bien que c'est une petite fille (elle montre les fleurs) et là c'est un garçon, et lui, il dit : 'Quand même, notre mère, elle croit que c'est, qu'elle est intelligente et tout, et, en plus, le café qu'elle nous a préparé, il est pas du tout bon ; tu peux le goûter, tu vas voir'. Et puis, lui, il essaie de le goûter... Et là, c'était, ...c'était...c'était... le grand-père... (Elle rit) [Là, dans le cadre, le grand père?] Le grand père, comme la grand-mère, elle

voulait l'habiller, et bien, elle lui a mis un petit chapeau pour les filles, il a dit comme ça... [Elle l'a déguisé en fille, la grand-mère?] Non, c'est pas sa grand-mère, c'est son mari! [Son mari, oui] (Elle continue très vite) Elle l'a un peu transformé, parce qu'elle disait : 'Ah, t'es plus beau comme ça, tu vois' (elle rit). Il se doutait de rien, il n'y avait pas de miroir à l'époque, il pouvait pas voir... [Ah ? Il se rendait pas compte, il s'est laissé faire?] Hum hum... il savait qu'elle est très dure quand elle veut, et qu'elle est (sa voix s'étrangle un peu) calme quand elle veut. Et on voit que lui, il est très intéressé par ce qu'elle dit (elle parle du petit), il se doute de rien, il sait pas que ... que...quand elle était petite... ça se voit qu'elle se vante, elle a les yeux fermés comme ça... Elle est en train de montrer du doigt... (Pause) [Oui... elle fait comme ça] (Je fais le geste). Oui! Il faut faire ça là-bas. Lui, il écoute, il se doute de rien. [Il a l'air comment ?] Il a l'air...concentré par ce qu'elle dit. (Silence) [Hum hum, c'est intéressant !] Et puis, le canapé, le petit garçon, il déteste ça, il a envie de vomir quand il le voit. [Pourquoi ?] Ben, parce que c'est un petit garçon. Et puis qu'il voit que c'est décoré par des fleurs, il dit : 'C'est pas fait pour ma maison ça, c'est un petit peu pour les filles!' Et il dit aussi qu'il aime pas : 'Moi je préfère quand c'est bleu, rouge...jaune, des couleurs comme ça...' C'est la mère qui a choisi les fleurs partout... Si c'était une petite fille, je crois pas qu'elle aimerait ces couleurs; parce que là, je pourrais dire que tout pourrait être marron, noir, avec les fleurs, ça pourrait être jaune, mais les fleurs jaunes, y en a pas beaucoup et elle, elle aime pas cette couleur. Mais là, on voit pas trop que c'est une fille (le petit). [Oui tu as raison.] L'autre, elle s'est beaucoup maquillée. La fille avec sa tasse de café, pourquoi elle s'est beaucoup maquillée... Ben là, on voit bien qu'elle a mis beaucoup de rouge à lèvres, ici et là on voit beaucoup de rouge à lèvres. Elle voulait pas être ridicule par rapport à sa mère ; donc, elle a mis tout ce que sa mère mettait quand elle avait son âge. Juste pour lui dire : 'Moi aussi j'ai fait comme toi, alors que c'est le contraire. [C'est le contraire? Je comprends pas.] Elle dit : [Quand j'étais petite, tu as oublié, j'étais exactement comme toi, la preuve, je mets les mêmes habits que toi quand j'avais ton âge. Le grand père (elle jubile) c'était un (légère pause) rapporteur ; tout ce qu'elle disait sa femme, il le disait à ses enfants, à tout le monde, à ses amis... [Il se plaignait alors...c'est ça ?] Ouais! [Tu vois autre chose ?] (un temps) On voit bien que c'est du bois ici (elle montre le trait vertical d'ombre sur la droite) on dirait que le plancher...enfin, pas le plancher, sur le côté, c'est un peu enlevé, parce qu'elle savait pas bien bricoler, parce que, lui, il était mort. [Ah ah ? Ah d'accord...] Elle dit c'était tout fait, sauf que sur le côté, c'était pas bien fait ; en fait, c'était son mari qui voulait : 'Toi t'as choisi pour le canapé, écoute, moi, je veux cette partie-là pour moi.' Donc, il a mis des trucs de garçon... de ce côté-là, il a mis que des photos, des trucs de garçon, de sa famille et tout... Et maintenant elle dit : 'Il est mort, j'en profite pour tout enlever et, et ... et comme elle savait pas bien faire le plancher, et bien là ça dépasse un peu. Et là (montrant sur quoi est assis la grand-mère) et là on dirait plutôt comme c'est pour s'asseoir; en fait c'est une table, mais comme elle avait pas assez d'argent, et qu'elle voulait prendre son argent pour acheter des bijoux, des boucles d'oreilles et tout, alors, elle voulait pas acheter des chaises, des tables et tout... Alors elle a juste une petite table que son mari lui a donné et elle s'assoit dessus. [Elle s'assoit sur la table que son mari lui a offerte. C'est gentil

!] Non, c'est pas gentil!... (je ris) [Bon, ben je crois que c'est l'heure hein ? Maintenant. Tu es sûre que tu veux rien rajouter ?] (Elle montre le singe masculin assis sur le divan) On dirait que lui, il est pas très intelligent, et comme sa sœur était un peu plus intelligente, il croit tout ce que sa sœur lui dit et sa sœur c'est peut-être une petite menteuse ... et là aussi, on voit que c'est de la peinture pas bien faite... En fait, son mari avait tout peint en bleu et elle, elle a retour peint en violet-rose, et là elle avait oublié cette tache, elle s'est pas rendu compte ... [Il y avait du bleu en dessous?] Hum hum. Parce que quand, à chaque fois, comme elle et lui, leur couleur préférée c'était le bleu, à chaque fois, il(s) se mettai(en)t là... alors, euh ... (pause) pour avoir la couleur qu'il préfère... Bon, c'est l'heure, je crois qu'on va arrêter... [Quand est-ce qu'on va arrêter ?] (je ris et elle aussi). » Elle me rend le tableau et on finit l'entretien.

Interprétation Mahira

Le récit de Mahira révèle qu'elle est une petite fille qui se trouve, en ce moment de sa vie, confrontée avec les gains et les douleurs de son développement, particulièrement, en ce qui concerne le changement des relations avec la mère. La croissance est conçue par elle comme en lui apportant, d'abord, une certaine fragilité (aussi qu'à sa mère) issue de la sensation de perte d'une union amoureuse inébranlable avec la mère. Les sentiments amoureux vis-à-vis de sa génitrice étant gardés, Mahira éprouve, dans sa nouvelle condition, la nostalgie du passé perdu, duquel elle est en train de faire le deuil.

Si les raisons de cette altération indésirable dans son lien avec la mère ne sont pas exactement situées pour Mahira dans la naissance de son petit frère, sûrement, celle-ci est vue par elle comme un important soutien du changement. Par conséquent, le processus de rivalité s'installe, soit contre le plus petit, soit contre le genre masculin en général, vu que le nouvel enfant de sa mère est un garçon. De sorte que, tandis que les femmes sont vues par elle comme affectueuses, solidaires et généreuses, les hommes (soient-ils enfants ou adultes) sont jugés comme égoïstes, narcissiques et indifférents vis-à-vis des siens. Ils sont conçus par elle comme des personnes qui veulent toutes les ressources pour eux-mêmes, le mot « partage » en ne faisant pas partie de leur vocabulaire. Cette opinion a des racines dans la perception de Mahira de la relation que son père entretient avec sa mère, aussi bien que dans sa sensation de que son petit frère, en étant très exigeant, lui vole complètement la mère. D'où, l'établissement d'une alliance féminine (et féministe) est inévitable pour se protéger des intérêts égoïstes des hommes, même si cela implique en les châtrer pour prendre le pouvoir qu'elle sent qu'ils ont. Cette alliance permettrait aussi à Mahira d'élaborer le deuil pour le lien perdu, et de récupérer la mère pour soi d'une certaine façon, en remplaçant leur union exclusive précédente pour les identifications avec elle. Donc, si elle n'a plus la mère pour elle, elle veut être comme elle.

Toutefois, ces tentatives ne sont pas complètement bien réussites, car elles se heurtent à la réalité des limites de son stage de développement : Mahira s'aperçoit qu'elle n'a pas encore toutes les ressources qui permettraient mener une vie d'une femme adulte. De sorte qu'elle se rend compte

que, à l'antagonisme qu'existe avec le plus petit et le genre masculin, s'ajoute un troisième : contre l'adulte. Ceci, quand même, intensifie le sentiment de l'infériorité de l'enfant, en le montrant que ce n'est pas seulement sa condition d'enfant qui fait qu'il soit moins bon que l'adulte. Autrement dit, l'adulte montre que les limites que l'enfant a ne seront pas dépassées par des conquêtes du développement : il lui assure que, même quand il était petit, il était meilleur et plus habile que son enfant.

Cet état des choses provoque dans la fille une sensation de triple infériorité. D'un côté, elle n'est plus un bébé qui pourrait profiter d'une plus grande tolérance par rapport à ses défauts et limites. Dans ce cas, la relation étroite avec la mère compenserait ses maladresses, vu qu'un serait la continuité de l'autre. De l'autre côté, elle n'est pas non plus un adulte avec toutes les ressources que ceci présente ; en plus, tout en considérant ses limites en tant qu'enfant, elle n'est pas vue par la mère comme assez bonne. Finalement, elle est une fille et pas un garçon ; donc elle doit se battre contre le monde masculin si elle veut garder quelque privilège pour soi. Cette situation complexe est résolue par la fille d'une façon très particulière.

L'ambiguïté de sa position dans le développement (ni petit enfant, ni adulte), que provoque sa double infériorité est dénouée en même temps, grâce à une conquête de la maturité qu'elle a déjà réussi à obtenir : la perte de la naïveté. Si, en un premier temps, celle-ci a été éprouvée avec douleur et nostalgie pour le paradis perdu de la relation maternelle de confiance totale, en ce moment il est cette perte qui va permettre à Mahira de récupérer la confiance en soi. La perception que la mère n'est pas parfaite l'emmène à poser en question la supériorité de la femme adulte (ou simplement de l'adulte). Elle se rend compte que la figure maternelle peut se vanter et s'attribuer des qualités qu'elle n'a pas vraiment et qu'elle n'a pas eues dans le passé. Elle peut se montrer meilleure qu'elle est et qu'elle a été. Si l'enfant petit n'a pas des conditions de juger la vérité de faits, car il est immergé dans une relation de confiance aveugle, l'enfant plus grande peut être plus critique par rapport à ce sujet. Si la mère n'était pas tellement mieux que la fille est en ce moment évolutive, l'identification avec elle et l'espoir de devenir comme elle à la vie adulte deviennent passibles de réalisation.

Le management de l'infériorité vis-à-vis du plus petit est accompli par le même processus. Consciente de la confiance absolue que celui-là fait à l'adulte, dans une identification avec la mère, Mahira essaie de lui montrer sa supériorité vis-à-vis de lui, qui ne se doute de rien. Elle peut, donc, se présenter comme plus performante et intelligente que lui, capable même de lui mettre dans des situations caricaturales et grotesques. Donc, le sentiment d'infériorité est déplacé vers lui, dans une revanche pour avoir pris sa place vis-à-vis de la mère.

Finalement, Mahira se rend compte que si elle peut convaincre son petit frère de son handicap face à elle, les femmes de sa famille sont capables de faire la même chose avec les hommes. Ceux-ci, bien qu'égoïstes, sont vus par elle comme en n'ayant pas beaucoup de sens critique et en étant très influençables pour les femmes, au point de se laisser châtrer par elles. Toutefois, ce pouvoir d'ascendance et de manipulation féminine ne marche pas toujours. De sorte que la maison se

transforme parfois dans un champ de bataille entre l'homme et la femme, où, faute de parvenir à une entente, chacun essaie de préserver une petite place. Si l'homme se plaint de la façon dont son foyer est organisé, la femme lui trompe, tout en lui faisant penser que les choses sont comme il veut mais, au contraire, en les faisant comme elle les souhaite. Bref, la femme, à la fin, garde le pouvoir par moyen de la dissimulation. Toutefois, si l'absence du mari permet à la femme de triompher sur lui et essayer d'effacer sa présence dans la maison, une fois de plus, elle se rend compte aussi de ses propres imperfections et qu'il lui manque. Les marques de son présence restent encore sur sa réalité psychique, mais aussi, et principalement, les marques de son absence. Elle peut quand même devenir narcissique comme lui et ne pas faire attention aux choses qui vraiment ont de l'importance ; il peut lui manquer quand même le sens critique qu'elle pensait d'avoir. Autrement dit, la femme n'est pas si intelligente comme elle imaginait être. Donc, si apparemment la vie de la femme s'enrichit sans l'homme, en vrai, elle s'appauvrit. Enfin, Mahira se rend compte des faiblesses et des imperfections de l'être humain soit-il un enfant (petit ou grand), un adulte, un homme ou une femme. La conclusion, qu'elle commence maintenant à y arriver, c'est qu'on a tous besoins les uns des autres. Les détails de la production de Mahira à chaque tableau du CAT-A sont exposés à la suite.

Tableau 1

C'est en ce premier tableau du CAT-A que Mahira montre le changement de sa situation dû le processus de développement. Elle n'est plus un enfant petit qui ne comprend rien et que jouit d'une proximité étroite avec la mère. Au contraire, elle est un enfant plus grand qui, en cas de l'absence de la mère devra, pour identification, prendre sa place vis-à-vis des frères et sœurs plus petits. Sa condition de mieux comprendre ce qui se passe, à savoir, que la mère n'est pas là, lui éveille un sentiment de tristesse et la nostalgie d'un passé où la génitrice était toujours proche des enfants. La situation de séparation est vue par elle comme en suscitant les mêmes sentiments dans la mère, surtout vis-à-vis des enfants plus jeunes.

Devant cet état de choses, Mahira a du mal à situer sa position. Même si elle est la plus âgée de la fratrie, elle sent qu'elle est encore très petite pour prendre les responsabilités maternelles que lui sont exigées par la mère. Donc, en plus d'être privée du *holding* maternel elle doit, elle-même, l'offrir aux enfants plus petits, ce qu'elle ne se sent pas encore prête à faire.¹⁰ De sorte qu'elle n'est pas capable d'accueillir et d'accepter les essais de symbolisation de la part de son petit-frère. Bref, Mahira montre en ce récit toute l'ambiguïté éprouvée par rapport à sa nouvelle condition, en s'interrogeant quelle est sa vraie position entre les extrêmes de la dépendance absolue et de l'indépendance adulte.

¹⁰ La contraposition de ce récit à celui du tableau 8 du CAT-A suggère que Mahira ressent que la mère lui exige une certaine indépendance qu'elle-même n'était pas capable d'avoir à son enfance.

Tableau 2

Le thème de l'union avec la mère est repris dans ce récit, contraposée à l'autonomie individuelle conformément représenté par la figure du père. Ainsi, même séparées physique et psychiquement, le lien affectueux entre la mère et l'enfant est gardé, dû l'amour, la loyauté et la gratitude de celui-ci vis-à-vis de celle-là. Donc, après un effort commun, la mère veut utiliser les ressources familiales pour améliorer la qualité de vie de tous et offrir un *holding* de mieux qualité pour l'enfant. Le père, au contraire, souhaite un objet pour sa gratification personnelle, sans se rendre compte des envies et besoins des autres : son désir est de montrer sa puissance au monde. Tandis que la mère et l'enfant représentent la solidarité, l'union et le détachement matériel, le père est vu comme égoïste et narcissique. La situation provoque un conflit familial où la mère et l'enfant sont d'un côté alors que le père est de l'autre, dispute que l'enfant ressent avoir, involontairement, alimenté (*Pourquoi j'ai dit ça ?*). Dans cette dispute de pouvoir, la mère ne semble pas être capable d'affronter le père par la force ; au contraire, la situation d'antagonisme et de manque d'union la rend affaiblie et déprimée. Par conséquent, l'enfant se met de son côté pour l'aider et la protéger. L'absence de la fin de l'histoire et la remarque de Mahira que la situation est une bataille plutôt qu'un jeu, montrent les difficultés du couple parental pour parvenir à une entente devant les conflits familiaux.

Tableau 3

Le sujet de l'ambition et de la vanité masculine est repris dans le récit à ce tableau, dans un mélange que Mahira fait entre les figures de son père et de son petit-frère. Ainsi, l'homme est conçu comme le détenteur d'un pouvoir absolu, qu'il ne se contente pas seulement de l'avoir : il veut aussi lui montrer au monde. L'homme est aperçu comme l'autorité maximale de la maison et les femmes de la famille sont vues par lui comme en n'étant pas à son hauteur. Le genre féminin est vu par lui comme inférieur au masculin, ce qui emmène l'homme à humilier et rabaisser les femmes. Même si elles essaient de tout faire pour lui plaire, l'homme semble être impossible à contenter : il veut toujours plus de ce qu'il a. Cette situation déclenche dans les femmes l'envie de le châtrer et de prendre le pouvoir phallique qu'il garde. Toutefois, Mahira bientôt se rend compte que ce comportement masculin cache une insatisfaction plus profonde, psychique, un sentiment de futilité, de manque de sens dans la vie, d'un vide impossible à remplir. Par conséquent l'homme trompe à lui-même, car il cherche le contentement où il ne peut pas le trouver. En revanche, la façon dont la femme cherche à lui faire plaisir ne peut pas être d'autre qu'aussi la tromperie (*elles dissimulent que la chaise est en or, mais cela n'est que l'apparence*).

Si en ce qui concerne à son petit-frère Mahira semble parler d'une exigence à chaque fois plus grande qu'il fait à sa mère (ce qui finit pour diminuer son espace auprès d'elle), par rapport à son père, la situation est plus complexe. Elle se rend compte qu'il a perdu sa joie de vivre quelque part du passé, que les possessions matérielles n'ont rien à voir avec son bien-être. Bref, elle communique une sensation d'un fonctionnement faux-self de la part de son père.

Tableau 4

C'est bien dans ce tableau que Mahira exprime toute sa nostalgie du lien étroit et fusionnel qu'elle gardait avec sa mère, qu'elle ressent qu'elle a perdu à cause de l'arrivée de son petit-frère. La rivalité fraternelle s'installe, la responsabilité pour le changement de la relation en étant attribuée au petit et pas à la mère. L'attachement amoureux avec elle persiste, donc la jalousie s'établit. Tandis que l'enfant cadet a le droit au lien fusionnel, elle est poussée à l'autonomie, façon de vivre qu'elle ne connaît pas encore très bien (le vélo bizarre). La jalousie déclenche en Mahira le désir que le frère cadet perde aussi sa position « privilégiée » vis-à-vis de la mère. Bien que celle-ci essaie de pousser le plus petit vers l'indépendance, celui-ci résiste à ces efforts : il se sent encore très vulnérable pour faire face aux demandes et dangers du monde. La jalousie emmène Mahira à dévaloriser le cadet, en montrant sa supériorité vis-à-vis de lui, actuellement et quand elle avait son âge ; même si cela n'est pas vraie, le plus petit, qui ne se doute de rien, n'a pas des moyens de vérifier l'authenticité des faits. En ce qui concerne la mère, encore qu'elle ait du mal à bien gérer tous ses affaires (les fonctions maternelles, la recherche de provision et l'élégance) elle est vue comme capable d'offrir le *holding* à ses enfants et de leur protéger. Toutefois, en ce qui concerne le soin qu'elle prend d'elle-même, elle laisse à désirer : elle est déprimée, pressée, et n'arrive pas à tenir sa beauté (le chapeau qui tombe et retombe est, à la fin, pris par un ruban).

Tableau 8

Si la représentation de la figure maternelle comme quelqu'un d'idéal a été présente dans le récit antérieur, en ce moment Mahira commence à se rendre compte de ses imperfections. Elle s'aperçoit que la croissance lui permet de développer un sens critique qui lui rend possible une vision plus réaliste et globale de la génitrice et des gens en générale. C'est bien ici que Mahira constate que parfois sa mère lui exige plus, dans des termes de responsabilités et de performance, qu'elle-même était capable de faire quand elle était enfant. D'où, si sa mère était comme elle à son enfance, elle a plus de chances d'être comme sa mère à la vie adulte. Ainsi, il est établi une continuité entre les deux, où les identifications jouent et joueront un rôle à chaque fois plus importante (la fille se maquille comme sa mère ; la mère se rend compte qu'elle portait les mêmes habits que la fille quand elle avait son âge). En conséquence, Mahira n'a plus besoin de faire du souci des habiletés qu'elle n'a pas encore développé comme une femme adulte : cela viendra avec le temps. La perception que l'adulte se vante des qualités qu'il n'a pas vraiment, et qu'il arrive quand même à convaincre le plus petits de la « vérité de ces faits », rend Mahira consciente de la force du pouvoir d'influence qu'un adulte peut avoir. De sorte qu'elle va utiliser ce même pouvoir pour changer de position dans le jeu de relations avec son petit-frère : c'est elle maintenant qui va lui réveiller les sentiments d'admiration et d'infériorité vis-à-vis d'elle. Elle va quand même examiner les atteintes de ce pouvoir féminin de persuasion (même s'il est basé sur la dissimulation) sur les hommes, dans l'histoire de sa famille. Elle vérifie que parfois il marche très bien, parfois il marche partiellement, selon le sens critique du père ou du frère. Toutefois,

même si un combat entre les sexes s'installe, Mahira conclut, à la fin, que les femmes, en n'étant pas parfaites, ont aussi besoin d'eux et ne peuvent pas effacer les marques de leur présence dans leurs vies.

En synthèse, Mahira est une petite fille très créative et intelligente, qui a bien réussi à accomplir les tâches d'intégration, personnalisation et réalisation. Elle se rencontre dans le stage de dépendance relative et, en ce moment, elle est au milieu d'un processus de changement de relations avec sa mère, qu'y compris l'élaboration de la rivalité fraternelle avec son petit-frère et la compréhension de son statut de n'être ni un enfant petit ni un adulte. Sa nouvelle capacité de comprendre les limites des personnes, particulièrement de la mère, lui donne confiance de qu'un jour elle aura les mêmes habilités que la génitrice. Cette capacité lui permet également de dépasser ses sentiments d'infériorité par rapport à son petit-frère, en lui montrant sa supériorité vis-à-vis de lui. L'angoisse de castration est managée par elle par moyen de l'utilisation du pouvoir féminin d'influence et de persuasion sur l'homme, même si ce pouvoir n'est pas basé sur la réalité. Toutefois, comme la réalité s'impose, en lui montrant les faiblesses et les limites des femmes, Mahira commence à conclure que les hommes ont aussi à apporter à leurs vies.

Synthèse Jebila et Mahira

Les récits de Mahira et de Jebila montrent qu'elles composent une dyade qui fonctionne relativement bien, ce qui a permis à la petite fille acquérir les capacités pour l'intégration, personnalisation et réalisation. En ce moment de leurs vies toutes les deux, mère et fille, se débattent avec leur condition d'être femme dans un monde qu'elles conçoivent comme commandé pour les hommes, qui garderaient tous les privilèges pour eux-mêmes. Donc, une rivalité contre eux est établie, ce qui entraîne des conséquences importants pour l'expérience maternelle de Jebila et pour le fonctionnement psychique de Mahira.

De son côté, Jebila s'agace devant ses sentiments d'infériorité vis-à-vis la force et l'autorité qu'elle attribue à l'homme et essaie quand même de se masculiniser un peu pour pouvoir profiter de ce pouvoir. Cette attitude, qui présuppose une répression de sa féminité, a des racines sur une forte identification avec sa propre mère qui est aussi un peu virilisée. Les résultats de la conduite de Jebila sont une limitation des plaisirs qu'elle éprouve dans sa maternité, un certain éloignement affectif de ses enfants et quelques essaies de se débarrasser de ses fonctions maternelles en les octroyant à Mahira. En plus, l'intensité de ses mécanismes de répression étouffe sa joie de vivre et sa vibration affective, en lui donnant l'impression d'être quelqu'un de déprimé.

Devant cette dynamique de la mère, Mahira, dans une identification avec elle, prend pour soi-même l'image masculine qu'elle garde dans sa réalité psychique. Ainsi, l'homme est vu comme quelqu'un d'égoïste et narcissique, responsable pour la souffrance (dépression) de la mère (même si le père réel ne correspond pas forcément à ce profil). Son amour pour la mère et la compétition qu'elle éprouve vis-à-vis de son frère cadet (qui lui a détrônée) l'emmène aussi à établir avec le genre masculin une relation d'opposition. Toutefois, au contraire de la mère, au lieu de se masculiniser,

Mahira découvre le pouvoir de l'influence féminine qui, bien appliquée, est capable de manipuler l'homme au point de le ridiculiser par moyen d'une castration symbolique. Enfin, la dyade essaie de dépasser ses sentiments de désavantage face à l'homme soit par moyen de la castration de celui-ci, soit par moyen de la virilisation de la femme. Cependant, le pouvoir d'influence féminine que Mahira découvre (et que lui plaît) semble lui donner des meilleures conditions d'intégrer sa sexualité féminine dans le *Self*, en comparaison à Jebila.

Le lien entre Mahira et Jebila n'est pas, néanmoins, seulement de complicité et protection. Malgré tout son amour pour sa génitrice, la petite fille se voit obligée de faire face à une opposition avec elle, résultante de sa conduite d'évitement des fonctions maternelles et de l'entretien de la maison. De sorte que Mahira sent que parfois sa mère la surcharge, en lui demandant de prendre leurs propres responsabilités, ce que la petite fille ne se sent pas encore prête à assumer (comme le soin de son petit frère). Selon le récit de Mahira, devant ses protestations pour ces contraintes que la mère lui impose, ses limites d'enfant et ses maladresses pour dégager leurs fonctions, la génitrice lui répond par moyen d'une dévalorisation de ses capacités. Ainsi, la mère essaie de montrer à Mahira l'inadéquation de celle-ci, en lui disant qu'elle-même était plus capable que la petite fille quand elle avait l'âge de celle-ci. Enfin, devant l'impossibilité de montrer sa supériorité vis-à-vis l'homme, Jebila assume une position de suprématie et prépotence vis-à-vis de sa fille. Bref, si elle ne peut pas dominer l'homme, elle peut dominer l'enfant. Cette situation apporte à Mahira un supplément à ses sentiments d'infériorité. D'où, à la rivalité de la petite fille contre le genre masculin s'ajoute une autre, contre l'adulte.

Cependant, les conquêtes développementales de la fille lui permettent d'affronter ces sentiments. La perception de que la mère n'est pas aussi parfaite mais qu'elle simplement se vante d'être, lui met en des bons termes avec sa vision de soi-même. C'est pourquoi elle se rend compte de l'importance du pouvoir d'influence et du jeu d'apparences. Devant cette nouvelle perception, c'est, donc, la fois de Mahira se venger, soit de l'adulte soit de l'homme, ce qu'elle fait en montrant sa supériorité vis-à-vis de son petit frère. Bref, la rivalité de Mahira contre la mère finit par une nouvelle identification avec elle.

En résumé, les récits de la dyade Jebila et Mahira révèlent une très forte identification entre elles qui semble venir d'une tradition familiale ancienne, en ce qui concerne au vécu de l'identité féminine. L'établissement d'une rivalité contre l'homme semble exister, au minimum, depuis la génération des grands-parents, suite à une position d'infériorité que la femme éprouve. Les façons de gérer ce sentiment sont des essais de virilisation de la femme et de castration de l'homme, de sorte que les différences sexuelles puissent être minimisées au maximum. Faute de réussite dans cette entreprise, la femme renonce à la dispute contre l'homme et exerce sa supériorité vis-à-vis de l'enfant. Cette façon de vivre attribue un coloré spécial à l'expérience maternelle, où le jeu de pouvoir devient très important. Toutefois, en ce qui concerne à cette dyade, la fierté féminine et la conception de la

maternité comme la principale réalisation d'une femme, en étant presque absents, limitent l'usufruit des plaisirs du maternage.

APÊNDICE BE - Dyade Manal et Fatimah

Identification

Manal: 37 ans

Situation familiale: divorcée (actuellement: concubinat)

Niveau d'instruction: moyen

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Youcef, 12 ans; Fatimah, 8 ans; Amine, 4 ans et Safia, 10 mois

Enfant étudié: Fatimah

Ordre des entretiens: 1) Manal

2) Fatimah

L'entretien avec Manal et Fatimah a eu lieu la fin de novembre, à un dimanche pluvieux et froid. Elle habitait chez un bâtiment très bien localisé, à une maison grande, confortable et lumineuse. À la salle à manger il y avait une grande fenêtre où on envisageait un terrasse avec des plantes et de l'herbe, où les enfants jouaient.

Manal était une femme de 37 ans, mais elle faisait moins. Elle était très sympathique et jolie. Elle était mince, la taille moyenne, cheveux et yeux noirs, la peau bronzée. Elle était d'origine marocaine et est venue par la France quand elle était bébé (6 mois). Elle habitait à la maison avec son mari Saïd et leurs quatre enfants. Le jour de notre rencontre, elle était à la maison avec tous ses enfants, ce qui a rendu l'entretien particulièrement difficile parce qu'ils étaient curieux pour regarder les tableaux du CAT-A. Bien que j'aie prévenu Manal que la passation était individuelle, elle ne s'est pas opposé que les enfants restaient proches d'elle pendant notre conversation. J'ai besoin de beaucoup d'habileté pour convaincre Fatimah à s'éloigner de nous, pour qu'elle ne voie pas les tableaux avant de ma rencontre avec elle. Malheureusement, je n'ai pas eu la même chance avec les autres enfants qui ont resté aux alentours tout le temps.

Au début de notre activité, je dis à Manal que je voudrais qu'elle me parle un peu de sa famille. Elle raconte qu'elle a quatre enfants : le plus âgé est un garçon qui s'appelle Youcef et qui a 12 ans et après il y a Fatimah, de 8 ans (Elle épèle les prénoms des enfants pour que je les puisse bien écrire). Elle m'explique que « Fatimah c'est le prénom de la fille de Moïse¹¹. Elle continue en disant qu'il y a encore Amine, un garçon de 4 ans, et Safia, qui est un bébé. Amine est avec nous et comme il dérange un peu l'entretien, je lui propose de faire un dessin pour moi. Manal renforce ma proposition : « Tu vas chercher une feuille et faire un petit dessin pour Madame. Tu vas faire un petit dessin pour Madame, d'accord ? ». Amine l'obéi et sorte de la salle. Je lui demande si tous habitent là, à la maison. Elle dit que oui et que son mari s'appelle Farid.

¹¹Du fait que prénoms utilisés soient fictifs, une petite modification du signifié de ce prénom a été faite ici.

Elle dit qu'elle habite à cette maison il y avait 8 mois, mais elle est en France il y a longtemps. Elle raconte qu'elle est marocaine, qu'elle est née au Maroc et qu'elle est arrivée en France quand elle était bébé, aux six ou huit mois d'âge. Elle répète qu'elle était encore bébé à cette époque-là. Elle continue en disant qu'elle vient d'une famille de neuf enfants et que quand elle est arrivée en France, elle était le dernier enfant. Elle explique que toute sa famille est déménagée parce que son papa habitait déjà en France depuis 1956, où il travaillait comme maçon, il faisait les bâtiments. Elle raconte que tous les ans son papa allait voir sa mère qui habitait au Maroc et qui avait déjà eu son grand-frère et sa grande-sœur. Elle explique que tous les ans son père allait voir sa maman pour passer un mois de vacances, mais souvent quand son papa partait, sa mère était enceinte (elle rit). Alors, après sa naissance (à Manal) en 1972, son papa a décidé de les faire ramener en France. Donc, la famille est arrivée en France à la fin de l'année 1972, et ils ont habité sur X, à 3 km de Lille. Elle raconte que sa maman a eu encore une fille après elle, que c'est sa fille qui est née en France. Alors, ça fait 37 ans qu'elle habitait en France. Elle rit et dit que ça passe vite.

Elle raconte qu'elle a un frère qui est décédé quand il avait 19 ans ; c'était le plus grand des frères et il est décédé suite à un accident de moto. Elle répète qu'il avait 19 ans et ajoute qu'il travaillait et qu'il a acheté sa moto. Il disait à son papa « Je veux que tu m'achètes une moto pour aller travailler » et que son papa ne l'a jamais voulu : « Non, moto c'est trop dangereux, non, non, non, non. ». Mais comme il travaillait, il a économisé de l'argent et il a acheté sa moto. Alors il est parti à travailler et puis il y a eu un camion qui a... (elle ne complète pas la phrase). Je lui dis que je suis désolée. Elle dit qu'elle se souvient un peu de lui, mais pas beaucoup, parce qu'elle était encore petite, mais elle se souvient que sa mère pleurait beaucoup (elle répète « beaucoup » quatre fois). Elle dit qu'elle se rappelle de voir sa mère dans sa chambre et qu'elle pleurait et pleurait et elle (Manal) se demandait « Qu'est-ce que s'est passé ? ». Elle croit qu'à cette époque-là elle avait l'âge d'Amine, quatre ou cinq ans et elle souvient que sa maman pleurait beaucoup mais qu'en fait, elle-même n'a pas un grand souvenir de lui. Son seul souvenir est que sa maman, quand elle devait laver par terre, elle disait à mon grand-frère « Prend ton pain, tes sœurs, tu les laisse dans la chambre avec toi, tu les surveille pour qu'elles ne sortent pas de la chambre parce que c'est mouillé ». Elle raconte que donc, il s'amusait avec elles, il faisait du gaz et qu'elles rigolaient. Elle rit et répète que ceci c'est son seul souvenir, que son grand-frère les rigolait (à ses frères et sœurs), donc il les surveillait en fait. Elle répète qu'ils sont d'une famille de neuf et ajoute que tous ses frères et sœurs sont mariés et que maintenant ses parents habitent seuls. Elle dit qu'ils ont tous des enfants, que tous ses frères et sœurs habitent en France, à exception d'une sœur qui habite à Belgique, à Brussels. Quand elle s'est mariée, elle est partie habiter là-bas.

En ce moment, Amine vient chez nous pour me rendre son dessin : il était quelque chose semblable à un être humain. Je lui remercie et je lui fais des éloges. Je prends son dessin et je lui demande s'il s'agit d'une petite fille ou d'un garçon. Il me regarde, mais il ne répond pas. Donc, je lui demande s'il voudrait faire un autre dessin si joli que ceci. Il accepte ma proposition, mais il reste avec

moi et Manal à la table en faisant son dessin. En ce moment je parle à Manal de l'activité rapporté au CAT-A. Je lui explique que je voudrais qu'elle regarde les tableaux et que me raconte de son expérience comme mère de Fatimah dans ces situations. Elle dit : « Donc, je dis ce que je pense. D'accord. » Je lui montre le premier tableau.

Tableau 1

Elle prend le tableau et dit, sans hésiter, qu'elle voit une maman avec ses enfants, donc il y a deux petits enfants et un qui est un peu plus grand. Elle dit que la maman leur a servi le repas et puis ils vont passer à table pour manger. Elle dit (en poignant les petits) qu'elle voit Fatimah. Elle essaie de dire le prénom de son fils plus âgé, mais elle ne complète pas le mot et lui remplace rapidement pour le prénom d'Amine. Elle ajoute que Safia est là aussi. Elle dit qu'Amine et Safia ont de bavoir, mais Fatimah, comme elle est un peu plus grande, elle n'en a pas besoin. Elle continue en disant que la maman leur va servir une soupe, et pendant qu'ils vont manger, elle est là et elle les surveille. Je lui demande si cette situation lui rappelle quelque chose par rapport à son expérience. Elle rit et a dit que ça rappelle à elle-même et répète « Ça me rappelle moi, ça me rappelle vraiment moi, sauf qu'il manque un enfant, parce que j'en ai quatre, donc il manque un grand poussin là ». Amine, qui est à notre côté, rit et fait un bruit, mais Manal ne s'importe pas et continue en disant que « C'est presque notre famille ». Amine s'approche de Manal, curieux par rapport au tableau. Manal lui montre les poussins et lui dit : « Ça c'est Amine, ça c'est Safia, ça c'est... » Elle ne complète pas la phrase et Amine, dit « Ça c'est moi, ça c'est Fatimah... ». En dépit de l'intervention d'Amine, Manal reste très concentrée sur l'image. Elle dit « Oui, voilà ! » et rend le tableau à moi. Je lui remercie et je lui montre le deuxième.

Tableau 2

Elle le regarde et dit « Alors... ». Amine fait une interférence en disant « Ça c'est maman avec moi et ça c'est papa ». Manal rit et dit vers lui « Ça c'est moi et ça c'est papa ? ». Amine répond avec enthousiasme « Oui ! ». Elle continue « Et ça c'est toi ? ». Après, elle revient au tableau et dit qu'elle voit deux personnes qui sont en train de... (elle ne complète pas la phrase) Elle fait une petite pause et, après, elle dit qu'elle essaie de voir une... (elle ne complète pas la phrase à nouveau). Elle répète qu'elle essaie de voir quelque chose en fait. Elle dit qu'il y a un petit ours, et là il y a un ours... Amine dit : « Plus grand et plus gros ». Manal a un peu de difficulté par rapport à cette image. Elle dit que l'image montre un problème, une dispute, comme quand le papa et la maman se disputent et il y a les enfants qui sont toujours à côté de maman. Amine dit « Maman ! », comme si il était d'accord avec elle. Manal retourne à Amine et dit, en pointant l'image : « Ça c'est papa, c'est un grand ours ». Amine lui demande si elle parle de l'ours qui est avec le petit. Manal réponds que non : « Parce que là il y a un petit enfant et les petits enfants sont toujours, vous êtes toujours avec maman parce que papa, il crie, papa crie plus fort que maman, donc... » (Safia essaie de tirer le tableau de

Manal, mais celle-ci ne permet pas). Amine répète, en regardant le dessin « Ça c'est maman et ça c'est papa ». Manal continue dans une dispute avec Safia pour le tableau. Elle dit que c'est qu'elle voit c'est un couple en train de se chamailler. Amine insiste en pointant les personnages du tableau : « Ça c'est maman et ça c'est papa ». En ce moment les autres enfants de Manal, y compris Fatimah, s'approchent de nous pour regarder les tableaux. Je demande à Fatimah de nous attendre dans une autre pièce. Je lui explique que j'irais lui montrer les mêmes tableaux, mais que je voudrais que cela soit une surprise par elle. C'est pourquoi je ne voulais pas qu'elle voie les tableaux en ce moment. Je lui demande de me faire un dessin pendant son attente. Fatimah accepte et me laisse seule avec Manal. Manal lui dit « un très beau (dessin) ». Manal continue son récit en disant qu'elle voit un couple en train de se chamailler et l'enfant, il est avec sa mère. Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 3

Elle hésite pour 30 seconds et dit que pour elle c'est une personne qui songe et qui est inquiète sur quelque chose. Manal a un air grave depuis la fin de son récit au tableau 2. Elle est très concentré et même le bruit qu'Amine fait, ne la dérangent pas. Elle dit qu'il s'agit d'un roi ; Amine proteste que ce n'est pas un roi. Elle lui répond que pour elle c'est un roi. Il proteste encore, mais elle ne change pas d'avis. Amine insiste en disant que pour lui c'est un papa. Manal rit et dit que ce n'est pas un papa, c'est un papi, parce qu'il a une canne. Manal répète que c'est un papi. En dépit des interférences d'Amine, Manal reste très concentré et engagé avec le tableau. Elle lui regarde et fait des pauses, comme si elle avait des difficultés par rapport à l'image. Elle dit que pour elle c'est une personne âgée qui est en train de penser à quelque chose. Amine continue en disant « à quelque chose qu'il... » Manal lui demande de faire du silence (shhhhh) et pour ne pas parler des bêtises. Je lui demande si elle peut imaginer à quoi ou à qui il pense. Elle répond que pour avoir un visage comme ça, elle croit qu'il pense à ses enfants, à sa famille. Elle dit que vraiment plus tard elle se voit comme ça. Elle répète que plus tard, quand elle sera âgée, elle se verra comme ça « Est-ce que mes enfants, ils vont bien ? Je n'ai pas des nouvelles, s'ils ne m'appellent pas, je serais inquiète. Quand ils auront leur vie, chez eux avec leurs familles, c'est vrai que si je ne reçois pas des nouvelles de sa part, je serai comme ça ; 'Est-ce qu'ils vont bien, est-ce qu'ils sont en bonne santé... ? ». Je lui dis : « Par rapport à ton expérience... », mais elle m'interrompt et dit « Oui, je suis une personne qui... ». (Elle ne complète pas la phrase) Elle continue en disant que, d'ailleurs ils en profitent parce qu'elle trouve qu'elle n'a pas vraiment beaucoup d'autorité avec eux. Elle dit que quand vraiment ils sentent qu'elle est très en colère, ils vont commencer à obéir un petit peu la maman (au fond, Amine murmure 'papi'). Elle répète que quand même, par rapport à ça, ils profitent un petit peu. Elle dit qu'en même temps, elle n'aime pas les faire pleurer. Quand elle les voit pleurer, elle a du mal en fait. Elle dit qu'elle est quelqu'un qui s'affole très vite. Elle exemplifie ce qu'elle vient de parler en disant que quand elle voit qu'un de ses enfants va tomber, elle dit « Oh, j'espère que c'est rien, mon bébé, mon bébé ! » Elle dit qu'il ne faut

pas qu'elle voit qu'il y a du sang, parce que s'il y a du sang c'est... (elle soupire et ne complète pas la phrase). Elle raconte que, déjà, les autres enfants, elle les adore. Elle travaille à une école comme animatrice (elle souligne qu'elle n'est pas comme institutrice) au périscolaire. Elle dit qu'elle adore les autres enfants, que c'est trop beau, ils la font rire, ils la font épanouir en fait. Et par rapport à ses enfants, elle dit : « Donc, les miens, c'est (elle sourit), les miens, c'est... mes enfants sont moi en fait ». Elle a fait une petite pause et je lui demande si elle voulait ajouter quelque chose d'autre. Elle ajoute que (le lion) c'est un vieux monsieur qui pense, pour elle, qu'il pense à sa famille et qu'elle ne voit rien d'autre. Elle me rend le tableau et pendant que je le prends, Amine remarque qu'il y a une petite souris à l'image ; je lui dis que ce n'est pas tout le monde que voit le petit souris. Je prends le tableau et je présente à Manal la quatrième image.

Tableau 4

Elle regarde le tableau et, sans hésiter, elle dit : « Alors, maman qui fait les courses avec ses enfants. Maman kangourou ». Amine ajoute : « Et le bébé kangourou ». Manal répète « Le bébé kangourou ». Manal dit que la maman kangourou est partie pour faire les courses et Amine ajoute « pour acheter des bonbons ». Manal répète « acheter des bonbons pour ses enfants car ils ont été sages ». Amine ajoute « Et une surprise ». Amine continue à parler, mais Manal reste concentrée sur le tableau. Après une petite pause, elle dit à nouveau que c'est la maman qui va faire ses courses avec ses enfants. Elle ajoute que la maman a l'air d'être très pressée. Elle va faire les courses mais pas tranquillement, c'est vite, vite, vite. En ce moment, Safia essaie de prendre le tableau de Manal. Celle-ci lui dit pour rester tranquille et fait un bruit pour lui demander de silence (shhhh). Elle dit qu'elle (la maman kangourou) est avec ses enfants, qu'elle a deux enfants. Ensuite, elle décide de changer son récit précédent : « Non, pour moi, elle rentre des courses. Elle rentre des courses, car elle a son sac plein, donc elle est partie faire des courses et là elle rentre à la maison (petite pause). Elle rentre à la maison parce qu'elle va faire à manger. Voilà » Elle me rend le tableau et je lui demande si c'est tout. Elle répond que oui. Je prends le tableau et comme Amine interfère un peu dans notre conversation, je lui donne quelques stylos pour qu'il puisse écrire. Ensuite, je montre à Manal le tableau 8.

Tableau 8

Amine voit le tableau et dit « C'est la maman singe et le papa singe ». Manal regarde le tableau en silence pour 14 seconds. Après, elle dit « Donc, là est... ». Elle ne complète pas la phrase et hésite. Elle reste en silence pendant 8 seconds. Amine continue : « C'est la maman singe et le bébé singe ». Manal dit que oui, que c'est une famille, et qu'ils sont à la maison. Safia essaie de prendre le tableau et Manal lui dit « Non, Safia. Non, non, non, non, non, non, non. ». Manal continue son récit et dit qu'ils (les singes) qu'ils boivent du thé ou de café. Amine dit, en ton conclusif : « Non, ils ne boivent rien ! ». Manal ne lui fait pas attention et reste en silence pour 12 seconds. Pendant ce temps-là, Amine montre un des personnages et murmure « Oh, il n'a pas de pieds ! » Manal hésite à nouveau

et après elle continue en disant que c'est papa et maman et qu'ils ont reçu à la maison. Elle reste en silence pour 10 seconds et soupire. Après, elle continue en disant qu'ils ont reçu à la maison un ami. Manal hésite à nouveau et reste en silence pour 10 seconds. Amine essaie d'interférer et Manal lui dit de faire de silence (shhh). Elle est très concentrée sur l'image. Après, elle commence à parler d'une façon plus vite (comme si elle voulait se débarrasser du tableau), qu'ils sont à la maison, qu'ils boivent du café et ils ont reçu un ami, à boire du thé, ou quelqu'un de la famille. Elle dit que pour elle c'est quelqu'un de la famille. Elle fait une petite pause et après elle dit qu'il y a une maman qui dit que c'est là où il (le petit singe) va faire la sieste. Je répète ce qu'elle avait dit pour m'assurer si je l'avais bien compris. Elle confirme ce que je dis et ajoute que généralement quand il est l'heure du café, les gosses vont faire la sieste. Manal regarde le tableau encore pour 8 seconds et, après, elle me le rend en disant « Oui, voilà ! » Je lui demande si le tableau lui rappelle quelque chose d'autre. Elle répond que non, mais ajoute qu'il lui rappelle à elle-même quand elle avait un enfant, quand elle n'avait que lui (elle pointe Youcef qui est à la même pièce, mais loin de nous et qui regarde la télé). Elle dit qu'à cette occasion, les choses étaient plus tranquilles. Elle rit et me rend le tableau.

Je lui remercie et je lui demande si elle voulait me dire quelque chose d'autre. Elle répond que non, rien de spécial. Elle répète qu'elle ne veut dire rien de plus. Toutefois, elle continue en disant que c'est vrai que ce qui a été dessiné sur les tableaux c'est des animaux, mais elle pense que les animaux, ils ont un petit peu la même vie que nous, entre guillemets. Elle ajoute qu'ils ont en même temps les mêmes attitudes que nous, ça veut dire que là, la poule, elle va donner à manger à ses enfants, c'est bien sûr que ça ne se passe pas à table, ça ne se passe pas avec le bavoir, mais ça sera différent, différemment de nous, mais ça sera la même chose que nous, les êtres humains. Une maman est toujours inquiète pour ses enfants, la maman est toujours plus proche de ses enfants que le papa. Un papa c'est plutôt songeur, un papa il pense beaucoup : « Comment je vais faire, il faut que je travail, si je ne travaille pas je ne peux pas nourrir ma famille ». Elle continue en disant qu'un papa c'est plus un... (elle ne complète pas la phrase). Elle continue en disant que la maman c'est plus « donner à manger, laver les enfants et... courir, toujours courir, on est vraiment des kangourous pour ça (elle rit), on est tout le temps en train de courir. ». Elle dit qu'en France c'est comme ça et que dans les autres pays elle ne sait pas, mais en France, dès qu'on est réveillé le matin, la journée des gens a environ 15 heures, « je n'ai pas vu la matinée passer », c'est tout le temps en trains de courir, courir, courir.

Je lui demande si elle travaille beaucoup à l'espace éducatif (de son école). Elle raconte qu'elle travaille le midi, pendant deux heures, de onze heures et demi jusqu'à treize heures et trente, après elle rentre chez elle et à seize heures elle doit repartir travailler jusqu'à dix-huit heures et trente, mais à l'espace éducatif, elle travaille le matin en plus, ça fait deux jours. Elle raconte qu'elle travaille le matin de sept heures à neuf heures moins quart et elle rentre chez elle vers neuf heures et elle a de temps pour nettoyer la maison, faire les lits et débarrasser le petit déjeuner. Elle retourne à travailler 11h:15 jusqu'à 13h:30, et quand elle rentre chez elle à 13h:45, elle dort, elle fait une sieste. Elle retourne à travailler à seize heures jusqu'à 18:30h et le mercredi c'est toute la journée. Je remarque

qu'elle est très occupé et elle dit que oui et qu'en même temps elle aime bien ce qu'elle fait. Elle raconte que quand elle rentre du travail, elle est trop fatiguée, mais les enfants la réveillent de toute façon (elle rit). Le bruit des enfants, s'occuper des enfants donc il faut réveiller, mais que c'est st vrai que quand elle rentre à la maison c'est leur tour. Elle raconte que le soir, quand elle est à au lit, c'est « Je suis partie au pays des rêves ». Elle dit que c'est vrai qu'elle a une vie très occupée mais en même temps pour l'instant ça lui plaît, elle a encore du courage. Je lui demande avec qui ses enfants restent quand elle est au travail. Elle répond que son mari n'a pas travaillé pour un petit moment, donc c'était lui que les gardait, et que le matin, elle n'avait commencé à travailler le matin que depuis jeudi dernière. Le matin, elle partait travailler au métro, et lui, il déposait les enfants à huit heures et demie. Elle ajoute que maintenant, le papa travaille depuis deux jours et il travaille en déplacement. Donc il n'est pas là toute la semaine et il ne revient qu'au week-end. Donc, demain ses enfants vont venir à son travail (à Manal) à sept heures. Elle dit qu'elle va les réveiller avant partir parce qu'elle part sept heures moins quart, mais quand elle sera à son travail elle va les appeler pour être sûre qu'ils se sont bien réveillés. En fait elle veut donner à ses enfants une soirée pour se préparer pour aller les prochains jours avec elle à son travail à sept heures. Donc ils vont rester avec elle jusqu'à huit heures et vingt quand elle finira la garderie. Elle explique qu'elle commence à travailler à sept heures pour garder les enfants jusqu'à huit heures vingt, quand les institutrices viennent récupérer les enfants. Toutefois, elles (les fonctionnaires de la garderie) y restent jusqu'à 8 : 45h juste pour organiser combien des enfants vont manger à la cantine. Donc, ses enfants vont rester avec elle à la garderie jusqu'à 8 : 20h et après, elle va les déposer à leur école, qui est juste à côté, deux minutes à pied. Donc, elle va les déposer à l'école et elle retourne à son travail pour finir son administration jusqu'à 9 : 45h, 9 :50h quand elle rentrera chez elle. Et le soir, elle va les mettre à la garderie de leur l'école. Elle explique qu'elle a parlé à son responsable que quand les enfants sont à la garderie, le papa n'est pas là. Donc, elle s'en va à 6:20h et il ne dit rien. Elle raconte qu'elle lui a demandé (à son responsable si elle pourrait partir un petit peu avant pour chercher les enfants et il a dit « Bon... » (elle ne complète pas la phrase, mais laisse clair que sa demande n'a pas été bien accueillie, mais n'est pas été explicitement refusée non plus). Alors, elle récupère ses enfants à l'école et à la garderie à côté (bien que Manal n'ait pas encore commencé cette routine, elle parle au temps présent), elle rentre à la maison et puis il faut faire à manger, et le bain du petit (elle parle d'une façon tendre). J'ajoute « comme la maman kangourou ». Elle dit « oui » et continue : « Et voir si les devoirs, ils les ont bien été fait. » Elle pointe le singe qu'elle a identifié à Youcef et dit que à lui, elle fait confiance parce qu'il ramène des bonnes notes. Elle ajoute qu'à 8:h30, tout le monde est au lit. Elle répète que normalement à 8h:30h, 9 :00h tout le monde est au lit, mais comme maintenant ça va changer parce qu'elle travaille le matin, elle va bien leur prévenir ce soir à 8 :00h, à la chambre pour que demain ils ne soient pas fatigués. Elle explique que demain elle va devoir les réveiller à six heures moins quart et ils vont aller à l'école jusqu'à dix-huit heures. Safia recommence à essayer de prendre le tableau de Manal. Elle dit qu'avant une maman de quatre enfants, elle pouvait rester à la maison et s'occuper des enfants, mais maintenant

c'est difficile une maman qui reste à la maison, quand le mari n'a pas un bon salaire, elle pense que la maman elle est obligée de travailler un petit peu pour pouvoir l'aider et pour pouvoir faire des choses. Elle raconte qu'elle a beaucoup d'envie de partir en vacances avec ses enfants, mais elle n'est jamais partie en vacances, qu'elle aimerait bien partir en vacances parce qu'elle pense que c'est important partir en vacances après tout une année de travail.

Elle raconte qu'il n'y a pas longtemps qu'elle travaille parce que quand elle a accouché de Amine il y a quatre ans, elle est restée à la maison pendant trois ans, parce qu'elle avait accouché de lui et ensuite elle a tombé enceinte de Safia) et « elle était un bébé, je reste à la maison », mais dès qu'elle a eu deux ans, elle est partie travailler, parce que à la maison elle n'y arrive plus. À la maison c'est faire le ménage, faire à manger, faire la lessive, s'occuper des enfants et le lendemain c'est la même chose, il faut encore refaire le ménage, il faut encore faire les mêmes choses. Elle dit que pour elle ce n'est pas une vie, parce qu'on vit renfermé à la maison, on s'occupe de la maison, des enfants, on les dépose à l'école, on revient, c'est toujours la même chose. Elle ajoute que dans cette vie, on ne rencontre pas des gens, on ne discute pas le journal, tandis que à l'école, on part travailler, on voit de gens, on voit des choses et elle est quelqu'un de très sociable. Elle dit qu'elle a resté à la maison trois ans et elle en a eu marre, donc si elle reste à la maison, elle en a marre. Elle raconte que c'était la même chose et répète que quand elle était enceinte de Safia, elle est restée deux ans à la maison et elle en a eu marre, parce que quand elle n'avait qu'Youcef, elle travaillait. Elle répète que comme elle a eu de marre de rester à la maison, elle est partie travailler.

En ce moment commence à appeler l'attention de Manal, en lui disant « Maman, maman... ». Manal lui répond très rapidement et continue en disant que ça lui fait plaisir travailler parce qu'elle sort de chez elle et elle voit des choses. Elle arrête de parler et sourit. Elle dit « alors » comme si elle voulait laisser clair qu'elle avait déjà fini son récit. Je lui demande s'il y a encore quelque chose qu'elle voulait ajouter et elle répond que non, qu'elle n'avait rien de plus à dire. Je lui remercie et on finit l'entretien.

Interprétation Manal

Le récit de Manal, cette jeune femme agréable et collaboratrice, révèle qu'elle a pu profiter, en son enfance, d'une vie familiale caractérisée par un très fort attachement amoureux, au point qu'il y ait, au début de son récit, une juxtaposition entre sa vie individuelle et celle de ses parents, frères et sœurs. En ce sens, quand elle décrit l'histoire de l'immigration de sa famille en France elle définit son identité culturelle comme celle de ses parents (« *Je suis marocaine, je suis née au Maroc* »), même si elle n'a passé que six ou huit mois de sa vie à son pays d'origine. En plus, sa remarque « ça passe vite », par rapport au temps qu'elle est en France, est plus compatible avec quelqu'un qui ait déjà vécu un bon temps dans les deux pays, comme ses parents et frères et sœurs plus âgés. Si objectivement cela n'est pas la situation réelle de la vie de Manal, elle semble d'éviter une perception d'elle-même en tant que quelqu'un de très différent des siens. Cela ne veut pas dire, toutefois, que l'autonomie

individuelle soit conçue comme en mettant en péril l'union. Ainsi, même si au début de la vie de sa famille d'origine son père a été obligé de s'éloigner pour mener une vie autonome en France, chacun de ses départs était suivi d'un renforcement des liens conjugaux et familial (les grossesses répétées de sa mère). Bref, l'attachement familial était si fort que ni le temps ni la distance n'ont pu l'effacer, affaiblir ou ébranler. Dans ce cadre, l'indépendance personnelle ne menace pas le lien parce qu'il y a toujours la certitude du retour.

Il a été sa naissance qui a permis le rassemblement définitif de la famille en France. Donc, son arrivée, le début de son histoire personnelle, a joué un rôle fondamental dans l'histoire familiale, les enfants en ayant toujours la signification de solidification du lien parental, de facteurs d'intégration de la famille.

Dans cette ambiance où la mère jouait un rôle de reproduction incessante de l'amour et le père de protection garantie par moyen de l'imposition des limites, Manal semble avoir grandi dans un cadre assurée où elle se sentait à l'aise, avec l'impression que rien de grave ne pourrait l'arriver. Cette continuité a été, toutefois, interrompue quand elle avait 4 ou 5 ans d'âge, par l'absurdité de la mort d'un frère très jeune, suite à un défi et désobéissance de celui-ci vis-à-vis de son père.

Encore que la disparition du frère ait ébranlé l'assurance interne que Manal avait, en dissipant la sensation d'invulnérabilité, elle a réussi à l'assimiler raisonnablement bien. En revanche, l'effet dévastateur que ce décès a eu sur sa mère, l'a beaucoup bouleversée. Elle semble avoir lié l'opposition de l'enfant, l'insubordination, à la souffrance insupportable de la mère. Le désaccord, la contestation sont devenus, alors, dangereux. Ils provoquent une irruption d'angoisse qui est aveugle et incontrôlable. L'angoisse et les pulsions peuvent prendre le *Self*, qui n'arrive pas à les assimiler et à les intégrer. Cela semble être le principal souci qui accompagne Manal jusqu'aujourd'hui et qui joue un rôle très important dans son expérience en tant que mère et dans sa vie en général. Sa crainte du conflit, des disputes interpersonnelles, semblent l'avoir conduit soit à une attitude de contention et répression pulsionnelles (et par conséquent, à une certaine soumission vis-à-vis d'autrui), soit à une expression qui ne peut pas être maîtrisée ou nuancée. D'où l'insécurité de Manal pour s'imposer devant les autres et pour mettre des limites à ses enfants.

Les difficultés d'assimilation des pulsions dans le *Self* posent quelques obstacles pour que Manal puisse développer un style personnel d'être en toute son ampleur. C'est pourquoi l'expression créative et la spontanéité ne peuvent pas être jouies en leur plénitude. La communication et l'entrelacement entre la spontanéité et les limites ne sont pas assez assurés pour garantir la stabilité. Cela arrive parce que le processus d'élaboration nécessaire à cette conquête ne semble pas avoir été complété. Les limites semblent avoir été introjectées dans le contexte d'une inflation de la capacité de préoccupation avec l'autre (la mère), occasionnée par l'expérience traumatique soufferte. Elles ont été construites plutôt à partir des bases extérieures. De sorte que, jusqu'aujourd'hui, Manal reste quelque part dépendante de l'ambiance extérieur, des résultats de ses actions pour s'assurer qu'elle se conduise

bien dans la vie. Aussi a-t-elle, en même temps, un souci par rapport à son apaisement personnel et une préoccupation avec les apparences.

Si l'inhibition de sa propre opposition est vue par Manal comme une nécessité pour préserver la mère (et autrui), son identification avec celle-ci l'apporte des difficultés pour tolérer l'opposition de ses propres enfants et l'autonomie qui l'accompagne. En ce sens, même si leur autonomie lui provoque des angoisses (*elle dit qu'elle s'affole vite quand ses enfants tombent, par exemple*), elle n'est pas, en soi-même, la source principale de souci. Encore que l'impossibilité d'une vigilance constante l'inquiète, l'autonomie est vue comme une réalité inévitable et nécessaire. De sorte qu'elle doit être encouragée pour les parents, qui doivent guider l'enfant par moyen des impositions de limites, dans une indépendance assistée.

Ce qui alarme Manal est l'autonomie non autorisée par les parents, celle qui est basée sur le défi et la désobéissance, sur la rejection des limites. Celle-ci lui fait paniquer et exaspérer. Il faut donc, garantir l'introjection des limites par les enfants. Toutefois, l'introjection n'est pas assurée par deux raisons. La première est que ses enfants se rencontrent dans un stage de développement où l'introjection est en train de se faire, elle n'a pas encore été acquise. La deuxième raison est la propre difficulté de Manal pour assimiler les pulsions dans le *Self*, qui ne le confère pas la fermeté nécessaire pour imposer les normes et règles. De telle manière que l'obéissance doit être garantie soit par l'imposition autoritaire, soit par l'offre de bonnes raisons extérieures pour obtenir la complaisance (les récompenses pour avoir été sage). De sorte qu'elle ne fait pas beaucoup de confiance que ses enfants seront capables de comprendre le sens des limites. Ainsi, elle leur propose une acceptation des contraintes basée surtout sur l'expectative d'un gain extérieur suite à l'obéissance, soit-il l'apaisement maternel (processus qu'elle-même a éprouvée vis-à-vis de sa mère), soit-il une récompense matérielle.

Devant cet état de choses, Manal se rencontre sous une double contrainte. D'un côté, de la même façon qu'elle était inquiète par rapport à l'intégrité émotionnelle de ses parents, par identification, elle fait de souci par rapport à la sienne. De l'autre côté, par projection de sa propre condition à l'enfance, elle s'inquiète par rapport à ses enfants. Le travail professionnel semble être une façon, qu'elle a trouvée, pour aboutir au double soulagement dont elle a besoin. Il lui permet de déplacer l'angoisse adressée à ses enfants (et à ses parents) et la rend un peu plus supportable. Ainsi, il protège son intégrité émotionnelle. En plus, il préserve aussi l'intégrité de ses enfants qui ne restent moins exposés à l'angoisse maternelle. C'est pourquoi, l'activité professionnelle n'est pas vue comme incompatible avec le rôle maternel (malgré cette dimension ne soit pas absente de son discours). Au contraire, le travail est conçu comme une partie constitutive de la maternité. Cependant le déplacement rend Manal dépendante et soumise à un autre genre d'autorité (les exigences du travail et de ses supérieurs) qu'elle cherche encore à plaire et à obéir. D'où son angoisse quand elle n'arrive pas à respecter les horaires et les limites que sa routine professionnelle entrecoupée lui impose. L'appréhension reste, ainsi, liée au souci de tout faire et de tout faire bien, ce que l'impose une surcharge pas négligeable (*la maman c'est plus ' donner à manger, laver les enfants et... courir,*

toujours courir'). Cette surcharge provoque un stress qui parfois l'épuise et qui traverse sa relation avec ses enfants. Donc, même si le stress lui pose des problèmes avec eux, il est le prix à payer pour la protection de toute la famille : c'est un stress qui soulage et apaise. Les détails supplémentaires de cette dynamique sont présentés à la suite, dans l'interprétation des récits de Manal à chaque tableau du CAT-A.

Tableau 1

Dans ce récit Manal montre ses conditions et sa satisfaction en remplissant les besoins basiques de ses enfants, en leur offrant la gratification nutritionnelle et affective. Elle est capable de remarquer que les nécessités et capacités des enfants changent selon l'âge et de s'adapter à ces modifications (l'enfant plus âgé n'a pas besoin du bavoir). Elle est capable de leur offrir la chaleur d'une relation amoureuse (la soupe), dans un contexte de dépendance relative. De sorte qu'elle attribue aux enfants une certaine autonomie (ils mangent seuls) mais elle est là dans le cas où ils ont besoin d'elle (dépendance relative). La situation n'est pas parfaite seulement parce qu'il manque l'enfant aîné sur l'image.

Tableau 2

En ce récit, même si d'abord Manal se montre fière et satisfaite de la fidélité d'Amine vis-à-vis d'elle (il dit qu'il est à son côté dans le cas d'une dispute avec le père), la référence de l'image aux conflits conjugaux la dérange visiblement. Les désaccords semblent provoquer une irruption de l'agressivité des deux côtés difficile à maîtriser (le papa et la maman crient). La présence de l'enfant ne contribue pas pour faciliter le contrôle de la situation. Au contraire, il rentre dans la dispute pour soutenir celui qui est le plus faible, dans le cas, elle-même («...*les enfants... sont toujours avec la maman*»). Les possibilités du couple pour arriver à une entente ne sont pas mentionnées ni envisagées. Ainsi, le souci principal de Manal concerne sa propre fragilité devant l'irruption de l'agressivité dans elle-même et dans l'autre. Devant cette angoisse, l'union avec l'enfant la soulage un peu, car elle apporte, à son avis, un genre de protection mutuelle. Toutefois, cette communion ne suffit pas à mettre un terme à son bouleversement.

Tableau 3

Si dans le récit précédent Manal a souligné l'union entre mère et enfant, dans le présent elle montre le contraire, la séparation, comme son principal souci. Dans ce contexte, elle s'identifie avec ses parents, dans une compréhension empathique de leur situation actuelle. La débandade provoquée par l'autonomie des enfants a par conséquent la perte de la protection parentale (ils ne sont plus dans le champ visuel et auditif des parents) et leur rend vulnérables aux dangers du monde. La séparation rend le parent également fragile (la canne), car il devient inquiet et impuissant vis-à-vis de ses petits. Devant cette situation, Manal se demande comment garder la protection de ses enfants dans un moment où son pouvoir d'influence sur eux sera réduit. Sa réponse est que ses enfants, loin de ses bras

et de ses yeux, pourront être protégés par moyen de l'introjection assurée des limites. Il faut, donc, les imposer les normes et règles de conduite dans le but de les sauvegarder. Dans ce cadre, l'autonomie ne serait pas téméraire. Cependant, Manal admet qu'elle a du mal à remplir cette fonction. L'opposition des enfants l'effraye et l'énerve, car elle signale la possibilité de qu'ils soient exposés à un péril inutile et, peut-être, grave. Elle se rend compte, toutefois, que sa réaction parfois exagérée à leur désobéissance ou aux petits accidents inhérents à l'autonomie les angoisse aussi et peut être nuisible à leur développement (elle dit qu'elle est quelqu'un qui s'affole vite). Elle fait souci du souci qu'ils peuvent faire pour elle. Ses associations suivantes suggèrent que sa décision de reprendre le travail extérieur à la maison constitue une façon de protéger à soi-même et à eux. L'autonomie personnelle que l'activité professionnelle lui apporterait un certain soulagement qui aurait des répercussions sur eux. Autrement dit, le travail contribuerait à protéger les enfants de sa propre affliction, vu qu'il aiderait elle-même à échapper d'un souci angoissant et paralysant vis-à-vis d'eux. Toutefois, l'option de Manal n'est pas exemptée d'appréhensions, ce qu'elle montrera plus clairement dans ses récits aux tableaux suivants.

Tableau 4

En continuité au récit précédent, Manal examine les conséquences de sa décision de reprendre le travail professionnel. Elle montre que l'enrichissement et le soulagement que ce choix apporte pour elle et pour ses enfants sont accompagnés d'une surcharge d'activités et d'obligations à remplir que l'inquiète et l'empêche de profiter intégralement les bonheurs de la maternité (*La maman va faire les courses, mais pas tranquillement, c'est vite, vite, vite*). Autrement dit, même si elle conçoit le dégageant de son activité professionnelle comme importante pour améliorer la qualité de son maternage (conformément elle a montré dans le récit précédent), il reste une angoisse supplémentaire de n'être pas capable de faire tout bien. En ce sens, il semble que son besoin d'obéir et de faire plaisir est déplacé de sa mère vers l'activité professionnelle (et ses supérieurs). C'est pourquoi son angoisse et son stress persistent. Une fois que ses enfants doivent aussi faire partie de sa propre routine (leurs vies doivent être organisées en fonction de la sienne), leurs oppositions et dérèglements touchent directement les efforts de Manal vers l'excellence et l'organisation. De sorte que leur désobéissance devient sa propre désobéissance, ce qui l'angoisse. Cette appréhension, ajoutée aux insécurités de Manal pour mettre des limites à ses enfants, renforcent sa conduite de leurs offrir des raisons additionnelles pour l'obéir, à savoir, l'établissement d'un système de récompenses extérieures.

Tableau 8

Les difficultés de Manal vis-à-vis ce tableau suggèrent que l'efficacité du déplacement opéré, décrit dans le récit précédent, n'est pas intégrale. Il reste aussi une exigence de faire plaisir et de bien soigner l'invité adulte à la maison (le parent ou, par transfert, quelqu'un d'autre), de façon à garantir sa satisfaction et son bien-être (ne le pas imposer un enfant mal-élevé). À cela s'ajoute la nécessité de

répondre aux exigences professionnelles et au quotidien difficile et entrecoupé qu'elles lui imposent. Bref, les défenses utilisées (notamment la répression et l'isolement) s'adressent soit à l'objet primaire, soit au secondaire. Étant donné que les enfants peuvent constituer, eux-mêmes, une source de bouleversement de l'organisation stricte du temps et des activités que Manal a dû établir, le plus nombreux ils sont, le plus la vigilance doit être multipliée. C'est pourquoi elle garde une certaine nostalgie du temps où elle n'avait que son enfant aîné, quand sa vie était plus tranquille.

En dépit du surcroît de tension et de fatigue que cette situation lui apporte (et que lui conduit jusqu'à un certain épuisement) Manal montre, dans ses associations suivantes qu'elle comprend que la fatigue et le stress sont inhérents à la vie des mères. Donc, bien qu'elle soit surchargée, son rôle de mère présuppose la capacité de se déplier, ce qu'elle croit en avoir. Autrement dit, même si le déplacement effectué n'est pas complètement bien réussi, le confort qu'il véhicule est considéré comme très important.

En synthèse, le récit de Manal au CAT-A montre qu'elle est une mère dévouée à ses enfants, qui se rencontre dans un moment de sa relation avec eux où la question de l'imposition des limites pour garder leur protection est à l'ordre du jour. L'acceptation et le respect aux normes et règles de conduite a pour but garantir l'intégrité physique et psychique d'elle-même et de ses enfants. Ce souci est amplifié en raison de son histoire personnelle, où l'opposition d'un frère a provoqué un effet calamiteux sur lui et sur sa mère. Cette situation l'a conduit à développer un sens aigu de l'obéissance et quand même une certaine soumission vis-à-vis de l'autre. C'est pourquoi elle a un peu du mal à s'imposer face à autrui, à mettre des limites à ses enfants et à tolérer leur opposition. L'activité professionnelle l'aide à sortir de cette inquiétude pénible et à protéger ses enfants d'une hypertrophie de la capacité de préoccupation. Même si la surcharge d'activités lui apporte un certain stress, elle représente primordialement une fonction protectrice soit par elle-même, soit par ses enfants. Bref, paradoxalement, pour elle le stress signifie le soulagement.

Récit Fatimah

Quand je fini mon activité avec Manal, Fatimah vient me parler, tandis que sa mère s'en va avec les enfants, ce qui nous rend un peu de privauté.

Elle est une fille douce et d'apparence tranquille. Ses cheveux sont châains, longs et bouclés ; les yeux sont également châains et sa peau bronzée. Elle se met à côté de moi et se montre disposée et sage, mais mon impression est qu'elle est une fille très sérieuse, presque grave. Elle a un peu du mal à élaborer des histoires, malgré elle décrit bien les images. Tout au long de notre activité, elle a fait deux grandes pauses, quand on entend sa sœur Safia en train de pleurer et parler à Manal. Elle raconte des histoires plein de conflits et leurs raconte d'une façon très sérieuse ; elle ne semble pas voir la situation comme un jeu ou une situation d'amusement. À la fin de notre conversation, elle me semble un peu insatisfaite de sa vie familiale, mais elle l'accepte avec une certaine résignation. Elle ne me semble pas particulièrement angoissée, mais plutôt découragée et légèrement triste.

Je dis à Fatimah que j'irais lui montrer les mêmes tableaux que j'avais montrés à sa maman. J'ajoute que je voudrais qu'elle les regarde et que raconte une histoire sur chacun d'eux, l'histoire qu'elle voulait. Je lui demande si c'est bon et elle dit que oui. Donc, je lui montre le premier tableau. Elle lui laisse avec moi et je lui dis qu'elle peut le prendre si elle veut. Elle le fait et commence à parler immédiatement.

Tableau 1

« Bin, il y a des enfants, ils sont à table, en train de manger, et la maman elle les surveille. (elle reste en silence pour 12 seconds). Et les petits ils ont un bavoir (silence de 6 seconds). Et voilà ! [Qu'est-ce qu'ils pensent ?] (silence de 10 seconds) De manger. [Et la maman ?] Elle les surveille.(elle parle comme si elle avait déjà transmis ce message à moi). [Et qu'est-ce qu'il va arriver à la fin de l'histoire ? Tu peux inventer quelque chose.] Bin, peut-être après la maman elle dit qu'ils doivent dormir, et eux, ils dorment pas, ils jouent. [Ah, et ils n'obéissent pas à la maman.] Oui. [Et la maman, qu'est-ce qu'elle va faire ?] Bin elle va leur crier dessus, elle va leur dire qu'ils doivent dormir et qu'ils doivent pas jouer. [Et qu'est-ce qu'ils font ?] Bin après ils dorment. (elle reste en silence pour 26 seconds).[Quelque chose d'autre ?] Non. [C'est tout ?] Oui. » Elle me rend le tableau et je lui montre le deuxième.

Tableau 2

Elle commence à parler tout de suite. « La maman est le papa, ils se disputent (silence de 8 seconds). Et l'enfant, peut-être, il dit « Arrêtez de vous disputer' (silence de 6 seconds). Mais ils continuent et ils écoutent pas l'enfant. (Silence de 16 seconds). C'est tout. [Ils n'arrêtent pas de se disputer... Et il y a quelque chose qui va arriver à la fin ?] Bin, peut-être après les parents ils vont arrêter et après, bin, ils oublient la dispute. [Et est-ce que tu crois que c'est difficile pour le petit ours de voir les parents se disputer ?] Oui. (silence de 22 seconds) Voilà ! » Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 3

« Un vieux, peut-être qu'il regarde la télé, ou qu'il surveille quelqu'un. (silence de 27 seconds). [Tu penses qu'il surveille qui ?] Bin, peut-être qu'il surveille par exemple la souris. Il fait semblant de pas la voir et quand la souris elle sort et bin il l'attrape.(silence de 6 seconds). Voilà ! [Et qu'est-ce qu'il va faire quand il attrape la souris ?] Il va la mettre dans une cage, et il va la laisser dedans. [Pourquoi il va faire ça avec la souris ?] Peut-être parce qu'il n'aime pas les souris. [Ah, il n'aime pas les souris ...] ». Elle me rend le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

« Bin, la maman elle était, elle était au magasin, elle est avec ses enfants et elle revient, elle revient, chez elle parce qu'elle doit faire à manger à ses enfants, et après peut-être parce qu'ils ont l'école

demain et il faut pas qu'ils dorment tard parce que sinon ils vont être fatigués. (Silence de 8 seconds). Et c'est tout. [Et qu'est-ce que les enfants pensent ?] Peut-être ils se demandent pourquoi sa maman, elle est pressée. Voilà. [Je crois que peut-être ils veulent rester un peu plus avec elle.] Oue. (silence de 8 seconds) [Et comment l'histoire va finir ?] Bin, le lendemain elle n'est plus fâchée parce qu'ils arrivent à se réveiller et ils n'étaient pas en retard à l'école. Voilà.

Tableau 8

« Bin peut-être c'est la maman et le papa ils ont invité une amie, ou quelqu'un de la famille pour boire le café et la maman elle dit à son enfant d'être sage. Et voilà ! [Pourquoi elle lui dit ça ? Il n'est pas sage ?] Bin, parce que s'il est pas sage et bin (silence de 27 seconds) il aura pas une surprise ou un cadeau. (silence de 8 seconds) Voilà ! [Qu'est-ce qu'i pense ?] La maman ? [Le petit.] Qu'il doit être sage, sinon il aura pas la surprise. [Et la maman ?] La maman, bin peut-être qu'elle crainte qu'il va croire que c'est pas vrai qu'il aura pas la (surprise), il croit qu'il aura pas la surprise, c'est juste pour qu'elle est gentille. [Et tu crois qu'à la fin de l'histoire il aura la surprise ou il ne l'aura pas ?] Bin il l'aura. (silence de 4 seconds). C'est tout. »

Elle me rend le tableau et je lui remercie. Après je lui demande de me dire quel est le tableau qu'elle aimé le plus et lequel elle a aimé le moins. Elle choisit le tableau 8 come son préféré. Ensuite elle choisit aussi le tableau 4 (elle a aimé les deux). Je lui demande s'il y a un tableau qu'elle n'a pas aimé. Elle répond qu'elle les aime tous. Donc, je lui remercie à nouveau pour sa collaboration et on finit l'entretien.

Interprétation Fatimah

Le récit de Fatimah montre qu'elle est une petite fille pleine de vie, qui a réussi à atteindre les capacités de l'intégration, personnalisation et réalisation. En ce qui concerne le développement du Self elle se situe entre les stages de dépendance relative et vers l'indépendance, tandis que par rapport à l'évolution pulsionnelle elle se trouve dans la période de latence. En ce sens, son récit révèle qu'en ce moment le souci principal de cette jolie petite fille s'agit de comment intégrer les pulsions dans le Self et comment concilier les limites et la spontanéité, processus qui devra aboutir à la constitution d'une moralité personnelle. Ce processus se développe d'une façon très particulière dans l'expérience de la fille, dû les caractéristiques singuliers de sa vie familiale, notamment de sa relation avec sa mère. Celle-ci semble jouer un rôle essentiel dans la façon dont cette entreprise sera accomplie par la petite.

En ce moment spécifique, Fatimah n'a pas encore introjecté complètement les limites ni a compris entièrement leur fonction pour le Self. Bien que cette compréhension ne soit pas complètement absente, elle n'est qu'à son début. L'acceptation des limites est encore plutôt liée à la figure concrète de sa mère. Toutefois, on ne peut pas du tout dire que sa complaisance aux normes et règles imposées par la mère a pour le seul but d'éviter la punition issue d'un agent extérieur. Il y a une autre souci, plus profonde, qui est liée à la condition psychique de sa maman. Autrement dit, les effets

de l'obéissance ou de la désobéissance sur la réalité psychique de la mère (et les conséquences de cette dernière sur sa propre réalité psychique) semblent guider le comportement de la fille.

Fatimah conçoit sa mère comme quelqu'un qui a beaucoup du mal à tolérer l'opposition. La confrontation semble désorganiser et angoisser la mère. De sorte que, devant la désobéissance de l'enfant, elle s'impose de façon plutôt dure et pas toujours compatible avec la faute commise. À la place d'être ferme, la conduite de la mère n'est pas maîtrisée. Il lui manque le contrôle, ce que suggère qu'elle a du mal à intégrer, elle-même, les pulsions dans le Self. L'angoisse parfois déborde et la bouleverse.

Devant ce cadre, l'impression de Fatimah est que la mère a du mal à l'offrir un cadre assuré et délimité dans lequel elle puisse jouir de la spontanéité. Au contraire, il y aurait une certaine fragilité maternelle face à l'expression pulsionnelle. À l'avis de la fille, les limites ne sont pas vues par la mère en tant qu'une conséquence naturelle de la spontanéité, une nécessité qui rend possible l'expression de soi-même. Au contraire, la relation entre l'expression spontanée et les contraintes est d'opposition. C'est pourquoi les manifestations franches et libres des enfants la perturbent et doivent être combattues par la répression dans un lien de conflit et pas d'intégration. De sorte que l'obéissance doit être garantit, même si la mère ne réussit pas à convaincre les enfants de son importance et doit l'imposer, soit par moyen des menaces implicites, soit par moyen de négociations de récompenses.

Cette dynamique maternelle conduit Fatimah à un certain dilemme au regard de sa propre expression spontanée. D'un côté, elle fait beaucoup de soucis par rapport à la réalité psychique de la mère et veut la préserver. L'angoisse de la mère, qui conduit celle-ci parfois à des réactions démesurées devant l'opposition des enfants engendre, dans la fille, une crainte de ses propres pulsions et, par conséquent, de l'expression personnelle. Ainsi, l'angoisse de la petite monte et elle a peur de devenir complètement incarcérée et paralysée en ses manifestations d'opposition et d'autonomie en guise de protection de sa mère. De l'autre côté, elle est capable d'identifier la caractéristique un peu déraisonnable des réactions maternelles. Elle remarque que la soumission aveugle à la volonté maternelle est accompagnée de contraintes inutiles à l'expression spontanée. Donc, elle se rend compte de que la façon d'agir de la mère ne la permet pas de profiter tous les plaisir de la relation ni des moments importants de la vie. De telle manière qu'elle accepte d'obéir la mère pour la préserver mais, son regard critique sur celle-ci lui permet de faire, de temps en temps, des accords d'obéissance, même si sa qualité est discutable.

Enfin, le récit de Fatimah montre un processus d'introjection des normes et règles familiales et sociales qui se dégage, au moins initialement, comme une mesure protectrice de la mère et pas de soi-même. La protection de soi-même serait une conséquence nécessaire de celle de la mère. Toutefois, les essais de la fille pour garder l'expression personnelle et sa réussite en faire la mère accepter cette expression par moyen des accords (même si leur qualité est douteuse) empêchent qu'on parle d'une complète soumission ou d'une personnalité qui se construit à partir de l'extérieur. Toutefois, on peut dire qu'en ce moment le développement moral de Fatimah est vigoureusement lié à la moralité de sa

mère, mais, principalement à la condition psychique plus globale de celle-ci. Plus de détails de cette dynamique de Fatimah sont explicités dans l'analyse de ses récits à chaque tableau du CAT-A, exposée à la suite.

Tableau 1

En ce moment initial de son récit au CAT-A, Fatimah décrit une expérience de soin fourni pour la mère, où la gratification est offerte et bien acceptée par les enfants. La mère est capable de remplir les besoins basiques, tout en considérant les spécificités du développement infantile (*Et les petits, ils ont un bavoir*). La difficulté, toutefois, s'impose dans le moment ultérieur de repos après le plaisir oral, quand les désirs de la mère et des enfants se frappent. Bien que les deux cherchent à la relaxation, tandis que la mère la comprend comme le sommeil, les enfants veulent profiter plus du plaisir de la relation et du jeu. La mère insiste en leur proposer un cadre, ce qu'elle fait d'une façon exaspérée, dû son impossibilité de conciliation des deux désirs. De cette façon, le repos ne suit pas naturellement la gratification et la mère n'apaise pas les enfants ; au contraire, elle les stresse et ils se soumettent à sa volonté.

Tableau 2

Le souci par rapport à la perte de contrôle de la mère sur ses émotions continue, mais lié aux rapports conjugaux. Les pulsions maternelles ne sont pas vues comme intégrées dans le *Self* et la mère a du mal à les maîtriser, aussi que le père. La dispute entre le couple bouleverse l'enfant qu'essaie de mettre des limites. Toutefois, il échoue, car les parents sont de telle façon pris par les pulsions qu'ils ne se rendent pas compte de qu'est-ce que se passe autour d'eux. De telle manière qu'ils ne peuvent pas offrir un cadre protecteur pour l'enfant, où les pulsions peuvent être jouées de façon assurée, même si l'enfant montre sa vulnérabilité. La participation de l'enfant ne joue aucun rôle, il ne fait pas différence. Cependant, l'enfant rencontre un certain soulagement quand il se rend compte que l'excitation pulsionnelle n'est pas éternelle et que l'orage est suivi d'une période d'apaisement (*les parents oublient la dispute*).

Tableau 3

Le récit de Fatimah à ce tableau montre qu'en dépit du soulagement qu'elle a montré antérieurement, la préoccupation avec le contrôle pulsionnelle et l'expression spontanée persiste. La sensation de n'avoir pas un cadre stable proportionné par les parents, l'oblige à reconnaître le fait que, si l'orage est suivi par le calme, l'inverse est également vrai. Autrement dit, la continuité peut être toujours perturbée par des irruptions affectives, dans le cas de l'apparition d'un genre d'opposition. Ainsi, les mouvements de l'autonomie sont vus comme en mettant l'enfant en péril, car il ne sait pas quelle sera la réaction des parents. Cet état de choses engendre en Fatimah l'angoisse par rapport à son expression spontanée. Toutefois, l'utilisation des défenses plus vigoureuses pour combattre les

pulsions l'effraie également, car sa conséquence est l'incarcération dans soi-même et la paralysie psychique.

Tableau 4

Le peur de l'action d'un Surmoi excessivement rigoureux, esquissé dans le récit précédent emmène Fatimah à une reconsidération sur l'utilité des limites. Il est ici que, pour la première fois, qu'elle comprend que les restrictions ont aussi une fonction protectrice pour elle-même. Néanmoins, cette perception est encore secondaire en comparaison au soulagement que l'obéissance infantile provoque dans la mère. Autrement dit, l'apaisement de la réalité psychique de la mère est toujours plus important, le sien en étant sa conséquence. La sérénité de la mère n'est pas, toutefois, soutenue par sa confiance dans ses capacités, mais elle dépend du résultat objectif de ses efforts. La sérénité maternelle n'est pas continue, pas assurée pendant le processus, mais reste à la saveur des événements réels. D'où la mère a besoin de l'obéissance des enfants pour rassurer à elle-même. Cette compréhension conduit Fatimah, pour amour à sa mère, à accepter les limites qu'elle lui impose. Toutefois, la petite fille reste quand même un peu critique de la façon maternelle de vivre, car elle ne lui permet pas de profiter des plaisirs de la relation et de l'autonomie.

Tableau 8

De manière à trouver une conciliation entre l'expression personnelle et le soulagement maternel, Fatimah se montre prête à accepter, dans la relation avec sa mère, des accords qui permettent garder la spontanéité et l'obéissance. Ces accords, toutefois, partent de la mère comme des essais de réguler le comportement de l'enfant à partir d'une conséquence extérieure, soit une récompense soit une punition. Si ce processus d'interchangeabilité peut retarder l'acquisition de la notion du sens des limites et garder les enfants dans la dépendance du monde externe, il montre, au moins, une certaine flexibilité des deux côtés. En plus, les fautes maternelles (ne donner pas à l'enfant tous les prix promis pour son bon comportement) ouvrent la possibilité de désassocier le gain extérieur de la conquête interne. Finalement, la capacité par l'empathie (*concern*), qui Fatimah présente (et qui soutient sa préoccupation vis-à-vis de sa mère) indique que les conditions essentielles pour le développement d'une authentique moralité personnelle sont déjà installées.

En synthèse, Fatimah est une petite fille qui se développe bien, dont le principal souci concerne l'intégration des pulsions dans le *Self*. Même si elle ne sent pas qu'elle se bénéficie d'un cadre suffisamment stable assuré par ses parents, dans lequel elle peut se manifester spontanément et sans grandes risques, elle cherche encore le chemin pour la conciliation et la continuité entre les limites et l'auto expression. Son inquiétude par rapport aux conditions de la réalité psychique de sa mère joue un rôle important dans ce processus et constitue l'indice de l'atteinte de sa capacité pour la préoccupation. Bien que la solution de son dilemme repose encore sur un accord avec sa mère, dans lequel la régulation de sa conduite est faite par un système de punition et récompense, Séphora a

toutes les conditions de développer une moralité à partir du noyau du *Self* et pas à partir du monde extérieur.

Synthèse Manal et Fatimah

Les récits de Manal et Fatimah montrent qu'en ce moment de leur relation elles éprouvent les mêmes soucis, dans un entrecroisement de leurs dynamiques psychiques que lie le passé de la mère, le présent des deux et, peut-être, le futur de la petite fille. La question prégnante concerne entre les deux concerne l'assimilation des pulsions dans le *Self*, ce qu'implique l'offerte des limites et leur acceptation, tout en respectant la liberté d'expression et la spontanéité créative.

L'expérience traumatique vécue par Manal (le bouleversement de sa mère à la suite du décès de son frère aîné) l'a conduit à une anxiété intense par rapport à l'expression libre dans le cas où celle-ci signifie l'opposition et la désobéissance vis-à-vis des parents. Par déplacement, cette angoisse a été adressée, à sa vie d'adulte, aux exigences imposées par le monde extérieur, rapportées à son rôle d'épouse, de maîtresse de la maison et de professionnelle. Toutefois, le déplacement n'est pas complètement effectué et les exigences de répondre aux besoins de ses parents et de ne les pas décevoir, en tant qu'une fille aimante, suivent à côté des autres. Cette situation, qui lui impose de contraintes, est aggravée pour sa routine professionnelle entrecoupée, qui lui exige des adaptations et réadaptations constantes. Cette exigence engendre des constantes pertes de continuité qui provoquent un certain stress qui transperce sa relation avec ses enfants. Dans sa vie chronométrée et rigoureusement organisée, l'irruption pulsionnelle, l'imprévu ou quelque chose d'autre qui l'échappe à son arrangement, la perturbent immensément. Comme ses enfants font, eux-mêmes, partie de cette routine, son opposition, considérée aussi un fait inattendu, la dérange et l'exaspère. En plus, leur contestation et antagonisme sont vécus par Manal (en raison de son identification avec sa propre mère) comme un risque pour leur intégrité physique et, par conséquent, un péril à son intégrité psychique.

Devant cette dynamique de la mère, Fatimah fait face, elle-même, à la tâche d'assimilation des pulsions dans le *Self*. Dans ce processus, elle remarque que les réactions de la mère face à son opposition et à sa désobéissance varient entre l'acceptation passive et l'irascibilité démesurée. De sorte que l'intégration entre l'expression pulsionnelle et le respect aux limites ne peuvent encore se faire. Comme il n'y a pas un cadre assuré offert par l'ambiance familiale (le père semble être aussi quelque peu colérique) la petite éprouve, en ce moment un écart entre la manifestation créative et le désir (ou la prohibition) maternel. De la même façon de Manal, elle obéit sa mère par amour, pour la préserver des ennuis et des angoisses. De telle manière que, si dans la vie de Manal cette façon d'agir a surgit en réponse à un traumatisme maternel réel, dans la vie de Fatimah elle a pour but préserver Manal d'un traumatisme imaginaire.

Toutefois, la perception, de la part de la petite fille, de la caractéristique exagérée des réactions maternelles (perception qui est possiblement partagée et soutenue par ses frères) l'aide à garder une certaine attitude critique vis-à-vis de sa mère. Même si elle choisit de l'obéir, elle peut remarquer que

les angoisses de la mère sont parfois irréelles. De sorte qu'en dépit de la préoccupation de Fatimah, son conflit avec Manal peut être exprimé. Ce regard critique de Fatimah semble aider Manal à se rendre compte du caractère disproportionnel de son comportement. De telle manière qu'elle peut rencontrer un genre de soulagement à partir de la vision de la petite, ce que l'aide à être plus libre et plus tolérante vis-à-vis de soi-même et d'autrui. C'est pourquoi un genre d'accord entre les deux est possible d'être fait.

Ainsi, Manal accepte l'indocilité et l'insoumission de Fatimah (et de ses autres enfants) dans quelques conditions et circonstances (pas devant les visiteurs et pas l'opposition qui met en risque accentué leur intégrité). Si elle a encore du mal à faire les enfants comprendre le sens des limites, elle recourt à un système de récompenses extérieures pour garantir leur complaisance. Cependant, les bases nécessaires pour le développement moral intégré sont déjà présentes chez Fatimah, à savoir, l'empathie vis-à-vis de sa mère.

En synthèse, Fatimah et Manal composent une dyade qui se développe raisonnablement bien dont le principal souci correspond à la préoccupation d'une avec l'autre. Bien que parfois les appréhensions de Manal puissent être excessives car fondées sur une expérience personnelle singulière, elle peut trouver, dans le regard de sa fille quelques éléments qui pourront l'aider à atteindre une façon de vivre moins angoissante et plus libre. De même, la fille a besoin de sa mère pour la guider dans l'apprentissage de vivre d'une façon autonome avec le moins possible de risques. Enfin, la dyade vit un processus de développement mutuel où une a besoin de l'autre et où l'amour, même qui travesti d'inquiétude et d'irascibilité, est sans doute la caractéristique essentielle de leur lien.

APÉNDICE BF - Dyade Nima et Désirée

Identification

Nima: 44 ans

Situation familiale: pacsée

Niveau d'instruction: supérieur

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Désirée, 6 ans

Enfant étudié: Désirée

Ordre des entretiens: 1) Nima

2) Désirée

Récit Nima

J'ai connu Nima après une divulgation de la recherche dans une école, que moi et Mme. Kirat-Leclercq, nous avons fait. Nima a rempli le Terme de Consentement Éclairé et me l'a envoyé par la poste. Je lui ai téléphoné et nous avons accordé un jour pour que je puisse aller chez elle pour lui parler et à Désirée. Ce jour-là, quand je suis arrivée, elle était seule avec Désirée. La maison où elle habitait était grande, confortable, avec les meubles en bois foncé. Nima m'a présenté Désirée et est venue avec moi à la salle à manger, où nous nous sommes mises à une grande table. Elle a demandé à Désirée de nous excuser et de nous laisser seules. Elle a dit à la petite pour aller jouer à une autre pièce et la fille a bien accepté sa demande.

Nima avait les manières d'une femme française, mais pas le type physique, qui était plutôt maghrébin. Elle était brune et avait la peau bronzée ; ses cheveux étaient courts et bouclés. Elle avait 44 ans et s'habillait de façon simple, mais soignée. Elle avait un regard sérieux, mais pas tendu. Son visage était harmonieux et elle avait une beauté discrète.

Sur la table il y avait un ordinateur allumé et je lui ai demandé si elle travaillait avant mon arrivée. Elle a confirmé, a arrêté l'ordinateur et m'a posé des questions sur ma recherche. Je lui ai expliqué les objectifs de mon travail et les activités que je faisais avec les mères et les filles. Elle m'a interrogé comment cela se passait. J'ai répondu que ça se passait plutôt bien, sauf pour mes difficultés pour obtenir l'autorisation des écoles pour parler aux mères; c'est pourquoi je lui remerciais beaucoup pour sa disponibilité pour en participer. Elle m'a donc raconté qu'elle connaissait très bien les difficultés pour faire une recherche en France, car elle était médecin et avait déjà écrit une thèse ; c'était pour cela qu'elle avait décidé de participer de la mienne. Je lui ai remercié à nouveau et lui ai fourni plus de détails de mon travail.

J'étais très touchée par la solidarité de Nima ; toutefois j'avais l'impression, pas d'une froideur, mais d'une certaine objectivité dans notre contact. Je n'apercevais pas une vibration émotionnelle par rapport au sujet dont on irait parler. Cette impression s'est modifiée petit à petit et

Nima a pu éprouver plusieurs sentiments tout au long de notre conversation. Elle est devenue très émue en quelques moments de notre rencontre. Mon contact avec elle a été une des entretiens plus touchants que j'avais fait, conformément on peut voir dans la description ci-dessous.

Après avoir expliqué à Nima la nature de notre tâche, ce qu'elle comprend tout de suite, je lui montre le premier tableau du CAT-A.

Tableau 1

Elle prend le tableau et commence à parler immédiatement. Elle dit que (la figure) c'est le repas. Ensuite, elle raconte que, entre Désirée et elle, le repas est toujours difficile. Elle explique que depuis qu'Désirée était bébé, elle ne prenait pas beaucoup le sein et elle n'aimait pas beaucoup manger. Je lui demande si la petite ne voulait pas manger du tout ou s'il s'agissait de la réjection de certains aliments. Nima répond qu'il y a des aliments qu'Désirée aime bien, mais elle pense que la petite trouve que manger c'est une perte de temps, qu'elle a toujours mieux à faire que manger. Elle dit que c'est toujours petit à petit, que la fille n'a jamais été (elle ne complète pas la phrase). Elle répète que la question de l'alimentation était toujours difficile.

Elle raconte que quand Désirée était petite, sa nourrice prenait soin d'elle et d'un autre enfant en même temps. Ceci mangeait très bien, mais Désirée... (elle ne complète pas la phrase). Elle répète qu'au sein ça a été difficile, au biberon c'était pareil. Il fallait toujours lui offrir le biberon deux ou trois fois. Je lui dis que j'imagine qu'elle était soucieuse à cause de ça et elle répond dit que oui, surtout parce qu'Désirée ne grossissait pas beaucoup, mais elle n'est pas très grosse. Elle ajoute que son mari, c'est pareil. Elle-même aime bien manger, mais les deux, ce n'est pas leur priorité ou quoi.

Je lui demande comment cela se passe maintenant et elle répond qu'aujourd'hui ça marche bien. Elle propose c'est qu'est à la table, si elle mange, c'est bien, et si elle ne mange pas, elle ne mange pas. Elle raconte que cette difficulté existe depuis qu'Désirée était bébé, qu'aux deux premiers mois (de vie) elle n'a pas quasiment grossi et même avec le biberon, elle n'a jamais été grosse. Elle répète que maintenant ça va mieux, si elle mange bien et si elle ne mange pas, elle ne mange pas. Je lui dis que je pense que cette situation était énervante. Elle répond qu'il était vraiment énervante et que même quand elle lui a proposé la cuillère, à son sixième mois, mais elle ne l'a pas acceptée qu'à neuf ou dix mois d'âge. Donc Nima mettait les légumes au biberon, car, la cuillère, la petite l'a acceptée très tard aussi. Elle raconte qu'au biberon elle mangeait mieux qu'à la cuillère. Elle rajoute que même aujourd'hui, le bonbon lui va un petit peu, le chocolat un petit peu, mais elle n'est pas très très gourmande, elle n'est pas (elle ne complète pas la phrase). Elle mange quand elle a faim. Je lui demande si Désirée a des réjections pour quelques aliments en spécial et si elle a des préférences alimentaires. Nima dit que la petite a des phases et qu'elle aime ce que les enfants aiment comme la croquette de poissons, le steak haché et que c'est sûr qu'elle mange plus de la viande que d'autres choses. Donc, elle propose des choses à la petite fille et, si elle ne mange pas, elle ne mange pas. Nima dit qu'elle a pris beaucoup de distance par rapport à ça. (Il me semble qu'elle Nima après avoir

été très angoissée par rapport à ce problème, a désisté de le résoudre, dû son absence de réussite). Elle arrête de parler et je lui demande si elle voulait ajouter quelque chose d'autre. Elle répond que non et me rend le tableau. Je le prends et je lui présente la deuxième figure.

Tableau 2

Elle le regard le tableau et hésite. Après elle dit que ça lui évoque ce qu'il peut y avoir dans un couple... (hésitation) et le... (hésitation). La dispute entre le couple à cause de l'enfant (hésitation), avec l'enfant qui est peut-être protégé par sa mère ou son père. Elle hésite à nouveau pour 18 seconds et après elle dit que le tableau ne lui parle pas trop. Elle dit qu'elle a l'impression qui est plus le rapport de forces entre les parents (hésitation) celui qui va tirer la corde vers lui. Elle dit que ça ne lui évoque pas des situations quotidiennes (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle dit qu'ils ne sont pas gais, on n'a pas l'impression que ça soit un jeu. Elle hésite à nouveau et semble être un peu perturbée à cause du tableau. Elle dit qu'il s'agit de la protection par parents et hésite à nouveau. Elle dit que le tableau lui évoque ses propres parents qui sont séparés et qui se disputent. Elle raconte que ça fait 10 ans qu'ils sont séparés, donc la séparation est arrivée assez tard. Elle reste en silence et je lui dis que le tableau lui évoque son expérience en tant que fille et elle confirme. Elle dit que ses parents ne s'entendaient pas et dans le tableau c'est la mère qui est avec les enfants et le père qui est à l'opposé et que ça lui évoque son expérience. Toutefois, en son expérience, ce n'est pas exactement comme ça. Elle répète que le tableau lui évoque ça, les disputes qu'ils ont pu avoir, le fait qu'ils ne s'entendent pas. Elle raconte qu'en un temps, après la séparation, elle les voyait tous les deux et après elle (sa mère) s'est rendu compte que son père était malade et qu'elle (Nima) s'est occupée de lui. Nima ajoute que quand elle était enceinte et quand elle a accouchée, sa mère a coupé le point, a refusé de la voir, donc elle (Nima) n'a pas pu compter avec sa mère. Donc, le tableau lui évoque un peu ça, ce genre de lien. Je lui dis qu'elle a passé pour une situation très délicate dans ce moment-là, où elle avait besoin de sa mère. Elle répond que tout-à-fait, et ajoute qu'elle a essayé de la contacter (à sa mère) et qu'elle l'a vu dans la rue. En ce moment, sa mère a croisé la rue comme si elle ne l'avait pas vue. Elle dit qu'elle pense que sa mère a fait ça parce que ses parents sont séparés et qu'elle a gardé son père à la maison pour longtemps. Elle explique que son père est parti en Algérie et quand il vient en France, il dort chez elle (Nima). Elle croit que le fait qu'elle s'occupe de son père gêne beaucoup sa mère. Donc, elle pense qu'il s'agit de ça parce que c'est ça qu'elle comprend de ce que son frère et sœur disent. Elle dit que cette situation est compliquée aussi pour sa mère, parce qu'elle veut voir sa fille (Désirée) mais elle ne veut pas la voir (à Nima), et ni à son mari. Donc, elle (Nima) se dit : « Bon, où elle ne voit personne ou elle nous voit tous les trois ». Je lui demande si cette situation persiste jusqu'aujourd'hui et Nima répond que oui. Je comment que je crois qu'il est très dur pour elle. Nima confirme et dit que ce moment-là, ça a été difficile parce que son père s'est fait opérer et elle, en sortant de la clinique, a vu sa mère dans la rue. Elle lui a dit : « C'est moi, Nima ! », mais sa mère a fait comme si elle ne l'avait pas vue, et après elle a su par sa demi-sœur qu'elle l'avait reconnue. Donc, à

partir de ce moment-là, elle n'essaye plus de l'appeler. Elle dit que ça c'est son problème. Elle raconte que c'est encore plus difficile parce qu'elle a une demi-sœur qui a eu du cancer du sein et qui est pareil, qu'elle (cette demi-sœur) a une fille que... (elle hésite). Elle dit que si n'était pas elle qui la guide, les parents ne la voyaient pas et)... (elle ne complète pas la phrase). Elle raconte que sa mère a appelé sa demi-sœur quand elle a su que celle-ci avait du cancer du sein. Donc elle (Nima) se dit : « Moi, je préfère ne pas être malade et qu'elle ne m'appelle pas, plutôt qu'être malade et qu'elle m'appelle ». Donc, elle (Nima) suit et attend. Elle dit que quand elle en parle à Désirée, elle lui dit que cette situation n'est pas à cause d'elle et elle lui dit : « mais ça c'est ton problème et pas le mien¹² ». Il y a un moment de silence et je lui dis que je suis désolée. Elle dit : « Ah, non, ce n'est pas...voilà, ça sert à... c'est mon petite histoire ». Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

Elle a dit que ça fait penser au père en fait. Un petit peu le roi lion, la sagesse, un petit peu à la vieillesse avec la canne (silence). Elle dit que c'est plus la sérénité et que ça lui rappelle son père. Elle parle qu'il s'agit du grand-père d'Désirée, le côté sécurisant (silence). Elle me demande s'il y a aussi une petite souris. Elle dit qu'elle ne sait pas, cette petite souris qui regarde comme ça... (elle reste en silence et ne complète pas la phrase). Je lui dis qu'il semble que son père est une personne très importante dans sa vie. Elle confirme et raconte que son père vas chez elle, qu'il a sa chambre là et qu'il se occupe beaucoup d'Désirée ; il est une partie de la famille. Elle raconte qu'il va chercher Désirée à l'école, qu'ils regardent la télé ensemble. Je lui dis que, donc, son père l'aide avec Désirée. Elle répond oui, et que quand il est là pendant un mois, à un point, c'est bien, parce qu'on n'a pas de contraintes, on peut travailler sur le temps qu'on veut, qu'il la cherche la petite à l'école, il lui fait à goûter. Il reste avec elle, si on doit sortir le soir, il s'en occupe. Elle dit qu'ils ont une bonne complicité (lui et Désirée). Son père reste dans sa chambre; Désirée regard la télé et il est avec elle. Elle dit qu'il est vraiment un grand-père et même s'il ne parle pas beaucoup, on sait qu'il est là, qu'il a sa présence. Elle reste en silence et, après, elle retourne au tableau. Elle parle que la petite souris l'intrigue, parce que... elle pense qu'elle est là dans son petit trou à regarder et... (elle reste en silence et ne complète pas la phrase). Elle dit que ça évoque la relation entre Désirée et son grand-père et que quand ils étaient enfants (elle et ses frères et sœurs) son père ne s'était pas du tout comme ça. Il rentrait à la nuit et il ne s'occupait pas beaucoup d'eux beaucoup occupé d'elle-même, parce qu'il rentrait et il était fatigué. Par contre, avec Désirée il a une relation de grand-père, qu'il lui fait des cadeaux. Elle dit que c'est tout et me rend le tableau. Je lui présente la quatrième image.

¹² En dépit de cette façon de dire, il semble que Nima dit ça à soi-même, à l'inverse de l'écouter d'Désirée. En plus elle semble chercher à s'assurer que la distance de la grand-mère n'ait pas des effets nuisibles sur la petite fille.

Tableau 4

Elle regarde le tableau et dit que la situation s'agit de Désirée et elle quand elles vont faire des courses. Elle dit que des fois elle prend son vélo et elles vont se promener à deux. Elle dit qu'Désirée aime bien ce moment parce qu'elle aime bien se promener, elle aime découvrir. Elle dit que la fille apprend beaucoup en ce moment-là. Elle dit que ça lui rappelle aussi elle-même, dans les moments où elle dit à Désirée « Vite ! Dépêche-toi ! Tu vas être en retard ! ». (Elle fait des commentaires sans s'importer avec les liens associatifs entre eux). Quant au bébé kangourou, elle raconte qu'elle a un cadre de stérilité, donc ça lui rappelle un petit peu ça. Elle raconte qu'elle a pris des traitements pour avoir Désirée, que ça a été difficile. Elle raconte qu'après elle a fait deux fausses couches toujours en traitement. En plus, comme sa sœur a eu du cancer du sein, elle s'a dit : « J'arrête, parce que j'ai vu qu'il y a des risques plus importants ». Elle dit que maintenant elle a un petit peu fait le deuil elle se sent bien à trois, avec son mari et Désirée. Je comment qu'elle a eu envie d'avoir un autre bébé. Elle confirme et dit qu'elle a 44 ans et elle a décidé de ne faire plus des traitements, parce que c'est une chose de très éprouvant. En plus, le système médical a beaucoup de soucis avec la rentabilité, donc ça ne l'a pas du tout convenue. Elle raconte qu'elle a expliqué à Désirée qu'elle a un problèmes de stérilité, qu'elle a eu du mal à l'avoir, qu'elle était très contente de l'avoir et qu'elle aimerait bien avoir un autre bébé, mais que... (elle ne complète pas la phrase). Elle continue en disant qu'en ce moment elle pense qu'elle a trouvé un équilibre (sa façon monocorde de parler en ce moment ne convainc pas qu'elle a trouvé cet équilibre). Elle reste en silence et, après elle retourne au tableau. Elle dit que l'image lui fait rappeler les moments de vacances quand ils partent à la montagne et qu'ils vont se promener tous ensemble. Elle dit qu'il y a un enfant qui a grandi un petit peu, qui est plus autonome et qui est fière de son autonomie. Elle fait un petit silence et après elle dit qu'il y a de mère qui va faire des courses aussi pour prendre le repas pour faire le pique-nique (silence). Elle dit que c'est tout. Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

Elle commence à associer immédiatement et dit que le tableau l'évoque le repas de famille. Elle dit que ça lui évoque quand elle invite son père, son frère et sa sœur qui habitent à la même ville et qu'ils font le couscous ensemble et ça lui évoque un peu ça. Elle dit que le tableau lui évoque la réunion de famille avec des différentes générations, donc, Désirée, ses cousins, les oncles et les tantes et puis le père et le grand-père, où la famille du côté de son père. Elle dit qu'ils font beaucoup de réunion de famille, notamment à l'été où ils sont tous ensemble. Elle raconte qu'Désirée a un oncle qui habite aux États-Unis. Donc, ils sont des gens qui se trouvent un peu, et en même temps, le fait d'expliquer les choses aux enfants, en leurs expliquant comment on est passé par là, en racontant un petit peu l'expérience, ceux qui ont vécu plus en disant comment étaient les choses quand ils étaient enfants. Elle dit qu'il y a la photo de l'ancêtre, la place qui tient toujours les ancêtres dans la famille s. Elle montre les deux singes qui sont ensemble et dit que cela évoque une couple avec une relation des

complicités (silence). Elle dit qu'on voit un petit peu tous les types d'animaux, un petit peu toutes les espèces, mais il y a la même notion du clan, de la famille. Elle dit que son propre clan est petit, car sa famille est originaire d'Algérie. Donc, elle n'a pas et qu'elle n'a pas beaucoup de, de vraiment des réunions de famille. Elle a raconté que sa famille était très nombreuse, qu'ils étaient 13 et qu'ils mangeaient tous ensemble comme si c'était le Noël. Elle dit que même si ses parents étaient musulmans, on fêtait comme le Noël, c'est vraiment un moment où on mangeait tous ensemble. Elle dit que le tableau l'évoque un peu le besoin qu'on a de se réunir en famille. Elle dit que ça commence à lui manquer un petit peu de ne pas avoir ces moments de convivialité et c'est pourquoi qu'avec Désirée, ils font vraiment le repas, ils prennent vraiment tous le repas à table. Elle dit qu'à chaque occasion elle essaye quand même de faire de sorte que toute la famille se réunisse, à son anniversaire, quand son père vient et à l'été, comme ses grands-parents du côté de son mari habitent au Sud, on profite pour faire des réunions de famille en ce moment-là, où on part en vacances à la montagne avec sa tante. Elle dit que comme elle n'avait pas vécu tout ça avec ses cousins et cousines et les grands-parents, elle essaye vraiment de proportionner ça à sa fille.

Je lui demande si sa famille est d'origine algérienne et elle dit oui et que ses parents se sont venus en France en 1963. Elle raconte qu'après que son père s'est séparé de sa mère, il est retourné là-bas et que ça fait 6 ans. Toutefois, il revient environ une fois par an en France pour se faire soigner ses problèmes de santé et il reste un mois à peu près. Quant à sa mère, elle est partie là-bas ça fait 10 ans. Je lui demande si ses tantes, cousins et cousines sont tous en Algérie et elle dit que oui. Elle dit qu'elle n'avait pas connu tous les gens de sa famille, mais il y avait un frère de sa mère qui habitait en France et qui avait toute sa famille là-bas, sa femme et ses enfants. Elle raconte qu'elle-même n'a pas été là-bas que trois fois, donc, elle n'a pas beaucoup de souvenirs, elle ne les connaît pas très bien. Elle raconte que son père a un frère qui habite en France, mais avec lequel il n'a pas beaucoup de relations. Donc on (elle et ses frères et sœurs n'ont jamais eu beaucoup des liens avec les cousins et cousines (silence) et qu'elle n'avait que les frères et sœurs. Je lui dis que c'est une situation un peu solitaire et elle est d'accord. Elle dit qu'il n'y avait pas de notion de famille, mais qu'elle pense que c'était comme ça parce que ses parents sont en départ, donc (silence) et du coup (elle hésite et ne complète pas la phrase). Elle dit que comme sa mère a mis les uns contre les autres, il y a certains de ses frères et sœurs qui voient sa mère mais que ne voient pas son père et qu'en ce moment le rapport entre frères et sœurs est compliqué. Je dis qu'il me semble que sa mère pense que si quelqu'un n'est pas d'accord avec elle, il est contre elle. Nima dit « Voilà, cent per cent ». Elle rajoute que même s'ils se voient, ils sentent qu'il y a des sujets que sont un peu petit tabou, par exemple, que s'il sont chez sa mère, ils n'en parlent pas, donc ce n'est pas quelque chose de facile.

Je lui dis qu'il me semble qu'on parle toujours de notre propre histoire comme fille quand on parle des enfants. Elle dit qu'elle est d'accord et qu'elle a vraiment peur que ce qu'elle venait de dire sur sa mère se répercute dans sa relation avec Désirée. Je lui demande qu'est-ce qu'elle pense. Elle dit qu'elle essaie de faire d'une sorte que ça ne répercute pas, mais elle a toujours peur de ça.

Je lui demande qu'est-ce qu'il est important pour elle par rapport à Désirée et son éducation. Elle répond que pour elle il est important qu'Désirée atteigne son autonomie et qu'elle sache que ses parents sont toujours là, même quand elle sera adulte, qu'elle sache qu'elle peut toujours compter sur elle et son mari, qu'est-ce que soit qu'elle devienne après. Elle dit qu'en même temps, il est important que Désirée atteigne l'autonomie et le respect d'elle-même et le respect des autres, et la liberté de dire qu'est-ce qu'elle ressent et qu'est-ce qu'elle pense. Je lui demande si ces sont les valeurs principales qu'elle a par rapport à Désirée et elle dit qu'elle pense que oui. Elle dit aussi qu'elle veut que Désirée ressente orgueil par rapport à elle-même, et que (elle hésite), et que (elle hésite à nouveau) qu'elle puisse vraiment essayer de donner le meilleur d'elle-même, et puis la tolérance et le respect des autres, de son entourage (elle hésite), le respect des ancêtres, (elle hésite), qu'elle respecte un petit peu sa famille et ses amis. Elle dit qu'elle ne sait pas comment ça va finir, mais maintenant la petite elle a un caractère un peu autoritaire. Donc, tout le temps il faut qu'elle (Nima) lui dise : « Ne parles pas comme ça aux gens. Ne faites pas ce genre de choses à tout le monde... »

Elle reste en silence, donc je lui demande si elle a quelque chose de plus à dire. Elle réfléchit pour quelques seconds et après elle répond que pour elle, ce qui est important est qu'Désirée ressente tout l'amour qui a autour d'elle, et qu'elle (Nima) a tellement envie qu'Désirée ressente ou lui dise quelque chose d'amoureuse, de chaleureuse ou d'affectueuse. Elle reste silencieuse pour quelques seconds et dit qu'elle veut que la petite ressente l'amour chez la famille. Elle reste en silence.

Je lui dis que quand elle m'avait raconté de ses problèmes avec le repas d'Désirée, je me suis rappelée d'une amie à moi qui a la même difficulté avec sa petite fille. J'ajoute que cet embarras arrive depuis qu'elle était bébé et que persiste jusqu'aujourd'hui, où la fille a déjà neuf ou dix ans. Je lui raconte que, bien que cette petite aime bien le chocolat, elle ne mange pratiquement rien pendant le repas. Donc, sa mère lui laisse manger tout ce qu'elle veut, à cause de son angoisse. (Encore que la fille de mon amie ait de surpoids, je décide, évidemment, de supprimer cette information). Nima m'a dit que Désirée ne mange pas beaucoup pendant le repas, mais que maintenant elle va boire une verre de thé, une tasse de lait et des tartines au chocolat, et que chez ses grands-parents au Sud, elle continue avec le biberon, qu'elle l'aime bien. Donc, elle la laisse faire ce qu'elle veut et dit que ça ne la dérange pas (toutefois, elle semble d'être concernée sur ce sujet au point que, parfois, sa façon de parler en ce moment est incompréhensible). Elle raconte que, par elle, Désirée dit : « Encore ? Encore à manger ? Encore être mis à table ? » Donc, c'est vraiment ... (elle ne complète pas la phrase).

Nima dit qu'elle pense que ça se passe un petit peu à cause du tempérament d'Désirée. Elle dit que la petite n'est pas vraiment besoin d'avoir satisfaction et que si elle ne trouve pas satisfaction dans le repas, elle va la trouver ailleurs, dans le plaisir d'un livre ou dans le... (elle ne complète pas la phrase). Elle dit qu'Désirée n'est pas comme elle, que la petite va prendre un peu de chocolat, mais elle ne va pas pouvoir manger que du chocolat.

Elle arrête de parler et je lui raconte que cette amie à moi a passé une période de grossesse très difficile, qu'elle était toute seule dans ce moment-là. Et n'a pas pu compter sur sa famille. Nima me dit

que, par rapport à elle, elle pense qu'au début, sa difficulté d'allaitement s'est passée comme ça parce que quand elle a accouché, à la maternité, elle a appelé sa mère et lui a dit : « Je viens d'accoucher ! ». Sa mère lui a répondu « C'est bien pour toi » et l'a raccrochée en ligne. Elle dit qu'en étant une maman, elle ne sait pas comment sa mère a pu faire ça. Nima est très émue en ce moment). Je lui dis que sa mère semble d'être quelqu'un de pas tolérante. Nima répond qu'elle dirait que sa mère est égoïste en fait, qu'elle ne pense qu'à elle et qu'elle veut ses enfants pour elle. Elle dit qu'elle pense que quand ils se sont séparées, qu'il y a quelque chose proche de la haine qu'elle éprouve pour lui et que sa mère est comme ça, c'est elle d'abord et c'est ça ce qu'elle pense (elle est très émue et il y a de long silence). Je lui dis qu'il me semble qu'il serait plus difficile pour elle si elle n'avait pas pris soin de son père quand il était malade. Elle répond : « Oui, tout-à-fait ». Je lui dis que, maintenant, même si les choses ne dépendent pas d'elle, c'est douloureux quand même. Elle répond que ça reste toujours douloureux parce qu'elle se dit qu'Désirée, elle a grandi et elle ne la voit pas. Elle dit qu'après elle ne pense pas que ça manque à Désirée, parce qu'elle a ses grands-parents de l'autre côté qui s'occupent beaucoup d'elle et elle a son père (à Nima) qui s'occupe d'elle aussi, alors elle ne pense pas que ça... (silence) lui manque (elle parle très bas en ce moment).

Elle dit qu'elle pense que si c'est difficile pour elle, c'est difficile aussi pour sa mère. Elle raconte qu'à sa sœur (à Nima) qui a eu du cancer du sein, sa mère lui a appelé, alors qu'elle n'avait pas rentré en contact avec elle depuis six ans (comme il est arrivé avec elle-même). Nima se demande : « Donc, il faut que son enfant soit malade pour qu'elle... ? C'est une chose que je ne comprends pas encore, que je n'accepte pas. » Nima reste en silence et après elle commence à pleurer silencieusement. Je lui donne un mouchoir et j'attends jusqu'à qu'elle se calme.

Je lui demande si elle est bien et elle dit que oui. Je lui dis qu'on ne se rend pas compte de tout ce que les tableaux peuvent nous provoquer, que quand on parle d'eux, on fait face à notre histoire. Elle dit que oui et reste en silence. Après elle dit qu'elle n'avait pas beaucoup parlé du père de Désirée, qu'il la soutient beaucoup. Je lui demande s'il fait longtemps qu'ils se sont mariés et elle m'a dit qu'ils ne sont pas mariés et qu'ils sont ensemble il y a seize ans, dès qu'elle avait 28 ans (maintenant elle a 44ans). Je lui dis qu'elle m'avait parlé qu'il lui donne beaucoup de soutien et elle dit oui et reste en silence pour 30 seconds. Après, elle dit que ces jours où ils ont des réunions des familles, où on n'était pas très soudés, ça fait du bien de voir des autres familles, avec un mode de fonctionnement différent, d'avoir été intégré comme ça. Je lui demande comment son mari s'appelle et elle dit qu'il s'appelle Ivan et qu'il a 45 ans. Je lui dis qu'elle semble avoir une union solide et elle confirme. Elle dit que son père va chez elle et son mari s'entend bien avec lui et ce n'est pas tous conjoints qui acceptent ça. Elle reste en silence. On entend Désirée tousser au fond et appeler sa maman. Nima lui réponds, mais la petite, qui est dans sa chambre en train de faire ses affaires d'école ne dit rien. Nima lui demande : « Désirée, c'est fini ? » mais encore une fois, la petite ne répond pas. Je demande à Nima si elle veut voir Désirée et elle dit que non. Cependant la petite continue à faire des bruits dans sa chambre. Moi et Nima, nous commençons à parler informellement de son école.

Nima raconte qu' Désirée a 6 ans et demi et qu'elle est au CP. La petite commence alors à faire des bruits plus forts. Nima et moi, nous rions et, on finit l'entretien.

Quelques jours après, Nima m'a écrit pour demander si j'avais toujours besoin de dyades pour composer mon échantillon. Je lui ai répondu affirmativement et elle est rentrée en contact avec deux de ses amies, a expliqué ma recherche à elles et leur a demandé si elle pouvait me donner leurs coordonnées. Avec l'autorisation de ses copines, elle m'a donné leurs adresses e-mail et je leur ai écrit. Ces deux mères ont accepté de participer de ma recherche et ont composé l'échantillon français (Charlotte et Elise). Nima et moi, nous avons continué à échanger des e-mails, parce qu'elle était vraiment engagée à m'aider. Elle m'a écrit pour savoir comment les choses se passaient et si, en plus de Charlotte et Elise, j'avais encore besoin des dyades. En ce moment- là, comme j'avais déjà composé tout l'échantillon, je lui ai expliqué que cela ne serait plus nécessaire. Je lui ai remercié beaucoup par son aide. Après cela, elle m'a envoyé un dernier e-mail, particulièrement touchante, que je reproduis à la suite:

« Bonsoir Valéria

je te souhaite ainsi qu'à tes proches une bonne et heureuse nouvelle année. Que celle-ci t'apporte de la joie, de la sérénité, des études fructueuses et beaucoup d'amour autour de toi.

J'ai été ravie de faire ta connaissance, tu m'as permis de prendre du recul dans mes problèmes familiaux et tu m'as valorisé dans mon rôle de mère.

Je serais toujours contente d'avoir de tes nouvelles.

je te souhaite un bon retour chez toi et si tu as besoin de quoi que ce soit, n'hésites pas.

Je t'embrasse

Nima ».

Interprétation Nima

L'entretien avec Nima a été un des plus marquants que j'ai fait, à cause de la mobilisation émotionnelle que les tableaux du CAT-A lui ont provoqué. Pendant tout notre contact je me suis senti face à une femme qui était en même temps très sensible et forte, qui avait des blessures affectives importantes avec lesquelles elle se battait pour qu'elles ne nuisent pas le développement de sa petite fille. Autrement dit, elle essayait tout le temps protéger la fille contre sa propre souffrance.

Pendant tout son récit, le message que Nima a transmis était que, pour elle, si la maternité n'était pas une chose interdite, elle était au minimum très difficile à atteindre, dont les plaisirs et les bonheurs ne pourraient être jamais complètement jouis. De telle manière que les ravissements que lui sont liés étaient toujours suivis d'inquiétude et de souci. Tout au long de son récit elle s'est rendue compte (ou au moins elle est devenu capable de reconnaître d'une façon plus affirmative) que ses angoisses en tant que mère avaient des racines dans son expérience en tant que fille, en particulier dans sa relation avec sa propre mère. Nima attribue le début de ces difficultés de rapport avec cette figure à l'attitude de la mère, qui a coupé la relation avec elle il y a 6 ou 7 ans. Certes, il semble que

ces difficultés existaient quand même avant cet événement, comment on peut supposer par son cadre de stérilité, que lui a posé beaucoup de difficultés de tomber enceinte d' Désirée.

Ces embarras se déroulent dans un contexte familial caractérisé par l'histoire de l'immigration de sa famille en France jusqu'avant (ou après) la naissance de Nima. Dans ces termes, Nima ne dit jamais où elle est née, bien qu'elle laisse clair qu'elle est passée toute sa vie en France et n'est pas rentrée en Algérie que trois fois. Toutefois, pendant tout son récit on remarque un essai d'intégration entre les valeurs des deux cultures (notamment la valorisation de l'autonomie individuel et le fort attachement à la famille d'origine), soit dans sa propre vie soit dans l'éducation de sa fille. Dans cette recherche, à la fois, les tourments de sa relation avec sa propre mère jouent aussi un rôle important pour le désenlace de cette harmonisation. En synthèse, si l'immigration et les essais d'articulation des différences culturelles ont eu un effet considérable sur la relation de Nima avec sa mère, ce lien personnel a eu aussi des conséquences substantielles sur la façon dont cette intégration a été faite et se fait jusqu'aujourd'hui. Cet état des choses apporte une complexité à sa personnalité, que rend son analyse complexe et nuancée.

Ainsi, Nima raconte que sa nombreuse famille d'origine (ils étaient 13 personnes), dont les parents étaient musulmans, est immigrée en France, en laissant arrière des liens qu'elle (et aussi ses parents) considéraient importantes (grands-parents, oncles, tantes, cousins, cousines). De cette façon, le lignage de « transmission familiale », l'appartenance, a été objectivement rompue. Cette absence semble avoir été compensée, au début, par l'intensification des liens à l'intérieur de ce groupe, malgré les litiges entre les parents. Le récit de Nima laisse entrevoir que sa mère était la principale responsable pour garder cette union, le lignage cassé en restant intacte dans sa réalité psychique. Ainsi, sa mère semblait garder, d'une certaine façon, l'appartenance des enfants, en retissant les liens rompus par l'expatriation, et, ainsi, en leur permettant de récupérer leurs racines. Cette situation a perduré jusqu'à dix ans avant le récit, quand ses parents, dont les enfants étaient déjà grands, ont décidé de se séparer. De sorte que le lien avec ses propres racines a souffert un deuxième coup frappant. En dépit de cette déstabilisation et de toute l'amertume de sa mère vis-à-vis de son père, les attaches entre les enfants et chacun des deux parents ont été gardés, la rupture n'ayant pas eu un effet fondamental sur eux. Autrement dit, bien que parfois poussés à une prise de position pour un parent ou pour l'autre, les enfants, et Nima en particulier, ont réussi à rester dans une position de certaine neutralité. Cette situation, pas agréable mais maniable, a perduré jusqu'au événement de la maladie paternelle. En ce moment, Nima, qui cherchait la préservation de la famille (ou de ce qu'avait resté d'elle) a décidé de prendre soin de lui, ce qui a été interprété par sa mère en tant qu'une manque de loyauté, une trahison, une infidélité. L'attitude de Nima, contraire à ce que sa mère attendait d'elle, la secoue et, enragée, la mère donne le coup mortel à l'union familiale, en faisant exactement le contraire de ce qu'elle avait fait pendant toute sa vie. Pour la mère de Nima, dans cette « réalisation œdipienne » de la fille, il n'était pas la possession du père qui semblait être le plus important, mais surtout la « préférence » de sa fille pour lui au détriment d'elle.

L'effet dévastateur de cette conduite de la mère sur Nima (qui persiste jusqu'aujourd'hui) révèle la garde d'un lien très étroite avec sa génitrice, marqué quand même par une certaine dépendance entre les deux. Ainsi, l'essai de Nima de prendre une attitude autonome, opposée aux vœux de la mère, et de se configurer en tant qu'une personne différente d'elle, a eu des conséquences tragiques, soit objectivement, soit dans sa réalité psychique. Objectivement, cette action lui a coûté l'union familiale, vu que la mère, dans la recherche des alliés pour la soutenir devant la déception que Nima lui a causée, a mis les frères et sœurs les uns contre les autres. En plus, le départ de la mère en Algérie, évidemment, n'a pas pu être profité pour Nima comme un essai de reprendre les relations avec les ancêtres qui sont restés dans ce pays. Enfin, la réponse (et la revanche) de la mère à l'attitude autonome de Nima a été le déchirement des liens entre la famille d'origine. Donc, même si Nima est arrivée à garder des relations avec quelques-uns de ses frères et sœurs (surtout avec sa sœur qui a été également méprisée par la mère), le morcellement de la famille l'a déstabilisée. En ce qui concerne sa réalité psychique, encore que Nima soit capable de regarder la conduite de la mère de façon critique, il ne lui est pas possible d'éviter un sentiment de culpabilité pour avoir « déclenché » cette situation (dans son récit au tableau 2 elle dit, d'abord, qu'il s'agit d'une couple qui dispute à cause de l'enfant). De toute façon, Nima voit l'amour de sa mère comme quelque chose de conditionnelle. Ainsi, pour le mériter, il faut être comme elle, penser comme elle et agir comme elle. Bref, Nima ressent que l'autonomie personnelle, son existence en tant que personne indépendante, n'est pas compatible avec l'affection maternelle. Les pôles de ce conflit personnel dramatisent aussi ceux des valeurs de ses deux cultures d'appartenance. C'est pourquoi elle réitère que ses vœux par rapport à Désirée sont que la fille soit autonome et valorise les ancêtres, et qu'elle sache qu'elle pourra compter toujours avec ses parents, n'importe quel genre de personne elle deviendra. Enfin, elle cherche qu'elle et la fille arrivent, dans leur relation, à la conciliation entre les deux valeurs culturelles.

L'attitude de la mère de Nima a eu ses effets amplifiés à cause de l'occasion où elle a eu lieu, à savoir, à la grossesse de celle-ci, moment où elle se sentait fragile et avide de la protection maternelle. Plus important que ça, elle avait besoin de sa mère pour reprendre, avec celle-ci, la transmission du lignage familial, une affaire des femmes que son père ne pouvait pas l'aider. Désirée représentait, pour Nima, la continuité familiale qu'elle pourrait offrir soit à sa mère, soit à ses ancêtres algériens, la possibilité de garder et de préserver la famille, entreprise qui exigeait la rencontre avec le passé pour la continuité dans le présent et le futur. Toutefois, elle sent que l'attitude de sa mère l'a empêché et l'empêche d'accomplir cette mission, car elle interdit la rencontre (elle traverse la rue pour ne pas parler à Nima ; elle lui raccroche en ligne). Dans les mots de Nima, sa mère a « coupé le point », donc elle a rendu impossible la continuité familiale, affective et culturelle.¹³ Enfin, Nima avait besoin de se fusionner un peu avec la mère pour s'identifier avec elle et, ainsi, pouvoir jouir la maternité et dégager plus aisément ses fonctions. Cependant, la mère lui refuse et la désillusionne du

¹³ On peut supposer que la mère de Nima, devant « l'infidélité » de la fille, ait ressenti la même chose, comme si celle-ci avait rompu le point, coupé la culture et la solidarité féminines dans la famille.

coup. D'où la sensation de Nima de que sa mère l'a laissée dans le moment où elle avait plus besoin d'elle. L'obstruction de l'entreprise de la continuité familiale tombe sur Nima comme une malédiction : elle ne sera capable d'avoir d'autres enfants (sa stérilité persiste et elle fait deux fausses couches) et, même si elle a réussi à avoir un seul enfant, les bonheurs de la maternité ne seront pas jouis complètement. (Pour sa sœur la malédiction, qui atteint aussi la féminité, est le cancer du sein). De telle manière qu'à l'entrave de la continuation familiale s'ajoute l'occlusion de la continuité personnelle (Désirée ne prend pas le sein, n'aime pas manger, ne grossit pas).

Devant ce cadre, Nima se sent refusée des deux côtés, par sa mère et par sa fille et ses sentiments d'inadéquation en tant que mère sont frappants. Elle se batte beaucoup pour donner le meilleur de soi-même pour la fille, jusqu'à la fatigue, tandis que la petite ne reconnaît pas ce qu'elle fait (elle se plaint quand elle doit manger, elle n'est pas chaleureuse avec sa mère).

Les effets de la rupture maternelle dans la réalité psychique de Nima suggèrent l'existence d'une étroite dépendance affective vis-à-vis de sa mère en tant qu'objet externe. Encore que, bien sûr, l'internalisation existe, il semble avoir toujours une nécessité qu'elle soit soutenue par la mère en tant que telle. Autrement dit, bien que l'introjection puisse être solide, l'objet interne semble être très sensible aux changements de l'externe. C'est pourquoi Nima n'arrive pas à garder beaucoup des bonnes qualités de la mère internalisée. Il semble que la « méchanceté » que sa mère a démontré lors de la séparation de son père et de la rupture avec elle contamine complètement l'objet interne. De sorte que Nima doit être toujours vigilante dans ses essais de ne pas répéter avec Désirée l'expérience qu'elle a eue avec sa propre mère. Étant donné cette dépendance étroite entre l'objet externe et interne, le domaine des phénomènes transitionnels semble être rétréci dans cette dimension du *Self* concernant les relations entre mère et fille. Par conséquent l'usage de l'objet et la transformation créative de ce que la génération précédente a offert (ce qui pourrait aboutir dans l'autonomie) deviennent une tâche très compliquée. Dès lors que dans le processus d'introjection les similarités entre l'objet interne et l'externe sont notoires et, devant l'absence du deuxième, la tendance est que le premier lui représente de façon notamment précise.¹⁴ Ce processus, qui permet que la tradition soit rigoureusement gardée parmi les générations, est parrainé par le violent sentiment de culpabilité déclenché par le refus de l'objet primaire, rejet qui est nécessaire pour son appropriation créative et sa transformation.

Il faut souligner que ce rétrécissement du domaine de la transitionnalité n'opère pas dans toutes les dimensions du *Self*. Ainsi, il existe côté à côté, une autonomie pratique (Nima réussit à travailler, à avoir un compagnon et à habiter toute seule avec lui et sa fille) et une dépendance affective, ce qu'intensifie le besoin de sa propre mère dans la délicate tâche du maternage. Devant ce cadre, la mère devient la principale figure responsable par la socialisation et la transmission culturelle par ses enfants, quel que soit leur âge.

¹⁴ C'est pourquoi la mère de Nima a réussi à garder toute la tradition algérienne et musulmane et à les transmettre à ses enfants.

Dans le cas de Nima, toutefois, la déception issue de la répudiation que la mère lui a infligée lors de son apprentissage de la maternité, ajoutée aux expériences qu'elle a eu dans un cadre culturel différent ont modéré cette « introjection épaisse ». Ainsi, quoiqu'elle ne soit pas complètement débarrassée de l'influence maternelle, l'intégration entre les valeurs des deux cultures se montre à elle comme une tâche réalisable.

Encore qu'à partir de cette expérience avec sa propre mère Nima soit devenue « plus française » dans son rapport avec Désirée, elle se rend compte aussi de la nécessité de mettre des limites dans l'autonomie de la petite. Ainsi, la réponse de la fille lors de son explication de ses problèmes avec sa mère (*C'est ton problème et pas le mien*) est en même temps soulageant et préoccupant. Alors, elle s'aperçoit qu'il faut faire attention pour que l'encouragement à l'autonomie ne conduise pas la gamine à devenir quelqu'un d'égoïste et insensible vis-à-vis des autres. Des informations complémentaires de l'expérience maternelle de Nima sont trouvées dans l'analyse de son récit à chacun des tableaux du CAT-A.

Tableau 1

En ce premier moment de présentation de son expérience en tant que mère d'Désirée, le message transmis pour Nima est d'une frustration pénible dû la rejection que la fille l'inflige. Ainsi, même si elle essaye de donner le meilleur de soi (concrète et psychiquement), la petite la refuse. Son dévouement passionné pour la petite n'est pas reconnu par celle-ci, situation que l'empêche de vivre l'expérience de la maternité dans sa plénitude. Si bien que le processus d'illusion entre elle et Désirée a du mal à s'établir. Cet état de choses, où la fille ne répond pas aux efforts le plus ardu de la mère, engendre en celle-ci un intense sentiment d'inutilité et de futilité. La communication entre les deux a de la peine à garder. Cette attitude de rejet, de la partie de la gamine, pour faire les introjections que la mère lui propose engendre en Nima des profonds sentiments d'inadéquation en tant que mère. De sorte que Nima se sent incapable de jouir d'une maternité qu'elle a eu beaucoup du mal à atteindre.

Tableau 2

L'approche à ce tableau et à celle du 8 ont été les moments plus dramatiques du récit de Nima. Il est dans ce moment qu'elle révèle les angoisses et les souffrances plus importantes de sa vie actuelle et qui soutient les difficultés qu'elle avait mentionnées dans le récit précédent, à l'égard de son lien avec Désirée. Ces afflictions rapportent à sa condition de fille des parents divorcés, répudiée par la mère qui l'a accusée de prendre le parti du père lors de la dispute conjugale. Ainsi, son expérience est que dans un moment où elle avait besoin de reprendre les processus illusoire avec la mère (sa grossesse et la naissance d'Désirée), sa mère a coupé le « cordon ombilical » qui l'unissait au lignage féminin de transmission générationnelle. Plutôt que pour la réalisation œdipienne, la rupture est sentie comme le châtement par la prise d'une décision autonome, pas approuvée par la mère. Donc, si elle refuse sa mère, elle sera également refusée par elle et aussi par sa fille. Les attachements rompus,

Nima tombe dans le vide, dans l'exclusion de la communauté féminine. Dépourvue de la « nourriture » de sa mère, elle a du mal à nourrir sa fille. Encore que Nima essaye, pour plusieurs fois effectuer la « réparation », elle ne réussit pas à obtenir le pardon maternel. Il lui semble que ceci ne sera possible que si l'enfant de sa mère soit dans une position de destruction presque complète, au point de la mort, punition ultime. Complètement déçue par l'attitude maternelle de veto à son autonomie, Nima s'étonne devant la perception de la qualité conditionnelle de l'amour maternelle. Blessée, en dépit de l'intense dépendance qu'elle garde encore vis-à-vis de sa mère, elle désiste de la reconquérir et décide de faire de choses différemment avec Désirée. Ainsi, elle encourage l'autonomie de la petite. Cependant, il lui reste toujours un chagrin pour ne pas pouvoir offrir à la fille l'expérience du contact avec sa grand-mère.

Tableau 3

Après avoir rapporté les blessures causées par la perte maternelle, Nima, en ce moment, essaie de sauvegarder ce qui lui a resté de ce désastre: le lien avec le père. Ceci est vu comme la figure d'autorité de la famille, car il représente la sagesse. En plus, il est capable d'offrir protection et assurance à Nima et à sa famille, en lui apportant une certaine sérénité, ce qui facilite la stabilité du foyer. Toutefois, Nima s'étonne car son père, qui était ferme et distant à son enfance, a changé, de façon qu'aux jours actuels il soutient son autonomie (elle peut travailler le temps qu'elle veut, elle peut sortir le soir quand il est là). Cet appui est devenu possible grâce au fait que le père, qui était autrefois traditionnel, a assumé quelques fonctions maternelles par rapport à Désirée (il la cherche à l'école, il lui fait à manger). Cette conduite paternelle intrigue Nima et elle se demande quel était le rôle de sa fille dans ce changement. Ainsi, en des termes pratiques, le père soulage un peu l'absence maternelle, mais pas en termes affectifs.

Tableau 4

Encore que Nima commence son récit à ce tableau en racontant les plaisirs de sa relation avec Désirée, les bonheurs de la maternité sont vécus comme incomplets ou gâchés par des événements contraires à sa volonté (elles se promènent mais, ensuite, il faut se dépêcher). La maternité est conçue comme une chose très difficile à atteindre, dont la conquête exige des efforts herculéens pour dépasser les limites de sa propre « nature ». Autrement dit, la sensation est qu'il n'existe pas, dans soi-même, une mère en potentiel, en attente d'une opportunité pour l'efflorescence. Au contraire, il faut construire cette mère interne, processus qui ne peut pas être fait que par moyen d'expédients artificiels, sophistiqués et coûteux. Bref, il faut se battre contre les limites de sa propre constitution, sous les risques de souffrir les conséquences d'une révolte de la nature (le cancer du sein). Cet état de choses suggère l'existence d'une communication très faible entre le désir et les capacités, entre la condition de femme et la condition de mère. Enfin, de la même manière que la continuité entre elle et sa mère et entre elle et Désirée ont de la peine à garder, il semble aussi avoir un blocage de l'intégration de la

personnalité dans ce domaine spécifique de l'atteinte de la maternité. C'est pourquoi les essais de Nima de commencer, d'une façon autonome, une nouvelle dynastie, détachée de celle de la mère sont condamnés à l'échec. Telle situation, que l'empêche de compenser l'absence de sa mère pour elle et pour Désirée, lui rend des profonds sentiments d'inutilité et de futilité. Il faut, donc, accepter que sa succession se résume à Désirée et l'élever selon ses propres valeurs individuelles (l'enfant est tout fier de son autonomie). Bref, si Nima n'a pas eu de la vie ce qu'elle a voulu, elle doit profiter de ce qu'elle a réussi à avoir.

Tableau 8

Dans ce dernier tableau Nima reprend l'importance qu'elle attribue à la continuité intergénérationnelle, à la transmission de la culture et des mœurs à travers du lignage. Celles-ci lui ressemblent cruciales et universelles (il y a des différents espèces d'animaux dans le CAT-A, mais la même notion du clan). En ce sens, elle essaye de garder, le plus que possible, des occasions de rencontre parmi les familiers dont les relations elle a réussi à garder. Toutefois, l'absence de l'ancêtre majeure (la mère) crie dans le silence de ses efforts (*il y a la photo de l'ancêtre, la place qui tient toujours l'ancêtre dans la famille*). Donc, bien qu'agréables, les réunions de famille (de qu'elle affirme avoir besoin) apportent toujours un peu de tristesse, de nostalgie. En plus, en dépit des efforts pour retisser la continuité dans la famille qui a été cassée par la mère, ils ne sont que partiellement réussis (*la mère a mis les frères et les sœurs les uns contre les autres ; il y a des certains sujets qui sont tabou*). Cette situation, ajoutée à l'absence de contact avec sa famille d'origine élargie et à son échec en avoir une famille constituée nombreuse, emmène Nima à chercher de soulagement pour sa solitude (et par celle qu'elle imagine qu'Désirée éprouve) dans la famille de son mari, mais la consolation qu'elle réussit à avoir est aussi incomplète. Les chagrins éprouvés conduisent Nima à une position particulière par rapport à l'éducation d'Désirée, à savoir, l'acceptation intégrale et inconditionnelle de la fille, même si, dans son processus d'acquisition de l'indépendance, elle devient quelqu'un de très différent de soi-même ou quelqu'un qui n'atteint pas ses attentes. Enfin, elle veut montrer à la petite que son amour pour elle est inconditionnel. Toutefois, Nima commence à s'apercevoir que cette attitude doit être tempérée par une imposition plus ferme des limites (qu'elle ne semble encore capable de faire) sur le risque que le caractère autoritaire de la petite s'infirmes aussi qu'une certaine indifférence vis-à-vis les autres. Bref, il faut mélanger la liberté et le respect pour l'autrui. De cette façon, elle veut offrir à sa fille tout ce que sa mère n'a pas offert à elle et, ainsi, supplanter son identification avec la génitrice.

En synthèse, Nima semble être une femme qui se batte bravement pour récupérer le sens d'une continuité dans plusieurs domaines de sa vie : avec sa mère, avec sa fille, avec sa famille d'origine et avec soi-même. Cette continuité lui semble essentielle pour définir sa place pas seulement dans sa vie et dans sa famille constituée, mais dans l'univers de l'humanité et d'une culture spécifique. L'expérience de la maternité est conçue par elle comme la principale route d'accès pour ce rattrapage, mais elle souffre encore les conséquences du déchirement des liens familiales provoqué par la dispute

avec sa mère. La tâche du retissage des relations est ardue et Nima ne parvient pas à l'accomplir complètement. La perte de la mère reste, ainsi, comme un deuil difficile (ou impossible) à surmonter. Donc, bien qu'elle essaie de recommencer une nouvelle dynastie de façon indépendante de la mère, elle se rend compte que l'autonomie, pour plus plaisante qu'elle soit, ne remplace pas du tout l'appartenance. De sorte que les blessures persistent, même si elles lui permettent un contact plus gèneune avec soi-même. En plus, ils sont ces chagrins qui lui poussent à réfléchir sur son expérience maternelle et à la transformer en une tâche dynamique et passionnante.

Le contre-transfert que j'ai éprouvée pendant notre conversation et ma (courageuse) décision d'en lui parler de ma copine, semblent avoir eu un effet très important sur Nima. D'abord, elle lui a permis de se sentir comprise par moi, dans une récupération de sa continuité avec l'autre, par moyen d'une communication qui s'est établie. En plus, mon message lui a permis de faire à ce qu'elle était prête à accomplir : l'intégration des parties de sa personnalité, en attachant son expérience en tant que mère à son expérience en tant que fille. C'est pourquoi Nima est devenue si reconnaissante à moi et m'a beaucoup aidée dans ma recherche et m'a envoyée le touchante mél d'au revoir.

Récit Désirée

Le CAT-A

Désirée est une très jolie petite fille. Sa taille est compatible avec l'âge aussi bien que son poids. Elle a la peau claire et elle est blonde aux yeux châains. Ses cheveux sont longs et bouclés comme ceux de sa mère. Je m'approche d'elle et je lui dis que j'ai des tableaux à lui montrer. Je lui explique que je veux qu'elle les regarde et qu'elle invente une histoire sur chacun d'eux. Je lui demande d'abord si elle aime raconter des histoires. Elle répond qu'elle n'aime pas trop ce genre d'activité. En dépit de l'opposition, sa voix est douce. Je lui dis qu'on pourrait essayer de les inventer et, si elle avait besoin, je l'aiderais. Elle ne dit rien. Donc, je lui propose de voir le premier tableau.

Tableau 1

Elle prend le tableau et commence à parler tout de suite. « Hum... des oiseaux avec des bêtes qui mangent de la purée. Hamm... hamm (elle reste en silence). [Et qu'est-ce que les oiseaux font ? Qu'est-ce qu'ils sont en train de faire ?] De... manger... ? [Hum... et qu'est-ce que tu penses qu'il peut arriver ?] Qu'est-ce que quoi ?¹⁵ [Qu'est-ce que tu penses qu'il va arriver ?] Le coq, le coq, le coq, le coq. [Le coq ? Et qu'est-ce que le coq fait ?] Ehhhhhhhh... Rien. [Rien ? Il ne fait pas rien ?] Il regarde ! (elle est plus affirmative en ce moment) [Ah, il regarde les oiseaux en mangeant. Et ils vont manger tous, qu'est-ce que tu penses ?] Eeee... Rien, je pense rien¹⁶. [Ah tu ne penses rien. Alors je

¹⁵ Bien que parfois elle présente quelques difficultés réelles de me comprendre à cause de mon accent (et de mes fautes grammaticales), j'ai quand même l'impression d'une certaine intolérance et mauvaise volonté de la fille vis-à-vis de moi.

¹⁶ Les fautes grammaticales de la fille (et de la chercheuse) qui sont décrites ont vraiment arrivées pendant le contact.

vais t'aider à inventer l'histoire. Est-ce que tu penses que c'est bon, le repas, ou non ?] Eeee... Non. [Non ? Et ils vont manger quand même ou ils ne vont pas manger ?] Ils vont manger quand même. [Ils vont manger quand même... Et pour la fin de l'histoire, qu'est-ce qu'on peut penser ?] Je sais pas. [Le coq va faire quelque chose ou non ?] Non. [Non ? Et les oiseaux, qu'est-ce qu'ils vont faire ?] Ils vont manger. [Oui, et après manger?] Je sais pas... Rien. [D'accord. Tu n'aimes pas ce tableau ?] Comment ? [Tu as aimé ce tableau ou non ?] (Elle fait un geste affirmatif avec la tête. » Elle me rend le tableau et je lui présente le suivant.

Tableau 2

Elle commence à parler immédiatement. « Des ours qui tirent sur une corde... avec un ourson. [Oui, très bien. Qu'est-ce qu'ils sont en train de faire ?] De tirer. [Hum.... Et qui sont ces ours ? Qui sont-ils ?] Comment ? [Qui sont-ils ? Il se connaît ? Ils se connaît pas ?] Ils se connaissent. (elle corrige ma faute de conjugaison) [Ils se connaissent, merci pour la correction de mon français. Qu'est-ce qu'on peut inventer qui va arriver ici ?] Moi, je sais pas. (la tonalité de sa voix est définitive) [Tu ne sais pas. Tu crois qu'ils sont en train de jouer, de se disputer ?] De rien. (elle est très affirmative) Ils sont en train de tirer sur la corde. [Tirer sur la corde... Et comment va terminer l'histoire ?] Je sais pas. [il y a quelqu'un qui va gagner ou non ?] Oui. [Lequel ?] (Elle montre les deux ours qui sont du même côté de la corde) [Hum Pourquoi tu penses que c'est lui qui va gagner ?] Parce qu'ils sont deux. [Parce qu'ils sont deux. D'accord, merci.] » Elle me rend le tableau et je lui présente le troisième.

Tableau 3

« Un lion... [Un lion...] Qui fait je sais pas (Je souris) [Tu ne sais pas ce qu'il fait. Mais on peut inventer quelque chose, je pense.] Oh mais ça c'est pas un dessin c'est une photocopie. (sa voix est presque accusatoire) [Pourquoi ?] C'est une photocopie (elle parle comme si je l'avais trompé ou comme si j'avais retiré quelque chose d'elle). [Ça n'est pas vraiment une photocopie, c'est un tableau, comme ça, mais il n'y a pas de couleur.] Comment ? [Il n'y a pas de couleur, c'est blanc ou noir seulement.] Bien non, ça c'est une photocopie. (elle n'est plus accusatoire en ce moment, mais seulement en désaccord avec moi). [Il ressemble à une photocopie... Euh, on peut inventer quelque chose sur ce lion. Tu crois qu'il pense quelque à chose qu'il veut faire ?] Réfléchir. Euh, je sais pas. [On peut inventer une histoire. Il était une fois...un lion...] Qui faisait je sais pas quoi. [Qui faisait je sais pas quoi, d'accord. C'est bien Désirée. Tu n'as pas aimé ce photo ?] (Elle fait un geste de négation avec la tête et reste en silence). [D'accord, comme tu n'as pas aimé, je vais te montrer l'autre.] Je prends le tableau et je lui présente le quatrième.

Tableau 4

« Des cerfs. Des cerfs, une biche, et deux...Comment ça s'appelle ? (elle est réflexive) Mais comment ça s'appelle ? (elle se dirige à moi, presque en chantant sa question) [Cet animal ?] Une

biche. [Kangourou, kangourou ?] Oh j'avais pas remarqué que c'était un kangourou. Oh il transporte son pique-nique. [Il transporte son pique-nique ?] (En ce moment Désirée se lève et sort de la table où nous étions. Elle continue son dialogue avec moi, mais loin, sans me faire beaucoup d'attention). Quoi ? [Tu dis qu'ils sortent un pique-nique, qu'ils vont faire un pique-nique ? Hum. Et qu'est-ce qui arrive dans ce pique-nique?] Je ne sais pas. [Tu ne sais pas ? Tu crois que ce sera un bon pique-nique ou un mauvais pique-nique ?] Un bon. [Bon. Qui sont-ils Désirée ? Viens, puisqu'il faut inventer l'histoire ? Qui sont-ils ?] (Elle s'approche et continue) Une biche, et des enfants. [Oui, très bien. Très bien !] Après je sais plus. [Tu crois qu'ils se connaissent ?] (Elle fait un geste affirmatif avec la tête). [Qui sont-ils ? Ils sont des amis, ils sont de la même famille ?] Ils sont de la même famille. [Et ils s'aiment ou ils ne s'aiment pas ?] Ils s'aiment. [Ils s'aiment. Et après le pique-nique qu'est-ce qu'il va arriver ?] Je sais pas, ils vont rentrer à la maison. (elle parle comme si elle voulait se débarrasser rapidement de l'activité) [Ils vont rentrer à la maison, oui d'accord, très bien]. Elle reste en silence, je prends le tableau et je lui montre le dernier.

Tableau 8

Elle prend le tableau et dit admirée : « Oh, super ça ! [Tu as aimé le tableau ?] Ouuu, ils sont dans un salon (sa voix est rythmique, elle presque chante la phrase) [Hum ?] Ils sont dans un salon (elle chante encore). [Tu connais ce type d'animaux, Désirée ? Comment il s'appelle ?] Des chimpanzés. [Des chimpanzés, chimpanzés, oui. Et qu'est-ce qu'ils font ?] Euh je sais pas. Ils parlent (elle est emphatique). [Ils parlent ? Et qui sont-ils ?] Des... amis. (Elle sort rapidement, prend son MP-3 et revient près de moi. Elle commence à démarrer et à arrêter l'appareil à plusieurs reprises). [Ce sont des amis. Tu as un MP-3 aussi, il ressemble au mien.] Ça c'est pas un MP3. [Qu'est-ce que tu penses qu'on peut inventer, qu'est-ce qu'ils pensent ou qu'ils parlent... ?] Euh, je sais pas. (le bruit de son MP-3 commence à déranger notre conversation) [Ils sont bien ou ils ne le sont pas ?] Ils sont bien. [Comment l'histoire peut finir ?] Je sais pas. » Devant son opposition difficile à casser, je décide de finir l'entretien. Je lui remercie et elle s'en va, tout en continuant à démarrer et à arrêter son MP-3.

Interprétation Désirée

Mon contact avec Désirée a été marqué par une difficulté de communication intense et persistante, en dépit de mes efforts pour m'approcher d'elle. De sorte que parfois je me suis aperçue comme très directive vis-à-vis d'elle dans mes essais de garantir qu'elle transmettait des informations qui me permettraient de la comprendre un peu. Cette attitude n'a pas rendu mes espoirs réalisables ; en effet elle a parfois contribué pour éloigner Désirée de moi. Toutefois, la petite a bien réussi à montrer ses affections, pas par moyen des contenus projetés sur les histoires (qui n'ont pas été si riches), mais plutôt par son attitude vis-à-vis de moi et de la relation transférentielle et contre-transférentielle que nous deux avons établi. J'ai eu quand même l'impression que, pendant le CAT-A, Désirée répétait avec moi la situation du repas que Nima avait rapporté dans son récit, notamment la rejection pour

tout ce qu'on pourrait lui présenter et lui offrir. À la fin de notre conversation, ma sensation a été d'une stérilité notoire, ce qui témoignait les difficultés d'expression créative de cette petite fille. De telle manière que l'opposition que la gamine a présentée vis-à-vis de moi et son insistance presque rude sur les imperfections de mon français (ce que ne m'a jamais empêchée d'être comprise par les autres filles) étaient des moyens qu'elle a utilisée pour communiquer ses souffrances. En synthèse, plutôt que le contenu de ses histoires, la façon dont elle s'est présentée à moi a été le plus importante dans sa communication.

Désirée m'a révélée que les raisons de ses malheurs (déguisées d'une certaine arrogance et indifférence vis-à-vis des autres) rapportaient à une sensation de manque d'un contact personnel gène et adapté à ses besoins. Sa sensation est qu'une vraie communication entre elle et l'autre ne s'établit pas. La réponse de l'autre est vue comme toujours inconvenient, ce qui conduit à une rupture de la relation. Par conséquent, le sentiment de continuité entre soi-même et le monde ne s'installe pas. Autrement dit, il y a un sentiment qu'il ne vaut pas la peine d'avoir des illusions sur le monde, car elles ne seront pas prises en compte ou, au moins, elle ne recevra pas exactement ce qu'elle veut. Au point que le contact devient inutile et parfois, invasive, quand le monde extérieur l'impose une chose qui n'a pas été d'abord créé par elle. Les résistances qu'Désirée a montré depuis le début de la passation du CAT-A (et qui semblent s'étendre à une grande partie des situations structurées) illustrent une certaine protection contre ces invasions, manœuvre qui confère à la fille une caractéristique un peu négativiste. Le manque de continuité avec les autres dans les relations est accompagné aussi d'une discontinuation interne, responsable pour la difficulté d'associer. Ainsi, les récits aux tableaux ont du mal à dépasser leur simple description. En conclusion, la créativité reste bloquée et les capacités pour le rêve et pour le jeu sont comprimées. Devant ces conditions, le jeu est vécu surtout en tant qu'une séquence cadre à cadre, sans être intégré dans un sens majeur, dans la composition d'un ensemble.

Cet état des choses ne veut pas dire, pourtant, qu'Désirée n'ait pas atteint les capacités pour l'intégration, personnalisation et réalisation. Au contraire, elle fixe des frontières très bien définis entre elle et l'autre (surtout pour l'interdire de l'envahir) et présente un fort attachement à la réalité objective du monde. La fermeté parfois excessive de ces frontières et de cet attachement suggèrent que la petite recoure au faux-self en tant qu'expédient défensif pour la protection du noyau créatif de sa personnalité. Ces caractéristiques insinuent un début de vie de la gamine où la vraie rencontre entre elle et sa mère a eu du mal à avoir lieu, situation qui semble persister jusqu'aujourd'hui. C'est pourquoi dans notre lien transférentiel, j'ai eu toujours l'impression de superficialité ; en effet, le seul moment de contact gène entre nous a été exactement quand elle m'a accusée de fausseté dans son récit au tableau 3, ce qui a été l'apothéose de notre communication. L'analyse de ses récits à chacun des tableaux illustre cette dynamique en tous ses détails.

Tableau 1

Depuis ce premier moment de notre rencontre Désirée s'est conduite vis-à-vis de moi comme quelqu'un qui faisait une activité à contrecœur. Le contact n'a pas été vu par elle comme agréable ; en plus la nature un peu structurée de la tâche semble avoir contribué pour qu'elle la prenait comme une obligation à remplir. Cette situation a été aggravée car les demandes du CAT-A se frappaient avec la réduite capacité associative de la fille. La petite a essayé tout le temps de rompre la situation par moyen d'une attitude négativiste et des tentatives de finir rapidement les histoires. Toutefois, la petite a réussi à transmettre, dans le contenu de sa narration à ce tableau, le chagrin central de sa vie : la sensation de n'être pas comprise par les autres. Donc, le contenu de l'histoire montre, d'abord, une distance entre l'adulte et les enfants : ils sont dans la même situation, mais ils ne se communiquent pas. Il est offert aux enfants un repas qui n'est pas appétissant, mais qu'ils doivent manger, dans une attitude de soumission. L'adulte ne fait que regarder et reste inerte devant l'insatisfaction des enfants. De sorte qu'Désirée montre que ce qu'elle voulait et ce qu'elle a créé ne trouve pas écho dans l'entourage. Ceci ne constitue pas une ambiance personnelle, adaptée aux illusions de la fille. Bref, le monde ne la comprend pas et ne s'adapte pas à elle. Cette sensation a été dramatisée dans notre relation, illustrée par l'intolérance de la petite vis-à-vis de moi (pour plusieurs fois, elle m'a demandée de répéter ce que j'avais dit). Ainsi, elle me montrait que c'était moi l'incompréhensible, tandis qu'elle jouait le rôle du monde inflexible, incapable de s'acclimater à quelqu'un.

Tableau 2

Dans son récit à ce tableau l'impatience d'Désirée vis-à-vis de moi montre aussi les défauts de notre communication. La difficulté de la fille de s'engager dans une activité créative est frappante. Ainsi, elle reste prise à la simple description du tableau et considère que la pure verbalisation de ce qu'elle voit compose déjà une trame complète. C'est pourquoi elle s'exaspère avec mes essais d'aller plus loin et mes exigences qu'elle soit plus imaginative. Cette position de la fille suggère une certaine restriction du domaine des expériences transitionnelles, tellement qu'il n'y a pas beaucoup de place pour le rêve et pour le jeu. Par conséquent, la petite fille reste emprisonnée dans un attachement visqueux à la réalité externe. L'insistance de la fille en signaler mes imperfections linguistiques, en plus de constituer un appel pour avoir l'expérience d'un monde parfait, révèle aussi cet attachement inflexible au monde réel, qui l'empêche d'avoir la souplesse nécessaire pour établir et garder les relations avec autrui.

Tableau 3

Ceci a été le moment plus dramatique de ma relation avec Désirée. En ce récit elle a montré, par son attitude envers moi et la tâche qu'on réalisait, les racines de ses angoisses et sentiments de futilité. Si d'abord, elle a essayé de m'empêcher de lui faire des exigences d'être créative, tout de suite elle m'accuse de manque d'originalité (ce que je lui présente c'est une photocopie et pas un vrai

dessin). Autrement dit, elle signale mon hypocrisie, car je lui demande d'être inventive tandis que, moi, je ne suis pas. Ainsi, elle me reproche à cause de mon incapacité de lui fournir quelque chose de spéciale, de personnelle, qui a été faite sur mesure pour elle. Au contraire, ce que je lui offre c'est une ambiance prêt-à-porter, sans aucune considération pour son individualité. De cette façon, elle ne peut pas être assez assurée pour exprimer sa propre créativité. L'objet est là, avant d'avoir été créé par elle ; donc il est faux, il n'y a pas de sens. De sorte qu'Désirée révèle que le manque de créativité de sa mère empêché celle-ci d'avoir la flexibilité nécessaire pour s'adapter à la fille. Elle lui a offert un monde cadré et pas personnel. Cet état des choses suggère que la petite puisse avoir eu une expérience d'être soignée par une mère déprimée. Si la communication créative ne s'établit pas, les besoins d'illusions ont du mal à être comblés. D'où sa capacité de se rapporter au monde extérieur devient difficile à se développer aussi bien que son habilité symbolique. C'est pourquoi Désirée a du mal à circuler dans le domaine transitionnel.

Tableau 4

Après la communication éloquente au tableau antérieur, Désirée reprend sa façon d'agir face à moi et à la tâche du CAT-A ; cependant en ce moment elle semble être un peu bouleversée. Bien qu'elle accepte ma contribution pour son histoire (quand je lui ai éclairci que les animaux étaient des kangourous), elle rompt, ensuite, l'encadrement de notre tâche. Cette attitude et sa façon de me poser des questions en chantant (conduite qui a continué dans le tableau 8) suggèrent la présence d'une certaine régression en réponse à surexcitation causée par la figure précédente. Une fois de plus elle essaie de se débarrasser rapidement de la tâche. Cependant, cette fois la production porte une connotation plus positive (même si elle est encore superficielle), avec une plus grande ouverture vers le monde extérieur (les personnages vont faire un pique-nique) et la possibilité de profiter un peu de ce que ceci lui offre (le pique-nique sera bon).

Tableau 8

Le thème de la communication resurgit dans ce tableau final, où Désirée s'admire parce que les singes sont en train de parler dans une réunion de famille. En dépit de cet enthousiasme initial, la communication reste encore coupée, désagrégée et fractionnée, ce qu'elle démontre à plusieurs reprises avec son geste d'allumer et d'éteindre son MP-3. Enfin, l'établissement d'un vrai rapport reste problématique. En termes transférentielles, cette attitude d'Désirée, qu'impliquait un changement de position avec moi, semble signaler une perception de la mère comme quelqu'un que lui présentait et niait successivement, et de façon imprévue, une relation gène. Cette discontinuité maternelle semble avoir eu lieu dans un moment où Désirée n'était pas encore capable de l'assimiler dans le contexte du temps transitionnel. Cela veut dire que l'expérience caractéristique du domaine transitionnel d'assimiler les périodes de présence et d'absence de la mère dans le rythme personnel n'a pas pu avoir lieu. D'où le souci de la fille par rapport au rythme (elle chante les questions) montre qui

la discontinuité qu'elle a éprouvé est arrivé dans le cadre de la présentation de l'objet (qui n'était pas celui qu'elle avait créé), mais aussi du moment où cette présentation a été faite.

En synthèse, Désirée est une fille qui se batte avec un douloureux sentiment de discontinuité avec le monde. Bien que cette condition ne l'ait pas conduite à un isolement psychotique de la réalité extérieure, elle a sûrement contribué pour des difficultés de communication que la petite fille présente. Les racines de ses tourments sont situées par elle dans son expérience d'avoir eu une mère peu créative qui a eu du mal à s'adapter à elle d'une façon personnelle. Son vécu est que la mère lui a présenté l'objet impropre à l'heure impropre. De cette façon les besoins d'illusion de la fille n'ont pas été remplis. Par conséquent, le monde n'a pas été conçu en tant qu'un endroit où elle pourrait avoir une place pour soi. Au contraire, le monde est vu comme invasif. De manière qu'elle doit se protéger de son influence néfaste par moyen de la rejection de ce qu'il lui offre et d'une attitude négativiste vis-à-vis des autres. De cette façon elle peut protéger ce qu'elle a réussi à garder de sa créativité, autrement dit, son vrai *Self*. Pour l'instant l'expérience relationnelle de la fille est d'une communication entrecoupée avec la réalité extérieur. Cette condition provoque des embarras pour le développement de sa capacité symbolique et pour l'usufruit des phénomènes transitionnels. Étant donné que ceux-ci sont réduits à une aire serrée, le rêve et le jeu ne peuvent pas être joués en toute la plénitude que la vie infantile permettrait d'éprouver.

Synthèse Nima et Désirée

L'expérience relationnelle de Nima et d'Désirée peut être décrite comme un combat incessant contre les chagrins issus de la sensation de perte de continuité (ou de discontinuité) avec le monde. Dans ce cadre, Nima, qui gardait une relation d'intense dépendance avec sa propre mère, a vu son monde ruiner à partir de la rupture de relation que celle-là lui a imposée. Le lien entre les deux situait Nima dans un lignage d'appartenance sexuelle, familiale et culturelle que même l'immigration et l'absence de contact avec sa grande-famille n'avaient pas abîmé. Autrement dit, la mère représentait par elle le fil que l'unissait au monde et qui déterminait sa place et sa position dans lui. La rupture a changé complètement cette situation et a laissé Nima avec la sensation d'être, du coup, lancée dans le vide. De sorte que la dimension du *Self* concernant la transmission de l'héritage, la continuité familial et culturel a été inévitablement cassée, en dépit des efforts de Nima pour la retisser. Enfin, la perte de l'objet externe a été accompagnée de la sensation de perte d'une partie du *Self* rapportée à son appartenance. D'où, sa descendance physique et psychique serait désormais risquée.

L'impossibilité de l'élaboration du deuil révèle l'étroite correspondance entre l'objet externe et l'objet interne, ce qui, à son tour suggère un domaine restreint de l'aire transitionnelle de l'expérience. De telle manière que les possibilités de l'usage de l'objet et de sa transformation personnelle ne sont pas très grandes. C'est pourquoi Nima, en dépit de valoriser l'autonomie individuelle, n'arrive pas à en profiter. L'usufruit de son autonomie dépend de l'approbation de sa mère. Donc, si elle n'est pas là, il ne reste plus possible ni la garde de la dépendance ni l'usufruit de

l'autonomie en sa plénitude. De toute façon, et devant l'absence de choix, Nima suit à valoriser l'indépendance, mais reste soucieuse d'un possible éloignement affectif (indifférence) vis-à-vis des autres qui cela peut entraîner.

La coupure avec la mère et, en conséquence, avec ses racines, a déclenché en Nima des profonds sentiments d'inutilité et de futilité, qui semblent signaler la présence d'une dépression lors de sa grossesse et de la naissance d' Désirée. Cette dépression présumée, à son tour, a déchaîné les difficultés qu'elle a eues et qu'elle a, jusqu'aujourd'hui, dans sa relation avec sa petite fille. Coupée de la continuation de son lignage, Nima n'arrive pas à créer des conditions pour qu' Désirée développe, elle-même, un sentiment de continuité avec le monde. En dépit de ses efforts, le lien entre les deux est éprouvé par la petite fille comme standardisé, impersonnel, sans affection. Enfin, la désillusion que Nima a souffert dans sa relation avec sa mère, l'empêche de convaincre Désirée de que le monde est un endroit sur lequel il est possible avoir des illusions. Inversement, le message qu'elle transmet, même à contrecœur et involontairement, est que la réalité externe est décevante et amère. Il est cette amertume que la petite fille se refuse à avaler, dans l'espoir de trouver la douceur quelque part ailleurs.

De plus, la créativité congelée de Nima l'interdit de s'adapter d'une façon féconde et originale aux besoins de la fille. Ainsi, elle présente les objets à la petite avant de permettre qu'ils soient créés par celle-ci. D'où, le sein, le biberon, la nourriture lui sont presque imposés sans permettre à la petite une assimilation flexible, et en doses homéopathiques. La sensation de la gamine est que l'objet lui est offert quand elle ne le veut pas et qu'il lui manque quand elle le souhaite. Enfin, il n'y a pas d'harmonie entre les désirs et les besoins de la fille et la présence des objets dans le monde. Cette situation engendre en Désirée, également à sa mère, la sensation de discontinuité entre soi-même et la réalité. Si celle-ci n'est pas exactement préjudiciable, elle est au minimum peu hospitalière. En synthèse, la petite ressent que le monde ne la comprends pas, d'où son sentiment d'ennui vis-à-vis de lui et son manque de plaisir dans les relations personnelles.

Devant cet état des choses, et parrainée par sa sensation d'avoir été lancée dans le vide, Nima ne réussit pas à offrir à Désirée un *holding* assuré. Emprisonnée dans soi-même, elle n'arrive pas à s'identifier avec la petite fille, terrain propice pour que celle-ci se sente envahie par la mère. Donc, pour protéger sa créativité des dégâts de la dépression maternelle, Désirée ne peut faire que battre en retraite et rejeter ce que sa mère lui offre (l'aliment épicé de la dépression maternelle). À son tour, cette conduite de la petite aggrave les sentiments d'inutilité et d'impuissance de Nima, ce qui faire monter sa dépression. Enfin, un cycle vicieux s'installe entre la dyade et déclenche une aiguë frustration dans la mère et dans la fille.

En résumé, bien qu' Désirée ait être capable de réussir à des conquêtes importantes de son développement émotionnel comme la intégration, personnalisation et réalisation, elle éprouve des difficultés rapportés au développement de son Self. Celles-ci concernent surtout le manque d'opportunité pour avoir une existence créative et spontanée dans le monde. Les racines de ses

embarras reposent dans sa relation avec sa mère, à savoir, son incapacité d'offrir à la petite les bases pour le développement d'un sentiment de continuité avec le monde. Ces limites maternelles ont leur origine dans la discontinuité que Nima a éprouvée lors de la rupture de son lien avec sa mère. Dépourvue de l'appartenance à son lignage ancestrale, elle a du mal à dépasser le deuil et à garder l'objet interne qui la rendrait capable d'initier une nouvelle descendance. Si les restrictions physiques peuvent à la peine d'être surmontées, les psychiques sont plus réfractaires à ses efforts. Donc, la vraie communication entre elle et sa petite fille est difficile à atteindre. Nima n'arrive pas à la comprendre et, pour ne se pas laisser envahir, Désirée la refuse. L'adaptation de la petite est faite dans des termes de soumission, pour garantir minimalement la survivance physique et ne pas trop risquer la psychique. Enfin, la dynamique relationnelle de cette dyade montre que la continuité d'existence ne s'agit pas seulement d'une affaire privée entre mère et fille. Elle a aussi les bases culturelles et intergénérationnelles qui semblent être encore plus importantes quand le domaine des phénomènes transitionnels est plus compact et la dépendance entre les objets interne et externe est plus évidente.

APÊNDICE BG - Dyade Samira et Malda

Identification

Samira: 28 ans

Situation familiale: mariée

Niveau d'instruction: secondaire

Niveau socio-économique: moyen

Enfants au domicile: Malda, 8 ans; Rachida, 3 ans et Aïda, 3 mois

Enfant étudié: Malda

Ordre des entretiens: 1) Samira

2) Malda

Récit Samira

Cet entretien se déroule à B., petite ville agricole du Maroc oriental et la conversation se fait en arabe. Les mots dits en français sont en italiques (il y a beaucoup de mots français utilisés dans la conversation courante). Aussi bien du point de vue matériel (niveau de vie), niveau d'études et de langage, que du point de vue contexte culturel, les conditions paraissent atypiques au regard des entretiens des dyades maghrébines immigrées en France. Mais, il peut servir de référence au regard de cet écart de l'immigré par rapport à sa culture d'origine.

Samira est une jeune maman de 28 ans : Malda a 8 ans et elle a 2 autres filles, Rachida, âgée de 3 ans et Aïda, 3 mois ; elle a fréquenté le collège jusqu'au brevet (classe de 3ème) et s'est mariée avec un homme plus âgé qu'elle (la quarantaine), exerçant en indépendant une activité technique autour de l'agriculture. Ils vivent dans la maison du « Père » (beau-père de Samira), comme c'est souvent le cas pour les familles traditionnelles à revenu modeste. Le « Père » est artisan-feronnier ; son atelier occupe le rez-de-chaussée de la maison bruyante et de béton construite toute en hauteur dans une grande rue passante où ces maisons s'alignent arborant des couleurs pastels et émaillée de quelques échoppes artisanales, café, épicerie...

C'est le mois de juillet, il fait très chaud. Je suis reçue en fin d'après-midi dans un petit salon. J'ai beaucoup de mal à faire entendre au comité d'accueil féminin que nous avons besoin d'intimité stricte et que le respect des lois de l'hospitalité (une collation) pourra attendre la fin des entretiens. Pendant que nous sommes avec les autres femmes, j'explique à Samira les buts de la recherche et l'activité que nous devons faire. La belle-sœur en chef (épouse du fils aîné) nous laisse à regrets, se ménageant la possibilité de pouvoir s'immiscer dans la pièce par le truchement d'un enfant laissé endormi dans un angle opposé du salon. Une fois seules, je montre à Samira le premier tableau.

L'entretien commence à 17h30 et dure 40 min ; Malda se pliera ensuite au jeu pendant 28 min. Peu habituées à cet exercice insolite et sans utilité directe, il faudra beaucoup les solliciter pour

qu'elles osent s'exprimer un peu et apaiser leur crainte de paraître déloyales par rapport à leur famille. En plus, il y a un bruit ambiant que parfois rend notre conversation difficile.

Tableau 1

Samira regarde l'image et dit qu'elle voit trois 3 oiseaux, la nourriture, la table. Après une petite hésitation, elle ajoute qu'elle voit trois filles. Je lui demande si elles sont trois filles comme les siennes. Elle confirme et rit. Elle continue en disant que le tableau s'agit de trois filles qui mangent. Je lui demande s'il ne s'agit que des filles et si elles sont grandes ou petites. Samira montre le petit poussin qui a une cuillère et dit que cela est « moyenne ». Je lui montre l'autre poussin et je lui interroge sur lui. Elle répond que « Celle-là, elle est grande ». Comme il y a des bruits des coups de marteau qui arrivent jusqu'à nous, j'ai un peu de mal à la comprendre. Je lui explique ma difficulté et je lui demande de répéter ce qu'elle avait dit. Nous rions. Elle continue en disant que maintenant, elles sont deux filles. Elle dit que le poussin qui est au bout de la table c'est un homme. Je répète : « Donc, ce serait un homme et deux petites filles. ». Elle confirme et dit qu'ils mangent. Je lui demande pourquoi elle croit qu'il s'agit d'un homme et elle répond : « Parce qu'il est assis là et il a l'air... en bout de table ! » Je répète, dans une tonalité interrogative si c'est parce qu'il est en bout de table et elle confirme. Je lui demande si cela lui fait fier. Elle confirme d'une façon vive « Oui ! » et rit fort. Elle me demande si c'est tout et je l'interroge comment ils se sentent. Elle ne comprend pas très bien la question, donc je lui demande s'ils sont contents ou pas, et s'ils mangent bien. Elle répond que c'est « moyen » que ce n'est pas bien. Ensuite, elle dit : « C'est pas terrible. ». Dans l'autre pièce on entend les cris de Malda, qui demande si le téléphone qui sonne c'est à elle ou si c'est celui de sa maman. Samira et moi, nous continuons, toutefois, notre activité. Elle montre la poule et demande « Et là ? C'est une poule ? ». Elle reste en silence et je lui montre à nouveau les petits poussins. Je confirme qu'il s'agit des deux petites filles et d'un homme et je lui demande si l'homme est le père, s'ils sont une famille, des frères, des voisins ou des amis... Elle exclame que c'est le père. Je lui demande où serait la mère et Samira répond qu'elle ne sait pas. Je lui demande par rapport à la mère dans la vie de tous les jours. En ce moment, Malda rentre et nous perturbe un peu ; en plus, le bruit de l'atelier du beau-père de Samira continue à arriver jusqu'à nous. Je lui demande si c'était sa famille, si la grande serait Malda et l'autre, D. Elle m'interrompt et dit : « Oui ». Elle continue en disant que le poussin en bout de table serait l'homme ou la belle –mère, qu'elle ne sait pas. Elle dit qu'il serait peut-être elle-même, qu'elle serait assise là, et l'homme serait à son travail. Elle rit beaucoup et dit : « Le travail ! ». Je lui demande si c'est juste elle qui mangerais avec ses filles. Elle répond : « Ouiiiiiii ! C'est tous ceux qui seraient là, tu m'as comprise ? » Je confirme et je lui demande si c'est tout ce qu'elle voit. Elle confirme. Je l'interroge si, chaque jour, c'est juste elle et les filles qui mangent et si son mari ne mange pas avec elles parce qu'il serait au travail. Elle confirme. Je lui demande si quand elles mangent, il y a tout le monde avec elles, la belle- famille. Elle confirme. Je lui demande s'ils seraient beaucoup à la table et si serait plutôt le midi ou le soir. Elle dit qu'ils seraient beaucoup, le midi et le

soir, que c'est pareil. Je répète qu'elle avait dit qu'elle mange seule avec les filles. D'une façon un peu triste, elle dit : « Les filles et... tu sais, la maison... et les gens à la maison, c'est à dire. » Je lui demande si elle pense qu'il serait bien si c'était juste elle et les filles. Elle dit « Oui ! », emphatiquement. Je lui demande si cela serait mieux. Elle rit et confirme, en disant que j'avais compris. Je l'assure sur la confidentialité de ce qu'elle dit. Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 2

En ce moment, le téléphone sonne et Samira répond ; quelques 20 secondes plus tard elle reprend notre activité. Elle prend le tableau et rit. Je lui demande si l'image est bien et Samira rit de plus belle. Je lui demande qu'est-ce qu'elle voit et qu'est-ce que les personnages font. Après 40 seconds, elle dit, embarrassée et en hésitant beaucoup, qu'ils plaisantent « qui va passer de ce côté ou de ce côté ... ? ». Je lui demande s'ils jouent. Elle répond avec un « hum hum ». Elle semble très absorbée pour l'image. Elle dit : « Ou bien... euh... » et ne complète pas la phrase. Elle reste silencieuse pour 40 secondes. Je lui demande s'il s'agit d'une famille ou des amis ou s'il pourrait être quelqu'un d'autre. Elle souffle et dit qu'ils jouent entre eux... Elle semble être très embêtée par l'image. Je répète qu'ils jouent entre eux. Elle confirme et dit que ça serait un homme, et là, le fils de celle-ci. Elle me demande comment on appelle ces animaux-là. Je lui dis qu'ils sont des ours et je lui demande si c'était des hommes et des femmes. Elle montre l'ours qui est avec le petit et dit qu'il s'agit d'une femme ; l'autre ours serait un homme, et là, son fils. J'essaie de lui demander sur le fils et elle me coupe en disant que le fils est peut-être avec sa mère. Elle hésite et commence à dire qu'ils sont en train de jouer entre eux (Elle hésite à nouveau avant de dire le mot « jouer ». Je répète que le fils, il tient avec sa mère. Elle confirme avec un petit rire d'acquiescement. Elle dit que ça c'est tout ce qu'elle voit. Je lui demande comment elle trouve ça, si c'est bien, s'ils jouent bien. Elle répond « oui ! » Elle ajoute qu'ils jouent bien, c'est leur jeu. Elle répète qu'ils jouent. Après une petite hésitation, elle dit que c'est bien. Je lui demande sur le petit et elle répond qu'il reste juste avec sa mère et rit. Je lui demande si l'enfant est encore petit et elle répond : « Oui . Oui....oui ! Oui . Petit.» Je lui demande de quel côté il serait s'il était plus grand. Elle dit qu'elle ne sait pas, qu'il serait avec eux deux, avec le mari, à son travail, et avec sa (elle met accent sur le mot « sa ») mère, il la regarde faire... Elle ne complète pas la phrase et me demande si j'avais compris. Je confirme et je dis qu'il apprend un peu avec son père. Elle ajoute « et un peu avec sa mère ». Je lui demande qu'est-ce qu'il ferait avec sa mère. Elle répète, réflexive : « Qu'est-ce qu'il ferait avec elle... Quand il serait grand ou quand il serait petit ? » Je lui dis : « Quand il serait un peu petit... il reste chaque jour à la maison avec sa maman et quand il va à l'école... ». Elle continue : « Avec sa maman et son papa.... le papa, ma sœur, une fois il fait un tour avec, une fois avec elle... ». Je lui demande qu'est-ce que le petit fait quand il est avec sa maman. Elle répond qu'il lui enlève les tapis... il reste à ses côtés... (elle veut dire qu'il la soutient) » Je commente que la maman a beaucoup de choses à faire. Samira rit et dit « Oui » ; elle ajoute que là, il est encore

petit. Je dis que c'est un garçon, que quand il est petit, il reste avec sa mère. Elle confirme et je commence à lui demander comment seront les choses quand il grandira un peu. Elle répond qu'il doit être un peu avec sa mère et un peu avec son père. Je répète ce qu'elle avait dit avant, que le papa apprend un peu le travail, un peu la vie au petit. Samira dit : « C'est pas... quand il grandit, s'il n'étudie pas... ou alors il étudie ». Je lui dis que je comprends qu'elle parle que s'il étudie, il le fait à la maison. Elle répond : « Quand il étudie tout le temps, s'il étudie... ». Je lui dis que j'ai compris ce qu'elle voulait dire. Elle dit : « Oui, tu as compris, oui » et rit. Je lui demande comment ça serait s'il était une fille. Elle répond que ça serait pareil, que pour elle, les filles sont pareil que les garçons, que c'est la même chose. Elle ajoute que la mère s'occupe du fils comme de la fille, qu'elle n'a rien à dire. Elle me rend le tableau et je lui montre le prochain.

Tableau 3

En ce moment, il y a beaucoup de bruit issu de l'atelier. Samira parle en français : « C'est *le lion* ! ». Je lui demande comment ça serait s'ils étaient des êtres humains. Elle dit : « C'est un homme ! » Elle met accent sur le mot « homme » et rit. Je lui demande s'il est petit ou âgé. Elle répond qu'il est grand, que c'est le grand-père. Je lui demande pourquoi, a-t-il l'air comme ça. En montant avec le doigt, elle dit que c'est à cause de la barbe, des yeux un peu ridés et la pipe. Je lui montre la canne et elle exclame : « Oui ! Il a ça. La canne ! » Je lui demande pourquoi il a une canne et elle répond que c'est pour aller avec. Elle ajoute que la canne est aussi pour frapper avec et rit fort. Elle dit qu'elle pense que c'est le Papa quand il marche avec. Je lui demande s'il s'appuie dessus parce qu'il est vieux. Elle dit que non, que ce n'est pas ça, qu'il n'est pas vieux, qu'il marche avec comme ça (elle mime). Je lui demande s'il fait comme le *seigneur*, un roi. Elle dit « Oui ! » et rit. Je lui demande comment il a l'air, si gentil ou pas. Elle me coupe et dit qu'il a l'air difficile, sévère. Je lui demande qu'est-ce qu'il fait ou qu'est-ce qu'il peut être en train de faire. Elle répond qu'il est en train de réfléchir, qu'il réfléchit. Je lui demande s'il a beaucoup de soucis. Elle réfléchit intensément et confirme qu'il a des soucis. Je lui demande s'il est content, triste, soucieux. (Je reformule ma question de plusieurs manières en arabe, en français, mon accent est imparfait) Elle dit : « Oui !... triste, il est triiiste !... » Je lui montre la souris et lui demande qu'est-ce que c'est ça. Elle répond que c'est une petite souris, comme un petit rat. En ce moment il y a des bruits de marteau très forts. Je lui demande qu'est-ce que la souris fait. Avec la voix stressée, Samira dit que la souris se cache parce que peut-être elle a peur qu'il la chope. Je répète que la souris n'ose pas bouger, elle a peur que peut-être il l'attrape. Elle confirme et rit. Je lui demande si la souris a peur que le lion la mange, qu'il l'attrape. Elle confirme avec un rire plus discret, un peu retenu. Je lui demande si le lion fait peur ou s'il est juste comme ça, tranquille. Elle répète ma question et dit que non, qu'il n'a pas peur. Je lui demande s'il fait peur ou pas, si pour elle le lion est dangereux et lui fait peur ou s'il reste tranquille, car il ne bouge pas. Elle rit d'une façon un peu gênée et forte. Elle répond qu'il n'est pas tranquille, qu'il est songeur, un peu dangereux. Je lui demande comment elle dit en arabe d'une personne difficile. Elle dit :

«Difficile! Un peu, moyen. » Je lui demande s'il faut faire attention au lion et elle confirme. Je lui dit que, donc, elle ne peut pas savoir ce qu'il pourrait faire. Elle confirme. Je lui dis que quand elle le voit comme ça, une fois, il peut être gentil, une fois, difficile. Elle dit : « Oui. Oui, oui ! » Je lui demande qu'est-ce qu'ils font et elle répond que la souris va rester comme ça jusqu'à ce qu'il bouge et, après, sortir. Je lui dis que, alors, elle ne va pas bouger tant qu'il est là, parce qu'elle a peur. Elle confirme et rit. Elle me rend le tableau et je lui montre le quatrième.

Tableau 4

Elle regarde le tableau en silence pour 21 secondes ; sa voix est triste depuis tout à l'heure, en contraste avec les premières scènes). Elle dit que là, c'est la mère et là, le bébé. Elle parle d'une façon triste, comme une évidence. Elle dit que le petit kangourou sur le vélo c'est un garçon et l'autre, une petite fille. Je lui demande qu'est-ce qu'ils font. Elle continue à regarder l'image et dit qu'il y a un sac et un panier. Elle continue en disant qu'ils partent, qu'ils veulent partir à la campagne. Elle dit qu'ils mangent dehors, qu'ils ont emmenés de quoi manger. Elle reste en silence pour six seconds et je lui demande s'ils sont contents. Elle confirme et, avec un air nostalgique, ajoute « Bien sûr ! ». Elle continue en disant qu'ils sortent à l'extérieur, à la campagne, qu'ils se rassemblent. Elle ajoute : « Joie de l'air » et rit. Je lui dis que, donc, ils vont respirer un peu d'air frais, dehors. Elle confirme et dit que c'est parce qu'ils sortent de la maison. Je répète qu'ils sortent un peu et elle confirme avec un air de tristesse et de résignation. Elle reste en silence pour 15 secondes. Je lui demande lequel des personnages est bien, le petit sur sa bicyclette ou celui-là dans la poche de sa mère. Elle me coupe et dit « Celle-là, à pied ! ». Je lui demande de répéter et elle confirme que c'est du kangourou adulte, de la mère, qu'elle parle. Elle répète qu'elle va à pied, qu'elle va juste à pied. Elle montre le petit kangourou dans la poche et dit qu'il est un bébé. Je montre l'autre kangourou sur le vélo et je demande à Samira si ça plaît ou pas au petit d'aller à bicyclette ou s'il est jaloux. Elle me coupe et dit que non, que ça lui plaît la bicyclette. Ensuite, elle dit qu'il marche à pied, comme sa mère. Elle rit et ajoute qu'ils vont aller en automobile. Elle rit et dit qu'elle ne sait pas, qu'il va en bicyclette et elle va avec ses pieds. Je lui demande s'il va vite et si la mère se dépêche. Samira dit : « Non. Je veux rester à pied... enfin à côté de la bicyclette, à côté de lui, pour qu'il ne tombe pas ! » Je lui dis que j'ai compris. Je lui demande si elle aurait peur si elle était sa mère et elle confirme. Samira demande si je l'ai compris et je lui réponds que oui, que maintenant j'ai compris. Je lui demande si le petit aime la bicyclette et elle répond que peut-être il aime. Je lui demande s'il est jaloux, s'il voudrait être à la place du plus petit ou s'il aime être grand. Samira a du mal à comprendre ma question : elle répond simplement « Oui, oui ! ». Je reformule la question pour deux fois ; à la dernière je lui demande : « Est-ce qu'il aime être grand, aller en vélo, ou est-ce qu'il est jaloux parce que le bébé est avec sa maman ? ». Samira rit ; elle a l'air de trouver ma question ridicule. Je lui dis qu'il y a des enfants que, quand ils grandissent, ils deviennent jaloux. Alors, je lui demande qu'est-ce qu'elle pense que le petit kangourou sur le vélo ressent. Elle répond que ça lui plaît, à ses yeux, d'aller en bicyclette, qu'il est

comme ça (elle mime). Je lui demande si elle veut dire qu'il est fier et elle confirme. Je lui demande par rapport à la petite. Samira dit que, la petite, elle ne sait pas, qu'elle est encore petite. Je lui demande si la petite ne comprend rien et si ça lui plait, d'être là. Samira confirme et dit : « Bien sûr, elle est encore petite. » Je lui demande si elle a vu ce que la petite a dans les mains. Samira fait un petit rire et dit que la petite tient quelque chose, qu'elle a quelque chose. Samira s'interroge qu'est-ce que cet objet pourrait être et ensuite demande s'il s'agit d'un ballon, d'un jouet (elle parle ce dernier mot d'une façon péjorative). Je lui dis que chaque personne voit une chose différente et qu'elle devra raconter son histoire, parce que moi, je sais rien. On rit en ce moment. Je lui demande si elle a trouvé bien cette scène. Elle dit, avec un ton d'évidence : « Celle-là... la campagne, *tabia*, les arbres... oui. » Les bruits de l'atelier redoublent en ce moment. Elle me rend le tableau et je lui présente le dernier.

Tableau 8

Samira regarde le tableau et commence à dire que les personnages sont assis. Elle répète qu'ils sont assis et ajoute qu'ils sont assis avec leur maman. Je lui demande qui pourrait être le personnage qui a une fleur sur l'oreille. Comme elle a des difficultés pour s'exprimer en français, je lui dis qu'elle peut parler en arabe. J'élève la voix, parce qu'il y a du bruit. Je lui demande à nouveau de dire en arabe s'ils sont des êtres humains. Elle hésite un petit peu et affirme qu'ils sont des êtres humains, un homme et une femme (elle se réfère aux personnages qui sont sur le canapé). Je lui demande des autres personnages, mais Samira continue à parler de ceux qui sont sur le canapé. Elle dit : « Elle est en train de faire avec lui un peu ... ils parlent un peu. Ils... » Elle rit et je lui demande si ce qu'elle veut dire c'est qu'ils font un peu des cancons. Elle répond : « Oui ! Oui ! ». Elle essaye de dire de quoi ils parlent, mais elle hésite beaucoup en ce moment. Elle montre le singe qui est avec le petit et dit : « Cel-le-là... » et ne complète pas la phrase. Je lui demande si c'est une femme, une fille ou bien une dame. Elle répond que c'est une femme. Elle essaye de parler du petit ; elle dit qu'il s'agit d'un garçon, mais elle ne complète pas la phrase. Je lui demande qu'est-ce que la femme fait avec lui. En ce moment, Samira commence à parler très doucement, suavement, on l'entend à peine. Elle demande à soi-même si le singe adulte est la mère du petit. Ensuite, elle confirme que c'est sa mère et qu'elle est en train de jouer avec lui. Elle parle le verbe « jouer », mais elle le conjugue comme un verbe en arabe, ce qui fait une drôle de combinaison. Je lui demande qu'est-ce qu'elle lui parle. Samira répond qu'elle lui montre quelque chose (elle prononce le mot « montre » avec emphase). Elle continue en disant que la mère est en train d'apprendre quelque chose au petit. Je répète que la mère explique quelque chose au petit et Samira confirme. Je lui demande si la mère est gentille et Samira dit : « Ouh... comme... ses yeux... ça se voit. ». Elle continue en disant que la mère montre quelque chose au petit et qu'elle se fâche. Ensuite, elle me demande si je l'ai compris. Je confirme et je l'interroge sur le petit. Elle dit qu'il regarde (elle rit d'une façon un peu émue en ce moment ; sa voix vibre). Elle continue en disant que le petit regarde la mère. Je lui demande qu'est-ce que se passe entre eux. Samira rit et, très bas, ne parle qu'un « Bieeen ! » Je lui demande comment il a l'air. Elle répond qu'il

la regarde et il s'interroge comme 'Qu'est-ce qu'elle dit !'. Je lui demande si le petit écoute bien sa maman et Samira dit que oui. Je lui demande s'il est un bon garçon. Samira confirme et sa voix se fait plus claire, plus haute. Elle dit que le petit, une fois il déconne, une fois il est gentil et rit. Je l'interroge à nouveau par rapport aux personnages sur le canapé et elle dit qu'elle ne sait pas ce qu'ils font ou ne font pas. Elle parle très fort « Je ne sais pas ! » et rit. Je lui montre le cadre et elle dit que c'est une image, un cadre. Elle réfléchit et dit que c'est la mère et ensuite elle réfléchit et se corrige, en disant, très bas, que c'est le « grand, grand-père. » Je lui dis que, donc, c'est l'image du grand-père et là c'est la mère, le petit garçon. J'insiste sur les deux qui sont sur le canapé en disant s'ils pouvaient être des voisins, de l'oncle, la tante, la sœur, la grande sœur. Je lui demande quel lien ont-ils. En ce moment il y a beaucoup de bruits de l'atelier et aboiements ; notre conversation devient impossible pour environ 30 secondes. Après, elle dit, en détachant bien les syllabes, qu'ils sont en-train-de-travailler. Je lui rappelle que, par rapport à ceux qui sont sur le canapé, elle avait dit qu'ils disaient quelque chose, peut-être de pas bien. Samira confirme avec un triple « Oui. ». Elle dit qu'elle est en train de comprendre ce qu'ils disent. Les bruits de l'atelier montent en ce moment. Je lui demande qu'est-ce que paraît à elle et comment ça se passe dans la vie de tous les jours. Elle répond qu'ils sont en train de l'ouvrir sur elle. Je reprends qu'elle m'avait dit que, donc, dans l'image il y avait un homme, une femme. Elle confirme que le personnage assis sur le canapé avec une tasse est un homme et ce qu'il y a une fleur c'est une femme, et l'autre personnage adulte est une maman. Je lui demande si l'homme serait le mari de la maman. Elle répond que sûrement il serait le mari de la maman. Elle dit que peut-être c'est la famille de son mari. Elle dit que le singe qui est avec l'enfant c'est la maîtresse de la maison et les autres sont les invités. Je lui rappelle qu'elle avait dit qu'ils parlent un peu. Samira semble être très tendue en ce moment. Elle dit: « La femme, elle est assise là... je suis assise là, et... comme ça, ils parlent derrière moi, dans mon dos ». Je lui dis que donc, c'est une situation qui n'est pas sympathique. Elle dit que non et je lui demande si elle n'aime pas l'image. Elle dit que non et rit. Elle est toujours très tendue. Je lui demande si cette situation plaît à l'enfant ou s'il ne comprend pas ce que se passe. Elle dit qu'il y a des garçons qui comprennent et d'autres qui ne comprennent pas. Je lui demande qu'est-ce qu'elle pense par rapport à ce garçon du tableau. Samira se demande : « Quel âge il pourrait avoir ? Quatre ans...? Il ne doit pas comprendre... ». Je lui demande qu'est-ce qu'elle pense de cette situation où les gens viennent chez elle et parlent derrière son dos. Elle dit : « Si je les entends, je réagis. Si je les entends, je réagis. Ou ils ne parlent pas derrière moi, ou ils se taisent (elle parle plus fort), ça ne les regarde pas ! Ça ne les regarde pas ! (elle parle très vite). Si je les entends, je peux leur dire. Ils peuvent s'excuser, dire 'pardon'... la situation devient possible » Elle exhibe un rire franc. Je lui demande si c'est tout et elle dit que oui. Donc, on finit notre entretien.

Interprétation Samira

Le récit de cette jeune maman marocaine, bien qu'il soit peu adressé à sa relation directe avec sa petite fille aînée, montre une façon particulière d'éprouver la maternité. Celle-ci est colorée par ses

expériences vis-à-vis de la famille élargie, spécifiquement sa belle-famille, avec qui elle habite. Dans ce cadre, la localisation de l'atelier de son beau-père au rez-de-chaussée de la maison occupe une position très importante dans la façon dont elle vit ses expériences en tant que mère de ses enfants.

Le message central du récit de Samira peut être déjà entrevu dans les premiers moments du contact de Mme. Kirat-Leclercq avec elle et sa belle-famille : les difficultés pour avoir un espace d'intimité où cette maman puisse réfléchir toute seule sur ses liens avec ses enfants et, principalement, être elle-même dans cette relation. Ainsi, depuis le début, Mme. Kirat-Leclercq a du mal à faire le comité d'accueil féminin comprendre qu'elle doit être seule avec Samira. Cette demande ne semble pas avoir de sens pour les autres femmes de la maison, car le sujet de la conversation semble être d'abord anodin. Leur résistance à sortir de la pièce semble exprimer une certaine méfiance par rapport à ce que sera fait, si Mme. Kirat-Leclercq et Samira vont entreprendre une conversation où il y aura des secrets à être racontés et quand même des plaintes concernées à la belle-famille. Comme la demande de la privauté ne semble pas être habituelle dans la maison, elle déclenche dans les autres la curiosité, l'étonnement et la suspicion.

En dépit de l'insistance de Mme. Kirat-Leclercq, l'intimité obtenue n'est qu'apparente. La séance est interrompue par Malda, il y a des aboiements dans les pièces à côté et, principalement, le bruit constant issu de l'atelier du beau-père. Enfin, Mme. Kirat-Leclercq et Samira sont rappelées tout le temps qu'elles ne sont pas seules, que l'espace est partagé par les autres, même s'ils concrètement ne sont pas là. Au début, Samira semble éprouver cette expérience d'intimité avec une certaine ambivalence : si d'un côté elle la soulage et lui plaît, de l'autre, il y a une certaine culpabilité pour avoir ce privilège et pour pouvoir le profiter pour communiquer ce que ne va pas dans la maison. Elle semble éprouver une crainte de n'être pas loyale vis-à-vis des autres, dans une famille où les secrets ne devraient pas, *a priori*, exister. C'est tout au long de la conversation qu'elle sera capable de se laisser aller et d'exprimer la caractéristique envahissante et asphyxiante de ce genre de relation.

En ce sens, Samira montre comment elle conçoit le rapport entre les pôles de l'autonomie et de la pertinence. Toutefois, plus qu'une question de réflexion intellectuelle, ces deux axes font partie de sa personnalité et se dramatisent dans sa vie de tous les jours avec sa belle-famille et dans la façon dont elle éprouve la maternité. Les relations qu'elle établit entre eux sont très complexes et dépassent une simple opposition, même si au début de son récit c'est ce lien-là qui semble prévaloir.

Samira révèle que le fait d'habiter avec sa belle-famille lui pose beaucoup de contraintes. Sa sensation est d'être soumise à une vigilance constante qui l'opprime (voir récits aux tableaux 1, 3 et 8). Cette vigilance est opérée soit par son beau-père (tableau 3 et 8) soit par sa belle-mère (tableau 1), mais aussi par son mari (tableau 1), par la belle-sœur en chef, enfin, par toute sa belle-famille. Elle ne semble pas avoir aucun genre de pouvoir (en plus d'être une femme, la maison n'est pas à elle, son époux n'est pas le fils aîné et elle n'a pas de fils). Sous le regard de tous, sa position ne peut pas être d'autre que celle de l'obéissance. Enfin, pour elle, cette relation de pertinence étroite est marquée surtout par l'imposition de l'autorité et l'acceptation de ce qu'il est prescrit. De cette façon, les

échanges ne se donnent que d'une façon asymétrique, ce que la gêne beaucoup. Si elle est capable d'un certain éloignement de cette situation que lui permet une vision critique sur ce que se passe, la verbalisation de son mécontentement à autrui n'est pas évidente, car elle lui déclenche des sentiments d'infidélité et d'ingratitude. Elle ressent comme si elle parlait dans leurs dos. Cette sensation montre qu'en dépit d'avoir souligné surtout les contraintes qu'elle éprouve vis-à-vis de sa belle-famille, la relation n'est pas marquée seulement pour des sentiments négatifs. Il semble qu'il est exactement parce que cette sensation d'appartenir à ce groupe est déjà solide et assurée que Samira est capable d'exprimer ce que la dérange dans cette situation. L'oppression en étant la sensation dominante, surveillée par plusieurs représentants du surmoi 24 heures par jour, le seul refuge que cette jeune maman rencontre c'est dans sa relation avec ses filles.

Néanmoins, même dans ce petit refuge, les choses ne sont pas complètement données ou établies. L'enfant, indépendamment s'il est un garçon ou une fille, appartient à elle pendant qu'il est petit et quand elle est seule avec lui. En ce qui concerne l'âge, pendant la petite enfance, sans avoir une identité définie (tableaux 4 et 8) il n'est qu'à sa maman. Cependant, aussitôt qu'il grandisse un peu, elle doit le partager avec son mari, sauf s'il étudie. Dans ce dernier cas, elle pourra le garder plus de temps à la maison. En plus de sentir qu'elle perd ses enfants au fur et à mesure de leur croissance, la présence du père ou de n'importe quel autre membre de la belle-famille auprès d'elle, représentatif de l'autorité, gâche les plaisirs du contact avec eux, parce qu'il l'efface (tableau 1 : quand le père rentre en scène, Samira ne sait plus où elle la mère). C'est pourquoi le travail de l'autre est vu par elle comme un genre de soulagement, car il éloigne l'autre et la laisse seule pour éprouver les plaisirs de la maternité. En ce sens, Samira se moque un peu de l'orgueil masculine lié au travail (tableaux 1 et 8), vu que l'activité professionnelle de l'homme permet à elle d'exercer le pouvoir qu'elle conçoit comme le seul qui est vrai ou, au moins, le plus important : celui lié au foyer et à l'éducation des enfants.

L'éloignement concrète du père (ou du beau-père), tout en donnant à Samira l'illusion que son enfant n'appartient qu'à elle et vice-versa (tableau 2) et qu'ils peuvent entamer une relation de soutien mutuel, ne suffit pas pour qu'elle puisse profiter les plaisirs de la maternité comme elle voudrait, pour deux raisons. La première est que la vigilance concrète est remplacée par la symbolique (les bruits de l'atelier). La deuxième est que le pouvoir masculin est, dans ces circonstances, déplacé vers ses coadjuteurs féminins. De telle manière, au lieu d'établir un réseau d'appui et de solidarité réciproque, les femmes plus âgées ou avec un *statut* de supériorité dans la famille agissent comme les hommes. Les relations féminines sont, ainsi, éprouvées par Samira comme plus caractérisées par la rivalité et l'hostilité indirecte (tableau 8) que par l'entraide. D'où son sentiment de devoir toujours « marcher sur les œufs » devant sa belle-famille, quand elle s'occupe de ses enfants, car elle est toujours susceptible à la critique d'autrui.

Sans espace pour être soi-même, pour élever ses enfants et éprouver la maternité selon ses propres valeurs et convictions, loin des regards d'approbation ou désapprobation des autres, le vœu plus sincère de Samira est de pouvoir vivre dans sa propre maison, seule avec ses enfants (et avec son

mari). Là elle pourrait être la maîtresse, imposer sa façon de vivre et affronter qui que soit qui vienne la rapprocher (tableau 8). Libre pour avoir une vie plus spontanée, Samira deviendrait plus capable d'établir une relation plus g nue avec ses filles, ce qu'elle ressent que ce n'est pas possible au présent, d  l'appréhension causée par la vigilance qu'elle souffre. L'absence de liberté qu'elle ressent et que l'oblige à être tout le temps attentive aux remarques des autres, lui pose des difficultés pour offrir à ses filles un accueil plus personnel à leurs besoins et envies.¹⁷ La rencontre entre les créativités a, ainsi, du mal à s'établir. De sorte que le déménagement est vu par elle comme la condition pour qu'elle puisse vivre l'expérience du rencontre créatif avec ses filles, sans avoir besoin de faire attention tout le temps à la réalité extérieur à ce lien.

Cette autonomie lui permettrait de respirer, de prendre l'air et de survivre dans des meilleures conditions (dans son récit au tableau 4, elle dit que le personnage qui est bien est le kangourou adulte qui marche avec ses pieds). C'est pourquoi la question posée lors de son récit au tableau 4 si le petit kangourou sur le vélo est jaloux du bébé ne lui fait pas du sens. Pour elle, il est évident que la liberté et l'indépendance sont des valeurs pour lesquels  a vaut la peine de se battre ; renoncer à eux est, donc, ridicule.

Même si, dans sa conception, le déménagement de sa famille pour une autre maison pourrait être une solution pour vivre d'une façon plus spontanée, cela ne veut pas dire qu'elle souhaite rompre avec sa culture d'origine ou sa belle-famille. Samira veut simplement trouver un d enlace personnel pour réunir ses désirs d'autonomie et d'appartenance. De sorte que, pour elle, atteindre l'autonomie vis-à-vis de sa belle-famille ne signifie pas un rejet de l'appartenance ; au contraire cela serait une condition pour garder l'appartenance, mais vis-à-vis de ses enfants. En d'autres mots, dans son cas, l'autonomie est la condition de l'appartenance et de l'établissement des relations étroites. Un certain éloignement de sa belle-famille est, ainsi, nécessaire pour fonder une relation de continuité avec ses enfants. D'autres détails sut les récits de Samira au CAT-A sont décrits dans l'analyse de chaque tableau, présentée à suivre.

Tableau 1

La fluidité du récit de Samira à ce tableau est déjà perturbée par les coups de marteaux issus de l'atelier de son beau-père, dans un rappel de sa présence dans la maison, ça veut dire de la qualité relative de l'intimité obtenue par elle et Mme. Kirat-Leclercq. De sorte que, si au début de son récit Samira a commencé à décrire la situation comme rapportée à elle et à ses trois filles, ces bruits l'emmènent, ensuite, à inclure la présence de l'homme dans cette occasion du repas en famille. Sa position d'autorité reste clair (il est en bout de table) aussi bien que sa fierté d  son statut. Bien qu'elle se moque un peu de cet orgueil masculin, la présence de l'autorité est vue comme en g chant les

¹⁷ Cette besoin de faire attention tout le temps à la réalité extérieur, pour l'empêcher d'éprouver sa créativité dans sa plénitude semble être responsable pour une certaine ambivalence que Samira montre, dans son récit, à la question du jeu et du « jouer ». Ceux-ci sont, en même temps souhaités et méprisés.

plaisirs de la relation avec les enfants, car elle imprime une caractéristique de tension à la situation. De sorte que l'échange spontané entre mères et filles n'a pas beaucoup de place. La présence de l'homme pratiquement efface celle de la femme (elle dit qu'elle ne sait pas où elle la mère dans la figure). Pour qu'elle puisse prendre sa place, l'homme doit partir et sa sortie pour aller au travail apporte un genre de soulagement. Toutefois, Samira montre aussi que le départ de l'homme ne suffit pas pour rendre la relation plus détendue, car son autorité est remplacée par celle des femmes de la maison. De telle manière qu'à la place de constituer un refuge, le réseau féminin ne fait que soutenir la tension. Comme la présence de l'autre qui surveille et juge est constante (le midi et le soir), il n'y a pas de place par le relâchement. Ainsi, l'expérience de Samira est de vivre dans une constriction permanente, en éprouvant un sentiment d'invasion continue. Le seul refuge qu'elle rencontre serait être seule avec ses filles, dans une relation avec elles exemptée des interférences extérieures. Enfin, le message transmis par Samira tout au long de ses récits au CAT-A est déjà résumé dans la narration rapportée à ce tableau.

Tableau 2

En ayant s'appropriée de cette image (elle est très absorbée par la figure pendant sa présentation) Samira exprime nettement le jeu de forces entre elle et son mari par rapport aux enfants. Toutefois, le sentiment de culpabilité et la crainte d'être déloyale vis-à-vis de lui et des siens l'emmène à concevoir la situation comme un jeu. Cependant, la caractéristique de dissimulation présente dans cet essai ne passe pas inaperçue par elle. Ainsi, parler dans des termes du « comme si » pour exprimer une situation qui existe de fait (elle hésite avant de dire le mot « jouer » pour la deuxième fois) serait un double fausseté, car elle exprime une chose que devrait être cachée et, en même temps, elle insinue que le message n'est pas vrai. De sorte qu'elle trompe simultanément sa famille et la chercheuse. Le contenu de la communication rapporte à qui appartient l'enfant, au père ou à la mère. Si d'abord elle exprime qu'il est au père (elle dit que c'est un homme et son fils, même s'ils sont des côtés opposés de la corde), quelques secondes plus tard elle met accent que l'enfant apprend avec sa mère. C'est dans ce récit que Samira fait savoir que l'enfant appartient plus à elle quand il est petit. Toutefois, quand il grandit elle doit le partager avec le père, sauf s'il étudie et reste plus de temps à la maison. L'espace de l'homme est le travail et celui de la femme est le foyer, l'enfant ayant besoin de se déplacer entre eux. Ce partage n'est pas évident pour Samira, car l'enfant est vu par elle comme une source de soutien qui rend sa vie plus légère dans une ambiance peu hospitalier comme celui de sa maison. Donc, son éloignement est senti par elle comme une réduction des forces. Cela est le cas indépendamment s'il s'agit d'un garçon ou d'une fille. Toutefois, même petit, Samira ressent que l'enfant ne l'appartient pas complètement car, parfois, elle doit aussi le partager avec les autres femmes de la famille (elle raconte que sa sœur a fait un tour avec sa fille).

Tableau 3

L'autorité masculine est montrée dans ce récit comme définitive et omniprésente, attribuée, dans le foyer au beau-père de Samira, le lion qui rugit dans son atelier, en se laissant entendre pour tous dans la maison. Bien qu'âgée, cette figure est vue encore en pleine forme, souveraine en tout son splendeur (le sceptre). Elle a le pouvoir incontestable de commander et de punir ceux qui s'opposent à elle. Très sévère et stricte, elle ne laisse pas de place pour la négociation et inspire surtout la crainte et la peur de la part de ceux qui l'entourent. Empêchant l'spontanéité des autres, elle est vue comme passible de ruiner leur joie de vivre. Elle incarne les gens dû sa propre malheur. Devant cette figure du patriarcat, le sentiment de Samira est d'une intense oppression que la paralysie. La place qu'elle peut occuper est, ainsi, drastiquement réduite. L'opposition ne peut pas être exprimée et la plainte et le mécontentement sont également interdits, soit par la culpabilité qu'ils déclenchent, soit par la possibilité de punition. Coincée par cette figure intolérante, les mouvements de Samira dépendent de ceux qu'elle fait ou qu'elle permet. Autrement dit, Samira attend l'éloignement du patriarcat pour sortir de l'incarcération.

Tableau 4

Pour sortir des limitations imposées par la figure d'autorité, Samira exprime dans ce récit son désir de s'éloigner de la maison pour pouvoir gagner un peu d'autonomie et développer une relation plus proche et plus étroite avec ses enfants. Cet écart, qui lui permettrait d'échapper d'une condition asphyxiante et obtenir du soulagement, est vu par elle comme une condition essentielle pour éprouver la maternité d'une façon plus libre et plus gène et élever ses enfants conformément ses croyances et ses valeurs. De sorte que si l'autonomie plaît aux enfants, la sortie de la maison bénéficie surtout la mère. Dans cette circonstance, Samira serait capable de connaître ses conditions réelles en tant que personne (marcher avec ses propres pieds) et accompagner son enfant aînée dans la conquête de l'autonomie relative. En ce sens, elle serait toujours là, à son côté, cheminant selon le rythme de sa fille pour l'offrir de la protection et de la consolation devant les blessures inévitables de la vie. De sorte que la seule adaptation qu'elle devrait faire concernerait à son enfant (ce que lui plaît beaucoup), à la place des nombreuses concessions qu'elle se voit obligée de faire devant tous de sa belle-famille. La sensation d'apaisement que l'autonomie l'apporte emmène Samira à trouver insensé le désir de revenir à la dépendance. La liberté lui permettrait d'être elle-même, sans avoir besoin de jouer des rôles vis-à-vis des autres.¹⁸ Dans ce récit, Samira exprime aussi la vision particulière qu'elle a des enfants. À son avis, à la première enfance, l'enfant ne serait pas très différencié de la mère, donc pas susceptible de comprendre son environnement ; il est seulement à un âge postérieur qu'il sera capable de le faire.

¹⁸ C'est peut-être pour ça, dans une conception du jouer comme dissimulation que Samira parle du jouet du petit kangourou d'une façon péjorative.

Tableau 8

La nature de l'image et le bruit constant qui vient de l'atelier du patriarche réveille Samira du rêve de liberté qu'elle avait éprouvé dans son récit précédent. Son sentiment de culpabilité et de pouvoir n'être pas loyale vis-à-vis de sa famille lui posent des difficultés initiales dans son récit à ce tableau. De sorte qu'elle change beaucoup les identités des personnages jusqu'à sa décision finale qu'il s'agit d'elle-même avec son enfant et de la famille de son mari dans une réunion. Son désir est d'ignorer la présence des autres pour mieux profiter du contact avec son enfant (quand elle commence à parler de ce que la mère fait avec l'enfant, elle le fait doucement ; elle dit pour deux fois, et très fort, qu'elle ne sait pas ce que les deux personnages sur le canapé sont en train de faire ; elle dit, au milieu du récit qu'ils sont en train de travailler). Enfin, son désir est d'exclure l'interférence des autres de l'éducation de son enfant et de remplir complètement ses fonctions maternelles de refuge, d'éducation et d'imposition des limites (car le petit parfois est gentil et parfois déconne). De telle manière que la mère deviendrait la figure plus importante de la famille à la place du grand père (en méritant que son portrait soit au mur, au lieu de celui du grand-père). Seule avec son enfant, loin du regard des autres, elle pourra vivre passionnément sa relation avec eux. Dans ce but, le déménagement pour une autre maison est vu par elle comme une condition importante pour avoir la maîtrise sur soi-même, assumer et défendre ses valeurs et imposer du respect aux autres.

En synthèse, Samira est une maman qui, en ce moment, éprouve sa maternité d'une façon qu'elle considère comme pleine de contraintes, dû ses difficultés de s'imposer devant sa belle-famille, avec qui elle habite. Tout en se sentant opprimée à cause des mœurs culturelles et familiales du contexte où elle vit (quelques-unes déjà introjectées dans le *Self*), elle reste partagée entre son désir d'autonomie et sa loyauté à sa famille. Elle remarque que la façon dont elle éprouve sa maternité est fortement liée au regard des autres. Elle se sent, ainsi, prise, sans possibilités d'être la mère qu'elle voudrait être et d'éprouver tous les plaisirs de la maternité. De sorte que cette situation est vue par elle comme en lui volant beaucoup des joies de vivre. Ainsi, elle veut être libre pour vivre la maternité comme elle croit qu'il faut faire. Elle croit que le déménagement vers un endroit où elle sera libre des regards des autres et où elle pourra être seule avec ses enfants de temps en temps (quand le mari sera au travail) est essentiel pour qu'elle puisse être elle-même et se faire respecter pour les autres. Cela c'est la condition pour vivre une relation g nue avec ses enfants, sans besoin de se laisser influencer par des impositions d'autrui qu'elle trouve insensées.

Récit Malda

Ma conversation avec Malda a eu lieu juste après la fin de ma rencontre avec Samira, dans la même pièce de la maison. Elle vient jusqu'à moi, on se assied et je lui explique que j'irais lui montrer quelques tableaux avec des images de animaux et que je voudrais qu'elle raconte une histoire sur chacun d'eux. Elle comprend la démarche et on décide de commencer.

Tableau 1

Malda regarde le tableau et commence à associer immédiatement. « Beau ! Des oiseaux. [Oui, des oiseaux, d'accord. Petits...ou bien grands?] Le petit c'est celui-là. [Qu'est-ce qu'ils font?] Ils mangent. [Ils mangent. Ils sont petits ou bien grands?] Ces deux- là, ils sont petits (le oiseau grand est celui qui a une cuillère). [Est-ce qu'ils sont des frères et sœurs, des voisins ou...] C'est sa sœur. [Ils mangent. La nourriture leur plaît ou non ?] Leur plaît. [Leur plaît. Ça a l'air bon. Ils aiment. Regarde, ils sont contents... ou ils font des bêtises... qu'est-ce qu'ils font ?] Ils n'en font pas! (des bêtises). [Ils mangent. D'accord. Leur maman est là ou elle n'est pas là ?] Pas là. [Leur maman n'est pas là, ils mangent...] (Elle me coupe) La voilà! [Qu'est-ce qu'elle fait là?] Elle les regarde. [Elle les regarde. Et qui leur a préparé à manger ? Qui a fait cuire le repas ?] La poule. La poule. Mais... comme... s'il y avait ta mère, toi, la sœur... ou bien...] Ma sœur [Ta sœur. Ta petite sœur?] Ma petite sœur. [Et toi, si tu y étais, tu serais où?] (Elle montre, en tapant sur la table, le poussin qui a une serviette) [Là, avec la serviette.... Et celle-là, c'est Rachida ?] Elle confirme avec la tête. [Et maman vous a amené à manger] Oui. [Vous êtes contents ? Et qui c'est là?] Ma sœur. [Ta sœur. Comment s'appelle-t-elle ?] Aïda [Aïda c'est beau... Elle s'assoit avec vous à table ?] Elle est encore petite [Tu aimes manger à table comme ça, avec tes sœurs ?] (Elle signe que oui avec un hochement de tête) ». Elle me rend le tableau et je lui présente le prochain.

Tableau 2

Malda regarde le tableau et commence à associer tout de suite. « Ils tirent sur la corde. [Là, c'est qui ? Pourquoi ils tirent sur la corde ?] Ils se battent, disputent, pour ! [Ils se disputent pour la corde. Bon ! Et c'est qui là ? Ce petit, qu'est-ce qu'il fait ?] Lui aussi il le fait! [Oui. Il tire avec celui-ci. C'est qui celui-ci ? Un garçon ou une fille ?] Un garçon ! [Oui... celui-là, c'est un garçon et lui, c'est qui alors ?] La mère ! (La mère est le personnage à côté du petit). [Sa maman ! Et celui-là ?] Un homme ! [Un homme. Mais qui ? Un voisin, son oncle paternel, son oncle maternel, ou bien ... son papa...] (Elle parle d'une voix sucrée) Son papa. [Ah, son papa ! Et lui, il tire avec sa maman. Pourquoi ?] Pourquoi ? Hein ? [Pourquoi il ne tire pas avec son papa et tire avec sa maman?] Ils jouent. [Bon, ça va.... Il est comment, son papa ?] Costaud, épais. [Costaud, il est grand. Et sa maman, elle a l'air comment ?] Un petit peu... [Un petit peu quoi ?] Elle est un petit peu en bonne santé. [Un petit peu en bonne santé. Un peu fatiguée, malade ? C'est ça que tu veux me dire?] Hum ! (Elle confirme) [Elle n'a pas beaucoup de force. Et qui va gagner ? Qui va l'emporter ?] (Sans hésiter, elle frappe du côté gauche, de l'ours qui est seul) Celui-là! [Celui-là! L'homme. Même si le fils aide sa maman, c'est lui qui va gagner parce qu'il a beaucoup de force.] Hum (Elle confirme.) [Elle te plaît cette image ? Elle est belle ?] Oui. Belle. [Belle, elle te plaît. Et celle-là?] (Je reprends le premier tableau) Un peu. [Pourquoi ? Ils n'aiment pas manger seuls ou...] Oui. [Tu veux dire qu'ils aiment que leur maman soit avec eux?] (Elle signe que oui.) [Tu veux dire autre chose ? Celui-là, le petit, il aime jouer à la corde ou pas ?] Oui. [Et elle?] (Elle signe que non) [Non. Elle n'aime pas. Pourquoi ?] Je ne sais pas! [Est-

ce qu'elle est fatiguée ou elle a du travail...Elle n'aime pas jouer, ou elle aime mais elle est fatiguée... Ou elle n'a pas le temps ?] (Elle signe la dernière option) [Elle n'a pas le temps... Et lui ?] (Elle signe non, que le papa n'aime pas jouer non plus). Elle me rend le tableau et je lui montre le troisième.

Tableau 3

[Qui est-ce ?] « Hum...je ne sais pas comment ça s'appelle? [D'accord. C'est le lion. Mais, il serait un homme, une femme, petit, grand...gentil, difficile?] Il serait grand ! Il serait grand. [Un peu ? Beaucoup ?] Un peu grand, âgé. [Un homme ? Une femme ?] Un homme! [Gentil ? Ou difficile méchant ?] Dayf. [Gentil ou bien un peu méchant ?] Un peu ! [Un peu.... qu'est-ce qu'il fait là?] Il est assis ! [Pourquoi il est assis comme ça ? Il ne fait rien ?] Non, il fait rien. [Pourquoi il fait comme ça ?] (Je mime la position du lion.) Il fait comme ça, il tient son menton avec la main. Il fatigue ! [Fatigué, un peu âgé... Pourquoi il est fatigué ? Il a beaucoup travaillé ? Ou bien il a des problèmes ou bien il est malade ...] Malade! [Hum hum...un peu malade. Malade de quoi ? Qu'est-ce qu'il a ?] Lui, il a du sucre [Hein ?] Lui, il a du sucre. [Ah... il a du diabète. Pourquoi ? Peut-être qu'il mange beaucoup ?] (Elle signe oui) Il est un peu gros, épais. [Il est un peu gros. Hum hum. Il ne bouge pas beaucoup. Il reste assis. Et ça, c'est quoi ?] La canne. [Et pourquoi il lui faut une canne? Il ne sait pas marcher normalement?] Non. [Pourquoi ?] Parce qu'il est malade, il est malade ! [Il est malade.] De ses pieds... [Il a mal aux pieds. Et là ? Qu'est-ce que c'est ?] La pipe [Il fume? Il est beau... gentil ? Ou bien ...] Un peu. [Tu as peur ou tu n'as pas peur?] J'ai peur (Elle parle très doucement). [Tu as peur. Hum! Et regarde là ? Ça... là. Qu'est-ce que tu vois ?] Qu'est-ce que c'est... [Oui, qu'est-ce que c'est?] Il a peur (rires). [Qu'est-ce que c'est ?] Un chat. [Un chat, si tu veux. Et ce chat ? Qu'est-ce qu'il fait? (je lui montre le lion). Il est assis malade...] L'argent. [Hum?] Il veut de l'argent. [Il a peur ou pas?] Il a peur (elle parle de la souris). [Peur... de lui ?] De celui- là. [Qu'est-ce qu'il va faire s'il sort ?] Il a peur qu'il le frappe. [il a peur qu'il le frappe avec quoi?] (Elle parle très vite) Il le frappe avec ça (la canne). [Et il attend pour sortir... il attend pour partir ...] Quand il sort, celui-là, lui... lui, il se sauve. [Il se sauve. Qu'est-ce qu'il va faire quand il va se sauver ?] Il veut partir ! [Il veut partir pour faire quoi ? Jouer... ? Aller à l'école? (rire)] Il... il fera rien. [Il fait rien... hum. Pourquoi ? Ce serait garçon, une fille?] Un garçon ! [Un garçon. Qu'est-ce qu'il veut faire s'il sort?] Il va jouer. [Il joue. Au ballon ? Ou alors, il veut regarder la télé?] Regarder la télé. [Et lui (le lion), il n'aime pas ou il accepte?] Il aime ! [Il aime regarder la télé lui aussi... et il laisse celui-là regarder la télé ou alors il n'accepte pas?] Il n'accepte pas. [Il n'accepte pas. Pourquoi ?] (Très tranché, un peu espiègle) Comme ça. [Hum. (rire). Comme ça. Lui, il veut regarder les dessins animés, et lui (le lion), il n'aime pas les dessins animés... qu'est-ce qu'il aime, celui-là?] Il n'aime que rester assis ! [Il n'aime que rester assis... il aime ne rien faire. Et lui, il est gentil?] (Elle parle avec une petite voix) Oui. Il est gentil... [Il aime jouer au ballon, et l'autre, il le laisse pas. Il est difficile celui-là, hein?, Mais il est gentil ou pas gentil ?] (Étonnée) Celui-là ? (elle montre le lion) (emphase) Un peu ! [Ok]. Elle me rend le tableau et je lui montre le quatrième.

Tableau 4

Elle commence à associer tout de suite. «Hum... celui-là, il reste là. Et celui-là, il est monté... (Elle tapote l'image) à bicyclette. [Il est à bicyclette. Ah.... Et celui-là, c'est un bébé ? C'est un petit bébé... ?] Hum! (Elle confirme) [C'est une fille ou un garçon?] Un garçon. [Et là?] (Elle parle d'une façon déterminée) Un garçon ! [Ces sont deux garçons ? Et... qui a de la chance ? Celui qui est dans la poche, ou celui qui fait de la bicyclette?] (Elle dit sans hésiter) Celui qui fait de la bicyclette. [Il a de la chance, il est grand lui...] Hum hum. [Et là?] (Elle soupire) Ça... celle-là, la mère ! Elle emmène des choses à la maison.... dans ça (le panier)... et ils rentrent à la maison... [Qu'est-ce qu'ils ramènent?] Des pommes de terre! [Ils ramènent des pommes de terre. Et ils vont à la maison... qu'est-ce qu'ils vont faire à la maison?] Ils vont les mettre dans la marmite. [Elle va préparer le repas.] Oui. [Et eux, ils vont aller avec elle.] Ouui ! [Pour sortir un peu ... ?] Ils sont allés au marché. [Est-ce qu'ils aiment aller au marché ou pas? Ça leur plaît d'aller avec leur maman?] Hum hum. [Ils aiment y aller ou pas? Ça leur plaît?] Ben ! (elle hésite) [C'est bien quand ils vont au marché avec leur maman?] (Hochement de tête affirmatif) [Ça leur plaît. Hum hum... Lui, qu'est-ce qu'il fait?] Lui aussi, il pédale... [Lui, il fait de la bicyclette ; et elle porte le gamin et les pommes de terre. Et elle, pourquoi elle tient son chapeau ?] Pour qu'il ne lui tombe pas, ne pas le perdre. [Et pourquoi il tomberait ? Est-ce qu'il y a du vent ? Ou bien... elle va doucement...] Elle est en train de courir ! [Elle court pour préparer le repas ? Et... qui attend pour manger ?] Celui-là et celui-là. [Et à la maison, il y a quelqu'un qui attend pour manger?] Il y en a, oui. [À la maison, qui est en train d'attendre?] Le père ! [Le père, il attend pour manger. Et lui, qu'est-ce qu'il fait?] Il... celui-là... il est en train de jouer au ballon, celui-là (elle rit en parlant). [Il joue au ballon celui-là...] Hum hum ! [La maman... court pour ramener des pommes de terre et faire la cuisine et eux, ils jouent...] Hum. [Lui, il fait du vélo...] Hum. [Lui, il joue au ballon] Hum. [Et elle, elle a un chapeau...] Hum. [Alors ? Il est beau le chapeau ou non?] Un beau chapeau. [Elle est belle ou elle n'est pas belle?] Celle-là ? (Elle tape sur le tableau) [Oui ; elle est belle on non?] Elle est pas belle. [(rire) C'est un kangourou ! Tu sais ce que c'est un kangourou ? L'animal...] L'animal. [Parce que les kangourous courent vite.] Il y a de l'argent ! [Hein?] Là, il y a de l'argent. [Il y a de l'argent dans son sac.] Hum. [Ça lui plaît à elle de sortir acheter de quoi préparer à manger?] Oui. [C'est bien, elle sort avec ses enfants...] (Dans un souffle) Oui. [Tu l'aimes, cette image ? Elle t'a plu ? Elle est belle?] (Elle acquiesce) [Et la maman qui porte le chapeau, elle n'est pas belle?] Si, elle est belle ! [Elle est belle. Elle s'est faite élégante avec son chapeau, n'est-ce pas?] Oui. [Et là ? Tu vois quoi?] Des arbres. [Pourquoi il y a des arbres ?] Des nuages ! [Hum hum... C'est une belle ville, il y a des arbres... ils sont allés au souk et...] En fait oui ! [Ils rentrent à la maison.] Hum hum. [C'est bien la maison?] Huum ! [Il y a leur maison, regarde bien...] La maison ! Hum ! [Elle est belle, la maison?] Hum ! [Tu veux rajouter quelque chose ou bien ça suffit?] Continuer! Je veux continuer ! [Tu veux ajouter quelque chose sur celle-là...Elle t'a plu.] Il y a, ici, des nuages. (Bien martelé ; elle tape sur le carton pour me montrer) [C'est quoi?] Des nuages. [Des

nuages...] Des nuages. [Il n'y a pas beaucoup de soleil... un peu?] Un peu. [Elle est belle, cette journée...] Hum. Elle me rend le tableau et je lui montre le dernier.

Tableau 5

[Elle est belle, celle-là ? Dis-moi ce qu'ils font...] (Elle me coupe en riant) « Ils sont assis là-dessus, eux là. (Elle tape pour montrer, amusée) Et lui, il parle à lui. (Elle tapote encore) [Et ça c'est qui ? Et là?] Le père ! [Là c'est le père. Il parle à qui?] À son fils ! [Qu'est-ce qu'il lui dit?] (Elle parle très bas) Je ne sais pas. [Il est content ou bien non ? Pourquoi il fait comme ça?] (Je montre le doigt levé). (Elle me coupe) Il a fait des bêtises... il le dispute. [Il le dispute.] Une autre fois, ne recommence pas à faire des bêtises ! (Elle parle d'une façon très réjouie) [Ne recommence pas ou bien...? Si tu recommences, qu'est-ce que je fais?] (Elle rit) [Si tu recommences ...] Je te frappe ! [Et lui, qu'est-ce qu'il fait?] Il ? [Il écoute ? Il écoute bien ? Ou alors?] Il écoute un peu. Il écoute un peu...il tourne un peu autour... comment dire ? Il va recommencer à faire des bêtises ou il ne recommence pas?] Il recommence pas ! [Il ne va pas recommencer. Il a peur ? Il a un peu peur de son papa ?] Oui. [Es-t-ce qu'il est gentil ou sévère?] Qui ? [Son papa?] Un peu ! (Elle parle avec emphase). [Et ceux-là, qui sont-ils?] Mari et femme. [Mari et femme. Ils sont dans leur maison ? Ou invités?] Invités ! [Et eux ? Ils sont chez eux?] Hum. [Lui, il est un peu fâché avec son fils...] Pour pas qu'il recommence. [Pour qu'il recommence pas. Et eux? Qu'est-ce qu'ils font?] Ils sont en train de parler. (Elle s'agite) [Ils parlent. Ils parlent de quoi ? Dis ce que tu veux ? C'est ton histoire. Ça, c'est un homme ou bien une femme ?] Une femme ! [Et là ?] Un homme ! (Elle se rapporte aux deux singes qui sont sur le canapé). [Et eux deux, ils parlent... ils boivent le café...] Oui. Le café. [Ils disent quelque chose de bien ou quelque chose qui n'est pas bien?] Quelque chose de bien. [Quelque chose de bien. Quoi ? Je ne sais pas ...] (Elle parle vite) Ils disent ces gens-là sont bien. [Ils sont bien... tu vois, ce garçon, quand il fait une bêtise, alors, il a son père, il lui dit 'ne recommences pas'. Est-ce que l'enfant est bien élevé ? Gentil?] Hum hum. [D'accord. Ils disent : son fils est gentil.] Ils disent : son fils est gentil. [Et que boivent-ils?] Du café, les deux. [Est-ce qu'ils sont contents ou ils ne sont pas contents?] Euh... [Ça leur a plu le café ? La maison?] Ils ne leur ont servi que du café noir ! [Ah oui ! Ils veulent autre chose que du café... Que veulent-ils?] Ils veulent de gâteaux ! (Sa voix descend à la fin du mot) [Ah, ils ne leur ont amené que du café et pas de gâteaux ?] Hum ! ['Ils ne nous ont pas servi de gâteaux...ils nous ont oubliés.'] Oui. [Et là, c'est qui alors?] (Je montre le cadre) Une image. [Une image de quoi?] De... de celui-là ! (Elle montre en tapotant le personnage qui représente le père). [La photo du papa !] Hum hum. [Et sa maman...où elle pourrait être ?] Elle n'est pas là leur maman ! [Où est-elle ?] Elle est dans la cuisine (Ça l'amuse). [Qu'est-ce qu'elle fait dans la cuisine?] (Elle parle fort) Elle leur fait... (Sa voix monte) du café et des gâteaux. [Des gâteaux... et... ça lui plaît de préparer des gâteaux et tout ça ..?] (Elle hoche de la tête en faisant un bruit avec sa bouche, signe d'une évidence) [Et quoi d'autre?... la maman du petit, la maîtresse de maison... elle leur a amené le café, elle est dans la cuisine. Qu'est-ce qu'elle y fait ?] Elle leur prépare à souper... [Elle leur prépare à

souper...] Ils ont fini le café. [Oui, ils ont bu le café, et ils vont souper.] Hum ! [Elle est bien.] Oui. » Elle me rend le tableau. Je le prends, je la remercie pour m'avoir aidée et on finit l'entretien.

Interprétation Malda

Le récit de Malda montre qu'elle est une petite fille très fière de sa croissance et de l'autonomie qu'elle est en train d'acquérir petit à petit. En ce que concerne l'évolution pulsionnelle, elle peut être située dans la période de latence et, dans des termes du développement du *Self*, dans l'étape de dépendance relative. L'ensemble de ses récits au CAT-A montre que le souci principal qu'elle présente en ce moment de sa vie rapporte à la recherche d'une appropriation individuelle des objets de la réalité extérieure, en les attribuant une signification personnelle. Ainsi, elle cherche à établir avec le monde une relation où la poésie puisse avoir lieu. En ce contexte, la question du jeu et comment il est reçu et accepté par les gens de sa famille et, plus spécifiquement, la façon dont ils expriment leurs propres créativité occupent une place essentielle.

Malda conçoit sa relation familiale comme fondamentalement bonne et voit sa mère comme capable de remplir ses besoins basiques. Ce que la mère lui offre est bien accepté et les introjections proposées sont accueillies par elle sans opposition (tableau 1). Néanmoins, à côté de ces bons sentiments, elle éprouve aussi la sensation de qu'il y a quelque chose qui manque. Il lui semble que sa mère, pour des raisons qu'elle essaye de comprendre (absence de temps, maladie, fatigue ou même inadvertance) n'est pas toujours entièrement présente en tant que personne face à elle. Son sentiment est que, quelques fois, la génitrice manque en « originalité », en « créativité » vis-à-vis d'elle et des autres (dans le récit au tableau 8 la mère ne sert que du café noir aux invités). Cette situation entraînerait, en ces moments, une adaptation plus « normalisée » de la mère aux besoins de la petite fille. Enfin, la poésie que Malda cherche pour remplir l'espace qu'elle a découvert exister entre soi-même et la mère, n'est pas toujours présente dans la vie de celle-ci. De sorte que la rencontre entre les créativité des deux, même si elle existe, elle n'arrive pas dans la dimension et constance que Malda aimerait (dans le tableau 2, bien que les parents jouent avec l'enfant, il n'est que celui-ci qui aime cette activité). La mère semble présenter une perspective plus objective face à la vie, plus pragmatique ; cette perspective réduit ses possibilités d'aider la fille à maîtriser l'espace du « comme si ».

Si Malda se plaint un peu de l'absence de la mère (elle dit qu'elle n'a pas beaucoup aimé le tableau 1 parce que la mère n'est pas dans la scène), cela n'arrive pas à cause d'une nostalgie de la relation fusionnelle antérieure (elle dit, dans son récit au tableau 4, que le petit kangourou plus chanceux est celui sur le vélo). Cette demande (et désolation) se pose parce qu'elle a besoin de la présence de la mère pour pouvoir apprendre à vivre sans elle, pour y arriver aux conquêtes de la dépendance relative. Cette rencontre permettrait à elles de travailler dans l'espace vide entre les deux, un espace que, grâce à sa caractéristique d'être ambigu, nébuleux, nuageux (tableau 4) rend tout (ou presque tout) possible. Cependant, pour y arriver, elle a besoin d'être assurée qu'elle est quelqu'un de

spécial par sa mère ; à partir du moment où ce sentiment sera garanti, il lui sera beaucoup plus facile de vivre les moments d'absence et de faillibilité de la génitrice.

Même si, du point de vue de Malda, l'aide offerte par la mère pour qu'elle puisse maîtriser l'espace transitionnel ne la suffit pas, elle ne peut pas compter non plus avec son père et son grand-père dans cette tâche. En effet, face à ce dernier les difficultés s'aiguisent, ce que provoque un effet très particulier sur les relations que la petite fille entreprend avec cette autorité de la famille (tableau 3). Même si elles appartiennent à la même famille (à la place de la souris, Malda voit un chat à côté du lion) la communication amoureuse g nue n'a presque pas de place. Au contraire, il y a un abîme entre les deux, qui n'est pas absolu seulement parce qu'ils établissent une relation de persécution (la distorsion perceptive de Malda de la souris qui se transforme en chat témoigne aussi l'association qu'elle a fait de la relation que ces deux animaux entretiennent). De la partie de l'autorité, il n'y a aucun dynamisme (elle réitère que le lion ne fait rien et n'aime que rester assis ; elle dit qu'il a du mal aux pieds) et, devant le plus petit mouvement spontané de l'enfant, la réaction de l'autorité est également de l'immobiliser. Enfin, selon Malda, la générosité est quelque chose d'étrange à la figure de l'autorité. D'un égoïsme peu compréhensible, cette figure ne partage rien (elle ne permet pas que l'enfant regarde la télé avec elle) et veut tout accumuler (la nourriture _ car il mange trop ; l'argent et la douceur). C'est ici que Malda montre que la douceur est une chose à partager ; si elle est gardée, elle rend la personne malade (le diabète) et, paradoxalement, amère.

  l'occasion de la passation du CAT-A, la recherche de Malda pour élaborer l'espace transitionnel semble être aboutie (au moins jusqu'à certain point) par moyen de la relation transférentielle qu'elle a établie avec Mme. Kirat. Encore que la capacité de jouer le « comme si » ait été présente depuis le début de l'entretien, c'était dans le récit au tableau 4 que Malda s'est rendue compte de que l'écho qu'elle cherchait pour sa créativité a pu être rencontré dans sa relation avec la psychologue¹⁹. Ainsi, la vision objective que Malda a essayé de montrer devant le kangourou adulte représenté dans le tableau (elle a dit que le personnage n'était pas beau) a été mise en question par l'intervention de Mme. Kirat. Celle-ci, en lui disant qu'elles ne parlaient pas d'un vrai kangourou, mais d'une représentation de la mère (le « comme si ») a fait changer l'attitude de Malda vis-à-vis du matériel. Ainsi, d'un coup, la figure qu'elle avait trouvée laide est devenue belle. Ce moment a été suivi de l'observation de que la mère avait de l'argent dans son panier et qu'il avait des nuages dans l'image, à savoir deux éléments fluides qui n'ont pas de valeur en eux-mêmes mais en fonction de ce qu'ils peuvent devenir. Ces deux constatations qui ont composé le moment plus dramatique de l'entretien (pour la première fois, elle a insisté qu'elle voulait continuer à parler de l'image), semblent avoir ouverte un champ énorme de possibilités significatives à la petite fille. Ainsi, le monde objectif a laissé d'être un endroit impersonnel, fade ou amer pour devenir tout ce qu'elle voulait, par moyen du

¹⁹ Ce processus a exigé un échange temporaire de rôles entre l'enfant et la psychologue, où le premier a joué le rôle adulte de mettre accent sur l'objectivité des faits, tandis que la dernière a pris la place de l'enfant plein d'imagination.

pouvoir du jeu et de la symbolisation ; enfin, le monde a pris un sens personnel et spécial pour elle. C'était ici où Malda s'est aperçue qu'elle pouvait vraiment jouer avec le matériel du CAT-A.

Depuis cet instant, où le jeu dans l'espace ambigu de la transitionnalité a été assuré et la valeur de la symbolisation a été garantie et reconnue, Malda est devenue plus engagée avec l'activité et a pu quand même s'amuser avec la complicité de Mme. Kirat qui a joué avec elle. De telle manière que, dans son récit au tableau 8, la figure d'autorité paternelle, même si toujours sévère, est devenue plus bienveillante vis-à-vis de l'enfant, comme un guide qui l'offre des limites dans lesquels la créativité du « comme si » pourra être exprimée. En circonscrivant ce qui est acceptable ou pas selon la culture et les mœurs familiales, la figure de l'autorité contournerait l'omnipotence du « comme si ». Quand même, cela n'entraînerait pas une obéissance aveugle de l'enfant, qui garderait toujours l'espace pour la découverte du nouveau proportionnée par sa créativité (l'enfant écoute le père, mais seulement un peu). En outre, Malda observe que, même si la mère n'est pas parfaite (elle n'est pas très attentive aux règles d'hospitalité) elle dispose des ressources dont la fille a besoin (devant les plaintes des invités, elle a commencé à leur préparer les gâteaux). Cette constatation semble avoir rendu Malda plus confiante dans la capacité de la génitrice l'aider dans son entreprise de construire un regard plus personnel, plus coloré et plus doux sur le monde, de sorte à le rendre un endroit où il vaut la peine vivre. Autrement dit, ce que cette charmante petite fille cherche est vivre dans un monde où les gens soient solidaires, généreux, doux, attentifs aux besoins les uns des autres et, surtout, pleins d'imagination. D'autres détails du récit de Malda sont présentés dans l'analyse de chaque tableau à suivre.

Tableau 1

Dans ce premier récit Malda montre la qualité plutôt positive de sa relation avec la mère et avec ses sœurs. La capacité de symbolisation est en marche et, ainsi, elle est capable d'associer la mère à sa fonction nourricière. De sorte que, même si la génitrice n'est pas toujours personnellement dans la situation, sa présence symbolique est certaine. La relation se déroule dans des termes de la dépendance relative et les éléments offerts par la mère pour être introjectés sont acceptés par la petite fille sans opposition. Le lien avec la mère n'est plus de proximité étroite, mais de surveillance à distance, situation que Malda accepte, mais que la gêne un peu (à l'intervention de la psychologue, elle confirme qu'elle préférerait que la mère était à table avec elle et ses sœurs). En ce que concerne à celles-ci, Malda se situe bien comme l'aînée vis-à-vis de ses deux sœurs. L'union fraternelle prévaut (elle inclut quand même sa petite sœur dans la situation, même si elle est encore un bébé que ne s'assoit pas à table) ; il n'y a pas aucune mention à des sentiments de rivalité ou compétition. Enfin, si la situation n'est pas parfaite à cause de la relation moins proche avec la mère, Malda se sent très à l'aise par rapport à sa position dans la fratrie et à ses liens fraternels.

Tableau 2

Dans ce récit, bien que Malda fasse allusion aux conflits et désaccords parentaux et à la plus grande autorité et force de la partie du père en comparaison à la mère et à soi-même, le message principal qu'elle transmet semble être la qualité de la situation comme un jeu, une situation « comme si ». De sorte que devant les essais de Mme. Kirat pour investiguer les raisons de Malda pour soutenir la mère au lieu du père, la petite répond simplement « Ils jouent ». En plus, même dans la situation de dispute décrite, elle ne voit pas le père vraiment comme un antagoniste, mais comme quelqu'un qu'elle aime bien (elle parle avec une voix sucrée que l'ours seul est son papa). L'autorité et la supériorité physique masculine ne sont pas d'objets de son intérêt en ce moment du récit. Bref, les questions œdipiennes, bien que présentes dans son récit quittent la scène en faveur du problème du jeu avec les parents. Dans ce cadre, même si elle aime bien jouer avec eux, ces occasions semblent être rares, car le couple ne s'intéresse pas beaucoup par cette activité, ce qui suggère une attitude plus pragmatique d'eux face au monde et un éloignement de leur condition infantile.

Tableau 3

Si dans le récit précédent Malda a esquissé le message que la relation d'union créative avec ses parents (et le monde) dans l'aire du jeu n'arrive pas toujours ou, à moins, dans la fréquence qu'elle aimerait, dans la narration présente elle montre que ce problème s'aiguise devant ses relations avec l'autorité. Une fois de plus la puissance est attribuée à l'homme (dans ce cas à la figure du grand-père), mais cela n'est pas mis en question pour elle, qui accepte ce fait comme naturel. Il y a une distance pratiquement infranchissable entre elle et cette figure ; même si elles appartiennent à la même famille, celle-ci ne la protège pas mais, au contraire, la poursuit et ne la laisse pas s'approcher. La figure d'autorité est, ainsi, vue comme incapable de partager ses ressources avec qui que soit, tout en interdisant l'accès de l'autre à soi-même. Toutefois, cette abondance accumulée et pas répartie ne lui fournit pas la sérénité et le repos, mais la maladie, l'amertume et la solitude. De telle manière qu'elle devient de plus en plus figée et antisociale, en risquant aussi d'immobiliser ceux qui font partie de son entourage.

Tableau 4

Si la narration antérieure Malda a montré que l'impossibilité du partage conduit à la paralysie, à la léthargie et à la maladie (dépression), face au tableau 4 elle redécouvre la magie de la rencontre qui rend le monde un endroit plein d'enchantements. Cette jolie surprise est arrivée lors de la relation transférentielle qu'elle a établi avec la psychologue, occasion où celle-ci a pu lui montrer la caractéristique prodigieuse et miraculeuse de la symbolisation, que, comme la baguette magique d'une fée marraine, peut transformer les objets dans d'autres. Dans cette certification de la réalité du « comme si », les nuages deviennent le représentant primordial (suivi par l'argent) : comme elles ne sont rien de solide et objective, elles peuvent devenir tout ou n'importe quoi. Malda suggère, dans ce

récit, que la condition pour cette assurance de la réalité de la magie est d'avoir quelqu'un avec qui partager la même croyance. Elle cherche à établir cette partage avec sa mère, mais celle-ci, en dépit de toute sa bonne volonté, n'est pas toujours capable d'aller rencontrer la créativité de la fille (Malda hésite pour affirmer qu'il lui plaît d'aller au supermarché avec la mère ; en plus celle-ci est en train de courir).

Tableau 8

Ravie de sa nouvelle découverte, Malda se sent à l'aise en ce moment pour vraiment jouer avec ce tableau. La plus grande flexibilité qu'elle a rencontrée l'emmène à une appréhension différente vis-à-vis de la figure d'autorité (cette fois représentée par le père) que, malgré encore rigoureux, fonctionne plus comme un éducateur pour la conduire dans les chemins des valeurs familiaux, en limitant le pouvoir de la capacité de symbolisation, de façon à que Malda ne se perde pas dans le labyrinthe infini de possibilités que celle-là présente. Néanmoins, cette fois l'enfant est prêt à offrir une écoute relative, de manière à ne se trouver pas renfermé dans la prison des normes et lois, mais toujours garder l'espace pour l'originalité et la créativité. La rigueur imposée par le père doit être équilibrée par la douceur de la mère et, si elle n'est pas toujours sensible pour identifier les occasions où l'enfant a besoin de cette douceur, elle lui fera volontiers chaque fois qu'il se plaint (ça plaît à la mère préparer des gâteaux aux invités après leur reproche).

En synthèse, ce que cette petite fille montre tout au long de son récit c'est l'importance du partage généreux parmi les êtres humains, à commencer par la mère, pour que chacun puisse rencontrer un sens personnel dans le monde et un sentiment de que la vie vaut à peine. Il est dans ce contact fécond avec l'autre, dans l'aire de l'imagination réciproque, qu'on peut trouver sa place dans le monde. Pour cela, la générosité implique, en plus que le partage de sa propre créativité, l'accueil de celle de l'autre, la considération de ceci comme quelqu'un d'exceptionnel et singulier. C'est cela que Malda cherche dans sa relation avec sa mère : le sentiment d'être quelqu'un de spécial pour elle. Selon la perception de la fille, encore que l'amour maternel soit incontestable, il y a quelque chose que se passe avec sa génitrice que fait celle-ci parfois oublier de mettre sa douceur dans les relations qu'elle établit. Alors, il ne suffit pas que cette douceur existe ; elle doit aussi être partagée pas seulement pour le bien-être de l'autre mais aussi pour le propre, car la docilité et la bienveillance épargnée risquent d'être transformées en rudesse et en fiel. La rencontre des créativités entre mère et fille, en témoignant l'authenticité de l'existence de l'insaisissable, de l'incontournable, de l'instabilité des objets réels toujours passibles d'être modifiés par la symbolisation, doit être accompagnée par la fonction paternelle de délimiter cette fluidité. Dans ces conditions, l'enfant ne risque pas de tomber dans l'expérience angoissante de vivre dans un monde diaphane et sans référence. Cette réalité des objets qu'il présente à l'enfant, alliée à l'évanescence qu'elle cherche trouver dans la relation avec la mère, composent le paradoxe nécessaire pour le développement et le soutien du « comme si ». C'est pour cela que l'enfant ne doit ni ignorer ni accepter de façon aveugle les directions et récriminations

paternelles : il doit *écouter un peu*. Enfin, c'est dans la dialectique entre la fluidité et la dureté que la vie dans le monde réel devient en même temps objective et magique, certaine et douteuse, le mélange nécessaire pour rencontrer la possibilité et la joie de vivre. Et, à la base de cette rencontre formidable, pleine d'enchantements et d'amusement, se trouve la solidarité humaine et le dévouement à l'autrui.

Synthèse Samira et Malda

Les récits de Samira et de Malda montrent qu'elles composent une dyade qui entreprend une relation essentiellement bonne, où l'adaptation de la mère aux besoins de la fille a permis à celle-ci l'acquisition de conquêtes développementales importantes comme l'intégration, la personnalisation et la réalisation. Cette relation plaisante et agréable, toutefois, n'est pas vue, ni par l'une ni par l'autre, comme capable de produire tous les fruits qu'elle pourrait générer et comme les deux voudraient que cela arriverait. En ce sens, Samira ressent qu'elle est un peu empêchée de vivre sa maternité comme elle aimerait le faire. Elle sent que ses conditions de vie actuelle minimisent les chances de pouvoir entreprendre un contact plus spontané avec Malda, où elle pourrait éprouver toute son affection vis-à-vis d'elle et de ses autres filles. De son côté, la petite fille s'aperçoit que, malgré la mère soit là pour elle et qu'elle puisse compter sur la génitrice, il manque à celle-ci un peu de créativité dans l'adaptation vis-à-vis d'elle. Ce manque réduit la caractéristique plus personnelle du rencontre entre les deux. De sorte que ce n'est pas toujours que la fille se sent vue par la mère comme quelqu'un de très spécial, spécifique ; sa sensation est que, dans ce lien, parfois la mère doit être rappelée d'introduire la douceur dans la relation entre les deux. Devant cet état des choses, il y a une certaine frustration de la partie de la mère et de la fille.

Du point de vue de Samira les raisons qui empêchent une proximité affective plus grande entre elle et Malda provient d'une constriction qu'elle éprouve, issue du fait d'habiter avec sa belle-famille. Elle ressent qu'elle est soumise tout le temps au regard d'une autorité qui la surveille et la juge. Cette autorité est représentée surtout par son beau-père, vu comme quelqu'un de démesurément strict et sévère et que ne s'absent presque jamais de la maison. Si parfois, il s'éloigne un petit peu d'elle, sa présence symbolique se fait toujours sentir (les bruits de son atelier au rez-de-chaussée de la maison). Le pouvoir dans la famille est exercé par lui ; le mari de Samira et les autres hommes de la maison en étant ses coadjuteurs. De telle manière que, si d'un côté Samira est capable de se sentir un petit peu soulagée lors du départ des hommes de la maison pour le travail, de l'autre côté la présence du beau-père à la maison ne l'aide pas beaucoup dans ce sens. Même si elle peut pondérer qu'il est relativement éloigné d'elle, dans une autre pièce, (séparation entre la présence symbolique et la réelle), son apaisement ne dure pas longtemps. En plus des hommes de la maison, le beau-père a d'autres collaborateurs pour garder l'ordre et la loi dans le foyer : les autres femmes, surtout la belle-sœur-en-chef. En ces circonstances et sans avoir un pouvoir elle-même (elle n'est pas un homme ; elle n'est pas l'épouse du fils aîné ; elle n'a pas de fils), Samira reste dans une position de soumission que la gêne beaucoup. En se sentant surveillée par les autres, elle doit contrôler à soi-même continuellement pour

ne pas tomber en erreur et souffrir les conséquences de cela. En dépit de l'embarras que cette condition lui provoque, l'opposition et l'affrontement à l'autorité ne sont pas considérés par Samira comme une option, car ils lui déclenchent la culpabilité et le sentiment de n'être pas loyale vis-à-vis des siens. Cette situation où l'intimité n'est pas possible, ou, au moins, vue avec méfiance, a pour conséquence une limitation importante pour l'exercice de la créativité et pour l'usufruit d'une existence spontanée. À son tour ces conséquences provoquent des effets importants sur la relation de Samira avec ses filles.

La petite Malda, en se rendant compte de la limitation créative de la mère vis-à-vis d'elle, ressent, parfois que les possibilités de la rencontre imaginative entre les deux, dont elle a besoin pour utiliser et déployer la capacité du « faire semblant », souffrent beaucoup. Le manque de liberté de Samira, provoquée par une vie où il n'y a que ce qui est bien et ce qui n'est pas bien, lui pose des difficultés pour vivre dans le domaine de l'expérience transitionnelle, où l'absence de limites précises entre les objets, la nébulosité et l'incertitude sont des caractéristiques essentielles. C'est pourquoi elle a du mal à jouer avec la petite Malda. L'aire transitionnelle d'une ne se joint pas avec celle de l'autre, ce qui gère une certaine déception dans la fille. Le monde que la mère peut le présenter, exempté de l'imagination et de chimères, est un monde amère ou, au moins, fade. Elle a besoin de la mère pour jouer avec elle, pour qu'elle puisse trouver un sens personnel pour sa vie et pour pouvoir profiter un peu plus de la magie que la symbolisation apporte.

Bien que Malda ressente que la mère ne l'apporte pas l'expérience de la rencontre g nueine, amoureux et g nereux dans son intégralité, elle sait également que sa génitrice dispose de toutes les ressources pour le faire, à la condition qu'elle soit rappelée de leur existence et sollicitée par la fille. Si ce partage émotionnel avec la mère est important pour trouver un sens personnel pour la vie, où l'enchantement de la symbolisation transforme les objets les plus fades en doux, les limites établies par le père (ou le grand-père) sont également importants, pour que Malda ne se perde pas dans les chemins tortueux du « comme si ». De sorte que ce qui est imprécis et nuageux doit être équilibré par ce qui est certain et limité, pour qu'elle puisse vivre dans un monde en même temps personnel et partagé. Ainsi, Malda résoudre le problème de la liberté et de la contrainte (il faut écouter l'autorité, mais seulement un peu), à que sa mère n'a pas été encore capable de mettre un terme. De telle manière que, pour Samira, la liberté nécessaire pour éprouver toute son affection vis-à-vis de Malda présuppose une action concrète, le déménagement de la maison du beau-père. Cette solution, malheureusement pour elle, semble être hors d'atteinte pour l'instant. Ainsi, son insatisfaction persiste, accompagnée d'une certaine inquiétude de perdre l'opportunité d'être la mère de ses enfants à l'occasion où ils lui appartiennent le plus, la petite enfance. Malgré tout, la capacité de Samira pour vivre la maternité dans sa plénitude est toujours là en potentiel, à l'attente des demandes de sa petite Malda pour s'actualiser. Aussi, sont-ils les plaintes de la fille qui conduisent Samira à l'épanouissement en tant que mère. Il est cela le vrai sens de la générosité à qui Malda se rapporte, où

la floraison d'une personne est la condition nécessaire pour celle de l'autre. Bref, le partage créatif est la clé pour vivre une vie pleine de magie, des plaisirs et d'enchantements.

APÊNDICE C
NARRATIVAS E INTERPRETAÇÕES DAS DÍADES BRASILEIRAS

APÊNDICE CA - Díade Anelise e Vitória

Identificação

Anelise: 42 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: superior

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Vinícius, 14 anos; Vitória, 7 anos

Criança estudada: Vitória

Ordem das entrevistas: 1) Anelise

2) Vitória

Narrativa Anelise

Anelise foi indicada pela diretora da escola para participar da pesquisa como mãe de Vitória, uma garotinha de 7 anos que eu somente conheci após a entrevista com ela. Nosso encontro precisou ser remarcado em virtude de um impedimento meu: uma reunião na faculdade para a qual fui convocada, exatamente no dia e horário em que eu deveria vê-la. No dia agendado, a escola continuava em reforma, de modo que a entrevista foi realizada no laboratório de Ciências, onde tínhamos um pouco mais de privacidade e uma condição melhor de silêncio para conversarmos.

Anelise chegou no horário marcado. Ela é uma mulher relativamente jovem de cabelos escuros, curtos e ondulados, olhos escuros e pele morena clara. É bastante comunicativa, simpática e de fácil contato. Logo que eu me apresento como psicóloga que estava fazendo uma pesquisa, ela me conta que é dentista e que trabalha em um posto de saúde numa pequena cidade, a poucos minutos da nossa. Assim, diariamente ela viaja a trabalho e ainda tem o seu consultório na cidade em que reside. Ela diz que a jornada de trabalho é longa, manhãs e tardes e quase todas as noites. Além disso, cuida de sua casa, onde vive com o marido e seus dois filhos, Vitória de 7 anos e Vinícius, de 14. Esse relato me deixa atenta quanto às razões de sua motivação e empenho para participar de minha pesquisa, já que ela tem uma rotina bastante carregada. Imagino que existe algo em sua relação com a filha que a inquieta.

Peço-lhe então que me conte sobre como é a sua experiência como mãe de Vitória. Ela começa a me contar que para ela ser mãe da Vitória foi muito importante, porque a filha teve vários problemas quando nasceu, o que fez com que ela visse um outro lado da maternidade. Anelise começa então a me contar toda uma experiência de sofrimento que eu suspeitava existir, dado o seu esforço para vir falar comigo. Ela diz que já acha que ter um filho era uma coisa de responsabilidade, mas que com a filha viu que era muito além disso, porque ela sofreu um pouco, mas deu um valor e uma amplitude muito maior a essa experiência. Ela relata que até o terceiro mês de vida a filha ficou em uma UTI, tendo sido desenganada duas vezes, e que, isso gerou nela uma frustração, questionamentos

como “Por que eu?”, “Por que comigo?”. Porém, hoje ela administra essa situação de uma maneira totalmente diferente: “Ainda bem que eu”, “Ainda bem comigo”. Diz que depois que a filha saiu do hospital, ela teve que montar uma pequena UTI em casa e que isso a fez crescer demais como pessoa, ela e à família toda. Anelise diz que isso foi muito bom e que ela agradece a Deus por ter sido escolhida para ficar com a Vitória, se é que ela teve essa opção de escolha. Diz que foi uma experiência diferente daquela que teve com Vinícius: com ele, ela foi uma mãe normal, aquela mãe que saía da maternidade a administrava tudo, mas que não tinha a noção de quão importante era um filho. Diz que só sentiu isso quando ela teve a sensação da perda.

Comento que a maternidade de Vitória fez com que ela mudasse os seus valores e Anelise concorda, dizendo que isso aconteceu muito. Diz que sentiu essa mudança também com o Vinícius, mas que com a Vitória foi diferente, que a experiência com a menina a fez crescer. Ela silencia e eu pergunto o que aconteceu com a criança. Ela responde que o problema não foi descoberto na época da gestação, que a menina nasceu no tempo normal, mas nasceu com adesão de esôfago. Explica que o esôfago não era formado completamente e era fechado, não se ligando ao estômago. Anelise conta que antes de completar 24 horas de nascida, Vitória fez uma cirurgia para abrir o esôfago e ligá-lo ao estômago. Conta que depois houve o padrão normal de cirurgia: 72 horas de observação. Catorze dias depois da cirurgia, ela estava obtendo uma ligeira melhora, Anelise foi amamentá-la e percebeu que a menina estava preta. Diz que essa foi a segunda vez em que a menina foi amamentada no peito, pois antes não podia nem pegar a filha no colo; foi fazer isso somente quando o bebê tinha quinze dias de idade. Ela conta que nessa situação da segunda amamentação, a filha estava preta e que a médica disse que isso não era normal porque o aparelho digestivo da menina já deveria estar funcionando; então iam fazer exames e conversariam com ela à tarde. Anelise contou que quando chegou ao hospital à tarde, viu o cirurgião e já achou que havia alguma coisa errada. Então, ela foi comunicada, que, como a filha havia tido várias paradas cardíacas no segundo e no terceiro dia após a cirurgia e que levou muito choque por conta disso, uma fístula traqueal abriu. Por conta disso, todo o líquido que ela ingeria quando mamava foi para o pulmão. Foi então necessário que ela fizesse outra cirurgia. As costas do bebê foram abertas novamente, o pulmão foi tirado do lugar e foi realizada a cirurgia da traqueia. Com isso, a filha ficou com sequelas no pulmão direito, essa fístula fechada tornou-se uma área de traqueomalácia²⁰ e na área do esôfago onde foi feita a emenda, a filha não faz o movimento de peristaltismo. A mãe foi então avisada que a menina teria várias sequelas. Além disso, como durante a nova cirurgia aconteceu tudo de novo, parada cardíaca e respiratória, o bebê foi novamente para a UTI e só saiu de lá com três meses de vida. Nessa ocasião, foi dito para a mãe que a filha não podia chorar porque às vezes ela ficava meio preta, mas que “tudo bem”. Todavia, não foi “tudo bem”: no segundo dia em que estava em casa, a filha teve parada respiratória. Anelise fez nela respiração boca a boca como tinha aprendido na época da faculdade e a levou para o hospital. Lá ela descobriu que a

²⁰ Flacidez da cartilagem de suporte da traqueia que pode levar ao colapso traqueal quando há aumento do volume respiratório.

“coisa não era bem assim”: a filha voltou para a UTI e fez vários exames. Anelise conta que nesse momento aprendeu que toda vez que a filha chorasse a traqueia dela iria fechar e que ela precisaria de movimentos e de técnicas para voltar a respirar. Ela diz que ela e o marido fizeram um curso para aprender a “ressuscitar” a filha dentro de casa e que para isso precisava de oxigênio e outras coisas que eles precisavam saber lidar.

Neste momento, Anelise pergunta se está falando muito e eu respondo para ela ficar à vontade e continuar. Ela então diz que vai resumir e conta que depois de uma semana ela e a filha foram para casa. Ela relata que não dava conta sozinha de fazer a filha voltar a respirar e que falou sobre isso com a médica, que é amiga dela até hoje e que ela acredita ser a terceira mãe da Vitória, além dela e de sua própria mãe. A médica lhe disse que ia pedir para o diretor do hospital que, toda vez que acontecesse isso, ela lhe telefonaria e levaria a filha direto para o hospital, que lá eles terminariam de “voltar” a filha. Anelise conta que aprendeu então que precisava de outros aparelhos, como o ambu, um aparelho para escudar e ver se a respiração estava boa e um para aspirar. Ela relata que aprendeu isso em uma semana e que isso aconteceu até quando a filha tinha onze meses. Anelise diz que nos primeiros sete meses isso aconteceu quase todos os dias, mas que depois foi melhorando. Ela conta que neste período ela ficou sabendo que a filha talvez não falasse e que ela poderia ter alguma seqüela cerebral por conta da falta de oxigênio que acontecia todo dia, apesar dela conseguir fazer a filha voltar a respirar. Anelise diz que sempre foi conscientizada disso pelos médicos e que pensava que se isso acontecesse, “lá na frente” ela resolveria. Diz que aprendeu com a filha que cada problema tem seu dia e que “a gente vai levando”. Ela diz que, com o Vinícius, ela tentava resolver os problemas antes que eles acontecessem: por exemplo, se ela percebesse que o filho ia ter um problema na escola, ela já procurava a professora para tentar resolver. Contudo, agora ela mudou e espera as coisas acontecerem para depois resolver.

Anelise conta que no primeiro ano de vida a filha, a criança não podia sair de casa: saiu pela primeira vez quando tinha quase um ano. Anelise conta que a filha não podia ir a um shopping ou a um aniversário, pois ela não estava acostumada a estar com muita gente e poderia pegar um resfriado e isso a prejudicaria; depois as coisas foram melhorando. Ela conta que no segundo e no terceiro ano de vida da filha, a filha precisou ser internada e que o quarto ano de vida dela foi muito complicado. Em 2008, a menina foi operada, e a sua médica dela pediu para que ela procurasse outra médica, que é uma pessoa difícil de lidar, mas que por Vitória, Anelise está aguentando essa parte. Ela repete que faz um esforço de aguentar essa médica difícil de conviver, mas que foi ela quem mostrou que Vitória tinha refluxo e precisava operar de novo. Anelise conta que em 2008 a filha foi internada 11 vezes, que levava a filha no médico toda semana. Ela conta que em 2009 a menina teve um derrame pulmonar no outro pulmão, em que ela nunca tinha tido nada, mas que agora, ‘graças a Deus’ (sic), ela está passando o primeiro ano de sua vida sem levar a filha para o hospital, que esse é o ano “Tchan” de sua vida.

Anelise diz que durante esse processo ela foi crescendo, e que a filha tem pouquíssimas sequelas, que, na verdade, ela acredita que a filha não tem quase nenhuma. Anelise relata que conversou com a psicóloga da escola há pouco tempo, porque em um teste respiratório feito por um pneumologista, a filha não conseguiu realizá-lo direito. A médica que fez o teste disse para ela “na lata”: “Olha Anelise, você não reparou que a sua filha tem um grande déficit mental?”. Anelise respondeu-lhe que não, mas a médica retorquiu que ela deveria ter observado. Anelise respondeu-lhe que não observou isso porque: “*Uma: me falaram que ela não ia falar e ela fala, nunca foi em uma fono; me falaram que talvez ela não enxergasse e ela não precisa de óculos; me falaram que ela ia ter uma dificuldade na escola e a menor nota dela foi oito*”. Anelise diz que não notou isso e que nunca foi chamada na escola para uma reunião. Então ela foi à escola pela primeira vez para conversar e a psicóloga, a coordenadora e a professora lhe garantiram que a filha não tem nenhum déficit mental. Repete que essas profissionais lhe falaram que não há problemas com a menina e que ela mesma também não percebe nada. Anelise conclui dizendo que essa é a história de sua filha nestes sete anos.

Comento que ela passou por momentos de muita angústia. Ela concorda e diz que por três vezes ela ouviu falarem: “*Olha Anelise, nós não temos mais nada para fazer pela sua filha, você só pode rezar*” e que isso foi o pior. Conta que ainda precisou também ajudar o marido, porque ela ficou desesperada, mas ele ficou muito mais do que ela. Ela diz então que hoje seu marido é uma outra pessoa. Diz que o conheceu, conviveu com ele sete anos e que agora ele mudou muito, é como se convivesse com outra pessoa por outros sete anos. Ela relata que ele nunca foi de sair, de beber, e que sempre foi responsável, mas que ele era descrente e que hoje tem mais religião do que ela, não importando qual religião ele siga. Reitera que hoje ele crê muito mais do que ela.

Anelise diz que o contato da filha comigo vai ser bom, porque talvez eu perceba alguma deficiência que exista nela e que eles não percebem. Ela diz que acredita que o emocional voga muito, que saber o que uma criança passou às vezes faz mascarar uma coisa, que uma pessoa que não tem vínculo com ela, enxergue. Ela diz então que, talvez se eu tivesse feito a entrevista com a criança antes de ela haver me contado a história, talvez eu poderia ter visualizado algum déficit que a médica disse que existe e que ela não percebeu e que a dona da escola e a psicóloga também não perceberam porque sabem de toda a história, já que o filho mais velho dela estuda lá desde quando Vitória nasceu.

Anelise diz que não entende o “lado psicológico da história”, mas que dizem que a afetividade, a convivência, mascaram algumas coisas, mas que ela não sabe. Digo que não se sabe isso, mesmo porque ela está contando uma história em que foi dito para ela muita coisa que ia acontecer e que não aconteceu. Anelise repete que percebe um lado bom da participação na pesquisa, pois eu poderei mostrar para ela alguma coisa que ela ainda não percebeu, que talvez eu possa mostrar para ela um lado diferente das coisas.

Comento que ela me contou uma história em que a família se uniu para enfrentar uma dificuldade. Anelise diz que sim e conta que foi morar com os pais no primeiro ano de vida da filha, porque sozinha ela não conseguia ligar os aparelhos. Ela diz que o filho dela, na época com sete anos,

era quem a ajudava a ligar o aspirador e os aparelhos, enquanto a mãe dela preparava os outros equipamentos. Diz que eram só eles (ela, a mãe e o filho) porque o restante da família trabalhava. Conta que ela mesma trabalhava também de manhã, mas que nunca aconteceu nada nesse período, mas sempre quando ela estava em casa. Diz que, se tivesse acontecido algo de manhã, ela não sabe se o marido teria dado conta. Anelise relata que o filho amadureceu muito e que hoje ele é “adulzinho”. Repete que eles moraram todos juntos (a família dela, ela, o marido e os filhos) por um ano e que ela não sabe se teria dado certo se não fosse isso. Diz que foi muito importante ter o vínculo que tinha com os pais.

Anelise conta que o seu vínculo com a sogra foi um pouco mais difícil de ser trabalhado. Diz que pode comentar isso porque o marido dela não se importa. Conta que a sogra não aceitou que eles precisavam morar juntos e que ela e o marido precisavam de ajuda. Diz que por muito tempo a sogra não entendeu o que era o problema, mas que hoje, com o tempo, melhorou tudo. Diz que para a sogra foi difícil aceitar que a neta tinha essas dificuldades e poderia ter outros problemas. Já para a família dela foi bem mais fácil. Comento que há muito afeto na história que ela me conta. Ela responde que sim, que é isso que ela está falando, que toda a afetividade e a união familiar podem mascarar algumas coisas dentro da família e da personalidade da filha, que talvez ela não perceba. Ela exemplifica dizendo que se a filha faz tal coisa, isso já é lucro, porque ela não ia falar, não ia enxergar; se a filha tirar oito, para ela está ótimo. No entanto, o filho mais velho tirou o primeiro oito quando estava na sétima série e ela brigou com ele, porque é uma cobrança diferente. Comento que para Vitória isso é uma conquista e Anelise diz que sim, que são relacionamentos muito diferentes e que ela é muito diferente com os dois. Conta que ela vê coisas na televisão ou na escola e que se surpreende porque acha que as pessoas brigam por muito pouco, mas que isso são valores.

Anelise diz então que não sabe o que mais eu vou querer saber. Respondo que ela contou uma história de muita garra. Ela diz que acha que isso foi muito bom. Conta que antes de a filha nascer, ela era uma pessoa que sempre falava para a mãe que Deus era muito bom para ela. Quando a filha nasceu, a primeira coisa que ela disse foi “*Aí mãe, eu sempre falava que Deus era tão bom para mim. Por que que Deus fez isso comigo?*”. Diz que hoje essa é a coisa que ela mais se arrepende de ter dito para a mãe, porque a filha foi o melhor presente que ela poderia ter: diz que hoje não é uma pessoa perfeita, mas é muito melhor. Ela diz então que é só isso e fala “*Vamos ver o seu desenho, se não eu te empaco e você não viaja*”²¹. Digo que é isso mesmo o que eu queria saber. Decidimos então começar a ver os quadros do CAT-A. Explico a ela que vou mostrar as figuras a ela e que gostaria que ela os observasse e me contasse como é ser mãe da Vitória nestas situações. Mostro-lhe então o primeiro cartão.

²¹ Anelise sabia que depois de falar com ela, eu iria para outra cidade, para um compromisso de trabalho. Todavia, tínhamos ainda muito tempo até que eu precisasse ir embora.

Quadro 1

Anelise vê o primeiro quadro, ri e diz “*Ai, que gracinha, ai meu Deus!*”. Ela diz que na figura a mãe está bem mais apagadinha do que os filhos. Continua dizendo que ela acha que ela é dessa forma, pois ela dá bem mais importância para os filhos do que para ela. Diz que interpretaria essa foto como os filhos muito mais em destaque do que ela. Anelise diz que não sabe se é isso que quero escutar. Pergunto-lhe se o cartão a faz lembrar-se de alguma coisa, pensando nela com a filha. Anelise fala que é exatamente isso, que ela está como a galinha, na sombra, presente, mas que a filha é a parte principal, que ela mesma só vai estar ali como a sombra, presente, mas que quer que a filha se vire, que coma sozinha, se vire sozinha. Diz que ela própria será sempre essa sombrinha, igual a galinha. Pergunto se ela quer acrescentar alguma coisa e a Anelise diz que acha que é só. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o segundo.

Quadro 2

Anelise fica em silêncio por 12 segundos, dizendo depois: “*Nossa que cabo de guerra, meu Deus? Quem é esse desse lado? O pai será?*” Respondo que é livre, de acordo com a interpretação dela. Anelise diz que se for isso, na casa dela não seria assim, pois estariam todos de um lado só da cordinha. Ela diz que a figura mostra a mãe sempre do lado do filho, tentando proteger, sempre na frente, não importa o que esteja do outro lado. Ela diz que interpreta o quadro dessa forma, que, independente de quem fosse, um pai ou um estranho, para proteger o filho, a mãe vai estar sempre na frente, uma verdadeira ursa mesmo. Ela diz que faria isso independente de quem fosse o urso (que esta só), se fosse o pai, uma pessoa da escola, uma pessoa vizinha, que ameaçasse o filho dela, ela não ia querer saber e ia puxar a corda também. Ela diz que é só isso e me devolve o cartão. Eu lhe apresento então o terceiro.

Quadro 3

Anelise pega o cartão e diz: “*Oh, meu Deus!*”. Em seguida fica em silêncio por 12 segundos. Ela diz depois que está igual ao ratinho, só observando esse leão enorme. Ela diz que não sabe, mas que o leão faz imaginar uma pessoa mais velha, que observa mais com aqueles olhos, mas que ao mesmo tempo tem um certo poder. Anelise diz “*Olha como o ratinho está pequenininho perto dele, judiação...*”. Diz que o cartão faz pensar em alguém com mais... (ela hesita e não completa a frase). Depois diz que não vê o leão com cara de mau. Diz que o vê como alguém que já viveu mais, que sabe mais, que observa mais. Ela diz que só não gostou do cachimbo, mas do resto... (ela não termina a frase). Ela diz que não entendeu o cachimbo na foto. Pergunto se ele a faz lembrar de alguma pessoa específica. Anelise diz que não, que ela acha que não tem ninguém com essa cara na sua família, pelo menos, com essa cara. Ela diz que poderia ser o seu pai, aquela pessoa mais velha, mas que ele não é assim, pois sempre tem uma cara boazinha, mesmo quanto está bravo, ela sabe que ele vai “levar de boa”. Ela diz novamente que o cartão não lembra ninguém da sua casa e nem do seu contato. Anelise

diz que parece que a figura a está olhando, meio observador e questionador. Ela então se pergunta quem que a questionaria tanto assim como esse leão e diz que não sabe. Ela se pergunta se ela mesma seria assim e depois ri, dizendo “*Só se fosse eu*”. Anelise fala que se questiona muito e que até o jeito que ele está, seria ela segurando o queixo, mas que ela acha que não é isso.

Pergunto se ela se questiona muito e ela responde que sim, muito. Ela diz que tem muito medo de errar nas coisas e que se questiona muito em tudo o que faz, que está sempre se perguntado. Ela diz que minha pesquisa é sobre meninas, mas que ela tem o filho mais velho e que ela é assim com ele. Conta que se preocupa muito com ele, do tipo “*Você acha que eu estou fazendo a coisa certa? Você quer que eu te explique alguma coisa?*” Ela diz que a Vitória, que já veio depois e que já convive com isso, já sabe, quando Anelise olha para ela, a menina lhe diz: “*Não, mãe, tá tudo de boa; não precisa me perguntar nada, não; não precisa ficar me olhando, não*”. Anelise diz que tem essa coisa de ficar perguntando se está tudo certo, se eles estão gostando do que ela faz, se os filhos acham que ela está ausente.

Diz que é por isso que o leão a questionou, porque parece que ele está olhando para ela, questionando-a. Pergunto se é como se ele fosse a consciência e ela ri e responde que acha que é isso, que ela viu a si mesma na foto, com esse ar. Comento que ela é exigente consigo mesma e ela diz que é muito. Conta que a médica da filha, no dia em que lhe contou que a menina tinha um problema, falou-lhe também que ela é muito perfeccionista, que ela senta certinho, fala direitinho, faz a filha sentar-se direitinho e quer que a filha faça direitinho. Ela diz que não é que ela queira ser assim, mas isso é da sua pessoa, ela sempre foi assim. Diz que é assim desde pequena, que sua mãe fala que ela gostava de desenhar certinho, fazer os mapas pintadinhos e que no consultório dela é tudo organizado. Ela então diz que é virginiana, que não sabe se o signo tem algo a ver com isso. Ela ri, diz que é isso e me devolve o cartão. Mostro-lhe então o seguinte.

Quadro 4

Anelise pega o quarto cartão e diz “*Meu Deus! Essa aqui sou eu!*”. Ela diz que é ela correndo, ela pensando no que tem que levar, ela puxando todos com ela. Repete que aquela é ela, que vai fazer uma foto do cartão e colocar em sua casa. Ela diz então que se identificou demais com a figura. Diz que essa é ela toda manhã, correndo, catando tudo e todos. Diz que está se vendo até com a sacolinha do supermercado à noite, quando vem do supermercado para fazer comida à noite. Ela repete que é ela e que ela é superprotetora do menor, que está na barriga da mãe, e que, ao mesmo tempo, está de olho no outro. Ela então diz “*Nossa, tudo a ver! Essa daqui sou eu tá? De todos os desenhos. Pode crer*”. Anelise ri e diz que acha que é essa corrida, essa proteção, essa coisa de querer fazer tudo, de tentar fazer tudo, porque não consegue fazer tudo, então de tentar fazer tudo. Diz: “*Então eu acho que essa daqui é a Anelise*”. Diz então: “*Bom, vamos ver o próximo né, porque daqui a pouco eu já me revelei em três fotos*”.

Digo a ela que esse seu jeito de fazer tudo o que pode, parece ter ajudado no início da vida de Vitória. Anelise conta que a médica que é sua amiga diz que ela tem uma coisa de querer abraçar a causa, não somente a da filha, mas muitas causas. Disse que isso tem muito a ver com ela e por isso, quando viu a foto, disse: “*Nossa, essa aqui sou eu*”. Diz, brincando, que eu posso mandar um xerox do cartão para ela, que ela vai guardar com carinho. Digo-lhe então que ser perfeccionista e querer tudo certo pode não ter sido tão ruim assim. Ela diz: “*Sei lá!*”. Diz que quando não se cobra isso dos outros, ela acha que não é ruim, mas que quando você quer cobrar dos outros é ruim. Anelise começa a me dizer uma coisa, mas me prevenindo que isso não tem nada a ver com a minha pesquisa. Diz que quando as pessoas casam, e ela já está casada há 16 anos, o casal briga por coisas por que hoje ela jamais brigaria “*com aquele coitado que mora comigo*” (sic). Ela diz que tem a ver com a perfeição, com querer tudo certinho. Diz que cada um foi criado de um jeito e tem sua personalidade. Anelise diz que isso as pessoas vão adaptando com o tempo, seja no casamento, no trabalho ou nas amizades, em tudo. Diz que, no entanto, isso demora para “*cair a ficha*” (sic) e que só percebeu isso há pouco tempo, porque ela era crítica demais. Anelise diz que está aprendendo a lidar com o diferente e a saber abrir mão de determinadas coisas e que não é porque ela quer uma coisa naquele dia que tem que ser exatamente naquele dia, que talvez isso não faça tanta diferença lá na frente, mas que, se fizer, depois ela vê. Anelise diz que não admitia isso antes e que a hora que ela viu essa mocinha (a mãe canguru) correndo, ela pensou: “*Nossa Senhora, essa é a Anelise! Adorei!*”. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

Anelise olha o cartão e ri. Depois diz: “*Ah, meu Deus! Nossa, que família! É por aí.*”. Ela conta que na sua casa tem essa vovó também, neste quadro. Diz que vai imaginar que ela seja a sua avó, mas que há também o retrato de sua mãe na sua casa. Conta que é a avó dela, com essa presença e essa carinha marcante. Diz que a avó é tudo de bom, é brava, nervosa, mas é aquela em que eles colocam no pedestal. Diz que ela briga, briga, mas todo mundo fala “amém”, como a senhorinha do quadro. Anelise diz que acha que tem bochicho, fofoca em todos os lugares, mas que na casa dela nem tanto. Porém, que ela não vai falar que isso não rola na casa dela ou com os amigos, porque rola. Anelise fala que não sabe se, na figura, a mãe não está querendo que o pequenininho ouça a conversa que está acontecendo atrás, que não sabe se é esse o intuito da foto, ou se ela está só conversando ou explicando alguma coisa. Anelise diz que não sabe, mas que acha que a mãe virou muito de costas e está chamando muito a atenção dele. Ela complementa dizendo que: “*O babado aqui atrás deve estar fortíssimo*”. Diz que não sabe se faria isso com os seus filhos, pois ela é daquelas que deixa eles prestarem atenção em qualquer conversa e que, depois, se eles perguntarem, ela explica. Diz que não guarda segredos, porque não gosta. Anelise diz que conversa de tudo com os filhos, mesmo com a Vitória, que é menor. Ela diz que é só isso, que o que ela reconhece é isso, que se a mãe estiver tentando esconder o papo de trás, ela não faria isso, mas que se for só uma orientação sobre outro

assunto, tudo bem. A mãe diz que não sabe se é isso que eu quero, mas que ela acha que é isso. Ela então me devolve o cartão.

Pergunto se há mais alguma coisa que ela gostaria de contar e Anelise responde que acha que não, mas que talvez quisesse fazer uma pergunta, caso ela possa. Digo que sim claro, e ela me pergunta se eu, como psicóloga, acho que existe diferença entre a criação de meninos e meninas. Respondo que acho que sim, mas que isso também vai depender muito da família, que é como a diferença entre o mais velho e o caçula. Anelise diz então que ouviu muitas pessoas falando sobre a diferença de criação entre menino e menina, mas que ela é muito contra isso. Digo que se trata mais propriamente de uma questão da relação, então que a relação da mãe com a menina pode ser diferente daquela da mãe com o menino, mas que não há uma generalidade quanto a isso. Anelise pergunta se criar os dois iguais pode haver algum problema, questionando se eu posso optar. Respondo que isso se refere aos seus valores e aos de sua família. Anelise diz que não gosta de diferenciar muito os filhos, mas não sabe se isso é certo. Diz que o seu pai é de uma geração diferente, e que ele acha que menina é menina e menino é menino. Por sua vez, ela não acha isso que é bem assim hoje em dia, mas que não sabe se isso é certo, e que mais para frente ela vai saber se está errando ou não. Digo a ela que não há certo ou errado, que isso vai depender dos valores, e que o que pode haver de diferente é a relação da mãe com a menina e com o menino, que às vezes um é mais apegado do que o outro. Anelise então diz “Ah, tá!” e silencia. Digo que ela me parece preocupada porque esse ano é um ano diferente dela com Vitória, que ela se pergunta o que esperar da filha, como é agora estar com uma garotinha que superou várias barreiras.

Anelise diz que foi um ano diferente para todos. Diz que acha que ainda é aquela mãe neurótica, que fica escutando a respiração da filha para ver se vai acontecer alguma coisa. Conta que a médica disse que ela (Anelise) já conhece melhor a filha do que ela mesma (a médica), porque Anelise já chega com o diagnóstico pronto. Ela diz então que quando a filha dá dois espirros ela já a olha e a menina diz “Mãe, menos, mãe”. Diz que quer continuar nessa fase melhor e é por isso que talvez ela fique observando a filha para ver se ela está bem, se ela está respirando bem, que ela quer correr sempre antes de acontecer. Porém é uma fase muito melhor, tanto para si mesma quanto para a filha, pois elas podem passear mais, viajar mais, poder fazer coisas que ela nunca fez. Diz que agora é que a filha está indo nos primeiros passeios da escola e que isso é uma vitória para as duas. Anelise conta que no dia que a filha chega de um passeio da escola, que todo mundo vai e é a coisa mais banal, todos da sua família ficam perguntando: “Como é que foi? O que que não foi? O que aconteceu?”. Anelise diz que para eles é tudo diferente e que ela está na expectativa de, no fim do ano, olhar e dizer: “Ai que bom, esse ano deu tudo certo!” e que ela tem muita fé de que vai fazer isso. Ela diz que espera que este ano seja um divisor de águas, que foi tudo melhor. Anelise diz que espera que seja tudo melhor para todos porque é muito difícil ver um filho sofrer, que só quem tem é que sabe. Repete que é muito difícil essa situação e que avalia o quanto é ser difícil para a sua mãe ver ela e a neta sofrendo ao mesmo tempo, que imagina o que a mãe não sinta. Diz que espera nunca ter que passar por isso,

porque se ver um filho sofrendo é duro, que ela imagina o quanto deve ser difícil ver o filho e o neto, principalmente para uma família como a dela, que é muito pequena e unida. Anelise explica que o marido é filho único e a mãe dela só teve duas filhas, que a irmã é solteira, então que a mãe só tem dois netos.

Anelise diz que eu, por trabalhar com a parte de relacionamentos, devo entender como é quando existe um vínculo legal na família, mesmo que existam raríssimas exceções de casos em que a mãe e o filho não se relacionam bem. Diz que ela está com fé que esse ano vai dar tudo certo. Digo que Vitória precisou muito dela e que agora ela está vendo que a filha está crescendo e que isso pode até dar uma insegurança. Anelise concorda e complementa, dizendo que não comentou uma coisa comigo, da qual se lembrou com o meu comentário. Conta então que no primeiro ano de vida da filha, sua irmã e, às vezes, sua mãe, diziam que ela gostava muito mais do Vinícius do que da Vitória. Ela respondeu a ambas que tinha o seu mecanismo de defesa, que ela cuidou da menina quase como uma paciente e não como sua filha. Conta que amou muito mais a filha depois do primeiro ano de vida. Diz que tinha um medo horrível de se apaixonar pela filha e de amá-la, porque sabia que se a perdesse, sofreria muito. Anelise diz que não sabe se isso é normal e que pede mil vezes perdão para Deus de quando fez isso e se fez isso conscientemente, mas que ela tinha que ser, naquele momento, muito mais aquela que ia salvar a vida da menina do que a mãe. Se agisse mais como mãe, iria ficar com medo de fazer determinadas coisas, de virar a menina de cabeça para baixo, de usar o aparelho, de correr, e que ela não pensava nesse lado da mãe Anelise. Diz que hoje o amor pela filha é totalmente diferente daquele do primeiro ano de vida da menina. Digo que aquele foi um amor também. Anelise concorda, mas diz que era como se houvesse uma barreira entre elas, porque na hora do ‘vamos ver’, a Anelise mãe não estava ali. Enfatiza que ela como mãe não estava ali mesmo, principalmente quando ela tinha que ligar para a polícia para ir de viatura para o hospital porque não tinha ninguém para dirigir, aquela Anelise que fazia isso, não podia ser a mãe da Vitória; era outra Anelise, aquela era mais racional, porque mãe não é racional. Diz que mãe, na maioria das vezes, é muito pouco racional, porque *“a gente age com o coração e tenta fazer de tudo por este filho teu”*. Ela diz que ela é assim e que a sua mãe também, que esta sempre foi daquelas que preferia comprar duas roupinhas para as filhas do que uma para ela. Diz que cresceu desse jeito. Anelise então diz que foi muito racional naquele primeiro ano e que hoje é uma mãe mais emocional. Digo que ela foi uma mãe diferente e ela diz que foi diferente do primeiro filho também, mas que ela acha que é uma boa mãe. Ela ri e depois diz novamente que acha que é uma boa mãe, que tenta ser, que vai errar sempre, como toda mãe, mas que ela erra tentando acertar. Por fim, Anelise mãe me diz que eu devo estar pensando que ela é a mais doida de todas, mas que é por aí. Nós duas rimos e eu pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Anelise diz que não, e que me adorou, pois eu transmitia uma paz, que fazia consegue com que ela conversasse muito. Eu agradeço a ela e Anelise me pede desculpas caso tenha demorado na entrevista comigo. Eu digo que ela me ajudou muito e nós nos despedimos.

Interpretação Anelise

O belo e impressionante relato de Anelise, essa mulher corajosa que precisou enfrentar o mundo, quando ele não acreditou em sua capacidade e na de sua filha, desperta uma série de questões não somente da ordem de sua experiência pessoal, mas também teóricas e filosóficas. Entre essas questões destaca-se: “O que é realmente a devoção?”; “O amor é sempre compatível com a vida ou não?”; “A preocupação materna primária pode existir desvinculada de um afeto amoroso?”; “O amor materno é um só e mesmo para todas as crianças, independente de suas características e necessidades individuais?”; “A dissociação afetiva materna é sempre um fator de risco para o desenvolvimento infantil?”. Embora Anelise possa ser categórica nas respostas que ela mesma construiu ou construiria para essas perguntas, o material que ela produziu faz cair por terra toda e qualquer tentativa de generalizar sobre o tema do relacionamento mãe-criança (mãe-bebê, principalmente) e o desenvolvimento emocional infantil.

Assim, mesmo se durante o nosso encontro ela me levava a refletir sobre as diferentes faces que o amor materno pode assumir, ela também era positiva em afirmar que, pelo menos por um bom tempo, não sentia haver sido verdadeiramente mãe de sua filha. Minhas tentativas de relativizar esse pensamento encontraram pouco eco junto a ela, cuja concepção sobre a maternidade era muito clara: existia, para Anelise, a figura de uma “mãe normal”, identificada àquela que ela foi para o seu filho mais velho. Nesses termos, as condições de saúde gravíssimas de sua filha por ocasião do nascimento, e que perduraram por muitos anos, foram vividas como interditoras do amor que ela estava ávida por partilhar com o seu bebê. Sua sensação é a de que precisou escolher entre o amor e a vida, optando por esta última.

Assim, diante da perspectiva aterrorizante de perder sua filha a qualquer momento (talvez a experiência mais angustiante que um ser humano possa ter, se alguma generalização é possível de ser feita), nada mais lhe restou do que operar uma dissociação afetiva, uma quase negação de sua condição de mãe e assumir o papel de uma profissional de saúde junto à Vitória. Nesse contexto, é essa a primeira comunicação que ela faz por ocasião de nosso encontro: como eu, ela é uma profissional de saúde (que também tem pacientes e viaja a trabalho). Sua fantasia é a de que, como ela, eu poderia ser capaz de ter uma visão objetiva sobre as pessoas sem me envolver, o que me permitiria enxergar a realidade exterior de maneira não contaminada pelo afeto. É nessa expectativa que ela deixa a sua rotina carregada para vir me encontrar e simplesmente me perguntar sobre a normalidade ou não de sua filha e, em consequência, se ela mesma poderia ser, a partir daquele instante, uma mãe “normal” para a menina. A sensação de Anelise é que a melhora considerável que Vitória apresentou ao longo dos últimos três anos, promoveu-lhe um certo alívio. Bem que Anelise continue sempre em guarda, para reagir rápido ao menor sinal de perigo, esse apaziguamento, que a deixou tranquila para poder amar a filha, também fez com que ela perdesse a objetividade junto a criança. A serenidade com que esse processo de melhora da filha e de alívio da mãe estava se desenrolando foi perturbada pelo comentário acusador de outra profissional de saúde (a médica pneumologista) de que a menina tinha

um déficit mental que Anelise não havia sido capaz de detectar. Essa observação inoportuna abalou profundamente a confiança de Anelise no resultado de todo o seu trabalho e sua dedicação à filha e, em consequência, a segurança que ela vinha adquirindo pouco a pouco no estabelecimento das bases para se constituir como uma mãe de fato para ela.

Nesse contexto, para Anelise a experiência da maternidade em si seria aquela que teve com o primeiro filho: a saída do hospital com o bebê logo após o nascimento, a administração dos cuidados, a vivência da preocupação materna primária, a desilusão gradual, o acompanhamento e o encorajamento rumo à autonomia, a exigência diante da capacidade de produção da criança. Fora desse quadro, ideal, correto e sem complicações, para Anelise a maternidade não existe ou é, pelo menos, duvidosa.

A patologia da Vitória, contudo, impediu esse processo desde o começo. A iminência da morte e da perda obrigou Anelise a operar uma dissociação afetiva para manter a filha viva e para proteger a si mesma de um colapso emocional. Nesses termos, ela precisou enlouquecer para não enlouquecer e o amor materno, paradoxalmente, tornou-se, para ela, incompatível com a vida. De modo a garantir a sobrevivência da filha, Anelise foi forçada a renunciar à ilusão, à retomada do narcisismo primário, à simbiose primitiva, à continuidade do relacionamento estabelecido durante a gestação. Assim, frente à vivência do absurdo da chance de morte de bebê, ela precisou responder com outro absurdo, colocando, no relacionamento com a filha, a desilusão antes da ilusão (ela diz que no primeiro ano de vida da menina era como se existisse uma barreira entre as duas). Esse relacionamento também foi sustentado pela natureza das próprias dificuldades da menina, que atingiam o canal primitivo de comunicação com a mãe, tornando o ato de amamentar e de chorar perigosos.

Se dia e noite Anelise viveu em função de Vitória (principalmente no primeiro ano de vida da menina) o afeto descolado e colocado de lado não lhe permitiu considerar o relacionamento com a menina como de devoção maternal. As possíveis sequelas disso, contudo, deveriam ser deixadas para um outro momento, depois de garantida a sobrevivência da criança. Nessas condições, Anelise experimentou um sentimento de descontinuidade entre a mãe que foi e que é para o seu primeiro filho e a mãe que foi e que é para Vitória. Essa situação é particularmente desconfortável para ela porque gera um duplo sentimento de culpa: em relação à menina, por precisar haver-se furtado tantas vezes ao encontro afetivo de que o garoto pode usufruir e, em relação ao menino, por ser mais tolerante com a filha do que com ele, dadas as dificuldades dela. Essa situação coloca-a diante de um dilema de querer oferecer as mesmas condições de desenvolvimento para as duas crianças (e evitar, assim, a rivalidade fraternal), mas constatando a evidência das diferenças entre eles. É nesse contexto que deve ser compreendida a discussão que ela inicia comigo sobre as distinções da educação entre meninos e meninas. Desse modo, sua demanda junto a mim, para saber sobre a normalidade atual da filha, também apresentava o sentido de saber se ela poderia lidar com a menina do mesmo modo que com o filho, exigindo dela o mesmo que exigiu dele quando tinha a sua idade. Tendo condições de ser a

mesma mãe para os dois, ela poderia fomentar a autonomia da menina como faz com o garoto, já que para ela este é um valor muito importante (ver relato ao quadro 1).

Nessas circunstâncias, Anelise defronta-se também com a tarefa que busca resolver agora de integrar a mãe que foi para o filho e o que aprendeu na nova experiência com a filha. Embora ela assegure que toda a angústia que viveu com a menina a fez crescer como pessoa, a ser mais tolerante e menos exigente para com o outro, sua convicção de que não foi uma mãe “normal” (ou mesmo uma mãe) tem-lhe dificultado esse processo. Há assim uma certa ambivalência em relação a toda uma fase de sofrimento intenso por que passou (e que ela tenta às vezes compensar : “*Ainda bem que eu*”) que, se por um lado a fez descobrir em si mesma recursos que nem sabia que existiam, por outro permanece o ressentimento de não poder ter sido a mãe com os recursos que tinha antes, mais limitados mas mais condizentes com a sua identidade. Enfim, se para Anelise a maternidade de Vitória fez com que ela se tornasse uma pessoa melhor, permaneceu o desejo de ser a mãe exigente, perfeccionista e intransigente, mais em acordo com o que ela compreende como a própria identidade. Em outras palavras, para ela tratava-se de uma mãe menos sublime, mas mais verdadeira. Portanto, a experiência por que passou e por que ainda passa, coloca Anelise diante de um problema identitário importante, e é nesse momento, em que o perigo maior parece estar passando, que ela pode começar a refletir sobre a conciliação a ser feita entre a pessoa (e a mãe) que foi há sete anos atrás com o que a experiência recente com a filha lhe trouxe.

Embora Anelise se encontre ainda em meio a esse questionamento sobre a possibilidade de integrar no *Self* o que a sua experiência com Vitória acrescentou em sua vida, a relação entre o seu passado mais distante e mais recente não é somente de conflito, mesmo que seu relato insinue um desejo de tudo esquecer. Assim, o que ela pode viver com Vitória seguramente sedimentou uma forte confiança em si mesma e em sua autonomia, que já parecia existir antes do nascimento da garotinha (a médica lhe fala sobre a sua característica de “abraçar a causa”). A fragilidade da filha a fez redobrar a força, desafiar os piores prognósticos e mobilizar sua família, a equipe de um hospital e mesmo a polícia na operação de salvamento da criança. Em suas próprias palavras no relato ao quadro 2, ela se transformou em uma “ursa”, capaz de enfrentar não importa quem o quê esteja do outro lado da corda. Nessa dura empreitada, em que ela precisou também socorrer o marido (assinalado repetidas vezes em seu relato como mais frágil que ela), o apoio que recebeu do meio foi fundamental (de sua família, de sua médica, do hospital) embora nem sempre este a compreendesse e mesmo a acusasse (a mãe e a irmã questionam o seu amor pela filha; a sogra não a compreende; a nova médica é difícil de suportar; a pneumologista não tem nenhum tato). Nesse contexto, embora Anelise ainda pareça estabelecer uma relação de disjunção entre o “antes” e o “depois” do nascimento de Vitória, muito dessa experiência parece ter servido para solidificar o *Self*, mesmo que ela ainda não se dê conta disso.

Se as oposições do mundo a que Anelise precisou fazer face por vezes a obrigaram a vestir uma máscara de onipotência (ela diz que se a criança tiver uma deficiência, ela *resolverá* depois), e se em nenhum momento de seu relato pode ser identificada uma tentativa de manter a filha num

relacionamento de dependência absoluta, a questão que se coloca é então a de compreender o que se passou efetivamente no primeiro ano de vida da menina. Mesmo que, do seu ponto de vista, a ilusão não tenha sido usufruída dada a urgência de assegurar a sobrevivência, a relação que ela estabelece atualmente com Vitória, conforme revelada no CAT-A (especialmente nos quadros 1, 2 e 8) é sem dúvida pautada no estágio de dependência relativa. Uma vez que o alcance da realidade transicional não se dá sem a constituição da realidade subjetiva (salvo na hipótese de um falso *Self*, o que não é o caso), essa conquista relacional sugere que a ilusão foi experimentada, mesmo que Anelise duvide disso. Nesses termos o amor apaixonado existiu, seja a partir do segundo ano de vida da menina, mas muito provavelmente desde o primeiro, quando ele se disfarçou de esperança. A prova disso é que, quando toda uma equipe médica desenganou a menina por duas vezes, Anelise não decepcionou sua filha, não a desiludiu e continuou lutando por ela. Se naquele momento a angústia dilacerante da possibilidade de perder seu bebê e sua concepção do que era a maternidade “normal” a fizeram e a fazem duvidar se ela foi mãe de fato, isso sempre aconteceu. Assim, a ilusão que fez com que ela confiasse quando todos desesperavam, a cegueira que fez com que ela ignorasse a crueza da realidade, mas acreditasse em si permitiram-lhe salvar a filha. Enfim, a despeito de todas as habilidades técnicas que precisou desenvolver, elas sempre estiveram a serviço do que Anelise denominou como a “irracionalidade materna”; no fim foi esta quem triunfou sobre a objetividade do mundo. Outros detalhes da produção de Anelise ao CAT-A são descritos a seguir na análise de cada quadro.

Quadro 1

No relato a esse quadro, a diferença de planos entre os personagens é o ponto que Anelise elege como o centro da mensagem que transmite. Esta se refere à questão da devoção materna, experimentada no contexto da dependência relativa. A conquista da autonomia pela criança é vista por ela como o valor mais importante, a troca afetiva constituindo-se nesse contexto. Assim, a mãe deve abrir mão do próprio narcisismo e afastar-se dos holofotes para que a criança tenha a chance de se desenvolver e de brilhar. Todavia, mesmo em segundo plano, a mãe estará por lá para quando o filho precisar dela.

Quadro 2

Se no relato anterior, em uma situação de segurança a mãe pode distanciar-se e deixar o filho resolver por si mesmo os próprios problemas, diante de uma ameaça ela retoma sua posição no *front* com toda a força e determinação que dispõe. Eventualmente a família a sustenta nessa empreitada, mas os conflitos internos ao grupo não são descartados. Assim, sejam as disputas intra ou extrafamiliares e independente do motivo ou de quem tenha razão, a mãe deve ser o escudo protetor da criança, contra tudo e contra todos. Em síntese, da posição discreta que ocupava na situação de tranquilidade, diante do perigo, ela passa à frente para defender o filho.

Quadro 3

Enquanto no relato precedente Anelise atribuiu a si mesma uma posição de poder e de força, no presente discurso ela aparece intimidada diante do próprio superego e ideal de ego. A autocensura é proeminente em relação à desaprovação do outro, sendo que para ela, em sua família, seguramente a posição de autoridade não é masculina (ela diz não ter entendido o cachimbo na figura do leão). No relato ao quadro 8 há uma ligeira insinuação de que esse poder pertence à sua avó. O tema, assim, é o da autocrítica e da autoexigência em suas funções de mãe, existindo uma preocupação com sua adequação, quase ao ponto de uma opressão (*“Olha como o ratinho está pequenininho perto dele, judiação...”*). Embora seja capaz de viver essa insegurança junto aos dois filhos, Anelise parece sentir-se mais à vontade para experimentá-la com o primogênito (ela decide introduzi-lo no relato, mesmo sabendo que o assunto era sobre meninas). É com ele também que ela consegue dramatizar e transmitir-lhe a sua forma de ser, pelas exigências de rendimento escolar que lhe impõe, ao passo que, com relação a Vitória, por desconhecer os limites da menina, ela se torna insegura para reivindicar dela a mesma produtividade e eficiência.

Quadro 4

Ao desejo de tudo fazer bem expresso no relato precedente é acrescido, no presente, o de fazer tudo, ou, nas palavras de Anelise, “abraçar a causa”. Embora essa vontade e necessidade gerem em Anelise um sentimento de sobrecarga e de urgência, isso não parece ser visto por ela como um incômodo ou uma fonte de angústia. Quanto à atitude perfeccionista, ela poderia se constituir em uma dificuldade somente na medida em que comprometesse o seu relacionamento com os demais. É nesse relato, e nesse contexto, que Anelise mostra o esforço que vem fazendo, e que não parece muito próximo de ser concluído, entre a pessoa e a mãe que foi para o seu filho mais velho e a mãe que precisou ser para Vitória. Enfim, é agora que, passado o perigo maior de perda da filha, o trabalho de integração dessa experiência no *Self* pode ser iniciado, o que vem exigindo de Anelise colocar lado a lado valores firmemente arraigados em sua personalidade e outros que desenvolveu junto a Vitória.

Quadro 8

Embora seja nesse relato que Anelise revela ser a sua avó a figura de autoridade da família, centralizando vários dos conflitos na sua pessoa, não é essa a mensagem principal transmitida. A comunicação primordial é que mesmo se os membros são autônomos o suficiente para terem as próprias opiniões e convicções, a unidade familiar permanece intacta (apesar das discordâncias, há uma deferência à figura da avó que é amada, mesmo se intransigente). É essa confiança na solidez da união da família que torna os boatos, fofocas, disputas e desentendimentos pouco significativos e inofensivos. Nessas condições, não há razão para proteger as crianças dos assuntos de família, mas elas devem participar deles. Do mesmo modo, a certeza de encontrar acolhimento e compreensão torna os segredos desnecessários.

Em síntese, o relato de Anelise retrata uma mãe que corajosamente enfrentou uma realidade objetiva terrível que a ameaçava com a morte de seu bebê e que, por amor a ele, abriu mão de experimentar muitos dos prazeres da maternidade e se permitiu colocar em questão como pessoa, forçando-se a rever determinadas convicções. Se em sua opinião ela foi “menos mãe” de sua filha do que de seu filho, é porque o amor materno que ela dedicou à menina era de um tipo desconhecido para ela. Sua luta, que prosseguiu por anos e anos, encontrou uma ligeira trégua nos últimos tempos, mas que ainda não lhe proporcionou um alívio completo. Com isso, Anelise se interroga se pode ser agora para a filha aquela mãe que foi para o filho e que não pode ser para ela. A resposta a essa pergunta, contudo, depende também de um trabalho profundo de reflexão que Anelise iniciou, de integração no *Self* da experiência que viveu e das mudanças que ela provocou em si mesma. Em suma, ela se esforça agora por estabelecer a continuidade entre quem era e quem é agora e, assim, definir a mãe que vem se tornando, na esperança de que esse processo seja uma alegre descoberta, sem os terrores que viveu.

Narrativa Vitória

Encontrei-me com Vitória poucos dias depois de haver conversado com sua mãe. Ela estava na escola naquele dia e foi buscada em sua sala pela coordenadora. Ela é uma garotinha adorável: tem os cabelos e olhos escuros e a pele morena clara, peso e estatura compatíveis com a idade. Tem os cabelos ondulados e curtos como os de sua mãe. Na verdade ela se parece bastante com Anelise, mas tem um semblante mais sério, embora seja bastante acessível. Em sua aparência não há nenhum sinal demonstrativo da presença de alguma síndrome ou deficiência. É uma criança como as demais. Veste-se com simplicidade, mas com cuidado: calça jeans e camiseta da escola. Apesar do semblante de seriedade, coopera bastante comigo. Nós nos dirigimos para a sala da psicóloga da escola e nos sentamos frente a frente. Eu me apresento a ela e conto sobre a minha pesquisa. Explico que já havia conversado com sua mãe.

Pergunto a ela em que ano ela está e ela me diz que está no terceiro. Pergunto o nome de sua professora e ela me diz, acrescentando que ela tem também uma auxiliar. Espontaneamente, Vitória me explica que a presença dessa auxiliar deve-se ao número elevado de crianças na sala de aula, vinte e nove. Vitória me conta também que a auxiliar de sua professora é bastante jovem e que, além de ficar com os alunos de sua turma, também faz faculdade. Seu tom de voz é baixo, doce e um pouco lento, mas não demais. Comento que a moça faz bastante coisa e Vitória concorda. Pergunto a sua idade e ela me diz que tem 8 anos (a mãe havia dito sete). Pergunto também a ela se sua mãe havia lhe contado que nós duas havíamos visto algumas figuras por ocasião de nosso encontro. Vitória diz que a mãe não havia comentado nada. Seu tom é que a mãe realmente havia lhe falado do nosso encontro, mas sem entrar em maiores detalhes. Digo-lhe então que será uma surpresa para ela e pergunto se ela gosta de animais. Ela diz que sim e eu então lhe explico que vou lhe mostrar umas figuras de animais e que ela deve olhá-las e inventar uma estória para cada uma delas, do jeito que ela quiser. Indago se ela gostaria de me contar alguma coisa ou de me fazer alguma pergunta antes de começarmos. Ela

responde que não. Pergunto se podemos começar e ela responde que sim, mas que vai ter que dizer à sua mãe que o seu dia foi tudo bem e quer não teve nada de errado, porque ela conversou com a psicóloga. Ela ri. Pergunto se ela precisa fazer isso porque a mãe fica preocupada. Vitória responde que sim, mas que vai falar para ela no seu celular se a mãe lembra do que fizemos juntas. Diz que se a mãe lembrar, tudo está bem. (Vitória fala muito baixo nesse momento e é bastante difícil compreendê-la). Digo que creio que sua mãe vai se lembrar, que eu deixei o número de meu telefone com ela, mas que, se Vitória quiser, eu o deixaria de novo.

Pergunto se ela sempre conta para a mãe como foi o seu dia. Ela responde que sim, que normalmente quando a mãe sabe que ela conversa com a psicóloga, ela sabe que é por coisas como algum colega que a maltratou ou alguma coisa desse tipo. Diz que normalmente conversa com a psicóloga da escola para alguma coisa como se algum colega bateu nela. Diz que sua mãe está acostumada que, se ela (Vitória) precisar de alguma coisa, é para conversar com a psicóloga da escola. Em seguida pergunto se eu vou mostrar para a mãe a gravação que estou fazendo com ela. Digo que não. Ela então diz: *“Ah, é, vai ficar com você isso aí.”*. Digo a ela que tudo o que conversarmos ali ficará entre nós, será segredo. Pergunto se está bem desse jeito e ela responde que sim. Indago se ela quer me perguntar alguma outra coisa e ela responde que não.

Proponho então vermos os quadros e ela aceita. Eu lhe mostro o primeiro cartão e ela o deixa comigo. Digo que pode pegá-lo se quiser, e ela o faz.

Quadro 1

Ela olha o cartão por 5 segundos e começa seu relato. *“Pintinhos? Pintinhos. [Vamos tentar inventar uma estória?] É difícil, assim, eu tô acostumada assim a ver os personagens no livro e copiar no caderno. A minha professora, ela faz assim, ela manda ir para a casa, a gente lê, como é português, a gente pega o caderno de português, lê a página, copia a parte, que você mais gostou, escrita e o desenho. [Então é ao contrário né, porque aí o desenho já está pronto.] É, e é difícil. [Então vamos lá, vou te ajudar, tá? Era uma vez...] Uma família de pintinhos (silêncio de 10 segundos), uma família de pintinhos (ela fala muito baixo nesse momento), que a mãe levou eles para comer, em uma mesa de jantar. Cada um tinha a sua panelinha, sua tigelinha. O bebê usava babador, o mais novinho também, o mais velho já parou de usar, e a mamãe olhando eles jantar. [E o que você acha que vai acontecer?] Você tem que me mostrar a segunda imagem, para eu ter uma ideia, para eu comparar e ter uma ideia do que vai acontecer. [Ah, mas a segunda é bem diferente desta.] É? [É.] Mas eu não faço a mínima ideia do que vai acontecer. [Tudo bem, você pode inventar do jeito que você quiser, não tem certo, nem errado, tá?] Mas eu não tenho a mínima ideia do que eu falo assim. [O que você acha que eles estão pensando, assim?] Não sei. Porque é assim, para mim, eles estão assim, o que eu tô vendo aqui é que as tigelinhas, não tão, assim, cheias, você pode ver, ainda está aqui, não é? Então... o que eles estão pensando, ai meu Deus. (ela fala consigo mesma) [Qualquer coisa que você imaginar.] (silêncio de 8 segundos) Eu não faço a mínima ideia. [Será que eles vão gostar da comida ou não?] Eu não sei.*

Eu acho que eles estão pensando que, assim, estão esperando o galo pegar e por na tigelinha de cada um para eles comer e eu acho que eles vão gostar da comida e depois deles comerem, eles vão dormir no galinheiro. Exatamente no galinheiro e só. (O discurso de Vitória é bem pausado o tempo todo). [Vamos pensar em um título para terminar?] ‘A família de pintinhos’. [Aí, muito bom Vitória.]”. Ela sorri, me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 2

Ela começa a falar imediatamente. “Aqui são dois ursos grandes e um ursinho pequeno. Para mim, eles estão brincando de cabo de guerra e acho que, para mim, aqui está alguém que sabe, mas para mim, é... é... como é que eu falo, uma montanha, apesar de estar esbranquiçada, e que, assim, como o ursinho puxa por último, eu acho que assim, ele vai cair porque ele é pequenininho, não tem força e outra, ele está puxando por último, não no meio, ele tá puxando por último. Então a possibilidade dele é que o braço não aguenta e que o braço solte, com a força do braço, e que o pai também tá deitado na corda, então vai ficar mais difícil para o ursinho. Então eu acho que, provavelmente, ele vai cair. (O pai é o urso maior do mesmo lado que o ursinho) Para mim é isso. [Vamos dar um título?] Título... bom, para não ser um título assim, triste, para não falar que o ursinho vai cair, para não ficar um título triste, faz assim... (silêncio de 12 segundos) É... ‘Um dia brincando de cabo de guerra’. [É que aqui o pai dele não ajuda, né? E torna mais difícil as coisas.] É, é, é (ela é enfática) ele não ajuda. Assim, ele não ajuda, porque ele só tá inclinando, e isso só tá fazendo a corda subir e o ursinho, descer. Ele vai ficar que nem essa aqui (ela mostra a parte mais clara da corda e inclinada para baixo, desenhada atrás da figura do ursinho), se o ursinho perder a força, vai ficar que nem essa aqui, vai cair, vai ficar solto, e aqui vai cair, o ursinho. [Quem que vai ganhar então o cabo de guerra?] O cabo de guerra? Acho que o pai, porque não está tão inclinado, já esse aqui (o urso que está só) ele está quase deitando no chão, provavelmente. Então quem vai ganhar o cabo de guerra, acho que é o pai e o ursinho. [Entendi, apesar de tudo é o pai e o ursinho que ganham.] É, porque se você ver, esse aqui tá quase inclinando no chão. Para mim, é isso. [Muito bom. Aí você sabe contar estória sim, inventar.]” Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o terceiro.

Quadro 3

“Essa daqui? (silêncio de 8 segundos). Bom, para mim, essa aqui é que o leão, assim, velho, você pode ver que ele, assim, já está bem velhinho, e ele tá pensando, enquanto que o ratinho está aqui na ratoeira. (a voz de Vitória é muito baixa e pausada). Então, assim, o ratinho, para mim, ele tá olhando, estranho, pensando que ele pode ter a possibilidade de querer comer ele. Então ele já está olhando assim, para mim, o ratinho está com medo, que apesar dele ser assim, bem idoso, ainda tem uma possibilidade de caçar. [De caçar o ratinho?] É, apesar dele estar idoso, ele ainda consegue andar. Para mim, antes dele estar pensando, ele estava soprando o cachimbo, antes dele estar pensando. E então o ratinho já estava de guarda para vigiar a ratoeira dele, que ele formou aqui, que aqui já deve ter

formado uma família, porque assim, o tempo que ele passou aqui na ratoeira, foi suficiente para criar uma família e para ter um monte de filhote. Então, assim, com certeza o leão vai chegar, vai comer todos os ratinhos, tanto o filhote como o pai e a mãe e ficar, depois sentar, da mesma forma que ele está sentado, só que no caso, para mim ele pode guardar a bengala, porque, assim, são poucos metros, daqui até a parede, porque a cadeira está aqui e a parede está aqui, é só ele virar e comer o ratinho. Logo aqui, a parede está logo aqui, e ele logo aqui, então é só ele sair da cadeira virar para cá e comer o ratinho. [Nossa, o ratinho deve estar com medo então, né?] Não... assim, o ratinho já está de guarda para ver se não come a família dele. Mas, provavelmente, ele está pensando nisso, se ele come o ratinho ou não. [O que você acha que ele vai decidir?] Eu acho que, assim, você vê que é uma estória do leão e o ratinho, né? Eu acho que nessa possibilidade dele estar idoso, ele não consegue mais. Porque assim, quando um animal fica idoso, os pelos já ficam bem brancos, já fica aquele leão bem branco, e ele não consegue andar mais, anda assim, não cai. Então eu acho que ele não vai conseguir pegar o ratinho, eu acho que ele está pensando em ficar ali mesmo, eu acho que o ratinho deve despreocupar, porque ele não vai comer o rato, porque ele tá sem força, ele não é mais o leão de antigamente, que era aquele leão novinho, dourado, não é mais. [Ele deixou de ser tão perigoso.] É, é, porque quando ele era nor... novinho, certamente, ele tinha um pouquinho, assim, ele sabia caçar e tudo. Não é que ele não sabe caçar ainda, ele sabe, mas ele tá sem força, sem possibilidade para poder caçar. [E um título?] Hum... (silêncio de 6 segundos). Espera aí. Espera aí. ‘O leão pensador’.” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 4

Ela começa a associar imediatamente. “Bom, aqui, deve ser uma família de canguru, né, porque você pode ver que o banquinho da bicicleta, o certo seria estar sendo usado pela mãe. Assim, a mãe é quem deveria estar dirigindo, mas, na verdade, é os filhos, porque eles ainda são pequenos, então eles só dirigem a bicicleta, não pulam. Então, esse daqui, tá dentro dela, porque, assim, mesmo que ele acabou de nascer, ela ainda tem uma bolsa que po..., que consegue carregar ele na barriga. Então, assim, para a segurança, como ele é um bebê mais novo que esse aqui que sabe andar um pouquinho mais de bicicleta, ele..., assim, ele ainda é uma criança, porque ele carrega uma bexiguinha e tudo, só balança a bexiguinha, então, com certeza, é uma criança. É um bebezinho e, para mim, a mãe está levando, com certeza, eles para o bosque, para a mata, porque como você pode ver, isso daqui parece uma mata, para fazer um piquenique com eles, que você pode ver que ela está levando em uma cesta, suquinhos, qualquer coisa. E é isso. [E o que você acha que pode acontecer depois?] Espera aí, deixa eu ver. Então, eles vão lanchar, depois eles voltam para o lugar deles, o lugar exatamente dos cangurus. É isso para mim. Que é para eles saírem um pouco da toca, então isso fez com que eles saíssem da toca um pouco, para respirar um pouco. Tem que tirar um pouco aquela rotina matinal, que é de correr, treinamento, tudo, então para mim é isso, depois de lanchar eles vão exatamente para a toca dos cangurus. [E eles ficam muito tempo na toca?] Não, assim, com a rotina

matinal, de manhã, não, mas depois eles voltam para a toca, tudo, tem os seus lanches que são na mata, no meio da mata e fica, e depois volta para a toca para dormir. Tem o café da manhã, a rotina matinal, que é correr, tudo, depois tem o almoço, que é de novo na mata, depois dormir. [Muito bom. E o título?] ‘Um dia de diversão’’. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

Ela vê as outras figuras do CAT-A que estão ao lado e que eu não uso na pesquisa e diz: ‘Tem uma última ali’. Respondo que só vamos ver mais uma, não vamos olhar as outras. Ela concorda e começa a associar imediatamente sobre o quadro 8. ‘Para mim, aqui, com certeza, é uma família de macacos, assim, aqui... deve ser... aqui... deixa eu ver... aqui deve ser o pai da mãe, aqui (ela se refere ao macaco sentado no sofá). [Esse que tá sentado?] É. Com a irmã dela. Aqui. E para mim, a avó morreu, a avó macaquinha morreu, porque para eles terem um retrato dela, só se morreu, faleceu. Então, assim, aqui é a mãe, assim, é... falando para o filho tudo, para ele se comportar, tudo, enquanto (tosse) o pai dela e a irmã dela estão tomando um chá na casa dela, para mim, sentados no sofá, perto de uma porta e ela tá sentada conversando com o filho, arrumada e tudo, enquanto eles conversando e tomando um chá no sofá da casa dela. E um retrato, uma foto da vovó. [E ela tá falando para ele se comportar você tinha dito?] É..., não, ela está conversando (ela enfatiza a palavra) com ele para ele poder se comportar. E o título desta estória, deixa eu ver, ‘Toda a família conversando’. [E você acha que ele vai se comportar ou não?] Acho, porque, assim, você vê que ele está concordando com o que a mãe está falando, então eu acho que ele vai se comportar sim, porque ele está concordando.’. Ela me devolve o cartão.

Peço então a Vitória que me diga qual foi o quadro de que ela gostou mais e qual deles gostou menos. Ela reflete e seleciona o quadro 1 como o seu preferido. Elege o quadro 2 como o que gostou menos. Justifica sua escolha dizendo que gostou menos deste por causa “da questão do ursinho cair” (sic). Diz: “Então isso torna a estória um pouquinho mais triste. Então, essa foi a que eu menos gostei. O resto eu gostei bem, eu gostei bastante.”. Pergunto a ela quem poderia ser o urso sozinho do outro lado da corda, se seria um conhecido dos outros dois. Ela diz que ele é o tio do ursinho, o irmão mais novo do pai.

Eu então agradeço a ela a participação na pesquisa e pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela diz que achou as imagens (sic) bonitinhas. Pergunto se achou a tarefa difícil e ela responde que não. Nós então nos despedimos.

Interpretação Vitória

Mesmo com o meu esforço de não me deixar envolver demais pelo relato de Anelise para compreender o de Vitória, a comunicação dessa doce garotinha durante o seu encontro comigo inevitavelmente me fez lembrar daquela de sua mãe, de sua esperança de que, no final do ano, pudesse dizer: “*Ai que bom, esse ano deu tudo certo!*”. De fato, a mensagem que Vitória transmitiu no CAT-A

e em sua conversa comigo anterior à apresentação dos quadros somente pode ser compreendida em termos das experiências difíceis que ela viveu e ainda vive, do efeito que estas tiveram sobre sua mãe e como marcaram e marcam sua relação com ela. Nesses termos, a percepção da “superproteção” materna (necessária diante das condições da menina), as dúvidas de Vitória quanto ao grau de autonomia que ela pode se permitir e um certo perfeccionismo aparecem como preocupações e características da menina que exercem uma influência importante na expressão do *Self*.

Nesse contexto, a mensagem principal é transmitida já nas primeiras palavras que Vitória dirige a mim, quando ela me fala da sua idade e me conta sobre a estagiária que auxilia a sua professora. Ela me conta que tem oito anos, quando sua mãe havia dito sete. É impossível deixar de recordar, no relato da mãe, que esta havia dito que, numa tentativa de se proteger do enlouquecimento e garantir a sobrevivência da filha, apenas tinha conseguido realmente amá-la após o seu primeiro ano de vida. Por isso, a real existência da menina começa em momentos diferentes para ela e para a mãe. O tema da necessidade de ajuda que sua professora apresenta vem em sequência a esse raciocínio: a criatividade e a espontaneidade de 29 crianças juntas é demais para uma pessoa só; a presença de mais alguém é necessária para garantir o controle mas, sobretudo, a proteção e a socialização. Ainda, a ajuda deve vir de uma pessoa dinâmica e capacitada emocionalmente, capaz de se doar ao outro e de ser autônoma ao mesmo tempo (a estagiária ajuda em sala de aula e faz faculdade). Enfim, na percepção de Vitória, cuidar de crianças é uma tarefa difícil porque cuidar de si mesma também é laborioso, embora não desagradável. Assim, ela também precisa ser maternada fora da família e sua escola, consciente disso, também estabeleceu uma rede de proteção importante e especial para ela. Nesse contexto, a psicóloga do estabelecimento está disponível para toda e qualquer necessidade dela (mesmo os pequenos desentendimentos com os colegas, que ela poderia resolver sozinha). Essa superproteção, contudo, não desagrada a menina, que se sente muito bem cuidada e segura. Todavia, ela lhe rouba um pouco do direito a ter uma intimidade, uma privacidade, o alcance de uma autonomia parcial (ela precisa fazer um relato detalhado dos seus dias para a mãe). Essa contiguidade com a mãe não é, no entanto, percebida por Vitória como uma invasão. Embora eventualmente ela constate que a mãe exagera em suas inquietudes, a menina não se importa (pelo menos aparentemente) de tudo lhe informar por duas razões. A primeira é porque ela deseja acalmar a genitora, apaziguar as suas angústias. A segunda razão refere-se à percepção que Vitória tem de si mesma, como alguém frágil, duvidosa de sua condição de ter alguma autonomia, de sua capacidade de resolver sozinha alguns de seus problemas, potencialmente exposta a perigos e ameaças. Desse modo, a proteção do colo materno, a continuidade de um certo nível de simbiose com a mãe lhe garantem proteção (no quadro 4, ela diz que o pequeno canguru, embora já tenha nascido, é carregado no ventre da mãe por medida de segurança). Se essa relação de proximidade estreita não a incomoda, o preço de uma definição menos marcada dos limites com a mãe logo se faz cobrar. Insegura de si, sem saber a intensidade atual da ameaça interna que lhe ronda (ver relato ao quadro 3), a impulsividade, a espontaneidade e a criatividade, pelo perigo de extrapolar os limites e induzir ao erro, podem se tornar fatais. Não

sabendo até que ponto sua sobrevivência ainda está em risco, Vitória aceita de boa vontade a proteção que o ambiente familiar e escolar lhe fornecem, com a contrapartida de precisar trilhar caminhos já bem conhecidos e definidos como seguros. Daí seu desconcerto diante de meu pedido inicial, no quadro 1 de inventar uma estória, tendo apenas uma imagem como ponto de partida. O exercício livre da criatividade parece ser algo pouco conhecido por ela, pelo menos nos termos da dependência relativa, período em que ela se encontra, mas em que não se sente ainda confortavelmente situada. Nessa situação em que a ameaça da patologia orgânica perpetua a preocupação materna primária, a oposição à mãe não tem praticamente lugar. Seu caminho deve ser o caminho da mãe e, neste trajeto, nem ela nem a mãe podem se dar ao luxo de errar, pois as consequências podem ser drásticas. Com isso, o relaxamento tem pouco lugar, e a criatividade se torna incompatível com a segurança. Ela deve ceder lugar ao funcionamento falso *Self*, ao apego à realidade objetiva dos fatos; uma atitude perfeccionista, assim, se estabelece²². Nesse sentido, se nas teorias sobre a patologia psicossomática, as dificuldades associativas e o pensamento operatório são distinguidos como possíveis agentes facilitadores (ou mesmo determinantes) de seu surgimento, o caso de Vitória mostra que a patologia orgânica também pode ocasionar uma restrição ou mesmo um bloqueio da capacidade criativa.

Embora apresente eventualmente essa característica, o relato global de Vitória mostra que ela não se trata, de forma alguma, de uma criança cuja personalidade está se organizando em torno de um falso *Self* ou que está desenvolvendo um pensamento do tipo operatório. Apesar de sua insistência em solicitar a minha ajuda para compor a estória do quadro 1, ela aceita que eu lhe ofereça apenas parâmetros fluidos, dentro dos quais ela mostrou ser capaz de se movimentar. Assim, ela foi capaz de contar estórias originais e pessoais a partir dos cartões do CAT-A, necessitando cada vez menos da minha ajuda. Assim, se no quadro 2 ela conta uma estória em que se ressentia de não receber ajuda e proteção suficientes por parte do pai, o coroamento da descoberta de suas capacidades ocorre no relato ao cartão 8. Neste, ela insiste em que a mãe não está se impondo ao filho para que ele se comporte bem, mas está apenas oferecendo parâmetros para que ele a compreenda e possa fazer uso deles de modo a capacitar-se para fazer o que ela pede. Enfim, existe aqui uma maior consideração pela autonomia da criança e a crença na capacidade de simbolização (a avó está morta, mas o seu retrato a torna presente na família). A relação de ajuda se torna outra, semelhante à que eu e ela estabelecemos para que as estórias do CAT-A pudessem ser contadas: eu lhe ofereço um norte, mas não faço a tarefa por ela.

Essa chegada ao *boulevard* da dependência relativa de Vitória, contudo, vai se estabelecendo aos poucos, após um longo caminho que ela percorre, guiado pela busca de uma resposta para a questão sobre até que ponto ela ainda precisa de ajuda e proteção nesse momento de sua vida, trajeto que ela mostra ao longo do CAT-A. Assim, se ela inicia informando no quadro 1 a sua posição de dependência do adulto (as tigelas dos pintinhos estão vazias e devem ser preenchidas pelo galo), no

²² A título de curiosidade, no relato de Anelise, a palavra « certo » é citada por ela nove vezes; no de Vitória, o adjetivo “exatamente”, que não apareceu no discurso de nenhuma outra criança, surge três vezes.

quadro 2, o ressentimento de não receber proteção suficiente do pai cede lugar, no final, à surpresa de ter sobrevivido e atingido os seus objetivos, mesmo não estando completamente encarcerada numa bolha protetora (no meio dos dois ursos)²³. Essa feliz constatação a conduz a interrogar no quadro 3 se a terrível ameaça de morte que ela sofreu se constitui ainda como um perigo real e iminente em sua vida. Após uma longa ponderação sua resposta é a de que, embora ela ainda não possa esquecer-se do risco e viver uma vida em completa tranquilidade, a ameaça perdeu a força (o leão ainda sabe caçar, mas está velho; não é mais aquele leão novinho e dourado de antes). Com isso, a hipervigilância vai se tornando cada vez mais desnecessária. Desse modo ela mostra, no relato ao cartão 4, que já é possível se aventurar no mundo exterior, em suas palavras, “quebrar a rotina matinal”, embora ainda com a (super)proteção da mãe e guiada por ela, sempre próxima a ela, que é autônoma em contraposição à criança (ela diz que é a mãe quem deveria estar dirigindo). Essa condição não a impede de alcançar a importante conquista da simbolização (o retrato da avó morta) e o estabelecimento de uma relação com a mãe em outras bases, já comentadas acima.

Enfim, diante de uma ameaça real que a perseguiu durante toda a sua vida e que conduziu a mãe a estender por um longo tempo a preocupação materna primária, Vitória se pergunta (como Anelise em seu relato) até que ponto o perigo ainda existe e se ela pode agora, aventurar-se despreocupadamente na apaixonante expedição do desenvolvimento emocional. Se o seu temperamento complacente diante da mãe e de suas figuras substitutas foi essencial para garantir a sua sobrevivência desde o início, neste momento ela deseja usufruir do direito de se opor a essas figuras e definir, pouco a pouco, os contornos de sua identidade. Para tanto, o afastamento da ameaça em si, mas também a mudança que ele provocaria no olhar que o meio dirige a ela (que atualmente ainda é o de uma criança frágil), lhe permitiria o relaxamento necessário para usufruir de sua criatividade e aproveitar as falhas ambientais (que no momento não podem acontecer) para expressá-la e, assim, se desenvolver e se fortalecer. Outros detalhes da produção de Vitória ao CAT-A são descritos na análise de cada quadro, exposta a seguir.

Quadro 1

Nesse primeiro momento, em que a tarefa que solicito faz apelo à capacidade criativa, a reação inicial de Vitória é de resistência. Ela mostra uma certa desconfiança sobre suas condições de produzir algo de original e pessoal, solicitando parâmetros da realidade objetiva para se apegar. Há um receio do erro e alguma desorientação diante da liberdade da tarefa. Essa conduta, que geralmente acompanha um falso *Self* e que é encorajada pelo ambiente²⁴, é, contudo, superada, ainda que parcialmente, já que o conteúdo da estória também reflete a dependência do outro (as tigelas dos pintinhos estão vazias e eles devem aguardar serem servidos pelo galo). Assim, a estória expressa a relação que ela buscou estabelecer comigo. Embora ela reconheça que as necessidades variam de

²³ Há que se considerar aqui a função paterna de exclusão da criança no vínculo edípico (negativo) com a mãe.

²⁴ Ver a explicação que ela faz sobre como se desenrolam suas atividades escolares.

acordo com o estágio de desenvolvimento (os pintinhos mais novos têm babador e o mais velho não tem), sua identificação ainda parece ser com a criança mais nova, necessitando do apoio do outro para produzir. Desse modo, ela permanece apegada ao real em detrimento da imaginação pessoal, desconcertando-se quanto ao que deve fazer quando algo não está totalmente dado (as tigelinhas estão vazias, eu não lhe mostro uma segunda imagem para guiar suas associações). Sua criatividade, portanto, é apoiada na criatividade do outro, e ela deve, dessa maneira, seguir caminhos seguros, porque já foram trilhados.

Quadro 2

Em termos transferenciais, o conteúdo inicial da estória que Vitória contou a partir dessa figura expressa uma certa queixa a meu respeito por eu não ter lhe ajudado o suficiente no quadro anterior. Todavia, ela tem uma agradável surpresa, ao final desse relato, de que conseguiu realizar sua empreitada, mesmo que a minha participação nela tenha sido pouca. O conteúdo da estória vai na mesma direção: o pai, retirando o filho do meio dos dois adultos e colocando-o ao seu lado, o expõe ao colapso (a queda da montanha). Sair da proteção completamente envolvente do colo parental é percebido por ela como assustador, como uma manobra paterna inadequada e insensível: o pai a priva do *holding* e promove, assim, uma falha ambiental. Com isso, um sentimento de fragilidade e a ameaça de um desequilíbrio iminente tomam conta dela. Todavia uma apreciação precisa das condições da realidade objetiva (ela explica com detalhes a posição dos dois ursos e a da corda) revela que o amparo oferecido pelo pai, mesmo não sendo total, é suficiente: nenhuma tragédia acontece com ele nem com o filhote e, ainda, eles saem vencedores do cabo de guerra. Essa percepção, que conduz Vitória a repensar sobre suas reais capacidades e fragilidades, provocam sobre ela um efeito importante que ela desdobrará em seu relato ao quadro seguinte.

Quadro 3

Constatada no relato anterior a possibilidade de sobreviver e escapar ao colapso mesmo não estando completamente coberta por todos os lados, Vitória reflete nesse momento, sobre até que ponto o perigo que a perseguiu a vida inteira e que ainda ronda por perto, guarda a mesma intensidade de antes. Ela percebe que toda a proteção que recebeu e recebe, embora a assegure, também a aprisiona e imobiliza (ela chama a toca do ratinho de “ratoeira”). Suas cogitações a conduzem à conclusão de que, se a ameaça não foi forte o suficiente para destruí-la durante tanto tempo (o ratinho chegou até a formar uma família na sua “ratoeira”), provavelmente ela não o fará mais. Para ela, o risco se enfraquece com o tempo (envelhecimento) e, assim, uma conduta de hipervigilância vai se tornando cada vez mais desnecessária. Assim, mesmo que a ameaça não tenha ainda desaparecido completamente, ela se torna cada vez mais inofensiva. Com isso, Vitória pode começar a desfrutar de um maior relaxamento e, assim, abrir um espaço maior para o usufruto de sua criatividade, cujo campo de ação é ainda restrito nesse momento (o ratinho tem filhotes, mas eles estão presos na toca).

Quadro 4

Em contraste com a família de ratos encerrada em sua toca no quadro anterior, o nível de relaxamento que Vitória (e sua mãe) pode(m) se outorgar permite uma excursão gradual rumo ao mundo exterior, que é expressa neste relato. O ingresso nessa aventura deve ser feito de forma cuidadosa, ainda bastante protegida pela mãe, apesar da idade da criança (o bebê canguru já nasceu, mas ainda está na bolsa da mãe por medida de segurança). A autonomia maior ainda cabe à genitora (ela é quem deveria estar dirigindo), sendo bastante restrita aos filhotes, que não podem ir muito longe sozinhos (eles não pulam). A identificação de Vitória é ainda com a criança menor, resultado do olhar que ela sente que o ambiente lhe dirige (ela própria pondera que o canguru na bolsa é um bebê *porque* ele carrega e balança uma bexiga). Apesar disso, a mãe não permanece presa numa tentativa de infantilizar a menina, mas reconhece as suas necessidades de uma quebra controlada da continuidade da existência (a rotina matinal) para que ela possa se desenvolver. Assim, a mãe atende as necessidades básicas de cuidado e proteção (leva comida e sucos) e, pouco a pouco, também as de dependência relativa (leva os filhos para um piquenique), ajudando a filha a estabelecer o tempo transicional (de alternância entre a ausência e a presença da mãe). Dessa maneira, a mãe lança as sementes para que a capacidade de simbolização da filha possa germinar. A condição para isso, contudo, é que o movimento centrífugo seja em seguida acompanhado pelo centrípeto, ou seja, ter a certeza de que mesmo que a mãe e a criança se distanciem do lar, este permanecerá onde está, aguardando a volta delas. Em outras palavras, a quebra da continuidade somente pode ser suportada se há a garantia de recuperá-la depois.

Quadro 8

Nesse relato final do CAT-A Vitória mostra que, apesar de todas as ameaças, dos reveses, das angústias e dos terrores que sofreu, e que ainda não desapareceram por completo, ela pode seguir em frente no seu desenvolvimento e, junto com sua mãe, ultrapassar a tentação de permanecerem num relacionamento simbiótico e fusional. Assim, mesmo que existam ainda resquícios da preocupação materna primária da genitora, eles não bloquearam nem retardaram o desenvolvimento emocional da garotinha. As sementes da simbolização plantadas pela mãe e referidas no relato anterior, floresceram e frutificaram no presente, com Vitória mostrando sua capacidade de prescindir do objeto real pela constatação de que a presença dele permanece mesmo em sua ausência (a avó está morta, mas existe um retrato dela). Ainda, se a oposição à mãe por meio do desafio não surge em seu relato, essa falta não se constituiu em obstáculo para a ocorrência do processo de separação corporal e superação da relação simbiótica. Desse modo, a distância existente entre mãe e filha é muito bem reconhecida (a mãe está *conversando* com o filho para ele *poder se comportar*). O vínculo indiferenciado é substituído pelo simbólico (*Toda a família conversando*) e a continuidade corporal cede lugar ao sentimento de pertinência, à aliança entre as gerações. Estes, por sua vez, são garantidos pela aceitação

das introjeções que a família (e especialmente a mãe) propõe (o macaco filhote concorda com o que a mãe está dizendo). As bases para a aprendizagem estão, assim, estabelecidas não havendo mais necessidade de uma dependência estreita do outro, nem de que ele faça tudo por ela. Enfim, nesse relato, Vitória revela que, apesar de todas as turbulências de sua vida, ela aterrissou e fincou sua bandeira firmemente no estágio da dependência relativa.

Em síntese, o relato de Vitória ao CAT-A mostra que ela é uma garotinha que, apesar das sérias dificuldades que viveu e dos perigos por que passou e ainda passa, ela, com a ajuda de sua mãe, fizeram a opção por seguir em frente e acreditaram sempre uma na outra. É certo que as condições orgânicas da menina levaram a uma superproteção por parte da mãe e criaram nela uma certa dependência do outro, uma restrição da criatividade e um conseqüente apego à realidade exterior. Todavia, as constatações de Vitória de que era capaz de sobreviver diante de um ambiente que não lhe proporciona tudo, mas que lhe oferece o suficiente, a fortaleceram e mostraram sua condição de fazer face aos riscos da realidade exterior e interior. Nesse contexto, com a diminuição da ansiedade, a criatividade e o acesso ao mundo exterior puderam se expandir e ela foi capaz de cumprir as tarefas de integração, realização e personalização, caminhando ao mesmo tempo em sua evolução sexual (estágio de latência). A possibilidade de usufruir do relaxamento (mesmo que parcial) e o acesso à capacidade simbólica, permitido pela experiência de ser capaz de suportar as ausências da mãe, abriram-lhe o caminho para o exercício da criatividade de uma perspectiva das experiências transicionais. Todavia, Vitória mostra que nesse momento de sua jornada, em que ela acampa no terreno da dependência relativa, ela precisa ser sustentada por um olhar do outro que compreenda as suas necessidades reais, que saiba protegê-la, mas sem infantilizá-la em demasia. Se no CAT-A ela mostrou que inicialmente pode resistir um pouco à apropriação de suas capacidades, o olhar de um outro que acredite em suas condições e que permaneça ao seu lado, pode fazer milagres por ela. Afinal, foi assim com sua mãe desde que ela era bebê.

Síntese Anelise e Vitória

Os relatos de Anelise e de Vitória mostram que elas compartilham uma mesma questão, a saber, se o perigo maior que ameaça a saúde e a vida da menina, e a relação com a mãe, já passou ou não. A comvente história dessa díade, que mostrou que a coragem e a confiança inspirada no amor materno são capazes de realizar o que seria altamente improvável, mostra que esse sentimento pode assumir várias facetas, inclusive a de uma aparente frieza, quando esta é necessária para atender as necessidades do bebê. Mesmo que isso roube muitas das alegrias da maternidade, no caso de Anelise, ela decidiu abrir mão desses prazeres em prol de sua filha. Para ela, a vida sempre foi mais importante, mesmo se em um determinado momento ela era incompatível com a ternura, num paradoxo em que distanciamento afetivo é a prova da mais ardente afeição. Assim, a preocupação materna primária, mesmo se invisível, permaneceu intocada no relacionamento inicial entre as duas, já que a aparente indiferença de Anelise significava a renúncia aos próprios prazeres do afeto, em prol de seu bebê.

A necessidade que Anelise teve de abdicar do afeto materno nos primeiros meses de vida de Vitória não foi, contudo inócua, já que a fez sentir-se menos mãe de sua filha. Nesse ponto é particularmente interessante notar que enquanto a menina afirma ter 8 anos, Anelise diz que a idade dela é sete; ela demonstra dessa maneira que conseguiu sentir-se mãe de Vitória somente a partir do segundo ano de vida da menina. Todavia, mesmo a partir dessa época em que o afeto pode eclodir, o risco sempre presente do advento do pior, obrigou-a a superproteger a filha, atitude que também a fez sentir-se como uma mãe apenas parcial. Sua identidade de mãe é a daquela que guia os filhos rumo à independência, à autonomia, a mãe que estimula o desenvolvimento desses valores na criança, mesmo que para isso necessite ser às vezes dura e rigorosa para com elas. Como as condições de Vitória não lhe asseguram que ela pode ser exigente com a menina, permanece em Anelise uma sensação de não estar totalmente em acordo consigo mesma. Assim, se ela não é propriamente uma “mãe falso *Self*”, também não se sente inteira como mãe. A pergunta implícita em seu relato, se a filha agora é uma criança “normal”, é, assim, a outra face de sua interrogação se ela mesma pode ser uma mãe “normal” a partir desse momento.

Esse desconforto que Anelise exprime é fruto de uma integração ainda incompleta no *Self* da experiência que ela viveu com Vitória. A angústia intolerável que ela sofreu gera um desejo de tudo esquecer. Mesmo que a experiência tenha sido bastante rica e que a tenha conduzido a refletir sobre os seus valores, ela entra em choque com uma pré-concepção sobre a maternidade e um anseio de perfeição no desempenho de suas funções maternas; portanto, do seu ponto de vista trata-se de um desejo de ser uma mãe menos sublime, mas mais verdadeira. Como o passado não pode ser suprimido, o problema passa então a ser a possibilidade de deixá-lo para trás, mesmo sem esquecê-lo. Todavia, esse esforço reflexivo não pode ser finalizado até agora, visto que Anelise ainda não sabe se a esse período de calma sucederão outras tempestades. A confiança, contudo, de que o pior já passou e que as chances dele voltar são muito restritas, levam-na a olhar o futuro com otimismo e lhe oferecem a chance de um repouso no qual essa reflexão poderá ter lugar.

A despeito das perturbações do primeiro ano de vida, o alcance das capacidades de integração, personalização e realização por parte da menina testemunham o atendimento de suas necessidades emocionais por parte da mãe, seja mesmo nessa época de sua existência, seja depois, por meio de uma reparação materna. Embora Anelise o tema, a proteção intensiva e extensiva a que ela precisou e precisa ainda submeter sua filha não gerou um bloqueio importante no desenvolvimento da menina, nem fez com que os relacionamentos estabelecidos com ela tivessem por base o sentimentalismo e a comisseração. Mesmo que o relato de Vitória tenha sugerido que o seu primeiro movimento seja o de criar vínculos de dependência com o outro em que ela se sinta protegida por inteiro, a descoberta dos próprios recursos e da capacidade de sustentar a si mesma, mesmo que parcialmente, é uma surpresa alegre e agradável. Há assim, um desejo de sair da posição de passividade, por mais confortável que ela seja, para ganhar o mundo da autonomia e da autoexpressão. Para tanto, ela também precisa da garantia do fim da ameaça da aniquilação; nesse sentido, o olhar assegurador da mãe é fundamental.

Assim, embora em termos gerais a evolução afetiva de Vitória esteja se processando bem, o receio de uma nova crise provocada pela patologia orgânica a conduz e à mãe a uma hipervigilância que obriga ambas a um apego à realidade objetiva e restringem a área de exercício da criatividade. Assim, mesmo que em Vitória não existam indícios de uma personalidade falso *Self* em formação, seu relato nos mostra que esta é passível de surgir não apenas diante de falhas do ambiente no cuidado do bebê, mas também quando uma ameaça orgânica real e grave se faz presente.

Desse modo, mesmo que a área da criatividade encontre-se um pouco limitada, Vitória mostrou em seu relato ao CAT-A ser bastante capaz de uma expressão pessoal e original, superando uma tendência inicial de se pautar na criatividade alheia. Nesses termos, é o modo como o ambiente se apresenta perante ela que parece ser decisivo nesse ponto: se sua tendência é de tudo fazer por ela, Vitória permanece submissa; por outro lado se ele a obriga a trabalhar, permanecendo ao lado dela como mero apoio, a originalidade surge. Enfim, se ela precisou de um ambiente perfeito no início da vida (mesmo que um pouco desafetivado no começo), ela agora também precisa das falhas graduais dele para se desenvolver. Nesse sentido, a capacidade de simbolização que ela alcançou evidencia mais uma vez as boas condições do ambiente em que vive para promover o seu amadurecimento emocional.

Em síntese, essa díade que ultrapassou obstáculos em sua vida que muitos consideravam intransponíveis parece ter, finalmente, chegado a um ponto de equilíbrio e de repouso, ou pelo menos de trégua, no qual ela vai poder renegociar os termos de seu relacionamento. Se o perigo ainda não passou por completo, pelo menos ele é sentido por mãe e filha como tendo perdido muito de sua intensidade. Assim, para atingir uma certa tranquilidade (dentro do possível em um relacionamento entre pais e filhos) falta muito pouco para Anelise e Vitória, ou seja que tudo pode ser superado sem sequelas ou pelo menos sem repercussões negativas maiores. Essa certeza garantiria a ambas uma liberdade maior para desfrutar de suas relações. Assim, é na busca da resposta à questão se elas podem ser mãe e filha como todas as outras mães e filhas que elas vieram me encontrar. Todavia, mesmo que Anelise tenha duvidado de meus apontamentos, elas sempre foram mãe e filha, iguais às outras e diferentes das outras, desde o início.

APÊDICE CB - Díade Gisele e Ana Cecília

Identificação

Gisele: 38 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Ana Cecília, 8 anos; Leandro, 4 anos

Criança estudada: Ana Cecília

Ordem das entrevistas: 1) Gisele

2) Ana Cecília

Narrativa Gisele

Meu encontro com Gisele também foi agendado pela secretária da escola. Nosso horário combinado era às 14h00min e eu cheguei com bastante antecedência. A secretária, contudo, me avisou que Ana Cecília, filha de Gisele, não tinha vindo à escola naquele dia e, até às 14h20min, Gisele também não havia aparecido. A secretária ligou para a casa dela e soube que Ana Cecília estava com catapora, por isso havia faltado à aula; Gisele, por sua vez, havia esquecido nosso encontro e perguntou se ainda dava tempo de vir. Diante de minha afirmativa, a secretária disse que eu a aguardaria e, 20 minutos depois, ela estava na escola para falar comigo.

Ela chegou se desculpendo pelo atraso e pelo esquecimento. Gisele é uma mulher alta, de peso normal, com uma presença marcante. Tem a pele morena clara, os cabelos crespos em comprimento médio, presos parcialmente, e os olhos escuros. Veste-se com simplicidade, mas com zelo. É simpática e chamou-me a atenção sua disponibilidade para vir me encontrar, mesmo deixando a filha doente em casa. Pergunto sobre Ana Cecília e ela me diz que está tudo bem, e que, embora não fosse possível conversar com a criança naquele dia, o médico havia dito que a partir da próxima semana ela poderia retornar à escola e, com isso, eu poderia falar com ela. No começo eu percebi um pouco cerimoniosa para comigo, mas ao longo da entrevista ela foi se descontraindo mais. No final de nossa conversa, quando falamos sobre psicólogos, tive a impressão que efetivamente ela havia tirado um bom proveito de nosso encontro e me via como uma pessoa em quem poderia confiar e que poderia ajudá-la.

No início, expliquei-lhe os objetivos da pesquisa e lhe mostrei o TCLE, que ela assinou sem hesitar e guardou a sua cópia. Pergunto quantos filhos ela tem e quem mora na casa. Ela responde que tem dois filhos, Ana Cecília de 8 anos e Leandro, de 4, e que vive com eles e o marido. Peço-lhe então que me conte como é ser mãe de Ana Cecília. Ela ri e diz ser um pouco complicado porque Ana Cecília é muito ativa e é muito esperta e ao mesmo tempo ela é muito dona de si, não aceitando que as outras pessoas interfiram, deem palpites ou opiniões. Diz que para a menina o que é certo, é tudo do jeito dela. Gisele diz que não é assim que tem que ser, que ela precisa mostrar para a filha que não é

tudo do jeito dela, que há regras e que tem que haver disciplina. Com isso, às vezes ela entra em conflito com a filha porque ela é muito teimosa, muito de opinião formada e que é difícil fazê-la mudar de ideia. Diz que, ao mesmo tempo, a garotinha é muito carinhosa, apegada, chegando a ser, em alguns momentos, egoísta porque não quer dividir o pai com ninguém. Ela conta que se o pai diz que vai sair daqui a uma semana, a filha já começa a chorar, pois não aceita ficar sem ele. A mãe conta que se ela disser que vai sair, tudo bem, mas se é o pai, não. Diz novamente que se o pai falar que vai sair, a filha já começa a chorar, pois é mais ciumenta. A mãe ri e diz que tem menos ciúmes do marido do que a filha.

Ela diz que, apesar disso, no geral a filha é carinhosa e afetiva e que conversa bastante. Diz que eles se dão bem na maioria das vezes, mas que tem alguns momentos que ela precisa ser enérgica, porque a menina precisa entender que o que é certo é certo e o que é errado, é errado. Assim, existem conflitos, mas em sua maior parte, o relacionamento é bom. Ela diz que a menina é fácil de dialogar e de conversar, ela sabe quando está errada e reconhece isso. Ela diz que a menina fala que está tentando mudar, mas que não consegue, e que, quando Gisele diz que ela está sendo egoísta, a menina responde que não queria ser assim e chora. Pergunto se isso acontece apenas no caso do ciúme e a mãe diz que sim. Diz que tenta fazer a filha entender que não é porque ela vai chorar que ela vai conseguir ter alguma coisa; diz que nessas situações a menina também começa a ter a ter dores e ânsia de vômito. A mãe fala que acredita que a reação da filha acontece no estômago. Diz que quando acontece alguma coisa, a menina começa a ter dor de estômago e ânsia de vômito. Diz que acredita que a filha faz isso para chamar a atenção e para fazer com que o pai não saia de casa. Eles então explicam à menina que ela não deve ser assim, pois isso acaba fazendo mal para ela mesma e que o pai para sair e que ela vai ter que ficar com ou sem dor, ela vai ter que aceitar. A mãe diz que aí a menina chora mais um pouco, mas que depois passa. Ela diz que às vezes o pai quer ceder, mas que ela não deixa, senão a filha entenderá que está certa e vai agir toda vez dessa forma. A mãe conta que uma vez o marido dormiu fora de casa de sábado para domingo e que na sexta-feira a filha chorou, vomitou, teve dor de estômago e achou que o pai não ia sair, mas ele saiu. Gisele diz que nesse dia achou que a filha ia dar trabalho para dormir à noite, mas ela não deu. A menina dormiu e, quando acordou, perguntou a que horas o pai ia chegar, mas não vomitou e não chorou, porque ela viu que não ia adiantar fazer o teatro que ela estava querendo fazer. A mãe diz que então precisa trabalhar isso na filha, fazê-la entender que a vida é assim, que as pessoas têm os seus compromissos e que ela não pode interferir.

Pergunto se ela acredita que essa conduta da menina se deve apenas ao ciúme ou se teria outra causa. Gisele conta, então, que perdeu sua mãe há quinze dias e que acredita que a filha possa estar respondendo a esse acontecimento. Ela conta que a menina não demonstrou muito sentir a perda: ela ficou triste, mas, a princípio, aceitou a morte como algo natural, principalmente por eles serem de religião espírita e acreditarem que há vida após a morte. Gisele diz que tenta mostrar para a filha que aquilo não acaba, por eles acreditarem nisso, o que fez a filha aceitar como se fosse uma coisa natural. Ela acredita que, pelo acontecimento ter sido muito recente, talvez a filha pense que os pais também

podem faltar para ela. Contudo, ela que não sabe até que ponto, na cabecinha da menina, o que ela pensa das saídas dele, dele não ficar perto dela. Pergunto se ela acredita que essa preocupação da menina aumentou por conta da morte de sua mãe e Gisele responde que não, que ela tem a mesma intensidade de antes, que a menina já tinha esse ciúme. Ela diz que tenta explicar para ela e conversar com calma e carinho para que ela possa entender.

Gisele conta que está na fila de espera para atendimento psicoterápico, para que a filha possa se abrir mais com outra pessoa que não seja da família, por acreditar que um psicólogo conversa melhor e que às vezes alguém tenta conversar com ela achando que é uma coisa, mas na verdade não é. A mãe acredita que é um medo que a menina tem que faz com que ela se sinta assim. Pergunta se isso a preocupa muito e Gisele diz que sente que não é uma coisa que seja muito preocupante entre aspas, mas que o que mais a preocupação são as reações que isso está causando na menina, como as dores de estômago. Gisele conta que acredita que esse ciúme é normal e que o pai ajudou a criar esse apego com a filha, pois ele faz tudo com a família, não está acostumado a ter uma vida sozinho, tudo o que ele vai fazer, ele pensa no conjunto, em todo mundo. Diz que o marido não sai sozinho e não vai se divertir se ela e os filhos não vão junto. Então, ela entende que a filha não aceita que o pai saia sozinho porque não está acostumada. Se eles forem a algum lugar onde não pode entrar criança, eles acabam não indo. Ela explica que às vezes sai só com o marido e deixa a menina com a avó, mas que também é complicado. Eles explicam o que vão fazer, mas a menina chora e não aceita muito que eles saiam sozinhos sem ela ou que o pai saia sozinho. Gisele conta que, com relação a ela, a filha não dá tanto trabalho, que o problema é mais com o pai. A mãe explica que essa “gastura” da filha não aparece quando o pai sai para trabalhar e que ela acredita que se fosse medo mesmo, ela ficaria chateada, porque ele só volta à tarde. A menina também não sente tanto se o pai chega um pouco mais tarde do trabalho ou vai fazer um curso. Ela explica que isso só acontece quando ele vai fazer alguma coisa diferente.

Comento que ela parece precisar ficar equilibrando as situações. Gisele ri, concorda e diz que ela é mais enérgica como mãe e que o pai é mais solto e maleável. Ela impõe mais as coisas, sem dar muita alternativa à menina. Ele, por sua vez, tenta acalmar a menina dizendo que vai sair e que depois lhe trará um presente. Nesses momentos, Gisele interfere e diz que não, que ele não vai trazer nada, que ele tem que sair e pronto, que a menina não tem que ter uma premiação por isso. Já o marido acha que, como está saindo e está ausente, precisa agradar a menina de alguma forma; nessas ocasiões, Gisele acaba cortando esse tipo de relação. Ela diz que ele é mais exagerado para gastar, que se ele sai para comprar um sapato, ele já quer comprar três e que ela fala que não, que não precisa três e que quando acabar um, ele compra outro, mas ele fala que o modelo é diferente do outro. Ela ri e diz que acaba então tendo que controlá-lo, que ele é mais solto nesse sentido. Ela acha que ele quer fazer para as crianças o que os pais dele não puderam fazer para ele. Diz que o marido é assim com a família inteira e não só com a filha. Gisele ri e diz que, assim, a parte dos limites e das negociações é responsabilidade dela.

Ela fica em silêncio e eu pergunto se há alguma outra coisa que ela gostaria de dizer. Ela responde que é isso mesmo, e que apesar de a filha ser assim elas se dão muito bem, que a menina é muito aberta, que às vezes ela não arreda o pé, mas que aí ela faz a menina compreender que não é daquele jeito e a filha diz “Ah, mãe, bem que você me avisou, bem que você tinha razão, né, mãe?”. Então ela tenta mostrar para a menina o que vai acontecer se ela fizer daquela forma. Se Gisele diz à menina “Você não vai fazer isso” e a garotinha responde “Eu vou fazer”, então Gisele deixa-a fazer e aí depois a menina vê (que não está certo) e vem lhe dar razão. Daí, da próxima vez a menina a ouve mais. Ela diz que às vezes acaba pecando e exagera em algumas coisas, que percebe que às vezes não precisaria ter falado alguma coisa ou chamado a atenção da filha. Diz que frequentemente chama a atenção da menina. Gisele conta que Carol grita muito e fala muito alto e, por isso, é bastante corrigida falando várias vezes para que a menina fale baixo. Com isso, a menina ela fala baixo por um tempo, mas depois já está falando alto e gritando de novo. Ela diz que brinca com a filha, como numa suspeita de que a criança não ouve direito e que tem coisas que eles (Gisele e o marido) falam baixo, longe dela e a menina já escuta. Então eles lhe dizem “Está vendo como você escuta direitinho?”.

Comento que ela me diz que, apesar de ser uma criança de opinião, Carol é bastante maleável e capaz de ouvir e entender. Gisele concorda e diz que pela idade, a filha ela é bastante evoluída e que fala algumas coisas que são de adulto. Comenta que a menina é muito perceptiva e que ela entende muito bem o que é falado perto dela, mesmo que seja conversado em código. Ainda, quando eles falam sobre alguém, mesmo sem citar o nome da pessoa, a filha consegue perceber de quem se fala. Gisele diz que a menina “pega as coisas no ar” e que eles não conseguem esconder nada dela. Acrescenta que Carol é muito espontânea, não mente e admite quando está errada. Mesmo quando acontece alguma briga na escola, se a psicóloga a chama para conversar, a menina é capaz de reconhecer quando está errada, quando provocou a desavença e diz que vai procurar não fazer mais isso. Assim, mesmo que ela volte a fazer o que fez, a filha admite que errou. Ela fica em silêncio e eu pergunto se ela gostaria de dizer alguma coisa a mais. Ela responde que não e eu proponho começarmos a ver os quadros do CAT-A. Ela concorda e eu lhe mostro o primeiro cartão.

Quadro 1

Gisele observa a figura e diz, rindo, que é aquilo é fácil, pois a filha come de tudo, come bem e que, quando é chamada à mesa, ela vai, senta e come. Diz que a menina come tudo o que é colocado na mesa e que, portanto, a alimentação é fácil. Pergunto a ela se o quadro a faz lembrar-se de alguma coisa específica e ela responde que lembra a família reunida e a união de sua família, como é na sua casa. Pergunto se essa reunião acontece durante as refeições e ela diz que está imaginando a hora do almoço, todo mundo sentado na mesa. Depois, ela explica que no almoço o seu marido não está em casa, mas que a janta é realizada com os quatro juntos, mas que todos estão juntos nas refeições, desde que Carol era pequenina. Gisele fica em silêncio e eu pergunto se o quadro a faz lembrar-se de mais alguma coisa. Após um silêncio de 14 segundos, ela diz que está faltando o pai e a mãe, pois na mesa

estão apenas as crianças (ela fala a última parte da frase em tom interrogativo). Depois fica novamente em silêncio por 12 segundos e me entrega o cartão. Eu lhe mostro então o seguinte.

Quadro 2

Gisele fica em silêncio por 17 segundos. Em seguida, diz que o cartão é difícil. Digo a ela que não há necessidade de pensar muito, que ela pode dizer a primeira coisa que vier à sua cabeça. Ela diz que se vê puxando de um lado e o marido puxando para o outro (ela ri) e a filha atrás, querendo fazer parte do assunto (Gisele está insegura nesse momento). Ela diz que vê a si mesma puxando para um lado, o marido puxando para o outro e a menina ficando do lado de alguém, tomando partido. Pergunto se isso costuma acontecer. Gisele responde que ela e seu marido não discutem e que, nas raras vezes que isso acontece, é por coisas bobas; além disso, não discutem perto das crianças. Ela dá exemplo de uma ocasião em que ela e o marido discutiram por uma coisa boba: uma vez ele disse que sua comida que ela havia feito não estava boa, que ele não havia gostado. Carol então a defendeu, dizendo que existem muitas pessoas sem ter o que comer e que ele não deveria falar isso. A menina também disse para a mãe não ficar triste, que a comida estava boa e o pai não estava gostando porque já devia ter comido em outro lugar. Segundo Gisele, Carol fica do lado de quem ela protege. Conta que o inverso também acontece, que se a filha acredita que o pai está certo e a mãe está errada, ela vai defendê-lo. Digo que parece que a menina pensa na situação e forma uma opinião. Gisele concorda, me interrompendo. Ela completa que a filha dá o parecer dela, puxando para o lado de quem ela acha que está certo do ponto de vista dela. Pergunto se a menina tem a tendência de defender mais a mãe ou o pai. Gisele responde que não, que a filha defende quem ela acha que está certo. Ela silencia e eu pergunto se ela tem algo mais a dizer. Gisele responde que não, as continua examinando o cartão. Após um silêncio de 1é segundos, ela me pergunta se os ursos representariam um homem e uma mulher. Respondo que pode ser o que ela imaginar. Então, ela diz que é só isso, um tentando puxar de um lado e o outro, do outro, e a menina do lado de alguém que ela acha que está certo. Ela me devolve o cartão e eu lhe apresento o terceiro.

Quadro 3

Ela observa o cartão por 12 segundos em silêncio. Depois diz que ele se trata do rei da casa. Depois de 8 segundos de silêncio, ela diz que nessa imagem ela vê o filho menor, Leandro, que quer reinar e dominar. Conta que às vezes eles acabam cedendo à vontade do menino por ele ser menor. Gisele diz que a família brinca que o menino é o reizinho da casa, mas que ele não reina muito, não. Ela diz que não vê o marido como rei, porque ele é participativo nas coisas, não é autoritário, e que por isso é mais o filho menor que domina um pouco a área. Comento que se o menino domina um pouco e a menina é de opinião, deve ser difícil. Ela ri e diz ao mesmo tempo em que eu a palavra “difícil”. Acrescenta que há uma boa briga entre os irmãos, mas Carol cede mais que Leandro, porque é mais velha e entende mais as coisas. Conta que às vezes ela conversa com a filha e pede para ela

ceder e se ela compreende isso, ela o faz. Gisele fica em silêncio por 15 segundos e diz que o cartão não a faz lembrar-se de mais nada. Eu mostro-lhe então o quadro seguinte.

Quadro 4

Ela olha o cartão, sorri e diz que a figura é ela, pois está sempre correndo com os dois filhos, desde a hora que ela levanta até à tarde. Ela conta que sempre está andando, mexendo, cuidando da casa e que também tem compromisso fora de casa, como ir ao banco e ao supermercado, que ela vai sempre correndo. Diz que os filhos quase sempre estão junto com ela, que ela nunca está sozinha. Pergunto se ela trabalha fora de casa e ela diz que trabalha fazendo bolos e doces, mas que não é uma rotina corrida de trabalho, pois é eventualmente que ela faz uma coisa ou outra. Diz que o que mais ocupa o seu tempo são os serviços de casa, que ela faz o almoço e busca as crianças. Ela conta que a filha estuda de manhã e o menino à tarde; então, na hora do almoço, quando um sai, o outro chega. Ela repete que faz serviços de banco para o seu marido e o supermercado, que se trata de coisas do dia a dia e que ela está sempre correndo. e que está sempre fazendo alguma coisa e que, quando não tem, ela inventa. Após um silêncio de 14 segundos, Gisele diz que, para ela, o canguru que está na bicicleta está meio triste e o outro feliz. Ela fica em silêncio por Pergunto se ela poderia imaginar o motivo do filhote maior estar triste. Ela responde que talvez seja porque ele está para trás e sozinho; enquanto o pequeno está confortável, com a mãe, o maior está tendo que ir sozinho na bicicleta, meio desprotegido. Ela fica em silêncio por 14 segundos e depois diz que a mãe canguru parece estar um pouco preocupada. Após 25 segundos de silêncio, ela diz que é isso que vê no cartão. Eu mostro-lhe, então o último.

Quadro 8

Gisele olha a figura, fica em silêncio por 23 segundos e depois e diz que é difícil. Ela diz que vai falar o que pensa. Diz então que é a mulher e o homem tomando café e que a criança está com a avó, mais velha, conversando. Ela diz que parece que está falando mal de alguém e ri. Pergunto se, a partir da figura, ela consegue pensar em alguma situação dela com a Carol. Ela diz, após um silêncio de 10 segundos, que, se fosse ela, estaria chamando a atenção da filha, por alguma coisa que ela estivesse fazendo de errado. Gisele silencia por 41 segundos e depois diz que não consegue imaginar uma situação a partir do quadro e me devolve o cartão.

Começamos então a conversar livremente e eu comento que, no início, ela havia me dito que gostaria que algumas coisas fossem diferentes. Gisele diz que às vezes ela peca pelo excesso, porque chama muito a atenção da menina e que não precisaria tanto. Ela diz que está fazendo tratamento para mudar o seu jeito, para deixar de ser muito enérgica e não cobrar muito. Diz que está tentando se vigiar para que isso não afete nem ela e nem a filha. Diz que já tem melhorado bastante. Ela diz que pensa na filha também, que a menina vê que está errada e que quer mudar, mais para agradar à mãe e fazer como esta gosta. Conta que quando ela diz para a menina que esta está errada, a menina quer

converter a situação e mostrar que ela vai fazer a coisa certa, e nem sempre ela consegue. Ela fala que as pessoas em geral são assim, que se cobram por uma coisa que não conseguem fazer “*Ah, eu queria ser assim, mas não sou*”. Ela diz que se cobra muito para fazer as coisas certas, principalmente em relação à educação, à casa, que ela é mais preocupada com a parte de como educar e de explicar como é a vida e a escola. Repete que essa é a sua principal preocupação.

Comento que ela havia dito que a filha lhe fala às vezes que gostaria de fazer algumas coisas diferentes, mas nem sempre consegue; da mesma maneira ela também está tentando fazer as coisas de outro jeito. Gisele concorda e diz que está tentando (mudar) e que às vezes acha que está prejudicando os filhos, que ela causa essa característica na filha, pois ela age de um jeito e os filhos podem estar ali se espelhando nela, copiando o seu modo de agir, que o jeito como ela faz as coisas repercute nas crianças. Ela diz que às vezes fica brava, que diz para a menina não gritar e ela mesma quando fica brava, se altera, fala mais alto. Diz que reconhece que a filha pode falar alto por causa disso. Ela diz que tenta se controlar, mas não é fácil. Diz que nunca conseguiu dizer “*Ah, vou largar para lá, não vou falar mais*”. Diz que seu jeito de agir é espontâneo e que às vezes, a hora que ela vê, ela já falou. Diz que pensa que isso tem a ver com a educação que teve, às vezes tem alguma coisa que ela poderia deixar para lá e não consegue, acha que tem que manter a “*rédea curta*”.

Digo que parece que ela quer fazer tudo certo e ela diz que sim, que ela não se preocupa em fazer o que a sociedade acha que é certo, mas sim o que ela aprendeu dentro de casa, a educação que teve. Diz que acha que deve trilhar os filhos no mesmo caminho em que foi direcionada, porque deu certo. Gisele ressalva que não se trata de repetir com os filhos as palmadas e as chineladas que levou, mas que ela acha que a educação deve ser próxima àquela que recebeu, e que ela acha que deu certo, pois ela quer para o filho aquilo que teve para si, no sentido de respeito e de carinho. Diz que tenta transmitir isso para os filhos.

Gisele diz que na sua infância não tem muitas lembranças de afeto e de carinho, mas que não cobra aos pais por isso, pois eles já vieram de uma geração em que não eram criados com muito afeto e carinho. Pelo contrário, acha que deve até agradecer a eles a educação que ela teve, o fato de terem sido enérgicos. Disse que isso lhe permitiu ter um parâmetro, uma diretriz que segue no caminho do bem, não tem maldade nem desrespeito com as pessoas. Gisele diz que quer sempre o melhor e o que acha que é certo para a vida e que, na sua cabeça, sempre tenta seguir aquilo que acha que é o melhor.

Ela silencia e eu pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela então me pergunta se eu acho que ela tem culpa pelo fato de a filha ser como é. Respondo que ela parece imaginar que as coisas dependem muito dela e somente dela e, por isso a sua preocupação em fazer tudo certo. Digo que cada um tem o seu jeito de ser e que às vezes a criança não se comporta do jeito que os pais esperam. Ela concorda e diz que às vezes ela quer que os filhos sejam alguma coisa que eles não são, como o fato de ela querer que a filha fale baixo, mas que esse não é o jeito dela, querer que a filha seja obediente, mas nem sempre ela vai ser obediente.

Digo que ela parece ficar tão preocupada em fazer as coisas certas que isso a desgasta um pouco. Ela conta que às vezes fica preocupada, que tem a preocupação em fazer o almoço na hora certa, que gosta de seguir os horários certos, de seguir os seus compromissos. Ela diz que, por exemplo, se marcou de ir à casa de alguém e não dá para ir, ela fica preocupada, se cobrando que tinha que ter ido. Diz que às vezes, se acontece algum imprevisto, ela fica pensando que tinha que ter ido, que tinha que ter dado certo, que aí fica aquela coisa muito certinha. Ela conta que conversava com a mãe falando que às vezes as pessoas sofrem por serem certos demais, “esquentam muito a cabeça” com as coisas. Ela diz que tem outras que não se preocupam, que fazem as coisas e, do jeito que vir, veio e aí, chega à noite, deita na cama e dorme. Ela, ao contrário, diz que se tiver um bolo para entregar no fim de semana, enquanto ela não fizer, ela não sossega e enquanto não passar, ela fica sofrendo. Ela diz que tem muito medo de dar alguma coisa errada, que ela fica muito preocupada, dizendo que isso está relacionado à responsabilidade. Ela diz que pode ser que às vezes quer que a filha tenha uma responsabilidade e ela ainda não está madura para isso, que esquece que ela ainda é criança.

Comento que a preocupação excessiva em querer tudo certo não é garantia que isso realmente vai acontecer. Gisele concorda e diz que às vezes se preocupa tanto, mas o amanhã ninguém sabe como vai ser. Ela diz que muitas vezes fica muito preocupada com alguma coisa que ainda vai chegar, e que, quando chega na hora, ela vê que não é nada daquilo, que não é um bicho que sete cabeças e que sofreu tanto por algo que era simples. Pergunto se ela também tem dor de estômago. Ela responde que com ela, as preocupações acabam gerando mais dor de cabeça e ela também não consegue dormir direito por conta das preocupações do dia a dia. Comento que ela havia me dito que Carol é uma criança que está indo bem. Gisele responde que a menina é fácil de lidar. Ela diz que o problema é mesmo ela querer que a menina faça as coisas do jeito que ela quer. Diz que às vezes exige demais da menina por coisas que não têm muita importância. Diz que reconhece que faz isso, mas esse seu comportamento é espontâneo e que, quando vê, já falou o que não queria. Depois, ela se diz “Ah, eu não precisava ter feito tudo isso”. Ela diz que está tentando se controlar. Pergunto se ela está indo a um psicólogo e ela me responde que está fazendo tratamento em um centro espírita. Contudo, diz que pretende iniciar com um psicólogo, pois quer uma ajuda. Diz que sabe que é uma mudança que depende dela, mas acredita que este profissional pode ajudá-la, mostrando para ela alguma coisa que ela não vê. Diz que sabe que tem culpa, mas às vezes uma conversa ajuda, oferecendo um “empurrãozinho” (sic) para poder tocar em frente. Ela diz que a sua preocupação não é tanto consigo, mas com a filha, com o que ela vai causar na filha, de estar cobrando alguma coisa que vai prejudicar a menina no futuro.

Comento que é interessante observar que ela e a filha são muito parecidas. Gisele ri, concordando e diz que a filha se cobra muito também e fica nervosa quando não consegue resolver uma tarefa. Ela fala que quando isso acontece, ela procura sentar e conversar com a filha e que depois a menina diz que estava fácil, que ela não estava percebendo, mas estava fácil. Digo que o fato de as

duas serem parecidas pode fazer com que elas se aproximem mais. Gisele conta que elas ficaram mais próximas quando a filha mudou de horário na escola, o que foi uma orientação do centro espírita. Ela explica que antes ela ficava em casa com os dois filhos no período da manhã, que, para ela, é mais corrido, tinha muitas atividades na casa e aí, quando via, já estava na hora de ir para a escola. Aí os dois filhos ficavam à tarde na escola, depois chegavam, tomavam banho, jantavam e já iam dormir. Gisele conta que começou então o seu tratamento no centro espírita e eles sugeriram que ela mudasse a menina de horário na escola. Aí ela ficaria com o menino no período da manhã e com a filha no período da tarde. Com isso, elas se aproximaram mais, porque antes estavam distantes já que Gisele dava mais atenção ao menino. Ela explica que fazia isso porque ele é menor e dava menos atenção a Carol, por achar que ela era totalmente independente e não precisava dos pais para nada. Agora, com a mudança de horário da escola, elas se aproximaram mais porque se Gisele vai sair, Carol vai automaticamente com ela. Então, o relacionamento entre as duas melhorou bastante.

Gisele silencia e eu lhe pergunto se ela teria mais alguma coisa a dizer. Ela responde, rindo, “Em termos de quê? Se for para ficar falando, falando”. Ela acrescenta que a família tem o hábito de pedir desculpas quando erra, que ela fala: “Aí Carol, desculpa eu ter te falado isso, a mãe estava nervosa” e que ela responde “Não mãe, eu sei”. Ela diz que a filha sempre desculpa os pais. Gisele conta que Carol também pede desculpas quando ela faz alguma coisa e vê que está errada: “Ai mãe, desculpa, foi sem querer”. Gisele diz que a família ensina a filha a pedir desculpas para o irmão quando brigam, e o menino também, apesar de ele ser mais arreado. Gisele finaliza dizendo que Ana Cecília está sempre de acordo com ela e o marido, sempre aberta. Diz então que já falou tudo. Pergunto se ela gostaria de me perguntar algo, e ela responde que não, que está tudo certo. Eu então agradeço e nós nos despedimos.

Interpretação Gisele

O relato de Gisele revela que ela é uma mãe bastante dedicada e capaz de usufruir dos prazeres da maternidade. Todavia, ela experimenta certa tensão no exercício de suas atividades domésticas e maternais, oriunda do receio de cometer qualquer tipo de erro, o que lhe dificulta a vivência das gratificações de sua experiência como mãe em toda a sua plenitude. A fonte desse temor, profundamente ancorado em sua psicodinâmica, situa-se em sua experiência com os próprios pais, particularmente com sua mãe, que repercute diretamente em sua relação com Ana Cecília, questão que ela mostra tanto no conteúdo do seu relato, quanto na relação transferencial que estabeleceu comigo.

Assim, na primeira parte de nosso encontro, Gisele mostrou-se diante de mim como uma pessoa altamente ciosa de seus compromissos, vindo falar comigo mesmo estando com a filha doente em casa e tendo perdido a mãe há poucos dias. Sua postura foi a de uma mãe que deveria “educar” a filha, o que em sua concepção significava colocar limites muito bem definidos e não ceder ao que ela considerava como “caprichos” ou “futilidades” da menina. Enfim, no início ela se mostrou para mim como alguém para quem educar uma criança da idade de Ana Cecília significaria predominantemente

“corrigir” a menina para torná-la uma pessoa de bem. Ela buscou transmitir a imagem de uma mãe firme, empenhada em “reformatar” uma natureza infantil vista por ela como sendo por vezes egoísta e narcisista. Nesse contexto, ela parecia portar-se como se buscasse a minha aprovação para a sua conduta, vendo a minha figura como representante da mãe enérgica que ela mesma teve, cujos valores educativos ela buscava preservar na relação com sua filha. Pouco a pouco, diante de minha postura de não julgamento, mas de acolhimento, ela conseguiu, ainda que timidamente, questionar a educação que teve e assumir uma posição autocrítica e avaliativa, buscando preservar o que a experiência com a mãe lhe trouxe de positivo, mas também expressando o desejo de modificar o que causou sofrimento. Ela foi se tornando capaz de perceber que a assunção cega dos valores parentais (seja dela em relação aos seus pais, seja da filha em relação a ela) só traz como resultado a submissão e a perda da expressão espontânea do *Self* (ela diz ao final de seu relato que talvez exija que a filha seja algo que ela simplesmente não é).

Assim, Gisele revela em seu relato que no início da vida de seus filhos, ela é capaz de acolher o narcisismo deles e ir ao encontro dos objetos que eles criam (no quadro 3 ela diz que quem “reina” na sua casa é o filho mais novo), sem contudo ignorar os limites (ela também diz que o garotinho reina, mas não muito). Porém, diante de uma criança maior, que deve ser preparada para enfrentar a realidade do mundo, a situação é diferente. Dessa maneira, no caso de Ana Cecília, Gisele age (em uma reprodução do que ela mesma viveu na infância) promovendo uma desilusão um tanto abrupta. Para ela, nesse momento da vida infantil as fantasias devem ser deixadas de lado para que se aceite a realidade em toda a sua objetividade e dureza. Com isso, o estabelecimento do sentimento de continuidade entre si mesma e o mundo, agora sobre as bases da dependência relativa, dificilmente tem lugar, tornando-se frágil e precário.

O primeiro resultado dessa situação, que foi e é vivido pela própria Gisele e que ela, intencionalmente ou não, começa a transmitir à filha, é um sentimento de falta de confiança no mundo. Não havendo continuidade, nada garante que o mundo atenderá suas necessidades, que alguém estará lá, disponível para socorrê-la nos momentos de angústia e de falta. Desse modo, para Gisele, a desilusão precoce e completa da menina a prepararia para enfrentar a ausência e a privação, ensinando-a a não contar com os demais. Nesses termos, de nada serviria a expressão da necessidade, já que ninguém estará lá para ouvi-la; tal manifestação, assim, não passaria de uma futilidade inconveniente a ser ignorada (ela diz à menina que o pai irá sair independente do seu sofrimento, que nada mais é que um teatro). Nesse mesmo contexto, a menina deve enfrentar o temor de, diante de uma separação, deixar de existir na vida psíquica do outro. Daí o seu medo quando o pai sai sozinho de casa para alguma atividade não relacionada com a família (ela não se angustia se ele sai para trabalhar, mas sim se vai visitar alguém ou divertir-se). A incompreensão de Gisele dessa situação lhe impede de auxiliar a filha a estabelecer elos de ligação com o objeto durante a ausência dele, que lhe permitiriam assegurar-se de que não será esquecida por ele (no caso solicitando um presente ao pai). É aqui que, no intuito de preparar a filha para a realidade do mundo, Gisele confunde a necessidade com

capricho ou manipulação, e obriga a filha a enfrentar o medo sem apoio. Com isso, pequenas privações começam a se instalar na vida da menina.

O segundo resultado da frágil continuidade refere-se a um sentimento de insegurança e a um receio constante de estar inadaptada, de ser pouco capaz de agir em acordo com as normas e regras do mundo. Enfim, a vida se torna mais difícil e tensa, e os esforços para agir na realidade devem ser redobrados para que haja um mínimo de garantia de ser bem sucedido e acolhido. Essas circunstâncias parecem ser as responsáveis pelo perfeccionismo de Gisele e por sua apreensão constante diante das obrigações a cumprir, além de sua conduta exigente para com Ana Cecília.

O relato de Gisele mostra, assim, que ela parece tentar conduzir a filha diretamente do estágio de dependência absoluta para a etapa rumo à independência, a dificuldade se estabelecendo exatamente em fazer a transição, em estabelecer os termos de passagem (ela diz que achava que a menina era totalmente independente e não precisava dos pais para nada). A inocência e o mundo cor-de-rosa da infância devem ser, segundo ela, abandonados sem demora, dadas as suas dificuldades em estabelecer a continuidade e ajudar a filha a fazê-lo. É a incapacidade da menina para realizar o que a mãe exige dela, a despeito de seu desejo de acatá-la e agradá-la, que leva Gisele a refletir sobre a sua própria maneira de viver e as suas relações com a filha. Desse modo, ela é sensível aos esforços da menina de contentá-la e de aceitar as introyecções que lhe são oferecidas, mas estas, pouco adaptadas à incompletude das condições do *Self* infantil, são difíceis de serem digeridas, pois significariam a asfixia do *Self* por uma conduta de submissão.

Assim, a aparente “dureza” e “insensibilidade” que Gisele demonstra inicialmente em nossa conversa caem por terra quando ela se dá conta da realidade do sofrimento da filha, que ela vinha negando e considerando como frivolidade. Identificada com Ana Cecília, ela começa a perceber que a maneira como se relaciona com ela e os valores educativos que lhe transmite estão fortemente apoiados em sua própria experiência infantil, em que, afetivamente, a mãe lhe faltou e o seu protesto doloroso foi ignorado. Se o choro e a mágoa precisaram, então, ser engolidos e a falta aceita como uma parte irrevogável da vida, a experiência de pequenas perdas cotidianas passou a ser vista por ela, nesse momento evolutivo da filha em que o distanciamento da mãe começa a ter lugar, como um processo de imunização de ambas contra o sofrimento da ausência duradoura ou definitiva (a morte ou a autonomia pessoal). O tamanho da aflição de Gisele, contudo, faz com que a dose administrada dessa “vacina” seja excessiva e gere efeitos colaterais importantes, tanto nela quanto em Ana Cecília. Gisele começa a perceber que a infelicidade e a desolação da ausência não desaparecem pelo hábito de conviver com elas, ou seja, que o sofrimento não fortalece ninguém (ela diz que, com base na sua religião, tenta ensinar a filha a encarar a morte *como se fosse* uma coisa natural). Todavia, com a ajuda dos conhecidos do centro espírita que ela frequenta, Gisele percebe que a perda dói menos se há possibilidade de guardar o outro na própria realidade psíquica (há vida após a morte). Assim, com o auxílio deles, ela se dá conta que o paliativo contra a dor da perda não é a experiência repetida da privação e da falta, mas a da união. Com isso, ela começa a empreender um esforço de reaproximação

(concreta e afetiva) com Ana Cecília, voltando a acolher a criatividade da menina, respeitando-a, e rerepresentando a realidade a ela em doses “homeopáticas”. Dessa maneira, ela recomeça a estabelecer as bases para a recuperação do sentimento de continuidade da criança.

Tal situação, contudo, gera certo desconforto e culpa em Gisele, relacionados ao sentimento de estar sendo desleal com os próprios pais e com a educação que recebeu deles. Contudo, ela se esforça para buscar, nesse momento, uma maior flexibilidade, que lhe permita um uso pessoal daquilo que obteve deles, a saber, uma educação que valorize o respeito ao próximo, mas com mais afeto e menos violência. Neste caminho cheio de desafios que ela começa a trilhar, os limites da realidade e da moralidade se desenvolveriam como a continuidade do *holding*, do colo e dos braços da mãe, tornando-se assim mais assimiláveis pelo *Self*, garantindo uma existência pautada na criatividade e não na submissão. Outros detalhes sobre a produção de Gisele ao CAT-A são apresentados na análise de seus relatos a cada quadro, exposta a seguir.

Quadro 1

Em seu relato a esse primeiro quadro, Gisele transmite a mensagem de um forte sentimento de união familiar, que garante a integridade do grupo e o seu reconhecimento como tal pelo partilhamento dos valores e da cultura familiar. Nesse sentido, a troca de introjeções ocupa um papel importante e Ana Cecília aceita bem aquilo que a mãe lhe oferece e lhe propõe. O contato é visto como agradável e desejado, correndo predominantemente bem. Todavia, a ausência dos pais na mesa é notada e a galinha que supervisiona de longe as crianças não é percebida como fazendo parte da figura. Com isso, Gisele reage com estranheza, já que as crianças permanecem sem uma supervisão próxima e aquela, operada à distância, não é considerada como válida. Enfim, para ela ou existe uma aproximação estreita com as crianças ou uma completa ausência dos pais, a alternativa da vigilância à distância (dependência relativa) parecendo insólita.

Quadro 2

Se a união familiar foi sublinhada no primeiro relato, a admissão da existência de conflitos, particularmente os conjugais, faz parte da presente narrativa, com a participação da criança de modo a defender um ou outro dos pais sem preferência definida por um deles. Todavia, os conflitos devem ser evitados ao máximo, pelo mal-estar e insegurança que geram, mas, diante dessa impossibilidade, devem ser minimizados (ela diz que ela e o marido discutem por coisas bobas). Essa atitude, contudo, gera o efeito contrário, a saber, a transformação de críticas e reprovações em combate. Nesse contexto, a experiência de Gisele é que as censuras que lhe são feitas e que atestam a sua imperfeição, tomam a dimensão de uma ofensa dolorosa que a faz duvidar de si mesma e a torna incapaz de se defender. Diante disso a filha vem em seu socorro e lhe oferece *holding*, mostrando-lhe que ela pode ser amada mesmo sem ser perfeita, e que se o pai duvida de seu valor é porque nunca precisou enfrentar a dor da privação do afeto materno.

Quadro 3

Se no relato anterior Gisele se submete ao ataque feito ao seu narcisismo, na presente narração ela mostra que em apenas uma etapa da vida o egocentrismo pode ser tolerado: na primeira infância. Assim, ela se apresenta como capaz de acolher a criatividade do filho menor, oferecer-lhe *holding* e ser condescendente diante de seus arroubos infantis, mesmo que os limites não deixem de ser impostos. A criança um pouco maior, contudo, não recebe a mesma indulgência, devendo ceder, seja às exigências do narcisismo do menor, seja às da realidade externa.

Quadro 4

Nesse quadro Gisele expressa o seu sentimento de sobrecarga, que ela percebe ser menos decorrente de um excesso real de atividades (diz que é responsável pelas atividades domésticas e apenas eventualmente faz algum trabalho fora do lar) do que a uma exigência pessoal (diz que quando não há algo para fazer, ela inventa). Assim, a estima de si mesma parece depender da condição de estar sempre ocupada e preocupada, havendo pouco lugar para o relaxamento e o prazer na vida de uma boa esposa e mãe. Com isso a maternidade não pode ser usufruída em sua integralidade, sendo que o sentimento de satisfação que ela extrai do contato com os filhos é reduzido consideravelmente. Assim, se frente a uma criança pequena e mais dependente o apego e a relação de proximidade podem ser mantidos, frente a outra, que já conquistou algum grau de autonomia a situação é diferente. Esta é vista como não precisando muito mais da mãe e, em razão disso, a maior intimidade é vista apenas como respondendo aos anseios do prazer. Não sendo assim, utilitária, a relação com a criança maior se torna um pouco mais distante para a infelicidade dela (ela diz que o filhote maior parece estar triste). Essa situação, contudo, inquieta a mãe que, além de ter frustrado o seu desejo de aproximação com a criança, também percebe que esta ainda não é completamente autônoma e precisa de uma assistência que a mãe, atarefada com seus afazeres (reais e imaginários), não se sente em condições de oferecer como gostaria (ela diz que o filhote parece desprotegido). Como consequência, renascem na mãe sentimentos de inadequação e apreensão (a mãe canguru aparece preocupada).

Quadro 8

É em suas associações ao quadro final do CAT-A que Gisele revela que a fonte de sua conduta diante de Ana Cecília situa-se na experiência que ela teve junto a sua mãe na infância. Ela mostra que sua atitude exigente e enérgica face à filha trata-se da reprodução do estilo educativo de sua mãe, que ela opera na tentativa de agradar e receber aprovação dela. Assim, a figura materna é sentida por ela como alguém que avalia a sua conduta, de modo a formular posteriormente um veredito sobre a sua condição de mãe. Cabe então à Gisele mostrar à mãe (agora interna) que ela se trata de uma boa filha capaz de valorizar a educação que teve e que deve transmitir à sua própria filha como prova de lealdade aos pais. Nesse contexto ela deve ser, como sua mãe, enérgica com Ana Cecília, de modo a

exigir a perfeição da filha, o que asseguraria o seu valor como mãe diante da própria Gisele e da sociedade em geral.

É em seu relato posterior à apresentação dos quadros que Gisele, continuando suas associações, se torna capaz de refletir sobre os ganhos e consequências da educação que recebeu. Com isso, ela inicia um processo de elaboração que a coloca no caminho rumo ao encontro de um estilo educativo próprio que lhe permitirá guardar o que considera ter recebido de bom dos pais e, ao mesmo tempo, adaptá-lo às necessidades do mundo atual e à sua maneira pessoal de ser.

Em síntese, Gisele se trata de uma mãe que tenta, nesse momento de sua vida, trilhar um caminho, junto com sua filha, rumo a uma existência pessoal no mundo. Para tanto, ela começa a perceber que a aceitação e reprodução acrítica daquilo que recebeu dos pais, e que compõe a sua bagagem identificatória para o exercício da função materna, não é mais suficiente. Ela se dá conta, assim, que a imposição aguerrida de limites sufoca a criatividade, impede o desenvolvimento e causa sofrimento, resultando em uma vida com pouco sentido e baseada na submissão. É o sofrimento que ela vê em sua filha, que se esforça em vão para agradá-la, que lhe abre os olhos e a faz questionar-se sobre o significado da vida. Ela entrevê, assim, a possibilidade de uma existência em que a gratificação tenha um lugar assegurado e é esse trajeto que ela deseja agora seguir.

Narrativa Ana Cecília

Meu encontro com Ana Cecília aconteceu às 11 horas da manhã na sala da psicóloga de sua escola. Como uma reforma do prédio estava sendo iniciada, havia algum barulho do lado de fora que chegava até nós, mas nada que pudesse efetivamente dificultar a nossa conversa.

Ana Cecília é uma garotinha de 8 anos, pequena, magra, com cabelos compridos e negros, olhos bastante escuros. Traja uma camiseta branca e calça jeans. Embora não esteja mal vestida, é diferente das outras meninas de sua escola, que sempre têm em sua aparência um toque pessoal e mais gracioso com pelo menos um acessório, em geral cor de rosa. Eu me apresento a ela e explico a minha pesquisa. Ela sabe mais ou menos do que se trata, é falante e de contato fácil.

Quando peço a ela para gravar nossa conversa, Ana Cecília me pergunta se ela será publicada no jornal (existe um jornal do bairro elaborado por um só jornalista que eventualmente comparece à escola e é conhecido de toda a comunidade). Explico-lhe que não será bem assim e conto como é fazer uma pesquisa. Quando pergunto se gosta de animais, ela diz que os ama, mas de um modo um pouco contido, que torna difícil que eu a compreenda (na verdade, quase entendo que se trata de um “não” e pergunto novamente, sendo a nossa dúvida esclarecida). Explico-lhe qual será a nossa tarefa e ela começa a me contar de uma cachorra que teve e que foi enviada para a chácara do seu avô, dizendo que eu poderia imaginar a sujeira que o animal iria fazer, caso ela ficasse com ele em sua casa.

O modo de falar de Ana Cecília é peculiar. Sua fala é clara, objetiva e totalmente prática. Parece uma pequena adulta, preocupada com as consequências práticas de ter um animal em casa. Conta que a cachorra era um tanto “assassina” (sic) e chegou a matar cinco galinhas e dois patos na

casa de seu avô, que só sobraram três. Ela relata que seu avô também tem um galo, mas a ave é muito chata e não deixa ninguém subir na casa da árvore que há na chácara. Ela conta também que o galo bicou a perna de seu avô, que ficou inchada e que eu poderia imaginar o risco que seria para o seu irmão de 3 anos. Concordo com ela que é perigoso. Diz que tem um primo de 5 anos, cujo pai é policial e já esteve no exército. O primo fica agarrado no pai porque tem medo do galo e, um dia, o galo pulou justamente no pé dele. Depois disso o galo voou, ficou com o bico preso na árvore, mas conseguiu depois se soltar. Aí o seu tio veio, correu atrás do galo, pegou-o pelo pescoço e bateu nele com um chinelo e aí o animal parou. Ela diz que antes foi o seu irmãozinho e, depois se corrige, dizendo que foi o primo de 5 anos que foi até lá com o seu estilingue e acertou o pé do galo (ela quer dizer que foi o garotinho que provocou a reação da ave). Conta que foi injustamente acusada de ter provocado o galo. Depois seu pai pegou o carro e trouxe a sua cachorra para a chácara do seu avô.

Ela conta que sua cachorra, que se chama Mel, é boazinha, mas late muito, sempre que escuta o barulho de um carro. Seu pai lhe disse que o animal agora está melhor porque antes nem latia. Ela então pediu para o pai que a deixasse adotar um dos coelhos que havia na chácara e ele respondeu que não seria possível porque eles cheiram mal. Ela argumentou que isso acontecia por causa das comidas que seu avô dava para eles, mas não conseguiu convencer o pai. Ela então pediu um peixe para a mãe e foi atendida. O peixe, que chamava Picolé, morreu e ela pediu outro para a mãe. Dessa vez não foi atendida porque a mãe argumentou que quando o peixe morresse, ela ficaria triste. Conta que seu irmãozinho ficava batendo no vidro de seu aquário e isso fazia com que o peixe ficasse assustado e morresse. Ana Cecília, num tom de desapontamento, diz que a partir daí não pediu mais cachorro para o seu pai; não quis pedir gato, porque não gosta desse animal. Diz que tem pavor de gato. Diz que já teve um bicho que acordava a todos à meia-noite porque queria comer. Conta que agora cuida de uma planta, mas que, quando ela crescer, vai ter que cortar para ficar bonita. Diz que se trata de um girassol. Diz que depois disso, nunca mais pediu nada aos pais. Sinto-me um pouco penalizada por ela, pela sua busca incessante e mal sucedida de ter e cuidar de um animal. Ela então termina o seu relato, fica em silêncio e eu proponho que comecemos a ver os quadros do CAT-A. Explico qual será a nossa atividade e lhe mostro o primeiro quadro. Ela começa a contar a estória sem dificuldade.

Quadro 1

“As galinhas. Eu vou falar o que eu estou vendo aqui tá? [Hum hum]. É... a galinha que ficou grávida de três pintinhos. Daí ela nasceu. Daí ela... é um galo ou uma galinha isso daqui? [Qual você quiser, você pode inventar, você pode escolher.] É melhor galinha, porque eu peguei trauma de galo (ela sorri). [Imagino.] É... aqui é uma galinha e três pintinhos. E de manhã ela foi levar eles para tomar café. Esse daqui é um bolo? (ela mostra a tigela que está na mesa). (Como você quiser). Eles foram comer um bolo com gelatina de uva. Aí eles sentaram aqui, comeram, aí esse daqui é um prato. Aí essa é a minha estória, pequenininha (ela ri). [E o que eles acharam disso?] Eles acharam do bolo com gelatina um gosto gostoso. [E como termina a estória?] Daí eles foram, comeram, e esse daqui, já

tinha acabado e já tirou o pano do prato e esses dois aqui ainda pediram mais para a mamãe. [E um título?] Título? ‘A galinha e os pintinhos’”. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro os segundo. Ela começa a falar imediatamente.

Quadro 2

“Ah, aqui é o... aqui é dois ursos? É, com esses braços fortes deve ser um urso. É, aqui é um urso que tinha um filhinho e esse outro aqui, tinha outro. Aí eles tavam segurando uma corda. Aí os filhinhos falaram: ‘Vamos brincar de cabo de guerra?’ Aí o papai ajudou ele, e esse aqui, o ursinho tá caindo, mas eles tão ganhando do urso. Mas eles ganharam, porque o urso tava sozinho, mas na verdade o pequenininho não servia para ajudar em nada, né, porque ele era fraquinho. Daí esses daqui acabou vencendo. Aí esse daqui falou assim: ‘O que você gostaria de ganhar?’ E ele falou assim: ‘Uma moeda de um real’. Pronto.[Espera aí. Quem ganhou foram esses que estão juntos?] É. [E o prêmio foi a moeda de um real?] É. [Ah, entendi.] Agora o título: ‘Os ursos estão jogando cabo de guerra no Polo Sul’. [Longe, hein?] É porque urso é só no Polo Sul. [É mesmo.]” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o terceiro.

Quadro 3

“Ah, esse eu já sei o que eu vou fazer, o título é ‘Rei Leão’ (risos). Ele era muito preguiçoso. Não gostava de fazer nada. Fumava cachimbo e ele ficava todo ‘forgadão’, parecia o tio M. E ele só pedia os escravos fazerem. E o ratinho, aqui, ele tinha vontade de comer o ratinho, por isso que o ratinho não saía de lá. Mas um dia, ele foi capturado pelos caçadores e deixaram ele pendurado assim. Aí o ratinho foi lá e com todos os dentinhos dele, foi lá e roeu. Ah, não, não vou por o título de ‘Rei Leão’, não. É ‘O Rei Leão e o ratinho’, porque foi o ratinho que salvou ele, na verdade. Esse daqui eu vi no Teatro Municipal, do leão e o ratinho. [Então tá, você falou que ele era o Rei Leão e que ele era muito preguiçoso. E você falou que lembrou de alguém, do tio M. Ele é assim?] É, ele gosta de fumar cachimbo o dia inteiro. Daí, como eu tava te contando, naquele dia do galo, ele saiu e falou assim: ‘Ele também bicou a sua mão?’. [Bicou a sua mão também?] Forte, mas sem prender.Daí, durante a semana o C. (primo) ficou enchendo o saco do meu vô ‘Oh, vô!’” Aí, o meu tio M. perguntou para ele (para o tio): ‘O que você quer comer, carne?’. Aí ele falou: ‘Não, não quero comer nada, quero comer a carne do galo de noite’ (sua voz é meio chorosa nesse momento). Daí ele... ele enfrentou meu tio também e o meu tio quase que cegou. Daí o meu tio quase matou o galo de tão bravo, tem dois, um manso e um bravo. Tem mais duas? (ela se refere às próximas figuras que vou lhe mostrar. Parece um pouco ansiosa).” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

“O que é isso aqui? [Você conhecesse esse bicho?] É um canguru? Era uma vez um canguru num parque. É um canguru, não é? [Sim, mas pode contar, não tem problema.] A canguru tava..., a

mamãe-canguru tava junto com eles no deserto, tava indo para a cidade com eles, com o mais velho e com o mais novinho. Ela tava indo levar eles para a cidade comprar leite para fazer mamadeira e comida para eles. Aí eles foram andando de bicicleta, aquelas bicicletas bem antigas, né, porque é aquelas bicicletas bem pequenininhas, não é? Daí eles foram e depois eles voltaram, voltaram para a casa e o título é “A mamãe canguru, o Totozinho e o... H.’, que é o nome do meu primo. [Qual que é o totózinho?] É o pequenininho”. Ela me entrega o cartão.

Antes de vermos a última gravura, Carol comenta que está cansada, mas não por conta de nossa atividade. Começa a me contar então dos problemas que está tendo com relação ao coral da escola (creio que a menção do cansaço é um somente pretexto para poder abordar esse assunto comigo). Ela conta que o grupo tinha um ensaio há dois dias, na casa de uma aluna, mas a mãe de uma menina componente não a deixou ir. O ensaio precisou ser cancelado e o grupo combinou de se encontrar na hora do recreio, mas também não deu certo. Novo ensaio foi marcado agora em sua casa, mas a mãe da menina não a deixou ir novamente. Ela então substituiu essa garotinha por outra. Tenho a impressão que ela assume a função de uma espécie de coordenadora do coral e me espanta um pouco toda essa autonomia que ela relata. Ela me pergunta se eu vou conversar com a L. (outra aluna), que tem 8 anos, mas que está numa classe diferente da dela. Digo que não conversei ainda com essa garotinha. Esta, segundo ela, se gaba por ser mais velha que ela (mas a diferença é de apenas alguns meses). Compreendo que L. é a garotinha do coral que foi convidada para substituir a outra menina (M.) e que, além da amizade, há uma certa disputa de poder entre as duas quanto às decisões que podem ser tomadas com relação ao coral. Ana Cecília me conta que M. havia entendido que estava sendo expulsa por ela do coral. Ela explicou então a M. que não era este o caso, que ela apenas a estava substituindo porque sua mãe não a havia deixado ir à sua casa para a reunião. Diz que a mãe dessa garotinha somente vai levá-la e buscá-la nos lugares se se tratar de aniversários, que para ir à escola, a menina vai de van. Então acha complicado a mãe de M. autorizá-la a ir ao ensaio.

Conta que a menina lhe disse que vai implorar para a mãe dela deixá-la ir, mas Ana Cecília acha que vai ser difícil que M. consiga o acordo da mãe, porque a menina vai embora (da escola) de van. Ana Cecília diz temer que essa história ainda resulte em confusão. Ana Cecília fala como uma adulta tensa e estressada em função de uma importante decisão a tomar. Não há mais nada de infantil nela nesse momento, e sua expressão é de grande preocupação: parece estar diante de um grande e complexo problema a resolver. Fico pensando nas responsabilidades que essa menina toma para si, mesmo em relação a coisas que não dependem dela. Comento que ela tem muitas responsabilidades, que tem várias coisas a fazer. Ela comenta que o pior é que M. ficou com o CD que elas usam para o ensaio e não quer devolvê-lo. Assim, Ana Cecília quer ver o que vai suceder, se não terá que correr atrás de outro CD. Então, se M. não vier para o ensaio, ela (Ana Cecília) estará perdida hoje. Pede para ver o último quadro e eu o apresento a ela.

Quadro 8

“Eu sei, é macaco! (ela exclama em tom de surpresa e familiaridade. Contudo, parece também um pouco desapontada.) [Você não gostou da figura?] É que eu pensei que era a família do urso. Daí eu ia falar a história do Cachinhos Dourados. Não tem como falar que isso daqui é urso, porque isso aqui é macaco! E esse daqui, o irmão mais velho, tá falando com a mãe dele, mas ela é feia... (risos) [A macaca de brinco?] Tá feio, não tá? Foi você que desenhou? [Não, não fui eu quem desenhou. Pode achar feio!] (risos) Tá feio. Essa daqui tá orientando o menino e essa daqui tá cochichando no ouvido do mais velho, que é o pai ou o irmão mais velho. Daí, essa daqui (ela aponta o retrato) foi a bis... a ‘tataratataratataravó’ desse daqui (mostra a macaca adulta) e a ‘tataratataratataratataravó’ desse aqui (mostra o macaco criança) e essa daqui é a mãe desse daqui (ela se refere ao macaco adulto junto com a criança) e essa é a tia desse daqui (ela se refere à macaca adulta que está no sofá). Qual que é o título que eu dei? [Como?] Não para aquele lá (ela se refere à gravura anterior dos cangurus. Lembra-se que na verdade eu não havia lhe pedido o título.) [Acho que eu não te pedi o título. Ela pega novamente o cartão 4 da minha mão e diz que é ‘A mamãe canguru, o Totó e o H.’. Depois, espontaneamente, ela retorna ao quadro 8.) E aqui é ‘A “véia coroca e a família’. Esse daqui chama... (silêncio de 8 segundos) o macaquinho chama... Chico, essa daqui é a Pamela (a macaca que está no sofá), essa daqui é a Fabiana (ela ri, mostrando a macaca que está com o filhote; parece estar lhe dando o nome de alguma conhecida sua). [A Fabiana é a mãe...] É, e o pai é o ..., não esse daqui é o Chico Bento (ela mostra o filhote) e esse daqui (o macaco que está no sofá) é o... ai como é que fala? O gorila do filme, que tem o casamento, que o gorila vai e destrói tudo. [O King Kong?] Não... mas vou colocar King Kong então. [Fala para mim o que que está acontecendo aí.] O que está acontecendo é que os dois estão sentados no sofá, esse daqui tá sentado no banco e tá orientando ele. [E como você acha que pode terminar essa estória?] Que... esses daqui ia sair, os três iam sair, e esse daqui ia ficar com a vovó, e ela tá falando para ele ficar boazinha, para ele não chorar. [E o que que ele acha disso? Que os outros vão sair e ele tem que focar com a vovó...] Que ele tem que entender que talvez eles vão no cinema de macaco (ela ri) e vão assistir ‘Tropa de Elite’ e ele não pode assistir, porque ele é menor e não pode, porque ele ainda é muito pequeno. [E o título?] O King Kong, a Pamela e a... como eu falei? (ela esquece os nomes que havia dado aos personagens) Ah, a tia Anita (ela muda o nome do personagem) e o Chico Bento”.

Ela me devolve o cartão e eu pergunto se há alguma coisa a mais que ela gostaria de dizer ou de me perguntar. Diante de sua negativa, eu lhe agradeço e nós encerramos nosso encontro.

Interpretação Ana Cecília

O relato de Ana Cecília revela que ela, nesse momento de sua vida, se debate com o problema de encontrar a sua real posição no mundo, tendo perdido a sua condição de criança pequena e não tendo adquirido ainda a de adulta. Esse trajeto, além das angústias que lhe são inerentes, tem sido marcado por turbulências adicionais, uma vez que, ao invés de o caminhar rumo à autonomia

acontecer gradualmente, existe uma certa precipitação na vida adulta, que a coloca diante de problemas que ela ainda não se sente preparada para resolver. Com isso, a inquietação e ansiedade parecem frequentes em sua vida. Todavia, o desacerto não ocorre apenas na questão do ritmo dessa travessia, mas também do significado que o crescimento apresenta: o de uma infância roubada e usurpada, sem lugar para a espontaneidade. Em suma, a aceleração do amadurecimento é acompanhada de um esforço intenso de Ana Cecília para não perder o sentimento de continuidade entre a criança que ela foi e a que ela é, empenho este que nem sempre os pais são capazes de compreender.

O crescimento é, para Ana Cecília, associado, sobretudo à repressão pulsional e à autocontenção. A autoexpressão, a fantasia, o gesto espontâneo teriam, para ela, cada vez menos lugar à medida que se cresce. Eles são vistos como influências perturbadoras na praticidade necessária para a vida na realidade objetiva. Assim, devem ser recolhidos em um canto obscuro da mente, quase esquecidos, frequentados apenas em ocasiões especiais. É nesse contexto que ela vê a sua cachorra sendo levada embora de sua casa para a chácara do avô, pelo simples fato de ser o que é (caçadora), de viver instintivamente e celebrar a espontaneidade (faz sujeira e “late alto”). Se Ana Cecília se dispõe a negociar até um certo grau a perda da espontaneidade infantil em prol da paz e da tranquilidade familiar, ela vê cair por terra qualquer tentativa de guardar a fantasia e a autenticidade da infância: o coelho, embora dócil, não é aceito pelos pais, o peixe também não é mais. Sobra-lhe apenas a imobilidade de um girassol que, mesmo cheio de vida, terá também que ser podado quando crescer.

Essa impressão é acentuada pela existência do irmão mais novo, que fornece um parâmetro para o estabelecimento de um contraste objetivo entre a sua condição e a dele. Enquanto a expressão dele é tolerada e acolhida pelos pais, a dela, irmã mais velha, não pode mais ser. Ele, assim, pelo simples fato de existir, marca bem a perda da infância que ela teve: ele é aquilo que ela não pode e não deve mais ser. Há, assim, um fosso entre os dois. Essa circunstância aumenta a rivalidade fraterna que ela nutre em relação a ele (o galo que não quer que ninguém tenha acesso à casa da árvore), mas que não pode exprimir. Essa situação lhe coloca o problema de como reagir quando ela é provocada por ele: qualquer movimento que ela faça que implique num gesto agressivo (por menor que seja) dirigido ao irmão (deslocado ou não para o primo) é imediatamente punido por um superego violento e aterrador (o tio policial que quase mata o galo que reagiu a uma provocação do primo). Em suma, se as possibilidades de Ana Cecília agir no mundo se tornam cada vez mais restritas, o mesmo ocorre com a capacidade de reagir, que também é impedida. Ela se torna, assim, profundamente indefesa, já que o superego parental protege a criança mais nova; quanto a ela, além de não ser protegida, é exposta às punições dele. Em suma, se para Ana Cecília o crescimento implica a renúncia a algumas das fantasias infantis, a existência do irmão, que lhe usurpa a infância, agrava ainda mais essa situação. Frente a tais circunstâncias o mundo adulto significaria atingir uma certa assepsia emocional, uma praticidade estéril, o que o tornaria sem graça e feio (quadro 8).

Impulsionada a assumir a condição de crescida e sem chances de voltar ao passado, Ana Cecília não vê apenas desvantagens no processo de amadurecimento. Se ele restringe as suas possibilidades de agir criativamente no mundo, ao menos ele lhe permitiria agir objetivamente no mundo. A criança pequena é vista por ela como contribuindo com o adulto de modo insignificante (quadro 2), a idade lhe outorgando certo poder e autoridade (ela crê que sua entrevista comigo será publicada no jornal; ela se coloca numa disputa da coordenação do coral com outra criança; ela toma decisões por conta própria). É nesse âmbito que ela tenta recuperar o narcisismo que ficou perdido para sempre na sua primeira infância, em seu passado de filha única, seja numa identificação com a mãe, seja com o superego do tio. Contudo, se a cooperação que ela oferece ao adulto é duvidosa (quadro 3) por não haver crescido ainda de todo, perante as amigas, principalmente as mais novas, a posição de superioridade que ela se atribui parece se fazer valer, pelo menos até certo ponto. A preponderância que ela assume, porém, coloca-a diante de problemas que, pelo desenvolvimento incompleto de sua flexibilidade (que é também dificultada pela incerteza e mal-estar que ela experimenta em sua posição intermediária nos extremos do crescimento) são complexos demais e que ela não tem condições de resolver sem ajuda. Nesses momentos ela é tomada pela ansiedade e preocupação, possíveis responsáveis pelas queixas de dor de estômago referidas pela mãe na sua entrevista. Os obstáculos parecem intransponíveis (o problema do CD) e ela se sente só, sem nenhum adulto para ajudá-la em suas empreitadas, por mais difíceis que elas sejam.

O tormento e a aflição decorrentes de situações como estas, colocando novos limites no seu narcisismo, a fazem repensar a sua condição e os recursos que ela realmente tem nessa etapa de sua vida. Assim, ela busca compreender novamente a sua condição de criança nem muito grande, nem muito pequena, mas de intermediária, com desejos e necessidades do estágio passado e futuro de desenvolvimento coexistindo (a estória frustrada de Cachinhos Dourados que ela queria me contar). Ela se torna então livre para expressar o que deseja e repudiar o meio quando ele não atende suas necessidades. É dessa maneira que na relação transferencial ela deixa de buscar a cumplicidade adulta que tentou estabelecer comigo no início do nosso encontro para se queixar, no final, que eu não fui ao encontro daquilo que ela criou e lhe apresentei o objeto errado (o último desenho deveria ser de ursos e não de macacos). A família e a tradição familiar podem ser afrontadas (há um gorila que destrói um casamento, a mãe é feia e a avó _ ou tataravó_ é uma velha coroca). Além disso, os limites colocados pelos adultos, implicando sua exclusão temporária das atividades deles, são vistos como tendo uma função protetora contra um superego muito mais cruel (ela deve ficar com a avó quando os pais vão assistir “Tropa de Elite”). Em suma, sua necessidade é a de permanecer no mundo mais circunscrito da família, que acolha a sua espontaneidade e oposição, ao mesmo tempo em que estabelece limites compatíveis com a sua idade e capacidade de ação. Outros detalhes da produção de Ana Cecília ao CAT-A são apresentados na análise de cada quadro a seguir.

Quadro 1

Em seu relato a este quadro, Ana Cecília parece, à primeira vista, ser atirada pelo tema do relacionamento entre irmãos. Contudo, a evocação da rivalidade fraterna a angustia face ao provável castigo que ela deveria enfrentar se a atuasse (decide que a figura adulta se trata de uma galinha ao invés de um galo, dado o significado que esta ave apresentou em sua narrativa anterior). Assim, ela resolve abordar o quadro de um outro modo, da mãe capaz de acolher e gratificar os filhos, oferecendo cuidado e introjeções que são muito bem aceitos pelos filhos, compatíveis com sua condição de crianças (bolo com gelatina de uva). Enquanto um dos filhotes se contenta com o que a mãe ofereceu, os demais são vorazes e solicitam mais dela. Todavia o relacionamento entre os irmãos em si é evitado e, com isso, ela se esquivava do tema tabu da rivalidade fraterna.

Quadro 2

No discurso de Ana Cecília a esse quadro a situação de disputa é integrada e assimilada, simbolizada como jogo. O tema principal, contudo, não é a competição em si, mas qual seria o papel da criança nela, a saber, até que ponto ela contribuiria com o adulto. A resposta de Carol é categórica: o filhote não coopera em nada com os adultos (ele é fraquinho, não ajuda e está quase caindo). Assim a questão de a união fazer a força seria válida apenas do ponto de vista da criança, mas não do adulto. Portanto, a vitória seria de um adulto sobre o outro, o reconhecimento do valor da criança sendo apenas uma adulação ao narcisismo dela. Enfim, de acordo com Ana Cecília, são apenas os adultos que têm uma função efetiva no mundo.

Quadro 3

Se no relato precedente Ana Cecília afirma que a cooperação que uma criança pode trazer para os adultos é ínfima, nesse momento ela busca recuperá-la, mostrando que, mesmo diante de limites físicos importantes e de uma posição de inferioridade diante deles, sua presença pode ser decisiva em alguns momentos. Assim, uma associação entre a espontaneidade infantil (incluindo a agressividade oral) e a autoridade superegóica do adulto não seria de todo mal. Entretanto, a tarefa integrativa que ela começa a empreender é interrompida porque, do seu ponto de vista, a relação entre espontaneidade e limite é, sobretudo, de conflito e de contradição. Portanto, a agressividade oral (o galo que bicou o primo e a sua mão) somente tem como resposta do superego a vingança e a perseguição igualmente orais (o tio quer comer a carne do galo).

Quadro 4

Sendo a contribuição da criança para o adulto duvidosa, conforme expresso no relato anterior, e o retorno à infância, com todo o seu colorido imaginativo, impossível, Ana Cecília tenta, nesse momento, submergir na idade adulta, buscando aproveitar as vantagens que ela traz. Em suas associações a esse quadro que ela mostra, inicialmente, que aquilo que a mãe oferece não basta mais

para a sobrevivência das crianças, devendo os recursos serem buscados no mundo exterior (a mãe sai com os filhotes para comprar comida). Se essa percepção a coloca diante de sua realidade de dependência relativa (o canguru maior tem uma bicicleta, mas ela é ainda pequena), em que a mãe a acompanha em sua jornada rumo ao mundo exterior, suas associações posteriores mostram que ela nem sempre conta com esse apoio. Assim, ela deve enfrentar sozinha muitos desafios. Se essa situação lhe parece de início atraente, o crescimento lhe oferecendo um certo poder de decisão e autoridade, ele também é fonte de angústia e apreensão. A razão dessas inquietações é que ela se vê às vezes diante de impasses e problemas complexos (como as decisões referentes ao coral da escola) que sua condição de criança não lhe permite ainda resolver e para os quais ela não parece contar com nenhuma ajuda. É por isso que o seu convite à uma garotinha poucos meses mais velha que ela para integrar o coral, embora seja fonte de competição e de oposição, a alivia também. Enfim, Ana Cecília percebe que a autonomia substancial que ela conquistou e que a diferencia de outras crianças (ela não depende da mãe para ir ao ensaio do coral) é, na verdade, uma faca de dois gumes, já que o ambiente a obriga a assumir sozinha responsabilidades sobre situações sem que ela esteja suficientemente preparada para isso. O medo de tomar a decisão errada e de enfrentar as consequências disso (a saber, a punição superegoica) a perturba enormemente, podendo se constituir na fonte dos sintomas psicossomáticos que a acometem.

Quadro 8

Em sequência a suas associações anteriores, Ana Cecília expressa, em seu relato a esse cartão, a queixa contra o seu ambiente familiar, que não reconhece a sua condição de dependência relativa, de ser ainda criança, e, assim, não lhe oferece o apoio e segurança que ela necessita. Desse modo, ela considera deplorável que eu não tenha lhe mostrado uma figura mais compatível com o ritmo e a sequência de suas associações anteriores, que facilitasse a expressão dos conteúdos que ela gostaria, a saber, a descoberta de seu real tamanho e de suas necessidades na condição intermediária que ela se encontra, nem criança pequena, nem adulta. Assim, ela é capaz de criticar a minha falta de sensibilidade face às suas necessidades (diz que o desenho é feio e depois pergunta se fui eu mesma quem o fez) e, diante do meu acolhimento à sua censura, manifestar a sua rejeição do meio familiar (diz que a macaca mãe é feia e a tataravó é uma velha coroca). Essa expressão seria possível, do seu ponto de vista, caso o seu ambiente familiar lhe ofereça um novo enquadre que, admitindo a sua condição de criança, tornar-se-ia menos temeroso dos ataques mordazes e desrespeitosos que ela lhe dirige. Desse modo, ela se tornaria mais livre para usufruir das pulsões, visto que os limites e as sanções impostos a ela pelo meio apresentariam também uma característica protetora contra a ação de um superego terrorífico que ela não é ainda capaz de assimilar (os pais a proibem de ir assistir com eles “Tropa de Elite”).

Em resumo, Ana Cecília é uma garotinha que vem se desenvolvendo relativamente bem, cujas capacidades de integração, personalização e realização já se encontram bem estabelecidas. Em termos do desenvolvimento do *Self* ela pode ser situada no estágio de dependência relativa e, no que se refere

às pulsões, no estágio de latência. A despeito da continuidade do percurso que ela exhibe em seu desenvolvimento, este não ocorre de maneira completamente serena. As razões disso referem-se a uma dificuldade que ela enfrenta para encontrar sua real posição nesta etapa de amadurecimento. Sua sensação é a de haver sido impulsionada e precipitada em direção a uma autonomia que ela ainda não se sente pronta para assumir. A experiência é a de ser obrigada a deixar para trás a fantasia infantil e a espontaneidade, que não são mais acolhidas pelos pais, em prol de uma conduta objetiva, independente e prática diante do mundo compartilhado. A chegada do irmão mais novo acelera ainda mais esse processo, pois o olhar dos pais, ao estabelecer o contraste entre as duas crianças, a obriga a diferenciar-se dele como mais autônoma. Assim, Ana Cecília sente que perdeu uma parte considerável do apoio e da companhia da mãe de que usufruía antes, o que contribuiu para a intensificação da rivalidade com o irmão mais novo. A disputa com ele e a expressão de seu ciúme e hostilidade, contudo, não são possíveis, dada a ação de um superego aterrador sobre ela, que protege a criança menor, mas deixa-a, ao contrário, completamente à mercê de sua ação. Buscando sua nova posição, com as vantagens que ela lhe traz, e com o estímulo do ambiente, Ana Cecília então se precipita na vida adulta e, numa passagem abrupta da dependência para a independência, toma para si responsabilidades que não tem ainda condições de assumir, o que lhe gera uma ansiedade intensa. Ela percebe que o alívio de seu sofrimento implicaria no auxílio, por parte de seu meio familiar, para ajudá-la a situar-se em sua nova condição intermediária entre criança e adulto. Essa ajuda, contudo, exigiria do meio o reconhecimento de que Ana Cecília não é ainda completamente independente e necessita do apoio dos pais e de que eles atendam as suas necessidades. Desse modo, o acesso dela à idade adulta não implicaria numa perda de continuidade total da infância, resguardando, assim, o espaço da fantasia e da espontaneidade. Para tanto, ela se dá conta da necessidade de receber de sua família um enquadre protetor, em que a expressão pulsional possa ter lugar e que o castigo, quando necessário de ser imposto, respeite a sua condição de criança, sem lançá-la diante de um superego feroz que poderia paralisar o seu amadurecimento emocional.

Síntese Gisele e Ana Cecília

As análises das narrativas de Gisele e Ana Cecília mostram que elas compõem uma díade que, apesar de se entender relativamente bem, tem se deparado com alguns entraves e incertezas referentes ao manejo da condição de dependência relativa que a garotinha apresenta nesse momento de seu amadurecimento emocional. Elas parecem experimentar uma certa divergência de expectativas, uma em relação à outra, que, se não repercute em consequências na formação da personalidade da garotinha, tem seguramente promovido incômodos que se apresentam seja sob a forma de angústia, seja sob a de sintomas psicossomáticos.

A dissonância entre ambas ocorre na compreensão que cada uma delas tem sobre o significado da dependência relativa. Nesse contexto, Gisele, ancorada em sua própria experiência infantil com uma mãe enérgica e bastante exigente, e sobrecarregada com o cuidado de uma criança de 4 anos que

Ihe solicita muito, compreende que sua filha mais velha já tem recursos suficientes que lhe permitam uma quase independência. Assim, a garotinha, segundo sua visão, necessitaria pouco de sua atenção e cuidado; suas exigências infantis seriam então caprichos decorrentes de uma regressão indesejada. A percepção de Ana Cecília, contudo, é bastante diferente daquela de sua mãe. Para ela, embora o momento evolutivo em que se encontra já lhe ofereça meios para não precisar da mãe como antes, ele ainda não lhe possibilita desembaraçar-se completamente das necessidades próprias do período anterior. Enfim, existe uma diferença importante entre mãe e filha na estimativa do grau de independência que esta última já é capaz. Enquanto Gisele percebe as eventuais regressões da menina como manipulações, uma vez que o momento de elas existirem já foi ultrapassado, Ana Cecília encontra-se ainda tentando localizar-se em sua posição evolutiva atual. Assim, se para a mãe o desenvolvimento infantil ocorre em linha reta, para a criança ele é feito de inúmeros avanços e recuos.

Essa dissonância de percepções acarreta consequências importantes para o estabelecimento do sentido do *Self* da criança, uma vez que atinge diretamente o seu sentimento de continuidade de existência. Se, como a mãe, ela assumir que a primeira infância é um período que já foi transposto e deve agora ser mantido no limbo (chácara do avô), não haveria, então, encadeamento, do ponto de vista emocional, entre a criança que ela foi e a que ela é. Com isso, em sua nova etapa de vida não haveria mais lugar para o sonho e a fantasia infantis, que deveriam dar lugar a uma atitude objetiva e prática diante da vida. Embora a garotinha lute para preservar um pouco da ilusão e utopia que fizeram parte de sua vida passada, ela se choca com a conduta dos pais de considerá-las como futilidades que, além de serem inúteis, sobrecarregam o cotidiano (eles negam os inúmeros pedidos da filha para ter um animal doméstico). Com isso, nada mais resta à Ana Cecília que operar um retraimento contínuo do *Self* até à quase imobilidade, em razão das inúmeras repressões pulsionais que se sente obrigada a fazer. Desse modo, mesmo se o amadurecimento é bem-vindo para ela, sua sensação é a de que a atitude dos pais (principalmente a da mãe) não lhe permite realizar uma transição doce e suave, sentindo-se precipitada ela mãe na vida adulta sem uma rede de proteção. Com isso, eventualmente ocorre um impasse entre mãe e filha em que à incitação da autonomia pela primeira, a segunda responde pela regressão (age como uma criança menor quando tenta impedir que o pai saia de casa, ou que os pais saiam sem ela).

Se as origens da conduta de Gisele frente à filha concentram-se na sua tentativa de contentar a própria mãe, mostrando-lhe que é leal a ela, valorizando a educação que recebeu, ela é situada por Ana Cecília, ao menos de início, no nascimento do irmão mais novo. Este, cujo narcisismo é acolhido pela mãe e que goza de uma relação de dependência com ela, é visto pela garotinha como o responsável pela perda da infância que ela sofreu. A rivalidade frente a ele, assim, se estabelece, aumentando a cada olhar dos pais que estabelece o contraste das posições ocupadas pelas duas crianças (a mais nova e a mais velha, a dependente e a independente). À existência do irmão é imputada a mudança da concepção dos pais sobre ela. A expressão da hostilidade para com ele, contudo, é inviabilizada pela ação parental superegoica, que a pune exemplarmente diante de cada manifestação de seu ciúme. Com

isso, além de gozar da relação estreita com a mãe, o irmãozinho conta ainda com a proteção dos pais; assim, ele tem tudo e ela nada.

Diante dessa situação, Ana Cecília compreende que, se não é mais possível contar com a mãe para satisfazer as suas necessidades de dependência, ela mesma precisa cuidar de si. Com isso, a aproximação deverá se fazer de outra maneira, por meio da identificação com ela. Este processo, embora comporte ainda a percepção de um sentido, de querer ser como a mãe porque ela ecoa a sua criatividade e estabelece dessa maneira uma razão para existir, funda-se também (e talvez de modo mais acirrado) em uma conduta de submissão com vistas a agradar a mãe. Carol então passa a agir como ela, tornando-se objetiva e prática diante da realidade, assumindo responsabilidades e reagindo a elas com angústia (tal qual sua mãe) frente às dúvidas quanto às suas capacidades de realizar o que se espera dela. Enfim, ela aceita o processo de desilusão abrupta que sente que Gisele lhe impõe e sofre as consequências dele. Com, isso, como a mãe, Carol, insegura quanto à existência de uma continuidade entre si mesma e o mundo, duvida de sua capacidade de agir de maneira compatível com as exigências dele e não tem segurança de poder contar com alguém nos momentos de necessidade. A vida se torna, assim, para uma e para a outra, uma dura empreitada a cumprir, plena de tensão, pois as chances de fracasso são grandes. Diante disso, a ação espontânea no mundo deve ceder lugar a um esforço visando a perfeição; daí a necessidade que cada uma delas tem de exigir muito de si mesma, e a de Gisele de exigir muito de Ana Cecília.

Nesse processo de lançar-se apressadamente na vida adulta, Ana Cecília percebe-se assumindo responsabilidades que, embora lhe confirmam um certo status (e, nos casos felizes, orgulho da mãe), a angustiam, uma vez que nem sempre ela dispõe de recursos suficientes para fazer face a elas, nem conta com ninguém para ajudá-la. Essa sensação de desproteção causa-lhe uma profunda aflição que resulta eventualmente nos sintomas psicossomáticos que ela apresenta. O sofrimento da filha atinge profundamente Gisele, que, empática com a garotinha, reconhece-se repetindo com ela o que viveu com a mãe e as penas e amarguras de sua experiência. Apoiada em sua capacidade de reflexão, ela começa a questionar o seu nível de exigência para com a filha e sensibiliza-se diante dos esforços mal sucedidos da menina para lhe agradar, mesmo que isso custe renunciar a ser o que é. Com o suporte de seus conhecidos do centro espírita que frequenta, ela decide dedicar-se um pouco mais à garotinha, oferecendo-lhe mais do seu tempo, de modo a permitir-lhe um aprendizado progressivo da vida adulta, mantendo atendidas as suas necessidades de dependência (ela passa a ir com a filha ao supermercado, banco, entre outros lugares). Essa nova circunstância, inaugurada com a mudança de horário da escola da menina, que a deixa sozinha com a mãe por um período do dia, torna Ana Cecília mais livre para a recuperação do relacionamento infantil com a mãe (ou pelo menos de parte dele), permitindo-lhe reassumir a sua condição de ainda criança e, mesmo repudiar o mundo adulto (o desrespeito à tradição familiar que ela mostra no quadro 8). Com isso, ela resgata a proteção dos pais por meio da aceitação dos limites superegoicos que eles lhe impõem, mais compatíveis com sua condição de criança e que a preservam dos castigos angustiantes do superego adulto.

Em resumo, Gisele e Ana Cecília, tendo vivido um descompasso na compreensão do nível de autonomia que deveria ser atribuído à menina no estágio de dependência relativa, dissonância que resultou numa angústia importante por parte desta última, vêm efetuando nesse momento uma tentativa de reaproximação emocional. Essa re-união tornou-se possível tanto em função da sensibilidade materna ao sofrimento da filha quanto ao amor inabalável desta em relação à primeira e seu desejo de lhe agradar. Assim, mesmo que o auxílio de um psicólogo possa trazer benefícios importantes para ambas, o movimento inicial e essencial para a garantia de uma continuidade do desenvolvimento emocional infantil sem maiores tumultos já foi efetuado.

APÊNDICE CC - Díade Sílvia e Luana

Identificação

Sílvia: 46 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Michel, 10 anos; Luana, 6 anos

Criança estudada: Luana

Ordem das entrevistas: 1) Sílvia

2) Luana

Narrativa Sílvia

Sílvia foi a primeira das mães que entrevistei para a amostra brasileira. No dia marcado, nós nos encontramos na escola, num final de tarde de um dia quente. Eu me apresentei a ela e nós fomos gentilmente encaminhadas pela recepcionista da escola até a sala da psicóloga, que nos foi cedida para a entrevista.

Sílvia é uma mulher clara, de cabelos em comprimento médio, escuros como os seus olhos. Parece relativamente jovem e está um pouco acima do peso. Veste-se com simplicidade, mas com cuidado. É simpática, mas parece um pouco intimidada com a minha presença. Logo que começamos a conversar, ao perceber sua timidez, fico imaginando como eu poderia ter sido apresentada a ela pelas pessoas da escola: tenho a impressão que ela poderia estar me achando uma pessoa importante e isso explicaria um pouco o seu acanhamento. De qualquer modo, eu não tinha elementos para ter certeza se era mesmo isso ou se ela era realmente assim no seu dia a dia.

Eu lhe explico os objetivos de minha pesquisa e ela comenta que, de fato, ter filhos e educá-los não é uma tarefa fácil. Peço para usar o gravador (não a percebo incomodada por isso). Ela aceita e eu retomo o que ela havia dito antes. Ela fala das diferenças de educação nas gerações passadas, como a sua e de sua inquietude quanto a colocar limites nos filhos. Comenta que quando se tem filhos, há preocupações e responsabilidades, e os pais nunca sabem se estão certos ou não. Diz que não sabe se está repreendendo muito as crianças, sendo muito exigente, ou deixando-as muito à vontade.

Sua fala é mansa e tranquila e ela não me olha muito nos olhos, embora não chegue a evitar o contato visual comigo. De qualquer modo, esse discurso inicial me parece ainda um pouco clichê. Ela conta que tem um filho mais velho de 10 anos (Michel); Luana tem 6. Disse que a menina é muito “dengosa”, mais sensível que o garoto, por isso não pode falar com eles do mesmo modo. Eles moram com ela e o marido na mesma casa. Pergunto a sua idade e ela ri. Conta que tem 46 anos e que Luana foi um presente de quarenta anos, já que engravidou aos 39 anos. Ela conta que se casou um pouco mais velha e que somente a gravidez do garoto foi planejada. Apesar disso, ficou feliz quando se

descobriu grávida de Luana. Ela desejava ter um segundo filho, mas o marido não. Porém, quando Luana chegou, foi muito bom para a família, um “presentão” mesmo. Ela encerra sua fala e eu proponho a aplicação do CAT-A e dou as orientações, dizendo que eu gostaria que ela olhasse as gravuras e me dissesse como é ser mãe de Luana nas situações desenhadas. Ela diz que está de acordo e eu lhe mostro o primeiro quadro.

Quadro 1

Ela observa a gravura e confirma comigo se deve olhar o quadro e dizer o que se lembra com relação a Luana. Eu confirmo. Ela então conta que a figura lembra a hora de comer, de sentar à mesa, que é muito difícil, pois a filha não gosta de comer e come muito pouco. A mãe diz que as duas são diferentes, dizendo que ela é vaidosa, mas que a filha é extremamente vaidosa. Sílvia conta que a filha colocou na cabeça que se comer muito, vai engordar, apontando que não sabe se isso aconteceu porque a filha a acha gorda ou não. A mãe conta que a filha não gosta de macarronada, fato que ela acha difícil acontecer com uma criança. Ela diz novamente que é muito difícil essa situação da alimentação porque ela trabalha e tem que ficar conversando com a filha para ela comer. Diz que em alguns dias, a filha come apenas duas ou três coisas, e que ela lhe diz que não pode comer ovo todo dia e pede para ela comer coisas diferentes. Diz que a situação não se resolve nem com promessa, que a menina tem uma personalidade forte e que quer ganhar a discussão, assim, se ela falar que não vai comer, não adianta. Com isso, Sílvia acaba cedendo e dando à menina o que ela gostaria de comer. Ela diz que poderia se esforçar mais, mas que, muitas vezes, porque precisa ir trabalhar e está com o horário “contado”, não pode insistir. Diz que isso acontece principalmente no horário do almoço, porque é mais à tarde que ela (Sílvia) sai, então ela não tem muito tempo, embora ofereça outros tipos de comida. Então, no horário do almoço não dá para insistir tanto, também porque o marido não almoça em casa. No horário do jantar, a mãe diz que como o marido chama a filha para sentar com a família, ela até gosta de sentar com o prato dela e que até parece que a menina vai comer melhor, mas ela come apenas aquele pouquinho dela e reclama se a mãe for comer duas vezes. A mãe diz que se surpreende que pela idade da filha, esta a fique cobrando. Sílvia diz que a menina não lhe diz diretamente que ela está gorda, mas que fala do seu jeitinho. Sílvia diz que no almoço é mais corrido e que são poucos os dias que ela almoça com a filha, pois ela sai e a Luana fica na casa de sua cunhada. Ela diz que a cunhada é como se fosse uma avó. Ela conta que sua mãe não mora na mesma cidade que ela e que a cunhada faz muito por Luana. Sílvia diz que na casa de sua cunhada é do mesmo jeito, que esta também tenta fazer um monte de coisas para que a menina coma. Diz que na casa da cunhada há também a sobrinha, que se senta à mesa com o seu irmão e que são todos lá. Lá, Luana ajuda a arrumar a mesa, sabendo onde cada um senta-se à mesa, e parece que a menina vai comer, mas ela também come só um pouco. Sílvia conclui que então o problema de a filha comer pouco não é só com a mãe, o que a deixa preocupada. A mãe levou a menina ao um médico e ele disse que ela está bem e dentro do peso esperado para a idade. Diz que não sabe se precisa me dizer isso, mas o seu outro filho

é mais gordinho; Sílvia diz que não sabe se é isso que leva a filha a essa preocupação, embora ela nunca tenha citado nada a respeito. Diz que acredita que esse seja o seu jeito mesmo da menina, contando que, mesmo do chocolate que ela gosta, ela come apenas um pedacinho de sobremesa. Diz que a menina em geral não gosta de sobremesa, somente de sorvete e toma um pouco de suco, sendo que a mãe procura colocar algum legume, como cenoura e beterraba, senão ela não come esses legumes de modo algum. Diz que está me contando isso porque a menina passa muito tempo com a sua cunhada e a família dela e eles ficam juntos na hora das refeições. Sílvia diz que, quando passa na casa da cunhada no final de tarde para buscar Luana, ela os encontra todos em volta de Luana também, mas o que acontece lá é a mesma coisa em sua casa também.

Pergunto se a menina era assim desde bebê. Sílvia responde que sim, que só o leite ela toma normalmente. Diz que a menina toma mamadeira até hoje, mas que a papinha era só um pouquinho e o pediatra disse que é da natureza dela mesmo. Diz que fica o tempo todo oferecendo alimento, sem falar que a menina comeu pouco. Na escola, ela come só uma bolachinha ou uma bisnaguinha e um suco pequeno. A mãe diz que, desde pequenininha, ela sempre comeu só meia fruta. Conta que raspa a maçã até hoje para dar à filha, pois se cortar ela não come. Luana também não come sozinha e precisa dar comida em sua boca. Conta que naquele dia estava dando o almoço na boca da menina e pensou “Gente, mas ela já está passando dos seis anos... e eu tenho que dar a comida na boca!”. Diz que na casa de sua cunhada é assim também, que devem ficar insistindo, dando a comida na boca da criança e, quando ela diz que não quer mais, é só mesmo mais uma colher depois disso. Digo que ela deve ser muito aflitivo ter que dar comida na boca da criança e Sílvia concorda. Diz que a única coisa que a filha come sozinha é pipoca ou barrinha de chocolate. Mesmo o suco, quando a criança percebe que a mãe colocou algum legume junto, ela resiste a beber. Já o seu filho mais velho começou a comer sozinho quando era muito pequeno e que queria usar a faca quando tinha 4 anos. A mãe repete que a filha não come se não for dado na boca. Sílvia conta que já foi dura e insistiu que não iria dar comida na boca da menina e a menina não comeu mesmo, foi para um canto e ficou quieta. Sílvia diz que nunca esperou muito tempo para insistir com a filha porque ela é dengosa mesmo e fica em um canto e não tem conversa. Ela diz nunca colocou só os dois filhos para almoçarem juntos e ela teve essa ideia ao olhar para o cartão. Diz que na hora do almoço, ou a menina esta só com ela, ou na casa da cunhada, onde todos almoçam juntos. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 2

Ao pegar o segundo cartão, Sílvia ri e depois diz que vê que é a mãe e o pai e a menor é a filha e depois fica tempo em silêncio por 28 segundos. Ela conta que durante a semana, a funcionária do Recenseamento foi à sua casa e perguntou a cor de cada um deles: o marido disse pardo, ela disse branca e o filho chegou do lado do pai e disse pardo e a filha a abraçou a mãe e disse “Eu sou branca”. A moça do Censo ficou surpresa e comentou como é interessante que cada um dos filhos foi para um lado. Sílvia continua dizendo que, quanto a relacionamento, no momento de decidir alguma coisa em

relação aos filhos, se ela for considerar o pai e a mãe como vê na figura, na casa dela não há muito disso, não (conflito). Ela continua dizendo que quando o marido diz alguma coisa perto dos filhos, ela fica quieta. No caso inverso, quando ela fala, ele também não opina perto dos filhos, mesmo que não goste do que ela disse. Sílvia conta que depois ela fala para ele (ou vice-versa) que ele poderia ter feito diferente, mas isso nunca ocorre perto dos filhos. Diz que em geral é ela quem diz mais isso para ele. Ela diz que quando eles precisam falar com as crianças, eles fazem isso, principalmente porque são dois filhos. Assim, quando um fala alguma coisa, eles sentam e dizem ou “O pai está certo” ou “Você tem que escutar a mamãe”; assim, eles cuidam para não ficar uma queda de forças. Diz que por isso, pensando na sua casa, não se identificou muito com o que viu na figura. Embora ela perceba que há um ciúme entre os filhos, o que um fala vale para os dois.

Pergunto se ela sente que há uma proximidade maior dela mãe com alguma das crianças e ela diz que não, embora as crianças digam que sim e o que um fala, o outro também fala. Ela conta que principalmente é o filho que diz que ela protege mais a menina. Sílvia diz que acha que fica um pouco mais do lado da filha porque ela é mais nova, dengosa e não faz as coisas sozinha dependente. Já o menino faz tudo sozinho. Ela diz que o filho é muito diferente dela e que se ela disser só uma vez para ele fazer alguma coisa, ele faz. Então acha que ele percebe isso e a cobra. Aí, ela busca conversar e tem horas que o filho entende e tem horas que não. A mãe diz então que realmente protege mais a filha e depois ri e fica em silêncio. Ela me devolve o cartão e eu mostro o seguinte.

Quadro 3

Sílvia observa o cartão e diz: “Gente, que figura, hein? Que horror!” e depois ela diz que é quanto ao pai, sentado. Ela ri e fica em silêncio por 15 segundos. Depois pergunta se pode falar que é referente ao pai. Respondo que ela pode falar o que vier à sua cabeça. Sílvia então diz que o que vem à sua cabeça, relacionado à sua família, seria o seu marido, sentado, e quanto aos seus filhos, tudo o que ele fala, ela assina embaixo e que, conforme ele vai falando, ela não discorda dele. Ela diz então que se tivesse uma cadeira dessa na casa na sua família, seria dele mesmo. Ela fala que concorda com ele e se está junto com ele, ainda mais nos dias de hoje, é porque as ideias dos dois batem. Diz que acha isso importante para a formação da família, e, como o pai está mais distante, ela o coloca “lá em cima” mesmo. Ela diz que com ela, às vezes ela não quer fazer alguma coisa e os filhos insistem tanto que ela acaba cedendo. Então, ela se apoia nele, mas não o deixa sendo o “durão” ou o “ruim”. Então, nas coisas que ela não dá conta, ele chega e ajuda. Diz que os filhos têm um grande respeito pelo pai e ele precisa falar apenas uma vez com eles, mas sempre de uma maneira bem calma. Por isso tudo o que ela vai dizer para os filhos, ela diz que precisa ver com o pai, ou que o pai não gosta. Ela diz que é isso o que vê no cartão e me pergunta se eu gostaria de chamar a atenção dela para algo que ela não viu e, sem esperar resposta, ri, dizendo que eu devo estar me divertindo com suas respostas. Nós duas rimos e ela mãe diz que o ratinho do cartão não tem nada a ver. Ela diz que às vezes o marido chega em casa e, como trabalha muito e está cansado, então ela pede para os filhos levarem alguma coisa

para ele, ou lhe mostrarem alguma coisa. Diz que o marido até ajuda nas tarefas. Ela me devolve o quadro e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

Quando pega o quarto cartão, Sílvia diz que ele é muito bonitinho e que a filha vai adorar quando ver. Ela fica em silêncio por 27 segundos; depois diz “Essa daqui... para falar dela...” e fica novamente em silêncio por 18 segundos. Ela diz então que sempre que eles saem, os filhos estão juntos e que dentro de casa, Luana sempre fica perto dela, sendo muito difícil a filha ficar sozinha. Apesar disso, a mãe diz que tem lugares que ela não gosta de ir com a mãe. A mãe diz que a personalidade da filha faz com que ela não queira ir com a mãe em alguns lugares, como ir buscar o irmão no judô. A mãe conta que tem uma senhora que a ajuda e que se Luana disser que não vai a algum lugar, ela não vai mesmo (ela parece querer dizer que nessas situações, a menina fica na casa dessa senhora). Diz que isso acontece raramente, somente quando ela vai buscar o menino e já está voltando. Se for para passear e ir no supermercado, Luana gosta de ir, mas se o pai for sair sozinho ela não vai. Se vão os dois, a menina vai. Sílvia diz novamente que Luana gosta de sair com ela, mas às vezes nem com ela a garotinha gosta de sair. A mãe diz que é do jeito como está retratado no cartão, pois a filha não sai de perto dela, está sempre de mão dada com ela. Diz que o mesmo acontece com o filho. Ela conta que tudo tem que ser igual para os dois e que às vezes chega em casa e não sabe qual dos dois ela beija primeiro. Ela ri dizendo que um não poderia ficar com um balão enquanto o outro não tivesse, como está no cartão e que isso geraria brigas. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

Sílvia observa o cartão em silêncio por 20 segundos. Depois diz, associando com o que vê no cartão, que na cidade em que vive, ela só tem o seu irmão e que ela gostaria de usar um terreno para construir uma casa perto dele, pois ela se dá muito bem com a cunhada e uma pode precisar da outra. Ela conta que neste momento precisa mais da cunhada do que esta precisa dela, por isso gostaria de ficar mais próxima dela. Sílvia conta que aos domingos as duas famílias almoçam juntas na casa da cunhada, que é maior e tem uma área de lazer. Diz que eles não viajam um sem o outro e que quando há uma reunião familiar, tudo o que ela e o marido conversam, os filhos participam; quando se trata de assuntos delicados, eles conversam quando as crianças vão brincar, mas nunca perdem para eles saírem da mesa. Diz que Luana é como a neta de sua cunhada, que eles têm muito carinho por ela. Diz que eles jogam juntos e que a filha ganha de todos no jogo de dominós. Repete que sua família e a da cunhada se reúnem muito, na casa de uma ou de outra, que é todo mundo junto jogando ou mesmo se as crianças não jogam, elas estão lá e que Luana joga dadinho, dominó e até o Banco Imobiliário. Quanto à foto que ela vê na figura, ela diz que não tem mais o seu pai, que Luana não o conheceu. Diz que não tem uma foto dele como na figura, mas sempre que Luana a vê em uma foto, ela pergunta

sobre ele. Conta que a mãe de sua cunhada também morreu e a Luana a via como avó e a mãe procurou explicar que ela não a veria mais e que ela foi para o céu. A mãe diz que explicou também que o avô morreu antes de ela nascer e que quando vai à casa da avó, a menina vê fotos e diz que aquele é o seu avô. A mãe diz que acha importante que a filha o reconheça.

Sílvia conta que sua família não é natural da cidade em que reside, mas de uma cidade próxima, e que seus sogros também moram lá e que aqui só está ela e o irmão. Ela conta que eles têm contato e que a família veio para sua cidade no aniversário de Luana. Sílvia conta que as comemorações sempre são festas familiares em casa ou em uma chácara e sem muitas pessoas, pois eles não costumam fazer em Buffet, porque acham caro e o limite de horário de três ou quatro horas a estressa. Assim, ela não costuma fazer festas grandes e com muitas pessoas. Ela diz que a família vai à sua cidade para comemorar, que eles já chegam no sábado para se reunirem, que a irmã faz o bolo e que eles ficam conversando, que há muito contato entre eles. Ela diz que a família do marido também vem, suas tias e sua sogra. Conta que no último aniversário, a sua sogra não pode vir porque não havia ninguém para ficar no sítio e não poderia deixar os animais sozinhos. Quando chegou a noite, a filha nem conseguia dormir de tão alegre que ela estava, por causa das bexigas, do bolo e do pula-pula, no qual, inclusive, os adultos brincaram. A filha perguntou por que os avós não vieram para a festa e Sílvia explicou a razão. A menina comentou também que gostaria que a “Avó Maria” estivesse ali, se referindo à mãe da cunhada que faleceu há dois anos e que gostava muito da menina, que lhe descascava a laranja e colocava na boquinha dela e brincava com ela enquanto sua cunhada fazia o almoço. Sílvia diz que se surpreendeu com o fato de a filha ter lembrado da avó falecida há bastante tempo. A mãe diz que ficou impressionada com o fato de a filha não ter falado também das amigas da escola que não foram chamadas, contando que já teve festa na escola e que a filha concordou em não chamar, mas que ela lembrou dos três que não estavam presentes e que ela explicou para a filha.

Sílvia fica em silêncio e eu pergunto sobre o seu trabalho. Ela diz que é escrevente e trabalha em tempo integral. Ela conta que está em greve há três meses e que iria para São Paulo no dia seguinte para participar da Assembleia. Ela disse que tem horas que ela tem medo de perder o emprego, mesmo sabendo que eles estão no direito deles, que têm razão. Por outro lado, ela diz que foi muito bom poder ficar com a filha nesse tempo e que antes ela estava tão centrada no trabalho que nem utilizava o seu direito de abonar falta, por causa de sua responsabilidade. No primeiro dia de greve, quando foi buscar a filha na escola, ela ficou muito feliz e chegou a suspirar. Sílvia diz que está tentando conversar com a filha e explicar que vai voltar a trabalhar. Luana, no entanto, sempre pergunta se a mãe vai buscá-la na escola, e Sílvia percebe que a filha sente a sua falta. Ela diz que tem direito a seis faltas abonadas por ano no trabalho, e que antes ela pedia uma ou duas para ir ao médico, mas que agora ela está reivindicando seus direitos, porque os governantes nem sabem direito o que eles (funcionários) fazem. Cota que isso foi dito em uma audiência pública. Diz que isso a fez refletir, porque vai ao trabalho, esquece mesmo a família e depois recebe uma resposta dessas. Ela diz que vai voltar a trabalhar com a mesma responsabilidade, mas também atentando para a família, não fazer muito como era antes.

Pergunto se ela está com vontade de ficar mais próxima da família e ela responde que sim, contando que antes da greve a filha estava muito próxima da cunhada e que houve dias que ela não queria ir para casa nem para dormir. Sílvia conta que quando Luana era menor, havia dias que ela queria ficar mais na casa da cunhada, mas com o decorrer do tempo, isso foi diminuindo; entretanto, agora ela não quer nem mesmo ir, pois está ficando com a mãe. Contudo, se for preciso, ela vai. Sílvia conta que em alguns momentos a filha diz que não quer ir à casa da tia, mas ela insiste porque há também muito carinho entre eles. Diz que esse contato está valendo a pena, independente do resultado da greve. Repete que tem medo de perder o emprego, mas acha que se fosse para isso acontecer, já teria acontecido. Diz que se for preciso, será capaz de fazer outra coisa, mas não deseja mais se submeter a ponto de deixar a família de lado. Diz que foi isso que lhe deu mais forças para lutar e ir atrás de seus direitos. Conta que ela e o marido trabalham e com o dinheiro eles pagam a escola da menina, curso de inglês. Diz que ela e o marido sonham tudo de bom para as crianças. Então, se não for atrás de seus direitos ela não vai mais poder proporcionar algumas coisas para os filhos.

Pergunto sobre o trabalho de seu marido e ela diz que ele é comerciante, que tem um estacionamento, mas que também trabalha bastante. A mãe conta que o marido tem mais paciência com as crianças do que ela e que, quando está trabalhando muito, ela é mais estressada. Contudo, ele trabalha até mesmo mais do que ela e, quando vê, ela já perdeu mais a paciência. Digo que parece que ela está em um momento de reavaliar algumas coisas e ela responde que sim, que já até comentou com suas amigas, que, quando voltar a trabalhar, não vai fazer “corpo mole” porque isso não é da sua índole, mas está pensando em não levar trabalho para casa, por exemplo, mesmo que não seja materialmente, mas “na cabeça” (sic). Então, crê que a volta ao trabalho será boa para as crianças e que, nesse tempo de greve deu para ver a maior aproximação da filha. Ela comenta que era muito ruim quando ia buscar os filhos e eles não queriam ir com ela. Diz que sempre respeitou isso e nunca tirou a filha chorando da casa da cunhada. Diz que agora, a cunhada os chama para ir à casa dela e os filhos não querem ir, e que querem que ela pegue um livro para ler histórias. Conta que agora a filha está aprendendo a ler e que isso está sendo bom demais. Diz que isso não tem preço e que, se perder o emprego, o que acha que não vai acontecer, tendo saúde, ela trabalhará em outro lugar.

Pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela pensa e conta que não tem muita paciência com os filhos, pois ela gosta das coisas muito organizadas e as crianças fazem bagunça porque eles têm muito brinquedos e que ela sofre um pouquinho com isso. Diz que ela vê que eles têm que brincar e então vê a bagunça, mas não pode falar nada porque os filhos não têm outro lugar para brincar. Ela fica, porém, com vontade de tirar os brinquedos e arrumar tudo. Diz que queria poder relaxar mais, mas assim que vê um objeto fora de lugar, por exemplo, o sapato, quando as crianças o tiram após chegarem da escola, quer logo que guardem. Diz que os filhos percebem isso somente pela maneira que ela olha para eles e que ela acaba percebendo que às vezes judia dos filhos por causa desse seu jeito e acaba se culpando. O mesmo acontece quando eles comem e derrubam alguma coisa no chão, mas ela sabe que isso ocorre por causa da idade deles. Ela diz, rindo, que acha que eles estão

aprendendo, pois a entendem a mensagem só de olhar para ela. Ela fala que o tempo está passando rápido, pois os filhos já estão com 10 e 6 anos e que ela deve deixá-los um pouco, mas isso é complicado. Digo que a questão é que ela deseja deixá-los brincar e serem organizados ao mesmo tempo. Ela diz que é isso, que depois de brincar, eles nem sempre querem guardar os brinquedos e que ela tem que falar isso para eles, mas acha que acaba falando demais. Então, só de olhar para ela, eles já sabem a reação que ela vai ter e se apressam em fazer o que ela quer. Diz que é apenas isso que a inquieta em relação a eles.

Pergunto se ela quer acrescentar alguma coisa. Sílvia pensa e diz que tudo o que os filhos veem, eles querem, mas é difícil que ela ou o marido lhes deem algum presente se não for em datas comemorativas, como Natal e aniversário. Então os filhos já sabem e ficam escolhendo o que vão pedir, porque somente vão ganhar naquela data específica. Ela conta que seus dois sobrinhos, filhos de seu irmão mais novo são os padrinhos de sua filha. Conta que fez essa opção porque ela mesma já era mais velha quando teve Luana e ficou pensando que, com o tempo, poderia não acompanhar o que aconteceria na juventude da menina. Por isso achou que os sobrinhos, sendo mais jovens, poderiam ajudá-la (à Sílvia). Conta que a sua irmã mais velha é madrinha do Michel, que ela e o marido são padrinhos da filha de uma irmã dele e que a família como um todo se dá muito bem. Com relação aos brinquedos, conta que a filha estava pedindo brinquedos para os padrinhos e para a tia. Sílvia achou que isso era normal, mas orientou a menina a não fazer isso novamente, pois ela não pode pedir nada para ninguém. Ela diz que orientou a filha a somente dizer o que quer aos padrinhos, caso fosse perguntada. Caso a menina tivesse vontade de alguma coisa, deveria dizer somente a ela e ao pai, porque ela acha que se a menina ficar recorrendo muito aos padrinhos, eles vão pensar que ela já está aproveitando demais da liberdade ou d boa vontade deles. Ela conta que a filha queria pedir um Laptop da Xuxa para os padrinhos, mas Sílvia não deixou e Luana não pediu; os padrinhos deram outro presente e a menina gostou muito. A filha comentou com ela que havia gostado do presente dos padrinhos, mas que gostaria do Laptop no dia das crianças e o pediu para a mãe. Ela encerra seu discurso e fica em silêncio.

Retomo o que ela havia dito sobre brincar e ser organizado ao mesmo tempo e sua vontade de mudar; associo isso com a nova atitude que ela disse desejar ter em relação ao seu trabalho Sílvia concorda e continua dizendo que os filhos não gostam de serem cobrados, pois se eles não tiverem liberdade em casa, eles não terão em outro lugar; por isso esse tema é difícil para ela. A mãe diz que ensina os filhos, principalmente o mais velho, a se comportar na casa dos outros. Diz que às vezes fica cobrando muito deles ou ensinando para eles se comportarem quando não estiverem dentro de casa, já para a sociedade. Então, como ele ainda é uma criança, se dentro de casa ele tiver que ficar como ela fica... (ela não termina a frase). Sílvia conta que no dia anterior, Michel derrubou um copo de leite no sofá, onde havia um edredom que ela ficou muito nervosa, mesmo sabendo que isso acontece com qualquer um. Todavia, ela tem dificuldades para não ficar nervosa na hora. Diz que depois, aos

poucos, vai se acalmado, mas aí já assusta a criança. Ela diz que está consciente disso e tentando mudar, para deixar as crianças mais à vontade.

Pergunto se ela cuida sozinha da casa ou se tem alguma ajuda. Ela diz que tem uma senhora que limpa a casa duas vezes por semana e que a irritação dela não é porque ela vai ter que limpar, completando que não é só por esse motivo. Repete que está procurando deixar os filhos mais à vontade. Ela conta que antes era pior, pois ela escondia os brinquedos para eles não poderem brincar, o que hoje ela acha um absurdo. Depois, quando estava sozinha, ou mesmo quando estava trabalhando (porque também leva a família para o trabalho), ela se acalmava e se dava conta do que fazia. Ela conta que depois, conversando com as amigas, percebia que elas também erram nos relacionamentos com os filhos, seja por ciúme ou por chamar a atenção exagerada deles. Ela diz que acha que é exagerada, mas que ela está revendo os seus conceitos para deixar os filhos serem crianças mesmo. Ela diz que é um pouco difícil, mas está procurando melhorar. Ela me olha e brinca, dizendo que “precisava até de uma ajuda” e começa a rir. Ainda rindo, diz que isso a está deixando até preocupada. Ela encerra a sua fala e eu lhe entrego a sua cópia do TCLE, dizendo que ali constava o número do meu telefone e que ela poderia me procurar caso quisesse conversar mais. Ela sorri, me agradece e nós finalizamos a entrevista.

Interpretação Sílvia

A narrativa de Sílvia mostra o retrato de uma mãe que começa a se interrogar sobre a maneira atual como exerce a maternidade e expressa o desejo de modificá-la de modo a poder usufruir plenamente de sua experiência. Desse modo, ela também espera proporcionar à filha um maior deleite do período da infância que, com o desenvolvimento, deverá pouco a pouco ceder lugar às concessões e restrições necessárias da vida adulta. Nesse processo ela se vê diante de uma série de questões, cujas repostas não são de modo algum evidentes. Elas se referem a como lidar com polos diferentes de sua experiência com Luana. É somente aos poucos que ela vai percebendo que esses polos compõem um continuum dentro do qual ela poderá se movimentar. Num primeiro momento, contudo, ela parece vê-los como mutuamente excludentes, sua resposta conciliatória vindo ao final de um processo de questionamento e de elaboração da sua experiência pessoal.

Assim, inicialmente suas perguntas se referem às possibilidades de sintonizar a primeira infância da filha e a segunda (na qual a menina acaba de ingressar); a dependência e a autonomia; as exigências do mundo adulto e a fantasia infantil; a proximidade e a distância concretas e simbólicas entre mãe e filha; a liberdade e a interdição; o ambiente doméstico e o mundo social; as gerações passadas e presentes, que ela representa de início tanto pela defasagem de idade entre ela e a filha, como pela diferença entre a educação que recebeu e a que oferece à menina. Ao longo de seu relato ela vai se dando conta de que os limites entre esses extremos não se tratam de barreiras estanques e bidimensionais, mas de um espaço tridimensional, com uma existência própria e plena de possibilidades, dentro do qual ela poderá deslizar e encontrar uma resposta singular e pessoal, que

pode mesmo consistir em pontos de enraizamento para sua vida e não apenas em indicadores de passagem de uma margem a outra. Assim, mesmo que a transposição seja necessária, há várias maneiras de fazê-la. Nesses termos, a experiência passada não pode ser vista como um ancoramento que poderia ser fielmente transposto para a experiência atual. Se tal situação provoca uma certa ansiedade, ela também abre um mundo de possibilidades, cada nova experiência tornando-se uma invenção. Nesses termos, se a gravidez do filho mais velho foi planejada, dentro de um momento de sua vida que Sílvia se julgava jovem o suficiente para ser mãe, a chegada de Luana (embora apenas 4 anos mais tarde) com a flexibilidade que ela lhe exige, obriga Sílvia a mergulhar num universo de reflexões inesperadas e enriquecedoras. É nesse contexto que ela elege, no início de seu discurso, o problema da interdição que deve ser realizada às crianças e o oferecimento da liberdade pessoal, assunto que, ao final ela reconhece fazer parte mesmo do momento atual de sua vida (a dedicação ao trabalho e à família). Quanto a esse tema, a questão da dificuldade do encontro entre mãe e filha em um momento específico, mas pleno de simbolismo, a alimentação, consiste na apreensão principal de Sílvia, que ela exprime no início da apresentação do CAT-A.

O desencontro que ocorre nessa situação angustia Sílvia profundamente; sua sensação é a de estar sendo recusada pela filha e privada mesmo de exercer sua função de mãe. O fato de imaginar que a filha não deseja ser como ela (que tem sobrepeso) ou como a família (ela e o filho comem bastante), ou seja, aceitar as introyecções que ela lhe oferece com tanto cuidado, a magoa imensamente. Mesmo assegurada por um médico sobre não haver problemas com a garotinha, ela tenta fazer com que a menina se alimente melhor, em função do significado de união e pertinência que essa situação apresenta. A inutilidade de seus esforços e a preferência da menina, durante certo tempo de sua vida, para ficar com sua cunhada e não com ela, abalam sua segurança quanto a ser uma boa mãe e a fazem duvidar de si mesma. A despeito disso, Sílvia decide insistir, mas sente-se impedida pelos constrangimentos de sua rotina (particularmente a de trabalho), que a impedem de ajustar-se ao ritmo pessoal da filha. Surge assim temor de ser esquecida pela menina, de deixar de existir na sua realidade psíquica ou de ser substituída por outra figura (a sua cunhada).

Assim, seja na situação de alimentação, seja em outras, a questão principal com que Sílvia se defronta é a do ajustamento entre as necessidades e o ritmo pessoais e as exigências da realidade exterior, que a colocam diante do problema mencionado da conciliação das diferenças e da transição (ou da transicionalidade). Ela se dá conta, pouco a pouco, de sua tendência de impor à filha um ritmo da realidade compartilhada, que a garotinha ainda não é capaz de tomar para si, e ao qual ela reage por meio de uma regressão, como meio de exigir da mãe a presença e o cuidado sob medida que esta lhe ofereceu nos tempos de bebê. Embora a regressão da filha a exaspere, Sílvia a acata mesmo assim, seja pelo temor de não cumprir bem o seu papel de mãe e as suas obrigações fora do lar, seja também pelo seu desejo frustrado de uma relação mais próxima com a garotinha. Desse modo, ela oscila entre estimular o ingresso de Luana na realidade compartilhada num compasso que a menina resiste a acompanhar e a retomada da relação anterior de dependência absoluta.

Se em um primeiro momento Sílvia atribui suas dificuldades de maior aproximação da filha de modo a ajudá-la na transição às suas obrigações profissionais, ela vai percebendo, pouco a pouco, que é mais a sua atitude, pouco transigente consigo mesma, que a leva a ser exigente com os filhos e dificultar a transição. Sua empreitada, portanto, será a de aprender (ou reaprender) a alcançar o relaxamento necessário que a auxilie a encontrar (ou reencontrar) o seu próprio direito a uma existência criativa, em que o acesso ao mundo exterior e sua resposta às demandas dele sejam uma continuidade de sua existência pessoal e não um impedimento a ela. Desse modo, é em sua relação com os filhos que ela vê o espelho de sua vida interior e a reflexão sobre seu vínculo com eles é também uma reflexão sobre sua maneira de viver.

O retorno à sua experiência passada como filha e seu relacionamento com os pais não parece oferecer-lhe elementos que a ajudem em sua interrogação de como viver na área do limite entre a criatividade primária e o mundo compartilhado. Seus pais são praticamente ausentes do seu relato. É a experiência presente com sua cunhada, em sua vida adulta, que a auxiliará em sua busca de uma vida produtiva na realidade objetiva e que guarde um sentido pessoal. É nesse relacionamento que Sílvia encontrará a oportunidade de receber apoio e de retomar a experiência com uma figura materna que lhe fundamente e lhe assegure de fato a maternidade, mesmo que eventualmente haja uma ligeira competição com ela. Assim, a consequência não mencionada em seu relato de que a cunhada é como uma avó para sua filha, é a de que ela é uma mãe para Sílvia. É no contato espontâneo e relaxante dos almoços entre as famílias nos finais de semana e dos jogos que fazem juntas, que Sílvia começa a vislumbrar um relacionamento mais fluido e mais próximo com seus filhos. É na atividade do brinquedo, do jogo que se desenvolve entre as famílias, que ela começa a construir a sua resposta pessoal para situar-se na transição entre a criatividade e a inserção no mundo objetivo, no desenvolvimento das habilidades educacionais e sociais que ele exige das menos às mais complexas (dominós e banco imobiliário). É também nesse espaço que ela percebe que a socialização dos filhos pode ter lugar. Essa constatação, aliada tanto à sua decepção de não ser reconhecida como pessoa em seu valor no mundo do trabalho objetivo, quanto à percepção de que a filha cresce rapidamente e que um dia ela poderá não acompanhá-la, que a faz conscientizar-se do seu direito a uma vida em que as suas necessidades e o seu ritmo sejam também respeitados.

Todavia ainda permanece nela a dúvida sobre manter ainda esses mundos separados por algum tempo ou já trazê-los gradualmente para a vida dos filhos, embora em menor escala do que ela vinha fazendo. Desse modo ela ainda se questiona sobre o que exigir em relação à filha na idade em que ela está, ou seja, qual modelo de ideal de ego e de superego deverá lhe oferecer. A situação com o filho é para ela mais clara, dada a maior idade e autonomia que ele apresenta; Luana, entretanto permanece para ela como uma criança pequena, pouco mais que um bebê. Nessas mesmas condições, Sílvia se pergunta se o mundo do lar deve constituir-se numa preparação para a vida social, num microcosmo da realidade compartilhada ou no refúgio das exigências dela. Não estando ainda completamente à vontade com o nível de continuidade entre ambos os mundos que ela mesma chegou a alcançar (seu

trabalho perdeu o sentido após o que ouviu em sua audiência pública), Sílvia ainda está à procura, ou melhor, em elaboração, de uma conclusão pessoal. Nesse trajeto ela já se deu conta, como exhibe em suas associações ao cartão 3, que sua empreitada passa pela substituição de modelos de um ideal de ego e de um superego impositivos e sufocantes (ela apresenta uma reação de choque quando vê a figura) por outros que lhe deem maior liberdade de ação (ao final do relato, descontraída, ela diz que eu devo estar me divertindo com o que ela diz). Nessas circunstâncias, mesmo quando a interdição deve ser imposta, isso pode ser feito de um modo menos intimidante e mais compatível com a condição de escuta e de assimilação da criança. Se Sílvia ainda se debate para encontrar-se nesse meio termo, ela conta com seu marido para sustentá-la nessa função. Ainda, o temor de que a maior proximidade e uma atitude mais benigna em relação aos filhos resultem na desobediência ostensiva e na demanda sem limites é apaziguado pela constatação de que as crianças aceitam as restrições e acatam as orientações dos pais (eles param de pedir presentes aos padrinhos em função da solicitação da mãe). Essa constatação, aliada ao prazer da situação de relaxamento que ela encontra nas reuniões familiares e nos jogos com as crianças, faz com que ela perceba que o seu relacionamento com os filhos é uma via de mão dupla, em termos das contribuições que um pode oferecer ao outro. Desse modo, se ela os auxilia no processo de sua preparação para a vida adulta, eles lhe devolvem a juventude, real ou simbólica, que ela vai aos poucos deixando para trás. Portanto, para Sílvia, o encontro real entre ela Luana, passaria pela recuperação do frescor, da força e do vigor juvenis no meio do caminho entre ambas (a escolha dos padrinhos jovens da menina). Em suma o presente que ela recebeu em seus 40 anos, com o nascimento da filha, foi a devolução de sua própria juventude, com as ferramentas para a recuperação de seu sentido de ser. Outros detalhes do relato de Sílvia ao CAT-A são apresentados na análise de cada quadro a seguir.

Quadro 1

É no relato a esse quadro que Sílvia refere suas principais angústias quanto ao seu relacionamento com Luana, simbolizadas pela alimentação, que ela tenta ultrapassar. A aflição que a dificuldade do encontro lhe desperta, faz com que ela duvide de sua condição materna, de sua capacidade de estabelecer a continuidade com a filha. A rejeição do alimento é sentida como a recusa da menina de ser como ela, uma rejeição de si própria. Abalada e temerosa de perder seu lugar e sua importância na realidade psíquica da filha, Sílvia se esforça para a recuperação do contato. Ela se dá conta de que este passa pelo respeito ao ritmo pessoal da menina, que ela se sente desejosa de acatar, mas impedida pelos constrangimentos e exigências que o mundo compartilhado lhe impõe. A dificuldade em conciliar as necessidades e o ritmo de ambas, agora já pessoas separadas, com as exigências da realidade objetiva obriga-as a uma regressão como modo de recuperar o vínculo de proximidade estreita da dependência absoluta. Desse modo, ou mãe e filha são uma mesma pessoa ou são completamente diferentes uma da outra. A solução pela regressão é considerada por Sílvia como insatisfatória e ela vai se dando conta, pouco a pouco, que a oposição de Luana a ela, na jornada da

menina para se tornar independente, faz com que ela se autonomize de Sílvia apenas até certo ponto, já que o trabalho de preencher o espaço vazio que ficou entre ambas é árduo e a garotinha não consegue transpô-lo sozinha. Enfim, mesmo assegurada de que não está sendo substituída como mãe (os problemas de alimentação da menina persistem na casa da cunhada), Sílvia parece perceber, conforme mostra em seu relato, que a transição entre a dependência e a independência infantil é um processo menos automático do que ela imaginava e que os movimentos da menina rumo à autonomia devem ser acompanhado pelos dela rumo à dependência. Seria somente nessas condições que o sentimento de continuidade entre ambas, físico no estágio de dependência absoluta, pode ser resgatado nas novas bases da dependência relativa.

Quadro 2

A dúvida de Sílvia, expressa no relato anterior sobre uma possível rejeição da filha a ser como ela própria, à perda da continuidade entre uma e outra, é dissipada no início de sua narração a esse quadro, em que ela, aliviada, percebe que a união entre ambas encontra-se fortemente enraizada, “nas entranhas”, simbolizada pela pertinência étnica. O alívio que ela experimenta face a essa constatação permite-lhe maior tranquilidade no momento em que ela também deve se opor à menina para cumprir sua função de estabelecimento de limites e interdições. Nessas ocasiões, a união com o marido adquire precedência sobre a cumplicidade com as crianças, sendo que o casal busca chegar a acordos e proteger os filhos nas situações de desacordo conjugal. O gerenciamento dos conflitos entre as crianças, efetuado por Sílvia, contudo, esbarra no ciúme do irmão diante da garotinha, que ela assume proteger mais e ser mais próxima. Nesse sentido, o relato de Sílvia a esse quadro sugere que a maior distância que ela apresenta em relação ao garoto somente é possível porque um certo nível de continuidade com ele já se encontra bem assegurado: ele tem sobrepeso como ela, é obediente, não se opõe e parece compartilhar dos valores da família. É por isso que a sua autodesignação como “pardo” por ocasião do recenseamento, ao contrário dela, não a incomoda tanto. Em outras palavras, a autonomia dele é bem acolhida e não a ameaça. Por sua vez, Luana, desobediente e dependente, lhe exige um esforço maior para a garantia da continuidade e pertinência familiar.

Quadro 3

O relato de Sílvia a essa imagem, embora sucinto, mostra uma transição importante na sua maneira de conceber a autoridade e a imposição de exigências, seja em relação a si mesma, seja em relação aos filhos. Assim, ela sofre um choque inicial ao tema da interdição e da imposição da autoridade, que aos poucos vai sendo absorvido, assimilado, numa reconstrução gradual que a faz questionar, ao final, o significado real de uma submissão à ordem e à lei, mas, sobretudo a assimetria da relação com a figura que as representa. Assim, de início, ela se vê identificada com uma série de preceitos morais de boa conduta e de educação, mas que, sentindo-se um pouco submissa ao outro, nem sempre consegue sustentar. Com isso, estabelece-se uma disputa de forças com as crianças em

que, ora ela cede, ora a exaspera (como ela deixará mais claro em nossa conversa posterior à apresentação dos cartões, quando fala de sua falta de paciência com as crianças). É a figura do marido como o representante da autoridade doméstica que vai auxiliá-la nesse momento não apenas na imposição dos seus princípios (que são compartilhados pelo casal), mas de uma maneira mais eficaz, já que ele consegue estabelecer uma maior proximidade com as crianças e se fazer compreender e respeitar por elas. Enfim, ele estabelece uma comunicação eficaz com os filhos e, no intuito de preservá-la, Sílvia compensa a maior distância física dele com a aproximação psicológica (carregando-o em sua realidade psíquica, ela traz constantemente o marido em suas conversas com os filhos e valoriza suas opiniões). A figura superegógica benigna que o marido representa tem um efeito importante sobre ela, que se expressa na relação transferencial comigo. Desse modo, após o choque e suas associações, ela deixa de me ver como a figura de autoridade que a deixava intimidada no início de nosso contato, para criar uma imagem minha como mais indulgente e compreensiva. Seu comentário de que eu estou me divertindo com as suas respostas, embora traga a mensagem subliminar de se sentir um pouco à deriva em relação ao que diz, também revela uma visão a meu respeito como alguém de tolerante, disposta a acompanhá-la no caminho que ela decidiu trilhar, mas que também estará ali em caso de uma desorientação angustiante (ela me pergunta se quero chamar a atenção dela para algo que não viu no cartão). Nessa nova relação, ela também contribui como meu bem-estar e a assimetria entre nós é reduzida. Daí, como todos precisam uns dos outros, não há sentido em se falar de submissão (ela diz que o ratinho do desenho não tem nada a ver). Essa mensagem transferencial é acompanhada pelo relato de que os filhos também podem proporcionar alívio e descontração para o pai quando este chega cansado do trabalho, que sustenta a sua comunicação anterior.

Quadro 4

Mais apaziguada com relação ao problema da imposição dos limites e da dificuldade de comunicação que ele poderia acarretar na relação com a filha, no relato a essa figura Sílvia retoma a questão da proximidade entre ambas. Esta é sentida como bastante estreita, corporal, mas, aos poucos, ela percebe que a menina também é capaz de enfrentar os intervalos sem a mãe, desde que eles não sejam demasiado extensos. Sílvia sente-se, assim, assegurada do amor dos filhos e até mesmo preferida por eles em relação ao pai. Com isso, deve aprender a manejar a rivalidade fraterna, doar-se para ambos igualmente e, ao mesmo tempo e como consequência, ensiná-los a, gradualmente, lidarem com a separação.

Quadro 8

Nesse relato, Sílvia não apenas prossegue suas associações precedentes, mas também realiza uma espécie de “fechamento” das mensagens que ela transmitiu desde o início do CAT-A. Assim, a necessidade de uma aproximação mais estreita que ela sente que a filha experimenta face a ela,

também é vivida por ela mesma em relação à sua cunhada-mãe. É no vínculo com ela que Sílvia consegue atingir um estado de relaxamento (na casa da cunhada há uma área de lazer) e onde ela encontra apoio para o cuidado da filha. Ela percebe ainda que é no usufruto do relacionamento familiar que uma existência pessoal, com respeito às necessidades e ao ritmo próprios, pode ser alcançada, e não nas ofertas prêt-à-porter do mundo objetivo (o Buffet que cobra caro e define um limite de tempo para as festas). Ela percebe também que é a partir da experiência com a família, que cria o estilo pessoal, que a inserção no mundo objetivo deve se fazer e não o contrário. Assim, ela descobre que a submissão às exigências do outro não lhe acenam a recompensa de um reconhecimento pessoal (ela ouviu na audiência pública de que participou, que os governantes-pais mal sabem o que ela faz). Essa decepção e o receio de distanciar-se da filha a levam a um período de reflexão e de reavaliação, que a levam a concluir sobre a inversão de valores que ela operava. Essa constatação e a de que é possível recuperar o tempo perdido (a filha tem somente 6 anos e guarda em sua memória até mesmo pessoas – figuras maternas substitutas- que faleceram há um bom tempo). Esse balanço lhe dá forças para afrontar a autoridade de um superego rigoroso e um ideal de ego exigente (greve) para reivindicar o seu direito a uma vida com sentido pessoal.

Nessa caminhada reflexiva, Sílvia vai cavando o espaço para a constituição de um superego mais benigno que não asfixie a criatividade e o brincar. É por meio desses últimos que ela poderá recuperar a sua infância e juventude, preenchendo a metade do caminho que a levará novamente ao encontro criativo com Luana. Se ela exhibe também um certo temor de que esse resgate acarrete uma atrofia do ideal de ego e do superego, esse é logo apaziguado quando ela percebe, na relação com os filhos, a boa aceitação dos limites impostos seja pelo pai, seja por ela mesma (a voracidade no pedido dos brinquedos). Nesses termos, se antes Sílvia chegava mesmo a restringir o acesso dos filhos aos brinquedos, hoje, embora ainda com certa dificuldade, ela tenta permitir a si mesma um espaço para usufruir deles.

Em síntese, Sílvia é uma mulher que busca reconstruir uma relação com sua filha baseada numa maior proximidade, que lhe permita introduzir a menina aos poucos num mundo compartilhado, mas que preserve um sentido pessoal. Ela sente que se afastou um pouco da criança em função do alto nível de exigência que tem para consigo mesma, que muitas vezes a leva a relacionar-se com as demandas exteriores por meio de uma conduta de submissão. Essa reaproximação passa pela redescoberta, em si mesma, da infância e da juventude que ela sente que deixou para trás. O caminho, contudo, não é evidente e ela se debate ainda com a questão do que seria o papel do lar na socialização: local de aprendizagem ou de refúgio. Nesse trajeto, em que ela aprende a viver nos limites entre a criatividade primária e o mundo compartilhado, ela encontrará, se não a sua resposta, pelo menos um ponto de ancoramento que será também pessoal e único.

Narrativa Luana

Meu encontro com Luana aconteceu poucos dias após aquele com sua mãe, no final de uma tarde, após a sua saída da escola. Sílvia está lá para ir buscá-la e fala com ela por alguns minutos. Fico observando-as de longe. Aparentemente elas conversam sobre algo que a menina não está muito de acordo e vejo a criança esboçar uma ligeira reação, movendo com vigor os braços e uma das pernas. Elas conversam por mais alguns minutos e Luana se acalma. Mais alguns minutos depois, Sílvia me chama e nos apresenta. A menina aparenta tranquilidade e boa vontade para comigo, e não tenho a impressão de que sua oposição se relacionasse a mim ou à nossa atividade. Sílvia fica nos aguardando na recepção da escola, enquanto eu e Luana nos encaminhamos para a sala da psicóloga, onde iremos conversar.

Luana é adorável: pequenina, magra, com cabelos escuros e compridos, olhos castanhos. Sua pele é morena clara e ela é cheia de vida. Fisicamente não se parece muito com sua mãe. Veste-se com uma calça jeans, a camiseta da escola, sandálias cor-de-rosa, como sua mochila. Embora suas vestimentas sejam simples, sua aparência é muito bem cuidada.

Quando chegamos à sala da psicóloga, eu me apresento a ela novamente, explico sobre a minha pesquisa e conto que já conversei com a sua mãe. Pergunto a sua idade e a do seu irmão e ela me diz que tem seis anos e ele, dez. Como ela parece estar à vontade, proponho que comecemos a nossa atividade com o CAT-A e explico que ela deverá olhar as figuras e inventar uma estória para cada uma delas, do jeito que quiser. Ela diz que compreendeu a tarefa e eu lhe mostro o primeiro quadro. Ela o deixa comigo e eu digo que ela pode pegá-lo, se quiser, o que ela faz.

Quadro 1

Luana observa o cartão em silêncio por 20 segundos. Para estimulá-la digo ‘Vamos então inventar uma estória? Pode ser a estória que você quiser’. Ela então começa a associar. “Era uma vez a galinha dando comida para os filhotinhos. (Sua voz é baixa, mansa e doce; às vezes tenho mesmo um pouco de dificuldade para ouvi-la). Os filhotinhos estavam comendo enquanto ela lavava roupa. (Sua voz é muito baixa nesse momento) [Os filhotinhos estavam comendo enquanto ela lavava a louça ou a roupa?] A roupa. [A roupa, hum, hum. Isso.] Aí um dos filhotinhos acabaram primeiro. E o outro acabou em segundo... [hum hum] E o outro acabou em terceiro e todos gritaram com a sua voz: ‘Mamãeeee!’ [Hum hum. E aí?] E a mamãe falou: “Filho, quem comeu tudo direitinho?”. E um dos meninos gritaram: “Euuu”. “Eu também mamãe”. “Eu mamãe”. Todos gritaram e todos comeram rapidinho. E aí a mamãe, depois que os filhotinhos comeram, botaram eles para dormir, porque eles tavam cansadinhos. Depois a galinha veio e comeu uma colher de sopa. Depois que eles comeram e que eles tinha dormido, a mamãe falou: ‘É isso aí filhote, vamos dar uma voltinha no quarteirão?’. E todos responderam: “Sim mamãe”. E ela colocou todos os filhotinhos no carrinho e eles foram. E quando chegou em casa tava cheio de mosquito da dente e a mamãe não gostou. E ela tava com muita vontade de botar ovos e ela botou um monte ‘des ovos’ e ‘cadas ovos’ que ela botou foi nascendo os

seus filhotes (ela fala de uma maneira bastante teatral nesse momento), um mais pequeno e um mais bonitinho que o outro. E o mais lindo foi o prateado com vermelho. Ela adorou. Ela comprou um carrinho prateado com vermelho e seus olhos brilhavam quando viam o carrinho prateado (ela está bastante excitada nesse momento e seu discurso chega a falhar em coerência) e todo mundo gostou e ela descobriu que o mais bonito foi dela. E ela descobriu que era uma menininha. [Ah, era uma menininha...] E a menininha, deu vontade de comer e ela não conseguia comer o prato sozinha, comia com a mão esquerda, não sabia comer. E a mamãe ensinou para ela saber como se comesse e ela aprendeu rapidinho como comer e depois ela comeu tudinho, ‘primeiríssimo’ do que seus ‘irmãos’. Fim da estória.” Ela me devolve o cartão e eu elogio a estória que ela contou. Mostro-lhe a segunda figura e, como ela ainda a deixa comigo, digo que pode pegá-la. Ela o faz.

Quadro 2

Luana fica 8 segundos em silêncio e pergunta “É um leão? [O que você acha?] Deve ser um urso. Um urso tava brincando de... de um puxar o outro. Quem ganhar, vai ganhar. Ganha cada um. Quem perder, vai perder. Tá falando. O macho está puxando sozinho. A fêmea está puxando com o filhinho. ‘Vamos lá, vamos ganhar!’. E todos os seus amigos, cada um brincava de um jeito, um brincava de brincadeira de corre cotia, o outro brincava de amarelinha, o outro brincava de elástico, o outro brincava da brincadeira da Xuxa e o outro fazia pique-pega, e o outro brincava de pique esconde, e o outro brincava de cabaninha, lobo mau e a outra brincava de chapeuzinho vermelho (ela fala com entusiasmo). E foi indo, e os que estava brincando de puxar a corda, cansou mais, quem ganhou foi a mamãe e seus filhotes. E a outra tava brincando de pular corda, quem estava ganhando foi a tua mãe (ela é enfática), ela estava ganhando para ela e ela foi ganhando cada vez mais (ela parece bastante satisfeita). Quando chegaram em casa, tomou um banho e foi dormir, de tão cansados (suspira) e foi dormir. Nem almoçaram, nem levaram o filhotinho para passear, de tão cansado que estavam de puxar essa corda. Fizeram todas as brincadeiras. E acabou e passaram os tempos, a mãe foi ficando cada vez pior e o filho cada vez grandão (sua fala é novamente teatral). De repente, chegou o aniversário do filhinho e o filhinho ‘se agradeceu’, ficou bonito e contente e a mamãe deu um dom no filhinho: bondade... e o papai deu um, dois dons: alegria e tristeza (ela está excitada nesse momento) e seus primos deu um presente. Tinha dois primos e três primas e todos adoravam brincar. ‘Quantos anos o primo estava?’, o primo perguntou. E o urso filhote falou: ‘Quatro’ (ela hesita ao falar a idade). Ele falou quatro. E como assim? Ele foi fazendo seis e cada vez foi ficando grande. E passaram os dias e aí chegou o aniversário do papai, 25 anos! Eles cantaram parabéns e a mamãe e o filhinho lhe deram um dom: tristeza e bondade e o filhinho deu um: alegria. E todas as famílias esqueceram o presente do papai e o papai ficou muuuuuito triste e ele sonhou que tinha o seu aniversário marcado de suas belezas, suas bondades, suas alegrias e depois foram brincar disso de novo. E cada um brincou igual àquele dia. E a mamãe ganhou de novo, ficou tentando pedir para ganhar e ganhou. Fim da estória (fala docemente)”. Ela me entrega o cartão, eu elogio a sua estória e lhe mostro o seguinte.

Quadro 3

“O leão! (ela fala admirada) [Hum hum, o leão.] O leão fazia sua história como se pensava, cuidando dos filhotes. Quando o leão apareceu com comi... a zebra na mão, ficou muito feliz porque tinha comida e seus filhotes logo foram comer (fala teatral). Quando o macho ficou lá e sua mulher pediu para que fosse casar de novo. Ele casou com ela, eles se viveram, felizes, “vividos” e queridos para sempre. E os pais dele ficaram muito felizes porque seus filhotes estavam comendo bem. Só tinha uma menina e um menino, podia fazer mais dois, um menino e outra menina. E ficou assim, o macho falou: ‘Tem que esperar crescer’. ‘Como assim?’. Os dois ficaram tranquilos, então a mulher combinou: ‘Vamos se casar e a gente tem mais um filho’. ‘Tá bom’ (nessa última frase, seu tom é de condescendência, mas não muito satisfeita). E os dois casaram, veio, um filho nasceu e ela ficou feliz porque tinha dois meninos e duas meninas que cuidavam cada vez mais de seus filhotes (ela está um pouco ofegante nesse momento). E passaram-se os dias com muita alegria, felizes, levando todos os dias no parque, enquanto o leão ficava de pernas cruzadas sentado na cadeira e com o braço na cadeira. Os seus avôs e os avós, o seu avô usava bengala e sabia que estava doente... [Ah, ele estava doente?] Tava. E sua avó levou o fogo para fazer a comida e fizeram comida na panela bem quentinha, eles comeram quando seus filhotes cada dia ficava mais contentes. Chegou o aniversário dos seus filhos, cada um, um dos seus filhos fez dois e o menino e a menina fez dois e a outra menina e o outro menino fez um e isto é para sempre e por isso que chegou o “Fazemos felizes” e a estória terminou.” Ela me entrega o cartão. Digo que ela sabe mesmo contar estórias e lhe apresento o quadro 4.

Quadro 4

“É uma raposa? É... é um canguru. Esse... quando sua mãe levava seus filhotes para passear na bicicleta e o seu filhotinho levava na barriguinha, quando estava muito frio. Levava roupa de frio para ser abençoada, fazemos muita comida, muita comida e quando o seu macho ficou dentro de casa para dar um limpadinha na casa, fazemos ‘Senhor!’ (seu discurso falha um pouco em coerência nesse momento). E quando estavam voltando, o macho saiu e ela chegou rapidinho para ver o que esta aprontando. De repente, ela não sabia que era aniversário dela e ele fez uma surpresa: ‘Feliz Aniversárioooooooooo’. ‘Que delícia!’ (seu tom de voz é realmente de deleite). ‘Fazemos o o seu bolinho, que delícia!’. Aí ela veio: ‘Obrigada’. Quando estava saindo com seus filhotes, tava dando pulo “Pum,pum, pum!” para alegrar o seu dia. Quando o seu filhote estava pegando no sono, ela gritou: “Ah! Muito obrigada!” e o seu filhote começou a pular: “Pum, pum, pum!”. Com os anjos, chegou o Natal, o Natal seria muitos felizes. E quando seus avós prepararam o presente que ia dar no Natal, fazíamos uma fogueira. E como assim, eles iam fazer o Natal aqui, eles fizeram e armaram uma fogueira e trouxe cama, montou uma barraca, colocou a barraca em cima da fogueira e cada um dormiu com o seu presentinho. Quando amanheceu, cada um (tosse), cada um abriu o seu presentinho e o presente foi radical. Fim da estória. [hum hum. Legal. E eles gostaram dos presentes?] Hum hum”. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

“Um macaco, macaca e seus filhinhos. Comemoram o dia do Natal fazendo churrasco, almoço, feijoada e tudo que precisavam. Faziam cada coisa legais que nunca vão acreditar. E agora a mamãe falou: ‘Vamos se casar, filhinho’ e ele disse: ‘Somos parentes, para a gente ganhar um filhinho igual o dela.’ E (suspira) os dois casaram, ganharam um filhinho só para eles e o filhinho cada vez foi crescendo maior, maior. Quando ele cresceu, começou a ficar teimoso. Quando ele ficou teimoso, batia nos seus pais, batia muito, mais com o chinelo (fala um pouco ofegante). Isso seria cada forma legal, mas bem romântica, mas fala ‘Cida, do céu!’ (seu discurso falha em coerência). Quando seu filho cresceu, foi fazer 20 anos, aconteceu um terremoto e todas as terras foram morrendo, morrendo cada vez mais, meeeeenos essa cidade. E só sobrou ela e cada vez vai nascendo de novo. ‘Os deus’ pediram e quando essa mãe, ela decidiu se casar com o seu noivo. Ela se casou e eles viveram felizes para sempre. Finzinho da estória.”

Ela me devolve o cartão e eu elogio novamente as suas estórias. Em seguida, peço que ela me mostre o quadro que gostou mais e o que gostou menos. Ela separa os quadros 1, 2 e 4, dizendo: “Esse, esse e esse.” Pergunto se ela gostou mais ou gostou menos desses quadros. Ela diz: “Mais ou menos.” Pergunto se há algum que ela achou mais bonito. Ela me mostra todos os quadros, menos o 2. Eu agradeço e pergunto se ela gostaria que eu lhe explicasse alguma coisa. Ela responde que não e nós encerramos o encontro.

Interpretação Luana

As associações de Luana aos quadros do CAT-A revelam que ela se trata de uma garotinha graciosa e delicada, que percebe o seu relacionamento com a mãe e com a família extensa como uma fonte plena de gratificações e de bem-estar. Ela se mostra como capaz de expressar as suas necessidades, vontades, desejos e descontentamentos, permitindo-se ser acalmada e contida pela mãe (como observado em sua conversa com ela antes do nosso contato para a aplicação do CAT-A). Essa constatação se sustenta também durante o seu encontro comigo, na criatividade que ela exhibe nas estórias que constrói e com as quais se envolve de maneira substancial. Ela não somente narra os acontecimentos fatos, mas os vive em, contudo misturar-se com eles. Essa maneira de posicionar-se diante de nossa tarefa, faz com que eventualmente ela seja um pouco tomada pela excitação dos acontecimentos, divague um pouco e falhe, esporadicamente, em coerência de pensamento. Dessa maneira, embora a fantasia e a realidade não sejam confundidas, o mergulho na primeira é passível de ocorrência, sinal de uma existência criativa e em acordo com a sua idade.

Em termos do amadurecimento do *Self*, Luana pode ser situada no início da etapa de dependência relativa, em pleno processo de execução das tarefas de integração, personalização e realização. Quanto à evolução pulsional, ela pode ser considerada como se encontrando na travessia do período edípico rumo à latência. Todavia, não se tratam das questões do crime e do castigo que constituem o seu principal foco de preocupação nesse momento. Embora estejam presentes em seu

relato (principalmente no do quadro 8), elas se inserem em um contexto mais amplo, referente ao processo mesmo do seu crescimento.

Assim, a principal interrogação que essa garotinha doce, cheia de vida e de imaginação se faz nesse momento é sobre quais seriam os efeitos de seu crescimento em sua realidade psíquica e na da mãe, nos efeitos que ele teria sobre a capacidade expressiva do *Self*. Nesse sentido, o amadurecimento e a conquista de autonomia que lhe é inerente, são percebidos por ela com certa ambivalência. Seu relato aos quadros do CAT-A são particularmente ricos a esse respeito. A incerteza sobre os benefícios do crescimento se fundamentam, para ela, seja numa concepção de que ele implicaria numa perda das possibilidades de expressão do *Self*, numa certa renúncia à fantasia, mas também (e mais importante) no vínculo amoroso e íntimo com a mãe. O amadurecimento implica, assim, na abdicação do narcisismo (no dia do aniversário do filho, o dom que a mãe lhe dá é a bondade) e, embora traga recompensas, traz também desagregações, mesmo que não sejam totais (o pai dá de presente ao filho os dons de alegria e tristeza). Nesse contexto, o homem (pai, irmão) é visto como mais autônomo (e, por isso, menos feliz) do que a mulher.

O mundo adulto, portanto, seria desinteressante, tedioso mesmo. Assim, se os aniversários constituem uma data festiva e de união familiar, eles também vão assinalando pouco a pouco, a aproximação inexorável do universo da maturidade e do envelhecimento. Este, por sua vez, é assimilado à decrepitude da vida de fantasia, à monotonia doentia que clama por cuidado (o leão avô do quadro 3 está doente e deve ser cuidado pela avó). O receio de Luana, assim, é o de que, com o passar do tempo a sua vida e a da mãe caiam nesse fastio, na futilidade e na perda de sentido.

Se essa percepção não chega a fazer com que Luana opere uma fixação ou regressão emocional, ela também não a estimula a lançar-se avidamente na jornada rumo à autonomia. Sua sensação é que a mãe a impulsiona a isso e, se em termos etários ela já se encontra em condições de realizar muito daquilo que a mãe deseja, essa sensação de futilidade da existência adulta que ela apresenta, leva-a a considerar que a mãe lhe exigiu e exige uma passagem rápida demais para a segunda infância. Assim, ela deseja manter-se criança por todo o tempo que for possível. Sua necessidade, então é a de que a mãe lhe mostre que a vida adulta é uma continuidade da vida infantil e que não significa necessariamente o abandono completo da fantasia e dos prazeres infantis; enfim a garotinha precisa ser convencida de que a vida adulta pode guardar um sentido pessoal. Nesses termos, ela necessita que a mãe a conduza no espaço da transicionalidade, na área de conciliação entre a criatividade primária e o mundo compartilhado.

Insegura quanto a essas possibilidades de negociação entre o narcisismo primário e as exigências do mundo objetivo, Luana busca compreender a maneira como os adultos poderiam resgatar ao menos em parte, a sua condição infantil. A sólida união que sua família apresenta indica-lhe um caminho fértil para a reflexão e uma conclusão: os adultos devem reaprender a brincar e a sonhar. Nesses termos, se as crianças dependem muito dos adultos para a própria gratificação e sobrevivência, elas também têm muito a oferecer a eles: o resgate do sonho e do sentido de viver.

Desse modo, é a presença da criança pequena que promove o reencontro dos pais consigo próprios, que lhes permite recuperar a criatividade abafada ou perdida. Essa função, contudo, cabe à criança pequena e não à maior, à mais crescida. Embora esta última também seja capaz de oferecer grandes alegrias aos pais (os pintinhos maiores alegram a galinha ao comerem tudo o que ela oferece), a fascinação e o encantamento maternos são promovidos apenas pela caçula, que goza, assim de uma preferência por parte da mãe (o seu lindo pintinho prateado com vermelho). Com isso, quando o caçula cresce, a reinvenção da vida somente é possível pela chegada de novos filhos (quadros 1, 3 e 8). Em síntese, o antídoto ao falso *Self* seria a criatividade infinita, o ventre materno inesgotável.

A crescente capacidade que Luana vai adquirindo ao longo de seu desenvolvimento e a constatação de que, mesmo que ela se esforce não poderá continuar sendo sempre o bebê de sua mãe (e que esta, provavelmente não terá mais filhos) conduzem-na a buscar o desenlace desse dilema no nível simbólico. Assim, ela expressa em seu relato ao quadro 8 a angústia pela qual ela é acometida em seu processo de crescimento e sua tentativa de elaboração.

A mensagem final de Luana ao CAT-A revela sua compreensão de que a distância que o crescimento acarreta no relacionamento com a mãe é, sobretudo, simbólica, dada a oposição que a criança é conduzida a realizar no processo de aquisição de uma identidade independente e separada (quando o filhinho cresce, ele começa a ficar teimoso). Esse processo, no qual ela se vê diante da possibilidade de repudiar o paraíso que constituiu e constitui a vida familiar é incompreensível para ela. A percepção da falibilidade dos pais e, mais ainda, da sua incapacidade de negar a própria decepção e hostilidade dirigidas a eles (o filho bate nos pais) a abalam profundamente e a deixam sem chão (terremoto), desenraizada. O colapso dos alicerces familiares que constituíram a sua identidade infantil somente não ocorre porque o desabamento não é completo: sobra uma cidade, exatamente aquela em que a mãe vive. Com isso, a continuidade entre a vida infantil e o mundo adulto não se perde por completo. Dessa maneira, a criatividade continua a ter lugar na vida adulta, com o desenvolvimento se constituindo em uma perpétua reinvenção. Outros detalhes dos relatos de Luana ao CAT-A são descritos na análise de cada quadro.

Quadro 1

Em sua estória a esse quadro, Luana narra a experiência de relacionamento com uma mãe bastante gratificadora, atenta às necessidades dos filhos, que são vistas como prioritárias sobre as suas (a galinha se alimenta depois dos pintinhos). O *holding* oferecido por ela aos filhos é visto como congruente com aquilo que os filhos solicitam. A relação é, sobretudo, positiva e as crianças aceitam o que é oferecido e buscam agradar a mãe, aceitando e aprovando as introyecções que ela lhes oferece. Nesse relacionamento, os filhos são razoavelmente crescidos, de modo que a mãe pode já exercer uma supervisão à distância (ela lava roupa enquanto eles comem). Ela também os acompanha em seu contato com o mundo exterior, que é visto de forma predominantemente benigna. As crianças, contudo, também trazem contribuições para o lar, sendo que o ambiente se torna um tanto insalubre

quando elas não se encontram no lar (os mosquitos da dengue). A solução, assim, é povoar mais a casa e, nessa tarefa, a chegada do novo bebê, do filho caçula tem uma conotação especial. Ela reaviva o narcisismo primário da mãe e resgata nela um sentimento de encanto e de fascinação (o mais bonito foi o dela; seus olhos brilhavam quando viam o carrinho prateado). Luana expressa aqui, nessa alegoria, a história do seu próprio nascimento e da relação primitiva paradisíaca com a mãe, uma concebendo a outra como a criação mais linda do universo. Assim, não é somente a mãe que vai ao encontro da criatividade da criança, mas esta também ecoa a da mãe. Esse encontro idílico é somente perturbado de maneira ligeira quando a mãe começa a exigir uma certa autonomia da filha, que ela ainda não está preparada nem hábil para assumir (a menininha não sabia comer; comia com a mão esquerda). Embora deseje agradar a mãe e se empenhe de mais a mais para adquirir as habilidades valorizadas pela genitora, Luana mostra que ainda precisa da presença concreta dela, de modo a que a transição da dependência absoluta para a relativa seja mais gradual e mais suave. Em suma, tomando consciência de que uma mudança na relação com a mãe começa a se operar, Luana busca recuperar o vínculo baseado na identificação primária e na relação especular que está ficando para trás, mas ainda não consegue prescindir da presença da mãe real para operar as introjeções que seu irmão já maneja com habilidade. Sua expectativa é a de que, guardando o contato mais próximo com a mãe por um pouco mais de tempo, ela terá sucesso nessa tarefa (a menininha aprendeu rapidinho como comer e depois ela comeu tudinho).

Quadro 2

Na riqueza de suas associações a esse quadro, Luana retoma o tema do crescimento, mas dessa vez de uma maneira um pouco mais ambivalente. A vida infantil é novamente apresentada por ela como a morada da felicidade e do prazer, promovidos pela união familiar amorosa e pelo brinquedo. A aliança feminina (entre ela e a mãe) é tida como certa, a fêmea sendo vista como mais próxima da infância e o homem como um pouco mais independente e representando o crescimento (a fêmea puxa a corda com o filhotinho e o macho puxa sozinho). Assim, embora ele também tenha o seu lugar na família, sua participação é um pouco diferente. A infância é vista por Luana como altamente excitante e cheia das possibilidades que a fantasia oferece (os diversos tipos de brincadeira). A mãe está sempre por perto e, generosa, coloca as próprias capacidades a serviço da criança (a amiga pula corda e a mãe ganha a brincadeira para ela). Os tempos de excitação e de repouso são bem coordenados pela mãe e, com isso, a integração das pulsões no *Self* infantil vai se fazendo pouco a pouco, a criança podendo usufruir delas. Se o aniversário é a ocasião por excelência da união familiar e da sedimentação da comunhão com a mãe, por outro lado ele simboliza também o acesso crescente à vida adulta, com toda a consequente “degradação” da união com a genitora (passaram os tempos e a mãe foi ficando cada vez pior e o filho cada vez mais grandão). A entrada na vida adulta é preparada pelos pais. Assim, a mãe lhe mostra que essa jornada rumo ao crescimento implica na elaboração do narcisismo (o presente dela para o filho é a bondade) enquanto o pai lhe mostra as delícias e os lutos que a “maturidade”

apresenta (seu presente é alegria e tristeza). Nesse contexto, o risco maior do crescimento para Luana, o que causa maior pena é o de deixar de existir parcialmente na realidade psíquica do outro (as famílias esquecem o presente do papai). A mãe e o filhinho oferecem a ele a qualidade e o sentimento que ela considera (e considerou) serem os típicos da vida adulta (a bondade e a tristeza), mas a criança, percebendo a solidão do pai, lhe oferece a chance de um retorno à infância, com a felicidade do brinquedo (dá também a alegria de presente ao pai.).

Quadro 3

Em prosseguimento às suas associações anteriores, nesse momento Luana examina as consequências de ser adulto, mas principalmente a partir do ponto de vista dele, conforme ela o compreende. Assim, se a criança, em seu processo de crescimento deve abrir mão da proximidade física com o adulto recuperando-a no nível simbólico por meio da realização das introjeções, cabe ao adulto (ao homem, que para ela é o suprassumo da autonomia) ser o provedor do que será introjetado; esta seria a função paterna (é o leão que leva a comida para casa). A solidão do homem adulto é parcialmente aplacada pela doçura da mulher, que lhe oferece, mesmo em seu constante amadurecimento, contínuas possibilidades de re-união (a mulher pede ao homem para casar de novo). Todavia esse alívio é temporário e parcial, sendo que o antídoto mais eficaz contra a monotonia adulta é a chegada de mais uma criança no lar. Os novos bebês trazem vitalidade e enchem de alegria a vida doméstica. Contudo, nem sempre as coisas se passam dessa maneira, pois o pai também resiste a retomar a infância (ele aceita ter mais um filho por insistência da mulher; ele fica em casa enquanto a mãe e o filho vão se divertir no parque). O fracasso parcial dessa solução somente pode ser compreendido por Luana por uma razão: a figura paterna (avô ou pai) deve estar doente. Nesse contexto é possível que sua percepção da futilidade e do tédio que fazem parte da vida adulta fundamente-se também na experiência com uma figura paterna ligeiramente deprimida (provavelmente o avô), e que precisa dos cuidados femininos tanto quanto uma criança (a avó lhe faz a comida quentinha).

Quadro 4

Novamente aqui Luana refere um relacionamento com a mãe caracterizado, sobretudo, pela gratificação e atendimento às suas necessidades. Assim, ela protege o filho das adversidades do meio (leva-o em sua barriga quando está fazendo frio), cria condições para o seu desenvolvimento pessoal (faz comida; leva a roupa para ser abençoada), proporciona diversão (leva para passear no parque). Ela apresenta vivacidade (pula para alegrar o seu dia) e usufrui do prazer da relação com os filhos. Em síntese, a experiência de Luana é a de que a mãe fornece a ela todas as condições necessárias ao amadurecimento e expressão do *Self* e que favorece o bem-estar da família toda, sendo reconhecida por isso (o pai prepara a festa surpresa para ela). Nesse processo, a um estranhamento inicial da mãe pelo fato de o pai recusar-se a sair com a família para dedicar-se a uma função menos prazerosa, para a

qual ele aparentemente não apresenta nem o hábito nem as habilidades necessárias ao seu desempenho (“o macho ficou dentro de casa para dar uma limpadinha na casa, fazemos ‘Senhor!’”). O espanto da mãe cede então lugar para a surpresa agradável de sentir-se reconhecida e amada e a alegria que a acomete também toma conta de todos. A reunião familiar que se desenrola nas datas comemorativas é sentida por Luana como altamente excitante, mas a família também apresenta condições de acalmá-la, integrando os momentos de exaltação e de repouso, permitindo a elaboração da agitação pulsional por meio da fantasia e do sonho (a família coloca a barraca sobre a fogueira; cada um dorme com o seu presentinho para abri-lo somente no dia seguinte). Desse modo, nesse contexto familiar em que a mãe oferece *holding* aos filhos e recebe o apoio e o afeto do marido, é possível à criança o usufruto das pulsões e a integração delas no *Self*.

Quadro 8

Em sua estória a este quadro, Luana retoma suas associações aos dois cartões anteriores do CAT-A, sobre a característica altamente gratificante da vida familiar, que é promovida, ou pelo menos, sustentada, pela presença de crianças na casa. Seu desejo é o de perpetuar os prazeres que experimenta junto ao grupo familiar, o desejo edípiano se colocando a serviço da continuidade da relação, da reprodução para fins de preservação do paraíso da vida infantil (o filho propõe casamento à mãe e deseja dar outro filho a ela). Mergulhada no hedonismo proporcionado pelo casulo agradável e protetor da vida familiar, Luana subitamente percebe que o crescimento torna o filho crítico em relação aos pais,positor, hostil a eles, capaz mesmo de magoá-los (o filho quando cresce fica teimoso e bate nos pais). Essa percepção a deixa perplexa (‘Cida do céu!’), sendo-lhe incompreensível como alguém poderia repudiar uma vida tão agradável e recompensadora. O acesso ao estado adulto, à independência, à separação dos pais, sustentados por essa rejeição, faz com que ela perca o chão (terremoto) e a deixa sem referências. O que a impede de ser precipitada numa angústia impensável é a constatação de que a destruição de tudo o que viveu não foi completa (uma cidade sobreviveu); com isso ela reencontra um terreno firme para recomeçar um trabalho de reconstrução identitária em que a continuidade da criança que foi e do adulto que virá a ser está assegurada.

Em síntese, Luana é uma garotinha que usufrui de um ambiente familiar considerado por ela como altamente prazeroso e capaz de promover o desenvolvimento do *Self*. Os pais são vistos como cumprindo plenamente as suas funções, permitindo-lhe a expressão da criatividade primária. A infância é vivida como um paraíso, o brincar e o contato com o outro que ele proporciona como as experiências mais agradáveis que alguém poderia ter. Ela entende, contudo, que o processo de crescimento leva à necessidade de uma certa renúncia a esses prazeres, o que pode tornar a vida adulta monótona e fútil. O combate a esse tédio deve ser feito por meio da recuperação da capacidade de brincar por parte dos adultos, que é proporcionada pela presença de crianças na família. Dessa maneira, assim como os adultos têm o seu papel no desenvolvimento emocional da criança, esta também fornece a eles uma contribuição importante ao seu bem-estar. Diante do epicurismo que

caracteriza a vida infantil, ao contrário da monotonia adulta, Luana se interroga sobre o que acontece durante o processo de crescimento, com a atenuação do narcisismo primário e da fantasia que o acompanha. É com estupefação que ela descobre que a falta de continuidade que ela sente existir entre essas duas etapas da vida se inicia com a oposição da criança aos pais. Esse repúdio ainda é para ela incompreensível, já que a vida infantil junto aos pais é concebida como repleta de delícias que não farão parte de outras etapas do desenvolvimento humano. Esse enigma indecifrável e o receio da perder-se no meio do caminho evolutivo pelo enevoamento da conexão entre a vida infantil e adulta abalam-na profundamente. Todavia, a redescoberta de que restou um fio condutor entre sua vida passada, a atual e a futura a alivia, já que lhe assegura que a fantasia e os pais da primeira infância nunca serão perdidos por completo. É esse sólido alicerce, resistente às tempestades do desenvolvimento humano que lhe garante que ela jamais se perderá de si mesma, mesmo que se torne cada vez mais diferente do que foi. O processo de amadurecimento, nesse contexto, será visto como uma contínua e apaixonante reinvenção de si.

Síntese Sílvia e Luana

Os relatos de Sílvia e de Luana mostram que elas compõem uma díade, em que a mãe é capaz de atender as necessidades da filha, ecoando a criatividade dela, o que tem constituído um terreno fértil para o desenvolvimento do *Self* da criança. Diante dessas condições favoráveis ao amadurecimento emocional, Luana é dona de uma capacidade de expressão pessoal considerável, sinal da constituição progressiva de uma existência criativa no mundo. Esse contexto tem proporcionado condições à garotinha de realizar tarefas importantes em sua evolução psíquica, como a aquisição gradual das capacidades de integração, personalização e realização.

Essas características propiciadoras da constituição de um sentido de existência em que a continuidade entre o *Self* e a realidade objetiva tem lugar, não se encontram, todavia, já pré-estabelecidas na díade, mas se constroem pouco a pouco no relacionamento entre ambas de uma maneira bidirecional, em que a menina contribui também de maneira ativa para o enriquecimento emocional da mãe; nesse sentido, ela oferece à genitora uma série de experiências que são aproveitadas por ela para ajustar-se ao ritmo e às necessidades da criança, num círculo virtuoso que promove o desenvolvimento emocional das duas. Nessa dinâmica, se o relacionamento não é sempre plácido e tranquilo, também não é caracterizado por turbulências desintegradoras. Ele é composto de avanços e regressões, de encontros e de pequenos desencontros que vão contribuindo para uma conciliação contínua entre as duas, o desenvolvimento se constituindo sempre como uma reinvenção.

Se Sílvia é capaz de proporcionar a Luana as condições propícias ao seu amadurecimento, é porque, nesse processo, ela também é sustentada emocionalmente seja por seu marido, por sua cunhada-mãe e sua família extensa e mesmo pela própria filha. Nesse processo, ela se percebe como levando uma vida demasiadamente ancorada nas exigências do mundo compartilhado que a levam a um certo sufocamento da criatividade. É a sua decepção ao perceber que o mundo objetivo pouco a

reconhece como pessoa, mas principalmente o seu receio de ser apagada da realidade psíquica da filha e substituída em suas funções de mãe que a levam a repensar o seu posicionamento diante da vida e da maternidade. Ela percebe que muitas vezes as exigências do mundo real às quais ela se apega, e às quais ela tenta adaptar a criança, colocam-lhe obstáculos para respeitar o ritmo pessoal da filha e as necessidades dela.

Luana, por sua vez, a partir de sua observação sobre essa maneira de viver da mãe (e principalmente do pai) desenvolve uma concepção de que o crescimento, a autonomia e o acesso ao mundo compartilhado resultam numa existência tediosa e monótona, com pouco espaço para a criatividade e a fantasia. Diante disso, ela se sente particularmente compadecida em relação aos adultos (seus pais) e busca ajudá-los na tarefa de recuperação da criatividade e de um sentido pessoal de existência, empreitada em que, ao encontrar o acolhimento materno, ela vem sendo bem sucedida. Assim, o presente de 40 anos que ela oferece à mãe é a recuperação da infância e da juventude dela. Nesses termos, as dificuldades no momento da alimentação que Sílvia refere, não indicariam uma rejeição de Luana a ela, nem uma regressão propriamente desafiadora, mas uma maneira de a menina levá-la a se interrogar sobre o ritmo pessoal de ambas, que deve ser respeitado, a despeito das constantes tentativas de invasão do tempo cronológico na realidade subjetiva de ambas. Desse modo, a questão principal que permeia o relacionamento entre ambas nesse momento é a do encontro de uma posição dentro da área dos limites entre o mundo subjetivo e o compartilhado, um ponto de enraizamento nos domínios da experiência transicional, capaz de salvaguardá-las contra a submissão à realidade objetiva e, conseqüentemente a uma vida destituída de sentido pessoal.

Nessa dinâmica, o ponto que se torna o mais significativo do encontro entre as duas é o brincar. É nessa atividade transicional por excelência, que o usufruto da criatividade é permitido e que a conciliação entre a realidade exterior compartilhada e a fantasia, representadas pelo mundo adulto e infantil, se torna possível. É esse encontro que permite à Sílvia a recuperação de seu sentido pessoal de existência e à Luana a confiança de que sempre existirá uma continuidade entre a infância e a maturidade.

Para Sílvia, essa experiência se configura na volta prazerosa a um endereço conhecido e que há muito tempo não era visitado, retorno que se tornou possível pela reatualização de sua experiência infantil como filha junto à figura materna substituta da cunhada. Se para Sílvia esse processo se trata de uma tarefa de retrospectiva, para Luana ele implica num trabalho prospectivo, numa antecipação do que seria a vida adulta, o que para ela não é muito claro. Luana começa a compreender que o crescimento implica numa certa oposição da criança à vida familiar, cujas razões ela não consegue decifrar, dada a característica altamente recompensadora da vida junto aos pais. Seu receio é o de que essa separação a conduza à perda de si mesma, a um extravio de seus referenciais identitários. Contudo, ela se dá conta que, mesmo diante dessa ruína parcial de seus alicerces pessoais, algo sobrevive, provavelmente o que permitiu e tem permitido à mãe o resgate da própria infância e da fantasia que a caracteriza. Assim é a abertura da mãe à retomada da própria infância no

relacionamento com Luana, que alivia a menina, uma vez que a coloca diante da constatação da continuidade de existência ao longo do tempo.

Em síntese, Sílvia e Luana constituem uma díade que, em seu relacionamento, tenta reencontrar ou estabelecer a continuidade de existência de ambas, a partir do resgate da infância, pela primeira, e da antecipação da vida adulta, pela segunda. Nessa empresa, cada uma delas faz a metade do caminho, cada uma vinda de uma direção, encontrando-se no entrecruzamento da área do brincar e do faz de conta. É nesse vínculo frutífero entre ambas, no espaço tridimensional do limite entre a realidade subjetiva e a compartilhada, que a continuidade de existência é recuperada e uma vida com um sentido pessoal se torna possível. Nesse contexto, mesmo estando em posições assimétricas, a experiência do relacionamento entre mãe e filha enriquece o desenvolvimento do *Self* de ambas, transformando a vida num agradável parque de diversões.

APÊNDICE CD - Díade Helena e Juliana

Identificação

Helena: 46 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Juliana, 6 anos

Criança estudada: Juliana

Ordem das entrevistas: 1) Helena

2) Juliana

Narrativa Helena

Conheci Helena também a partir da indicação da coordenadora da escola, sendo que a recepcionista agendou nosso encontro para um final de uma tarde. No dia marcado, eu chego alguns minutos antes dela para preparar a sala da psicóloga, onde vamos conversar. Ela chega no horário marcado. É uma mulher alta e magra. Ela tem olhos verdes, é loira de cabelos compridos, que ela prende desleixadamente no alto da cabeça. Embora tenha uma presença marcante, seu semblante é carregado; ela parece mesmo um pouco deprimida e cansada. Veste-se com um short, camiseta e sandálias rasteirinhas. Embora sua toalete esteja em acordo com o clima, há um certo descuido no modo dela se vestir. Parece ter vindo me encontrar exatamente como estava em casa, sem mudar de roupa.

Eu me apresento a ela e seguimos juntas até a sala da psicóloga, onde nossa conversa acontecerá. A escola está em reforma e o barulho da obra do lado de fora chega até nós, o que tornou nossa conversa um pouco difícil. Eu explico a ela os objetivos de minha pesquisa e a convido para participar. Ela concorda e nós lemos juntas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que ela assina.

Pergunto-lhe então se ela tem outros filhos além de Juliana de filha e Helena responde que tem um filho de 25 anos, que já é casado. Já Juliana tem 6 anos. Ela conta que a menina nasceu de uma gravidez inesperada e acrescenta que é difícil ser mãe. Explica que a menina é difícil, mas que ao mesmo tempo é um presente. Helena conta que teve seu filho mais velho aos 21 anos de idade e Juliana aos 40, ressaltando que “curte” mais a filha, por ter mais paciência e mais responsabilidade. Conta que aos 21 não tinha maturidade e repete que vê a filha como um presentinho, apesar de achar bastante difícil ser mãe dela. Helena conta que a filha é extremamente carinhosa e ao mesmo tempo extremamente brava, que ela não para e não se concentra. Acrescenta que a menina é agitada e que mesmo à noite, pergunta: “Ah, mas eu já vou dormir?”. Ela diz que precisa entrar naquele “pique” para acompanhar a filha, mas que isso “é um saco”. Pergunto quem mora na casa e Helena conta que é

ela, o marido e a filha; conta que o cunhado está também morando na casa, mas provisoriamente. Ela conta que o filho mais velho vive em outra cidade na casa da sogra e que ele era mais tranquilo, mais sossegado. Pergunto se para ela foi diferente ser mãe do menino e de Juliana. Helena responde que sim, pois o filho é mais tranquilo e a menina não para. Helena conta que a filha é autoritária e que o filho não gostava de conversar. Diz que o filho tinha vergonha até de perguntar alguma coisa em uma loja quando ia comprar roupas. Já Juliana conversa mais, no ônibus ou em qualquer lugar; diz que onde a filha estiver, ela faz amizade. Helena fica alguns segundos em silêncio e depois repete que os filhos são muito diferentes um do outro, que são o oposto um do outro. Entretanto, Juliana é mais carinhosa que o filho. Helena conta que Juliana gosta de dar beijo elas dormem juntas e que a menina mamou no peito até os três anos. Explica que a filha não aceitou a mamadeira até os dois anos de idade e então Helena foi deixando a menina mamar no peito, até que passou a dizer para a filha que não tinha mais leite e aí aos poucos a menina foi abandonando o seio. Helena conta que até hoje a filha pede o peito e que ela diz que não pode, pois já tem seis anos. Diz que percebe que houve uma época em que amamentava, ela precisava mais da filha do que a filha dela, pois gostava que ela mamasse e até hoje gosta que ela a abrace e que durmam juntas. Comento que para ela isso parecia uma forma de não se sentir sozinha. Ela concorda e conta que na época se separou e se reconciliou com o marido por duas vezes e, então, tinha a filha.

Helena diz que sempre foi ela e a filha e que se “deixassem” hoje continuaria sendo apenas as duas, mas que compreende que precisa deixar a criança crescer. Diz que tinha medo de colocar a menina na escola, mas que aos poucos foi desligando aos poucos e Helena voltou a trabalhar. Repete que foi se desligando da filha para que esta ficasse mais independente. A mãe conta que a filha só faz a tarefa se ela tiver ao seu lado. Diz que com as amigas e com a família, ou quando faz alguma coisa que ela realmente quer, a menina é totalmente independente. Com relação à tarefa, diz que a filha sabe fazê-la, mas quer a mãe do lado. Conta que a filha fica o dia inteiro atrás dela, dizendo: “Mãe, eu quero isso! Mãe, eu quero aquilo! Mãe, mãe”. Diz que vez ou outra, a filha quer ficar bem longe dela, com gente diferente, quando quer conversar. A mãe conta que quando estão as duas a filha fica muito perto dela, mas quando há alguém diferente, que tire a atenção que a mãe lhe dirige, ela não deixa a mãe conversar e quer entrar no meio da conversa. Diz que quando isso acontece, ela pede licença para a filha para poder conversar, senão a menina não a deixa fazer isso. Comento que ela me diz que a filha é ciumenta e Helena responde que sim, que a menina é bastante ciumenta; todavia se Juliana estiver com uma amiguinha, ela não quer ser interrompida, falando para a mãe que está brincando; então Helena tem que ficar quieta.

Pergunto se a menina se comporta desta maneira também com o seu pai. Helena pergunta: “Ciumenta entre eu e ele?”. Sem esperar a minha resposta, ela mãe conta que quando está estiver gritando com o seu marido, Juliana entra no meio. Contudo, a menina não tem ciúmes do pai se ele estiver conversando com outras pessoas. Ela conta que isso é claro, porque se separou do marido quando a menina tinha três meses, sendo que eles ficaram separados por um ano. Depois eles voltaram

e se separaram novamente por sete meses e agora se reconciliaram de novo. Ela conta que leu um livro sobre casais que não conseguem viver juntos, mas também não conseguem viver separados e que esse é o caso dela. Diz que faz um ano que eles se reconciliaram e que eles somente brigam e brigaram por coisas do dia a dia, por exemplo, se ela dá mais ou menos atenção para ele. Helena conta que no período de separação foi viver na casa da mãe; isso foi muito difícil para ela e para Juliana, pois a menina, que tinha a atenção só para ela, teve que dividi-la com outras pessoas. (A voz de Helena nesse momento é muito baixa e sua articulação não é clara; é bastante difícil compreendê-la). Explica que a menina foi ficando agressiva; diz que ela já era meio difícil desde bebê, que quando tinha um ano e meio, se alguém vinha lhe fazer carinho, ela já batia.

Helena diz que a filha é assim com as pessoas com quem convive (ela, o marido e os avós paternos e maternos). Conta que há dias em que ela acorda e eles lhe dizem “Bom dia” e ela nem responde; já com o tio (cunhado da mãe) que é mais bravo, ela responde e mesmo lhe deseja um bom final de semana. Helena silencia e eu pergunto se há alguma outra coisa que ela gostaria de contar. Ela responde que não, que era isso mesmo que ela disse; eu proponho, assim, que começemos a ver os cartões do CAT-A. Ela concorda e eu lhe digo novamente que ela deverá olhar as figuras e me dizer como é a sua experiência como mãe de Juliana naquelas situações. Mostro-lhe então o primeiro quadro.

Quadro 1

Helena olha o cartão e, após 10 segundos de silêncio, diz, em tom interrogativo, se seria estar junto na hora da refeição, com toda a família. Depois, repete a mesma frase em tom afirmativo e diz que é isso. Pergunto como é ser mãe da Juliana nestas situações e Helena responde que é prazeroso para ela. Depois de um pequeno silêncio, repete que é prazeroso cuidar da filha, almoçar com ela. Helena silencia e eu pergunto se esse momento é mais difícil ou mais tranquilo. Ela responde que é um momento tranquilo. Helena diz que a filha é hoje a sua família e que isso é importante, pois o outro filho casou e está longe; assim Juliana acabou preenchendo um vazio que ficou em relação a ele. Ela silencia por cinco segundos e depois diz: “É isso!”. Acrescenta em seguida: “Você cria filho, cria filho, mas é para o mundo, infelizmente não é para você.”. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o segundo.

Quadro 2

Ela olha o cartão, diz que é difícil e suspira. Depois pergunta se os personagens estão medindo força ou se é uma brincadeira. Respondo que ela é livre para o que quiser dizer. Helena diz então que os personagens estão brincando, que é a mãe e o pai, medindo forças, mas que ela acha que é uma brincadeira. Repete que é uma brincadeira. Diz que, com relação à Juliana, é um momento de brincadeira, que se refere aos pais participando de uma brincadeira junto com o filho. Diz, em tom conclusivo, que acha que é isso. Comento que ela disse que a filha fica mais tempo com ela. Ela diz

que sim, pois o marido viaja muito, e conta novamente que se separou dele quando a menina tinha 3 meses de idade. Disse que depois eles se reconciliaram, e ele começou a trabalhar muito tempo fora da cidade e isso atrapalhou um pouco o relacionamento do casal. Depois se separaram novamente por sete meses e se reconciliaram há um ano. Diz que agora é que ele está um pouco mais próximo, mas ele ficou bem mais afastado da menina. Diz que ainda há as viagens de trabalho do marido e os problemas entre eles, mas que eles “vão levando”. Ela então retoma o cartão, dizendo novamente que é uma brincadeira em família e que os pais precisam brincar com os seus filhos. Diz que Juliana a chama muito para brincar: “Vamos brincar, mamãe, vamos brincar!” e que ela atende a menina. Diz que acha a filha se sente muito sozinha, já que é muito ativa. Diz que é muito complicado deixar a filha ir à casa dos outros porque há “muita coisa de ciúme” (sic) e então é difícil. Conta que a menina tem as amiguinhas da escola e da vizinhança, mas que ela não deixa a filha ir para a casa delas. Mesmo quando ela conhece bem as pessoas, fica com medo de deixar a menina com elas porque tem medo de automóvel e pedofilia. Diz que às vezes a filha insiste para ir, mas ela não deixa. Por isso acha que a menina se sente muito sozinha e que ela gosta de jogar jogos e brincar de casinha, chamando a mãe para isso. Então Helena a atende, embora nem sempre tenha vontade de brincar com a menina. Conta que às vezes Juliana também a chama para assistir televisão e desenho. Diz que, contudo, bem sempre tem tempo para isso, devido aos seus outros afazeres. Comento que ela parece sentir-se dividida entre realizar suas atividades e ficar com a filha; ela concorda. Diz que a menina às vezes se queixa da solidão e lhe pede para “comprar uma irmãzinha”. Ela então lhe explica que não tem mais idade para ter filhos, pois tem 46 anos, então só se adotar uma irmãzinha. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 3

Ela observa o cartão em silêncio por 10 segundos e diz que é difícil. Pergunta se é para falar em relação à filha a partir do desenho. Respondo que ela deve dizer o que vier à sua cabeça. Ela em silêncio por 10, segundos, interrompidos apenas por um “O que é que eu posso dizer?” e se questiona sobre o que pode dizer. Após mais 10 segundos de silêncio, Helena diz que não vê nada em relação à filha, que não entendeu a figura. Digo a ela que a atividade é muito livre e que não tem problema se ela não tiver o que falar. Helena diz que se refere à figura do homem, do pai, mas que ela não sabe. Completa que a figura não lhe diz nada, que ela não sabe. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

Helena observa a figura e começa a associar imediatamente. Diz que a gravura se refere à mamãe e seus filhos. Ela diz que representa o prazer e a felicidade. Ela fica em silêncio por seis segundos e depois diz que é difícil ter filhos, mas que ao mesmo tempo é bom. Relata acreditar que a responsabilidade é muito grande, principalmente por causa do mundo de hoje, em que há muito

violência, e que só se entende isso depois que se é mãe. Repete que ao mesmo tempo é muito bom ter filhos. Diz que o cartão se refere à família. Diz que para ela é isso, é a mãe e seus filhinhos, que representa a alegria. Diz que ter filhos dá trabalho, mas é um prazer. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

Helena observa a figura e diz, em tom interrogativo, que é uma reunião. Depois fica em silêncio por 10 segundos. Em seguida, diz em tom afirmativo é uma reunião em família em uma tarde, com a família, ou as amigas e a filha, no seu caso. Ela fica em silêncio por 10 segundos e depois diz não saber se interpretou bem, mas que acredita que é isso. Pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa e ela responde que não, me devolve o cartão e indaga se eu gostaria de perguntar-lhe alguma outra coisa.

Início então uma conversa informal com Helena e pergunto se no momento ela estava trabalhando fora ou somente em casa. Ela responde que agora só está trabalhando em casa, mas antes trabalhava em outra cidade, em São Paulo. Conta que sempre foi complicado para ela, porque não tem parentes em Ribeirão Preto. Diz que nessa época era muito prático, pois trabalhava somente à tarde e no restante do dia ficava com Juliana. Diz que agora é difícil conciliar e que às vezes tem encontrado oportunidades de trabalho, mas, quando vai ver, elas nem sempre compensam. Conta que quando o seu filho tinha 6 anos colocou-o na escola em período integral, mas isso a incomodou muito. Diz que acha que isso depende da necessidade de cada um. Isso não quer dizer que ela não precise trabalhar, mas acha que ainda não chegou a hora para fazer isso, para sacrificar tanto filha, porque ela acha que é sacrificar, ficar 8 horas na escola. Questiona como ficaria a vontade da menina de querer estar junto com a mãe e brincar com ela; então isso a incomoda. Ela repete que se tiver realmente necessidade, se estiver passando falta de alguma coisa, é lógico que iria trabalhar e deixaria a filha, mas isso ela gostaria se não fosse preciso deixar a filha na escola o período todo. Diz que sabe que esse seu período com a filha vai passar, que a filha vai crescer, então ela gostaria de ficar com a menina. Repete que seria diferente se estivesse passando alguma necessidade, mas como não é esse o caso, ela gostaria de ficar com a filha. Conta que ficou morando com a mãe durante os sete meses em que ficou separada e que foi um período bastante difícil, pois é muito complicado sair de casa e depois voltar. (O tom de voz de Helena nesse momento é quase inaudível). Diz que na casa também há muita gente e a filha gosta de conversar com outras pessoas. Diz que a menina se parece com a sua irmã nesse aspecto.

Ela conta que a família foi à praia com a menina e elas ficaram perto de uma barraca; conta que ficou o tempo todo preocupada, vigiando a filha, porque ela é muito fácil (de socializar). Conta que Juliana nunca estava perto dela, pois em lugares onde há muita gente, a menina se afasta, pois quer conhecer e conversar com novas pessoas. Por isso a filha dá trabalho dobrado, pois não é mais uma criança que tem vergonha de conversar com estranhos. Conta que quando estavam na praia, ela sempre orientava a filha a ficar perto dela, dizendo que não poderia ficar sozinha. Diz que a filha não

tem medo e que ela procura orientá-la dizendo que existem pessoas más, mas a menina lhe diz “Mãe, me deixa!” e sai correndo. Comento que parece estar difícil para ela ver Juliana crescer e Helena ri, nervosa. Comenta que um dia, disse, em relação à filha: “Nossa, ela já está. Outro dia ainda estava babando e fazendo birra!”. Diz que é isso. Helena continua dizendo que hoje, não gostaria de voltar a trabalhar porque está muito bom.

Pergunto em que ela trabalhava quando vivia em São Paulo. Ela conta que trabalhava no DEIC (Departamento de Investigações sobre o Crime Organizado), com uma prima que fornecia lanches e comidas para os funcionários do local; ela trabalhava apenas três horas por dia e sua mãe morava perto da escola da filha. Nessa época, ela conseguiu conciliar os horários com a escola da filha. Diz que somente no período entre as 17h30min (quando a menina saía da escola) e 19h30min (quando ela saía do trabalho) é que elas não ficavam juntas. Diz que a prima também tem um comércio, mas que ela não gostaria de trabalhar nisso, porque no comércio se trabalha aos sábados e domingos e que não se tem hora para sair. Diz que quer um trabalho que possa conciliar com os cuidados da filha. Ela diz que tem algumas pessoas que têm a oportunidades como essa e a aceitam, como a sua irmã, mas que ela não é assim. Conta que foi sua mãe quem criou os filhos da irmã: era a mãe quem os penteava, levava na escola e dava comida. Helena conta que com o seu filho foi a mesma coisa, que somente no período em que o marido estava estudando e ele tinha dois anos de idade é que foi muito difícil, pois ela saía de casa às sete da manhã e às sete da noite voltava, muito cansada. Conta que nessa época tinha 23 anos e nada sabia de cuidar da casa nem de crianças. Então, ela não quis isso para a filha. Helena conta que o marido tinha uma situação muito boa, ele tinha um negócio, três lojas de calçados, mas depois faliu e perdeu tudo. Depois, ele teve uma proposta de trabalho muito boa em Ribeirão Preto, então ele se mudou, mas ela ficou em São Paulo; o filho tinha 4 anos na época. Depois ela veio para Ribeirão Preto e começou a trabalhar na loja fazendo brindes e trocas de roupas e bolsas. Ela conta que ia fazer o seu trabalho, mas não sabia mais quando voltava. Conta que nesse tempo, o marido ficou doente e teve que ir se tratar no hospital, então ela ficou em São Paulo cuidando das coisas. Diz que foi um período triste, ter o filho e estar trabalhando. Conta que depois, em Ribeirão Preto, quando o filho tinha 9 anos, ela se separou do marido. Depois de 2 anos eles voltaram e aí, depois de 10 anos juntos, ela engravidou de Juliana.

Comento que aí, ela queria algo diferente e ela concorda. Diz que com a maturidade, você vai melhorando o jeito que você era e passa a perceber as coisas de outro jeito. Diz que não é que ela sofresse na época do filho, mas ficava chateada, então ela mesma precisava de uma coisa diferente. Diz que em São Paulo ficava com a família inteira – tios, primos, mãe, pai e sogra - e que isso torna tudo diferente. Ela conta que a sogra era uma pessoa muito boa, que a ajudou bastante. Ela era a segunda mulher do seu sogro e seus netos estudavam na mesma escola que o filho de Helena, então ela o levava e buscava na escola também; o menino então ficava na casa dela até a hora em que Helena chegava em casa. Diz que é por isso que hoje prefere ficar como está, porque essa fase da filha vai passar e ela é a última (Helena ri). Retomo que ela havia dito que antes de engravidar de Juliana, havia

vivido em São Paulo. Ela conta novamente que antes de vir para Ribeirão Preto ficou 8 meses em São Paulo, que estava muito difícil lá, pois teve problemas com sua mãe. Ela então ligou para o marido e disse que queria voltar e viver com ele em Ribeirão Preto. Diz que criar filhos em São Paulo é muito complicado e que hoje ela não sabe mais nem andar nessa cidade. Diz que viver com filhos na casa dos outros é muito complicado, porque ela é muito sistemática. Diz que quer ajudar as pessoas, que se elas querem, ela ajuda, mas se for para pessoa reclamar, então ela não quer. Conta que nessa época seu sobrinho de 14 anos também foi morar na casa de sua mãe e que sua briga com ela foi por causa dele, pois ele não tinha limites e chegava bêbado e a mãe aceitava isso. Contudo, quando Juliana faz alguma coisa, a mãe reclama. Então Helena questiona que o sobrinho pode, mas a filha não. Conta que a mãe sempre foi muito rigorosa com ela e os irmãos, mas agora aceita que o sobrinho leve a namorada para a casa dela e Helena não acha isso certo por conta do jeito que ela foi criada. Diz que falava para a mãe que a namorada do filho estava saindo da casa dela, que os pais dela estavam confiando nela e ela trancava a porta do quarto e deixava os dois lá dentro. Diz que ela não quer isso para a sua filha, porque pois mais que isso faça parte da vida, ninguém deve incentivar. Ela diz que as pessoas pensam diferente e que, em função desses problemas e também por gostar do marido e querer reconstruir sua família, ela veio para Ribeirão Preto, chegando à cidade dia 5 de janeiro. A sogra tinha uma casa na cidade, que estava vazia; somente o marido e o cunhado estavam vivendo no prédio. A sogra estava vendendo a casa, mas desistiu porque havia acabado de reformá-la. Então Helena resolveu ficar na casa por um tempo e agora está procurando uma nova casa. Diz: “E assim vai. E assim, a gente vai levando”. Ri e diz novamente que é difícil falar.

Comento que para ela parece ser difícil ver Juliana crescer porque isso significa prepará-la para o que ela poderá encontrar no mundo. Inicialmente, Helena responde que não a preocupa tanto o que a menina vai encontrar. Depois hesita, reflete e diz: “É... é o mundo, né, que tá muito difícil.” Diz que na escola, precisa ver bem como (a escola) está sendo. Diz que a questão é essa proteção, que ela quer proteger a menina e que toda a família dela diz que ela não está deixando a filha crescer, que a está sufocando. Helena então disse que não, que a filha só iria para a escola depois que começasse a falar, porque ela não gosta de judiar de criança. Diz que tudo isso fica na sua cabeça.

Ela diz que com o filho foi mais “light”, talvez porque ela tinha 20 e poucos anos. Contudo, quando ela começou a trabalhar, deu uma relaxada, mas com a filha não, que a menina vai, Helena vai atrás. Diz que acha que ela mesma ficou mais preocupada. Diz que às vezes as pessoas dizem que a filha vai chorar na casa delas, mas Helena sabe que a menina é assim, que quando ela está no ambiente dela, ela chora e chama a mãe. Helena diz que ela própria chorou quando a filha foi para a escola. Diz que não foi difícil, mas que ficou preocupada, não pelo fato de a filha estar indo e independente, mas se ela estava indo para um lugar bom e que cuidasse dela. Ela diz que gostou muito da escola anterior e que gosta muito da atual, que ela acha importante se identificar com o lugar. Diz que quanto à preparar para o mundo, tem que esperar ficar grande, porque o mundo dá muitas voltas. Diz que por isso fica meio “neurótica”. Todavia, isso não significa que ela não deixa a filha crescer, pois a menina

tem amigas e que elas saem juntas, mas ela não deixa a filha ir aos lugares. (Helena quer dizer que recebe as amigas da filha em sua casa e às vezes sai com elas, mas não deixa a menina ir para a casa das amigas ou sair com a família delas). Diz que agora vai ter que deixar a filha ir. Diz que a família do marido já era assim, que não deixavam os filhos ficarem fora de casa. Diz que o pai do marido era três vezes pior do que ela, e que ele ainda é assim. Helena diz então que é tão difícil ser mãe porque ao mesmo tempo em que cuida do filho e zela por ele, os filhos acham a mãe tão guerreira e tão batalhadora que eles criam pena, dó do pai. Diz que o filho a viu muito assim, brava, mas na hora que ele via o pai, ele chorava. Diz que isso acontecia mesmo quando ela estava separada do marido. Diz que a situação é muito difícil para os filhos. Conta que nunca explicou para o filho o motivo da separação: disse a ele que não poderia explicar o que havia acontecido porque ele não ia entender, mas somente compreenderia quando fosse grande. Conta que o marido começou a trabalhar com o seu pai. Conta que no dia do aniversário do filho, quando o avô foi lhe dar um dinheiro de presente, ela viu o menino chorar e lhe dizer: “Não, vô, não estou precisando de nada, não”. Diz que aquilo a destruiu. Diz que com ela tudo era bem diferente. Conta que nunca usou o menino contra o marido no tempo em que ficou separada. Ao contrário, tirava o garoto do computador (senão ele ficava nele 24 horas) para dizer-lhe para ir à casa do pai, que vivia a três quadras de distância, ou então brincar na rua. Conta que o menino resistia, mas ela insistia, senão ele ficava no quarto dele; o quarto era a vida dele. Diz que não viu o menino chorar pelo pai, que talvez ele chore porque tem dó do pai. Comento que ela diz que é como se a mãe fosse mais forte e ela concorda. Helena diz que é isso, que o pai fica como o coitadinho e a mãe como a megera, então é bastante difícil. Diz que criou o filho até os 19 anos, quando ele saiu de casa para morar com uma moça com quem está junto até hoje. Helena diz que não sabe e nem participa da vida do filho. Na época em que Helena se separou, o filho foi morar num apartamento com essa moça, depois mudou para uma casa que comprou no bairro Planalto e ela nem sabe onde ele mora. Diz que o filho não lhe deixou nem endereço, nem telefone. Diz que antes o filho gostava da Juliana, que a pegava no colo a beijava e, de repente foi morar com essa moça e passou a nem pegar mais com a Juliana. Helena conta que tentou saber o número do telefone do filho para contatá-lo, mas não tem jeito. Conta que o filho disse que o problema “era com a sua língua”. Ainda, Juliana não convive com tios, porque que o pai tem duas irmãs, com quem também não tem contato. Já do seu lado, ela tem um irmão, então Juliana tem três (tios e tias) e não tem nenhum. Conta em seguida que mal conhece as irmãs do marido e que há uma delas que mora em Ribeirão Preto, mas quem houve uma tentativa frustrada de contato (ela insinua que queria que Juliana conhecesse a prima, mas os pais desta não deixaram). Em seguida diz que às vezes fala demais e ri. Diz que é isso, que tirando o certo... (ela não completa a frase). Em seguida diz que também se vai aprendendo com os erros e os acertos. Diz que com filho é difícil e complicado saber o que é certo.

Comento que parece que a Juliana é o que Helena tem de mais seguro. Ela concorda e diz que hoje (ressaltando a palavra) sim. Conta que pergunta para a filha, brincando, se quando crescer ela a abandonará. A filha responde que a menina e então Helena retruca que quando ela encontrar um

namorado, não vai mais nem se lembrar dela. Ela diz que não tem “uma coisa, de que o filho é meu” (sic), mas que tem mágoa do filho pela distância, porque acha que não deveria ser assim. Ela fica em silêncio por 35 segundos. Diz que nessa questão do telefone, eles não têm assunto, mas no Natal, aniversário e dia das mães... (ela não completa a frase). Diz que o filho telefona para ela nessas datas e a conversa é: “Mãe, e aí, tudo bem?”; “Tudo bem”; “Então tá”; “Então tá”. Repete que não há assunto entre eles. Conta que quando ela mesma foi embora de São Paulo, ela havia brigado com sua mãe e esta ficou chateada, porque ela pegou as suas coisas, foi embora e esqueceu. Conta que o pai de seu marido chegou um dia em sua casa e disse que estava chateado com eles, porque eles haviam dito que iriam telefonar para ele e não fizeram isso. Ela diz que não fez isso, porque “não estava com cabeça”. Diz que em geral as pessoas se telefonam quando há algum acontecimento ou alguma outra coisa. Diz que o ser humano é muito difícil e conta que quando a sua mãe lhe telefona é porque aconteceu alguma coisa, mas que mãe é mãe e que fica chateada quando o filho não quer dar o telefone. Diz que é difícil, porque a conduta do filho não faz sentido. Diz que fez a sua parte, mas que agora cansou, porque é difícil você resistir. Nesse momento o celular dela toca e nós interrompemos a conversa por alguns segundos.

Após desligar o telefone, Helena continua falando sobre o filho, dizendo que não compreende o comportamento dele, que não sabe se é por ciúme, que há um monte de coisas do ser humano. Diz que entende que há o problema da distância, da moça, o apartamento do filho que foi o ela e o marido que o ajudaram a pagar. Diz que ajudou o filho e deixou seus móveis para ele. Diz que o filho e a mulher têm coisas dela, de seu primeiro casamento, como jogos de porcelana. Ela diz que não dá para entender a conduta do filho, que é difícil e que não se conforma que criou um filho para de repente vir uma moça e acabar com tudo e ele aceita isso. Ela diz que, se é isso que ele quer, e que se ele está bem, então tudo bem, contando que pergunta para o pai dele se está tudo bem. Ela conta que quando o filho namorava essa moça, os pais dela eram muito amigos dela. Diz que o filho e a nora se separaram e depois se reconciliaram. Conta que na época a moça engravidou e, quando o filho ficou sabendo, ela já havia feito um aborto em uma clínica clandestina. Ela conta que o pai de sua nora morreu e, quatro meses depois ela foi morar em sua casa. Nessa época, Juliana já havia nascido. Um dia, Helena perguntou para a moça se ela não ia voltar para a casa dela não ia embora e que, quando ela disse que não, Helena disse que então ia deixá-la sozinha e saiu de casa. Conta que a menina fala muito mal dos pais, diz que eles são folgados e que ela não arruma a louça, que ela é como “Se o pai não presta, então eu vou prestar?”. Diz que o filho perguntou a ela o que ela achava da moça. Ela respondeu: “Filho, eu não gosto de aborto. Se ela abortou, isso é entre Deus e ela. Se um dia ela achar que tem que te contar a verdade, ela vai te contar. Não sou eu quem vou ficar julgando ela. Se você acha que tem que ficar com ela, quem manda no coração? Se você acha que tem que ficar com ela, você vai ficar. Se você acha que não vai ficar, você não vai ficar.” Diz que aí o filho ficou com a moça. (Ela repete por três vezes “E ficou!”). Diz que ele está com ela até hoje e vive bem. Diz que ele não lhe dá trabalho e nunca lhe deu, mas não há convivência.

Pergunto se o filho era muito jovem quando foi morar com essa moça e Helena responde que não, que ele tinha 22 ou 21 anos. Diz que não sabe direito há quanto tempo eles estão juntos, se 7 ou 8 anos e que ela acha que eles não pretendem ter filhos agora, mas que ela não participa da vida deles, então não sabe. Diz que é só o tempo que vai dizer sobre o que vai acontecer entre ela e o filho. Ela ri e diz que espera não sufocar demais a Juliana. Diz que agora a menina está brava com ela e às vezes ela chega para Juliana e diz brincando: “Eu vou fugir, hein? A sua mãe acabou de fugir, você quer ver a mala?” e ri.

Comento que por mais que Juliana cresça, sempre vai precisar dela. Helena concorda e diz que, mesmo tendo 46 anos, às vezes precisa ouvir a mãe até hoje. Diz que sua irmã não fala com sua mãe há um ano. Diz que vê as pessoas falando da figura da mãe e que outro dia foi à igreja e que lá havia a figura do menino Jesus de Praga; diz que ela tinha isso em sua casa quando criança e que nem se lembrava mais. Nessa época, fazia lição com ele em cima da mesa. Diz que a mãe era uma mãezona e que mudou muito depois que teve o seu irmão; ela teve Síndrome do Pânico. Conta que essa sua irmã que brigou com a mãe é adotada. Diz que o amor de sua mãe é isso, que sua mãe sempre foi assim, supera qualquer amor para ver brotar os filhos. Conta que a mãe e o pai se desentenderam por conta de um menino que eles criavam; este, já adulto, queria permanecer na casa dos pais. Sua mãe defendeu o menino, mas o pai, não. Este achou que o garoto tinha que sair de casa, casar e cuidar da própria vida, que não era o caso de lhe dar boa vida. Já a mãe justifica todo comportamento dos filhos. Helena repete que a mãe justifica tudo. Então, ela não conta muita coisa para a mãe. Diz que fala para a mãe que ela é egoísta. Diz que a mãe já brigou com o seu irmão mais velho, com o seu outro irmão e agora com ela. Conta que ela perguntou para a mãe se ela havia feito essa opção, se queria o menino, só que seria o menino e a mulher dele. Helena lhe disse que até agora havia precisado da mãe, mas poderia haver um dia em que a mãe precisaria dela. Helena diz que saiu da discussão muito magoada. Diz que o rapaz está morando com os seus pais até hoje, embora o pai biológico dele tenha uma casa em que ele poderia morar. Diz que os pais não têm mais condições de manter o rapaz e este não vê isso. Diz: “Então, deixa”.

Comento que ela está dizendo sobre a dificuldade que é proteger uma pessoa sem ficar cego. Helena ri e começa a contar que a filha estava falando “bunda” várias vezes por dia. Ela diz que isso aconteceu porque na escola dela tem mais meninos do que menina. Diz que não aceita que a filha diga isso, porque brincadeira de menino é diferente. O marido então lhe disse para deixar a filha falar e ela retrucou que não, que a menina tem que saber o que é certo e o que é errado. Então a filha lhe diz: “Eu te odeio”. Contudo, Helena repete que isso está errado e que a filha não pode não entender o que é certo e o que é errado. Diz que não quer que sua filha, de seis anos, fale “bunda” para ela. Por isso, conversou com a filha e lhe disse que era para falar “bumbum”. Diz novamente que acha feio a filha falar “bunda” em todo lugar, e que ela não quer isso. Conta que o marido disse para ela deixar a filha, porque isso passaria. Todavia, ela acha que precisa corrigir agora, porque se esperar para reeducar quando a menina tiver 15 anos, não adiantará mais.

Conta que quando busca Juliana na escola, elas vão embora de ônibus e que, no dia anterior, havia uma menina no ponto do ônibus e ela começou a falar com um rapaz perto delas. Helena ficou muito envergonhada por conta da postura da moça e não sabia o que fazer com Juliana. Conta que quase disse para os dois irem para um motel. Helena diz que beijo e sexo existem, que fazem parte da vida, mas que com 6 anos sua filha não precisa ver isso agora. Diz que depois disso, não se consegue segurar os filhos. Conta que foi muito constrangedor ver os dois se beijarem e ver a língua deles. Diz que ficou disfarçando com Juliana até o ônibus chegar. Diz que se é um filho que faz isso, o filho é macho, mas se é a filha... (ela ri e não completa a frase).

Comento que ela fala sobre o seu direito de educar a filha de acordo com o que ela acredita que é importante, que são os valores que ela tem. Helena diz que esse é o jeito que ela foi criada. Conta que uma amiga disse que vai ensinar a filha a tomar anticoncepcional desde cedo, mas que ela acha que isso não é necessário, que não precisa incentivar, que a criança às vezes nem está madura o suficiente para isso. Helena conta que ela mesma casou virgem e hoje considera isso um exagero, uma idiotice, porque ela acha que a mulher precisa ter uma experiência. Contudo, crê que o melhor seria ter experiências antes do casamento, mas não muitas. Ela diz que com homens é diferente, porque se ele engravidar alguém, vai ser a mulher que vai cuidar; então “sobra para a mulher”. Repete que não é necessário mostrar que o sexo é uma coisa feia, que ela foi criada assim, mas isso não é verdade. Repete que o sexo faz parte da vida e é uma coisa natural, mas também não precisa incentivar. Comenta que com o pai (em relação à Juliana) vai ser difícil, porque o pai também é ciumento.

Helena conta que na escola a filha passou muito tempo perto de um menino e depois ficou doente, com um problema de garganta. Por conta disso; ficou quase uma semana sem ir à escola. Depois houve uma reunião na escola a que Helena foi; a reunião ocorreu perto da sala de aula da menina. Lá ela viu a filha passar no pátio várias vezes de mãos dadas com esse menino. Quando elas chegaram em casa, Helena perguntou à filha “que negócio era esse” e a menina o que era aquilo; a menina então lhe explicou que o garoto era um amigo. Helena ri, relaxada e diz que é isso.

Eu agradeço então a sua participação na pesquisa e pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Descontraída, Helena diz que espera ter contribuído para a minha pesquisa; pede desculpas pelo “chororô”, alegando que às vezes é difícil falar dos filhos. Nós então nos despedimos e vamos embora.

Interpretação Helena

A narrativa de Helena aos quadros do CAT-A, mas principalmente a sua conversa comigo antes e após essa atividade, retrata uma mulher que, embora abatida por uma série de decepções que sofreu, luta para reparar as experiências que viveu relativas à maternidade, refugiando-se em seu vínculo atual com a filha de 6 anos. O tom de seu relato é, sobretudo, de tristeza e de um certo desânimo, de uma capacidade de expressão um tanto reduzida, não por uma questão de falta de

originalidade ou de não ter o que dizer, mas em razão de uma baixa vitalidade²⁵. Ela expressa essa queda de vigor já nos primeiros momentos em que fala livremente comigo de sua experiência como mãe de Juliana, sobre a dificuldade que tem em acompanhar a menina em suas diversas solicitações (a falta de “pique”). A gravidez inesperada e tardia de Helena, impondo uma defasagem etária importante entre ela e a filha, contudo, não basta para explicar a dificuldade. A ela se acrescenta o fator fundamental que é o dos obstáculos que Helena impõe para a socialização de sua filha por dois receios: o ciúme devido ao medo de perdê-la para os outros e o temor de que os demais, crianças ou adultos, magoem a menina ou coloquem em risco a integridade dela. Diante disso, Helena precisa cumprir ao mesmo tempo os papéis de mãe, de amiguinha e, ainda, mesmo o do pai e o da família extensa; esse acúmulo e a incerteza de que ele será recompensador a exaurem. A recíproca de sua afirmação no relato ao primeiro quadro do CAT-A de que a filha é sua família (a saber, de que ela é a família da filha) é emblemática desse relacionamento entre as duas, caracterizado por uma tentativa de manter pelo maior tempo possível a dependência absoluta. Essa tentativa é eventualmente temperada por esforços intensos para promover uma parcial autonomia, que é quase vista como um mal necessário (ela diz que sempre foi somente ela e a filha e que, se deixassem, continuaria sendo apenas as duas).

A fonte dessa conduta de Helena frente a Juliana se situa numa forte desconfiança do mundo exterior, particularmente dos relacionamentos interpessoais. Sua sensação é a de que foi decepcionada várias vezes e que os vínculos são demasiado frágeis. Eles são assegurados somente quando existe uma relação de dependência entre as pessoas; portanto, a autonomia desune e separa, várias vezes para sempre. Experiências a esse respeito não lhe faltam, a começar pela instabilidade da relação com o marido, do qual se separou e com o qual se reconciliou várias vezes (ela cita duas separações, mas seu relato permite entrever pelo menos mais uma, quando o filho tinha 9 anos; ainda houve as desuniões não oficiais, quando ela e o marido moravam em cidades diferentes). Além disso, o sogro encontra-se em um segundo casamento, a irmã não fala com a mãe há um ano, a própria mãe brigou com ela e também não é mais a mesma da infância (seja pelas mudanças do desenvolvimento, seja pela doença que teve) e, a decepção mais dolorosa de todas, o filho a deixou para viver com outra mulher e evita deliberadamente manter contato. Assim, sua experiência é que, diante de tanta instabilidade, a vida quase perde o sentido e Juliana, pelo menos enquanto pode ser ainda considerada por ela como “o seu bebê”, é a única segurança que tem.

Embora a tentativa de Helena de manter Juliana numa posição mais pueril do que a que a menina realmente ocupa carregue o sentido de aplacar a própria solidão, ela também veicula um outro significado: o de buscar preservar a menina das decepções que ela mesma sofreu. Diante disso, sua assertiva de que não quer que a filha passe longos períodos na escola para poder ter atendida a sua

²⁵ Somente a revisão da transcrição da entrevista de Helena, visando preencher os espaços que não haviam sido compreendidos em função de sua fala entrecortada e em baixo volume, e conferir os que eram um pouco mais inteligíveis, tomou 3 dias de meu trabalho.

vontade de ficar com a mãe e brincar com ela, é mais que uma simples projeção. Assim, mesmo que Helena sofra bastante com o afastamento da filha, sua angústia se refere genuinamente à exposição da menina (ela se preocupa se, longe dela, a criança estará num lugar bom e com quem cuide dela). A projeção que existe é aquela que forma a base para a identificação de Helena com a filha e, a despeito da tentativa de manter-se numa relação de dependência absoluta, ela é plenamente capaz de perceber a menina como alguém com características próprias, diferentes das dela e das do irmão (e algumas parecidas com as da tia).

Todavia, para Helena, a autonomia transforma as pessoas mais íntimas em quase estranhos. Desse modo, pouco sobra do relacionamento passado e qualquer tentativa de sua recuperação é fadada ao fracasso²⁶. Com isso, não há mais familiaridade no mundo (ela diz não saber mais se locomover em sua cidade natal) e, em consequência, não há mais locais de refúgio seguro quando as coisas vão mal. Sua própria experiência como filha mostrou isso, quando ela voltou a viver com a mãe após sua separação do marido. Esta não era mais a mesma, mudou os seus valores, deixou de ser o modelo de identificação que pautou a personalidade e a maternidade de Helena; agora, ao invés de proteger, a mãe se tornou mesmo um perigo para as crianças, por sua dependência emocional delas, que a leva a rejeitar qualquer imposição de limites. Daí, se a mãe não é confiável, ninguém mais no mundo é. Para Helena, as mudanças que as pessoas sofrem e que as levam a praticamente esquecer as relações de antes ou então substituí-las radicalmente por outros tipos de vínculo, resultam da entrada de um terceiro elemento na relação. Dessa forma, a mãe começa a mudar a partir do nascimento do irmão, que lhe desencadeou a Síndrome do Pânico²⁷; o filho a pretere por uma moça de reputação duvidosa. É o elemento de fora que coloca em risco a sacralidade do vínculo entre mãe e filho. Nessa situação, a entrada do pai nesse relacionamento é bastante complicada. Assim, Helena narra que uma das causas das brigas entre o casal é o ciúme do marido em relação à filha (disputa de sua atenção). A recíproca, contudo, não é verdadeira porque o lugar que o marido ocupa em sua relação com Juliana, é mínimo: ele passou um terço da vida da menina separado da mãe e mesmo hoje, por suas viagens de trabalho, permanece bem mais distante dela do que Helena (ela diz que é somente agora que ele está se aproximando um pouco da menina). É por essa razão que, no quadro 2 do CAT-A a disputa entre o casal não é sublinhada e, a minimização do conflito não parece ser propriamente (ou pelo menos totalmente) uma defesa. O pai, em si mesmo, aparece muito pouco enquanto tal (ela diz no quadro 3 que a figura se refere ao pai, mas que isso não lhe diz nada quanto a Juliana). Assim o pai, para Helena, não parece contar mais do que um outro qualquer na vida da filha, como alguém externo a elas, passível de socializar com a menina como as outras amiguinhas da escola ou da vizinhança. Desse modo, ao invés de o pai agir com agente de castração da relação entre as duas, é Helena quem o exclui do vínculo entre elas, que o transforma também em um “não familiar”, dada a sua insegurança

²⁶ É essa concepção da autonomia, como algo que conduz a uma ruptura considerável da continuidade do relacionamento anterior, que conduz Helena a desenvolver um intenso ciúme, seja do filho em relação à nora, da mãe em relação aos irmãos, da filha em relação aos demais.

²⁷ Aqui, o quadro desenvolvido pela mãe parece ter sido mais provavelmente o de uma depressão.

sobre a estabilidade do casamento. Assim, ela protege a si mesma e à filha das decepções que o genitor poderá infligir a elas. Frente a esse intuito protetor, Helena fica perplexa ao constatar a compaixão do filho para com o pai, desde a infância, apesar de, na sua opinião, haver preservado a imagem do genitor mesmo durante o período em que esteve separada dele. Essa conduta do filho na infância e na adolescência e a sua opção por ir viver com uma mulher que maculou a sacralidade da figura da mãe pelo suposto aborto que fez (quando Helena, por trás de sua neutralidade verbal, exigiu que ele escolhesse entre ela e a namorada) constituíram duros golpes para ela. Assim, a partir de uma reflexão para tentar compreender o que aconteceu com o filho, ela se interroga se foi uma mãe ausente para ele e decide fazer tudo de um modo diferente com Juliana, de modo a reparar a experiência anterior que teve com o garoto. É por essa razão que ela buscou desde o começo estar mais próxima dela do que do filho, já que a confiança que ela tinha no mundo diminuiu (ela conta que era mais light com o menino). Dessa maneira o que ela define como a maior responsabilidade que desenvolveu como mãe por conta de sua idade é também fruto desse descrédito em relação ao mundo exterior. Nesse contexto, a socialização extrafamiliar, vista como um marcador importante do processo de liberação da relação exclusiva com a mãe é temida. É dessa mesma maneira que ela concebe a curiosidade sexual genital da menina, que também lhe assinala o fim da inocência infantil. Com isso, o receio de Helena é o de que a socialização e a sexualidade afastem a menina de si e deixem ambas vulneráveis, Helena à solidão e Juliana ao risco de cair em mãos mal intencionadas. Assim, pelo menos por enquanto, para Helena é muito mais fácil estabelecer limites entre a díade e os outros do que entre ela e a filha.

O desejo de Helena de continuar a manter uma relação com Juliana em que elas se bastem uma para a outra se choca, contudo, com o seu temor de bloquear o crescimento da menina, de sufocá-la por seu ciúme e, com isso não apenas prejudicá-la, mas perdê-la de uma vez por todas. Esse receio é subsidiado pelas críticas que recebe de sua família sobre a superproteção a que expõe a menina, pelas demandas da filha para conviver com outros (ela quer uma irmã porque se sente só), pela reflexão sobre sua experiência com o filho (quando constata que não foi uma mãe demasiado ausente para ele), e pela recordação da própria necessidade que teve, como filha, de construir uma vida autônoma. A inevitabilidade da separação a leva a iniciar um trabalho de constatação, ainda não concluído, de que o desejo de manter uma relação de dependência absoluta pode, ao invés de garantir a união, conduzir à solidão mais definitiva. Essa inversão de objetivos ocorreria por duas razões: a primeira delas é a de que a entrada de toda e qualquer pessoa de fora nesse tipo de relacionamento é interdita, com o vínculo permanecendo dual. Com isso, na medida em que não se precisa de mais ninguém, ninguém mais irá se aproximar. Além disso, a experiência com o filho mostrou-lhe que, quando por ciúme se deseja o afeto exclusivo do outro, o sufocamento e a completa interdição de novos relacionamentos leva ao risco de ser completamente rejeitada por ele, real ou afetivamente. Se o olhar da mãe, ao invés de mostrar que nem tudo vale a pena, mostra que nada ou ninguém vale a pena, ele somente inspira no filho a descrença na mãe. Daí o risco é que, ao invés de desconfiar do mundo, a criança comece a

desconfiar da mãe²⁸ e a repudiar suas percepções e os conhecimentos que ela busca transmitir. Em outras palavras, a superproteção pode provocar uma separação irrevogável e daí, à completa vulnerabilidade. Portanto, a garantia da proteção do filho e da manutenção do relacionamento seria a tolerância de sua perda parcial e a abdicação da exclusividade. A partir daí, o problema de Helena passa a ser o de conciliar o paradoxo entre guardar a continuidade da união na diferenciação, de descobrir que, para poder estar junto com alguém, é necessário também saber viver separado dele (ela refere que em sua relação com o marido, eles não conseguem viver juntos nem separados). É nesse contexto que Helena pergunta a Juliana se, mesmo quando a menina for autônoma, ainda poderá contar com o seu amor (sua brincadeira que a filha a esqueceria quando encontrasse um namorado)²⁹.

Se Helena não conseguiu ainda encontrar uma solução pessoal para esse paradoxo, a maior tranquilidade que ela exibiu ao final de nossa conversa sugere que ela começa a compreender que esse período de transição (ou, melhor dizendo, transicional) da vida da filha, também é um período de organização e de preparação para ela própria no percurso das duas para atingir uma relação adulta, entre pessoas autônomas. Assim, se o relacionamento de dependência absoluta (ou quase) precisa ser superado, também não é o caso queimar etapas agora. Desse modo, se ela reconhece como um exagero que uma mãe ensine a filha a tomar contraceptivos desde cedo, ela também é capaz de aceitar que a filha ande de mãos dadas com o seu amiguinho (namoradinho) de escola. Todavia, Helena se encontra ainda em meio a todo esse processo complexo de desenvolvimento dela e de Juliana e de mudança da relação entre as duas. Embora o caminho esteja sendo ainda trilhado, as decepções que Helena sofreu no passado e os seus temores presentes fazem com que a chegada ao destino da solução pessoal do paradoxo com que ela se defronta ainda demandará tempo. Todavia, não lhe falta coragem para prosseguir essa peregrinação, mesmo se ao longo dela seja necessário reabrir feridas antigas. Por Juliana, isso vale a pena. Outros detalhes sobre a produção de Helena no CAT-A são descritos na análise de seu relato a cada quadro, exposta a seguir.

Quadro 1

Embora no início do relato a este quadro Helena transmita a mensagem do prazer do contato com a filha, a esta logo é acrescida a dor pela desunião familiar provocada pelo distanciamento físico e afetivo do filho mais velho. Magoada por essa perda, sua sensação é que somente lhe restou a filha, o marido não sendo visto como fazendo parte do grupo familiar. A garotinha é percebida por Helena como tudo o que ela tem, como um pilar de sustentação afetiva, a única relação de confiança que ela pode estabelecer, capaz de oferecer um certo alívio contra o pesar. O desconsolo de Helena é acompanhando de uma sensação de injustiça, de não ter sido reconhecida pelo filho toda a dedicação

²⁸ Verificar que aqui haveria uma inversão da experiência de Helena: enquanto ela, por não confiar na mãe, desconfiou do mundo, sua falta de confiança no mundo seria passível de levar seus filhos a desconfiarem dela.

²⁹ O relato de Helena de que Juliana ainda hoje lhe pede para ser amamentada no peito sugere que a menina vivencia uma dúvida semelhante, sobre como se processaria a continuidade da relação de ambas, mesmo com o crescimento dela.

que ela lhe ofereceu. Este, ao invés de gratidão, retribui seus esforços com o abandono. O receio de Helena é o de que Juliana siga pelo mesmo caminho que o irmão (Você cria filho, cria filho, mas é para o mundo. Infelizmente não é para você).

Quadro 2

Se em um primeiro momento Helena causa a impressão, nesse relato, de que o tema dos conflitos conjugais será o primordial (o pai e a mãe medindo forças), mesmo que minimizado e simbolizado (ela insiste que a disputa nada mais é que uma brincadeira), ele vai perdendo forças ao longo da narrativa. Isso ocorre porque as várias separações e reconciliações oficiais e reais por que o casal passou parecem já fazer parte da vida deles; nesse momento, mesmo diante de um vínculo não totalmente satisfatório, a decisão foi a de permanecerem juntos (ela diz que eles “vão levando”). O assunto então se desvia para o do brincar com a filha e, nesse tópico, o marido de Helena não é páreo para ela. Os frequentes distanciamentos do pai usurpam a sua posição central no relacionamento com a filha. Com isso, o seu status é quase o mesmo de qualquer outro terceiro elemento com o qual a menina busca socializar. Embora a relação extra díadica não seja totalmente interdita por Helena, ela é dificultada devido à sua desconfiança do mundo exterior. Sente que, fora de seus domínios, a filha estará vulnerável a todos os perigos. É aqui que Helena mostra que, visando compensar as restrições de contato social que impõe a Juliana, ela acumula os papéis de mãe e de amiga, mas essa solução não é plenamente satisfatória para nenhuma das duas: Helena se cansa e se entedia diante das demandas da filha e Juliana insiste para ir ver as amigas e pede que Helena lhe dê uma irmãzinha. Assim, ambas vão percebendo que não se bastam mais uma para a outra.

Quadro 3

Prosseguindo o tema do relacionamento com o pai, exposto no início do relato anterior, Helena confirma o que havia sugerido antes: o espaço pequeno e quase inexistente que essa figura ocupa em seu relacionamento com a filha. Assim, a presença do pai nada lhe diz quando ela reflete sobre sua experiência junto à Juliana; ela não sabe qual é o papel dele na vida da menina (e provavelmente na dela). Enfim, ele não matiza a natureza do relacionamento entre as duas. A autoridade não é assimilada à figura do pai, mas, como o relato posterior de Helena irá sugerir, cabe mais a ela, que acumula as funções de proteção e de imposição de limites (a mãe guerreira que chega a fazer o filho sentir pena do pai).

Quadro 4

Prosseguindo o relato anterior, Helena reitera aqui a subestimação do papel do pai: ela diz que a figura se refere à família, ou seja, à mãe e seus filhinhos. Por necessitar assumir sozinha a função de refúgio e de proteção, os prazeres da maternidade são usufruídos ao lado de uma constante inquietação sobre a segurança dos filhos e do relacionamento. Nesses termos, Helena expressa uma angústia

subjacente de que, quando dispõe de algo bom, há sempre um risco iminente de perda a que ela deve fazer contínua atenção.

Quadro 8

Em sequência às comunicações anteriores de que a família se trata da mãe e dos filhos, Helena exhibe uma certa dúvida sobre esse cartão, relativa ao que poderia significar uma reunião familiar (ela diz que não sabe se interpretou bem a figura). A família extensa não é vista como fazendo parte desse grupo, que é definido por ela como composto pela filha e as amigas (embora ela não tenha mencionado nenhuma amiga ao longo de todo o nosso encontro). Em suas associações posteriores ela revela que isso acontece devido ao distanciamento geográfico, mas principalmente afetivo que ela experimenta em relação à sua família de origem, dadas suas dificuldades em retomar o contato com os pais e irmãos após a conquista da autonomia de todos e as mudanças que cada membro sofreu.

Em síntese, Helena é uma mulher que se debate com as dores que deverá enfrentar por ocasião da conquista da independência da filha. Sua experiência é a de que o alcance da autonomia leva a um rompimento importante e irreversível do relacionamento entre as pessoas. Convencida de que não há um caminho de volta para a dependência absoluta, ela busca, em sua relação com Juliana, estendê-la o máximo possível. Com isso, ela limita as chances de socialização da menina e teme pelo início da curiosidade sexual genital por parte dela, vistos por Helena como marcadores da entrada no mundo extrafamiliar, com a consequente mudança na relação entre a díade que esse ingresso promove. Nesse contexto, o problema com que Helena se depara é o de como preservar uma continuidade na relação quando os indivíduos se tornam autônomos, já que o alcance da independência é inevitável. Ela começa a descobrir nesse momento que a extensão da relação de dependência superprotetora e a preservação de uma atitude ciumenta face à filha podem ocasionar o efeito inverso ao que ela deseja, a saber, o da separação absoluta e do distanciamento permanente, como aconteceu com o filho mais velho. Enredada nesse paradoxo, sem haver chegado ainda a uma solução pessoal, Helena já é capaz de se dar conta da necessidade de amparar os movimentos de independência de Juliana, embora isso lhe custe abrir feridas antigas e dolorosas. Todavia, ela parece disposta a enfrentar o risco pelo bem-estar da filha.

Narrativa Juliana

Estive com Juliana numa manhã ensolarada de sexta-feira, em que fazia muito calor. Eu havia tido um compromisso que terminou bem antes do horário previsto e, com isso, cheguei à escola com uma hora de antecedência em relação ao que eu imaginava. Juliana não estudava na escola em que eu colhi os dados, mas em uma filial dela, dedicada à educação infantil, situada a meio quarteirão da primeira. Não obstante, eu havia combinado com Helena que a entrevista com Juliana se daria na escola de ensino fundamental, pois naquela que a menina frequentava não havia um lugar para que pudéssemos conversar tranquilamente. Quando cheguei, a secretária telefonou para a filial da escola a

fim de verificar a possibilidade de que Juliana se encontrasse comigo antes do horário marcado. Isso, contudo, não foi possível uma vez que ela estava terminando o seu horário de lanche e em seguida iria fazer um ensaio para a sua cerimônia de formatura (o único que teria). Eu disse então para a secretária que eu poderia esperar, e aproveitei o tempo para organizar a minha coleta de dados. Uma hora depois, a secretária chamou uma funcionária que foi buscar a menina na escola de educação infantil.

Minutos depois Juliana chega de mãos dadas com a funcionária. Ela me apresenta a menina, que é encantadora: tem 6 anos de idade, cabelos pretos, lisos e compridos, presos em um rabo de cavalo. Ela é magra, pequena, tem a pele muito bronzada e bochechas acentuadas. É falante e simpática. Nós nos dirigimos para a sala onde estão os computadores (que é bem fria por causa do ar condicionado), mas Juliana não quer colocar seu moletom. Ela conta que esqueceu um objeto na sua escola e, quando pergunto se não gostaria que fôssemos buscá-lo, ela responde que não, que sua professora o guardará para ela até na segunda-feira.

Ela então começa a me contar sobre a sua vida, de modo um tanto incoerente, começando por um balanço que havia na sua escola em São Paulo. Ela diz que esse balanço estava quebrado, mas ela acha que ele já foi consertado. Pergunto se ela já havia morado nessa cidade. Ela responde que sim, que morou um pouco, que havia se mudado para lá porque começaram as brigas. Pergunto a ela de que brigas se tratavam. Ela me responde que eram as brigas do Bruno, do seu irmão, ou do seu primo, que ela não se lembra. Diz que aí ela fica pensando na casa do avô. Conta que outro dia o avô veio vê-la e aí, em outro dia, ela pediu para ele trazer a cachorra que sua avó tinha, e que se chamava Pretinha, para brincar com a cachorrinha dela. Conta que Pretinha já era bem velha e talvez já tivesse até “ido para o céu”.

Conta que tem uma outra avó, que viajou e lhe deixou um perfume de morango para que ela pudesse usar. Diz que o perfume fica melhor nela própria do que na avó, porque ela é “mais pequena” e aí fica cheirosa. Conta que passou o perfume e fio para a escola. Lá ela perguntou ao seu amigo Enzo se ele próprio havia passado perfume. Diante da negativa dele, disse que acha que ele esqueceu. Comento que, por outro lado, ela estava cheirosa.

Ela silencia e eu pergunto o nome de sua cachorrinha; ela responde que é Mary. Comento que é um nome muito chique. Ela e conta então que havia pedido uma cachorra para o seu pai e ele comprou, porque ela ficava sozinha, sem ninguém para brincar. Contou que, como não tem uma irmãzinha, sua mãe irá comprar uma para ela (ela é realmente um encanto). Ela se corrige em seguida, dizendo que a mãe irá adotar uma irmãzinha para que ela possa brincar com ela. Diz que a irmã será do seu tamanho e que terá a mesma cor de sua pele e saberá nadar sem boia. Conta que ela mesma está aprendendo a nadar sem boia. Digo que não é muito demorado aprender a nadar sem boia, que demora só um pouquinho.

Ela silencia e eu pergunto se ela gosta de animais. Ela começa então a dizer que o leão só come carne, como a leoa. Digo que é verdade e ela acrescenta que os filhotes também comem carne, um pedacinho por dia. Ela silencia e eu lhe digo que tenho comigo uns quadros com figuras de

animais, e que foi por isso que eu havia perguntado se ela gostava deles. Pergunto se a mãe havia contado isso para ela e ela responde que não. Continua dizendo que gosta muito de animais, mesmo da girafa que tem um pescoço bem grandão, de 230 metros. Conta que havia visto uma reportagem sobre uma japonesa e de um japonês, que eram maiores que o mundo, e em seguida se corrige e diz que não eram maiores que o mundo, mas maiores que os adultos. Ela me pergunta se eu sei qual é o bicho maior do mundo e responde em seguida que é a girafa. Digo que é a mais alta e ela confirma.

Ela silencia e eu então pergunto se ela gostaria de ver os quadros. Ela confirma e eu lhe explico qual será a nossa atividade. Ela conta que naquele dia está levando para casa uma tarefa sobre bichos, sobre a natureza, igual aos meus quadros. Digo que sim, mas a diferença é que no meu não há certo nem errado, que a estória é para ser do jeito que ela quiser. Pergunto se ela quer ver o primeiro e ela acquiesce. Mostro o primeiro quadro e, como ela não faz menção de pegá-los, digo que ela pode fazê-lo se quiser.

Quadro 1

“É de pintinho. De pintinho e de galinha. E o outro? [Então, primeiro vamos inventar uma estória para esse. Aí quando terminar a estória, eu vou te mostrando os outros.] A galinha, ela bota ovos não bota? Aí vêm os pintinhos, e eles comem minhoca? [A estória é sua, não tem certo, nem errado.] Aí, o pintinho foi comendo com uma colher, um tava com um guardanapo, o outro não. Aí a dona galinha foi pegando a minhoca para os pintinhos comer. Aí todos cresceram e... botaram ovos e pronto! [E o que eles estão achando disso tudo?] Que eles botaram ovo, veio mais filhotinho e cresceu. E comeram minhoca tudo de novo. Fim. [Tá, e um título para a estória?] ‘Pintinhos crescidos’”. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o segundo.

Quadro 2

Ela começa a associar imediatamente. “Uns ursos num cabo de guerra. Os ursos tavam com uma corda com cabo de guerra. Aí, um tinha dois, um pai e um filhote, e a mãe tava sozinha. Aí quem ganhou foi o pai com o filho, com a filhinha. Aí, eles começaram a brigar e a discutir. Aí, o filhotinho, correu, correu e correu para longe (ela dramatiza a estória com o tom de voz). Aí o pai e a mãe tentou “porcurar”, procurar, o filhote, e aí, ele tinha ido para a África. Aí ele encontrou um bicho que era igual a ele, uma ursinha, duas ursinhas brincando, uma chamava Laura e outra, hum... Bruna! Aí começaram a brincar. Fim. O nome da estória vai ser ‘ Os dois... as ‘duas ursinhos’, uma Laura e a Bruna’. [Mas e aí, ele vai reencontrar os pais ou não?] Vão... as duas. [As duas, e o ursinho?] Também. As duas ursinhas. [Ah, tá, as duas ursinhas então. E por que você acha que ela fugiu para a África?] Porque eles começaram a discutir e brigar. O nome vai ser ‘Laura e Bruna’”. Ela me devolve o cartão e diz, “Um, dois”, contando os cartões que já vimos. Confirmando sua contagem e lhe digo que agora veremos o quadro número três.

Quadro 3

“O rei leão! Ele é um rei? [É a estória que você quiser.] O rei leão, ele perseguia ratos, que tinha um do lado da cadeira dele. Aí ele olhou, ele pegou e comeu. Que nojo, né? Aí o rato começou a sair da boca dele. E só ficou o rabo na boca dele (ela ensaia um riso). Aí ele engoliu o rabo e ficou. Aí, porque o leão não tinha rabo, ele ficou com o rabo do ratinho. Aí ficou com pelo o rabo do leão. Aí o leão ficou triste, porque ele não encontrava o rato. Aí, o rato percebeu que ele tava sem rabo, sem rabo. Aí o ratinho Teodor e o leão, o Simba. Aí, o Simba, tentou olhar, olhar o rato e aí não conseguiu achar. O Teodor e o Simba tentaram se achar, mas aí não conseguiram. E fim. (Ela liga rapidamente essas duas últimas frases, como se não quisesse dar continuidade às suas associações). [Mas ele come o rato ou não?] Não. [Entendi.] Aí, vai chamar: ‘Simba e Teodor’, porque tem o DVD do rei leão e o Simba. Três. (Ela se refere ao número do cartão)”. Pergunto o que vem depois do três e ela responde “Quatro”. Eu então lhe mostro o quarto cartão.

Quadro 4

Ela começa a associar imediatamente. “O canguru. O canguru tava andando de bicicleta. Aí o outro canguru que é o filho da canguru e o filhotinho tavam indo... comprar algumas coisas. Aí eles já compraram. O... filhotinho... que chamava... que chamava, deixa eu ver, Helena e o outro filhote chamava... hum... Branquinho, e a mãe chamava... ah, deixa eu ver... Juliana, que é o meu nome. Aí eles estavam correndo e brincando, quando o filhotinho caiu, nenhum conseguiu achar. E fim. [Qual que caiu?] Esse daqui. (Ela mostra o filhote que está na bolsa da mãe). [Aí perderam ele?] Não conseguiram achar. [Nossa...] Aí... o nome vai ser... ‘Cangurus com o bebê, com o bebê perdido’. Aí, quatro né? (Ela se refere ao número do cartão) [Quatro. Coitado desse bebê, né?] É.” Ela me devolve o quadro e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 8

“O cinco! A família macaco conseguia pular, comer banana. Aí o filhote se perdeu na mata. Aí, como eles conseguiram achar o filhote, o tataravô e a tataravó e a bisavó, conseguiram achar, mas não conseguiram achar o... irmãozinho. Mas o filhote dos outros conseguiu. Aí, cada um tentou achar, mas não conseguiu, mas o outro filhote conseguiu. Aí pediu para todos os bichos, rei leão, ratinho, canguru e todas as famílias. Aí como não conseguiu achar, o outro irmão achou e fim. Vai chamar: ‘O filhote perdido na mata’. Ela me devolve o cartão.

Comento que há muitos filhotes perdidos na mata nas estórias dela. Ela responde que só tem dois. Digo que há também o que vai embora e ela concorda, dizendo que é o ursinho. Peço então que ela me diga qual foi o cartão que ela gostou mais e qual ela gostou menos. Ela diz que gostou da estória do rei leão, dos pintinhos e do urso. Pergunto se há algum que ela tenha gostado mais e ela responde que foi o do leão. Pergunto qual foi o quadro que ela gostou menos e ela responde que foi o dos pintinhos. Eu então agradeço a ela pela participação na pesquisa e digo que gostei muito de suas

estórias. Pergunto se há alguma outra coisa que ela gostaria de me falar ou de me contar. Diante de sua negativa, digo que terminamos a nossa atividade e nós nos despedimos.

Quando saímos da sala, Helena já está esperando por Juliana na entrada da escola. A menina não a vê e passa direto pela mãe, precisando ser chamada por ela. Eu cumprimento Helena e agradeço a participação de ambas na pesquisa.

Interpretação Juliana

A mensagem transmitida por Juliana tanto no CAT-A quanto na conversa informal que mantive com ela antes da apresentação dos quadros, mostra que essa adorável garotinha vive o início do estágio de dependência relativa de uma maneira estreitamente ligada à realidade psíquica de sua mãe. Nesse contexto, o tema da autonomia e do apego acirrado à mãe orbita em torno da angústia de perda do objeto, que é apropriada por ela porque é parte fundamental da experiência de Helena, particularmente de seu luto pelo filho que se extraviou do ninho familiar. Dessa maneira, a perda se apresenta à Juliana como uma realidade inevitável e, a partir daí, ela empreende toda uma tentativa de elaboração do processo de luto, que passa pela ponderação sobre questões como o que se perdeu, quais são os sentimentos ligados a essa experiência, o que restou, se a recuperação do que foi perdido é possível ou não e, nesse último caso, como conviver com a falta. Desse modo, já em sua primeira comunicação, sustentada por uma relação transferencial estabelecida rapidamente comigo, ela expressa essa preocupação. Assim, diante de sua constatação de que havia esquecido (perdido) um objeto em sua sala de aula, minha resposta, implicando a possibilidade de irmos buscá-lo de volta, ao transmitir-lhe a chance de resgate, já parece aliviá-la um pouco: se a recuperação é possível, ela poderá suportar a falta por um certo tempo (ela pegará o objeto após o final de semana). A certeza de que o objeto estará lá, contudo, é base fundamental para essa confiança. Todavia, ela percebe também que, infelizmente, nem sempre é essa a realidade dos fatos.

Juliana já compreende que é a intolerância e a não aceitação das diferenças por parte dos adultos (entre eles, sua mãe e seu irmão) que provocam os conflitos e geram as perdas e separações. Mesmo que esses desentendimentos não lhe digam respeito, ela é atingida pelos estilhaços deles, de forma direta ou indireta, já que eles ocasionam também uma ruptura, uma descontinuidade em sua vida. É com saudade que ela se lembra do balanço de sua escola em São Paulo, da casa dos avós e da cachorrinha que ela tinha lá, cuja história posterior à sua volta para Ribeirão Preto ela não pode acompanhar (é possível que o balanço tenha sido consertado, que a cachorrinha já tenha morrido; ela pensa na casa do avô). De modo a lidar com a dor dessa nostalgia, ela busca manter elos de ligação com aquilo que viveu (pede para o avô trazer a cachorrinha para brincar com a sua).

O processo de simbolização também já foi descoberto como uma ferramenta importante que ela pode usar contra o pesar da falta e da solidão (o perfume de morango deixado pela outra avó), na medida em que ele permite uma assimilação criativa e pessoal do objeto (diz que o perfume fica melhor nela do que na avó). A introjeção do objeto, nesses termos, permite-lhe prescindir dele, dada à

chance que lhe oferece de cuidar de si mesma e projetar suas necessidades pessoais (ela pergunta ao amiguinho da escola se ele também passou perfume), testando-as na realidade externa (o amiguinho não se perfumou). Nesse contexto, a necessidade da presença do outro, do igual (a irmãzinha), extrapola o combate à solidão que Juliana enfrenta. Ela aspira ao encontro de um duplo de si mesma, que esteja vivendo as mesmas angústias e atingindo as mesmas conquistas (a irmã que deverá saber nadar sem boia), alguém capaz de sustentar a sua autonomia, conferindo-lhe um caráter de realidade. Esse novo tipo de espelhamento não pode mais ser feito pela mãe porque a relação dual tornou-se insuficiente, mas principalmente porque a mãe encontra-se aprisionada num sofrimento do qual a solidão é parte fundamental, contra a qual o único remédio eficaz é a manutenção de um vínculo de exclusividade com a filha. Assim, a fonte da solidão de Juliana é a solidão de Helena. A mãe torna-se, assim, pouco acessível a ela no que tange às suas necessidades de autonomia relativa (a girafa com pescoço de 230 metros, o casal de japoneses maior que o mundo), e a vida adulta pode tornar-se difícil de ser atingida.

Frente a essas circunstâncias, mesmo que o relacionamento com a mãe seja vivido por Juliana como predominantemente bom, havendo mesmo o desejo de identificar-se com ela (quadro 1), existe um risco considerável de que uma ruptura entre as duas se faça necessária para garantir o crescimento da menina por duas razões. A primeira delas é a de que a inflexibilidade e a instabilidade materna (e também do pai) provocam desagregações frequentes no entorno afetivo da menina, seja ele a família nuclear ou extensa. Face a essa deficiência de holding, não há garantia alguma de que, diante de um afastamento provisório, o lar permanecerá intacto até que ela volte. Em outras palavras, o ambiente lhe mostra continuamente que não é indestrutível para suportar as oposições³⁰. Por outro lado, se ela permanece próxima, há o perigo de ser engolida pela mãe (quadro 3) para aliviar a angústia dela por meio da recuperação da simbiose, surgindo uma relação de enclausuramento mútuo. Se o lar não é percebido como suficientemente sólido e se permanecer muito próxima da mãe é uma operação de alto risco, a solução seria o distanciamento e a fuga, pois, mesmo que eles lhe retirem o lar por completo, pelo menos lhe oferecem a possibilidade de buscar alguém com quem contar no meio extrafamiliar (quadro 2). Além disso, a evasão garantiria a liberdade.

Em meio a essas considerações, Juliana se dá conta de que, se optar por essa solução, nada mais estará fazendo que seguir o mesmo destino do irmão (ela dá o nome dele, em feminino, para a ursinha fugitiva do quadro 2). A partir daí, toda uma ponderação sobre os efeitos dessa separação, sobre ela e sobre a mãe, tem lugar. As marcas de passagem de uma na vida da outra não podem ser apagadas. Assim, ela mostra no relato ao quadro 3, que o leão e o rato não são mais os mesmos após o episódio que viveram. Se um deles rompe toda a forma de vínculo (o rato sem rabo), o outro quer vincular-se, mas não há ninguém mais do outro lado (o leão tem o rabo do rato, mas não o animalzinho). Diante de um rompimento definitivo do vínculo, um sentimento de futilidade toma

³⁰ Isso vale também para a própria realidade psíquica da mãe, que pareceu desenvolver um certo nível de depressão com a saída do filho mais velho de casa.

conta dos dois. A partir daí, Juliana busca, então, compreender o sofrimento da mãe, colocando-se no lugar dela (quadro 4). Na inversão de papéis que ela opera para embasar sua empatia, ela constata que, se perder a mãe é demasiado doloroso, perder um filho também o é. A fonte da mágoa da mãe seria, portanto, o irmão que partiu e que mal entra em contato com ela. Ela apreende, pela observação da realidade psíquica da mãe, que após essa separação, a alegria de viver de Helena sofreu muito (no relato ao quadro 8, antes de o filhote se perder, a família macaco conseguia pular e comer banana). Como os esforços da família (nuclear e extensa) para trazê-lo de volta foram em vão, a esperança de retorno foi perdida. Assim, para Juliana, se a perda é irrevogável, nada mais se pode fazer do que apegar-se àquilo que ficou e seguir em frente (ela insiste, no relato ao quadro 8 que, dos dois filhotes desaparecidos, um foi encontrado). É dessa maneira que ela busca compreender o apego quase sufocante da mãe e tolerá-lo. O pedido da irmã não surge, no entanto, como uma tentativa de reparar o sofrimento materno dando mais uma criança para a mãe. Juliana já percebeu que um filho não substitui o outro, como ela não pode substituir o irmão e acabar com a depressão da mãe. A irmã é também uma solução de compromisso, já que atenderia as necessidades de Juliana de uma relação não exclusiva com a mãe e, ao mesmo tempo, a manteria próxima dela. Se esse desfecho não pode ser mais do que temporário, ele ao menos atenderia em parte as necessidades atuais de dependência relativa da criança. Outros detalhes do relato de Juliana ao CAT-A são descritos a seguir, na análise de cada quadro.

Quadro 1

Nesse relato, Juliana descreve uma relação de muito boa qualidade entre a mãe e os filhos, em que esta, capaz de oferecer holding e de suprir as necessidades deles, sustenta-os em seu crescimento. Ela se oferece às crianças como um objeto de introjeção vivo e bom, que é aceito pelos filhos, que se identificam com ela. A vivacidade, assim, permite a criatividade (os pintinhos crescem e têm filhotes). Dessa maneira, o alcance da vida adulta não promove uma maior distinção ou afastamento entre os personagens; ao contrário, eles permanecem no ninho materno, reproduzindo a história da mãe e compondo uma tradição familiar. O ciclo da vida então se desenvolve regularmente, sem conflitos nem mudanças. Esse quadro, considerado por Juliana como o que ela menos gostou, parece ser o menos revelador das inquietações que ela vive; esta parece ter sido a razão dessa sua opção. Contudo, trata-se mais de uma não preferência do que uma rejeição em si, já que ela o selecionou também como uma de suas três figuras preferidas. Assim, o repúdio, estritamente falando, ocorre em relação aos quadros 4 e 8, cujas histórias se referem aos filhotes perdidos.

Quadro 2

É nesse relato que Juliana mostra que as ameaças de desagregação familiar, devidas à intolerância à frustração e à competição entre os pais, resultam numa deficiência de holding para com ela. A angústia diante dessa desagregação iminente (e contínua) é enfrentada por meio da fuga para

um lugar muito distante (África), na busca de encontrar, na relação entre iguais, o alicerce e a provisão de que necessita nesse momento de sua vida, e que os pais não são capazes de oferecer. É também nesse momento que Juliana se dá conta pela primeira vez de que essa forma de agir foi a mesma empregada por seu irmão mais velho (ela chama a ursinha pelo nome dele, no feminino). Todavia, existe ainda uma esperança de recuperação da aliança familiar, em que os pais se unem para encontrar o filhote, embora não haja muita certeza sobre isso (é apenas após a minha pergunta que ela responde, laconicamente, que esse reencontro ocorrerá).

Quadro 3

Após a narrativa anterior sobre a ruptura e a reaproximação familiar, Juliana debate, nesse momento as consequências que essa experiência (que parece repetir-se muitas vezes) acarreta em seu relacionamento com a mãe. Sua percepção é a de que existe uma tentativa da genitora de manter um vínculo indiferenciado para com ela, de modo a garantir a fusão e evitar a separação (o leão deseja ingerir o ratinho). Essa manobra da mãe é percebida pela menina como uma tentativa de enclausuramento no interior do corpo materno, que a angustia e a propulsiona novamente à fuga. O novo corte do cordão umbilical (o rabo do rato) que permite o escape do cárcere materno, contudo, não é seguido apenas de alívio. A falta se faz notar dos dois lados, já que a passagem do outro pela vida dos protagonistas não foi em branco (o rato perdeu uma parte de si e o leão ficou somente com uma parte do rato). Enfim, o rompimento completo e definitivo do vínculo leva à frustração por parte dos dois lados e, com isso, não é uma solução satisfatória para nenhuma das duas.

Quadro 4

Frente à tentativa materna de seu enclausuramento, expressa no relato anterior, e o desejo de manter a união com a mãe, Juliana busca, nesse quadro, compreender o ponto de vista da genitora de modo a encontrar uma solução para o relacionamento entre as duas. Assim, ela se coloca no lugar da mãe (inverte as condições de adulto e criança dos cangurus, bem como os nomes da mãe e o seu) diante de uma criança (ou duas) que vêm conquistando a autonomia e para as quais a mãe não pode mais suprir todas as necessidades (os filhotes vão fazer compras). A autonomia parcial (os filhotes estavam correndo e brincando) implica o risco do desaparecimento, da perda da criança, que nunca mais será encontrada, para o desespero da mãe.

Quadro 8

Em continuidade ao tema precedente, Juliana compreende, nesse momento, que as razões de uma suposta “depressão” materna estariam ligadas à perda do filho. Ela revela, na estória, que, mesmo com todos os esforços mobilizados, a recuperação é parcial: somente um dos filhotes é encontrado. Novas e mais vigorosas campanhas visando o resgate do outro são em vão. Diante da perda irremediável, a única solução seria o apego e a valorização do que permaneceu. Nesses termos, ela

então poderia compreender um pouco mais as razões da atitude da mãe de mantê-la num relacionamento muito mais estreito do que ela gostaria e do que ela necessita e as dificuldades que a genitora impõe à sua socialização.

Em síntese, os relatos de Juliana ao CAT-A mostram que ela é uma garotinha que, do ponto de vista do amadurecimento emocional, encontra-se na etapa de dependência relativa e, da evolução pulsional, no início do período de latência. Nesse percurso desenvolvimental, ela já cumpriu tarefas importantes como a integração, personalização e realização e adquiriu a capacidade para a preocupação e para a empatia. Nesse momento de sua vida, contudo, ela encontra alguns obstáculos ao seu desenvolvimento em função de uma insegurança quanto à instabilidade do lar (que lhe impede ter a segurança de que ele continuará lá, intacto, para recebê-la de volta após suas excursões extrafamiliares), mas sobretudo quanto à atitude da mãe frente a ela. A genitora, acometida por um doloroso sentimento por haver “perdido” um filho, e também incerta da estabilidade de seus outros relacionamentos, busca guardar um vínculo de proximidade estreita e de exclusividade com a filha, mas que não supre mais as necessidades da menina. Sentindo-se um pouco sufocada pela mãe e vislumbrando um risco de ser aprisionada no interior do corpo dela, sua primeira reação é a fuga, na tentativa de encontrar sustentação para a autonomia relativa na figura de pares (vínculos estes dificultados pela mãe). Contudo, esse desenlace não é visto por ela como suficiente por duas razões. A primeira delas é que a mãe continuará a lhe fazer falta e a vida perderá muito de seu colorido sem ela. A segunda é a de que essa alternativa, que a levaria a repetir o destino do irmão, visto por ela como o desencadeador da tristeza materna, agravaria ainda mais a “depressão” da genitora. Nesse contexto, Juliana compreende o apego e a proteção desmedida da mãe diante dela como uma busca de apaciar a sua dor diante de uma perda irreparável. Ela entende, assim, que o temor que a mãe apresenta de sua autonomia está ligado ao de perdê-la também. Diante dessa percepção, ela busca uma solução de meio-termo, que permita atender as suas necessidades de relacionamento com os pares e mantê-la ao mesmo tempo próxima da mãe (a irmã, que deve ser do mesmo tamanho que ela). Mesmo que esse desenlace não possa ser mantido indefinidamente, ele consistiria numa solução temporária e satisfatória, até que ela e a mãe estejam prontas para enfrentar os desafios de construir um relacionamento íntimo entre pessoas autônomas.

Síntese Helena e Juliana

Os relatos de Helena e de Juliana mostram que elas compõem uma díade que vem se debatendo com os desafios inerentes ao alcance do estágio de dependência relativa, especificamente a conquista gradual da autonomia da criança e o processo de desilusão que constitui a sua base. Esse processo é matizado de maneira incontestável pelas experiências e angústias da mãe, que conduzem a menina a vivê-lo de uma maneira muito particular.

Nesse contexto, o relacionamento entre mãe e filha é considerado por ambas como primordialmente bom, havendo o desejo da criança de identificar-se com a genitora. Todavia, as

apreensões de Helena sobre um possível rompimento da continuidade do vínculo entre as duas, parecem colocar certos obstáculos no trajeto de Juliana rumo à maturidade emocional. As experiências de relacionamentos vividas por Helena levaram-na a desenvolver a crença de que a conquista da autonomia separa as pessoas de modo permanente. Essa convicção parece ser fruto de uma expectativa não realizada de poder guardar um vínculo de estreita proximidade com o outro, imutável com o passar do tempo. As mudanças na natureza dos laços e das pessoas parecem ser pouco toleradas por ela, devido à sua pouca flexibilidade para assimilá-las e aceitá-las de modo a considerar que o essencial das ligações pode ser mantido³¹. As diferenças, portanto, significam, pura e simplesmente, ruptura, estabelecendo quase uma relação de causa e efeito entre elas. Frente a essa “certeza”, os vínculos são considerados sempre como demasiado frágeis, passíveis de serem rompidos a qualquer momento. Mesmo que essa visão dos relacionamentos a tenha acompanhado e sido sustentada por várias das experiências que viveu (suas separações e reconciliações com o marido; suas brigas e a dos irmãos com a mãe), uma delas desferiu-lhe o golpe mais cruel de todos: o afastamento do filho do nicho familiar e a evitação deliberada por parte dele de manter contato com ela.

Se o relato de Helena sugere que, mesmo anteriormente a esse evento, ela já buscava estabelecer uma relação de desencorajamento da autonomia dos filhos, para garantir a união com eles, esse episódio, incompreensível para ela, precipitou-a em um luto difícil de aceitar. Frente a esse estado de coisas, Juliana foi tudo o que lhe restou. Assim, se a autonomia futura da menina a levaria inevitavelmente à separar-se e a esquecer a mãe, Helena busca nesse momento a adiá-la o máximo possível. Nesse sentido, como ela percebe que é a entrada de um terceiro na relação que marca a independência e a desunião, ela reduz as chances de socialização que a filha lhe solicita e busca evitar a exposição dela a situações passíveis de suscitar a curiosidade sexual dela. Em suma, socialização e sexualidade, vistas como marcos da vida adulta, são prenúncios do rompimento entre mãe e filha. Porém, essas interdições superprotetoras que Helena impõe não têm como único objetivo aliviar a própria solidão. Sua meta principal é a de proteger a filha de cair em mãos pouco confiáveis que possam causar-lhe sofrimento ou mágoa. Todavia, Helena já percebeu que deverá enfrentar os seus medos, próprios e em relação à Juliana, com relação à crescente aquisição de autonomia da menina, pois, em caso contrário, ela arrisca o amadurecimento da criança. Assim, mostra-se disposta a enfrentar os seus temores, embora ainda não tenha segurança quanto às chances de ser bem sucedida nessa empreitada.

Por sua vez, Juliana, que já foi capaz de cumprir (no que concerne ao estágio atual de seu desenvolvimento) as capacidades de integração, personalização e realização e já atingiu a capacidade para a preocupação e a empatia, clama cada vez mais pelo suprimento de suas necessidades de relacionamento com os pares. Embora a relação com a mãe seja percebida por ela como bastante

³¹ Esse modo de funcionamento psíquico sugere que Helena tenha tido dificuldades no processo de desilusão vivido com sua mãe na infância. Este parece não ter sido sustentado por experiências suficientes de ilusão que lhe permitiriam assegurar-se da continuidade do vínculo, mesmo quando ele se torna diferente.

gratificante, ela não lhe basta mais. É preciso agora sair para o mundo exterior, conhecer quem passa pela mesma situação que ela (os pares) para construir uma história própria, pessoal, mas tendo a certeza de que o lar estará sempre lá, indestrutível, para recebê-la de volta. Ora, os constantes conflitos entre os pais, as mudanças frequentes de cidade desencadeadas pelos desentendimentos e a mensagem da precariedade dos vínculos que Helena lhe transmite, em nada lhe asseguram quanto a isso. Essa incerteza e o receio de ser consumida pela mãe que deseja novamente recuperar a relação simbiótica, a propulsionam para fora do ambiente familiar. A fuga e o rompimento com a família são vistos como necessários para encontrar quem possa sustentá-la no processo de aquisição da autonomia (a saber, os pares). Todavia, o rompimento com a mãe provoca na menina um luto doloroso e um sentimento de futilidade. Ele é percebido como uma reprodução da conduta do irmão, que agravou a melancolia materna, e como uma reprodução da intolerância e da flexibilidade de ambos. Essa constatação, aliada à sua empatia pela mãe, que lhe permite compreender o sofrimento dela e as origens dele, levam Juliana a concluir que a interrupção da relação não é uma solução satisfatória para nenhuma das duas. Ela então se defronta com o paradoxo de como ser autônoma e guardar com a mãe o mesmo vínculo de antes.

A convicção de Helena de que a separação provocada pela autonomia e pela entrada do terceiro elemento na relação não facilita a resolução do dilema de Juliana, que se vê diante de uma situação em que deve considerar que muitas perdas são irreversíveis. Assim, se ela se autonomiza, isso, além de causar-lhe sofrimento, aumentaria sobremaneira o pesar da mãe. Essas ponderações e as reflexões sobre o processo de como elaborar um luto, conduzem-na à conclusão de que o remédio para esse pesar é apegar-se, não ao que foi perdido, mas ao que restou. Se essa conclusão reforça sua necessidade de permanecer próxima à mãe, o problema da necessidade de vincular-se aos pares permanece. A solução que ela encontra para essa antítese é a de pedir uma irmã para a mãe. Esta figura, ao mesmo tempo em que atenderia suas reivindicações de autonomia, espelhando-a, por sua característica de ser gêmea, também atenderia as necessidades da mãe de guardar uma relação de exclusividade com ela. Nesses termos a figura da irmã não se constituiria em um terceiro elemento no vínculo, mas em um duplo de si mesma. Com isso, a chegada dela não ameaçaria a mãe.

A impossibilidade da irmã gêmea, mesmo como solução provisória, não desvaloriza os esforços de Juliana para encontrar um desenlace para o seu paradoxo. Ao lado deles encontra-se também a conclusão de Helena de que manter a relação de exclusividade com a filha é algo inviável. Assim, mesmo se as duas ainda não chegaram a pôr um termo nesse problema, elas percebem que se encontram diante de um impasse que clama por solução. A sensibilidade de Helena de que a filha precisa desvencilhar-se dela para amadurecer, e a empatia de Juliana pelo sofrimento dela, que a levam a desejar manter o forte apego amoroso mesmo depois de crescida, são as ferramentas que ambas dispõem para desatar esse embaraço da dependência relativa, tão ardentemente experimentado por elas.

APÊNDICE CE - Díade Renata e Abigail

Identificação

Renata: 33 anos

Estado civil: solteira

Grau de instrução: médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Abigail, 7 anos

Criança estudada: Abigail

Ordem das entrevistas: 1) Renata

2) Abigail

Narrativa Renata

Meu encontro com Renata aconteceu numa tarde do mês de julho, também agendado pela secretária da escola. Ela é uma mulher de estatura mediana, magra e parece bastante jovem. Tem olhos e cabelos negros, em comprimento médio e pele morena clara. Veste-se com simplicidade e tem uma elegância natural e discreta. Embora seja bastante acessível, às vezes carrega um semblante preocupado, mesmo triste. Embora lhe falte vibração, é bastante comunicativa e logo cria comigo uma sensação de proximidade, o que torna o contato com ela fácil. Desde o início do nosso encontro ela parece estar à vontade.

Ela me acompanha até a sala da psicóloga da escola e eu lhe explico os objetivos da pesquisa e a atividade que vamos realizar com o CAT-A. Informo também que Abigail verá as mesmas figuras que ela, mas que será solicitado à garotinha que invente estórias sobre elas. Após o acordo de Renata em participar da investigação, ela assina o TCLE. Pergunto qual é a sua idade e ela responde que tem 33 anos. Digo que ela é bem jovem e ela ri, respondendo que se considera jovem apesar da sua idade. Pergunto-lhe se tem outros filhos e ela diz que não, que tem somente Abigail, que tem sete anos. Após essa introdução, peço a ela que, antes de começarmos a ver as figuras, me conte um pouco como é ser mãe de sua filha. A partir daí ela inicia um longo relato, com um tom de voz um pouco monótono, como se fosse um lamento. Todavia o contato com ela não é de modo algum monótono e ela também expressa outras emoções por meio da voz.

Ela começa dizendo que é gostoso ser mãe, que ela acha que todas as mães têm altos e baixos na questão da educação, mas que Abigail é uma criança muito agradável e carinhosa. Ela hesita um pouco e depois diz que são apenas as duas, pois a filha não tem convívio com o pai biológico, apenas com o seu namorado, que é quem ela considera como pai. Renata diz que não sabe se é por isso que a filha é muito grudada nela, porque ela tem só a sua família. Diz que a menina está melhorando, pois antes ela era muito fechada; agora ela conversa mais sobre o pai. Ela relata que a filha é muito cuidadosa e protetora com todos, que passa a impressão de mãe, mas ela acha que essas características

não são nada além do que seria esperado para uma criança. A mãe diz que a filha gosta de brincar e de boneca, mas que já tem o lado de querer ser mocinha; diz que a filha é grandona, mas que é um bebê. Renata fala que tenta fazer com que a filha seja o mais criança possível, que às vezes acontecem algumas coisas e que ela diz para a filha que para tudo tem um tempo. Ela diz que fica pensando em sua mãe quando ela era adolescente: sua mãe dizia o mesmo para ela e às vezes ela não escutava, e que, depois que se tornou mãe, percebeu que realmente tudo tem seu tempo. Renata diz que a filha às vezes quer ser mocinha demais e que a mãe diz que aquela hora é para brincar e aproveitar, porque, mais para frente, ela vai ser mocinha e vai querer voltar. Ela diz que a filha é um pouco arredia e que nos últimos tempos estava rebelde, mas que já voltou ao normal. Renata diz que a filha nunca foi de responder, que sempre obedeceu, mas que ela não sabe se, devido à idade, ela queria “colocar as asinhas de fora”. Renata diz que tudo é possível contornar e conta que sua vida é muito corrida, mas que ela tenta ficar o mais próxima possível da filha. A mãe diz que agora a filha está de férias e que ela se pergunta “Ah, meu Deus, o que que eu vou fazer com ela”? Diz que a garotinha já jogou os brinquedos para tudo quanto é lado, que vira e mexe a menina a abraça e à avó e que o avô da menina também está de férias, então eles ficam mais juntos.

Renata diz que a filha é uma criança muito adorável e amiga de todos. Diz “É a Biga, a nossa Biga” (ela começa a se emocionar nesse momento). Ela diz que a filha trouxe muita alegria para ela, a ajudou muito quando nasceu e que trouxe a vida de volta para ela. Conta que a filha nasceu em um momento muito difícil e deu forças para que ela lutasse e continuasse a vida, então ela diz que a filha é um “presente” de Deus. Renata está emocionada agora e diz que não sabe mais o que dizer. Comento que ela sente que a criança a resgatou e Renata responde que sim. Conta que no começo, ela acabou rejeitando a gravidez, que não a queria por causa do pai da criança. De forma bastante hesitante, ela conta que no começo imaginava que ele poderia ser um marido, mas depois ela viu que não era isso, o que foi muito difícil. Todavia, depois de passados cinco meses de gravidez, a filha começou a mexer e a dar-lhe o sentido de mãe; aí a situação anterior passou e ela percebeu que eram apenas as duas. Renata repete que a filha lhe deu forças para continuar a vida, que se não fosse a criança, ela não sabe o que teria sido a sua vida, que a menina foi um pilar para ela. Acrescenta que hoje, mesmo que elas tenham outras pessoas, são apenas as duas, e que, pode ser egoísmo, mas a filha é dela e ela é da filha, que elas estão grudadas, que uma defende a outra e que elas têm uma amizade gostosa. Renata conta que às vezes a filha fala que ela é chata e que ela responde que sabe disso, mas que precisa ser chata quando a filha não está sendo boazinha com ela. Ela diz que às vezes a filha reclama que a mãe não brinca com ela, e então Renata explica que não é por não querer, mas que às vezes há outras coisas que entram na frente, que ela precisa trabalhar, pois são só elas. Renata diz que a filha entende bem isso, apesar de reclamar às vezes, mas que ela é uma criança muito doce e que todos que convivem com ela se encantam. Renata diz que não sabia o significado do nome da filha,

mas que quando leu sobre ele, viu que o havia escolhido corretamente³², pois a filha mudou a vida dos seus pais e o jeito deles serem. Ela conta que sua mãe sempre foi muito fechada, ao contrário do pai que fazia o papel de ficar abraçando e beijando. Renata diz que quando Abigail nasceu, sua mãe passou a beijar, abraçar e brincar, que tornou-se outra pessoa; quanto ao pai, ele só aumentou o jeito que já era. Renata diz que a filha trouxe harmonia e felicidade à família e que ela conquista isso com quem ela estiver e com quem ela se aproxima. A mãe diz que não sabe se isso acaba atrapalhando a filha, porque a menina às vezes quer proteger as crianças, que é o principal convívio dela, mas que nem todos querem isso. Com isso, Renata tenta mostrar para a filha que o mundo nem sempre é colorido, tendo o preto e branco também, que às vezes faz sofrer. A mãe diz que fala para a filha que ela pode ser do jeito que ela é, mas que ela também precisa começar a ver que o mundo não é só felicidade, que infelizmente, também existe um lado ruim.

Comento que não deve ser fácil e Renata concorda, dizendo que sempre se imaginou ser mãe casada, com um companheiro do lado, e que não foi assim. Ela diz que hoje já não é tão complicado porque ela tem um companheiro que a ajuda, mas que antes ela precisava ser mãe e pai, o que era muito difícil, pois ela se cobra muito. Diz que às vezes as pessoas falam para ela se acalmar porque ela é uma excelente mãe, mas ela não se enxerga assim, quer sempre mostrar mais e dar mais e mais e mais. Diz que isso a acaba afetando de alguma forma. Ela repete que as pessoas falam que ela está sendo excelente, mas ela se questiona sobre isso. Renata diz que às vezes pergunta para a filha se é legal e que a filha diz que ela é legal, mas que às vezes é chata. Ela diz que sabe que tem esse lado chato, mas que procura ser o mais correta em todos os sentidos. Diz que no que se refere à educação, ela gosta das coisas muito corretas, que é quando ela acha que vira o lado chato da mãe. Diz que depois que a filha mudou de escola, que tem convívio com mais crianças, a menina mudou um pouco, pois acaba aprendendo coisas de amigos. Então ela diz para a filha que aquilo não é legal, que ela tem que ser ela mesma, que não é porque a amiga vai cair no buraco, que ela vai cair também. A mãe diz que fala para a filha que ela tem que fazer o que a mãe a ensina que é o correto, e não o que a amiga ensina ou fala que é legal. Nessas ocasiões a filha obedece, embora demore um pouquinho e questione bastante. Renata diz que nesse ponto a filha “puxou a ela”, pois ela também é de questionar primeiro, mesmo sabendo que está correto. Renata diz que amadureceu e que hoje pensa mais antes de agir e fazer e que antes ela agia no impulso, e, com isso, acaba apanhando. Diz que não sabe se é certo ou errado, mas não quer isso para Abigail. Renata diz que quer que a filha já tenha lá onde ela tem que caminhar. Em seguida diz que sabe que a filha vai fazer o caminho dela, mas que, no que ela puder proteger e ajudar, ela estará ali.

Comento que ela havia dito que há bastante semelhança entre elas e Renata concorda. Em seguida, diz que a filha é fechada, que é estranho saber o que se passa dentro dela, que isso pode ser percebido pelas atitudes. Repete que a filha é fechada, que não é de se expor. Ela diz então que esse

³² O significado do nome « Abigail » a que a mãe se refere é “razão de alegria”.

jeito da filha foi herdado do pai, que é uma pessoa extremamente fechada, que não é de se abrir. Conta que houve um episódio em que era para fazer um exercício na escola sobre sobrenomes e que foi a primeira vez que a menina realmente se abriu para falar da situação. A menina então lhe disse que aquele não era o nome que ela queria colocar na lição. Renata respondeu então que tudo bem, e que se ela quisesse, poderia conversar com a professora para por o nome do pai que está ao lado dela, mas que ela deveria estar ciente, bem ou mal, que o seu sobrenome era o do outro pai. Renata diz que aí filha começou a chorar desesperadamente e que a mãe não sabia o que fazer, pois aquela foi a primeira vez que ela falou sobre ele. A filha então disse que o Fábio (pai verdadeiro) é legal; Renata então lhe disse que ninguém a estava impedindo de vê-lo, perguntando para a filha se ela queria isso. A menina disse que não queria vê-lo e a mãe perguntou se isso era porque ela tinha medo de magoar o “papito”, que é seu namorado. A filha respondeu que era por isso e Renata lhe disse que ele entenderia. Renata diz que, todavia, ela sabia que já estava criando uma outra situação, porque sabia que o namorado não ia entender, que o ciúme iria falar mais alto. Contudo, na hora, ela pensou na menina: se a filha quer ver o pai, ela iria por o pai na frente, porque o que importa é a menina. No final a filha acabou dizendo que não queria ver o pai, mas Renata não sabe se este “não quero” da menina foi real ou só de momento.

Renata diz então que não consegue tirar as coisas da filha, que já pensou em passá-la por um psicólogo para ver o que ela (Renata) consegue melhorar nisso. Ela diz que o pai é uma pessoa ausente e não vai conviver com a menina. Então, ela tem medo de levar a filha para vê-lo e ele sumir e mexer com os sentimentos dela de novo. Mas no momento, ela disse para a menina “Eu ligo agora; se você quiser vê-lo, a gente vai e faz”. Renata diz que sabe que o pai de Abigail não vai estar presente, pois ele já fez isso várias vezes: aparecer e depois de três ou quatro meses ir embora, sumir. Então, ela não quer que a menina se machuque agora, que mais para frente a filha vai saber se defender, mas que agora, não. Renata diz que acha que a situação vai piorar se a filha vê-lo, porque a família inteira do pai de Abigail não convive e que são pessoas extremamente estranhas e que não têm contato, mesmo entre eles. Sua opção foi, assim, deixar a menina longe por agora, a não ser que a filha diga que quer vê-los. Ela diz que não sabe se está correta, mas que isso é o que o coração dela pede como mãe e sabendo como ele é, que ele vai aparecer e sumir de novo, porque é assim que ele é e sempre foi. Renata diz então que é nesse sentido que a filha se torna fechada. Diz que a filha brinca e sorri, é uma criança feliz “aparentemente, não sei dentro, porque ela não fala”. Renata completa dizendo que não sabe se Abigail irá se abrir e falar comigo, mas que ela acredita que em um primeiro instante ela vai ficar quieta. Renata diz então que neste sentido a filha é o oposto dela, pois ela fala muito, completando que ela aprendeu a ser assim, a colocar as coisas para fora e falar. Conta que antes ela esperava dois ou três dias para depois ir falar e que aí já tinha passado o acontecido; hoje ela prefere falar na hora, porque depois é tarde.

Renata diz que essa é a sua vida, que ela tenta ser a melhor mãe possível, dentro do que pode. Ela conta que, financeiramente, já teve uma estrutura melhor com a filha, mas que hoje a criança

entende os motivos do que a mãe passa. Conta que no começo dessa situação, a menina questionou muito essa perda, mas depois elas conversaram e agora, “Se não tem, não tem: na hora que tiver a gente faz ou a gente vai e compra”. Ela acredita que a filha conseguiu entender a mensagem. Ela diz que acha que esse foi um dos motivos que geraram a “rebeldiazinha” da filha, por conta de um erro dela (Renata) de dar sempre tudo e achar que está sempre bem. Porém, a filha entende bem, apesar do tamanho e de as pessoas falarem que ela é uma criança; assim, ela tem um lado adulto nela que entende as situações, mesmo não gostando.

Renata me pergunta o que mais eu quero dela e ri. Comento que ela parece ficar bastante preocupada com a questão de a filha ter um pai biológico ausente e que ela tenta suprir essa falta. Renata diz que tenta mesmo, que as pessoas falam que ela não pode ser assim, que a menina tem que entender. Por sua vez, Renata diz que não acha isso justo, que ela teve um pai irrepreensível, um “paizão” e que o fato de a filha não ter isso a incomoda. Renata diz que a filha tem o seu pai (avô), seu irmão (tio) e o namorado que a trata como filha e faz tudo por ela, mas que ela não admite a situação de o pai da menina não ir atrás, não tentar ser pai dela. Ela conta que a cunhada dele, com quem hoje ela não convive mais, diz que ele ama a filha, mas Renata questiona que amor é esse, porque quem ama quer estar junto, mesmo que vá à justiça para isso. Acrescenta que, se fosse o contrário, ela ia querer ficar 24 horas presente, mas que ele não tem esse interesse. Então a preocupação dela é essa, de colocar a filha na frente do pai e ele sumir e machucar a menina e ela crescer machucada. Renata conta que às vezes as pessoas falam que Alexandre (seu namorado) está sendo o pai dela e que ela não deve mexer no que está guardado. Assim, se lá na frente o pai biológico resolver manter o contato, aí a menina já vai estar maior, vai estar entendendo e ela vai decidir se quer conviver com ele ou não. Porém, Renata não consegue agir assim porque isso a incomoda e ela tenta ser mãe, pai, avó, tio e tia, amigo, tudo o que tem e conviver com isso. Ela fica muito preocupada com o que Abigail sente e pensa, o que ela não sabe, porque a menina não fala. Completa dizendo que a única reação que ela obteve da filha foi essa do choro, que mostrou que a menina realmente sente falta do pai biológico; mesmo tendo o Alexandre por perto, a menina sabe que ele não é o pai dela. Renata diz que sente que isso incomoda a filha, que isso pesa. Ela diz que a filha e o “papito” são um grude, que ela (Renata) tem que ficar no cantinho, que é ele quem faz ela dormir e exerce o papel de pai. Ela diz que tem medo de quebrar isso e machucá-lo também, pois ele a adotou como filha e de repente entra uma pessoa no meio que não está nem aí com nada e vem querer desmontar isso que existe entre eles. Diz que talvez a pessoa não desmontaria o que existe entre a filha e o seu namorado, mas fica uma suspeita. Ela repete que isso a incomoda e diz que gostaria que as coisas tivessem sido de outro jeito, mas não foram. Renata diz que precisa aceitar isso e ver o que acontecerá daqui para frente, completando que ela tenta ser a mãe heroína, que no caso seria o pai.

Comento que deve ser pesado assumir esses dois papéis e Renata responde que sim, que é bastante pesado, mas que Deus lhe dá forças para lidar com as situações. Ela diz que achou que não teria capacidades para isso, e que hoje ela vê a filha crescendo com saúde e feliz. Diz que não pode

dizer que a filha não seja feliz, porque estaria mentindo. Diz que vê a filha crescendo do jeito que está, inteligentíssima, e isso a fortalece. Mesmo assim, ela se questiona muito se ela está sabendo educar, pois o mundo hoje está muito difícil e perdido, que ela pensa muito sobre lá na frente, querendo saber se está fazendo certo, se o que está ensinando é o correto ou se está sendo rígida demais. Diz que isso a faz questionar várias coisas em si mesma, que ela tem medo de chegar lá na frente e falar “Você perdeu!”, “Você não soube segurar sua filha.” Ou então “Parabéns, você fez tudo correto.”. Ela diz que espera ganhar um parabéns lá na frente e que a filha siga um caminho bom, que continue sendo do jeitinho que é. Renata diz então que eu vou gostar da filha. Nós duas rimos e ela me diz que eu não vou ver uma criança de sete anos pelo tamanho. Brinco que seria mais fácil se houvesse uma receita. Renata ri, dizendo que seria bom se ela soubesse que era para colocar tanto disso, tanto daquilo, que tudo vai dar certo, mas que isso vem de dentro. Completa que é muito bom ser mãe, que isso fez com que ela aprendesse como agia com sua mãe. Diz que isso não se refere à época em que tinha a idade de Abigail, porque nesse período, a mãe só precisava olhar para ela e não falar mais nada. Diz que, porém, quando se começa a ficar adolescente, e vai ficando aqueles “aborrescentes” insuportáveis (sic), a mãe fala e o filho não escuta. Depois, ela viu que a mãe realmente estava certa e que ela quer mostrar isso para a filha, não como mãe, mas como amiga. Ela conta que outro dia disse para a filha que não queria ser apenas sua mãe, mas também sua amiga. A menina então lhe disse que ela não era sua amiga; Renata então respondeu que nada impede isso, pois a mãe tem que vir em primeiro lugar e tem que confiar primeiro nela, pois ela vai ajudá-la em qualquer instante. Renata diz que a mãe sempre falava isso para ela e que ela nunca colocou fé, e que é verdade que às vezes a gente confia mais num amigo do que na família e acaba levando um “chumbo grosso” no final, que muitas vezes a pessoa se decepciona. Então ela quer mostrar isso para a filha, que ela sempre vai estar do lado dela, que por mais errada que a menina esteja, ela vai estar ali para ajudá-la. Diz que mesmo que em algumas situações ela não vá passar a mão na cabeça da filha, ela vai estar ali para o que der e vier. Ela diz que o “fardinho” de ser mãe é bem complicado e que o ditado “mãe é padecer no paraíso” é verdade. Ela acrescenta que tem gente que diz que ser mãe é muito fácil, mas que só é assim com as mães que não se importam com nada, para quem tudo está bem, mas que ela não consegue ser assim. Ela não sabe se a razão desse seu jeito de ser tem a ver com a educação que ela teve, pois precisava ser tudo correto, tinha que ser educado e nunca responder. Ela diz que as pessoas precisam ter educação e respeitar o que os outros pensam e que ela tenta passar isso para a filha: ser sempre honesta, por mais que seja difícil, pois foi isso que a mãe ensinou a ela. Renata diz que às vezes ela e os irmãos podem ser mal educados e acabar respondendo mal, mas que sabem sempre quem é a mãe. Ela conta que hoje ouve muito mais a mãe, sendo que às vezes esta diz para ela não fazer alguma coisa e ela diz que vai pensar e que normalmente não é por aí. Assim, hoje ela enxerga a sua mãe de forma diferente, e constata que as pessoas cuidam mais da mãe quando se tornam mães. Ela diz que quando as pessoas são adolescentes, elas não estão nem aí com nada e que ela quer que a filha tenha amizade com ela para lhe contar as coisas que acontecem, perguntando o que pode fazer, ao invés de ser uma filha que faça

tudo lá fora por medo da mãe vir e fazer um escândalo. Então, ela não quer isso, mas sim que a filha conte com ela. Comento que ela quer que a filha confie nela e ela diz que sim, devido ao mundo que está aí fora, que está cada vez pior.

Renata diz que ser mãe é bom, apesar de seus altos e baixos. Diz que às vezes fica olhando a filha dormir e que esta dorme encostada nela, enrolando o seu cabelo e que às vezes ela acaba dormindo antes da menina na cama dela, e não vai para a própria cama. Ela repete que a filha fica grudada no seu cabelo e que às vezes vai para a própria cama. Ela então fica olhando a menina, admirada com o seu tamanho. Diz que há sete anos a menina estava chorando, três meses gritando em sua orelha a noite inteira, mas que foi muito bom quando ela era pequena e que são várias etapas de experiência. Ela conta que no dia da entrevista, sua mãe estava com ela lhe ajudando e a menina chegou perto e encostou na avó. Renata então perguntou o que ela queria e ela respondeu que queria um abraço. Renata conta que a filha fica 24 horas abraçando e beijando, dizendo que a ama e aos avós. Diz que às vezes para e vê o quanto a filha é grudada. Ela relata que há um tempo a filha não queria que ela saísse, mas que ela mostrou para a filha que não deveria se comportar desta forma, pois ela podia sair sem a mãe e esta não ficava chorando nem fazendo birra. Então se a menina continuasse assim, também não poderia sair mais; depois disso, a filha parou com esse comportamento. Repete que a menina é muito carinhosa, que ela às vezes está trabalhando e a filha vem beijá-la ou quer colo. Diz que às vezes as pessoas se admiram pela menina pedir colo na idade que tem, mas Renata diz que vai dar colo para a filha sempre que puder. Ela diz que até mesmo quando a filha estiver maior que a mãe, ela deve sentar no colo da mãe, pois isso é gostoso. Diz que tem isso com os próprios pais até hoje, embora precise agarrar a mãe, porque ela é mais fechada e não deixa ninguém chegar muito próximo dela. Ela diz que é gostoso ter isso com um filho, por mais este já esteja um “cavalo”, gigante. Renata conta que foi criada assim, que seu pai a ensinou a abraçar, beijar, ter carinho e contato; diz que acha isso muito bom e tenta transmiti-lo para a filha. Renata diz que há um tempo teve depressão e que acha que a filha sentiu muito isso, porque ela não conseguia estar muito próxima, pois estava sempre irritada e nervosa e acabava descontando em quem não precisava. Hoje ela sarou, pois percebeu que a filha dependia dela e ela não poderia ficar como estava. Renata diz que hoje passa a maior parte do tempo brincando, rindo e fazendo cócegas na filha. Diz que às vezes a filha fala que a mãe não brinca com ela. Renata diz que não faz isso 24 horas, mas que o tempo que ela tem, ela fica rindo e brincando com a filha. Ela assiste filmes com a filha e, na maioria das vezes, acaba dormindo na cama com ela, pois a menina pega no seu cabelo e ela dorme antes. Renata conta que falou para Abigail que ia dormir na própria cama, mas a menina não gostou. Ela então explicou à filha que não é bom ficar só grudado, senão daqui a pouco a mãe não poderá nem ir à esquina sem que a filha chore (ela fala sorrindo).

Renata repete que gosta de ficar grudada com a filha. Ela relata que naquele dia, a filha foi dormir e ela deitou do lado da menina e pediu um abraço. Aí a filha lhe perguntou como poderia pegar no seu cabelo. Ela diz que a filha pede para dormirem agarradas e que a garota gosta. Renata diz que às vezes se acha brava demais, exige demais da menina, que esquece que ela é uma criança e a trata

como uma adolescente. Diz que sabe que não deve ser assim, que ela tem algumas parcelas de erro com a filha, e que pensa que precisa parar, pois às vezes olha as atitudes da filha como se fossem as de uma criança de 12 anos; então precisa lembrar que a filha é uma criança. Ela conta que às vezes a filha tem atitudes que parecem ser de uma adolescente, mas depois quando ela para e analisa, percebe que são atitudes de criança. Ela diz que é por isso que pensa em procurar uma psicóloga, porque ela precisa ver se sendo exatamente correta (sic), se está agindo direito com a filha, pois pode achar que está certa, mas está errada. Diz que às vezes para e se pergunta se está sendo boa ou não. Aí ela começa a observar as amigas, se analisa e diz que é melhor do que elas, por ser mais presente na vida da filha do que as outras mães. Ela diz que faz essas análises, mas que não sabe até que ponto está correta, finalizando que tem incógnitas em sua vida de mãe, mas que é muito bom.

Renata conta que agora a filha pede para ter um irmão, mas que ela lhe diz que não. Renata diz que não sabe se quer isso, apesar de sempre ter sonhado ter um casal de filhos. Ela diz que hoje não sabe se quer ter outro filho ou ficar somente com Abigail. Diz que não sabe se isso é bom ou ruim, porque acaba sendo também egoísmo, apesar de seu namorado também falar que não quer outra criança. Pergunto-lhe por que ela pensa assim. Ela responde que às vezes vê os seus amigos que são filhos únicos e constata que acaba ali a continuidade da família, que depois que os pais morrem, eles ficam sozinhos. Ela diz que é claro que depois o filho único vai constituir família e ter os próprios filhos. Contudo, ela observa uma amiga que é filha única e esta fala que vai ter outro filho, que ser filho único é ótimo, mas falta alguma coisa porque não se tem um irmão para conversar, um contato de família. Diz que o filho único tem os amigos, mas hoje ela (Renata) analisa e constata que ela própria gostaria de ser filha única porque tem os seus lados bons, porque é tudo para a criança. Isso, contudo, acaba tornando a criança um pouco egoísta, pois tudo o que ela tem é só dela, como o pai e a mãe, ou a casa. A mãe diz que tenta orientar a filha a dividir o que ela tem com os amigos para evitar isso, mas que a filha quer ter um irmão. Renata diz que pode ser que um dia ela resolva ter outro filho, que já teve vontade disso, mas que não deseja mais um casal como antes, mas que gostaria de ter outra menina. Ela repete que não sabe o que quer, que em alguns momentos tem vontade de ter outro filho e em outros não tem. Diz que teria outro filho somente se Deus mandasse e lhe dissesse: “Filhinha, você vai ter mais um, sim, eu estou mandando”. Renata justifica dizendo que gosta muito do convívio dela com a filha, sem ter que dividir o amor. Ela fala que na sua casa eles são em três irmãos e que a mãe diz que o amor é o mesmo, embora eles tenham jeitos diferentes. Pergunto se os irmãos também vivem na casa e ela responde que não, que a irmã morava com ela até dois anos atrás, mas se mudou. Quanto ao irmão, depois que Abigail nasceu, ele praticamente sempre morou fora por causa do trabalho, indo até a casa a cada quinze dias. Ela finaliza dizendo que hoje na casa moram apenas ela, a filha e os seus pais. Ela diz que, mesmo sabendo que a mãe gosta dos filhos de maneira igual, às vezes as atitudes dela são diferentes com cada um e que ela mesma não sabe se gostaria de ser assim. Ela diz que acha isso estranho e que não sabe se é por isso que pensa em ficar somente com Abigail. Renata diz que às vezes sente ciúmes dos pais, porque os tratamentos são diferentes. Ela repete que os três irmãos são

diferentes, que cada um pensa de uma forma, e que aí é que acaba tendo as afinidades. Ela conta que brinca com a mãe quando o “filhinho” dela vai chegar, pois os dois são muito grudados. Renata diz que sua irmã foi quem ficou mais de escanteio, pois Renata é mais grudada com o seu pai, e a irmã, que é a mais velha, ficou dividida entre os dois, o que sobrasse era dela (Renata ri). Diz que a mãe e o irmão têm uma afinidade muito grande e que ela acha isso muito bonito. Diz que não tem ciúmes do irmão, mas sim de sua irmã com a mãe, apesar de achar que isso é uma bobeira, pois não tem motivos para isso. Ela repete que não tem ciúmes do irmão e que acha que isso acontece porque tem mais afinidade com ele do que com a irmã. Ela completa dizendo que não sabe se quer guerrinhas e briguinhas entre os filhos, que se ela soubesse que eles seriam unidos, se Deus lhe dissesse isso, que não haveria brigas entre as crianças, ela pensaria de uma forma diferente. Contudo, por enquanto a ideia de ser mãe novamente saiu de sua mente, que está no coração, mas guardadinho. Diz que pode ser que ela volte a ter vontade disso, mas agora não tem e está bastante satisfeita somente com Abigail.

Renata diz que quando desejava ter outro filho, a filha não queria, mas que agora a menina cobra bastante isso. Ela diz que tudo pode mudar, que tem tanto ensino, educação e escola, que ela tem dúvidas se vai conseguir dar a outro filho a mesma educação que dá para Abigail. Ela diz que tem uma amiga que está quase infartando porque terá o terceiro filho e ela não poderá, com isso, colocar o outro filho que tem numa escola privada. Então, Renata fica pensando se compensa ter outra criança sem poder dar a ela tudo o que ela dá para Abigail. Ela diz que a educação é muito complicada e repete que não acha justo colocar outro filho no mundo se não puder dar a ele o que deu e dá para a primeira. Ela diz que analisa muito a condição financeira e que tudo hoje é muito difícil. Assim, se tiver condições, com certeza terá outro filho, mas agora está decidido que não quer isso. Ela ri e diz que essa decisão é consensual com o namorado, porque ele vê o quanto é difícil criar, pois ele está ali presente e vê isso quando ela está desobedecendo. Então ele diz que devem ficar somente com Abigail, que já está maiorzinha e que seria difícil começar tudo de novo. Diz que pode ser que eles mudem de ideia, mas que, por enquanto, está tudo bem. Ela encerra o seu discurso e silencia.

Proponho então que vejamos os quadros do CAT-A. Ela aceita e eu digo que vou mostrar-lhe as gravuras e que gostaria que ela falasse tudo o que vier à sua cabeça em relação a sua experiência com Abigail. Mostro-lhe, assim, a primeira figura.

Quadro 1

Renata observa o quadro por 10 segundos e diz que ele é bem a sua cara, que é a mãe bem protetora, que fica bem em cima, grudada. Ela diz que o quadro parece sua mãe cuidando dos três filhos. Conta que a mãe sempre foi de colocar os filhos embaixo da asa e que ela acha que segue o mesmo caminho, pois procura observar tudo e tenta ser o mais correta possível. Diz que ela própria é meio galinha no sentido de cuidar e colocar debaixo das asas. Ela diz que às vezes não se acha muito assim e pensa que é megera demais. Apesar disso, ela acredita que o quadro se refere à mãe, que é aquela que cuida, protege, dá amor e carinho e que isso é o que ela sente vendo essa mãe gigante

cuidando dos filhotinhos. Renata completa que às vezes tenta levar ao pé da letra a palavra “mãe” com Abigail. Diz que às vezes ela vê na televisão cenas tão trágicas que ela fica se questionando como essas pessoas conseguem (ela é imprecisa nesse momento e não completa a frase). Ela diz que a mãe não se desfaz de nenhum filho, que ela está sempre ali cuidando, protetora. Conta que a foto fez com que ela se lembrasse de sua infância, de um dia em que ela foi pegar um pintinho da galinha e esta correu atrás dela. Fugindo, Renata caiu e rasgou o braço, tudo porque pegou o pintinho na mão e queria acariciá-lo. Renata diz que isso lhe fez um estrago até hoje (ela ri). Diz que a galinha não pensou duas vezes e foi para cima dela quando ela se aproximou do pintinho. Diz que na época era um “catatauzinho”, do tamanho de Abigail. Enquanto ela não colocou o pintinho no chão e este não voltou para ela, a galinha não sossegou. Renata diz que é assim também: não admite que ninguém ponha a mão no que é dela. Diz que se for para fazer o bem, tudo está bem, mas se for para fazer mal, ela vira onça. Diz que a galinha do cartão passa um ar de protetora, de mãe. Diz que acha que ela e a galinha são muito protetoras, e que a sua mãe também é assim, embora elas discutam às vezes. Diz que com ela é assim: “Não fale mal de minha mãe nem dos meus filhos, porque aí a coisa muda de figura”. Diz que eles podem falar mal de si entre eles, mas gente de fora, não. Renata diz novamente que é muito protetora, que é uma galinhona bem grandona, como a da figura, e que acredita que a filha percebe isso. Conta que às vezes vai alguma criança até a sua casa e esta diz que a Abigail não fez nada, mas que ela sabe que a filha fez, pois analisa tudo e não passa a mão na cabeça dela se ela fizer algo de errado.

Renata conta que outra dia fez uso de uma psicologia meio radical com Abigail. Relata que havia duas amigas da filha em sua casa e que, quando chegou a terceira, ela disse para a filha que não queria que ela desfizesse desta terceira, que era para todas brincarem juntas. Abigail concordou, mas após algum tempo, a menina que chegou por último começou a chorar, dizendo que as outras haviam passado cola no cabelo dela. Ela diz que então chamou as meninas e perguntou para Abigail porque ela tinha feito isso e ela respondeu que era porque a amiga também havia feito. Renata respondeu que não estava perguntando sobre a outra menina, mas sobre ela. Renata então perguntou para a amiga porque ela havia feito isso e a menina respondeu que não sabia o porquê. Renata então pediu à menina que havia sido vítima para pegar o tubo de cola; a criança o fez e Renata passou cola na mão dela e a fez passar a mão no cabelo das outras, perguntando se elas haviam gostado disso. As meninas responderam que não e então Renata disse que não era para elas fazerem para os outros aquilo que não querem que façam para elas. Acrescentou que é muito triste fazer uma coisa sem pensar, pois elas não gostaram de receber cola no cabelo. Disse para as meninas não fazerem mais isso e irem pedir desculpas para a primeira garotinha. Renata diz que às vezes as pessoas lhe dizem que ela é muito radical, mas ela discorda; diz que nessa situação somente procurou mostrar para as crianças o que é certo e errado na prática, pois ela acredita que não ia adiantar falar para as meninas, pois elas não iam ver a realidade. Ela diz que a filha chorou, mas ela é assim: quando alguém lhe dá um motivo para se sentir mal, ela chora. Renata explicou para a filha que a brincadeira de mau gosto não era necessária,

pois elas estavam brincando e ela havia dito para a filha guardar a cola, mas esta a desobedeceu. Ela diz que sempre procura falar para a filha pensar antes se vai gostar que façam aquilo com ela, pois nem sempre isso vai acontecer. Ela diz que a filha ficou um pouco triste, mas que elas voltaram e brincaram, sendo que ela disse para Abigail que se ela estivesse certa, ela a teria defendido. Renata diz que sua mãe fala que ela é muito má, mas que isso não é verdade, pois o que ela quer mesmo é mostrar para a filha o que ela está fazendo de errado. Diz que às vezes a filha faz uns episódios e então Renata mostra para ela na prática que não é para fazer. Ela diz que mostra para a filha que o que é errado pode magoá-la, assim como está magoando quem está do seu lado. Diz que acha que deve ensinar a filha enquanto ela é criança, porque quando se torna adulto ou adolescente, não adianta: se já nasceu estragado, vai crescer estragado. Renata diz que às vezes é meio radical, pois quer que a filha siga o caminho certo. Diz que às vezes se questiona se está fazendo o certo, que pede ajuda lá de cima (ela ri), mas que não admite coisas erradas. Ela diz que a filha já levou tapas, mas que faz muito tempo que isso não acontece, pois ela tenta ensinar mais no diálogo ou na prática, mostrando o que ela está fazendo, se está certo ou não. Ela conta que não gosta de bater na menina, que ela mesma apanhou de sua mãe, mas nunca de seu pai e que nunca o desrespeitou. Diz que o pai sempre mostrou para os filhos que não é necessário bater para educar, que existem outras formas de fazer isso. Renata conta que há dias em que ela está preocupada com outras coisas e, diante da contínua desobediência da filha, grita com a menina. Aí Abigail lhe pergunta por que ela gritou e Renata lhe diz que foi porque a menina não a estava ouvindo: então precisou aumentar o tom para ver se ela a escutava. Acrescenta, para a menina, que quer falar com ela em um tom de voz normal. Renata volta a observar o cartão e, num tom de voz mais infantilizado, diz que o achou bonitinho, porque viu uma figura bem protetora, que ela ficou bem grande perto dos filhotes dela. Ela me entrega o quadro e eu lhe apresento o seguinte.

Quadro 2

Renata observa a figura em silêncio por 14 segundos, interrompidos somente por um “Ai!”. Depois diz que a figura parece ela e a filha brincando, que parece um lado também... (ela hesita e não completa a frase). Renata fica em silêncio por mais 5 segundos e diz que está tentando ver o que está sentindo dessa figura (ela tem dificuldades diante da imagem; seu tom de voz é mais baixo). Depois de mais um silêncio (6 segundos), ela diz que parece a sua mãe com o pai, que ela não sabe. Diz que vai tentar ir mais para o lado da mãe porque é esse o assunto (de nossa conversa). Diz que é o filho ajudando a mãe, um lado amigo, unidos. Ela diz que acha que é um lado como “Pode contar comigo, porque eu estou aqui; eu vou te dar forças”, tanto um quanto o outro. Diz que é algo como “Vou estar sempre do seu lado, sempre te ajudando”. Ela diz que a filha faz isso. Renata conta que já teve um relacionamento que lhe fez mal e que Abigail vinha e dava colo para ela, dizendo que ela não deveria ficar triste, sempre apoiando e sempre levantando o seu ânimo. Renata fala que sempre que Abigail percebe que há uma situação mais forte, a filha está ali para lhe dar apoio, ajudar e animar. Renata diz

ver no quadro algo como “a união faz a força”, quando se tem uma amizade com o filho, quando a mãe trata bem, cuida, que assim vai haver sempre uma troca de favores de um pelo outro, do tipo “Ah, eu preciso de você agora”, “Eu estou aqui” e “Ai, mãe, eu também preciso”, “Então, vem cá”. Renata diz que seria então essa relação de união, de um estar junto com o outro. Ela acrescenta que espera ter essa união com a filha a cada dia mais, de força, de uma pela outra, de que quando uma precisar, a outra vai estar ali para ajudar. Ela sorri e diz que ela e a filha vão conseguir isso. Renata me devolve o cartão e eu lhe apresento o seguinte.

Quadro 3

Ela olha o cartão e imediatamente começa a dizer “O leão, o leão, esse leãozinho aqui...”. Depois fica em silêncio por 12 segundos e diz que não sabe, mas o que sentiu é que a figura transmite sabedoria, como lidar e enfrentar os obstáculos, não ter medo de seguir em frente e de lutar pelos objetivos. Diz que o cartão transmite também preocupação, que ela acha que é uma coisa que vai haver sempre. Ela diz que o rei, o leão como rei da selva, demonstra força, coragem e que ela acha que é lutar, ir atrás e não ter medo das coisas. Ela então diz: “Essa mãozinha dele ficou altinha, um pouquinho”. Renata diz então que a figura é ser velho com sabedoria e chegar ao final e dizer que venceu, errando, mas sabendo que pode sempre acertar, pois sem erro nunca se vai aprender e crescer. (O tom de voz de Renata é monótono, um tanto reflexivo, quase triste, desde o seu relato ao cartão anterior). Ela diz que o erro é necessário na maioria das coisas, porque é só errando que se aprende o que é melhor e o que é certo. Renata diz que se chegar ao final de sua vida e ver que a filha cresceu bem, estruturada, mesmo que não seja uma pessoa extremamente bem do ponto de vista financeiro, mas que ela (Renata) veja que pode morrer e que a filha vai deslanchar e estar bem, ela vai levantar a mão para o céu e ver que venceu, pois realizou o seu objetivo de mãe. Ela diz que toda mãe quer isso, quer ver o filho vencendo e tendo uma vida boa, porque ninguém gosta de ver o seu filho indo pelo caminho errado. Renata diz que quer envelhecer sem preocupações, chegar ao final e ver que está tudo certo, que pode ter havido os altos e baixos, mas que deu tudo certo lá no final, que ela conseguiu realizar ao menos um pouco do que ela tentou e sonhou. Ela diz: “Vamos ver como é que vai ser lá na frente” e sorri de um modo um pouco ansioso. Ela completa dizendo que cada etapa é uma etapa “Ai Jesus!”. Diz que “não quer nem ver” e que às vezes pensa e fala “Ai, meu Deus, daqui a oito anos, ela vai estar fazendo quinze, e aí, como é que vai ser?”. Ela ri de uma forma um pouco ansiosa e diz que espera que seja tudo legal. Comento que será outra etapa e Renata diz que sim, mais uma, porque antes, às vezes, ela falava que a filha ia demorar para chegar aos sete anos, mas que agora ela já está quase com oito e que passa muito rápido. Diz que tem que tentar aproveitar ao máximo esse tempo que vai passando, porque às vezes as pessoas deixam passar demais e depois não tem como voltar. Então, tem que aproveitar bastante os dias com ela, as horas. Renata diz que nesta semana a filha está tão boazinha que ela está até com medo e depois, rindo, completa que ela está uma gracinha e que é assim que gosta da filha. Comenta que nenhuma mãe gosta de ver o filho respondendo, mas que ela

própria já fez isso e não há razão para que Abigail deixe de fazê-lo. Conclui dizendo que tudo é aprendido, que ela já cresceu muito com a filha, que a menina a ajudou bastante. Renata me entrega o cartão e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 4

Renata observa o cartão, diz “Mamãe canguru” e ri. Depois, diz que ela é muito assim com a filha, pois dá muito colo para a menina. Ela diz que às vezes está andando no shopping e as pessoas olham, porque a filha é maior que ela, mas que ela gosta de dar colo e de proteger, de estar bem junto. Ela diz que a cena é gostosa, que é um piquenique o que ela está fazendo (seu tom de voz é interrogativo). Renata diz que gosta de fazer isso com a filha, e relata que na semana anterior havia ido com ela ao Simba Safári. Lá, elas passaram um dia muito gostoso e se divertiram bastante. Ela diz que a filha não teve algo que ela própria teve muito na infância, pois nas suas férias ela ia com os irmãos para o sítio de seu avô e Abigail não teve esse contato com terra e animais, como cavalo e vaca. Já Renata teve essa coisa muito gostosa de pisar na terra e sair correndo para o meio dos cafezais. Ela conta que quando ficou sabendo que haveria o Simba Safári na cidade, ela quis que a filha fosse vê-lo, para ter esse contato com os bichos. Ela diz que o avestruz se aproximou delas e que ela (Renata) deu a mão para alimentá-lo. Abigail ficou com medo de ser mordida e Renata lhe disse que isso não ia acontecer. Depois, quando foram ver os veados, Renata chamou a menina e disse-lhe que iria colocar a sua mãozinha em cima da dela e que ambas iriam dar comida para um dos animais. A menina então o fez e se sentiu o máximo por ter alimentado o veadinho. Renata diz que a filha não teve a oportunidade que ela teve de acordar cedo para levar a marmita às nove horas da manhã para quem estava trabalhando no meio do mato e de depois voltar e subir em abacateiro, brincar com os cachorros e com os porcos. Ela diz que acha isso importante para a criança e que o Simba foi um dia muito agradável, apesar de acreditar que estava mais empolgada do que a filha. Renata ri e explica que depois a menina ficou com nojo de sua mão porque o veado havia comido nela; então ela explicou para a filha que ela poderia lavar a mão. Depois a menina quis dar comida a outros animais, mas nenhum deles chegou perto e então a mãe lhe disse que elas voltariam em outro dia, de carro, porque aí elas ficariam dentro do Simba Safári o tempo que fosse preciso para a menina brincar. Renata diz que gosta de levar a filha para passear, que leva a menina para o Curupira, que elas fazem piquenique e levam ração para os peixes, que ela gosta desse contato com a natureza. Conta que às vezes elas fazem o dia da mamãe e da filhinha e vão ao shopping ou ao Gorilão. Renata conta que esses dias foi pular corda com a filha na rua, com outras crianças e que ela gosta deste ser criança e que acha que as pessoas precisam ser crianças eternamente, por mais problemas que tenham. Diz que esse lado criança é bom demais. Ela conclui dizendo que vê no quadro o lazer da mamãe e da filhinha. Ela me entrega o cartão e eu lhe apresento o último.

Quadro 8

Enquanto pega o cartão, Renata diz, brincando: “O que que será que eu vim fazer aq...”, mas não completa essa frase. Em seguida, ela diz: “Ai, meus bichinhos, os macaquinhos!”. Ela então diz que o quadro se refere à família, à educação, ensino. Diz que acha que uma figura é a mais velha (a macaca perto do filhote). Renata diz que gosta desse negócio de contar história, conversar, bater papo. Completa dizendo que na casa dela ultimamente isso não anda acontecendo muito, mas que é bom o ar de aconchego e proteção, de saber que você pode chegar e que vai estar protegido lá dentro, que vai ter gente para te acolher quando você precisar, te dizer o que é certo e errado, te dar bronca, dar amor, e que esse lado família é muito gostoso. Diz que por mais que tenha os trancos e barrancos, na hora em que está em perigo, é o seu pai e a sua mãe que estão ali, que ajudam, que protegem, dão bronca, mas também acolhem. Diz que esse lado família é o que ela pensa ser o mais importante. Renata diz que acha a união o mais importante e que vê isso devido ao pai de Abigail, que não tem essa formação e cuja família não tem essa união. Ela conta que ele foi criado pela avó, que a mãe foi para um lado e o pai para o outro e que essa pode ser a razão dele não saber lidar com a questão de ser pai. Renata diz que ela própria teve isso e levanta as mãos para o céu, pois uma pessoa educa e age de uma forma diferente quando tem uma estrutura familiar. Ela diz que por mais dificuldades que passe, a estrutura permite ter o pai e a mãe para falar o que está errado e certo. Renata diz que por mais que não goste, ela acha que o que é o mais importante é saber que quando você chegar em casa, terá o seu pai e a sua mãe para te apoiar. Repete que o mais importante de tudo é a união da família. Ela diz: “Bonitinhos esses macaquinhos... é o que eu acho... família” e me devolve o cartão.

Pergunto então a Renata se ela gostaria de me dizer algo mais. Renata diz que falou muito, que quando ela começa, ela não para. Digo a ela ficar à vontade, porque nosso tempo é livre. Ela diz que quer conservar esse lado família, pois ultimamente na sua família esse aconchego diminuiu. Diz que houve algumas mudanças e que não é mais como antigamente, pois eles estão agora meio separados. Diz que não quer isso para a filha, que quer para ela o que teve no começo, uma união dos pais, por mais que eles brigassem. Renata diz que hoje os pais continuam unidos, mas não é mais da mesma forma. Renata retoma o que eu lhe falei sobre sua preocupação em ser mãe e pai e que ela acredita que isso se deve ao seu relacionamento atual com o seu pai. Ela conta que hoje não tem mais uma união com o pai, que eles não são mais tão grudados, que deram uma distanciada. Além disso, ela vê a filha sem o pai real e tenta suprir isso, apesar de seu pai (avô de Abigail) ser muito grudado na criança, chegando a ser quase insuportável. Contudo, ela e o pai não têm agora tanto contato como era antes e que ela não sabe como trazer isso de volta.

Comento que tenho a impressão que ela tem medo de perder a filha por causa do crescimento dela, mas que é a relação que muda, assim como mudou a relação dela com o pai, de acordo com o amadurecimento dos dois; isso, contudo, não significa que o vínculo deixará de ser importante. Renata concorda comigo e conta que antigamente tinha pavor de ouvir que o Fábio iria em sua casa, que isso significava a morte para ela, porque tinha medo da filha gostar mais dele do que dela, mas que hoje ela

se garante e não tem mais esse receio. Ela acha que se sentia assim devido a como era a situação antigamente. Ela diz que se hoje o pai de sua filha aparecer, ela não sabe se deixará de imediato a filha ter contato com ele devido à forma como ele age. Ela conta que, da última vez, Abigail disse que gostaria de conhecer o pai. Ela então procurou o ex-namorado e conversou com ele: falou tudo o que sentia e tudo o que ela queria e não queria que ele fizesse. Disse a ele que, até um tempo atrás, a menina nada compreendia e ele nem fazia parte da vida dela, mas naquele momento a filha já poderia se magoar. Ela então lhe disse que se ele machucasse a menina, ela não iria permitir a presença dele na vida da filha até que esta pedisse isso. Renata conta que ele não deu atenção a isso e que depois fez como se nada tivesse acontecido e sumiu de novo. Pergunto quantos anos tinha Abigail quando conheceu o pai e Renata responde que ela tinha cinco anos. Ela acrescenta que o maior problema dele é ela e não a filha. Ela justifica dizendo que ele não ia em sua casa explicitamente por causa de Abigail, porque ele usava o termo “nós”. Contudo, Renata deixou bem claro para ele que não existia mais “nós”, mas sim ele e Abigail. Diz que isso não adiantou, pois ele começou a se afastar de novo, esquecendo que a menina tinha sentimentos e entendia. Então, ela não quis mais que ele se aproximasse e lhe disse que ele não iria mais ver a filha enquanto ela não pedisse. Se isso acontecesse, ela iria procurá-lo, não por si mesma, mas pela filha. Contou que quando se reaproximou dele, deixou bem claro que não estava fazendo isso por causa dele, mas porque a menina queria conhecê-lo. Renata diz que ele é cinco anos mais novo do que ela e que ela não sabe se ele age assim por imaturidade. Diz que então prefere que ele fique o mais longe dela, não por ciúmes, mas para a filha não se machucar.

Renata diz que algumas pessoas falam que ela não pode fazer isso, pois no futuro, a filha ficará com raiva dela, mas ela não concorda, pois não está proibindo a filha de ver o pai; ele é quem não faz questão de estar próximo dela. Renata diz que se a filha falar que quer ver o pai naquele dia, certamente ela a levará, mas que ela acha isso meio difícil e que depende dele tomar uma atitude e, pelo que ela o conhece, isso não vai acontecer. Renata conta que o pai de sua filha ia a sua casa, sentava, não brincava com ela, e que ela não entendia o que se passava na cabeça dele, pois ele não levava uma bala para a menina e nem um brinquedo. Conta que ele deu somente um brinquedo para Abigail durante toda a sua vida. Renata conta que ele lhe disse que ela precisava ajudá-lo. Ela então respondeu “Ajudar em quê? Você não esteve presente para me ajudar e eu estou te ajudando: estou pondo ela na sua vida de volta. Então aproveita. Eu ajudo até o ponto em que eu acho que eu devo, porque eu não vou ficar me intrometendo no relacionamento de vocês”. Ela lhe disse que iria se intrometer a partir do momento em que achasse que ele não estava sendo legal com a filha e foi isso o que ela fez. Ela diz que ele é uma pessoa que ao mesmo tempo em que está rindo, está de cara fechada. Explica que ele muda de humor com facilidade. Ela diz que não sabe o que se passa na cabeça dele e que ela acredita que ele precisa de um psicólogo, para abrir a sua mente e para se encontrar. Renata diz que o acha muito perdido e que a questão de não ter tido pai e mãe em sua vida o afetou muito. Diz que infelizmente não é ela quem vai ajudá-lo, pois ela já fez muito por ele e ele não deu valor. Ela diz

que ele fez várias coisas (ela não explica o quê, mas deixa claro que foram coisas ruins). Diz que então o deixou de lado.

Renata diz que Alexandre é uma pessoa oposta a ele, pois cuida, está presente, indo nas festas de dia dos pais, agindo como pai, cuidando de Abigail e que ele faz o que o pai real nunca fez por ela. Ela diz que também não acha justo tirar isso dos dois por causa de uma pessoa que não se importou. Diz que não sabe como será no futuro, no dia em que Fábio acordar ou tiver outro filho, com quem ele vai conviver e ver como é, se ele vai mudar ou não. Diz que não sabe como vai ser, mas que por enquanto ela está bem do jeito que está e que prefere assim. Renata encerra o seu discurso e silencia.

Pergunto a Renata se ela trabalha fora e ela diz que não, que trabalha em casa e que por isso o convívio com a filha é maior. Ela conta que na parte da manhã elas fazem tarefa e que está sempre muito próxima da filha, só no momento da escola, porque não tem jeito. Ela conta que à tarde a filha vai para a escola e para o balé, quando ela fica junto. A mãe diz que elas têm uma união muito grande, que quando chegam em casa, elas tomam banho juntas, brincam, dançam no banheiro e fazem bagunça. Diz que ela tenta ser meio “Boza” com a filha, a não ser nos dias em que não está de bom humor, quando avisa para a menina que não está legal e que ela respeita. Renata diz tentar não passar as suas preocupações para a filha, que já fez muito isso, mas a menina não merece, não tem culpa. Repete que tenta ser bem presente na vida de Abigail e suprir o que precisa e o que não precisa. Diz que tem o momento mãe e o momento de educadora, e que a professora da menina diz que ela é muito radical (ela ri). Diz que não é radical: somente quer o melhor para a filha.

Comento que ela tem vontade de acertar e ela concorda, dizendo que já errou muito, então pensa muito antes de agir. Renata conta que chegou o boletim da filha e que ela caiu em História; ela então disse que aquilo era feio e que a filha respondeu que foi sem querer. Todavia, Renata disse a Abigail que isso aconteceu porque ela estava fazendo muita bagunça, pois ela teve um período de estar turbulenta em sala de aula. A filha estava com nota 9,5 e caiu para 7,5. Ela disse então para a filha que ela precisava melhorar e assim foi. No primeiro bimestre a filha tirou 7,5 em Português e 8,5 em Matemática. Depois ela foi para 8,5 em Português e 10 em Matemática. Renata então lhe disse que isso foi legal, que a nota em comportamento também tinha aumentado e somente em História ela havia dado uma caidinha. Disse para a filha que no próximo mês elas iriam melhorar isso, como a menina melhorou as outras notas.

Renata diz que fica com muito orgulho da filha, pois ela mesma nunca gostou de estudar, nem era de tirar dez, e que ela vê a filha do jeito que ela é e que isso é só orgulho. Renata conta que a filha tirou 10 na primeira prova de Inglês e 9,2 na última e que ela ficou triste. Renata lhe disse para não ficar triste, porque ela não havia tirado nota vermelha, que sua nota era boa também, que o problema era só quando ela tirava nota muito baixa. Como no boletim a nota foi como 10, a menina ficou toda contente, porque teve nota máxima nos dois bimestres. Diz que seu irmão incentiva a sobrinha, dizendo que ela ganhará um prêmio por suas notas e lhe dá livros de histórias ou histórias em quadrinhos, sempre para motivá-la. Já Renata lhe dá os parabéns e mostra para todo mundo como a

filha está na escola. Disse que sua vizinha viu o boletim da menina e Renata reclamou da nota 7,5. A vizinha então lhe disse que ela era muito radical. Renata não concorda que seja radical: ela só quer que a filha fique bem, porque 7,5 ela pode tirar toda vez. Diz que pensa muito no “depois”, e que quanto melhor forem as notas da filha, melhor será o seu desempenho e o seu desenvolvimento. Diz que isso não significa que ela vai matar a filha porque tirou nota 7,0, mas ela vê que ela está se desempenhando e que está melhorando cada dia mais. Diz que a professora da menina disse a ela para se acalmar, que a baixa de rendimento da menina tinha sido apenas uma bobeirinha. Renata respondeu a ela que é essa bobeirinha que a filha não pode ter. Ela explicou para a filha que o intervalo das aulas é para conversar e que na aula é para prestar atenção, para aprender e não tirar nota baixa. Renata diz que não teve oportunidade de estudar em escola particular e que ela quer mostrar para a filha que o dinheiro é difícil de conquistar, que ela vê o quanto a mãe trabalha para pagar a sua escola, as suas roupas e o balé. Ela explica para a menina que não pode esbanjar. Diz que mesmo que esteja sobrando dinheiro, ela quer mostrar para a menina que as coisas não são assim porque vai chegar uma hora em que não vai mais ter. Diz que fala para a filha que às vezes quando ela a chama para brincar, a mãe não pode ir porque está trabalhando. Então, tem que dar valor.

Como a atividade profissional de Renata não está clara para mim, pergunto novamente sobre isso. Ela se confunde um pouco e diz que precisa ver como vai usar o termo. Em voz mais baixa, ela diz que “mexe com bolo, artesanato”, diz que pode chamar isso de “design culinário”. Conta que faz bolo de casamento e bolo decorado e que isso leva tempo. Conta que às vezes está sobrecarregada de encomendas e a filha quer sua atenção. Ela então diz à menina que ela está vendo como está ocupada e que isso é para pagar o estudo dela. Nessas horas, o seu pai chega e brinca com Abigail, mas a filha quer a presença dela. Diz que às vezes ela leva a filha para lavar as mãos, põe a toquinha e o avental nela e a chama para ajudá-la e que a menina fica empolgada com isso. Renata diz que essa também é uma forma de a menina aprender que o dinheiro não vem de graça, não cai do céu. Renata conta que deixa a filha ajudá-la, pois acha importante mostrar a sua realidade para ela, que pergunta se ela trabalha bastante para ganhar dinheiro, para pagar suas coisas. Diz que às vezes fala para a filha que não será possível fazer um passeio em que gaste muito. Então, elas vão ao Curupira ou à USP, para brincar e fazer piquenique; assim, ela sempre busca fazer alguma coisa para não ficar na rotina, ainda mais nas férias, como é o caso agora. Diz que a semana está chegando ao fim e ela praticamente não fez nada com a filha porque está sobrecarregada de trabalho. Diz que fica pensando no que vai fazer com a menina, talvez levar ao cinema. Renata diz que sua infância foi totalmente diferente e que a sua mãe fala que ela enche a neta de coisas, mas que a ideia é dar para ela o que ela pode e não teve na sua infância. Renata fala que o mundo hoje está diferente, mas que ela prefere antigamente, quando se enxergava a vida de uma forma bem diferente. Diz que antes, por mais que tivesse dinheiro, o pai lidava de uma forma diferente e as crianças entendiam. Já hoje, muitas vezes a criança acaba não entendendo e questiona porque ontem podia uma coisa e hoje não pode mais.

Renata finaliza dizendo que hoje é mais complicado, mas que acredita que está se saindo bem como mãe. Ela pergunta se tenho filhos e eu respondo que não. Pergunto se ela gostaria de acrescentar mais alguma coisa e, diante de sua negativa, eu agradeço a sua participação na pesquisa e nós encerramos o nosso encontro.

Interpretação Renata

O relato de Renata, com seu caráter nostálgico e mesmo um pouco triste, revela uma experiência de maternidade transpassada por tentativas de resgate e de reparação de uma história pessoal, em que a filha é o personagem principal. Desse modo, mesmo que o fato de não haver constituído uma família com o pai biológico da menina cumpra um papel importantíssimo na visão de si mesma como mãe e em sua maneira de se conduzir com Abigail, essa vivência parece ser, ela mesma, sustentada por seu relacionamento com os próprios pais na infância e na adolescência. Nesse processo, o eixo que ela parece eleger como fundamental de sua experiência e que ainda organiza a sua vida atual seria a perda da identidade infantil e dos pais da infância, por ocasião do ingresso na adolescência. O luto vivido nessa etapa e as dores profundas que fizeram parte dele dirigem o olhar que ela deita sobre os processos de desenvolvimento que operam atualmente na vida da filha, o que faz com que ela, por vezes, não se encontre vivendo exatamente no mesmo tempo que a menina. Não se trata, contudo, de uma incompatibilidade de ritmo entre mãe e filha, mas simplesmente de uma visão particular do tempo, em que o momento atual é poucas vezes considerado em si mesmo. Assim, o presente é visto, sobretudo, como um momento de preparação para o futuro, com base no que foi vivido por Renata no passado. Em outras palavras, o temor de que o futuro da filha reproduza o passado da mãe, faz com que o presente não seja nada além de um intermezzo de ansiedade entre os dois: ele é vivido assim como um tempo de transição e não transicional. Dessa maneira a experiência de Renata como mãe é firmemente ancorada em sua experiência como filha.

O discurso de Renata mostra uma maternidade que é vivida no contexto de uma forte identificação com a própria mãe e de uma relação de proximidade bastante estreita com o pai. Todavia, parece haver ainda, da parte dela, uma relação de dependência importante dos pais reais, para que a introjeção seja sustentada. Uma vez que os processos introjetivos não se garantem por si mesmos, Renata se torna particularmente sensível aos movimentos de distanciamento dos objetos primários³³.

Assim, o relato permite discernir que o modo de Renata experimentar a maternidade é colorido e matizado principalmente pelas suas experiências na adolescência com os pais. Nesse período de sua vida, ela parece ter suportado mal (por razões que não temos condições de saber diante

³³ Não consideramos aqui que essa forma de funcionamento implique necessariamente numa patologia ou numa fragilidade da personalidade. Nossa interpretação é a de que, apesar do sofrimento que Renata experimenta, revelado na entrevista (entre eles um episódio de depressão), ela simplesmente estabelece com os pais uma relação mais baseada na interdependência do que na autonomia. Não é nosso intuito, portanto, realizar uma leitura diagnóstica do caso.

do nosso material) os movimentos face à aquisição crescente da autonomia. A separação com os pais, a perda do calor da relação infantil (principalmente com o pai) parecem ter desencadeado nela um profundo sentimento de desamparo e solidão, ao que ela respondeu com uma intensificação da rebeldia e do afrontamento. Numa busca de reencontrar no ambiente extrafamiliar aquilo que ela havia perdido com os pais, ela engravida de um homem mais jovem que, apavorado com a ideia de ser pai aos 20 ou 21 anos, a abandona. Após um primeiro período de choque e de alguma possível prostração, em que Renata sentiu haver perdido não apenas os pais, mas também o virtual companheiro, é nos braços dos primeiros que ela volta a encontrar o *holding* e o encorajamento. Qual filha pródiga, ela retorna ao lar, cheia de culpa pela rejeição e afrontamento aos pais e altamente temerosa do mundo exterior, das mágoas e feridas passíveis de serem provocadas por ele. Aos primeiros movimentos do bebê, Renata desperta para a realidade de que há uma pessoinha dentro dela, o que, em sua concepção, significa que nunca mais estará sozinha. Essa constatação a alivia e ainda a gratifica com tudo o que ela queria: a volta dos pais da infância, inclusive com o bônus de uma mãe que se tornou mais afetuosa do que antes. É esse o significado de Abigail, a boa notícia que traz a menina, a felicidade que significa para Renata a volta à infância. Desse modo, mesmo que a relação entre os pais não fosse perfeita, mas eventualmente conflituosa (como ela insinua no início de seu relato ao quadro 2 e posteriormente, mais no final de nossa conversa) é este o ninho protetor dela e da filha, o refúgio contra um mundo cruel e decepcionante. Em outras palavras, adolescente, Renata deseja voltar à infância, ao colo da mãe, e Abigail lhe proporciona isso. É por essa razão que a adolescência da filha a preocupa, tanto pela oposição e o distanciamento que virão com ela, mas também pela filha poder ser magoada pelo mundo, como a própria Renata o foi (ela diz para a filha não querer ser mocinha demais agora, porque senão, quando chegar nessa etapa, vai querer voltar). Nesses termos, o pai biológico da menina se mostra como o primeiro representante desse mundo enganoso e pleno de decepções.

Essa concepção do pai de sua filha enquanto tal coloca Renata diante de um dilema. Por um lado, ela deseja afastá-lo da filha para protegê-la das dores do abandono que ele provoca e que ela acredita que ele continuará a provocar. Por outro, surge a culpa por privar a menina de um pai, da relação apaixonada e de segurança que ela mesma teve. Exigindo do pai de sua filha que ele se comporte como o pai que ela mesma teve na infância, Renata se decepciona mais e mais, dada a incapacidade do ex-namorado de atender às suas expectativas. Além disso, embora busque oferecer um outro modelo de pai para a menina (o namorado atual), Renata permanece confusa sobre até que ponto ele pode e deve cumprir esse papel. Assim, além de não viverem juntos na mesma casa, Renata torna claro para Abigail que o namorado não é o seu pai (exercício escolar sobre os sobrenomes). Com isso, o atual companheiro é apenas um pai em miniatura, um “papito”, o que deixaria a desejar no cumprimento de sua função. A situação se complica ainda mais quando ela começa a perceber novamente uma mudança na relação da própria família, quando os membros se tornam um pouco mais distanciados (ou mais autônomos), reeditando a sua experiência da adolescência. Diante disso, ela interpreta uma diminuição das condições de o próprio pai assumir a função paterna junto à sua filha,

não em função de um afastamento direto dele da menina (que em suas palavras não ocorreu), mas de um distanciamento em relação a ela própria, que teria influência no seu relacionamento com a filha. Enfim, Renata sente que precisa do homem para poder ser mais mãe (diz que a qualidade de sua relação com a filha melhorou após a entrada do namorado em sua vida), mas também precisa dos próprios pais para isso. Ameaçada novamente pela solidão da autonomia, sua preocupação maior, contudo, é a dos efeitos que essa “ausência”, física ou psicológica, terá sobre a menina, tentando compensá-la e ser o mundo todo para ela, oferecendo-lhe “o que precisa e o que não precisa”, de modo a evitar que, no futuro, a filha cumpra um destino semelhante ao seu. Desse modo, sua experiência materna permanece sendo assombrada por este fantasma da falta, que faz com que ela sinta que precisa dar muito de si como mãe, porque não ofereceu à filha o pai que ela tinha direito; nessas condições, ela não pode falhar mais do que já fez.

O temor de Renata é que a falta de convívio com o pai ou, como fica implícito em seu relato, não ter conseguido dar à filha uma “família estruturada” como gostaria, provoque a oposição e a revolta na filha quando esta se tornar adolescente. Diante desse receio, ela empreende todo um “trabalho preventivo” que implica um suprimento além do necessário, mas também uma investigação incessante sobre o bem-estar da menina, numa espécie de “hipocondria emocional”, na expectativa de, caso encontre alguma dificuldade na menina, possa agir imediatamente³⁴. É nesse sentido que o relacionamento presente se torna principalmente uma preparação para o futuro assombrada pelo passado, vivência que muitas vezes faz com que ela se perca na consideração do real tamanho da filha, se esta é ainda uma criança ou já uma adolescente. O desejo de ajuda psicológica consiste, assim, em uma tentativa de conhecer os sentimentos da filha para adquirir certo controle sobre eles e tomar providências, se necessário for. A vontade de ser, além de mãe, amiga da menina, tem também a conotação de guardar a relação de cumplicidade total, que ela percebe que vai se perdendo com o crescimento e assim poder agir antes de uma suposta “atuação” da filha.

É nesse contexto que as interdições que ela impõem para a filha se desenrolam, num superego às vezes cruel e vingativo (bem que em pequena escala) cujo objetivo principal é proteger a filha dos perigos do mundo, mas também de si mesma. Há, assim, um temor das próprias pulsões e das pulsões da menina, pelas consequências que o seu usufruto no mundo acarretaria. O receio dessas consequências, contudo, carrega também outro sentido para Renata, a saber, o da avaliação de sua condição como mãe. Dessa maneira, a infelicidade futura da filha devido ao arrependimento por um ato cometido, atestaria o seu fracasso como mãe, a sua impossibilidade de neutralizar os efeitos da “imunodeficiência emocional” que ela acredita ter-lhe transmitido por não ter-lhe oferecido um pai. A “lei do Talião”, escondida por trás da atitude empática de “não faça para os outros o que você não quer que façam para você”, situação que a própria Renata viveu, ao “abandonar” os pais na adolescência e

³⁴ O relato de Renata de que a filha disse que o pai biológico é legal, mostra a imagem razoavelmente positiva que Abigail consegue guardar dele; contudo, a lealdade da menina à mãe, e o medo de magoá-la parecem impedir a garotinha de solicitar à mãe um maior contato com ele.

sendo abandonada pelo ex-namorado em seguida, é passível de gerar na menina um temor excessivo das próprias pulsões e no agir sobre o mundo (o que Renata chama de prática). Temerosa de si e do mundo, a alternativa que resta à menina é permanecer grudada na mãe, física e emocionalmente, a desilusão sendo perigosa demais para ambas. Enfim, limitando as chances de rebeldia da filha, seja pelo controle excessivo, seja pela ação de um superego rigoroso, Renata busca a ilusão de um crescimento isento de conflitos e de desobediência; recusando, dessa forma o “pacote” do desenvolvimento infantil, ela restringe as possibilidades de crescimento de Abigail. Ao lado do rigor superegoico caminha a implantação de um ideal de ego bastante exigente, expresso principalmente na demanda de um excelente rendimento escolar como forma de se assegurar que tudo vai bem com a criança, o mínimo deslize (nota 7,5 e conversa durante o horário de aula) se constituindo em sinal de alarme.

As dificuldades que Renata apresenta em viver o momento presente com a filha e seus temores e inseguranças para ajudar a menina a fazer a complexa travessia da adolescência, repousam no percurso incompleto que ela mesma fez desse período evolutivo. A consequência flagrante e irrevogável de uma gravidez no final da adolescência e início da vida adulta fez com que ela se tornasse temerosa de si mesma e dos efeitos do próprio crescimento. Tanto naquele tempo como atualmente, ela parece confiar pouco na capacidade que tem de assumir as consequências de seus atos. A volta do *holding* dos pais que ela conseguiu obter por ocasião da gravidez, se a salvou de uma depressão incipiente e de um desgosto total pela vida, por outro lado fez com que ela se mantivesse numa posição mais dependente e menos madura diante deles. Tê-los “de volta” em sua vida foi vivido por ela como uma segunda chance (como ela descreve que fez com o ex-namorado quando lhe apresentou a filha), que precisava ser aproveitada ao máximo. A partir daí, como ela mostra no seu relato ao quadro 4 do CAT-A, sua necessidade é de, de tempos em tempos, quando a vida se torna difícil, correr para o colo deles, às vezes literalmente, nutrindo-se do seu afeto, protegida sob as asas da mãe.

A ideia de que não terá os pais para sempre, seja em termos concretos pela realidade da morte que virá um dia, seja em termos psicológicos, dado o envelhecimento deles que vai tendo lugar e exigirá uma inversão de papéis, passa apenas tangencialmente pelo relato de Renata. Esse assunto se insinua quando ela aborda as vantagens e desvantagens de manter Abigail como filha única. Ponderando que os irmãos garantiriam a preservação da família, guardando os pais dentro de si, numa continuidade horizontal, ela permanece insegura quanto à estabilidade dessa conservação, vista como passível de ser abalada pelo ciúme e pela rivalidade. Com isso, essa continuidade horizontal ameaçaria a vertical, a da transmissão direta por meio da proximidade estreita do relacionamento entre pais e filho. Daí a sua opção por manter Abigail como filha única, posição que, se ela mesma não pode ter na infância, tem condições de usufruir agora, com a saída dos irmãos da casa dos pais. A recuperação dessa posição infantil, mesmo tardiamente, a alivia e nutre, e é por meio dela, conforme expressa no relato ao quadro 4, que Renata, resgata a espontaneidade e consegue uma proximidade real com

Abigail. Se o resgate da condição de criança é a condição de que Renata necessita para ser mãe, existe ainda uma insegurança quanto ao aproveitamento do *holding* familiar no que tange à sua internalização. Esta não parece evidente, o que deixa Renata dependente dos pais reais como descrito anteriormente. No momento, diante da realidade do envelhecimento deles e da possível perda do colo, sua reação tem sido de uma certa resistência, numa nova busca de recuperar o que usufruía antes, do mesmo modo que aconteceu por ocasião de sua gravidez. Nesse processo, o que a apazigua um pouco é a constatação de que essa mudança desenvolvimental dos pais, como a da filha, é um processo que ocorrerá de forma gradual, deixando-lhe tempo para preparar-se. Maiores detalhes da experiência materna de Renata são descritos na análise de seu relato a cada quadro, exposta a seguir.

Quadro 1

Em seu relato a esse quadro, Renata demonstra uma forte identificação com a própria mãe, principalmente no aspecto concernente ao superego protetor. Neste contexto, a mãe é vista como dominante em relação aos filhos, constituindo-se no refúgio mais seguro que eles podem ter, defendendo-os acirradamente contra as ameaças do mundo exterior. Este é visto como um local potencialmente perigoso, às vezes mesmo trágico, receio que leva à busca de uma compensação na capacidade materna de oferecer *holding* e socorro (a galinha gigante). O apoio, contudo, não pode vir sem o seu antagonista, a saber, uma certa opressão, combinando os elementos limitantes e protetores do superego. Assim, a criança deve ser protegida não apenas das ameaças externas, mas, também, e principalmente, das internas, já que a atuação direta das pulsões exporia a criança a consequências importantes, entre elas uma possível revanche do mundo exterior. Nesse contexto, em que reprimir significa proteger, Renata eventualmente exagera as consequências da desobediência da filha, fazendo com que ela experimente, dentro de um contexto seguro e restrito, os efeitos da “lei to Talião”. O objetivo é, com isso, realizar um trabalho preventivo, deixando a filha um tanto temerosa das próprias pulsões, para que no futuro ela não sofra consequências mais graves por agir impulsivamente. Para Renata, se a correção não for feita agora, depois será tarde demais.

Quadro 2

Se no quadro anterior a criança estava protegida sob as asas (ou no colo) da mãe, neste momento Renata se dá conta de que, seja pelo crescimento em si, seja pela realidade dos fatos do mundo, eventualmente mãe e filha devem fazer face aos desafios e às dificuldades da vida. Essa percepção a deixa insegura, pois traz à tona o receio de não ser forte o suficiente para enfrentar as exigências, demandas e eventuais sofrimentos que o mundo exterior impõe. Nesses termos, a união entre mãe e filha se torna indispensável para sobreviver às dores e curar as feridas que fazem parte da vida. Elas então estabelecem uma relação de dependência mútua, em que há ocasionalmente uma inversão de papéis. Nesse contexto, em que dois são mais fortes que um, a autonomia é vista como algo que fragiliza o indivíduo, e a relação se estabelece mais no sentido de “todos por um” do que de

“um por todos”. Vale notar que é aqui que Renata faz uma menção tangencial à existência de conflitos entre os próprios pais, tema que é imediatamente evitado por ela, transformando as disputas intrafamiliares em combates entre o grupo familiar e o ambiente exterior.

Quadro 3

Se nos relatos anteriores Renata concebeu a relação entre mãe e filho como caracterizada principalmente pela proteção total ou pelo apoio mútuo, no presente discurso seu tema é até que ponto ela poderia tornar-se autônoma e segura de si e de seus atos como mãe. Existe um desejo de identificação com os próprios pais nesse sentido, que não é completamente realizado devido a não se considerar ainda como suficientemente adulta, mantendo-se dependente deles (o leão se transforma em leãozinho; a “mãozinha” dele é desenhada de forma imperfeita). Essa visão de si mesma, aliada ao sentimento de não haver trilhado o caminho certo como mãe por não ter oferecido à filha o pai que ela mesma teve na infância, a assombra e faz com que ela não confie que o desenvolvimento da menina possa correr bem. Com isso, o desenvolver da filha a preocupa, particularmente a adolescência, que funcionaria para Renata como uma espécie de avaliação de sua competência como mãe e de sua capacidade de reparar os “erros” cometidos por ela mesma no passado. É essa expectativa de ver-se no banco dos réus em alguns anos que deixa Renata ansiosa e que faz com que ela conceba o tempo presente de sua relação com Abigail principalmente como uma preparação para o futuro. Nesse momento, o meu “inocente” comentário de que essa etapa da vida da filha ainda não havia chegado, suscita e sustenta um trabalho de elaboração emocional que Renata parecia já estar preparada para fazer e que ela dará continuidade em seus relatos aos dois últimos quadros do CAT-A.

Quadro 4

Em oposição à carga emocional relativamente sombria do relato anterior (o leão tem um semblante carregado e preocupado), a figura 4 alivia Renata nitidamente, dada à operação regressiva que ela efetua nesse momento, que faz parte do processo de elaboração de sua experiência. O relato, embora inicialmente centrado em sua condição de mãe, remete também à sua experiência como filha no que concerne a uma constatação fundamental: a de que o antídoto para as ansiedades do desenvolvimento, próprias ou da filha, é voltar eventualmente para o colo da mãe e reivindicar um pouco mais de *holding*. Nesse momento, de uma maneira ainda muito incipiente, Renata começa a se dar conta de que suas ansiedades referentes à adolescência da filha carregam o peso da projeção de sua própria experiência nessa fase da vida. Dessa forma, não seria tanto a falta do pai real o ponto sensível da constituição da personalidade da filha, mas a chance de não poder voltar eventualmente para o colo da mãe na adolescência e recuperar, ainda que temporariamente, a condição infantil. Essa constatação desperta em Renata o desejo de aproveitar o tempo presente em si mesmo, ao invés de encará-lo como uma *avant-première* da adolescência da filha, já que a infância não voltará mais. O usufruto da relação de Renata com a filha na condição de criança, remete-a à revivência da própria infância. Assim, ambas

experimentam uma condição infantil e, junto com a menina, ela pode ter de volta as experiências daquela época e divertir-se, se não como antigamente, pelo menos como uma criança da época atual (não há mais sítio do avô, mas há Simba Safári). Essa recuperação da infância a fortalece, e Renata se torna capaz de relaxar e de se aproximar da filha de maneira espontânea e menos ansiosa. Nesses termos, para Renata, a possibilidade de contar com o *holding* de seus pais é o que lhe permitiria oferecer *holding* à Abigail ou, em outras palavras, a condição para ser mãe é poder ser criança.

Quadro 8

A volta à infância a que Renata se refere no relato anterior é dramatizada também em sua atitude frente à tarefa do CAT-A e em sua relação comigo. Assim, a partir do quadro anterior, ela realmente começa a brincar e continua assim no presente relato (“Ai, meus bichinhos, os macaquinhos!”). Essa mudança de atitude não lhe passa despercebida e ela é quase pega de surpresa (“O que que será que eu vim fazer aqui?”), já que sua expectativa inicial parecia ser a de buscar, junto a mim, orientação para a educação de Abigail. Nesse momento, ao invés de ansiedade, há prazer, com o relato resumindo a necessidade expressa no discurso à figura anterior e sua solução: ter uma família sólida e unida para orientá-la, ampará-la nos momentos difíceis e tolerar eventuais regressões. Sua percepção, expressa em seu relato posterior, de que os pais não são mais tão unidos como antes, se não constitui ainda para ela um motivo de preocupação, gera sem dúvida algum incômodo. Se no momento em que isso aconteceu pela primeira vez a chegada de Abigail lhe devolveu o *holding* parental, mesmo sendo Renata já uma adulta, nesse momento é necessário buscar outra solução.

Em síntese, Renata vive uma maternidade que é colorida por uma experiência pessoal de querer ter tido um pouco mais de infância em sua própria vida. Sua sensação é a de que a adolescência chegou cedo demais e roubou-lhe a identidade e os pais da infância. Se a sua tentativa de recuperá-los no mundo extrafamiliar foi mal sucedida, a chegada de Abigail trouxe para ela o que havia perdido. Embora a ansiedade permeie o seu olhar quanto ao futuro da menina, desejando que a adolescência dela demore ainda para vir (e paradoxalmente vivendo-a por antecipação), Renata é capaz de encontrar um meio-termo capaz de aliviar a angústia: saber que os pais estarão sempre lá para oferecer *holding* sempre que a vida se tornar cruel demais, não importa a idade que o filho tenha. Assim, se a infância não volta mais, seria possível ocasionalmente ser criança. Foi essa a boa notícia que Abigail lhe trouxe.

Narrativa Abigail

Meu encontro com Abigail aconteceu poucos dias depois daquele com Renata, bem cedo, numa manhã do final do mês de julho. Ela vem à escola trazida por sua mãe, especialmente para falar comigo. Ela é uma garotinha delicada e graciosa: pequenina, magra, com os cabelos e olhos escuros. Ela se parece um pouco com Renata, mas não demais. É doce, colaboradora e muito cativante; ela desperta ternura em mim. Eu me apresento a ela e nós seguimos juntas para a sala da psicóloga para

começarmos a nossa atividade. Lá, eu explico a ela que estou estudando mães e meninas e que já havia conversado com a sua mãe. Pergunto a ela com quem da família ela acha que se parece e ela responde imediatamente que é com a sua mãe. Ela sorri e eu também. Eu explico a ela que vou mostrar-lhe alguns quadros; antes, porém, gostaria que ela me falasse um pouquinho dela. Pergunto quantos anos ela tem e ela responde que tem sete anos. Pergunto se ela estuda naquela escola há muito tempo. Ela diz que não, que estudava em outro lugar e depois veio para a escola maternal que faz parte daquela que está atualmente e agora estuda no estabelecimento atual. Pergunto em que ano ela está e ela me responde que é no segundo. Digo que sei que ela está de férias agora e pergunto se ela havia acordado cedo somente para vir falar comigo. Ela então responde, com um tom de voz mais entusiasmado, que havia acordado cedo também para ir ao parque. Embora apenas responda às minhas perguntas, Abigail parece estar à vontade comigo. Por isso, proponho então a ela que comecemos a ver os cartões. Digo que eles se tratam de figuras de animaizinhos e que eu gostaria que ela olhasse cada uma e inventasse histórias sobre elas, como quisesse, sem certo nem errado. Ela aceita e eu lhe mostro o primeiro quadro.

Quadro 1

Abigail observa o quadro e fica em silêncio por 10 segundos. Depois começa a falar. “Tive uma ideia já de um pedaço. [Ah, então pode me contar.] Era uma vez a mamãe e os filhinhos. Ela levou eles para almoçar. Aí, então, eles almoçaram, almoçaram e a mamãe falou para eles irem caminhar um pouquinho, para fazer exercício. Aí, então... vamos ver, eles voltaram para casa felizes, pulando e cantando uma cantiga. Aí a mamãe falou assim: “Tá na hora da janta!”. Aí eles jantaram, aí depois a mamãe pediu para eles escovarem os dentes, eles escovaram. Aí quando a mamãe pediu para eles ir para a cama, eles não foram, porque eles queriam ficar brincando. Mas aí a mamãe falou mais uma vez e o papai chegou e eles foram correndo para cama. [E o que que eles acharam de ir para a cama?] É... porque eles tinham medo do pai, porque ele era grandão e era maior do que eles. [Ah, entendi, e da mamãe não.] Não. (Ela me entrega o quadro) Posso pegar outro? [Vamos pensar em um título para essa antes?] A galinha e seus filhinhos? [A galinha e seus filhinhos. Está bom. Muito legal a história.]” Entrego então a Abigail o segundo cartão.

Quadro 2

Ela pega o quadro e, admirada, começa a associar imediatamente. “Uuuuh! É de ursinho esse! [É, esse segundo é de urso.] Era uma vez uma mamãe um papai e um filhinho estavam brincando de corda. Como chama essa brincadeira mesmo? [Cabo de guerra?] É, cabo de guerra. Aí a mamãe ficou de um lado e o papai e o filhinho ficou do outro. Aí eles ficaram a tarde toda, a tarde toda brincando, porque a mamãe tinha puxado mais e o papai, nada! Aí, então, é... hum... eles tavam cansados, o papai e o filhinho, e a mamãe ganhou né. Aí eles foram jantar e o filhinho perguntou uma coisa para a mamãe: ‘Mamãe, amanhã a gente vai brincar de cabo de guerra de novo?’. Aí, ela falou: ‘Vamos’. Aí

eles foram todos para a cama, não, aí eles primeiro escovaram os dentes e depois eles foram para a cama dormir. Aí, no dia seguinte, a mamãe acordou o pai e o filho para brincar de cabo de guerra, porque ela queria muito brincar. Aí o filhinho e o papai tavam cansados já de cabo de guerra. Aí, né... aí, eu não lembro mais agora o que eu tinha inventado...! Ah! Aí, é... aí o filhinho e o papai falaram assim: “A gente já tá cansado de brincar de cabo de guerra, mas a mãe, não”. Então, aí a mamãe fez uma armadilha para eles vir para cá e eles ficaram na armadilha e ela trouxe eles para brincar de cabo de guerra. Aí., aí, à noite ele queria... aí, à noite, quando tava a noite, ele queria, é... (pause de 5 segundos), ele queria jantar, o pai agora. Aí o pai queria jantar e brincar de novo de cabo de guerra, mas aí todos foram dormir, escovaram os dentes. Aí depois na manhã seguinte o filhinho queria brincar. E fim! [E os outros queria brincar também ou não?] A mamãe e o papai não queriam quando o filhinho... quando a mamãe queria... brincar de cabo de guerra, o papai e o filhinho não queria, aí quando o papai queria (ligeira hesitação) o filhinho e a mamãe não queria e quando filhinho, é... queria, o papai e a mamãe não queria. [E aí? Como é que faz?] Aí eles conversaram e aí eles falaram assim: ‘Vamos brincar!’. Aí todos queriam brincar de cabo de guerra. Fim! [E o título?] ‘Papai, mamãe e o seu filhinho’.” Ela me devolve o quadro e eu lhe apresento o terceiro.

Quadro 3

Ela começa a associar imediatamente. “O leão. Minha mãe... (ela se corrige) minha avó, minha avó gosta tanto de leão! Já sei até o tigre, não, o título! [O título, qual é?] ‘O leão preguiçoso’. Era uma vez um leão, né, aí ele era tão preguiçoso e falava assim para os seus amigos: ‘Trabalhem para mim que eu estou cansado, quero dormir’. Aí, eu posso contar uma historinha que eu já sei? Mas pode ser com o leão... ele era tão folgado, que ele só dormia e todos estavam... e todos trabalhavam. Aí, é... aí! Aí, numa noite ele foi dormir e escutou uma buzina, trombone. O que é aquele instrumento? É trombone? [Como é esse instrumento?] Ele é, ele é tipo, o... trombone, mas ele é o pequenininho. [Uma flauta, uma corneta?] É, corneta! Aí, ele escutou o barulho de uma corneta, e era um, era uma formiguinha, que tava chamando o leão porque tinha uma festa. Aí ele não quis. Ele era tão pequenininho que... é... veio o... como que chama aquele animal que come formiga? [Tamanduá.] Aí veio o tamanduá, que era maior do que o leão, era maior do que o leão. Aí, ele tava deitado dormindo lá e as formigas tavam correndo para não pegar, para ele não pegar as formigas. E aí, ele tava lá deitado e... o... o tamanduá comeu o leão e ele ficou na barriga. Aí, o espírito dele falou: ‘Volte para o seu mundo e trabalhe’ e ele foi. Ele foi, mas ele foi todo pretinho, porque ele... ele... ele, porque ele não trabalhava. Então, é por isso. [Deixa ver se eu entendi: ele tava dormindo, aí tinha as formigas, o tamanduá veio e acabou comendo o leão.] É, as formigas foram correndo, mas o tamanduá pegou uma. Eu ouvi uma historinha porque eu fui na evangelização e lá era de um besouro. Por isso, então eu tinha ela na cabeça. [Tá, e aí o leão nasceu de novo, foi isso?] Ah? [O leão voltou para o mundo? Ele nasceu de novo?] Não, ele não nasceu, ele foi todo pretinho, e ninguém sabia como ele era, quem ele era”. Ela

vê o próximo quadro na minha mão e fica toda entusiasmada. Entrega-me então o cartão 3 e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

“Uuuh! O que é isso? É canguru? Então tá! ‘A mamãe e seus filhinhos’, o título. Nossa, o filhinho tá andando de bicicleta! É triciclo ou é bicicleta? [O que você acha que pode ser?] Triciclo. [Pode ser um triciclo.] Era uma vez a mamãe e seus dois filhinhos. Aí ela era tão atrasada que chegava... é... que chegava tão atrasada em casa para levar seus filhos, porque eles estudavam de manhã e a mãe trabalhava de tarde. Então, ela foi correndo buscar seus filhinhos e levar para casa, porque ela estava atrasadíssima. Então, ela ficou com pressa, deixou cair a cesta com o leite, aí ficou pouca coisa. Aí ela foi correndo, caiu o chapéu, mas aí quando ela chegou em casa foi correndo de novo para o trabalho. Aí, quando ela chegou no trabalho, o patrão dela ficou bravo com ela, por quê? (Pausa de 5 segundos) Porque ela se atrasou. Aí ela explicou tudo, né? Aí ela explicou porque os filhos dela estudavam de manhã e ela disse: ‘E eu trabalho à tarde, né?’ Aí ela falou: ‘Então, eu tenho que pegar meus filhos na escola.’ Aí o patrão resolveu e deixou ela ficar no trabalho. Aí ela, ela colocou seus filhos para estudar de tarde, aí ela ia trabalhar de manhã e aí ser mais fácil, porque ela não precisava correr. Aí, ela foi comprar leite de novo com os seus filhinhos. Aí o pai chegou e o, o bebê que estava na bolsa se escondeu, porque só o bebê tinha medo do pai e o maiorzinho não tinha, né? Aí chegou o pai e ele se escondeu com o seu balãozinho. Aí, deixa eu ver qual eu vou contar agora... (pausa de 3 segundos). Ah! Aí, eles foram para a grama lá perto da casa deles e deitaram na grama para ver as nuvens. Aí, o filhinho bebê falou assim: ‘Mamãe, a gente não vai ir jantar, quer dizer, almoçar?’. Aí eles foram almoçar e depois foram ver de novo as nuvens e ficou até taaarde lá. Aí, o bebê de novo falou: ‘Mamãe, a gente não vai ir jantar?’. Aí ela foi jantar e voltou de novo. Aí quando começou a chover, ela voltou para casa e o filhinho falou assim: ‘Eu quero ir ver as nuvens, eu quero ir ver as nuvens!’ (fala infantilizada), mas aí ela explicou tudo, que tava chovendo. Aí ele estava chorando, o pai chegou e o bebê se escondeu. Acabou a estória. [E no fim eles foram ver as nuvens ou não?] Aí, quando terminou a chuva, eles foram ver, eles foram comprar comida e depois foram ver as nuvens, depois de almoçar. Fim!”. Ela me devolve o quadro e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

“Macaco agora. Hum... Os quatro macacos. Os quatro macacos, eles eram tão doidinhos, por... Tia, deixa só eu te perguntar uma coisa. Você viu é, no, negócio que passava, você viu é na Globo, falando assim, os macacos-prego, os macacos-prego. Eles foram dentro da casa da moça e pegou uma banana, pegou pão, e um que era desajeitado, ele pegou uma banana e uma banana que tava na mão. Aí ele deixou cair um saco e deixou escorregar a banana e só ficou com a casca. [risos. Coitado!] Eles são danados. [Danados!] Era uma vez uma família de macacos. A vovó macaca falou assim para o seu neto: ‘Netinho, você tem que obedecer sua mãe. Seu pai ali, sua mãe, está

conversando ali, deve ser por causa de você'. Aí o filhinho... daí o... o netinho dela falou: 'Mas eu não fiz nada!' (sua fala é mais infantilizada quando ela reproduz a fala do macaquinho; ela na verdade dramatiza um pouco a estória). Ah não, esse é o tio, aí o tio disse assim: 'Os seus pais não gostam mais de você, quer te adotar'. Ele era muito malvado. Aí, ele ficou triste, o beb..., o filhinho e falaram assim para os pais: 'Papai, mamãe!'. Aí eles falaram: 'O quê?'. 'Vocês não gostam mais de mim?'. Aí eles falaram: 'Nós gostamos'. Aí ele falou: 'Mas o titio, ele falou que vocês não gostam mais de mim'. 'Não, ele é muito danado, ele mente de vez em quando, não se preocupe não'. Aí, a mamãe tava grávida, né, pelo filhinho dela. Só que o filhinho dela, que já tinha nascido faz tempo, ele ficou tão triste porque ele sabia que o irmãozinho dele não nasceu, morreu dentro da barriga. Acontece isso de vez em quando, né? Aí ele ficou triste. Aí veio outro bebê e não morreu, aí a mãe foi para o médico, tirar o bebê, aí o filhinho ficou muito feliz, né? Aí nasceu o bebê, aí o filhinho cobriu o irmãozinho dele no bercinho, e fim. [Hum hum. E o título?] Eu já falei. 'Os macacos fug...', Não! É 'As famílias de macaco''.

Abigail me devolve o cartão e eu lhe peço para escolher qual deles gostou mais e qual gostou menos. Ela pega todos os cartões, começa a organizá-los e diz: "Vamos ver. Esse do leão coloca aqui, falta só mais dois. O primeiro qual que foi, não lembro... Ah, é! Da galinha!". Depois diz que o quadro que mais gostou foi o do canguru, e o que menos gostou foi o dos ursos. Depois, ela muda sua escolha. Diz que gostou de todos e que o que havia gostado menos foi o dos macacos. Pergunto então a ela se gostaria de saber alguma coisa e, diante de sua negativa, eu agradeço pela participação na pesquisa e nós nos despedimos.

Interpretação Abigail

O relato dessa doce garotinha aos quadros do CAT-A revelam que ela é uma criança cujo desenvolvimento emocional vem se processando bem, tendo sido cumpridas (ao menos no que tange ao período evolutivo em que ela se encontra) as tarefas de integração, personalização e realização. Em termos do amadurecimento da personalidade, ela pode ser situada no estágio de dependência relativa e, do ponto de vista pulsional, na etapa de latência. Nessas circunstâncias, suas associações aos quadros do CAT-A mostram que ela vem se debatendo com o problema de definir sua posição de não mais ser um bebê, mas também ainda não ser uma adulta ou adolescente, havendo momentos de progressão alternados com regressões, visando estabelecer pouco a pouco a sua real situação. Esses movimentos parecem responder não apenas a uma necessidade pessoal de seu amadurecimento, mas também a uma possível preocupação com a mãe, tornando-se a menina temerosa de deixá-la sem o bebê que ela foi.

A preocupação maior que parece permear tais movimentos evolutivos e involutivos parece ser um temor de perda da continuidade da existência. Assim, Abigail parece interrogar-se como ela poderia ser diferente agora, em virtude das aquisições que obteve no seu desenvolvimento, continuando a ser a mesma criança que foi anteriormente. Ao lado dessa inquietação caminha também

aquela sobre as condições da mãe de continuar a percebê-la como a mesma criança, apesar das mudanças do relacionamento. Enfim, Abigail se debate com os problemas da perda da identidade da primeira infância e da perda da mãe nesse mesmo período. Nessa configuração emocional a figura de um virtual irmão é compreendida por ela como passível de ajudá-la nessa travessia evolutiva, bem como à mãe.

Nesse contexto, Abigail recorda uma condição anterior de seu desenvolvimento (e nessa recordação a revive) em que os seus desejos e os da mãe eram os mesmos. Desde esse momento, a figura materna³⁵ sempre foi vista como bastante gratificadora e protetora, capaz de estabelecer uma rotina de cuidados, integrando o prazer e a responsabilidade (alimentar-se e escovar os dentes), cuja sequência e significado são bem compreendidos pela menina. Com essa introjeção da boa mãe razoavelmente segura, a vida de ambas permanece integrada e, com isso os conflitos inexistem. Nesse paraíso não há lugar senão para a felicidade. Todavia começa a surgir a constatação de que nem sempre os desejos de mãe e filha caminham juntos e pouco a pouco as diferenciações e oposições vão se estabelecendo. Se a boa continuidade estabelecida com a mãe e a certeza de ser compreendida por ela limitam o seu poder de autoridade sobre a criança, a figura do pai sustenta o rompimento parcial que a mãe opera, por meio da instituição da repressão. Diante disso, a resposta inicial da criança é o acatamento à vontade dos pais por temor à figura paterna, bem como um certo retraimento.

A partir do momento em que a atuação da figura de autoridade (ou do pai) subsidia a diferenciação com a mãe e consolida a relação triangular, surgirá então o problema fundamental de reestabelecer a continuidade por meio da conciliação dos desejos de todos no intuito de guardar a união. Assim, no primeiro momento, Abigail permanece até certo ponto perturbada pela complexidade dessa tarefa, sendo que os esforços para a sua resolução nem sempre são compensados. Com isso, em vários momentos, há que se suportar as frustrações e os desencontros (quadro 2). O reencontro, contudo, torna-se possível pela negociação, que permite retomar a solidez do vínculo. O trabalho e o dispêndio de energia que a resolução das diferenças implica seduz Abigail a operar uma regressão ao narcisismo primário, em que sua vontade era lei e em que a conciliação de desejos e ritmos ficava a cargo de outros (o leão cansado do quadro 3, que deseja que outros trabalhem por ele). Frente a essa tentação, ela descobre, estupefata, que a majestade impositiva do bebê significa menos o poder e a força do que a vulnerabilidade (o leão é transformado em besouro). Portanto, voltar a ser o bebê de sua mãe, ao invés de assegurá-la, a fragiliza. A volta ao útero materno (o tamanduá que come o leão-besouro) não significa mais proteção e conforto, mas sim castigo e aprisionamento. Enfim, Abigail se dá conta de que não é mais possível guardar a relação de indiferenciação, sendo a criança que é agora, que caminha para a autonomia, com todos os ganhos que o crescimento lhe permite obter. Desse modo, perder a fusão com a mãe, deixar de ser duas para ser uma não é um processo visto por Abigail como algo que a deixará desarmada e impotente diante da vida. Ao contrário, a nova condição a

³⁵ A figura materna de Abigail parece ter sido construída a partir de uma amálgama entre a própria mãe e a avó, como demonstram os atos falhos que menina comete em seu relato aos quadros 3 e 8 do CAT-A.

fortalece (no quadro 4 a criança maior não tem medo do pai, ao contrário do bebê) e permite defender-se, ainda que parcialmente, dos perigos do mundo (no quadro 3 as formigas fogem e o tamanduá captura somente uma). Assim, a regressão é quase um castigo e lhe é dada uma segunda chance para retomar o seu desenvolvimento de onde ela o havia deixado e não reviver a situação de bebê (ela deixa claro que o leão não nasceu de novo). Permanece, contudo, o receio de perder a continuidade, menos para si mesma, do que para os outros, o temor de não ser mais reconhecida pela mãe e pelos demais como a mesma criança de antes.

Se as idas e vindas de Abigail no percurso de desenvolvimento podem ser compreendidas como elementos necessários para o encontro de sua atual posição, elas parecem ter sido sustentadas também por um movimento regressivo da mãe. Este movimento seria a resposta materna a um momento de sua relação com a filha em que ela sentiu haver-lhe infringido uma certa privação afetiva, que resultou numa deficiência de *holding*, dadas suas dificuldades em conciliar a maternidade com as demais demandas do mundo exterior, entre elas o relacionamento com a figura do pai/patrão. Embora Abigail concorde que o *holding* tenha sofrido danos em determinado momento de sua vida com a mãe (no quadro 4 a mamãe canguru, apressada, derruba os alimentos e sobra pouca coisa), suas condições evolutivas já lhe permitiam compreendê-la e aceitar a realidade de que, mediante a negociação e a concessão, seria possível ter a mãe de volta, de modo mais limitado, mas suficiente (a mãe faz um acordo com o patrão e depois compra novamente leite para os filhos). Tal privação, contudo, parece ter um efeito importante também na mãe, que sente haver perdido um momento importante do contato com a filha e deseja não apenas reparar a “falha”, mas também compensá-la. Todavia, a volta que ela faz não se refere ao momento em que a privação ocorreu para retomar o desenvolvimento a partir daí, mas a um período anterior (a mãe canguru estava atrasadíssima). Assim, o olhar que ela dirige à criança é voltado para um bebê e ela busca recuperar a relação paradisíaca anterior (fica com a criança o tempo todo vendo as nuvens e cuidando das suas necessidades de alimentação assim que ela emite os sinais). Diante disso, Abigail acompanha o movimento regressivo materno e se perde um pouco na sua atual condição de desenvolvimento, um bebê ou uma criança maior. Se ela é uma criança maior, a ausência afetiva eventual da mãe é tolerada e ela pode dividi-la com alguém (o pai); caso contrário, se ela é um bebê que somente se satisfaz com uma relação de exclusividade, a presença do pai é uma ameaça, pois pode retirar a mãe completamente de si. Enfim, a sensação de haver sofrido uma privação parece pertencer muito mais à realidade psíquica da mãe do que à da criança, a reparação dirigindo-se assim mais a ela do que a Abigail. É esse momento regressivo da mãe que parece ter sido o desencadeador da tentativa abortada de Abigail de voltar ao útero materno (quadros 3 e 8) e tornar-se novamente o bebê de sua mãe. Nesse contexto, a figura de um irmão torna-se importante para a sustentação de seu processo evolutivo por duas razões. A primeira delas refere-se à necessidade de dar outro bebê para a mãe e assim aliviar as necessidades dela da relação fusional (o que lhe permitiria também deixar Abigail crescer). A segunda é que a imagem do irmão como uma espécie de duplo, facilitaria a Abigail o assecuramento da continuidade de si mesma no desenvolvimento emocional.

Nesse sentido, o irmão consistiria num suporte da realidade objetiva que lhe permitiria ver a si mesma como o bebê que foi, semelhante a ele, mas também contrapor-se a ele como a criança crescida que é. Essa dialética da semelhança na diferença e da diferença na semelhança garantiria o encontro (ou reencontro) de si mesma, a continuidade familiar e pessoal. Todavia, a condição para tanto seria a certeza de continuar contando com o amor e apoio dos pais, mesmo tornando-se diferente deles e, eventualmente, opondo-se de maneira mais acintosa. Enfim, com o amor dos pais certificado, a chegada de mais um membro na família não lhe subtrairá a mãe (o macaco-prego do cartão 8, que fica só com a casca da banana na mão). Outros detalhes da produção de Abigail no CAT-A são descritos a seguir.

Quadro 1

Nesse momento inicial do CAT-A Abigail descreve uma relação com a mãe altamente gratificante, em que esta é capaz de oferecer *holding* e uma rotina de cuidados, e de ir ao encontro dos objetos criados pela criança. Com isso os processos introjetivos se desenvolvem e a identificação com a mãe pode se operar. Mesmo quando a mãe impõe algumas condições relativas à rotina e proteção (escovar os dentes), essas são geralmente compreendidas pela criança e tomadas como próprias. Nessa coincidência entre os desejos da mãe e da criança, não há razão para o conflito. Todavia, eventualmente as vontades de ambas entram em contradição e, dada a boa relação anterior e à continuidade estabelecida, a criança se torna capaz de desafiar a mãe. Uma guerra de forças se instala e é resolvida com a chegada do pai que sustenta os limites que a mãe buscou impor. Vendo a si mesma numa relação de assimetria com o pai (ele era grandão e maior que eles) a criança obedece e o desejo dos adultos prevalece.

Quadro 2

Nesse momento de seu relato, Abigail amplia o tema esboçado anteriormente, sobre como manejar as diferenças de vontade entre mãe e filho, que vão se constituindo como a base para a constatação final de que ambos são diferentes. Se no discurso relato anterior ela revela as dificuldades para a conciliação dos interesses, no atual ela mostra que o problema se torna muito mais complexo diante da relação triangular. A guerra de forças que começou a ser descrita no quadro anterior se amplia e o poder materno vai ser revelando como o mais decisivo. Ele não consiste, contudo, por uma imposição da vontade pela força, como no caso do masculino, mas pela indução insidiosa, pela construção de ardis e estratégias que conduzem os demais a fazerem o que a mãe quer. O poder intelectual, assim, se impõe sobre a força bruta, embora a união também faça a força (nos demais casos, quando dois não querem, três não brincam). A negociação é descoberta como sendo a saída para o impasse e é por meio dela que a comunicação familiar é reestabelecida. Em suma, o acordo é a solução para que as pessoas permaneçam juntos mesmo sendo separadas e diferentes uma da outra.

Quadro 3

O esforço empreendido anteriormente para a conciliação das diferenças acarreta em Abigail um cansaço e um desejo de que os relacionamentos voltem a ser como no estágio anterior, em que ela, envolta em seu narcisismo primário, tinha os familiares como extensões de si mesma, responsáveis pelo estabelecimento dos inúmeros e complexos compromissos solicitados nas relações diádicas e triangulares (o leão é preguiçoso e só quer dormir). O chamado para a celebração do desenvolvimento (a formiga que, com a corneta, chama o leão para uma festa) é ignorado e rejeitado em favor da manutenção da negação da realidade interior. Todavia, o encerramento narcísico ao invés de proteger e poupar a expõe e a deixa vulnerável ao perigo, retirando-lhe as chances de se defender daquilo que constitui, ao mesmo tempo, um desejo e uma ameaça: voltar ao útero da mãe. Ao invés de apaziguamento, essa regressão (o leão se transforma em um besouro) provoca uma sensação de sufocamento e de aprisionamento, transformando-se, assim, em um castigo. Uma segunda chance de retomar o desenvolvimento é oferecida, mas a partir do ponto em que se estava antes, de uma autonomia relativa e não uma revivência da dependência absoluta. Todavia, o medo de não mais reconhecer-se numa continuidade entre a criança que foi e a que é, e pior, o medo de não ser reconhecida pelos demais, a assusta.

Quadro 4

A visão dos dois filhotes cangurus, um maior e um bebê, após o receio de perder-se de si exposto no cartão precedente, alivia Abigail e lhe causa prazer, dado que lhe permite ver a si mesma em diferentes momentos evolutivos, colocando-os lado a lado, e havendo uma primeira saudação da autonomia (Nossa, o filhinho tá andando de bicicleta!). É nesse relato que Abigail revela que os seus movimentos regressivos acabaram sendo sustentados por uma atitude da mãe de compensar uma privação emocional, que foi bem assimilada pela criança, mas não por ela. Sua visão de que a criança era menor e menos capaz do que era de fato, levou-a a impor um movimento regressivo que era necessário para ela do que para a filha. Embora essa atitude materna não tenha causado maiores danos à menina que, ao contrário, usufruiu da maior proximidade com a genitora, ela parece ter-lhe causado também uma certa desorientação quanto à definição do próprio tamanho e condição. Como criança maior, ela já seria mais capaz de tolerar as ausências da mãe e, com isso, dividi-la com um terceiro (pai/ patrão) sem ver a presença dele como uma ameaça para a própria sobrevivência. Como bebê, contudo, como as relações somente podem se dar nas bases da exclusividade, o terceiro elemento se transforma em um perigo. Em suma, aqui Abigail também mostra, como no relato anterior, o caráter protetor do desenvolvimento. Todavia, a definição de sua atual posição evolutiva é ainda um pouco duvidosa.

Quadro 8

Nesse último relato ao CAT-A, Abigail revela as necessidades que apresenta atualmente, cujo suprimento lhe permitiria prosseguir o seu processo de desenvolvimento dentro de sua condição de autonomia relativa. A primeira delas seria o asseguramento do amor dos pais, mesmo diante de sua constituição como pessoa diferente e separada deles, às vezes com atitudes francamente opostas às deles. Enfim, trata-se da garantia de continuar sendo amada por aquilo que é, ter a certeza da continuidade do amor da família. A segunda seria a consolidação de seu sentimento de ser a mesma pessoa, a despeito das mudanças evolutivas que sofreu e vem sofrendo. Em outras palavras, ela necessita ter assegurada duas continuidades inter-relacionadas: a do amor dos seus e a da própria existência, uma provinda do mundo exterior, que sustentaria aquela advinda do núcleo do *Self*. Nesses termos, ela vê a figura de um irmão como possível de auxiliá-la nesse processo, já que, vendo-se nele como era antes e contrapondo-se a como é hoje, poderia retrair com maior facilidade a trajetória de seu desenvolvimento³⁶. Nesse sentido, a seu ver, seria também atendida uma necessidade da mãe de guardar para si um bebê, sem que ela precise ficar trazendo Abigail de volta para essa posição.

Em síntese, Abigail é uma garotinha que vem se desenvolvendo bem e que já atingiu conquistas importantes em seu desenvolvimento emocional. Em termos gerais, ela vê com bons olhos o processo de aquisição da autonomia, embora a complexidade dos problemas com que ela precise lidar agora, acrescida a uma atitude da mãe de retomar o relacionamento entre elas que era próprio de uma etapa evolutiva anterior, seduza-a, às vezes, para um caminho regressivo. Todavia, ela se dá conta da impossibilidade de se tornar novamente o bebê de sua mãe e deseja estar exatamente no momento desenvolvimental em que se encontra. Diante da necessidade, para continuar a amadurecer, de guardar a continuidade entre a criança que foi e a que é, ela necessita estar assegurada de que continuará a ser amada pela família, mesmo que nem sempre compartilhe dos desejos desse grupo, bem como ser recordada seguidamente por ele de que, embora seja diferente, ela é e sempre será a mesma Abigail ou, nas palavras carinhosas de sua mãe, “É a Biga, a nossa Biga”.

Síntese Renata e Abigail

Os relatos de Renata e de Abigail mostram que elas se tratam de uma díade que se compreende relativamente bem e que entretém um relacionamento bastante favorável ao desenvolvimento da menina, a despeito das inquietudes da mãe. Diante dessas circunstâncias propícias ao amadurecimento emocional, Abigail já adquiriu capacidades importantes como a integração, personalização e realização. A figura materna da criança, que parece ser uma espécie de composição entre a mãe real e a avó, é predominantemente positiva, enquanto a do pai, introjetada firmemente também, a despeito das dúvidas de Renata, oscila entre as características de autoridade punitiva e

³⁶ É possível que o desejo por um irmão nesse contexto atenuasse uma dificuldade da mãe em auxiliar Abigail nesse percurso, fazendo as ligações entre o bebê que ela foi e a criança que ela é, dadas as suas dificuldades em, às vezes, definir qual é a condição real da filha, um bebê ou uma adolescente.

ameaçadora e outra mais realista e integrada, em que predominam os traços positivos. Essa flutuação é dependente dos movimentos de progressão e regressão que Abigail opera no percurso de seu amadurecimento emocional. Se tal alternância faz parte do próprio período evolutivo em que a criança se encontra, o da dependência relativa, ela também é sustentada por uma atitude da mãe de, ocasionalmente, quando os desafios do mundo se tornam difíceis de transpor, regredir em seu relacionamento com os próprios pais, buscando o *holding* que eles lhe ofereciam no início da vida.

Nesse contexto, a questão central com que Abigail se defronta nesse momento de sua vida é um dos eixos em torno do qual Renata a personalidade de Renata se organizou: a perda da identidade infantil e a dos pais da infância. Para a mãe, sua adolescência chegou cedo demais, e a mudança de atitude dos pais diante do seu crescimento a pegou desprevenida. A dor pelo luto sofrido levou-a a buscar substitutos dele no mundo exterior, buscando reconquistar o relacionamento perdido com outra pessoa. Nesse processo ela inicia um vínculo amoroso e é surpreendida com uma gravidez e um abandono do parceiro. A mágoa profunda que ela viveu nesse momento foi aliviada pela recuperação do *holding* dos pais, pelo reencontro, altamente desejado, do que ela havia perdido ao longo de seu crescimento. O nicho familiar passou, assim, a ser visto como o local mais seguro que poderia existir, concepção esta necessariamente acompanhada por uma certa desconfiança do mundo exterior. Com isso, a própria Renata empreende os mesmos movimentos de progressão e regressão que Abigail, sendo a última vista por ela como uma forma de recuperar as energias para retomar a primeira. É com esses mesmos olhos que ela vê o amadurecimento emocional da filha, tornando-se, assim, temerosa dele e buscando assegurar a menina que estará sempre lá para oferecer-lhe novamente o colo e o relacionamento infantil para assegurá-la. Esse movimento é ainda intensificado pela concepção de Renata de que a filha, a priori, conviveria com um handicap importante, por não ter ao seu lado um pai biológico afetuoso e interessado nela (o que Renata interpreta como o resultado de uma falha sua face à menina). O colo materno oferecido a Abigail precisaria, portanto, ser mais frequente e de melhor qualidade, em outras palavras, compensador.

Abigail, todavia, não compartilha sempre do mesmo ponto de vista da mãe. Se ela concorda que eventualmente, quando as tarefas do desenvolvimento se tornam difíceis existe uma tentação de regredir ao colo (ou mesmo ao útero) da mãe, para ela essa não é a melhor opção. Ao contrário de sua mãe, ela não vê a regressão como uma medida protetora, mas como um movimento que a torna mais frágil e vulnerável que antes. O crescimento, portanto, mesmo que carregue consigo dores e ameaças, também a prepara para enfrentá-las e defender-se delas. Com isso, o mundo exterior, a começar pela figura do pai, torna-se menos ameaçador. O colo (ventre) da mãe, ao invés de se constituir num ninho acolhedor, pode tornar-se um cárcere sufocante. O crescimento, assim, não pode ser negado, mas deve ser saudado. O *holding* que ela precisa é de outra natureza daquele interpretado pela mãe. Não se trata, assim, de uma volta ao passado com uma sensação de que nada de mal poderá acontecer. Sua busca é a de que, tornando-se mais e mais autônoma, diferente da mãe, possa ainda ter a certeza de que o amor dela continuará inabalável. Desse modo, o que ela deseja é encarar os desafios e dilemas da

vida com as condições que tem no momento e ir desenvolvendo-as um pouco mais a cada dia. Para tanto, é necessário também a ela ter assegurada a percepção da própria continuidade de existência, do *Self*, de que há uma linha traçada entre a criança que foi e a que é (sentimento que será facilitado pela percepção de que o amor da mãe é o mesmo).

Embora essa dinâmica do relacionamento entre Abigail e Renata sugira que elas buscam experiências diferentes, em direções opostas, não parece haver, da parte da criança, uma percepção de ruptura ou de desencontro entre ambas. Se episodicamente a mãe não oferece à menina o objeto que ela cria, esta já se percebe em condições de assimilar a falta e a deficiência de interpretação materna. Nesses casos, a privação parece ser mais sentida por parte da mãe que da criança. O desencontro, contudo, é apenas aparente, já que a preocupação de ambas é a mesma: a de como guardar a continuidade do *Self*. Se para Renata esta foi de uma certa maneira abalada (ou mesmo rompida) pelo advento da adolescência (devido a uma possível sensação de que os pais mudaram subitamente e não souberam introduzi-la aos poucos nesse período evolutivo), a reivindicação do colo que ela faz como forma de reparação é percebida por Abigail mais como um fator agravante da descontinuidade do que atenuante. Enfim, ela crê que a solução encontrada pela mãe de efetuar múltiplos avanços e recuos no desenvolvimento traz consigo o risco de apagar cada vez mais a linha traçada do amadurecimento emocional. Com isso, sua insistência em partir do ponto em que está, sem regredir, também consiste no oferecimento de uma solução alternativa para a mãe diante das adversidades da vida.

Todavia, se para a mãe esse movimento de vai e vem permanece sendo necessário, nada mais resta a Abigail que respeitá-la e ajudá-la. É nesse quadro que o desejo por um irmão se apresenta, e cumprindo múltiplas funções: possibilitar à mãe nova regressão; trazer-lhe possivelmente os pais da infância de volta, como aconteceu na ocasião do nascimento de Abigail; constituir-se num duplo da menina, na função de um suporte objetivo em que ela, por compatibilização e por confrontação reencontre o fio condutor entre o bebê que foi e a criança que é.

Em síntese, Renata e Abigail compõem uma díade que se compreende bem, a despeito das visões diferentes de cada uma delas sobre como reagir diante dos obstáculos e das mágoas inevitáveis da vida. Se Renata deseja oferecer a regressão e o colo como opção de consolo e apaziguamento, Abigail deseja a confrontação, o enfrentamento como formas de fortalecer-se cada vez mais. A chegada de um irmão é vista pela menina como um meio de conciliar as necessidades de ambas, mantendo o respeito pela maneira de ser de cada uma delas, numa conciliação entre os movimentos progressivos e regressivos do desenvolvimento. Ele representaria, assim, o ponto de união a partir do qual Renata poderia voltar ao colo dos pais e Abigail liberar-se do colo da mãe, rumo à sua empreitada para ganhar o mundo.

APÊNDICE CF - Díade Taís e Amarílis

Identificação

Taís: 37 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Amarílis, 7anos; Alexandre, 9 anos

Criança estudada: Amarílis

Ordem das entrevistas: 1) Taís

2) Amarílis

Narrativa Taís

Taís foi a primeira mãe da amostra brasileira entrevistada por mim. Sua estatura é mediana e ela está ligeiramente acima do peso. Seus cabelos são lisos, na altura dos ombros e muito escuros, como os seus olhos. Sua pele é ligeiramente bronzeada. Ela tem 37 anos, mas aparenta mais. Paradoxalmente, a maneira como ela articula o seu relato é semelhante ao de uma menina bem comportada de 9 ou 10 anos: há uma doçura pueril em sua voz, como se ela desejasse agradar. Ela tem dois filhos: Amarílis, de 7 anos e Alexandre, de 9.

Meu contato com ela foi um tanto intranquilo no início, porque eu cheguei à escola 15 minutos depois dela. Meu atraso ocorreu em razão de a secretária da escola ter tomado a iniciativa de agendar a entrevista com ela, sem me comunicar. Quando Taís chegou, a secretária me telefonou e eu parti imediatamente para encontrá-la. Pedi desculpas pelo atraso e Taís, gentilmente, falou que não havia problemas. Mais tranquila, expliquei-lhe os objetivos da minha pesquisa, a natureza de nossa atividade com os quadros do CAT-A e a convidei para participar da investigação. Ela aceitou prontamente e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Peço à Taís que inicie me contando como é ser mãe de Amarílis. Ela começa dizendo que, no começo, quando teve Alexandre, foi tranquilo. Ela diz que normalmente as pessoas falam que menino dá mais trabalho, mas foi tranquilo. Em seguida, quando soube que teria uma menina, acreditou que seria mais fácil do que ter um filho homem, mas surpreendeu-se: Amarílis dá o dobro de trabalho. Ela justifica dizendo que Amarílis tem o “gênio muito forte”, briga, discute e “bate o pé”, mas não é agressiva. Diz que a filha discute, mas conversando. Digo que a menina argumenta e Taís concorda, dizendo que ela discute sem brigar. Diz que, a despeito disso, a filha é tranquila.

Ao ser perguntada sobre quem mora na casa, Taís responde que moram seu marido, ela própria, Alexandre e Amarílis. Em seguida ela reafirma que Amarílis tem o temperamento dela, brinca com o irmão, mas tem um “gênio muito forte”. Ressalta a persistência da filha diante de coisas de seu

interesse, e conta que ela “conversa com jeitinho até conseguir”. A mãe diz que a filha fica mais mansinha quando vê que o clima está pesado ou que a mãe está meio “enfezada” ou nervosa. Diz que apesar disto, a menina é uma boa filha. Perguntada sobre como é ser mãe dessa garotinha, Taís parece não encontrar palavras para dizer, mas comenta que não tem muito trabalho com ela, e que ela a ajuda. Ao ser convidada a falar mais sobre a ajuda que Amarílis lhe oferece, Taís apenas diz que a menina quer ajudar; depois fica alguns segundos em silêncio. Tenho a sensação de que ela reflete pouco sobre a sua maternidade. Taís retoma o seu discurso dizendo que a filha é muito alegre, nunca está de mau humor e canta o dia todo. Completa contando que trata Amarílis muito bem e que “pega no pé” da filha com relação aos estudos. Pergunto em que ano escolar Amarílis se encontra. Taís responde que ela está no segundo ano e que é uma boa aluna. Depois, fica em silêncio: parece não saber o que dizer.

Pergunto se ela gostaria de acrescentar alguma coisa. Taís diz então ter sido “premiada”, pois teve um menino e uma menina. Disse não ser fácil criar filhos, que antigamente se criava seis, dez ou doze filhos, mas que hoje é mais difícil. Ela diz que apesar das dificuldades, tudo estava encaminhando. Conta que tem um relacionamento bom com a filha, mas que às vezes fica nervosa; todavia, a menina já entende. Completa dizendo que gosta de ser mãe de Amarílis, mas que algumas vezes a filha a acha chata, por ser nervosa; Taís diz que é assim por querer “tudo certinho”. Ela conclui seu discurso e fica em silêncio. Minha sensação é a de que dificilmente ela dirá mais alguma coisa. Convido-a, então, a olhar o primeiro cartão do CAT-A e explico novamente que ela deve examinar a figura e me contar como é ser mãe de Amarílis nessas situações.

Quadro 1

Taís pega o cartão e pergunta se deve olhá-lo e dizer o que a situação lembra sobre ela e a filha. Respondo que sim. Ela examina a figura e fica em silêncio. Depois diz que se lembra de quando Amarílis quer ajudar, que ela quer colocar a mesa. Conta que eles estariam jantando e os filhos não param de conversar; diz que Amarílis e o irmão conversam demais. Ela fica em silêncio por 18 segundos e me olha de forma interrogativa. Falo que ela pode dizer qualquer coisa que venha à sua cabeça. Ela diz que se lembra mais da hora do jantar, momento em que a família se reúne mais. Pergunto como é esse momento em que eles estão reunidos para a refeição. Taís conta que nesta hora há muita alegria, que os filhos estão muito alegres, comendo. Diz que são uma família muito feliz. (Ela faz uma pausa entre as palavras “família” e “muito feliz”, como se procurasse as palavras). Quando perguntada se tudo vai bem quando as crianças comem, Taís diz que os filhos conversam demais, que a TV é ligada, e ela desliga. Pergunto se eles conversam e não comem e ela diz que sim, que eles ficam conversando e brincando. Segundo ela, na hora de se sentarem à mesa tem de haver silêncio, para não comerem estressados nem nervosos. Em seguida, completa dizendo que no almoço comem juntos apenas ela e os filhos, e o marido, que chega somente entre oito e meia e nove horas, come com eles apenas no jantar e “quer mais sossego”.

Pergunto se no almoço ela também tem essa postura sobre os filhos conversarem à mesa. Taís confirma e diz que quer ouvir e assistir ao jornal, mas que acaba desligando a televisão (ela diz como se estivesse impossibilitada de fazer isso, porque os filhos a atrapalham com suas conversas). Pergunto se ela passa o dia todo com eles. Ela afirma que passa somente a parte da manhã. Ela passa a tarde na oficina mecânica com seu marido, depois de levar os filhos para a escola. Pergunto se ela vê algo mais na figura. Taís responde que não e apenas completa dizendo que vê que a mãe não está aparecendo muito, que é mais as crianças na mesa. Ela me entrega o cartão e eu lhe apresento o seguinte.

Quadro 2

Taís examina o cartão e, após dez segundos, diz que ele se trata de Amarílis e o lado dela. Acrescenta que a corda sempre arrebenta do lado mais fraco. Em seguida conta que Amarílis é forte também, ela bate o pé, conversa, briga, quer ganhar tudo na conversa. Continua dizendo que as duas têm um temperamento contrário. Reafirma que Amarílis tem um “gênio muito forte”. Taís menciona que quando se promete levar a filha a algum lugar que ela gosta, tem que levar, senão ela diz que a promessa foi feita só para que ela parasse de pedir. Refere que ela mesma acha que não está certo prometer e não levar, porque depois a criança cobra. Diz que Amarílis tem um temperamento assim: se é dito a ela que será levada a algum lugar, depois ela lembra. Taís fica em silêncio por 15 segundos. Pergunto sobre a sua menção de a corda arrebentar do lado mais fraco. Ela explica que algumas vezes a criança está certa e a mãe pode estar errada, como ela havia dito no caso das promessas não cumpridas (“vou falar que eu te levo, só para você parar”). Ela conta que às vezes Amarílis faz alguma coisa e ela (Taís) vê que o pai fica nervoso, mas “não que ele vá bater” (sic). Nesses casos, Taís interfere, mas vê que ela própria está errada: ela vê que a criança está errada e não deixa o pai resolver. Repete que nesses casos ela mesma está errada, porque o pai “tem que ter o respeito dela” (da menina).

Ela fica em silêncio por 15 segundos e eu pergunto se haveria mais alguma coisa a dizer a respeito daquele cartão. Ela ri e diz que um dos personagens parece espantado (ela aponta o urso que está só). Pergunto se ela pensa que Amarílis respeita mais o pai ou ela mesma. Taís responde que “Respeitar, ela respeita, eu e o pai dela, mas ela tem a palavra dela também”. Diz que a menina quer ter a prioridade dela, que ela acha que é adulta, que quer conversar como se fosse gente grande. Ela fica em silêncio e me devolve o cartão. Eu lhe mostro, então, o terceiro.

Quadro 3

Taís fica em silêncio por alguns segundos; depois ri e diz que quando se fica bravo com a criança, ela fica quietinha (ela mostra o ratinho). Vinte segundos depois, ela diz que o leão tem cara de bravo. Ela fica novamente em silêncio por 15 segundos. Depois diz que o cartão se refere a quando se fica bravo com a criança e ela fica com medo. Ela fala de modo como se me fizesse uma pergunta. Digo a ela que cada pessoa pode interpretar o desenho de um jeito diferente. Ela ainda hesita, fica

alguns segundos em silêncio e diz, também em tom interrogativo que poderia tratar-se de uma pessoa autoritária (sua fala é hesitante). Pergunto se parece uma pessoa autoritária e ela diz que sim, mas não conclui seu discurso. Ela faz novamente um longo silêncio (vinte segundos) e me devolve o cartão. Eu lhe mostro, então, o seguinte.

Quadro 4

Taís observa a figura e novamente me pergunta acerca das instruções da tarefa: “Como eu faço? Eu conto dela... o que eu vejo na foto... e aí...”. Digo a ela que sim, que ela é livre para dizer o que quiser, o que vier à sua cabeça. Após alguns segundos de silêncio, ela diz que vê um ursinho com a mãe, passeando e diz que a figura se refere a quando se vai passear ou levar a criança em algum lugar. Sua fala é hesitante, como se ela procurasse minha confirmação se sua percepção está correta. Digo que ela pode falar o que quiser. Taís, após 20 segundos de silêncio repara a presença da bicicleta. Ela diz que a figura faz lembrar de quando Amarílis aprendeu a andar de bicicleta sem as rodinhas de apoio. Ela fica novamente em silêncio e eu pergunto como foi esta situação. Ela conta que a filha insistiu com o pai para que ele lhe ensinasse a andar de bicicleta sem rodinhas e que ela ia levantando as rodinhas, até que conseguiu. Diz que a menina conta para todos que aprendeu a andar de bicicleta. Ela conclui dizendo que Amarílis gosta de brincar, e que com ela não tem “tempo ruim”. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

Taís diz ver uma família reunida. Ela acrescenta que Amarílis gosta muito de conversar, querendo saber o porquê de tudo. Ela fica em silêncio por 20 segundos e depois diz que a figura se trata de uma confraternização, uma família mesmo. Taís fica em silêncio por mais 15 segundos e eu lhe pergunto se Amarílis se parece com alguém da família. Taís diz que acha que não. Fala que o filho se parece com o pai, que é igualzinho a ele, que os tios do menino dizem que ele é o pai “melhoradinho” e ri. Diz que se fosse para Amarílis parecer com alguém, seria também com o pai. Taís fica em silêncio e eu lhe pergunto se, quando criança, ela era bem diferente de Amarílis. Ela responde que sim. Ela conta que quando era criança, o que a mãe falava era “tudo”. Conta que fazia tudo o que sua mãe pedia. Ao contrário, Amarílis já lhe diz: “Ah, não vou fazer por causa disso; não vou fazer porque eu não quero”. Pergunto se ela está tentando fazer com a filha algo um pouco diferente do que viveu. Ela confirma e eu pergunto como é viver essa situação. Taís responde que é difícil “se pôr” diferente. Conta que em sua época era diferente: quando ela saía, tinha que dizer aos pais aonde ia, à que horas ia voltar. Conta que precisava estar em casa às dez horas e às dez e um, seu pai estava lá onde ela havia ido, para buscá-la. Diz que hoje simplesmente a criança fala: “Ah, tem um aniversário e eu vou lá na festinha” e a criança vai sozinha. Diz que antigamente não havia isso. Completa dizendo que agora o mundo está pior do que antigamente, dez ou vinte anos atrás, que as crianças estão mais atualizadas. Ela encerra o seu discurso.

Pergunto a Taís se ela gostaria de falar mais alguma coisa. Ela responde que não e fica em silêncio. Peço então que ela me conte um pouco dela. Pergunto há quanto tempo ela é casada. Ela responde que se encontra casada há onze anos, que sempre morou na mesma cidade e que sua família vive nesta mesma cidade. Pergunto se ela e Amarílis têm contato com outros membros da família. Taís responde que, por parte do pai, só há um avô e uma bisavó de Amarílis. De sua parte, Amarílis também tem uma avó e uma bisavó. Taís complementa dizendo que Amarílis vê sempre a avó de seu esposo, e que a criança vai até o quarto dela. Essa bisavó vai completar noventa e cinco anos de idade, mas está bem e conversando. Pergunto novamente a Taís se ela gostaria de falar algo mais sobre a educação das crianças, algo que a preocupe. Ela responde que o menino lhe dá mais trabalho; a menina não, porque menina é mais sossegada. Ela diz que pensa em dar um bom estudo a eles, e que façam uma faculdade. Ela fica novamente em silêncio. Por mais uma vez pergunto se ela teria algo a acrescentar e, diante de sua negativa, agradeço a sua participação e encerramos a entrevista.

Durante todo o nosso contato, percebi em Taís uma certa intranquilidade, não em termos de ansiedade ou pressa, mas ela não parecia muito à vontade. Esteve o tempo todo um tanto presa e pouco espontânea. Minha sensação era a de precisar fazer um esforço para me aproximar dela, e, mesmo assim, sem muito sucesso. Ela parecia um tanto superficial e artificial comigo. Todavia, isso não se tratava de uma tentativa de transmitir uma imagem melhor, mas de uma dificuldade em se abrir e se expor. Minha sensação era a de não conseguir estabelecer com ela um contato profundo. Precisei mesmo fazer algumas perguntas ao final do nosso encontro para compreender o contexto em que ela vivia (se era casada, se trabalhava fora), já que essas informações não surgiram espontaneamente no seu relato. Minhas intervenções para estimulá-la a associar mais sobre os quadros do CAT-A também não foram muito bem sucedidas: ela respondia às minhas perguntas e de fato associava, mas muito pouco. Minha sensação foi a de que ela vivia a maternidade no seu dia a dia, mas não refletia a respeito dela. Com isso, ela ficava com a sensação de não ter muito o que dizer sobre si mesma como mãe.

Interpretação Taís

O relato de Taís ao CAT-A revela que ela é uma mulher que, embora esteja bastante satisfeita com sua condição de ser mãe de duas crianças, apresenta uma certa dificuldade para usufruir dos prazeres da maternidade em toda a sua plenitude. Tal dificuldade é a consequência de um certo sufocamento dos afetos que caracteriza a sua personalidade, que pouco lhe permite relaxar e ficar à vontade para aproveitar das satisfações e alegrias da vida. Ela se mostra tensa, insegura de suas opiniões, pouco confiante em si mesma. Parece buscar o tempo todo a aprovação alheia. Essa busca, contudo, não se trata, pelo menos de início, da procura de um eco para aquilo que ela cria e concebe. Embora essa dimensão seja realmente importante e necessária para ela, a busca exterior parece dirigir-se antes a normas de bem proceder e de “bem ser”. Ela procura diretrizes e orientações que lhe indiquem o que deve fazer, de modo que não esteja sujeita a cometer erros e a sofrer as consequências

deles, a saber, as punições. O superego é inflado e rigoroso. Os valores do mundo (e de sua família) não são assimilados e digeridos por ela de modo a construir uma moralidade pessoal. Ao contrário, sua moralidade é constituída com base na submissão: ela é tomada por esses valores externos e, com isso, a presença defensiva do falso *Self* se faz notar. Daí a impressão da falta de pessoalidade em seu discurso, sua dificuldade para falar de si mesma e a sua conduta, no encontro comigo, como alguém que deseja, sobretudo, agradar. O apego rígido e acrítico aos valores morais do mundo e a normas de conduta para atingi-los bloqueia de maneira importante a sua capacidade de reflexão e de associação, embora não a inviabilizem por completo. Com isso, ela reflete pouco sobre si mesma e sua experiência como mãe, o que resulta em dificuldades para desenvolver uma visão mais global e integrada de si mesma e da filha.

As raízes dessa configuração psicodinâmica, cujos efeitos se fazem sentir na vivência materna de Taís, remontam à sua infância, conforme é possível entrever nas discretas referências que ela faz a essa etapa de sua vida ao longo do CAT-A. Ela revela sua experiência diante de uma figura materna autoritária e intimidante, cuja palavra era lei. Ela parece sentir não ter tido qualquer direito à voz. Seu discurso sugere que o afrontamento e a oposição a essa figura eram duramente punidos. Mesmo que a desobediência fosse às escondidas, a autodelação (voluntária ou não) era inevitável e o castigo viria seguramente. Perante o receio dele e a culpa pelo desacato à mãe (e provavelmente também ao pai) nada mais restou à Taís do que calar os próprios desejos em favor da adoção bruta dos valores dela. A oposição, estando assim proibida, pouco a ajudou no seu processo de diferenciação com a mãe, mas manteve-a numa posição infantil, dependente dela e temerosa de desagradá-la. O afrontamento passou a ser vivido como uma rejeição e uma ruptura da continuidade com a mãe, geradoras de uma culpa lancinante. A incursão numa jornada rumo à própria personalidade é feita de uma maneira tímida e hesitante, o que ficou claro na relação transferencial que ela estabeleceu comigo, principalmente em seus relatos aos quadros 3 e 4 do CAT-A, em que ela demandou constantemente minha aprovação. Por isso, de pouco valor foram as minhas intervenções no sentido de tranquilizá-la de que as narrativas eram pessoais, únicas e que não havia certo ou errado na atividade. Havia um receio subliminar de Taís de que eu a julgasse em sua condição de mãe. Eu era para ela a autoridade no assunto, por haver conhecido tantas de mães de várias partes do mundo. Foi somente nos momentos finais do CAT-A, nos quadros 4 e 8, que ela começou a compreender que a minha conduta era a de promover a sua autonomia e não julgá-la nem mantê-la na dependência, dizendo o que deveria ou não fazer, nem onde ela acertava ou errava. A partir daí ela conseguiu iniciar um processo de elaboração sobre como a sua experiência com a própria mãe interferia nas dificuldades que ela apresentava em sua relação com Amarílis.

De maneira muito diferente da criança que ela mesma foi, Taís se vê agora como mãe de uma garotinha que ela considera impositiva e cheia de personalidade. Perplexa, ela vê cair por terra o seu estereótipo de que as meninas seriam, como ela, mais dóceis, pacíficas e obedientes. Ao contrário, Amarílis a enfrenta, se opõe e quer fazer valer a sua opinião. Com isso, o que se torna nesse momento

premente na experiência materna de Taís face à Amarílis é o gerenciamento dos conflitos entre elas e entre a menina e o pai. Sua sensação é a de estar em um embate constante e infinito com a filha. Marcadas nitidamente as posições de adulto e de criança, pouco sobra espaço para o acordo entre ambas. Ao invés do encontro de um meio-termo entre as duas, o conflito somente causa o distanciamento. Diante dele, Taís oscila entre uma posição de imposição dos limites à menina (sobretudo quando ela tem a sustentação do outro para tal) ou o apoio incondicional a ela, mesmo quando não está de acordo com a criança. Ambas as posições são frutos dos resquícios de suas experiências infantis, particularmente de sua submissão, no primeiro caso, aos valores parentais e, no segundo, aos desejos de sua filha. Desse modo ela revela que é a maneira como o outro se apresenta e a força com que impõe a sua palavra que a desestabiliza; o seu modo de impor limites repousa, assim, mais sobre o medo do que sobre a segurança de seus valores introjetados. Diante disso, nas poucas situações em que ela sustenta a menina quando esta afronta os valores que lhe foram ensinados pela própria mãe, Taís se sente culpada e hesitante. Do mesmo modo, quando ela sustenta os valores parentais diante da menina, a insistência desta, além de gerar a mesma insegurança, causa também fadiga.

O relato de Taís mostra que Amarílis percebe bem a hesitação da mãe e usa, cada vez mais o seu poder de persuasão e sua insistência para convencê-la. A saída que Taís encontra para essa situação é a prometer à menina a satisfação do seu desejo para o futuro, na esperança que ela se esqueça do que solicitou. O inconveniente dessa conduta, contudo, não é, para ela, a perda da confiança da menina, mas as consequências futuras do ato “condenável” de não ter cumprido uma promessa (quadro 2). Perante esse impasse, a outra alternativa é simplesmente calar a expressão dos desejos, o que somente seria possível mediante uma restrição importante das situações de relacionamento (quadro 1).

A forma com que Taís maneja a oposição de Amarílis parece pouco ajudar a menina na passagem pela etapa de dependência relativa que ela parece se encontrar. A pouca flexibilidade para a negociação e reflexão, impulsionariam a garotinha ora a guardar uma dependência duradoura da mãe (como foi o seu caso na infância), ora a desenvolver uma oposição acintosa face a ela. Do mesmo modo, a menina não parece contar muito com o pai nessa jornada. Diante disso, ela sente precisar abrir sozinha o seu caminho rumo à independência (quadro 4).

As razões das dificuldades de Taís frente à imposição de limites à Amarílis referem-se à sua impossibilidade de se basear nas próprias experiências infantis junto à sua mãe para identificar-se com ela e tornar-se mãe como ela. A rigidez com que os valores maternos foram incorporados e a forte submissão a eles impedem-na de adaptá-los, de modo flexível, à realidade atual da educação infantil e às características de personalidade da filha. Taís percebe que a educação que teve tornou-se *démodée*, pouco condizente com as características das crianças do mundo atual (quadro 8). Com isso, ela tem duas opções. A primeira é a de se tornar uma mãe “ultrapassada” e pouco adaptada às necessidades e demandas da filha, o que lhe permitiria, por outro lado, guardar um sentimento de continuidade em

relação à própria figura materna. A segunda seria a de romper completamente com os valores maternos para aproximar-se mais da filha, com a contrapartida da insegurança de não ter mais em que se basear para cumprir as suas funções e, principalmente, da culpa e do medo, consequentes a essa “desobediência”.

Frente a esse dilema, no final do CAT-A, Taís encontra algum alívio quando observa a conduta de Amarílis diante dos membros mais velhos da família, particularmente a bisavó. Se a menina, a despeito do seu caráter “intransigente” consegue manter o apego a figuras parentais que representariam, a priori, um conservadorismo maior, amando e sendo amada por elas, então a autonomia não seria incompatível com a guarda da tradição. A identificação com a filha e a interpretação da conduta da menina deste modo, apazigua Taís, no sentido de que ela também poderia acomodar os valores parentais ao mundo atual. Perante essa constatação, ela se torna capaz de perceber a filha de um modo diferente, tornando-se menos ameaçada pela oposição dela (ao contrário do início da entrevista, ao final ela diz que a menina não lhe dá muito trabalho). Detalhes suplementares sobre essa dinâmica encontram-se na análise individual dos relatos de Taís ao CAT-A.

Quadro 1

No relato a esse quadro, Taís mostra uma situação de reunião familiar, em que ela consegue prover gratificação aos filhos, que é aceita por eles. As introjeções que ela oferece são, assim, acolhidas pelas crianças. Se essa ligação é mantida com certo sucesso, por outro lado as tentativas de expressão mais pessoal das crianças são sentidas como até certo ponto perturbadoras, dada a possibilidade de suscitarem diferenças de opinião e conflitos. Elas então devem ser não apenas desencorajadas como coibidas, de modo a que apenas a situação de assimilação das introjeções da mãe tenham lugar (ela exige que as crianças fiquem caladas para comer, de modo a evitar “nervosismo e stress). A presença do pai na relação, além de manter essa mesma situação parece ainda acentuá-la. Assim, as possibilidades de desenvolver um relacionamento familiar mais fecundo se restringem consideravelmente, já que cada membro fica encerrado na própria individualidade, condição para a manutenção da “harmonia” familiar.

Quadro 2

Diante da impossibilidade de calar completamente a expressão pessoal, Taís exprime, nesse quadro, a sua experiência diante de situações de conflito, seja como a criança que ela foi diante da própria mãe, seja como a mãe de sua filha. Frente ao desacordo, fatalmente seria o lado mais fraco, no caso a criança, que sofre ou sofrerá as consequências. Não há chances de chegar a um entendimento ou ao alcance de um meio-termo, o conflito devendo se resolver necessariamente a favor de um polo ou de outro. O lado mais forte diz respeito, a seu ver, àquele que assume os valores de bem proceder; ele se sustenta, assim, sobre uma noção clara do que é certo e do que é errado, diferenciação esta muito bem definida. A opção pelo desejo (o errado) em detrimento da interdição (o certo) engendra

culpa, e o castigo, cedo ou tarde, se apresentará. Assim, a identificação com os valores morais parentais é vista por Taís como passível de fortalecê-la. Todavia, num dos poucos lampejos de reflexão que ela exhibe no CAT-A, ela se dá conta que nem sempre o adulto tem razão, remetendo-a a um sentimento de, eventualmente, haver sido injustiçada quando criança. Essa percepção, embora a encaminhe a desenvolver uma maior flexibilidade face ao gerenciamento dos conflitos, provoca, sobretudo, a perda da segurança de sua condição de adulta e de mãe. Se por um lado essa capacidade crítica coloca freios à adoção de uma possível postura autoritária frente à sua filha, por outro ela a remete à sua condição de insegurança infantil, temerosa da reação daquele que é mais impositivo, seja a figura materna que ela introjetou, seja a própria filha. Taís oscila, então, entre uma e outra, pouco segura que está em relação à sua moralidade, que foi desenvolvida principalmente “por empréstimo” da do outro (seus pais) sem uma elaboração mais pessoal que a ajudaria a definir parâmetros seguros na sua maneira de se posicionar diante do mundo. Sua tendência maior, contudo, é a de preservar os antigos valores maternos em detrimento dos da filha. Por isso, a eventual tomada de posição em defesa da filha a surpreende e espanta (particularmente à mãe introjetada), fazendo-a sentir-se ainda mais frágil em função da culpa pela quebra da continuidade dos valores familiares.

Quadro 3

Em continuidade ao tema anterior, Taís sublinha nesse momento sua experiência (que ela percebe como passível de repetir com a filha) diante de pais, a seu ver, bastante autoritários. A imposição autocrática e despótica encurrala a criança, o superego obstrui a criatividade primária que se retrai e tem seus movimentos restritos a um espaço bastante reduzido. É nesse momento do CAT-A que Taís se desestabiliza um pouco, torna-se mais insegura e, transferencialmente, começa a solicitar minha aprovação do que ela faz. Ela busca em mim parâmetros de certo ou errado, em cujos limites ela poderia mover-se em segurança. Minha reiteração de que não havia certo ou errado na nossa tarefa não a alivia, visto que, para ela, a vida parece ser primordialmente organizada em função desses valores. Tampouco minha observação de que o que ela vê depende de sua individualidade não faz muito sentido, dado o seu encarceramento em uma moralidade que não foi apropriada de modo pessoal e o nível de retraimento a que ela condenou a sua criatividade primária.

Quadro 4

A demanda de Taís para a confirmação de minhas orientações sobre a realização da tarefa do CAT-A, inesperada nesse momento tardio de nosso contato, revela a continuidade da relação transferencial iniciada no quadro anterior. Ela parece precisar de minha aprovação para saber se está no bom caminho. Minha reiteração de que ela é livre e que tudo o que disser será aceito, remete-a a comunicar sobre a dificuldade de estabelecer uma conduta autônoma diante da falta de apoio e de incentivo dos pais. Identificada com a filha, ela percebe que suas necessidades de independência não foram sustentadas por eles, o que a obrigou a desenvolver-se sozinha, sobre bases relativamente

frágeis. Com isso sente que, de alguma maneira, os pais a mantiveram dependente deles. Da mesma maneira, ela se dá conta que Amarílis enfrenta um desafio semelhante. Diante do seu despreparo para ajudar a filha na tarefa rumo à autonomia, cabe então à garotinha um esforço individual suplementar para crescer e precisar cada vez menos da sustentação familiar.

Quadro 8

É nesse momento final do CAT-A que Taís se dá conta, ao juntar as diferentes gerações de sua família, de que o embasamento integral em sua experiência com seus pais na infância é insuficiente para sustentá-la em sua experiência atual como mãe. É necessário “atualizar-se” para alcançar o mesmo nível das crianças, que devem ultrapassar os limites dos pais (diz que o filho é o pai “melhoradinho”). O acesso das crianças ao que os pais não tiveram, por exemplo, a uma educação de melhor qualidade, obrigaria também os pais a essa “atualização” e a uma postura de valorizar um pouco mais a voz delas. Com isso, ao contrário do que Taís viveu em sua época, Amarílis não parece, a seu ver, apresentar qualquer sentimento de inferioridade diante dos adultos. Também ao contrário dela, a menina não apresenta uma obediência cega e submissa aos demais. A percepção de Taís de que a filha tornou-se alguém muito diferente dela desperta-lhe um sentimento de perda de continuidade entre ambas. Além disso, sua necessidade de rever e de adaptar os valores dos pais em função das necessidades do momento presente da infância da filha, gera culpa e apreensão, porque isso significaria rejeitar a própria mãe e, assim, perder a continuidade com ela. Desse modo, a oposição da criança a coloca em uma espécie de “fogo cruzado”. É essa dificuldade em deixar o passado para trás que diminui as suas chances de auxiliar a filha no processo de aquisição crescente da autonomia.

Em nossa conversa posterior à apresentação do CAT-A Taís revela que suas angústias relacionadas a uma possível perda da continuidade familiar começam a ser apaziguadas, sobretudo por sua observação do comportamento de Amarílis. Ela vê que a menina, apesar de toda a sua oposição, permanece interessada mesmo pelos membros das gerações mais antigas de sua família, mantendo contato com eles. Assim, ela guarda um espaço na vida familiar em que ela mesma tem voz e contribui nas relações, bem como aceita aquilo que o outro lhe oferece. Dessa maneira, a continuidade se estabelece e Taís se tranquiliza. Ela começa a perceber, mas ainda timidamente, que continuidade e fidelidade não significam forçosamente exclusividade e reprodução exata; enfim, a filha começa a mostrar-lhe o que significa, de fato, o “uso do objeto”.

Em síntese, Taís é uma mulher que se debate nesse momento com a necessidade de adaptar a experiência que ela teve como filha de sua mãe para usá-la em sua nova experiência como mãe de sua filha. Essa tarefa é particularmente difícil para ela, dada a sua bagagem infantil de convivência com uma mãe demasiado autoritária que lhe dava pouco direito à voz e lhe exigia cumprir com exatidão os preceitos morais. O desafio à mãe era visto como passível de séria punição, a pior de todas implicando no exílio da vida familiar e na perda de continuidade com a mãe. Diante da crescente autonomia de Amarílis, que implica uma oposição e uma imposição cada vez mais frequentes da filha, Taís vê

naufragadas as chances de reproduzir fielmente com a menina o modelo familiar que teve. A rigidez excessiva de seu superego impede a circulação livre da criatividade primária e a flexibilidade necessárias para a adaptação de seus valores antigos ao mundo atual. Com isso, ela pouco consegue ajudar a filha ao desenvolvimento gradual da autonomia, obrigando-a a realizar esforços adicionais para atingir essa conquista evolutiva. É somente quando Taís percebe que essa aplicação da menina na busca da autonomia coexiste com o apego a tradição e o respeito aos ancestrais que ela se tranquiliza um pouco mais e começa a desenvolver, embora de uma maneira ainda bastante tímida, uma reflexão mais ampla do que a sua educação lhe trouxe de bom e do que precisa ser revisto.

Narrativa Amarílis

No final de minha entrevista com Taís, ela me pergunta se eu já gostaria de falar com Amarílis naquele mesmo dia. Eu respondo que sim, se fosse possível, já que as entrevistas com as crianças não costumavam ser longas. Ela sai da sala disposta a dizer à menina para vir me encontrar. Eu a acompanho para que ela possa nos apresentar primeiro (temi que Amarílis pudesse ficar intimidada, caso a mãe não intermediasse o nosso contato).

Amarílis é adorável: pequenina, magra, de pele morena clara; tem os cabelos escuros, compridos, cacheados e presos num rabo-de-cavalo. Ela usa um óculos com armação quadrada, no formato da moda, com aro cor-de-rosa com estrelinhas brancas, que combina com a sua mochila da mesma cor. Está em fase de alcançar a dentição permanente e lhe falta um dos dentes da frente, o que lhe dá um charme especial. Após nossa apresentação, ela segue comigo sem dificuldades para a sala em que eu havia conversado com sua mãe, que fica esperando do lado de fora. Explico a Amarílis o que eu faço, os objetivos da minha pesquisa e pergunto a ela se gosta de animais. Ela responde afirmativamente. Digo que vou mostrar a ela alguns quadros com figuras de animais e pergunto se ela gosta de contar histórias. Ela diz que não sabe fazê-lo. Eu respondo que poderíamos tentar, porque os quadros eram muito bonitos e ela poderia contar a história que quisesse, do jeito que quisesse. Ela então aceita tentar e eu lhe mostro o primeiro cartão.

Quadro 1

Amarílis olha o desenho e hesita; faz um gesto com as mãos indicando que não sabe como fazer o que eu pedi. Repito que a história poderia ser do jeito que ela quisesse. Ela sorri e diz que não consegue fazê-la e eu respondo que vou ajudá-la. Digo: ‘Era uma vez...’; ela repete o ‘era uma vez’. Falo que ela poderia continuar e pergunto o que havia no quadro que ela achava legal. Ela aponta os pintinhos e eu digo que poderíamos tentar inventar uma história. Ela concorda e começa sua narração.

“Tá! Era uma vez três pintinhos almoçando com sua mãe. Aí eles tavam comendo... (silêncio) [E aí, o que você acha que vai acontecer? Eles estavam comendo...] E a mamãe tinha pegado um monte de minhoquinha pra eles comer. E depois, eles acabaram de almoçar. E aí o papai deles chegou e contou uma novidade pra eles. Que ele tinha... que tinha um galo novo no galinheiro. Aí, depois os

pintinho e a galinha foram lá ver o galo novo, e depois eles fizeram amizade. Depois, eles comeram juntos e... o galo ficou contente e agradeceu. Depois, de manhã, os dois galos cantavam ‘Cocoricó!’, aí os pintinhos faziam a mesma coisa. Aí, a galinha, ela... gostou, e depois ela casou com os dois galos. E aí, o outro galo que ela tinha namorado antes, ficou bravo. Aí ele brigou com o outro galo, e os pintinhos ficou muito triste... e aí os pintinhos ficou triste... E o moço matou os dois galo que tava brincan... é, brigando. E depois a galinha e os pintinho ficaram tristes, porque o homem matou os dois galos, e depois eles não ia pôr mais galo lá. E a galinha ficou muito triste, que matou os dois galo, só porque ela tava namorando o outro, que ele não tinha família, pra ele... pra ele ficar mais feliz, e a família ser muito grande, que todo mundo devia ser amigo, de uns e dos outros. E os pintinhos, ao invés de almoçar e jantar da mesma forma, eles não conseguiam porque o homem matou o pai dele e o outro que a galinha tava namorando. Aí, eles falavam... Aí, eles, quando o portão ficava aberto, do galinheiro, eles fugiam e a galinha também. Aí, o homem ‘tive’ que matar os três pintinhos e a galinha, porque eles fugiram do galinheiro, e o moço não gostava, senão ele matava, ou briga. Aí sobrou só um... uma, e eles não sabia que tinha um galo lá, doente. E ele era muito velhinho, porque ele ficava lá dentro se esquentando, porque no frio, ele não aguentava e morria. E o velhinho ficou sozinho. Aí eles ficaram lá no céu, sem minhoca pra comer. Aí eles... aí eles tinham que ficar lá dentro, aí eles comiam, as galinhas e os galos e os pintinhos. Aí nem tinha mais ovo, porque só sobrou o galo. E depois, ele ficou muito triste porque ele deixou matar... porque o homem matou todo mundo menos ele, que ele ficava quietinho no canto dele. (Silêncio) [Você quer continuar?] Não. [Muito bonita a sua história. Um pouco triste, mas muito bonita.] É porque no meu vô tem um galinheiro. [Ah, no seu vô tem um galinheiro.] E quando um homem, ele também era idoso, ele colocou outro galo e começou a brigar, e agora não tá brigando mais”. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 2

Ela começa a associar imediatamente. “Era uma vez três urso brincando de cabo de guerra. Aí, tinha dois de lá e um de cá. Depois, quem perdeu foi o que tinha um, porque ele tava sozinho. Aí ele ficava muito triste, porque ele perdia. Aí, depois no outro dia, o pequenininho não queria jogar mais. Aí os grandão também não queria mais, porque o de cá, que tinha uma mancha no olho, assim, ele era fraco, e só o pequenininho que era forte. Aí a mamãe urso, que era a que tá sozinha, ela ficava muito triste porque só o filhinho, que era menino, ajudava o papai, e o papai era muito... um pouquinho velho. Aí ele ajudava, mas a mamãe era um pouquinho mais nova, aí, ele não consegui... não queria ajudar. Aí ele... ajudava o pai dele porque ele era o pequenininho e ele era o mais forte. Depois, eles foram pra casa e eles descansavam. Depois eles assistiam TV, aí, (hesitação) eles foram... assistir TV. Que a TV, ela tava sem energia, porque eles gastavam muita energia. Aí eles foram pra cama, e a cama deles era muito dura, do papai e da mamãe, e a do filhinho era muito macio. Aí eles tinham que dormir na cadeira, que era fofinha. Aí eles acordaram e depois eles foram almoçar e a mamãe sozinha,

aí o filhinho que nem ajudava a fazer o almoço, ajuda. Depois, eles ficaram tão triste porque ficaram com fome. E depois ninguém queria ajudar a mamãe a fazer a comida. E aí eles ficavam sem comida até a mamãe fritar. Que daí ficava assim da manhã até a meia hora, que era de tarde. Aí, à noite, eles jantavam e tinha que esperar até amanhã de novo, porque ela não sabia cozinhar e tinha que ir no supermercado, e ela não tinha dinheiro. Aí eles ficavam esperando, assistindo TV que nem funcionava. Aí o filhinho que era meio bebezinho, ele montou uma telinha e fez a reportagem de criança. Aí eles ficavam esperando, enquanto o papai ficava dormindo, e o filhinho menor ficava brincando de TV na sala. Aí bateu a porta, e ele chamou o papai, que abriu pra mamãe e a mamãe tava toda machucada, porque eles quase matavam ela, mas ela ficou corajosa, aí ela pegou e fez um barulho de urso e assustou as pessoas, aí o filhinho abriu a porta pra mamãe. O papai ficou assustado, que ela ficava com sangue, aí o filhinho cuidou da mamãe e do papai, porque ele era pequeno e era forte. Aí ele brincava com a mamãe e o papai, mas a mamãe ficava no hospital. Aí ele brincava só com o papai. E o papai que não conseguia, ele só tinha uma corda pra brincar, e ele não conseguia, porque a mamãe tava no hospital e o papai era velhinho e o filhinho era o mais forte. Aí o filhinho derrubava (ela tem certa dificuldade em pronunciar essa palavra) o papai pelo chão, porque ele era o mais forte da família, ele falou pro papai que sente muito porque ele não queria... ele não sabia que ele era mais forte da família, e ele não queria machucar o papai. Aí só ele sobrou da família, porque o papai também ficou no hospital. Aí o pequeno urso, ele foi morar com o vovô e a vovó dele, que mesmo assim ele continuava sendo a mesma coisa. Mas o vovô e a vovó dele era os ursos muito corajoso. Eles mostravam fotos pra ele, e ele ficava muito legal e brincava com o vovô enquanto a vovó fazia o almoço, e eles não assustavam. Eles brincavam, via TV, dormiam, almoçavam. E o papai e a mamãe dele quando curou, ele viu o vovô e a vovó dele, tirou uma foto com o pequeno urso, que era o menor, aí ficaram tão felizes que aprenderam a lição que sempre que você seja fraco, ou velho demais, você pode ser capaz de fazer qualquer coisa que você quer. [Esse ursinho sofreu...] Eu vi um desenho que tem do pequeno urso. É legal, mas eu não tenho o outro canal. [Tem a estória parecida com essa que você contou?] Hum hum. Ele tem amigo ganso. Também tem outro, mas é do Franklin, mas ele, o Franklin, tem um amigo que chama Pequeno Urso. E tem um outro que tem um amigo, tem um castor, tem a tartaruga que é o Franklin, tem o coelho, o urso, e também tem a mãe, a avó, e o pai tartaruga, e tem muitos animais. [Uma bicharada, então.] É o último desenho do Discovery, acho que é o último ou o primeiro. Que toda hora passa desenho, nunca passa filme de terror no Discovery Kids”. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro os seguinte.

Quadro 3

“Era uma vez um leão que tava com fome, e tinha um ratinho, e ele capturou o ratinho. Aí ele falou se ele soltar o ratinho, ele ia salvar o leão. Aí ele viu, e ele soltou o ratinho, mas depois ele fez uma promessa: ‘Eu vou te soltar porque você me fez rir, mas da próxima vez, eu vou te comer’. Aí, uma vez, o leão foi na selva e ficou na armadilha do caçador. Aí o leão chamou todos os animais que

ele deixou fugir, mas nenhum atendeu. Mas o ratinho, ele lembrou da promessa, e ele cortou a rede com seus dentes. Aí, eles se tornaram amigos, e brincavam todo dia juntos, almoçavam juntos. Porque o rei leão, que era o único leão, ele não tinha amigos, porque ele era macho e ninguém queria ser amigo dele. Aí ele ficava muito triste, depois ele ficava muito bravo, porque ninguém queria ajudar ele. E foi muitos anos, que ele teve muitas promessas e ninguém ajudou ele. Aí ele ficou muito triste e o ratinho se tornou amigo dele, e ele ficou muito feliz. Aí eles se tornaram amigos, e o ratinho, sempre quando ele precisava, o leão, ele ajudava. E aí ele ia caçar queijo para o ratinho e o ratinho pegava a carne pro leão, mas não de animal, ele pegava a carne lá do açougue, que ele tinha dinheiro que as pessoas davam pra ele, porque ele dançava muito e ficava fazendo palhaçada igual palhaço, mas ele ia ser um palhaço quando crescer e ia ajudar o leão mesmo assim. Com os dentes dele, ele fazia palhaçada, contava estória, e também ele fazia todo mundo sorrir e ele não esquecia de nada. Aí o leão ficou muito feliz dele contar essa estória pra ele, porque ele gostava muito de estória, de filme de terror, e o ratinho tinha um monte. Mas a TV era pequena, ele tinha que pôr... ele tinha que pôr na TV do leão pra assistir junto com ele. E aí eles ficavam sempre amigos, faziam tudo juntos, e aí depois eles ficavam muito feliz, por ter um amigo tão legal, de fazer palhaçada, qualquer coisa pra ele, e ele oferecia tudo o que ele queria, que ele era o pequenino. E aí a formiga, que ela vinha se intrometendo, ela ficou muito triste que o leão tinha esquecido que ela também salvou o leão de um monte de coisa selvagem, que elas eram espertas e elas faziam um vulcão pra matar os outros animais e o leão comia tudo a carne. Mas as formiga, elas matavam, e o ratinho pegava do açougue que ele tinha dinheiro, e não matava os animais igual d'uma vez. E eles ficavam amigos. E o leão matou a formiga com o seu pé, que aí todo mundo pisa na formiga, menos os ratinhos, igual a formiga, que eles são pequenos, mas eles podem ajudar quem é grande, porque eles roem com seus dentes igual o do Bob Esponja, que ele arrancava as redes, e ele entrava dentro das coisas pra desentupir, e ele fazia muitas outras coisas do que ficar matando os animais só porque eles ficam sem animais. E eles matavam a leoa, que era a namorada do leão. E ele tinha um filho que adorava formiga. Aí o filhinho dele deu um monte de comidinha pras formigas, e as formigas nem queriam ser amigas dele, e ele tinha que matar tudo, e depois ficava com dó, e falava assim: 'Quem matou as formiguinha?' Aí depois o leão falou que foi ele, porque as formiga não queria ser amiga dele, e aí ele ficava muito bravo e matou todas as formiguinha porque elas não queria ser amigas do leão, nem dos rato. E uma vez, o leão viu outra formiguinha que ia pôr seus ovos pra nascer, ele matou. Aí eles pôs num pote todas as formiguinhas porque aí as formiguinhas ficavam muito presas no pote e ficavam esmagadas. Mas que elas tavam mortas, mas ficava doendo osso dela porque ficava muito entupido, que fica apertado, aí eles ficavam muito apertado lá e não conseguia mexer, porque eles ficavam muito encolhidinho, que matou todas as formigas, pôs num pote só, aí elas deu o melhor possível o peso pra cá pra cair o pote. Aí elas derramaram, mas só que elas já tavam morta porque o vidro entrou tudo no negócio dela, no osso, e elas morreram. Aí o leão e o ratinho pegavam todo dia um pote de vidro pra eles não ter mais confusão. E aí eles pegavam e deixava lá fora, que todo dia tinha que catar uma formiga, todo dia. Aí

cada dia matava uma formiga. Mas todo dia eles não percebiam que, quase todos os dias eles matavam um monte, porque elas são muito pequenas e são pretas e não dá pra ver, que o chão dele era meio preto e branco. E aí eles ficavam muito zangado, porque ele matava um monte e ele só queria matar umas dez por dia, ou uma pra cima de dez. Aí eles ficavam zangados porque eles queriam matar menos de dez, menos de vinte, menor de vinte né? Aí eles matavam quase um milhão, porque eles eram muito grandes. E o ratinho matava umas dez, onze por dia, porque ele era um pouquinho maior do que as formiga. E aí eles ficavam muito tempo sem ter formiga pra caçar. E aí todo mundo ficou amigo do leão porque ninguém gostava das formigas, porque elas matavam todos os animais, os parente do leão, porque a promessa do leão foi pra todo mundo, e essa promessa foi a última promessa que ele deu: ‘Sempre quando você não gosta de uma pessoa, você não pode matar, se ela pode ser seu parente ou não’. E eles ficaram muito feliz que o leão falou isso pra eles, e eles não sabiam nada disso, e eles iam matando igual os animais carnívoros, e eles nunca mais fez isso. O ratinho que era rico, ele mesmo pegava as carnes do açougue, que já era morta dos animais, que ele nunca contou, porque senão seria mortos todos os ratos e ratazanas. [É, ia ser um problema.] E aí eles ficaram muito felizes enquanto o ratinho não contou que eles ficavam maltratando os leão, os animais. Eles só pegavam a carne do açougue que era já feita de carne de animal e ninguém sabia. E aí eles não teve conta, e os ratinhos, nos outro dia, o leão falou: ‘Por que ele vai no açougue, se tem carne?’ Aí o dia das crianças, ele contou que ele era criança. Aí ele ficou muito feliz que o leão deu vários bichinhos de pelúcia pra ele que ele comprava com o dinheiro do ratinho e ele nem percebia. E aí ele ficava feliz todo dia, que o leão nem percebia que já passou o dia das crianças. Aí eles ficavam felizes. Ai o ratinho, no outro dia, ele contou que a carne era do açougue, que vinha dos animais e bem quando o leão ia dar o que ele queria mais, o ratinho, ele matou todos aqueles ratinhos que ele deu de pelúcia pra ele, e aquele que ele ia dar de ouro, e o de verdade. [Ele matou o ratinho de verdade?] E toda vez ele já vai ter que matar agora todos os ratinhos e formigas e quem mais falar coisa errada pro leão ou perturbar. [Ele vai ficar sem amigo, então.] Hum hum (Ela concorda. Em seguida, fica em silêncio.) [Acabou?] Ela confirma.” Ela me entrega o cartão e eu lhe apresento o seguinte.

Quadro 4

Ela pergunta o que são os animais representados. Pergunto o que ela acha e ela mesma decide que se tratam de cangurus. Inicia então a estória. “Era uma vez, dois filhotinhos de canguru, e a mãe tava indo lá pra floresta, que os homens tavam matando tudo, as árvores. A mamãe ia fazer um piquenique e os dois irmãozinhos não gostava. O mais novo chamava Biju, e o outro chamava Caco. Aí, com os pés dela, a mamãe canguru, ela empurrava todos os homens porque eles tavam matando a natureza, e aí eles tinham muitas viagens lá pra Austrália, que eles iam encontrar um monte de cangurus e brincar com o triciclo do irmão mais velho, que era o Caco. Aí ele ficava muito triste porque eles iam demorar pra chegar na Austrália, e ficava todo dia atrasando e atrasando todos os piquenique, e bem quando eles chegavam, tava todo mundo indo embora. E a natureza, eles não

percebia que tava cortando as árvores. Aí eles tinham que contar que eles chegavam atrasados por causa dos homens que tavam cortando as árvores. E eles tavam muito zangados, a mamãe canguru muito cansada de ir e voltar. Todas as horas, quando eles chegam, eles tem que voltar lá de novo porque eles esqueceram a chave de casa. E quando eles iam pra casa, os homens destruíam todo dia a casa da mamãe canguru, do Caco e do Biju. Aí eles tinham que fazer todo dia uma nova casa perto da Austrália e eles derramavam tudo depois. Aí eles pegavam um martelo, pegavam as árvores que davam folhas e faziam folhas. Aí eles ficavam muito, muito mais zangados que tinha só uma árvore grande, que tinha muitas folhas verdinhas. Aí no outro dia, veio um cara, um homem, né, que matou a última árvore, deu fumaça pra natureza, aí ele ficou muito triste, muito muito triste, porque ele não queria fazer isso, mas foi o que ele fez. Aí o canguru tinha que matar todos os homens só pro próprio bem deles e dos animais que viviam lá na natureza, nos rios, no lago, nos mares. E também o outro dia, eles não tinham mais onde morar porque ficava muito calor, e as árvores davam sombra. E aí eles ficavam muito felizes, digamos, muito tristes (ela se corrige), porque as árvores não tinham sementes pra dar o fruto pra eles. E a semente tava dentro do fruto que eles comiam. E a mamãe canguru, há muitos anos ela guardava as sementes. Aí as sementes, ela plantava, depois ela molhava com o leite, a casquinha de leite que ela sempre levava lá em volta da vaca. E a vaca agradecia porque ela dava mais graminha verde, e ela não matava a graminha. Ela punha a sementinha de graminha pra crescer mais graminha. Aí a vaca agradecia muito pra mamãe canguru. Aí, todo dia quando ela ia pra lá e pra cá com seus filhos, Caco e Biju, aí eles ficavam muito tristes, porque eles não tinham nada pra comer e nem pra beber, só aquilo lá que os outros davam para eles. Aí eles ficavam tristes, porque todas as coisa que eles davam para eles, leite, comida, e outras coisas. Aí eles ficavam muuuuito felizes e tristes, porque eles não tinham casa. Aí os castores pegavam a madeira, mas sem derramar a árvore, eles pegavam a madeira que eles plantavam de sementinha. Aí eles pegavam e faziam um monte de casa pros cangurus, mas era muito pequeno pra mamãe. Aí ela ficava triste, zangada e feliz, às vezes, né, feliz, aí os castores pegavam tijolos que tavam na... na onde pegava cimento e eles construíram a casinha de tijolos. Aí eles ficaram felizes porque o Caco, o Biju e a mamãe canguru, eles ficavam com o triciclo que foi feito pelo dinheiro que o ratinho deu. [O ratinho da outra história?] Aí o ratinho deu o dinheiro que ele comprava o triciclo pra eles andar. E o mais velho que era o Caco, ensinava o Biju a andar de triciclo. Aí a mamãe ficava feliz pelo irmãozinho ajudar ele a andar de triciclo pra ele andar de bicicleta depois, pra o triciclo ser do irmãozinho e a bicicleta ser do irmão mais velho, que é o Caco. Aí eles ficavam felizes por tanta... por tanta felicidade que os animais faziam por eles e eles faziam por eles. Aí eles ficavam muito felizes, mas ficavam tristes com os animais porque eles morrem, porque os caçadores vão lá e matam tudo pra fazer casaco, pra fazer (...) porque as folhas das árvores, depois eles fazem passarinhos, aqueles passarinhos igual beija-flor, esses de planta. Aí depois eles fazem um monte de animalzinho, mas isso não é da natureza. O que é da natureza é as árvores, é os animais, não as plantas de animais. Aí eles eram muito felizes porque um monte de pessoas ajudavam eles, e eles ajudavam as pessoas. E aí num dia, o tio canguru, ele matou todas as pessoas

porque ele era caçador, mas ele não matava as árvores. Aí o pescador, ele foi lá e pegou no pelo do canguru aqui no braço, e ele matou o tio canguru. Aí o Biju e o Caco, que eram os filhos da mãe canguru, eles ficavam triste que o tio deles ‘morriu’, morreu, e um monte de coisa aconteceu com eles, e pela mãe deles. Aí eles ficavam felizes, mas tristes com a natureza. Aí, quando o tio canguru foi morto, eles enterraram na natureza. Aí eles ficavam muuuuito felizes, porque eles podiam todo dia ver o sol, ou a chuva, mesmo assim o tio deles tava perto deles no coração. E todo dia eles aprenderam uma lição muito importante: ‘Sempre quando você não pode fazer alguma coisa, você pode fazer outra. E você também pode imaginar o que você vê, e você pode criar muitas coisas que você pode ver. Você pode tentar, se você não conseguir, pode tentar de novo...E depois vocês podem conseguir, e dar pra mamãe, pro papai, e pra um monte de pessoa que você gosta muito’. E aí foi a estorinha”. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último

Quadro 8

“É chimpanzé ou macaco? Macaco! Era uma vez quatro... três macaco grande e um pequenininho. Chamava... Alípio. [Alípio... bonito nome]. Eles eram a vovó, o papai e a mamãe, e o seu filhinho Alípio. Eles tavam na casa e a mamãe do Alípio... ele ficava correndo na sala, jogando bola, e a mamãe dele não deu permissão. Aí ele ficava de castigo, porque a mamãe dele não deu permissão. E a vovó dele tinha um retrato dela na parede. E o papai tava tomando chá junto com a vovó. E a vovó, ela tava conversando, cochichando junto com o papai. E o papai, ele ficou com um sorriso, e a vovó tava falando assim: ‘Por que você não deixa o seu filhinho brincar na sala?’ Aí o papai respondeu pra ela: ‘Ah, vovó...’, mamãe, né, que ela é a mamãe dele. ‘Ah, mamãe, é porque ele é muito bagunçado, desajeitado, e a mamãe dele é quem manda. Aí ele pode ser tudo quando ele crescer, e dar bronca no filhinho dele’. Aí, um dia, a mamãe dele avisou que quando ele brincar dentro da sala e não no quintal, ele ia tomar um banho de água fria, ou se ele gostaria de ficar de castigo, e também de lavar louça, porque a mamãe dele sujava todo dia um monte de prato, porque tinha café, almoço, jantar e um monte de coisa. E era muita casca de banana pra ele limpar. Aí, ele ficava muito triste com a mãe dele e ele pedia o castigo que era melhor, sem fazer nada. E quando ele tava com dor de cabeça, bem na hora que ele tava de castigo, a mamãe dele não dava. Aí a mãe dele não deixava ele sair da casinha dele que ficava lá no quarto dele, aí ele ficava de castigo o dia inteiro. E só ia almoçar, ir pra escola e jantar e fazer a tarefa. Tudo o que a mãe dele pedia, ele fazia. Aí depois a vovó dele contou pra ele que ‘Você pode morar comigo, porque não tem nada de regras lá, porque tem poucos móveis. Só tem eu e o vovô, e o vovô pode brincar com você enquanto eu faço tudo’. Aí o macaquinho falou: ‘Você não quer saber por que eu mesmo posso me dar conta disso. E eu ajudo você e o vovô em poucas horas e minutos’. Aí o chimpanzé, ele falou que ele podia fazer tudo pra vó dele enquanto ela fazia o chá. E tudo que ele comia, igual pera, maçã, banana, principalmente, ele gostava muito. E ele gostava muito da sua avó, que era muito feliz, muito legal, e ele foi morar com a vovó dele. Quando ele foi dormir na vó, que ele falou pra mãe dele, o Alípio, ele falou que ‘Sempre quando

você pode vencer, e eu posso dormir na vovó porque ela é legal’. Aí a mamãe dele deixou. No outro dia, ela foi buscar ele. E ele disse todo dia que ele ia dormir na vó, ele falou. No último dia a mãe dele não aguentava mais ficar sem ele. Ela disse assim: ‘Você pode dormir lá na vó a última vez, porque eu estou com saudade, senão eu deixo você ficar de castigo ou lavar louça’. Aí ele dormiu só hoje na vó, e falou assim pra mãe dele: ‘Mamãe, se você deixar eu morar com a vó, eu juro que vou se comportar atéééé o ano que vem’. Aí ela não deixou porque ele prometeu pra ela que ele ia dormir só ontem e antes de ontem e pra trás. Aí ele ficava sorrindo, sorrindo. Aí enquanto a mãe dele tava trabalhando, e não tava olhando, ele assistia TV pra sair do castigo. E ele gostava muito. Por isso que ele não gostava de ter uma mãe chata e nem muito brava. Ele gostava duma mãe normal. E bem, quando ele... dá um minuto, ele fica muito feliz, e ele gosta muito da família dele, da família inteira, da vó, do vô e dos parentes. E ele queria só ter um irmãozinho, que ele era o irmão mais velho, e ele era o caçula. Aí ele tava muito feliz, porque a mamãe dele, no outro dia, ela tava grávida. E ela tava muito feliz que o filhinho dela tava contente. E ela foi no hospital pra tirar o neném, e era um menininho. (Ela começa a dobrar delicadamente o cartão). E depois ele ficava brincando com o Alípio, e deu o nome, porque eles eram parecidos, ela deu o nome de Alípio também. Aí eles pareciam iguais, mas não são porque um era menor e o outro era maior. E o Alípio maior tinha seis anos, e o Alípio menor tinha dois anos. Aí, tem dois anos a mais que o Alípio menor, e o Alípio menor tem dois anos a menos do que o Alípio maior. E eles ficavam junto com a vovó, e a mamãe deixava a vovó dormir junto no quarto deles. E eles ficavam felizes porque não tinha mais pesadelo, e o Alípio maior, de seis anos, ele dormia com a mamãe e o papai. E o Alípio menor tinha que dormir no bercinho, mas ele não dorme no bercinho, ele dorme junto com a vovó e o Alípio maior. E eles ficaram felizes que a família aumentou só dois, que era quatro, virou... seis? Ficou seis pessoas na família. E o vovô que tinha morrido, ficou seis mesmo. E o papai, e a mamãe, e o filhinho, e o outro filho, e a vovó, que dormiam no mesmo quarto, mas só que tinha duas camas, uma da mamãe e do papai, e uma dos dois Alípio e da vovó”. Ela encerra o seu discurso e me entrega o cartão.

Comento que suas estórias foram muito bonitas. Ela me conta que foi assim porque ela assiste desenho animado e se lembra das estórias. Conta que assiste o desenho do “Cocoricó”. Ela me diz também que a estória do leão, ela havia visto no Discovery, que tinha um teatrinho do *Discovery Kids*. Conta que assistiu quase todos os desenhos que estão passando na sua casa: “Às vezes passa o quarenta e seis, o quarenta e cinco, e às vezes passa o quarenta e cinco e o quarenta e quatro.”. Ela então silencia e nós encerramos o nosso encontro. Saímos juntas para encontrar a sua mãe. Esta se encontra sentada do lado de fora da sala e, quando Amarílis chega e vai abraçá-la, ela corresponde e diz à menina “Mas você fala, hein?”. Agradeço a ambas e elas vão embora.

Durante todo o nosso contato fiquei encantada com a criatividade de Amarílis, mas ao mesmo tempo me invadia certa inquietação, como se ela fosse se perder nas associações que fazia. Às vezes era difícil segui-la nos diversos temas que ela encadeava, fenômeno que aconteceu sobremaneira em seu relato no terceiro e quarto cartões. Ela às vezes dava a impressão que não chegaria a lugar algum.

No decorrer do CAT-A, ela começou a manipular os cartões, dobrando-os (mesmo de forma delicada) em sua totalidade ou nas bordas. Embora ela tivesse contado suas histórias com tranquilidade, minha sensação no contato com ela foi de alguma ansiedade.

Interpretação Amarílis

O relato de Amarílis ao CAT-A revela que ela é uma garotinha preocupada com a questão de como alcançar um sentimento de continuidade que lhe garantirá uma existência criativa e pessoal no mundo. Embora as capacidades de integração, personalização e realização tenham sido alcançadas em um nível razoável e ela se encontre em um momento em que as experiências de transicionalidade estão na ordem do dia, a conciliação entre as realidades interna e externa não parece ser algo de acesso evidente. As razões para tanto se referem a um certo temor dos efeitos de sua agressividade criadora no mundo, que parece não encontrar amortecimento em um *holding* seguro e confiável por parte de seu ambiente familiar, particularmente por parte da mãe. Em outras palavras, a falta de um suporte familiar que a acompanhe em sua empreitada de integração das pulsões no *Self* torna particularmente difícil e laboriosa a utilização delas para o seu desenvolvimento emocional e o estabelecimento do sentimento de continuidade, seja em relação a si mesma, em diferentes momentos de sua vida, seja entre ela e a realidade exterior. A capacidade de simbolização que ela conseguiu alcançar a ajuda apenas parcialmente nesse intento, em função do acolhimento nem sempre positivo que ela recebe da mãe. Esta, embora tenha autoridade sobre a menina, é vista por ela como demasiado frágil para sobreviver aos arroubos agressivos da criança, independente da intensidade deles. Dessa maneira, Amarílis sente que a mãe responde à sua expressão pulsional de maneira colérica, independente do grau de simbolização com que esta manifestação ocorre. Assim, reação da mãe é sentida por ela como sendo, em grande parte das vezes, incompatível com o nível da “falta” cometida.

Essas dificuldades de Amarílis são sustentadas por seu relacionamento com a mãe, nos entraves que esta encontra no caminho rumo a uma existência pessoal, dada à ação excessivamente rígida do superego. Na concepção de Amarílis, a mãe, após uma experiência de expressão intensa e extensiva das pulsões que culminou em uma tragédia, operou uma repressão vigorosa delas, que resultou, por sua vez, em um retraimento importante do *Self*. A rigidez superegoica, por haver empobrecido a capacidade de simbolização materna, pareceu comprometer, a partir daí, seu sentimento de continuidade com o mundo. Os valores morais e exteriores foram então admitidos como seus, numa existência que deixou de ser criativa para tornar-se submissa. Enfim, o rigor moral alicerça o falso *Self* materno. Com isso, a capacidade da mãe de oferecer *holding* à menina, sofre consideravelmente. A satisfação das necessidades básicas é garantida, mas com certo esforço (quadro 8: a mãe suja muita louça para cozinhar) e com solicitação constante de ajuda para a criança (conforme Amarílis menciona nos relatos aos quadros 1, 2 e 8). Ainda, nem sempre ela consegue se adaptar ao ritmo da filha (quadro 2: o pai e o filho ursos ficam com fome entre os longos intervalos entre o café da manhã, o almoço e o jantar). A sustentação desses períodos de ausência de gratificação

por meio de seu preenchimento pela fantasia não é também garantida pela mãe (no quadro 2, a TV não funciona direito). Com isso, cabe à criança desenvolver, sozinha e sem apoio, a própria capacidade de simbolização de modo a poder tolerar a frustração e a falta. Ainda, ela deve tentar ajudar a mãe na conquista (ou reconquista) dessa capacidade (quadro 3: a pequena TV do ratinho precisa ser ligada na grande TV do leão). Dessa maneira, ela sente que, auxiliando a mãe a redescobrir a simbolização, ela também permitirá a ela reconectar-se ao seu verdadeiro *Self*. O sucesso dessa empreitada é, contudo, provisório.

Assim, se, num primeiro momento Amarílis constata que o dilema (seu e da mãe) entre a preservação da existência criativa e a inserção no mundo compartilhado poderia ser transposto pela ponte da simbolização, ela logo se dá conta que, face à sua mãe, essa solução não é conveniente. Assim, ao menor sinal de que existe uma gratificação pulsional subjacente ao símbolo, o superego materno se impõe da mesma forma que perante a satisfação mais crua (o leão mata o ratinho no final da estória ao descobrir a origem das carnes compradas no açougue). A simbolização, para a genitora, nada mais é, então, que uma trapaça. Diante de tais circunstâncias, preservar a mãe dos efeitos da própria agressividade se torna, para Amarílis, uma tarefa quase impossível: além de não sobreviver à agressão infantil, a genitora castiga a que é simbolizada e indireta. Com isso, o conflito entre preservar o objeto ou a si mesma persiste e sua solução pela repressão de um polo ou de outro somente não é levada a cabo por duas razões.

A primeira delas é que a mãe não é completamente imune aos efeitos da conduta da menina de religá-la ao verdadeiro *Self*. Assim, há uma tentativa de retomar uma existência autônoma também da parte da mãe, embora os esforços que ela faz sejam ainda precários e efêmeros (no quadro 4 a família canguru demora a atingir seu objetivo porque sua casa é frequentemente destruída ou porque a mãe esquece a chave). As regressões constantes comprometem a estabilidade do *holding*, que deve ser então buscado fora do contexto familiar. De qualquer maneira, mesmo que não seja de todo bem sucedidos, a aplicação da mãe é reconhecida pela criança.

Em segundo lugar, as esperanças de Amarílis, de ser capaz de viver num mundo compartilhado e continuar sendo quem é, são sustentadas pela figura dos avós (vivos ou introjetados). Estes são vistos por ela como figuras benignas, capazes de lhe oferecer um *holding* de boa qualidade, sem impor as exigências superegoicas ou as da realidade de modo demasiado precoce, brutal ou invasivo. Além disso, eles apoiam e encorajam a capacidade simbólica da menina (quadro 2: na casa dos avós, as pessoas brincam, almoçam, dormem e assistem TV) e não se desestabilizam perante a agressividade infantil (são corajosos). Essa experiência, que lhe permite a introjeção dessas figuras, garante à Amarílis confiança de que existe um lugar no mundo para ela, sendo quem ela é (quadro 8: o macaquinho gosta muito de tudo o que come na casa dos avós; quando vai embora, tira uma foto com eles). O eco à própria existência que Amarílis encontra na figura dos avós permite-lhe recuperar o sentimento de continuidade com a família, de pertinência, bem como experimentar em sua plenitude o amor que tem por ela (quadro 8: o macaquinho gosta muito da família inteira). Ele permite também à

menina reconhecer que, sob a conduta dura da mãe, existe o afeto amoroso dirigido a ela, a saudade, mesmo que a genitora não seja, do seu ponto de vista, uma mãe “normal”.

O estabelecimento da continuidade com a família opera, para Amarílis, como uma base necessária para a instauração do sentimento de continuidade em relação a si mesma, essencial para o desafio evolutivo a que ela começa a enfrentar nesse momento: o de sua crescente autonomização. Assim, ela deve retomar a sua história pessoal e ver a conexão que existe entre o bebê que ela foi e a criança que ela é agora, situando-se a meio caminho entre a infância e a adolescência. Essa tarefa, a seu ver, seria imensamente facilitada pela recuperação da criatividade da mãe (gravidez), que é, a seu ver, quem lhe permitiria ter acesso a essa noção de processo, de ver-se como pequena e grande, igual e diferente de si mesma (Alípio menor e Alípio maior).

Enfim, Amarílis é uma garotinha que, diante da tarefa de conquistar uma existência autônoma e criativa no mundo, tem se revelado persistente e tenaz diante dos obstáculos que encontra em tal jornada. O principal deles refere-se às dificuldades da mãe em estabelecer um sólido sentimento de continuidade com o mundo, em razão de um superego extremamente rigoroso e exigente. A tendência dela é a de reprimir energicamente as pulsões em prol de valores morais, suprimindo o *Self* de seu combustível essencial; com isso, sua reação à expressão pessoal de Amarílis é marcada pela punição e coerção. Face à conduta da mãe, a menina debate-se praticamente sozinha frente ao desenvolvimento da capacidade de simbolização, que ela compreende como a saída para o seu dilema entre viver no mundo compartilhado e ser ela mesma. Se essa alternativa não é compreendida pela mãe, ela o é pela figura dos avós, que a sustentam nessa empreitada. Diante disso, a garotinha se torna capaz de recuperar um sentimento de continuidade junto à família, de pertinência que ela busca usar como base para compreender o processo por que passou, de criança pequena para criança um pouco maior, a conexão entre as diferentes etapas de sua vida. Todavia, ela sente que essa sua jornada seria mais fácil diante da recuperação da criatividade materna, capaz de espelhar para ela que, pequena ou maior, ela continua sendo a mesma Amarílis. Detalhes adicionais sobre a produção de Amarílis ao CAT-A são descritos a seguir.

Quadro 1

Nesse momento inicial do CAT-A Amarílis já revela o que ela crê ser a origem das dificuldades de sua mãe em viver criativamente e que, em consequência, tornam mais árdua e laboriosa a sua tarefa de estabelecer a própria continuidade de existência no mundo. Assim, o universo familiar caracterizado pela harmonia e por uma mãe gratificadora, é perturbado pela chegada de um estrangeiro, que desperta o desejo da mãe e tem o seu desejo despertado por ela. Tudo corre bem até certo tempo, quando os desejos dos dois parceiros se chocam em função do ciúme do parceiro anterior. O desenlace da situação triangular é trágico: a extinção dos dois galos. Essa violenta repressão superegoica dos desejos tem efeitos importantes sobre a mãe e os filhotes, que lhes colocam em um dilema. Se, por um lado a extinção do desejo é condição para evitar o castigo, por outro ela

acarreta também um sentimento de depressão e de futilidade frente ao mundo (os pintinhos ficam tristes e não querem mais comer). Existe uma tentativa literal de escapar da situação de aprisionamento, mas que é também punida exemplarmente (morte da galinha e dos pintinhos). A única solução possível, então, é a do retraimento do *Self*, cuja expressão se torna consideravelmente restrita, quase despercebida (o galo velho e doente). Dessa maneira, a sobrevivência é assegurada às custas da perda da criatividade (não havia mais ovo no galinheiro). Enfim, a mensagem transmitida por Amarílis nesse relato é a de que à irrupção do desejo edípico materno, o superego reage com violência e, reprimindo energicamente as pulsões, retira do *Self* o seu combustível mais importante para a construção de um sentimento de continuidade com o mundo e de uma existência criativa. Com isso, o falso *Self* se apresenta e toma o lugar do *Self* verdadeiro.

Quadro 2

No relato a esta figura, Amarílis começa a mostrar os efeitos da repressão pulsional sofrida pela mãe em sua relação com ela. O primeiro deles é o de que a perda da energia pulsional torna a mãe particularmente frágil para enfrentar a agressividade e à oposição da criança, necessárias para o seu desenvolvimento (a criança não consegue e não quer ajudar a mãe). O segundo, associado ao primeiro, é a perda da solidez do sentimento de continuidade de existência, que lhe causa problemas para oferecer o *holding* que Amarílis necessita, visto que este pressupõe a confiança na estabilidade dos cuidados maternos. Assim, insegura quanto à própria continuidade, a mãe tem dificuldades em sustentar as situações que a menina vive, atendendo as suas necessidades em acordo com o que a criança cria e no ritmo dela. O resultado é a exposição da menina a microprivações (intervalos longos entre as gratificações). Para enfrentar essas faltas e a voracidade que elas despertam e que poderiam colocar a mãe em perigo, Amarílis busca se refugiar em sua capacidade de simbolização, que se encontra em pleno desenvolvimento. Esta, permitindo a expressão da agressividade de maneira indireta, permitir-lhe-ia preservar a genitora. Esse intento, contudo, é apenas parcialmente bem sucedido, dada a falta de apoio que a menina encontra em seu meio familiar para sustentar essa habilidade (a TV não funciona direito). Assim, ela precisa lidar com os longos períodos de ausência de gratificação sozinha, usando de sua capacidade de faz de conta até mesmo sobre o faz de conta (deve “brincar” de assistir televisão). A fragilidade materna, contudo, é tamanha que mesmo a simbolização não parece preservá-la. Assim, ela se sente magoada em demasia pela criança (e pelo pai) e reage, avançando sobre eles, personificando um superego assustador. O medo e a culpa levam o pai e a criança a reparar a mãe (reparação que é levada a cabo por um terceiro: o hospital). A criança, então, permanece com o pai, mas este, como a mãe, é demasiado frágil para acolher a oposição da menina, que se sente novamente culpada. É a intervenção dos avós (reais ou simbólicos) que, mais capazes de assimilar a agressividade da menina, vão impedi-la de tornar-se temerosa de suas pulsões e de seguir o mesmo destino da mãe (o pequeno urso continuava sendo a mesma coisa, mas os avós dele eram muito corajosos e não assustavam). Essas figuras serão capazes de lhe oferecer o *holding* que a mãe

não pode, bem como sustentar o desenvolvimento da capacidade de simbolização (eles brincavam, viam TV, dormiam, almoçavam). Com a introjeção dessas figuras (foto) a menina pode voltar ao ambiente familiar de origem, com uma maior crença na solidez dos pais, já que figuras teoricamente mais frágeis que eles puderam sustentá-la (ver a moral que ela atribui à sua estória).

Quadro 3

Após obter um certo alívio referente à capacidade de sobrevivência do meio perante a expressão de sua agressividade, Amarílis mostra nesse momento que, a despeito de seus esforços de simbolização, essa confiança nem sempre é garantida. Assim, numa referência à fábula do leão e do ratinho, ela inicia o seu relato a partir de uma interpelação que ela sofre do superego materno. Ela consegue, todavia, acalmá-lo e este resolve então, por meio de um acordo, conceder-lhe uma segunda chance. Com o cumprimento da promessa, estabelece-se uma relação de confiança e de ajuda entre ela e a mãe, com a condição, por parte de ambos, de que o “mal feito” da expressão da agressividade não terá nenhum lugar. Essa situação coloca a criança em um dilema visto que a essência do leão, que ela deseja ajudar a manter, ou seja, sua condição de caçador e animal carnívoro pressupõe necessariamente a manutenção de um certo nível de agressividade. De modo a preservá-lo e a si mesma, ela própria apela à sua capacidade de simbolização, que lhe permite, por meios indiretos, obter o produto da agressividade sem ser seu agente causador (o ratinho busca carnes no açougue). Dessa maneira ela ajuda a mãe a guardar a sua essência dentro de uma relação em que a responsabilidade direta pelo ato agressivo não cabe a nenhuma das duas. O caráter da pulsão que resta no ato, mesmo que simbolizado e distante, não escapa, contudo ao ratinho-criança. Ele vê que, mesmo numa relação de ajuda, a expressão direta é punida duramente seja pela repressão (formigas massacradas dentro de um pote) seja pela fratura e traumatismo do desejo que escapa a ela (formigas esmagadas pelo vidro do pote). Diante do terror que esta constatação acarreta, nada mais resta à criança que compactuar com a hipocrisia da possibilidade de viver num mundo em que a hostilidade não exista, seja dentro de uma relação específica, seja projetada no meio externo para preservar o vínculo. De modo a resolver esse dilema, a criança busca ajudar a mãe a desenvolver a capacidade simbólica (o ratinho liga a sua pequena TV na TV grande do leão). Ainda, depois do estabelecimento de uma forte relação de confiança, acredita que o superego será capaz de, perante um esforço de integração do objeto total, assimilar a sua agressividade sem comprometer demasiadamente a relação. Contudo, não é isso o que acontece. O superego permanece ainda ligado num registro parcial e punitivo e considera a confissão da agressividade, mesmo que indireta e simbolizada, como uma traição imperdoável. O resultado é a morte e a extinção da criatividade infantil, dada a intolerância do outro.

Quadro 4

Os efeitos da rigidez do superego materno são descritos no presente relato de Amarílis, particularmente aqueles concernentes às dificuldades da mãe em auxiliá-la na sua jornada rumo à

independência. Constatada a situação de que a mãe não pode mais suprir completamente as necessidades da criança, ela tenta buscar, junto com a menina, recursos no mundo exterior, estabelecendo com ela um novo tipo de relação, ajudando-a a transpor o caminho em direção a uma nova etapa de desenvolvimento. Esta jornada, contudo, é bloqueada inúmeras vezes pela ação do superego (homens que destroem a floresta e a mamãe canguru não consegue contê-los) que interrompe constantemente a continuidade de existência da mãe. Com isso, a mãe corre o risco de perder a noção de onde vem e para onde vai (ela esquece constantemente a chave da casa e precisa voltar; ela deve construir uma nova casa a cada dia). Essas interrupções da continuidade de existência comprometem a criatividade primária da mãe e, com isso a sua capacidade de oferecer *holding* (a mamãe canguru não tem mais sementes de fruto guardadas para alimentar os filhotes, nem para auxiliar a vaquinha).

Perante essas dificuldades, a jornada do desenvolvimento da criança sofre constantes atrasos (eles chegam para o piquenique quando todos já estão indo embora). Ainda, mesmo que por vezes a mãe consiga se defender da ação predatória do superego, seus esforços são insuficientes (embora ela consiga eventualmente matar em legítima defesa, os homens ainda derrubam a última árvore que sobra). Esgotados os recursos da mãe, a criança fica à mercê do *holding* oferecido pela figura dos pares (irmão) ou do meio extrafamiliar (os castores que lhe constroem uma casa). A mãe, por sua vez, também é vista como desprotegida e necessitada de *holding*, mas o seu fornecimento a ela demanda esforços suplementares (os castores devem construir uma casa maior e de tijolos para abrigá-la). Dessa maneira a criança consegue alguma ajuda para prosseguir o seu processo de autonomização crescente (o canguru mais velho ensina o mais novo a andar de triciclo para que ele próprio possa no futuro andar de bicicleta).

Embora a mensagem transmitida por Amarílis implique a confiança no mundo e em sua capacidade de desenvolver-se, uma inquietação persiste em seu discurso e parece deixá-la confusa. Tal confusão parece ser a responsável pela divagação a que ela se entrega em seu relato e pelas incoerências que nele aparecem, principalmente sobre os sentimentos dos personagens. A inquietude refere-se ao que fazer com os sentimentos hostis e com a agressividade. Se por um lado eles são condenáveis e devem ser erradicados visando a construção de um mundo (mental) paradisíaco e angelical, por outro eles são também necessários para a defesa pessoal. Nesses termos, embora a simbolização seja importante, o abuso dela, resultado da ação repressiva, nada mais leva do que à artificialidade, sintoma da presença do falso *Self* (o homem pode moldar plantas em forma de animais, mas isso não são plantas nem animais de verdade). Nesse caso, para ela, é melhor guardar o sentimento tal como ele é, sujeito a uma simbolização que não comprometa a sua essência, retraído no *Self* verdadeiro (o tio canguru enterrado na natureza, guardando o seu espaço no coração das crianças). Em outras palavras, ela conclui, conforme expressa nas diversas morais que apresenta em sua estória, que a simbolização deve existir, desde que ela não massacre a criatividade, sempre com a esperança de que dessa forma, um dia, as pulsões serão aceitas e acolhidas no seu meio familiar. Dessa maneira, seu dilema entre viver criativamente e em um mundo compartilhado encontraria solução.

Quadro 8

No relato a esse quadro, Amarílis resume toda a problemática que enfrenta nesse momento de seu desenvolvimento, e que ela expôs ao longo do CAT-A. Assim, ela revela as dificuldades da mãe em acolher a sua expressão criativa em um mundo compartilhado (ela não deixa a criança brincar na sala onde está o restante da família). A genitora reage ao gesto espontâneo da menina com a imposição do castigo e da repressão. Estes implicam ou na apresentação de exigências da realidade em uma dose que a menina ainda é pouco capaz de suportar (“era muita casca de banana para ele limpar”), na retirada do *holding* que ela ainda é capaz de oferecer (banho de água fria), no aprisionamento (permanecer no quarto) ou ainda na proibição da atividade que sustenta a sua capacidade de simbolização (assistir televisão). Enfim, a punição implica ou na invasão ou na interdição do desenvolvimento. A figura do pai se isenta de toda e qualquer ação contrária à vontade da mãe. Com isso, a criança encontra compreensão na figura dos avós, capazes de oferecer-lhe o *holding* que ela precisa, de gratificá-la, de atender as suas necessidades e de auxiliá-la em seu desenvolvimento (na casa dos avós eles almoçam, brincam, dormem e assistem TV). Enfim, o ambiente da casa dos avós é visto como mais compatível com as necessidades de uma criança (lá tem poucos móveis). A situação, contudo, não pode se perpetuar em razão do afeto amoroso da mãe pelo sua filha. Bem que a mãe seja vista por Amarílis como demasiado severa, a menina é capaz também de perceber o afeto que se esconde nas suas atitudes por vezes contraditórias (a mãe saudosa da criança, a ameaça com castigo, caso esta não volte para casa). A criança compreende ainda que a conduta rigorosa da mãe é o resultado de um bloqueio da sua continuidade de ser, que somente pode ser ultrapassado pela recuperação da criatividade dela (o macaquinho fica muito feliz ao descobrir que sua mãe está grávida). Recuperada a continuidade familiar e psicológica da genitora, esta se torna capaz de lançar à menina um olhar que permite a esta considerar a sua situação atual de criança crescida como um prolongamento de uma condição anterior de bebê (Alípio maior e Alípio menor). Enfim, a recuperação do sentimento de continuidade pela mãe permite o estabelecimento do mesmo sentimento na criança. A continuidade resgatada e sustentada pelo *holding* proporcionado pela avó, ameniza a atuação do superego e torna a criança menos temerosa e mais livre para usufruir das pulsões (a criança não tem mais pesadelos e consegue fugir do castigo quando a mãe não está vigiando).

Em síntese, Amarílis é uma garotinha que vem se debatendo com a questão de estabelecer e solidificar seu sentimento de continuidade de existência entre a criança menor que foi e a criança maior que é agora. Esse processo de amadurecimento, contudo, não ocorre de forma serena, dadas as dificuldades que ela enfrenta para a integração das pulsões no *Self*, combustível necessário para a sua evolução. Tais dificuldades originam-se em uma rigidez importante do superego da mãe, que interdita a maior parte das manifestações da agressividade, mesmo que elas ocorram de modo simbolizado. Assim, a simbolização que a menina descobriu ser a resposta para o seu dilema de viver em um mundo compartilhado e continuar a ser ela mesma, nem sempre é eficaz. Sem poder contar com o pai, ela

encontra auxílio na figura dos avós, mais acolhedores do seu gesto espontâneo e mais capazes de lhe oferecer *holding* e de sustentar a sua capacidade simbólica. Embora possa aproveitar dessa condição dos avós para prosseguir o seu processo de amadurecimento, Amarílis persiste, todavia, preocupada com a mãe. Assim, ela busca ajudar a genitora a recuperar a própria criatividade, mas nessa empreitada nem sempre o seu sucesso é garantido.

Síntese Taís e Amarílis

Os relatos de Taís e de Amarílis revelam que elas compõem uma díade que vem enfrentando o mesmo desafio, atual no desenvolvimento da criança, e atualizado, a partir do desenvolvimento passado da mãe. Trata-se do problema de assegurar um sentimento de continuidade de existência, seja em relação às diferentes etapas da própria vida, seja em relação ao mundo exterior. Essa continuidade pressupõe a capacidade para viver criativamente, de modo a poder identificar a si mesmo nos vários momentos evolutivos e nos diferentes espaços da realidade interior e exterior. Ela depende, sobretudo, das condições de se fazer um bom uso das pulsões para promover o fortalecimento e o enriquecimento do *Self*, garantindo a sua integração nele. Nesse intuito, o desenvolvimento da capacidade simbólica, ponte entre a vida pulsional e a realidade exterior, cumpre um papel essencial. É nesse ponto que a relação entre a díade encontra dificuldades que, apesar de tudo, não chegam a bloquear nem comprometer demasiadamente o amadurecimento emocional da menina, que foi capaz de atingir as capacidades de integração, personalização e realização.

Os embaraços que se apresentam na relação entre a mãe e a criança têm sua origem na experiência infantil de Taís. Vivendo junto a uma mãe bastante autoritária, ela incorporou, por identificação com a genitora, um superego excessivamente exigente e interditor. O relato de Amarílis mostra que a mensagem que a mãe transmitiu e transmite a ela, é a de que em certo momento da vida da genitora, houve um transbordamento pulsional que foi duramente punido. Diante disso, a reação da mãe foi a de operar uma repressão intensa das pulsões e assumir os valores superegoicos maternos, submetendo-se a eles. Nessa situação, mesmo a expressão pulsional simbolizada nem sempre é permitida, se um traço de satisfação pulsional se faz notar. Prejudicada, assim, a gratificação, o sentimento de continuidade pessoal também se degrada e o *Self* é obrigado a se retraindo, o que compromete as chances de um viver criativo. Como consequência, o oferecimento do *holding* à filha, de uma estabilidade de cuidados, é até certo ponto perturbado pelo rompimento da própria continuidade de ser da mãe. Um falso *Self* se impõe então como defesa, o que acarreta, além de uma tensão pessoal, um sentimento de futilidade e de inadequação diante das demandas de uma criança bastante espontânea e não disposta a abrir mão de sua criatividade pessoal. Nesse contexto, Taís sente-se um tanto despreparada para fazer face às exigências da maternidade que Amarílis lhe inflige, sem poder amparar-se na sua experiência como filha para criar a sua experiência como mãe. Ela sente-se ultrapassada, *démodée*. Sua relação com Amarílis, embora plena de afeto, tem como tônica principal

nesse momento o gerenciamento de conflitos, que ela tenta abafar, por meio da extinção dos desejos e da restrição do contato.

De seu lado, Amarílis, diante da atitude da mãe, que ela percebe como autoritária e exigente, empreende um combate incansável, seja para assegurar um viver criativo para si mesma, seja para auxiliar a mãe a recuperar a própria criatividade. Ela descobre que a capacidade para a simbolização é o elo de ligação entre si mesma e a realidade, a chance de poder usufruir das pulsões sem destruir o objeto nem provocar qualquer outra tragédia. Todavia, a mãe ainda é vista como demasiado frágil para assimilar as pulsões da criança, mesmo simbolizadas e atenuadas, o que gera culpa e temor na menina. Todavia, Amarílis é capaz de escapar do mesmo destino emocional da mãe em função do *holding* que recebe dos avós paternos. Estes são mais capazes de atender as suas necessidades e de auxiliá-la na solidificação de sua capacidade simbólica, de modo a permitir-lhe superar, por meio da fantasia e do pensamento, os inevitáveis momentos de frustração e de privação que fazem parte da vida. A solidez deles tornam a criança menos temerosa de suas próprias pulsões e reacende a sua esperança de alcançar uma vida com um sentido pessoal.

O amor de Amarílis pela mãe, contudo, faz com que a menina não se contente apenas com essa conquista pessoal. Ela também deseja ajudar a mãe a reencontrar a criatividade perdida, que lhe daria um sentido próprio para a vida. Assim, ela busca auxiliar a mãe a ampliar a sua capacidade de simbolização, de modo a torná-la mais livre para o usufruto de suas pulsões. Além disso, ela procura recursos no ambiente externo na tentativa de que ele possa proporcionar à mãe o *holding* que ela também necessita e a incentiva na recuperação da própria criatividade (gravidez). Enfim, ela consegue ter acesso à “fantasia de cura” da mãe que permitiria a esta maior autonomia e segurança. Desse modo, além de a mãe ampliar suas condições para sustentar os processos de aquisição da independência da menina, ela também liberaria a filha de preocupações concernentes à realidade psíquica materna, passíveis de retardar o desenvolvimento da filha. Todavia, nem sempre os esforços de Amarílis são recompensados, já que vez por outra eles esbarram na rigidez superegoica da mãe. Mesmo assim, a menina não desiste de auxiliá-la e, se nessa empreitada o seu sucesso não é assegurado, ela tem pelo menos conseguido avançar no seu processo de amadurecimento emocional.

APÊNDICE CG - Díade Isadora e Ana Clara

Identificação

Isadora: 38 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: ensino médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Ana Clara, 10 anos

Criança estudada: Ana Clara

Ordem das entrevistas: 1) Isadora

2) Ana Clara

Narrativa de Isadora

Conheci Isadora na escola de natação que frequento, onde Ana Clara tem aula no horário anterior ao meu. Quando chego alguns minutos mais cedo, sempre a encontro esperando a filha. Num desses dias, conversei com ela sobre a minha pesquisa e a convidei para participar dela; Isadora aceitou imediatamente. Nessa mesma ocasião, em uma conversa informal, ela me revelou o seu desagrado em relação à situação da filha na sua turma de natação. A menina tinha aula com outra criança e duas mulheres adultas; estas, às vezes falavam sobre sexo durante a aula³⁷, o que incomodava muito Isadora. Descobrimos que Ana Clara é aluna da mesma escola em que faço a coleta de dados. Agendamos então um encontro naquele local.

Minha entrevista com Isadora ocorre alguns dias antes daquela com Ana Clara. Ela tem 38 anos de idade, cabelos e olhos castanhos claros e está ligeiramente acima do peso. É bastante simpática, sociável, descontraída e disposta a colaborar comigo. Explico a ela com maiores detalhes os objetivos de meu trabalho e peço-lhe que leia e assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o que ela faz sem demora. Em seguida eu lhe peço que me conte como é ser mãe de Ana Clara.

Ela inicia dizendo que a filha tem uma personalidade muito forte, e que cada fase de sua vida, desde quando ela era bebê, passando pelo caminhar e engatinhar, ficou marcada de uma forma, pois foram muito diferentes. Isadora conta que o fato de ter aberto mão de trabalhar fora de casa faz com que ela consiga levar a vida de uma forma mais tranquila, pois consegue estar junto da filha praticamente o dia todo, observá-la de perto, assim como suas amigas e seu comportamento. Ela diz que, de sua parte, tudo foi tranquilo e que ela acredita que só quem é mãe consegue descrever a experiência do que é a maternidade. Acrescenta que a maioria das mães deve ter dado quase o mesmo depoimento (à minha pesquisa), dizendo que tudo foi maravilhoso, uma experiência inigualável. Ela diz que não tem do que se queixar, questionar e reclamar, que para ela tudo está sendo tranquilo.

³⁷ A conversa sobre sexo se referia ao fato de as mulheres se referirem a determinados homens como bonitos ou “gostosos” (sic).

Pergunto se Ana Clara é filha única e Isadora responde que sim; ela acha que é por causa disso que a filha se acha mais autoritária e no direito de opinar sobre certas coisas. Ela conta que esse comportamento aumentou quando a menina cresceu. Pergunto se ela percebeu isso nos últimos tempos e ela responde que essa conduta da filha ficou expressiva. Diz acreditar que, pelo fato de Ana Clara estar mudando, de estar naquela faixa etária de criança para achar que é pré-adolescente como ela (Ana Clara) brinca, Isadora está achando a mudança mais radical, não em termos do comportamento da menina, de dar mais trabalho ou de ter de colocá-la mais de castigo, mas com relação à mudança de personalidade da filha. Ela diz que Ana Clara teve um amadurecimento muito rápido em comparação com as amigas: ela percebeu que em menos de um ano, a menina cresceu quase cem por cento e que para ela (Isadora) a mudança foi radical. Ela explica que a mudança aconteceu, por exemplo, no estilo da menina se vestir, tipos de músicas e programas de televisão preferidos. Conclui que acha que esse tipo de mudança acontece de acordo com a idade e que, na fase quando ela era menor, foi tranquilo.

Isadora repete que deixou de trabalhar fora para cuidar da filha; com isso, Ana Clara sempre ficou com a mãe. Ela nunca deixou a filha com a avó ou com parentes próximos, mas era sempre ela ali, “em cima”, sempre vai levá-la e buscá-la nos lugares e a espera. Diz que prefere que as amigas da filha venham até a sua casa, deixá-las próximas dela a deixá-la ir a casa delas. Diz que não sabe se isso é zelo ou preocupação demais, mas que essa é uma opção dela. Pergunto qual era o seu trabalho e ela conta que era pedagoga e dava aula na educação infantil. Quando engravidou, trabalhou até os nove meses de gestação e depois se questionou: “E agora?”. Ela conversou com a sua ginecologista e esta a aconselhou a ficar com a filha caso pudesse, pois isso a realizaria. Isadora não se arrepende da decisão que tomou. Diz que sente falta da sua independência, de poder ter uma vida à parte e que o trabalho é enriquecedor, mas até hoje ela não está sentindo falta dele. O que ela pode fazer pela filha, ajudar, estar ali junto, ela faz. Diz que o que é gostoso em sua relação com Ana Clara, é que lhe diz brincando: “Eu sou sua mãe, mas eu quero ser sua amiga”. Diz que é muito aberta com a filha, que procura falar na mesma linguagem da menina. Diz que pode ser que a filha me fale: “Ah, a minha mãe é meio autoritária, é meio brava”, e que é lógico que às vezes ela precisa ser mais firme. Todavia, ela tem uma relação com a filha em que esta lhe conta tudo o que acontece no mundinho dela, o que Isadora acha legal. A menina lhe conta: “Ah, mãe, hoje o menino falou tal coisa, a minha amiguinha fez tal coisa” e ela vai orientando no mesmo patamar dela para que ela possa enxergar, porque a linguagem do adulto não seria adequada. Conclui, então, que isso dá certo, que está dando tudo certo, graças a Deus (sic).

Ela conta que, às vezes, as mães das amiguinhas da Ana Clara ligam para ela perguntando se ela sabe se aconteceu alguma coisa com suas filhas, pedindo para ela perguntar isso para Ana Clara. Repete que a filha lhe conta tudo. Comento que, às vezes, ela sabe mais das amigas de Ana Clara do que suas mães. Isadora concorda, contando que Ana Clara tem uma amiga que faz natação com ela; a mãe desta menina muitas vezes a procura e lhe conta algumas coisas que aconteceram com as meninas. Isadora então se diz “Ah, ela (Ana Clara) não me contou, então eu vou perguntar”, para ver

se as informações estão batendo. Aí, Ana Clara lhe conta (ela fala num tom de que a filha é sempre sincera com ela e confia nela). Isadora diz que tem dar uma liberdade para a filha se sentir à vontade. Acrescenta que não gosta de dar castigos para a menina e que procura conversar bastante com ela. Relata que não costuma tirar as coisas que a filha gosta (à guisa de castigo), como o computador, principalmente porque ela está naquela fase de mandar mensagem para as amigas, de fazer joguinhos no computador. Também não gosta de proibi-la de ir a algum lugar: “Ah, hoje você não vai à casa de sua amiga; você não vai participar do aniversário porque você fez tal coisa”. Ela diz que tenta ir no diálogo e que até o momento, ela não tem se arrependido do seu jeito de educar a filha, que está dando certo, tudo tranquilo. Ela silencia e eu proponho que comecemos a ver os cartões do CAT-A. Ela concorda e eu lhe mostro a primeira imagem. Peço a ela que a observe e que fale tudo o que vier à sua mente.

Quadro 1

Ela observa a gravura e diz: “Bom, vamos ver se eu entendi, né?”. Ela diz então que é a mãe com os filhinhos, no caso da proteção. Ela me olha em tom interrogativo e eu lhe respondo que cada pessoa vê algo diferente. Ela diz que entendeu assim: a proteção, o zelo e o cuidado, e que isso é uma coisa que ela procura fazer com a filha. Pergunto se ela se lembra de alguma situação referente à Ana Clara. Ela responde que se lembra de si mesma e da própria mãe que até hoje é assim com ela e os irmãos, sempre totalmente preocupada e querendo resolver todos os problemas de todo mundo, o que acaba até atrapalhando um pouco. Repete que percebe o zelo e o cuidado, o estar ali presente e que ela acha que é isso. Diz que não sabe se está certa. Pergunto se há algo mais que ela vê no cartão. Ela responde que não e pergunta se tem alguma coisa que ela não está enxergando. Pede que eu a avise se isso acontecer. Eu a tranquilizo, dizendo que os relatos são sempre opiniões pessoais e que não há certo nem errado no que se diz. Ela responde, então, que entendeu a proposta, e completa que às vezes outra mãe teve outra opinião. Ela me diz que sua questão é se houve alguma coisa que ela não lembrou, ou não conseguiu enxergar. Repito que realmente se trata apenas de uma opinião pessoal. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o segundo.

Quadro 2

No segundo cartão ela diz: “Ai, meu Deus!” e ri. Depois, diz que seria um medir forças. Ela diz que é “da seguinte opinião”, que o desenho está mostrando um cabo de guerra e que ela acha que o urso menor é o filho. Ela continua dizendo que ela procura transmitir para a filha para nunca tentar medir forças com ninguém, que é tudo pela igualdade. Ela diz que na fase em que a filha está, ela pode querer ser melhor que os outros. Ela diz que eu, como psicóloga, posso compreender melhor que isso se passa nessa idade: “Ah, eu sou mais bonita; a minha letra está mais bonita do que a da outra; eu tirei nota melhor do que a outra...”. Ela diz que procura transmitir para a filha que a gente tem que aprender no mundo, mostrar para a filha que ela não vai ser sempre a melhor, que vai ter momentos que ela terá

que aprender com as situações. Ela diz que é isso. De modo a tentar investigar a presença ou não do pai no seu relato, pergunto quem mora na casa. Ela diz que é ela, o marido, a filha e o cachorro. Completa que o animal melhorou muito a filha. Acrescenta que, da parte dela, ela sempre tenta fazer tudo, e que ela acha que isso está errado. Diz que essa sua característica não se aplica apenas em sua relação com Ana Clara, mas a todos em geral. Ela diz que, por exemplo, pede para a filha guardar um objeto no lugar e a menina não o faz; aí ela mesma acaba guardando. Conta que quando a filha quis ter um cachorro, Isadora lhe disse: “Ele é seu. Como eu cuido de você e cuido da casa, você vai ter que cuidar dele.” Aí ela acha que a menina criou um pouco de responsabilidade. Isadora diz que pelo fato de Ana Clara ser filha única e ficar sozinha em casa, o cachorro ajudou bastante na interação dela, pois ela brinca, faz coisas por ele, cuida dele, leva para passear, escova o animal. Além disso, o cachorro trouxe mais alegria para a casa. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 3

Ela começa a associar imediatamente e diz que no caso do leão, seria o rei. Ela conta que em sua casa não há hierarquia, no caso pai e mãe, ou o filho porque ele é menor, mas que eles se tratam todos iguais. Ela conta que o marido é mais ausente que ela, porque ele viaja muito. Com isso, às vezes, ele a chama porque Ana Clara fez alguma coisa, não que não seja certa, mas que desagrada ou por causa de um tom de voz mais alto. Nessas situações, ele tenta chegar para a filha e Isadora tem que ser mais tranquila, mais calma para não assustar a menina. Então, em sua casa é tudo igual: ele manda e ela manda e no que eles acham que Ana Clara pode opinar, ela opina. Ela diz que eles procuram ouvir bastante a filha, pois ela também é um membro da família e tem que estar ali junto nas decisões que eles têm que tomar. Ela diz que por Ana Clara ainda ser criança e estar em fase de crescimento, de formação, é necessário mostrar qual é o caminho certo, mostrar os valores, mas não tem essa parte de autoritarismo, tipo: “Eu é quem mando aqui e você tem que baixar a bola”. Diz que tem que ter essa parte de respeito, de um respeitar o outro. Ela conta que outro dia brigou com o seu marido, e que ela acha que quem diz que não existem discussões, está mentindo, porque ninguém pensa igual a ninguém. Ela diz que o que ela procura manter em sua casa é que tudo se passe sem gritos, sem stress, porque a gente já vive num mundo... (ela não completa a frase). Ela diz que, se um lugar em que a gente se sente bem, que é dentro da nossa residência, for transformado numa batalha de guerra... (ela não completa a frase). Então eles procuram fazer as refeições juntos, mas às vezes os horários não coincidem. Ela diz que o marido trabalha fora e às vezes chega cansado; ela então pede para a filha “maneirar” em seus comportamentos.

Ela acredita que a filha não está em fase de rebeldia, mas sim em fase de mudança, porque os hormônios vão mudando, o comportamento muda e ela deixa de ser menininha para ser mocinha; com isso fica um pouco de conflito na cabecinha dela. Diz que é aquela fase do “Sai para lá!”, “Me deixa quieta!”, então ela (Isadora) tenta ser mais tranquila. Isadora diz que mesmo assim não deixa de passar mensagens para a filha, mas que procura fazê-lo de forma mais relaxada. Contudo, há horas em que

isso não dá certo, momentos em que precisa “chegar mais junto”. Diz que quando a filha está nessa fase mais “nervosinha” (sic), ela deixa passar um tempo e permite que a menina fale o que ela quer, mas isso não significa que ela não dê broncas. Depois, quando a filha está mais tranquila, Isadora pergunta se ela acha que agiu de forma correta, pedindo para ela se colocar no lugar dela e do seu pai. Isadora conta que no dia anterior a filha havia sido mal-educada com a avó porque estava atrasada para a natação e que, no carro, quando ela estava com sua amiguinha, ela conversou com a filha: disse a ela que a avó a ama, faz tudo por ela e se preocupa. Disse que não iria chamar a atenção dela naquele momento porque ela estava com a amiguinha, mas que, quando chegasse em casa, ela deveria ligar para a avó e pedir desculpas. A filha procurou justificar que não estava sendo mal-educada e Isadora lhe disse para se colocar no lugar da avó. Depois, a menina disse que falaria com a avó apenas no dia seguinte, mas Isadora não deixou e então a filha telefonou e pediu desculpas para a avó. Isadora diz que são coisas assim que acontecem, que não geram stress. Diz que procura conduzir a educação de Ana Clara dessa forma. Afirma que pelo fato de o marido trabalhar fora, ela é mais responsável pela criação da filha, mas não pela educação. Entretanto, às vezes ela pede a ajuda dele: espera que ele chegue em casa e lhe conta o que aconteceu, mas também é tudo tranquilo. Contudo, em alguns dias eles precisam ser mais firmes com a menina. Isadora diz novamente que a educação da filha está sendo tranquila, “graças a Deus” (sic). Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

Isadora observa a figura e diz que também entende que ela se refere à forma de proteção, de querer carregar os filhos junto com ela. Ela pergunta se é isso que o cartão está querendo passar e diz novamente que acredita que se refere a querer carregar os filhos em baixo da saia, levar amor, alimento e protegê-los. Ela diz que não sabe se eu fiz um trabalho com os pais, mas que ela acredita que é diferente, pois a mãe é mais responsável, que o amor de mãe é “incrível”, que os sentimentos são diferentes e que ela sabe quando uma coisa não vai bem. Ela repete que o amor de mãe é diferente do amor de pai, pois a mãe sente e se preocupa mais com os filhos. Ela diz que se uma coisa vai acontecer daqui a uma semana, ela já se pega preocupada hoje: “Como ela vai fazer?”, mas não deixando de se preparar para a vida. Ela diz que filho não é para a vida toda (seu tom de voz nesse momento é quase de um lamento), mas que ele vai crescendo, vai “criando asinhas” e chega uma hora que a mãe tem somente que dar o apoio psicológico, mostrando para ele: “Eu estou aqui, não esquece”.

Comento que esse é um momento delicado também para a mãe. Ela diz que hoje, comparando com as amigas que têm bebês pequenos, na fase que a filha está vivendo, ela já é mais independente. Com relação às crianç as menores, ela vê mães que reclamam demais: “Nossa, eu não dormi a noite inteira!”, “Nossa, ele tá me dando trabalho!”, “Eu não aguento as minhas costas, não vejo a hora que ele começará a andar!”. Ela diz que pensa que conforme a crianç a vai ficando mais velha, as preocupações vão aumentando. Conta que hoje ela olha para trás com saudade, porque foi uma fase

muito gostosa e que passou muito rápido. Diz que hoje em dia as preocupações são diferentes, preocupações com o mundo em que estamos vivendo, com as amizades que os filhos têm. Ela diz que antes carregava a filha para todos os lugares junto dela, colocava a roupa que ela (mãe) queria e comia a comida que a mãe queria. Ela conta que hoje há lugares onde ela vai e que a filha diz que não gosta de ir; entende que quando a menina se tornar adolescente, ela não vai mais querer acompanhá-la. Ela repete que hoje em dia tem outras preocupações que são muito mais sérias do que no passado e que ela entende que essa é a fase em que é preciso dar uma boa formação, senão sabe-se lá que tipo de adolescente a criança vai se tornar. Ela diz que é preciso estar em cima, olhando o que está escrevendo no computador, com quem está no telefone. Ela diz que não está sendo difícil, mas que esta fase é mais trabalhosa e que percebeu que o cartão está querendo dizer sobre o zelo e a proteção. Ela me entrega a gravura e eu lhe mostro a última.

Quadro 8

Ela examina a figura e diz que precisa ver se a entendeu. Depois, diz que visualiza o diálogo ou não dar ouvidos para... (ela não completa a frase). Diz que não sabe se é isso o que o cartão transmite. Diz, em seguida, que procura conversar muito com a filha, sendo mais a favor do diálogo do que do castigo ou da repreensão. Diz que tem essa liberdade com a filha, que isso ocorreu de forma espontânea, ela não escolheu ser assim. Diz que Ana Clara lhe deu essa liberdade de elas se respeitarem. Ela diz que conta suas coisas para Ana Clara e a menina conta as suas coisas para ela. Diz que percebe que, mesmo se influenciada por uma amiguinha, Ana Clara poderia lhe omitir alguma coisa, a filha lhe conta: “Olha, mãe, a minha amiguinha falou assim, você acha que é legal isso?”. Ela diz que o cartão está tentando transmitir isso, o diálogo de pais, tentando conversar, explicar tudo o que está ao redor do nosso mundo e tentar analisar bem os outros de fora, pois não tem como deixar o filho dentro de uma redoma, pois o “mundo está aí” e o círculo de amizades vai sempre aumentando mais. Ela diz também que pode ser a macaca tentando dar uma bronca, mas diz que não sabe e pergunta se eu não posso falar nada. Respondo que cada um interpreta de uma forma e a mãe diz que acredita que o quadro se refere à orientação. Ela me devolve o cartão e nós começamos a conversar mais livremente.

Digo que ela parece estar já se preparando para a etapa da adolescência da filha. Isadora responde que sim e eu completo que parece que ela está procurando visualizar como vai ser essa fase. Ela confirma e conta que há seis meses a filha assistia *Discovery Kids*, *Walt Disney*, desenho animado e não se importava com a aparência, de querer se mostrar bonita para os outros. Ela diz que, de repente, Ana Clara deixou de ouvir a Xuxa para ouvir músicas internacionais e clipes. Ela diz que está acompanhando, mas que foi uma mudança muito rápida. Ela conta que, ao mesmo tempo, as amigas da filha já são mocinhas e falam de “namoricos” (sic), de um menino que é bonito. Ela diz que não imaginava que a mudança seria tão rápida. Ela conversou com a sua ginecologista e esta lhe disse que isso é normal, pois o corpo está se preparando e os hormônios estão mudando. Isadora conta que a

filha “ainda não é mocinha” (não teve a menarca), mas que o organismo vai mudando e que a filha vai sentindo; ela acredita que é por isso que houve essa mudança de comportamento da menina. Segundo Isadora, agora a filha quer cada vez comprar mais coisas, roupas novas, mostrar-se: “A minha amiga comprou tal coisa”; “Eu quero fazer igual”, então foi essa a mudança de comportamento da filha. Diz que a menina deixou de ser a “bebezinha” dela, de pedir colo, e repete que a mudança de comportamento foi meio radical. Comento que ela diz que também houve uma mudança no relacionamento entre elas. Isadora confirma e diz que a forma do diálogo com a filha muda. Diz que percebe que a filha às vezes chega meio irritada ou cansada da escola e que ela pergunta o que aconteceu ou o que está acontecendo. Repete que o estilo de diálogo entre as duas mudou. Isadora conta que a filha já veio lhe perguntar sobre sexo (ela baixa sutilmente o volume da voz), assunto que antes não lhe suscitava nenhuma curiosidade. Isadora diz que essas são situações delicadas que ela tem que explicar de acordo com a idade da filha para não chocá-la. Diz que explicou à filha aquilo que ela tinha interesse em saber e que depois a menina não perguntou mais. Ela diz que Ana Clara lhe contou que uma amiga brigou com a outra porque as duas estão gostando do mesmo menino. Isadora lhe respondeu, brincando, que elas não têm idade para namorar, mas que precisam estudar: “Dez anos, nem saiu das fraldas!”. A filha então lhe respondeu que não é mais um bebê.

Isadora diz que tenta passar a mensagem de maneira mais leve, sem ter que “sentar para conversar”. No dia em que a menina lhe perguntou sobre sexo, ela se indagou: “Bem, está chegando a hora, então vamos sentar e explicar, mas vou te explicar aquilo que você tem interesse”. Repete que tenta passar as mensagens para a filha de uma forma mais “*light*”. Diz que na fase de zero a três ou quatro anos, a mãe é mais protetora, está ali para cuidar, garantir que o filho coma bem. Quando os filhos vão para a escola, “eles já se tornam assim, entre aspas, mais independentes”, então hoje em dia o seu papel é diferente”. A menina já toma banho sozinha, já se alimenta sozinha, acorda, se troca sozinha, então ela (Isadora) não tem mais aquela função do zelo e do cuidado, de proteger, de saber se está bem e tudo, é outro tipo de cuidado que a mãe começa a ter, é outra visão. Diz que é outra visão do mundo, mesmo porque ela tem que preparar a criança para o que está por vir. Ela diz que não sabe se eu estudei mães de meninos, porque ela acha que com os meninos esse processo é diferente. Ela explica que foi por isso que nessa trajetória de dez anos, ela procurou estabelecer um relacionamento com a filha de amizade, nada de impor “Eu sou sua mãe, você tem que me respeitar!”. Ela diz que é lógico que a filha tem que respeitá-la, mas que ela nunca quis passar medo. Ela procurou fazer algo mais tranquilo, para que quando chegasse nessa fase as coisas fossem mais tranquilas. Todavia, ela não planejou que fosse assim, as coisas aconteceram naturalmente, que isso vai depender do temperamento da pessoa, de como a pessoa consegue conduzir. Disse que antes de ir para a escola, era só ela e a filha, então se as duas iam para algum lugar, iam para a casa da avó, então era diferente. A partir do momento em que a filha começou a ter contato com outras pessoas, ela já começou a enxergar de outra forma; por isso ela procurou trazer Ana Clara para si, para a menina ter essa

liberdade de lhe contar tudo o que acontece, suas dificuldades, suas dúvidas: “Por quê procurar uma terceira pessoa?”. Ela repete que está conseguindo fazer isso.

Ela diz que está o tempo todo junto com a filha e que percebe quando ela está triste, irritada e que às vezes, se a filha não quer falar naquela hora, ela então “vai dar uma cutucada” mais tarde, mas de uma maneira tranquila. Ela diz que acha que na etapa que vem pela frente, na adolescência, a filha vai precisar muito do apoio da mãe. Diz: “Se você não tem aquela visão de ‘minha mãe é minha amiga’, então você vai procurar quem?”. Assim, ela tenta ter uma relação com a filha nesse sentido. Rindo, ela diz que acredita que está conseguindo e que não acha que a menina, daqui a alguns anos, vai se tornar uma adolescente “rebelde” (sic). Brincando, ela diz que daqui a alguns anos, ela me contará o resultado de tudo isso. Ela silencia e eu pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela responde que não e nós finalizamos a entrevista.

Interpretação Isadora

O relato de Isadora ao CAT-A mostra a trajetória que ela fez até agora como mãe e o modo como vive, neste momento, o que concebe como uma mudança radical no desenvolvimento de sua filha. Dessa maneira, a descrição que ela faz das fases de amadurecimento da menina é acompanhada de outra sobre as diferentes etapas que ela viveu e vive como mãe, o crescimento de uma seguindo passo a passo o da outra. Ela separa a sua experiência materna em duas fases. A primeira delas estaria situada entre o nascimento e o terceiro ou quarto ano de vida da filha, enquanto a segunda, que ela vive agora, se iniciaria deste último ponto até o momento anterior ao início da adolescência, em que as modificações que encaminham a este novo período tornaram-se, de súbito, mais evidentes. O divisor de águas entre essas duas etapas, para ela, foi o ingresso de Ana Clara na escola. Nessa segunda fase, o tema que ela elege como sua preocupação é como garantir a proteção da filha num momento em que ela adentra o mundo adulto. O que a inquieta em particular é a exposição da menina aos perigos do mundo, físicos e emocionais, principalmente as influências de pessoas do meio extrafamiliar. Seu receio é o de que estas pessoas possam massacrar as ilusões da menina por meio de uma imposição dura e cruel da realidade objetiva e, com isso, provocar tamanho sofrimento e decepção, que a levaria a recusar tudo o que ela e a mãe construíram de positivo em sua relação e que repercuta no desenvolvimento de uma garotinha adorável. Trata-se, enfim, do temor de que o mundo macule a inocência infantil da menina. Nesse contexto, o acesso ao conhecimento da sexualidade, própria e dos pais, seria o símbolo maior da perda dessa pureza. Todavia, o medo de que o mundo se aproveite da filha conduz Isadora a admitir que o abandono da candura e da ingenuidade é uma necessidade, caso contrário a menina se tornaria vulnerável. É nesse processo que ela deseja estar junto com a filha, operando, pouco a pouco, as desilusões e desidealizações fundamentais, de modo a mostrar-lhe que, embora o mundo não seja um conto de fadas, a vida ainda vale a pena, bem como o esforço de estabelecer relações baseadas na fraternidade e na solidariedade. Nessas condições, ela também guardaria a confiança da menina, que não sentiria ter sido “enganada” pela mãe que lhe mostrou

anteriormente uma realidade que não existe. Daí o incômodo de Isadora quando o mundo passa à sua frente nessa tarefa, dada a chance de corromper sua relação com a menina: essa ultrapassagem é sentida por ela como uma invasão prematura e indesejável na vida de ambas. Contudo, ela percebe que não pode mais evitar esse tipo de intrusão, dado o momento específico que ela vive com a filha.

Assim, sua condição de mãe é agora muito diferente daquela que ela define como a da primeira etapa. Nesta, a menina era quase indiferenciada dela e partilhava simplesmente de suas decisões, gostos, gestos e atitudes. O mundo da filha era o mundo que a mãe construía e apresentava. Nessa relação, a proximidade corporal e os limites estreitos da realidade em que a garotinha vivia, garantiam a sua proteção contra as más influências exteriores. A união assegurava a imunidade da criança, a identificação primária sendo a vacina contra as invasões. A vulnerabilidade e fragilidade da criança seriam compensadas pela força e habilidade maternas. A sobrecarga física da mãe seria contrabalançada pela tranquilidade emocional: o filho não criaria asas para voar para longe do ninho e se expor. O papel da mãe seria, então, o de oferecer *holding* e proteção. Nesse mundo infantil pequeno e aconchegante, os pais, principalmente a mãe, teriam um controle maior sobre o que se passaria no desenvolvimento do filho. Diante dessa concepção, Isadora deu o melhor de si e renunciou à sua atividade profissional em busca de uma dedicação integral à filha.

Por ocasião do ingresso de Ana Clara na escola, outras pessoas passaram a fazer parte do cotidiano da menina e a ganhar importância na vida dela. Na visão de Isadora, até há pouco tempo atrás, essas modificações aconteceram de forma discreta, ela se mantendo como a pessoa mais importante da vida da filha. Contudo, repentinamente, uma nova realidade se impõe e Ana Clara começa a mostrar-se como alguém diferente dela, a opor-se a ela, a ter uma individualidade. Ela torna-se mais permeável à influência alheia, dá ouvidos aos outros e se torna crítica frente aos pais (é exigente e exige opinar sobre os assuntos). Isadora se vê, então, obrigada a repensar o seu papel materno, de modo a acompanhar a evolução da filha. Duas inquietações a acompanham, ambas relacionadas à ampliação do campo de introjeções que começa a operar na filha. A primeira delas é referente à aprendizagem, aos recursos que a menina desenvolveu e que dispõe atualmente para fazer face aos desafios do mundo. Se ela não é mais um bebê, também não é ainda uma adulta apta a enfrentá-los. Enfim, ela se encontra no limbo da transição da dependência total para a independência, e deve começar a responder às demandas da realidade sem a ajuda diuturna da mãe. O tema da capacidade de produção e de realização da filha ganha, assim, espaço em sua vida.

Mais importante, contudo, é o receio de que as novas introjeções que a filha realiza, as novas descobertas que ela faz, os novos conhecimentos a que tem acesso, nem sempre compatíveis com o que os pais lhe ensinaram, degradem a relação com a mãe. O temor de Isadora é o de que a confiança se quebre e que a criança rejeite tudo o que a mãe lhe proporcionou. A confiança precisa, assim, ser assegurada e é por isso que cabe a ela desiludir a menina e mostrar-lhe a realidade objetiva aos poucos. Na impossibilidade de resgatar a intimidade física, a relação corpo a corpo com a menina, Isadora busca, então, uma relação de cumplicidade psíquica com Ana Clara. Se a influência

extrafamiliar é inevitável, seria a ausência de segredos entre as duas que lhe permitiria acompanhar o que ocorre na vida da filha, neutralizar as influências negativas, acomodar o que ela descobre ao que os pais lhe ensinaram, filtrar a dura realidade objetiva e, acima de tudo, orientá-la sobre como fazer face aos novos desafios e às inevitáveis decepções que estão por vir. Com isso, ela amortece a dor pela perda das ilusões e torna a menina mais forte.

Assim, Isadora busca acompanhar e controlar de perto as introjeções que a filha realiza. Nesse processo, ao invés de estimular que a filha saia para o mundo, ela prefere que mundo adentre o seu lar, sob o seu olhar vigilante (ela prefere que as amigas da filha venham à sua casa a deixá-la ir visitá-las). Quando o mundo não se apresenta diretamente sob os seus olhos, ele é trazido por meio do relato da menina, na nova intimidade que elas estabeleceram, mesmo se às vezes a filha reclama privacidade. Em suma, não há interdição de que a menina atinja o mundo (ou vice-versa), mas apenas um controle sobre a maneira como esse processo se desenrolará.

A condição para a preservação desse controle protetor é a de que a relação entre ambas não se sustente em bases demasiado assimétricas. Com isso, a imposição de limites deve ser efetuada de uma forma particular, em que o autoritarismo cede lugar à explicação, ao diálogo e à orientação. A tolerância diante das demandas da filha, o respeito à sua opinião dentro dos limites que sua situação de criança lhe permite, impediria uma oposição mais acintosa da menina e a reivindicação de uma maior privacidade que a afastaria da mãe. Isadora tenta, assim, suavizar os conflitos e estabelecer a obediência da menina sobre as bases da empatia e da compaixão. Todavia, ela admite que nem sempre essa conduta é possível, sendo às vezes necessário infligir a autoridade de maneira mais firme.

Esse modo de prescrever os limites escolhido por Isadora depende todo o processo de desilusão que ela opera e se sustenta em um dos seus eixos mais importantes: a renúncia ao narcisismo, resquício do estágio anterior. Nesse sentido, Isadora enfrenta a perda de sua condição de ser perfeita para a filha e, ao mesmo tempo, a admissão de que a filha também não o é. A delicadeza com que ela conduz a menina a essa dolorosa constatação permite, do seu ponto de vista, que ao invés de um sentimento de inferioridade, ela desenvolva o respeito pelo próximo, a solidariedade e a responsabilidade.

Em síntese, nesse momento evolutivo da filha, Isadora sente que sua tarefa como mãe é a de estar junto dela nesse trajeto da desilusão. Diante das surpresas que a menina deverá enfrentar nesse processo, ela quer estar por perto para segurar a sua mão, enxugar as suas lágrimas e partilhar da alegria das suas conquistas. Se esse caminhar não pode ser isento de sofrimento, cabe a ela como mãe, e à ninguém mais, mostrar isso à menina. Maiores detalhes sobre o relato de Isadora ao CAT-A são descritos na análise de cada quadro.

Quadro 1

Em seu relato a esse quadro, Isadora revela sua intenção de permanecer próxima da filha, de mantê-la “debaixo das suas asas” a fim de lhe assegurar proteção. Ela refere, nesse sentido, sua

identificação com a própria mãe, e a sua vontade de fazer tudo corretamente e nada deixar passar, expressa na relação transferencial comigo, na preocupação de não negligenciar nenhum detalhe do cartão. Assim, em certo sentido, ela deseja ser como a mãe e busca a aprovação dela em seu exercício da maternidade. Ao mesmo tempo, todavia, ela percebe que a superproteção perturba a vida independente dos filhos, portanto, em alguns pontos, ela também deve não ser como a mãe. A proteção, dessa maneira, deve ser exercida, mas respeitando a autonomia da criança.

Quadro 2

Em continuidade ao seu relato anterior, Isadora mostra nesse momento que, em seu desígnio de promover a autonomia da filha de uma maneira protegida, ela deve começar pela elaboração do narcisismo, próprio e o da menina, que caracterizava a etapa anterior. Assim, ela busca controlar sua tendência de tudo fazer pela filha (como acontecia com sua mãe), já que isto poderia fragilizá-la. Além disso, ela deve ajudar Ana Clara a desenvolver uma imagem mais realista de si mesma, mais modesta, que leve em conta suas imperfeições e sua incompletude. Desse modo, ela prepara a menina para as decepções inevitáveis que a vida impõe e, adicionalmente, sedimenta nela o respeito pelo outro. Com isso, transformando a rivalidade em solidariedade, ela estará em melhores condições de gerenciar os conflitos e não se exporá a eles inutilmente. Paralelamente à aceitação das próprias limitações, Isadora ajuda a filha a descobrir os próprios recursos, por meio da atribuição gradual de responsabilidades (o cachorro), o que a filha aceita com prazer. Trata-se, assim, de auxiliar a filha a descobrir o que ela é capaz de fazer e o que não é.

Quadro 3

Também em continuação ao relato precedente, Isadora mostra que a consequência da elaboração do narcisismo seria o respeito mútuo. Nesse contexto, a imposição de limites a Ana Clara, reconhecida como necessária, não pode ocorrer por meio de uma conduta autoritária da parte dela nem do pai. Embora a relação seja reconhecidamente assimétrica, a filha tem direito à voz e usufrui, dentro de certos limites, do direito de opinar nos assuntos familiares. Seu ponto de vista é levado em conta e ponderado. Os esforços de Isadora para estabelecer um ambiente democrático na casa nem sempre são frutíferos e, com isso, ela deve eventualmente fazer uso de argumentos de autoridade. Contudo, a forma eleita por ela como a principal para impor os limites é a de levar a filha à reflexão sobre as consequências dos seus atos sobre as pessoas, ou seja, da empatia e indução da responsabilidade e da culpa. Embora ela tenha tentado transmitir a impressão de que a relação entre ela e o marido era mais igualitária, ele parece ser a autoridade principal da casa e, diante da existência de conflitos, Isadora busca suavizá-los ou minimizá-los. Essa conduta é resultante de seu desejo de manter o lar como um refúgio seguro e prazeroso, face às duras e inúmeras interdições do mundo exterior.

Quadro 4

Estabelecido o lar como o abrigo contra as intempéries e as frustrações do mundo, Isadora revela, em seu relato a essa figura que, por mais agradável que seja a situação de guardar a filha “debaixo de sua saia”, haverá um momento em que a necessidade de deixar a menina partir vai se impor. É nesse relato que ela expressa a sua experiência materna no que ela definiu como as duas grandes fases do desenvolvimento de Ana Clara. É também aqui que ela se interroga sobre como oferecer a proteção quando a criança começa a sair do ventre substituto do lar. Do seu ponto de vista, a separação que acontece agora deve ser compensada por uma maior aproximação entre as duas, para garantir que a filha realize as introjeções necessárias à vida independente e rejeite aquelas que poderiam lhe causar danos e deixá-la vulnerável. Nesse processo de transição, em que o narcisismo já se extraviou e as introjeções são ainda incompletas, ela se interroga sobre a eficiência delas, se elas foram transformadas em recursos que a menina pode dispor para enfrentar os desafios da realidade exterior. Ela parece sentir que cada exigência do mundo que é feita à filha é uma espécie de teste quanto a isso, a saber, o quanto a garotinha, com suas qualidades e limitações será capaz de fazer face às exigências da realidade. Nesse caminhar rumo à autonomia, em que a mãe se torna cada vez mais “interna” no mundo do filho, Isadora tem o receio de, como pessoa, vir a se tornar desnecessária na vida da filha, de que esta a “esqueça”. Assim, mesmo que ela se prepare para um certo tipo de luto que virá no futuro, ela quer mostrar à Ana Clara que, independente do que aconteça, ela estará sempre lá por ela.

Quadro 8

O relato de Isadora a este quadro reitera o que ela já havia comunicado anteriormente sobre os seus esforços para garantir que a filha faça as introjeções necessárias para assegurar-lhe a vida independente, incluindo os valores e a cultura familiar. Do mesmo modo, colocando limites à filha, ela ensina também a garotinha a barrar a entrada, em seu mundo interno, das influências (introjeções) que ela acredita contrárias ao bem-estar da filha ou relativas a valores que ela (Isadora) reprova. Sua maneira de realizar esse intento é por meio de uma relação de proximidade e de confiança em mão dupla. É nesse contexto que o diálogo e a orientação seriam eficazes, embora a imposição mais firme da autoridade precise ser ocasionalmente realizada.

Em resumo, Isadora é uma mãe bastante devotada à sua filha que busca, nesse momento, acompanhá-la em sua nova etapa de desenvolvimento, quando a menina começa a ganhar o mundo. Nessa jornada, ela a ajuda a elaborar o narcisismo e o luto pela infância anterior (enquanto elabora os próprios) e apresenta, ela mesma à garotinha, a realidade em pequenas doses. Seu intento é amortecer as decepções que a filha enfrentará diante da perda das ilusões, mostrando-lhe que, mesmo não sendo perfeita, a vida vale a pena. Em sua empreitada de proteger a filha das influências nocivas do meio, ela busca guardar com ela uma relação de confiança e de respeito, que é perturbada algumas vezes pela

necessidade de oposição da menina, ocasiões em que os limites são impostos de maneira mais firme. Ciente de que, com o passar do tempo, a sua função se tornará cada vez mais internalizada pela menina e que o vínculo entre as duas ocorrerá de modo cada vez mais simbólico, ela deseja, mesmo assim, mostrar para sua garotinha que estará sempre lá nos momentos em que ela precisar.

Narrativa de Ana Clara

Encontro Ana Clara alguns dias depois de minha conversa com sua mãe. Ela é uma linda garotinha de dez anos, doce, delicada e prestativa. É magra e tem estatura condizente com a idade. Tem a pele morena clara como a da mãe, cabelos e olhos da mesma cor que os dela. Ela já havia me visto algumas vezes chegando na escola de natação, mas eu me apresento novamente e conto a ela sobre o meu trabalho. Explico que eu já havia conversado com sua mãe e pergunto se ela poderia colaborar comigo na pesquisa. Ela aceita prontamente. Pergunto se ela gosta de animais e ela responde que gosta bastante. Falo então que vou lhe mostrar alguns desenhos de animais e que gostaria que ela inventasse uma estória para cada um deles. Ela concorda e eu lhe apresento então o primeiro cartão do CAT-A.

Quadro 1

Ela observa a figura e diz: “Assim, a estória, assim, é de cada figura ou de cada animal, assim? [Do jeito que você quiser.] Bom, um dia tinha três patos, né, patinhos, brincando, ou pintinhos, não sei, porque tem uma galinha, brincando. E a galinha, a mãe deles, chamou para o jantar, e pelo visto, eles estão reunidos para comer, não é? É, não tenho muita imaginação, mas é isso, né? (Ela sorri). Mas acho que é assim, né, três pintinhos, são irmãos, né, tavam brincando, aí a galinha-mãe, chamou para comer, porque eu estou vendo três tigelas, dois estão com os lencinhos, um não, isso eu não sei por quê (ela sorri), e um prato assim, a galinha meio apagada, então eu imagino isso. [E o que eles estão achando dessa situação?] Acho que tão achando legal, gostosa, não sei, eu imagino isso. [E como você acha que poderia terminar a estória?] Ah, eles comem, né? E acho que eles brincam mais, depois a mãe chama para dormir e depois começa o outro dia, eu acho isso. É isso, eu não sei mais. [E um título para a estória?] Um título? ‘Um dia divertido’, não sei, ‘Um dia entre irmãos’, algo assim. Ela me devolve o quadro e eu comento que sua estória foi bonita e que ela tem imaginação, sim. Ela sorri. Mostro-lhe então a gravura seguinte.

Quadro 2

“Aqui eu acho que são três ursos, né, o pai, a mãe e o filho. Eles estão brincando de cabo de guerra, eu acho, né? Ah, eles estão brincando para se divertir mesmo, né, em um dia em família, eu acho. Esse poderia até ser o título, porque para mim tem dois ursos grandes e um pequeno, então eu acho que o pequeno é o filho e os dois grandes, um é o pai e o outro é a mãe. [E qual é o pai e qual é a mãe?] Eu acho que esse é o pai (ela mostra o urso que está junto com o menor) e esse é o menino, para

mim é, né, e esse é a mãe. Agora, eu acho assim, um dia em família e eles estão brincando, agora um final para a estória, eu não sei o que eu posso colocar, porque... Aí eles brincam, continuam brincando, até que cansam, igual ao outro, e vão dormir e começa um novo dia, porque eu não sei outro, e o título eu daria ‘Um dia em família’. [E algum deles ganha a brincadeira ou não?] Não sei, assim, eu, se fosse para falar quem ganhasse, eu acho que seria os dois que estão do lado, os dois, mas não sei mais nada dessa figura aqui, não.” Ela sorri, me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 3

“Eu acho essa figura aqui, que nem diz o ditado, né, que o leão é o rei, então ele tá sentado numa cadeira bem grande, eu acho que por causa de ele ter essa fama de ser o rei da floresta, não fazendo nada, né, mas parece que ele tá meio velhinho, com uma bengala do lado, né? Ah, eu acho isso, que ele vai ficar aí, reinando os outros animais e o título para esse desenho, eu acho que poderia ser: ‘A vida de um rei’, ‘A vida de um leão’... Mas eu também não tenho mais nada para esse desenho. [E como você acha que ele está se sentindo?] Ah, eu acho que ele está se sentindo meio solitário ou ‘o poderoso’, né, porque pelo visto ele tá sozinho, tá meio triste, não sei, assim, e eu acho que ele também tá se sentindo meio poderoso, porque ele tem essa fama de rei, e essa cadeira que ele tá sentado... segurando um cachimbo, o jeito que ele tá sentado, para mim é isso (sua maneira de falar é como se a cadeira, o cachimbo e a postura justificassem o poder que ela atribui ao personagem). [É, às vezes ser poderoso afasta as pessoas, né?] É (ela sorri). [E o título?] Eu acho que seria ‘A vida de um leão’, acho que seria isso, pelo que eu acho da figura (ela sorri).” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

“Esse aqui, eu acho que é a mamãe canguru que quis passear, né, com seus filhotes, e ela teve que fazer umas compras, porque ela está com uma bolsinha, né, um chapéu e uma cestinha cheia de coisas. Então, acho que o título para esse desenho aqui, eu acho que poderia ser ‘Compras em família’, porque eu acho que aqui é a mãe, aqui é o bebezinho, e aqui o irmão, né, porque para ser o pai, eu acho que ele tá pequeno. E eu acho que além dela sair para fazer compras, ela saiu para divertir com os filhotes, porque um tá com a bicicleta, um tá com o balão, então para mim seria assim, o título que eu te falei: ‘Um dia em família’, ah não, um dia não, ‘Compras em família’ ou passeio, né? Então eu acho isso para a figura, né? [E como você acha que esses filhotes estão se sentindo?] Eu acho que eles estão felizes, né, uma por estar com a mãe, e outra por eles estarem se divertindo né? E a mãe, eu acho que pelo visto, que ela tá com a mão na cabeça, tá meio com pressa (Ela ri). Eu acho isso, não sei mais definir mais nada para essa figura também.” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

“Bom, esse eu acho que nessa é uma festa de macacos, né, também, ou é em amigos ou é em família, né? Mas eu acho que essa aqui é a mãe, esse é o filho e esses daqui eu acho que são amigos, pelo tanto que eles estão conversando né, até fofocando, né? E aqui, esse quadro, né, eu acho que é de algum familiar desses e eu acho que esse podia ser ‘Festa de macacos’ ou ‘Festa de animais’, porque esses são animais e os animais são macacos, né, ou um chá da tarde, porque tem dois tomando café, né, e eu acho que também é uma reunião aqui, de vários familiares, amigos, no caso fazendo... reunin... reunin..., reunindo, ou tão celebrando alguma coisa, eu acho isso dessa figura. [E o que esses daqui estão conversando?] Ah, eu, eu acho que esses dois, que tem o pequeno e a maior, ou ela está dando uma bronca ou tá pedindo para ele fazer alguma coisa, né, eu acho isso, né? E esses dois aqui, devem estar conversando algo sobre o dia a dia, né, porque eu vejo que eles estão mais é fofocando aqui, por causa da mão, e eu acho que eles estão falando alguma coisa sobre o dia a dia. E esses dois, o pequeno e a maior, eu acho que ou ela tá pedindo para ele fazer alguma coisa, evitar assim, ou... e o tema é igual eu disse, que eu não me lembro mais, ‘Reunião de animais’, ou alguma coisa assim, isso é o que eu acho dessa figura também. [E o que esse pequenininho tá achando disso tudo?] Eu acho que ele tá meio surpreso, pela cara, né, mas... ou ele tá gostando, assim, da reunião, isso. Isso é o que eu acho dessa figura.” Ela me devolve o cartão.

Peço então a Ana Clara que me mostre qual foi o cartão que ela mais gostou e qual ela menos gostou. Ela responde imediatamente: “A que eu gostei menos, assim, é difícil, porque eu sou meio viciada em animal, mas a que eu gostei menos foi a do leão, porque ele tá com uma cara bem triste, assim, se achando meio solitário, meio excluído, por causa que ele deve assustar os outros animais, né, então essa foi a que eu gostei menos, a do leão. E a que eu gostei mais (silêncio), foi a do canguru, porque eu acho que ao mesmo tempo em que eles saíram para fazer um compromisso, eles saíram para se divertir também, então eles pegaram uma parte do dia para se reunir em família mesmo. Então é isso o que eu acho das figuras.” Pergunto então a Ana Clara se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela responde que não. Eu agradeço a ela a participação na pesquisa e nós finalizamos nosso encontro.

Interpretação Ana Clara

O conjunto dos relatos de Ana Clara aos cartões do CAT-A revela que ela é uma garotinha cujo desenvolvimento ocorre de forma bastante harmoniosa, e que recebe a preciosa ajuda dos pais, sobretudo da mãe, nesse processo de amadurecimento. Suas capacidades de integração, personalização e realização estão bem consolidadas e, em termos de seu desenvolvimento psicosssexual, ela poderia ser situada no estágio de latência. Nessa etapa de sua vida, ela se encontra diante da tarefa de ampliar cada vez mais os limites do mundo em que vive, de modo a adquirir, pouco a pouco, as habilidades e os recursos necessários para enfrentar os seus desafios e as suas exigências. Nessa empreitada, ela vai seguindo um percurso, cuja primeira etapa referiu-se à elaboração do narcisismo primário, o que

resultou numa maior possibilidade de usufruir dos prazeres da vida familiar e que no presente momento começa a incluir outras pessoas fora desse círculo.

Em tal caminhar, Ana Clara se dá conta de que o narcisismo primário já caducou, que permaneceu numa etapa antiga de sua vida. Longe do luto pelos prazeres da passividade e da ilusão que ele “antigamente” lhe ofereceu, ela saúda com boas vindas a percepção das próprias limitações e deficiências. Além de poder ser vista no conteúdo das suas produções, essa constatação da menina também é atestada por sua conduta verbal no CAT-A, nas várias vezes em que ela deixou claro que o seu relato era fruto do que ela era capaz de ver, e que talvez por isso ele não seria completo ou totalmente correto. O narcisismo, ao invés de atribuir-lhe “superpoderes”, passou a ser visto por ela, paradoxalmente, como paralisante, limitante. Se ele continuar a ser vivido numa relação em que a integração e a personalização já se estabeleceram, ele nada pode significar além de solidão. Por outro lado, a aceitação das próprias deficiências a impulsionaria aos relacionamentos baseados na cooperação e na solidariedade, como maneira de compensar os limites da falibilidade humana. A essa admissão segue, como consequência necessária, a verificação dos limites da mãe, também já assimilada por ela e vivida atualmente sem qualquer sensação de perplexidade ou decepção. Trata-se do estabelecimento de uma relação em que ela e a mãe são vistas como dois seres humanos integrais, com todas as suas capacidades e restrições.

Para além do valor utilitário da compensação das deficiências, esse novo tipo de relacionamento lhe proporciona imenso prazer. Perdida a ilusão da indiferenciação corporal, o vínculo agora é caracterizado pela proximidade afetiva, o que é passível de ocorrer também em função da renúncia dos pais ao próprio narcisismo, travestido de autoritarismo. É essa proximidade emocional que passa a preencher o espaço entre o próprio corpo e o da mãe. A abdicação do egocentrismo e da simbiose situa Ana Clara de maneira definitiva no seu nicho familiar. Se ela não é mais a mãe, ela é a filha de sua mãe, faz parte do mesmo grupo que ela, da mesma linhagem e, com isso, elas compartilham características semelhantes (no relato do quadro 1, ela deixa claro que, se existe uma galinha, os outros animais pequenos são necessariamente pintinhos e não patinhos). A continuidade física sobrevive então, de certa maneira, na consanguinidade e a indiferenciação cede lugar à pertinência. Nesse sentido, também há espaço para a inclusão do pai no mesmo clã. Daí o bom acolhimento de Ana Clara à vida em grupo (familiar), mesmo que isso implique em aceitar as interdições inerentes a ela.

Assim, o mundo vivido por Ana Clara se amplia dos limites do colo da mãe, para a tradição familiar. Todavia, ela se encontra agora em uma etapa em que a mãe começa a lhe mostrar que, da mesma forma em que ela foi “insuficiente” para a filha, também não é possível sobreviver quando se está restrito ao grupo familiar. A mãe vai lhe mostrando isso pouco a pouco, na busca de recursos exteriores para assegurar a continuidade de existência do grupo (quadro 4). Nessa jornada, a filha a acompanha, de modo a aprender com ela como deve se inserir no espaço que começa a ser aberto para além das fronteiras do grupo familiar. Analogamente, a mãe também começa a trazer o mundo exterior

para dentro de sua casa, para enriquecer a convivência (quadro 8). É nesse instante que Ana Clara se surpreende, quando começa a perceber que, da mesma maneira como ela cresceu e o colo da mãe não lhe bastou mais, também o “casulo” familiar começa a se tornar estreito para comportá-la em seu amadurecimento. Ela vê com bons olhos o processo que começa a se iniciar de abrir-se para o mundo e de ingressar no mundo que se abriu diante de si.

A primeira questão que ela e a mãe, irão fazer face é a de desenvolver recursos para preparar a menina para os desafios da realidade e, ao mesmo tempo, amortecer a sua dureza, a sua crueza eventual e os seus constrangimentos. Nessa tarefa, é a delicadeza com que a mãe desempenha a sua função que garante a fertilidade do terreno para que germine a semente da independência da menina. Para tanto, nesse aprendizado, ela se comunica com a filha na linguagem da transicionalidade, da conciliação entre a fantasia e a realidade subjetiva. Por meio do faz de conta, por exemplo, ela permite à menina manejar, dentro do grupo familiar, as oposições que ela um dia deverá enfrentar no mundo (quadro 2). Diante disso, Ana Clara mostra que vem conseguindo articular no mundo os prazeres e as obrigações, a fantasia e as imposições da realidade (quadro 4), atribuindo a esta última um sentido pessoal. Com isso, ela se torna capaz de enxergar o mundo como guardando uma certa continuidade com o lar. Como resultado desse processo, por meio da abstração, ela se torna capaz de enxergar que os pais também fazem parte de uma espécie maior, a humanidade (quadro 8: “esses são animais e os animais são macacos”), o que lhe permite, nesse momento, ganhar uma nova família, não consanguínea, mas adotada: os amigos, a raça humana. O não familiar é transformado, assim, em familiar. Outros detalhes da produção de Ana Clara ao CAT-A são descritos a seguir na análise de suas histórias a cada quadro.

Quadro 1

Já em sua primeira pergunta diante desse quadro, se deve contar uma história de cada animal ou de cada figura e sua opção pela última alternativa, Ana Clara revela a sua preferência pelo relacionamento ao invés do isolamento que o narcisismo poderia produzir. Assim, ela se situa em um grupo, cuja identidade seria baseada, sobretudo, na pertinência a uma linhagem, a uma continuidade consanguínea. A vida em família é vista por ela como altamente prazerosa, com a mãe lhe oferecendo *holding* e gratificação. Os limites inerentes ao cuidado infantil impostos por ela (hora de se alimentar e hora de dormir) são bem aceitos pela menina; por sua vez, a mãe também é capaz de conceder o espaço que a garotinha precisa para a sua expressão pessoal (o brincar). A relação se desenvolve sem conflitos, sem desafios a enfrentar ou objetivos a atingir, num contexto de relaxamento. O sentimento de continuidade da vida também está assegurado na percepção da menina, dada a implantação de uma rotina pela mãe (depois começa o outro dia).

Quadro 2

No relato de Ana Clara a esse quadro, embora as questões da identificação sexual (o pai e o menino estão do mesmo lado) e do conflito familiar não estejam de todo ausentes, elas ocupam um papel secundário na mensagem que ela transmite. Nela, ganha relevo a união da família, a oposição sendo neutralizada pelo apego amoroso que une os membros, testemunho da integração dos afetos que ela e o grupo familiar alcançaram. Assim, o prazer da convivência em família é o objetivo principal, não importando muito quem ganha ou perde o jogo, visto que sua finalidade é apenas proporcionar o relaxamento; com isso, ele tem valor em si mesmo. Nessa condição, que mostra a ultrapassagem do narcisismo, o conflito e o antagonismo são trabalhados no nível seguro e protetor do faz de conta, da transicionalidade. Desse modo, a garotinha pode ser preparada, suave e gradualmente, para as ocasiões em que ela deverá fazer face a eles no mundo exterior. Da mesma maneira que no cartão anterior, o sentimento de pertinência ao grupo e de continuidade da vida familiar são sublinhados no seu pequeno universo da vida familiar, daí a falta de sentido em atribuir um final para a estória.

Quadro 3

É na estória a esse cartão que Ana Clara mostra que a condição para alcançar o prazer da relação familiar que ela descreveu nos seus relatos anteriores, foi a abdicação do narcisismo primário. Percebendo a si mesma como separada da mãe, ela também se dá conta de que sua permanência numa posição autocentrada, ao invés de trazer a genitora de volta à relação fusional, somente aumentaria a distância para com ela. Ana Clara constata que cresceu demais para permanecer no colo da mãe. Reconhecidas, assim, as próprias limitações e as dela, a relação é retomada em outro nível, com o trabalho e a aproximação ativas substituindo o tédio da inanição (o rei está triste, não fazendo nada). O “destronamento”, então, passa a ser vivido não como uma perda, mas como a abertura de um novo campo de conquistas que Ana Clara já atingiu e que ela julga ser mais recompensador do que a sua situação anterior. O prazo de validade do narcisismo, assim, expirou, em nome de uma postura mais ativa nos relacionamentos.

Quadro 4

A partir da superação do narcisismo pela constatação das próprias imperfeições e das maternas, Ana Clara, nesse quadro, mostra a necessidade de buscar recursos no mundo exterior para compensar as insuficiências da vida familiar. A mãe toma a frente nesse processo, que nem sempre é apenas constituído de prazer (ela está com pressa). Nessa empreitada, a criança a acompanha, iniciando o seu aprendizado rumo à vida extrafamiliar, mas sempre junto com a mãe. Com isso, ambas saem para o mundo, guardando ainda uma relação de estreita proximidade e pertinência (as compras são feitas em família). Essa qualidade do vínculo permite que a experiência nascente da independência da menina se desenrole no contexto da transicionalidade: desse modo, ao mesmo tempo em que está no exterior, Ana Clara está também com a mãe, nos meios intra e extrafamiliar simultaneamente.

Sobre essas bases, o alcance à realidade objetiva é realizado de forma acoplada à experiência pessoal e, com isso, mesmo as obrigações cotidianas podem ser assimiladas de acordo com um sentido individual (há chance de fazer compras e se divertir ao mesmo tempo).

Quadro 8

Se no relato anterior a mãe partiu com a criança em uma excursão no mundo exterior, nesse momento ela permite a incursão dele no universo familiar. Dessa maneira, ela promove uma nova reunião, um novo agrupamento, ampliando o sentido de pertinência da criança. Embora ela continue sendo a figura mais importante da vida da filha e ambas formem um subgrupo especial, ela mostra também à menina que esta participa de um grupo maior, a humanidade. Essa descoberta constitui uma agradável surpresa para a garotinha. Ela constata que além da família que ela já conhece, ela tem também outras famílias. Assim, a mãe a ajuda a ampliar os seus horizontes, transformando o não familiar em familiar, embora selecionando, como no quadro anterior (as compras), os elementos exteriores a que a menina poderá ter acesso, com vistas a controlar, dessa maneira, as introjeções que ela fará.

Em síntese, o relato de Ana Clara ao CAT-A revela que ela é uma garotinha que se desenvolve bem e que vem adquirindo conquistas estruturais importantes, como a integração da personalidade e o domínio gradual dos processos secundários sobre os primários. Situada no estágio de dependência relativa, ela começa, com a ajuda da mãe, suas primeiras incursões em direção à independência. A seu ver, o modo como a mãe conduz essa iniciação, sustentada, sobretudo, em experiências no espaço da transicionalidade, contribui para que a aproximação da realidade do mundo ocorra de uma maneira mais doce, sempre vinculada a um sentido pessoal. Dessa maneira, em seu processo de constituição do *Self*, Ana Clara experimenta uma continuidade de existência (entre o prazer e o trabalho, entre a família e a sociedade) que tem lhe permitido uma apreensão pessoal do mundo. Diante disso, a jornada do amadurecimento emocional é para ela uma agradável descoberta, sempre cheia de surpresas.

Síntese Isadora e Ana Clara

Os relatos de Isadora e de Ana Clara ao CAT-A mostram que elas constituem uma díade que entretém uma relação em que os movimentos de uma são acompanhados pelos da outra de modo ritmado e simétrico. Mesmo que o vínculo entre elas não seja isento de conflitos, a característica predominante é a harmonia e a compreensão. A sintonia entre ambas se estabelece porque elas concebem o processo de crescimento da menina como uma oportunidade para um amadurecimento mútuo e, assim, acolhem-no com simpatia, mesmo que a etapa anterior tenha deixado uma doce nostalgia. Desse modo, se Ana Clara se desenvolve, Isadora também o faz, sempre acomodando suas ações e atitudes ao que ela percebe e compreende como as novas necessidades da filha. Com isso, a menina tem se mostrado capaz de guardar um sentido de continuidade do *Self* em relação ao mundo exterior, e o amadurecimento é vivido sem grandes angústias ou apreensões.

Nesse processo, ambas foram capazes de deixar para trás uma etapa em que se bastavam em sua relação, para admitir as limitações do narcisismo e sua necessidade de buscar recursos no mundo exterior. O colo de Isadora tornou-se pequeno para Ana Clara e, com isso, há que se procurar agora tanto um lugar para a menina ocupar no mundo exterior, quanto um espaço para ele em seu mundo interno. Essa é a tarefa principal com que ambas se defrontam e, diante das crescentes demandas da filha de adentrar a realidade, Isadora toma a iniciativa de mediar esse contato.

Desse modo, ela busca apresentar a realidade à menina em doses homeopáticas, adequando-a ao que a garotinha já é capaz de assimilar, de modo a protegê-la de invasões e exposições desnecessárias. Nesse processo de preservação da integridade emocional da filha, a seu ver, sua tarefa consiste em introduzir a ela as interdições, os limites e, às vezes, a dureza do mundo de uma maneira suave e gradual. Dessa maneira, Ana Clara poderia incorporá-lo sem precisar renunciar por completo às ilusões construídas ao longo do relacionamento das duas. Essa forma de conduzir o processo, além de diminuir os riscos de sofrimento da menina, permitiria que ela desenvolvesse gradualmente as habilidades necessárias para fazer face às tarefas que o mundo extrafamiliar começa a lhe solicitar.

Assim, Isadora busca, de certa maneira, obter um certo controle sobre as introjeções que a garotinha realizará. Porém, ao acesso de outras pessoas à filha e sua influência sobre ela são inevitáveis. Diante disso, Isadora procura estabelecer com a menina um relacionamento em que a intimidade prevaleça, em que os segredos sejam partilhados. Dessa forma, ela ajuda Ana Clara a digerir a ascendência extrafamiliar, selecionando, com ela, o que deve ser guardado, em acordo com a sua segurança e com os valores da família, e o que deve ser rejeitado. Com isso, ela seguiria sendo a principal figura de identificação para sua filha. O sucesso que Isadora alcança diante desse objetivo teve por condição a renúncia ao próprio narcisismo, implicando numa maior tolerância à diferenciação da menina para com ela e o abandono de qualquer tipo de imposição autoritária de limites.

Acolhendo dessa maneira as influências do mundo sobre a filha, Isadora também permite à menina a aceitação delas de um modo protegido, sempre se mantendo como a figura principal de sua vida. Entretanto, Isadora percebe que é ingenuidade esperar que o desenvolvimento da individualidade da menina siga como um rio não caudaloso: em certos momentos Ana Clara se opõe ou reivindica privacidade. Se a demanda de Ana Clara pelo respeito à sua confidencialidade pode ser tolerada por Isadora durante alguns momentos, a contestação desafiadora a obriga a ser eventualmente mais firme e impositiva. Mesmo assim, ela consegue guardar, no momento, a relação de cumplicidade com sua filha e a confiança dela.

Essa boa resposta da filha é atestada pelo sentimento de segurança que ela exhibe em sua excursão para a realidade exterior. Sempre ao lado da mãe, ela vê o seu mundo se ampliar de mais a mais numa agradável surpresa. Nesse momento, ao invés de precisar repudiar a mãe para liberar-se dos limites do lar, a descoberta da vida extrafamiliar é feita junto com ela. A mãe a situa, assim, em um novo universo e transforma o não familiar em familiar. Dessa maneira, ela ajuda a menina a desenvolver um sentimento de continuidade entre a família e a sociedade, que a assegura que essa

inserção será bem sucedida. Desse modo, Ana Clara, assim como precisou um dia sair do colo materno, desvencilha-se, pouco a pouco dos limites do lar para ganhar asas e voar numa nova terra repleta de promessas e de possibilidades. Nessa aventura, sua mãe estará por lá, como uma rede de proteção para sustentá-la nos momentos de fadiga e de desencorajamento, aliviar as dores das decepções e comemorar os seus triunfos. Ela espera ser cada vez mais desnecessária para a filha, mas nunca ser esquecida por ela.

APÊNDICE CH - Díade Amanda e Marina

Identificação

Amanda: 39 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: superior

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Marina, 10 anos

Criança estudada: Marina

Ordem das entrevistas: 1) Amanda

2) Marina

Narrativa Amanda

Amanda é uma mãe de 39 anos, mas que aparenta menos idade. Ela é alta, magra, ruiva, de cabelos lisos e compridos. Ela tem os olhos escuros e é cheia de vida. Nosso encontro acontece na escola de sua filha e ela chega no horário marcado, quando eu já a estou aguardando.

Eu me apresento e, como ela já tem uma ideia dos objetivos da minha pesquisa por conta da intermediação de nosso contato, feita ela diretora pedagógica da escola, eu os explico a ela com maiores detalhes. Eu a convido para participar do estudo e ela aceita. Ela é bastante gentil comigo. Ela pergunta como serão trabalhados os resultados da pesquisa, e se haverá uma comparação entre os gostos de mães e filhas. Eu respondo que o objetivo é conhecer como são as mães e como ocorre o desenvolvimento da criança no Brasil e em outros países, pois pesquisas mostram que há diferenças de acordo com o local.

Amanda diz que acha muito legal esse assunto. Ela acrescenta que se a pesquisa tiver o sentido de ver como a personalidade da mãe influencia na filha, muitas pessoas falam que “o que é fruto, não cai longe do pé” e outros que falam que o filho é “rolou não sei quantos metros”.

Ela pergunta se eu já vi a Marina e eu respondo que não. Ela diz que quando eu a vir, perceberei imediatamente que ela é a sua filha, pois fisicamente elas são “cópia, cópia, cópia” (sic). Ela conta que pergunta para Marina se esta a acha bonita ou feia e que a filha responde que acha a mãe bonita; então Amanda lhe diz que isso é bom, porque a filha ficará igual a ela quando crescer. Ela diz que em alguns lugares, como na escola, a filha tem apelidos de “maquete, fotocópia e xerox”, por causa da semelhança entre elas. Ela reitera que algumas pessoas dizem que nunca viram uma filha se parecer tanto com a mãe. Além disso, às vezes ela própria observa a filha de longe e percebe o quanto elas agem de forma parecida.

Amanda diz que muitas vezes acha isso bom, mas que em outros momentos preferia que a filha tivesse opinião própria. Isso faz com que ela se vigie às vezes para tentar desenvolver uma independência na menina. Ela tenta mostrar, por exemplo, que a filha tem que escolher o que ela gosta

ou não e não ficar presa aos gostos da mãe. Ela afirma querer desenvolver uma independência na filha, porque, quando a Marina tem que tomar uma decisão, a garotinha diz: “Ai, mãe, mas e se você não gostar?”. Ela então responde que a filha tem que escolher por ela, que quem tem quem gostar é ela. Ela fala que a filha às vezes age de uma forma particular, dizendo, por exemplo, que gosta de uma cor, mas que a mãe não. Todavia, ela acredita que isso acontece porque elas têm uma proximidade muito grande. Amanda diz, então, que não sabe se é isso o que eu vou fazer, se vou chegar a alguma conclusão sobre isso, mas que acha a pesquisa muito válida por trazer esclarecimentos e ajuda nesse sentido. Ela diz que acha “bom demais” (o estudo) e que deveria existir mais trabalhos neste tipo.

Como ela termina de falar, eu lhe peço que leia e assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e lhe explico do que se trata. Depois, pergunto a idade da Marina. Amanda conta que a menina acabou de fazer dez anos e que é filha única.

Eu então lhe pergunto como é ser mãe de Marina. Amanda fica inicialmente em silêncio e depois diz que acha engraçado, pois cada mãe deve ter tido uma reação diferente à minha pergunta. Ela diz então que, para ela, ser mãe é a melhor coisa de sua vida, uma experiência maravilhosa e que ela aprende muito com a filha. Amanda se emociona nesse momento e começa a chorar. Em seguida, ri e pergunta se alguém já fez isso (chorar), porque é só começar a falar da filha que ela se emociona. Ela diz que com a filha há um aprendizado todos os dias, que a completa totalmente.

Ela conta que tinha muitas questões sobre ser uma boa mãe: achava que não iria dar conta. Ela se questionava se ia conseguir ou não fazer as coisas corretamente, o que se pergunta até hoje. Ela diz que a filha mostra aonde ela está errando. Amanda interrompe a fala, chorando bastante e diz “Ai meu Deus!”. Completa depois dizendo que eu vou achar que ela está doida. Ela diz que a filha mostra também aonde ela acerta. Ela me diz que o choro já vai passar e que não tem noção do quanto ela mesma é chorona.

Ela diz que a filha é muito compensadora e que isso não tem preço. Ela conta que, às vezes, ao invés de a filha se espelhar nela, é ela que se espelha na filha e tenta passar para ela o melhor. Ela diz que ser mãe é tudo de bom e que é mais ou menos isso. Ela fala que Marina é uma criança muito meiga, muito amorosa e que entende o que ela está sentindo. Assim, se Amanda está meio quieta, a filha diz: “Você está com dor de cabeça né, mãe? Quer que eu faça uma massagem?”. Ela conta que às vezes dá uma bronca na filha e precisa sair de perto porque ela mesma chora. Ela faz isso para tentar esconder a sua fragilidade, porque a filha é muito esperta, pega e capta tudo. Ela diz que acredita que todas as crianças são “esponjas” e que a filha lhe proporciona um aprendizado todo dia. Ela diz que é muito compensador ver os resultados, as pessoas falando bem de sua filha e gostando dela; completa que só há motivos de alegria e que a maternidade é muito compensadora. Ela diz que é isso e silencia.

Eu pergunto quem mora na casa com ela e a filha. Amanda responde que além das duas, há o seu marido. Conta que às vezes eles pensam em ter outro filho. Ela conta que a menina já tem um irmão maior de 22 anos, a quem ama muito, mas com quem não tem muito contato devido à separação (mais tarde ela esclarecerá que se trata de um meio-irmão por parte do pai). Conta que a filha diz que

queria ter outro irmão e que ela própria gostaria de ter outro filho para ser uma companhia para ela. Todavia, isso é complicado, pois ela trabalha durante o dia e é responsável por duas pizzarias durante a noite. Assim, mesmo que ela queira ter outro filho, na atual conjuntura isso não é possível; então eles vão ter que se contentar com o que têm. Depois, diz que a filha é muito companheira.

Amanda conta que Marina procura ajudá-la bastante e que no período de férias elas ficam juntas o dia todo, e saem de manhã, à tarde e à noite. A filha se preocupa com ela sempre pergunta se a mãe está precisando de alguma coisa para a pizzeria. Amanda diz que a menina só tem 10 anos e mesmo assim diz: “Ai mãe, quer que eu lave os copos? Quer que eu arrume os pratos”. Reitera que a filha é muito prestativa. Ela conta que às vezes se pega dando “safanões” na menina, não físicos, mas de bronca. Depois ela percebe que tem uma preocupação excessiva e que está exigindo demais da filha, já que a garotinha é boa demais e ela quer que seja melhor. Assim, às vezes ela se pega cobrando a filha e então diz a si mesma: “Menos, Amanda!”, pois tudo tem o seu tempo.

Eu pergunto se este é o seu primeiro casamento e ela explica que sim; já com relação ao seu marido, é o segundo casamento dele. Ela então explica que o irmão de Marina é filho do primeiro casamento de seu marido. Sobre seu o trabalho, ela conta que é proprietária de duas pizzarias, e que durante o dia ela cuida do escritório das pizzarias e dos fornecedores. Amanda conta que sai de casa cedo e que a filha vai com ela e fica com a avó materna durante a manhã. Mãe e filha almoçam juntas. No período da tarde, a mãe deixa Marina na escola e vai trabalhar. Ela diz que às 17h30min ela pega a filha na escola e que, quando é possível, a filha a acompanha à pizzeria e que, quando não é, ela fica na casa da avó. A mãe conta que seu marido viaja, mas quando ele está na cidade, ele pega a filha na escola e fica com ela na casa deles.

Ela pergunta se tem mais alguma coisa que eu queira saber e eu respondo perguntando se ela gostaria de falar algo mais. Ela diz que não e eu a convido para olhar os quadros do CAT-A. Neste momento Amanda pergunta se tem alguma mãe (na minha pesquisa) que chora como ela. Ela mesma responde dizendo que acha que não, e conta que nas apresentações da escola (da filha e de outras crianças), ela é a pessoa que mais chora. Ela diz que gostaria de ter cinco filhos, porque ela adora crianças, mas que hoje em dia isso é complicado. Ela silencia e eu lhe mostro, então, o primeiro cartão do CAT-A.

Quadro 1

Amanda pega o quadro e fica em silêncio. Depois, olha para mim e pergunta: “E aí?”. Digo então a ela para falar o que vier à sua cabeça sobre a sua experiência com Marina. Ela então começa a associar, dizendo que é uma mãe coruja, uma família, uma galinha cuidando dos pintinhos, colocando os filhos embaixo das asas. Ela diz que é uma família feliz, mas que está faltando o pai, na verdade. Ela finaliza dizendo que se trata da galinha cuidando dos pintinhos, dos filhinhos.

Eu pergunto se a figura lhe lembra alguma coisa em relação à Marina. Amanda mãe pergunta em que sentido ela deveria dizer. (Ela tem dificuldades para associar a partir do cartão). Eu explico

novamente que gostaria que ela me falasse como se passam as coisas entre ela e Marina em situações como aquela do cartão. Amanda diz que o sentido é que ela gosta muito, quando estão todos juntos, de colocar a comida na mesa e todos sentarem. Ela conta que durante a semana tudo é muito corrido, pois quando ela chega, a filha já está almoçando no quarto e assistindo televisão. Assim, quando ela está com tempo, ela gosta muito que todos estejam juntos, independente se for para comer um lanche ou melancia. Ela diz que gosta muito deste momento, porque é quando eles conversam. Ela e a filha adoram essa situação e ela gosta de fazer a mesa e enfeitá-la, com velas. Ela faz isso junto com a menina, e ela gosta disso, pois essa é a parte que eles ficam juntos. Ela diz que a diferença com o quadro é que no caso dela tem o pai, ela e a filha.

Quadro 2

Amanda olha o cartão, ri e diz que é muito engraçado (a situação). Ela diz que a figura retrata a família e que ela vê o marido de um lado e ela e a filha do outro, no cabo de guerra. Ela explica que o marido, sendo homem, é muito ciumento, e muitas vezes eles precisam entrar em um consenso. Ela explica que nessas ocasiões ela precisa, não tomar o partido de Marina, mas mostrar para ele que ela é menina ou pedir para ele deixar a filha ir a algum lugar. Ela conta que prefere fazer isso longe da filha para que a menina não pegue esse ponto fraco dele, então “Vou pedir para a minha mãe porque eu consigo” ou “Vou pedir para o meu pai porque eu consigo”. Pergunto se ela fica mais ao lado da filha e ela responde que sim, que não sabe se isso ocorre porque ela também é mulher. Ela diz que há coisas de mulher que a menina lhe pede, por exemplo, “Ai, mãe, eu posso passar um batom?” e que o marido fala “Ai, não vai passar maquiagem”. Nessas horas Amanda responde para ele “Não, meu amor, eu compro para ela esses gloss transparentes”. Então há muito mais situações em que, por ser mulher, ela fica mais do lado da filha.

Amanda repete que, por ser mulher, ela entende melhor a filha. Ela conta como exemplo, que a filha queria usar sutiã e que o pai disse que não precisava porque ela ainda não tem seio. Ela disse que explicou para o marido que todas as meninas da escola têm sutiã e que era por isso que Marina fez o pedido. Ela disse que a filha quer ser aeromoça e que um dia a mãe mostrou uma faixa que falava sobre um curso de aeromoça. O marido disse que não quer isso para a filha e Amanda explicou a ele que ainda há bastante tempo para isso, que é isso que a filha vai decidir, mas até lá, muita água vai passar por baixo da ponte. Ela diz que algumas vezes acontece o contrário, que ela “pega mais pesado” com a filha e seu marido chega e diz: “Não é bem assim, revê isso daí”. Contudo, na maioria das vezes é ela e a filha do mesmo lado.

Pergunto se geralmente isso ocorre quando se trata do desenvolvimento de Marina. Amanda responde que acha que sim, principalmente pelo fato de ser menina, porque se fosse menino, ela acredita que seria ele com o marido do mesmo lado. Ela fala que apesar de não ter tido um menino, ela tira uma base pela sua filha e acredita nisso, pois é ela quem cuida da filha na parte de higiene, por exemplo. Ela diz que ele também conversa com a filha, mas que na maior parte das vezes são as duas

do mesmo lado. Ela termina o seu discurso e me entrega o cartão. Eu lhe mostro então o quadro seguinte.

Quadro 3

Amanda olha a imagem e fica em silêncio. Depois pergunta se todos os desenhos são relacionados à família ou é independente do que ela olhar. Respondo que ela pode fazer uma interpretação pessoal, que cada pessoa imagina algo diferente. Ela diz que vê o leão e já imagina que é o rei da selva, que ela vê um comandante de uma família, de uma empresa ou de um país. Ela diz que ele está preocupado, cansado, pensativo, querendo saber o que vai ser e o que fazer. Seria, então, um líder, um chefe ou um responsável, cansado já, mas preocupado, com o que vai fazer, como vai fazer.

Pergunto se a imagem a faz lembrar de alguém de sua família. Ela responde que não sabe se o marido vai ser assim um dia, porque ele é muito tranquilo. Ela diz que se sente mais desse jeito do que ele, pois é mais nervosa e ansiosa do que ele. Ela diz que há um desgaste maior dela, pois ele é mais tranquilo e fica com o lado mais “light”. Ela diz que é só isso o que tem a dizer e me entrega o cartão. Mostro-lhe, então, o seguinte.

Quadro 4

Após um pequeno silêncio, Amanda diz que se vê, na imagem, totalmente com a Marina, pois a filha é sua companheira e elas têm um contato maior por causa das viagens do marido. Ela conta que no sábado e no domingo elas saem para comer juntas e que fazem compras para a pizzaria. Então, ela diz que vê o seu fim de semana e dia-a-dia com a filha exatamente desta forma, ou para fazer as obrigações ou para a hora do lazer. Amanda conta que a filha adora andar de bicicleta, adora tudo o que é relacionado a subir em árvore e fazer piquenique. Ela procura fazer isso com a filha sempre que pode, alguma coisa que seja diferente, pois ela sabe que a filha gosta.

Ela diz que a filha também gosta de chapéu e de bolsa. Pergunto se elas gostam de se arrumar. A mãe diz que nem sempre dá tempo de se arrumar, apontado para o fato de, naquele momento, estar de camiseta e sandália rasteirinha. Todavia, quando ela tem esse tempo ela gosta de fazer isso: de tomar um banho, abrir o guarda roupa e perguntar: “Ai, que roupa eu vou colocar?”. Ela diz que oitenta por cento das vezes a escolha acontece assim: “É essa!” (de súbito, sem refletir), mas que às vezes ela consegue dar uma melhorada no visual. Ela conta que a filha também é muito vaidosa, demais mesmo. Amanda diz gostar disso, que a filha se preocupe, se arrume e se cuide, que saia arrumada, combinando as cores. Repete que a filha é vaidosa. Ela diz que acha que a “peruíce” da filha vem um pouco de si mesma, apesar de ela acreditar que, em termos de quantidade, a filha é mais vaidosa do que ela. Ela diz que não tem mais o que falar e me entrega o cartão. Mostro-lhe, então o último.

Quadro 8

Quando pega o quinto cartão, Amanda diz: “Meu Deus!”. Depois fica um tempo em silêncio. Ela conta que, quando eles estão em mais pessoas, ela acaba não dando a atenção que a filha precisa, dizendo para ela: “Agora não filha, espera a mamãe terminar de falar, espera!”. Isso acaba fazendo com que a filha fique com outras pessoas. Amanda diz que na figura, ela não estaria conversando com a filha, pois teriam outras pessoas conversando brincando com ela, que a filha já veio e falou “Mãe, mãe, mãe!” e ela já falou “Agora não, espera um pouquinho”. Ela diz que se vê mais ali com outras pessoas, e outras pessoas dando mais atenção e conversando com a filha. Ela diz que não gosta de se pegar dando mais atenção para os outros do que para Marina, apesar de achar que não é só ela que faz isso. Diz que quando ela está em um círculo com outras pessoas, não tem como focalizar a atenção só na filha, até porque a filha some para brincar e vem procurá-la quando precisa de alguma coisa. Nessas horas, muitas vezes ela falar para a filha “Espera um pouquinho, espera um pouquinho.”, enquanto a filha está falando “Mãe, mãe, mãe!”. Digo que é como se ela ficasse dividida e Amanda responde que é exatamente isso. Ela conclui seu relato e silencia. Pergunto-lhe se há mais alguma coisa que ela mãe gostaria de falar e ela responde que está tranquila e que é só isso mesmo. Ela me devolve então o cartão.

Pergunto então a sua idade. Ela me diz que tem 39 anos e que fará 40 no próximo mês. Conta que o marido tem 46 anos. Ela me explica que os dois têm terceiro grau incompleto: ela fazia curso de Administração, que abandonou um ano antes de concluir. O marido, por sua vez, fazia curso de Ciências Contábeis, mas faltaram dois anos para terminá-lo. Ela finaliza e me pede desculpas por ter chorado. Explica que, quando fala da filha, ela se emociona. Eu então agradeço a sua participação na pesquisa, nós nos despedimos e terminamos a entrevista.

Interpretação Amanda

A narrativa de Amanda permite entrever que ela se trata de uma mãe bastante devotada e satisfeita com sua condição, embora muitas vezes as exigências de seu cotidiano lhe impeçam de usufruir dos prazeres da maternidade da maneira e na intensidade que gostaria. Nesse momento específico de sua vida, ela se encontra particularmente interessada no modo como poderia manter um sentimento de continuidade com sua filha, mesmo diante da realidade da crescente independência da menina e da própria autonomia. Assim, ela se defronta com a impossibilidade de dedicar-se integral e exclusivamente à Marina, diante de todas as demandas que o mundo lhe faz. Frente a uma rotina em que o tempo que ela passa com a filha é bastante restrito, não estar inteiramente disponível para ela nesses momentos desperta-lhe mágoa e culpa, assim como o temor de que a menina a substitua por outras pessoas.

Nesse sentido, Amanda parece ainda guardar uma visão um tanto idílica da maternidade. Assim, mesmo sem negar completamente as dificuldades e os conflitos que existem entre ela e Marina, ela os minimiza e desvaloriza. Em sua empreitada de manter a sensação de continuidade com

a filha, a semelhança física que existe entre as duas³⁸ e o fato de partilharem da mesma identidade sexual desempenham um papel substancial. Enfim, seu movimento é o de reduzir as diferenças e maximizar as semelhanças, de modo a preservar, em certo grau, a experiência ilusória para além do relacionamento simbiótico que já foi superado e ultrapassado. Nesses termos, o tema da proximidade e do distanciamento entre mães e filhas lhe é particularmente caro ('O que é fruto, não cai longe do pé'; 'O filho rolou não sei quantos metros').

Assim, se a continuidade física da gravidez e o relacionamento indiferenciado do período de amamentação já se foram, a preservação da proximidade estreita deve ser feita por meio da identificação, ou, em outros termos, da influência de uma sobre a outra (interessa-se pela comparação entre os gostos de mães e das filhas, em como a personalidade da mãe interfere na da filha). É aqui que a semelhança física entre ambas opera não somente como uma metáfora, mas oferece mesmo a Amanda um fundamento de realidade objetiva para que ela se veja em Marina como a garotinha que ela mesma foi no passado, e se projete para a menina como o futuro dela (sua "maquete"). Desse modo, do ponto de vista de Amanda, existe um processo de mútuo espelhamento entre ambas que, às vezes, lhe coloca mesmo dificuldades para definir-se em sua condição de mãe numa relação assimétrica com a menina (eventualmente parece ser a filha que lhe coloca limites, mostrando onde ela erra e onde acerta; diz também espelhar-se na criança). Todavia, esse movimento de ver a filha como uma espécie de duplo de si mesma (embora em outra dimensão temporal), não parece provocar, a priori, nenhum sentimento de invasão na menina, a despeito da característica narcísica que ele apresenta. Ao contrário, segundo Amanda, Marina experimenta bastante prazer em ser como sua mãe.

Nessas circunstâncias, a semelhança física extrapola seus limites para alcançar a afinidade psicológica, efeito que deixa Amanda bastante satisfeita. Entretanto, ela se dá conta que a similitude pode vir acompanhada de uma certa dependência, desejada e temida ao mesmo tempo. Diante dessa percepção, ela se esforça para garantir à filha um espaço, por pequeno que seja, para que esta guarde alguma diferenciação com ela³⁹. Dessa forma, a imposição de limites assume um papel importante. Contudo, Amanda tem dificuldades em prescrevê-los: sua sensação é a de estar negando algo de si para a filha, o que a faz sentir-se em falta para com ela.

A questão de Amanda se coloca, então é a de quais seriam as consequências de manter tamanha intimidade com a filha e como conciliar esse desejo com as necessidades de autonomia de ambas. É nesse momento que ela começa a se dar conta de que a semelhança física e a identificação sexual da menina para com ela, antes de se constituírem como obstáculo para a autonomia, poderiam se constituir nos pilares de sua sustentação. Nesse contexto, do seu ponto de vista, ao invés de provocar distanciamento, o amadurecimento crescente da menina a aproximará cada vez mais de si mesma. Assim, a filha está em vias de se tornar uma mulher como ela, vaidosa como ela: se existem

³⁸ O contato com a garotinha permitiu verificar que elas realmente se parecem fisicamente; todavia o relato de Amanda a esse respeito superestima a semelhança entre ambas.

³⁹ O mesmo movimento parece ser seguido pela menina, mas, segundo a percepção da mãe, de uma maneira um tanto tímida (diz gostar de uma cor que a mãe não gosta, por exemplo).

diferenças entre ambas, elas seriam mais de grau do que de qualidade. Nesse contexto, mesmo os conflitos que existem entre elas são interpretados por Amanda como oportunidades de aprendizado que a filha lhe proporciona; a oposição é, desse modo, transformada em colaboração. Com isso, o desenvolvimento da menina não apresentaria, para Amanda, uma ameaça de desintegração da relação entre as duas. Todavia, essa “solução” que Amanda encontra não a deixa completamente aliviada. Desse modo, lado a lado com as boas-vindas com que ela saúda as conquistas evolutivas da menina, existe também uma certa tentativa de mantê-la eventualmente como um bebê (ela se reprova por fazer exigências à menina; diz que a filha só tem 10 anos).

Mesmo assim, Amanda percebe a si mesma como em melhores condições que o marido para acolher o desenvolvimento de Marina. Este, desprovido da semelhança física e da identificação sexual por parte da menina, responde às demandas por independência da filha por meio de uma interdição ciumenta (ela não deve usar maquiagem nem sutiã; tornar-se comissária de bordo está fora de questão). Cabe então a Amanda apaziguá-lo (e também a si mesma) considerando que o crescimento é um processo que leva tempo e, assim, pouco a pouco eles serão capazes de assimilar a autonomia da criança. Essa seria a solução possível para elaborar gradualmente o luto pela perda da primeira infância da filha e das experiências de ilusão, visto que, mesmo que ardentemente desejada, a possibilidade de recuperá-la tendo novos filhos (cinco!) é inviável, frente à sua dura rotina de trabalho e à impossibilidade de contar com o marido para auxiliá-la no cuidado de Marina, da forma como ela gostaria. Maiores detalhes dessa dinâmica materna de Amanda são descritos na interpretação de suas narrativas a cada quadro do CAT-A.

Quadro 1

Em seu primeiro relato ao CAT-A, Amanda revela o seu desejo de doar-se integralmente à filha, de dar a ela o melhor de si e de protegê-la num contexto de união familiar estreita. Contudo, mesmo diante da realização desse intento, ela revela uma certa frustração em relação à quantidade desses momentos vividos com Marina e com seu marido. Este, embora tenha presença garantida na família, nem sempre está por perto, em função das exigências que seu trabalho lhe impõe. Ainda, nem o contato com a filha é completamente assegurado, já que nem sempre a menina a espera para compartilharem juntas esse momento tão importante para ela. Marina a “troca”, eventualmente por outros interesses (a televisão). Assim, mesmo diante de sua condição de ter muito a oferecer à menina (ela é proprietária de duas pizzarias), ela se vê impedida de fazer por ela tudo o que gostaria e que sente que poderia, devido às dificuldades inerentes ao seu dia-a-dia. Enfim, sua própria condição de pessoa autônoma impede a devoção total à filha e à família, o que a deixa até certo ponto contrariada, mas acima de tudo temerosa de ser “esquecida” e substituída pela garotinha. Como a proximidade estreita é reduzida pelo cotidiano, a solução encontrada é aproveitar o máximo possível os momentos que elas têm juntas, de preferência também com a presença de seu marido. A restrição do tempo seria

então compensada pela qualidade do afeto (ela enfeita a mesa e programa refeições à luz de velas). Desse modo, haveria uma certa “reparação” da ausência, seja para a filha, seja para ela mesma.

Quadro 2

Numa continuidade ao relato anterior, é nesse momento que Amanda revela que uma das maneiras pelas quais ela maneja as angústias referentes ao crescimento de Marina e à separação que ele implica, é por meio da ênfase na identificação sexual que existe entre elas. Sendo mulher, ela poderia, assim, compreender melhor a filha, de modo que a união fusional seria até certo ponto recuperada sob a forma de intimidade e cumplicidade femininas. Nesses termos, o amadurecimento emocional e sexual da menina, ao invés de inquietá-la dada a dimensão de diferenciação que ele comporta, é visto como promovendo uma aproximação entre ambas, o que a alivia e a reassegura. Assim, o desenvolvimento sexual da garotinha promove e sustenta os processos de integração e personalização do *Self*. Tranquila em razão da garantia de proximidade que obteve, Amanda se torna capaz de apoiar e encorajar os ensaios de Marina para se tornar independente. Nesse contexto, os conflitos surgiriam muito mais relacionados à figura do pai, para quem o amadurecimento significaria necessariamente o distanciamento e a “perda” da filha. Diante disso Amanda se coloca no papel de mediadora entre ele e a menina, de modo a desarmá-lo, consolá-lo e acalmar as angústias dele referentes à separação. Com isso, ao invés do pai liberar a criança da estreiteza da relação com a mãe, é o contrário o que ocorre. Vale considerar que Amanda não se encontra também completamente imune aos efeitos da autonomização de Marina. Assim, sua condição de sustentar a independência da menina de um modo mais seguro e definitivo também é possível porque o marido, representando a tendência inversa, personifica o outro polo de sua ambivalência. Em outras palavras, Amanda se torna mais tranquila para afirmar a independência de Marina porque o marido a certifica quanto à manutenção da dependência.

Quadro 3

Nesse cartão Amanda mostra que a maior proximidade que ela tem com Marina, em comparação com o marido, seria também parte de sua maior responsabilidade diante da família. Nesse contexto, o cônjuge aparece como uma figura um tanto distante e despreocupada no que se refere aos destinos de todos e à organização do cotidiano doméstico. Diante disso, seria ela a principal responsável pela educação da filha (mesmo contando com a ajuda da mãe) e pelo comando e gerenciamento do dia a dia da família. Existe assim uma certa ansiedade quanto às consequências dos próprios atos no futuro, o que lhe exige ponderar bastante sobre as decisões que ela vai tomar. Além disso, o cansaço que ela atribui ao personagem testemunha uma sensação de sobrecarga tanto real (já que ela deve acumular parte dos afazeres do marido), mas também emocional, pois as decisões parecem ser pouco partilhadas com ele. Em consequência, surge uma ambiguidade sobre quem seria a principal autoridade da casa. Assim, se no relato anterior Amanda sugere que a preponderância caberia

ao esposo (ela busca acalmá-lo e influenciá-lo diante dos pedidos da filha), nesse momento ela revela que as deliberações estão ao seu próprio encargo. Seria criada então, do seu ponto de vista, uma situação equívoca, em que lhe caberiam os ônus das resoluções, mas não os bônus. Perante essa situação, surgem em seu relato, de maneira sutil e sub-reptícia, sentimentos de solidão e de injustiça face ao cônjuge.

Quadro 4

Em continuação ao relato anterior, Amanda reitera nesse momento a sua maior responsabilidade pela organização familiar e os efeitos que ela teria sobre sua relação com Marina. Receosa de que as inúmeras atividades de sua rotina carregada promovam um afastamento da filha, ela procura, quando estão juntas, integrar a criança nelas, trate-se de obrigação ou de lazer. É nesse momento também que Amanda se tranquiliza quanto a essa inquietude, ao perceber que a identificação sexual da menina para com ela é uma importante ferramenta de aproximação das duas. Orgulhosa da própria feminilidade, ela se rejubila da vaidade feminina da filha, prova de que elas partilham desse mesmo valor, que estaria “no sangue” (a “peruíce”). Todavia, sua sensação é a de que esse elo de ligação entre as duas não pode ser aproveitado em sua plenitude, já que muitas vezes as exigências da vida real impedem que ela explore como gostaria a sua feminilidade (incluindo a maternidade) e que acompanhe a da filha. De toda maneira, o cuidado da filha com a própria aparência já lhe promove um pouco dessa satisfação e permite a ela ver-se na criança.

Quadro 8

O relato de Amanda a esse quadro mostra que nem a semelhança física, nem a identificação sexual da filha para com ela, contribuem para aliviar completamente a sua angústia quanto à modificação da relação entre as duas. Ela percebe, um tanto a contragosto, que o mundo não é constituído somente por sua relação com a filha, em suma a impossibilidade de continuar a relação de dependência absoluta estabelecida entre as duas no início da vida da menina. Diante disso, ela se vê obrigada a “falhar” diante das demandas de Marina, a saber, não atendê-las imediatamente. Essa situação lhe provoca um mal-estar, um sentimento de estar deliberadamente negando algo à filha. Os deslocamentos e as simbolizações que a menina opera, diante da “falha materna”, dirigindo-se para outros objetos e pessoas, são vividos por Amanda com um certo temor. Seu receio é o de que ela seja esquecida e substituída pela menina. Com isso, ela desenvolve um certo ciúme de seu entorno e a imposição de limites, embora percebida como necessária, é acompanhada por certa mágoa e apreensão (ver que no relato anterior ela diz que chora quando precisa dar uma bronca na filha).

Em síntese, Amanda encontra-se preocupada nesse momento com as mudanças em sua relação com Marina, decorrentes do crescimento desta e dos próprios limites que a realidade lhe impõe e que impedem que elas vivam somente uma para a outra. Ela tenta gerir a “perda” dessa relação estreita por meio da acentuação da semelhança física entre as duas e das identificações sexuais da menina.

Asseguradas essas semelhanças, ela preserva a noção de uma continuidade entre si mesma e a filha, que lhe permite assegurar à menina chances para que esta possa, pouco a pouco, se tornar autônoma. Todavia, persiste em Amanda uma nostalgia do relacionamento anterior e o receio de que as conquistas do desenvolvimento que Marina atinge (principalmente a solidificação da capacidade simbólica) a tornem pouco necessária para a menina. Com isso, ela percebe que precisa também de tempo para a elaboração do luto pela primeira infância da filha, de modo a assimilar gradualmente a crescente independência da criança (muita água vai rolar debaixo da ponte até que a filha saia para o mundo como aeromoça).

Narrativa Marina

Alguns dias após a entrevista com Amanda, vou até à escola para encontrar e conhecer Marina. Eu chego um pouco antes do horário marcado e a aguardo na recepção da escola. Ela chega pouco depois, acompanhada de seus amigos e da recepcionista da escola que nos apresenta. Ela é uma garotinha cheia de vida que, de fato, se parece com sua mãe: é ruiva, magra e tem cabelos compridos. Sua estatura é condizente com a idade. Veste-se com simplicidade: uma calça jeans e a camiseta da escola, sem acessórios.

Ela entra comigo na sala que está reservada para nós. Pergunto a sua idade e ela me diz que tem 10 anos, que os completou há um mês. Eu lhe explico então do que se trata a minha pesquisa. Conto a ela que já havia conversado com a sua mãe e que naquele momento eu precisava da sua colaboração. Ela coloca os braços sobre a mesa e deita a cabeça de lado. Com uma expressão de desânimo e de preguiça, ela diz: “Ai, tia!”. Eu respondo que a atividade não é difícil e que acho que ela vai gostar dos cartões. Ela então concorda em vê-los e eu lhe mostro a primeira imagem. Ela é bastante falante, seu tom de voz é despojado e ela me trata com uma certa intimidade, sem cerimônias.

Quadro 1

Ela olha a figura e diz: “É para...”, pedindo que eu a certifique sobre a natureza da tarefa. Eu explico novamente que ela deverá inventar uma estória sobre o quadro, do jeito que quiser. Ela então começa o seu relato. “Tá! Então, esse daqui são pintinhos né? Tá. Então a galinha teve filhinhos né, os filhotes, e eles nasceram. Eles tavam na mesa né. Esse daqui é um doce? [Como?] Esse daqui é um doce? (ela mostra a tigela desenhada). [Pode ser, qualquer coisa, o que você quiser] Tá! Aí eles tinham acabado de almoçar e estavam sentados na mesa. Daí, ela foi lá na cozinha fazer um doce de sobremesa. Daí ela colocou aqui e os dois eram muito gulosos e comiam muitas, muitas pratadas e o menino, assim, não gostava muito, ele não comeu nem um direito. Aí a galinha perguntou para ele se ele não estava se sentindo bem, assim, porque ele não come muito. Aí ele falou que não, que estava tudo bem. Aí no outro dia ela fez assim uma comida, mas também ele não comeu. Aí, ela estava preocupada, daí ela levou ele no médico e daí tava tudo bem com ele. Aí ela, quer dizer, o médico falou que era só, acho que assim, como ele era mais novo, era tipo só uma fase assim sabe? Aí ela não

se preocupou mais. [E o que acontece no final? Como você acha que termina?] Eu acho que daí, depois ele vai ficando mais velho e aí ele vai comendo até mais que os outros sabe? (ela fala como se houvesse concluído e silencia) [Tá bom. Vamos pensar em um título?] Ai...(Ela fica em silêncio por 20 segundos). Hum... ‘Cada fase da sua vida vai mudando?’ [Cada fase da sua vida vai mudando?]. O apetite, essas coisas. Acabou.” Eu agradeço e digo que sua história ficou bonita. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o segundo.

Quadro 2

Ela olha o cartão e, sem demora, começa a associar. “Hum... aqui... é uma família de ursos. O pai, a mãe e o filho, né? Aí chegou um dia, um dia, vamos dizer assim, uma festa. Aí na festa tinha várias brincadeiras e era tipo um campeonato, sabe? Um concurso, sabe, da mãe com o filho e o pai sozinho. Aí tinha várias coisas, tipo segurar o ovo com a colher e ir andando, sabe? [Como uma gincana?] Isso! Aí teve essa brincadeira que era o cabo de guerra, né? E era a mãe com o filho e o pai, que é bem mais forte, né? Daí, o urso acabou ganhando, mas foi só um, que era de força e ele ganha, né, mas o resto, tipo, inteligência, essas coisas, a mãe e o filho ganharam. Aí ele só ganhou nesse e ele se achava o tal, assim, sabe, porque ele era mais forte. Aí, a mãe e o filho que acabaram ganhando, ele viu que não era só força (sua voz se agudiza quando ela pronuncia a palavra ‘força’), que tem que ter várias coisas para ganhar. Aí ele mudou, sabe? Ele viu que não era o tal. Daí...acabou a gincana e eles foram para casa e a mãe e o filho viu que ele mudou muito depois esse dia e daí ficou, bem assim, melhor. [Hum hum... Qual é o título?] ‘A força não é tudo’. [Ok, a força não é tudo.] Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 3

“Aqui era uma mãe, a mãe que acabou de ter o seu filho, né? Aí ele foi crescendo e ficou fortão, assim, sabe, dos que ela tinha. E o pai era o rei e daí, ia ter que passar para ele né, o trono. Aí, assim, ele era o mais inteligente, mas também ele não era, assim, o mais bonito, né? Daí todo mundo deixava ele de lado e ficava só com o outro, que era bonito, mas também não era inteligente, não era nada (ela ri). Aí, eles coroaram aquele lá, rei assim, o mais bonito, o outro. Aí esse começou a ficar meio de lado e tal. E aí, viu que o outro não era um bom rei e tal, mas deixaram. [O bonito?] É. Aí esse aqui... o outro, o irmão dele, ele já tava lá velhinho e mesmo ele morto, o pai deles, quando ele morreu, não passou para ele. Ele tava lá e ele ficou lá e não coroaram ele rei, ficaram sem o rei. Aí, depois que tavam sofrendo, assim, uma situação perigosa, vamos dizer, tava tendo guerra, no país deles, aí decidiram deixar ele, coroar ele rei. Mas como ele já era velhinho, todo mundo acha que ele não ia conseguir, mas ele conseguiu, vamos dizer assim, ele mudou o país e ele tá lá firme e forte... e só..., e daí os pais dele, no momento, no momento, não acreditaram, assim, né? [Hum hum] (Ela

silencia). O título, né? As pessoas velhas podem conseguir as coisas que eles sempre quis⁴⁰ até depois de ficar sabe, numa idade mais velha, então assim: “As pessoas podem conseguir as coisas que elas queriam, mesmo velhas”. Ela sorri, me entrega o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

Ela olha o cartão e em seguida inicia seu relato. “Era um dia, e a, era o dia das crianças e a mamãe canguru ia levar as filhas, a mais velha e a mais nova né, para passear. Aí, a mais velha já sabia andar de bicicleta e a menor foi na bolsa da mãe e elas foram fazer um piquenique. Elas se arrumaram, tudo, e a mais velha foi de bicicleta e elas foram, vamos assim dizer, elas estavam indo em uma floresta. Só que aí quando elas viram, tava tudo... sabe, as árvores tudo seca, tudo galho, assim, sabe, sem folha e tavam colocando... é... umas fogueiras lá, matando tudo, tavam colocando fogo naquela floresta. E estavam todas as árvores também, as poucas que tinham tavam secas, né, e as outras tavam no toco assim, para ter espaço para eles construírem uma usina hidrelétrica e tavam poluindo muito lá. Daí quando a mamãe e as filhinhas viram, elas ficaram assustadas, porque da outra vez que elas foram tava tudo verde, o gramado, assim cheio de árvores. E aí elas voltaram para casa e a filha mais nova perguntou para a mãe o quê que tinha acontecido lá. Daí ela falou, a mãe, que eles tavam construindo uma usina lá, hidrelétrica, de energia, aí ela não entendia, né, porque ela era pequena. Daí elas voltaram para casa e todo mundo ficou assim sem saber, porque a mãe também não sabia muita coisa. Aí ela chamou... o marido dela que estava viajando, e o marido dela, tava láááá trabalhan... numa viagem de trabalho. E aí ela chamou ele aí ele chegou e ela contou tudo para ele, e ele não acreditou. E aí ele se mudaram, porque lá tava ficando muito poluído, sabe? É, água toda contaminada e tava começando a cair queimada. Aí eles se mudaram para láá onde o papai canguru trabalhava, era lááá em outro país. Aí lá era tudo... sabe, assim, tão diferente, tudo tão verde. Aí eles acabaram ficando por lá mesmo, porque aqui não tinha mais condições de ficar, todos os animais tinham saído dali, dessa floresta desmatada. Daí eles moraram de lá, sei lá, eles ficaram bem melhores. [E qual seria o título da estória?] Ai.... (ela hesita) ‘Um piquenique horrível’”. Ela me devolve o cartão e eu apresento o último.

Quadro 8

“Aqui é uma família de macacos, né? E aqui a mãe estava lá na cozinha fazendo o jantar e o vovô e a vovó do macaco estavam no sofá assistindo TV, né, e ele tava lá no quarto dele. Aí na cozinha eles escutaram um barulho e os avós se assustaram. Aí ele foi lá na sala e ele falou ‘Não, não é nada’. Aí depois a mãe terminou o jantar e foi para a mesa e ela chamou o filho e disse: ‘Filho, vem jantar!’ e ele falou: ‘Já estou indo!’’. E ‘Praaa!’, de novo, caiu outra coisa. E aí a mãe perguntou : ‘O que que você tá fazendo?’ e ele falou ‘Nada mãe, já estou indo’. E aí demorou, demorou, daí mais um

⁴⁰ Erro de concordância verbal cometido pela própria garotinha.

barulho: ‘Praaa!’. Aí ela ficou preocupada, nem perguntou e já foi lá direto. Ele estava fazendo tipo, como era dia dos avós, ele estava fazendo um presente para os avós dele. Sabe, o quarto dele tava tudo bagunçado, mas ele tava fazendo um presente pros dois velhinhos, que eram o dia dos avós. Daí a mãe dele falou para ele falar, porque ele estava assustando ela. E ela tava ficando com medo, assim, sabe, assustada. E aí os avós agradeceram e terminaram de jantar. (Ela fala de modo conclusivo e silenciosa) [E o título da estória?] Ah... ‘Nunca esconda alguma coisa mesmo sendo uma coisa boa’, sabe? Porque a gente pode ficar preocupado.”

Ela me devolve o cartão e eu então lhe peço que me diga qual foi o quadro que ela gostou mais e qual ela gostou menos. Ela revê todos os quadros e diz: “Eu gostei (silêncio) dessa daqui do leão”. Pergunto então qual a figura que ela menos gostou. Ela responde: “Eu gostei de todas, mas a que eu menos gostei, eu gostei de todas...” (silêncio de 13 segundos). Ela pega o primeiro cartão e diz: “Talvez essa.” Pergunto-lhe, então se ela gostaria de me dizer mais alguma coisa. Diante da sua negativa, eu a agradeço por sua participação e nós finalizamos o encontro.

Interpretação Marina

As narrativas de Marina ao CAT-A configuram o retrato de uma garotinha que ingressa em uma nova etapa de desenvolvimento de sua vida e que pondera sobre os ganhos e perdas implicados nessa transição. Nesse contexto, suas principais preocupações referem-se à mudança de sua relação com a mãe e à definição de sua nova posição, visto que ela não seria mais uma criança pequena. Ela concebe o passado como uma etapa que foi transposta e que não volta mais. Porém, Marina não se encontra mergulhada na tristeza e na melancolia. Ultrapassada essa etapa, seu empenho atual é o de verificar quais são as novas bases sobre as quais o relacionamento estreito e íntimo com a mãe pode ser reestabelecido, o que pressupõe ter uma noção clara de sua nova situação como pessoa. Nessa empreitada, as conquistas de ordem estrutural que ela vem alcançando, próprias de seu processo evolutivo, ligadas às tarefas de integração e de realização, desempenham um papel essencial tanto no desencadeamento desse processo, quanto na oferta de recursos para que ela possa geri-lo e oferecer-lhe um desenlace. Diante disso, seus relatos permitem entrever, de uma maneira detalhada, a renúncia ao domínio dos processos primários de pensamento que vão deixando lugar, gradualmente, aos secundários, garantindo, todavia, um certo espaço de sobrevivência para os primeiros.

Assim, as conquistas evolutivas de Marina levam-na a perceber que ela e a mãe são seres humanos separados um do outro e que ambas são incompletas e frágeis. Antes de hostilidade e decepção face à mãe, o que esta situação lhe provoca é, sobretudo, perplexidade. Tudo o que ela havia acreditado até então, na prevalência de uma união inquebrantável com a genitora, na existência de exclusividade no vínculo entre ambas, cai por terra. A força inabalável, a beleza imaculada, o narcisismo intocável não passam de miragens. Enfim, ela se dá conta de que a ilusão é ilusória. Quem acredita em quimeras não sobreviverá no mundo real, mas se decepcionará seja com os outros, seja consigo mesmo. O espelhamento absoluto, as conclusões pelas aparências e o pensamento mágico não

têm mais lugar. Eles são substituídos pouco a pouco pela garotinha, pelo trabalho árduo, pela razão, reflexão e elaboração.

Se no início essa percepção foi penosa e a levou a uma decepção temporária para com a mãe, a união foi recuperada tempos depois, não mais pela fusão, mas por meios simbólicos, pela identificação secundária. Aceitas as limitações que ela própria e a mãe apresentam, é com a genitora, e ao lado dela, que a menina aprende a como enfrentar os desafios e sobreviver a eles, mesmo não sendo perfeita. Ela aprende com a mãe que, na ausência do dom inato, imediato, das capacidades, o remédio é trabalhar para desenvolvê-las ou compensá-las por meio das outras habilidades de que se dispõe. Com isso, a inteligência vence a força e a aparência, mesmo que isso leve tempo.

Para Marina, a fé no esforço e no trabalho (intelectual e emocional) como meio de superar-se e de ser bem sucedida está assegurada enquanto ela tem a mãe ao seu lado como “tutora”. Contudo, a partir do momento em que ela se vê só, a situação é outra. Mesmo identificada com a mãe, ela ainda não tem condições de ser como ela, dada à circunstância de ser ainda uma criança. Desse modo, a “troca” que ela tenta fazer da identificação simbiótica pela adulta ainda não é possível, mas levará ainda um longo tempo para que esta solução possa ser posta em prática. Diante desse “fracasso”, Marina, desolada, teme perder de vez as chances de recuperar o encontro criativo com a mãe. É nesse momento que a figura do pai entra em cena e fornece uma ajuda importante para a díade. A aproximação dele e o *holding* que ele oferece, promove um alívio para mãe e filha, passível de fazê-las recuperar a crença na própria criatividade, na própria produtividade. Ele mostra a ambas que, mesmo que a distância exista e seja duradoura, a união pode ser recuperada. Com isso, Marina, esperançosa, descobre uma maneira intermediária para guardar a relação estreita com a mãe, preservando, ao mesmo tempo uma certa independência. Trata-se de exercitar as próprias habilidades e conquistas sempre sob o olhar atento da mãe. Desse modo, ela se vê já em condições de colaborar ativamente para preservar a continuidade dos relacionamentos, dentro dos limites de sua condição infantil. Maiores detalhes dessa psicodinâmica de Marina são apresentados na análise das histórias contadas por ela.

Quadro 1

O título da história contada por Marina nesse quadro (Cada fase da sua vida vai mudando) revela já toda a questão com que ela se defronta nesse momento de sua existência. Desse modo, subitamente, aquilo que sua mãe devotada e provedora oferece, não interessa mais, não “apetece”. Trata-se, assim, da perplexidade diante da percepção da falibilidade materna, que não vai mais completamente ao encontro daquilo que foi idealizado pela criança. Um movimento de oposição se inicia diante da mãe. Esta, por sua vez, fica desorientada ao descobrir que algo mudou na relação, que a comunicação fácil e integral não existe mais. Nesse momento, é a figura do homem que apazigua a angústia da mãe e da filha diante da mudança da relação entre elas: ele revela que a menina simplesmente cresceu. Portanto, nada há de errado: esta rejeição é parte necessária da elaboração da

nova etapa de desenvolvimento que a criança vive e que pressupõe a aceitação do fato de ser separada da mãe. A rejeição das introjeções oferecidas é, assim, somente um meio de sedimentar essa percepção (não há nada de errado, a inapetência é psicológica). Uma vez assimilada essa nova condição, a relação de identificação com a mãe é retomada e até de modo mais intenso, para compensar o hiato que existe entre elas.

Quadro 2

Ultrapassadas a indiferenciação fusional com a mãe e a oposição para com ela, o relacionamento é retomado sob outras condições, mais maduras. A percepção dos limites apresentados pelas duas, por serem humanas (e por serem mulheres) levam mãe e filha a se unirem novamente para se fortalecerem e enfrentarem os desafios da vida. Todavia, Marina percebe que alguns limites são reais e que não podem ser ultrapassados. Nesse contexto, outras habilidades devem ser exploradas para compensar as deficiências e permitir a sobrevivência e a satisfação das necessidades e desejos. Aqui a mãe entra em cena como a pessoa com quem a menina aprenderá a lidar com as adversidades e com as limitações. O exemplo dela e os recursos recém-adquiridos graças à maior solidez das capacidades de integração, personalização e realização serão primordiais nesse momento. É o predomínio dos processos secundários sobre os primários, que vai se estabelecendo gradualmente, que proverá a menina da flexibilidade necessária para ultrapassar o que é possível de ser superado e para aceitar aquilo que não é (mãe e filha vencem a maioria dos jogos, à exceção do da força física). Mesmo diante de uma visão mais modesta de si mesmo (e do outro), a percepção de que a inteligência é mais forte que as aparências, abre um mundo de possibilidades de realização para Marina. A capacidade produtiva torna-se então o foco principal de suas preocupações. Como tema secundário de seu relato atual, Marina refere a rivalidade entre os sexos. Assim, diante da constatação da inferioridade física da mulher diante do homem, ela é obrigada a desenvolver meios mais sofisticados de sobrevivência para enfrentá-lo quando necessário. A maior complexidade e refinamento desses expedientes femininos colocaria a mulher numa posição de preponderância face ao gênero masculino, visto como ainda demasiado apegado aos processos primários de pensamento, sobretudo ao raciocínio por imagens (aparência). Portanto, se o homem é mais forte, a mulher é mais inteligente.

Quadro 3

Marina, após um período julgado por ela como razoavelmente longo de introjeções com a mãe (o filho cresce e se fortalece), começa agora a se interrogar sobre o que poderia fazer sozinha a partir dos aprendizados que teve com ela. Confiante nas próprias capacidades e em tudo o que pode assimilar dessa relação, ela se pergunta se nesse momento já poderia ser considerada uma adulta, apta a partilhar do mesmo status dos pais. Nesses termos, as identificações que ela realizou, do seu ponto de vista, permitir-lhe-iam ser como a mãe (ou mesmo ser a mãe). Dessa maneira, a garantia do seu lugar numa linha de sucessão, preservaria um sentimento de continuidade com a mãe, que substituiria

a antiga relação fusional entre as duas. Todavia, suas habilidades são consideradas pelo outro ainda como insuficientes para que ela seja considerada uma mulher adulta; em suma, os pais ainda não a consideram madura o bastante para se engajar em empreitadas como o faz a mãe. Diante da perda da relação fusional e da recusa, por parte dos pais, especialmente da mãe, em ser como eles, Marina se sente solitária e injustiçada. Ela acredita que crianças tão ou menos hábeis que ela já teriam adquirido o privilégio de serem consideradas adultas. Apesar disso, ela compreende que não é um outro específico que lhe toma o que seria o seu direito, mas o ceticismo dos pais face a ela (mesmo quando o irmão morre, o personagem principal não é coroado rei). Ela terá ainda que esperar por muito tempo até que o seu novo estágio de desenvolvimento termine para alcançar outro que lhe permita restabelecer completamente a continuidade com a mãe por meio da identificação. Enfim, levará tempo para ser uma mulher adulta como a mãe. Durante esse longo processo, ela experimenta sentimentos de decepção e de futilidade, como se de nada valesse tudo o que conquistou e aprendeu até o momento. O risco dessa moratória é o de que as aprendizagens que teve caíam no esquecimento por falta de uso, resultando num mundo interno desertificado. Mesmo assim, ela decide aguardar, com paciência e perseverança, os anos que a separam do seu destino de mulher. Quando este finalmente chegar, ela será capaz de surpreender os pais com a sua capacidade construtiva e de realização.

Quadro 4

Em continuidade ao relato anterior, Marina explora, nesse momento, a experiência emocional da travessia evolutiva que ela realiza. Nesse sentido, ela retoma de uma certa maneira a mensagem que transmitiu em sua narrativa ao primeiro quadro do CAT-A. Ela situa a origem de sua situação atual na perda da relação fusional idílica que ela mantinha com a mãe. Em nome do desenvolvimento, mãe e filha são expulsas do paraíso da simbiose. Ainda, a recusa do reconhecimento do status de mulher adulta que ela sofre, impede o reestabelecimento da continuidade com a mãe. Com isso, a continuidade entre ambas não pode ser alcançada nem pelos meios primitivos nem pelos mais maduros. Um período, então, de desertificação da relação se impõe; a fecundidade do encontro da criatividade de ambas, resseca e queima. Mãe e filha reagem com estupefação: nenhuma delas compreende o que se passou. Paralisada, a mãe pede a ajuda do pai. Este, especializado em vida independente (onde o papai canguru trabalhava, era lááá em outro país), é quem será capaz de, por meio de uma nova união familiar, ajudar mãe e filha a recuperarem a fertilidade do vínculo sobre novas bases. Desse modo, ele é capaz de sustentar a autonomia de mãe e filha não pelo corte que ele promoveria na relação entre ambas, mas por meio do *holding* que ele oferece para uni-las novamente. Enfim, é o reencontro familiar que ele promove que permite a continuidade do processo de separação emocional entre Amanda e Marina.

Quadro 8

Sustentada pelo pai nesse momento de transição do seu desenvolvimento, e ciente de que embora não seja mais uma criança pequena, também não é ainda uma adulta, Marina mostra, neste relato, assumir a sua condição de dependência relativa. Desse modo, ela percebe que já tem condições de contribuir ativamente para a continuidade das relações amorosas com os pais (principalmente com a mãe), ao invés de se manter em uma posição passiva como acontecia antes (o que ela mostrou na estória do primeiro quadro do CAT-A). Embora haja o desejo de surpreender os pais com suas novas aquisições e realizações, ela percebe que deve aceitar a supervisão protetora da mãe, de modo a preservar-se e a preservá-la dos perigos e das angústias ligadas à autonomia pessoal. Com isso, mesmo sem a ligação fusional anterior e sem a identificação com a mãe como mulher adulta que ela obterá no futuro, Marina encontra a solução para, nesse momento, preservar a intimidade com a mãe (nada deve ser escondido dela).

Em síntese, Marina é uma garotinha que poderia ser situada no estágio de dependência relativa de seu amadurecimento emocional, cujas capacidades de integração, personalização e realização encontram-se bem estabelecidas. Diante da preocupação de conhecer o seu lugar entre os extremos evolutivos do bebê e do adulto e, a partir daí, definir a natureza de sua nova relação com a mãe, após alguns ensaios malsucedidos, ela consegue encontrar-se no meio do caminho do continuum. Para tanto, ela e a mãe contam com a ajuda do pai, pois esta última também se desconcerta com as mudanças que acontecem no vínculo entre ambas. Nesse contexto, é o *holding* que ele oferece para a díade, ao promover a reunião da família, que sustentará o processo de separação emocional e de autonomização delas. Enfim, a diferenciação entre mãe e filha somente é possível porque a coesão é garantida pelo pai.

Síntese Amanda e Marina

As narrativas de Amanda e de Marina ao CAT-A permitem entrever que elas compõem uma díade que se compreende bem, o que tem permitido à menina conquistar importantes habilidades no seu desenvolvimento emocional. Desse modo, Marina é uma criança que poderia ser situada, em termos evolutivos, no estágio de dependência relativa, ensaiando alguns passos em direção à etapa de independência. Em termos estruturais ela já tem bem estabelecidas as suas capacidades de integração, personalização e realização; com isso os processos secundários de pensamento adquiriram supremacia sobre os primários, mas não de modo a suprimi-los nem sufocá-los. O seu relato mostra a história desse processo até o momento presente e as perspectivas de seu desenlace no futuro. Por sua vez, Amanda expressa, no CAT-A, a maneira como tenta, nesse momento, manejar a nova realidade do crescimento da filha, o que implica na elaboração do luto pela primeira infância dela.

Enfim, Amanda e Marina se dão conta, subitamente, de que algo mudou na relação entre as duas. Trata-se da percepção de uma descontinuidade, de um espaço entre os seus corpos e psiquismos, o que as deixa perplexas. Elas não compreendem o que desencadeou essa situação. Do ponto de vista

delas, essa modificação simplesmente aconteceu: de súbito, uma oposição se estabeleceu entre as duas. Em suas tentativas de entender as razões da alteração, Amanda se interroga se não estaria sofrendo uma espécie de punição, pela filha, por não estar completamente disponível para ela, na ocasião exata que a menina o deseja; assim, esta a castigaria pelo “esquecimento” e pela substituição por outros interesses e pessoas, pagando na mesma moeda. Todavia, o relato da filha mostra que esse processo não é sustentado pela hostilidade ou vingança: ela também não sabe o que houve.

Estupefatas, ambas se deparam com a necessidade de fazer face à dor de ter que deixar para trás um passado que não volta mais. A tarefa, então, é a de descobrir um meio de preencher o espaço entre ambas, que antes era coberto pela ilusão. Nessa empreitada, elas buscam recuperar a proximidade estreita por meio da identificação secundária. Nesse contexto, a semelhança física e, acima de tudo, a identidade sexual cumprem um papel importante. Para Amanda, elas garantiriam a continuidade entre ela e a filha, pois tornariam a menina quase um projeto de si mesma, o que facilitaria a sua aceitação da autonomia da criança. Para Marina, o resgate do vínculo se faria principalmente pela identificação com a mãe como mulher. O compartilhamento da mesma identidade sexual, se não lhe permitiria ser a mãe (como na fusão anterior), lhe daria agora condições de ser como a mãe. Por meio desses expedientes, a cumplicidade entre ambas se reestabeleceria até certo nível. Do ponto de vista de Marina, ela não seria completamente bem sucedida dada à interdição, por parte dos pais, ao seu acesso imediato à vida adulta. Ela estaria então privada tanto de ser a mãe como de ser como a mãe. A intimidade, assim, somente seria possível em um passado já superado ou em um futuro distante; no meio deste caminho, então haveria um calvário de aridez relacional a viver. Amanda, por sua vez, passa pelo mesmo dilema: o processo de luto pela primeira infância da filha faz com que ela oscile entre uma tentativa de mantê-la bebê e outra de atingir o estágio seguinte em que a menina se tornaria, como mulher, fisicamente mais semelhante a ela. Nessa perspectiva, de maneira subsidiária, a angústia frente ao futuro também levaria ambas a lançarem-se nele, para não sofrerem as dores do longo processo até atingi-lo.

É a figura do pai que virá em socorro das duas, para mostrar-lhes a suas reais posições nesse momento do desenvolvimento da criança. O ciúme que ele tem da menina garante a sua posição de criança (embora não a de um bebê) e, com isso recupera e salvaguarda a dependência dela do meio familiar. Assegurada, assim, essa condição, Amanda se torna mais livre para sustentar a independência de Marina, sem receio de impulsioná-la prematuramente para a vida adulta. Diante das demandas da menina para alcançar esse status (e de seu desejo de oferecer-lhe a ela), Amanda procura limites na figura do marido. Frente aos desejos contraditórios da filha e do cônjuge, ela é obrigada a buscar a conciliação (o *gloss transparente*) que lhe permitirá manejar o paradoxo de não ser mais mãe de um bebê, mas também de não ser mãe de uma adolescente. Com isso, o espaço para a criatividade é reaberto, oferecendo-lhe inúmeras possibilidades de relacionamento. A presença e os limites impostos por ele também lhe oferece tempo para assimilar gradualmente a autonomia crescente da menina. Em suma, é o *holding* que ele oferece à díade que permite a Amanda sustentar o processo de

amadurecimento emocional da filha. De sua parte, Marina, ao reencontrar a criatividade da mãe, redescobre a própria. Com isso, ela se torna capaz de resolver o paradoxo de não ser mais totalmente dependente, mas não ser ainda independente pela tomada de iniciativas e por sua realização sempre sob o olhar atento da mãe. Dessa maneira, ela redescobre a proximidade com a mãe e encontra espaço para contribuir nas relações com ela e com os pais de uma maneira ativa.

Em resumo, Amanda e Marina encontram-se, nesse momento de sua relação, preocupadas com a questão de como resolver o paradoxo entre a união e a separação entre elas. Se a intimidade foi experimentada no passado e é acenada no futuro, por meio da semelhança física e da identificação sexual, o momento presente da transposição não seria gerido por elas confortavelmente. A intervenção ciumenta do pai surge, assim, como a ferramenta que possibilitará a ambas a reaproximação num espaço intermediário entre a realidade passada e futura. Garantindo a dependência da menina, ele permite à mãe o estímulo à independência dela. Longe de conduzir a um conflito, tal situação configura um paradoxo, terreno fértil para que Amanda possa reencontrar a própria criatividade e, assim permitir à Marina o reencontro da sua. O momento presente deixa de ser simplesmente uma lacuna entre o presente e o futuro, e passa a ter uma existência reconhecida em si mesmo. Enfim, é a figura do pai, ao permitir à díade compreender que a autonomia pode coexistir com a união, que alinhava a relação entre mãe e filha, que as exigências da vida e do desenvolvimento ameaçaram romper.

APÊNDICE CI - Díade Lara e Maria Luísa

Identificação

Lara: 35 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Maria Luísa e Daniel, 8 anos

Criança estudada: Maria Luísa

Ordem das entrevistas: 1) Lara

2) Maria Luísa

Narrativa Lara

Meu encontro com Lara aconteceu poucos minutos após eu haver terminado minha entrevista com outra mãe e, a despeito da densidade desta última, esse intervalo de descanso me possibilitou estar bem para conversar com ela.

Ela chega à escola no horário combinado e segue comigo até a sala da psicóloga, onde se senta a meu lado e ouve minhas explicações sobre a pesquisa. Ela é uma mulher que impõe presença, apesar de não dispor de nenhuma característica física marcante. Ela tem 35 anos (o marido tem 34), é alta, magra, tem a pele morena clara, cabelos compridos, lisos e pretos e algumas cicatrizes no rosto, mas que não comprometem a sua beleza. Tem os olhos escuros, expressivos e grandes, mas tenho a sensação de que eles são um pouco arregalados, como se ela estivesse atenta a tudo, de uma maneira até mesmo ansiosa. Veste-se com simplicidade, mas com zelo. Ela me conta que estudou até a 8ª série e que o marido faz faculdade, cursando Gestão de Negócios. Lara senta-se diante de mim de uma maneira não especialmente rígida, mas também pouco relaxada. Tenho a nítida impressão, quando começamos a conversar, que essa maneira de portar-se não diz respeito ao nosso encontro em si, mas que se trata de uma característica dela em geral. Quando fala comigo, ela me olha diretamente nos olhos e gesticula. Tem opiniões firmes e parece uma pessoa um tanto rigorosa, mesmo rígida.

Ela assina o TCLE e, antes de lhe mostrar os quadros do CAT-A, eu lhe peço para me contar como é a sua experiência como mãe de Maria Luísa. Ela pergunta se pode começar a falar de como foi sua gravidez e eu respondo que sim. Apesar de sua postura um tanto rígida, o contato é fácil e ela é direta e objetiva. Sua fala é rápida, quase ansiosa.

Ela começa me dizendo que tem dois filhos (Maria Luísa e Daniel), que foram muito desejados e que a gravidez deles foi planejada. Ela disse que já havia tido um aborto anterior e, quando foi fazer ultrassom, o médico disse que ela estava com um “problema” novamente. Ela ficou então assustada, mas que depois ele disse que o “problema” é que ela estava grávida de gêmeos. Ela disse que logo que ela e o marido descobriram que ela estava grávida de um casal, já escolheram os

nomes: Maria Luísa e Daniel. Ela diz que a menina nasceu menor que o irmão, pesando 2 quilos e 175 gramas e o irmão com 2 Kg e 460gr. Ela conta que a Maria Luísa é uma menina doce e que se ela tivesse tido duas meninas como ela, teria engravidado de novo, de tão boazinha que ela sempre foi como bebê. Ela foi crescendo e o irmão foi acompanhando-a, mas ele sempre foi bem mais bravo do que ela. Lara repete que a filha é uma muito, muito doce, que não tem nem explicação. Ela acrescenta que a filha é carinhosa e batalhadora, que ela se preocupa e absorve os problemas dos pais. Diz que precisa “podar” um pouco a menina, senão ela absorve todos os seus problemas.

Lara diz que as duas são muito parecidas, em termos de “gênio” e personalidade e que ambas são ansiosas e inseguras. A mãe diz que a filha é de um coração imenso, mas que dá para ela muito trabalho na escola. Ela fica em silêncio por poucos segundos e depois continua dizendo que a filha não consegue gravar as informações que aprende. Conta que a menina já passou por duas psicólogas, sendo uma sua amiga. A mãe diz que a filha passou pela Doutora S. e pergunta se eu a conheço, pois ela trabalha na mesma instituição que eu. Ela diz que a psicóloga indicou uma intervenção psicopedagógica para a criança, para ver se a criança se desenvolve mais. Lara diz que Maria Luísa é muito imatura, ativa e que faz amizades facilmente. Diz que a menina já nasceu para fazer amizades, que talvez seja por isso que ela (Lara) está com muita dificuldade, pois Maria Luísa é muito doce. Diz que a menina brinca muito e presta atenção na conversa dos adultos e quer se interar dos assuntos. A mãe repete que está com muita dificuldade com a menina na escola, mas que, do contrário, ela é uma menina 100%, que não causa nenhuma preocupação, que não tem nem explicação. Diz que a garotinha parece uma dona de casa, pois quando Lara chega em casa na sexta-feira à tarde ela já ajudou a menina (ela parece se referir à empregada da casa), já organizou tudo, quer logo fazer a tarefa para ficar depois com os pais, porque sabe que eles trabalham muito.

Segundo a mãe, Maria Luísa é uma pequena mulher. Pergunto quantos anos tem a menina e Lara responde que ela tem 8 anos, e que eu vou perceber que ela é bem madura para a idade que tem. Lara diz que ser mãe da Maria Luísa é uma experiência única, pois ela tem muitas qualidades e pelo o que ela vê nas outras meninas, eu vou observar, por ser psicóloga, que ela é diferente, o que pode ser um motivo para ela ter sido indicada na pesquisa. Diz que ela mesma ficou até um pouco surpresa com a indicação e que eu vou ver que a filha é uma criança muito bacana.

Comento que ela havia me contado que teve uma gravidez anterior. Lara conta que na primeira vez que engravidou, perdeu o filho aos três meses de gestação. Depois, sofreu um novo aborto aos dois meses de gravidez, numa segunda gestação. Ela diz que demorou um período para engravidar novamente, que tomou um remédio para poder ovular e que aí vieram dois. Ela acredita que isso não aconteceu por causa do remédio, porque o irmão tem filhos gêmeos e a avó também, então ela acha que uniu tudo (genética e efeitos da medicação). Ela diz que eles vieram, que são duas crianças lindas e que ela se dedica e vive em função dos dois. Pergunto quem mora na casa e ela responde que são quatro pessoas: ela, o marido e os dois filhos. Ela diz que a família é, ‘graças a Deus’, abençoada, tanto pela saúde, quanto pela questão financeira, pela vida particular, de amor, por viverem um pelo

outro. Diz que procura transmitir para os filhos que a família é tudo e eles conseguem entender. Ela conta que eles são católicos praticantes e que ela procura mostrar para os filhos que Deus tem que estar presente na vida deles para tudo ir bem. Diz que eles têm defeitos como qualquer ser humano, mas que procuram fazer sempre a coisa correta, sempre fazendo em função dos filhos, para que eles aprendam isso.

Ela diz que é isso e eu pergunto se ela teria algo mais para falar. Ela diz que acha importante contar que os dois filhos foram criados, dos quatro meses e meio até os três anos e meio pela avó paterna, com uma babá que auxiliava. Ela pergunta se pode falar de problemas, porque que não sabe se a filha absorveu os problemas da família do marido e que talvez isso influencie a menina um pouco hoje. Lara conta que ela e seu marido trabalham muito e que ele faz faculdade, o que deixa a vida corrida. Então, o tempo que eles têm é para os filhos, que eles procuram estar presentes para os filhos, não presentes em brinquedos e coisas caras, mas sair, fazer caminhada com eles, jantar os quatro juntos e assistir filme.

Lara conta que trabalha o dia todo e a filha fica com a babá no período da tarde. A mãe conta que Maria Luísa não gosta da babá e reclama dela, mas que ela sabe que a menina é difícil e quando ela “não vai com a cara” da pessoa ela implica e não adianta. Quanto a Daniel, ele gosta da babá e, pelo fato de Maria Luísa ser mais levada, a babá tende a proteger mais o menino. Por isso Lara teve que aprender a levar a situação. Ela diz que eles já ficaram na escola o dia inteiro e que eles começaram a frequentá-la aos 3 anos e meio, em uma escola pública, mas que eles não gostaram e colocaram na escola particular. Eles estudaram em período integral por dois anos, mas a mãe preferiu mudar por acreditar que isso judia muito, que a criança perde o gosto pela escola ficando muito tempo lá, pois são muitas regras, regras e regras. Apesar disso, ela diz que em casa as regras são ótimas, pois têm horário para tudo, para que a criança fique adaptada àquilo todo dia. Contudo, ela fica com dó e agora há a babá que trabalha para ela.

Pergunto sobre o seu trabalho e Lara conta que ela e o marido trabalham na mesma empresa. Ela trabalha como gerente da área financeira e ele como gerente da parte da logística. Ela trabalha há 18 anos na empresa e ele há 10 anos, corrigindo depois e explicando que ele está lá há 8 anos, pois ele passou a trabalhar com ela após o nascimento dos filhos. Ela diz que é uma empresa familiar muito gostosa, que está crescendo e se expandindo no mercado. Ela diz que os donos a conhecem desde criança e que ela tem muita liberdade com eles, o que é muito bacana.

Ela encerra o seu discurso e eu lhe pergunto se ela gostaria de acrescentar mais alguma coisa. Ela diz que não e eu proponho começarmos a ver os quadros do CAT-A. Explico que ela deve olhar as figuras e dizer como é a experiência como mãe da Maria Luísa em situações como aquela, tudo o que viver à sua cabeça. Ela compreende a tarefa e eu lhe mostro a primeira gravura.

Quadro 1

Ela olha a figura e começa a associar imediatamente. Diz que imagina a filha mexendo na cozinha, ajudando-a. Repete que imagina a filha ajudando-a na cozinha. Diz que é isso o que a filha faz, ela a ajuda na cozinha, então a vê preparando as coisas junto com ela. Pergunto o que Maria Luísa faz e Lara diz que ali, na figura, ela vê a filha mexendo, como sempre ela faz, ela quer refogar o arroz ou bater um bolo. Ela diz que a figura dá a entender que eles estão comendo, que eles vão comer alguma coisa e diz que isso também poderia ser, que a filha poderia estar comendo junto com a família. Pergunto como é a filha nessa situação. A mãe pergunta “Comendo?” e eu respondo que sim. Após uma reflexão rápida, Lara diz que primeiro Maria Luísa faz de tudo para chamar a sua atenção, enrolando um pouco para comer, até que ela (Lara) fique insistindo e dê a comida na boca ou que o pai fique bravo. Em seguida, finaliza com um enfático “É isso!”. Seu tom é de impaciência diante dessas situações; não há muita doçura em seu relato; ele tem mais a característica de fala objetiva de uma executiva atarefada e que tem opiniões muito claras, do tipo preto e branco. Pergunto-lhe se a menina não gosta de comer sozinha e Lara responde que ela come, mas que quando ela está com manha e que ela já sabe que é final de semana e que ela pode fazer manha porque são os pais que estão com ela, ela faz tudo para chamar a atenção. Diz que nessas ocasiões a filha enrola, diz que não quer almoçar, aí eles colocam todo mundo. Aí, quando a garotinha vai comer, ela diz que a comida não está boa; Lara diz que acha que Maria Luísa faz isso para chamar a atenção. Ela silencia e eu pergunto se ela gostaria de acrescentar alguma coisa. Ela então descobre a figura da galinha e pergunta se se trata dela: “O que é isso aqui? Essa aqui sou eu, no caso?”. Respondo que cada um vê uma coisa diferente e a mãe diz que imagina que seja ela olhando os filhos comerem. Ela ri e repete que é ela olhando os seus filhos comerem. Ela continua dizendo que a única diferença é que dois pintinhos estão com o babador e o outro não. Ela faz um breve silêncio e em seguida diz que não consegue observar outra coisa e repete que tem uma (pintinho) que parece ser diferente (ela atribui o sexo feminino ao filhote), pois está sem o babador e com o cabelo mais arrepiado que o outro (ela diz o “cabelinho dele”, mudando o sexo que atribuiu anteriormente ao pintinho). Já o outro pintinho que está com o cabelo mais para trás. Nesse momento, ela fala comigo com uma certa intimidade, utilizando expressões como “Oh, tá vendo?” e apontando a figura para me mostrar o que quer dizer. Ela fica então dez segundos em silêncio e me devolve o cartão. Eu lhe apresento o quadro seguinte.

Quadro 2

Lara pega o cartão e pergunta se é o pai, a mãe e o filho medindo forças. Seu tom é o de quem espera uma resposta objetiva de minha parte. Eu respondo que pode ser como ela quiser. Ela diz que imagina eu o quadro seja ela e Maria Luísa fazendo força contra o marido nesta figura, porque ela tem muito medo do pai. Diz que quando o pai fala mais alto, ela entra pânico. Lara então diz que imagina ela fazendo força contra o marido e a filha a ajudando, pois com certeza a filha ficaria do lado dela. Pergunto-lhe como ficaria essa situação. Ela então responde que se fosse uma brincadeira, na figura,

eles depois vão se sentar, rir e falar que ninguém ganhou. Ela se dirige a mim com um “Entendeu?” Ela fica em silêncio por 5 segundos e eu lhe pergunto em que situações a filha fica ao seu lado; Ela repete que é quando Maria Luísa vê o marido falar alto com ela (Lara).

Ela diz que ela e o marido não brigam por motivo algum, ela diz que mesmo quando passaram por dificuldades financeiras eles não brigaram. Ela conta que quando as crianças nasceram o salário do marido era de exército e depois ele veio trabalhar com ela e eles ganhavam bem menos; diz que foi um sufoco. Diz que hoje a situação financeira do casal é muito boa. Depois, retoma o assunto anterior, dizendo que a filha tem pânico de ouvir o pai falando alto com ela (Lara). Ela acredita que isso ocorreu porque, quando Maria Luísa entre três e quatro anos, seu marido havia trocado o carro por um novo e ela havia tirado carta recentemente. Ela raspou a porta do carro ao tentar colocá-lo na garagem. Ela diz que neste dia os filhos fariam uma apresentação na escola e que o seu marido acabou com ela, ele a xingou, xingou e xingou muito, o que faz com que a mãe entenda que a filha tem trauma. Por isso, quando ela percebe que algo não vai bem, ela pergunta se a mãe não brigou com o pai, pois eles não brigam de gritar, brigam e ficam quietos. Diz que a filha se preocupa muito se o casal briga e pende muito para o seu lado.

Lara diz que a filha percebe e absorve muito o que está acontecendo. Por isso tenta até esconder algumas coisas da filha. Diz que a filha percebe as coisas até demais, que tinha que perceber menos. Pergunto se a menina percebe as coisas, mesmo ela tentando esconder, e ela responde que sim. Comento que a menina é esperta e a mãe concorda, respondendo que a filha é muito esperta, que pergunta o que aconteceu, porque a mãe está assim, se ela brigou com o pai ou se aconteceu alguma coisa no trabalho. A mãe diz que não, que está cansada e enfatiza que tem dias que ela realmente está cansada, mas que tem que sorrir e fazer diferente. Ela diz que a filha pede para que a mãe ria para ela, e aí ela tem que sorrir, senão a menina percebe. Comento que a filha cuida dela e Lara diz que sim, que ela se sente na obrigação de cuidar dela.

Lara conta que há vinte dias fez um “ato” com a filha. Conta que a menina tirou 2,5 em uma prova de Matemática e que ela (Lara) ficou louca de raiva. O marido não foi na faculdade neste dia e disse para a menina que se soubesse, teria ido para não ver isso (a nota baixa da garotinha). Ele disse que fazia muito esforço para pagar a escola da filha, que fazia de tudo e a menina ainda tirava nota baixa. Aí Lara também ficou brava com Maria Luísa e ameaçou de tirá-la da escola, falando que iria deixar somente seu irmão na escola particular e colocá-la em uma pública. No dia seguinte, a psicóloga da escola ligou para ela, perguntando o que havia acontecido, pois Maria Luísa estava deprimida, chorou e se recusou a dizer o porquê, não saiu para tomar lanche e que ela percebeu que era algum problema em casa. A mãe então entendeu que foi a atitude dela que chocou a criança. Comento que Maria Luísa fica muito preocupada e Lara confirma. Diz que a filha se preocupa com tudo, que se preocupa muito com a família do marido, pois eles são realmente mais “doidos” (sic) e que a família dela é mais calma. Ela diz que aos fins de semana, nem procura ir muito na casa da família do marido, mas não faz confusão, fica um pouco junto, pois a Maria Luísa adora a tia, que é

cunhada do marido, e a avó. Digo então à Lara que ela tenta lidar com a situação e ela diz que sim, que procura não fazer crítica perto da menina para ela não sofrer, mas que mesmo assim ela pega as coisas no ar. Lara silencia, me entrega o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 3

Ela observa a figura, ri e diz que vê o seu marido pedindo para ela e para Maria Luísa fazerem alguma coisa. Ela diz que as duas fazem tudo por ele e pelo filho. Ela explica que no final de semana ela procura fazer com que eles comam todos juntos. Ela diz que, na correria, ela quer deixá-los à vontade sem ter regras, porque na semana inteira eles têm muitas regras. Além disso, o pai está presente, pois na semana toda, ele vai à noite para a faculdade. Ela conta que então, às vezes ela e a filha estão na cozinha e o pai fica pedindo: “Traz a coca! Traz a pipoca! Traz o meu prato! Pega o chinelo para mim!” e que elas o atendem. Ela diz que a figura se parece também com o marido por seu um leão, pois ele é bravo. Ela repete que ele é muito bravo, mesmo sendo um ótimo marido, sem vício e que não dá trabalho em nada. Pergunto se ele é a autoridade da casa e a mãe diz que sim, sem dúvida, pois quando ele fala, os três acatam o que ele diz. Ela fala que pode até não concordar na hora, mas que depois fala para ele que deveria ter sido de outra forma, mas ela faria de outra forma, mas que ela o vê na figura. Repete, olhando o leão, que se trata do marido. Pergunto se depois eles conversam e se ele é acessível. Ela diz que sim e que ele e ouve e diz depois que vai fazer da forma como ela está falando. Repete que o leão é o marido, porque ele é muito bravo. Lara diz que as crianças também devem vê-lo dessa forma. Digo: “E o Daniel...” e ela me interrompe dizendo que o menino também é muito bravo. Ela diz que eles são gêmeos, mas que, em termos de aparência, Maria Luísa é mais clarinha e mais parecida com o pai, enquanto Daniel é mais moreninho e mais parecido com ela. Porém, Maria Luísa é a aparência do pai, com tudo dela (de Lara), que a garotinha até treme como ela. Já Daniel tem a aparência dela, com a personalidade do pai, já que o garotinho é muito bravo. Assim, ficam as mulheres de um lado e os homens de outro. Pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela responde que não, mas em seguida diz que a muleta representada é ela. Ela fala que não sabe como os seus dados serão analisados por mim, mas que ela acha que é a muleta do marido, pois ele não faz nada sem ela. Diz que ele pode ser bravo, mas ele não faz nada. Se for para trocar de carro, fazer compras, ela sempre tem que estar presente para uma iniciativa, que ele é bravo, mas que ele não faz nada sem ela. Diz que ele só é bravo, mas na hora do “vamos ver”, é ela. Lara encerra o seu relato, me devolve o cartão e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 4

Ela observa a figura e diz que vê a si mesma, passeando, carregando um filho e levando o outro na bicicleta. Ela diz que é bem assim, que ela procura ficar mais com a Maria Luísa, porque ela é menina, embora ela seja muito “puxa saco” do pai e o menino dela. Apesar disso, ela diz que Maria Luísa fica o tempo todo fazendo carinho no pai e quer sair com ele, e que Daniel procura ficar mais

perto dela também. Ela diz que vê os dois filhos passeando, andando de bicicleta, que é uma atividade que eles costumam fazer. Diz que a única coisa que ela não costuma fazer é carregar muita coisa, como a cestinha que está representada na figura. Ela diz que se vê na figura, passeando com os filhos. Diz que passeia bastante com as crianças e que às vezes nem quer ir, mas vai. Conta que é o marido que gosta de andar de bicicleta, fazer caminhada e andar de patins e que ela vai, pois entende que tem que estar presente. A pesquisadora pergunta se ela vai quando não está com vontade e ela diz que sim, pois eles acabam a convencendo. Ela silencia. Pergunto se ela quer dizer mais alguma coisa e, diante de sua negativa, recolho o cartão e mostro-lhe o último.

Quadro 8

Ao pegar o cartão, Lara pergunta se uma das macacas é a mãe (apontando para o personagem que está junto com o filhote). Respondo que ela pode dizer o que quiser. Ela diz que imagina que ela está em algum lugar com a filha e que está, como sempre, chamando a atenção dela. Diz que chama muito a atenção de Maria Luísa porque ela está sempre fazendo coisas. Ela conta que aos sábados almoça na casa de suas irmãs, pois ela não trabalha e o marido sim; então, e que ela vai para a casa das irmãs, elas se reúnem e almoçam. Nessas ocasiões, ela precisa ficar o tempo todo pedindo para a filha sentar, lavar a mão, não prestar a atenção na conversa de adultos, comer. Então, ela acaba tendo que ficar o tempo todo cobrando a filha. Pergunto se é preciso dizer várias vezes à Maria Luísa, ou apenas uma, para ela fazer o que ela (Lara) solicita e a mãe diz que fala várias vezes, sendo que a menina chega a irritá-la de tanto que ela precisa dizer para ela fazer ou não as coisas.

Lara diz que Maria Luísa já a colocou em situações muito difíceis. Ela exemplifica contando que uma de suas irmãs comprou uma casa e que a outra irmã comentou que não havia gostado. A filha teria então comentado com a tia (a compradora) o que a outra disse. Ela repete que a criança a coloca em algumas situações difíceis, que ela precisa “procurar” o que falar perto dela, para ela não soltar depois, porque ela solta mesmo. Ela diz que, então, se vê no cartão conversando com a filha. Pergunto se ela tem mais alguma coisa a dizer e ela responde que não. Acrescenta então, que no quadro, vê uma avó, uma pessoa mais velha e que não consegue dizer mais nada sobre a figura.

Ela me devolve o cartão e eu lhe pergunto se ela gostaria de contar mais alguma coisa sobre a sua experiência como mãe da Maria Luísa. Lara responde que, mesmo tendo dificuldades de escola com a filha, e mesmo precisando cobrá-la por ela querer ser adulta e prestar atenção nas conversas das outras pessoas, é muito bom ser sua mãe. Ela justifica dizendo que a criança é muito doce e é muito bom ser sua mãe, porque ela ensina e aprende com a filha. Ela diz que ser mãe da Maria Luísa é diferente, pois ela é uma criança que não tem nem o que falar, que eu vou ter a oportunidade de conhecê-la e de ver que ela é muito doce e que no fundo, todo o comportamento da filha acontece porque ela sente muito a sua falta. Repito então que ela diz sobre a filha sentir muito a sua falta. Lara confirma e diz que sim e que isso a preocupa, porque não queria trabalhar, mas que ela precisa, porque

o marido não poderia sustentar a casa sozinho. Diz que o marido ganha menos que ela, então ela precisa trabalhar. Ela diz que sabe que a filha faz as coisas para irritá-la e chamar a sua atenção.

Lara diz que o que mais a preocupa e ao marido é o problema da filha na escola. Conta novamente que a menina já passou por duas psicólogas e agora pela Dra. S. e que ela não tem déficit de atenção e nem TDAH. Disse que foi o Dr. M. que a encaminhou para fazer os exames para verificar a hipótese do TDAH e que ela pagou para a menina fazê-los. Ela diz que em alguns momentos perde a paciência porque gostaria de entender o que a filha tem para poder ajudá-la. Lara diz que tem horas que ela acha que é preguiça e tem horas que acha que não é. A mãe conta que paga a escola, professora particular, colocou a criança no *Kumon*, mas como achou que não dava resultado já tirou e que esses são todos investimentos que ela faz na filha, para poder ajudá-la para que ela não sofra que ela não se sintá... (ela não termina a frase). Conta que a menina lhe pergunta: “Mãe, eu sou burra? Por que eu não aprendo? Por que o Daniel tira notas boas e eu não tiro?”. Lara diz que, sem querer, ela e o marido acabam fazendo comparações. Ela diz que é difícil porque a menina é muito boa e faz tudo pelo irmão. Lara conta que hoje ela pode dar as coisas para os filhos, que é uma pessoa insegura e que tem medo que no amanhã não possa fazer mais o mesmo por eles. Assim, ela procura ensiná-los a terem os pés no chão, para que eles não sofram depois. A mãe conta que tem um casal de amigos que fez tudo pelos filhos, deu muitas festas para eles e que agora o marido perdeu o emprego que ganhava bem. Então, ela se pergunta o que vai acontecer agora, que é possível que a criança vai sofrer muito mais por não poder mais ter tudo aquilo que teve antes. Ela diz que às vezes os filhos pedem alguma coisa e que se eles não podem, não fazem. Ela diz que às vezes, a família vai ao shopping e que a filha sabe que tudo de menino é caro. Diz que as roupas e brinquedos de menina também são caros, mas que se consegue ter mais opções. Então, se eles compram alguma coisa para o Daniel e ela ficar sem. Quando o irmão lhe pergunta o que ela quer comprar para ela, ela diz que não precisa, que compra depois.

Lara conta que ela e o marido sofrem muito com a dificuldade da filha, que, como mãe, ela sofre mais que o pai, porque, como ele trabalha muito, ele sai e acaba “arejando a cabeça”. Ela, ao contrário, está mais presente e ajuda a fazer a lição. Ela conta que tem lições da filha que ela não sabe fazer, que ela não lembra e não entende, porque não fez. Então, é muito difícil. Ela diz que sabe que a filha sente a sua falta e que pode ser que ela (a mãe) tenha é alguma falha dela, que ela se cobra muito e talvez faça isso com a filha, por ser muito ansiosa. Pergunto-lhe por que ela pensa assim e ela responde que ela própria é ansiosa e quer que a filha vá bem na escola e que a menina é ansiosa e insegura como ela. Ela conta que foi visitar outra escola para conhecer e que a diretora, só de olhar para ela, perguntou se isso não acontecia porque ela ficava muito em cima da menina e transmitia muito essa preocupação. A diretora sugeriu que ela deixasse a filha respirar e tentar fazer a lição, não cobrando a criança. Ela diz que pode ser que ela fique muito em cima da criança, muito preocupada, achando que está fazendo o bem e na verdade está fazendo mal. Pergunto se elas fazem tarefa juntas e ela diz que sim, quando Maria Luísa tem dificuldades. Lara diz que chega em casa e que tem que fazer

o jantar e preparar o almoço para o dia seguinte. Então, tudo é complicado, corrido, tumultuado. Ela diz que a babá é uma pessoa boa, que ela confia, mas que é também uma pessoa difícil. Ela diz que acaba deixando a menina porque sabe que a filha é boazinha, mas também que é folgada e se puder usufruir dos outros, ela o faz. Lara ressalta que a situação é difícil, que a incomoda muito, pois ela gostaria que a filha fosse diferente dela. Queria que a filha fosse como ela na sua honestidade, mas não na sua insegurança. Ela acredita que a insegurança prejudica a filha, já que a sua ansiedade e o seu meso a prejudicam também no seu trabalho. Ela conta que em seu trabalho, mexe com dinheiro, então ela presta contas de tudo o que faz. Ela sabe que os donos da empresa confiam muito nela, mas ela não se perdoa se tiver um erro. Ela diz que a filha é insegura demais. Conta que ela até sabe que Maria Luísa sabe fazer as coisas, mas a menina é como ela que, embora saiba fazer as coisas, se houver alguém do seu lado (por exemplo, o patrão), observando-a, não consegue fazê-las. Comento que o medo de errar paralisa a menina e ela responde que sim, que ela é igualzinha a filha e que o patrão dela, que a conhece desde quando ela tinha onze anos, já percebeu isso. Ela conta que há alguns anos a empresa foi fazer auditoria e que havia uma psicóloga lá. Ela relata que quando ficou sabendo que havia uma psicóloga ficou insegura porque tinha que falar com ela. Diz que não podia nem ver essa psicóloga e, no entanto, ela é uma pessoa que a ajuda muito e que disse a ela que ela é diferente, que se trata do seu jeito de ser. Diz que essa característica a atrapalha, mas a ajuda também, porque ela é diferente.

Comento que ela parece experimentar uma sensação de estar sendo julgada e ela diz que é isso mesmo. Em seguida, conta que pensou muito antes de vir falar comigo, porque pensou que poderia ser julgada e avaliada por mim, porque uma psicóloga, só pelo olhar ela já sabe o que acontece. Depois, decidiu que iria me ver, pois conheceu uma psicóloga, de quem teve tanto medo, e hoje ela é sua amiga e a ajuda muito. Diz que depois achou legal a proposta. Ela conta que a ex-esposa de seu patrão, que era uma das diretoras da empresa em que ela trabalha, também era psicóloga e a ajudava muito. Ela conta que, tinha tanto problema e insegurança que, antes de os filhos nascerem, tentou tirar a sua habilitação para dirigir e foi reprovada no exame de psicotécnico. Conta que a psicóloga do DETRAN disse que ela era louca. Ela diz que a patroa dela, que é muito sua amiga, voltou com ela para falar com a psicóloga, e esta a atendeu de shorts, com pouco caso e disse que ela não ia dirigir, porque ela ia fazer vítimas no trânsito e que ela teria que esperar um ano para tentar de novo. Disse que ela precisava se tratar. Lara diz que carrega esse fato para o resto da sua vida, que nunca vai esquecer o rosto da pessoa, a forma como ela foi tratada e o que ela falou, pois ela não é louca. Disse que a psicóloga poderia ter dito a ela que ela precisaria se tratar porque é insegura e isso poderia prejudicá-la para dirigir. No entanto, ela vê barbaridades no trânsito que ela jamais faria; que tem pessoas que se submetem ao exame psicotécnico e são aprovadas rapidamente. Diz que o que ouviu da psicóloga, a influencia muito e contribuiu mais ainda para a sua insegurança.

Lara relata que depois disso, ficou grávida e tinha muito medo de perder de novo o bebê. Ela diz que esse período de gravidez foi muito tumultuado, mesmo tendo o apoio do marido e de seu

patrão. Ela conta que passou muito mal durante a gravidez inteira, que teve que ser internada para tomar soro, que só vomitava e que teve que tomar Dramin e Progesterona por todo o período, que engordou 30 quilos e ficou deformada. Os filhos nasceram com 8 meses e 1 semana. Ela conta que no dia do nascimento ela estava com dilatação e Daniel estava na posição para nascer de parto normal, mas que Maria Luísa não estava. Ela disse que então foi decidido fazer cesárea em cima da hora. A menina nasceu pequena, mas mamava. O menino, que era maior, não mamava e Maria Luísa, que era pequenininha, mamava bastante. Com isso, Lara ela saiu do hospital no dia seguinte ao parto. Ela conta que a filha era muito calma, que só mamava e dormia. Por sua vez, o menino era agitado, chorava e chamava a mãe, não aceitando os cuidados do pai até os quatro anos. A filha não dava trabalho, mesmo quando fica doente. Ela conta que já teve situações dela acordar, ir até o banheiro e ver Maria Luísa vomitando sozinha. Já Daniel a chama até quando quebra a unha, seja a hora que for. Quando ele quer água, ela chama a irmã para ir buscar junto com ele, porque tem medo de ir sozinho.

Comento que a sua preocupação dela com a Maria Luísa parece ser também uma preocupação de mostrar para si mesma a sua capacidade. Ela diz que é justamente isso, que se preocupa em excesso. Diz que percebe que a proteção dela com os filhos é muito grande. Ela conta que as suas irmãs falam que ela deveria se desligar um pouco, mas ela não consegue. Ela diz que a irmã tem um apartamento na praia e que ela não consegue deixar as crianças irem, apenas se forem com ela (Lara), pois ela morre de medo que algo aconteça. Ela diz que tem medo de tudo, inclusive de que aconteça alguma coisa com eles na rua, que ela não deixa os filhos andarem na rua sozinhos. Ela conta que leva os filhos na escola e que precisa ficar lá, até vê-los entrarem. Na saída, é o seu cunhado quem busca as crianças e ela liga todos os dias para saber se eles chegaram. Diz que reza com eles, de joelhos, todos os dias. Ela diz que às vezes Maria Luísa quer tanto chamar a atenção, que não quer rezar, enquanto Daniel aceita isso tranquilamente. Nessas ocasiões, ela insiste e Maria Luísa vai rezar com eles. Lara diz que é difícil, mas faz o máximo, que sabe que deve ter muitas falhas, mas que ela sempre faz para tentar acertar.

Comento que há uma insegurança dela de que as coisas podem ir bem, como se ela confiasse pouco no mundo. Ela diz que é isso mesmo e que pensa muito no futuro dos filhos. Diz que o marido fala para ela se acalmar e ter fé, mas ela tem muito medo. Ela diz que há coisas que a chocam e, em seguida, conta que um dia, o filho perguntou-lhe o que era sexo. Ela então respondeu que há o sexo masculino e o sexo feminino, que ele era do sexo masculino e ela e a Maria Luísa eram do sexo feminino. Então, Maria Luísa lhe disse que a tia de uma amiga casou com uma mulher. Lara respondeu para a filha que isso não é de Deus, que Deus já fez certinho: o homem tem que casar com uma mulher para plantar uma sementinha nela e fazer nascer outras pessoas. Ela diz que a menina filhos às vezes solta algumas coisas que a chocam e ao marido (ela esboça um sorriso). Diz que às vezes há algumas situações que ela percebe que já está na hora de passar algumas coisas para os filhos, principalmente para Maria Luísa, mas que ela (Lara) fica enrolando. Ela diz que sente que a filha gosta de *piercing*, mas que ela (Lara) a corrige, dizendo que aquilo não é de Deus. Diz que às vezes a

família vê as moças usando *piercing* e ela e o marido dizem para Maria Luísa que não usam aquilo porque é feio. Então a menina já pôs na cabeça que aquilo é feio. Conta que a filha perguntou-lhe porque os pais dos amigos dela têm tatuagem e os pais dela não. Lara procurou explicar que isso é uma opção das pessoas. Falou-lhe que ela e o marido preferiram não colocar porque, se tiver algumas pessoas que têm tatuagem e outras que não têm, os outros vão dar prioridade para quem não tem, num hospital. Ela acredita que a filha a entendeu. Depois, diz que a menina é muito viva e questiona muita coisa para ela. Comento que o que torna as coisas difíceis é que ela tenta dar uma proteção para a menina, mas que o mundo vai ter um monte de outras coisas para eles e que ela vai precisar lidar com essa situação. Ela concorda enfaticamente, terminando junto comigo as minhas frases.

Lara, emocionada, diz que os filhos estão crescendo e que ela não sabe se está preparada para isso, pois ela gostaria que eles ficassem pequenos. Ela diz que a cunhada fala que ela precisa começar a explicar mais coisas para os filhos, mas que ela responde que é preciso ter calma, que quando eles fizerem nove anos, ela vai começar a explicar. Ela conta que a filha lhe pediu um celular, mas que ela disse que só vai dar quando ela tiver 13 anos. A menina então a questionou, dizendo que suas amigas já têm telefone, MSN e internet, mas que a mãe disse que não (“porque não”) e explicou que na casa deles não funciona desta forma. Lara conta que não deixa os filhos usarem a internet, porque isso é uma perdição. Disse que os filhos somente usam a internet quando ela está em casa. Ela mostra que a internet está na bolsa dela, porque ela tem medo de eles usarem e acessarem coisas que não devem. Ela conta que um dia deixou a filha usar o MSN quando as duas estavam na cama. Enquanto Lara assistia televisão, supervisionava a filha também para mexer na internet. A menina abriu o MSN para conversar com a prima e Lara a deixou fazer isso. Na mesma hora um rapaz tentou adicioná-la. Lara comentou o fato com o marido e os dois optaram por não deixar usar mais a internet, porque é muito perigoso. Diz então que ela e o marido protegem muito os filhos, que não sabe se está acertando ou se vão errar, mas eles protegem. Comento que não há receita e que ela está fazendo uma opção. Ela concorda e diz que pede muita orientação para Deus, para tentar acertar. Ela diz que ela e o marido procuram controlar muito os filhos. Conta que ela mesma não tem ainda controle sobre os filhos, mas seu marido tem muito: quando ele fala, o assunto acaba. Comento com ela que isso deve ser difícil em alguns momentos e reconfortante em outro; ela concorda e a mãe diz que sim, pois ele fala e as crianças o obedecem e isso lhe gera uma certa segurança e conforto. Assim, ela sabe que o marido está do seu lado.

Lara conta que ela e o marido vivem muito bem e que só brigam por causa da família dele. De resto, é ao contrário: eles não brigam por nada. Diz que nem em relação a educar os filhos e, quando um não concorda com uma atitude que o outro tomou em relação às crianças, eles conversam entre eles.

Ela silencia e eu lhe peço para falar sobre o que acontece com a família do marido. Ela conta que a sogra gosta de beber cerveja. Diz que ela não condena isso, mas acha errado beber durante a semana. Ela conta que o sogro fica em casa e que ela acha que Maria Luísa presenciou muitas tantas

brigas entre os sogros durante o tempo que ela ficou lá; ela crê que isso tenha influenciado muito a menina. Lara diz que não está tentando jogar a culpa nos sogros e ficar como “a santa”, mas acha que tem muita coisa (que pode haver influenciado a filha). Ela diz que, quando Maria Luísa nasceu, a sogra somente tinha uma neta, que ela tem somente filhos do sexo masculino. Diz que a sogra atende muito Maria Luísa, agrada-a e faz tudo o que a menina quer, mesmo o que Lara não gosta, e isso é outro ponto.

Ela conta que teve uma discussão com a sogra e que Maria Luísa chorou. Diz que a discussão foi por causa dos sogros, que Lara disse a eles que quem educava os seus filhos era ela. Disse que ficou um tempo sem ir à casa da sogra, o que magoou bastante a menina. Diz que Maria Luísa percebe que quando Lara vai à casa dos sogros, ela muda. Diz que tem coisas que ela (Lara) percebe (na casa dos sogros) e não consegue controlar e demonstra o seu descontentamento. Repete que Maria Luísa percebe tudo.

Lara silencia por dez segundos e eu pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela então retoma o dia em que raspou o carro na garagem, dizendo que isso chocou muito a menina, pois o marido foi muito bravo e grosseiro com ela. Ela diz que não pode nem lembrar desse dia, que ela mesma tem trauma disso até hoje. Diz que sempre se lembra deste dia e que quando vai por o carro na garagem, vem tudo na sua cabeça e ela escuta até o barulho do carro raspando. Ela diz então que é só isso não tem mais nada para falar.

Pergunto então a idade e a escolaridade dela e de seu marido. Ela responde e eu a deixo à vontade para me perguntar algo, se ela desejar. Ela então me interroga sobre como poderia agir com a filha, que gostaria de ouvir outra opinião para saber se é certo ela cobrar tanto a filha e se ela deve mudá-la de escola. Diz que está um pouco perdida nesse ponto. Digo que são muitas questões e, caso ela queira discuti-las tranquilamente e em seu tempo, eu poderia encaminhá-la para a Clínica de Psicologia da Universidade, onde ela poderia debatê-las com um profissional ou estagiário. Explico como funciona a clínica e digo que poderíamos também fazer o encaminhamento de Maria Luísa. Lara demonstra interesse e eu deixo com ela o número do meu telefone. Ela concorda em procurar o serviço e diz que vai até gostar disso. Ela pergunta o endereço da clínica e eu explico. Nós então nos despedimos e finalizamos o nosso encontro.

Interpretação Lara

O discurso de Lara ao CAT-A mostra o retrato de uma mulher cuja experiência materna com a filha aparece transpassada por angústia e de apreensão, cujas fontes se situam numa psicodinâmica marcada por um forte sentimento de insegurança e por uma concepção particular da feminilidade. A falta de confiança nas próprias capacidades é intensa e, embora esta pareça enraizar-se nas suas vivências infantis junto à família de origem, a menção aos próprios pais é praticamente ausente no seu relato. Assim, há apenas uma menção esporádica à figura de uma avó (provavelmente a própria mãe) que observa o seu relacionamento com a filha, particularmente a sua maneira de educá-la e colocar-lhe

limites. Nesses termos, é fundamentalmente por meio da relação transferencial que Lara estabeleceu comigo, principalmente no início de nossa conversa, que se torna possível inferir a qualidade dos objetos parentais introjetados por ela, especialmente o materno.

Dessa maneira, Lara se apresenta diante de mim carregando certa ambivalência: ela não sabe se eu vou ajudá-la ou criticá-la, se vou duvidar da sua capacidade como mãe e julgá-la como inadequada, ou se vou acolhê-la. Sua percepção inicial é a de que ela deve permanecer atenta a tudo, numa atitude vigilante em relação a si mesma e a mim, ao que pode me mostrar e o que não deve expor, esforço esse possivelmente fadado ao fracasso dado o meu olhar que, como psicóloga, seria para ela penetrante e invasivo. Seu temor é o de que eu vá escutar os seus segredos mais íntimos e inconfessáveis e, a partir daí atribuir-lhe um rótulo de anormalidade ou de deficiência, como aqueles já vividos em experiências dolorosas com outros substitutos de suas figuras parentais, particularmente a psicóloga que a reprovou em seu primeiro exame psicotécnico para retirar a carteira e habilitação. Esta, segundo ela, teve um papel importante na sedimentação da autoestima rebaixada que ela já carregava em si, mas que felizmente, com a ajuda de outra psicóloga, ela tem se esforçado para contestar.

A pesada bagagem emocional que Lara carrega, teatralizada em sua relação transferencial comigo e atualizada em seu vínculo com sua filha, revela uma desconfiança profunda concernente à própria capacidade criativa. Ela parece ter vivido a experiência de que a sua singularidade, unicidade e pessoalidade receberam do ambiente uma interpretação de inadequação, inconveniência, inadaptação. O encontro fértil entre a criatividade primária e a realidade objetiva, se não foi tornado impossível, a ponto de atirá-la num autismo ou numa personalidade falso *Self*, teve o seu campo de ação notavelmente reduzido. Diante disso, viver na realidade compartilhada não é sentido por ela como um processo espontâneo, mas sim como uma empresa que demanda esforço, um esforço de controle sobre si mesma e suas fantasias. Essas, ao invés de contribuírem para o enriquecimento da realidade objetiva, são vistas como obstáculos para a sua integração nela, como elementos que transtornam a sua inserção no mundo humano. Enfim, é a sensação de desencontro entre si mesma e o mundo que a faz duvidar de si mesma, temer a sua condição de partilhar da realidade exterior e sofrer a cruel consequência da exclusão, diante desse fracasso. Assim, com o fantasma da inadaptação assombrando-a todo o tempo, ela deve constantemente provar a si mesma e ao outro que é capaz de atender o que a realidade espera dela. Diante disso, o controle rigoroso das pulsões, o calar da criatividade, é acompanhado de uma certa adesividade às características do mundo real, responsáveis por sua aparência de uma pessoa prática e objetiva. Esse ancoramento na objetividade, embora lhe traga certo alívio, cumpre apenas parcialmente o papel de fonte de apoio por não estar assentado, por sua vez, num narcisismo bem estabelecido que permitiu uma constituição sólida da realidade subjetiva. Assim, a sensação é a de que os seus alicerces estão fundados num terreno ainda movediço, em que as pulsões, não sentidas ainda seguramente integradas ao *Self* podem eventualmente tomar conta dela e causar estragos.

A asfixia da criatividade é favorecida pela ação de um superego bastante severo e de um ideal de ego altamente exigente, eventualmente projetado no marido (ou em outras figuras de autoridade como os psicólogos) e sustentado também pelas características pessoais dele. O superego e o ideal de ego reafirmam o caráter ameaçador das pulsões e da criatividade e o cometimento de um erro ou deslize assume proporções colossais (o marido a desmoraliza violentamente quando ela raspa o carro na garagem: a psicóloga, diante do resultado do exame psicotécnico, diz que ela tem potencial para fazer vítimas no trânsito). Diante disso, Lara se desestabiliza e sua autonomia somente pode ser mantida em um pequeno espaço de atuação (o marido estabelecendo limites para ela e os filhos, restringe a sua excursão no mundo exterior e a protege dele e de si mesma).

O relato de Lara, particularmente no que se refere à sua relação com os filhos, sugere que essa dinâmica afetiva encontra-se vinculada à sua condição de mulher. Assim, enquanto ao homem é facultado o usufruto do narcisismo primário e o seu atendimento pelo ambiente, ele é interditado para a mulher. A criatividade feminina é, portanto, vista como uma ameaça maior do que a criatividade masculina, dadas às suas consequências (sobretudo as sexuais). Por isso caberia à mulher refreá-la e assumir uma postura de submissão diante do homem. Esse sufocamento criativo, que coloca em xeque mesmo o direito de existir é o que dificulta o encontro de uma forma e de um lugar para viver no mundo objetivo, que coloca obstáculos a uma existência criativa que se desenrola no espaço da transicionalidade.

Se Lara acata em termos gerais esses preceitos e se submete seja ao próprio superego, seja à realidade objetiva ou à figura masculina, ela também encontra forças para questionar esse *status quo*. Sua decisão de enfrentar (mesmo que tenha sido com ajuda) a psicóloga que a “acusou de ser anormal”, sua persistência em obter sua carteira de habilitação, em continuar a dirigir mesmo após o assédio moral do marido, sua constatação de que por vezes é a mulher que sustenta a autonomia do marido e não o contrário, levam-na a questionar a suposta superioridade masculina. Tais reflexões revelam a sobrevivência de uma capacidade crítica, sinal que a sua criatividade, seu modo pessoal de se posicionar no mundo, embora abafado, continua a clamar pela legitimidade de existir. Enfim, em termos pessoais a história que Lara conta sobre si mesma é a de um combate constante para assegurar-se da própria capacidade e do direito de ser quem é, onde ela é vitoriosa em algumas batalhas e perdedora em outras, um esforço de se recompor continuamente frente aos destroços das derrotas que a realidade exterior lhe impõe de forma às vezes impiedosa. É nesse contexto que sua experiência como mãe de Maria Luísa se desenrola e onde Lara reproduz sua história, mas na esperança de encontrar um final feliz para ela e para a filha.

Assim, Maria Luísa vem ao mundo, junto com Daniel, após duas tentativas fracassadas de gestação, testemunhos, para Lara da deficiência de sua criatividade (ou possivelmente resultado dela). A vitória conseguida após muito esforço, com o bônus de tratar-se de gêmeos, somente alivia Lara durante certo tempo, já que a ameaça à própria integridade física e à dos filhos a persegue por todo período gestacional, intensificada pelo “diagnóstico” de anormalidade por ocasião do exame

psicotécnico. Assim, posteriormente a muita angústia, Maria Luísa nasce menor que o irmão, mais frágil que ele, mais despreparada para viver no mundo (ela ainda não havia alcançado a posição correta para nascer), porém capaz de lutar pela vida (ela mamava mais que o irmão). O temperamento doce e complacente da menina, aliado às pré-concepções inconscientes sobre a feminilidade sustentadas por Lara, levam a mãe a um desencorajamento do narcisismo de Maria Luísa, em favor daquele de Daniel. Ele é o garoto que pode ser exigente em relação à mãe e solicitá-la somente para si, ao passo que a menina deve ser abnegada e generosa para com o irmão. Nesse ponto é curioso notar que em momento algum de seu relato Lara falou sobre as dificuldades específicas da sobrecarga de cuidar de filhos gêmeos. Essa lacuna em seu relato sugere que, na realidade, só há lugar para uma criança em sua experiência como mãe: o menino (ela diz que se tivesse gerado duas meninas, ao invés de um casal, teria engravidado de novo). Esse relato não se trata, de maneira nenhuma, de uma rejeição à menina, mas da dificuldade de percebê-la como criança. Assim, Maria Luísa é descrita por Lara como uma pequena mulher, que a ajuda nos serviços de casa, que é madura, quer cuidar da mãe e resolver os problemas dos pais. Mesmo que essa concepção apazigue Lara por estar em acordo com aquilo que ela mesma viveu e que lhe é familiar, ela também a incomoda um pouco porque, por identificação, ela parece ver a si mesma na menina, em sua posição nos bastidores, ao invés de ocupar o espaço que lhe é próprio, com o direito de importunar os pais com suas exigências infantis. A característica principal da menina, segundo Lara, é a submissão, o único espaço em que a singularidade tem lugar referindo-se às dificuldades de aprendizagem que a criança apresenta e que exasperam a mãe.

A preocupação constante de Maria Luísa com o bem-estar e a integridade de Lara sugerem uma insuficiência de *holding*, que permitiria à criança ter segurança para se movimentar e expressar a sua criatividade⁴¹. A astenia do narcisismo favorecida pelo temperamento amável da menina, aliada ao apego de Lara à realidade do mundo objetivo (fruto de sua desconfiança quanto aos próprios recursos criativos) tornam o encontro afetivo genuíno impossível de se realizar. Desse modo, enquanto Maria Luísa aguarda que a mãe responda com a sua criatividade e flexibilidade ao objeto que ela criou, e em seu ritmo pessoal, Lara somente pode oferecer-lhe como resposta os recursos de uma realidade objetiva, física e concreta, dinâmica esta passível de gerar na menina (como gerou em Lara) um sentimento de pouca continuidade entre a vida imaginativa e o mundo real, que se torna, assim, sem sentido. É nesses termos que as dificuldades de aprendizagem da criança poderiam ser compreendidas: se a possibilidade de um real déficit intelectual ou neurológico (já que a única investigação feita a esse respeito referiu-se ao TDAH) não podem ser de todo excluídas, certamente o fator emocional, ou melhor dizendo a ausência dele cumprem, se não um papel determinante nos sintomas, pelo menos a de um poderoso agravante deles. Descolada do afeto, a aprendizagem se tornaria mecânica, estática,

⁴¹ O relato sugere que aparentemente a garotinha percebe a mãe como frágil, vulnerável e com poucos recursos para cuidar dela e de si mesma. A mãe é vista como alguém que se desestabiliza facilmente, demasiado angustiada pelas exigências da vida. Assim, para preservá-la, cuida dela e exige o mínimo possível.

rebarbativa e, portanto, difícil de introjetar e de ganhar vida no mundo interior da criança. A submissão de Lara às demandas da realidade objetiva impede-a de compreender essa dinâmica. Para ela, o pagamento de uma boa escola, de professores particulares e de métodos específicos de aprendizagem por si mesmos seriam sinônimos do *holding*; contudo eles não podem agir desse modo dado o distanciamento que esses recursos apresentam em relação à criatividade materna e à da criança.

Esses fracassos geram em Lara uma aguda frustração e uma sensação dolorosa de impotência diante do sofrimento da filha. Ela sente que não consegue aplacar na menina um sofrimento que conhece muito bem: o da dúvida sobre a própria capacidade e o temor da avaliação alheia designadora do rótulo de inadaptação e inadequação. Nos momentos em que essa dor se torna dilacerante e insuportável, ela nada mais pode fazer do que negar os transtornos de aprendizagem da filha, atribuindo-a à preguiça e à falta de esforço da menina. Desse modo, embora as dificuldades de Maria Luísa e sua impossibilidade de aproveitar os recursos da realidade objetiva que lhe são oferecidos angustiem Lara por testemunharem o que seria para ela a sua inadequação como mãe e a imperfeição da sua capacidade criativa, a ferida maior não provém desses sentimentos, mas do sentimento de incapacidade experimentado pela filha.

Perdida em meio a tantos questionamentos e a tantos fracassos, Lara mostra, contudo, uma percepção incipiente das necessidades da filha diante desse turbilhão emocional. Nesses termos, mesmo se ela expressa um certo desdém ao dizer que a menina quer “chamar a sua atenção” por meio das dificuldades que apresenta, retratando-se, em seguida, para dizer que isso acontece porque ela sente muito a sua falta, um conhecimento inconsciente se mostra aí de um modo insidioso. Assim, Maria Luísa necessitaria de uma reparação do narcisismo por meio de lhe ser assegurado o direito de ter uma mãe como o irmão, mesmo sendo uma menina. Dessa maneira, não se justifica oferecer-lhe pouco (ou aceitar que ela aceite pouco) porque não se espera muito dela. Nesse contexto, Lara, embora enfatize as dificuldades da menina, também é capaz de constatar os recursos que ela tem e que, em alguns aspectos, ela é mais evoluída que o irmão. Reconhecer esse direito da menina, contudo, colocará Lara frente a frente com a própria história pessoal, com o seu direito a uma mãe que se adaptasse às suas necessidades e que a auxiliasse a solidificar as intersecções entre a criatividade primária e o mundo objetivo, consolidando seu sentimento de continuidade de existência, de sua condição de ocupar um lugar no mundo. Provida essa condição, a escolha de sua posição no mundo, nos bastidores ou sob os holofotes, seria uma possibilidade real. Outros detalhes da produção de Lara no CAT-A são descritos na análise de seus relatos a cada um dos quadros, descrita a seguir.

Quadro 1

O relato de Lara a esse quadro resume de um modo bastante claro as raízes de suas dificuldades no relacionamento com a filha, passíveis de desempenhar um papel importante nos transtornos de aprendizagem da menina. Desse modo, em um primeiro momento, ela apresenta Maria Luísa como uma criança que deseja identificar-se com ela, seja por meio do aprendizado das

atividades maternas em si mesmas, mas também em termos das funções que a mãe desempenha, a saber o oferecimento da gratificação ao outro (ela quer ajudar a mãe a fazer a comida). Esses ensaios de preparação de Maria Luísa para a vida adulta coexistem com a preservação da sua condição de criança, expressa no momento da alimentação. Assim, diante dos pais e de, em teoria, uma maior disponibilidade de tempo deles (o final de semana), a menina busca expressar o seu próprio ritmo no momento da realização das introduções, mas este não é acompanhado pela mãe, que o julga demasiado lento. Assim, na vivência de Lara, a situação de alimentação parece ter um valor em si mesma, de ordem prática, de nutrição somente, enquanto para Maria Luísa ela guardaria o sentido de uma tentativa de estabelecer relacionamentos com o mundo, recebendo o que ele lhe oferece de modo a assimilá-lo em acordo com suas próprias condições pessoais. Em outras palavras, para a menina, a alimentação apresentaria um sentido subjetivo, afetivo, de busca de uma continuidade, de apreensão do mundo em pequenas doses, ao passo que para Lara ela se resumiria ao cumprimento de uma de suas tarefas objetivas como mãe. A manifestação do narcisismo da menina, particularmente do seu ritmo mais lento incomoda Lara. Ela parece sentir a lentidão da menina quase como uma afronta, uma manifestação egocêntrica indesejável, que a impede de alcançar a tranquilidade de haver cumprido a sua função de provedora. Assim, angustiada, ela impõe o próprio ritmo à menina, que nada mais pode fazer do que submeter-se a ele (a comida é dada na boca da criança, por uma questão de impaciência da mãe). O descompasso entre os ritmos é interpretado pela criança como deficiência do *holding* materno (ela diz que a comida não está boa), o que aumenta a resistência da menina para realizar as introduções do mundo exterior que, descoladas da sua realidade subjetiva, tornam-se sem sentido para ela. Em consequência, a distância afetiva entre ela e a mãe se acentua e a continuidade entre a criança e o mundo torna-se difícil de estabelecer. No momento em que Lara se torna capaz de um maior distanciamento para avaliar a situação da criança (quando ela percebe a galinha e diz que se trata dela olhando os filhos se alimentarem), ela se dá conta de que a filha simplesmente poderia ter características especiais, diferentes (um dos pintinhos está sem o babador e tem o cabelo arrepiado), o que exigiria dela uma adaptação mais específica à menina. Nesta adaptação seria importante um respeito maior à sua condição infantil (babador), cuja ausência provocaria um temor da menina ao ser confrontada diretamente com a realidade objetiva. Lara tenta, então, mostrar a si mesma e a mim que sua opinião é fundamentada na realidade objetiva, não se tratando meramente de uma fantasia sua dissociada dos fatos (ela mostra no desenho as diferenças a ausência de babador e o penteado singular do pintinho diferente).

Quadro 2

O tema do narcisismo e do medo, tocado por Lara apenas tangencialmente no relato anterior, aparece de modo um pouco mais explícito em sua narrativa a esse quadro. É nesse momento que ela comunica a sua angústia estrutural, derivada de um narcisismo que não foi assegurado e que a deixa insegura e ansiosa. Assim sendo, é aqui que ela revela que o sentimento de continuidade entre si

mesma e o mundo exterior não se encontra firmemente estabelecido, o que a leva a duvidar constantemente de si mesma. Diante disso, ela se percebe como frágil e pouco capaz e desenvolve uma atitude de submissão à realidade objetiva, ao ideal de ego e ao superego, projetados ou não em outrem, particularmente no marido. Nesse contexto, os conflitos e embates com o mundo exterior se tornam particularmente ameaçadores e a desestabilizam, devendo, portanto, ser evitados, minimizados ou negados (ela diz que se a disputa de forças que descreveu for uma brincadeira, no final todos vão rir e dizer que ninguém ganhou). A falha e o descontrole ocasionais assumem uma dimensão gigantesca e, nessas condições, a ação do superego (direta ou projetada) é massacrante e reafirma o sentimento de incapacidade, inadequação e de temor de si mesma. A constatação de Lara é a de que Maria Luísa percebe a sua fragilidade e teme pela sua integridade física e emocional. Diante disso, Lara se dá conta que a filha, além de não poder contar com o *holding* suficiente por parte dela (ela diz que nem sempre consegue esconder suas dificuldades da menina), ainda se sobrecarrega por tentar cuidar dela e preservá-la, o que torna a garotinha igualmente angustiada e frágil. Enfim, Lara constata que Maria Luísa reflete a sua própria realidade psíquica e, com isso, experimenta um bloqueio no desenvolvimento do *Self*. Se por um lado a percepção do sofrimento da filha torna Lara empática e compassiva frente à criança, por outro ela também promove uma angústia que, pouco integrada ao *Self*, conduz a um descontrole, que a leva a utilizar a negação das dificuldades da filha como modo de apaziguar-se. Tal negação é acompanhada de uma repreensão desmesurada, fruto de um superego ostensivamente severo, de modo que a dureza de Lara com relação a si mesma é dramatizada no relacionamento com a menina. Com isso, ao invés do oferecimento do *holding* e do acolhimento, ela somente consegue expressar desprezo e rejeição, amplificando o sentimento de fracasso e de temor da garotinha.

Quadro 3

Em seu relato a essa figura, Lara amplia o tema esboçado anteriormente sobre as relações com o superego e a figura de autoridade, mostrando que a natureza delas se vincula também à identidade sexual. É nesse discurso que ela revela que o embotamento do narcisismo feminino ocorre em favor do encorajamento e da consolidação do masculino. Assim, enquanto ao homem é atribuído o saber e o poder, à mulher cabe a submissão dócil à vontade dele. Em suma, ela não teria direito a um narcisismo próprio, existindo apenas para sustentar e atender as necessidades do outro. Figura de poder e de autoridade, a palavra do homem é lei e suas exigências e limites não são passíveis de contestação. Por sua vez a mulher deve permanecer num retraimento temeroso, não existindo que em função do homem. Todavia, embora essa pareça ter sido a tônica de toda a sua vida em geral e de sua experiência materna em particular, Lara é capaz de questionar a veracidade dessa concepção. Se cabe a ela sustentar o homem (marido ou filho), a autonomia dele é bastante relativa. Enfim, é ela quem o mantém de pé (muleta) e, se ela não usufrui do poder direto de decisão, resta-lhe ainda o poder indireto da influência. O narcisismo masculino proveria apenas um campo limitado de atenção e de

percepção, nem sempre condizente com a realidade e, por isso, as iniciativas no mundo objetivo arriscariam ser paralisadas, bloqueadas ou fadadas ao fracasso. Desse modo, seria a mulher, cujo narcisismo mais contido lhe permitiria conhecer e aceitar melhor as características e os limites da realidade objetiva, quem poderia assegurar ao homem maiores chances de sucesso e fazê-lo mover-se de seu pedestal. Enfim, o homem precisa do *holding* da mulher. Diante dessa verificação, Lara se torna capaz de uma reflexão crítica que a leva ao questionamento da supremacia masculina, visto que os homens seriam, segundo ela, mais frágeis que as mulheres em determinados aspectos (conforme ela mostra em relato posterior, o salário dela é maior que o do marido e a filha é mais corajosa do que o irmão). Essa ponderação, contudo, não a conduz a assumir uma posição mais igualitária junto ao marido, dada à falta de confiança em si mesma, que a impulsiona a criar nele a imagem protetora de alguém que sabe o que faz e que tem claras as noções do que se deve ou não fazer.

Quadro 4

Em continuidade ao relato precedente, Lara reitera nesse momento a maior proximidade física e afetiva que ela tem com Maria Luísa e a de Daniel com o pai, numa divisão sexual de relacionamentos, mas com algumas ressalvas. Assim, do mesmo modo que ela, a menina eventualmente se aproxima mais do pai, compartilhando os valores dele, dada a segurança que é veiculada em uma relação de submissão ao outro. O relacionamento de sujeição, contudo, é visto por Lara como trazendo consigo um certo sentimento de futilidade e de decepção, porque ele quase a faz perder-se de si mesma. Assim, mesmo nos momentos de relaxamento, suas vontades contam muito pouco, valendo as do marido e dos filhos e mesmo a ocasião do brincar e do relacionamento em si são pouco aproveitadas por ela.

Quadro 8

O tema do sufocamento da espontaneidade referido por Lara em seu relato ao quadro anterior tem sequência nesse momento, dramatizado em sua relação com a filha. Sua sensação é, assim, de precisar colocar limites o tempo todo na garotinha, cuja autenticidade do comportamento, o gesto espontâneo, é visto como incompatível com as normas de socialização e de boa educação. Enfim, a criatividade e a liberdade da criança devem ser controladas continuamente por limites bem definidos, função materna que Lara desempenha sob o olhar vigilante de uma mãe morta e eternizada (a avó simbolizada no retrato) e de seus descendentes guardiões da tradição familiar (as irmãs). Nesse aspecto, a autenticidade da criança é vista como constituindo um perigo para os adultos e não o contrário. Os adultos teriam direito a uma certa liberdade de expressão, mesmo que ela ultrapasse aquilo que a criança deve ouvir. A esta caberia dispor de uma capacidade crítica e de discernimento suficiente para selecionar quais as atividades dos adultos de que deve tomar parte e quais não deve. Desse modo, ao invés de oferecerem *holding* e limites protetores para a criança, os adultos supõem que esta deve controlar-se e protegê-los, não os deixando em maus lençóis. Esse equívoco que tem

como consequência a eventual exposição do adulto, pela criança, a situações embaraçosas, reforça o receio deles da espontaneidade infantil, estabelecendo, assim, um círculo vicioso em que a coibição dela deve ser garantida.

Em síntese, os relatos de Lara ao CAT-A sugerem que ela se trata de uma mulher, cuja criatividade precisou ser recolhida às profundezas do *Self*, dado o olhar de temor que ela recebeu dos adultos. A possibilidade de embaraçá-los por sua autenticidade, por seu gesto espontâneo pareceu ser vista por eles como uma ameaça ao seu bem-estar, à qual o ambiente (familiar) parece ter reagido de maneira desmesurada. Esse receio pareceu ainda ser intensificado por sua condição de mulher, a criatividade feminina vista como mais perigosa que a masculina. Com isso ela desenvolveu uma dolorosa desconfiança de si mesma e o medo de cometer uma inadequação, uma impropriedade. Sua capacidade, assim foi colocada em jogo e, para assegurar-se de sua boa conduta, ela desenvolveu uma atitude de submissão à realidade objetiva, ao superego e ao sexo masculino. Essa psicodinâmica é dramatizada em sua experiência materna com Maria Luísa. Nesse contexto, ela também não pode permitir à menina o usufruto da criatividade primária e o direito à consolidação de um narcisismo próprio. Com isso, da mesma maneira que ocorreu consigo na infância, Lara não pode proporcionar a Maria Luísa um sentimento de continuidade de existência com o mundo. O encontro entre as duas se torna inviabilizado dada à falta de flexibilidade de Lara para adaptar-se às necessidades e ao ritmo da filha, frutos de sua dificuldade em caminhar pela área dos fenômenos transicionais. Assim, ela percebe que a filha se torna frágil como ela, insegura como ela, com a diferença de que a submissão da menina à realidade exterior não garante as introjeções que devem ser feitas de um mundo sem sentido. Com isso, a adaptação da filha é vista por Lara como altamente precária, tornando-a uma presa fácil para as ameaças do mundo. Daí o temor de Lara diante da crescente aquisição da autonomia da menina, reencontrando um nascimento em que, apesar de o irmão estar pronto para vir ao mundo, ela, ainda não estava. Sua angústia diante do sofrimento da filha, sua incompreensão do que se passa e o seu receio do que será o futuro dela, desencadeia em Lara um doloroso sentimento de impotência que a leva, por vezes, ao descontrole. Todavia, longe de se constituir em rejeição, são frutos de seu desejo amoroso não realizado de ajudar a menina. Apesar de sua apreensão, Lara é também capaz de perceber as qualidades da filha e de ter uma compreensão intuitiva das necessidades dela (ter um narcisismo assegurado e um ritmo pessoal respeitado). Desse modo, como o fez e como faz em sua história pessoal, ela é incansável, seja para provar o próprio valor (apesar da crueldade com que o mundo às vezes age em relação a ela), seja para tentar evitar que a filha sofra a mesma dor que ela, da inadequação e da incapacidade. Nesse contexto, o trabalho psicoterapêutico parece bastante promissor para essa mãe corajosa e que já mostrou saber recuperar-se dos golpes que sofre.

Narrativa Maria Luísa

Conheci Maria Luísa dois dias antes de nos encontrarmos para realizar o CAT-A. Ela estava com o irmão Daniel conversando com a secretária; esta me apresentou as duas crianças e me disse que

ambas haviam “engolido uma vitrola” (de fato, Maria Luísa e Daniel são bastante falantes). Eles não se parecem nem um pouco um com o outro: ela é loura e tem olhos azuis e ele é moreno de olhos escuros e tem a pele mais escura que ela. Daniel se parece com a mãe, mas Maria Luísa não a lembra nem um pouco. Tanto ela e o irmão são franzinos, mas ela é um pouco mais. Sua pele tem uma cor bonita, como se fosse bronzeada.

A secretária diz a eles que eu vou conversar com Maria Luísa um dia desses. Ela se interessa em saber por que isso vai acontecer e Daniel também. Eu conto brevemente sobre minha pesquisa e digo que já havia conversado com a mãe deles. Maria Luísa não parece muito animada com a ideia de vir falar comigo. Daniel, ao contrário, faz várias perguntas: por que faço a pesquisa, quando conversei com a mãe deles e o que ela disse. O tom de suas perguntas, contudo, parece mais de ansiedade do que uma curiosidade em si. Tenho a impressão que ele quer participar da pesquisa também e eu lhe explico que no momento estou somente conversando com meninas. Maria Luísa, por sua vez, parece bem desanimada e desmotivada.

No dia em que eu havia combinado de encontrá-la, Daniel está na secretaria, queixando-se de dores de cabeça. Ele me vê, eu o cumprimento e ele me faz perguntas sobre a pesquisa novamente. Reitero que vou me encontrar com Maria Luísa e ele quer saber o que vamos fazer. Digo que é uma surpresa e, como ele fica insistindo muito, digo que é uma atividade de contar histórias e, caso ele sinta vontade de participar, eu a farei com ele também, apesar de a pesquisa ser com meninas. O tom de Daniel ainda é de uma curiosidade ansiosa; além de querer participar da pesquisa, tenho a impressão de que ele está bastante preocupado e inquieto sobre o que vou fazer com a sua irmã.

Vou para uma pequena sala e, após conversar alguns minutos com a diretora, ela vai buscar Maria Luísa em sua sala de aula para falar comigo. Maria Luísa chega de mãos dadas com a diretora e aparentemente não está reticente. Todavia, eu soube depois, por intermédio da diretora, que a menina havia dito a ela que não sabia se queria participar da pesquisa ou não.

Maria Luísa está trocando a dentição e usa um aparelho que deforma um pouco a sua voz, porém não a torna incompreensível. Nós nos acomodamos, eu explico a minha pesquisa para ela e conto que fiz uma parte dela na França. Ela não sabe onde fica a França; eu digo que é um país muito distante. (Depois, durante o CAT-A ela volta a me perguntar sobre a França).

Pergunto se ela gosta de animais e ela responde que sim. Explico então a tarefa do CAT-A que vamos realizar e ela se dispõe a começar. Chama-me a atenção o fato de que, apesar de haver conversado poucos dias antes com sua mãe, minha lembrança sobre o que ela disse sobre a filha é escassa. Todavia, não penso que isso seja ruim: vou falar com Maria Luísa de forma menos “contaminada”.

Maria Luísa é doce e colabora, mas suas histórias são rápidas e pouco imaginativas em comparação às das outras crianças que entrevistei. Há pobreza de detalhes e as tramas são simples. De todo modo, ela não me parece pouco envolvida com a tarefa. As duas primeiras histórias são pobres, sem profundidade, todavia, eu não me sinto muito à vontade para explorá-las e pedir mais detalhes.

Sinto que no início nosso contato ainda é um pouco difícil, pois ela parece temerosa. Desse modo, opto por deixá-la mais à vontade, agir com delicadeza e não exigir muito dela, pelo menos de início. Mostro-lhe então o primeiro cartão.

Quadro 1

Maria Luísa observa o quadro em silêncio por 18 segundos e depois me pergunta se pode inventar a estória. Digo que sim e ela inicia o seu relato. “É... é... era uma vez uma galinha, que os filhotes dela tavam comendo, aí ela chegou lá e falou assim ‘Vocês estão comendo bem?’? Aí eles falaram “Sim”, eles falaram ‘Sim’. Aí depois eles foi para fora, brincar, depois a mamãe chamou para eles comer, porque já era tarde. Depois eles foi brincar também. Só. [E o que eles estão achando da comida?] Gostosa. [Gostosa? Tá bom. E um título para essa história, você pode inventar?] ‘A galinha e os filhotes.’ [A galinha e os filhotes. Obrigada.] De nada.” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte

Quadro 2

Ela pega o cartão e imediatamente me pergunta: ‘Como chama isso, tia?’ (Ela me trata como sua professora) [Urso?] Ah, é urso? (Ela fica em silêncio por 8 segundos). Já pode colocar o título? O título ele vai chamar assim ó: ‘O urso e os filhotes’. Eu tô vendo aqui nessa foto que eles estão brincando de... guerra com a corda. Aí o filhinho estava ajudando o papai e o amigo do papai estava ajudando eles, e eles estavam muito cansados. Aí eles estavam puxando, puxando e não conseguia, até que depois ele conseguiu (silêncio de 5 segundos). E eles puxaram e conseguiram... e eles brindaram, os dois. [Quem foi que ganhou?] O papai e o filhin... o amigo do papa... o amigo do papai. [E o amigo do papai qual que era?] (Ela mostra o urso que está sozinho). [E foi o amigo do papai que ganhou?] É. [E como você acha que esses outros se sentiram?] Triste... ta triste. (Ela me devolve o cartão). [Alguma coisa mais?] Não, só isso”. Mostro-lhe então o terceiro cartão.

Quadro 3

Ela olha o cartão por cinco segundos e inicia: “Esse vai chamar assim: ‘O Leão’. O leão... era uma vez um leão e ele estava sentado lá, na cadeira e ele era muito velhinho. Aí, ele tava sentado lá e tava pensando em alguma coisa (ela começa a ficar mais envolvida com as estórias). Ele queria pensar, mas só que ele não conseguia pensar. Aí, ele pensou, pensou, pensou e não conseguiu, até que na última hora ele conseguiu. Aí, ele pensou uma palavrinha, aí depois ele colocou na cabeça e pensou mais uma. Aí ele pensou mais outra, pensou, pensou mais uma, e a outra que ele queria conseguir, ele não conseguiu. Depois no outro dia, ele conseguiu. Só. [Ele tava pensando e no que ele precisava pensar?] Ele queria pensar, ah, é... é... o que que era, ela tava pensando assim, porque aqui tá o ratinho, né? E ele tava pensando onde ele tava, se tava na casa dele ou se tava em outro lugar. [O leão?] É... [Ele não sabia aonde ele estava?] É. [E tava difícil de descobrir então?] Tava. [Precisou se

esforçar, então?] Precisou. [E como que termina a estória?] Terminou que um dia ele conseguiu achar. [E deve ter sido difícil né?] Hum hum.” Ela me devolve o cartão. Eu lhe mostro o seguinte, mas antes mesmo de olhá-lo, ela começa a me fazer perguntas e nós temos o seguinte diálogo:

A: Você foi para onde tia?

V: Para a França.

A: O que tem lá?

V: Lá tem um monte de coisa bonita. Tem a Torre Eiffel, você já ouviu falar?

A: Lá é frio?

V: No inverno é bastante frio, tem neve.

A: Você foi no inverno? Você viu gelo?

V: A neve, vi.

A: Só foi você ou foi mais alguém?

V: Encontrei uma amiga lá, mas depois ela ficou.

Após a minha resposta, ela começa imediatamente a associar diante da imagem do quarto cartão do CAT-A.

Quadro 4

“Ah... o título vai chamar ‘A mãe com os filhotes’, ‘A mãe canguru com os filhotes’. (Maria Luísa parece mais à vontade agora). Era uma vez a canguru mamãe, canguru. Ela ia passear com os filhotes. O filho dela estava andando de bicicleta, o outro bebê estava... como chama isso tia? [A bolsa?] A bolsa. Aí ela foi fazer um piquenique, e era muito longe, e ela não enxergava a cidade, porque sabe aquele verão que fica escuro? Como que fala? [Escureceu cedo?] É! Aí ela não conseguiu enxergar. Aí ela levou um monte de coisa. Aí tava muito frio e ela tava com frio. Até que um dia amanheceu e aí ela conseguiu encontrar, aí demorou um pouquinho. Aí quando ela chegou lá, ela colocou as coisas no matinho e comeu. Aí depois, ela foi embora para casa e foi fim. [Ela se perdeu, então, no começo?] Perdeu. [É duro, isso né?] É. [E você já se perdeu também?] Já. [É duro, né?] É. (Ela fica em silêncio por 8 segundos). Só.3 Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

Ela começa a associar imediatamente. “Vai chamar ‘A família dos macacos’”. Era uma vez uns macacos, né? Aí tinha um casal, o casal tava lá atrás, era a vovó e o vovô. (Maria Luísa está à vontade agora). A mamãe tava lá na frente com o filhote. Até que um dia a vovó estava falando alguma coisa para o vovô, né? Ela tava conversando lá, tomando um café. Até que uma vez a mamãe tava falando com o macaquinho. Ele era muito pequeno, um pouco mais maiorzinho. Aí eles ficaram conversando, todo mundo lá. Até que um dia, aí chegou de madrugada, né, a mamãe acordou, arrumou o café da manhã e bebeu. Depois, eles foi lá passear, e o macaquinho subiu na árvore, aí foi subindo, até que ele achou uma banana e comeu. E falou: “Mãe, olha o que eu encontrei!”. Aí ela falou: “Ah, mas tá

madura, como você vai comer?”. Aí ele foi lá outra vez pegar outra, que não tava, mostrou para a mãe dele e não deu certo. Até que um dia, a avó dele comprou um monte de banana e ele comeu. Aí acabou todas as bananas. Aí eles dormiram e foi fim. É só.”

Ela me devolve o cartão e eu peço a ela que escolha o quadro de que gostou mais e o de que gostou menos. Ela examina as figuras e diz que aquela que ela não gostou muito foi a primeira (da galinha com os pintinhos). Depois diz que a de que mais gostou foi a dos macacos.

Comento que ela havia me contado que se perdeu um dia. Pergunto como aconteceu isso. Ela me explica que se perdeu no *shopping center*. Pergunto se o seu irmão estava com ela e ela responde que sim. Ela conta que sua mãe foi para um lado e seu irmão foi junto, enquanto ela própria ficou para trás. Nesse momento uma moça a encontrou e falou: “Você se perdeu?”. Aí ela respondeu: “Se perdi!”. Aí a sua mãe chegou e a encontrou. Pergunto se demorou muito até que a mãe a encontrasse e ela responde que demorou muito tempo. Comento que deve ter sido muito difícil para ela. Maria Luísa concorda. Pergunto se depois que a mãe a encontrou todos foram embora para casa e ela diz que sim. Ela silencia e eu agradeço por sua participação na pesquisa. Pergunto se ela gostaria de me contar mais alguma coisa ou de saber algo mais antes de encerrarmos, mesmo sobre a França. Ela me pergunta se eu apenas fiquei lá ou se eu dormi. Conto que dormi, porque fiquei bastante tempo por lá. Ela me pergunta novamente o que existe na França e eu falo da Torre Eiffel, do rio Sena, dos museus.

Ela então diz que quer me falar uma coisa. Conta que outro dia ela estava conversando com sua mãe, e que acha que esta deve ter me falado que ela (Maria Luísa) fica com muita dúvida. Repito: “Que você fica com muita dúvida?”. Ela então continua contando que seus amigos, principalmente uma amiguinha, ficam lhe falando coisas. Ela explica que pensou que na sexta-feira podia trazer boneca na escola. Aí essa amiguinha lhe falou assim: “Ai burrinha, não é para trazer!”. Maria Luísa contou então para a sua professora o que a amiga havia dito. Ela conta que tem muita dúvida, de matemática, de português, principalmente de português. Diz que tem dificuldade com os adjetivos, as histórias para ler e depois encontrar resposta. Comento que ela me diz que acha algumas matérias muito difíceis e pergunto se ela esquece muito as coisas. Ela confirma.

Pergunto se há alguma coisa a mais que ela queira me contar. Ela diz que não, mas continua falando de suas dificuldades de aprendizagem e que já havia conversado com a psicóloga da escola sobre isso (Na verdade, durante as minhas idas à escola para a coleta de dados, pude constatar que Maria Luísa vai quase diariamente, por vontade própria, à sala da psicóloga; parece sempre muito ansiosa pelas suas dificuldades de aprendizagem). Ela me conta que está fazendo o reforço da escola, mas que não havia contado para sua mãe que também não conseguia aprender muito com ele. Conta que fez Kumon, mas sua mãe a tirou de lá e ela não sabe o porquê. Diz que nem sempre sua professora pode ajudá-la, pois às vezes há prova. Conta também que sua mãe não sabe que, quando ela tem dificuldade em fazer alguma atividade, ela copia de alguma coleguinha e aí alguém diz: “Olhe lá, ela está copiando!”. Ela explica que copia porque não sabe fazer. Digo a ela que vou conversar com a

psicóloga da escola e ver o que poderemos fazer para ajudá-la; depois eu entrarei em contato com ela e com a mãe, para conversarmos sobre isso.

Termino nosso encontro compadecida por essa garotinha angustiada, cheia de vontade de aprender, sem conseguir fazê-lo e ainda ameaçada de abandono. Marco um horário para conversar com a psicóloga da escola. No dia agendado, ela que me dá as coordenadas do caso: Maria Luísa já havia feito uma avaliação neuropsicológica, sem que fosse encontrado qualquer comprometimento, tendo sido levantada a hipótese de uma inibição de ordem emocional. A psicóloga me conta que Maria Luísa sofreu muito numa ocasião em que a mãe ameaçou tirá-la da escola atual (mas manter Daniel nela) e colocá-la num estabelecimento público devido às suas dificuldades de aprendizagem. A mãe havia sido muito dura e, nervosa, disse à menina que não queria vê-la mais. Maria Luísa passou mal na escola no dia seguinte (chorou o tempo todo) e a psicóloga chamou a mãe para conversar; esta reconheceu ter passado dos limites. A psicóloga também me conta que Maria Luísa já havia ficado uma vez de recuperação em Matemática e que tirou 9,5 na prova. Quem a ajudou a estudar foi o irmão. Ela me conta também que Daniel é muito solícito e protege a irmã: quando ela foi mandada dormir cedo pela mãe no dia da altercação e da ameaça, ele foi dormir junto com ela. Compreendo, então, a angústia de Daniel na ocasião em que eu o conheci e à Maria Luísa: referia-se ao que eu ia fazer com a irmã dele, se eu ia fazê-la sofrer e se a mãe havia me dito de sua ideia de colocar a menina numa escola pública (talvez um temor de que eu pudesse ser a pessoa que iria decidir isso). Compreendo também a reticência de Maria Luísa para falar comigo (embora ela tenha sido muito doce e bem-educada o tempo todo): o medo de ficar para trás, de estar atrasada, enquanto a mãe e Daniel caminham em frente. Combino com a psicóloga de encaminhar Maria Luísa para atendimento psicológico no CPA.

Ao final de minha conversa com a psicóloga, Maria Luísa bate à porta e eu tenho a oportunidade de assistir como ela se comporta diante de sua ansiedade: ela diz à psicóloga que teme não conseguir aprender, fala do seu medo do que vai ocorrer se for mal em uma prova futura, de seu desânimo por ter tirado 5,0 no primeiro bimestre do ano. A psicóloga tenta confortá-la e tranquilizá-la e, como já era hora da saída, vamos todas embora.

Interpretação Maria Luísa

O relato de Maria Luísa ao CAT-A, bem como os diálogos que empreendemos durante o nosso encontro e a relação transferencial que se estabeleceu entre nós, retratam uma garotinha bastante ansiosa, insegura, um tanto deprimida e fatalista, pouco confiante em si mesma, mas ao mesmo tempo bastante batalhadora diante de suas dificuldades escolares e as angústias derivadas delas. Ela entretém um relacionamento especial com seu irmão gêmeo, em que ele a protege e às vezes desenvolve reações específicas à ansiedade da irmã, respondendo defensivamente no lugar dela. Assim, após um contato inicial, que se desenvolveu em um contexto em que Maria Luísa corria o risco de sofrer um repúdio pela mãe dadas as dúvidas sobre as suas capacidades, ele deseja saber com detalhes o que vou

fazer com ela, com receio de que, como psicóloga, meu olhar será avaliativo e deliberativo sobre o destino da irmã. Também é ele, e não Maria Luísa, que desenvolve uma reação psicossomática (a dor de cabeça) no dia em que vou conversar com ela. Assim, mesmo que a curiosidade de Daniel sobre a tarefa que vou realizar com a irmã implique na reivindicação de um tratamento equitativo de minha parte frente aos dois irmãos, ela representa principalmente uma tentativa de proteger Maria Luísa e, talvez de passar pela “prova” que eu a submeteria no lugar dela, possivelmente por se perceber como mais forte que ela. Nesses termos, parece haver certa fluidez dos contornos do *Self* entre as duas crianças. Enquanto a ansiedade e a busca de controle de Daniel demonstram certa esperança de lidar com a ameaça que eu represento, Maria Luísa parece mais fatalista, trazendo consigo a sensação de que nada há a ser feito. Ela permanece desencorajada diante da minha proposta, um pouco submissa, mas também ambivalente: receia as consequências do meu olhar sobre ela, mas também me vê como uma possível fonte de ajuda, identificando-me com a psicóloga de sua escola. É por essa razão que ela resolve vir ao meu encontro, mesmo a contragosto. Com isso, ela é bastante hesitante no início de seu contato comigo, particularmente na primeira estória que conta no CAT-A, mas aos poucos vai ficando mais à vontade, sobretudo em função da evolução do nosso vínculo e da qualidade transferencial (e contratransferencial) que ele vai apresentando. Assim, a última estória que ela conta tem um caráter mais leve e descontraído em relação às demais, denotando o potencial da garotinha para usufruir de uma existência mais criativa, espontânea e sem tantos constrangimentos. Essa condição, contudo, permanece ainda como virtual, já que após a estória, ela, em um diálogo comigo, retoma a experiência inquietante e aflitiva que vive sobre a incerteza de sua condição produtiva e intelectual, e o terror de ser rejeitada e abandonada pela mãe em razão disso.

Se a angústia do abandono é vista por Maria Luísa como uma provável consequência do fracasso na aprendizagem, a ligação entre ambos é bem mais complexa do que isso, sendo que, conforme mostra sua produção no CAT-A, é a relação inversa que ocorre, mediada por seus efeitos na capacidade de simbolização da garotinha. Desse modo, se a hipótese de um comprometimento cognitivo em algum nível (provavelmente leve) não pode ser de todo descartada⁴², caso ele exista, o problema principal que ele impõe parece ser, na vivência da menina, um ritmo mais lento e não uma incapacidade em si (nos quadros 3 e 4, após muito esforço, os personagens são capazes de alcançar os seus objetivos). Nesses termos, a incapacidade da mãe para seguir e respeitar o ritmo pessoal da criança seria considerada por esta como a fonte primeira de suas dificuldades. Assim, a mãe é capaz de acompanhar o irmão em seus movimentos e deslocamentos, mas não a ela. Em consequência, a mãe parte com Daniel e, sendo Maria Luísa mais lenta, ela corre o risco de ficar para trás, sozinha, perdida e desorientada (nesse contexto o relato do episódio de ter se perdido no shopping é emblemático). A

⁴² A ausência de dados mais precisos sobre a natureza da avaliação neuropsicológica que foi feita impede a realização de um diagnóstico diferencial; por isso a possibilidade de existir um déficit cognitivo real não será suprimida aqui.

sensação é a de que, em função do seu ritmo, a mãe a abandona, surgindo o terror de que nenhuma das duas seja capaz de encontrar o caminho da volta e da re-união.

Essa angústia provoca um efeito devastador na capacidade de simbolizar da menina, embora não a bloqueie por completo. A dúvida quanto à possibilidade de retorno da mãe real gera, como consequência uma insegurança quanto à preservação da mãe introjetada que corre, assim, o risco de desaparecer. Diante dessa desconfiança na permanência do objeto interno, a capacidade para a transicionalidade e para a simbolização são comprometidas, uma vez que simbolizar também implicaria abandonar o objeto primário, perdê-lo um pouco em seu processo de substituição por outro. Se Maria Luísa consegue realizar razoavelmente esse afastamento e aventurar-se no mundo exterior (ela fica curiosa sobre o que eu vi de diferente na França), a incerteza ocorre no processo de trazer o objeto de volta para si, na sua assimilação (ou re-assimilação), que não é garantida. Nessas condições os processos introjetivos sofrem (ela não consegue memorizar as informações que aprende). Enfim, de acordo com o mesmo modelo de relação com a mãe externa real, a mãe simbolizada no objeto pode se extraviar e não encontrar o caminho de volta (ver estória contada no quadro 4). Desse modo, aprender seria correr o risco de perder a mãe e de ver a si mesma perdida e desorientada sem ela (quadro 3). Dessa maneira, pouco importa se quem se afasta é a criança ou a mãe, já que o efeito é o mesmo (a mãe não a acompanha).

Nesse processo, o que parece angustiar Maria Luísa é a pouca consolidação de sua capacidade para estar só. Tratando-se o pensamento, conforme exigido por suas atividades escolares, em uma atividade solitária (principalmente no caso das provas, como ela refere) a incerteza da permanência da mãe introjetada fragiliza, do seu ponto de vista, as condições para cumprir a tarefa de integração de sua personalidade. Enfim, não podendo contar com a mãe, ela não pode contar consigo mesma. Dessa maneira, a capacidade para estar só (e para pensar só) é estabelecida sob bases precárias porque a experiência de estar junto (e de pensar junto) é duvidosa. Nesses termos; é curioso notar que as principais dificuldades escolares referidas pela garotinha referem-se a conteúdos que são mais abstratos, que a conduzem mais longe do objeto original (os adjetivos e a Matemática), ou que a obrigam a preencher o espaço (caminho) entre o símbolo e o simbolizado (a interpretação de textos).

Essas angústias e essa dinâmica do *Self* se teatralizam na relação transferencial que Maria Luísa estabelece comigo. São elas que tornam a menina particularmente interessada na minha experiência de haver partido sozinha para outro país. Ela pergunta a si mesma e a mim como pude sobreviver num ambiente teoricamente inóspito, porque, além de ser frio, eu estava muito distante dos meus, e ter permanecido por lá muito tempo (ela quer saber se eu dormi na França). O ponto fundamental para ela, contudo, não foi o fato de eu ter partido, mas de ter voltado, de haver reencontrado o meu lugar, a minha pátria-mãe. Desse modo, é a partir do diálogo que temos após a sua dramática estória ao quadro 3, que ela começa a ficar mais à vontade com a tarefa e conta o que ela compreendeu como sendo a minha história (mas que também é a dela) no quadro 4, com um final feliz de retorno aos seus. Desse modo ela se torna capaz de expressar no quadro 8 a “fantasia de cura” de

suas angústias, a saber, afastar-se da mãe na busca dos objetos que a simbolizam, mas depois poder voltar e reencontrá-la (o macaquinho que sobe repetidamente na árvore para pegar as bananas e depois volta para mostrá-las para a mãe).

Todavia, há dificuldade em tornar real essa fantasia de cura, visto que a mãe ainda bastante crítica com a menina quanto ao sucesso de sua ação na realidade, quanto à adequação dos símbolos que a menina busca⁴³. As censuras maternas, contudo, nem sempre parecem ter sentido (a macaca mãe diz que o filhote que ele não poderá comer a banana porque ela está madura). Todavia a inadequação infantil é sublinhada pela mãe o quê, se não determina na criança um sentimento de futilidade, pelo menos abalam ainda mais as dúvidas que ela tem sobre si mesma. Com isso, Maria Luísa se vê diante de um dilema: se aprender significa perder a mãe, não aprender também implicaria na mesma consequência, conforme descrito anteriormente nesta análise.

Diante desse fogo cruzado, Maria Luísa conta com a figura da avó, que parece oferecer-lhe o *holding* que precisa, apresentando à menina os objetos que ela cria (na estória ao quadro 8, a avó compra as bananas que o macaquinho tenta conseguir por si mesmo e o alimenta). Todavia, a ajuda da avó como figura materna de apoio parece ser insuficiente, uma vez que ela não é muito bem aceita pela mãe (conforme o relato de Lara), que rejeita o estilo de vida da sogra e por vezes estabelece com ela uma relação de competição quanto à maternagem (e à maternidade) da menina. Detalhes adicionais da produção de Maria Luísa ao CAT-A são descritos na análise das estórias a cada quadro, exposta a seguir.

Quadro 1

Nesse momento inicial do nosso contato, Maria Luísa encontra-se ainda um pouco reticente, ambivalente diante de mim. Mesmo assim ela é capaz de produzir sua estória, embora ainda de uma maneira relativamente vaga e superficial. A mensagem transmitida é a de uma mãe capaz de gratificar os filhos exercendo a função de nutri-los, mas que não se encontra muito presente, misturada com eles. Ela opera uma supervisão à distância, deixando-os sós, pressupondo que eles são capazes de realizar por si mesmos as introjeções que ela lhes oferece e preocupando-se se existe algum problema durante a realização desse processo. Quanto às crianças, elas se empenham em agradecer a mãe e aceitam de bom grado aquilo que ela lhes oferece. A mãe é capaz também de estabelecer uma rotina e imprimir um certo ritmo na vida dos filhos, alternando os tempos de contato com ela e os de afastamento (as crianças se alimentam e brincam). Todavia, como os momentos de contato não são caracterizados pela proximidade estreita, este ainda é visto por Maria Luísa como proporcionando uma gratificação apenas parcial. Nesse contexto, ela percebe que o relacionamento com a mãe, conforme os termos do estágio de dependência relativa, ainda deixa um pouco a desejar.

⁴³ O relato da mãe ao CAT-A de que ela teme pelo crescimento dos filhos e que gostaria que eles ficassem sempre pequenos pra que ela pudesse protegê-los poderia esclarecer um pouco essas constantes críticas que ela faz às tentativas de simbolização da filha, que sugerem a gradual aquisição da autonomia da menina e à sua (parcial) substituição na realidade psíquica dela.

Quadro 2

Em seu relato a esse quadro Maria Luísa revela a sua experiência diante dos desafios do mundo. Estes são considerados demasiado grandes e difíceis de serem ultrapassados. A figura paterna é vista como frágil, pouco capaz de ajudá-la a atingir os seus objetivos. A ajuda que ela proporciona a essa figura também não faz diferença, reafirmando o seu sentimento de incapacidade. Assim, mesmo com a união entre ela e o pai e após muito esforço, não há garantia nenhuma dos resultados, o que causa um profundo sentimento de frustração. Diante dessas circunstâncias, as situações de competição geram uma certa ansiedade e devem ser evitadas o máximo possível, substituídas pelas relações de cooperação e solidariedade; todavia isso nem sempre é possível (ela diz no início que o urso adulto que está só, ajudava a díade pai e filho, mas depois se vê obrigada a considerar que a situação ilustrada é na verdade uma disputa).

Quadro 3

O relato de Maria Luísa a esse quadro constitui o momento mais dramático de todo o CAT-A. Assim, em sequência ao discurso sobre o quadro anterior, ela retoma a questão da fragilidade do personagem (o leão é velho) e sua extrema dificuldade de simbolizar, para preservar os símbolos em sua realidade psíquica (introjeção) e para associá-los uns com os outros. Se ele obtém algum sucesso nessa empreitada, é apenas após um esforço supremo e demorado; assim, ele nem sempre vem no momento necessário, no ritmo desejado⁴⁴. A dificuldade de pensamento é imediatamente associada por Maria Luísa a um sentimento de desorientação, não como sua consequência, mas como sua origem. Assim, o leão encontra-se em um ambiente não familiar (ao lado de um ratinho e não de outros leões) e, angustiado por não estar em seu lugar, deve pensar, imaginar como chegou lá e como deverá fazer para voltar. É a intensidade dessa angústia e a incerteza do sucesso de poder retornar aos seus que provoca a inibição do pensamento. São essas aflições que levam Maria Luísa a iniciar comigo o diálogo que tivemos sobre a minha estadia na França, sobre o que ela imaginava que tivessem sido os meus receios e a minha solidão (ou os meus receios causados pela minha solidão). O que, contudo tem um efeito decisivo sobre ela foi a constatação de que eu havia encontrado o caminho de volta do inferno do exílio, que eu havia sobrevivido à dura prova da separação. Essa será a temática da sua estória ao cartão seguinte do CAT-A.

Quadro 4

Nesse momento, em resposta à nossa relação transferencial, Maria Luísa conta como sua estória a minha história, representando-me como a mamãe canguru, que se distancia das suas raízes, do seu lugar, que vai para muito longe e se perde de si e dos outros. A mãe canguru fica desorientada

⁴⁴ Ver que no relato da mãe, ela diz que sabe que a filha é capaz de fazer as coisas, mas que pode ficar bloqueada diante da pressão do outro.

(escurece e ela não pode ver mais a cidade) e é obrigada a permanecer num ambiente inóspito (frio) por certo período de tempo, distante do aconchego do lar. Todavia, ela sobrevive às suas angústias e, após certo tempo, consegue encontrar o caminho de volta. Nesse momento, mais segura de que pode distanciar-se, mas também voltar, ela se torna capaz de realizar introjeções e de simbolizar (quando ela volta para casa, ela come o que havia levado para o piquenique). Em suma, é aqui que Maria Luísa mostra que a base para a simbolização consiste na segurança da imagem introjetada da mãe e esta, por sua vez, depende da certeza de que a mãe real não vai se perder, nem se extraviar, mas que mesmo que se afaste, ela voltará. Essa descoberta promove uma mudança importante na realidade psíquica da menina, que ela manifestará na estória que conta ao quadro 8 do CAT-A.

Quadro 8

O conteúdo da mensagem transmitida nesse quadro por Maria Luísa é bastante semelhante àquele que ela expressou no cartão 1, ou seja, a realização de introjeções e de simbolizações da figura materna (a comida), enquanto a mãe supervisiona a criança de longe. Porém, a evolução de nossa relação transferencial e o trabalho de elaboração psíquica que a garotinha foi realizando ao longo do CAT-A, mostra uma mudança essencial em termos de sua atitude diante da conduta da mãe de supervisão à distância, própria da etapa da dependência relativa. Essa mudança parece ter sido a responsável pela escolha de Maria Luísa do quadro 1 como aquele de que ela menos gostou e do 8 como aquele de que mais gostou. Desse modo, no relato a este último quadro, mais assegurada sobre a capacidade da mãe de retornar após distanciar-se e contando ainda com a presença de uma figura materna suplementar (a avó), Maria Luísa consegue, ela mesma esboçar movimentos rumo a uma independência relativa, ela própria afastando-se e reaproximando-se da mãe que estará por lá, mesmo esta ainda sendo crítica (e nem sempre com razão) quanto à capacidade da menina de se autonomizar. Se a mãe não pode arrefecer-lhe todo o *holding* que ela necessita, a avó pode vir em seu socorro, garantindo-lhe que, mesmo diante de seus eventuais fracassos em viver de forma autônoma, ela estará por lá, por perto, para atender as suas necessidades e compensar as suas falhas próprias à sua condição de criança.

Em resumo, os relatos de Maria Luísa ao CAT-A mostram que ela é uma garotinha que, em termos do amadurecimento do *Self*, encontra-se no estágio de dependência relativa, embora apresente uma série de inseguranças em relação ao modo de viver essa etapa de sua vida. Ela vem sendo capaz de realizar as tarefas de integração, personalização e realização, embora sinta que essas aquisições encontram-se ainda pouco consolidadas e podem se perder eventualmente diante de acessos de angústias da menina. Estes, por sua vez, referem-se a um temor bastante específico: o de ser abandonada pela mãe, que segue em frente com o irmão sem atentar para o seu ritmo, um pouco mais lento que o materno e o fraterno. A incerteza sobre ter a mãe sempre presente ao seu lado, auxiliando-a nas complexas tarefas do desenvolvimento emocional colocam em risco a sua capacidade de introjetá-

la e de simbolizar, responsáveis diretas (e talvez únicas) de seus problemas de aprendizagem. Enfim a angústia do abandono parece ser a raiz de suas dificuldades escolares.

Essas características psicodinâmicas sugerem que Maria Luísa tenha passado por uma experiência de separação da mãe por um período longo, sendo que a sua capacidade de mantê-la na lembrança quase se perdeu também (talvez o dia em que ela se perdeu no *shopping center* ou mesmo outra ocasião, mais antiga). A preservação da capacidade de simbolização na ausência (ou quase ausência) do objeto primário é praticamente impossível e, quando ocorre, significa também a indisponibilidade dele (o símbolo substituindo o simbolizado). Nessas condições, introjetar e simbolizar significariam também aceitar um certo tipo de perda materna, o que Maria Luísa ainda não tem condições de fazer. A situação se complica porque as reações da mãe frente às dificuldades da filha também implicam numa ameaça de abandono, o que a deixam num dilema sem solução, já que ela corre o risco de perder a mãe se aprender ou se não aprender. Com isso, nada mais resta à garotinha que trapacear (copiar a lição de outra criança) para apaziguar a mãe e a si mesma. O trabalho de elaboração emocional que Maria Luísa realizou ao longo do CAT-A mostra, no entanto o potencial afetivo e intelectual da menina, bem como sua capacidade de ultrapassar os focos nodais de suas dificuldades, o ponto em que seu desenvolvimento arrisca ser congelado. Nesses termos, um processo terapêutico (o que foi indicado para a criança) poderia auxiliá-la na retirada dos obstáculos que tem tornado o seu processo de amadurecimento emocional particularmente penoso.

Síntese Lara e Maria Luísa

Os relatos de Lara e de Maria Luísa ao CAT-A mostram que elas compõem uma díade que, apesar dos esforços de ambas as partes, apresenta algumas dificuldades para se compreender e estabelecer uma relação harmoniosa. Embora a relação amorosa entre as duas seja patente e indiscutível, a mãe tentando ajudar a filha e esta buscando agradá-la, o vínculo sofre em razão de as duas não se encontrarem no mesmo lugar na maior parte das vezes. Nesses termos, Lara apresenta alguns entraves para se adaptar ao ritmo da filha em razão de duas razões fundamentais inter-relacionadas.

A primeira delas refere-se ao fato de que, apesar de ter filhos gêmeos, há uma diferença importante na velocidade do desenvolvimento de cada um deles. Enquanto Daniel segue rapidamente e com fluidez na aquisição das habilidades que são socialmente esperadas para uma criança de sua idade, Maria Luísa é mais lenta. Com isso é exigido de Lara uma dupla adaptação, mas cada uma com características diferentes, embora os filhos tenham a mesma idade, exigência esta que à qual ela nem sempre consegue responder. O motivo desse embaraço repousa em uma psicodinâmica particular, resultado de suas experiências infantis junto à própria família de origem, que se constitui, ao mesmo tempo, na segunda razão da deficiência da capacidade de se adaptar ao ritmo da filha: a existência de uma diferença de status entre a criança do sexo masculino e a do feminino.

Lara parece ter vivido em um contexto familiar em que o homem teria direito a um narcisismo próprio e ao respeito dele por parte do outro, particularmente da mãe. À menina, ao contrário, caberia a submissão, a aceitação de uma realidade compartilhada que nem sempre consistiria em um prolongamento da criatividade primária. Se essa descontinuidade não apresentou proporções suficientes para que Lara desenvolvesse uma sensação de completo estranhamento entre si mesma e o mundo (passível de conduzir mesmo ao autismo), sem dúvida ela contribuiu para o surgimento de uma profunda desconfiança em si mesma e o receio constante de desadaptação, de não ser boa o suficiente para dispor de uma existência produtiva no mundo. Diante desse contexto, o erro cometido, as falhas inerentes à sua condição humana assumem proporções dantescas e intensificam os seus sentimentos de menos valia.

As dúvidas de Lara quanto à sua capacidade e à sua criatividade, intensificadas que foram pelo rigor e intolerância dos que a rodeavam e por sua legitimação por parte de profissionais de competência duvidosa, estenderam-se por suas tentativas passadas e presentes de maternidade. Foi assim, após duas gestações fracassadas que ela finalmente consegue dar à luz duas crianças lindas e saudáveis, o que infelizmente não bastou para colocar um ponto final em suas inseguranças quanto ao próprio valor. É nesse quadro que as dificuldades da filha e o seu sentimento de impotência para ajudar a menina recolocam Lara frente a frente com as inquietudes quanto à sua capacidade, mas, acima de tudo, com o temor de que a filha também tenha a sua autoestima abalada e se sinta inferior aos outros, como ela mesma. Assim, embora ela seja capaz de perceber que a filha é diferente (conforme ela deixa claro em seu relato ao quadro 1 do CAT-A), a dificuldade em acatar e responder ao narcisismo da menina a impedem de auxiliá-la.

Por sua vez, Maria Luísa revela as consequências dessa dificuldade da mãe sobre o seu processo de amadurecimento emocional. A incapacidade de Lara de seguir o ritmo da garotinha a assombra com a consequência de ser deixada para trás, esquecida, de perder a mãe e, em consequência de se perder, ficando totalmente desorientada. Por isso suas incursões ou excursões no estágio de dependência relativa são vividas por ela como perigosas, com o receio de que o afastamento parcial da mãe real implique em nunca mais encontrar o caminho de volta. Com isso, a aprendizagem, significando a aquisição gradual da autonomia fica prejudicada porque significa a possibilidade de perder a mãe e ver-se sozinha e desamparada no mundo. A capacidade simbólica, implicando na substituição da mãe e, portanto, na sua perda parcial, sofre, assim, uma inibição importante.

Nesse contexto, se a dificuldade da mãe em acatar o narcisismo da filha conduz à dificuldade de aprendizagem como forma de evitar o abandono, Maria Luísa deve, contudo, fazer face a outro problema igualmente grave, já que não aprender também significa perder a mãe (Lara diz à filha, após o mau resultado na prova de Matemática, que não quer mais vê-la; o pai reage de forma parecida dizendo que preferia ter ido à faculdade para não ver o fracasso da menina). Diante disso, ela permanece num dilema sem solução. É na relação transferencial que ela estabeleceu comigo que ela mostra que sua capacidade de superar essa contradição tem como condição o asseguramento da

permanência da mãe no mesmo lugar, disposta a recebê-la e a acolhê-la após suas pequenas expedições pelo mundo. Seria a certeza de que a mãe não vai partir também e deixá-la só, que ela vai respeitar o seu tempo, que aliviaria a garotinha e permitiria a continuidade de seus processos de desenvolvimento.

Desse modo, mesmo que a mãe não seja capaz de oferecer-lhe o *holding* suficiente e de valorizar as pequenas aquisições que faz, dado os próprios limites desta quanto à valorização das conquistas femininas (na estória contada ao quadro 8 do CAT-A a mãe é crítica em relação ao filho, mesmo sem muita razão), Maria Luísa pode contar com uma importante figura materna suplementar, a avó, que garantirá o atendimento de suas necessidades. Todavia, as disputas entre a mãe e a avó e o difícil entendimento entre elas (provavelmente porque a avó usufrui de seu narcisismo de uma maneira que toca a trama emocional de Lara descrita acima) restringe de maneira significativa as chances de Maria Luísa aproveitar essa importante fonte de apoio.

Em resumo, Lara e Maria Luísa formam uma díade que, apesar dos esforços de ambas as partes, têm enfrentado dificuldades importantes no que tange à possibilidade de realizarem encontros emocionais genuínos. Esses entraves ocorrem, sobretudo, devido à deficiência de sintonia entre os ritmos da mãe e da criança. Se tal desarmonia não impossibilitou a criança de cumprir as tarefas de integração, personalização e realização, ela tem sido pelo menos responsável por um sentimento de falta de consolidação dessas capacidades. A angústia de Lara e sua capacidade de se refazer após sofrer golpes por vezes muito duros da vida, aliada à flexibilidade emocional de Maria Luísa, que ela demonstrou ao longo de sua relação comigo no CAT-A revelam que ambas poderiam se beneficiar bastante bem de um processo psicoterapêutico, que permita a ambas um maior usufruto da criatividade primária e alcançar uma existência mais livre e espontânea, com menos tensões e maior confiança em si mesmas.

APÊNDICE CJ - Díade Jordana e Alice

Identificação

Jordana: 30 anos

Estado civil: casada

Grau de instrução: médio

Nível socioeconômico: médio

Filhos residentes na casa: Alice, 10 anos; Renan, 3 anos

Criança estudada: Alice

Ordem das entrevistas: 1) Jordana

2) Alice

Narrativa Jordana

Meu contato com Jordana teve características um pouco diferentes daqueles que tive com as outras mães. Embora ela também tivesse sido indicada pela diretora da escola para participar da pesquisa, houve um empenho extra de sua filha Alice para que isso se efetivasse.

Conheci Alice antes de Jordana, por puro acaso. Ela estava junto com Maria Luísa e Daniel na recepção da escola, quando eu os encontrei pela primeira vez. Enquanto eu explicava a minha pesquisa para Maria Luísa, para convidá-la a participar dela, e Daniel, ansioso, enchia-me de perguntas, Alice se mostrou bastante curiosa e começou também a pedir esclarecimentos sobre o meu trabalho. Ela pediu para também participar da pesquisa; respondi que isso era possível, mas antes eu precisaria pedir autorização de sua mãe. A secretária da escola, que acompanhava a nossa conversa, se prontificou a pegar a ficha da menina com os telefones e a própria Alice me deu um número para ligar para sua mãe naquele mesmo dia.

À noite telefonei para Jordana, contei-lhe o ocorrido e fiz o convite para que ela participasse da pesquisa. Embora ela tenha concordado em participar e apresentasse um tom de boa vontade, tive a impressão de que ela fazia isso, sobretudo, para satisfazer a filha. Quando comecei a explicar a pesquisa em maiores detalhes para Jordana, ela disse que já sabia do que se tratava, pois Alice havia lhe contado. Combino então de encontrá-la na semana seguinte e ela me diz que Alice está ao lado do telefone, ansiosa, querendo saber qual será o dia em que ela mesma virá falar comigo. O empenho e a vontade de Alice me surpreendem; fico curiosa e cheia de expectativas sobre o que se passa com essa díade.

Meu encontro com Jordana ocorreu antes do que aquele com Alice, num final de tarde. Ela é uma mulher jovem (bastante para ter uma filha de 10 anos), de pele morena, cabelos compridos e escuros, olhos também escuros: parecia-se pouco com a filha, que é loira e de olhos verdes. Jordana é alta e magra, veste-se com zelo, mas com simplicidade, não havendo toques pessoais no seu trajar. Tem ares de uma mulher moderna, é relativamente bonita, mas parece um pouco tensa.

Nós seguimos juntas até a sala da psicóloga da escola, explico a pesquisa e maiores detalhes e ela assina o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Pergunto quantos filhos ela tem e ela responde que tem dois: Alice, de 10 anos e Renan, de 3. Peço então a ela que, antes de começarmos a ver os cartões, me conte um pouco sobre como é ser mãe de Alice.

Jordana diz que ser mãe de Alice é muito bom, corrigindo em seguida que ser mãe é ótimo. Ela diz que ser mãe de Alice é muito especial, pois ela é uma menina muito inteligente e comunicativa. Jordana acha que o único problema que a filha tem é que a menina conversa com os outros como um adulto. A mãe conta que leva a filha na pediatra e que esta sempre diz para a Alice conversar como criança, porque ela parece uma mocinha conversando. Repete que a menina é bem adulta, mas que ela é uma filha é ótima e excepcional, pois ajuda a cuidar do irmão muito bem, dá banho nele e faz tudo por ele. Diz que ela é uma filha extraordinária, que não tem nenhuma reclamação quanto a ela. Diz que o único problema que enfrenta com a menina é na escola, pois estava apresentando algumas dificuldades e no terceiro bimestre teve algumas notas vermelhas. Diz que agora a menina melhorou e se recuperou, fora isso, ela é excelente.

Jordana conta que trabalha na Fundação Casa, na área administrativa e, por isso, a filha fica com a avó materna o dia todo. Diz que ela tem uma ótima educação, pois a avó não a estragou, mas a deixou bem (ela ri). Jordana conta que a avó busca a menina na escola e fica o resto dia com a criança em sua casa (da avó). Jordana conta que quando sai do trabalho, busca Alice na casa da avó e depois pega Renan na creche. Quando está de carro, ela inverte, e pega primeiro o garoto na escola e depois passa na casa da mãe para buscar a menina. Depois, eles ficam em casa, onde moram os quatro: Jordana, seu marido e os dois filhos. Jordana conclui dizendo que é tudo certinho, tudo ótimo.

Ela silencia e eu pergunto se ela gostaria de dizer mais alguma coisa. Ela responde que não se lembra de mais nada, que não há nada de diferente. Ela silencia novamente e então eu a convido a ver os quadros do CAT-A. Digo que, ao longo de nossa tarefa, se ela se lembrar de mais alguma coisa, ela poderá dizer. Ela concorda e, rindo, conta que a filha lhe disse uma coisa antes de ela vir falar comigo. Jordana me conta que quando Alice era pequena, ela e o marido brigavam muito. Diz que eles ainda brigam bastante, mas que antes brigavam ainda mais. Jordana ri e diz que no dia em que eu telefonei para ela, Alice lhe disse para me contar que ela e o marido brigam. Jordana continua rindo e diz: “Tadinha!”. Acrescenta que quando a filha vir falar comigo, ela vai me contar sobre isso. A mãe diz novamente que eles brigavam bastante, mas que agora melhorou. Pergunto há quanto tempo eles são casados e Jordana responde que faz 10 anos. Ela conta que o começo do casamento foi conturbado, pois ela tinha 19 anos, ele tinha 18. Nessa ocasião, e ela estava grávida de 4 meses, sendo que casou em fevereiro e a filha nasceu em julho. Repete que no início foi conturbado, mas que depois, felizmente deu certo. Ela silencia novamente e eu lhe proponho vermos os cartões. Ela aceita e eu lhe mostro o primeiro.

Quadro 1

Jordana observa a figura e fica em silêncio por 11 segundos. Depois, me pergunta se eu vou questioná-la ou se ela deve falar alguma coisa. Eu começo a responder e ela me interrompe perguntando: “É o que eu entender?”. Digo que sim e ela começa a associar imediatamente. Ela diz que o quadro se trata da mãe alimentando os seus filhotes ou, pelo menos, administrando, controlando a alimentação deles. Pergunto então como é ser mãe da Alice e Jordana me interrompe perguntando se é na alimentação. Sem esperar minha resposta, ela conta que ela participa da alimentação de Alice mais aos finais de semana, porque em casa, à noite, muitas vezes eles não fazem comida, mas comem mais lanches. Diz que Alice é super comportada e a ajuda a dar a alimentação para o irmão e se alimenta direitinho. Diz que a filha não lhe dá trabalho, que é muito boazinha. Acrescenta que a menina sempre foi “mais na dela”. Jordana conta que quando teve Renan, ela viu que ele era o oposto dela, que sempre foi comportada. Jordana diz que o quarto da filha não é muito organizado, que ela deixa a desejar nesta parte. Contudo quando ela pede para a menina arrumá-lo, ela o faz, passa pano, tira o pó, faz tudo. Diz que às vezes a filha liga para ela no trabalho e diz que vai para casa. Lá a menina passa roupa, limpa o chão e lava louça, sendo bastante dedicada. Diz que a filha a ajuda demais, principalmente com o irmão. Conta que quando Alice chega em casa e vai tomar banho, Renan quer ir com ela. Ela dá banho nele, troca as suas roupas, põe filminhos para ele assistir. Jordana conta que o garotinho dorme com a irmã, porque tem uma cama de casal e que ele é o “xodozinho” dela. Repete que a filha cuida direitinho do irmão, que é uma ótima menina. Ela diz que a filha é bem adulta, que tem uma consciência muito avançada para a idade dela. Diz que apesar de brincar de boneca e ter as suas horas infantis, ela é bem mais mocinha. Ela silencia e eu pergunto se ela gostaria de acrescentar alguma coisa. Ela diz que não e me devolve o cartão. Eu então lhe apresento a segunda figura.

Quadro 2

Jordana chega o cartão e, imediatamente, em tom interrogativo, diz que é medindo força ou ficando do lado de um ou do outro. Ela ri e diz que o que ela está entendendo é a filha ficando ou do lado do pai ou da mãe. Acrescenta um “Será?”. Pergunto para ela se é isso o que a figura a faz lembrar, porque se trata realmente do que a pessoa vê. Ela diz que acha então que é sim, pois os dois estão grandes, então são o pai e a mãe e ela (Alice) ficando do lado. Pergunto do lado de quem Alice costuma ficar e Jordana, após hesitar, responde que a filha a defende muito, mas que a menina puxa muito o partido do pai, que fica mais do lado do pai. Conta que às vezes a filha fica do seu lado na frente do pai, mas conversa com ela depois, corrigindo-a e defendendo o pai. Explica que quando a filha não está de acordo com ela, vem e lhe fala privadamente, mas na hora da discussão, ela fica do seu lado. Comento que parece que a menina fica preocupada e busca conciliar o casal. Jordana concorda e conta que quando o marido faz alguma coisa que ela não gosta e fala isso para ela por telefone, quando ela chega em casa e conta para a filha, esta pergunta se ela vai brigar com o pai, pois

ela tem medo que isso aconteça. Diz que é isso e me pede que, quando eu for conversar com a menina, que eu pergunte sobre esse assunto, porque aí a filha vai se abrir e que isso vai ser bom para ela. Jordana conta que levava a filha em uma psicopedagoga por indicação da outra escola que ela estudava, porque a menina estava com dificuldades de aprendizagem. Conta que a filha fez 20 sessões e não pode continuar porque o tratamento não era coberto pelo convênio médico. Ela conta que o processo foi muito bom para a filha, que ela adorava ir à psicóloga. Conta que há um tempo a menina pediu-lhe para ir novamente fazer o tratamento. Jordana diz que está pensando em levar a filha em uma psicóloga, pois acha que é muito bom porque ela conta os problemas e que ela gosta e gosta de conversar. O problema que ela tem, contudo, é o fato de seu convênio não cobrir esse tipo de atendimento. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o terceiro.

Quadro 3

Ao ver o terceiro cartão Jordana diz imediatamente: “É o chefe da casa?”. Em seguida ela confirma que se refere ao chefe da casa, que, no caso, é o seu marido Renan. Ela conta que ele é um pai excelente e muito bom, que é sistemático, o que ela acha bom, pois ele cobra os estudos da Alice. Ela conta que às vezes chega em casa e o marido a cobra por não dar suficiente atenção à menina. Jordana se justifica dizendo que ela chega em casa e já busca o filho, que exige muito dela. Explica que quando chega ainda tem o trabalho doméstico para fazer e que não tem tempo de cobrar da filha, de olhar os seus cadernos e agenda. Como ela não estava conseguindo fazer isso, o marido assumiu essa tarefa e que o marido já tem mais tempo de fazer isso, sendo bastante rigoroso com a menina. Ela diz que ele é rigoroso com roupas e com horários, fazendo-a ir para o quarto no horário determinado. Ela repete que ele é rigoroso, mas que é um pai excelente. Fala que tem amigos do casal com quem a filha se dá bem e que por isso ela abraça, mas o pai não gosta disso. Ela conta também que ele é muito ciumento, tanto com ela, quanto com a filha e que ela acredita que a filha vai sofrer para namorar. A mãe diz novamente que o marido é um ótimo pai e um ótimo marido e que ela não tem do que reclamar. Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 4

Jordana fica em silêncio por 8 segundos e depois diz: “Estar sempre com a mãe? Seguindo a mãe? Acompanhando a mãe?”. Em seguida diz que os filhos são o seu grude, que onde ela vai, eles vão com ela. Jordana diz que agora que está crescendo às vezes a filha não quer ir junto com ela em alguns lugares. Exemplifica que no último final de semana ela chamou a filha para irem juntas ao centro, mas a menina preferiu ficar em casa para fazer as unhas porque tinha uma apresentação na escola. Todavia, a menina gosta sempre de acompanhá-la e que vai junto com ela a todos os lugares. Diz que é muito difícil a filha ficar sozinha, mesmo porque ela (Jordana) não deixa isso acontecer, porque elas já ficam a semana inteira longe e no fim de semana não tem sentido a menina não quer fazer um passeio junto com ela. Jordana repete que nunca foi de deixar a filha em casa, que sempre a

leva nos lugares, desde quando ela era pequena. Diz que é isso que entende do cartão. Comento: “Um momento de vocês...” e ela me interrompe e diz: “Ah, lazer! É um momento de lazer aqui?”. Depois continua dizendo que eles têm momentos de lazer todos os finais de semana. Contando que a família tem um rancho que compraram há pouco tempo e que vão muitos fins de semana para lá. Contudo, às vezes Alice não quer ir junto, porque lá não tem ninguém de sua idade e porque os pais passam o tempo fazendo reparos necessários no local e fazem churrasco. Então, para a filha não tem muita diversão, apesar de o irmão estar também lá e de haver ainda o filho de um amigo do casal que comprou o rancho junto com eles. Ela diz que a filha tem carência de ter amigas da idade dela no rancho, o que faz com que os pais chamem amigos que têm filhas da mesma idade dela. Mesmo assim, Alice sempre acompanha os pais. Jordana conta que ela e o marido levam os filhos no parque, no *Mc Donalds*, no shopping, pois Alice gosta. A mãe diz que leva a filha a todos os lugares que a menina pede para ir, e que acredita que a filha não tenha complexos ou críticas com relação a isso. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

Jordana observa o cartão e fica em silêncio por sete segundos. Depois pergunta se a figura é referente à família. Ela ri e diz: “Ah, meu Deus, não sei!”. Em seguida diz que entende que seja uma reunião de família. Após cinco segundos de silêncio ela diz que pode ser também um casal criticando a educação da criança. Como sua fala tem um tom interrogativo, digo a ela que existem diversas possibilidades. Ela então diz que se for em termos de família, a família dela e a de sua sogra é bastante unida. Diz que eles se reúnem e que todos se dão bem. Faz a ressalva de que somente o sogro é um mais isolado porque é separado de sua sogra. Ela conta que sua família não vai à casa do seu sogro, porque ele é casado com uma mulher com quem seu marido não se relaciona bem. Ela diz que o sogro trabalha em um supermercado em que eles sempre vão, e lá, a filha conversa com o avô. Assim, há comunicação, mas não muita. Já quanto à sua família de origem, Jordana conta que é muito próxima da mãe e que ela, o marido e os filhos estão sempre na casa dela, que almoçam juntos todos os finais de semana em que não vão para o rancho. Diz que é mais difícil ser próxima da sogra, pois ela trabalha durante a semana e vai para a casa de seu namorado aos finais de semana. Jordana diz que a família tem amizade com o namorado da sogra, mas que eles não vão muito a casa dele, mas isso não é por falta de intimidade que isso ocorre. Jordana conta que a Alice fica com sua avó (materna), seu avô e seu bisavô, que agora mora junto com a avó. Diz que a menina se dá muito bem com o bisavô, mas tem alguns atritos, pois ela é muito enérgica e, como ele é mais tranquilo, às vezes fica nervoso com ela. Todavia, fora isso, é tudo ótimo. Pergunto como são esses momentos de reunião familiar. Ela diz que isso acontece mais no horário de almoço e conta que a última reunião ocorreu no domingo anterior, quando eles também almoçaram com o seu irmão, a cunhada, a sobrinha, e com sua irmã que é solteira. Diz que tudo é bom e que seu marido não tem nenhum problema com a sua família e fica tudo muito bem.

Jordana e devolve o cartão e fica em silêncio por seis segundos. Digo que nossa atividade chegou ao fim e pergunto se há algo mais que ela gostaria de falar. Ela pede então que, quando eu for conversar com a filha, que eu a “puxe” um pouco para que ela me comunique alguma coisa que seja bom falar (à Alice) para que a menina melhore. Pergunto a Jordana se há alguma coisa que a preocupa no momento. Ela hesita e responde que não, mas que fica um pouco receosa pelo fato de a filha ter participado de muitas brigas entre ela e o marido quando pequena. Contudo, como isso já ocorreu há muito tempo, ela acredita que se fosse para a filha apresentar algum problema, isso já teria acontecido. Comento que essa é uma preocupação dela e Jordana diz que gostaria que a filha se abrisse (seu tom é de uma tentativa não muito bem sucedida de despreocupar-se).

Ela diz que depois que Renan nasceu, ela (Jordana) dá muita atenção a ele, “mais, é lógico, porque ele é pequeno”. Conta que muitas vezes o menino entra em atrito com a irmã e que às vezes Alice tem razão. Contudo, pelo fato de o menino ser pequenininho, ela explica isso para a filha. Jordana conta uma situação em que a filha queria assistir um filme e o irmão queria assistir outro. Então ela pede para a menina colaborar e deixar o irmão assistir o que quer. Alice então lhe responde que é por isso que o menino está mimado e diz que a mãe não gosta dela, mas somente do irmão. Jordana diz então que Alice tem uns momentos de carência e que não sabe até que ponto isso está prejudicando a filha; então, pode ser que comigo, a menina irá se abrir. Comento que essa é outra preocupação dela. Jordana conta que se pergunta se está fazendo certo ou errado. Diz que há uma moça que trabalha com ela e que é psicóloga; esta muitas vezes lhe diz que ela só fala do filho, mas não de Alice. Jordana se justifica dizendo que isso acontece porque, sendo pequenininho; ele chama mais a atenção do que ela, pois ele vive fazendo brincadeiras. Ela exemplifica me dizendo que havia falado dele para mim, mas isso é porque ele chama mais a atenção e requer muito mais atenção do que ela. Jordana diz que percebe que às vezes Alice fica ressentida com isso. Jordana diz que fica preocupada que a filha pense que ela não gosta dela. Diz que às vezes abraça o filho e Alice lhe diz: “Tá vendo? Você não me abraça mais.”. Jordana diz: “Mas é diferente, né? Quando é pequenininho... ah, tadinho, me dá uma dó!” (ela fala com ternura). Diz em seguida que ama Alice como ama o filho. Conta que ainda fala para a filha que a ama mais que a ele, porque ela veio antes. Conta que diz isso porque a menina lhe pergunta se gosta mais dela ou do irmão. Quando Jordana responde que gosta dos dois igualmente, a filha diz que não, que ela tem que gostar mais de um. É aí que ela lhe responde que gosta mais dela porque ela veio antes. Diz que a menina tem essa preocupação e o menino ainda não tem. Ela diz que é isso. Eu agradeço a ela pela participação e pergunto se ela gostaria de acrescentar alguma coisa. Ela diz que não e nós nos despedimos.

Interpretação Jordana

O relato de Jordana ao CAT-A revela que por trás da aparência de mulher moderna e segura de si, encontra-se uma jovem mãe bastante angustiada que experimenta dúvidas importantes quanto à sua capacidade de amar e de ser devotada à sua filha. Essa desconfiança do próprio amor maternal

estende-se a seu passado e prossegue assombrando o seu presente, desencadeando um doloroso sentimento de culpa que Jordana busca aliviar por meio de ensaios de reparação nem sempre bem sucedidos. Seu acordo em participar da pesquisa, assim, parece ter-se constituído em uma tentativa de fazer algo pela filha, de atender a um desejo dela, mostrando para a filha (e para si própria) o quanto ela é importante em sua vida. É nesse momento que o seu amor maternal aparece pela primeira vez e ser ratifica ao longo de nossa conversa, quando ela pede com certa insistência, que eu de alguma maneira provoque a sua filha para que ela me conte sobre os seus possíveis sofrimentos decorrentes das disputas entre os pais. Assim, Jordana é capaz de ultrapassar a sua ambivalência para comigo, seu receio de ser julgada por mim, não se importando se será exposta ou “condenada”, desde que eu, como psicóloga possa fazer algo para ajudar a cicatrizar as feridas que ela acredita que a filha tem.

Por trás de um discurso razoavelmente despreocupado, o sentimento de Jordana é o de ter falhado como mãe de Alice desde o início da vida da menina, não lhe oferecendo o *holding* que ela precisava e precisa até hoje (a menina se queixa que a mãe abraça somente o irmão) nem a protegendo dos terremotos que assolavam e ainda assolam a vida do casal. Embora diga para si mesma que o passado já foi superado e que as condições de vida do casal e da menina melhoraram, não consegue convencer-se disso. A situação se agrava um pouco mais por ocasião do nascimento de seu filho mais novo: ao se dar conta de sua capacidade de se devotar, automaticamente percebe que com Alice a relação foi e é diferente. Sua justificativa de que essa diferença se deve ao fato de que o menino é pouco mais que um bebê e, assim, precisa mais dela, também não a persuade. Ainda, ela encontra no olhar ciumento da menina em relação ao irmão, na crítica de seu marido e na observação de sua colega de trabalho uma espécie de comprovação objetiva de seu sentimento de favorecer afetivamente seu filho mais novo em detrimento da garotinha.

Essa situação toda conduz Jordana a se interrogar até que ponto ela foi e vem sendo de fato uma mãe para sua filha. Ela percebe que as circunstâncias em que a chegada da menina ocorreu não foram das melhores: ainda adolescentes, ela e o marido são surpreendidos por uma gravidez que os obriga a um casamento para o qual nenhum dos dois parecia estar preparado. Num momento de constituição da identidade em que a oposição ao outro carrega um forte valor evolutivo, a relação a dois sofre e, a três, se torna de mais a mais complicada. Desde aqui Jordana sente que, ao invés de proteger o seu bebê, ela expôs a menina, não lhe oferecendo a confiança de um ambiente familiar estável. Diante de um marido que ela considera bastante exigente, Jordana parece ter tido dificuldades em conciliar suas novas responsabilidades de esposa e mãe. Escondida sob a aparência de uma mulher prática, sua sensação é a de sempre ter tido pouco a oferecer à filha (ela faz apenas um lanche à noite para a menina e o marido e não cozinha nos finais de semana, preferindo ir almoçar na casa de sua mãe). Sua relação com a filha foi e é mais à distância (no relato ao quadro 1, ela diz que a mãe administra, controla a alimentação dos filhos e que ela mesma participa da alimentação da filha aos finais de semana). Os momentos de troca afetiva genuína parecem ser escassos, confundidos por Jordana como mera proximidade física: no relato ao quadro 4 é somente após certo tempo e uma

intervenção de minha parte que ela considera que a figura pode ser referir ao lazer. Contudo, mesmo nesses momentos, a necessidade da mãe prepondera sobre a da filha. Desse modo a menina acompanha a mãe quando ela deve sair para resolver suas responsabilidades domésticas; todavia, a mãe acompanha muito pouco as necessidades da filha e dá pouca atenção aos momentos especiais de sua vida (a menina fica sozinha em casa fazendo as unhas para a apresentação que acontecerá em sua escola). Diante disso, a garotinha permanece a maior parte do tempo entregue a si mesma e, mesmo diante de um lazer real (o rancho) permanece isolada devido ao engajamento dos pais em atividades de reparação do local.

A solidão, contudo, não parece ser a única dificuldade que Jordana percebe que a filha experimenta. Ela se dá conta que o transbordamento afetivo dela e do marido nas inúmeras situações de discordância que eles experimentam⁴⁵ conduz a menina a uma posição de intermediadora e conciliadora dos pais. Transformada pela mãe em sua confidente, ela se esforça para prevenir as brigas do casal e, visando aliviar a mãe do cansaço das obrigações da casa, um dos possíveis pontos de desacordo entre os pais (Jordana revela que o marido é exigente nesse ponto), a menina assume grande parte dos trabalhos domésticos. Ocorre então uma inversão de papéis em que a filha cuida da mãe, alteração esta que não passa despercebida por Jordana e a deixa até certo ponto desorientada (no quadro 2, após um instante de dúvida, ela diz que os ursos maiores são os pais porque são grandes).

A constatação de que a menina faz tudo por ela e que é mesmo capaz de renunciar às suas convicções para protegê-la e defendê-la nas situações de conflito com o marido comovem Jordana que, reconhecendo o valor da filha, sofre ainda mais por não ter conseguido ser para ela a mãe que gostaria de ter sido. Se a filha a defende contra o pai mesmo quando ela está errada, Jordana não é capaz de defender a filha contra o irmão mesmo quando ela está certa. Sua sensação é a de que precisou entregar a filha para a própria mãe que, em sua percepção, teria melhores condições de materná-la. Mesmo que a avó consiga atingir esse intento até certo ponto e que o marido tenha assumido uma parte importante da educação da menina (quadro 3), Jordana sente que ainda falta alguma coisa (pai dá atenção à filha e é exigente, mas não cumpre a função de refúgio). Culpada, busca compensar o que sente como um amor menor, dizendo para a filha que a ama mais que ao irmão porque ela veio primeiro. Todavia, tal conduta, em detrimento daquela de insistir sobre a igualdade do amor materno, ao invés de assegurar a criança é passível de torná-la ainda mais insegura, pois comprova a diferença de afeto da mãe, cujas palavras nem sempre correspondem às suas atitudes.

O relato de Jordana ao quadro 8 sugere que as dificuldades que ela encontrou e encontra numa aproximação afetiva mais genuína com Alice e em estabelecer com ela uma relação maternal como gostaria parecem repousar em duas imagens diferentes de mãe que ela carrega em si mesma, representadas pelas figuras da própria mãe e da sogra. O modelo de identificação oferecido pela

⁴⁵ A despeito do discurso de Jordana de que a relação do casal melhorou bastante, o empenho de Alice para participar da pesquisa e sua insistência em convencer a mãe a me falar sobre as brigas com o marido, mostra que esse continua sendo um importante fator de angústia para a menina, não tendo sido apaziguado.

primeira é o da dona de casa que não trabalha fora, da mãe amorosa e agregadora, que oferece um ambiente familiar estável aos filhos e entretém com eles uma relação de proximidade estreita; esse é o modelo visto por Jordana como o tradicional. Já a imagem identificatória oferecida pela sogra é a da “senhora” moderna, a mulher separada que tem um namorado e que, pelo menos nessa fase de sua vida, autônoma, coloca os próprios desejos à frente daqueles dos filhos, sem se preocupar muito em usufruir da companhia deles (os almoços nos finais de semana ocorrem, sobretudo, na casa da mãe de Jordana e não na de sua sogra). Seduzida por esse modelo que considera mais parecido com a sua condição de mulher jovem e que trabalha fora, Jordana tenta procurar nele onde se encontra o valor da união familiar, mas, apesar de seus esforços, não consegue encontrá-lo (diz que sua família e a da sogra são unidas e, logo depois, comenta que é difícil ser próxima dela dada a forma como ela organiza sua semana e seus finais de semana). Ela se dá conta então que o marido, diante de uma mãe com essas características e de um pai com quem decidiu afastar-se, acabou tornando-se uma espécie de órfão, que somente pode usufruir da família dela. Se esse modelo de mãe não lhe serve, aquele oferecido pela própria mãe também parece ser insuficiente por não contemplar todas as obrigações e exigências que uma mãe atualmente deve fazer face. A gravidez inesperada numa etapa da vida em que a identidade ainda se constituía não permitiu a Jordana ter tempo suficiente para operar um processo identificatório mais maduro com a mãe, preservando o que ela lhe ofereceu de bom, excluindo o que julgou ser impróprio e adaptando o que se tornou démodé diante da nova condição feminina.

Se Jordana percebe que, em sua situação atual de maturidade ela consegue reproduzir uma parte do que teve com a mãe na relação com o seu filho mais novo (o ambiente familiar é ainda turbulento, mas a proximidade afetiva se tornou mais fácil) o seu receio é o de que, para Alice, já seja tarde demais. É sobre essa insegurança que se funda o que ela descreveu no início da entrevista comigo como sendo o “problema” que a menina apresenta: ser demasiado adulta para a sua idade. Jordana vê então a si mesma diante de um dilema, que a torna ambivalente face ao crescimento da menina. Por um lado a precocidade da garota a transforma em um ponto de apoio seu, uma confidente e alguém que a alivia nas duras tarefas de ser mãe e dona de casa. Por outro, contudo, a permanência da menina na infância por um pouco mais de tempo, e como um todo (e não apenas quando ela ocasionalmente brinca de boneca) permitiria tentar recuperar o tempo perdido reparando a criança quanto ao que não pode lhe oferecer, mas também a si mesma, com a oferta de uma nova chance para ser mãe dela. Enfim, Jordana percebe, embora de um modo ainda não totalmente claro, a importância de regredir para recomeçar e reparar. Outros detalhes sobre o relato de Jordana ao CAT-A são descritos na análise de cada quadro, apresentada a seguir.

Quadro 1

Nesse relato, Jordana praticamente transmite toda a mensagem sobre o que a angustia em sua relação com Alice e suas dúvidas sobre a real posição da menina na família. Nesse sentido, ela revela

que, no processo de doar-se para a menina, de oferecer o melhor de si para atender as necessidades da filha, ela se sente um relativamente distante e pouco capaz de um encontro verdadeiramente pessoal. Assim, ela não produz um objeto sob medida para a garotinha, mas oferece algo mais do tipo prêt-à-porter, rápido e prático (o lanche ao invés do jantar), acompanhando de longe o processo da menina de incorporar aquilo que ela transmite e identificar-se com ela. Apesar de compreender sua devoção à menina como parcial, ela vê que a filha ainda é capaz de aceitar muito bem o que recebe, e que empreende um processo de identificação com a mãe que vai além das suas expectativas: ela se torna praticamente uma adulta⁴⁶, assumindo muitas funções que seriam, a priori, da mãe. É aqui que Jordana mostra um certo espanto pela conduta precoce da menina que, apesar de lhe ser conveniente pela ajuda que ela oferece, também a deixa confusa sobre a sua condição de mãe. Desse modo, ela começa a se interrogar sobre quem cuida de quem e qual é o seu status e o de Alice na família. Assim, a conduta da garotinha começa a gerar-lhe um sentimento de culpa incipiente por sentir que oferece menos a ela do que recebe.

Quadro 2

É em continuidade ao seu questionamento anterior sobre quem são de fato os adultos de sua família que Jordana inicia sua abordagem a essa figura (após hesitar, ela diz que são os ursos maiores, devido ao seu tamanho). É nesse relato também que ela expressa um sentimento de não haver protegido a filha o suficiente dos conflitos conjugais, de não haver oferecido a ela o *holding* suficiente representado pela estabilidade do lar. Ao contrário, ela percebe que foi atribuído à filha o papel de manter o equilíbrio doméstico, quando os pais são inundados pela ira. A inversão de papéis é mais uma vez mantida, sendo a menina procurada pela mãe e transformada em sua confidente, a fim de ganhar o seu apoio contra o pai, função que Alice aceita, algumas vezes, por amor à mãe, mesmo ao preço de ignorar as suas convicções. Assim, dessa maneira similar ao relato anterior, Jordana mostra que, apesar da cumplicidade da menina com o pai, em sua opinião, Alice mais protege os pais do que é protegida por eles. Nesse contexto, a sensação de Jordana é de haver falhado como mãe na função de assegurar sua filha. Ela se torna então apreensiva pela possibilidade de haver prejudicado a filha de alguma forma, associando a exposição da criança às disputas conjugais aos problemas de aprendizagem que a menina apresentou. A culpa advinda dessa constatação a impulsiona à busca de atendimento psicológico como forma de efetuar uma redução de danos, mas os recursos de que dispõe são limitados (o convênio médico não contempla o atendimento psicológico).

Quadro 3

Se nos relatos anteriores a imagem que Jordana transmitiu de Alice foi de uma criança quase em desamparo, nesse momento ela revela que a menina conta com a proximidade e o *holding* pai, que

⁴⁶ Esse processo de amadurecimento precoce, quando a criança é obrigada a cuidar do ambiente e de si mesma porque ele não supre as necessidades dela é bem conhecido na teoria winnicottiana.

ela não consegue oferecer. Ela mostra que o marido, figura de autoridade da casa (e possível personificação do próprio superego) a acusa de negligência, de falta de dedicação à filha. Todavia, embora o deseje, Jordana simplesmente não consegue devotar-se como gostaria: percebe-se como demasiado sobrecarregada pelo cuidado do filho menor, que ela sente exigir tudo dela. Os afazeres domésticos também passam à frente do cuidado da menina, com Jordana sentindo que o marido exige demais dela, ou pelo menos, mais do que ela consegue oferecer. O cuidado dele para com a menina é visto como uma resposta a um limite seu, mas não parece haver incômodo de sua parte em relação a isso. Nessa situação, Alice parece poder contar com um superego que, se exigente, também oferece alguma proteção, mas falta ainda o refúgio dos braços da mãe nos momentos em que o rigor se torna excessivo. Se a constatação de que a filha não se encontra emocionalmente órfã alivia Jordana, o fato de o pai assumir uma função que, a seu ver, deveria ser sua, e a comparação que ela faz entre o cuidado que despende ao filho e o que oferece a Alice a conduzem a se questionar, de maneira ainda muito tímida, sobre até que ponto ela foi e está sendo mãe de Alice.

Quadro 4

Após narrar o contato de Alice com o pai na figura anterior, Jordana expressa no presente relato os seus momentos de relação com a filha, que parecem ocorrer de um modo particular. Se no início ela revela a existência de uma forte proximidade entre as duas (dizendo que onde uma vai a outra também vai), sua mudança de tema no meio do discurso para um momento de lazer, incitada por minha intervenção (“Um momento de vocês”) sugere que o contato anterior descrito não carregava para ela o sentido de um encontro caracterizado pela espontaneidade e pela não integração. Tratava-se antes de estarem juntas para a realização de obrigações e tomada de providências para a casa. Embora a natureza dessa aproximação não descaracterize o empenho de Jordana para estar junto da filha, esta união assume mais a característica de a filha participar da vida da mãe do que o inverso (Alice fica sozinha em casa fazendo as unhas para a apresentação da escola, que não parece ser vista pela mãe como algo importante na vida dela). Mesmo os momentos de lazer apresentam essa especificidade: a menina acompanha os pais no rancho para eles trabalharem no local, entediando-se por não poder efetivamente usufruir da companhia deles. Jordana, no entanto, é sensível à solidão da filha e tenta, junto com o marido, amenizá-la (eles convidam para o rancho amigos que têm filhas da mesma idade que Alice). Todavia, os momentos particulares e exclusivos entre as duas são raros, pois mesmo nas reais atividades de lazer (shopping, parque e *Mc Donalds*), a família participa coletivamente. Enfim, nesse relato, Jordana parece mostrar que ela faz o seu melhor para estar junto da filha, mas, nos poucos momentos em que isso acontece, via de regra é a filha quem a acompanha afetivamente no suprimento de suas necessidades e não o contrário (ver também relato ao quadro 2, quando Jordana revela tomar Alice por sua confidente).

Quadro 8

É no relato a esse último quadro do CAT-A que Jordana revela, de certa maneira, as fontes de suas dificuldades para conseguir uma aproximação afetiva mais estreita com Alice, a saber, o seu aprisionamento entre dois modelos diferentes de maternidade que ela não conseguiu integrar em sua relação com a filha (o que possivelmente a torna alvo de crítica por parte de ambos). Esses dois modelos constituem-se naquele oferecido pela própria mãe e pela sogra que, sendo tão diferentes em relação à questão da união familiar, deixam-na confusa (ela pergunta se o quadro se refere à família e diz, em seguida “Ah, meu Deus, eu não sei!”). O protótipo oferecido pela mãe é aquele da figura materna amorosa, agregadora, exclusivamente dedicada à família, que sustenta o sentimento de união. Contudo, ele parece ser, para Jordana, pouco adaptado à sua vida de mulher moderna, que tem outros interesses, pessoais e profissionais⁴⁷. Já aquele oferecido pela sogra, da mulher atual e com uma vida própria e independente exerce maior atração sobre ela, que se sente mais próxima dele. Suas desvantagens, no entanto, são sérias: ele pode conduzir a um certo individualismo, à desunião familiar e mesmo ao desamparo afetivo dos filhos; com isso Jordana descobre, de maneira ainda incipiente, que a proximidade que sentia com a sogra é mais uma ilusão do que uma realidade de fato. Em meio a estes polos da pertinência e da autonomia, Jordana se debate como ela poderia fazer para conciliar aquilo que obteve da mãe (um bom suprimento das necessidades afetivas) e sua realidade de mulher contemporânea, que pertence a uma época diferente daquela da mãe. Enfim, trata-se do manejo, senão de um conflito, mas de uma importante diferença de gerações (como a que ela revela existir entre a filha e o seu bisavô).

O discurso posterior de Jordana sugere que, embora ela pareça ter encontrado um ponto de equilíbrio entre esses extremos no seu relacionamento com o filho mais novo, conseguindo manter sua autonomia e sendo afetivamente próxima dele, ela sente haver falhado nesse ponto com Alice. Sentindo-se culpada por não ter conseguido oferecer à menina o afeto de que ela usufruiu, Jordana se pergunta sobre a possibilidade de efetuar reparações junto à menina. O desejo de que a filha permaneça ainda criança por mais um tempo surge como uma maneira de guardar (ou de re-iniciar) uma real aproximação emocional dela, que Jordana sente que vai perdendo conforme a garotinha se autonomiza. Com isso, ela se torna um pouco ambivalente em relação ao crescimento da filha. Mesmo diante do desejo de dispor de mais tempo para efetuar a “redução dos possíveis danos” causados à filha, Jordana duvida ainda de suas condições para oferecer a ela a mesma devoção que dirige ao filho. A busca por ajuda psicológica carrega então, para Jordana, esse significado, numa expectativa de que outro possa corrigir os “erros” que ela cometeu, mesmo que isso lhe custe exposição, julgamento e condenação.

Em síntese, Jordana é uma jovem mãe que, embora se esforce por guardar uma atitude preocupada diante da vida e da maternidade, carrega consigo um importante sentimento de culpa

⁴⁷ É possível que o fato de haver engravidado ainda na adolescência, quando as necessidades de autonomia ainda não foram suficientemente supridas, desempenhe um papel importante nesse dilema de Jordana.

por sentir sua capacidade passada e presente de devoção à filha como limitada. As origens dessas limitações são atribuídas por ela às circunstâncias de sua vida por ocasião do nascimento e da primeira infância da menina, a saber, a gravidez num momento em que ela e o marido não se sentiam preparados para serem pais, a dificuldade para conciliar as suas responsabilidades de esposa, mãe e profissional, a complexidade de atingir um meio-termo entre o processo de agregar uma família e preservar ao mesmo tempo a autonomia, problema que se tornou mais agudo por ocorrer em um período particularmente delicado de constituição de sua personalidade, a adolescência. Embora ela sinta que conseguiu ultrapassar um pouco todos esses dilemas em sua relação com o filho mais novo, as dificuldades para uma real aproximação afetiva com Alice persistem, agravadas pelo fato de ter, agora, que dedicar-se a duas crianças ao mesmo tempo. Sensível à solidão da filha, Jordana se interroga sobre as chances de realizar algum tipo de reparação para a menina, o atendimento psicológico sendo visto como uma possibilidade. Dessa maneira, apesar de todos os tropeços, das falhas, das angústias incontidas, das exposições a que involuntariamente submeteu a menina, Jordana crê que não é tarde para resgatar o *holding* junto a ela e oferecer-lhe a devoção que gostaria de ter sido capaz nos seus primeiros anos de vida. Se isso custará a própria exposição à crítica ou ao julgamento alheio (o que ela teme receber de um psicólogo), o bem-estar da filha é mais importante. Portanto, embora Jordana carregue dolorosas dúvidas sobre a própria afeição para com a filha, o amor materno continua lá, preservado em sua experiência com ela.

Narrativa Alice

Conforme descrito na narrativa de sua mãe, conheci Alice de uma maneira diferente das outras crianças, quando eu estava na recepção da escola para convidar Alice para participar da pesquisa. Alice estava com ela e com Gabriel nessa ocasião, no horário do recreio da escola. Ela é uma linda garotinha loira de olhos verdes, pequenina e magra; tem a pele naturalmente bronzeada. Na ocasião desse meu primeiro contato, quando conto sobre minha pesquisa, ela me pede para participar também e, junto com seus amigos, me pede para trazer fotografias da França quando voltar a vê-los.

Antes de eu me encontrar com Alice para realizarmos as atividades do CAT-A, sou “preparada” pela recepcionista da escola e pela mãe da menina: Alice fala demais; ela provavelmente demorará em sua entrevista comigo. De fato, eu já havia notado o quanto ela era comunicativa e cheia de iniciativa. Parece ser muito querida pelos colegas e pelos funcionários da escola.

Cerca de uma semana depois, eu me encontro com ela (eu já havia feito a entrevista com Jordana há uns três dias). Eu havia combinado de vê-la às 17 horas, sabendo que ela seria buscada na escola às 18 horas: eu havia me preparado para pelo menos uma hora de conversa com ela. Naquela tarde eu estava no trabalho e, às 15h e 15min, meu telefone tocou: era a recepcionista da escola: “Sua paciente está impaciente”, ela disse. Olho no relógio e digo a ela que meu encontro com Alice estava agendado para mais tarde. Contudo, como não tenho nenhum outro compromisso agendado para aquela tarde, decido então ir vê-la mais cedo: 20 minutos depois estou diante dela, que insiste que o

nosso horário era às 15 horas. Reluto um pouco e digo que eu havia entendido que iríamos nos encontrar às 17 horas, mas poderíamos conversar naquele momento. De fato, achei muito pouco provável que o engano tivesse sido meu. Fico cada vez mais cheia de expectativas sobre ela, já que o seu empenho em me encontrar superava qualquer simples curiosidade. Supus que alguma coisa não ia bem com ela.

A escola está em reforma e vamos conversar num laboratório que eu não conhecia anteriormente. Nesse lugar há uma maca em um canto, com um manequim coberto e com um pijama listado: ele é assustadoramente semelhante a uma pessoa real e, para mim, aquilo deixa o ambiente um tanto lúgubre (parece uma pessoa num hospital ou necrotério). Alice, contudo, não se importa: está acostumada com aquele local e me explica que aquele é um laboratório de saúde dos alunos do turno da noite. Ela se acomoda num banquinho alto diante de uma bancada, sem encosto, apesar de haver cadeiras mais baixas. Pergunto se não está desconfortável e se não gostaria de ir para outra mesa. Ela diz que prefere ficar ali. Pergunto se tem certeza (o local é realmente desconfortável) e ela reitera que sim.

Explico-lhe então novamente a minha pesquisa (ela se lembra de muita coisa que eu já havia lhe contado) e pergunto se podemos começar. Ela diz que sim e eu pergunto se ela gosta de animais. Ela responde que sim, que gosta de golfinhos e conta que tem hamsters em casa: a família queria ter comprado duas fêmeas, mas veio um casal por engano, que se reproduziu mais de uma vez, a primeira com 10 filhotes; destes, 6 sobreviveram e cinco foram dados embora pela mãe; o que ficou, agora já está grande. Na segunda vez, houve seis outros filhotes. Conta que aí a mãe resolveu separar o casal e disse que estava ficando doida com todos aqueles bichos. Depois a mãe deu embora mais dois hamsters da segunda cria e agora precisa terminar de doar os restantes que estão ainda em sua casa, junto com o casal de antes.

Comento que há uma bicharada em sua casa e explico que nos quadros que vou mostrar a ela, há figuras de animais. Explico que ela deve olhar cada um deles e inventar uma estória. Ela diz que já havia inventado uma estória uma vez, mas depois se pergunta “Será que eu sei?”. Eu a tranquilizo, dizendo que não há certo ou errado em nossa atividade, que a estória pode ser do jeito que ela quiser. Ela concorda e eu lhe mostro o primeiro cartão.

Quadro 1

Ela olha o cartão e diz: “Eu já monto uma estória. (silêncio de quatro segundos). Já sei. Era uma família de galinhas que elas estavam jantando, elas estavam comendo, felizes, com a família. (seu tom é quase conclusivo) [Hum hum] Continua? [Pode continuar. Então elas estão comendo, felizes, com a família?] Hum hum. [E o que elas estariam pensando?] Ah, de conversar, sobre...a vida.(silêncio de 20 segundos). Ah, eles estariam também conversando sobre a escola, o pai conversando sobre a escola com o filho, perguntando se ele tá indo bem, aí a mãe estava conversando também, perguntando, e eles estavam conversando. Só. [Então são os filhotes, a mãe e o pai, é isso?]

Deve ser, né? [Como você quiser.] É o pai, a mãe e o filho (ela se refere aos três pintinhos que estão à mesa). [Tá.] Eu não sou muito boa nisso. [Ah, mas é assim mesmo que é para contar. Aí eu queria que você desse um título para a estória]. Um título? ‘A família feliz.’” Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o seguinte.

Quadro 2

Ela olha o cartão e diz, admirada: “Ah, esse daqui, nossa, eu já li esse livrinho. É dos ursinhos, né? Esse daqui é o ursinho, não é? Ou é lobo? [É o que você quiser. Do jeito que você quiser, tá?] Esse já não tem mãe, pelo que eu tô vendo. Então aqui, eles tavam, o pai e a mãe, o pai e o filho, estavam brincando com um amigo do pai. Eles tavam se divertindo, brincando de... de... como que chama isso daqui? [Cabo de guerra?] Cabo de guerra. Se divertiram e o filhotinho tava falando para o pai que ele tava muito feliz de brincar com eles assim. O título da estória eu vou colocar (silêncio de 6 segundos) ‘A brincadeira muito legal’. [E como você acha que vai terminar essa estória?] Feliz, que eles, tipo assim, o pai, ele tá brincando (ela enfatiza a palavra) com o filho como ele tem que fazer, porque todo pai tem que brincar com a criança. O meu pai brinca comigo. [É?] De vez em quando a gente brinca de esconde-esconde. Aí uma vez, a gente tava brincando, né, aí o meu primo, ele foi lá para casa. Aí o meu primo tava procurando e eu e o meu pai fomos se esconder. Aí se escondi embaixo da cama e o meu pai tirou todo o edredom, todo o lençol que tem no armário e se escondeu dentro do armário. Aí o João Vitor viu todos aqueles edredons, aqueles lençóis, tudo jogado porque ele jogou e foi se esconder, tudo lá. Aí a minha mãe brigou com ele e falou: “Ei Renan, agora você vai catar tudo e colocar tudo dentro da caixa”. E brigou com ele. Só.” Ela me devolve o cartão e quando eu lhe proponho vermos o próximo, ela diz: “Agora no terceiro eu acho que eu vou melhor. Eu acho.”

Quadro 3

Ela observa a figura e diz: “Hum... o leão. (Silêncio de 5 segundos). O homem. Você que desenhou? [Não.] Nossa, é bonito né? O homem. [É um homem?] Eu acho que é, porque está com esse cachimbo né? Uma cara de bravo! (ela ri). Ah, era um leão, que ele estava bravo, pensando em alguma coisa, alguma coisa... deixa eu inventar. Pensando na vida dele e... tava, assim, é... se divertindo (o volume de sua voz é baixo e seu tom é de dúvida), pensando que a vida dele tava muito boa, que ele tem uma mulher, deve ter um filho, tava pensando sobre isso. [E você achou que ele tava com cara de bravo?] Ah, eu acho. Essa cara eu não sei se é de triste ou de bravo. É de bravo. [Então vamos tentar inventar porque ele estaria bravo?] (Silêncio de 10 segundos) Pode inventar qualquer coisa? [Qualquer coisa.] (silêncio de 13 segundos) Uma vez aconteceu isso comigo: eu esqueci de fazer tarefa e o meu pai ficou bravo. [Ah!] É, a primeira vez que eu tinha esquecido de fazer tarefa. É que eu tinha ido não lembro aonde e eu vi a tarefa, eu não vi (ela se corrige). Eu tava lendo, só que a tia escreveu como era que tava, mas eu escrevi bem embaixo, e aí eu nem prestei atenção e não vi a tarefa e aí o meu pai ficou bravo a hora que eu cheguei em casa. Só. Eu acho que pode ser por causa

disso. [E o que aconteceu depois que ele ficou bravo com você?] (silêncio de 6 segundos) O meu pai não me bate, ele já me bateu uma vez, mas é tapa. Mas nunca foi por causa de tarefa, assim. A gente ficou de mal. Pode ser? [E o título?] O título vai ser ‘O leão bravo’. ‘O leão bravo, muito bravo’”. Ela me devolve o cartão e eu lhe mostro o próximo.

Quadro 4

“Ah, canguru. Aí, nem tinha visto (ela aponta o canguru na bolsa da mãe). [O pequenininho?] É. É para mim inventar uma estória também? [Hum hum]. É a mamãe canguru carregando a sua filhotinha na sua barriga e levando a outra filha maior, levando, não... a outra filha maior dela andando de bicicleta. E ela está correndo com um lanchinho para as duas filhas comerem. E o título, eu vou dar... ‘A canguru e sua família’.[Porque você acha que ela poderia estar correndo?] (silêncio de 10 segundos). Ela tá correndo assim levando ela (a filha) com ela, ou ela não entra?[(Eu sorrio) Aí a estória é sua.] Por que ela tá correndo? (ela reflete). Ela tá correndo.. Nossa! A minha cabeça esqueceu. [Ah, você pode inventar qualquer coisa.] Ela tá preocupada porque ela tem que ir lá, pegar o marido dela para ir com eles. Aí ela tem que ter a hora e tem que ir correndo para pegar o marido para eles irem tomar um café. [Ah, entendi. Ela tem um monte de coisas para fazer então?] É. Que nem a minha mãe. Minha mãe ela tem que de manhã trocar o meu irmão e esperar trocar também. Aí ela faz leite para mim e para o meu irmão. Arruma o meu lanche e aí a gente vai. Aí depois ela volta do serviço, dá banho no meu irmão. Aí a gente toma banho, aí o meu pai, ou ele faz a janta, ou minha mãe,ela faz, mas o meu pai ajuda bastante lá em casa. Aí ele arruma...ou ele vai na casa da mãe dele, da minha vó, ou ele vai comprar no lugar *hot dog* para a gente comer hot-dog. Aí a minha mãe quer todo dia *hot dog*. Só.” Ela me entrega o cartão e eu lhe mostro o último.

Quadro 8

Ela pega o cartão e diz, surpresa: “Nossa! É a minha família! (Ela ri). Essa é a minha avó, só não tem os óculos (Risos). Minha mãe, não, minha mãe.(Ele mostra o macaco masculino que está no sofá com a xícara na mão) Eu (a outra macaca no sofá, com a flor no cabelo). Meu pai (o macaco sentado no banco) e meu irmão (o filhote). Meu irmão. É uma família feliz e tavam conversando, se divertindo, tava tomando um chá, conversando. E o pai estava falando para o menininho, para o filho dele, que tem que obedecer e tem que ficar quietinho na hora que tiver tomando o café. Porque a hora que tiver tomando café, almoçando, não pode fi... é falta de respeito. Então ele tava falando para o filho que tem que obedecer, tem que ficar quietinho e a... e a menina tava falando para a mãe que o papai tava brigando com o nenê, com o filhinho. E essa família é a família unida.[Hum hum] Quer perguntar alguma coisa? [Está bem assim. Como você acha que vai terminar?] Seria que... Que eles estavam felizes e aí depois eles conversaram todos e começaram a conversar sobre a família. Só. [E o título é ‘A Família feliz’, é isso?] É. “A família unida”, que fica melhor.

Alice me devolve o cartão e eu lhe peço para me dizer qual é a figura que ela gostou mais e qual é a que ela gostou menos. Ela seleciona o quadro 3 e diz: “Ah tá! Eu não sei, esse leão é muito bravo.” Depois deixa o quadro de lado e escolhe o 8 como o seu preferido. Pergunto então qual ela gostou menos. Ela diz: “Vichi! Nenhum eu gostei menos. Tem que escolher um?”. Digo que não há problema se ela não quiser escolher. Ela então diz que gostou de todos, mas por ela escolheria também o quadro 2 como o que gostou menos. Ela justifica dizendo que: “Essas duas (3 e 8) eu gostei porque tava a família inteira unida e essa daqui eu gostei porque esse daqui é o pai. Esse daí (2) eu não gostei muito porque não falou muito sobre a nossa família, mas esses daqui (3 e 8) já falaram mais”.

Pergunto então se há alguma coisa a mais que ela queira saber ou e dizer. Ela me pergunta se vou conversar novamente com sua mãe e eu repondo que sim, se ela quiser. Ela diz então que gostou muito da atividade e que achou legal o meu trabalho. Pergunta o que farei depois com os dados da pesquisa e eu explico que vou escrever o que ela falou e o que as outras crianças falaram; aí eu vou ver o que tem de igual e o que tem de diferente. Ela pergunta se a mãe disse coisas diferentes das dela e eu respondo que, como não tem certo nem errado, cada um conta uma estória diferente e inventa o que quiser. Ela então repete que achou muito legal o leão, que gostou muito dele, mas preferiu a família. Eu então agradeço a ela pela participação, mas minha sensação é de desapontamento. Sinto que nos comunicamos pouco e não vivemos juntas realmente uma experiência emocional. Fico me perguntando onde estava aquela garotinha extrovertida e ávida pelo contato comigo, atitude que eu havia interpretado como um pedido de ajuda. Não tenho certeza do que houve: sei que ela quer que eu converse com a mãe, mas me pergunto o que poderei tirar de suas produções superficiais ao CAT-A. Sei que ela deseja que eu fale com sua mãe e sei que Jordana tem a expectativa que eu questione diretamente a menina sobre suas dificuldades, mas encontro-me num dilema ético. Sinto-me mal em instigar esse assunto, sabendo que embora possa providenciar-lhe atendimento psicológico (o que realmente fiz após nosso encontro), ele não será imediato. Por outro lado também me desagrada demais encerrar nossa conversa como se tudo estivesse bem. Alice também parece decepcionada. Enquanto permaneço indecisa entre deixá-la angustiada ou experimentando um sentimento de futilidade, ela me pergunta novamente, quando desligo o MP-3 sobre o que sua mãe havia me dito. Pergunto-lhe então se ela mesma deseja me dizer algo mais.

Ela então começa a me contar que seus pais brigam demais e que sua mãe havia lhe dito que eu iria perguntar-lhe sobre isso. Eu digo a ela que soube disso e pergunto se ela gostaria de conversar comigo sobre esse assunto. Ela revela que esperava que tivéssemos uma conversa somente as duas (traduzindo, sem a intermediação do CAT), mais livre. Digo que estou ali disponível para ouvi-la. Ela então volta a contar das brigas dos pais e se emociona. Começa a chorar e agora fica confirmado o sentido de sua insistência em participar da pesquisa: era efetivamente um pedido direto de ajuda, pouco comum de ser expresso dessa maneira por uma criança. De fato, Alice me pareceu uma pequena adulta, desde o nosso primeiro encontro. Ela me conta que sofre muito com as brigas e queixa-se de que os pais não fazem o menor esforço para poupá-la (e nem ao irmão) de assisti-las. Conta que

algumas vezes, após as brigas, o pai sai de casa e retorna somente no dia seguinte. Ela continua chorando e diz que até preferia que os pais se separassem de uma vez, ao invés de brigarem na frente dela e do irmão como fazem. Conta que muitas vezes tenta reaproximar os pais. Queixa-se também da falta que sente de outras crianças para brincar: permanece o dia todo na casa da avó (quando os pais estão trabalhando) e não há crianças por lá. Por vezes, volta sozinha para casa e faz várias das tarefas domésticas. Pede que eu fale com sua mãe sobre isso. Pergunto se ela gostaria de ir a uma psicóloga e ela diz que sim, que já fez isso uma vez, mas que a mãe a retirou porque estava ficando muito caro. Combino com ela que conversarei com a sua mãe para propormos um encaminhamento para o Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada. Ela então se acalma aos poucos e, quando está apaziguada, pronta para voltar à aula, ela me pergunta se seus olhos ainda estão vermelhos. Como é o caso, nós ficamos juntas ainda alguns minutos, até que ela se sinta preparada para sair; então nesse momento nós nos despedimos.

Interpretação Alice

Da mesma maneira como nos conhecemos, meu encontro com Alice para fazermos as atividades de minha pesquisa teve características bastante particulares. Ela foi a única criança que entrevistei que considerou o CAT-A mais como uma barreira do que como uma ponte para a nossa comunicação. Embora fosse capaz de se expressar por meio do material e de transmitir informações importantes sobre si mesma e sua família, ela precisou de um contato direto comigo para me confiar a angústia que experimenta sobre a instabilidade do lar. Esta apreensão tem lhe obrigado a assumir junto aos pais um papel de adulta, intermediadora e conciliadora que, se não lhe impede completamente o usufruto de sua condição de criança, ao menos o restringe consideravelmente. Essa inversão de papéis surgiu em alguns momentos na relação transferencial (e contratransferencial) que estabelecemos. Desse modo, sou eu que, como uma criança, me incomodo com o boneco lúgubre do laboratório, enquanto ela me dá os dados de realidade da função dele e do lugar em que estávamos para me tranquilizar. Ainda, para falar comigo, ela decide ficar em uma desconfortável cadeira de adulta, inapropriada à sua constituição física, a despeito de minha insistência para irmos para um local em que ela pudesse estar mais à vontade. O preço dessa postura é o abandono regular da criatividade infantil em favor de uma assimilação precoce das normas de conduta adulta, com toda a insegurança de não estar ainda preparada para isso. É nesse contexto que devem ser compreendidas as constantes dúvidas que ela apresentou sobre sua capacidade de inventar estórias aos cartões do modo como ela acreditava que eu esperava⁴⁸. Desse modo, ao invés de a situação do CAT-A se transformar num encontro criativo entre nós duas, ela pareceu assumir para a menina mais o sentido de uma avaliação em que ela

⁴⁸ Alice parece ter detectado uma certa incoerência em minha proposta do CAT-A, pois ao mesmo tempo em que eu insistia que não havia estórias certas ou erradas, minhas constantes perguntas sobre a trama foram interpretadas por ela como sinais de que o que ela havia inventado não era bom o suficiente.

se mostrava desejosa de me agradar (de fato em alguns momentos eu mesma me senti mais numa posição de avaliadora, o que me incomodou muito).

Mesmo diante de tais inseguranças, essa linda garotinha, cheia de vida e de personalidade, capaz de aproveitar as oportunidades de ajuda que a vida faz atravessar seu caminho, foi capaz de expressar o tormento principal que experimenta logo no início do nosso encontro. Esse sofrimento, que alimenta e é alimentado pelos conflitos crônicos entre os pais e que tem gerado consequências importantes no processo de amadurecimento do *Self*, foi comunicado de modo simbólico na história dos hamsters que ela contou. Ele se refere à incerteza e à dificuldade do encontro criativo com o outro, cuja ocorrência parece perturbar sobremaneira os pais, principalmente a mãe. Assim, a união dos dois animais, que deveria ser estéril, surpreendentemente frutifica e em profusão. Essa fecundidade que se repete transtorna a mãe, que separa o casal colocando-os em gaiolas diferentes para garantir a infertilidade (como os cartões do CAT-A que utilizamos, que nos coloca em lados diferentes da relação). Os dividendos dessa união são vividos pela mãe como constrangimentos dos quais ela deve se desembaraçar, embora ela não seja completamente bem sucedida nessa tarefa (ela guarda um hamster da primeira cria e ainda não terminou de doar os da segunda). Enfim, a criatividade é vista pela mãe como algo potencialmente incômodo e desorganizador (ela diz à filha que está ficando doida com todos aqueles bichos em casa)⁴⁹.

Diante dessa alergia materna à criatividade, à produção de algo pessoal advindo da união de duas pessoas, para Alice a realidade mais frequente da vida é a da separação e a do desencontro: dela comigo (nas confusões de horário e na minha proposta do CAT-A), dela com a mãe (que não brinca com ela), entre os pais (em conflito o tempo todo), entre o casal de hamsters. A confiança no vínculo sólido e duradouro é tênue e sua manutenção não é natural, mas exige esforço, podendo se dissipar a qualquer momento. Sua vivência parece ser a de que, em sua empreitada para uma existência pessoal e criadora, ao invés de contar com a mãe como facilitadora, ela precisa, ao contrário, ultrapassar as resistências dela; assim, ao invés de aliada, a mãe se torna um obstáculo ao desenvolvimento do *Self*. Nesses termos, embora Alice perceba que a mãe é capaz de suprir suas necessidades básicas de cuidado físico e garantir sua sobrevivência, ela não se sente segura de se constituir em alguém especial para ela em termos de ter uma individualidade, de ser singular e, a partir daí poder receber da mãe algo criado sob medida para si. Ao contrário, o que a mãe lhe oferece é quase provindo de uma produção em série (quadro 4: a mãe quer comer hot-dogs todos os dias, comprados pelo pai) e suas necessidades individuais e de criança são desconsideradas por ambos os pais (eles brigam em sua frente, sem se preocupar com os efeitos dessa conduta sobre ela).

Essa atitude materna, dramatizada na nossa relação, parece ter sido a responsável por sua decepção por eu ter-lhe infringido o mesmo procedimento que às outras crianças da amostra (o CAT-A) quando ela precisava de uma consideração mais individualizada de minha parte (ela me pergunta

⁴⁹ É possível aqui pensar no efeito perturbador que a gravidez na adolescência teve para a mãe.

no quadro 3 se o desenho havia sido feito por mim). Desse modo, embora não completamente infértil, nosso contato durante o CAT-A foi vivido por ela como mais um encontro caracterizado pela futilidade e superficialidade (sensação que eu mesma tive); portanto, nada mais lhe restava nessa situação do que tentar transmitir a impressão de que tudo ia bem com ela e sua família.

As dificuldades maternas para promover e sustentar o encontro criativo são interpretadas por Alice como vinculadas à angústia da mãe, que duvida de suas condições para cumprir todas as obrigações que tem. Nesse contexto, a garotinha parece perceber que o estilo de vida materno exige que a genitora se torne excessivamente colada na realidade exterior, sem espaço para o viver criativo, que se torna um embaraço e um peso a mais para dar conta (ver no quadro 4 a imagem da mãe como assoberbada pelas exigências do mundo exterior). Se nessa dinâmica ela não pode colaborar para auxiliar a filha a trilhar o caminho rumo a uma existência espontânea e singular, o pai surge como um importante apoio para a criança nessa empreitada.

Nesse sentido, o pai é quem é mais capaz de se aproximar dela, de regredir e brincar, de jogar criativamente com o espaço existente entre a ausência e o encontro do outro (brincadeira de esconde-esconde), permitindo à filha movimentar-se no espaço da transicionalidade. Ao contrário da mãe, que se esgueira dos constrangimentos da criatividade em prol das exigências da realidade exterior, o pai dribla estas últimas em favor do brincar espontâneo. Todavia, o usufruto da espontaneidade, da criatividade e do brinquedo junto ao pai mais uma vez perturba a mãe e põe em risco a integridade da família (no relato ao quadro 2, ela conta que a mãe brigou com o pai porque ele desorganizou o armário para brincar de esconder com a filha). Com isso Alice permanece em um dilema entre permanecer aliada com o pai e, com isso, viver criativamente, ou manter a união familiar (ela hesita na escolha entre os quadros 3 e 8 do CAT-A como seus preferidos, entre o pai ou a família toda), optando por esta última (ela elege o quadro 2 como o que menos gostou porque nele não há a figura da mãe nem do irmão). Nesses termos, ela se esforça para manter a aliança familiar em detrimento do seu desenvolvimento pessoal. Assim, é ela quem se devota à família e não o contrário. Mesmo com esses esforços que lhe permitem em parte guardar o pai para si (pois quando o casal briga é ele quem sai de casa), e o auxílio que ele lhe oferece, a instabilidade que reina no lar, coloca outros obstáculos para o desenvolvimento emocional da menina. Como a menor discórdia entre os membros se constitui em sinal de alerta quanto a uma possível desintegração do grupo, o problema da imposição de limites adquire um tom mais angustiante para Alice, já que ele implica em não aceitar a conduta do outro e assumir a diferença marcada de posições (em suma, na separação). Uma vez que o relacionamento precoce com a mãe não parece ter-lhe proporcionado a constatação segura da preservação da união na separação (ou da continuidade na diferença), é no relacionamento com o pai que ela começa a tatear em meio a esse paradoxo. Assim, é essa figura, para ela fascinante (quadro 3), que com suas duas facetas do relaxamento e do rigor, da brincadeira e da seriedade, da cumplicidade e do limite, que lhe coloca diante do problema central da transicionalidade que ela procura resolver. Não tendo ainda

encontrado uma solução criativa e pessoal para essa contradição, sua atitude, no momento, é a de evitar o afrontamento para preservar a união; é assim que ela se torna uma filha exemplar.

Assim, é nesse período de seu desenvolvimento e no relacionamento com o pai que ela espera conseguir sedimentar o que anteriormente pode adquirir de maneira apenas duvidosa e pouco consistente com a mãe; a ajuda, portanto, vem, tardia (como eu no contato com ela), mas potencialmente reparadora. Todavia, as próprias dificuldades do pai, que se deixa invadir pelos afetos nas discussões com a mãe, arriscam o sucesso de sua tarefa. Da mesma maneira que a mãe, nesses momentos o pai também não consegue vê-la em sua situação de criança que necessita ser protegida desse tipo de exposição. Assim, a incerteza constante da união familiar e a angústia desmesurada e infinita que ela lhe acarreta levam a garotinha a buscar ajuda fora do ambiente familiar, desejosa de que a situação dos pais se defina de uma forma ou de outra, já que o seu prolongamento no tempo tem se tornado insuportável. Outros detalhes da produção de Alice no CAT-A são descritos a seguir.

Quadro 1

Em seu relato a esse cartão, as dúvidas de Alice quanto à sua capacidade de atender às minhas expectativas surgem de maneira evidente, com ela expressando, ao final, o receio de haver me desapontado. A trama se refere a uma situação de troca entre os personagens, que é tratada de maneira superficial, numa tentativa de mostrar que tudo está bem. Entre os personagens, a diferenciação entre adultos e crianças não é clara: está presente no relato, mas não é sustentada pela figura. A figura do pai parece mais interessada no cotidiano do filho do que a da mãe, embora esta participe também do grupo. Enfim, diante de minha demanda, que não era exatamente a mesma que a sua, Alice docilmente aceita o que peço e busca me agradar com uma produção leve e dentro daquilo que era socialmente esperado, mas sem um sentido pessoal para ela. A impossibilidade de aprofundar-se no enredo sem falar de si própria e, o conseqüentemente empobrecimento da produção são, no entanto, percebidos por ela (Eu não sou muito boa nisso).

Quadro 2

A comunicação de Alice neste relato já é um pouco mais pessoal, com ela abrindo mão, logo de início, de contar uma história já conhecida e de domínio público (Eu já li esse livrinho). Se no quadro anterior ela já insinuava uma proximidade maior do pai com o filho, em comparação à mãe, no presente cartão essa mensagem é certa. Efetivamente é o pai que brinca com a criança, sendo que a mãe nem mesmo é cogitada para essa função (Todo pai tem que brincar com a criança; Esse já não tem mãe, pelo que eu tô vendo). Ao contrário, além de se resguardar dessa atividade, ela ainda coloca obstáculos à sua realização pelo pai, impondo a ele as exigências da realidade, que devem ser respeitadas tais como são, e se enfurecendo com o fato dele colocá-las a serviço do relaxamento e da fantasia. Em suma, enquanto o pai é capaz de estabelecer uma relação de cumplicidade com a criança, relaxar e deixar-se levar pela criatividade, a mãe se apresenta como uma espécie de interdutora desse

processo. Nesses termos, a aliança da criança com o pai para o usufruto da criatividade provoca impasse e conflitos entre o casal.

Quadro 3

A majestade da figura representada do leão provoca uma reação de encantamento em Alice, que parece considerar esse quadro como o que lhe fez mais sentido ao longo do CAT-A (ela me pergunta se fui eu que o havia desenhado, numa expectativa de que as nossas criatividade se encontrassem). É nesse relato que ela revela a dupla faceta do pai, como figura de cumplicidade e de autoridade, que ela se esforça para integrar. O relacionamento entre ambos, apesar de imperfeito, é predominantemente positivo e a criança se preocupa em preservar o pai e guardá-lo perto de si. Todavia, esse resultado não é certo: embora haja o desejo de que o pai esteja feliz e satisfeito com a família, ela percebe que na realidade o que ele experimenta é tristeza e frustração (expressa dúvidas se ele está se divertindo e em seguida reitera a sua expressão de contrariedade). O amor pelo pai e a percepção de que ele, mesmo sendo próximo, é também bastante exigente, leva a menina à buscar agradá-lo e atender às suas demandas, já que ele não tolera o menor deslize.

Quadro 4

Se a proximidade com o pai é evidente nos relatos aos cartões 2 e 3, no que se refere à mãe, a intensidade da aliança emocional é um tanto duvidosa. Assim, embora exista bastante afeto entre as duas, a mãe é vista como demasiadamente exigida pela realidade exterior, tornando-se impossibilitada de uma maior devoção à filha. Assim, a mãe é capaz de cumprir as funções essenciais de cuidado e proteção, mas a tensão constante e a pressão do tempo dificultam o contato mais pessoal com a menina, de modo a considerar também as necessidades ligadas à expressão de sua individualidade. Nesse sentido, parece haver uma questão implícita no relato de Alice sobre a extensão em que ela se encontra presente, como indivíduo, na realidade psíquica da mãe nos períodos em que esta permanece imersa nas exigências do mundo que não dizem respeito à garotinha (ela se pergunta se a criança está correndo junto com a mãe, e tem um lapso de memória em seguida). Nesses termos, ela parece perceber que a mãe enfrenta uma realidade demasiado absorvente, que sufoca a criatividade dela no relacionamento entre as duas (ela quer comer *hot-dog* todos os dias).

Quadro 8

Nesse último relato, Alice resume as mensagens que transmitiu anteriormente: o papel de adulta que assume junto à mãe (eventualmente sendo sua confidente), a criatividade da genitora vista por ela como restrita (a mãe é o macaco masculino, sem nenhum adereço de feminilidade), a maior proximidade do pai em relação ao filho, com uma eventual inversão de papéis entre os pais (o pai é a figura feminina que fala ao filhote). A principal comunicação que ela faz, no entanto, é a de seu debate sobre como conciliar a criatividade infantil e os limites impostos pela realidade exterior e pelo

superego, personificados nos ensinamentos preconizados pelo pai. A ultrapassagem desse paradoxo próprio da transicionalidade, seria também uma potencial solução para as dificuldades da mãe, permitindo a ambas usufruir de uma existência criativa no mundo. Todavia a integração dos dois polos ainda não se tornou possível e a espontaneidade e os limites são vistos como extremos contraditórios, capazes de gerar conflito no meio familiar (ela interpreta o ensinamento do pai ao irmão como uma disputa entre eles). Diante desse estado de coisas, surge o temor da necessidade de que o relacionamento se estabeleça sob as bases da autoridade e da submissão para garantir a aliança familiar (ela prefere que o título da estória seja Família unida ao invés de Família feliz).

Em síntese, Alice é uma garotinha que, do ponto de vista do desenvolvimento do *Self* pode ser situada no estágio de dependência relativa, mas já com aportes importantes do próximo estágio de rumo à independência. Nos termos da evolução pulsional, ela pode ser localizada no período de latência, mas ainda com a preservação de alguns coloridos edipianos no relacionamento com o pai, a que ela rapidamente renuncia para manter a harmonia entre ele e a mãe. Em sua jornada rumo a uma existência pessoal e criativa, Alice vem experimentando certas dificuldades em razão da instabilidade do lar, que nem sempre considera as suas necessidades de expressão individual e de proteção. Com isso, muitas vezes ela deve assumir o papel de uma adulta mediadora dos conflitos entre os pais, que parecem estar sempre próximos de uma separação. Nessas circunstâncias, suas necessidades de oposição para construir pouco a pouco um *Self* criativo e particular não podem ser expressas, pelo medo de abalar ainda mais o ambiente familiar. Todavia, o principal problema que essa doce menininha experimenta nesse processo é a sua sensação de que a mãe é incapaz de acolher e respeitar a sua criatividade. A genitora é vista como demasiado angustiada e sufocada por suas atividades extrafamiliares e, com isso, a criatividade própria e o acolhimento daquela do outro são vistos por ela como fardos que ela não tem condições de carregar. Nesse contexto, a devoção que a mãe capaz de oferecer se restringe e, com ela, o temor de Alice é o de desaparecer de sua realidade psíquica nos momentos de transbordamento, seja de atividades, seja emocional. Mesmo que o pai surja como um importante aliado para que a garotinha preserve em certa medida o viver espontâneo, as ocasionais invasões afetivas que lhe acometem fazem com que ele, junto com a mãe, simplesmente percam de vista que ela e o irmão existem como pessoas, expondo ambas as crianças aos perigos da dissolução familiar, que lhes são terrivelmente angustiantes. Se o temor de desaparecer da realidade psíquica do pai se restringe a esses momentos, com relação à mãe ele é mais constante. É possível que o corolário dessa situação, o medo de que a mãe desapareça de sua realidade psíquica esteja na base das dificuldades de aprendizagem da menina, já que essa ausência comprometeria os processos de simbolização. A despeito de todas essas dificuldades que vem encontrando ao longo de seu desenvolvimento, Alice preserva no seu intento de poder desfrutar de uma existência criativa e de se criança e, se os pais não podem lhe fornecer as condições de que ela necessita para tanto, ela é capaz de pedir ajuda para si e para eles também.

Síntese Jordana e Alice

Os relatos de Jordana e de Alice revelam que elas compõem uma díade em que, embora o afeto e o cuidado estejam inegavelmente presentes em seu relacionamento, experimenta uma importante dificuldade para usufruir de um encontro emocional genuíno. Nesses termos, embora a menina tenha alcançado importantes conquistas em seu desenvolvimento emocional, como as capacidades para a integração, personalização e realização, a possibilidade de gozar de uma existência criativa parece estar constantemente em risco pelos efeitos que ela provoca na mãe, que se desestabiliza diante da fecundidade da união. Jordana, por sua vez, percebe a si própria como sendo pouco capaz de oferecer a dedicação que gostaria à filha, o que lhe provoca um doloroso sentimento de culpa. Sentindo que deixou a desejar em sua devoção e em sua função de proteger a filha, ela duvida de sua própria capacidade de amar ou, pelo menos, concebe-a como limitada. É nesse contexto que ela experimenta entraves importantes para ir ao encontro da criatividade da filha e ajustar-se a ela de um modo pessoal, concebendo-a como um indivíduo com necessidades próprias e especiais ao período evolutivo que atravessa.

Essas dificuldades vivenciadas por Jordana na maternidade de Alice parecem ter-se iniciado desde o momento de gestação da menina. A gravidez inesperada no final da adolescência, ao invés de auxiliá-la como um dos pilares para a aquisição da autonomia, constituiu-se para ela como uma sobrecarga a esse processo, pouco compatível com ele. Assim, ela precisou lidar com o problema de opor-se à própria mãe e, ao mesmo tempo, identificar-se com ela já que ia, ela mesma, tornar-se mãe. Diante desse enigma a solução que ela encontrou foi a de identificar-se com outro modelo de mãe, o da sogra, vista por ela como uma mulher moderna, em oposição à mãe tradicional que teve. Esse novo modelo, contudo, foi ao longo do tempo percebido por ela como insuficiente, capaz mesmo de levar a uma espécie de abandono emocional da criança. Essa constatação, aliada a uma sensação de despreparo para a maternidade, também conduziu Jordana a solicitar a ajuda da própria mãe para o cuidado de Alice. Se por um lado esse socorro a aliviou pela confiança na capacidade da avó de amar e de cuidar, por outro ele a fez e a faz interrogar-se sobre até que ponto ela mesma foi efetivamente mãe de sua filha. Esse questionamento também é sustentado pela autocrítica de Jordana sobre as inúmeras vezes em que ela expôs Alice aos perigos da desestruturação do lar, quando deveria tê-la protegido. Embora tente convencer a si mesma de que a qualidade do ambiente familiar melhorou e que se a menina não apresentou dificuldades até o momento, isso não acontecerá mais, a angústia da filha, sua fidelidade a ela e os seus esforços para garantir a paz no lar comovem Jordana. Ela se dá conta, assim, de que é a menina que tem cuidado dela e não o contrário. Sente que ela e o marido obrigaram a filha a crescer antes do tempo e busca reparar isso, desejando manter a menina numa posição infantil, intento em que ela malogra. Ainda, sua constatação de que consegue devotar-se ao filho mais novo de uma maneira que não consegue fazer com Alice, deixam-na até certo ponto decepcionada consigo mesma e desejosa de ajuda para que a menina não sofra.

Alice sente-se de fato mais como uma adulta na casa, com o papel de conciliar os pais e minimizar ou fazer desaparecer as potenciais causas de conflito entre eles. Tal posição, contudo, não lhe agrada, pois se sente desconsiderada em sua condição de criança. Seu desejo é o de desfrutar de uma existência criativa nesse seu momento evolutivo, ambicionando conciliá-la, mais tarde, com as exigências da realidade adulta. Todavia, ela percebe que tem poucas oportunidades para tal, sentindo-se obrigada a assumir responsabilidades que não deveriam ser dela, mas dos pais, e atirada por eles precocemente no mundo da maturidade. Se o pai apresenta melhores condições de uma aproximação afetiva mais genuína para com ela e de partilhar do relaxamento e da criatividade, esses momentos também se constituem em fonte de desavença entre o casal; por isso não podem ser numerosos.

Mesmo se Alice pode aproveitar da regressão paterna, e sentir-se fascinada por essa figura que consegue ser tanto criança e também majestosa, a cumplicidade com a mãe lhe faz falta. Ela compreende a distância emocional da genitora como resultante da sobrecarga de atividades a que ela deve fazer face e, por amor, a ajuda e assume algumas de suas funções para aliviá-la. Isso, contudo, não produz uma maior aproximação entre as duas, já que, a seus olhos, a mãe nitidamente prefere o irmão a ela. A concorrência fraterna, porém, não parece ser o que a aflige mais, sendo patentes o amor e o cuidado que ela dedica ao irmão. O que realmente a angustia não é receber menos amor da mãe, mas temer não receber nada, ser esquecida por ela em meio às suas numerosas atividades, desaparecer de sua realidade psíquica. Se uma eventual separação do casal a faria também perder o pai e todo afeto e cumplicidade que ele lhe oferece (é ele quem sai de casa quando o casal se desentende), essa falta parece ser para ela mais suportável do que a incerteza de ter ou não os pais e até quando. Enfim, corajosamente, essa linda garotinha deseja saber na realidade com quem pode contar ou não, mesmo se a resposta for das mais dolorosas.

Diante de todas essas adversidades e dúvidas sobre amar e ser amado, Jordana e Alice guardam um cuidado e uma ternura incontestáveis uma para com a outra. Assim, se Alice busca ajuda para si própria, ela busca ajuda também para os pais, já que é o sofrimento deles que a conduz ao desespero. Seu bem-estar é, portanto, o bem-estar deles. Por sua vez, se Jordana aceita se expor como fez e se propõe a fazer num atendimento psicológico, é com vistas a reparar onde ela considerou haver falhado, para que a filha possa ser mais feliz. Enfim, se o encontro entre as duas é difícil de ter lugar na área da alegria criativa, ele existe sem dúvida na abnegação e na preocupação de uma para com a outra. É nesse ponto de contato que elas pedem ajuda para transformar a dor na poesia infinita da criatividade humana⁵⁰.

⁵⁰ Tanto a criança como o casal receberam posteriormente atendimento psicológico no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada da FFCLRP-USP.